

GUANABARA

REVISTA MENSAL

STATISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDIGIDA

POR

UMA ASSOCIAÇÃO DE LITTERATOS

E

DIRIGIDA

POR



Manoel de Araujo Porto-Alegre,
Antonio Gonçalves Dias,
Joaquim Manoel de Macêdo.



TOMO I.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA GUANABARENSE DE L. A. F. DE MENEZES,
RUA DE S JOSÉ N. 45.

1850.



todas as harmonias do pensamento e do coração, fóra do estadió de um egoismo disfarçado.

A época actual, em face dos acontecimentos recentes, já provados por nós em dias calamitosos, parece que convence os espiritos de que nada mais nos resta a experimentar, e que devemos concentrar todas as nossas forças para o desenvolvime. moral e intellectual, unica base de um seguro e permanente progresso.

A nossa actualidade é um crepusculo dessa luz esthetica, que em breve nos ha de esclarecer com seu influxo benigno; ha tendencias manifestas no espirito da nova geração para as idéas archetypas, para um futuro que ha de contrastar com estes tempos do eu, do terrível eu, que é o ponto central do circulo acanhado das gerações que tateão entre a dacadencia e a immobilidade rotineira.

Tudo é grande e prodigioso neste Brasil; tudo se apresenta debaixo das fórmias mais bellas e mais colossaes, — excepto o homem! A'quelles que attingirão a balisa posterior. — *Almezzo del camin di nostra vita*, — já não pertence a hora do fervor, os dias de trabalho e das esperanças de gloria: a nova geração é que cabe todo esse brilhante futuro, que ha de triumphar quando a geração que nasceu em 1825 tomar posse da alta administração, e o Soberano governar com os homens de sua idade.

Então se terá dado um largo impulso a esse grande inventario de nossas riquezas naturaes; então já se terá ouvido a palavra do philosopho americano, visto a analyse do chimico brasileiro, escutado o canto do vate das florestas, e attendido aos dogmas da experiencia.

Então estarão collocadas as balisas da estrada do futuro, obtidos solidos resultados, e planejado esse systema de grandeza e de prosperidade, que dorme entre a pocira do turbilhão do egoismo.

Então seremos uma nação na America, porque teremos uma fé robusta, e com ella a indeclinavel esperança que traz toda a convicção profunda, todo o amor de patria, e todas as virtudes da razão social.

A nossa litteratura terá as bases monumentaes que este paiz lhe proporciona, terá o seu cunho de nacionalidade, o seu caracter proprio; então será maior o catalogo dos mortos, que é o indice dos monumentos de gloria, o quadro do passado, os pontos luminosos da historia, e o deposito de eviternos laureis.

O paiz que deu ao mundo Durão e Caldas, os Gusmões e os Andradas, Camarão e Abreo, Cairú e S. Leopoldo, promette alguma cousa mais, quando o tempo for mais apreciado que o ouro, e o homem se considerar como a primeira alavanca da civilisação, como motor de todo o impulso progressivo.

Eis os pontos cardeaes da nossa fé, eis o espirito que anima a todos os redactores do *Guanabara*, e o pensamento que os abraça, e que os impelle a concorrer para aquella grande obra: basta de épocas criticas, basta de inuteis oscillações, basta de perda de tempo: — comecemos a nossa época organica.

O *Guanabara* procurará ajudar a todos os athletas que se achão na arena; envidará neste jogo harmonico toda a sua boa vontade, para que em breve possamos unisonos entoar o epinicio triumphal de uma época que havemos retardado, e que está lançada em divida no grande livro do tempo.



GUANABARA

REVISTA

ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA.



FRAGMENTO DE UM POEMA.

O TRIUMPHO.

Troão na Iberia os hymnos da victoria
Que Fernando e Isabel do mouro houverão.
Jaz vencida Granada ! A cruz guerreira
Da moderna cruzada resplandece
Na rubra grimpa da atalaia altiva
Que de Alhambra domina os regios muros,
E os zimbórios dourados das mesquitas
Assentadas no gremio augusto e bello
Da abatida Sultana do Occidente.
Jaz prostrado o alkorão : como um rebanho
Repousa a Hespanha á sombra do Evangelho.

Troão na Veiga os hymnos da victoria.

Na ridente esplanada, ovantes, firmes,
Troncos d' aço batido ao sol fulgurão
Pautados esquadroes, lucidas armas.
Ribomba no horizonte o estrondo horrendo
Da rouca artilharia entre mil nuvens,
E aos equinos relinchos se mesclando,
E ao fremente clangor das marcias tubas,
O sopé das montanhas estremece !
Sobre o craneo hibernal das Alpuxarras

GUANABARA.

Estala o diadema eterno e frigido
De niveas carambinas ; geme a terra !
Revolve o leito antigo o Darro, e tolda
D'aureas palhetas as sangrentas agoas,
Onde exsanguês cadaveres fluctuão.
Retremem os turbantes esmaltados
Dos islamicos templos ! pavorosa
A sombra de Almanzor banhada em sangue,
Do poento jazigo em que dormia
Ergue-se, e foge ao funeral de um throno,
Que seu braço escudara em cem batalhas.

Jaz vencida Granada.

A Providencia

Quebra a espada de Islam nos frageis muros
De Sancta-Fé, erguida após o incendio.
O drama porfiado, que oito seculos
A Hesperia ensanguentara, se desfecha ;
Bola aos pés de Isabel, estrebuchando,
O orgulhoso colosso d'esse imperio
Que o braço de Fernando avassalara.
Na incude marcial não bate o malho
Do mourisco Alfaceme ; acerbas lagrimas
O ferro mal temperão : só se escuta,
Atravez d'esses muros derrocados,
O tinir das cadêas dos escravos,
Em cuja mente a liberdade antiga
Não ousa aos ceos orguer dubia esperança.

No regio acampamento ô affan fervora ;
A turba marcial preliba a festa,
Aprestando seus jogos ; sobre os carros
Dos flancos das montanhas rolão-bosques ;
E os tardos bois, e os fervidos cavallos
Movem acervos de pezados troncos :
Susurrão serras, rangem os machados,
Cava-se a terra, e artefactos sobem.
No regaço gentil, nas mãos mimosas
Das felizes donzellas se engrinaldão
Odas flores, e laureis virentes,
Pendões se broslão e divisas charas,
Que os arcanos de amor na côr sigilão.
Sericas tendas, pavilhões heraldicos,
No ar tremulão as luzentes frimbrias.
Ascendentes palanques contorneão

GUANABARA.

O ambito faustoso da estacada
Que o Arauto firmara em torno á liça,
Onde em breve travando aureos broqueis,
Floridas lanças, festival certame,
Ha de em peito amoroso, em destros jogos,
Turba heroica ostentar valor e arte.
Domina a teia o cadafalço regio,
Coroado de tellas brazonadas,
Que o lustre preconisào e as victorias
D'essa prole de heroes, astro de gloria,
Que o crescente eclipsou c' a invicta dextra.

Era no dia em que o christão memora
A maga epiphania. Ao som festivo
De sonoras trombetas, d'epinicios,
Pela ultima vez enthronisado
Na granadil tarima, eça funerea
D'aquella agonisante realeza,
Capitulado havia o chefe augusto.

Entre as ameas do rendido alcaçar
O ferreo guante do hespanhol pezava
Sobre as quentes bombardas, que inda ha pouco
Vomitavão-lhe a morte nas fileiras.
Tudo está consumado. Escravo o bronze
Da c'róa torreada da sultana,
De seu novo senhor o mando aguarda,
Que ás portas bate da purpurea Alhambra.

64
Em murzellos frisões ajaezados
Com m'ourisco primor, os regios conjuges
Fechão a marcha triumphante e grave,
Que, ao som das charamellas e timbales,
Soberana desfila. No ar retinem
Os hymnos da victoria. A' frente marchão
Os Reis d'Armas, Arautos, Passavantes,
Sustendo as massas d'ouro nas espadoas;
Sobre a ferrea armadura das cohortes,
Que as alas orlão do real cortejo,
Se espelha o sol em fogareos ardentes,
E as lanças e as adagas dos guerreiros
Ephemeros cometas no ar lampejão:
Hoste briosa, de afamada stirpe,
Como estatuas de bronze exalça o prestito;
E o prestito engrandece o regio Musa,

Mensageiro de paz, leão na guerra :
 Nas gallas orientaes gemmas resplende ;
 Sobre o punho do alfange temeroso,
 Tanxiado em Damasco, entre saphiras
 Flammeja do Indostão rubim monstruoso :
 Vale o xairel de meio reino as terras,
 E seu dono e ginete um vasto imperio.
 Em negros alfarazes, a seu lado
 Trinta Alarifes vão, de mouro sangue ;
 Ressumbra-lhes no rosto abassanado
 O desdem que o valor innato ostenta.
 Do injusto Boabdil a quêda, o opprobrio,
 Prelibando, sem ver a propria ruina,
 Vai ufano o despeito avancerrage :
 Tanto pôde a vingança em peito irado !
 Em castanhos corceis, Aldoradinis,
 Alábezes, Vanégas e Maliques,
 E os heroicos Gazules arrematão
 O sequito mourisco. Commandando
 Provados martes, senhorea o prestito
 O sagrado pendão de Sanct'Iago,
 O de Castella labaro invencivel,
 A cuja sombra preito e homenagem
 Deve um dia render metade do orbe.
 Entre Jograes e Menestreis marchava
 Co'a lyra d'ouro um Bardo, ultimo garfo
 Da caledonia stirpe, escapo ao ferro
 Que Eduardo cruel brandira em Galles,
 E profugo nas ondas arrojado
 Para a Iberia dotar com hymnos bellicos
 E das cinzas do Cid erguer Fingaes.
 Das pupillas vertendo fero lume,
 Com garbo marcial a pompa illustrão
 Equestres campeões d'alta linhagem ;
 E ao som dos hymnos que o valor deificão,
 Do tinir das espadas, dos arnezes,
 Os briosos corceis se engalão, rinchão,
 Ondeão, e nas frentes dos guerreiros
 Os curvos morriões no ar balançando
 Floreão docemente as brandas plumas,
 Qual formoso palmar que a brisa afaga.

A passo tardo macilento monge,
 Coberto de burel, a Côrte segue.

GUANABARA.

Ximenes é seu nome : o resto a Hespanha
Ha de em breve dizer ao mundo inteiro.

De odoras flores, de virentes palmas,
Junca-se a estrada que perfila os muros
Da vencida Granada, onde o triumpho
Glorioso alardea augusta pompa;
E mal galgado havia asp'ra montanha,
Eis que da terra, que a seus pés ribomba,
Um confuso clamor prorompe e surge:
Erão brados christãos, erão escravos,
Que da noite profunda das masmorras
A' luz do dia saudações envião.
Livres ordena, que a seus lares voltem,
A piedosa Izabel, esses cativos
Que no eculeo das trevas e da fome
Pela patria gemerão tantos annos:
E a montanha dos Martyres chamou-se!

As ruas tortuosas rasga o prestito
Do supino Albaicim, e estranha os usos
D'aquella antiga raça : a *maura* esposa
De gallas nupciaes se arrea, enquanto
De sacco o rico esposo se atavia.

A' sombra larga da macissa torre,
Que a vista ao céo suspende co'a grandeza,
Fronteiros parão á guerreira porta
Onde ao mundo por sec'los provocava
Marmoreo emblema a conquistar Granada.
Rangem os quicios; Boabdil-El-Chicho,
As chaves de seu reino e seu alcaçar,
Consternado, a Fernando entrega, e diz-lhe:

BOABDIL.

« Poderoso Senhor, Allah decreta
« Que estas chaves, que fechão tanta gloria,
« Em vossas regias mãos eu deposite.
« São as chaves que encerrão as reliquias
« Do cadaver augusto e venerando
« Do arabico imperio, que oito seculos
« Na Hespanha floresceu. Cumpra-se, cumpra-se
« Do Senhor a vontade.

REI.

E o poderio
Das minhas armas, Principe, não vale?....

GUANABARA.

BOABDIL.

« Não, não creias, Senhor ; Deos é que ordena :
 « Os imperios expirão, não se abatem.

REI.

Quando nelles não ha Juliano e Oppas,
 Quando n'elles à paz curvão-se os odios,
 Ou de monstros sedentos a vingança
 Não chama, não acolhe imigos ferros.
 Relevo-te a ousadia : a dor desvaira.

BOABDIL.

« A dor só desvaria em peitos fracos.
 « Estava escripto, Rei ! Na casa d'Hercules,
 « Desde o berço da Iberia, mão prophetica,
 « Fatidico papyro aferrolhara,
 « Onde Allah prescreveu nossas conquistas.
 « Não foi o braço humano, não de certo,
 « Quem do céu despejou centos de raios,
 « Que a pó e cinzas, com assombro do orbe,
 « O templo reduzirão ! Foi Rod'rico,
 « O grande peccador, embriagado
 « De estupros e de orgias sanguinarias,
 « Que surdo á voz de Deos, á voz do tempo,
 « Insano profanou com mão sacrilega
 « Esse altar onde os sec'los occultavão
 « A sentença que fez rolar seu throno,
 « Seu plaustro d'ouro deseixar, seu sceptro
 « Quebrar-se eternamente sobre as margens
 « Do rico Guadalete, em face a Xeres !

« Stava escripto. Não forão vossas armas
 « Que o meu throno abaterão.
 « Aben-Hassan meu pai, Deos o ampare,
 « Vio apar da derrota, no meu berço
 « Do infortunio pousar a estrella mesta ;
 « Predice o céu meu fim, funesto horoscopo
 « Da morada de Allah baixou á terra.
 « Aqui mesmo, Senhor, n'esta atalaia,
 « Berço e sepulchro de grandeza ephemera,
 « Uma horrivel visão teve elle um dia,
 « Dia nefasto nos annaes da hegira
 « Mergulhava no mar o limbo rubido
 « O sol ; suave tarde a primavera

« De andaluzas delicias revestia ;
 « Sobre o bafo de meiga e fresca brisa
 « De nardo e lume um oceano ethereo
 « Vinha os labios ungir de almos encantos ;
 « E o astro do Propheta a prumo ao cimo
 « D'esta immensa guarita das vigias,
 « Brilhava puro e calmo, como a face
 « Da Ouri, que nectarisa eternamente
 « Os labios do escolhido. De repente
 « Se enlucta o céo, e as candidas estrellas
 « Em verdes flammæ se convertem, cruzão,
 « Trovejando no espaço ronco horrendo.
 « Mais vermelho que o sol, da terra surge
 « Um rompente leão ! lança-se ao astro,
 « E o devora de um trago ! A natureza
 « Parecia reentrar no câhos informe,
 « E em trevas sepultar-se !... Só a imagem
 « No ar se via da medonha fera,
 « Sacudindo da juba ensanguentada
 « Um granizo de fogo sobre os tectos
 « D'esta infausta cidade. Meu pai tremulo,
 « Sentio da morte a mão premar-lhe o seio,
 « E em fogo desfiar-se de seus olhos
 « Sobre a nivea marlota sangue em bagas.

« Horrorisado, fuge titubante ;
 « E, ao varar dos Leões o Pateo, fere-o
 « Um gemido que as carnes lhe lacera.
 « Da concha de alabastro, que no centro
 « Espadanas de sangue trashedava
 « Sobre o dorso marmoreo d'essas feras,
 « Já com sangue christão assaz banhadas,
 « Um espectro phosphorico o assalta !
 « Como ardentes carvões, chammeja a larva
 « Em muda exprobração olhar satânico !
 « Tira do seio ensanguentada espada,
 « E nos labios crueis a limpa ; e cospe
 « No rosto de meu pai reprobó estigma.
 « Convulsiva debruça a fronte-hirsuta,
 « E com ella lhe atira em cem pedaços
 « A c'rôa augusta de Granada ás plantas ;
 « E envolta em sangue se sumio nas agoas !
 « Como a virgem que vê fundir-lhe o raio
 « A taça d'ouro que emborcava aos labios

« Em grata libação, e em marmor gela-se,
 « Assim meu pai ficou ! Ouve um vagido
 « Nos regios aposentos, que o desperta ;
 « Ouve outro maior ; foge, e procura
 « Lenitivo ao terror no casto seio
 « De minha mãe querida ; e o que encontra ? !
 « Era eu vindo á luz n'aquelle instante,
 « Era eu, que emigrava de seu ventre
 « Para o mundo da dôr, do desengano ;
 « Era eu que na face deslisava
 « A lagrima primeira ; e n'ella ao vivo,
 « A' luz de um cirio agonisante e tremulo,
 « Vio meu pai com assombro, reflectir-se
 « A imagem pavorosa das exequias
 « Do throno de Granada !..

« Estava escripto !

« Os braços granadis ora algemados,
 « Como os braços christãos são construidos ;
 « E as agoas do Genil dão gume ao ferro
 « Para o ferro cortar de vossas armas.
 « Allah foi quem venceo. Ante os meus olhos
 « Julianos e Oppas, refractarios
 « A' jura do alcorão, patentes vejo.
 « Nem a esposa me resta, que o inferno
 « Me fez repudiar, cubrir de opprobrio,
 « Negando seu amor. Sangue, só sangue,
 « Avancerrage sangue em toda a parte
 « Minha esperança afoga n'um diluvio.
 « Nasci em dia aziago. Eis vossas chaves.
 « Uma graça, Senhor, sêde piedoso :
 « Tolerai o alcorão ; elle é do mouro
 « Um roteiro do céu. Inda outra graça :
 « Mandai que um alvanel a porta mure
 « Por onde Boabdil desceo do throno.

E o despeito lhe verte pelos labios
 Espessa espuma ; não lhe verga o animo
 Da despegada esposa o riso ironico,
 E a treda face do vendido escravo
 Que n'elle via perecer Granada.
 Antes, rolando os inflammados olhos,
 Um a um os confunde : — Inda era principe !

Convulsivo tremor a fronte augusta
 Da formosa Izabel percorre, e estampa

GUANABARA.

Em seu terno semblante a piedade;
E pallida, mas bella, a face aljofra
De compassiva lagrima. Fernando
C'o sonho simulado occulta o jubilo
Que em seu peito borbulha; e os olhos fitos
Na alcantilada torre, aguarda ancioso
Ver alçar-se o signal, a cruz argentea
Na mão de Talavera, e glorioso
Engolfar-se nos brados da victoria.

Sanct'Iago! Do alto da atalaia
Tres vezes brada o Bispo: — Sanct'Iago!
Sanct'Iago! — reboa pela Veiga
Como a onda que os flancos arremeça
Na lisa praia, e recuando engrossa
Em marouço que estoura rebentando
Bolhões de espuma, crepitantes flores.
Castella e Aragão! — grita o Rei d'Armas,
Floreando tres vezes o estandarte
Do Apostolo guerreiro, cujo nome
A fé robora, e accende o amor da gloria.
Responde a artilharia, rufão caixas,
E no campo fluctuão ferreas massas,
Dardos de fogo rutilando ás nuvens.
Fernando beija a terra e ao som das harpas
Grave *Te Deum* entôa, que respondem
Toda a côrte, guerreiros e cantores.

A hora da victoria é méta de ouro,
Onde o suor se estanca e affans se olvidão.
Do rosto do infeliz espãna as lagrimas,
Converte o fel dos labios em ambrósia,
Repelle a morte, abraça alma esperanza,
E a terra emparaiza. Oh! que contrastes
Da humana sorte, das grandezas terreas,
No mundo a mesma hora não confronta?!
Sobre as ruinas de um throno outro se assenta;
E o homem, rei na aurora, que tão alto
Na terra leis dictava, occulto em trevas
No catre da miseria se amortalha:
Eil-o o fero Boabdil sobre alto monte
Fugindo d'esses hymnos que reflectem
Em seus tristes ouvidos sons funereos,
E o solio avito n'um sudario envolvem

De fumo e sangue. Em vão turbado intenta
 Sorver a doce imagem fugitiva
 Da finada grandeza entre seus labios,
 Onde ardentes suspiros se debatem.
 Nunca em seus olhos a amorosa Alhambra
 Mais bella se estampou, nem sobre a terra
 Granada alardeou tantos primores.

Do abysmo infindo e tenebroso ergastulo
 Olde o fado cruel o sepultára,
 Como arido deserto ergue-se o mundo
 Entre os deliquios do quebrado orgulho
 Que na fronte lhe esvae o sulco augusto
 Do diadema herdado, e sorve as frechas
 Hervadas do infortunio. Oh ! sorte adversa !
 A mesma luz do sol, ridente outr'ora,
 Já não mana em sua alma a magestade,
 Já não doura os seus sonhos de conquistas ;
 Larva aziaga vomitando trevas,
 O futuro lhe obumbra : geme, geme,
 E na mente lhe rola ermo suicidio ;
 Mas desarma-lhe o braço inda a esperança,
 Inda a esperança de um febril engano.

Sereno o céu estava, como o rosto
 Do puro infante que no gremio dorme
 Da carinhosa mãe.— E elle não via,
 Rolando avidos olhos no horisonte,
 Erguer-se um fumo lampejando estrondos,
 Subtevarem-se os seus, tinirem armas,
 Romper-se a cruz iberia, e o crescente
 Raiar de novo nos fendidos muros
 Como um astro propicio. Não, não via
 Abrir-se a terra e submergir Granada,
 Ferver em seu sepulchro um negro lago
 Fumegando mortiferos vapores.
 Pela ultima vez sua alma adeja
 Pelos olhos, e diz enternecida
 Saudoso adeos á Patria escravizada,
 Saudoso adeos ao throno, ao mando, ao fausto ;
 Um suspiro o acompanha, longo, intenso,
 Um suspiro, que encerra um sceptro, um mundo :
 E ao longo respirar vio-se em seus olhos
 Rolar do infortunio a fria lagrima.

Geme, geme Boabdil, e os seus gemidos
 Com duro vituperio a mãe lhe atalha :
 « Como fraca mulher, Principe, choras
 « O teu reino perdido ? Sim, prantea-o,
 « Já que homem não foste em defendel-o.
 « Inda ha pouco teu vulto enchia a terra
 « De assombro e magestade ! Ora abatido,
 « Nega-te a mesma terra um pouso, um canto
 « Onde possas dormir ! E tu sabias
 « Que o manto do plebeo não cobre a espada
 « Que um imperio susteve ; e tú me ouviste
 « Que a purp'ra é uma Vestal no altar do solio ;
 « Que o rei, que rei expira, esse é que é rei.

Como adunco cilicio nas entranhas,
 Ou se o raio estalasse em seus ouvidos,
 A voz apaixonada da Sultana
 Fere em sua alma, e lhe desnuda o mundo.
 Um ermo tenebroso, arida syrthe,
 Que treme e se desloca, que balouça
 Entre vagas que o céu fulmina irado,
 A terra lhe parece ; amor do berço,
 Delicias do consorcio, e a magestade
 Em voragem profunda desaparecem :
 E a morte é seu porvir, sua esperanza.

Da patria a terra e céu infaustos cercão
 Seu ser real proscripto ; encara os mares,
 E nas rubras caligens africanas
 Renasce-lhe a existencia. Solta as redeas
 Ao feroso frisão e os seus afasta
 Do afflictivo spectac'lo que o tortura.

.

Porto Alegre.

EUPHORBIACEA

OPHTHALMOBLAPTON (Gen. Novo.)

MACROPHYLLUM (Sp. Nov.)

*Nome vulgar***SANTA LUZIA.**

Arvore de mais de 50 pés de altura ; tem o tronco de 20 a 25 pés de alto, com 1 a 1 1/2 de diametro : casca cinzenta, gretada ; madeira branca e molle : ramos longos, orizontaes, simples ou pouco divididos, incurvados nas pontas ; alternos e afastados de modo a formar uma copa mui aberta, e de fórma approximadamente pyramidal : as extremidades dos ramos são grossas, como um dedo, vestidas de uma casca verde e glabra. Um succo lacteo, d'um branco amarellado, denso, summamente acre, corre em abundancia, por incisão, da casca, e de outras partes desta planta.

Folhas alternas, ajuntadas nas extremidades dos ramos, pecioladas, grandes, mas não conformes entre si no tamanho e figura, inteiramente glabras : peciolo de 3-6 pollegadas e mais, roliço, rijo, turgido nos dois extremos : limbo oblongo, chegando a 12 e mais pollegadas de cumprimento, com 2 e 3 de largura ; na base é às vezes arredondado, mas commummente agudo e cuneiforme, na ponta acuminado ou accidentalmente emarginado ; ourela serreada, dentes razos, remotos ; de consistencia coriacea, na pagina superior liso, luzidio, de um verde intenso, no dorso de um verde esbranquiçado e mate ; nervura mediana prominente no dorso, as lateraes parallelas e quasi transversaes ; veias reticuladas.

Arbor plusquam 50-pedalis ; trunco ad 20-25 pedes altitudine, diametrum sesqui-pedalem attingenti : cortice-cinereo, rimoso ; ligno albo, molli : ramis longis, patentissimis, simplicibus, aut parum divisis, ad extremitates incurvis ; alternis, remotis, comam raram, fere pyramidalem conformantibus ; ad apices digitum crassis, cuti viridi, glabra indutis. Lac albolutescens, densum admodum acre, cortice, aliisque partibus hujus arboris incisione profluit.

Folia alterna, apice ramulorum conferta, peciolata, magna, inter se magnitudine, et forma variantia, hinc inde glaberrima : petiolo 3-6 pollicari, et amplius, tereti, rigido, basi, et apice turgido : limbo oblongo, plusquam 12 pollice saepe assequenti longitudinis, 2-3 latitudinis ; basi vel rotundato, vel frequentius acuto, aut cuneiformi, apice acuminato vel fortuito emarginato, ambitu serrato, dentibus obsolete, remotis ; coriaceo, superne nitido, saturate viridi, subius dilutiori ; nervo medio dorso prominente, lateraliibus parallelis, fere transversis ; venis reticulatis.

Estipulas curtas, largas, obtusas, unguiformes, caducas.

Flores unisexuales, monoicas. Ramo floral axillar mui curto, indiviso, marcado de cicatrizes em roda, sustentando um, ou raras vezes dous ou tres amentilhos, ou candêas de flores masculinas, e uma flor feminina. Amentilho de pollegada e meia a duas de comprimento, sensivelmente mais grosso para a ponta, glabro: nasce do meio de algumas bracteasinhas, sitas no pedunculo; as flores são ahí dispostas em series transversaes ordinariamente singelas; ás vezes porém ha formação de mais uma ou duas series (por baixo ou por cima da primeira), cujas flores são sempre poucas, imperfeitas, ou abortivas, e alternão com as da serie primeira ou fundamental: nascem ellas da axilla de uma bractea, que se abre por uma fenda transversal á maneira de boca; são rentes, mui unidas lateralmente; e decrescendo em tamanho, do meio para os lados, tomão a fórma semilunar em seu conjuncto: tem a primeira serie de ordinario 7 flores; e as secundarias de 2 a 4 cada uma.

Flor de um só estame. Perianthio simplex, monosepalo, urceolado, turgido ou carnoso, deprimido no cume, de cor branca, amarellada; o limbo, ou fauce é mui apertado e sem dentes manifestos: o estame fixa-se no fundo do perianthio e sai atravez do seu orificio; o filamento he subulado, glabro, curvo; a anthera didyma tem duas cellulas quasi oppostas, de cor amarella pallida, e se abrem por fendas.

Flor feminina unica, rente, ou com pedicello extremamente curto, assentada sobre o pedunculo, ao lado do amentilho, acompanhada de algumas bracteas, mui curtas, caducas. Perianthio herbaceo, verde simplex, monophyllo, profundamente dividido em 5 ou 6 lóbos, ovaes, obtusos,

Stipulae brevissimæ, latæ, obtusæ, unguiformes, caducæ.

Flores unisexuales, monoici. Pedunculus axillaris, indivisus, brevissimus, cicatricibus circum-notatus, flores masculos in amento unico, vel raro duplici, vel triplice dispositos, et fæmineum solitarium sustinens. Amenti rachis sesquihypollicaris sensim ad apicem incrassata, glabra, basi bracteolis scariosis suffulta. Flores masculi, serie unica, vel raro duplici, aut triplici, radiatim dispositi, sessiles, arcte conjuncti, apertura transversa osculum simulanti, e rachidis gemmis emergentes; centrales grandiores inde ad latera minuentes; serie primaria, vulgo septeni, quorum extremi imperfecti; seriebus secundariis, cum adsunt, singulatim 2 vel 4, cum primariis alternantes, semper minores, aut atrophi.

Floscolum monandrum. Perianthium simplex, monophyllum, urceolatum, crassum, carnulentum apice depressum, perforatum, colore albo-lutescens. Stamen fundo perianthii affixum, exclusum: filamento subulato, glabro, incurvo: anthera didyma, bicellulari; cellulis suboppositis, rima dehiscentibus, luteolis.

Flos fæmineus solitarius, sessilis, apice pedunculi, juxta amenti basin, situs; bracteolis scariosis demum caducis stipatus. Perianthium herbaceum, crassum, persistens profunde 5-6 lobatum; lobis ovalibus, obtusis, lateraliter imbricatis, erectis, ovarium integrum obtegentibus, inter se

imbricados lateralmente, carnudos e applicados sobre o ovario, de modo a o cobrirem todo, persistente. Pistillo recto, formado de 3 carpellas: ovario conico, apenas 3-sulcado, glabro, 3-locular; lojas uniovuladas; ovulos anatropos, pendentes, axillares, cobertos no apice por um appendice do tecido conductor em fórma de meio barrete: estilo grosso, cylindrico, longo, na ponta claviforme ou turgido, e cavado no interior; aberto no apice por um orificio triangular, formado por 3 denticulos estigmaticos, papillosos por dentro; tudo persistente.

Fruto capsular trisulcado, deprimido no cume, onde remata com o estillete persistente; acompanhado do calix e sustentado por um curto e espesso pedicello, que se desenvolve com elle. é todo glabro e amadurando passa da cor verde á denegrida: separa-se em 3 coccas monospermes, as quaes so parte ainda cada uma em duas semivalvulas loculicidas, dotadas de grande força de elasterio, com que se desunem instantaneamente, projectando ao longe as sementes; ao mesmo tempo que se resolvem em duas partes, uma externa (*epicarpo*), delgada, denegrida, fragil, outra interna (*endocarpo*), ossea, elastica, de cor esbranquiçada, que se enrosca no momento da separação.

Sementes quasi esphericas: convexas no dorso, com duas facetas lateraes e internas, e uma depressão no fundo, correspondente á chalaza. Episperma crustaceo, de cor parda, composto de tres elementos; uma tona exterior delgada, cellulosa; por baixo desta um tegumento duro, fragil, de cor acastanhada; e por dentro uma pellicula tenue e frouxa. Pendem as sementes da parte superior da axilla das lojas; e nenhum indicio mos-

aliquantum inæqualibus: scilicet 3 maiores, 2 vel 3 minores. Pistillum rectum carpophyllis 3 conflatum: ovario conico, glabro, vix 3-sulcato, 3-loculari; loculis uniovulatis; ovulis anatropis, pendulis, axillaribus, ab appendice semicalyptræ formi, plexum cellulose, conductorem continuanti, apice protectis; stillo crasso, longo, tereti cum ovario continuo, ad extremitatem turgido, intus cavato, apice poroso, poro, sive apertura triangulari, a denticulis tribus, stigmatibus scilicet, facie papilloso conformata; ad integrum persistenti.

Fructus capsularis: 3-sulcatus, apice depressus, stillo permanenti munitus: basi calyce suffultus, a pedicello brevi, crasso, aucto sustentus: totus glaber, viridis, denum nigrescens: 3-coccus; coccis monospermis, in semivalvas loculicidas, ad disseminationem elasticè divisibilibus, que singulæ, simulque, in partes duas dissolvuntur, nempe epicarpium tenue, fragile, nigrum, et endocarpium osseum, colore album, sub dehiscencia elasticè contortum, grana projiciens.

Semen inversum, axillare, sub-rotundum, dorso convexum, facie hinc, et inde planiusculum, basi ad chalazam depressum. Integumentum crustaceum, griseo-brunneum, elementis tribus compositum: exteriori tenui, celluloso-spongioso; mediano crustaceo, fragili, brunco-colore; interiori membranulaceo, laxo; caruncula nulla. Embryo, albumine crasso oleaginoso conditus, rectus; cotyledonibus foliæcis, cordiformibus; radícula brevi,

trão de caruncula. O embrião, mettido dentro de um endosperma encorpado, oleaginoso, é recto; de cotyledones foliaceas, arredondadas, antes cordiformes; e radícula curta, conica; sem gemmula aparente.

Habita nas matas virgens: mas nasce tambem nas *capoeiras* ou matas secundarias. Começa a florescer em novembro.

O nome generico formei de palavras gregas, que querem dizer — *nocivo aos olhos*.

conica, supera, hilum spectanti; gemmula inconspicua.

Habitat silvis tam primariis, quam secundariis. Floret Decembri.

Nomen genericum e graeco sumptum idem valet ac *noxium oculis*.

REFLEXÕES.

Encontrão-se frequentemente estas arvores de serra abaixo na provincia do Rio de Janeiro, nos montes, e nas vargens; mas gosta particularmente de terras baixas, barrentas, e *humosas*. Seu aspecto nada tem de agradável: conserva em todo o tempo sua folhagem de um verde escuro; mas a copa é sempre mais ou menos falhada, ou aberta. Os cortadores de mato receião-se muito della, em razão do leite acre e venenoso, que ella dá em abundancia; o qual saltando no corpo produz uma inflammação com bolhas; porém o seu effeito mais terrivel é sobre os olhos, onde affirmão, que bastão seus effluvios para occasionar intensas opthalmias. E' por isso que lhe derão o nome de Santa Luzia, Advogada dos olhos. De ordinario as deixão intactas nas derrubadas, ou as cortão depois de as ter descascado com muito cuidado, ou queimado o pé em roda.

SOBRE O GENERO.

São tão peculiares as fórmãs ou caracteres desta planta, que não tive duvida alguma em a considerar como o typo de um genero novo. Algumas especies mais tenho, cujo estudo não está ainda concluido, que com esta tem tantas affinidades, que serão provavelmente reduzidas ao mesmo genero. Seguramente entra ella na secção ou subordem das *Hippomaneas*. Basta por ora dizer, que de todos os generos desta secção (segundo o *Gen. Plant.* do Sr. Endlicher) se distingue ella pela flor monandra, excepto do *Pachystemon*, do qual porém se separa por todos os mais caracteres. O que porém, quanto a mim, funda a sua *Diagnosis*, é a structura de suas flores masculinas, e seu modo de inserção no amento.

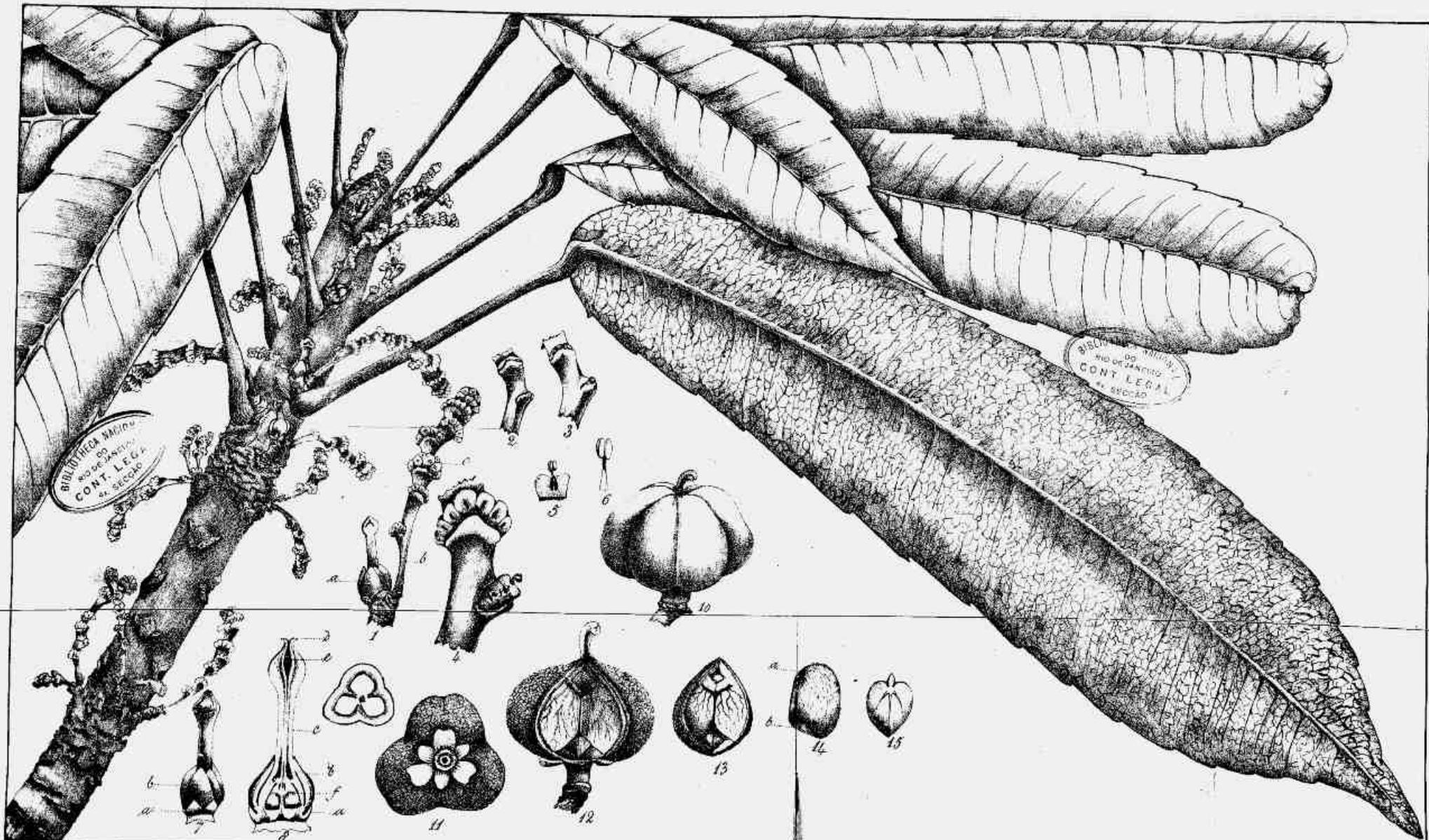
Rio de Janeiro 28 de agosto de 1849.

Francisco Freire Allemão.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA.

FABULAE EXPLICATIO.

	Ramo do tamanho natural		Ramus magn. natur
Fig. 1	Ramo floral (aug.)	Fig. 1	Ramus florifer (aucts)
»	a Flor femenina	»	a Flos fæmineus
	b Flores masculinas	»	b Flores masculi
	c Fasciculo de flores com 3 series	»	c Fasciculus florum, cum serie- bus 3
» 2	Porção de amentilho antes da sa- hida das flores	» 2	Portio amenti, ante florum ex- ortum
» 3	O mesmo, começando ellas a sahir	» 3	Eadem, sub authesi
» 4	O mesmo, com flores abertas	» 4	Eadem, floribus explicatis
» 5	Flor mascul. partida vertical- mente	» 5	Flos verticaliter sectus
» 6	Estame	» 6	Stamen
» 7	Flor femenina	» 7	Flos fæmineus
	a Bracteas		a Bractea
	b Calyx		b Calyx
» 8	A mesma aberta longitudinalmete	» 8	Idem longitudinaliter sectus
	a Bracteas		a Bractea
	b Calyx		b Calyx
	c Pistillo		c Pistillum
	d Estigma		d Stigma
	e Cavidade do pistillo		e Cavum pistilli
	f Ovulo com o barrete		f Ovulum cum calyptra
» 9	Ovario partido transversalmente	» 9	Ovarium, transverse scissum.
» 10	Fruto (tamanho natural)	» 10	Fructus (magn. natur.)
» 11	O mesmo visto debaixo	» 11	Idem parte inferiori visus
» 12	O mesmo, tirada uma cocca	» 12	Idem, cocco uno avulso
» 13	Cocca, vista de face	» 13	Coccum, facie visum
» 14	Semente	» 14	Semen*
	a hilo		a Hilum
	b chalaza		b Chalaza
» 15	Embryão	» 15	Embryo



Herb. Martius delincent.

Ophthalmoblaston Macrophyllum

Lith. de Arch. Martius.

M. J. Martius Pinha. December 1885.

SCENOGRAPHIA

Os Srs. Tagliabue e Picozzi.

Com a nova companhia de canto vierão estes dous artistas de um merito superior: a arte de Servandoni, Bibiena, Pozzo, Dagoti, Sanquirico e Nicolini, resurge de novo entre nós com uma luz, que será proficua.

Um gabinete gothico, na opera dos Puritanos, nos havia já denunciado as altas qualidades dos dous artistas recémchegados; porém as scenas que executarão para o baile intitulado—o Lago das Fadas— nos vierão certificar que estes dous filhos da venturosa e malfadada Italia nos trazem um raio daquelle fogo inextinguivel, que a Vestal do Olympo de ha muitos seculos ainda não abandonou, e que o ferro dos conquistadores não pôde extinguir.

As obras nascidas no gremio da Musa melodica, e realizadas no palco scenico, vão de hoje em diante recobrar um novo lustre: a scenographia é a vestimenta a character do todo de um drama, é a sua vida local, é o complemento de todas as harmonias do talento: as musas do poeta, do musico e do pintor formão a trindade do genio na opera italiana, cuja creação pertence á civilisação moderna.

A' infeliz Italia, á bella matrona, disputada ha tantos seculos pelos sultões do Occidente, pertence a gloria desta creação, que os filhos de Eschylo e de Aristophanes não poderão sonhar á sombra dos platanos do Parnaso, e ao respirar das auras fecundas que purificão o berço de Phydias, de Apelles e de Euripides.

E' um destino providencial aquelle que faz gemer o genio, que o purifica no fogo das dores, e lhe arranca esses ais harmoniosos, e essas lagrimas que rolão despreendendo melodias, para mais encantar a humanidade, e prende-la por um amor celeste ás artes, á religião dos sentidos, ao culto das idéas de Deos, no sanctuario do genio; é uma lei de compensação que nos faz esquecer esta cadêa de transitorias illusões, este nosso eu nas horas do interesse, e nos liga, nos colloca circumfluindo a um tempo na mesma taça de ouro todas as voluptuosidades da alma. De todas as artes a musica é a que tem o poder de nivelar todos os corações, e de os fazer oscillar agradavelmente em todas as escalas da sensibilidade.

A poesia tem em seu braço a ressurreição do passado, e a revelação dos mysterios da alma e dos arcanos do coração: toda a natureza, todas as vozes occultas, a memoria dos homens e o amor, enflorescem seus labios; ella é a arte dos espectaculos, dos grandes ajuntamentos, mas tambem é a arte do solitario: os seus grandes scenarios, a sua pompa se desdobrão com a mesma sublimidade debaixo da choupana do pobre, como debaixo dos sophitos das regias: basta-lhe uma alma e um coração que a possão comprehender e abraçar no espaço todas as suas divinas creações.

A pintura tambem tem a sua hora de triumpho, o seu epinicio de enthusiasmo,

e a sua gloria na duração dos tempos: os seus idyllios, as suas tragedias, e os seus poemas são escriptos em uma linguagem universal, que tem por vogaos a luz, e por consoantes as cores: a historia, o amor, a saudade e o bello esthetico são por ella representados em paineis expressivos, em scenas familiares, no retrato, e nas fórmãs da infancia, da virgem, do heróe e do semideos.

Ella possui a vara magica, que toca n'um momento da vida da humanidade, daguerrotypa-o, e transporta-o ás gerações vindouras, arrancando da noite do passado uma dessas scenas exemplares, que o tumulto clausura, ou nos conserva a phisionomia daquelles que nós são charos, e dos quaes ás vezes já não restão os ossos, nem a mais leve idéa de suas feições.

Que sublimes visões se não escondem debaixo das azas da musa cromatica, em cuja fronte brilha o sol creador, e em cujas vestes se irisão as fachas brilhantes desse meteoro que rutila as cores de Newton, ou que brincando em facetas metallicas ou crystalinas, recorda o matizado engenho do Creador do Fausto, do sagaz Ovidio das plantas! Que magico poderio!

Abre-te, oh templo de harmonias, debaixo do céo benigno e fecundo deste Imperio; escancara as tuas portas, mas não consintas que um guardião profano venha fazer ringir os teus quicios harmoniosos; afugenta ao som de tuas melodias o espirito que enfermára Saul, e espana dos muros de teu sanctuario o insecto que se nutre na frente do magarefe, e rodeia os sepulchros mal fechados.

Na aurora da paz, debaixo da protecção de um principe artista, abraça-te com uma idéa salvadora, com uma idéa fecunda de porvir, de lustre, e de respeito: — nacionalisa-te, que a conquista é certa.

Que a harmonia abrilhante em teu tablado as scenas heroicas de nossos maiores; que venha o poeta transpor-nos a esse passado, e sentar-nos no festim creador de sublimes recordações; que inscrevas no teu repertorio novos nomes, e que esses nomes sejam como os fructos do outono, que outros nomes fecundem, e que com elles se enthesoure o monumento de uma arte nacional: o artista executor é uma nota, ou uma letra da linguagem universal: a sua patria é a terra da civilisação, e o seu domicilio o templo que o recebe, seja em que terra for.

Aproveitemos o ensejo: a Europa se abala profundamente; dous grandes braços lutão agarrados ao circulo do futuro; fazem tremer-lhe o eixo; e o canhão, e o trote dos cavallos, e o retintim das armas cobrem as vozes sonoras do genio, enfumação as paredes do templo das artes, e fazem vacillar o solo onde a intelligencia placida se assenta; não ha silencio para meditar; não ha guarida para o filho risonho das musas, nem um ar puro e sereno para a sylphide se embalar no amago da rosa que o zephiro acaricia!

Aproveitemos o ensejo: abramos a terra a essas sementes aureas, e cubramos o solo da patria com os ridentes vergeis das artes; sejamos felizes, e façamos o nome brasileiro respeitado e querido.

Manoel da Costa foi uma luz que nos trouxe a vinda d'El-Rei, e que fez abro-lhar alguns germens; depois d'elle tivemos o inextotavel De Bret, cujas composições subirão o nosso scenario a um grão muito elevado: ellas forão o ultimo

clarão do antigo theatro de S. João, sobre cujas ruinas se eleva o actual. Entre estes dous scenographos se intercalarão José Leandro, Francisco Pedro do Amaral, Francisco Ignacio, e José da Silva Arruda. O anno de 1831 arrastrou o bulcão que escurece as artes; o freneticismo de uma liberdade fantastica se apoderou do Imperio; o doente mudou trez vezes de medico, e trez vezes gemeu de descontentamento, até que se foi lançar nos braços de seu legitimo conservador; e com elle, e com o seu influxo benigno as artes pouco a pouco se erguem, e começam a desabrochar.

Abstemo-nos da época decorrida de 1839 até agora, porque nella fomos uma alavanca da scenograppia, e porque não queremos recordar um doloroso passado; mas não nos é licito calar os nomes de Mrs. Malivert e Olivier, dos Srs. Joaquim Lopez de Barros, Freitas e Motta, que alguma cousa fizeram, e mais farião, se os deixassem livremente.

Com a presença dos Srs. Tagliabue e Piccozzi todos estes jovens se escurecem! E poderá acaso o homem que nasce circulado de tão curtos elementos, educado em um paiz onde tudo começa, equiparar-se ao filho da Europa, que chega circundado daquella luz brilhante que o rodeára, e que o avultára entre primores?! Ainda não.

Os scenarios do—Lago da Fadas— são obras superiores: o luar foi mui bem ordenado; a vista da Aldêa que nos abriu a gruta encantada tinha bellezas magistraes; a massa de luz que batia nas casas da direita, e aquella restea de sol que vinha dourar a base da torre antiga, a entrada da ponte, do lado esquerdo, assim como os bastidores do quarto plano, erão de uma execução brilhante.

O segundo plano, figurando uma colina ridente da bella Italia, coroada por fabricas collossaes, assentadas sobre gigantescos botareos, e circulada de outras construcções, é uma bella concepção: as linhas tem um bem cadenceado perimetro, e recordão ao vivo aquelle character de edificar, que nenhuma nação moderna tem sabido dar ás suas obras.

A gruta encantada, o cimb্রে fantastico, é uma obra magistral; que bello effeito não produz esse graniso de prata, tressuado pelos intersticios de sua estructura pictoresca, e pelos véos transparentes de alabastrinas estalactites, pelos ramos encarnados de formosos coraes, e pelo amago esmaltado das alvissimas conchas, que perfilão e procurão uniformisar aquellas arcarias, onde o genio que creára Alhambra parece ter bebido suas inspirações!

Conhecimento perspectivo, vigor de toque, feliz disposição da luz, taes são os predicados dos Srs. Tagliabue e Piccozzi, de quem esperamos mais amplamente escrever, quando os virmos collocados no espaço magestoso da architectura, e nos fizerem penetrar momentaneamente nessas sumptuosas creações de todas as idades, e ahí lermos na fórma do arco, do capitel, e da laçaria o seculo a que pertencem, e a mão que as edificou.

O publico justificou o que acabamos de dizer: os Srs. Tagliabue e Piccozzi forão chamados à scena, e vivamente applaudidos: são os segundos que obtiverão esta honra, em outros tempos concedida a Mr. De Bret.

Que era nova e brilhante para o theatro de S. Pedro de Alcantara com os elementos que possui, e.... Não! — Um frigido tremor vem congelar todo o nosso en-

thusiasmo ; o brilhante fantasma, a visão luminosa, tão pura e tão meiga que nos sorria, se transforma em um pesado caramelo, filtrando pela base gotas acinzentadas ! E essas gotas são as lagrimas das Musas, que vem symbolisar-nos o desfecho de um drama vergonhoso.

Os voos da esperança, alçados n'um céu de desejos ardentes, cahem de xofre no meio do tripudio safaro, da pocema, e da poeira erguida por.
". calemo-nos.

No theatro de S. Pedro o tempo tem dous relogios : um que se atraza continuamente, e o outro que se adianta fóra de todos os calculos ; o primeiro oscilla o pendulo com soporifera lentidão, e o segundo bate e se apressa como o pulso de um Alcides febricitante : o lento serve para todas as resoluções, e o rapido para as execuções das obras de arte ; o primeiro é destinado aos calculos do egoismo, e o segundo á realisação das concepções do talento !

Nada se faz de completo : todas as obras que ali apparecem são como aquellas virgens do inferno, que, apesar da sua belleza e satanicos artificios, nascião com um signal indelevel na fronte e no peito, para que sempre se conhecesse o eterno estigma de sua origem reprobada.

Esperemos, que a esperança é um nuncio da victoria : o tempo é medico tardio, diz Montaigne, mas cura radicalmente todas as molestias.

Porto Alegre.

Explosão da Fabrica da Polvora.

No dia 8 de agosto do corrente anno de 1849, das 7 para as 8 horas da manhã ouviu-se nesta côrte um grande estampido, semelhante a um trovão interrompido, e logo depois algumas salvas no mar: o tempo estava nublado, é verdade, mas por isso mesmo promettia um dia descoberto e brilhante.

Como todos os acontecimentos funestos, nessa mesma noite se espalhou por toda a cidade a noticia da catastrophe, que foi certificada pela publicação do officio do Director na manhã seguinte. A consternação foi geral: perecerão trinta e uma pessoas, e perderão-se mais de duas mil arrobas de polvora que se achavão na officina do granito.

Forão victimas o mestre e contra-mestre da officina, e vinte e nove escravos; o primeiro era um Brasileiro recommendavel pela sua intelligencia, zelo inextinguivel e probidade; e muito mais notavel por ser irmão do Sr. Dr. Magalhães, actual Encarregado de Negocios do Brasil em Napoles, cujas obras o Brasil conhece.

Nada se sabe da causa da explosão! a morte guardou-a com segredo eterno; foi essa desgraça como a de um naufragio no alto mar, ou como os gemidos de uma victima devorada no deserto.

Ouçamos a inconsolavel viuva, e escutemos o que esta desgraçada e virtuosa senhora nos contou no meio da mais viva e pungente dôr:

« Estava no meu quarto com minha irmã, acabando de vestir-me, quando um grande clarão me entrou por toda a casa, e após elle um trovão horrendo, seguido de vários tiros que fez tremer tudo! cuidei que era algum raio; mas vendo aquella descarga, senti-me toda fria, e sem mais pensar, voltei-me para o painel de Nossa Senhora da Soledade, e disse: Virgem Nossa Senhora, soccorrei a meu marido e livrai-o da morte. »

« Escutei, e nada mais ouvi; e sem mais pensar, assaltada de horriveis conjecturas, sahi como uma louca desesperada, atravessei a estrada, desci pelo caminho do forno, e quando cheguei á ponte, que está ao pé da casa dos fornos, cahi no chão: toda eu tremia como varas verdes; e por mais esforços que fiz para me levantar, não tinha forças, e estava banhada n'um suor frio; não sei o que se passou depois.

« Acordei entre os braços de minha irmã, e não sei se demais alguém; perguntei por meu marido, e vi lagrimas; voltei para casa... estava viuva.

« Tanto pedi a meu marido que não almoçasse naquelle dia na officina, tanto lhe roguei, e elle sorrindo á luz da véla, na madrugada, me abraçou, e esse foi o seu ultimo abraço!

« Ainda na vespera, com aquelle seu modo alegre, me disse elle á mesa: — Não creio, minha Helena, que se nós fossemos ricos, e muito ricos, seríamos tão felizes como somos...

E a dôr, e a dôr de um coração virtuoso, de uma esposa modelo, abafou esta sensível narração.

A explosão foi horrível ! Da casa do granito, que tinha uns duzentos palmos de longo, e um pateo murado na frente, e duas casas á entrada, uma para o corpo da guarda e outra para depositos, ficou um monte de ruínas : machinas, moveis, e homens, tudo desapareceu. As mulheres e creanças que ahi trabalhavão desaparecerão, e do mestre nada se achou. Em derredor da officina, no campo fronteiro, e sobretudo na floresta que lhe ficava pela parte posterior, se acharão membros troncados : aqui uma perna, ali um braço chamuscado, e mais adiante outros pedaços de corpos, e alguns talhados como se fossem fragmentos de uma estatua de bronze.

Nos troncos das arvores, a oitenta braças de distancia, se achavão membros perdurados e troncos balançando no intrincado da ramage superior.

A força da explosão, levando as infelizes victimas pelo ar, rebentou o seio de algumas mães, e lançou os fetos no meio do campo e do bosque ! Que abortos singulares, que nascimento funereo tiverão aquelles entes mal gerados e nascidos nos braços da morte e ao clarão e estampido de duas mil arrobas de polvora !

A sua vida foi uma existencia entre o mundo da placenta e o mundo da eternidade ; em seus olhos abotoados pela natureza não corrêrão as duas lagrimas que marcão os extremos da vida : na noite se formárão, e nascêrão na eterna noite.

Tudo o que não tinha uma alma, pôde-se recuperar ; mas onde se achará um homem como o finado João Gonçalves de Magalhães, que durante trinta e cinco annos nunca arrefeceu de zelo, e a cuja intelligencia se devia a superioridade do fabrico da nossa polvora ?

Foi elle expectador de duas explosões terriveis, já na antiga fabrica junto do Jardim Botânico, já na da Estrella, quando se perdeu a officina dos pilões. Foi elle quem plantou com o general Napion as primeiras arvores do Jardim Botânico, e o que alinhou por sua mão aquellas deliciosas alamedas que tanto encantão aos que lá vão passear e divertir-se !

Nós que o conhecemos, que recebemos os fructos de sua amizade, e que o choramos, como se chora um bom e leal amigo, devemos aqui louvar a justiça de S. M. o Imperador, que acaba de conceder uma pensão á sua virtuosa e inconsolavel viuva, que fica sobre a terra acompanhada de dous orphãos e de sua inextinguivel saudade.

HISTORIA PATRIA

Reflexões sobre os Annacs Historicos do Maranhão por Bernardo Pereira de Berredo.

Tratando-se de reimprimir no Maranhão esta chronica, que abrange todos os acontecimentos daquella provincia desde o seu descobrimento até 1718, parece-me opportuno fazer sobre aquelle trabalho algumas reflexões, que não serão inteiramente escusadas, tanto mais, quanto em grande parte são applicaveis aos outros escriptores, que se tem occupado com a historia do Brasil.

Não escrevo um prologo, porque pontos ha que me parecem dignos de maior desenvolvimento do que me permittirião os limites estreitos deste genero de escriptos, nem tambem commentarios, porque ser-me-hia preciso apreciar factos e circumstancias demasiadamente pequenos, de nenhuma importancia, de nenhum proveito. Os prologos nada valem, os commentarios cansão e pouco interessão; não me sobra tempo para isso, nem que assim fosse me daria a esse trabalho. Ha talvez um meio entre um e outro: chamar-lhe-hei — Reflexões — em falta de outro nome.

Berredo era Portuguez, e só escrevia para Portuguezes: não escrevia a historia do Maranhão, escrevia uma pagina das conquistas de Portugal: dahi o seu principal defeito.

Não é um verdadeiro historiador, é um simples chronista; não explica, expõe os factos, enumera-os, classifica-os pelas datas, e julga que nada mais lhe resta a fazer. Justiça lhe seja feita: a exposição é quasi sempre verdadeira, as numerações são exactas, as classificações são justas; mas falta-lhe a côr, o movimento, a vida, e por isso a sua obra é tantas vezes fastidiosa.

Não é philosopho, é um simples litterato: como litterato estudou Tito Livio e Tacito, estes grandes historiadores da antiguidade, cujo estylo procurou imitar; mas não escolheu bem os seus modelos, porque a magestade, a força daquelles escriptores é, em assumptos de tão pouca importancia, forçada e mal cabida, e a imitação, como que se converte em parodia.

Quem quer que for bom historiador deve ter uma destas duas cousas: ser politico ou poeta: não poeta no sentido em que falla Filinto Elisio — homem que vive de medir linhas curtas e compridas —, mas poeta de alma e de sentimento; escreva prosa ou verso; chame-se Schiller ou Chateaubriand, Homero ou Platão.

O historiador politico resume todos os individuos em um só individuo collectivo, generalisa as idéas e os interesses de todos, conhece os erros do passado e as esperanças do futuro, e tem por fim a nação.

O historiador poeta resume as nações em uma só nação, sympathisa com todas

as suas grandezas, execra todas as suas turpitudes, e generalizando todos os sentimentos, todas as aspirações do coração humano, tem por fim a humanidade.

O historiador politico escreverá o livro do povo, um como aquelles fragmentos da sybilla, que os Romanos consultavão nas grandes tempestades da sua Republica. O poeta historiador escreverá o livro do homem e de todos os homens, do povo e de todos os povos — o evangelho da humanidade.

Berredo não era nem politico, nem poeta: foi, como dissemos, um simples litterato portuguez, que escreveu, não a historia do Maranhão, mas uma pagina das conquistas de Portugal. O que lhe importa é a conquista, o que lhe interessa são aquellas insignificantes commoções de uma cidade dividida em classes tão desparatadas, são as representações da camara do senado, as exigencias dos colonos, as ordens da metropole, os combois annuos, as digressões dos governadores, os resgates de Indios. O que é Portuguez é grande e nobre; o que é de Indios é selvatico e irracional; o que é de estrangeiros é vil e infame. Assim nos Indios só vê barbaros, nos Francezes piratas, nos Hollandezes hereticos e sacrilegos: é tudo um mixto de patriotismo exclusivo e de cego fanatismo, porque Berredo é o orgão dos colonos portuguezes com todas as suas crenças, com todos os seus prejuizos, porque elle não enxerga senão o presente, não escuta senão o que diz o povo. Mas de tudo isto que é o que devemos pensar? Qual é a opinião do historiador? Eis o que não sabemos.

Os Hollandezes erão demasiadamente religiosos, para que desacatassem a sua propria religião, qualquer que fosse o symbolo por que ella se manifestasse exteriormente. O sacrilegio, que se diz commettido por elles, quando foi da invasão que fizeram no Maranhão, collocando uma imagem sagrada de alvo ás baterias portuguezas (*) erão vozes adrede derramadas na população, afim de envinagrar as odiosidades entre os dous povos rivaes no ponto em que se combatião. E o milagre com que Berredo remata este conto, se é que tal nome de milagre pôde caber a factos, que mil vezes se repetem entre os desastres de uma guerra, qual é o de arrebentar uma peça matando os artilheiros, servirá para mais confirmar a nossa asserção. Mas digamos, como hoje se diz, que erão os prejuizos de então, e que elle, escrevendo sob a immediata censura dos frades, não podia deixar de render tributos ao fanatismo da época.

Os Hollandezes erão religiosos tanto e mais que os Portuguezes, erão valentes e aventureiros como os Portuguezes; estavão em todo o esplendor da sua prosperidade, affrontavão Cromwel e os Felippes, monopolisavão o commercio do Japão, occupavão Java, fundavão Batavia e Ceylão; emfim o tratado de Munster lhes assegura quasi todo o commercio da Africa e das Indias. No entanto, os Portuguezes caminhavão a passos largos para a sua decadencia: quarenta annos de dominio hespanhol tinhão arruinado as suas feitorias e aniquilado a sua marinha; tinhão perdido muitas das suas possessões da Asia, e quasi todas as de Africa, e não podião socorrer as suas colonias do Brasil.

(*) B. L. 12, n. 853.

Porque então não poderão os Hollandezes estabelecerem-se no Brasil? Porque não poderão fundar colonias, quando as fundavão em dominios portuguezes mais bem defendidos que estes? Porque forão vencidos pelos Portuguezes, quando vencião os Hespanhóes, então incomparavelmente mais poderosos? Porque forão vencidos aqui quando os vencião em outras partes? — Porque errarão; e o erro em politica é morte; commettida a culpa, o castigo sobrevém logo inexoravel, e terrivel como uma fatalidade.

Se elles se ligassem aos Indigenas, se os soubessem chamar ao seu partido, se comprehendessem o que erão estes, em relação ao paiz que pretendião avassallar, seriam vencedores; porque da escravidão á revolta o que ha? Um passo quando muito. Ora, os Indigenas, com o seu amor ardente de liberdade, como de todos os povos semi-barbaros, mal soffrião os Portuguezes a quem tinhão offercido hospitalidade, e que em troca os despojavão de suas terras, dos seus meios de subsistencia, de suas familias, da sua independencia, que elles mais que tudo prezavão.

Os Goaranis escrevião aos Portuguezes :

« Sabendo estas cousas (dizião depois das suas allegações), não havemos de crer que o nosso bom rei mande que uns infelizes sejam prejudicados nas suas fazendas e desterrados sem haver mais motivos que servi-lo sempre, quando se tem offercido. E assim não o creremos nunca, quando diga : — Vós outros Indios dai vossas terras, e quanto tendes aos Portuguezes — não o creremos nunca. Não ha de ser. Se acaso as querem comprar com o seu sangue, nós outros todos os Indios assim as havemos de comprar. Vinte povos nos temos ajuntado para sahir-lhes ao encontro. E com grandissima alegria nos entregaremos á morte antes do que entregar nossas terras!... Não queremos ir aonde vós estais, porque não temos confiança de vós outros; e isto tem nascido de que haveis desprezado as nossas razões. Não queremos dar estas terras, ainda que vós tenhais dito que as queremos dar (*).»

Era esta a linguagem de todos. Appellavão para um poder superior, porque reconhecião que erão os mais fracos; mas com a probabilidade da victoria, ainda sómente com a esperança da vingança, acceitarião o auxilio de outros, embora extranhos, embora depois se convertessem tambem em tyrannos.

Os Hollandezes desprezárão os Indigenas e forão vencidos; destruirão em vez de edificar; unirão a população, ameaçando-a com um perigo commum, em vez de a dividir com a diversidade de interesses que de facto existia.

E os Francezes porque forão tão bem recebidos onde quer que desembarcárão? Porque achárão tanto apoio nos Indigenas? Por duas razões: não só porque o seu character sympathisa facilmente com o de todos os outros povos, mas porque tratavão com os Indigenas, como de iguaes para iguaes; querião antes amigos que escravos, commerciavão em vez de escravisar. Eis toda a sua diplomacia com os Indios.

Não aconteceu assim com os Portuguezes. Vinhão para o Brasil aquelles que não tinhão sufficiente coragem para se lançarem sobre a Asia e Africa, cujos campos,

(*) Dezebargador Scabra — Provas de Dedução Chronologica, pag. 172.

cujas cidades, cujos imperios tantas vezes repetirão com terror o nome Portuguez. Foi esta a razão por que os reis de Portugal tiverão sempre os olhos cravados naquellas partes do Oriente, onde a sua gloria se pleiteava, deixando por tanto tempo o Brasil á mercê dos seus deportados e dos seus aventureiros.

Para Asia e Africa mandava Portugal a flor da sua nobreza, para o Brasil vinha o rebute da sua população, havia excepções, mas estes vinhão por engano, como veio Pedro Alvares Cabral. Os de lá adquerião gloria, os daqui lucravão fortuna; aquelles erão heróes, estes commerciantes. De volta á metropole trocavão-se as partes: os primeiros, que só podião mostrar cicatrizes, morrião nos hospitaes; os segundos, que só tinhão fortuna, construíão palacios. Como pois não havião de huscar o Oriente as almas grandes de Portugal, que as houve sempre, e muitas; e como não havião as almas interesseiras de affluir para onde se descobrião minas de ouro e diamantes?

Eis porque as primeiras paginas da historia do Brasil estão alastradas de sangue, mas de sangue innocente, vilmente derramado! O unico motivo de quasi todos os factos que aqui se praticarão durante trez grandes seculos foi a cobiça; cobiça infrene, insaciavel, que não bastavão fartar os fructos de uma terra virgem, a producção abundantissima do mais fertil clima do universo, as mais abundantes minas de metaes e pedras preciosas.

Se vos perguntão porque tantos riscos se corrêrão, porque se affrontarão tantos perigos, porque se subirão tantos montes, porque se explorarão tantos rios, porque se descobrirão tantas terras, porque se avassalarão tantas tribus; dizei-o, e não mentireis: — foi por cobiça.

Era por cobiça que os governadores vinhão á estas terras tão remotas, onde nenhuma gloria os esperava (*); era por cobiça que os proprios missionarios deixavão a frisa e a orla das roupetas nestas florestas sem caminho, porque tantas privações passavão, porque soffrêrão tantos martyrios. Um delles escrevia a D. Affonso VI, encarecendo as obras da Companhia: « Assim que, Senhor, vamos tomando conta destas terras por Deos e para Deos. »

O primeiro topico de que havemos de tratar na historia do Brasil é dos Indios. Elles pertencem tanto a esta terra como os seus rios, como os seus montes, e como as suas arvores; e por ventura não foi sem motivo que Deos os constituiu tão distinctos em indole e feições de todos os outros povos, como é distincto este clima de todo e qualquer outro clima do universo.

Não digamos, como diz Berredo, que era um povo bruto e feroz, nem os apreciemos pelos que hoje conhecemos. Não degenerarão ao contacto da civilisação, porque esta não póde envilecer; mas embratecêrão a força de servir, perdêrão a dignidade, o character proprio, e o heroismo selvagem, que tantos prodigios commetteu e perpez. Vede o que fizerão, e dizei se não ha grandeza e magnanimidade nessa lu-

(*) Não exageramos: o P.^o Vieira escrevia ao rei de Portugal: — Peço a V. M. que os governadores capitães mōres que vierem a este Estado sejam pessoas de consciencia, e porque estes não costumão a vir cá, etc. (Cart. de 20 de abril de 1557.)

ta que sustentão ha mais de trez seculos, oppondo a flexa á bala, e a tacape sem gume á espada d'aço refinada.

Elles são o instrumento de quanto aqui se praticou de util ou de glorioso ; são o principio de todas as nossas cousas ; são os que derão a base para o nosso caracter nacional, ainda mal desenvolvido, e será a corôa da nossa prosperidade o dia da sua inteira reabilitação.

O Indio primitivo, naquellas festas de sangue, que erão o enlevo de suas *tabas* (*), quando prisioneiros entoavão com voz segura o seu canto de morte, e cahião impavidos e ameaçadores sob os golpes da *iverapeme* (**), erão verdadeiros heróes.

Quando no meio das matas procuravão debalde alimento para matar a fome, quando depois das fadigas talvez de trez dias consecutivos desesperavão do successo da sua empreza, deitavão-se tranquilllos á sombra de alguma arvore, esperando resignados que Tupan lhes mandasse ali o de que carecião.

Quando prisioneiros, manietados, arrebatados são conduzidos para as cidades, quando os querem forçar a mudar de vida, quando lhes não dão os alimentos a que estão acostumados, quando lhes não permitem os exercicios a que estão affeitos, quando lhes prendem os membros nestes nossos prosaicos vestidos tão mesquinhamente talhados, quando os encerrão entre as paredes de uma casa, a elles, cuja vida e desejos cifrão-se todos no gozo de uma liberdade incircumscripita, tornão-se indifferentes aos carinhos e ás ameaças, aos mimos e aos máos tratos, resignão-se e morrem.

Imprudencia, resignação e heroicidade, eis o Indio.

E ao nosso povo, que lhe importa a vida? Se estendem o braço, encontrão fructos com que matar a fome ; se dão um passo, encontrão regatos onde matem a sede : para que pois curar do dia de amanhã ? As fontes não seccão nunca, e os fructos são de todo o anno. São por isso improvidentes.

Se olhando para cima vê que os que lhe estão superiores abusão ; se olhando para baixo vê que os que lhe são inferiores soffrem, não murmurão de uns, nem defendem os outros, e todavia conhecem o que é bem, e o que é mal. Mas que lhes importa isso ? Se a sua vida é miseravel, se a sua condição é triste, se os vexão, se os perseguem, se os maltratão, mesmo se os desprozão, soffrem, e procurão esquecer-se, portanto resignão-se.

Se porém a esses homens, tão descuidados, tão resignados, tão improvidentes, podeis dar um motivo de acção, um incentivo qualquer, se nessas almas, que tão facilmente se afinão, se inflammão, se electricião, transbordando os mais generosos sentimentos, podeis derramar uma faisca de enthusiasmo, vereis o que são, o que fazem, o de que são capazes: serão corajosos e infatigaveis, pertinazes no seu proposito, atilados na sua execução, quasi sempre poetas, heróes algumas vezes.

Tudo isto é indio, tudo isto é nosso ; e tudo isto está como perdido para muitos annos.

(*) Aldéas.

(**) Maça do sacrificio. (H. Stadt.)

Sim, a escravidão dos Indios foi um grande erro, e a sua destruição foi e será grande calamidade. Convinha que alguém nos revelasse até que ponto este erro foi injusto e monstruoso, até onde chegarão essas calamidades no passado, até onde chegarão no futuro: eis a historia.

Convinha tambem que nos descrevesse os seus costumes, que nos instruisse nos seus usos e na sua religião, que nos reconstruisse todo esse mundo perdido, que nos iniciasse nos mysterios do passado como caminho do futuro, para que saibamos donde vimos e para onde vamos: convinha emfim que o poeta se lembrasse de tudo isto, porque tudo isto é poesia; e a poesia é a vida do povo, como a politica é o seu organismo.

Que immenso trabalho não seria este! mas tambem quantas lições para a politica, quantas verdades para a historia, quantas bellezas para a poesia!

Em primeiro lugar, devia ver qual tinha sido a Judea desta parte do novo mundo: o seu berço devia ser um clima temperado, qual convinha a homens que não estavam vestidos; devia ser abundante de caça e de pesca, como para homens que careçião de toda a industria; devia por fim ser coberto de arvores que lhes servissem de abrigo. Será ainda preciso que indiquemos o Amazonas? A tribu-mãe, que deveria ter vindo da America Septentrional pelo isthmo do Panamá, havia de ter-se estabelecido nas florestas, porque para que era ir mais longe?

Estes forão os Tupis, o seu nome bem o indica; ou porque elles se julgassem descendentes de Tupan, ou porque lhe tomassem o nome de agradecidos pelos ter guiado ao travez de tantas vicissitudes a estas novas terras de promissão. Assim foi que o povo hebraico se chamou povo de Deos. Mas talvez ha outra ethymologia. A palavra—Tupi—póde ter sido formada desta outra indiana—Ipy'—, que quer dizer—cabeça de geração, principio, primeira origem, etc.—Pará não é senão abreviatura de Paraná (*), nome que os Indios deverião ter dado ao Amazonas; se porém soubessemos qual o nome por que elles indicavão aquella provincia, ou os lugares que habitavão, talvez nos podesse isto esclarecer sobre tão importante questão. Mas que os Tupis são filhos do Norte prova-o a sua linguagem doce e harmoniosa, toda intercalada de vogaes, e exprimindo musicalmente todas as affeições agradaveis (**), prova-o a sua imaginação ardente e colorida, e as suas crenças todas poesia, todas do coração.

(*Continúa.*)

(*) Na lingua indigena quer dizer—mar.—

(**) Di-Io o P.^o Anchieta no prologo do seu Diccionario Brasileiro. O Novo Orbe diz: — *facilis est copiosa, neque insuavis.*

CHYMICA

Analyses feitas por ordem do Sr. Ministro da Fazenda.

Nas analyses, cujo resultado vamos expor, empregámos agua regia ; algumas vezes, e só como meio subsidiario, empregámos a coupellação. A agua regia, de que nos servimos, se compunha de quatro partes de acido-chlorhydrico, e uma de acido-nitrico. Atacada a liga por este reagente, evaporámos até seccar para expellir o excesso de acido que podesse haver ; ajuntámos agua, e separámos o chlorureto de prata pela filtração : este chlorureto, depois de secco, era pesado, e dahi se deduzio o peso da prata. A dissolução, contendo os outros metaes, ajuntámos acido-oxalico, o ouro precipitava-se no estado metallico, que era lavado e pesado. Separado o ouro, precipitámos pelo acido thionhydri em estado de sulfureto os metaes que ainda estavam na dissolução, e que por esse meio supportão essa transformação. Os sulfuretos separados do liquido, foi este tratado pelo cyanureto de ferro e potassio, e deu um precipitado azul, prova da existencia do ferro, e os outros reactivos nos confirmarão tal existencia. Para obtermos o palladio, servimo-nos de meios indirectos. Coupellámos uma nova porção da moeda em ensaio, o que nos deu uma liga de ouro, prata e palladio, que, atacada pela agua regia, deu, depois de separados o ouro e a prata, o cyanureto de palladio pelo cyanureto de mercurio.

Outras vezes, desenvolvendo uma porção de liga ; pela agua regia evaporámos, e continuámos a acção do fogo até se decompor uma pequena porção de perchlorureto de ouro. Neste estado, ajuntando uma pouca de agua no residuo, e pondo sobre um filtro, acha-se nelle um deposito de chlorureto de prata, chlorureto de ouro, palladio e ouro, que, lavado com acido-chlorhydrico, diluido e fundido com borax, dá uma liga de ouro, prata e palladio, da qual é facil ter o palladio. Por estes meios achamos que as moedas de 6 D 400, cunhadas no reinado do Sr. D. João, contém palladio e ferro. As cunhadas em 1547 tambem apresentam os mesmos metaes. As de 1849 só dão ferro.

RESULTADO DAS ANALYSES.

Moedas de mil réis cunhadas no reinado do Sr. D. José. . . .	<table border="0"> <tr> <td>{</td> <td>ouro</td> <td>91,3</td> </tr> <tr> <td></td> <td>prata</td> <td>4,5</td> </tr> <tr> <td></td> <td>cobre</td> <td>4,2</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td><hr/></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>100,0</td> </tr> </table>	{	ouro	91,3		prata	4,5		cobre	4,2			<hr/>			100,0
{	ouro	91,3														
	prata	4,5														
	cobre	4,2														
		<hr/>														
		100,0														
Idem » » » da Sra. D. Maria. .	<table border="0"> <tr> <td>{</td> <td>ouro</td> <td>91,1</td> </tr> <tr> <td></td> <td>prata</td> <td>4,6</td> </tr> <tr> <td></td> <td>cobre</td> <td>4,3</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td><hr/></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>100,0</td> </tr> </table>	{	ouro	91,1		prata	4,6		cobre	4,3			<hr/>			100,0
{	ouro	91,1														
	prata	4,6														
	cobre	4,3														
		<hr/>														
		100,0														



Peças cunhadas no reinado do Sr. D. João :

1.º ensaio, peso da liga 304,2 milligramas.	}	ouro	90,4
		prata	5,15
		cobre	438
		ferro e palladio	
2.º ensaio » 154,5 milligramas.	}	ouro	9036
		prata	5,09
		cobre	4,5
		ferro e palladio	

Peças de 1847 :

Peso da liga 285 milligramas.	}	ouro	91,7
		prata	6,3
		cobre, ferro e palladio	

Peças de 1849 :

1.º ensaio, peso da liga 676,7 milligramas	}	ouro	91,1
		prata	6,9
		cobre e ferro	
2.º » » 433,2 milligramas	}	ouro	90,7
		prata	6,8
		ferro e cobre	

Moeda de prata do novo cunho com muito pouco ouro. . . .	}	prata	87,4
		cobre	12,6

Azeredo Coutinho e Capanema.

Olhos verdes.

São uns olhos verdes, verdes,
 Uns olhos de verde-mar,
 Quando o tempo vai bonança,
 Uns olhos côr de esperança,
 Uns olhos por que morri.

Ai de mi!

Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Como duas esmeraldas
 Iguaes na fôrma e na côr,
 Tem luz mais branda e mais forte,
 Diz uma vida — outra, morte,
 — Uma, loucura — outra, amor.

Ai de mi!

Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

São verdes da côr dos prados,
 Expressim qualquer paixão,
 Tão facilmente se inflamão
 Tão meigamente derramão
 Fogo e luz do coração.

Ai de mi!

Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
 Que tambem podem brilhar;
 Não são de um verde embaçado,
 Mas verdes da côr do prado,
 Mas verdes da côr do mar!

Ai de mi!

Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Dizei vós, oh meus amigos,
 Se vos perguntão por mi,
 Que eu vivo só da lembrança
 De uns olhos côr de esperança
 De uns olhos verdes que vi!
 Que, ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Dizei vós : — Triste do bardo !
 Deixou-se de amor finar ;
 Vio uns olhos verdes, verdes,
 Uns olhos de verde mar ;
 Erão verdes sem esperança,
 Davão amor sem amar.
 Dizei-o vós, meus amigos,
 Que, ai de mi !
 Não pertença mais a vida
 Depois que os vi.

A. Gonçalves Dias,

Ode Sapphica.*(medita.)*

Na maquina fallaz o grego astuto
 Da miserrima Troya o fado encerra,
 Quer em funesto ardil colher o fructo
 Da tarda, inutil guerra.

Entre as sombras nocturnas desce a morte
 A' cidade em dous lustros invencivel !
 Está muda e recondita cohorte
 Dispondo estrago horrivel.

Dos Teucros fatal somno eis se apodera
 Co' a inerte languidez, co' a molle incuria,
 Azo a irmã prestando horrenda e fera
 Com que ensanguenta a furia.

Já sahê do ligneo bojo a tardo passo
 A caterva feroz ali sumida ;
 Aos tristes vai romper do somno laço
 Com o laço da vida !

Sedenta aqui, ali já se derrama
 A negra cavilosa atrocidade
 Já corta o ferro, já scintilla a thamma,
 Já reina a mortandade.

Da confusão, do horror desatentados,
 Os frigios miserandos tremem, correm ;
 Inermes, indefezos, aterrados,
 Fallecem, morrem !

D'entre a terrivel, barbara fereza
 Rebentão debeis vozes lastimadas ;
 Opressa expira a candida pureza
 Das virgens profanadas.

Não vale o sexo, a condição, a idade,
 Tudo a raiwa confunde, tudo estraga ;
 Praças e ruas da infeliz cidade
 Pego de sangue alaga.

Não dão sagrado asylo os patrios lares,
 Terna clemencia nenhum grego abala,
 Abraçado aos thuricremos altares
 Priamo a vida exhala.

As veneráveis cans, o grão sublime
 Contra Pyrrho cruel são vã defeza,
 Gloria-se o furor, triumpho o crime,
 Recúa a natureza.

Execrando inventor do atroz delicto
 Que as muralhas de um Deos desfez em fumo !
 Em vão sôa de ti soberbo grito,
 Que toca o polo summo.

De Smyrna o grão cantor com voz divina
 Em vão te abrilhantou de um nome augusto,
 Seu extro não seduz, não allucina
 O tribunal do justo !

. . . se sentença
 . . . de oprobrio de castigo eterno,
 A' vil perfidia tua enorme e feia
 Crê desigual o inferno.

Torreões derrubar, tingir cidades
 De rubro sangue em fervidas correntes,
 Carregar de tormentos, de impiedades
 Desventuradas gentes

E' nódoa sempiterna, é crime horrendo,
 Odeia a natureza heróe supposto
 Que nos males que faz se vai revendo
 Com ledo, ufano rosto.

Pacifico mortal, mortal benigno,
 Que em proveito dos miseros se inflamma,
 Do alto nome de heróe somente é digno,
 Digno d'inclyta fama.

Seabra bemfeitor ! a heroicidade
 Legitima e piedosa em ti se apura ;
 Teus louvores por mim tece a verdade
 Mais do que a desventura.

Como a mil, os grilhões que me atribulão
 Destroça: tu és grande, eu desgraçado;
 São titulos, senhor, que te estimulão,
 A serenar meu fado.

1797

Paulo José de Mello.

VARIEDADE

Corregio, e a Historia.

O celebre pintor italiano, Antonio Allegri, conhecido pela belleza e suavidade do seu colorido, e pela habilidade com que escorçou, passou, e ainda passa nas diferentes historias, que a seu respeito se escreverão, por um pobre homem, carregado de uma numerosa familia, e que morrerá de fadiga, e acabrunhado debaixo do peso de um sacco de moeda de cobre, que carregára da cidade de Parma ao arrabalde onde morava.

Oensehelegel, o primeiro poeta dinamarquez, fez sobre Corregio uma bellissima tragedia; e todos os viajores, que tem admirado a cupula da Sé de Parma, e o seu famoso S. Jeronymo, repetem a mesma cousa: — Pobre Corregio!

A. Vasari, mal informado, e não como pretende Orlandi, por querer desmerecer os pintores lombardos, se deye esta idéa falsa; pois está provado hoje que Corregio teve um curso regular de humanidades, que foi discipulo dos melhores mestres do seu tempo, que era de uma das mais nobres familias de Parma, que tinha herdades e patrimonio, que deixou a seu filho unico uma avultada fortuna, e que fôra sepultado no carneiro da sua familia.

E porque depois destas provas continuão os homens a acreditar o que geralmente se crê? — Porque Vasari, o historiador de todos os grandes artistas da renascença, o classico da lingua italiana, é, e será sempre lido, não só pelo grande quadro que abrangeu, como pela belleza do estylo; e porque foi contemporaneo de Raphael, e discipulo de Miguel Angelo.

Tacito, fallando de Tiberio, se contradiz em muitos lugares; e no entanto todos olhão para Tiberio como para um monstro!

Alexandre Borgia acha um apologista em Feijó, no seu *Theatro Critico*, que o desculpa e o louva como um grande papa. A' vista de taes exemplos, quem não temerá a penna de um historiador parcial, mórmente se o escriptor possui talento, e a magia de um estylo seductor? Montesquieu rehabilitou a Sylla, e o monstro de Roma, o famoso proscriptor, que, á porfia com Mario, parecia querer lavar as pedras de Roma com o sangue do povo rei, se acha hoje absolvido, e considerado como um cidadão benemerito.

O exemplo de Corregio é desanimador para todo homem que espera uma glória posthuma, se esse homem não agrada a um escriptor. Os actos do homem publico, assim como as idéas de um escriptor devem ser filhos da verdade e da justiça eterna: a mentira repetida é a verdade para o futuro: *voilà come on écrit l'histoire.*

NOTÍCIAS DIVERSAS

S. M. o Imperador, dignando-se ha tempos de fazer uma visita á sala onde o Instituto Historico e Geographico Brasileiro faz as suas sessões ordinarias, mostrou-se descontente da mesquinhez do lugar, e ordenou immediatamente ao seu mordomo que mandasse preparar uma sala digna daquella sociedade, que tão bons serviços está fazendo ao paiz; e hoje, no segundo andar do antigo convento do Carmo, se apresta uma sala espaçosa, com todos os commodos proprios para os trabalhos do Instituto.

A nova sala, que tem trinta e quatro palmos de largo e noventa de longo, é toda estucada de novo, e com grandes armarios de vinhatico para a bibliotheca e museu americano. Logo que este grande trabalho estiver prompto, o Instituto terá occasião de expor a sua escolhida bibliotheca, e as preciosidades do seu museu; e um lugar conveniente para os seus raros manuscritos. Cremos firmemente que esta manifestação, puramente imperial, será correspondida com duplicado zelo da parte dos membros da mais bella instituição litteraria que possui a America Meridional.

Pela maneira por que proseguem os trabalhos, podemos afirmar ás pessoas que conhecem aquelle lugar, que os reparos e mudanças feitas na casa nada deixarão a desejar: o character ou phisionomia da sala está em perfeita harmonia com o seu destino, e apresenta um aspecto grave, que muito se compadece com o genero de trabalhos, e com a missão daquella sociedade, cujas publicações são quotidianamente reclamadas de toda a parte, e em cujas relações se contão as mais celebres Academias e Institutos da Europa.

O Instituto deve ser caro a S. M., pois sempre lhe ha dado provas de adhesão e acatamento em todas as solemnidades nacionaes, mórmente pela sentidissima morte do Sr. D. Affonso, cuja saudade ficou estampada em um volume precioso, talvez a obra mais luxuosa que tenha sahido da imprensa brasileira.

— Pessoa competentemente habilitada nos informa que os trabalhos da igreja da Candellaria proseguem com actividade: esta obra, apezar dos immensos defeitos d'arte de que se acha eivada, principalmente na monstruosa ordenação interna, será sem duvida um dos maiores templos do Brasil, mórmente se os respeitaveis irmãos entregarem a correcção do zimbório e cupula a pessoa que valha mais que um mestre rutineiro: as artes, e mui positivamente a architectura, tem a sua linguagem, a sua pragmatica, e alguma cousa de mais sublime do que as concepções de um official pratico.

— O nosso amigo e compatriota o Sr. Manoel Odorico Mendes, residente em Paris, escreve-nos o seguinte:

« A minha traducção vai adiantada; e depois que cheguei á França tive de re-

« forma-la na parte archiologica, principalmente no que toca á marinha dos antigos. « Com grande prazer meu, consultando os escriptos de Mr. Jal, vi que tinha acerta- « do em muitos lugares, nos quaes me apartava do commun dos interpretes. O « Dr. Lopes de Moura tem examinado escrupulosamente o meu trabalho, que lhe « parece profundo e consciencioso. Agora vou ficar sem este amigo: elle vai passar « algum tempo na Belgica e na Hollanda, onde pretende examinar impressos e ma- « nuscriptos que siryão para a historia do Brasil; pois que das bibliothecas de Paris « tem já examinado tudo. »

A traducção de que nos falla o eximio litterato é a da *Eneida*, que, no momento de partir, já se achava no sexto livro, e que, na opinião dos fallecidos conego Januario, marquez de Paranaguá e Paulo José de Mello, era um primor d'arte.

O Sr. Dr. Caetano Lopes de Moura, autor das *Harmonias da Creação*, é pensionista de S. M. o Imperador, e tem por missão fazer as pesquisas acima referidas. Ao Instituto Historico já tem mandado o seu augusto protector alguns trabalhos importantes do Dr. Lopes de Moura.

— Annunciamos aos nossos subscriptores que o Sr. Dr. Riedel, director da terceira secção do museo nacional, vai mimosear-nos com um interessantissimo trabalho sobre a phisiologia vegetal do Brasil. Todos sabem o quanto viajou este illustre botânico, que se acha domiciliado entre nós, e o nome e consideração que lhe grangearão seus trabalhos scientificos na Europa.

A parte botanica do *Guanabara*, dirigida pelos Srs. Dr. Freire Allemão, Riedel e Capanema, assegura aos nossos leitores a esperanza de trabalhos conscienciosos e de summa importancia para o progresso das sciencias naturaes.

— No laboratorio chimico do museo nacional, os Srs. Drs. Azeredo Coutinho, Burlamaque e Capanema proseguem em suas analyses; os trabalhos destes varões incansaveis, e suas descobertas serão publicados no *Guanabara*.

— O nosso correspondente, o Sr. Warnhagem, que se acha em Madrid, está escrevendo uma historia do Brasil: esta obra promette, além de muitas correções de factos, a publicação de outros até agora desconhecidos. O autor compulsou todos os manuscriptos de Portugal que dizem respeito ao Brasil, e ultimamente obteve do governo hespanhol o poder fazer pesquisas no real archivo de Simancas, que é um thesouro igual ao da Torre do Tombo.

— S. Ex. o Sr. barão de Cayrú acaba de honrar a redacção do *Guanabara*, enviando-lhe—um fragmento de um escripto sobre Economia Politica— de seu illustre pai, o fallecido visconde de Cayrú. A redacção do *Guanabara* aprecia, como

deve, o valioso presente que recebeu; e os leitores deste Jornal verão no proximo numero essa produção do nosso sabio e benemerito compatriota.

— No dia 21 de julho p. p. installou-se nesta cidade o Nucleo Horticulo Brasiliense. S. M. o Imperador, attendendo ao que lhe representarão os membros da directoria, houve por bem permittir-lhes que o seu augusto nome e o da imperial familia sejam incriptos como protectores daquella sociedade; e outrosim que a mesma sociedade use do titulo de *Imperial Nucleo Horticulo Brasiliense*.

O Nucleo Horticulo Brasiliense é um bello pensamento, que o nosso prestimoso horticultor o Sr. Praxedes desejava desde muito realisar.

— Parece que a repugnancia dos cemiterios vai-se vencendo, e que o tempo e a civilisação vão triumphando de um preconceito, que nem os decretos vindos de Lisboa no tempo da colonia, nem o exemplo dos Inglezes na Gamboa, nem a tenacidade do Sr. senador Clemente Pereira poderão vencer. Diz-se que o Sr. Manoel Pinto da Fonseca, por parte da irmandade de S. Francisco de Paula, quer fazer este beneficio á cidade, e este grande serviço ao paiz: Deos o ajude em tão caridosa empreza.

Os cemiterios mais bellos do mundo são o do *Pere la Chaise* em Paris, o de *Bolonha* na Italia, e o de Napoles, que excede a todos, pela formosura do sitio, e porque ahi se reunirão as bellezas dos dous acima mencionados.

Se uma boa intelligencia presidir ao traçado da planta do cemiterio, terão as gerações futuras mais um monumento; porém se ao contrario vierem as quotidianas vistas mesquinhas, ou alguém que nada tenha visto, ou que, desprovido de imaginação e arte, trace um pigmeo em vez do inevitavel gigante, teremos mais um documento da rotina e do menosprezo com que se tem sempre assignado quasi todas as nossas emprezas.

— A torre antiga do Carmo se acha concluida: a direcção da Ordem Terceira, que tão bons desejos mostra, deveria ter consultado pessoas abalisadas, antes de emprehender o novo pinaculo, que, na opinião dos entendedores, não está em harmonia com o character da architectura do edificio: muito mais economico, e de muito melhor gosto seria ter ramatado a torre com a gradinata superior, que, para maior infelicidade, está com os balaustres no sentido inverso á sua collocação. A maneira por que aqui se coroa as torres é sem gosto, e sem exemplo nos paizes civilisados. Lastimamos no fundo do nosso coração que tão bons desejos e tantos cabedaes sejam empregados em sacrilegios de pedra e cal.

**Ensaio economico sobre o influxo da intelligencia humana
na riqueza e prosperidade das nações.**

POR

JOSÉ DA SILVA LISBOA

(Visconde de Cayrú.)

*Animi imperio, corporis servitio magis utimur; alterum
nobis cum diis, alterum cum belluis commune est.*

SALUST.

DISCURSO PRELIMINAR.

Sendo os homens insaciaveis em busca de riqueza e poder, nunca persuadindo-se ter assaz desses bens, é de admirar que só a respeito de cabedaes scientificos, que tanto contribuem para se obter a maior copia dos mesmos bens, presumão sempre ter de sobejo, ainda que nenhum esforço tenham feito em cultivar as faculdades intellectuaes, que os constituem a creatura preeminente da terra. D'aquella presumpção, e da indifferença, que se tem manifestado em não se conhecer a dignidade da natureza humana, essencialmente racional e social, se tem occasionado os males, que infestão ainda as nações mais cultas.

Até ao presente, por guerra e monopolio, é que principalmente se tem procurado apotentar e enriquecer os estados: o avantajarem-se em sabedoria, que dá não só extensa influencia, mas até real imperio sobre os mais paizes, ainda não entrou em regular plano de constituição politica.

Se os governos se convencessem, que da superioridade da intelligencia é que vem a progressiva riqueza e prosperidade das nações, e ainda a maior e mais duravel potencia dos imperios, e que da multiplicidade de intelligencias nos innumeraveis ramos de empregos, de que se compõe a industria humana, e o extenso conhecimento das immutaveis relações de tudo o que concorre a aperfeiçoar o entendimento, e reger as paixões, resulta outra ordem da sociedade, e bom character, e credito entre os povos cultos, reconhecerião, que era do seu interesse promover, pelos mais efficazes meios, a instrucção de todas as classes em artes

e sciencias, procurando dirigi-las para os objectos mais uteis ao bem geral, e promovendo com especial sollicitude o progresso da intelligencia nos bons principios.

Infelizmente esta verdade não só nunca foi vista em sua immensa latitude, mas tem sido opposta com o mais insidioso machiavelismo, tendo-se suggerido, que a ignorancia dos povos é necessaria á subordinação civil e estabilidade politica. Conquistadores barbaros, depois de destruirem monumentos de intelligencia, accumulados por seculos, fundarão sobre tal regra o systema do governo, e ainda em alguns estados regulares tem-se isso por arcano de imperio.

As infaustas consequencias, que d'ahi tem resultado, são patentes da historia e experiencia.

Todos os legisladores tem sentido quasi insuperaveis obstaculos, para instruirem povos selvagens e barbaros, e trazê-los á civilisação. Seculos são necessarios, e a feliz rara circumstancia de successão de bons governos, para uma nação crescer em intelligencia, de seu proprio fundo. A facilidade, com que se destroem os estudos, ainda nos mais florentes paizes, e a difficuldade, com que se restabelecem, forão notadas pelo maior politico da antiguidade, Tacito (*); e bem se tem isso manifesto no vagar e ciume, com que, depois da restauração das letras na Europa, resurgida das trevas, se accumulou esse pequeno thesouro de litteratura, que lhe alça a cabeça sobre as mais partes do globo. Por isso com senso de terror os espiritos rectos ora descoroçoão e se opprimem, vendo abalados os fundamentos da civilisação, onde deverião estar mais firmes; não havendo-se já respeito ás vidas e propriedades; dirigindo-se os dotes do animo mais a destruir, que a produzir homens, e fructos de sua industria; havendo-se enthronisado a politica da força e conquista; envilecendo-se a razão, e tudo o que ha de mais sagrado entre os homens; amortecendo-se o interesse de ser industrioso e justo. Constitue-se portanto digno objecto de meditação dos que desejão a melhora do genero humano, inquirir qual seja o influxo da intelligencia no bem physico e moral da sociedade, e pôr as bases da conveniente educação nacional.

No seculo passado, o bem conhecido sophista de Genebra, que se arrogou o brazão de *dedicar a vida á verdade*, teve a extravagancia de sustentar em mui famosa memoria dirigida á uma academia de França, que as *sciencias corrompião a sociedade*, chegando ao excesso de dizer, que o *homem, que pensa, é animal depravado*, e que só o selvagem era o legitimo filho da natureza, preferindo por isso o seu estado ao da gente civilisada. Sinceros amantes da verdade tratarão esse delirio com o devido vilipendio; e alguns o relevarão, como entusiasmo de quem aspirava á celebrar-se em ostentação de talento, por espirito de contradicção e paradoxo. Não fez pezo no juizo d'aquelle declamador, que não existissem, ou desapparecessem tantas maravilhas de invenções e obras humanas, que ornão a sociedade, adoção os costumes, ennobrecem a nossa especie, e dão a mostra de quanto se pôde elevar com as reunidas energias de toda a raça, se a civilisação se propagasse e crescesse em todo o globo? Sem duvida,

(*) *studia facillus oppresseris, quam revocaveris.*

para ser pobre, miseravel e anthropophago, não se precisa de artes e sciencias: mas, para ser rico, feliz, e bemfeitor de seus semilhanes, precisa-se de muitos conhecimentos.

O monstro revolucionario, simples chrysalida do outro, que se desenvolveu, se é possível, ainda mais feroz e deshumano, que hoje vóa sobre o mundo; monstro, que nem Virgilio, nem seu imitador Delille, poderião descrever com a horribilidade, que o caracteriza, foi, em grande parte, o aborto das falsas idéas da natureza humana, com que aquelle, e outros superficiaes especuladores em Economia Politica, (*) illudirão os idiotas, e insoffridos de lição profunda prevalessendo-se da quasi geral impericia, que em seu paiz grassava sobre a organização social e machina do governo civil, e suffocando a voz dos Aristides e Socrates, estudiosos da orthodoxa philosophia, que admirão a magestade do universo governado pela infinita intelligencia; a qual, por leis immutaveis, destinou a felicidade aos homens, dando (e não de balde) á todos, instinctos e attributos capazes de conseguila, se procurassem entender as suas leis, e a ellas se conformassem.

Ainda que a impulsão já dada ao progresso da intelligencia humana, facilitando a diffusão do saber ainda além do Atlantico, pelo vehiculo do prelo e astrolabio, sustente as nossas esperanças, para não se recear extincção de luzes em todas as partes do orbe; apesar do que a selvagem injustiça da tyrannia militar, que esmagava a Europa, tenda a dar estupidez e furia aos animos, e suscitar os povos á crupezas e brutalidades das mais carnicceiras feras, impossibilitando a leal communicação dos bens e conhecimentos dos homens, e o pacifico estudo da ordem da natureza (donde se origina a verdadeira sciencia e moralidade); comtudo já em muitos lugares sente-se o movimento retrogrado do zelo litterario; e em outros vê-se terrivel estupor publico, presagio de ruina, ou grandes calamidades.

Ainda é um *desideratum* na republica das letras demonstrar-se a quantidade do influxo, que a intelligencia tem na riqueza e prosperidade das nações, e consequentemente na virtude dos povos, duração dos estados, e perfectibilidade da espécie humana. Persuadido: 1º, que a intelligencia é o principio transcendente de todos os melhoramentos sociaes, e, por assim dizer, a *idéa mãe*, donde nascem as theorias mais interessantes da Economia Politica, e 2º, que o Author da Natureza decretou, que a maior possível intelligencia dos homens dependesse de ser a socie-

(*) Quem achar dura esta proposição, leia o Prospecto da Encyclopedia Methodica de Paris na parte desta sciencia, publicada em 1784, onde se diz, que, havendo na França innumeraveis escriptos sobre a Economia Politica, nelles ensinava-se tudo, menos o que era necessario saber-se. Nelles se autorizavão as cousas mais criminosas, e se prohibião as mais innocentes, e seus authores parecião ignorar os mais elementares principios do direito natural. Leia-se o mais acreditado escriptor francez de taes materias neste seculo Mr. João Baptista Say no seu Discurso Preliminar, e vêr-se-ha que até o celebrado author do Espirito das Leis disse a esse respeito cousas miseraveis. Ainda Mably recommendou a pobreza, como favoravel, á virtude das nações, e approvou as barbaras instituições de Licurgo. Smith havia mostrado que só a universal pobreza, qual a do estado selvagem, era compativel com a universal igualdade. Esta, e outras doutrinas saudaveis não fizeram impressão em um paiz, que, sem titulo se tinha arrogado o magisterio da terra, ora presumindo (atinda depois de patentes os seus mais crassos erros, com que hallucinário aos credulos) poder alcançar a universal dominação, assolando as nações cultas, e destruindo os governos regulares.

dade civil a mais universal e ordenada, não obstando-se ao desenvolvimento dos talentos, e ao commercio franco; propuz-me explanar estas verdades no presente Ensaio, que submetto ás intelligencias superiores, afim de que augmentem e completem a demonstração do que apenas indico, para excitar pensamentos mais sublimés em um assumpto vasto, e quasi inexaurível.

Até o anno de 1804, em que dei á luz uns *Principios de Economia Política*, segui a doutrina corrente, que os bens da vida se proporcionavão á quantidade do trabalho dos homens, intimando comtudo, que tambem erão o effeito da sabedoria, com que era dirigido. Porém este conceito vulgar deixou-me grande vacuo no espirito, por não estar ainda nelle assaz evidente a incommensuravel preponderancia, com que a intelligencia, muito mais que o trabalho corporeo, predominava na descoberta, producção, e colheita, do que os homens precisão e desejão, e igualmente na boa ordem da sociedade. Longa meditação fez-me reformar mais as idéas a esse respeito.

Adam Smith, que se pôde com razão intitular o *Archi-Economista da Europa*, por ser o primeiro que elevou a Economia Política á sciencia regular, estabeleceu, como axioma, na sua celebrada obra da *Riqueza das Nações*, que — o trabalho de cada nação é o fundo, que, desde a sua origem, a suppre com todo o necessario e commodo á vida immediatamente, ou por troco de equivalentes no commercio com as mais nações —; porém logo notou, que tal riqueza parecia mais depender da *habilidade, dextreza e intelligencia*, com que o seu annual trabalho era dirigido. Sobre este principio fundou a architectura do seu systema. Mas, além de não definir isto de modo certo, tambem não analysou o *quanto mais dependia*, e em que proporções estavam as differenças do producto do mero trabalho mechanic, e o da intelligencia directora da geral industria; e até sustentou, que os mesmos talentos naturaes, donde nascem as maiores intelligencias, não erão tanto a causa, como o effeito da divisão do trabalho.

Considerarei que seria conveniente comparar estas differenças, e exercer o juizo, mostrando que da intelligencia procedida da cultura dos talentos naturaes, não só *dependia* a riqueza e prosperidade das nações; porém que ella era a *causa principal*, e incomparavelmente maior para esse effeito, que o mero trabalho mechanic, e maiormente o forçado, e contra os naturaes genios e inclinações; e que se pôde este muito diminuir, sem prejudicar aos interesses da civilisação. Ainda não se tem examinado, se o descanço preciso á expansão das grandes intelligencias é mais productivo dos bens da vida, que o trabalho duro, aturado e rotineiro.

Pretendo provar que o trabalho corporeo, principalmente o dos órgãos inferiores, não é senão um instrumento (e o mais fraco de todos) que a intelligencia emprega na producção, accumulacão e distribuição dos bens da vida; e que, no progresso da sabedoria humana, será usado o menos possivel, como de pouco effeito e valor, e para obras de pouca importancia e fadiga; empregando-se para as grandes cousas, sempre com preferencia o *trabalho da natureza*, isto é, os agentes physicos, animaes e materiaes, e estes principalmente até aonde chega a alçada da commissão divina, que constituiu ao homem sobre as creaturas do nosso globo.

Talvez este pensamento parecerá chimerico e sem prestimo. Mas será bom não se regeitar *in limine*, como tendente a formar systema do mundo intellectual, sem fundamento na real scena da vida. As provas são as que devem decidir: ellas apoião-se em factos e experiencias, de que cada um pôde ser testemunha e juiz. Se o que proponho, contém exaggeração, pôde esta ser rectificada ao criterio da verdade. Creio não haverá jamais perigo de erro e damno em se augmentar a intelligencia das nações; nem por isso serão menos bem reguladas, nem se deixarão de fazer os trabalhos precisos á segurança da subsistencia e commodos da vida, nem se perderá um atomo da possível seára social. Se porém o proposto theoremata é verdadeiro, será necessario corrigir muitas opiniões, que até agora vogavão sobre os modos de manter e felicitar a sociedade. Tratar-se-ha d'aquí por diante de persuadir todos os meios mais simples e fecundos de accumular intelligencia, e não de aggravar os povos com o pezo de trabalhos mechanicos e forçados, com que a nossa actual ignorancia acabrunha as classes pobres e miseraveis de todos os paizes, e que, por falta de mais geral e exaltada intelligencia, se tem considerado, como essencialmente annexa á constituição humana e ordem social.

Eu não proponho novidades, mas grandes e uteis theses. Bem desejava offerer este ensaio mais conciso e correcto: porém o tempo instava pela publicação de verdades interessantes, e proprias a exaltar os animos dos que desejão o bem da patria e da humanidade. Se no mundo velho se desattendem, e até em algumas partes se exterminão os principios da sociabilidade, quasi ahí não havendo outro merito, que o dos que negão haver direito, nem outro fundo de riqueza, que o trabalho penoso, e o roubo do fructo do suor alheio, porfiemos em plantar, quanto antes, nesta grande terra (*) do mundo novo as sementes da civilização, para, á seu tempo, darem os mais abundantes, doces e preciosos fructos. Conforme-me á lição dos mais sabios dos antigos Reis, Salomão, que assim doutrinou — *Quem considera as nuvens, não semeará, e quem olha aos ventos, nunca ceifará.* (**) Como temos por nós o oceano e a navegação, que (segundo elle bem diz) é a *esperança do orbe*, podemos com fausto auspicio começar a carreira. Aplanarei as difficuldades, diminuindo o trabalho aos que se quizerem aproveitar da minha fraca intelligencia e industria.

A importancia de se amplificar a intelligencia com especialidade no estudo da sciencia economica, a que se tem dado o titulo de *Economia Politica*, é tão universalmente reconhecida nos estados cultos, que se faz excusado recommenda-lo. Não pôde já entre nós haver disputa a esse respeito, depois do Decreto de 28 de Fevereiro de 1808 (***), que declarou tal estudo *absolutamente necessario*. Sem du-

(*) Camões. Luz. X. E. 139.

(**) Ecclesiast. XI. Sap. XIV.

(***) Sendo absolutamente necessario o estudo da Sciencia Economica na presente conjunctura, em que o Brasil offerece a melhor occasião de se pôrem em pratica muitos dos seus Principios, para que os Meus fiels vassallos, sendo melhor instruidos nelle, me possam servir com mais vantagem: Sou Servido Crear uma Cadeira para o ensino d'aquella Sciencia, sem a qual se caminha ás cegas, e com passos mui tardos, e ás vezes contrarios em materias de Governo, &c.

vida elle deve contribuir para mais facil execução dos *Liberæ Principios*, que o nosso paternal governo tem adoptado neste estado do Brasil, que ora parece chamado pela Divina Providencia a encher grandes destinos, mostrando-se um dos maiores Emporios do Mundo, para tambem em sua vez figurar no theatro politico, e influir no progresso da civilisação.

Além das razões geraes, que devem empenhar aos homens publicos em se distinguir em intelligencia nesta repartição dos conhecimentos humanos, concorre a especial do privilegio, que, pela lei do Reino, compete aos principaes cidadãos de concorrerem nas camaras das cidades e villas para a legislação economica do paiz; visto que a Ordenação do Livro 1.º, Titulo 66 lhes dá direito de fazerem, na fórma ali prescripta, *Posturas e Regimentos*, que vem a ser *Estatutos Municipaes*, e *Actos Legislativos* para governança da terra, e que obrigação no districto respectivo. Elles são destinados a estabelecer a recta economia publica, para que o povo possa bem viver.

É incontestavel a influencia, que aquellas corporações e outras, que fazem parte da administração publica, tem na riqueza e prosperidade da nação, sendo acertados os seus actos de officio: mas, sendo erroneos, as consequencias são sempre perniciosas, e muitas vezes de irreparaveis damnos, não bastando boas intenções mal applicadas. Platão tinha posto na frente da sua aula o seguinte rotulo — ninguem entre senão souber geometria. — Tambem conviria pôr-se nos salões das camaras de qualquer parte do serviço publico — não entre quem não tiver estudado Economia Politica. — Não basta que seja lavrador, homem bom, insigue artista, e outros que esperão das obras de suas mãos, e até senhores de terras, que não passão de honrados, que por isso não tem cãrta de sabedoria, e menos patente de infallibilidade. A todos estes manda excluir do congresso publico, e da cadeira de juiz o economista sagrado, sabio filho de Sirac. (*)

A experiencia tem mostrado que, por falta de intelligencia, ou de observancia dos verdadeiros principios economicos muitas capitánias e comarcas vastas e fertes tem frequentemente soffrido fomes e carestias, não se ajudando umas ás outras por obstaculos á circulação interior e exterior de seus productos; o que em muita parte tem motivado grande atrazo de população e riqueza, que erão naturaes em um estado de antigo estabelecimento, e de tão grande extensão, fertilidade, e abundancia de materias e artes.

Por desgraça, devendo-se considerar a sciencia economica politica por primeira e a mais importante de todas as sciencias, é de lamentar que não só tem sido a menos estudada, mas até mui desattendida. Ella nunca entrou no systema da educação publica; e nem ainda nos estudos da universidade. Muitos fallão vagamente em agricultura, artes, commercio, navegação, policia, finanças, e até inculcão

(*) Quà sapientiã replebitur, qui tonet aratrum, et conversatur in filiis taurorum, &c. Hi ecclesiam non transigent; super sellam judicis non sedebunt, et testamentum judicii non intelligent.

planos e projectos de melhorar o estado, como se tivessem sciencia infusa, sem ter meditado, e nem ainda lido um author capital dessa difficil sciencia.

O vulgo só entende por *economia* o trivial mechanismo de poupar cada individuo o mais possivel nas despezas de sua casa, e accumular o proprio dinheiro. Não se tem advertido que, até na *economia domestica*, se precisa de intelligencia, pois ha despezas que produzem riqueza, e ha accumulção de bens, que tendem á ruina de seu dono e paiz. Elle chama bõa *Economia ou Policia do Bem Commum* o fazer-se por authoridade publica a violencia de se taxarem os preços das cousas, e venderem-se barato á força os generos, e só em certos lugares limitar-se o numero dos industriosos em cada especie de emprego, sem se preverem as consequencias e desordens; que o systema de violencia nas pessoas, propriedades e convenções produz em qualquer paiz.

Tem-se tambem confundido a *Economia Rural* com a Economia Politica. Cada especie de industria particular e publica deve ter a sua economia privativa: o conhecê-las, e ser perito em todas ellas excede a capacidade da intelligencia finita.

A *Economia Politica* não desce ao exame de cada especie ou ramificação de trabalhos, só investiga a lei natural da sociedade, e os principios fundamentaes da civilisação, que della se derivão, mostrando o como podem os homens bem coexistirem e se multiplicarem, e o que lhes dá estimulo para fazerem os trabalhos necessarios, e como rectamente se desenvolvem e aperfeiçoão todas as sortes de intelligencias e industrias, e o como melhor se produzem, accumulão, e distribuem os bens da natureza e arte, para o bem geral de cada nação e da especie humana.

Sem duvida esta sciencia devia ser a mais universalmente aprendida; pois, antes de tudo, é preciso viver e ter confortos da vida, sem o que esta faz-se tediosa e miseravel. Isto é artigo da primeira necessidade, e objecto de commum voto e interesse. Por esta razão é claro, que todas as mais sciencias lhe são, e devem ser subordinadas, nem tem valor, e nem ainda podem ter progresso, senão em quanto conspirão ao fim, para que ella se dirige, de *bem manter e felicitar os homens*. Os sabios de quaesquer doutrinas só se podem formar e multiplicar, depois de preexistir e crescer a abundancia de fundos de subsistencia, e dos innumeraveis artigos, que concorrem a construir e augmentar o *Palladio* scientifico; e posto muito contribuição para o progressivo augmento d'aquelles fundos, comtudo com razão se póde dizer, que são as creaturas da opulencia social.

Por incuria ou insufficiencia de solidos e soccorros em tão uteis estudos, quasi todos querem justiça, franqueza e preferencia no seu; força, taxa e preterição no alheio. Os governos são continuamente importunados com requerimentos de monopolios, privilegios e favores extraordinarios. Ninguem a respeito de si acha bõa a regra de um com todos, mas de um contra todos. Tratando-se de interesse particular, ninguem se põe em lugar do competidor, para ver, se quereria o mesmo, que contra elle pretende. Como vendedor, quer-se uma lei, como comprador outra. O magistrado, o militar, o lavrador, o commerciante, o artista, segundo a importancia que attribue á sua pessoa, e emprego respectivo, pretende primazia e singularidade, com alteraçãõ das estabelecidas maximas de estado. Rara

é a these economica, em que os entendimentos sejam unanimes, por falta de principios communs, em que fundem seus discursos e pareceres. Frequentemente acontece, que o que declama contra os impostos indispensaveis ao serviço publico, só olha para as mãos do Soberano, e não se contenta com que o toca a propria graduação, segundo o talento que tem ao salario publico, e contradictoriamente requer a paga e premio de seu serviço, sem que hajão contribuições proporcionaes, fazendo cada especulador, segundo o genio e character, seu systema economico, apregoando que só tudo iria bem com os seus arbitrios. Se os que lêm, estudão, e meditão os livros mestres, ignorão muitas cousas essenciaes, e arriscão-se a descertos; que se deve esperar dos que tem o estudo por tormento, as sciencias por inutilidades, e o bem da patria e humanidade por indifferente, ou de nenhuma contemplação?

O atrazo e quasi geral falta do estudo de Economia Politica occasiona os indicados desvarios. Porém o erro vem de mais longe; pois até se acha nos sabios de superior credito.

Na arvore das sciencias, que se apresenta na Encyclopedia, se classifica a Economia Politica, como um ramo de jurisprudencia. Isto só basta para mostrar quão impropriamente se tem conceituado aquella sciencia; pois ali se graduou a jurisprudencia contra a ordem natural das cousas. A sciencia da subsistencia é evidentemente a primeira na serie dos conhecimentos humanos, e se pôde dizer a raiz e o tronco da arvore scientifica, e até a *sciencia do bem e do mal*.

Os melhoramentos sociaes procedidos dos primeiros e progressivos grãos de intelligencia dos meios economicos, com que se tem abundante mantimento, vestido, e agasalho (base da vida e prosperidade dos homens) são os originaes e constantes apoios de todos os estudos especulativos, e consequentemente da jurisprudencia.

Esta pois é uma sciencia derivativa, e até um dos menores ramos da Economia Politica. Além de que é inutil fallar em bons costumes e virtude, não havendo subsistencia e abundancia publica. *A necessidade não tem lei* (diz o vulgar proverbio) A Economia Politica é a que demonstra e firma o sagrado *Direito de Propriedade*, e as regras essenciaes do troco dos trabalhos e de seus productos. Em quanto não se estabelecem os principios respectivos, tudo é confusão, e não pôde haver estabilidade de imperios. Sem elles, os juriconsultos não poderião exercer acertadas combinações, para prevenirem o abuso da liberdade e dominio; — a fraude e lesão nos contractos — os titulos e modos legitimos de traspasso dos bens; a proporção das penas aos grãos de infracção da ordem social; colligindo as experiencias dos seculos, e conciliando o interesse particular com o do estado. Toda a massa das transacções e contendas da sociedade, sobre que os legisladores, estadistas e magistrados providencião e julgão, são os efeitos dos principios economicos, postos de si mesmo em sua execução, e influindo, com silente força, em todos os empregos, ajustes, e bens dos homens, desde a origem dos seculos, por invisivel operação da lei da natureza, pela qual todos vivem, multiplicão-se, e se esforção em prosperar, ainda que alias não tenham idéas claras dos elementos sociaes. Por se não haver

assaz attendido a isto, e muitos dos que se instruirão no direito não terem procurado adquirir vasta intelligencia em Economia Politica, com a applicação conveniente, é que superintendendo em repartições economicas, praticão procedimentos incompatíveis com o bem commum.

De que serve a jurisprudencia onde regulamentos economicos tirão ou afrouxão o interesse de trabalhar — onde não se facilita ao rico fazer credito ao pobre — onde a fé dos contractos honestos não é immaculada — onde não se deixa trabalhar no que o paiz tem especificas vantagens — onde o fructo dos trabalhos não tem o devido seguro e destino, &c., &c. ? Por não se ter considerado dignamente a Economia Politica, nem conhecido a sua influencia em todas as ramificações da tarefa nacional e social, é que se tem tratado o seu estudo com indifferença e desdem.

Sem bons principios economicos a sciencia da legislação é vão nome. Elles lhe dão a deviãa utilidade e efficacia.

Tambem uma das causas do pouco adiantamento e desfavor de tal estudo, tem sido o haver-se confundido a *Sciencia Economica* com a *Sciencia Politica*. Mas os seus objectos são distinctos. A sciencia economica destina manter e felicitar o maior possivel numero de homens em cada paiz, quanto o permitem as suas circunstancias, e o systema do universo.

A politica propriamente dita tem por objecto a *segurança e grandeza do estado*; a Economia Politica tem por objecto a *subsistencia e riqueza*, donde vem a população e prosperidade das nações. Além de que a politica é antes um systema de prudencia (e muitas vezes de ambição), com que os Soberanos contemporizão com as paixões e caprichos dos povos e governos, ou projectão alargar o estado por força ou intriga. O direito das gentes entra na sua provincia. Acresce que a Economia Politica tendê sempre a fazer prosperar as nações; mas a politica tem muitas vezes desacertado o seu alvo, e por erro de calculo tem trazido miseria e ruina aos paizes, onde a intelligencia, e consequentemente a justiça, não regula os actos da soberaniã. A Economia Politica enriquecendo o estado não só dá os meios de defesa, mas até repara muitos damnos da politica menos rectos.

Tambem, pelas circunstancias de cada estado, e suas relações com outros, ainda os mais illuminados Soberanos são obrigados a ter principios economicos menos liberaes, com sacrificio da riqueza nacional, attendendo á segurança do paiz. Por exemplo: sendo um estado cercado de povos inquietos e guerreiros, e de governos ambiciosos e violentos, é evidente, que o seu Soberano constitue-se em a necessidade de ter mais soldados e empregos relativos á defesa do paiz, e que alias muito diminuem as industrias mais opportunas á sua subsistencia e prosperidade. Por esta razão é que a Inglaterra sustenta o seu famoso *Acto de Navegação*, que alias *Smith* mostra ser desfavoravel á riqueza do paiz, mas que ~~faz~~ *é* indispensavel para a sua segurança.

D'aqui procede o dever-se distinguir a *Economia Politica Geral da Economia Politica Particular* de qualquer nação. Sem examinar as circunstancias de cada paiz, e do influxo, que na sua economia interior têm os Estados vizinhos, é inepta e te-

meraria a censura dos seus principios economicos praticos. Um paiz velho e populoso não pôde ter a mesma economia, que outro novo e deserto.

Não se deve d'ahi concluir que seja, inutil saber os principios fundamentaes da Economia Politica Geral, pois estes em si são firmes e immutaveis, como a lei da natureza, em que se fundão. Convém sempre que sejam o padrão, para onde se deve olhar em cada estado, afim de se approximar o governo á sua perfeição quanto permittir o lugar, tempo e opiniões.

Alguns extranharão, que ainda insista em theorias de prosperidade das nações, quando a historia, e o terrivel drama, que a Providencia faz ora passar na parte mais civilisada do mundo ante os olhos assombrados de tantos povos e governos, parece constituir visionaria toda a tentativa de melhorar a sociedade. Até *Smith* pensa que o periodo da prosperidade dos estados não vai além de dous seculos. Não posso assentir á opinião desse grande homem, quando do passado não agoira bem ao futuro. Jamais serei dos que legarão desesperação aos *Vindouros*. Deixo aos egoistas esse lugar commum dos poetas. (*) Seguirei o exemplo do celebrado Consul Romano, que, ainda depois da maior desgraça de sua patria, e geral desmaio dos concidadãos, disse no senado, que *não desesperava da fortuna do estado*. Eu tambem não desespero da fortuna do Imperio Lusitano, e do genero humano.

Ainda que seja impraticavel perfeita felicidade na vida presente, e é vão pretender completamente disciplinar as paixões humanas, e exterminar a da ambição de dominar, que é a mais furiosa e terrivel (**); contudo, como estas nascem de ignorancia, que perpetua a malicia, e que o progresso das luzes tende a diminuir por extremo; e, além disto, aspirem todos, por geraes instinctos e sentimentos de sociabilidade a melhorar de condição, e coexistirem pacificamente, e com mutua complacencia e alegria; é absurdo pensar que taes instinctos e sentimentos nos fossem dados pelo Author da Natureza, para nunca se realisarem. Não é menos absurdo pretender-se prosperidade, não se inquirindo e observando a lei cosmologica, que foi determinada para a subsistencia da ordem social, e que não tem sido bem conhecida e demonstrada. Não ha empenho mais digno dos homens do que o em que se faz esforço de entender tal lei, ou systema de leis, com que o Author da Natureza constituiu a sociedade, e lhe destinou a possivel bemaventurança, ainda neste valle de nossa peregrinação, dando-nos a esperança de realisa-la completamente na *outra e melhor vida futura*, segundo a frase do grande e pio mestre *Smith*, que me servio de principal guia nas discussões economicas, posto discorde delle no que entendi ter por mim a verdade, segundo a lição do celebrado discipulo de Platão.

Aos que dão o ridiculo á toda a esperança, e porfia de melhorar a humanidade,

(*) *Ætas parentum pelor
Tullit nos nequiores avis,
Mox daturus progeniem villosiorem.*

HORAT.

(**) *Libido dominandi cunctis affectibus flagrantior.*

TACITUS.

respondo com Demosthenes, quando via a Grecia invadida por Felipe de Macedonia, e estremecia do imminente perigo de Athenas — Se as nações tivessem feito o que se deveria fazer, e tivesse comtudo acontecido a ruina, nada haveria que esperar: mas, como se tem até agora praticado contra o que a razão dicta para o bem geral, deve estar inteira e firme a esperança de prosperidade publica.

Francisco Bacon, barão de Verulam, e visconde de S. Albano, um dos maiores, genios, que tem honrado a especie humana, e que com o seu novo orgão das sciencias deu tão espirital sopro ás sciencias na Europa, dirigindo as nações principalmente para os estudos das leis da natureza, apontou tres grãos de ambição nos homens: o 1º, é engrandecer o seu poder no proprio paiz, o que é uma paixão baixa e degenerada; o 2º, alargar o poder e o imperio da sua nação sobre as outras nações; o que é pensamento mais nobre, ainda que não menos injurioso: 3º, extender o imperio do genero humano sobre o universo visivel. Esta ambição (diz elle), se merece tal nome, é a mais util e nobre. Mas tal imperio só se póde fundar nas artes e sciencias, que habilitão aos homens a imitar as obras da natureza, e dominar sobre a mesma; e esta não póde ser bem imitada e commandada, senão obedecendo-se ás suas leis. Aquelle grande homem confessou ser essa a sua ambição; e que, se os chamados heróes da terra tinham posto a sua honra em levantar estatuas, pyramides, mausoleos, e outros monumentos de vaidade; elle se empenhava em levantar um templo á sciencia.

Os dotados d'alto engenho, e que estão em pontos e postos de influir em maior esfera no bem da nação e sociedade, devem mostrar força de caracter e vigor de animo em estabelecer profundos alicerces da felicidade publica, construindo um edificio de architectura solida, ainda contra os juizos do vulgò, que é, por ignorancia, o defensor do seu mal.



O GIGANTE DE PEDRA.

O'guerriers, ne laissez pas ma dépouille au corbeau!
 Ensevelissez moi parmi des monts sublimes,
 Afin que l'étranger cherche, en voyant leurs cimes,
 Quel montagne est mon tombeau!

V. HUGO. — LE GÉANT.

I.

Gigante orgulhoso de fero semblante
 N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
 Em duro granito repouso o gigante
 Que os raios sómente poderão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
 Devera cuidadoso, sanhudo velar;
 O raio passando o deixou fulminado,
 E á aurora que surge não ha de acordar!

Co'os braços no peito crusados nervosos,
 Mais alto que as nuvens, os céos a encarar,
 Seu corpo se estende por montes fragosos,
 Seus pés sobranceiros se arrojo do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
 Avultão immensos: só Deos poderá
 Rebelde lança-lo dos montes erguidos
 Curvados ao peso que sobre lhe está.

E o céo, e as estrellas, e os astros fulgentes
 São velas, são tochas, são vivos brandões,
 E o branco sudario são nevoas algentes,
 E o crepe que o cobre são negros bulções.

Da noite que surge no manto faguciro
 Quiz Deos que se erguesse, de junto a seus pés,
 A cruz sempre viva do sul no cruseiro,
 Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumão—no odores que as flôres exhalão,
 Bafejão—no os carmes d'um hymno de amor
 Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalão,
 Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha deitado dormido
 Campeia o gigante, — nem pôde acordar! —
 Crusados os braços de ferro fundido,
 E a fronte nas nuvens, e os pés sobre o mar!

II.

Banha o sol os horizontes,
 Trepã os castellos dos céos,
 Aclara serras e fontes,
 Vigia os dominios seus,
 Já descahe p'ra o occidente
 E em globo de fogo ardente,
 Vai-se no mar esconder:
 E lá campeia o gigante
 Sem destorcer o semblante,
 Immoval, mudo, a jazer!

Vem a noite após o dia,
 Vem o silencio, o frescor,
 E a brisa leve e macia
 Que lhe suspira ao redor;
 E da noite entre os negros
 Das estrellas os fulgôres

Brilhão na face do mar ;
 Brilha a lua scintillaute ,
 E sempre mudo o gigante ,
 Immovel , sem acordar !

Depois outro sol desponta :
 E outra noite tambem ,
 Outra lua que ao céu monta ,
 Outro sol que após lhe vem !
 Após um dia outro dia ,
 Noite após noite sombria ,
 Após a luz o bulcão ;
 E sempre o duro gigante ,
 Immovel , mudo , constante ,
 Na calma e na cerração !

Corre o tempo fugidio ,
 Vem das aguas a estação ,
 Após ella o quente estio ,
 E ainda após o verão ;
 Crescem folhas ; vingão flôres
 Entre galas e verdores ,
 Sazonão-se fructos mil ,
 Cobrem-se osprados de relva ,
 Murmura o vento na selva ,
 Azulão-se os céos de anil !

Tornão prados a despedir-se ,
 Tornão flôres a murchar ;
 Tornão de novo a vestir-se ,
 Tornão depois a secar ;
 E como gotta filtrada
 De uma abobeda escavada
 Sempre, incessante a cabir,
 Tombão as horas e os dias ,
 Como phantasmas sombrias ,
 Nos abysmos do porvir !

E no feretro de montes
 Inconcusso , immovel , fito ,
 Escurece os horizontes

O gigante de granito:
 Com soberba indiferença
 Sente extincta a antiga crença
 Dos tamoyos, dos pagés;
 Nem vê que duras desgraças,
 Que lutas de novas raças
 Se lhe atropellão aos pés!

III.

E lá na montanha deitado dormido
 Campeia o gigante! — nem póde acordar! —
 Crusados os braços de ferro fundido,
 E a fronte nas nuvens, e os pés sobre o mar!

IV.

Vio primeiro os incolas
 Robustos das florestas,
 Batendo os arcos rigidos,
 Traçando homereas festas,
 A luz dos fogos rutilos,
 Aos sons do *murmuré*:
 E em Guanabara esplendida
 As danças dos guerreiros,
 E o *guau* cadente e vário
 Dos indios presenteiros,
 E os cantos da victoria
 Tangidos no *boré*!

E das igaras concavas
 A frota aparelhada,
 Vistosa e formozissima
 Cortando a undosa estrada,
 Sabendo mas que frageis
 Os ventos contrastar:
 E a caça leda e rapida

Por serras, por devezas,
 E os cantos da janubia
 Junto as lenhas accesas,
 Quando o tapuya misero
 Seus feitos vai cantar.

E o germen da discordia
 Crescendo em duras brigas,
 Ceifando os brios rusticos
 Das tribus sempre amigas,
 Tamoy — a raça antiga,
 Feroz Tupinambá!

Lá vai a gente improvida,
 Nação vencida, imbelle,
 Buscando as matas invias
 Donde outra tribu a expelle:
 Jaz o pagé sem gloria,
 Sem gloria o maracá!

Depois em náos flammivomas
 Um troço ardido e forte,
 Cobrindo os campos humidos
 De fumo e sangue e morte,
 Traz dos reparos horridos
 De altissimo pavez;

E do sangrento pelago.
 Em miseras ruinas
 Surgir galhardas, limpidas,
 As portuguezas quinas,
 Murchos os lises candidos
 Do impavido gaulez!

V.

Mudárão-se os tempos e a face da terra!
 Cidades alastrão o antigo paul;
 Mais inda o gigante que dorme na serra
 Se abraça ao immenso cruceiro do sul.

GUANABARA.

67

Nas duras montanhas os membros gelados,
Talhados á golpes d'ignoto buril,
Descança, ó gigante, que encerras os fados,
Que os terminos guardas do vasto Brasil.

Porém se algum dia fortuna inconstante
Poder-nos a crença e a patria acabar,
Arroja-te ás ondas, ó duro gigante,
Inunda estes campos, desloca este mar!

Outubro de 1843.

A. GONÇALVES DIAS.

— ASTORIA —

HISTORIA PATRIA.

**Reflexões sobre os Annaes Historicos do Maranhão por
Bernardo Pereira de Berredo.**

(Continuação.)

A população, graças á amenidade do clima, devia crescer rapidamente, e foi mister que houvesse uma grande scisão. Eis os Tupinambás e os Tupinikins, conservando no seu nome a raiz Tupi, que apparecem bem longe do Amazonas. Elles resurgem em Pernambuco, caminhando para o sul.

Alguns delles, ou por mais aventureiros, ou porque ainda fosse mister nova scisão, caminharão ainda mais para o sul e ahí fundarão as suas tabas. São os *Tamoios* (*). Elles fallavão a lingua tupi, e o seu nome, que indica serem elles o tronco de todas as tribus, não serviria senão para designar a tribu primitiva vinda das partes do norte. Apparecem já no Rio de Janeiro e levão a mesma direcção.

Mas outras nações, descidas dos Andes, aqui se vinhão estabelecer, fugindo ao dominio dos Incas. Testemunhas da civilisação nascente do Perú, admiradores, máo grado seu, dos progressos que lá tinha feito a civilisação, com saudades das terras onde tinham nascido, e donde só a força os tinha desalojado, vem delles sem duvida a tradição indiana de que o paraiso ficava além dos Andes. — São estes os *Goitakases*, cujo nome tanto vale como se dissessemos — homens que vem das florestas. Encontrados com os Tamoios, e talvez já então com os Tupinambás, forão recalcados para as florestas, e dahi vem que nunca perdêrão o nome: — homens que vem das florestas ou que vivem nas florestas — isto é — longe das praias — podia entre elles exprimir a mesma cousa.

Novas levas de Indios partirão daquelle viveiro do Amazonas; estabelecêrão-se no Ibyapaba e dahi passarão a Pernambuco. São os Tobajaras. Os Potiguaras são tribus desta grande familia. — Encontrando os Tupinambás em Pernambuco, foilhes mister conquistar para se estabelecerem, — e dahi o nome que tomárão de senhores das aldéas — ou tambem de senhores do rosto da terra ou da beira-mar, como quer o P.^o Vasconcellos.

(*) Tamuya quer dizer ayós.

Os Tupinambás, expulsados de Pernambuco, deverião procurar novas terras onde vivessem: estão cortados pelo norte, e assim caminharão para o sul, até encontrar com os Tamoios, ou melhor — Tamuyas, cujos costumes se haverião alterado com o isolamento em que vivião, com a mudança de clima e com o differente aspecto da natureza. — De Tamuyas fizerão os Tupinambás — *Tapuyas*, isto é — barbaros, inimigos.

Eis pois as raças do Brasil: —

Tupis, Tamoios, Tupinambás, Tupiaikins, Tymbiras, Tobajaras, &c. Descendem todas do mesmo tronco, fallavão dialectos da mesma lingua — e vivião a beira-mar.

Goitakases, Aymorés, Crameerans ou Botocudos — erão talvez outras tantas raças, vierão do Perú e habitavão os sertões. Goitakases já sabemos o que exprime, — os Aymorés tinham medo d'agua, o que prova quão pouco afeitos estavam á vista do mar. — Os Crameerans são duros, asselvajados e como que invecidos por continuados revézes.

Quando os Portuguezes, envidando todos os seus esforços, quizerão assentar na Bahia a cabeça do novo estado, os Indios forão, por assim dizer, cortados violentamente em duas partes. Os que ficárão ao sul da Bahia recuarão ainda mais para o sul, até que por fim, com a criação de novas capitancias, houverão de se embrenhar tambem como os Goitakases, e forão pleitear com estes povos os sertões de que tantos annos havia se achavão de posse. Os que ficárão para o outro lado forão recuando ainda mais para o norte em procura daquellas selvas do Maranhão e Amazonas, de que lhes teria ficado a tradição (*). Ali tinham maior copia de alimentos, sitios mais defensaveis, mais segurança de vida. Forão todos indistinctamente, porque para ali os guiava o instincto da conservação, e estabelecêrão-se onde foi depois o estado do Maranhão, então desoccupado de Portuguezes e inculto muitos annos depois.

Ao primeiro repique deste retrocesso de população, os Tupis pacificos, inoffensivos e pouco aguerridos, sobretudo contra os homens que se havião acabado de ensaiar em novas artes de guerra, renderão-se e desmembrárão-se. Começarão então a sua lenta peregrinação por entre todas as tribus desta grande porção da America, porque, não podendo viver como nação, carecêrão de viver como cantores — classe respeitada por todos os indigenas: tinham conservado a lingua primitiva em toda a sua pureza, erão o deposito das suas tradições, dos seus ritos, da sua religião, erão por assim dizer poetas por nascimento, e deste unico privilegio se valião.

No Estado do Maranhão, que então comprehendia Ceará, Maranhão, Pará e Piauh, foi onde se reunirão os fragmentos de todas as tribus dispersas — e foi este o lugar das suas ultimas trincheiras. Encontrámos no Ceará os Tobajaras, em Mara-

(*) Quando os Portuguezes conquistárão as terras de Pernambuco, desenganados os Indios Tupinambás que não podião prevalecer contra as nossas armas, uns delles se sujeitarão ficando em suas terras; outros com mais generosa resolução, e determinados a não servir, se metterão pelo sertão, onde ficarão muitos: outros cahindo para a parte do mar, vierão sahir ás terras do Maranhão, e ali como soldados tão exercitados com mais poderoso inimigo fizerão facilmente a seus habitantes o que nós lhes tinhamos feito.

tante estimação dos mesmos conquistadores, que depois de sua entrada até aquelle tempo erão mortos dos ditos Indios mais de dous milhões d'almas; donde se deve notar muito duas cousas. A primeira, que todos estes Indios erão naturaes daquellas mesmas terras, onde os achamos, com que se não pôde attribuir tanta mortandade á mudança e differença de clima, senão ao excessivo e desacostumado trabalho, e á oppressão com que erão tratados. A segunda . . . que forão infinitos os cativos . . . e tudo se consumio em tão poucos annos!

« Seja a ultima maxima a causa unica de toda esta destruição e miseria, a qual não foi nem é outra que a insaciavel cobiça e impiedade daquelles moradores, e dos que lá os vão governar, e ainda de muitos ecclesiasticos que sem sciencia nem consciencia ou julgão licitas estas tyrannias ou as executão como se o fossem, não valendo a muitos dos tristes Indios o serem já christãos ou vassallos do mesmo rei para não assaltarem suas aldêas, e as trazerem inteiramente cativos, sem mais direito (como eu o ouvi aos mesmos capitães daquellas tropas) que o de poderem mais que elles. E nem era possível, e nem parece o será, que a justiça divina não acuda por sua providencia, e que o castigo de um estado fundado em tanto sangue innocente pare só na presente miseria. »

Mas se algum erro se podia ter introduzido nestes fragmentos, que forão depois impressos e collegidos pelo seu biographo — André de Barros, — não foi senão com toda a circumspecção e verdade que o P.^o Vieira escrevia a D. Afonso VI sobre as cousas do Maranhão (*).

« As injustiças e tyrannias que se tem executado nos naturaes destas terras exceedem muito as que se fizerão n' Africa : em espaço de quarenta annos se matárão e se destruírão por esta costa e sertões mais de dous milhões de Indios, e mais de quinhentas povoações, como grandes cidades, e disto nunca se vio castigo. Proximamente, no anno de 1655, se cativárão no Rio das Amazonas dous mil Indios, entre os quaes muitos crão amigos e alliados dos Portuguezes e vassallos de V. M., tudo contra a disposição da lei, que veio naquelle anno a este Estado, e tudo mandado

(*) Carta do P.^o Vieira de 20 de Abril de 1657. A Bulla Immensa pastorum princípis—dada por Benedicto XIV a 20 de Dezembro de 1741 diz assim: Da mesma sorte vos é bem manifesto, com quantas dadivas, com quantos benefícios, com quantos privilegios, com quantas prerogativas se procurou sempre successivamente alliciar os infieis para que abraçassem a religião christã, e para que permanecendo nella com boas obras de piedade, consigão a salvação eterna. Por isso não podemos ouvir sem dôr gravissima do nosso paternal animo que depois de tantas admoestações da Apostolica providencia, dos romanos pontifices nossos predecessores, e depois da publicação das constituições em que ordenárão que se devia socorrer os infieis no melhor modo; prohibindo debaixo de severissimas penas e censuras ecclesiasticas, que se lhes fizessem injurias, que se lhes dessem açoltes, que fossem mettidos em carceres, que os sugertassem a escravidão, e que se lhes maquinasse ou fosse dada morte, tudo o referido não obstante, se achão *ainda agora* (principalmente nessas regiões do Brasil) homens que fazendo alarde da fé catholica vivem tão inteiramente esquecidos pela caridade infusa pelo espirito santo nos nossos corações e sentidos que reduzem a cativo, vendem como escravos, e privão de todos os seus bens não só os miseraveis Indios que ainda não alumiou a luz do Evangelho, mas até aos mesmos que já se achão baptisados e habitão nos sertões do mesmo Brasil. . . . atrevendo-se a trata-los com uma deshumanidade tal, que apartando-os de virem buscar a fé de Christo, os fazem antes endurecer no odio que contra ella concebem por aquelles motivos.

obrar pelos mesmos, que tinham maior obrigação de fazer observar a mesma lei; e tambem não houve castigo, e não só se requereu diante de V. M. a impunidade destes delictos, senão licença para os continuar.

« Dirão por ventura (como dizem) que destes cativeiros, na fórma em que se fazião, depende a conservação e augmento do Estado do Maranhão; e isto, Senhor, é herezia. Se por não fazer um peccado venial se houver de perder Portugal, perca-o V. M. e dê por bem empregado tão gloriosa perda; mas digo que é herezia ainda politicamente fallando, porque sobre os fundamentos da injustiça nenhuma cousa é segura nem permanente; e a experiencia o tem mostrado neste mesmo Estado do Maranhão, em que muitos governadores adquirirão grandes riquezas, e nem um delles as logrou, nem elles se logrãrão, nem ha cousa adquirida nesta terra que permaneça, como os moradores della confessão, nem ainda que vá por diante, nem negocio que aproveite, nem navio que aqui se faça que tenha bom fim, porque tudo vai misturado com o sangue dos pobres, que está sempre clamando ao céu (*). »

Foi considerando todos estes factos, foi vendo quão grande era a injustiça que com os Indios se praticava, foi presenciando a sua miseria e ruina, que ao P.^o Vasconcellos escapou aquella, não confessada, mas reconhecida verdade, que uma só vez lêmos em suas obras: — A nossa real cobiça! — escrevia elle em letras majusculas. E não era tanto o sentimento evangelico do sacerdote que lhe arrancava esta sentida exclamação; era antes o patriotismo portuguez que se indignava de ver quantas e quão grandes cousas tão desastradamente se perdião por inepecia de todos em proveito de tão poucos.

Era isto o que deveriamos estudar, porque, nós o repetimos, a historia e a poesia do Brasil está nos Indios.

Depois, pesando os nossos successos, veriamos qual tem sido o nosso infortunio, e que nenhum azar nos tem acontecido, que nenhum passo temos dado que não seja novo infortunio e nova miseria. Veriamos como de Estado passámos a capitania secundaria, e como de capitania secundaria fomos reduzidos a infima provincia. — Veriamos como todos estes factos se tem encadeado — o naufragio do armamento de João de Barros, que afundou tantos recursos, a expulsão dos Francezes que levou comsigo tantas esperanças, e a invasão dos Hollandezes que estragou tantas fortunas. — Assistiriamos á criação do estanco, ou ao monopolio do commercio de importação e de exportação, — á introdução de Africanos ou ao trafico da carne humana e á expulsão dos Jesuitas ou á proscricção de todos os sentimentos religiosos; e diremos então com o grande prégador do seculo XVII que tambem foi um grande politico: « Não é possivel que o castigo de um Estado fundado em tanto sangue innocente pare só na presente miseria. »

(*Continúa.*)

A. GONÇALVES DIAS.

(*) Tal era o modo com que erão tratados que allí não havia nem podia haver ou propagação da fé ou communicação das gentes, ou administração das justicas, ou agricultura ou commercio, ou cousa que fosse util a religião, ao reino, aos mesmos Estados e seus habitantes ou ainda a conservação da humanidade d'aquelles infelices vaasallos da corôa e de Portugal. — *Deduc. chron. tom. 1 pag. 307.*

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO.

Sessão do dia 15 de Dezembro.

Havíamos annuciado, no nosso numero transacto, que a Munificencia Imperial mandara construir a novo uma sala no Paço para as sessões ordinarias do Instituto; assim como dado algumas indicações da sua extensão e largura.

Este valioso presente se acha complecto: a bibliotheca, museu e manuscriptos da associação se achão com a possivel perfeição em seus lugares, e o resto acabado de uma maneira normal.

No dia 15 de Dezembro de 1849 se annunciou a primeira sessão do Instituto no seu novo lugar, e á hora costumada comparecerão os socios habituaes.

As 5 horas e tres quartos se abriu uma das portas que dá ingresso para o interior do Paço Imperial, e immediatamente appareceu Sua Magestade o Imperador: todos os socios presentes o forão receber, como lhe é dividido, Sua Magestade tomando a cadeira da presidencia, ordenou que se abrisse a sessão.

O Exm. Sr. senador Candido José de Araujo Vianna, dirigindo-se a Sua Magestade, pronunciou o seguinte discurso:

« SENHOR.— O Instituto Historico e Geographico Brasileiro em acto solemne, e no dia o mais fausto aos Brasileiros, deu já, pelo orgão do seu orador vice-presidente, publico testemunho de profundo reconhecimento pela mercê, que só a impulsos da imperial munificencia, e do amor das letras, aprouve a V. M. I. fazer-lhe, designando no Paço Imperial, e mandando entregar-lhe prompta, e convenientemente alfaiada esta sala para as suas sessões ordinarias, e para a bibliotheca e archivo. Agora, Senhor, o Instituto honrado com a presença de V. M. I., que para cumulo de favores, se digna de assistir a esta primeira sessão aqui celebrada, rende por tão ponderoso motivo novas graças a V. M. I.

Muitos são os beneficios, que da liberal mão de V. M. I. tem recebido o Instituto; e todos de subido quilate: mas o que V. M. I. acaba de outorgar, é, no meu conceito, de um alcance extensissimo a prol dos estudos historicos, e geographicos, e a prol talvez dos de toda a litteratura brasileira, que o Instituto poderá abranger um dia, alargando no futuro o circulo de suas investigações.

Em verdade, Senhor, esta como-filiação, que V. M. I. faz do Instituto em sua imperial casa, a honra, cuja repetição elle respeitosa supplica, de ver testemunhado em sessão ordinaria, e de perto apreciado por V. M. I. o procedimento

dos associados no desempenho dos deveres a que se ligarão, não podem ser alavanca poderosa, que dê movimento extraordinario á patriotica empresa, a que nos compromettemos ?

Eu assim o espero ; os membros do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, continuando os arduos trabalhos, hão de requintar em zelo, para de algum modo corresponderem ás paternaes intenções de V. M. I., e á solicitude, com que V. M. I. incessantemente promove tudo quanto concorre para a prosperidade e esplendor da nação. »

Ao qual Sua Magestade se dignou de responder da maneira seguinte :

« Srs. — Penhorado sobremaneira dos sentimentos de dedicação, e respeitoso reconhecimento, que me manifestaes, por intermedio do vosso presidente, ainda em signal de minha gratidão, e como primeiro socio, e primeiro interessado no progresso do Instituto, não posso deixar de fallar-vos um pouco d'este Estabelecimento, ou antes de sua Revista, indeclinavel testemunho do que houverdes feito a bem da Historia e Geographia do Brasil.

Sem duvida, Srs., que a vossa publicação trimensal tem prestado valiosos serviços, mostrando ao velho mundo o apreço, que tambem no novo merecem as applicações da intelligencia ; mas para que esse alvo se attinja perfeitamente, é de mister que não só reunaes os trabalhos das gerações passadas, ao que vos tendes dedicado quasi que unicamente, como tambem, pelos vossos proprios, torneis aquella a que pertenceo, digna realmente dos elogios da posteridade : não dividi pois as vossas forças, o amor da sciencia é exclusivo, e, concorrendo todos unidos para tão nobre, util, e já difficil empresa, erijamos assim um padrão de gloria á civilização da nossa patria.

Congratulando-me desde já comvosco pelas felizes consequencias do empenho, que contrahis, reunindo-vos em meu palacio, recomendo ao vosso presidente que me informe sempre da marcha das commissões, assim como me apresente, quando lhe ordenar, uma lista, que espero será a geral, dos socios que bem cumprem com os seus deveres ; comprazendo-me alías em verificar por mim proprio os vossos esforços, todas as vezes que tiver a satisfação de tomar parte em vossas locubrações.

Ardua é a tarefa que emprehendestes, Srs., mas, por meio de vossa constancia, alcançareis a palma da victoria, e as recompensas devidas aos amigos das letras, coroando tantas fadigas, despertarão ainda mais os vossos brios. »

Depois de tão honrosas e animadoras expressões, o Sr. Manoel Ferreira Lagos, secretario perpetuo, passou a lêr uma proposta assignada por elle e pelo vice-presidente e orador, Manoel de Araujo Porto-Alegre, na qual se pedia ao Instituto o seguinte : que se lavrasse uma acta solemne d'aquella sessão, e que, depois de assignada por todos os socios presentes, fosse collocada na sala das sessões ; e que o Instituto mandasse gravar uma medalha para mais perpetuar aquella facta tão honroso para a historia das letras brasileiras.

Feita a leitura do expediente, Sua Magestade prôcurou informar-se do estado da sociedade, não só relativamente a seus trabalhos scientificos, como tambem do estado financeiro; e depois de satisfeito, passou a distribuir os seguintes pontos, já approvados em sessões anteriores:

Ao Sr. Antonio Gonçalves Dias:

« Comparar o estado physico, intellectual e moral dos indigenas da quinta parte do mundo com o estado physico, intellectual e moral dos indigenas do Brasil, considerados uns, e outros na época da respectiva descoberta, e deduzindo desta comparação quaes offerecião nessas mesmas épocas melhores probabilidades á empreza da civilização. »

Ao Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro:

« Que usos, costumes, palavras, e phrases dos incolos do Brasil andão hoje no trato commum da sociedade polida dos Brasileiros. — »

Ao 2.º secretario, o Sr. Dr. Francisco de Paula Menezes:

« O estudo, e imitação dos poetas românticos promove, ou impede o desenvolvimento da poesia nacional? »

E ao Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva:

« O descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou teve elle alguns indicios para isso? »

Suspendeu-se por algum tempo a sessão, que começára ás 5 1/2 horas da tarde, e durante esse intervallo S. M. occupou-se em conversar com varios dos membros presentes, sobre assumptos relativos á instituição, e ás 9 horas e meia retirou-se, sendo acompanhado até á porta por toda corporação.

Abriu-se a pagina d'ouro da época actual; o primeiro e o mais vivificante raio da luz creadora derramou o seu benigno insulfo; a existencia das letras prosegue d'ora avante com uma nova vida, superior á comprehensão do passado, e acima de todos os factos d'este genero nos dous mundos, que fallão a lingua do Camões.

O anno de 1849 foi sellado com este grande e notavel acontecimento, que na vida do Sr. D. Pedro II será sempre olhado com admiração pela posteridade: a emancipação do litterato está consumada, as suas lucubrações recompensadas, e a sua jerarchia collocada no devido gráo, que as sociedades civilisadas costumão marcar-lhe.

Ao litterato já não pertence essa existencia secundaria na ordem social, essa vida de um crepusculo que só depois da morte se devia engrandecer: os serviços intellectuaes do ministerio das idéas forão nivelados com os outros elementos civilisadores, e a sua gloria igualada a do general, do magistrado e do estadista; os elos da cadêa civilisadora se achão entrelaçados fraternalmente, e caminhando para a mesma direcção. Este triumpho tão solemne, e que tanta luz vai derramar sobre a historia da America, é equivalente áquella lei providencial, áquella revindicação que pelos actos da posteridade o tempo concede ao genio.

O seculo que é testemunha de semelhantes actos é muito mais nobre do que aquelle que ergue estatuas e mausoleos á memoria dos benemeritos, que houverão em

premio de seus trabalhos, se não a persiguição, ao menos a indifferença contemporanea: os cenothaphios erigidos após a sepultura, e quando já não resta do homem vestigio algum de sua mortalidade, são como uma expiação da humanidade, são como uma vingança postera dos soffrimentos e das injustiças que colhera no meio dos seus.

O egoismo e todas as suas filiações pertencem ao presente de todas as gerações; a posteridade é de uma imparcialidade constante para com o passado: é o tribunal da civilisação, e a depositaria que enthesoura todas as riquezas que lhe forão legadas por seus antepassados: a severidade contemporanea é adoçada pela indulgencia dos vindouros: o trabalho do homem de genio é como um monumento visto ao longe: admira-se a sua massa imponente, a harmonia de suas linhas geraes, os contornos de suas partes, sem se descer a analyse microscopia de seus mais pequeninos detalhes. A posteridade accceita a obra como uma herança pingue, estima-a; e a considera como producto de uma mão desconhecida que a mimoseára: não ha mais o individuo, não ha mais o terrivel eu, que é o germen de todas os senões das obras humanas.

As nações que conquistão uma parte do que pertence ao futuro, e que d'est'arte encurtão os tempos, e apressão as recompensas, são verdadeiramente civilizadas: o homem, ou o povo que pröcrastina a justiça, e que deixa ao futuro o remate de uma boa obra, que estava em seu poder acabar, engana-se a si mesmo, e nunca attinge áquelle grão de perfectibilidade que lhe é dado, e para o qual deve marchar sem parar.

A pagina d'ouro do livro da gloria, da legitima e modesta gloria, está aberta.

E quem é este Messias de nova especie, que no meio do positivismo do seculo, marcha triumphante, e escoltado de tantos idealistas; quem é esse homem notavel, essa especie de semideos, que se eleva tão alto, e despede da sua fronte olympica a luz da civilisação, e illumina o escuro canto do sabio com o clarão de sua magestade, e o mostra aos outros homens nos bancos da gloria; quem é este americano, que desce do solio augustó, e depõe todos os attributos da magestade para sentar-se no recinto da intelligencia, irmanar todas as cathogorias civis, collocar-se no coração do philosopho, nos labios do poeta heroico, e nas paginas do historiador, escurecendo a gloria de muitos de seus antepassados, e conquistando uma nova, tão grande como o novo mundo em que nascera?

Quem é este novo filho do céu, que começa a colher todos os epithetos consagrados aos homens que fizerão as delicias da humanidade?!

O IMPERADOR.

A manhã, quando a nova Fama das cem bocas, a imprensa, tiver espalhado do Prata ao Amazonas as vozes do Soberano do Brasil, o litterato, té agora collocado na esteira secundaria da ordem social, se erguerá da mesa, tendo na mão as suas obras, olhará em torno de si, e dirá como Corregio á vista de um quadro de Ra-

phael: — *Anch'io sono pittore*: tambem eu sou homem ; tambem eu me posso sentar diante do Soberano ! — As minhas obras são os meus titulos de nobreza.

Certamente, que poucas emoções havemos experimentado em uma vida errante, de extasis e de contemplação, como a do dia 15 de Dezembro de 1849!

Um novo ser se despertou em nossa alma ; sentimos um justo orgulho de pertencer a uma nação que é dirigida por um Principe que tão nobre e espontaneamente se desenvolve ; e que planta com a sua propria mão as balisas d'esse futuro que havíamos entrevisto nos nossos sonhos dourados, e nos anhellos mais puros e mais cordiaes do nosso patriotismo.

Ah ! não ; não foi tempo perdido para o Brasil e para a gloria, aquellas horas empregadas tão dignamente, e que tanto hão de fructificar : o Sr. D. Pedro II conquistou em tres horas tres seculos de immortalidade.

PORTO-ALLEGRE.

ACADEMIA DAS BELLAS ARTES.**Exposição publica do anno de 1849.**

Em 12 de Agosto de 1816, o Sr. D. João VI assignou o Decreto, que lhe apresentou o conde da Barca, para a fundação da Academia das Bellas Artes do Rio de Janeiro; dez annos depois, no dia 5 de Novembro de 1826, o visconde de S. Leopoldo abriu as portas d'aquelle estabelecimento á mocidade: o Fundador do Imperio e a santa Imperatriz ennobrecêrão com suas presenças essa inauguração solemne, que foi saudada pelo padre Raphael Soyé, secretario da casa: e tambem foi pela ultima vez que os Brasileiros virão em publico aquella princeza, cujas luzes e caridade tanto esplendor derramarão no throno brasileiro.

Abriu-se a Academia, mas debaixo de sinistras apprehensões: a colonia artistica, que viera da França, tinha perdido M.^r Lebreton, seu director, e ganhado no espaço de dez annos de espera o natural torpôr que causão sempre todos os addiamentos e delongas para a realisação de um pensamento. A morte do conde da Barca deixou em orfandade aquelles artistas, que vierão para a America com nobilissimas intenções, pois quasi todos tinham já um nome no seu paiz natal, e em nada se mostravão aventureiros.

Para fazer umas figuras de barro para o Paço de S. Christovão se mandou buscar ao Porto um esculptor por nome João Joaquim Alão; e para illustrar com desenhos as traduções de Targini, veio de Lisboa um pintor chamado Henrique José da Silva.

O esculptor, que ouvira algumas lições de Vieira Portuense, não era destituído de talento, mas faltavão-lhe certos conhecimentos estheticos, proprios para o ensino cathedratico; era bom homem, e tinha optimos desejos; porém o pintor, que o não alcançava como artista, era homem mais habil no manejo da vida, e conhecia as mólas secretas da maquina governamental para por ellas subir e galgar todos os favores imaginaveis.

A estes dous homens se veio unir um marceneiro, chamado Cavouré, que debaixo do titulo de architecto, foi aqui bem recebido e nomeado architecto da cidade. A formação deste triumvirato singular, levantou uma barreira á consumação da Academia artistica: o pintor e o novo architecto, altamente protegidos, procurarão fazer tudo o que é possivel para destruir não só aquelle pensamento, como abalar a reputação dos mestres que vierão para tão nobre missão.

Nomeado Henrique José da Silva director da nova Academia, os professores francezes se ressentirão de um tão injusto proceder: havia na colonia trez homens de um merito superior: M.^r Debret, pintor historico, discipulo de David, M.^r Taunay, pintor de batalhas e paizagens, e M.^r Grandjean, architecto, discipulo de Percier e Fontaine. M.^r Taunay era já membro do Instituto Real de França, e os seus dous collegas em breve o serião se tivessem ficado na Europa.

Estes trez varões, que possuem bens da fortuna, e que erão homens de uma reputação firmada, forão despresados pelo governo de então, para a direcção da Academia que vierão fundar, e preteridos por Henrique, cujo talento lhes era muito inferior. M.^r Taunay, se retirou; Debret ficou para desenhar e escrever a sua viagem, e M.^r Grandjean por ter gasto o que tinha em uma propriedade, que a todo o custo não ponde vender como lhe convinha.

Quando em 1827 nos matriculamos na Academia das Bellas Artes, já aquella malhadada casa era um cahos incomprehensivel de desordem e de odios reciprocos.

A placida constancia de M.^r Debret, á importancia que lhe grangearão seus talentos e suas virtudes se deve alguma cousa do seu progresso: nada ha mais pernicioso para um estabelecimento do que entrega-lo a um homem sem talentos, sem patriotismo, e cívado de uma vaidade infundada, que o traz n'um continuo sobresalto, e o colloca em uma posição falsa, que para a sustentar lhe é preciso todos os recursos da mentira e da astucia.

Henrique não podendo ferir os mestres, feria o ensino, entravava o seu andamento: fortemente protegido, levou aquelle estabelecimento de rastros até o anno de 1829, no fim do qual M.^r Debret nos mandou, em seu nome, pedir ao Exm.^o Sr. senador José Clemente Pereira a permissão de fazer uma exposição publica dos trabalhos da sua aula.

O director Henrique fez tudo o que estava a seu alcance para embaraçar este acto do governo, mas baldadas forão todas as suas tentativas.

A M.^r Debret se unio M.^r Grandjean, e com as obras dos dous e de seus discipulos se fez a primeira exposição publica da Academia das Bellas Artes, á qual concorrêrão varias pessoas.

No seguinte anno, igualmente alcançamos do Exm.^o Sr. conselheiro d'estado, Maia, o mesmo favor: o cathalogo, que á sua custa mandou imprimir M.^r Debret n'aquelle anno, mostra que a classe de pintura exposera cincoenta e cinco trabalhos differentes; que a aula de paisagens doze; a de architectura cincoenta e dous, e a de escultura onze: o director, que era professor de desenho, não quiz se unir aos outros mestres, mas, forçado pelas circumstancias, abriu a sua aula e expoz tambem as suas obras e as de seus numerosos discipulos: e elle tinha razão!

Neste anno de 1849 se cômplectão vinte annos desde o dia da primeira exposição.

O anno de 1831 foi o que todos sabemos; e a 25 de Julho, sahio pela barra fóra M.^r Debret, tendo quasi perdido 16 annos de sua vida em um paiz que o não soube aproveitar, e que desconheceu todo o alcance do seu merito, e o quanto aquelle virtuoso varão, honra da nação franceza, poderia influir para o progresso das Bel-

las Artes em um paiz, que elle amava, como um artista costuma amar a gloria perduravel.

De 1831 a 1834 a Academia viveu n'uma apparente somnolencia para o publico e para o governo, até que por morte de Henrique José da Silva teve de nomear a M.^r Grandjean para director, de cujo cargo se escusou por justissimos motivos.

Passou então a nomear o actual director, que alguma cousa tem feito a favor do material do estabelecimento.

Ao Exm.^o Sr. conselheiro d'estado Manoel Antonio Galvão cabe a gloria de tornar as exhibições da Academia francas a todos os artistas da capital, mormente pela delicadeza com que o fez, ensinuando ao director que o propozesse em nome do corpo academico.

O publico fluminense já consagrou no seu calendario festivo, e no seu catalogo de novas impressões, a exposição artistica annual; e acostumado a este concurso das artes, irá pouco a pouco ganhando em conhecimentos, e preparando-se para poder avaliar qualquer trabalho d'arte, e distinguir o apparente, do real, e o falso do verdadeiro.

A exposição publica, a não ser o interesse que por ella toma o director da Academia no fim do anno, e os immensos sacrificios que faz, e que é obrigado a renovar annualmente, teria sido muito mais pobre: os artistas, levados de um não sei que, queixão-se da nimia franqueza, e da lealdade do director da casa, e o forção todos os annos a dar provas da sua candura e da sua modestia anachronica.

Desejariamos que toda esta actividade, se dirigisse, não a visar a um aspecto apparente, não a mostrar ao publico um spectaculo de pompa, com vestes alheias, mas sim a melhorar os estudos e a colloca-los na escala ordinaria de todas as escolas de artes: não pretendemos accusar o director, pela intima convicção que temos de que elle faz o que pôde: a sua modestia o leva a confessar sua fraqueza; e não podemos deixar de admirar como um homem educado para a pharmacia, e que meia vida se occupou de misteres alheios as artes, tenha, sem ter tido escola, chegado ao ponto em que está!

Este anno não foi assellado com algumas das usuaes transformações locaes, que se usão no estabelecimento: as estatuas repousarão nos seus pedestaes: dias propicios e placidos despontarão; rios de leite e mel manarão do horizonte do futuro; *a liberdade de consciencia, a expontaneidade*, os arrojões de um *instincto virginal* ali concorrem serenos e risonhos; *amalgamão-se as sympathias, homogeneão-se os sentimentos, e o mais puro e acrysolado patriotismo* se dilata para a redempção das artes.

Mas todo este estado de beatificação, toda esta perfeição moral ainda se não completou: restão dous individuos, cuja consciencia ainda não adquirio aquelle sublime toque de elasticidade, aquella obediencia passiva, tão necessaria ao triumpho de uma santa causa. Em breve, segundo as esperanças das almas immaculadas, uma atmospherá limpida raiará sobre o Palacio das Artes, em cujo cimo se enthronisa a estrige sobre uma serpe enroscada, que lhe serve de ninho, e que é tambem o simbolo da pharmacia, da prudencia e da immortalidade.

O immutavel e monotono ripanso exposicional abre as suas numericas paginas com as mesmas palavras sacramentaes, com a mesma gravidade que nos annos anteriores: pernas, cabeças, troncos, braços e fragmentos ali se achão consignados, e precedidos pela riquissima collecção numismatica, que encantoara a modestia.

A musica marcial, as classicas folhas de mangueira, com um discurso planissimo, dictado pela esquadria e pelo compaço do mysterio, e recitado com o accento da convicção, abrem a scena annual da mesma forma que se fecha com as memorandas palavras de: *Senhores premiados, &c.*

Entremos pela esquerda. Na primeira sala o que fere á vista é o pincel do Sr. Krumholtz: os retratos de S. M. o Imperador, e o de S. M. a Imperatriz, circulada de Seus Augustos Filhos.

Incontestavelmente é este retrato do nosso soberano o melhor que se tem feito: desenho, colorido, força, e sobre tudo o character phisionomico formão um conjunto admiravel: está proprio, está vivo, como uma obra de mestre.

Ha na expressão phisionomica de S. M. a Imperatriz um bem estar, como a virtuosa mãe deve sempre no meio de seus queridos filhos; que inefavel bondade, que sympathico olhar, e que magestade não resumbra aquella tella, onde se figurão as imagens daquelles que hão de fazer nossas delicias.

A Academia deve muitos agradecimentos ao Sr. Krumholtz em consentir expor aquelle quadro, mormente imperfeito nos accessorios, e ainda falho daquelles ultimos toques que espalhão nos paineis a luz do sol, e a magia de um effeito poetico. *Opus caribus.*

O Sr. Krumholtz é actualmente o pintor que mais sabe repassar na ponta do pincel todo o sentimento phisognomico que possui, e de dar aos seus paineis uma variedade de aspecto, o que o livra de todos os resaios de amaneirado.

O Sr. Moreaux fez progresso salientes: as obras do Sr. Krumholtz tem visivelmente influido na sua maneira de pintar; porém ainda lhe resta o senão radical de não ser um perfeito phisionomista. Igualmente subio de merito o Sr. Chevrel: o retrato da senhora Martini está semelhante, e a cabeça é de uma execução admiravel. São igualmente bellos os tres sujeitos figurando o interior de um gabinete de pintor, e os dous quadrinhos que representam a partida e a volta: ha luz, ha graça e movimento nas composições, e uma facilidade de execução que muito seduz.

As duas vistas da cidade, devidas ao pincel do Sr. Bavelot conservão o cunho do seu talento: effeitos oppostos na hora, forão magistralmente executados; e dão uma idéa distincta da harmonia do céu do Rio de Janeiro, e da sua variedade nas differentes phases do dia.

Ao Sr. Borely devemos a introdução, em vasta escala, do trabalho a pastel: entre todas as suas obras, aquella que mais realça é o retrato do Sr. Reitor do Collegio de Pedro II: correctissimo está o desenho, e a phisionomia propria.

Varias produções adornão esta sala, que, gosando de um privilegio secundario, é desta vez a mais nobre pelos objectos que encerra.

A aula de architectura foi mais abundante em repetições este anno que nos trans-

sactos: ha contado algumas copias soffrivelmente feitas: desejaríamos mais, que os discipulos fizessem os seus trabalhos em ponto maior.

As restaurações que o libreto do palacio annuncia e repete annualmente, estão feitas de uma maneira quasi arbitraria, e longe das tradições archeologicas: o prospecto do portico do Pantheão de Agrippa, e a fachada dos propyleos do Acropolis atheniense, não estão nem conformes com o que se sabe de Roma, nem com o que Pansias descreveu; e nem mesmo de accordo com os fragmentos e restaurações dos modernos archeologos: não deve uma academia se aventurar a semelhantes perigos, escrevendo documentos que comprovão ou sua ligeireza, ou os seus fracos conhecimentos em materias da antiguidade.

Por calculado raciocinio, ficou nua a sala maior da Academia, onde se veem alguns quadros velhos, uns retratos do Sr. Stalone, Corelli, do Sr. Moreaux moço, um lindo painel de flores do Sr. Carvalho, e um grande retrato de S. M. o Imperador, feito pelo lente de pintura.

Como semelhança é uma calamidade; como colorido é uma pagina infeliz, e como desenho e composição é outra calamidade; um rosto enrubecido e sem a expressão do imperial modelo; uns braços que cahem sobre o peso de umas mãos enormes; e umas pernas que pesão e que até não se apoião sobre o terreno: não está proprio.

A tez de S. M. é tão delicada, e de um colorido tão bello, que pôde ser invejada pelas mais bellas moças da capital; as suas mãos são um typo de perfeição: ellas abriandão modeladas do natural e fundidas tal e qual em bronze e ouro, e como se pôde ver todos os dias no Museu Nacional, e a que está no Sceptro da Justiça.

O todo do painel é triste; é imitado do do Sr. Taunay, que em materia de colorido não é um Ticiano. A maneira actual de pintar do Sr. Lima é a mesmissima do seu novo mestre: ha vellos em tudo, incerteza nos contornos, debilidade no claro escuro, e tristeza na harmonia: não valia a pena ao Sr. Lima de viajar á Italia para vir imitar um tal mestre; que fóra dos seus conhecimentos litterarios, não pôde em bellas artes ter outros além dos de alguma leitura, ou de ter ouvido aqui alguém; pois todos sabem que não teve outra escola em Paris, além da de pharmacia; os talentos e aptidões paternas não passam aos filhos; a humanidade conta poucos factos como o da familia dos Vernets, onde avô, pai e filho forão tres grandes pintores; o nosso caso não admite questão. Se o Sr. Lima trabalhasse só, e livremente, o seu quadro havia de ser muito melhor em tudo.

Nós não desejamos mal á Academia; o que fazemos é justiça, para que ella não zombe tão abertamente do paiz; e para que um dia, quando se escrever a historia desse palacio, não venha um homem dizer: naquelle tempo, quando as artes erão opprimidas por quatro estrangeiros, tendo a sua testa um homem mediocre, uma só voz nacional não se levantou para protestar contra semelhantes abusos.

Em que estado se acha hoje a Academia das Bellas Artes? Coitada!

A aula de desenho (não se precisa ser aguiá), está n'uma decadencia acima de toda a expectação: eis o fructo dos empenhos, eis o fructo dessa celebre transacção, eis o resultado de um egoismo inqualificavel, para o qual abertamente não concorreremos, e que, por te-lo, combatido fomos aviltado em plena congregação no anno de

1840, e no meio dos estrondosos apoiados do virtuosissimo monsieur Zeferino Ferrez.

A Academia está lançada no plano inclinado, e não será o braço que a rojão, que poderá suspendê-la; tudo ali é illusão; vamos a um facto:

M.^r Paliere, neto de Mr. Grandjean, e moço que havia completado os seus estudos academicos em Paris, chega a esta capital, e é convidado, ou obrigado por seu avô, a matricular-se (contra os estatutos) no fim do anno escolar, debaixo da direcção de um mestre que lhe é inferior, e a fazer algumas copias para receber uma medalha escolastica, que lhe dê direito a concorrer ao lugar de substituto de desenho: illude-se a lei para se entrar na protecção da mesma lei: é maxima jesuitica.

Recommenda-se a este artista que pinte mal, e que não mostre toda a valentia do seu talento!! Os alumnos, que tem bom faro, se irritão, e não querem concorrer; mas veio a santa paz e com ella as ameaças, cederão para serem vencidos.

Não entra no concurso para a cadeira de substituto de desenho o Sr. Paliere, e apparece agora concorrente para o premio das viagens! Dizião porque era estrangeiro!

Aberta a porta a semelhante abuso, teremos daqui em diante de ver qualquer artista estrangeiro, que quizer voltar para a Europa, e viajar á custa do governo brasileiro, ir matricular-se em uma das aulas da Academia, fazer ali algumas copias e passar tres annos muito agradaveis, tendo usurpado o direito que compete aos filhos da casa, que ali tem gasto o seu tempo, as suas esperanças, e o dinheiro de seus pais!

O Sr. Paliere é verdade que é Brasileiro de nascimento, mas Francez porque assim o quiz, ou porque sua familia o era; se no primeiro caso era estrangeiro, porque o não é no segundo? E quando mesmo se haja rehabilitado Brasileiro, é moral e corrente o proceder da Academia, de admittir a um artista educado na escola de M.^r Picot e na Academia de Pariz, que completou seus estudos, a concorrer com uns moços que hontem começárão, e que nem ainda com mais seis annos de trabalho o poderão igualar? E para que essa recommendação que se lhe fez de não mostrar o que sabe?!?!

Não; o governo do meu paiz não ha de consentir nesta indigna trapaça, só propria daquelles voluntarios senhores que ali fazem o que querem, e que para tudo achão recursos no fertilissimo engenho de Mr. Taunay, que tudo fará para arranjar este neto da Academia.

Seria um caso curioso, se, por alguma eventualidade, alguns dos nossos mais habéis artistas, desejando voltar á Europa, se fôsem matricular no palacio das Bellas Artes, e ali estudar debaixo da direcção de alguma de suas notabilidades, para concorrerem com os pobres dos estudantes, e lhes tirar o direito que têm á generosidade e protecção do nosso governo! Seria singular e novo ver o Sr. Pettrich a tomar lições dos Srs. Ferrez; os Srs. Krumholtz, Barandier, Moreaux e outros, debaixo das vistas do lente de pintura; assim como o Sr. Buvelot a estudar essas paginas resplendentes de luz e de harmonia, que tão vivamente ratratão a Mãe d'Agua, e nossas gigantescas florestas.

Cada passo que se dá na historia da Academia das Bellas Artes, se encontram phenomenos capazes de embaraçar a mais aguda intelligencia ; ha mesmo alguns factos que parecem revelar outros, que não são filhos do puro acaso !

Todos os concursos para a viagem da Italia são de sujeitos que chorão : 1.º David chorando Absalão ; 2.º Aristeo chorando as suas abelhas ; 3.º Xenophonte chorando ; 4.º O lavrador da Thessalia ainda chorando ; e 5.º finalmente, Sertorio com as lagrimas nos dois olhos, quando devia ser em um só ! E porque chora tanta gente annualmente, quando aquelle palacio se acha quasi desassombrado e livre do mão e extranho espirito que tanto funestara seus muros e concorria para turvar a placidez de consciencias seraficas, e de genios beneficos, cuja missão é a do mais acrysolado patriotismo ! Serão lagrimas de Crocodillo ?

Os dias nefastos já lá vão ; já rolarão nos abysmos do passado, e não pôde haver outro motivo de pranto a não ser o de um terror precauto pelo apparecimento da verdade nua e crua. Pobre Academia, e pobre mocidade, atada ao libambo que governa o capricho, e aos dogmas imperiosos de uma colossal mediocridade !

A aula do Nu como vai ? Onde se vio um só professor, e este esculptor, ensinar o desenho ? ! Porque o lente de pintura não preside ao acto semanal, como é do seu dever, e não vai ensinar a modelar a musculação, a accentual-a conforme o movimento do modelo, e a precisar as formas segundo os preceitos da esthetica ? Porque ? Porque o Sr. Taunay disse a alguém que para ser lente da Academia não bastava o talento, mas sim outras circunstancias !...

Hoje que, graças á Providencia Divina, e á S. M. o Imperador, já não pertencemos áquelle Pantheão, circulado de um muro monumental, e que de nós não pôde dizer o Sr. Taunay com voz chorosa, que desejamos a directoria do estabelecimento, e que o guerreavamos por isso, podemos fallar claro e fazer algum serviço ás artes, e esclarecer o governo imperial, publicando as gentilezas de um santo varão digno da penna de Moliere e de Goldini.

Se nos chamarem a terreno, buscaremos então um campo mais vasto, para nelle demonstrar com factos aquillo que esfloram apenas.

Os Srs. Moreaux, Honorato e Barandier parecem se ausentar da exposição ; o Sr. Buvelot não queria mandar as suas obras, assim como o Sr. Krumholtz ; o Sr. Muller não appareceu, e apenas vierão os recémchegados, e porque ? Porque o director assim o quer ; porquê para encher os muros e ourar os olhos do publico e do governo no fim do anno, lhe é necessario soffrer a recompensa que poucos homens soffrerião ; o Sr. Taunay é um homem admiravel.

O governo imperial deve olhar seriamente para a Academia das Bellas Artes, deve mandar examina-la, principalmente no methodo de ensino, que de dia em dia se vai abastardando, conforme a capacidade, ou vontade do professor : a Academia é uma verdadeira illusão como se acha actualmente ; seria muito mais proficuo ao governo imperial mandar á Europa os substitutos estudar do que esses pobres moços por trez annos, que é curtissimo o tempo para a viagem e para aprenderem a lingua : a França, e mais é a França, manda os seus premiados por seis annos, que

quando vão para a Italia já tem todos os seus estudos feitos, e alguns já passam por mestres.

É muito mais util mandar-se menos gente por mais tempo, do que, annualmente, um moço, que apenas recebeu, e esses mal, os primeiros rudimentos de uma arte, e que tenta de começar de novo: o estudo do nú, mesmo em Pariz, e como lá se costuma fazer, é de cinco a seis annos, não fallando nos estudos que se fazem na Academia, no Museu, e em escolas, ou academias particulares, que occupão regularmente oito horas por dia.

Não ha utilidade alguma para as artes e para o ensino com a abertura da rua Leopoldina ao Rocio: é melhor que esse dinheiro seja empregado na construcção de uma boa sala no terreno que está junto da Academia, cuja sala illuminada convenientemente possa servir para a aula e do nú, durante o anno, e para a exposição publica: não ha outra necessidade para este estudo do que uma boa luz e espaço para o trabalho: a sala, hoje secretaria, que M.^r Grandjean construiu para este effeito, prova de alguma maneira sua impericia, porque foi collocar o modelo debaixo de uma arcada, e n'uma posição a receber o forte da luz nos membros inferiores, que é inteiramente o contrario do que se exige para este estudo.

A Academia póde fazer ainda grandes serviços á industria do paiz, e ser um estabelecimento de utilidade immediata, e não um sonho, uma aspiração a esses estabelecimentos europeos, que queremos macaquear, que estamos ainda muito longe de alcançar, e para os quaes não temos homens.

Em vez de mais uma cadeira de historia, como se pede, haja uma cadeira onde se ensine elementos de geometria, noções de geometria descriptiva, a perspectiva e elementos de mechanica; eric-se uma aula de desenho e de escultura de ornatos, aonde venhão estudar todos os aprendizes, e mesmo os artifices da cidade: as artes do ourives, do marceneiro, e do pedreiro ahi ganharão muito: a uma igual escola se deve os grandes progressos da industria lombarda; e a iguaes creações se deve essa elegancia e gosto dos productos industriaes do norte da Europa, que entrão actualmente em concorrência com os da França.

A cadeira de historia, que tanto pede M.^r Taunay, para o que é? E' da historia universal, ou da historia antiga sómente, ou da historia das artes, e conjunctamente com algumas noções de esthetica, e suas demonstrações? Quem está apto a fazer aqui semelhante curso, e a fazê-lo com todas as generalidades precisas, a ponto de se tornar comprehensivel a moços com pouca educação litteraria, e alguns com nenhuma? toda essa cadeia philosophica do pensamento das eras, se materialisando debaixo de céos differentes e de fórmás tambem differentes, segundo as idéas que tnhão de representar? não se faz como o mais. Só se fór M.^r Taunay, que sem ter visto nada, sem haver estudado as escolas se aventura a fallar dos mestres d'arte, e a dizer as maravilhas criticas que correm por ahi na boca dos artistas! É ainda outra maneira de enganar o governo imperial: ou então o Sr. Tannay é mais ignorante do que o julgamos.

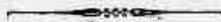
Deixemo-nos de novas ruas e de historias. Com os quarenta contos, que se pede ao governo, se póde fazer uma boa sala para as exposições, e para o estudo do nú,

que a que lá está não presta; ou então um amphitheatro para o estudo do nú, á noite, como ha em todas as partes; com o ordenado do lente de historia se pague a um professor de desenho de ornatos architectonicos, que ensine até nos domingos aos artifices; ensine-se, antes da historia, a desenhar ossos e musculos na aula de anatomia; ensina-se a perspectiva, a optica, e a projecção das sombras; ensine-se o que é necessario; ensine-se a desenhar, que é uma vergonha o que se está fazendo actualmente; e inspire-se no animo da mocidade o enthusiasmo pelas artes, e a esperanza de um premio justiceiro: de uma casa, onde o porteiro é a primeira personagem, onde se dão parabens antes dos concursos, e se fazem promessas, como as que sabemos, não ha nada a esperar. Por não pertencermos mais á escola de Bellas Artes, não abdicamos dos nossos direitos de cidadão brasileiro, nem do nosso dever de fallar a verdade, e esclarecer o governo imperial n'aquillo, que podemos: temos bons desejos, e cremos que não ha alma no mundo, a não ser a do Sr. Taunay, que ouse comparar o nosso patriotismo, o nosso amor pelo Brasil, com o de qualquer especulador, que, porque não pode estar na bella França desfructando o que ha lá de bom e de agradavel, está aqui: todas as astucias dos Mafomas das Artes ficão baldadas para com nosco: doze annos de dura experiencia nos bastarão. A Academia está em decadencia.

PORTO-ALEGRE.

P. S. Por considerações as mais respeitaveis, tinhamos supprimido este artigo sobre a exposição publica, que fora escripto com profunda convicção, e com o desejo de sermos util ao publico e a nosso governo; mas agora que a Academia das Bellas Artes acaba de escolher o nêto de M.^r Grandjean, para ir viajar á custa do governo brasileiro, não devemos omitti-lo, tanto mais que um estabelecimento do governo que obra tão despejadamente, não é digno de ser tratado de outra sorte. Taes actos, que revelão os principios de equidade, que abundão n'aquella casa, e os que se seguirão ainda, justificão a nossa sabida de um estabelecimento governado e dirigido por um estrangeiro, que quer parecer o que não é, e que nunca poderá merecer consideração dos espiritos rectos.

A nomeação do Sr. Paliere, e os manejos que para sua realisação se executarão, provão o que é o Sr. Taunay e seus obedientes servos.



NOTÍCIAS DIVERSAS.

Trata-se neste momento de uma subscrição nacional para se levantar na Igreja dos Carmelitas em Santos um mausoleo nos tres Andradas : cada pessoa que quizer concorrer para este devido signal de estima á memoria daquelles varões, não poderá exceder á somma de mil réis. A commissão central espera sómente pela concessão da authoridade da ordem carmelitana, e de ter as dimensões do lugar, para começar esta empreza meritoria.

Agora que a lousa da morte abafou o ultimo espiro daquelle triumvirato notavel ; agora que as paixões calarão-se, e que só resta da sua vida aquillo que foi grande, todos hão de benignamente concorrer para exprimir e materialisar um tão nobre sentimento : os tumulos e seus epitaphios são o indice das glorias de um paiz, e a forma ou grandeza destes monumentos symbolisa os sentimentos da época que os elevou, e a glorifica na memoria da posteridade.

— As Bellas Artes começam a ter raizes mais solidas no animo da população desta capital, e a tomarem um germen de desenvolvimento que promete duração : dous capitalistas desta praça hão encommendado ao Sr. cavalheiro Pettrich, não dous tumulos como os usuaes que se mandão vir das fabricas da Italia, mas dous monumentos, para consagrarem a sua saudade ás pessoas, cuja memoria lhes é tão justamente cara ; um dos modelos se acha já feito ; e a nosso ver é uma das mais bellas concepções daquelle professor.

Quanto é mais duravel, mais nobre, e mais digna uma semelhante manifestação, do que todo esse apparatus de funeraes e de officios, cujo fim é mais um objecto do luxo ephemero do que uma realidade da dôr e do sentimento profundo da perda daquelles a quem amamos. Toda essa pompa de velludos, galões, musica e brandões, desaparece como o fumo e como o som desses canticos, que pouco valem para o céu, e nada dizem para a terra.

A este sentimento innato de se perpetuar a dôr por meio de monumentos, se deve a colheita de exemplos edificantes, e de productos d'arte, que interessão aos vivos, e illustrão as cidades e os povos que os praticão.

— A Illustrissima Camara Municipal mandou parar com todas as suas obras maximas : o caes do Largo do Paço, assim como o novo matadouro estão entregues á proteção do tempo, e causando o prejuizo inevitavel que soffrem as obras começadas e paradas. O matadouro, obra vital para esta cidade populosa, é um estabelecimento de primeira necessidade ; e a razão pura, o puro instincto do homem civilisado, impellem a não se embarçar a realisação de uma obra, que foi tão bem começada, e executada com tanto esmero e o luxo que se compadece com taes construcções.

Não acreditamos nas diversas versões que correm sobre este desfecho, porque ellas nodoão á Illustrissima Camara, a quem respeitamos, e em quem acreditamos sentimentos mais generosos.

— Na escola de S. Paulo nascerão para as letras dous poetas este anno, cujos primeiros ensaios promettem muito, se uma justa applicação de tão nobre aptidão fôr levada convenientemente : o *Correio Mercantil* já nos deu um especimen das obras do Sr. João Silveira de Souza, natural de Santa Catharina ; e o *Guanabara* no numero seguinte consagrará uma de suas paginas ao livro que acaba de publicar o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva.

É um grande peso o possuir semelhante nome, duas vezes illustre, e nos dous mundos : mas tambem é uma chave sympathica para o coração de todos os Brasileiros esse mesmo nome, essa mesma herança, que nos leva a contemplar o berço do

imperio, e ali admirar tanta dedicação: quando um nome illustre prorompe na posteridade, coberto da luz do engenho, a humanidade o applaude como um echo legitimo, como uma nova encarnação daquelle espirito sublime que veio á terra beneficiar os homens: o nome de Americo Elysió, e do sabio que descobriu doze mineraes, representa uma grande realidade nas sciencias, na politica, nas letras e nas artes.

— O Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, author das Modulações Poeticas, do Dirceo de Marilia, Amador Bueno, e dos Beijos, acaba de publicar uma nova obra debaixo do titulo de: — O LIVRO DOS MEUS AMORES. Este novo livro, precioso pelo talento de seu author, contém na sua primeira pagina um testemunho da nobreza de character de poeta, e da felicidade domestica que este filho das musas encontra na companhia de uma senhora amavel e virtuosa: o poeta esposo, o amante vate o dedicou á sua illustre consorte, por certo bem digna de uma tão cara demonstração. Os estudos historicos tambem são da alçada deste nosso litterato, cujo numero de producções começa a avultar: o Sr. Norberto, declarou ao Instituto Historico, que se acha prompto um seu trabalho sobre os Indios, e se lhe marcou a primeira sessão para fazer a leitura da primeira parte: ha probabilidades de que elle tenha a honra de a fazer perante S. M. o Imperador.

— O nosso collaborador, o Sr. conselheiro Antonio Manoel de Mello, lente da escola militar, está concluindo um trabalho de summa importancia para a arte dos constructores: — a comparação do pezo, resistencia e elasticidade de todas as nossas madeiras. — Podemos assegurar desde já, que este trabalho será feito com toda a perfeição relativa, pois todos sabem o quanto é severo em suas pesquisas o espirito deste nosso engenheiro, já muito conhecido pelos seus talentos, e suas raras qualidades sociaes.

— Sua Magestade encommendou ao Sr. Petrich, para ser collocada na capella do Hospicio de Pedro II, a estatua de S. Pedro de Alcantara, em marmore, e do tamanho natural; para o mesmo edificio, que deve receber a estatua de Sua Magestade, estão promptos os bustos do Dr. Mello Franco, do cirurgião João Alves Carneiro, e do capitalista Babo, que forão bemfeitores da humanidade.

— Falleceu no mez passado o Dr. Senechal, medico francez, ha muito estabelecido no Brasil. Este tão digno philantropo faz grande falta aos pobres e aos desvalidos da sua nação: o Dr. Senechal foi para os seus compatriotas o que João Alves Carneiro foi para com os pobres desta capital: era, além de um character jovial, um homem de summa probidade e de instrucção: tinha servido nos exercitos do Imperador Napoleão, e foi dos que assistirão ao desastre de Moscow; mas nem o seu talento, a sua historia, e a importancia da posição que occupára se podem comparar com as suas excellentes qualidades de coração, com a sua caridade, com a sua extraordinaria liberalidade, sempre prompto, sempre risonho e sempre generoso para com os pobres.

O Salomão francez, o ultimo e o mais sabio de todos os reis que occuparão o throno d'aquella grande nação, Luiz Philippe, o condecorou com a legião d'honra; e os seus patricios e os Brasileiros com o titulo de bemfeitor da humanidade. O Dr. Senechal será chorado por muito tempo: seja-nos sempre grata a sua memoria.

— Consta que o governo imperial vai mandar reedificar o quartel de Bragança: pedimos ao nosso governo que entregue essa obra ás mãos de um habil engenheiro, para que ao menos ella apresente um prospecto digno do seu destino, e com o character que convém a semelhantes construcções.

Os quartéis que temos, apesar de grandes, estão abaixo de tudo o que se pôde imaginar. Esta sorte de fabricas tem uma phisionomia propria, um character marcial, que não custa mais dinheiro do que se precisa para a sua execução: basta uma mão habil guiada por uma intelligencia: o papel, a pedra, a cal—e o resto é o mesmo.

Esperamos da illustração do governo a realisação d'esta nossa esperança: é tem-

po de começarmos a fazer alguma cousa de superior ao provisório; e o governo deve ser o primeiro a dar o exemplo em suas construcções. Dado o primeiro passo, aberta a estrada, tudo está feito: as obras architectonicas não precisam de grande extensão para symbolizarem o estado de civilisação de um povo: um corpo de guarda, pôde ser, inda que pequeno, um primor d'arte; basta que suas linhas sejam guiadas magistralmente e que tracem o caracter que lhe compete.

— Na tarde de 18 de Dezembro, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro foi em deputação agradecer a S. M. o Imperador a honra que lhe fizera de presidir em pessoa á sessão do dia 15, e do interesse, verdadeiramente magnanimo e illustrado, que toma pela sua prosperidade.

— Na mesma tarde do dia 18, o Sr. Dr. Francisco de Paula Menezes fez a entrega dos attestados de exame aos discipulos da sua aula de rhetorica: todas as provas que recitarão os discipulos, forão sobre a vida e obra de Brasileiros distinctos.

Os heróes da Grecia e Roma já não pertencem á nós, e á nossa civilisação americana: o Sr. Dr. Paula Menezes comprehende o que ha de util e de Brasileiro nestes exercicios; é uma justa retribuição aos nossos antepassados, que nos fizerão tão bons serviços, e nos derão o exemplo de suas virtudes.

— No primeiro de Maio deste anno começou a publicação da *Revista Universal Maranhense*, consagrada ás sciencias, á litteratura e ás artes. Pelos seis numeros que temos á vista, esta nova publicação, que succede ao *Archivo*, parece não arrefecer no seu proposito, e se destina a prestar grandes serviços áquella provincia, persuadindo de uma maneira clara e evidente a necessidade de certas industrias e outros melhoramentos materiaes, já em pleno uso no sul do imperio.

Entre as poesias que traz estampadas, muito se distinguem as do Sr. A. F. Colin, cujas inspirações já nos são conhecidas por outras publicações litterarias.

A direcção e redacção do *Guanabara* dá parabens aos Srs. proprietarios da *Revista Universal Maranhense*: é necessario que vamos escrevendo e promovendo os melhoramentos do nosso paiz: tudo o que fizermos será engrandecido e aperfeiçoado por nossos filhos. Se não temos ainda orgulho de pertencer a uma grande nação, ao menos preparemos o caminho para os nossos legitimos successores na terra de Santa Cruz.

— O Sr. Camillo Sivori, o mais distincto violinista de quantos tem vindo a esta côrte, deu o seu beneficio em um dos ultimos dias de Dezembro, e antes da publicação deste numero deverá ter partido para Buenos Ayres. A corporação musical da côrte, apreciando, como authoridade competente, o talento do insigne artista, mandou cunhar uma medalha de ouro que lhe deveria ser offerecida no fim da noite por uma commissão de seus membros; o juiz do theatro porém negou a licença que se pedia para semelhante acto; e a offerta teria de ser feita menos dignamente do que convinha á sua importancia, se a Illm.^a Sr.^a D. Henriqueta dos Santos não tomasse sobre si desempenhar tão nobre missão. No fim da noite, quando o descipulo de Paganini se retirava coberto de applausos, como que lhe queriamos deixar uma saudosa lembrança da capital do Brasil, aquella Sra., erguendo-se do seu camarote (na primeira ordem proxima ao scenario) apresentou a medalha ao artista confuzo por aquella ovação tão imprevista quanto lisongeira.

« A corporação musical do Rio de Janeiro vos offerece! » disse ella em voz alta. Rompêrão as palmas e os bravos mais altos, mais entusiasticos que nunca, e o publico fluminense achou merecido e nobre que o tributo talvez ao melhor violinista de todo o mundo fosse apresentado pela melhor cantora-dilettante de todo o Brasil.

SAUDADE ETERNA.

No dia 10 de Janeiro de 1850, ás quatro horas e 20 minutos da manhã, faleceu na Fazenda de Santa Cruz o Serenissimo Principe Imperial, o Sr. D. Pedro, herdeiro presumptivo da corôa do Brasil!

Lacrymas non tenebamus.

I.

O calix da amargura ainda não estava esgotado : os labios que proferem a justiça, que erguem legiões, e a quem se curvão as montanhas, se contrahirão : os seus gemidos são o hymno da dôr, e o seu silencio o epinicio da morte.

A nova dôr que Elle acaba de soffrer é como a dôr que se sente na ferida mal cicatrisada; é como o espinho do cardo que punge até a medulla dos ossos.

A dôr cortou em Suas faces esse jubilo tão santo, tão justo e tão paternal ; no meio da harmonia festiva Lhe arrancou um ai, saturou-lhe o nectar do prazer com uma lagrima salgada, e converteu Sua nova esperança n'um terrivel desengano.

E nós, que O respeitamos, que O amamos, como o filho do Senhor, como unigenito da patria, como o orphão que embalámos ao som do tinir das armas da discordia, e do tripudio das orgias da ambição, tambem choramos, tambem choramos com Elle.

O crystal de Seus olhos penetrantes se empanou da nevoa da tristeza ; as rosas das Suas faces empallidecerão com a dôr ; a Sua fronte olympica, assento do dia-

dema, se curvou abatida para o chão: Cezar é pai, e pai infelizmente: a orphandade no amor é um Edipo errante, tateando á luz meridiana, e para o qual se confunde o abysmo com o throno.

A nuvem impervia, que se interpoem entre a vida e a morte, e nos suspende nas caligens de um errante pensar, é um segredo de Deos: a sua chave está na eternidade.

E' mais fragil que um fio de crystal a mola da existencia; o sorriso da vida se congela na face do moribundo, cessa para a terra, e se desvanece entre as cavidades da caveira.

A belleza, a força e a magestade são o involucro do esqueleto, e o esqueleto é o reverso da medalha das grandezas do mundo; é o homem no repouso da viagem, é o espelho de todas as chimeras.

No thalamo da morte já dorme o prematuro esposo da eternidade: as rosas do seu berço são as rosas do seu sepulchro, e o incenso dos altares o fumo do sacrificio.

O dedo de Deos é a rasoura do universo!

O pampeiro da morte, que verga o sceptro e o cajado; que fende o aço e derroca os monumentos seculares, abateu a palma d'ouro, que inda hontem no vertice da montanha sorria-se á luz da aurora, e meiga se embalava entre os perfumes do halito do amor.

O lyrio virginal, que era o sceptro da gloria, que era o symbolo do futuro, que era o astro das gerações vindouras, cedeu, estalou, e cahio mirrhado na poeira da terra; caducou nas fochas infantis, envelheceu nas orlas do seu berço, sorriu, e baqueou para sempre.

Cordeiro immaculado, victima expiatoria de nossos crimes e de nossa perversidade, a tua fuga para o céu é o maior de todos os castigos.

E nós ficamos como a rola gemebunda, que o vendaval expulsa do ninho, e que em vão procura nos ares os filhos sepultados no abysmo.

E Elle, a Aguia cezarea, em vão remonta aos astros, em vão percorre a terra de um polo a outro, em vão desce aos abysmos, já não vê a seu lado o herdeiro do seu imperio, o continuador da sua gloria, e aquelle que, no vôo acroce-raunio, devia sorrir das tempestades da terra, e aparar em suas azas o raio e o trovão.

Abraça-Te com Tuas virtudes, ó filho do Brasil: o tempo é a esponja do esquecimento, que enxuga as lagrimas, é o zephyro benigno que espana com seu halito vagaroso a foligem luctuosa das azas da memoria.

O calix da amargura ainda não estava esgotado!

Muito has soffrido nos terriveis trances, ó Cezar Americano! Abraça-te com as Tuas virtudes; consola-Te: um povo inteiro contigo geme a nenia da saudade; porque o Teu filho era o seu filho, e a Tua dôr a dôr dos Brasileiros.

II.

A Tua dôr não é como a da lamina acicalada dos combates, aonde se espelha a gloria; é a da frecha hervada no meio da alegria: é a dôr inesperada.

O nosso pavor, não é o pavor da morte, é o do fogo dos céos que converte os vergeis em fragoas, e as fragoas n'um deserto!

Olhavamo para o céu e sorriamos ao clarão propicio que despontava; olhavamo para o horizonte e saudavamos essa aurora de ventura; e essa aurora que devia abrir o dia da esperanza, não era mais que um sinistro meteoro, que crepitava nos ares o clarão extremo do dia.

O seu lume não era o lume festivo dos dias lisongeiros, era o lume dos brandões da morte; era o ultimo clarão da alampada do sanctuario e do throno; era o relance da luz ás trevas, o ultimo espirito da realza; era a appareição do imperio da morte, que a estrige agoureira annunciava.

E a estrige esvoaçando, soltou das azas esse vento gélido, que suspende a vida, e petrifica a dôr.

E a Tua dôr foi testemunhada pelos astros e pelo teu povo; que soluçava ao som dessas harmonias, agigantadas pela noite, pelo silencio, e pelo descanso: os nossos corações se repassarão de angustia, como se o cilicio da morte os houvesse dilacerado.

A luz das tochas, no vagaroso cortejo, reverberava a pallidez dos tumulos, e tingia nossas faces com as côres da desolação.

Os pais desgraçados, e as mãis que a morte esterilisara, gemião em suas recov-

dações; mas os seus gemidos erão abafados pela voz dos vivos, do canhão, pelo trote dos cavallos, e pelo soar das charamellas.

Ah! que ninguem ouviu esses hymnos das galas da morte, essa pompa de uma finada realza, esse funeral prematuro do filho da patria, sem que sentisse em seu peito o pungir da saudade; sem que sentisse em seus olhos o pruido da dôr, sem que sentisse nas faces o ardor das lagrimas do infortunio.

A terra se não juncou de flôres, nem de folhas aromaticas para receber o carro triumphal da morte: houve mais que isso, alastrou-se de corações.

Foi rociada das lagrimas do teu povo, que não tem as lagrimas do hypocrita.

Singular contraste das cousas humanas! As mesmas vozes que annunciarão a victoria, annunciarão a derrota; os sorrisos da alegria se exprimirão como os gemidos da desgraça; a harmonia festiva, foi a harmonia do funeral; o berço se confundio com o feretro, e o hymno genethliaco com os responsorios do tumulo!

Mas a dôr se não confundirá jamais com o prazer, como o bronze com o bronze, como os hymnos com os hymnos: o amor paterno é um e unico na terra, e a dôr de um pai virtuoso é sobre todas as dôres.

A lagrima do pobre Te irmanou com todos os filhos de Eva; e o calix da amargura ainda não estava esgotado.

III.

Abraça-Te com Tuas virtudes, ó Pai desditoso, e curva-te diante d'aquelle que Te escolheu para seres unguido como o sacerdote, e que Te collocou acima dos homens como o Ilimaui acima de toda a terra americana.

Se a dôr mitiga a dôr, se o pranto adoça o pranto, modera o Teu penar, aplaca o Teu soffrer. Ensopa o Teu manto imperial nas lagrimas de teus subditos, e cobre esse cadaver augusto, em que a morte não deformou o riso da innocencia.

Com a Tua mão formosa, que brande a espada, que empunha o sceptro, e tange a lyra, escreve nesse feretro dourado, que guarda os restos das Tuas mais caras afeições, que encerra toda a saudade do Teu amor paterno, e de Soberano, estas simples palavras:

« Por ti, que eu tanto amei, e que hei chorado, chorou meu povo inteiro. »

FRAGMENTO DE UM POEMA.

II.

ALHAMBRA.

Sobre assentos de esmalte, d'ouro e purpura,
No estuque abrolhou plastica flora
Amoroso alvanel co'a dextra angelica,
Incansavel no invento e na hardidesa.
Ali em viva mescla insuffla o iris
Com magico fulgor nas arcarias
Cambiantes volutas, aureas tarjas,
Laçarias mimosas, quaes não virão
N'essas regias e thermas assombrosas
O faustoso Lucullo, e o lydio Creso,
Que pisava no Ophir, cingindo a fronte
Co'as gemmas do Pegu, da Taprobana.

Como de Adria o crystal, formosa alverca
N'um thalamo marmoreo poussa e freme
Por fios diamantinos que deslisa
D'entre myrthos e rosas fonte occulta.
Ao vél-a reflectindo a bella imagem
Da alabastrina arcada que a rodeia,
Dirias que outro paço o mauro engenho
Igualmente na terra profundara,
Para diaphanos gnomos habitarem.

Dourados arcos, rendilhadas cupolas,
Architraves lavradas no ar suspendem
Transparentes columnas, tenues hastes,
Que a mente assombrão na estructura ousada.
Dos vitreos azulejos, variegados,
Manão fachas de luz, de luz se orvalhão

Os muros peregrinos, recamados
 De irisantes trasflores, de arabescos
 Da soberana mole: n'esses atrios
 De vida sensual, de amaveis crenças,
 Mente inspirada engrinaldou legendas
 Inflammadas de amor. Amor, combates,
 As artes divinição n'essa estancia,
 Onde vida ebriosa embala em sonhos
 Um futuro risonho e perfumado;
 E os sentidos embebe em devaneios
 De encantador olvido: ali as horas
 Em magico languor se deslisarão
 Ao meigo bafejar de olente aragem;
 Ao doce suspirar de erma doçaina,
 Ao terno dedilhar de aureo alaúde,
 Ao canto harmonioso de balatas,
 E aos nocturnos, reciprocos anhelos,
 Que a vida em ocio edenico mudavão.

No centro da arcaria redentada
 Em lavrados bocetes, pendem, fulgem
 Caudatos lustres de globosa fórma,
 Que a noite espancão nas festivas horas.

Cid'Yahi, mauro infante, e o filho Alnayer,
 Convertidos á fé, do mauro alcaçar
 A Fernando e Isabel a historia narrão
 Com avita sciencia. Entrão na sala,
 Que dos Avancerrages guarda o nome.
 Rebenta-lhe do centro alto repucho,
 Qual coqueiro plantado em taça argentea,
 Delicias aljofrando e alma frescura.
 Helia restia, varando as lumieiras,
 Iris refrange nos subtis efluvios,
 Que ali perante o dia o sol festejão
 Co'as pandas fachas, co'as ethereas côres.
 Brincão no leito do marmoreo tanque,
 Entre conchas, coraes, lagrimas d'ambar,
 Argenteos peixes meneando a cauda.

Todos, na curva abobada suspensos
 D'arte não vista e desusada fórma,
 Maravilhão-se timidos do arrojô

Que erguera aos céos tão grande pensamento!
 Já nos lindos mosaicos das tribunas,
 Que em ziguezague a sanca perforada
 Por milagre suspendem, ou no esmalte
 Do florido azulejo, ou na riqueza
 Dos tauxiados vasos se extasião.
 Vertendo reclinadas doce aroma
 Em aureas jarras de exquisita fórma,
 Blandicias dimanando da corola,
 Se debrução mil flôres inda orladas
 Do orvalho matutino: a mão cezarea,
 Que as colheu nos jardins de Lindaraia,
 Perdeu seu talisman; na terra profuga
 Indulto e protecção pede hoje ao pobre!
 Depois de as contemplar, á sancta esposa
 As off'rece Fernando, que risonha,
 Desmembrando de um ramo nivea angelica,
 No casto scio graciosa a engasta.

Dos Zegres e Gomeles aleivosos
 Narra Cid o furor de atroz inveja;
 E como, astutos odios infundindo
 No animo do rei, a honra eivarão
 Da sultana Daraxa. Mostra o marmor,
 Inda tinto do sangue avancerrage,
 E o posto onde o algoz, no ar fuzilando
 O afiado iatagan, fez de um só golpe
 Rolar da tribu insonte a frente heroica,
 E Granada perder seu sustentac'lo.
 « De certo, Rei da Hespanha, — diz-lhe o mouro,
 Bruxoleando o orgulho do seu sangue, —
 « Se esta gente existisse, hoje em Alhambra
 « Com passos triumphantes não pisavas:
 « Que os mouros só por mouros são vencidos.
 « Duplos canhões, milhares de pelouros,
 « O insuperavel peito d'estes homens
 « Faria recuar. Castella inteira
 « Ainda em muitos sec'los banhara
 « C'o sangue dos seus filhos esta terra,
 « Té que á gloria de Christo se curvasse
 « O braço fatalista do Propheta
 « Que em Bizancio quebrou de Roma o sceptro. »
 — Pela gorja que não! — Co'a mão na espada,

Replica o Rei, enrubecendo os olhos ;
 Mas sorrindo Isabel, meiga lhe atalha
 A ferrea destra ; e bemfasejo riso
 No rosto esparge do arrogante esposo,
 Que o guante estende , ao mouro outorga affavel
 O almejado perdão. Além proseguem.

Passão á regia , que appellida a historia
 Do Juiso-de-Deos. Aqui do vate
 O metrico pincel desmescla as tintas ,
 E cede seus laureis á musa plastica.
 Como brandos pedunclos d'aureos lirios,
 Surgem do pavimento columnetas
 Que, no abaco eloquente de divisas,
 Erguem outras em fachas, suspendendo
 Entrançadas arcadas, que rorejão
 Lagrimas d'ouro das fimbriadas voltas.
 Do escamoso sophito em grupos descem
 Andrajosos trophéos, pendões poentos
 Abollados arnezes, regias armas,
 Que o islamico brio em cem batalhas,
 A vida baratando, houve da Europa.
 Tudo o peito sublima n'esta regia
 Que o valor deifica, e a gloria inspira ;
 Seu atrio, muda lyra, semeado
 De ovantes epinicios, marcios hymnos,
 O fogo da victoria n'alma instilla.

« Do Juiso-de-Deos, prosegue o mouro,
 « Eis a sala, Senhor, tão nomeada ;
 « Onde a pura Daraxa em ferrea prova
 « A sangrenta calumnia ha confundido.
 « Por ella, aconselhada de Esperança,
 « Sua escrava christã, — fingidos Turcos,
 « Quatro martes da Hespanha, aqui vencerão
 « Os Zegres e os Gomeles fementidos.
 « Aqui a espada hispana em curto prelio,
 « Em seus peitos venaes calando a morte,
 « Entre vascas de horrisona agonia,
 « Dos labios descorados arrancou-lhes,
 « Da innocente sultana o manifesto ;
 « E igualmente a innocencia d'essa tribu
 « Que ao martyrio immolou seu rancor barbaro. »

Basta, grita Isabel, de tantos crimes ;
 E a face regia, estremecendo, volta,
 E no seio pungido de Daraxa
 Amiga a encosta ; corre o pranto regio ;
 Nivel a dôr no peito feminino
 O reverso destino ; e n'um instante
 As rainhas ali se confundirão.

No pateo dos leões pára o cortejo,
 Arroubado ante a insolita belleza
 De seu ambulatorio formosissimo.
 Que estupendo artefacto ! Ornãollic, centro
 Sotopostas crateras de alabastro :
 Magestoso bolhão de esguia cuspide
 Ergue-se ao céo e engrinaldado desce
 Sobre larga bacia, em cujo limbo
 Ferve e trasborda em trepidante cupola
 Sonora catadupa, e espadanando
 Em simbrias de crystal, a juba açouta
 Dos marmoreos leões ; suave effluvio
 De rorante frescura alaga o portico ;
 E ao murmurio somnifero e cadente
 Das monotonas aguas, mesclão, gemem,
 Captivas philomelas tristes nenias,
 Que o coração repassão de saudades.
 Fronteiros prostylões de aureas abobadas
 Nos extremos resaltão, maravilhas
 Pelo céo andaluz abrilhantadas.
 Germen do amor do mystico Oriente,
 Que no berço da aurora ha procreado
 Sonhos sublimes, sanctas realidades.

Avidos entrão, e na inquieta vista
 Ignotas sensações vem agitar-se :
 Como escrinios de amor, os regios thalamos
 Ternos mysterios, mudos, revelavão ;
 Suspensos, balançando ao doce anhelito
 De affectuosa mente, inda se ouvião,
 Nos echos d'alma dos mancebos fervidos,
 O meigo estalo de nectareos beijos,
 E o mutuo suspirar do ensejo edenico,
 Em que amor ressumbrando á flôr dos labios
 Trasfega a vida e divinisa o homem.

Virão dos banhos as ciosas salas,
 Que em seus muros luzentes reflectirão
 De humanadas Ouris as formas bellas,
 Que envoltas de perfumes transluzião,
 Como Venus abrindo a concha eburnea
 E a Jove radiando a formosura.

Párão na sala do segredo, estudão
 Dos echos a traição na curva abobada,
 Que sciencia infernal entretecera :
 O halito suave de uma virgem
 Como ausente ressaca ali reboia ;
 Acustico artificio a um ponto leva
 Do escravo infiel, da esposa adultera
 Té os echos do occulto pensamento.

Oh ! prodigio das artes ! cimbres augustos,
 Rutilante alameda d'ouro e prata ;
 Como um bosque de lume entre mil prismas,
 Que do iris refrangem toda a pompa,
 A sala do divan assombra, acanha,
 No peito do hespanhol o orgulho innato.
 Bastos feixes de argenteas dirandelas
 As columnas revestem, descem lustres
 Das finas architraves, que emaranhão
 Tarjadas louçanias ; geme o solo
 C'o peso dos massiços candelabros,
 Que cinzel bisantino aprimorára.
 Nos regios muros variegados lustrão
 Guadamecins lavrados, persas tellas,
 Decantando as historicas proezas
 Dos vinte e tres Kalifas de Granada.
 No topo da ampla estancia, em largo estrado,
 Avulta, alcatifada de ouro e purpura,
 A cezarea tarima : ornão-lhe perolas,
 Engastados rubins, topazios, ópals
 O dedaleo fraldão, coxim broslado.
 Da base ascendem columnetas de ouro
 Que no cimo em alaras desabrochão,
 E um magico docel entrancão ; tremem
 Ao halito infantil pombas de prata,
 Que adejando coroão no alto o throno.
 Em conchas nacaradas borbulhando

Doze fontes de azougue argenteas lagrimas
 Sonoras pranteão. Pisa a côrte
 De cinco lustros o lavor constante,
 Luxuosa alcatifa que nas margens
 Do Indo urdira industriosa prole,
 Onde o loto sagrado, e as lacteas Gópias
 Jasem vencidas aos mystérios d'arte.

Fernando e Isabel ao throno sobem,
 Como eternos senhores: vassalagem
 Colhem da côrte, cavalleiros, mouros.
 Tres vezes o Rei d'Armas, floreando
 O sagrado pendão, gritou: — Castella!
 E tres vezes na sala responderão: —
 Castella e Aragão! — Por toda a parte
 Echoa o som festivo das bombardas,
 Ao mundo proclamando: — Foi Granada!

Curvados de infortunio entrão na regia
 Mouriscos deputados, e ante o throno
 De seus antigos reis mal balbucião
 Homenagem forçada aos Reis da Hespanha,
 Que á espada da conquista os escravisão.
 Como terrea florinha ao sopro irado
 De ingente furacão, Daraxa treme!
 Abysmou-se em seu odio a patria, o throno,
 E esse augusto passado que renasce
 Nas tristes azas de real saudade;
 E inutil pranto nas vermelhas faces
 Verte agora contrita: tanto custa
 O diadema deixar, inda que punja
 Como c'roa de espinhos! — Musa, Alnayer,
 E as tribus que os seguião, sentem n'alma
 Troar a voz do inferno; e quasi, quasi,
 Se guerreiros não fossem, á Sultana
 Seu pranto. era já tarde: Foi Granada.

III.

TE DEUM LAUDAMUS.

Chamão de novo ás preces os catholicos
 Os emborcados sinos, que arrancára
 Almanzor dos sagrados campanarios
 Da antiga Compostella, e que as mesquitas
 De lampadas opimas adornavão.
 Sôa o bronze christão badalejando
 De Granada o mortorio. — Venceu Christo :
 Pallido o semilunio desce, em quanto
 A cruz aos céos levanta os livres braços,
 E aos homens prende em fraternal amplexo.

Desce de Alhambra, e se encaminha o prestito
 Ao novo templo em festival cortejo.
 Deserta está Granada ! Ermo delubro
 Suas ruas simulão ! Nem um mouro
 A encontra-los sahio ! todos gemendo
 Somente — Allah-achbar — resmoneavão ,
 Entre suspiros, pelo chão rolando.
 Como em sombria e solitaria nave
 Sob os passos de um monge estala o templo,
 Tal dos corceis batendo as ferreas patas
 Pela erma cidade o tropel sôa.

Seguindo tortuosa e estreita rua,
 Que no fundo se alarga entre alamedas,
 Fere ao cortejo a magestosa vista
 Da soberba mesquita, ao céu tocando
 C'ô esmaltado zimbório, e os esguios
 Atrevidos mirantes, cujas faces
 Como vitreas columnas no ar transluzem.

Ao sagrado triumpho, ao sanctuario,
 Mais realce vem dar c'um novo apuro
 Um quadro inesperado, um quadro heroico :
 Sacudindo as cadêas, e cantando,
 Pallidos como a morte e a estreita fome,
 Quinhentos cavalleiros se apresentam,

Inda tintos das trevas das masmorras,
 Onde escravos gemerão sete lustros,
 Da invencível constancia erão tropheus
 Seus roxos pulsos, mutilados membros,
 A fulta harba, a desgrenhada coma
 Que as desnudas espadoas amparavão,
 E seu peito christão langas varrião.

Pára o cortejo. Dom Martim de Burgos
 C'um silencio eloquente se adianta,
 A Fernando e Isabel a mão oscula,
 E no chão expirante se retorçe !
 Uma voz, como de echo entrecortado
 Pelas vagas do mar, nos brancos labios
 Balbuciou de amor, de Rei, de Patria
 As idéas sublimes ; era um vagado :
 Ligeira nuvem que o prazer obumbra,
 Crise do captiveiro á liberdade.
 Quer tomal-o Isabel nos regios braços,
 Mas do chão redivivo se ergue o velho,
 E como a voz de um orgão, troa o hymno
 Que Moisés entoára sobre a margem
 Do rubro mar, sepulchro dos Egyptios.
 Em grave devoção alinha a corte
 O sagrado concerto, e ao templo segue.

Na face adusta do Marquez de Cadiz,
 D'esse heróe, que revezes jámais vira,
 Rola uma gota pela vez primeira !
 Foi de certo a primeira ; que seus olhos
 Nem na infancia e na morte lacrimarão.
 Mais sublime não é quando das ruinas
 De horrivel terremoto, entre seus filhos,
 S'ergue o pai mutilado, e o sol saúda,
 Abraçado co'a esposa, em pranto e riso,
 Das entranhas da terra renascido.

Nas bronzeas portas, entre incenso e luzes
 Aguarda unguido Antiste os regios conjuges.
 Sôa o orgão sagrado ; os Anjos descem
 A' cupola esmaltada, tremulando
 As brancas azas que ressumbrão nardo.
 Hymnos sagrados concutindo a abobada

Ungem os muros do converso templo
 De piedosos effluvios ; lume ascetico
 Doura as fronte christãs, e abrasa o peito
 D'aquelles que hi não vêem tripudiando
 Os estultos derviches. Sobre ao pulpito,
 E á fé Ximenes poderoso arrastra
 O regio Musa e seus briosos martes,
 Que unisonos clamarão. « — Rei d'Hespanha,
 « Rei de Granada, caridoso alveja
 « Nossa alma impura n'este asylo santo ;
 « Naufrague no poial d'esta mesquita
 « Do embusteiro propheta a lei de sangue :
 « Abra-se em nossos peitos um sacrario
 « Ao Christo humano, ao redemptor do mundo. »

Desce do altar o pressuroso bispo
 Abrasado de amor, cheio de gloria ;
 Descem do throno os venturosos principes,
 E á pia venturosos levão Musa,
 E aos mouros todos que o baptismo implorão.
 Victoria ! sãa o bronze em toda a parte,
 E a trombeta guerreira diz : — Victoria.
 Um fremito secreto abala as fibras
 Da turba marcial. Desembainhadas
 Cruzão no templo as lucidas espadas
 Profectos campeões ; o bardo guia
 O epinicio festivo, e as harpas d'ouro
 O canto apurão que ennobrece as armas.

Cavalleiros investe o Rei catholico
 A seus nobres donzeis, que na capella
 De Santa-Fé velarão suas armas.
 A Dom Martim de Burgos, por mor honra,
 Entrega o Rei a espada, e determina
 Que invista cavalleiros os seus socios,
 De andrajos e feridas adornados.
 Calça-lhe a espora o principe Joanne,
 Que Aragão e Castella une na fronte ;
 Cinge-lhe a espada a bemfazeja Madre
 No flanco em que a miseria transparece ;
 E todos, um a um, do augusto esposo
 Nas faces colhem da nobreza o osculo.

DA LIBERDADE DO TRABALHO

POR

JOSÉ DA SILVA LISBOA

(Visconde de Caprú.)

O trabalho, para ter os benéficos effeitos, que a industria humana pôde racionalmente desejar e conseguir, deve ser livre, isto é, não só feito por pessoa isenta do dominio de outro, se não tambem por discreta escolha do mesmo trabalhador, e consequentemente analogo ás suas inclinações, talento e circumstancias; com a moral certeza do arbitrio proprio na disposição do respectivo producto, no que não offende as regras essenciaes da justiça. Faltando qualquer destes requisitos, o resultado do trabalho (o complexo e somma da riqueza particular e publica) vem a ser incomparavelmente inferior ao que se obtem, quando elles se reúnem.

Não entrarei no exame (alheio do meu instituto) se é licita a escravidão, e se são justos os titulos, com que se tem ella introduzido e perpetuado ainda entre nações cultas. Seria crueza magoar uma chaga, que talvez se não possa curar. Sei que já vem, como o barbarismo e violencia, da era dos Chams, (*) e que ao principio não foi assim. Sei que todos os corações honestos a horrorizão. Sei que os mesmos oppressores e indifferentistas extremecem com a mais leve idéa e perigo de passarem por tal sorte. Sei que não só Catões se despedação as entranhas, para não soffrerem tyrannia, se não que até os mais estupidos Cafres terrifica a brutalidade de Cannibaes de varias côres, dando-se a morte por milhares, e suffocando por piedade os proprios fillos, para não cahirem no jugo colono Europeo. Sei que innumeraveis tribus de selvagens não se deixão seduzir de presentes e engodos dos que se jactão de descobridores de mundos. Sei que repugna aos communs sentimentos da humanidade, e ao espirito do Christianismo, que manda não fazer contra outro o que ninguem quer contra si; o que, posto as Divinas Escripturas, por amor da paz e subordinação, ordenassem a obediencia dos senhores civis e domesticos, quer

(*) Genes., Cap. IX., V. 25. *Maledictus Chanaan, servus servorum erit.*

bons, quer dyscolos, (*) e não proscressem explicitamente tão absurdo estabelecimento, complicado com mil vícios e abusos, que não se podem arrançar de salto, sem fazerem maiores males; todavia, não é tal tolerância argumento, que justifique as barbaridades dos que a força, a fortuna, ou o erro elevarão sobre seus semelhantes. Por mais que se dissimule, e pallie instituição tão terrível, sempre os brados da suffocada humanidade apregoarão a verdade da sentença de Seneca — *Quid est servitus et mancipium, nisi nomina ex ambitione et injuriâ nata?* O grande Apostolo das Gentes deu a regra dos verdadeiros christãos — *Prestai aos vossos servos o que é de justica e equidade, na certeza de que tendes tambem um Senhor no Céu. O que faz injustiça, receberá o premio da sua malfetoria. Deus não tem respeito de pessoas.* Paul. Epist ad Col. Cap. III., v. 25, Cap. IV., v. 1.º Considerai portanto a questão somente pelos resultados economicos.

A uniforme experiencia de todos os seculos e paizes, de concerto com a razão, mostra, que o trabalho do homem livre, é melhor, e mais productivo, que o do escravo. Por mais que o senhor se esforce e vigie, o escravo não pôde resolver-se a trabalhar, se não por força e negligentemente, cedendo só por momentos á violencia de quem exige e inspecta o serviço. Todo o homem aborrece, e foge do trabalho, maiormente sendo duro e continuo. Só o amor e o interesse, ou dose forte de estupidez, resolvem a trabalhar á beneficio de outro. Sendo o escravo reduzido á estado de maquina, não esperando melhoria de condição, nem podendo adquerir propriedade, as faculdades do corpo e espirito ficão mutiladas e sem energia, e, se se desenvolvem ás vezes, é com o frenesi da desesperação, para se desatinar ao suicidio, ou assassinato; e constituindo-se o proprio interesse em eterna guerra com o do senhor, o seu empenho e sagacidade consistem em subtrahir-se ao serviço, evitando somente o castigo imminente, ou muito provavel, consumindo o mais, e produzindo o menos.

Accresce o habito (que logo se contrahe e arraiga) de orgulho, continua colera e ferocidade ou indiferença dos senhores a respeito dos escravos, os quaes as vezes sevicião e assassinão, ou por pobreza, ignorancia, e falso calculo, deixão feneceer á mingoa, dando-lhes excessivo trabalho e miseravel alimento. Estes males ainda mais se aggravão, á proporção que se multiplica o numero de escravos, tendo-se nações nas familias (como ora acontece com os da Costa d'África), e é necessario forçal-os ao serviço, e mantêl-os em ordem, sob a guarda e direcção de um feitor, de ordinario violento e brutal (**), que não tendo immediato interesse na existencia e commodidade de miseraveis, que não lhe custarão dinheiro, os maltratão, e frequentemente os destroem, e é difficil, se não impossivel, reprimir-lhe os excessos de authoridade, estando na cruel alternativa, ou de não tirar vantagem de barbaros indolentes, e desacostumados á obra regular e assidua, ou a constrangêl-os ao trabalho e subordinação com dureza, que os aterre e domestique. De taes, e outros indiziveis in-

(*) *Obedite superioribus non tantum bonis, sed etiam dyscolis; non enim sine causâ portant gladium.*

(**) *Postquam nationes in familiis habemus, colluviem illam non nisi metu coherueris. — TACTIO.*

convenientes, que traz apoz de si tão desgraçada pratica, e ignominioso labéo da humanidade, que affrouxa, se não estraga, os sagrados elementos da razão e da justiça, necessariamente resulta, que a obra do escravo não pôde mais competir com a do homem livre em quantidade, perfeição e valor.

O Dr. Smith, além disto observa, que as desordens, que em geral prevalecem na economia do rico, naturalmente se introduzem no manejo de quem tem escravos; a estreita frugalidade, e constante parcimonia (base da accumulção dos fundos e progresso da opulencia) naturalmente se estabelece na do homem livre e não abastado. Havendo differentes manejos, a mesma obra requer muitos differentes grãos de despeza para se executar. A experiencia de todas as edades e nações mostra, que a obra do homem livre vem, emfim de couta, mais barata ao mercado, do que a feita por escravo. Assim se acha nas Colonias da America Ingleza, onde não ha escravos, relativamente ao que os tem, não obstante que n'aquellas o salario do trabalho seja mui alto. Podia-se accrescentar que o character geral dos ricaços nos paizes de escravos se distingue, ou pela mais nescia e desconcertada prodigalidade, ou pela mais sordida avareza e mesquinharia; sendo, como se diz em bom portuguez, uubas de fome e pobretões infatuados, maiormente com os escravos, que mais os ajudão a viver, segundo escreveu o Poeta nos tempos mais horridos da depravação e tyrannia romana. (*)

Observa ainda mais o Dr. Smith, que os escravos raras vezes são inventores; e todos os mais importantes melhoramentos das artes, seja em maquinas, seja no arrançamento e disposição da obra, que facilita e abrevia o trabalho, tem sido de homens livres. Quando algum escravo (diz elle) propuzesse qualquer adiantamento deste genero, o senhor seria inclinado a considerar a proposta, como suggestão da preguiça. O pobre escravo, em lugar de premio, muito provavelmente encontraria affrontas, e talvez castigo. Passava em proverbio serem os escravos preguiçosos e dorminhocos. Elles vendo passar quasi todo o fructo do seu suor para a bolsa alheia, devem necessariamente preferir o — *molles in gramine somnos* — á activa industria, que lhes não dá proveito.

Portanto nas lavoiras, minas e manufacturas, em que se empregão escravos, é necessario, em geral, mais trabalho, para se executar a mesma quantidade de obra, do que nas exercidas por homens livres. A obra d'aquelles consequentemente vem a ser mais caras, do que a destes. *Montesquieu* observa, que nas minas de Hungria, ainda que não tão ricas, tem sido sempre trabalhadas com menos despezas, e portanto com mais lucro, que as da Turquia, alias visinhas. A razão da differença é, que as minas da Turquia são trabalhadas por escravos, e os braços destes são as uni-

(*) , Cogit minimas ediscere sordes
 Mox adquirendí; docet insatiabile votum,
 Servorum ventres modio castigat iniquo
 Ipse quoque esuriens: neque enim omnia sustinet unquam
 Mucida carulei panis consumere frustra,
 sed quo divitias hæc per tormenta coactas,
 cum furor haud dubius, cum sit manifestus phrenesis
 Et læcuples moriaris, egentí vivere fato,

cas maquinas, que os Turcos empregão, e jámais cogitarão de outras. As minas porém de Hungria são trabalhadas por homens livres, que empregão grande variedade de maquinas, pelas quaes facilitão e abrevião o proprio trabalho.

A superstição, despotismo, e falsas idéas de gloria, que havia entre os Gregos e Romanos, posto blazonassem de civilisação, forão os motivos de entregarem o trabalho da agricultura, artes e commercio á escravos, considerando só digna do homem livre a profissão militar; e esta era provavelmente uma das principaes causas da extrema carestia das suas manufacturas. A seda vendia-se a pezo de ouro. Uma peça de linho fino pagava-se por um preço extravagante. As obras de lã, principalmente as pintadas de certa cõr, tinham um custo desmedido, que excedem toda a crença.

O mesmo profundo author, quando investiga as diversas vantagens dos varios generos de cultura d'America, é de parecer, que o trabalho do escravo apenas poderá fazer conta na cultura do assucar nas terras proprias a esta producção, em quanto ellas se venderem n'America muito baratas, pela falta de população, e o mercado geral da Europa não for abundantemente supprido deste genero. Elle compara taes terras no estado actual do commercio, com o das boas vinhas de França, cujo producto está sempre em *demanda effectiva* dos consumidores. A cultura do tabaco já não se acha em iguaes circumstancias; e do trigo muito menos, e portanto não pôde ser feita com vantagem por escravos, nem poderá affrontar a concorrência dos paizes de gente livre, e de governo regular, e menos d'aquelles, onde não houver sobrecarrego de impostos, nem os monstruosos monopolios mercantis e politicos, que occasionão a oppressão e miseria da maior parte do povo, que, vivendo de salario do seu trabalho, e sendo mal pagos, tem mais interesse de serem preguiçosos do que trabalhadores.

Já foi notado por Aristoteles na Grecia, e por Plinio, e Columella na Italia, o quanto degenerou n'aquelles paizes a cultura do trigo por falta de lucro competente, logo que foi abandonada á escravos. Então é que se começou a queixar das esterilidades, e sentirem-se frequentes fomes e carestias. Platão na sua Republica suppunha necessaria a extensão das planicies de Babilonia, para sustentarem-se pela cultura de escravos cinco mil homens livres com suas mulheres e filhos. Emfim é difficil, e nada seguro lucrar da miseria alheia. Repugna á sã politica promover um estado contra a natureza, que apenas se pôde manter por violencia de quem manda, e ignorancia de quem serve. Que fortuna solida e estabelecimento tranquillo se pôde tirar de braços repugnantes, e trabalhos erradios de barbaros e desesperados? Mal se pôde ser feliz, vivendo-se á força com naturaes e implacaveis inimigos domesticos, reduzidos a pouco menos da condição de brutos, correndo os senhores não só a responsabilidade de seus vicios e malfetorias, e os riscos da fugida e morte, senão tambem os continuos sustos de suas aleivosias e vinganças, de que tem havido horridos exemplos (*).

(*) Aspice nostrum
Dura quod exemplum feritas produxerit avo.

Quando o trabalho social está sob a direcção de tyrannia domestica e civil, incalculaveis são os males, que d'ahi resultão á civilisação, opulencia e civilisação.

1.º Exalta-se o original barbarismo, e insolencia do homem, que antes quer constranger, mandar e opprimir, do que ajustar, persuadir e bemfazer.

2.º Habitua-se a obrar pelo cego impulso do medo e violencia, e não pela illustrada coragem, e legitimo imperio da razão.

3.º Estabelece-se interminavel hostilidade entre o poderoso e o desvalido, o inerte e o industrioso, o adulator e o homem de honra; fiando-se aquelles no prestigio da força, riqueza e fraude, não tendo estes outro regresso, que a intriga, lisonja, ou aviltado soffrimento, que paralysa e amortece todas as virtudes.

4.º Onde se authorisa o captiveiro, as mais baixas e vis paixões animaes tomão o seu terrivel ascendente. O que tem escravos, vive sempre enfesado, e tem de ordinario o espirito em cegueira e turbação. Faz-se duro, e intratavel entre os iguaes, vingativo e cruel com os inferiores, e inexoravel com os objectos do seu furor e ignorancia. Os continuos exemplos de violencia e humilhação endurece os animos, e habitúa á vilanias.

5.º O homem livre jámais se põe a par do escravo; e a infinita distancia dos estados os repulsa de toda a racionavel alliança e parceria. Por isso, onde se acha estabelecida a escravidão, o trabalho d'agricultura e artes fica deshonorado, como sendo a unica e principal occupação dos captivos. D'ahi vem, que os livres, que não podem ter escravos, ficão com pouca ou nenhuma obra honesta, sendo supplantados pela concorrancia das pessoas de condição servil, dos libertos, e dos que a elles se avizinhão. Não tendo assim meios facéis de subsistencia, e de procreação da prole, querendo todavia viver á fidalga, em geral se distinguem pela invencivel preguiça, forçado celibato, e inepto orgulho. Portanto não só a moralidade e character nada ganharão em tal estabelecimento, senão tambem a riqueza publica deve ser comparativamente inconsideravel, não obstante as vantagens do clima e terreno; porque a somma e o resultado do trabalho productivo devem ser menores, por ser este feito por escravos, e porque a maior parte dos livres só consome, e nada produz. Porisso, onde se tem adoptado a policia da escravidão dos oriundos d'África, não se vê, e é impossivel formar-se um corpo de nação cordata, e crescer a população segundo o seu natural progresso nos paizes ferteis, e bem situados para o commercio.

No tempo dos vangloriosos Gregos e Romanos, que fazião captivos os prisioneiros de guerra, parecia impossivel subsistir o imperio sem escravos. Elles porém occasionarão mil convulsões e miserias. A rebellião dos Iotas na Grecia, e dos sequezes de Espartaco na Italia aterrou os mais esclarecidos Estados, e os mais habéis generaes desses tempos. Derrubado o Imperio do Occidente pelos Barbaros do Norte, e estabelecida a servidão da gleba, parecia impossivel prosperarem as Dynastias sem tal policia. Os paizes e reinos, em que esta primeiro se abolio, ou mitigou, avantajárão-se em artes, civilisação, e estabilidade politica, entretanto

que os mais afferrados ás brutaes praticas, ficarão atrazados, pobres, em anarquia, ou despotismo.

Nas Colonias d'America, onde o uso, ou a inculcada necessidade de um clima ardente, faz continuar o captiveiro dos negros d'África e seus descendentes, pareceria justo, que o soberano dêsse efficaz protecção ao escravo contra a tyrannia de seus senhores; não só quando os maltratassem com severidades, sevicias, excesso de trabalho, falta de subsistencia e curativo, como é provido pelas leis romanas, fazendo dar incontinentemente a liberdade aos opprimidos e desamparados, ou vendêl-os com boas condições, ou ainda punir com as competentes penas da lei os que abuzassem enormemente da authoridade domestica, segundo as circumstancias do caso, senão tambem ordenar a alforria, sempre que os escravos offerecessem o seu justo preço, ainda sem terem soffrido agravo do senhor, com mais a quinta parte do mesmo preço, pela analogia da Ord. Liv. 4., Tit. 11, § 4.

Emfim, onde se tolera, ou se considera indispensavel ter escravos, é preciso, que o jugo seja dóce, para não ser inutil. E se todas as leis provêem a que ninguém abuse do que é seu, ainda nas cousas inanimadas, não pôde um soberano, pai commum da patria, authorizar os abusos do captiveiro, sendo indifferente a respeito das crueldades, que muitos senhores praticão, até usando de instrumentos de tortura, cuja horribilidade não é somenos da diabolica invenção de Phalaris. Vêem-se senhores de um e outro sexo, quaes Rhadamantos, Megeras, e infernaes Mastigopheros, que os poetas descrevêrão em todas as suas furias, regalar o animo, e apascentar a vista, ordenando mortiferos supplicios á escravos, ás vezes de tenra idade, por culpas leves, e de ordinario com immensa desproporção ao delicto. Em quantas occasiões se não observão as horriveis scenas, que Juvenal pintou das cruezas Romanas, ainda mais desapiedadamente exercidas por mulheres, (*) maiormente tendo sido escravas, como bem notou o grande Tacito — tanto sævior, quia servierat.

A policia de Hespanha nas suas Colonias parece excellente modelo. Qualquer escravo, ainda não sendo seviciado, tem direito de comprar a sua liberdade, citando a seu senhor para avaliação do preço por arbitrio de bom varão, nomeando cada um á aprazimento seu arbitro; e no caso de discordia, o juiz se interpõe, accordando-se com alguns delles. Para que cederemos aos Hespanhóes em justiça e humanidade? O celebre Campomanes, esclarecido ministro desta nação, tem promovido estes e outros tão dignos estabelecimentos, como se lê na obra do Sr. Joseph Towusend na sua viagem á Hespanha, impressa em Londres em 1792.

Assim, cuidando-se no ensino e cazamento dos escravos e libertos, havendo policia vigilante e vigorosa, para serem bastantemente occupados em trabalho util; de necessidade serião menos perversos, e mais industriosos: a certeza da beneficencia do soberano os faria subordinados, agradecidos, e sustentadores do governo,

(*) *Pone cruce[m] servo: meruit quo crimine servus
Supplittium? Quis testis adest? Quis delulit? Audi.
Nunquam de morte hominis cunctatio longa est.
O demens! itane servus homo est: nihil fecerit, esto:
Hoc volo, sic jubeo, stat pro ratione voluntas.*

as Colonias crescerão em população de gente livre, que darião infinidade de productos para objectos de troca, e bem da Metropole; e até com o tempo provavelmente contribuirião para a civilisação d'África, e reciproco trafico natural e leal; extinto o vil commercio de sangue humano, que, perpetuando o barbarismo dos vendedores e compradores, e vindo periodicamente infestar de hexigas, escorbutos, e outros miasmas, e contagios, as Colonias Europeas, extinguindo milhares de crianças do paiz, que serião esperança da patria e posteridade, serve apenas de mal recrutar a população dos negros, sacrificada a mil generos de mortes, tormentos e agonias, e dando o repulsivo espectaculo de um povo de barbaros, nús, famintos, preguiçosos, dissolutos e atraçoados.

Por fim, ainda prescindindo da moralidade, o simples calculo de interesse mostra o erro economico de procurar enriquecer alguém com escravaturas. Quem compra escravos põe o seu cabedal em fundos perdidos. Os Inglezes, que contão o negocio mercantilmente, computão a mortalidade annual dos escravos d'África a 40 por cento. Ainda que a terra brotasse ouro, difficilmente repararia tão grande, periodica e certa perda. Que infernal commercio é o em que se faz preciso fraudar o ventre não menos do senhor, do que o do escravo, e repellir ao hospede, para se tirar algum partido?

Dizem os viajantes d'America do Norte, que é ordinario vêr-se a um simples jornaleiro de enchada ir para o serviço do campo, tendo por decente viatico seu pão alvo, e meia galinha assada. A alegria, affabilidade, hospedagem, agasalho, franqueza, musica, bemfeitorias rusticas, boas estradas, civilisação, afformoseão ahí as terras lavradas com braços livres. Mal se desce para onde se cultiva o assucar e tabaco, não se encontra, senão pobreza, miseria, nudez, desconfiança e vilania. Se o celebre bispo hespanhol, o piedoso Las Casas, previsse tanta desventura, não aconselharia por humanidade o commercio da cafraria, para alliviar os Indigenas d'America da tyrannia dos seus conquistadores. Até onde se terião elevado a povoação, civilisação, opulencia do novo mundo, se a raça Europea, primeira na escala da humanidade, tivesse dignificado as incultas regiões? Que immensidade de produções não existirião hoje para troco das obras primas da industria das respectivas Metropoles e Estados civilisados?

Ainda não ví no Brasil casa, que só por escravos passasse com esplendor a netos. Não basta que o trabalho seja exercido por homem livre: é não menos preciso, que, quanto fôr possível, seja da espontanea escolha do trabalhador, e analogo ás suas propensões e talentos naturaes. Esta regra é importantissima na educação domestica, que influe quasi geralmente nos diversos modos de vida, e profissões da sociedade. Ainda que os trabalhos mais rudes do campo e das artes mechanicas, sejam, por assim dizer, homogeneos, e caibão na ordinaria capacidade de todos os homens, suppondo sómente robustez, e algum grão de attenção nos que nelle se empregão; todavia as artes liberaes e as sciencias requerem muito variada e particular aptidão nas pessoas, que se applicão ás mesmas; e não é indifferente, quanto ao final resultado, dar-se alguém á este ou áquelle genero de industria. O trabalho exercido com propensão e gosto é sempre mais aturado, de boa ordem, productivo e de pri-

mor : o que se executa com repugnancia, e contra o genio de cada um, é avesso, moroso, grosseiro e de insignificante valia. Os mesmos trabalhos do campo suppoem muita variedade de conhecimentos necessarios, para prosperar a lavoura, e requerem propensão e gosto dos que a elles se dedição, para se poder tirar o maior fructo possível.

E' portanto essencial á riqueza do Estado, que se deixe á cada um pleno arbitrio, não só na escolha da sua profissão, e modo de vida, dirigido unicamente pela ordinaria prudencia, e affecto dos pais, senão tambem na mudança de umas para outras occupações, que tiverem entre si affinidade e analogia, segundo as circumstancias; removendo-se por este modo a obstrucção do trabalho e industria, que retém em muitos paizes grande numero de individuos na miseria, com deshonra da humanidade, e immensa diminuição da publica opulencia, e felicidade social. Assim, quando decabisse uma fabrica, um ramo de commercio, não ficarião milhares de braços sem obra e salario, nem a nação seria privada dos respectivos productos.

Esta regra apenas poderá admittir excepção temporaria nos casos de extrema necessidade publica, como de invasão de inimigos: então é evidente a urgencia do governo em forçar o povo a alistamento militar e de marinha, tirando os particulares das suas occupações ordinarias: bem que em uma nação de boas leis, em que o amor da patria tem o firme apoio das vantagens, que os individuos experimentão no seu governo, quando se trata do perigo do Estado, é impossivel pensar, que já-mais faltem voluntarios, que á porfia se offereção ao serviço. No tempo de paz, em governo justo, não pôde haver fundado receio, que, dando-se paga competente, e não sendo o soldado aviltado com disciplina de barbaros, deixem de concorrer muitos, que, de bom grado procurem distincção e gloria em uma profissão essencialmente nobre pelo seu objecto e sacrificios, e sempre honrada na opinião de todos os povos e edades. Não careceu Roma de recrutas de força, para levar as suas aguias a subjugar tão vastos paizes. A decadencia da Republica data da admissão de mercenarios, quando antes só os que tinham o foro de cidadão tinham direito de se alistarem nas bandeiras da patria.

Ao Illm.º Sr, Dr. Joaquim Caetano da Silva

REITOR DO COLLEGIO DE PEDRO II

No dia 1.º de Junho de 1845.

Anjos, que vistes do Jordão sagrado
 Retrocedendo as aguas
 Virem cheias beijar de acceso anhele
 Os pés do Rei do Empyreo,
 A cuja portentosa voz se erguerão
 Myriades de mundos
 Do escuro horror do cáos na origem prima;
 Vós, que sobre os verdosos
 Palmares de Ascalon, ou de Solyma
 Sobre os montes radiantes
 Co'a luz clara dos céos, abrindo as azas
 De neve e de ouro fino,
 Baixastes a illustrar a mente prescia
 Dos sublimes Prophetas;
 Que do Regio Cantor nessa harpa eterna
 Os mysticos accentos
 Das citharas colhidos, que resoão
 Do Cordeiro ante o solio,
 Fizestes os mortaes ouvir na terra:
 Vinde, vinde, inspirai-me
 Neste dia feliz, em que da Graça
 Desponta a luz primeira
 Sobre o peito de um Anjo, que descera
 Das regiões ethereas
 Para ornato do mundo, encanto e gloria,
 Em seus labios de rosa
 Da candura trazendo o almo sorriso,
 No momento solemne

Em que os ares rasgando, a azul esphera
 Em triumpho se eleva
 Sobre nuvens de prata o sol divino.
 Na fronte sacrosanta,
 Que aos olhos do fiel retrata a scena
 Em mysterios fecunda
 Que outr'ora do Jordão vistas nas margens
 De espanto possuidos,
 Do tronco original a nodoa antiga
 Apagai diligentes.
 Cingi-lhe as brancas vestes consagradas
 Pela unção adoravel
 Do sangue virginal vertido em rios
 Do Golgotha no cume.
 Co'as gemmas da Virtude, e'os carismas
 Da celeste Sapiencia
 Adornai-lhe a alma pura : sêde os fidos
 Custodios vigilantes,
 Que o seu placido berço, carinhosos,
 Dos tiros da Desgraça.
 Da sanha atroz do horrendo Basilisco,
 No barathro de chammas
 Affeito á dôr, ao mal, ao pranto, á pena,
 Com broquel forte abriguem ;
 Como no fragil berço exposto ás furias
 Do temeroso Nilo
 Abrigastes o hebreo misero infante ;
 Ou quaes do tetro Assyrio
 Salvastes da Bethulia a Mulher forte,
 P'ra ser victoriosa
 Sempiterno esplendor da patria sua.
 Do Ser que os orbes rege,
 Que os seus thesouros providos reparte,
 E Pai da humana prole,
 Rico em misericordia, amor, bondade,
 Só quer da creatura
 A' sua imagem feita puro incenso,
 Gratidão merecida,
 Os dotes impetrai que delle emanão.
 Ouvi os pios votos,
 O' dos homens amigos, tutelares,
 Que hoje rendidos mandão,

E ante as aras prostrados , como um hymno
 Dos Seraphins, entoão
 A bem da cara Filha os Pais ditosos
 Da innocente LAURA ;
 O ministro do céo, que o sello augusto
 Da perpetua alliança,
 Cheio de fé, esp'rança, e fogo santo ,
 Lhe imprime sobre a fronte.
 Qual cresce a tenra flôr entre os orvalhos
 Da refulgente aurora,
 Cresça em annos, virtudes, formosura
 A mimosa menina.
 Seja do Pai a joia abençoada,
 Do Pai, symbolo vivo
 Do constante varão sesudo, e probo :
 Seja da Mãi retrato,
 Da virtuosa Mãi, das Mãis modelo,
 Modelo das esposas.

Pelo P.^o M.^o FR. RODRIGO DE S. JOSÉ.

A' particular amizade com que nos honra o illustre varão a quem foi dedicada esta obra, devemos a satisfação de offerecêl-a aos nossos assignantes ; tanto mais que a modestia de seu author parece algum tanto ceder ás nossas repetidas instancias, e nos dá a lisongeira esperanza de no proximo numero publicarmos uma outra producção sua : o muito reverendo Sr. Padre Mestre Fr. Rodrigo de S. José, que é um justo ornamento da ordem Benedictina do Brasil, não tem razão para ser tão timido ; e muito menos de privar já o paiz dos seus trabalhos litterarios, mormente dos desta especie, que perdem quotidianamente na obscuridade do gabinete : a nossa mocidade precisa de bons exemplares.

MEDITAÇÃO.

(Fragmento.)

Cap. 1.º

II.

Então o velho estendendo a mão descarnada e macilenta tocou as minhas palpebras, que scintillarão como sentindo o contacto de um corpo electrizado.

E diante dos meus olhos se estendeu uma corrente de luz suave e colorida como a luz de uma aurora boreal.

E o ancião me disse : « Olha do norte ao sul, do occaso ao nascer do sol, té onde alcançar a luz dos teus olhos, e dize-me o que vês.

E o seu gesto era soberano e tremendo, como o gesto de um monarcha irritado.

E a sua voz solemne e grave, como a voz do sacerdote que psalmeia uma oração funebre em noite de enterramento.

E eu levei os meus olhos de norte a sul, do occaso ao nascer do sol, té onde elles alcançavão, e respondi :

« Meu pai, vejo diante de meus olhos uma prodigiosa extensão de terreno ; é por ventura algum imperio, tão grande espaço me parece que encerra.

« E as arvores que o sombreião são robustas e frondosas, como se desde a criação presenciassem o incessante volver dos seculos.

« E a relva que o tapisa é densa e avelludada ; e as suas flôres melindrosas e perfumadas ; e as suas aves canoras, e brilhantes como as suas flôres.

« E o céu que cobre essa terra bendita é sereno e estrellado, e parece reflectir nas suas côres fulgentes o sorriso benevolo e carinhoso de quando o Creador o suspendia nos ares, como um rico diamante pendente do seu throno.

« E sobre essa terra mimosa, por baixo dessas arvores collossaes, vejo milhares de homens de phisionomias discordes, de côr varia e de caracteres differentes.

« E esses homens formão circulos concentricos, como os que fórma a pedra, cahindo no meio das aguas placidas de um lago.

« E os que formão os circulos externos têm maneiras submissas e respeitosas, e são de côr preta ; — os outros, que são como um punhado de homens, formando o

centro de todos os círculos, têm maneiras senhoriaes e arrogantes, e são de côr branca.

« E os homens de côr preta têm as mãos presas em longas correntes de ferro, cujos anneis vão de uns a outros, eternos, como a maldição que passa de pais a filhos. »

III.

E eu fallava ainda quando um mancebo, imberbe, sabindo d'entre os homens de côr branca, açoitou as faces de outro de côr preta com o reverso da sua mão esquerda.

E o offendido, velho e curvado sob o peso dos annos, crusou os braços, musculosos apezar da velhice, e deixou pender a cabeça sobre o peito.

E após um instante de silencio profundo, arrojou-se aos pés de um ancião de côr branca, clamando justiça com voz abafada.

E um d'entre estes, na flôr da idade, ergueu-se iroso entre os dous anciãos de cabellos brancos e lançou por terra o injuriado, que pedia justiça.

E o ancião de côr branca, que longe do buliço do mundo havia meditado longos annos, soltou um suspiro das profundezas do peito.

E os elos da corrente que manietava os homens de côr preta soltarão um som aspero e discordante, como o rugido de uma panthera.

E eu vi que esses homens tentavão desligar-se das suas cadêas, e que dos pulsos arrochados lhes corria o sangue sobre as algemas pesadas.

E vi que o ferro resistia as suas tentativas; mas tambem vi que a sua raiva era frenetica, e que o sangue que lhes manava das feridas cerceava o ferro, como o enxofre incendiado.

IV.

E o ancião me disse: Affasta os olhos dos homens que soffrem e dos que fazem soffrer, como de um objecto impuro e volve-os em redor de ti.

E eu affastei os olhos desse spectaculo luctuoso e volvi-os em redor de mim.

E vi algumas cidades, villas e aldeias, disseminadas pela vasta extensão d'aquelle imperio, como arvores rachyticas plantadas em deserto infructifero.

E nessas cidades, villas e aldeias havia um fervilhar de homens, velhos e crianças, correndo todos em direcções diversas e com rapidez differente, como homens carentes de juizo.

E as suas ruas erão tortuosas, estreitas e mal calçadas, como obra da incuria;

e as suas casas baixas, feias e sem elegancia não rivalisavão com a habitação dos castores.

E os seus palacios erão sem pompa e sem grandesa, e os seus templos sem dignidade e sem religião.

E os seus rios, obstruidos por alguns troncos desenraizados, erão cortados por angadas mal tecidas ou por miseraveis canôas de um só tôro de madeira.

E nessas cidades, villas e aldeias; nos seus cães, praças e chafarizes — vi somente — escravos!

E á porta ou no interior dessas casas mal construidas, e nesses palacios sem elegancia — escravos!

E no adro ou debaixo das naves dos templos, de costas para as imagens sagradas, sem temor como sem respeito — escravos!

E nas jangadas mal tecidas, e nas canôas de um só tôro de madeira — escravos; — e por toda a parte — escravos!

Por isto o estrangeiro que chega a algum porto do vasto imperio, consulta de novo a sua derrota, e observa attentamente os astros, porque julga que um vento inimigo o levou ás costas d'Africa.

E conhece, por fim, que está no Brasil, a terra da liberdade, a terra ataviada de primores, e esclarecida por um céu estrellado e magnifico.

Mas grande parte da sua população é escrava; mas a sua riqueza consiste nos escravos; mas o sorriso, o deleite do seu commerciante, do seu agricola e o alimento de todos os seus habitantes é comprado á custa do sangue e do suor do escravo.

E nos labios do estrangeiro que aporta ao Brasil, desponta um sorriso ironico e despeitoso; e elle diz consigo que a terra da escravidão não poderá durar muito; porque é crente, e sabe que os homens são feitos do mesmo barro, sujeitos ás mesmas dôres e ás mesmas necessidades.

V.

E sabes tu, perguntou-me o ancião, porque as vossas ruas são estreitas, tortuosas e mal calçadas, e porque as vossas casas são baixas feias e sem elegancia?

Sabes porque são os vossos palacios sem pompa e sem grandesa, e os vossos templos sem dignidade e sem religião?

Sabes porque é miseravel a vossa marinha, e porque se ri o estrangeiro que aporta ao Brasil?

E' porque o bello e o grande é filho do pensamento, e o pensamento do bello e do grande é incompativel com o sentir do escravo.

E o escravo é o pão de que vos alimentais, as tellas que vestis, o vosso pensamento quotidiano, e o vosso braço incansavel.

Vê as pyramides do Egypto, sarcophagos gigantescos, que lá se vão perder nas entranhas das nuvens, tão elevadas como o mais elevado pensamento

Vê os templos gregos, cuja elegante architectura buscava assento em meio de vales deleitosos, harmouisando com o céu da Grecia e com a fertilidade e viço da sua gleba.

Vê nas cupolas arabes, essa florêsta de columnas de mil côres, rodando em um peristyllo circular semelhante ás tendas das tribus nomadas e patriarchaes.

Vê os templos da idade media, essas epopéas do christianismo, com os seus zimbórios volumosos, com os seus campanários terminados em agulhas subtis e afiadas, que elevão o pensamento além das nuvens.

Esses tumulos, bem como as ruinas dos palacios e dos templos de Memphis revelão uma idéa, porque os Egyptcios a gravárão nas suas obras, debaixo dos hieroglyphos, que os sacerdotes multiplicárão na fachada dos seus templos e nas paredes dos seus edificios.

Os Gregos realisárão o bello ideal, — e os Arabes, tentando realisal-o transformárão a sua tenda de um dia em habitações duradouras; porque elles erão livres nos actos e no pensamento, — livres como o simoum dos seus areaes.

E os bizzaros brutescos da architectura goda representão a vida, porém a vida multiplice e variada; e a agulha dos seus templos figurão o infinito; e o seu cimento indestructivel trazem á lembrança as idéas mais puras da moral — Deos e a immortalidade.

E os pagodes da China, ou a pedra druidica no meio das florestas gaulesas, ou mesmo as inscripções e imperfeitos desenhos dos vossos Indios na superficie lisa dos rochedos do Yapurá dizem mais, e são mais bellos que os vossos edificios sem expressão, nem sentimento.

E o escravo não pôde ser architecto, porque a escravidão é mesquinha, e porque a architectura é filha do pensamento, e o pensamento é livre como o vento que varre a terra.

E o escravo será negligente e inerte, porque não lhe aproveitará o suor do seu rosto, porque a sua obra não será a recompensa do seu trabalho, porque a sua intelligencia é limitada, e porque elle não tem o amor da gloria.

E o homem livre dará de mão ás bellas artes, porque não quer hobrear com o escravo, que é infame e deshonroso.

E não se dará ás artes mechanicas, que são o emprego dos libertos e daquelles que não são homens.

E não se dará á marinha, esse potente vehiculo do commercio e da civilisação, porque a marinha está inçada de escravos.

E se os seus vestidos roçarem a ópa do escravo ou a esclavina do liberto, elle os sacudirá com asco; e se a sua mão tocar amigavelmente a mão do escravo, elle a cerceará do seu pulso. Como pois o chamará collega?

VI.

Um dia apparecestes sobre a terra com todos os vicios de uma nação decadente, como se houvesseis vivido longos annos.

E nem se quer provastes aquellas amargas lições da experiencia, que as nações colhem durante a sua existencia politica, bem como os homens durante a sua vida.

E como a juventude orgulhosos e fatuos, julgais que todos vos obedecem quando a todos vos sujeitaeis; julgais que existis, quando sois meramente preludio de vida, um feto gigante que começa a desenvolver-se debaixo da influencia poderosa do sol dos tropicos.

E se possivel fosse que um dos grandes homens do velho mundo, hoje se erguesse em meio de vós outros do seu sepulchro, onde elle dorme o somno eterno, embalado pelos encomios das gerações que passam, elle pediria os vossos annos para que soubesse que passo andastes no caminho do progresso, e que bem fizestes á humanidade!

Porque elle sabe que as nações formão-se, progridem, e decahem com o mesmo movimento que talvez se podesse marcar, por uma como dynamica e therapeutica social.

E elle vos diria que antes que os Helenos curvassem a cabeça ao jugo otomano forão os guerreiros da Hiada, os de Maratonia e Salamina, e os sabios do tempo de Pericles.

E antes que os Romanos passassem meia vida nas suas thermas perfumadas, antes que fossem os authores de molles serenatas e de cançonetas de amor, forão os conquistadores da Gallia, Hiberia e Scandinavia, e os senhores do mundo conhecido, e os artistas de Leão X.

E antes que os Bretões se dêssem á orgia e a intemperança depois das sessões dos seus parlamentos, antes que dêssem ao mundo estupefacto o spectaculo das suas phantasticas extravagancias, forão os companheiros dos reis Arthur, Henrique e Ricardo, e os philosophos e litteratos do seculo XVI e do seculo XVII.

E os Gauleses tambem forão os guerreiros de Breno, os companheiros de Luiz o Sancto, de Bayard o ultimo cavalleiro, e de Francisco, o rei cavalleiroso, e os homens de Luiz XIV.

Passarão todos da idade da força á idade da razão; do reinado das armas ao reinado da intelligencia, para depois adormecerem sobre o fructo dos seus trabalhos, como o vendimador junto aos cestos que elle mesmo enchera de appetitosos caxos.

Não assim vós que sois uma anomalia na ordem social, como o que nascesse adulto com os vicios e fraquezas da idade propecta e com o scepticismo do homem pervertido.

; Não tereis vós de retroceder pelo mesmo caminho por onde agora divagaes, ou vos lançou Deos sobre a terra, porque servisseis de lição ao porvir e de escarmento ás gerações futuras?

VII.

E o ancião fallava ainda; porém o meu pensamento não o escutava, que os meus olhos seguíam um objecto — horrivel como o talvez de um grande infortunio.

Como Laocoon, soffrendo terriveis agonias, concentrava todas as suas forças para espedaçar os aneis vigorosos da serpente que o enlaçava.

Como no meio de uma habitação que arde, o homem louco e delirante agarra-se as traves em brasa meio-consumidas pelo incendio, e não sente a dôr do fogo, que lhe rói as carnes dos membros.

Os homens que soffrião reunirão-se como um só homem, e soltarão um grito—horriso, como seria o desabar dos mundos.

E pareceu-me que elles se transformavão em unidade como um colosso enorme e valido, cuja fronte se perdia nas nuvens, e cujos pés se enterravão em uma sepultura immensa e profunda como um abysmo.

E o colosso tinha as feições horrivelmente contrahidas pela raiva, e com os braços erguidos tentava descarregar ás mãos ambas um golpe que seria de extermínio.

E a victima era um povo inteiro; erão os filhos de uma numerosa familia levados ao sacrificio por seus pais, como Abraham levou a Isaac, seu filho.

E como Isaac, as victimas deste sacrificio cruento tinhão cortado a lenha para a sua fogueira e adormecêrão sobre ella, sonhando um festim sumptuoso.

E como Isaac tambem, elles acordárão com as espadas sobre as suas cabeças, e o seu despertar foi terrivel, porque sómente Deos os poderia salvar.

E um calafrio de terror percorreu a medulla dos meus ossos, e o meu sangue parou nas minhas veias, e o meu coração cessou de bater.

E o ancião que tudo sabia, comprehendeu o meu soffrimento, e tirou a mão de sobre as minhas palpebras, e os meus olhos se abrirão de novo.

E um manto de trevas impenetraveis se desenrolou subitamente diante dos meus olhos, como diante dos olhos de Tobias, quando o Senhor quiz provar a sua virtude.

E eu senti que a vida fugia dos meus sentidos, e cahi de face contra a terra com a inercia de um corpo sem vida.

Algumas idéas sobre as Bellas Artes e a Industria no Imperio do Brasil.

1.º ARTIGO.

A aptidão de certos homens, nascidos em certas localidades, para este ou aquelle mister da sociedade, é um segredo da natureza; assim como o do privilegio que têm alguns lugares de dar mais belleza corporal, ou intelligencia aos que ali nascem: no mesmo paiz, debaixo da mesma temperatura se encontram já muitas differenças, quanto mais na superficie do globo, dividida em tantas zonas e climas, e com uma variedade immensa de phisionomias.

Abertas as paginas da historia do mundo antigo, encontraremos, a respeito do prestimo ou inclinação dos homens, aquillo mesmo que hoje se observa com as modificações proprias do tempo, e dos vehiculos que a civilização moderna possui, e que tanta honra lhe fazem.

Ha povos que tem em si o dom de crearem, o dom da invenção, assim como ha outros que possuem o de aperfeçoarem tudo. Não podemos dizer que este resultado seja sómente fructo da educação, porque se assim o fosse a educação concorreria tambem para alterar a especie n'aquillo que é propriamente phisico: as outras cidades da Allemanha desejarão ter mulheres tão bellas como as de Brunswik, e a Italia não contaria uma porção da costa do Adriatico como a patria eterna da belleza.

A Hespanha e Portugal tem suas localidades decantadas pela formozura de suas mulheres: todos os homens da terra gabão a perfeição das mulheres de Cadix, e das Andalusas; os viajantes mais serios, e os naturalistas preconisão as formozuras das de Guimarães.

As Albanezas, no Estado Pontificio, são o typo do bello, e os modêlos de todos os artistas que vão a Roma, assim como as filhas de Palermo, e as da Ilha de Ghio. As mulheres de todo o Gurgistão, do Imiretto, e de todas as immediações da serra do Caucaso, passam por divinas; e todo o mundo sabe a que ponto são gabadas as virgens e matronas da Circassia, de Cachemira, e da Georgia.

Ao pé d'estes povos bellos, eroticos, que deslisão a existencia nas delicias do amor, se acha immediatamente um contraste saliente em outros povos que são de uma fealdade repugnante, como os Kalmukes e os Tartaros Nogais.

Bergamo se gloria de ser a patria dos tenores, de ser a terra dos habitantes canó-

ros; Veneza, além da tocante formozura das suas filhas, é a patria dos oradores; o Romanholo é tão bom soldado como o Piemontez; assim como a Picarda e a Alsacia são o typo da belleza franceza.

O aço e o ferro na mão do Inglez equivale ao ouro e á prata na mão do Francez: ambas as nações tem um merito superior no fabrico, e tem sempre mostrado uma aptidão peculiar, ou predilecção para este ou aquelle methodo de trabalho.

O que acontece na ordem phisica, acontece na ordem moral: é o Allemão philosopho, o Inglez emprehendedor, o Francez artista, o Italiano musico, o Hespanhol cavalheiro, e o Portuguez negociante.

As artes em todos estes povos tem florecido mais ou menos, segundo as épocas de esplendor que houverão; porque alguns nada erão então na civilisação, quando já outros representavão o primeiro papel no mundo.

Em 1394 nasceu na cidade do Porto um homem dos mais grandes que tem havido na terra: este homem era príncipe, e filho de D. João I, e chamou-se o Infante D. Henrique! A época que este homem abriu para a humanidade, com a criação da escola nautica de Sagres, e com as viagens que emprehendeo, e que derão azo a essas famosas descobertas dos Portuguezes, é de tão grande magnitude, e de um resultado tão prodigioso, que nenhuma nação do globo a terá mais, nem poderá conquistar uma gloria que se equipare a esta.

Estes exemplos memoraveis fizeram sair do porto de Palos o famoso Colombo; fizeram o Gama dobrar o Cabo das tormentas, e Magalhaens provar que a terra era espherica: a nautica, a astronomia, todos os conhecimentos humanos se engrandecerão repentinamente para a Europa, que ainda ignorava os progressos dos Arabes, e os celebres peryplos que seus agudos navegantes havião levado á côrte dos Kalifas de Damasco.

Por outro lado a casa dos Medicis era o refugio de todas as intelligencias superiores da época, e o deposito de todos os manuscriptos que restavão da antiguidade. Florença preparava essa época da renascença começada por Dante, Boccacio, Petrarca e Policiano: as artes, que havião ensaiado os primeiros passos com João de Pisa, e Margheritone; com Orgagna e Cimabue, caminhavão rapidamente para o apparecimento de Leonardo de Vinci, um dos homens mais extraordinarios, um verdadeiro prodigio da intelligencia humana, que fez desenvolver a Miguel Angelo Buonarroti, e que servio de guia a toda essa época brilhante, que M.^r Buret de Longchamps chamou o seculo de Leão X.

A França, que muito se gloria da sua época da renascença, teve essa phase de esplendor muito depois da Italia e de Portugal: da Batalha de Pavia é que data o reino glorioso de Francisco I; e da sua escola de Artes, com a presença do Primaticio, de André del Sarto, e do universal Leonardo de Vinci. A Bohemia, nesses tempos, ainda admirava os crystaes de Veneza, e todas as côrtes da Europa vestião os brocados do Oriente e os tecidos da Italia.

E o que erão todas as nações do continente europeu comparativamente com a Peninsula? O que a Peninsula é hoje comparativamente com ellas! *Sic transit gloria mundi.*

Ora, nós temos balizas infallíveis para o pleno conhecimento do estado de um povo em qualquer época que seja, logo que soubermos do estado de um dos seus elementos de civilização: não ha industria sem commercio, não ha philosophia sem sciencias, e não ha bellas artes sem litteratura: este ultimo elemento é sempre o mais fiel representante das idéas do tempo; é por assim dizer o daguerreotypo que apanha as feições da época, e as transmite á posteridade.

Comparem-se as épocas religiosas com as de um dominante sensualismo; comparem-se os tempos guerreiros com os de um scepticismo geral, e vêr-se-ha sempre a par das crenças, a par dos productos litterarios, a arte se modificando e acompanhando as idéas contemporaneas, e isto será tanto mais saliente quanta será a mobilidade do povo que a exercer. A historia de uma nação está toda inteira na historia dos seus vestuarios; porque delles se colhe o contacto que houvera com os povos de que importára os tecidos, e de quem imitára o traje; assim como do seu estado de volubilidade pela rapidez de mudanças de modas successivas. Olhe-se de sangue frio para todas as modas que houverão em França nestes ultimos sessenta annos, comparem-se com a sua historia, e vêr-se-ha que ella vai de accordo com todas essas mudanças de constituições politicas e de dynastias, que tem havido n'aquelle grande paiz, que parece destinado a ser o estomago do mundo intellectual.

A par de toda esta mobilidade, de todo este antagonismo social, compare-se todos os objectos de sua industria, e vêr-se-ha que elles vão de par com as suas idéas, e que até acompanhão as revoluções com uma precisão de fidelidade, que espanta.

Dominou a architectura, chamada gothica, nos tempos feudaes, e logo que veio a restauração dos Bourbons, e com ella a reacção d'essas idéas fosseis, a industria e as artes se vestirão do gothicismo; dominou a architectura grega, ou classica, com as modificações indispensaveis no povo Romano, e logo que a França foi Grega e Romana, e caminhava para a revolução, começou a transviar-se do estylo barroco, até que se fez grega, e vestio-se como tal, apesar do inverno: todos os seus monumentos foram transfolcados pelos da antiguidade classica; e o espirito da época se pyramidou para assentar a aguia imperial no vertice do seu enthusiasmo.

A segunda queda dos Bourbons, e a elevação da monarchia popular; esta mistura dos tempos da monarchia pura com as idéas da revolução, esta nova sociedade chamou a architectura da renascença, que reapareceu com todo o brilho, e sempre com aquelle toque de delicadeza, com aquella felicidade de applicação, que só pertence ao gosto da nação franceza.

A soberania burgueza, a realeza popular começa a desagradar; os espiritos rolão n'um mar de incertezas, n'um tormentoso provisorio, e as artes se lançarão em differentes vias: os theatros se ornarão de semiluneos, os lustres de caudas encarnadas, e os camárotos de ornatos arabes: durou esta confusão de 1833 a 1840 pouco mais ou menos; e eis que de repente surge o estylo borrominico, ou barroco, e passa a cidade de Pariz e toda a França, e as nações que a imitão a produzirem todos os objectos de industria, e construirẽ salões naquelle gosto, que poucos annos atraz era olhado como um delirio do pensamento humano, como uma aberração do gosto, e contraria a todos os principios do bello e do sublime.

A apparição do gosto barroco, ou borrominico, era precursora de novas idéas, era uma o nuncio de uma mudança subita nos espiritos, e o anno de 1848 o provou, com a inesperada revolução, e com a queda d'aquelle grande Rei, que será em breve denominado o Salomão Francez!

Olhe-se, e estude-se a forma de todos os objectos da industria franceza, que estão expostos por essas lojas, compare-se um com os outros, e com os productos de arte do passado; medite-se sobre esse intrincamento de linhas, sobre essas formas caprichosas, sobre essas laçarias infinitas, e vêr-se-ha, que o artista é sempre um espelho fidedigno do estado do espirito da sociedade, e que a materia, que é modificada ou transfusada pela mão da industria, é um echo que acompanha o caracter do seculo, e o estado das idéas contemporaneas.

Nos grandes monumentos, n'essas moles que se engrandecem com os seculos, lê-se no differente caracter das construcções esse espirito da transição dos tempos: a sé de Pisa no seu magnifico interior tem uma historia completa da arte e da industria desde Boscheto aos nossos dias; igualmente se encontra na sé de Milão, e em algumas cathedraes da França, Hespanha, Portugal e Allemanha estes contrastes de construcções que assignalão á primeira vista a historia das artes, e a historia do edificio.

Ainda não encontramos um historiador que comprehendesse bem a causa da immobilidade plastica na arte egypcia, e que attingisse com o verdadeiro fim de uma lei que prohibia a menor alteração na fórma da execução dos detalhes de seus templos collossaes: todos os historiadores e criticos condemnão semelhante proceder, motivando o tropeço natural que d'ahi resultava para o progresso das artes; e todos elles, ao menos os que havemos lido, não forão buscar a origem de um facto, que a nosso vêr, é o resultado de uma grande sabedoria, e o principio conservador da comprehensão dos dogmas, e sua representação na successão dos tempos.

Os hieroglyphos erão a linguagem escripta da casta sacerdotal, era a escripta ideographica d'aquelle povo, que ainda não tinha o conhecimento da maravilhosa invenção do alphabeto.

Todos os monumentos egypcios estão cobertos d'aquellas esculpturas, e acabados como se fossem de uma mesma mão, quando sabemos que taes massas necessitarão de seculos para seu complecto acabamento. Ora se não houvesse essa lei da immobilidade artistica, se não houvesse esse principio conservador da harmonia e da igualdade na execução e nas representações symbolicas, o que seria da posteridade quando quizesse ler n'aquellas paredes, ou a historia do paiz, ou os dogmas de sua religião?

Se entre os Egypcios, que não possuem ainda a arte de escrever como nós, se abandonasse aos artistas e ao progresso dos tempos, aquellas representações, feitas para o povo, e para os homens privilegiados, e se consentisse em algumas mudanças, que aspecto, ou que confusão não haveria na sua comprehensão, e que desharmonias não surtirião do todo de taes obras, que parecem fundidas de um jacto e acabadas pela mão que as começára?! A experiencia dos tempos modernos fez adoptar a maxima de que um monumento começado se deve acabar conforme o risco

do architecto que creou; e que as restaurações, ou reparos feitos nos edificios antigos, devem sempre se fazer na conformidade do gosto da época que os edificou e do character de sua ordenação architectonica.

As igrejas capitães de Roma ainda conservão o nome de Basilicas das Basilicas romanas que se transformarão em templos do christianismo; e ainda se chamão tribunas ás absides da capella mór, ou á curva que arremata o extremo da abobada no fundo dos templos: o Sr. Hoope, na sua historia da architectura, que abrange por assim dizer a arte dos baixos tempos até a renascença, enumera a grande quantidade de cousas que passarão do polytheismo para o christianismo, debaixo da fórma e das vistas de suas novas idéas, mas sujeitas á fórma material com que symbolisarão os antigos suas crenças e seus dogmas.

Todas as Igrejas do Brasil tem uma fórma particular, que se não encontra na Europa, e esta fórma, nascida de una necessidade da época, tem passado a crear um typo de construcção, para o qual machinalmente ainda se caminha pelo espirito de imitação e de rotina, e que para conserval-o se effeituão os novos templos, sem que um principio religioso, ou alguma belleza d'arte authorise semelhante fórma.

Temos corpo da igreja e capella mór; este sempre mais largo do que a outra, e porque? Porque nos tempos primitivos se edificarão capellinhas, e com o progresso da população veio a necessidade de se engrandecerem os templos; unio-se a estas capellinhas outro corpo maior; fez-se um arco para communicar o novo corpo com o velho, que ainda se chama *arco cruzeiro*, sem que a igreja tenha a fórma da cruz, como as que forão construidas na idade florescente do christianismo, e quando se fizerão essas maravilhas que illustrão as cidades de Reims, de Cologna, de Spira, de Cantuaria, Toledo, Pariz, Milão, Lisboa, Palermo, e outras muitas.

E os nossos architectos, engenheiros e mestres de hoje, vão riscando e construindo por um principio de imitação, aquillo mesmo que foi filho da pobreza colonial, e que os tempos forão ornando, sem consultarem quaes os principios de harmonia, ou de utilidade, que occasionarão semelhante salto de linhas, e o acanhamento natural que resulta de um tal estreitamento. Veja-se o Carmo, S. Francisco de Paula, Capella Imperial, a Cruz, Santa Rita, e todos os mais, excepto S. Bento, que é o melhor e o mais regular de todos.

As nações são como homens de diferentes estaturas: o pigmeu que mede tudo pelos seus palmos, pensa fazer o mesmo na terra que o gigante; o quantitativo de terreno é o mesmo em nome, mas o resultado é differente. Nossos pais, ao fundar a cidade do Rio de Janeiro, nunca pensarão que ella seria algum dia a séde de um imperio, e que os mangues e paúes que a circundavão se acharião mais tarde cobertos de casarias, e cruzados por carros e vehiculos de transportes, que elles não imaginarão!

Ora, ao nascimento das cidades preside sempre certas pequenissimas cousas, que depois de seculos não se sabe o que motivou tal acanhamento, e tortuosidade de ruas. As margens dos rios, as suas inundações, os regatos, ou regos das aguas pluvias, as lamias, e as sinuosidades dos terrenos, são os causadores de taes desigualdades, e dessas curvas inexplicaveis que, a quem não remontar á origem de todas as

fundações humanas, parecem incompreensíveis, apesar de as ver nascer quotidianamente em todos os novos lugarejos que se crião.

Uma lei que obrigava o vassallo portuguez, que chegasse a possuir uma fortuna mediocre, a regressar a mãe patria, fez com que os habitantes desta terra, já aclimatados, e gozando de regalias que a sociedade europea lhes negaria, fossem forçados a comprar tres braças de terra, e a construirem umas casinhas de tres portas, para occultarem suas fortunas, e a assim fazerem com o tempo uma cidade, que se pôde chamar: a cidade das tres portinhas; caracter distinctivo do Rio de Janeiro, e que só desaparecerá quando esta primeira, e mesmo segunda camada de edificios cahir, ou se reconstruirem a novo; ou quando no espirito dos Brasileiros se desenvolver em larga e permanente escalla o gosto pela architectura, pela symetria, e pelo commo, ou então que elles chamem para compôr as suas Camaras Municipaes a varões que saibão alguma cousa mais que o ordinario dos homens, e que prefirão o engrandecimento do seu paiz ás temporarias concessões do egoismo inqualificavel da época, a quem cabe a gloria de deixar grandes entraves e horriveis despezas aos vindouros.

Abrem-se ruas novas, e o espirito Municipal, na sua immobilidade rotineira, marca-lhe sessenta palmos de largo, como o espaço mais amplo e mais que necessario para toda a concorrência dos diferentes meios de transporte da civilização moderna.

Para que a Academia das Bellas Artes pareça de uma altura regular, obriga-se aos proprietarios da rua Leopoldina a fazerem umas casinhas estreitas e baixinhas; e para acompanhar o pensamento de um deputado provincial, que apresentava um risco para todas as igrejas novas que se fundassem n'esta provincia, se reproduz ainda no Roscio da Cidade nova e em outros lugares o mesmo chafariz que foi projectado para a pequena praça de Valongo, salvo algumas mesquinhas alterações na base e no remate.

As construcções de uma cidade, são como o vestuario do homem, que gradua, e denota á primeira vista a gerarchia a que pertence.

Uma cidade que não offerece uma pedra, um cães, ao estrangeiro que desembarca; que mostra calçadas barbaras, e ruas immundas; dá logo a conhecer o estado de sua civilização, e do animo dos seus habitantes: os turcos andão luxuosamente trajados, e seus escravos, ou povo, como entre nós; mas as ruas de Constantinopla não excedem as nossas em limpeza, nem as suas propriedades particulares, excedem as nossas em belleza.

Se todos os donos de seges se reunissem e considerassem o immenso damno que lhes causa o nosso sempre progressivo e ruinoso systema de calçadas, ficarião surpresos da propria incuria, e dos tormentos porque hão passado, á vista dos cem diferentes systemas que existem, e que uma imprevidente economia affasta de ensaiar e de empregar: o amor da rotina, entre nós, é como a fé de um velho Mouro, ou como a lingua de um Croata, que não se dobra a outro idioma extranho ao seu.

Da época da maioridade para cá, alguns indicios de gosto apparecem nos edificios dos particulares; algum progresso no pensamento que preside ás novas construcções, e no desejo de regularisar as praças, mas pouca cousa nas obras do governo;

este progresso porém é mais devido a homens, do que a um passo regular na marcha geral dos que administram nossas cousas: ainda não chegou a época de se acreditar que o architecto é tão util á civilisação de um paiz, como o medico á saude do individuo.

Ainda nos faltão muitos elementos a desenvolver para que as artes compareção devida e harmonicamente; o que temos hoje é pela maior parte importado; é o fructo de outras civilisações, e não da nossa: a arte vernacula, aquella que é exercida por nós, e que tem o seu impulso, a sua direcção primordial na mão do Brasileiro, ainda não chegou; e para lá pouco caminha: ainda não sabemos distinguir o aparente do real, e o falso do verdadeiro; ainda acreditamos que uma mediocridade estrangeira é superior aos nossos homens, que lá mesmo estudarão, e que melhor conhecem o paiz.

No seguinte artigo, trataremos com mais especialidade dos meios que temos e que podemos pôr já em pratica para fazer progredir as artes rapidamente, e a profundar suas raizes na população; desenvolver o gosto nos proprios artifices, a poder concorrer com os productos estrangeiros n'aquillo que fizerem; conhecemos perfeitamente a differença que existe entre os paizes que tem estradas de ferro, canaes, litteratura, e uma philosophia, com aquella que ha duzentos e sessenta annos não tinha uma só casa de telha, e não recebeu de seus conquistadores aquillo que a Inglaterra deu aos Estados Unidos da America, quando colonisou aquellas regiões.

Tudo temos que esperar do Brasil, que começa hoje a olhãr para o futuro, e a preparar uma mocidade debaixo de outra direcção, e circulada de outros elementos. Os musicos, forão por assim dizer, um producto expontaneo desta terra: o paiz que deu á luz o padre Rosa, e José Mauricio Nunes Garcia, está destinado a dar outros grandes mestres. Os poetas não tem cessado de apparecer, e hoje se apresentam como legitimos filhos da America, e continuando a obra do Homero Brasileiro, do illustre Durão; e os nomes de Cayrú, S. Leopoldo, Cunha Barbosa, e outros não deshonrão a terra que os vio nascer: temos aptidão para as artes, e para o cultivo dos estudos especulativos, mas falta-nos direcção, faltão-nos estadistas, faltão-nos amigos do futuro, faltão-nos creadores, e sobretudo uma organisação social mais homogenea, mais placida, e mais economica de tempo. Os que conhecem o defeito, e que estão collocados na segunda quota do terreno administrativo, não podem; e os que podem e devião concorrer para esta grande obra, vão-na espaçando, vão-na entregando ao tempo e perdendo a occasião de se immortalisarem. Não podemos dizer que a reacção material seja tão forte, e a falta de homens tão saliente, que se não possam realisar alguns pensamentos, porque temos disso exemplos contrarios: o Sr. Vasconcellos creou o Collegio de Pedro II n'uma época bem differente da de hoje; o Sr. Aureliano escreveu seu nome com pedra e cal em outra época ainda menos favoravel; e actualmte o Sr. José Clemente Pereira está provando até que ponto pôde uma vontade forte, e o desejo de ser util á sua nação. Para os espiritos tímidos e apoucados, a edificação dos dous monumentos que elle está concluindo, seria um sonho, uma utopia, ou como lhe costumão chamar nas camaras, para que não soffra contrariedade alguma. — uma poesia!

O maior capital que Deos deu ao homem é o da intelligencia, e este se augmenta á proporção que se dispende; porque a intelligencia que faz de um tôro de madeira de quatro mil réis um movel de duzentos, duplica de valor no segundo fabrico, pois ha ganhado pratica, perfeição e economia de tempo.

Somos muito felizes pela graça de Deos; porque não precisamos de inventar, nem de combater uma natureza ingrata: temos um grande capital na experiencia das outras nações, e com elle muitos seculos de lucro; todas as experiencias estão feitas, e com ellas já temos de improviso um cem numero de resultados, que só demandão uma vontade forte, e immediata applicação.

As nossas instituições, apesar que morosas no desenvolvimento de qualquer idéa, são boas, e só carecem para sua perfeição da perfeição moral do homem; ellas protegem o desenvolvimento das luzes e da industria; e se factos contrarios temos a notar, provém do abuso que se tem comettido á sombra de leis tão protectoras, e da attenção que alguns homens tem dado, preferindo o seu interesse pessoal.

A Providencia deu-nos um Principe generoso, e ornado de todas as nobres tendencias: o povo desta capital não se pôde esquecer, e mormente os litteratos, do dia 15 de Dezembro de 1849, quando Elle se foi sentar no recinto das letras e disse aquellas memoraveis palavras: « *Não dividi pois as vossas forças, o amor da sciencia é exclusivo, e, concorrendo todos unidos para tão nobre, util, e já difficil empresa, erijamos assim um padrão de gloria á civilisação da nossa Patria.* »

Corramos a circular o seu carro triumphal, que marcha a esse grande futuro, e, com Elle á frente, façamos do Imperio do Brasil e de nós mesmos alguma cousa mais do que somos na realidade; e porque o temos na nossa união e na nossa vontade.

A velhice e a mocidade.

A velhice é o passado, e a mocidade o futuro; na velhice desliza as reminiscências, e na mocidade borbulhão as esperanças: uma é a representante do mundo que foi, e a outra do mundo que vai ser.

A velhice infunde respeito e castifica as almas; a mocidade insufla alegria e voluptualisa a mente: n'uma se vê o homem abraçado com a cruz, pondo um pé no sepulchro, e olhando tristemente para os arreboes dessa aurora que brilha ao longe, e á luz da qual danção festivas e risonhas choreas, grupos galhofeiros em cujo semblante fulgura todos os ademans da formozura.

Pensamentos concentricos, e pensamentos excentricos se estampão no character destas duas phases da vida; immobildade e conservação, mobilidade e descuido; fronte que se curva para a terra, e cabeça que se eleva para os altos; uma procura um asylo, uma sombra para se recolher, a outra busca o espaço e a luz para se ostentar: na velhice o pensamento é de uma cadêa de ferro, que se prende do presente ao berço, e na mocidade uma successão de elos dourados que sahe do presente para se perder no horizonte da esperança.

As linhas phisionomicas da velhice descem do centro para os lados, e as da mocidade descem dos lados para o centro; n'uma se estampão os traços da dôr, e na outra se denota a expressão do riso; na velhice a pelle se contrahio, assim como as palpebras onde se depositavão as lagrimas, e na mocidade brilha o viço nas fôrmas, e nos olhos donde a lagrima ainda se não desprende; as linhas dos contornos da velhice são angulosas, e as da mocidade curvas; nas primeiras a vista pára, e contempla os estragos do tempo; a alma acompanha de membro a membro aquelles sulcos gravados pelos annos, e ali considera as inscripções do tempo; e nas da mocidade se desliza sorrindo, e não pára, porque não encontra se não uma successão de fôrmas encadeadas pelo viço da formozura.

Considerações graves se colhem em face da velhice, e sensações lisongeiras diante da mocidade: uma já foi, e a outra existe: uma é a sepultura, e a outra o thalamo.

Aquella fronte, enrugada e encanecida, enquadra o mundo, e o clausura debaixo das suas fôrmas materiaes; e aquella fronte lisa, luminosa e dourada por madeixas anneladas, reflecte ao mundo o luzeiro de todas as suas illusões. Aquelles braços secos cobertos por uma pelle rugosa, aquellas mãos descarnadas, que mostram a sua estructura ossea, e que mal se movem, já forão bellas, e já tecerão finissimas tellas e rendas, e colherão na estação risonha as flôres com que se adornarão; aquelles

seios pendentes e desprovidos já forão um iman de beijos, já desabrocharão na mente da juventude todos os pensamentos suaves do mundo erotico, e forão os que derão nutrição a essa raça forte, activa e bella, que roteia a terra, que atravessa os mares, que mancha as armas, e que splende nos saráus.

N'aquella cabeça veneranda o mundo já passou com todo o seu cortejo de ouro-pel e ferro: o ouro-pel desapareceu, e o ferro gravou-lhe aquelles sulcos da dôr e da experiencia; o turbilhão do tempo que ali girou com toda a força de sua inconstancia, deixou-lhe nos cabellos a poeira que levantára: ali existe a historia, e o tempo compaçado; existe na realidade, em quanto na cabeça da mocidade renascem as chimeras, e o tempo parece progredir nas azas do infinito.

Vivendo no mesmo mundo, que não mudára, uma é a flôr desfolhada e sem perfume, e a outra é essa mesma flôr abrindo ás petalas ao zephiro das illusões, que a fecunda de novas chimeras com o polen perfumado da esperanza, até que acorde na hora do desengano desse somno risonho, desse sonhar incessante que se precipita sómente no calix d'amargura pelos soffrimentos e pela experiencia.

A velhice conta a vida pelos pezares, e a mocidade pelos prazeres; uma olha para o dia de amanhã como para a entrada da sepultura, e a outra como para a conquista de um novo goso; o velho vê o futuro nublado e o moço resplendente e claro.

Quando estes dons papeis se trocãõ, e que a mocidade calcula, e teme o dia d'amanhã, a sociedade está no mais alto grão de corrupção; e caminha para uma grande desordem de onde deve surgir a ordem: o tempo, assim como é um vagaroso constructor, também é um rapido destruidor: a velhice e a mocidade são as duas conchas da balança da humanidade, cujo fiel é o tempo.

PORTO-ALEGRE.

Versos ineditos de Gonzaga. *

Mesmo presa vejo a ave
 Sobre o ninho a adejar ;
 A sua mesquinha sorte
 Fal-a ainda mais amar.
 Só tu, Marília cruel,
 E' que m'has de desprezar ? !

O peixe que em nossos rios
 Vês alegre saltitar,
 Nas rugas que imprime n'agua
 Parece escrever amar.
 Só tu, Marília cruel,
 E' que m'has de desprezar

O mimoso cordeirinho,
 Com quem costumás brincar ;
 Em teu collo retouçando,
 Também te deseja amar.
 Só tu, Marília cruel,
 E' que m'has de desprezar !

A lympha que sobre a areia
 Teus pé-zinhos vem beijar.
 Cahindo em bellos aljofres,
 Soletra a palavra amar.
 Só tu, Marília cruel,
 E' que m'has de desprezar !

* Um professor de rhetorica de Minas , em uma obra que escreveu sobre a arte poetica, que pouco merecimento tem, tratando da poesia lyrica, cita estes versos que attribue a Gonzaga, mas sem o affirmar ; o que é facto é que se não encontrão nas poesias de Dirceo e talvez seja esta alguma das muitas que se perderão deste author. Devemos levar em conta as alterações que de necessidade soffreu passando por mão dos copistas ; mas ainda como está, não deixa de ter merecimento, posto que muito inferior ao de outras que ouvimos repetidas por todos que têm alguma noção da poesia portugueza.

Se teu lindo papagaio
Ousa teus labios tocar,
Té chega a sentir ciumes,
A ter pena de te amar.
 Só tu, Marília cruel,
 E' que m'has de desprezar !

Até as flôres se inclinão
Para ternas se abraçar,
Não trahindo, como os homens,
O que elles fingem amar.
 Só tu, Marília cruel,
 E' que m'has de desprezar !

Tudo enfim nos aconselha
A ser felizes, a amar,
Só tu não queres, Marília,
Ternas licções esentar.

NOTICIA.

Acaba de ser publicado o *Almanak administrativo, mercantil e industrial* da côrte e provincia do Rio de Janeiro para o anno de 1850. E' a setima publicação desta ordem que devemos ao Sr. Laemmert; e a sua obra, soffrendo continuos melhoramentos, tornou-se um trabalho quasi scientifico, e revalisa com o que neste genero se publica de melhor nas mais illustradas capitaes da Europa.

O volume do corrente anno contém para mais de 800 paginas em 8.º grande, nitidamente impresso, e por algumas confrontações, que fizemos, nos parece de uma escrupulosa exactidão. O seu redactor consultou as pautas dos consulados e alfandegas do Imperio, de todos os estabelecimentos financeiros da côrte, de alguns das provincias, e os actos mais importantes o governo, de modo que a sua obra, interessando particularmente os moradores da côrte, é ainda para os das provincias um como resumo, onde encontrarão devidamente classificado o movimento commercial, maritimo e financeiro do Brasil no anno proximo findo.

Uma destas publicações isoladas teria apenas o merecimento da circumstancia e da oportunidade; mas quando ellas se succedem sem interrupção, e se vão sempre aperfeiçoando, sempre debaixo do mesmo pensamento, torna-se um documento precioso para os vindouros, quer seja politico, financeiro ou estadista, quer historiador, romancista ou litterato. Aqui achará noticias que será difficil encontrar em outra parte, ou que só com mezes de trabalho e de paciencia poderá tirar dos nossos archivos. Por elles conhecerá uma daquellas partes da historia, que se não escreve, e que é todavia a mais util e a mais verdadeira: verá o progresso ou decadencia de tal ramo de commercio com as casas que para elle se estabelece em uma época dada, sendo facil a confrontação com as dos annos anteriores e subsequentes; e que industria florescia; — seguirá passo a passo a nossa civilização com o numero de imprensas, de publicações periodicas, de estabelecimentos de instrucção e caridade, archivos, bibliothecas, gabinetes de leitura e associações litterarias; — quaes e quantos theatros e onde se achavão collocados, — tudo enfim que pouco nos importa hoje, e que d'aqui a cem annos será prova de variada e curiosa iustrução. Nesse tempo a collecção completa dos Almanaks-Laemmert se comprará a peso de oiro.

Graças pois ao Sr. Laemmert que ao passo que faz prosperar o seu bello estabelecimento, procura ligar o seu nome a um desses trabalhos uteis e modestos que dão lucro no presente, e nome no futuro.

FRAGMENTO DE UM POEMA.

IV.

O FESTIM.

.....

 Abre o Bardo a canção da invicta lide,
 E os doces Menestreis oppostos cantão
 Coplas de amor, aventureiros fados
 De illustres campeões. Começa o prandio:
 Tinem nos pratos os cortantes ferros,
 Lavra o silencio nos convivas fervidos,
 E os nedios Escanções, co'a joven destra,
 O ebrifestante Xeres circumfluem,
 Gorgorejando em lagrimas risonhas;
 Anima-se o prazer, cruzão nos ares
 Os brindes da victoria; serve o jubilo;
 Deslembrados da guerra e dos perigos,
 Ebrios de gloria no festim recordão
 Mutuas proezas os galantes martes.

« As Armas de Castella ! » o rei Fernando
 Brinda, volvendo enamorados olhos
 A' gentil Isabel, que em mutua gloria
 Sauda de Aragão tambem as armas.
 Bradão todos de pé, brindando alegres :
 « A Fernando e Isabel, Reis de Granada. »
 Responde a artilharia, e as charamellas,
 E a Veiga inteira alvorotada em jubilo.

Ergue o Bardo alta voz, e ao som das harpas
De seus labios desprende este hymno á festa:

BARDO.

Quebrou-te a força herculea o braço iberio,
O' Granada suberba, ó throno de ouro.
Do céo da gloria se arrojou teu astro
Sobre um lago de sangue eternamente.
Inerme ao prelio a lança que brandias,
Rebotada não vibra o raio islamico ;
Mudo o teu anafil, cultor de louros,
O mundo a conquistar não chama os mouros.

CORO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
De Fernando e Isabel, Reis de Granada.

BARDO.

Sobre a grimpã tonante, d' aço o bronze,
D'altiva Comorés o semilunio
Ovante não se apruma ; o ferro hispano
A pujança humilhou-te, espedaçando
Os suberbos pendões, que á sombra infame
De um Opas refractario levantaste.
Do teu astro infeliz a extincta gloria
Grava em lousa funcrea a eterna historia.

CORO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
De Fernando e Isabel, Reis de Granada.

BARDO.

Co'as vitreas azas, perfumadas, lucidas,
No trepido adejar fagueiras auras
Não virãõ, bella Ouri, mais em teu seio
Doces encantos rociarem meigas ;
Nem teus beijos de fogo, delirantes,
A' sombra odora dos vergeis virentes,

Hão de ternos vagar: fatal mudança!
De teu deserto harem foi-se a esperança.

CORO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
De Fernando e Isabel, Reis de Granada.

BARDO.

Teus muros, baluartes inconcussos,
Ao sopro do Christão se anniquilárão!
O Leão de Aragão co'a illesa garra
O teu collo infiel curvou p'ra sempre;
E dos olhos ovantes despedindo
Raios de gloria, fulminou teu throno.
Cahiste: como a espada de um tyranno,
Que um povo livre afunda no oceano.

CORO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
De Fernando e Isabel, Reis de Granada.

BARDO.

A vaga do oceano, e o drômedario
Já não pevão teus cofres no oriente;
Humilde, as plantas de Isabel a onda
Vem languida beijar, e adereçal-as
De perlas e rubins, de diamantes.
Já não és o terror da Europa inteira:
Ao dardo do hespanhol o chão mordendo,
Tua fronte rufo com baque horrendo.

CORO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
De Fernando e Isabel, Reis de Granada.

BARDO.

E ao teu baque medonho o vão propheta

No inferno estremeceu ; a Arabia inteira
 Convulsa ergueu-se no deserto errante ;
 Vingou Fernando de Byzancio o opprobrio ;
 E o anjo das nações, lá das alturas
 Do immutavel destino, impelle a campa,
 Que te esmaga e sepulta eternamente,
 E do mundo te risca no occidente.

CONO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
 De Fernando e Isabel, Reis de Granada.

« De Fernando e Isabel, Reis do universo : »
 Bradou de ignota parte voz sonora !

Grave silencio suspendeu ás dextas
 Dos alegres convivas, no momento
 Em que as taças nos labios emborcavão ;
 E áquella occulta voz correspondendo,
 Bradarão todos, como encontro d'armas :
 « A Fernando e Isabel, Reis do universo. »

PORTO-ALEGRE.

MEDITAÇÃO. (*)

(Fragmento.)

Cap. 2.º**II.**

E eu continuei dizendo :

« Ancião eu fallarei na tua presença, e derramarei minha alma a teus pés, para que escutes as palavras do meu pensamento.

« Porque tu esclareceste a minha alma como a luz às trevas, e porque de te ouvir o pensamento me estúa nos labios.

« Porque um poder superior quebra a mudez dentro do meu peito, e eu mesmo me desconheço no arrojio das minhas palavras.

« E se ellas te parecerem mal pensadas, perdôa ao sentir da juventude em favor da minha sinceridade.

« Porque eu fallo de coração singelo, e na verdade da minha consciencia.

« Assim eu fallarei na tua presença, e derramarei minha alma a teus pés. »

E disse :

Os velhos vêem tudo ao travez de um manto de gêlo, e o seu pensamento gravita incessante em redor do passado—essa quadra feliz em que os seus olhos gostavão do rosicler da aurora.

E nas suas palavras traveja o severo da verdade d'envolta com o azedume do homem, que viveu inutilmente longos annos.

Porque no fim da sua carreira elle derramou os olhos sobre o caminho por onde viajára, interpellando a si mesmo na sua consciencia, e disse : o que fiz eu ?

— Sublime por certo é a missão do homem sobre a terra—soffrer e ajudar a soffrer.

— E eu que fiz ? Vegetei como a palmeira do deserto, cuja copa não abriga o via-

(*) Continuado de pag. 107.

gor fatigado, cujo tronco não ampara a vergontea do arbusto simi-morto, que lambe a terra com as folhas amarellas.

— Meus dias, tão breves como fogo depalha, declinarão, como a sombra ; vivi, como regato sem nome, — e caio sobre o meu sepulchro, como arvore mesquinha, cujo baquear não desperta o echo velador das montanhas. —

Não assim o mancebo ! Seus olhos são como um prysma, seu coração como uma fogueira, e o seu genio impetuoso como a torrente.

Enlevado contempla a natureza, e não comprehende como tanto frescor ameigasse os olhos das gerações, que passarão—olhos, que pularão em orbitas, hoje escavadas pelos vermes dos sepulchros.

Rei do Universo, elle o observa resumbrando hardimento e magestade, — fogo de vida lhe anima a côr das faces, e do sangue que lhe arde nas veias é de que se nutre o heroismo e a magnanimidade.

Mas entre a severidade do velho e o devaneio do mancebo está a verdade.

Porque o céu não tem só luseiros, nem a terra só produz flôres : entre as flôres está a serpente, e por sobre os luseiros do céu se estendem as negras azas da noite e a cauda oblonga do cometa.

Assim a vida tambem é uma alternativa de dôr e de prazer, de luz e de trevas, de esperança e desesperação.

Porque ella é semelhante a tela urdida de canhamo e de seda, onde igualmente se encontra aspereza e brandura.

Eu, pois, fallarei na tua presença, e tu pesarás as minhas palavras e a força do meu discurso.

III.

Como fallas tão seguro de ti mesmo, quando sómente Deos é infallivel ?

Ou por ventura asyilas no peito a verdade sómente, como na alampada do tabernaculo oleo purissimo e sem mistura ?

Fallas do futuro como se houvesses lido a palavra do livro eterno, onde a Providencia lavra os seus decretos.

Fallas do presente com a presciencia do futuro, e as tuas palavras são como o vinagre que se misturou com o fel.

A um povo recente e cheio de vida chamaste caduco e breve.

Aos vicios da juventude, mas de nobre e de arrojada juventude, appellidaste principios de decadencia.

Aos seus erros, aos prejuizos que lhe são inherentes—nascidos da ignorancia ou da inexperiencia, julgas filho de más entranhas, e de intenções damnadas.

Observaste attentamente a multidão dos seus vicios, e não attentaste na força da sua vitalidade.

Viste que a aurora se resentia de noite trovejada, e não julgas que o sol ao meio dia possa esplender magnifico e fulgurante.

Ancião, mentido será o teu vaticinio como carmes de um falso propheta.

Porque uma infinidade de mancebos se ergueu diante dos teus olhos, como um bando de volateis de sob os pés do viandante, que vai destrahido por meio de florestas sem caminho.

E elles se erguerão, bons de vontade, simpleses de coração e hardidos de intelligencia, e vão caminho do progresso a passos de gigante.

Elles marchão rapidos como a corrente da catadupa, como a frexa certaíra, como a balla invisível; e ai do que ousar antepôr-se-lhes!

E elles galgão montes e precipicios como os pombos do levante, como os corseis da Ukrania ou como a zebra indomavel.

Que mole pois poderá interceptar-lhes o caminho, ou que braço valido e musculoso poderá retêl-os na carreira desassombrada?

Ancião, fôlgo de crer que será mentido o teu vaticinio, como phantasmas creados por um espirito exaltado no ardôr da febre que o devora.

IV.

E o velho me tornou com um sorriso cheio de ineffavel doçura:

Meu filho, a verdadeira sciencia não se colhe dos livros: ella vem com a meditação.

A meditação, essa filha do céu, que desce sobre o coração do solitario tão silenciosa e docemente, como orvalho nocturno sobre o calix de uma flôr.

Rainha grave e madura que não traja o ouropel da imaginação, que não se adorna com pedrarias; porque ella é sublime na sua simplicidade, e magestosa no recolhimento do seu póрте.

Esse livro d'alma, que vós outros mancebos não consultaes, porque é austéro e cheio de rigidez nos seus dictames, e porque não vos falla a linguagem acalorada, e vehemente das paixões.

Perguntas, que braço os poderá reter, ou que mole interceptar-lhes o passo! Quem, mancebo?

Será o tempo que passa veloz e fugaz como a sombra; será a folha escorregadia, em que pôde resvalar o pé do gigante?

Será a vontade d'aquelle que marcou os caminhos da aurora, e que por um invento maravilhoso suspendeu o mundo nos ares?

D'aquelle que derrama a luz sobre a terra, que dirige a harmonia dos astros, que ao sol disse: Vai incessante! — e ao mar, — não passarás d'aqui!

Que ao homem disse: Caminha; mas não lhe fez saber os limites da sua viagem; porque a sua providencia está com elles, e os leva como o guia conduz ao cégo, como os olhos guião a creatura.

V.

E não sois vós, como o cego de nascimento, que não comprehende o que é a vista, nem outra existencia além da sua?

Sabeis por ventura que outros e melindrosos sentidos terieis, se Deus os intornasse sobre vós, como mão dadivosa de padrinho sobre o regaço da noiva recém-casada?

Não;—e todavia vos dizeis na vossa consciencia: a razão é a só motôra do homem; e eu andarei confiado nella pelo caminho da vida.

E andaes... e andaes, semelhantes ao coveiro, que se alumia com uma luz vacillante, tropeçando a cada momento nas pedras dos sepulchros.

Insensatos! pois a luz que vacilla não é a primeira que diz aos olhos dos que a vêem, que ella está prestes a falecer?

Insensatos! pois a mesma razão não vos diz que ella é insufficiente para guiar-vos no caminho da vida?

Certo, porém cerrastes os vossos olhos para não vêrdes, e os vossos ouvidos para não ouvirdes, semelhantes ao avarento, que não escuta o gemido da miseria, nem as preces do infortunio, sentado no matalote do arcaz, abaulado de preciosidades.

VI.

E elles vão caminho do progresso á passo de gigante! — Quem vol-o disse?

Por ventura basta sobrepormos um dia a outro dia, um anno a outro anno, e um seculo a outro seculo, para avançarmos em civilisação?

Se não chamaes «Progressista» ao homem, que vai servilmente collocando os pés sobre as pegadas de outrem, como chamaes grande ou progressista ao povo que só imita:

Ao povo que á esmo adopta dos extranhos — usos — leis e costumes, ás vezes do peor que ha entre elles, e que delles passa, e vós perpetuaes.

A nacionalidade, que é della? O caracteristico de um povo, que é delle?

Não sabeis vós que a planta exotica perde o mais excellente do seu aroma, e que a roseira dos Alpes produz espinhos plantada em valles?

Dir-vos-hei que as nações semelham os individuos.

E se milhões de individuos morrerão sem nome; tambem forão povos, cujos nomes se delirão dos annaes da humanidade.

E como existirão homens sem genio; povos tambem existirão sem elle.

Porque elles dirão na sua indolencia:

« Porque plantarei eu um pomar, senão provarei dos seus fructos? » E o mesmo dirão vossos filhos, e ainda o mesmo os filhos de vossos filhos; e não plantarão o pomar.

E dirão mais no seu egoísmo: « Se eu incendiar esta deveza, ainda me fica sombra para me asylar na calma do verão: » E o mesmo dirão vossos filhos, e ainda o mesmo os filhos de vossos filhos; e incendiarão as suas devezas.

E direis mais: « Não construirei uma ponte sobre este rio, porque uma arvore colossal cahio sobre elle á flôr da agua; e que me importa que o seu leito se encha de arêas, e que não haja communicação entre os homens, que habitão a sua nascença, e os da sua embocadura? »

E o mesmo dirão vossos filhos, e ainda o mesmo os filhos de vossos filhos; e o tronco permanecerá á flôr d'agua, e o seu leito se encherá de arêas, e não haverá communicação entre os homens que habitão a sua nascença e os que morão na sua embocadura.

VII.

Se quizerdes atravessar o oceano, construireis primeiro um navio, e a sua construcção esgotará a vossa paciencia.

Cerceareis arvores gigantescas, alisareis seus troncos, e depois ficarão expostas ao sol; e isto leva tempo.

Dareis uma tempera vigorosa aos vossos alveões, e as vossas alavancas, preparareis os vossos instrumentos, e as machinas de escavação; e isto leva tempo.

Cavareis a terra, e della extrahireis metaes para a vossa obra, e os moldareis aos usos para que os heis mister.

Plantareis linho e virá o tempo da colheita; tendes depois de o seccar ao sol,—de o massar, cançando os musculos dos vossos braços,—de o cardar em dentes de ferro,—de fiar longos fios,—de tecer longas têas—de preparar cabos e amarras; e isto leva tempo.

Tereis de aplainar a madeira, de juntar suas taboas fortemente,—preparareis tudo,—aprendereis — Mathematica — Mechanica — Geographia e Astronomia; e o largareis do estaleiro.

E por fim o poreis em lastro para que elle não mostre a quilha, e obedeça ao leme; e então vos aventurareis sobre o oceano.

Fazei assim tambem com o povo; preparai tudo de ante-mão, porque elle carece de mais cuidados, do que o navio, e o seu caminho é mais vago e mais perigoso que o oceano.

Se quereis plantar utilmente, adubai os vossos campos; se quereis colher muito, esperai a estação da messe.

Se quereis fundar um edificio, cavai-lhe os alicerces na razão da sua altura.

Porque não haveis de plantar em solo indomado, nem haveis de colher fructos temporãos, nem edificar sobre a arêa.

Fazei assim com o povo; dai-lhe idéas do util e do justo, e elles irão caminho do progresso.

Mas isto leva tempo, e vós o não quereis perder para o haverdes em tresdobro.

Não o deixeis ir a mercê do destino, como um navio sem lastro. Instrui-o primeiro, e elles serão livres.

Instrui-o para que se não diga que plantastes em terra safara, que edificaste sobre a arêa ou quereis colher fructos temporãos.

Dai-lhe a Deos por base da sua instrucção, porque Deos é o principio da moral e da justiça; e sem moral e sem justiça o que será do povo?

Dai-lhe a Deos por base da sua instrucção, porque Deos é o caminho, e a luz, e a verdade, e fóra d'elle não ha progresso.

VIII.

Mas vós dissestes no vosso orgulho: o povo manda, o povo é soberano e eu governo o povo.

Porque eu lhe infundo respeito, e elle aninha as minhas palavras no fundo do coração, como em vaso cerrado um licor precioso.

Porque eu o intimido com a minha presença, e elle se curva diante de mim, como um tigre diante do homem que o soube domar.

Porque eu não censuro os seus vicios, nem reprehendo as suas maldades; mas protejo vicios e maldades, que me não prejudicão, e domino por via da lisonja.

E o povo disse: Se elles nos lisongeão, é que somos os mais fortes; e se soffremos, porque não faremos soffrer tambem.

Não nos disserão elles: O homem é livre! — E o que é ser o homem livre senão pôde fazer aquillo que lhe aprouver semelhante a criã do onagro.

Não nos disserão elles: Todos somos iguaes, todos somos irmãos! — E o que é sermos iguaes senão formos todos afferidos pela mesma medida? O que é sermos todos irmãos, senão é que devemos ter uma igual porção de bens, como se partilha a herança de um pai de familia pelos filhos que lhe sobrevivem.

Elles o dirão, e no afferimento lançarão no prato da balança todos os seus vicios e turpitudes para contrastar a sciencia e virtude d'aquelles de quem se dizem iguaes.

E para que o fiel da balança os não atraigõe no dia em que reinar a soberania do povo, elles interporão a lamina da sua espada, e ai do que ousar ir contra a força, porque ella é soberana!

E os que os julgavão dominar por todo o tempo da sua vida, serão os primeiros ludibriados, escarnecidos e martyrisados, porque elles se lembrarão que obe-

decerão passivamente, e ser-lhes-ha grato saborear a vingança do escravo feito senhor.

Ser-lhes-ha doce a vingança e a crueldade, porque ambas são instinctos da fera, e como fera é o povo que despedaça a obediência, como um tigre os varões da sua gaiola.

IX.

Vós introduzistes um scisma entre o povo, illudindo-o com palavras dobradas, enthusiasmando-o com labios dolosos.

Déstes-lhe esperanças de uma nescia utopia, e assegurastes-lhe direitos impossiveis de se realisarem.

Nas trevas e em silencio preparastes um veneno subtilissimo com uma mascara de vidro no rosto.

Nas trevas e em silencio aguçastes o punhal da discordia, e dissestes: nós o embotaremos quando nos aprouver!

E quando nos fôr mister regeitar a sua força, nós lhe poremos um dique, como á furia do oceano, e elle se conterà nos seus limites.

Mas porventura pôde contar com a vida aquelle que prepara venenos em tamanho segredo, como o de quem fabrica moeda falsa?

Não será tão forte o veneno que espedace a mascara de vidro do seu rosto, ou será ella tão hermeticamente fechada, que o alkimista não deve ter receios de aspirar sequer um atomo desse licor pernicioso?

E o alfageme ou cuteleiro, que burne uma espada ou adereça um punhal, pôde accaso dizer de convicção: Esta espada não se empregará no meu corpo, nem este punhal se ha de tingir do meu sangue?

Pois em verdade vos digo que será o primeiro escarnecido, ludibriado e martyrisado aquelle que se julgar dominador por todo o tempo da sua vida.

Porque o Senhor disse: E se algum de vós quizer dominar sobre os seus irmãos, tornar-se-ha o ultimo d'entre elles.

E assim será por todo o sempre, porque a palavra do Senhor é eterna.

X.

E a voz do aucião morreu nos seus labios, como a apenas perceptivel murmurio da agua, quando a clepsydra marcou a sua hora derradeira.

E eu escutei as suas palavras muito tempo depois que elle cessára de fallar, — triaga amarga que despertou em minha alma mil pensamentos dolorosos.

Mas a esperança me não abandonou neste momentaneo abatimento do meu espirito, e eu levantei a minha voz no ardor da minha esperança e do meu enthusiasmo.

Será como dizeis, que me parece que em silencio e longos annos haveis meditado com espirito socegado e consciencia tranquilla.

Mas eu levantarei a minha voz na tua presença, porque me quero enriquecer com a tua sabedoria.

E — quem sabe ? — acaso não resulta o clarão do relampago do choque de duas nuvens carregadas de electrecidades oppostas ?

Pois talvez que a verdade resulte da imaginação e da experiencia; a imaginação que é fogo e crê, e a experiencia que é gelo e duvida.

Direi pois :

A vista humana, em que penetrante, pôde acaso persecutar o segredo da abelha ou seguir a germinação da semente no seio da terra ?

Como pois poderá ella aventar o futuro, que é mais imperscrutavel que o seio da terra e mais opaco que o cortiço da abelha ?

Tu disseste :

Vós vos lançastes no caminho da vida tão loucos como o corcel generoso, em cujos ouvidos mãos de genio malefico houvessem derramado o azougue inquieto.

E na vossa carreira pasmosa, arrastais com vosco o povo, porque elle vos é mister para as vossas maquinações.

E para que o povo não sentisse os espinhos de que está irriçada a senda por onde o tencionaes levar, mandastes soalhal-a com tapetes de recamos triplicados.

E mandastes pavesar as suas alamedas com flôres recém-colhidas, e com arbustos verdejantes trasidos de longes terras, para que ao travez dellas não visse o povo a terra inculta e a fome de dentes ponteagudos, batendo com força uma contra a outra as maxilas emmagrecidas.

E dissestes-lhe : O vosso caminho é este ! e elles seguirão servilmente o caminho que lhe indigitastes, porque vós o dominaes por via da lisonja, pactuando cobarde-mente com a sua immoralidade.

E no vosso correr desvanecido, não perfazeis um monumento qualquer rematado com algum pensamento util ou grande.

E embalde vós mesmos procurareis para o futuro alguma obra vossa, em que possais descansar os olhos enfraquecidos pela velhice, dizendo comvosco na vossa consciencia : Minha vida não foi inteiramente inutil !

E de balde procurarão vossos filhos pela extensão do vasto Imperio uma pedra, que indique o que seus pais fizerão, e a vista da qual possão elles clamar gloriosos : Nossos pais forão grandes !

Ancião, tu enumeraste escrupulosamente os seus erros e concluiste contigo : O povo vauglorioso e improvido não pôde durar muito.

Eu porém levantarei a minha voz na tua presença, e derramarei meu pensamento na tua alma para que escutes a minha voz, e para que respondas ao meu pensamento.

Porque tu esclareceste a minha alma, e eu me quero enriquecer com a tua sabedoria.

XI.

Escuta-me pois :

O homem que pela primeira vez entra em Piza, e vê o pendor da sua torre, sobre que ainda não ouviu dissertar, dirá com a sua orgulhosa ignorancia: A torre cahirá !

E o mesmo dirá aquelle que de sobre a torre de Asinelli vir a Gravisenda curvar-se para o seu lado, como um gigante em postura humilhada aos pés do que o domina.

E pasmará se lhe disserdes que muito tempo se consumio com a Gravisenda, e mais de dous seculos com a torre de Piza.

E subirá de ponto o seu pasmo, se acrescentardes que a obliquidade dessas torres, causada por terremotos, resiste ha muitos seculos á foice do tempo, á intemperie das estações, e á violentas commoções de terreno.

Porém o architecto reconhece que ella é tão estavel, quanto o podem ser obras de homens, e que a sua força abi está inteira no equilibrio do seu centro de gravidade.

E debaixo della dormirá tão socegradamente, como o guerreiro debaixo da sua tenda de campanha sob a protecção da sua espada.

Ancião, tu és como o viajor que entra em Piza ou em Bolonha, e contempla a obliquidade de suas torres.

Homem extranho as leis da gravitação e do equilibrio, que cheio de terror philanthropico, teme presenciar a sua queda.

Assim tu, julgando á maneira do vulgo : disseste : Este povo acabará !

Porque esse povo te parece instavel, e prestes a desmoronar-se com o peso de suas instituições contrarias ou divergentes.

Mas o que tu não sabes é que elle tem uma força que o ampara e que o sustenta validamente.

Que essa força é o seu centro de gravidade, e que esse centro de gravidade— é o patriotismo.

Se alguma vez o estudaste attentamente, deverás ter observado que essa força se tem ramificado por todas as nossas grandes divisões politicas, por todas as classes e por todas as familias.

E que, assim ramificada e dividida, avigora todos os individuos, porque mais que as nossas instituições civis e politicas, a que ainda nos não affizemos, o nervo da nossa sociedade é o patriotismo.

Tu encontrarás o amor da patria nos homens que mandão, e nos homens que obedecem, — n'aquelles dos quaes por suas fazendas o governo precisa, e n'aquelles que por serem proletarios não dependem do governo.

Encontral-o-has em todos e em toda a parte, como em cada milha quadrada das provincias do sul encontras um penhasco, e em cada braça quadrada das provincias do norte encontras uma palmeira.

Derrama os olhos por todas essas grandes familias, que povoão a superficie da nossa esphera, e dize-me se em alguma dellas encontraste amor de patria mais pronunciado e mais forte.

Se já estudaste a nossa sociedade, terás encontrado a raiz desse elemento em toda a parte; e se já estudaste a historia da humanidade, debes saber que com tal elemento, hoje ou amanhã, existirá a liberdade; e que um povo com a consciencia dos seus direitos não pôde percer!

XII.

Então, como se nas minhas palavras travejasse o erro ou a mentira, o ancião me respondeu com rispidez alheia do seu character benevolo.

Não, em parte alguma tenho eu visto, mais do que entre vós outros, ostentação de amor de patria e de liberdade.

E parece que nisso fazeis gala, como que vos esforçaes de o parecer aos olhos de todos.

Tu porém debes saber que a ostentação é a mascara do fingimento, e que só a verdade não usa trazer roupagens sobre os membros, nem mascara sobre o rosto.

Mancebo, condôo-me das tuas illusões e da tua inexperiencia, porque és simples de coração e de intelligencia, e nutres boa vontade.

XIII.

E a sua mão tocou de novo as minhas palpebras, e ellas scintillarão de novo, e um panorama se desenrolou diante dos meus olhos.

E eu seguia com avidéz as visões que se me offerecião aos olhos, como uma phantasmagoria tenebrosa, e os meus olhos tinham a fixidez e a immobildade da loucura.

E o meu peito arfava de cansaço, e o meu coração se contrahia com a dôr, e a minha respiração tornava-se difficil e dolorosa.

E uma voz retumbante me gritava aos ouvidos: vê! e eu continuava a fixar o espectáculo doloroso!

E um pulso de ferro me comprimia o peito, e a mesma voz me gritava aos ouvidos — arqueja! — e o meu peito arquejava com força!

Umaz tenazes me apertavão o coração com dentes de ferro, e a mesma voz me bradava ainda: sangra! — e o meu coração vertia sangue!

E por fim as forças me faltarão, e eu caí exanime abatendo a terra com o peso do meu corpo.

Algumas idéas sobre as Bellas Artes e a Industria no Imperio do Brasil.

2.º ARTIGO.

Quando a Sociedade dos Ourives propoz um premio para remunerar a memoria escripta que melhor demonstrasse quaes erão as causas da decadencia de uma arte, que entre nós já floreceu, quaes os meios de reconduzir-a á sua perfeição, e collocal-a a par dos productos manufacturados pelas outras nações, tivemos vontade de concorrer, e com uma só palavra satisfazer o programma d'aquella benemerita associação: — O DESENHO.

Estude-se o desenho convenientemente, que a arte do ourives resurgirá do seu estado de abatimento entre os nacionaes, e alcançará aquelle grão de perfeição que se denota nos productos que nos vem quotidianamente da Europa; tanto mais que esses artefactos sobem de valor e de estima segundo o talento artistico do povo que os exporta.

E' o desenho a escriptura ideographica com que representamos todas as idéas que a arte de escrever não póde consignar; é ainda o desenho um complemento necessario á educação moral do homem, um toque de perfeição que deve receber todo o idealista, quanto mais o artista e o artifice que delle necessitam para melhor e mais cabalmente representarem seus pensamentos e suas creações, que tanto mais bellas serão quanto mais perita fôr a mão que as debuchar no papel e materialisal-as no ouro, ou na prata, ou em qualquer outra materia. Sem esta linguagem universal de todas as artes, traductora das bellezas da natureza, sem este vehiculo do sentimento das fórmas plasticas do bello, não ha pureza de estylo, não ha representação fiel, não ha gosto, nem perfeição: o desenho, em todas as obras de arte, é sempre o espelho que reflecte o estado de civilisação de um povo, e o que indica a sua infancia, os seus progressos e a sua decadencia.

No nosso primeiro artigo procuramos demonstrar esta asserção, equiparando as transformações, ou mudanças architectonicas com o espirito das épocas em um grande paiz, e até acompanhal-as de uma maneira quasi evidente, no meio de tão rápida mudança: a lucta actual é por ora uma evolução, é a reacção de um pensamento, que ainda se não realisou, e que ainda se não póde materialisar plasticamente: se a revolução europea vencer, a arte assellará o seu triumpho com uma nova idéa;

e se fôr vencida, continuará tateando como nas épocas de fermentação, ou transitorias, amalgamando as creações do passado.

A imaginação creadora, aquella divina faculdade que faz o artista poeta, não é mais que uma composição abstractiva; não é mais que a reunião das partes do bello em um todo, harmonizado pelo instincto esthetico, ou pelas regras que posteriormente emanára a arte, que o gosto universal sanccionou, e que os mestres reduzirão em principios, ou coordenarão em regras :

Homero e Phidias a realisarão graphica e ideographicamente no papyro e no marmore, na Iliada e no Parthenão. Todas essas maravilhas da arte grega, filhas de uma civilisação propria, nascerão de principios mui simples e mui naturaes : o estudo da natureza, o estudo de todas as suas producções, e o de uma severa economia na sua applicação ás obras plasticas. A religião é o poderoso elemento creador de todas as grandes realidades artisticas, e aquella que lhes imprime esse caracter peculiar que se observa em todos os artefactos das civilisações que forão, das que existem actualmente na terra, e das que se modificarão com o correr dos tempos.

Entre a civilisação antiga e a moderna, entre o polytheismo grego e o christianismo, ha um ponto de contacto, que tem sido o principio alimentador das artes : o semideos e o sancto ; a apothese e a canonisação. Da primitiva cabana sahio o templo de Theseo, e das catacumbas de Roma essas igrejas em fôrma de cruz, repartidas por naves escuras, e assentadas sobre cryptas funebres, que chamão o homem á contemplação dos mysterios da morte.

A Grecia originou esses exemplares que Roma, sua herdeira, continuou a edificar, e cujos restos ainda admiramos, como modêlos de gosto, e como os representantes da sua civilisação e do seu passado glorioso.

Das Cruzadas, e do contacto dos christãos com o Oriente, nos veio os germens da architectura chamada gothica, que foi levada ao ultimo apuro da perfeição pelas corporações artisticas da idade media, que a forão pouco a pouco separando da sua origem aziatica, e a elevarão a esse gráo de ardidesa, de variedade e de poesia, como nos mostram essas famosas cathedraes da Allemanha, Italia, Inglaterra, França, Belgica, Hespanha e Portugal. O rapido e igual desenvolvimento que se observa em todos os paizes, n'aquelles tempos puramente christãos, é devido quasi exclusivamente á corporação dos Pedreiros Livres, que associada estreitamente, e espalhada por toda a Europa, se communicava em segredo, e fazia passar de um paiz a outro todos os inventos e descobertas que em seu seio apparecião ; cujo segredo só pertencia aos mestres, e áquelles que com o tempo e estudo podião ser proclamados como taes : o seu exclusivismo motivou a sua queda ; e della não resta hoje mais que o nome nessa associação philantropica, que exerce a caridade e a fraternidade.

Do Oriente foi igualmente importado o maravilhoso invento dos zimbórios, que applicado aos templos do christianismo e do islamismo, faz, segundo a opinião de Hooppe, o principal merito dos modernos : o exemplo da rotonda de Agrippa, dos templos de Vesta, e de outros, fez os modernos darem passos agigantados, e construir essas moles colossaes, que dominão as cidades de Florença, Roma, Londres, Paris, Veneza, Sicna, Turin, e outras.

Ao passo que desabrocha um pensamento, um desejo na humanidade, se vêem apparecer immediatamente homens para realisal-o; e quanto mais florente se acha a arte de desenhar, tanto mais bello e grandioso se torna na sua execução; quando um povo quer uma cousa, esta se faz; A republica florentina quiz um zimbório e Brunescho o fez; o Papa quiz outro maior, e Bramante e Miguel Angelo apparecerão para construir S. Pedro de Roma, e projectarem a cupola que subio mais alto que a mais alta pyramide do Egypto.

O Oriente, tão favorecido pela natureza, tem conservado sempre no meio das suas transições e peripecias historicas, um caracter peculiar nas obras de arte, e uma civilisação em harmonia com as suas tradições, usos e costumes: as suas producções se recommendão pela originalidade da fórma, e pelas bellezas que encerrão nos detalhes, e na caprichosa variedade de sua ordenação.

A Trindade indostanica, o caracter e missão do terrivel deus Siva, principio destruidor, em opposição a Brama creador, modificada por Visnou, o conservador; todos esses desasete deuses cuja gerarchia arremata Ganesa, o deus da civilisação, o vencedor dos obstaculos da materia, o que se invoca no meio dos trabalhos e das emprezas, que preside ás portas de todos os templos e de todos os edeficios; e todos estes deuses, todas estas harmonias, todos esses mythos, produzirão uma arte sua, á qual veio o loto, o symbolo da terra vagando no azul do espaço, engrandecer e caracterisar, como a palmeira e as mascaras de Isis na arte egypcia, o acantho na grega, a folha do cardo e do trevo na gothica, e as conchas e espiraes na horrominica, de que tanto abunda o nosso paiz.

A pedra bruta do Druida, o *menir* e o *dolmen* tem o seu correspondente no obelisco lapidado, e nas aras do paganismo; a *tenda* primitiva nas torres de porcellana, e em todos os edeficios da China; a *cabana* no templo de Minerva do Acropolis de Athenas, o *zimbório* na fórma da abobada celeste, e as torres na invenção dos sinos, e na applicação destes ao culto do christianismo.

A propagação do Alkorão, suas conquistas, e sua nova civilisação devião produzir uma arte propria. Os Arabes, tanto na Asia como na Sicilia e Hespanha, antes de crearem a sua bella architectura, empregarão os remanecentes da civilisação antiga, que encontrárão nos paizes conquistados por elles, e forão pouco a pouco aperfeiçãoando-se até produzirem Alhambra, que é o typo de belleza de sua architectura: o caracter principal desta formosa creação é a semelhança desses cimbres dourados, dessas arcarias recortadas com essas grutas mysteriosas, ensanefadas de alvissimas estalactites, por cujos poros roreja a mais suave frescura. Possuidores de uma crença que não admite o antropomorphismo, que exclue a representação de cousas animadas, o seu genio artistico procurou adornar-se do reino vegetal, e gravar nas suas obras essas estupendas laçarias, que fazem a admiração do Occidente.

Interroguem-se todos esses monumentos creados no espaço de oito seculos do seu dominio Peninsular, que sempre se encontrará nelles, á par da belleza e da perfeição da arte, uma época florescente: os povos decadentes podem n'um momento de orgulho levantarem vastos monumentos, fabricas colossaes; mas não lhe é dado asselal-os com o typo da perfeição, e com as qualidades que constituem um primor d'ar-

te: a ausencia de idéas e o scepticismo se tocão, como todos os extremos, e produzem monstros informes, que caracterisão o seu estado de começo, ou decadencia.

Osiris, a casta sacerdotal e o principio de immobildade nos deixarão gravados na pedra a sua palavra civilisadora; Jupiter e a perfectibilidade grega, essas fórmagraciosas que Roma quiz superar; o christianismo e o Islamismo tambem crearão a sua arte.

Na época da renascença, quando os homens que substituirão, não no genio, mas na sua missão a Dante, Petrarca e Rienzo, largarão as quadraturas theologicas, para conversarem com Homero, Platão e Aristoteles, e que a sociedade christã começou a paganisar-se, ou a hellenisar-se, a arte immediatamente reflectio o espirito da época, e passou a modificar-se com o estudo e a imitação dos restos da antiguidade classica. Aquelle espirito que havia produzido e popularisado as lendas do *Poço de S. Patricio*, e a *Visão de Frei Alberico*, tinha desaparecido; e Bruneto Latini, o mestre e o creador de Dante se havia eclipsado com os clarões do Paraíso da Divina Comedia.

As artes plasticas, acompanhando o pensamento da época, ainda se não tinham libertado d'aquelle estylo que se observa no Campo Santo de Piza, em Assiz, Sublaco, e em Santa Cruz de Florença: como as letras, circunscriptas no dominio religioso, pouco fizeram de Orcagna a Cimabue, e destes a Giotto e Spinello Aretino.

A magestade de Lourenço de Medicis, e toda a sua côrte de genios, preparou esse grande espectaculo que fez do decimo sexto seculo um dos primeiros da vida da humanidade: a Angelo Policiano, Picco della Mirandola, Sanazzaro, Savonarola, Palei e Machiavel se veio juntar o omnisciente Leonardo, o triplice Miguel Angelo, Bramante, Raphael e o historiador Vasari! Que época estupenda!

Os Portuguezes levão as prôas de suas náos — por mares nunca dantes navegados, — abrem as portas do oceano; Colombo descobre a America; a comedia resuscita com a Mandragora, e nos salões de um nobre florentino nasce a opera lyrica, e o moderno theatro, e com elle as maravilhas dos Servandonis, Bibienas, Dagotis, Bassolis, Daguerres e Nicolinis.

O salto prodigioso que as artes plasticas fizeram de Masaccio a Leonardo, é o mesmo que n'uma propria intelligencia se observa do Perseo ao Mercurio de Benvenuto Cellini!

Em Portugal avultão as riquezas, brilhão as letras, surge a architectura manoelina, e passa, debaixo da influencia do mestre Olanda a hellenisar-se; na Hespanha succede o mesmo, até que Carlos V ousasse hobrear com a Alhambra; e em França se desabrocha esse lindo typo, creado pelo Primaticio, André del Sarto, e levado por João Goujon ao ponto de perfeição e de belleza que se observa no chariz dos Innocentes, no pateo do Louvre e em Fontainebleau.

Na capella dos Medicis, em Florença, ao mesmo tempo que a arte se emancipava do estylo ogival, já Buonaroti lançava os germens da architectura borrominica, que devia invadir todo o mundo, e da qual tantos exemplos temos no Brasil todo, e que foi comprehendida admiravelmente pelo mestre Valentim, na igreja da Cruz, no Carmo e na capella-mór de S. Francisco de Paula.

Compare-se nesta ultima igreja toda a talha daquelles tempos de crença com a que modernamente se fez nesta época de um revoltante scepticismo, e veja-se que contraste singular se apresenta ao olho do menos adestrado observador: tudo é mesquinho, desharmonico, e pobre de pensamento!

As nações começam e acabão da mesma maneira que o individuo, e na escala proporcional do papel que representarão; o circulo de sua existencia, traçado entre os tres pontos do nascimento, grandeza e decadencia, está bazeado na historia de suas idéas, no dominio de suas crenças e no triumpho de suas maximas. Todos os povos que cultivarão com amor e perseverança as artes do desenho, todas as sociedades que promovêrão com nobres incentivos este culto do bello, apresentarão esse grande resultado que admiramos, essa perfeição que procuramos imitar, e essa preferencia de seus productos industriaes em todos os mercados: o desenho é o genio da industria, é o multiplicador de seus valores, e o que a reveste de todos os atractivos da belleza e do commodo, na fórma e no apropriado.

Roma, trilhando os passos da Grecia, produziu monumentos colossaes, mas todas as suas obras em geral tiverão um character mais pesado: ha nellas a revelação do espirito romano, ha mais orgulho do que gosto, mais ostentação do que amor: são obras da mão pesada do soldado devastador do mundo, e argamaçadas com as lagrimas da escravidão; á sua origem não presidio a mão delicada e livre do grego engenhoso, que altamente inspirado, nellas infundia e derramava o influxo celeste da Musa que invocára. A copista almejou superar os originaes, construindo massas cyclopeanas, e ornando-as com os despojos de todos os povos que saqueára: as suas obras, relativamente ás de Athenas, são como uma grade de bronze ao pé de uma flagrana, são a multiplicidade, a profusão em face da reserva, do gosto e da singularidade.

Aquelle mesmo contraste que existio entre o Grego e o Romano na construcção de seus monumentos, é o que existe actualmente entre os dous povos principaes da terra: os Francezes substituirão aos Gregos, e os Inglezes aos Romanos.

A cidade de Londres, a maior actualmente, se pôde denominar a cidade das columnas: parques estensos e artefactados de uma maneira surprehendedora; e quasi ajardinados, ornando o coração das praças; ruas amplas, bordadas de palacios que recordão todas as architecturas do mundo; pontes gigantescas, que envolvem o Tamisa por cima e por baixo de suas aguas; movimento como o de uma feira perpetua; theatros e variedade de espectaculos; jardins de inverno, onde todas as plantas intertropicaes vegetão e derramão seus aromas debaixo de abobadas de crystal, em quanto as arvores não tem uma só folha, e o chão se acha coberto de neve; e ao pé de todos os vehiculos para a civilisação, junto á economia do tempo em todas as transições, reina o constante *comfortable*, dominando do maior ao mais pequenino objecto, e dizendo a todas as horas á natureza domavel: — modéla-te ao commodo do homem, modifica-te para o seu bem estar.

Mas em toda esta grandesa estupenda de um solo enredado de estradas de ferro, e perfurado de cuniculos e minas, ha alguma cousa de grave no seu aspecto, e que revela ao primeiro intuito o character nacional. O aspecto dos seus monumentos, a

sua ordenação, a fôrma sobre que assentão no terreno, a sua decoração, não tem aquella elegancia, aquelle toque espirituoso, aquelle gosto delicado e risonho da nação franceza, que parece deleitar-se com voluptuosidade no formular o todo dos seus monumentos, onde o meneio das linhas, a symetria, e a graça dos Gregos parecem renascer.

Em geral, estas duas grandes nações tem uma maneira de apreciar as cousas bem differente uma da outra: o Inglez particularisa antes de generalisar, e o Francez generalisa antes de particularisar: o Inglez tem o character mais positivo, e o Francez mais artistico. O Inglez, depois de pegar n'um objecto, dirá: — Está solido e confortavel: — o conchego é a primeira emanação de sua alma, e após a fôrma e belleza: o util prevalece ao bello. Pelo contrario o Francez, antes de pegar n'um objecto, dirá a todos: não tem bonita fôrma, estas linhas não se deslirão com doçura e harmonia; e depois de o tocar, louvará o pouco emprego da materia, a sua levesa, sem muito apreciar a robustez, ou duração; as laçarias dos arabescos, o entremeado e a graça de caprichosos grotescos, o movimento gracioso das figuras, passaros, ou animaes, a phantasia e graça de enroscados hypogriphos, ou de ondulantes chimeras, e até se fôr preciso, descera a analysar a fôrma de cada detalhe, para depois passar a apreciação do conchego; pois que a sua maxima constante é — o bello antes de tudo.

Dous pensamentos presidem ás creações destes dous grandes povos: o Inglez o commodo antes da fôrma, e o Francez a fôrma antes do commodo: ha mais idealismo no ultimo, ha mais realidade no primeiro.

Não queremos nesta antithese generalisar o character destas duas nações, nem marcar de uma maneira absoluta a linha de separação que existe entre ellas; seria isso uma ousadia imperdoavel, por quanto reconhecemos, e por propria observação nos dous paizes, que ha pontos de contacto e de igualdade entre si, e que a nação ingleza, mormente neste seculo, marcha em uma via progressiva, e que o espirito artistico, o amor do bello ali se desenvolve com uma espantosa rapidez: a cidade de Londres e as moradas dos Lords assim o provão.

As métras naturaes, collocadas pela Providencia, para separar os homens em nações differentes, são as montanhas e as aguas. A Italia moderna, que renasceu na sepultura do Imperio Romano, e teve por berço o sarcophago de marmore de sua heroica mãe, sempre ha conservado as tradições de seu passado illustre. Esta terra miraculosa é para a Europa o que o Oriente foi para a humanidade: quasi todas as grandes descobertas modernas lhe pertencem, quer no mar, quer na terra: Thedísio Doria e Ugolino Vivaldi forão os predecessores de Colombo, e se tivessem voltado com o resultado de sua viagem, projectada além do peryplo de Hamnon, terião certamente tomado a dianteira aos Portuguezes, e alcançado essa gloria immensa da prioridade nas descobertas, e hido muito além de Pitheas e dos Scandinavos.

A superioridade dos Italiauos em todos os tempos, como povo engenhoso, como o mestre da arte moderna, como aquelle que a fez renascer, está baseada na inji-

dade dos primores que ornão não só o seu paiz, como todas as galerias e museos do mundo.

E d'onde provém a origem desta vantagem que sempre os collocou artisticamente acima de todas as nações europeas, se não do apreço continuo que dêrão as artes e aos seus executores?

A sociedade christã, creadora de uma nova constituição, substituiu todos os incentivos do paganismo por outros, que não dêrão um menor resultado: o claustro substituiu o pritaneo, e o palacio do senhor o portico: as idéas civis, as suas representações, o culto do heroismo, e a apothese, todos esses grandes mananciaes que fertilisárão a arte entre os antigos, achárão no seio da igreja outros equivalentes, na edificação dos templos, na confecção das imagens, e na decoraçào dos altares.

O claustro acolhia o artista, dava-lhe um tecto hospitaleiro e o pão quotidiano; encarecia a sua gloria, e descrevia minuciosamente a historia do creador e de todas essas bellas creações que fazem o orgulho daquelle povo.

As republicas decretavão obras, abrião concursos, e honravão os mestres que as enobrecião com suas obras primorosas: o nome do executor era exarado nos actos publicos a par do mandatario; o chefe, o principe e o artista caminhavão juntos á posteridade: não ha uma pedra, um padrão, um portal, uma obra de arte que não tenha a sua historia, e que esta historia não seja popular.

E o que erão as mais nações, que monumentos possuem ellas antes que essas corporações artisticas, sahidas da Sicilia, atravessassem os Apeninos e os Alpes para irem construir essas famosas cathedraes, e crearem outras filiaes nos paizes por onde passavão, e onde deixavão assignalada a sua existencia com soberbos monumentos? Pouca cousa.

Nos preciosos dialogos do mestre Hollanda com Miguel Angelo, ahi se encontra desenvolvidos cabalmente, pelo artista italiano, o motivo porque as artes mais avultavão na Italia do que na Peninsula; e são ainda hoje esses mesmos motivos que occasionão os seus progressos na França, na Allemanha, na Inglaterra e na Russia.

A arte não progride, não fórma escola, não adquire um caracter de superioridade e de permanencia em quanto se não nacionalisa: apressar este passo é conquistar o futuro, é encurtar o tempo; e o exemplo mais palpavel e frisante que temos nos nossos dias é o da Baviera: o Rei Luiz comprehendeu que a importação de talentos é semelhante ao cultivo das plantas exoticas nas estufas, que nunca se pôdem aclimatar, e enraizar-se no solo livre: — o nacional aonde têm o seu corpo, tem tambem o seu coração; — nas suas concepções resumbra o legitimo enthusiasmo, e aquella fé que infunde um pensamento inteiriço, uma idéa completa, que falla ao coração, e que exprime a verdade com todas as suas côres locaes.

Depois da invasão dos barbaros, e das lutas dos Exharcas, e da divisão da Italia, apesar da importação de artistas bysantinos, a arte tinha uma existencia italiana; porque Boscheto, Marcheritone, João de Piza e Donatello a cultivavão, e a impelião a tocar ao ponto de perfeição em que a collocou Scamozzi, Sansovino, Vignola, Vanvitelli, Fontana e outros.

Francisco I na officina do rei dos ourives, do immortal Benvenuto Cellini, pre-

ludiava a época que mais tarde devia despontar, e que Luiz XIV cobrio com a sua magnificencia e com o seu nobre acolhimento aos talentos nacionaes.

Se Bernini fosse um charlatão, ou um aventureiro, não obraria como obrou, quando se lhe pediu um projecto para a conclusão do Louvre, dizendo ao proprio rei: Senhor, a França não precisa de architectos, porque possui o homem que ergueu a columnata do Louvre, nem de esculptores, porque tem o autor do Milão de Crotona.

Que época brilhante, que côrte magnifica! Um rei circundado de homens que representavão a mais alta civilisação, a maior sublimidade do pensamento, e o genio em todas as suas divinas applicações! Bussuet e Mansard, Le Nôtre e Boileau, Moliere e Puget, Racine e Lebrun, Fenelon e Desgodets, Mignard e Lafontaine, Coypel e Massilon, Perrant e Bourdaloue, e tantos outros que erguião em côro esse epinicio da civilisação a uma época que hombra com a de Lourenço, o Magnifico, e com a de seu herdeiro Leão X.

Napoleão dizia: que se Corneille vivesse no seu tempo, o faria principe; e Luiz XIV, se resuscitasse, o que faria de Nicolau Poussin, anniquilado e despresado no seu tempo, e fugindo do despotico Lebrun, para se hir abraçar com uma columna do Pantheão romano, como o peregrino desgraçado com o umbral da casa paterna, ou como o proscripto com a primeira arvore da sua infancia.

O pensamento do conde da Barca, que o Sr. D. João VI realisou, mandando vir aquella formosa colonia artistica, foi igual ao de Francisco I quando levou para a França Leonardo da Vinci, Primaticio, e outros; lá fructificou, e aqui se anniquilou; lá fez surgir uma escola brilhante, e aqui..... o que se vê: um simulacro, um corpo sem alma, com pretensões despoticas, e querendo, pela força material dos votos, pela sua posição official, representar o papel que Lebrun representou, sem possuir o seu genio, a sua elevação e os seus sentimentos. Aonde está a cabeça desse corpo, e o seu coração? aonde está a sua força? N'um homem sem principios, e no transitorio; no dominio temporario que lhe concede a indifferença.

NÃO SEI.

(Escripto no album de uma Senhora.)

Eu vi . . . não invento, nem foi illusão ; —
 Eu vi um mancebo, que ardente nutria
 Em flammias odoras sagrada poesia,
 Passando tranquillo na terra mansão ;
 Sorrio-se p'ra vida . . . viveu, e sonhou ;
 Até que o momento de amar lhe chegou.

Um dia . . . era um dia de encanto e de amor ;
 O sitio era bello . . . silencio reinava . . .
 E a onda travessa na praia brincava . . .
 E as auras trazião das flôres o olor . . .
 Sorria-se a aurora no seu despontar . . .
 E ali . . . o mancebo vagava a sonhar.

Vagava, e de subito estatico pára . . .
 Embebe seus olhos em virgem formosa,
 Que então lhe apparece mais linda que a rosa,
 Mais bella que a bella, que em sonhos formára ;
 E quando seus olhos da virgem tirou
 Escravo . . . perdido . . . por ella se achou.

Amou-a com fogo, com louca paixão,
 Votou-lhe seus hymnos de ardente poesia,
 Seus sonhos da noite, e as lidas do dia,

Votou-lhe su'alma. . . porém tudo envão :
 Não teve por paga de affecto tão puro
 Nem mesmo a esperança de amor no futuro.

Eu vi. . . — não invento, nem foi illusão —
 Eu vi o mancebo de amor consumido
 Seguindo a donzella, captivo e perdido
 Extremos gastando ; porém sempre envão :
 Ouvi seus protestos de amante fiel
 E a fria resposta da virgem cruel.

« Oh ! virgem ! clamava ; tu matas de amor,
 « O olhar de teus olhos minh'alma seduz ;
 « És pura e brilhante qual raio de luz ;
 « No céo fôras anjo, da terra és a flôr ;
 « Oh ! virgem, tu sabes, que amor já te dei? . . .
 E a bella sorrindo lhe disse — *não sei*.

« Pois bem : eu te adoro, assim como adora
 « A mãe extremosa seu filho primeiro
 « A flôr da campina favonio ligeiro
 « E a ave dos bosques o brilho da aurora :
 « Oh ! virgem ! já sabes que amor eu te dei? . . .
 E a virgem sorrindo lhe disse — *não sei*.

« Em quanto nas praias quebrar-se este mar,
 « Em quanto esta brisa gemer no retiro,
 « Em quanto da vida restar-me um suspiro,
 « Eu juro constante, fiel te adorar.
 « Oh ! virgem, aceitas o amor, que jurei? . . .
 E a virgem sorrindo lhe disse — *não sei*.

« Pendente dos lábios tu tens minha sorte ;
 « Que venha a sentença cair sobre mim ;
 « *Não sei* nada explica : oh ! dize, que sim ;
 « N'um sim tenho a vida — um não será morte,
 « Responde : has de dar-me amor, qual te dei?
 E a virgem sorrindo lhe disse — *não sei*.

E o misero joven a fronte abaixou ;
 Nem mais uma queixa, nem mais um suspiro !
 Qual pombo ferido por barbaro tiro,
 Ao seio do bosque seus passos levou ;
 E a bella insensivel não soube prever
 Que o triste mancebo partia a morrer.

Os dias, e os mezes, e os annos passarão,
 E o joven poeta mais nunca voltou !
 E então foi que n'alma da virgem raiou
 Lembrança de extremos que aos pés lhe murcharão !
 E então no seu peito punhal aguçado
 Gravava o remorso vingando o passado.

E um dia . . . — era um dia de feio pallor, —
 O sitio medonho . . . silencio reinava,
 A vaga raivosa na praia espumava,
 E o vento rugia com ira e furor :
 O céu se nublára — E sem tal cuidar
 Tristonha a donzella vagava a scismar.

Vagava . . . mas pára tremendo, espantada . . .
 Humana figura gemente apparece,
 Tão magra, tão branca, que mais lhe parece
 A sombra de um morto do tum'lo escapada :
 A virgem seus olhos no vulto cravou,
 E após um momento — *é elle !* — exclamou.

E agora da virgem qu'importa esse ardor?...
 Que valem as phrases tão ternas que diz?...
 E ao já moribundo mancebo infeliz
 De que presta agora tão tardo esse amor?...
 Fallava-lhe a virgem. . . . — nem mais respondia ;
 A mão lhe apertava. . . . que mão já tão fria! . . .

« Escuta! — bradava-lhe a virgem chorando. . . .
 « Escuta! eu te fallo, e tu não respondes? . . .
 « Escuta! eu te abraço, e o rosto me escondes? . . .
 « Escuta! eu te chamo, e vás te arrastando? . . .
 « Ah! dize, hei perdido, o amor que inspirei? . . .
 E o triste morrendo murmura : — *não sei.*

E aos pés da donzella seu corpo cahio!
 E ou fosse que o vento, ou vaga fallasse
 Ou que esse cadaver ainda arquejasse. . . .
 A phrase terrivel. . . . sinistra se ouviu. . . .
 Ouvio-se, eu não minto, eu mesmo a escutei:
 Tres vezes no bosque troárão — *não sei.*

Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1849.

J. M. DE MACEDO.

RESPOSTA A « RELIGIÃO. »

Escrevemos um artigo sobre os Annaes Historicos do Maranhão por Berredo, que vem impresso nos dous primeiros numeros do *Guanabara*. Censuramos o trabalho do author portuguez, e tocando na questão das raças indigenas, sem a qual é impossivel comprehendermos a primeira pagina da nossa historia, fizemos ao correr da penna algumas breves reflexões de como nos parecia possivel resumir em uma vasta synthese, e apresentar debaixo de um só ponto de vista, quaes e quantas forão as raças que occuparão o litoral e que ainda hoje habitão em parte o certão do Brasil. Por incidente fallamos nos Jesuitas, e ainda por maior incidente, na censura religiosa. O nosso artigo mereceu a attenção dos redactores da *Religião*, que depois de alguns elogios ao pensamento que nos hãvã guiado nesta tarefa, declarão que o nosso artigo não pôde passar sem censura em uma cidade, onde existe um periodico religioso, e pretendem refutar o que nelle lhes pareceu erroneo e offensivo dos pios ouvidos. Lisongeamo-nos não tanto das expressões benevolas de que se usou para comnosco, como principalmente porque refutar sómente duas idéas, que incidentemente apresentamos, deixando intacto o principal do artigo, é de alguma fôrma confessar que acertamos no que mais importava.

A Censura e os Jesuitas — são os dous pontos sobre que principalmente versa o artigo, a que agora respondemos; mas quer em um, quer em outro ponto não tivemos a fortuna de sermos comprehendidos pelos illustres redactores da *Religião*, o que por certo não podemos deixar de attribuir a nossa má redacção.

« Em que se fuada o Sr. Gonçalves Dias para accusar o fanatismo da *censura fradesca* da critica acanhada de um escriptor? Não teremos nós immensos factos para provar ao Sr. Gonçalves Dias, que salvo alguns casos mui raros, a censura em materia de religião, nunca condemnou a opinião livre que se elevava acima dos prejuizos do seu seculo? »

Longe de nós attribuir á influencia ecclesiastica o modo porque um escriptor portuguez considera este ou aquelle facto. Berredo era Portuguez, escrevemos nós, e só escrevia para Portuguezes: d'ahi o seu principal defeito. Que lhe importava com effeito a terra onde habitaria por alguns annos sómente? Que lhe importavão os Brazis, se delles não carecia a litteratura, nem a historia portugueza? Demais, votados ao exterminio os senhores do solo, carecião os Portuguezes de os taxar de selvagens, de indomitos, de intrataveis, para que não revertesse sobre elles a accusação de fereza e barbaridade, que aos indiginas se fazia: d'aqui, dissemos nós, pro-

vém o seu principal defeito. Certo, isto não é accusar a influencia ecclesiastica do modo porque um escriptor considera um facto particular; é definir um facto geral, e dar-lhe uma causa generica e determinar-lhe effeitos tambem genericos.

Depois, passando a tratar da invasão hollandeza no Maranhão, vimos o historiadôr attribuir á milagre o facto de rebentar uma peça, matando os artilheiros, quando antes nos quizera fazer persuadir que os Hollandezes sacrilegamente expunhão as imagens sagradas de alvo as suas baterias: demos como causa principal desta opinião querer-se n'aquelle tempo derramar a sizania entre os dous contendores, e encher de brios os Portuguezes para vingarem dos hereges o desacato que o seu culto soffrêra.

Mas não querendo, ainda assim, acoiar de injustiça um escriptor, veridico tantas vezes, acrescentamos— «mas digamos, *como hoje se diz*, que erão prejuizos de então, e que Berredo, escrevendo sob a immediata censura dos frades não podia deixar de render tributo ao fanatismo da época. »

O illustre critico, tão versado como é na lingua portugueza, deverá sem duvida ter percebido que esta formula não envolve affirmção: deveria ter percebido que alguma differença vai em dizer-se censura dos frades ou censura fradesca: diriamos censura de frades por menospreso, e censura fradesca por escarneo, por mofa; e Deos nos livre de escrevermos sorrindo e zombando sobre factos de tão tristes consequencias como foi a censura, a censura dos frades, a censura religiosa.

Assim, bem se vê que das nossas palavras não se pôde tirar as consequencias, que dellas quiz tirar o illustre critico; mas essas e outras que taes, nós as accitamos; e se não estivessemos convencidos de sobejo da illustração dos redactores da *Religião*; e que elles, tendo melhor pensado, já deverão ter riscado da sua consciencia a opinião que emittirão acerca da censura religiosa, nós lhe diriamos tambem pela nossa vez, que tal opinião não passaria sem reparo em uma cidade, onde existem tantos periodicos litterarios; far-lhes-hiamos vêr, se isso fosse preciso, que a censura religiosa foi a censura em todas as materias, citar-lhes-hiamos exemplos de haver ella milhares de vezes condemnado a opinião livre que se elevava acima dos prejuizos do seculo. Mas para que censurarmos o que se acha rebatido e regeitado pela civilisação moderna, que os redactores da *Religião* tão dignamente representam? Para que citarmos outros exemplos, quando aos olhos dos illustres litteratos já se mostrou o semblante severo de Gallileu, que por baixo dos membros desconjunctados pelo cavallete da censura ecclesiastica sentia o movimento da terra, de que n'aquelle tempo, como de tudo, se fez uma questão de theologia?

Mas, quando mesmo quizessemos admittir a utilidade e illustração da censura religiosa nas patrias de Vico e de Bossuet, estariamos bem longe de lhe attribuirmos os mesmos effeitos na peninsula europea, e menos em Portugal, cuja litteratura era sem duvida melhor do que os frades a fizeram. Travar-nos-hia a consciencia de a chamarmos esclarecida, de acharmos em nossa alma uma phrase de louvor para ella, quando nos recordassemos dessa longa procissão de bons engenhos portuguezes, esterilizados, martyrisados por ella: — Garção morto em uma enxovia por ter escripto uma carta em inglez, — Antonio José queimado em vida, menos por ser ju-

deu que por escarnecer dos frades, e Filinto Elysio expatriado por haver traduzido uma comedia de Moliere, e obrigado a refugiar-se na mesma terra onde aos restos do grande comico se negou jasigo em lugar sagrado; porque o seu clero, esquecido dos principios da caridade christã, em vez de consultar o livro por excellencia, abriu o Digesto das leis romanas e ali achou que os mimicos erão pessoas infames, indignas portanto de jazerem em terra bendita. Travar-nos-hia por amor dos Jesuitas, quando sabemos da condemnação do Padre Vieira, a quem se attribuiu as prophecias do Baudarra, e algumas verdades como estas, — que o juizo dos homens é mais severo que o juizo de Deus; — verdades que aos Padres de S. Domingos sabião a heresia, e como das nossas proposições se diz no artigo a que respondemos, erão erroncas e offensivas dos pios ouvidos; — verdades que hoje talvez se achão confirmadas, porque Deos háverá de ter acolhido aquelles bentos padres na sua sancta gloria, em quanto que sobre elles continúa a pesar o juizo dos homens, mais severo que o juizo de Deos. Travar-nos-hia, emfim, porque de nenhuma outra censura sabemos tão ignorante que no ultimo verso de um soneto riscasse a palavra—beijo,— que era immoral, substituindo-a por esta outra—osculo,—que lhe parecia mais decente; nem tão descuidada que, havendo-se ali prohibido o espirito das leis de Montesquieu, consentisse todavia na importação da obra, porque no frontespicio se lia— Sermões do Mt.º Rev.º P.º F. —

Sabendo destes factos, não me atreveria nunca a comparar a critica de Portugal com a de outras nações: sabendo mais que uma obra qualquer para ser publicada soffria não uma senão muitas censuras, não de uma ordem senão de muitas, poderiamos ser positivos e avançarmos sem escrupulo algum, que a tendencia para attribuir á milagre os acontecimentos mais comesinhos da vida tinha a sua origem na censura dos frades. Não acreditavão por certo os authores no que escrevião, ao menos é esta a nossa opinião; mas transigindo cobardemente com um poder inexoravel, offerecião o unico correctivo que podião, e imploravão indulgencia para algum assomo de independencia de espirito, para alguma phrase menos devota com o protesto de uma sugeição que lhes pesava, e com a mascara de uma piedade que fingião. Como haverião os Consultores do Santo Officio, os illustrados Consultores, de reprovar uma obra, onde se lêsse que no anzol lançado ao mar pelas proprias mãos do segundo governador que veio ao Brasil mordeu uma cabeça de peixe fresco, se essa cabeça milagrosa teria de provar ao digno governador a santidade da companhia de Jesus? Era isto uma fraude piedosa, como então se diria, era a consequencia do principio, de que os fins justificão os meios.

E justamente porque o author dos — Primeiros Cantos — se presa de ser religioso, é que não confunde a palavra de Deos com os inventos dos homens; e deixando de parte o estado que a igreja sempre considerou como um dos grãos mais subidos da perfeição christã, póde, não lhes reconhecendo o dom da infallibilidade, achar em algum delles normas falsas, principios menos consentaneos com o fim das suas instituições, e applicações perigosas de taes principios; póde emfim reprovar de-sassombradamente a censura religiosa, como faria de outra qualquer censura, e applaudir a sua extincção com os homens do seculo em que felizmente vive.

Sobre os Jesuitas talvez que as nossas palavras careçam de menos desenvolvimento que sobre a parte relativa a censura.

A' sua expulsão, escrevemos, nos corresponde no Maranhão o esquecimento de todos os principios religiosos. Se nisto não ha toda a verdade, ha pelo menos uma opinião bem explicita da conta em que temos os primeiros Jesuitas, e despensão-nos de responder que por baixo da sua historia não escreveriamos hypocrisia e especulação.

Continúa a *Religião*: « Um pequeno numero de missionarios de uma companhia nascente, gozando na Europa de um conceito geral, vem para o Brasil depois de fazer immensos exforços para que os deixem vir; * vem para o Brasil sem fazerem causa commum com nenhum dos seus compatriotas que cá encontrão; vem sacrificar nas nossas brenhas as suas commodidades... não, engano-me, essas não; porque ja de lá elles trazião os celicios e as disciplinas... vem sacrificar aquillo a que na Europa elles não podião renunciar: a vida que Deos lhes impunha, e o nome que lhes reservava a prosteridade. E o Sr. Gonçalves Dias não vê nisto senão cubiça! cubiça de que?... »

Não somos extranhos a historia dos Jesuitas a ponto de não sabermos que de nem uma outra regra se contão exemplos de uma abnegação mais complecta, de uma obediencia mais perfeita; os sujeitos desta ordem, como dizia o provincial Aquaviva, e como a sua propria constituição lhes determinava, erão, nas mãos dos seus superiores, o cadaver nas mãos do coveiro, o bordão nas mãos do viandante: ficãrão sendo os typos da obediencia cega, passiva e illimitada. Os individuos nada querião para si, porém a ordem queria tudo. Se algum delles escrevião: quiz Deos que se creasse uma nova ordem ao passo em que se descubria um novo mundo; se os missionarios do Brasil escrevião ao rei de Portugal: vamos tomando conta destas terras por Deos e para Deos! — não podião por um momentos os illustrados redactores da *Religião* formular a resposta que nos pedião, quando nos perguntão triumfantemente: cubiça de que? cubiça de augmentar o poder da companhia, cubiça de pôr um pé na America, como já o tinhão posto na India, cubiça de infiltrar-se na população nascente com o leito da sua doutrina, cubiça emfim de conquistar um mundo. — Não era pouco.

Depois, querendo vêr quaes as causas porque os Hollandezes forão aqui vencidos, quando em outras partes vencião os Portuguezes; porque não fundárão colonias duradouras, quando em outras partes as creárão; procurando descobrir as causas, porque os Francezes se não poderão estabelecer no Brasil, quando erão tanto da sympathia dos indigenas, — porque os Portuguezes, mais fracos, repellidos com mais força pelos Indios, lográrão todavia os seus desejos; demos como causa unica deste

* Na Chronica do P.^o Vasconcellos lemos o contrario. « Despertou Deos o coração alto e generoso do veneravel Padre Simão Rodrigues de Azevedo, que neste tempo assistia em Portugal, para que tratasse do bem destas almas. Communicou a cousa á Alteza d'El-Rei D. João III, que então vivia, príncipe tão pio e resolvido a propagar a fé que se lhe ouvira muitas vezes, que desejava mais a conversão das almas, que a dilatação do seu imperio. E com esta disposição da parte do Rei e obrigaç o do nosso Instituto, *foi facti* ajustar os intentos, e concluir que se expedisse uma gloriosa missão a partes tão necessitadas. L.^o 1 — 4. á Onde estão pois os immensos exforços que fizêrão para que os deixassem vir ao Brasil?

facto a influencia dos Jesuitas, e fizemos vêr que os homens que mais se interessavam pela sua sorte forão a causa mais poderosa da sua total ruina. Não diremos que era a arma da hypocrisia empregada por um governo que tinha perdido a esperança de vencer pela força; não,—diremos antes que, marcado no livro eterno o ultimo periodo para a quasi total extinção da raça americana no Brasil, forão os Jesuitas o piedoso instrumento da Providencia para que sobre os cadaveres de tal raça, decimada pela fome e pelos trabalhos, invilecida pelo captivo e pelas injurias, deteriorada pelos padecimentos phisicos e moraes, se erguesse outra raça mais nova, mais forte, mais bella, mais propria para receber as luzes da civilização moderna, mais susceptível de emparelhar com a Europa em menos tempo, mais chegada enfim ao culto do verdadeiro Deos, e com a intellgencia mais preparada para comprehender os mysterios sublimes da nossa religião, sem os quaes a revelação deixa de ser o candelabro do tabernaculo para converter-se no fogo erratil que alumia a superficie dos pantanos.

Vendo, pois, que elles forão malogrados em uma empresa, que no nosso seculo ninguem teria animo de tentar; que não poderão, como tinham em vista, crear uma civilização nas condições do character americano, apezar de toda a sua coragem e boa vontade; — sabendo que reduzidos os Indios a obediencia com a pregação do Evangelho, vinhão os capitães mores aos seus aldeamentos procural-os ás centenas para o serviço d'El-Rei, — e que expulsos os Pades, ficarão todas as suas populosas missões em poder dos colonos, de modo que os neophytos se anniquilárão, apertados de um lado pela cubiça portugueza, repellidos do outro pelos indigenas, que os consideravão como inimigos, e como taes os tratavão;—dobrada razão teremos para avançar que elles forão, não a arma dos Portuguezes para acabar com o character americano, que esse já estava acabado, havia muito; mas instrumento de Deos para extinguir a raça que talvez contrariava os seus altos designios. Nem sempre, nem em todos os acontecimentos descobrimos a mão da Provincia; mas quando um povo se retira da communhão dos homens, quando desaparece da face da terra, não podemos deixar de levantar os olhos ao céu, e de reconhecer a Omnipotencia Divina, curvando-nos aos seus decretos sem todavia adorar o flagello que nos manda, nem o instrumento de que se serve para a obra da regeneração.

Assim, não podemos considerar a Indio no seu estado de cathechese se não como ente de transição; nesse estado não achamos poesia, pelo menos aquella poesia característica que é a flor de uma civilização. Nesse estado, o Indio não era nem civilizado nem selvagem, nem pagão nem catholico; mais tendo, sem preparatorio, instantaneamente, passado de um para outro estado, tornara-se igualmente incapaz de ambos — de viver nas cidades com os homens que chamamos civilizados, ou de viver nas selvas entre os que chamamos barbaros. Erão modelos de obediencia, o exemplo da habilidade jesuitica, um extremo de piedade, se o quizerem; mas d'aqui á herocidade vai a distancia de um mundo. Sabião morrer, porque essa virtude ao menos se reconhece nos Indios; morrerão effectivamente debaixo das ruinas do Paraguay, mas é duvidoso que elles soubessem quaes erão os inimigos da patria, e que patria era essa, pela qual morrião.

Os illustrados redactores da *Religião* descobrem, dizem elles, as falsidades das nossas idéas nas contradicções do nosso artigo — « Confunde os Jesuitas, dizem elles a nosso respeito, na accusação geral feita aos primeiros descobridores, e entretanto quando quer achar alguma accusação feita á cubiça dos Portuguezes não tem que recorrer senão a algum Jesuita ! » —

Sabem muito bem os illustres redactores que não são os mais religiosos aquelles que sempre trazem sobre os labios palavras cheias de unção, que não são os mais bem morigerados aquelles que de continuo dissertão sobre a moral; e que os Jesuitas, reprovando a cubiça portugueza, podião ser tanto ou mais cubiçosos que elles. Mas o que é de notar-se no nosso artigo, não é apoiarmo-nos na authoridade dos Jesuitas, mas de citarmos conjunctamente com ella a do Desembargador Seabra. Os Jesuitas e o Dezembargador Seabra—vale o mesmo que se dissessemos os Jesuitas e o marquez de Pombal; se pois os citamos para comprovar as nossas proposições, deverião ter percebido os illustres redactores da *Religião* (e certamente o perceberão) que não foi senão muito de proposito que o fizemos, entendendo que os pontos em que estas duas opiniões extremas e rancorosas se topão, estavam fóra de toda a duvida.

Extinguirão-se os Indios: este factó é attribuido pelo Dezembargador Seabra a cubiça dos Jesuitas, os Jesuitas o attribuirão a cubiça dos seus compatriotas; se não queremos indagar qual delles forão os mais cubiçosos, ao menos claramente resulta do dizer de ambos que foi a cobiça, a ganancia, a causa do exterminio dos indigenas. Então, nas obras do Padre Vasconcellos, fomos procurar um termo que exprimisse semelhante conclusão e alli encontramos estigmatizada—a *real cubiça portugueza*. Certo que algumas vezes nas obras deste bom padre achamos a censura da cubiça, como a achamos nos mandamentos da Santa Madre Igreja, ou segundo diz o povo, como vemos Pilatos no credo; mas o que queriamos não era a condemnação moral da cubiça, mas a sua condemnação politica; não queriamos a opinião do Padre mas a do philosopho,—não a do Jesuita, mas a do Portuguez,—não a do chronista mas a do historiador. E esta, perdoem-nos os illustres redactores, não se encontra duas vezes na Chronica da Companhia de Jesus pelo Padre Vasconcellos.

Querem tambem os illustrados redactores que se diga dos Jesuitas que elles forão os primeiros que souberão achar poesia na natureza americana. Vejão-se, dizem elles, as bellas pinturas que faz o mesmo Padre Vasconcellos até dos nossos mangues!—Com mais verdade se diria—principalmente—em vez de—até;—mas dando de barato que os Jesuitas comprehendessem bem a natureza americana, porque um dentre elles soube descrever a verdura, e as laçarias dos nossos mangues, não deverião os illustres litteratos esquecerem-se que antes do Padre Vasconcellos as cartas de Colombo, as relações de Vespucio, e os discursos de Las Casas tinhão feito comprehender a natureza americana; e senão queremos saber do Brasil, Abeville, Lhery e Hans Stadt, que todavia não erão Jesuitas, tinhão traçado algumas paginas se não tão bellas no estylo, mais ricas de imagens, e mais cheias de enthusiasmo e de poesia.

Lembrem-se tambem os illustrados criticos que a expulsão dos Hollandezes, e a

guerra da independencia, senão é americana, como dizem, é brasileira, e não só por que teve o Brasil por theatro, mas principalmente porque teve Brasileiros por actores, porque desfructamos os seus resultados, e porque enfim é nossa.

Concluindo este artigo, diremos que estimamos em muito os trabalhos da Companhia no Brasil; não renegarão dos seus principios na Europa, porque erão os mesmos homens com o mesmo instituto, mas parece-nos que esses mesmos principios applicados ao Brasil como erão diversas as circumstancias, produzirão aqui bons resultados. Isto dizemos da verdadeira Companhia de Jesus, e o dizemos tão sómente em relação ao Brasil; mas se outra se instaurasse agora, faltando-lhe as circumstancias do tempo e novidade que lhe assegurarão o triumpho que obteve, não auxiliada pelos reis e principes, não aceita pelo povo, não defendida pelas supremas intelligencias da época, como foi a primeira, não poderíamos deixar de vêr nella um arremedo tão triste como inutil, e desde já lhe prognosticariamos o fim que tem os institutos que revivem, quando improvisados Lycurgos, porque se deixarão ficar atraz no caminho do progresso, se persuadem que a intelligencia humana ficou estacionaria com elles. O povo bem como o individuo tem saudades talvez, porém já-mais desejos de voltar ao passado: fazê-lo retrogadar é contra a natureza. Deos mesmo, quando o quer fazer voltar a esse estado, faz com que elle se mova a semelhança de um ponteiro de relógio, que por meio do progresso torna ao ponto donde partira: é, neste caso, como o viajante que sobe a encosta de uma montanha e ha de necessariamente descer pela outra: podem ser semelhantes as encostas, porém os caminhos são sempre differentes.

Terminamos aqui a nossa resposta, já bastante extensa; respondemos ao artigo da *Religião* sem querermos vêr em suas palavras senão o que ellas litteralmente são, e todavia cabe-nos fazer uma declaração por ultimo. Quando, escrevendo para o publico, cahimos em erro, ou avançamos alguma falsidade, admittimos em todos o direito de combater as nossas opiniões, porque são erroneas e falsas, ou sómente porque isso lhes agrade, e não porque possuidos de vaidade, nos possamos uma hora persuadir que temos a infelicidade de dar com as nossas palavras a força de um prejuizo a alguns desbotados pensamentos.

A. GONÇALVES DIAS.

NOTÍCIAS DIVERSAS.

Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

S. M. o Imperador, dando todos os dias irrecusaveis testemunhos do amor que tem as letras e a civilização do paiz, cujos destinos lhe forão confiados pela Providencia, dignou-se de assistir a ultima sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. —Relatando este facto, o Sr. secretario d'aquelle estabelecimento exprime-se da maneira seguinte :

« S. M. o Imperador dignou-se de assistir sabbado proximo passado á sessão ordinaria do Instituto, a qual se prolongou até as 10 horas e meia da noite, e deu mais este honroso testemunho da sua subida protecção a tão importante nucleo litterario, a quem já tanto devem a historia e geographia patria.

« Deu-se principio aos trabalhos com a approvação da acta da sessão anterior, passando em seguida o Exm. Sr. conselheiro Candido José de Araujo Vianna a offerrecer a S. M., em nome da associação de que é digno presidente, uma das medallhas que o Instituto acaba de fazer cunhar para commemorar a reunião de 15 de Dezembro ultimo; distribuindo-se tambem pelos Srs. socios presentes o *fac-simile* do autographo da allocução dirigida ao Instituto pelo seu Augusto Protector na sobredita sessão.

« Depois do expediente, da apresentação das offertas e de varias propostas, e da discussão de pareceres de commissões, d'entre os quaes apenas notaremos o que foi approvedo sobre a creação no gremio do Instituto de uma arca de segillo onde se guardem as noticias historicas contemporaneas, cuja publicação só poderá ter lugar em um tempo determinado, segundo a vontade de seus autores, o Exm. Sr. presidente leu a seguinte proposta escripta pelo proprio punho de S. M., a qual foi acolhida com o devido respeito e geral satisfação dos socios presentes :

— « Convindo reuuir todas as noticias que existem a respeito da lingua indigena, interessante por sua originalidade e poesia, e pelos preciosos dados que poderá subministrar á ethnographia do Brasil, lembro ao Instituto que encarregue alguns de seus socios da investigação do que houver sobre esta materia em suas respectivas provincias.

« Os trabalhos, que assim se tiverem feito, serão remettidos ao Instituto, enviando-os este a uma commissão, a quem incumbirá de apresentar a grammatica e dictionario geral da lingua indigena com as alterações dos differentes dialectos.

« Afim de animar os que se dedicarem a tão aridas pesquisas offereço ao Instituto uma medalha de premio para aquelle que concorrer com o melhor trabalho. »

« O mesmo Augusto Senhor distribuiu depois os seguintes programmas, approvedos pelo Instituto, para objecto de memorias e discussão :

« Ao socio Dr. Guilherme Schuch de Capanema : — Quaes as tradições ou vestigios geologicos que nos levem á certeza de ter havido terremoto no Brasil.

« Ao socio visconde de Abrantes : — Qual a origem da cultura e commercio do anil entre nós, e quaes forão as causas do progresso e decadencia desse ramo de cultura e commercio.

« Ao socio conselheiro Candido Baptista de Oliveira : — Se para a civilização do paiz tem resultado alguma vantagem da introdução de estrangeiros como exploradores das minas de ouro.

« Ao socio conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmiento : — Qual seria o motivo porque os Portuguezes, tendo visitado o Rio de Janeiro no anno seguinte ao do descobrimento do Brasil, e até principiado ahi um estabelecimento alguns annos depois ; não podendo deixar de reconhecer a belleza, commodidade e vantajosa posição do seu porto, a fertilidade do seu solo, e outras circumstancias que o fizerão preferir em tempos posteriores para capital do estado, só tantos annos depois (em 1568) começárão na margem da sua magnifica bahia a fundação de um estabelecimento permanente, sendo provavel que ainda o desprezassem por muito tempo se não fosse a necessidade de expulsar os Francezes e tirar-lhes de uma vez a esperança de voltarem : não se podendo attribuir esse desprezo á resistencia dos Tamoiós, pois igual e maior soffrêrão de nações não menos valentes e numerosas em outras partes da costa do Brasil menos interessantes, em que apezar disso se estabelecerão muitos annos primeiro.

« Terminou a sessão lendo o socio Joaquim Norberto de Souza e Silva a introdução de uma mui extensa memoria de sua penna sobre as aldêas de Indios da provincia do Rio de Janeiro. »

Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Ha bem pouco tempo veio-nos a mão o n.º 11 da *Revista Trimensal*, e entre todos os escriptos que ahi lemos, o que mais nos prendeu a attenção foi uma bella memoria acerca da ultima revolução porque passou a nossa provincia, obra esta da elegante penna do Sr. Dr. Magalhães, desse poeta philosopho que depois de nos ter mostrado o seu genio por uma face tão brilhante, apresenta-se agora como historiador.

A tarefa por elle emprehendida foi das mais espinhosas, pois teve de tratar de pessoas e factos contemporaneos, e de fresca data; mas soube tãobem tirar-se desse embaraço, que embora patentê a verdade, a ninguem pôde offender.

Começa elle por provar-nos com razões profundamente philosophicas as causas das diversas revoluções politica do Brasil, depois passa-se para a do Maranhão, e ahi pinta-nos os desatinos do governo Camargo, o espirito de animosidade a que tinha sido levado o povo, o começo da revolta, os desacertos e fracas medidas do Sr. Manoel Felisardo, as differentes phases e reucontros da guerra, as providencias do Sr. conde de Caxias, e a conclusão da guerra; tudo isto sem quasi nunca fallar por si mesmo, mas sempre com os documentos a mão; e por tal arte conduz o leitor quando o quer levar a alguma conclusão, que de algum modo possa ir ferir o amor proprio de algum, que pára justamente quando já é inevitavelmente que o leitor deixe de tiral-a d'outro modo.

Por toda a obra sempre respira imparcialidade, rectidão e verdade em tudo quanto seu author pôde conhecer por si ou por meio de documentos; porém, infelizmente, o mesmo não succede quando foi levado por informações que, parecidos, forão-lhe dadas por pessoas que nos desestima, e que fez desta arte com que o Sr. Dr. Magalhães tomasse como regras geraes o que só era excepção: assim nós o vemos inexoravel atacar os costumes dos nossos lavradores e de mais habitantes dos campos: é verdade que os ha máos e até perversos; porém o numero dos bons e virtuosos sobrepuja o d'aquelles; e se ha dous ou tres fazendeiros barbaros e até assassinos, que matão os seus escravos sob o azorrague, e que só lhes dêem por comida um prato de milho por dia, tambem ha innumera quantidade delles que tratão paternalmente os seus escravos, e que até fal-os esquecer por momentos da ignominiosa escravidão dos barbaros castigos, e de que haja no mundo quem perea a mingoa.

Acerca do estylo em que está traçada esta excellente obra nada poderemos dizer, porque o julgamos perfeitamente inutil, pois quem ha tendo lido (e haverá Brasileiro que o não tenha?!) esse arrebatador e magestoso cantor dos suspiros poeticos, não fique certo de que ainda nesta obra elle soube elevar-se até á sua própria altura?

Noticia Bibliographica.

Na *Revista* n. 515 de 8 de Outubro proximo passado dá-nos o seu illustrado redactor noticia de um modesto poeta que do Munim lhe offerecêra, por interposta pessoa (pois não deseja ser conhecido), um romance em verso, intitulado « *Clara e Alberto, ou o Amor e o Destino,* » que no mesmo numero principia a publicar, e sobre o qual faz o seu juizo critico.

Depois de haver sido o dito romance apreciado por pessoa tão competente como é o redactor da *Revista*, nada á respeito podemos acrescentar; e convidamos aos nossos leitores a lê-lo conjunctamente com o excellente artigo d'aquelle jornal.

Verdadeiro poeta de sentimento, como o qualifica a *Revista*, o joven author desce aos corações, e lhes falla uma linguagem sublime, que faz vibrar bem docemente todas as cordas d'alma; entretanto que as suas descripções e imagens são igualmente bellas e ricas. Os seus versos de variada metrificacão são geralmente harmoniosos e faceis; mas muitos ainda se encontrão imperfeitos ou mal medidos — defeito este mui commum nos poetas novos.

Ha scenas verdadeiramente admiraveis, onde o poeta desenvolve uma tal sublimidade de pensamento e riqueza d'expressão que não são vulgares. A cigana, por exemplo, está mui bem caracterizada e descripta: é exactamente um desses seres desgraçados que abundão nos nossos sertões, tirando o seu alimento da ignorancia e credulidade publica. O ultimo canto que serve de epilogo ao romance, é uma peça bem acabada, e tão bem elaborada se acha que faz esquecer mesmo alguma propriedade que houve da parte do author na escolha da qualidade do verso, que certamente não fôra a mais adaptada ao assumpto; no principio do canto enleva-nos descrevendo as nossas bellezas americanas, e com tal arte e gosto o faz que não é possivel deixar de agradar, e conclde por apresentar-nos punido com a loucura, sobre o tumulto da filha, um pai desnaturado, que abusando do imperio paterno arrastou aos altares essa candida e innocente virgem, que morre victima de sua barbaridade por uma infeliz circumstancia.

Todavia, apezar das bellezas de que fallamos, ha seus descuidos que certamente ao poeta, tão talentoso como é, seria facil evitar, se tivesse melhor revisto a sua obra depois de acabada. A scena do noivado, a agitação, o desespero da noiva, arrastada aos altares contra a sua vontade, estão friamente narrados; e na propria occasião de dar ella o desengano — o *Não fatal* — momento esse tão solemne e grande, o poeta se exprime de uma maneira tão fria e prosaica, que faz gelar o coração; concorrendo ainda mais para isso alguns versos verdadeiramente desgraçados que ahí se encontrão. Parece que o poeta ou se não deixou repassar bem do assumpto, ou que confiou a lyra a mãos inhabeis de menestrel estranho quando tinha de cantar uma das mais importantes partes do seu poema.

Concluiremos a nossa breve noticia fazendo votos com o redactor da *Revista* « para que um ingenho tão ricamente dotado pela natureza se aperfeioe com a cultura, e não defínhe logo á nascença, como tantos outros que temos visto desabrochar e feneceer por desanimo ou falta de protecção. »

ITAÉ (*)

IDYLLIO AMERICANO

AO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO SENHOR D. PEDRO II.

Itaé vos commova a um povo inteiro
 Rude, que vaga, a olhardes com piedade;
 Do opulento Brasil senhor primeiro,
 Extincto quasi o chora a humanidade!

Dedicatória do Autor.

.....

FRONDELIO.

—... Olha as folhas
 Torcidas, murchas do arvoredo immovel!
 Pelos ares não crusão lindas aves,
 Nem d'entre a rama nos namora o vario
 Retintim feiticeiro. Debruçadas
 As mimosas boninas tristemente,
 Sem cheiro e côr fenecem esmarridas.
 Vês o chão acolá como escaldado
 Se greta e se esborôa? Que silencio
 Guarda profundo a sesta abafadiça!
 Arvore grande e bella, o céu te pague
 Esta franca hospedage e refrigerio.

(*) Não publicamos por inteiro, mas apenas o que nos permittião os limites do nosso periodico, e o que desta bella composição do Sr. Antonio Joaquim de Mello nos pareceu mais recommendavel.

AONIO.

Deos, que bem !

FRONDELIO.

Neste amavel desenfado
 Não nos falleça o comesinho adubo
 Do teu bello cantar da nossa terra.

AONIO.

Eu, sim, podera em doces cantilenas
 Silvestre modular a graça e as flôres
 Destas ledas campinas innocentes ;
 Ou dos nossos maiores a bravura
 Altisono cantar : elles a custa
 De seu fato e seu sangue desinçarão
 De inimigos soberbos estes campos,
 Estes campos vitacs e encantadores,
 Tão fecundos, tão fertéis, tão queridos.
 Acção grande, que admira o mundo inteiro !
 Mas só pôde cantar um peito livre
 Em socego feliz. A liberdade
 Eu perdi desditoso ! E neste agreste
 Amanho, e grossas pelles disfarçado,
 Fujo á sorte-funesta do vencido ;
 Como assim cantarei ? Se os ares turba
 Estrondosa borrasca, e açouta os ramos,
 O patativa esconde-se, e calado
 Estremece, no mal seguro ninho.

FRONDELIO.

Mal por nós ! mas talvez no triste inverno,
 Abrindo o sol flammante um riso d'ouro,
 Enche a terra enojosa de alegria

 Lá da cidade barulhosa cantão
 Menestreis altos, que a innocencia folga,
 E sorri brando amor nos livres campos.
 Oh ! Bem vindas ! Mimoso lenitivo,
 Com os soltos cabellos já nos brincão

Doces auras da tarde restaurantes.
 E pois é esta a hora de recreio,
 Contemplativa e de saudades ternas,
 Canta, hospede amado, aquelles versos
 De Itaé, nossa bella conterranea :
 Parece-me que a vejo . . . o talhe, o modo
 Entre rudo e gentil . . . solto o cabello
 Comprido e negro nas espaduas núas . . .
 Toda saudades, toda independencia.
 Quem deixará de amar teu patrio canto ?

AONIO.

A guerreira Marim (*) sujeita aos Lusos,
 De um soldado feliz ficára escravo
 Potyguar. Em fazer Brasil (**) cançava
 Durante o dia, o misero, e incessante
 Colher dos troncos lagrimas cheirosas
 Pelas margens o ambar, e dormindo
 Tomar no caminho as aves, por tarefa
 Tinha ao luar, até a noite em meio.
 Conhecedor do patrio solo, o joven
 Da nocturna colheita parte esconde
 Em gruta ignota ; e eis que avultão varias
 Um apanho usual, folga essa noite,
 E ancioso, e veloz, ardente corre
 De Itaé, sua amada, aos doces braços ;
 Na volta ao amo avaro tributando
 Os guardados productos remidores.
 No centro escuro de um espesso bosque,
 Não profanado de estrangeira planta,
 Alçava-se um jambeiro : o pardo tronco
 Lh'o beija quasi um limpido regato :
 E de seus lindos fructos que amadurão,
 Dourados cachos mil deliciosos
 Recendião de rosas o perfume.
 Com seus ramos, lascivos, enredados
 Os ramos de um tenaz coroazeiro,
 Sombroso tecto vegetal fechavão.

(*) *Marim* se chamava tambem em principio a povoação e villa de Olinda.

(**) *Fazer brasil* era a frase com que os primeiros Portuguezes designavão a derruba, e promptificação do pão brasil para commercio e embarque.

E de entorno verias as gigantes
 Gameleiras, os cedros e oiticicas
 O refugio viçoso abarreirando.
 Vivia aqui a filha ingenua e triste
 Da innocencia selvagem perseguida.
 Guardava a um lado o patiguá (*) suspenso,
 A plumagem bizarra, e o curioso
 Collar de folhas de ouro, e de conchinhas
 Que usara Potyguar galhardo e dextro,
 Nas festas e gentilicos folgares ;
 E tambem, penduradas, amedrontão
 Setas e aureo pesado : já com ellas
 Itaé se illustrára (quaes se fossem
 Infantis brincos) montezinhas feras
 Derrubando fragueira e destimida ;
 E com ellas ainda, de relance,
 Opportuna e sagaz, um breve instante
 Se atira á fruta e caça apetitosa,
 Que a dous passos e á mão recolhe facil.
 Era já noite : o vento intercadente
 Murmurava na tremula folhagem
 Do arvoredado ; e o fino aroma virgem
 Dos variados balsamos e flôres,
 Sob um céu, sempre céu de primavera,
 Morno e suave, céu sempre amoroso,
 Todo o ser de Itaé lento embebia.
 Na clara irmã do sol fitando a vista,
 Ella, sentada, assim chama e suspira.

• Potyguar ! Potyguar ! No céu a lua
 Quasi cheia resplende : e a mim não corres ?
 De Itaé te esqueceste, que te adora ?
 Ai de mim ! Que não sei que conjecture ! . . .
 Do outro mundo o colibrio (**) mensageiro
 Junto a mim revoo neste encondrijo,
 Saudoso gemendo a tarde inteira.
 Vá de mim longe o seu funesto agouro !
 A bel prazer em musicas e danças
 Fui outr'ora feliz, tive alegria.
 Divagava senhora, e sem cautelas,

(*) *Patiguá* caixa de palha tecida em que os Brasiilianos guardão a sua rede e outros objectos.

(**) *Colibrio* ave que os Brasiilianos creem que leva e traz noticias do outro mundo.

Estes bosques infindos . . . tão amenos,
 Graciosos então ! Hoje aos meus olhos
 De penosas lembranças e tristura
 Painei aborrecido ! . . . Quantas vezes,
 Potyguar, apertando-te em meus braços,
 Quantas vezes, prevista e lacrimosa,
 Que fugissemos longe te rogava ?
 Mas tu, cego das manhas estrangeiras,
 Bem que afflicto e abalado, te amarravas
 Em vivermos em meio de Imboabas. (*)
 Feliz vida, mais commoda e abastada
 Ao nosso amor julgavas lá segura.
 Se a prometida liberdade obtinhas,
 Fim poríamos presto ao teu desejo.
 Potyguar ! Potyguar ! Quantos enganos !
 Amizade não ha, nem fê procures
 Nesses que a terra abandonando sua,
 Grossos mares transpondo aventureiros,
 As alheias desolão e captivão.
 Nós, selvagens, vagando, retrahidos
 Entre espinhos e flôres, entre sombras
 Destas brenhosas solidões profundas,
 Sem querer, como e quando os offendemos ?
 Nossos crimes quaes são ? . . . *(Calou-se um pouco)*

« N'aquelle fatal cerco do castello
 De tupy (**) como aos filhos sublimára
 Seu valor natural ! . . . Por entre o fogo
 E os trovões pavorosos avançavão . . .
 E brigavão . . . matavão e morrião.
 Assim meu velho pai (oh ! magoa eterna !)
 No animo forte, e no querer mancebo,
 Com as tremulas mãos seu arco armando,
 Voz em grita, e medonha, em frente aos moços,
 Traspassado cahio ; formoso exemplo !
 Na terra eu já ninguem tenho que possa
 Consolar-me e valer-me ; pai não tenho,
 Nem mãi ; não tenho irmãos, não tenho esposo,
 Que bem do coração me queira e ame,
 E a quem eu dê o coração e a vida.

(*) Imboaba — nome que os Brasilanos davão aos Europeus.

(**) Tupy aquelle de que se suppõe descendente a raça toda.

Minha irmã tamanina foi levada
 De amostra por vindiços agressores,
 Irmãos destes. Chorava!... coitadinha!
 Sete vezes apenas vira em flôres
 Os cajueiros desde que nascera.
 Eu lhe era mãe; o ensino, e mais o mimo
 Junto a mim ella o tinha, e branda ouvia.
 Mas quem ora a defende? Em que regaço
 Tepido a toma o somno? Airosa dança
 Com despejo innocente e alegre á lua?
 Talvez succumbe em lida, escrava, e á fome?
 Quantas setas traspassão-me as entranhas?
 Não é vida a que vivo! o tenebroso
 Terrifico anhangá (*), para acabar-nos,
 Nos desunio. Cabe a gente em discordia
 Ruinas só e oprobrio. Sede unidos;
 E desfação-se em raios Invasores.
 Mais forte o braço é delles? Como gemem,
 Se tacteão curvar um destes arcos!
 De mil tecidos dentro, fogem, temem
 O bello sol, e o ar, e não se atrevem
 A assentar sobre as flôres nuãs plantas.
 Ouro! ouro! Que é ouro? Que farejão,
 Potyguar, esses nossos oppressores,
 Femençados cavando a terro á esmo?
 Risiveis loucos! lá da terra em baixo
 Não sei que possa haver que preste a vida.
 E se o ha, e aqui só, escarvem, levem;
 Nossa paz, ail crueis nos não pertubem.
 Rudes, sem luz, nos chamavão, infelizes!...
 Agora ou dantes! Só agora o somos.
 Debellados, captivos por extranhos,
 Vertemos ora lagrimas de sangue;
 E já não sôa o bosque o nosso hymno:
 « A Tupá graças mil! A terra é nossa,
 Crescei, filhinhos, nossa terra é livre. »
 (*Pausou de novo, as lagrimas em fio.*)

« Potyguar! Potyguar! não fugiremos,
 Antes que morta ou rebatada chores
 Para sempre Itaé, se me descobrem?

(*) *Anhangá*, espirito maligno, em lingua brasílica, do qual os Brasílianos tinham grandíssimo terror.

Que eu sei morrer; mas podem surprender-me.
 Não longe o tempo está, em que tranquilos
 E ledos, dizes tu, entre estes novos
 Alliados já brandos, justiceiros,
 De mil cousas expertos sabedores,
 Descançados vivamos, nos amemos;
 E mais uteis aos nossos, e invenciveis
 Com seu saber seremos e ditosos:
 Delirio, sonho amavel que te illude,
 E te faz esquecer tantos ultrages!
 Busquemos antes, Caheté valente,
 Nessas longes montanhas nossas tribus,
 E desejamos com ellas a vingar-nos.
 Fatal desejo louco de melhoras!
 Entupir este abysmo quem consegue?
 Por elle assim pareces despojado
 Do teu genio guerreiro e independente,
 Assignalado em cem combates duros.
 Que se dantes pescavas, e arriscado
 O caitatu, e a onça com teus braços
 Nervudos escachavas, tão sómente
 Para ti o fazias; mas agora
 Para estranhos em lidas te consumes!...
 E' dôr grande o não vêr-te; porém quanto
 Me espedaça mais intima e tirana
 A tua humilhação!... Quem o creeria!
 Tu, de nossa habitude e liberdade
 Defensor extremoso outr'ora, e hoje
 Garamufo de ardis e sestros desses
 Que te embruchão, Payés, (*) que escravisão?!
 Potyguar! Potyguar! Detesto e fujo
 Esse bello fantasma de venturas,
 Que te engoda e te arrasta e precipita.
 Trabalhos, faltas, coacções recrescem:
 E com ellas igual dita e prazeres?
 Escarneo! embuste vil!! Certa desgraça!
 Não vejo, não, vantagens, bens não vejo,
 Que compensem a perda irreparavel
 Da nossa cara e doce liberdade.
 Amor! és livre lá? Vem, vem buscar-me;

(*) *Payés*, feticheiros na lingua dos Brasilianos.

Serei livre a teu lado, e bem ditosa,
 Inda que em duro captivo eu gema.
 Livre ainda aqui sou; mas... desastrada!
 Sem o meu Potyguar, por quem esta alma
 Se lacera em cuidados e martyrios.
 Livre eu digo? Oh! que não! Como assim livre?
 Onde existes eu sei; almejo ir vêr-te,
 E contigo gemer; esta saudade
 E selvatico encerro pavoroso
 Acabar junto a ti; porém tu mesmo,
 Tu mesmo attento, Potyguar, m'o vedas.
 Nem aos nossos tornar-me foragidos
 Me permite este amor!... Ah! foragidos....
 Inda assim, quanto são elles felizes!
 Soberanos de si, mudão de assento;
 Não lhes raga os ouvidos brado estranho
 Do soberbo senhor; nem os ultrages
 Encarando communs, com luctuoso
 Pranto vão impotentes os deplorão.
 Potyguar! Potyguar! não me abandones.
 Occulta assim me queres? Eis-me occulta.
 Sepulchro meu, de minhas esperanças,
 Fiel me veja sempre ao teu preceito
 Esta copa folhuda e transitoria,
 Mas se lá onde vives me conduzes....
 Não o póde ainda ser? Consumidora
 Tardança insupportavel! grato alivio
 Té serei na derruba, se me outhorgas
 Exercer o machado por meu turno.
 Como tu, rude filha destas brenhas,
 Bem o sabes, sou lesta e vigor tenho,
 E mais que tudo amor nesta alma sobra
 Para a teu lado, insigne, elevar-me.
 Ah! se livres nos vemos!... Que ventura!
 Com esmero teci dous primorosos
 Cestinhos de timbó: existem cheios
 De perfeitas baunilhas mui cheirosas:
 E te guardo tambem do mel suave
 De jatahi e de uruçú (*) mil favos.
 Aos forasteiros leva-os; leva as pelles
 Tão macias, e bellas de tucanos:

(*) *Jatahi*, *uruçú* especies de abelhas.

Póde ornar-se com ellas o potente
 Rei delles. . . . que tambem quer ser dos nossos!
 Os collares lhes dá, leva as plumagens,
 E em torna, ao menos, vê se nos concedem
 Folga em que possas mais frequente vêr-me.
 Potyguar! Elles amão? Nossas magoas
 Lastimoso porque não lhes descobres?
 Commovidos talvez nos protegessem!
 Quem sabe. . . . ah! Quem sabe se ainda um dia,
 Expellindo-os a lei lhes dictaremos
 Lá mesmo em suas tabas, (*) donde insanos
 Perseguir-nos vierão! Quando os nossos
 Se dispersárão, respeitavel disse-o
 Da nossa tribu o velho Çabonçára. (**)
 Mas eu deliro ou a quem fallo? . . . Ai triste! . . .
 No deserto perdida essa rolinha
 Viuva eu sou, que ao caçador fugindo,
 Cança os echos em vão com seus gemidos. »
 Ao clarão das medrosas labaredas
 Desperto um sabiá no floreo tecto,
 Terno canto incansavel modulava.
 Morreu a luz, o passaro calou-se;
 E Itáé já tornada ao seu recosto,
 De quando em quando suspirando manso
 Potyguar! Potyguar! adormecia.



(*) *Taba* aldeia brasileira.

(**) *Çabonçára* agoureiro, em lingua do Brasil.

CONSERVATORIO DE MUSICA.

Vivemos em uma época de pasmosa esterilidade: quando os nossos annos tiverem passado, os vindouros hão de reunir a historia toda da geração actual em duas breves palavras: — *politicou e negociou* — dirão elles; e terão dito tudo de uma vez; terão feito nessas duas palavras o mais eloquente rezumo de nossa vida inteira, e o epitaphio o mais apropriado para o tumulo de uma sociedade infecunda.

Uma indifferença desesperadora para tudo que não é commercio ou politica; uma indifferença capaz de enregelar o coração mais ardente vem sempre desanimar a aquelles poucos, que ousão acreditar na missão do artista, como em uma inspiração divina.

A indifferença é mil vezes peor, do que a perseguição: uma congela, a outra quasi sempre acaba por provocar: a primeira extingue a chamma do genio: a segunda aviva-a de ordinario muito mais ainda.

E' por isso que o poeta, o musico, o pintor, o artista emfim, que no Brasil produz como dez, em um paiz mais animador teria produzido como cem.

Não queremos lançar uma queixa exclusivamente dirigida ao governo: certo é que elle já tiuha tempo de haver creado incentivos, que animassem aquelles, que embebem namoradamente os mais cubiçosos olhos na espinhosa estrada das artes; mas é inegavel tambem, que o governo só por si não poderia fazer tudo: a culpa é de nós todos: a culpada é a época com o seu terrivel positivismo; a culpada é a nossa geração com sua fatal indifferença para o bello.

Terra de sublimes inspirações, terra, onde a cada passo a natureza offerece uma corda sonora a harpa do genio, terra onde o céu e as florestas, as catadupas e os arroyos, as campinas e as serranias, as aves e as flôres virgens ainda, tudo virgem, puro, original, como o primeiro pensamento do primeiro homem, patenteão com o seio aberto, thesouros inexgotaveis de bellezas e de encantos ao amor sagrado do artista; terra infeliz! tem tudo grande, sublime, gigantesco, excepto o homem, que é pygmeo!

Quadro de côres negras é este por certo; no entretanto preciso se faz não tornal-o mais feio ainda, olhando-o com o desespero n'alma: fortaleçamo-nos antes com a esperanza: a aurora de um melhor dia começa de annunciar-se. Aqui, e ali já se levantão alguns destimidos campeões, que tomando por dama de seus pensamentos a gloria, não se receião de atacar frente a frente o — *indifferentismo*, que apouca e deshonra a época.

No entretanto essa luta é pasmosa e bella ! é o combate dos paladins da gloria ; luta de vinte ou trinta contra milhões, luta sem esperanças de victoria hoje, de loiros sobre um tumulto amanhã, e de grandes resultados para o porvir. Na actualidade o *artista* é a abnegação, a generosidade, a dedicação personalizadas : elle sabe que não trabalha para si ; mas trabalha sempre, afim de que a estrada fique aberta para o artista de amanhã.

Console-nos ao menos uma certeza : a dez annos passados o painel era cem vezes mais desanimador : o dia que passou foi tenebroso, este que se está passando é triste ; mas o que ha de vir será por certo brilhante : hontem olhava-se para o poeta, o musico, o pintor, o artista, que passava, com uma especie de piedade, que se poderia dizer — irmã-gemea — do desprezo : hoje observa-se já com attenção, que se se approxima do respeito, a esses homens denodados, que ousão erguer as cabeças, a despeito do indifferentismo, que os repelle ; e amanhã far-se-ha mais do que isso, amanhã honrar-se-ha seus nomes, que devem ir avultar no futuro, como estatuas de marmore levantadas aos heróes do passado.

É preciso não arrefecer : convém trabalhar com tenacidade e constancia : as nossas associações e estabelecimentos artisticos caminham mal e vagarosamente ; haja porém boa vontade e firmeza que elles irão adiante : espere-se, que vê-los-hemos dar seus fructos mais tarde : são ainda tennes arbustinhos, é verdade ; a multidão, que passa, não pára um momento ao menos para contemplal-os ; — embora ! — trabalhai sempre : tempo virá, em que essa mesma multidão, hoje tão indifferente, verá admirada os nobres cultivadores assentados galhardamente a sombra de corpulentas arvores carregadas de sasonados fructos.

E com effeito nós temos já associações e estabelecimentos artisticos, cuja existencia quasi que é inteiramente ignorada do publico : vivem no silencio, e no retiro : assemelham-se talvez as camelias, que com tanto cuidado se escondem dos raios do sol ; com esta simples differença porém : — a sombra é dada as camelias pelo zelo do cultivador, e nella vegetão os Institutos de artes pelo esquecimento da população.

Pela nossa parte havemos feito voto de consagrar algumas paginas da nossa Revista a esses nobres e generosos Institutos : conseguiremos ao menos fazer crêr, que elles vivem, e quiçá mostrar a sua conveniencia.

Dando hoje começo a este trabalho, principiaremos por fazer, muito resumidamente, a historia do Conservatorio de Musica Brasileiro.

Nunca o homem é mais capaz de comprehender e realisar um grande pensamento, como nesses dias de meditação, em que, depois de algumas horas de verdadeira introversão, levantando-se elle cheio de fé em Deos, e com a consciencia das proprias forças, acredita que pôde e deve fazer alguma cousa.

Um desses dias brilhou para a corporação musical do Rio de Janeiro no anno de 1834 : ella estudou-se a si propria, a época, em que vivia, as circumstancias, em que se achava, e o futuro, que unico devia esperar : vio, que caminhava por uma vereda falsa, e semeada de espinhos, e que tinha de cada lado um abysmo : — de uma parte — o desfallecimento da arte ; — da outra — a miseria do artista : e

felizmente teve fé em Deus, e consciencia de seus proprios recursos, e comprehendeu que não lhe era impossivel aplinar e limpar a estrada.

E na verdade os velhos professores nacionaes ião pouco a pouco desaparecendo; Minas, a Italia do Brasil, não mandava mais como outr'ora ás margens do Janeiro esses artistas creados em suas montanhas, que deixavão ouvir em suas vozes sãs as vezes a melodia de nossas mais doces aves, as vezes o troar sublime dos trovões da tempestade; os discipulos do grande José Mauricio não poderião ser eternos, e a deixa harmoniosa do passado deveria bem cedo ficar depositada sómente nas mãos dos professores, que chegavão da Europa: — a arte ia pois desfal-lecer entre nós.

Por outro lado que futuro esperava aos artistas que se esgotavão trabalhando incessantemente?... quando a idade, a fadiga, e as molestias tivessem enrou-quecido a voz, e tirado as forças do musico, quem lhe daria arrimo para velhice, pão para familia, mortalha para o tumulo?... a indigencia e a mizeria arregan-hava de longe as garras!

E a corporação musical do Rio de Janeiro resolveu triumphar de ambos aquelles cachopos: no anno de 1834 installou a — Sociedade de Musica com dous fins pre-cisos: — promover a cultura da arte, e exercer uma beneficencia reciproca entre os artistas associados, e por morte destes ás suas familias.

Houve vontade forte, houve firmeza, paciencia e tenacidade; e bastou isso para que a Sociedade de Musica chegasse em pouco tempo a mostrar-se rica e fru-ctuosa: operou-se o milagre da economia; do seio da pobreza (porque esses ar-tistas são em geral bem pobres), nasceu a riqueza, e encarnou-se nesta uma espe-rança para todos elles.

Não tendo outros recursos, se não as tennes mensalidades e cotisações de seus respectivos membros, e alguns beneficios nos theatros da côrte, desempenhando desde logo a missão de philanthropia e de beneficencia, que tinha tomado por um de seus nortes, ainda assim no curto periodo de quinze annos, e apezar de todas as suas despezas, ponde a Sociedade de Musica realizar um fundo de cincoenta e dous contos de réis, que promette ser cada vez mais augmentado.

Assim pois um dos monstros que assombravão a corporação musical do Rio de Janeiro foi cedo destituído; e a Sociedade de Musica como que contente e ufanosa pôde já dizer — meus filhos não morrerão de fome!

Restava desempenhar o outro fim — a cultura da arte. — Era clara e palpitante pois a necessidade de um Conservatorio de Musica, onde esta bella arte fosse enun-ciada com toda sua pureza; mas para realizar tão generoso pensamento fracas erão os recursos da Sociedade, e então ella voltou os olhos para o governo, e tra-ballhou por fazer sentir ao nosso parlamento a urgencia da creação desse instituto, pedindo para isso uma coadjuvação por meio de loterias.

O Corpo Legislativo não foi surdo a voz generosa, que proclamava a necessidade de levantar-se um templo, onde cultivada fosse a Harmonia Brasileira, e aos Exm.^{os} Srs. Joaquim Marcelino de Brito e José Pedro Dias de Carvalho, como Ministros de

Estado, coube a gloria de muito contribuir para installação do nosso Conservatorio de Musica, a qual teve lugar no dia 13 de Agosto de 1838.

Este novo e utilissimo estabelecimento, onde deverãõ ser ensinados todos os ramos da arte musical, foi pois instituido pela sociedade, de que temos fallado, e dotado pelas Camaras Legislativas com desaseis loterias, cujo producto deve ser empregado em apolices da divida publica para fundo e manutenção do Instituto.

Era aqui certamente a mais opportuna occasião de tecermos bem merecidos elogios a aquelles que muito contribuirão para creação de tão util estabelecimento, e com particularidade a alguem, que a par deste conta outros, não poucos, serviços prestados ao presente e ao futuro da arte musical no Brasil; calamo-nos porém não só porque acanha-nos o reccio de offender a modestia reconhecida da pessoa, a quem nos referimos, como tambem porque podião-nos averbar de suspeitos pela amizade que desde muito lhe tributamos.

Proseguiremos pois com a historia, que começamos, e que imos breve terminar.

Apenas uma loteria foi extrahida, seguiu-se immediatamente a installação do Conservatorio, e a abertura da aula de rudimentos e solfejo: setenta e dous alumnos correrão pressurosos ao templo da harmonia: era portanto de esperar que uma vida lisongeira e facil tivesse de viver o novo estabelecimento: desgraçadamente porém não succedeu assim.

O Conservatorio de Musica Brasileiro não progride, nem pôde progredir, se não fôr melhor auxiliado: a indiferença, que é mil vezes peor do que a perseguição, ali está para congelal-o.

Repetimos: não queremos dirigir uma queixa directa contra o governo; desta vez, ao contrario, somos o echo de suas palavras; deixamos ouvir as mesmas queixas, que ouvimos ao Exm.^o ministro do imperio; e fazemos ainda mais do que isso, copiaremos o topico de seu relatorio, que diz respeito ao Conservatorio de Muzica.

« O Conservatorio de Muzica que, como se vos disse no antecedente relatorio, só
 « esperava para dar começo aos seus trabalhos, que se concluisssem os reparos de
 « uma das salas do pavimento terreo do edificio do Museu Nacional, foi diffinitiva-
 « mente installado no dia 13 de Agosto de 1848, e no dia 16 teve lugar a abertura
 « da aula de rudimentos preparatorios e solfejos, no qual se matricularão 72 alum-
 « nos, muitos dos quaes tem mostrado talento e disposição para a arte. Sente o go-
 « verno, que o grande numero de loterias concedidas a outros estabelecimentos não
 « tenha ainda permittido a extracção ao menos da segunda das concedidas ao
 « Conservatorio de Muzica, o que embarça a creação das outras aulas estabeleci-
 « das pelo plano annexo ao Decreto n. 496 de 21 de Janeiro de 1847, e intorpece
 « a marcha progressiva desta util instituição. »

Eis aqui pois no mais rapido quadro a historia toda do nosso Conservatorio de Muzica.

Podiamos alongar-nos agora muito demonstrando sua utilidade, e a necessidade

de auxiliar-o de prompto : mas para que?... mais forte que a nossa, e além de mais forte, voz official, voz de um ministro, pintou com vivas côres aos olhos do parlamento o estado desse Instituto : resta agora sómente, que as camaras acudão com os meios necessarios a esse — elemento de gloria e de brilhantismo nacional : resta, que se mande correr as loterias concedidas ; em uma palavra, resta que se faça alguma cousa de real a favor desta, como das outras bellas artes, que apenas dão signaes de vida no Brasil ; porque, a despeito de tudo, o Brasil não póde deixar de ser artista e poeta.

J. M. DE MACEDO.

MEDITAÇÃO. (*)

(Fragmento.)

Cap. 3.º**I.**

Como o viajor que vai emprender longa viagem, bebe pela ultima vez da agua pura e transparente do seu patrio rio, de que elle bem de vezes se ha de recordar nos areas do mundo ;

Assim o meu espirito, confundindo o presente com o passado, assistia com prazer ineffavel ao spectaculo das eras transactas.

E, como o viajor descobre nessa agua que elle assim bebe quasi sem vontade um gosto exquisito e delicado, em que elle até ali não attentára;

Assim eu tambem, com a triste experiencia do presente, encontrei nas scenas da natureza e da sociedade em seu começo quadros bellissimos de poesia e lições de moral sublime, que são como inherentes á natureza do homem.

E vi que uma geração numerosa e não corrompida cobria a extensão do vasto imperio.

Muitos homens descansavão contra as suas palmeiras gigantescas com tal placidez, que me recordava o ar tranquillo das estatuas gregas, e a attitude magestosa do leão quando descança nos paramos da Lybia.

E elles estimavão em mais a vida do valente, que morria no meio dos combates, do que a vida do homem cobarde, que era entre elles como um aborto, ou antes como feitura de um genio escarnecedor.

E elles adoravão a mão do Senhor no fulgir do raio, no rouquejar do trovão e no bramir das tempestades.

E ouvião a voz de seus pais nos ventos que açoitavão as folhas dos bosques, ru-

(*) Continuado de pag. 134.

gindo nos palmares com o ranger de sedas, e cavando a superficie das aguas em direcção contraria á sua corrente.

E escutavão o espirito dos finados, murmurando docemente nas petalas das flôres, e embalsamando o ar com a brisa do cahir da tarde, ou com a aragem fresca da manhã.

E cantavão as suas façanhas aos sons retumbantes do boré, e festejavão a victoria com jogos de guerreiros.

E o seu amor era a independencia, a sua esperança a gloria, a sua vida o trabalho, e o seu pensamento forte e livre como as vagas do oceano.

E os seus filhos obedientes e respeitosos aprendião de seus pais que no deserto do mundo a hospitalidade é a primeira e a mais bella das virtudes.

E quando elles acordavão á luz da vida era um arco e uma frecha os primeiros objectos, em que os seus olhos attentavão, e elles conhecião como por instincto, que, se a sua vida era a guerra, a coragem devia ser a primeira de suas qualidades.

E as suas virgens erão viçosas como a flôr dos campos, puras como o orvalho da noite e bellas como a luz da aurora.

E conhecião os segredos dos simplicies, d'aquelles que são como um balsamo para as feridas dos valentes e dos outros que destillão peçonha tão violenta, que os homens lhes não conhecem antidoto.

E as suas mãos delicadas adornavão a frecha com pennas de mil côres, e embutião a massa com relevos trabalhados.

E os seus labios entoavão canções de guerra tão energicas, que exhaltavão os espiritos dos homens, como se forão taças de cauim fortissimo.

E ai do cobarde! porque nunca a flôr da acacia desceria sobre a sua fronte orgulhosa deitada pela mão da donzella no ardor dos seus amores.

E ai d'elle! porque nunca a moça enamorada viria debruçar-se sobre o seu leito para arrancar-lhe com mão tremula a frecha, que testemunha a sua valentia.

E ai delle! porque a terra é dos valentes, e o cobarde depois de morto não tem ingresso no banquete dos céos, onde os velhos contão as suas proesas e folgão de avistar densas florestas, onde pula a onça mosqueada e o tigre relusente.

II.

E a visão levou-me insensivelmente dos homens da natureza aos que chamamos civilizados.

Uma infinidade de navios aportavão a todos os pontos do vasto imperio, como se dos fundos mares surgissem os gigantes montros, que dormem seculos sem fim nas grutas immensas de coral tapetadas de sargaço.

E esses navios tinha o pez dos cascos todo cortado e amarellecido com o salitre

das ondas, e o velame roto pela furia das tormentas, e os cabos puidos com o forçar continuo dos marujos.

E nesses barcos vinhão quasi tantos homens, como nos navios monstros da antiguidade, sumptuosamente construidos por Potolomeo o Philopator.

E quem visse tantos homens apinhados sobre o convéz, emaranhados pelos cabos, guindando-se pelos mastros, ruidosos confundidos, baralhados, julgaria vêr desses navios portuguezes da carreira da India, que outr'ora o mareante encontrava na soidão dos mares.

Não erão homens crentes que por amor da religião viessem propôl-a aos idolatras, nem argonautas sedentos de gloria em busca de renome.

Erão homens sordidamente cubiçosos, que procuravão um pouco de ouro, pregando a religião de Christo com armas ensanguentadas.

Erão homens que se cõbrião com o vernis da gloria, destroçando uma multidão inerme e barbara, oppondo a balla a frecha, e a espada ao tacape sem gume.

Erão homens que pregavão a igualdade evangelica tratando os indigenas como brutos, invilecendo-os com a escravidão, e açoitando-os com varas de ferro.

E o paiz tornou-se a sentina impura de um povo, que para ali reservava os seus proscriptos, os seus malfeitos, os seus forçados e as feses da sua população.

Então começou a luta sanguinolenta dos homens dominadores contra os homens que não querião ser dominados, — dos fortes contra os fracos, — dos cultos contra os barbaros.

Começou então a luta porfiada que do Porto-Seguro lavrou até a margem esquerda do Prata, e d'ali correu ás margens do Amazonas com a rapidez do ar empestado.

Ouvia-se de instante a instante o som profundo, cavernoso e agonizante de uma raça que desaparecia de sobre a face da terra.

E era horrivel e pavoroso esse bradar do desespero, como seria o de milhões de individuos que ao mesmo tempo se afundassem no oceano.

E cadaveres infundos servião de pasto aos animaes immundos expostos a inclemencia do tempo e a profanação dos seres e dos elementos.

E elles tinhão o livido semblante voltado para o céu, e pela bocca das suas feridas, que manavão sanie, parecião clamar justiça ao Deos que os havia creado.

E outras vezes o grito era tambem immenso e unico, porém de sons variadissimos e destintos, revelando cada som uma dôr terrivel ou uma agonia profunda.

E' assim que um espelho colossal se parte em mil pedaços e em cada um dos seus fragmentos retrata o mesmo objecto na sua quasi integridade.

E uma outra raça, emigrando da terra do seu nascimento, rasgava-se em grupos de conhecidos, e os conhecidos em grupos de familias, e as familias tornavão-se individuos.

E os individuos erão perseguidos por toda a parte, acoçados como feras e assassinados impiedosamente.

Assim nas montarias o lebo que tenta evadir-se encontra um homem em qualquer parte para que se volta, e em redor de si contempla um circulo de ferro que rapidamente se estreita em seu damno.

E em cada homem vê um inimigo, e em cada inimigo a embriaguez do sangue activada pelo movimento da caçada.

E elle arranca por fim cheio de terror por entre essa alameda viva e vai metter-se no fojo, onde o espera a morte inevitavel.

E a luta durou por muitos annos, até que na taba das tres embocaduras um Indio converso cioso da liberdade em que nascera, morreu nobremente de morte ignominiosa por ordem de um Albuquerque.

E a Europa intelligente applaudia a nação maritima e guerreira que ao travez do oceano fundava um novo imperio em mundo novo, viciando-lhe o principio com o cancro da escravatura, e transmittindo-lhe o amor do ouro sem o amor do trabalho.

E os valentes soltáráo o grito da victoria, e em lembrança della quizerão assentar uma cruz no solo por elles conquistado.

E no chão que elles cavavão para o assento da cruz encontrárão uma veia de ouro que os destrahio do seu trabalho.

E a cruz ficou por terra em quanto elles espalhavão prodigamente o azougue fugitivo para descobrir o deposito do metal precioso.

E vio Deos que a nação conquistadora se tinha pervertido, e marcou-lhe o ultimo periodo da sua grandeza.

E deu-lhe uma longa serie de annos para que ella lastimasse a sua decadencia, e conhecesse a justiça inexoravel do Todo-poderoso.

Ella tornar-se-hia fraca, porque tinha escravizado o fraco; incredula, porque tinha abusado da religião; e pobre, porque sobre maneira tinha cubiçado a riqueza.

E todas as nações do mundo passarião por diante della, comparando a sua grandeza d'outros tempos com a sua miseria de então.

E ella tornar-se-hia o opprobrio das gentes de maravilha que tinha sido.

III.

E os vencedores exultavão com a sua gloria!

Tranquillos elles havião adormecido no regaço da victoria prodigalizando desprezo a nação conquistada.

E a nação conquistada sentio enraizar-se cada vez mais profundamente em seu coração a malquerença de rivaes, e o sentimento do odio, que alguns myopes chamavão inveja.

E entre a supposta inveja de uns e o despeito mal disfarçado de outros, crescia o desejo da vingança, como a planta de facil crescimento no chão em que ella soe nascer.

E ella appareceria com o andar dos tempos tão horrorosa, como o rebate nocturno em cidade sitiada, ou como os sons frequentes do bronze que apregôa o incendio pelo meio da noite.

E ai do que se julgasse invencível ou que houvesse usado do desprezo como de uma arma defensiva, adormecendo desdenhosamente na vespóra da batalha!

Ai do valente e corajoso que despreza a força do homem ou da natureza por insensível que seja esta, por desprezível que pareça aquella!

Por que elle será como o navio imprudente que despreza o grão de areia onde se irá encalhar, ou como a baleia orgulhosa que zomba da attracção poderosissima do Maelstron.

IV.

E os vencedores conhecerão que para subjugar as opiniões de um povo é preciso genio além de incomparavel força bruta.

E conhecerão tambem que desprezar o vencido é incitar um esforço magnanimo no gladiador, que arqueja sobre a arena do amphitheatro.

E elle, que poderia morrer vencido, exalará o derradeiro alento soltando o grito de triumpho.

E assim aconteceu de feito.

Uma voz sonora e retumbante partio do Ipyranga e foi do mar aos Andes e do Prata as margens do Amazonas.

E todos se erguerão violenta e instantaneamente como um cadaver por virtude do galvanismo.

E soltarão o mesmo brado com voz entusiasta e forte, e travarão das armas com a impavidez do guerreiro e com a esperanza do homem que pugna em favor da justiça.

E a corrente que prendia um imperio a outro imperio, fraca com o seu comprimento, estalou com violencia em mil pedaços.

E os dous imperios soltarão dous gritos simultaneos;—era de um lado o despeito do caçador que vê fugir-lhe a presa; e do outro o contentamento da agnia, quando pela primeira vez ousa fitar a luz do sol, e a balançar-se nos campos incommensuraveis do espaço.

E os homens que erão livres rigosijarão-se com a victoria do povo emancipado, e os que erão tyramnisados afiarão com mais ardor a espada da liberdade nas escadas dos potentes.

E a Europa da outra extremidade do Atlantico applaudio o arrojo do povo nascente, semelhante ao militar encanecido nas fadigas da guerra que sorri-se de prazer aos altos feitos do lidador novel que tão grande se revelava em seu começo.

A extremidade da corrente, que era soldada ao imperio conquistador, era um espigão adentado que ao destacar-se lhe arrancou as entranhas.

E a outra extremidade, que terminava em um espigão bifuciado, como duas curvas

simi-circulares e divergentes, não se pôde desligar da sua base e cahio sobre o oceano.

Só um bom mergulhador poderia dizer qual era o seu comprimento, porém nenhum houve que se afoitasse a tanto.

Todos contudo a podião vêr, porque por toda a parte como em todas as cousas existião signaes della, e ninguem tentava arrancar-a, porque era forte e bifuciada.

Sómente a ferrugem a podia enfraquecer com a revolução dos annos e com o salitre das ondas.

V.

E os homens que se havião congregado para perfazerem a obra da redempção, dividirão-se depois da lide em massas poderosas, não seguado a diversidade das opiniões, porém segundo a variedade das côres.

E estas grandes divisões formavão o concilio do povo, que discutia os seus interesses.

E os homens que costumão a raciocinar sobre as cousas como são, e não como devem ser, levantarão-se e disserão.

Os homens de côr preta devem servir, porque elles estão acostumados á servidão de tempos mui remotos, e o costume é tambem lei.

E os philosophos disserão: Os homens de côr preta devem servir, porque são os mais fracos, e é lei da natureza que o mais fraco sirva ao mais forte.

E os proprietarios disserão: Os homens de côr preta devem servir, porque são o melhor das nossas fortunas, e nós não havemos de as desbaratar.

Então alevantou-se um acalorado rumorejar de vozes, e todos concordarão em que a voz dos philosophos e dos proprietarios era a voz da razão e da justiça e devia ser escutada.

E os homens de côr branca tambem se levantarão e disserão:

« Nós constituimos a maioria da nação e somos de entre todos os mais ricos.

« Fomos nós os authores da regeneração politica, e a intelligencia é o nosso apanagio.

« Ora é lei da natureza que a alma governe o corpo, e que a sabedoria governe a ignorancia.

« Nós então ficaremos com o poder, porque somos os mais ricos e os mais intelligentes. »

E os homens da mesma classe disserão que tinham bem fallado seus irmãos, e que a sua pretensão era justa e devia ser attendida.

E os homens de côr e de raça indigena disserão em voz alta: — « E nós que faremos.

« Qual será o nosso lugar entre os homens que são senhores e os homens que são escravos ?

« Não queremos quinhoar o pão do escravo, e não nos podemos sentar a mesa dos ricos e dos poderosos.

« No entanto este solo abençoado produz fructos saborosos em todas as quadras do anno, suas florestas abundão de caça, e os seus rios são piscosos.

« Os brancos governão, os negros servem, bem é que nós sejamos livres.

« Vivamos pois na indolencia e na ociosidade, pois que não necessitamos trabalhar para viver.

« E seremos felizes porque os individuos carecerão do nosso braço para a sua vingança, e os homens politicos para as suas revoluções.

« Deixar-nos-hão no ocio porque precisarão de nós, e porque a nossa ociosidade lhes será necessaria.

« E nós seremos felizes. »

E os homens de côr branca disserão que o homem era senhor da sua vontade, e que a resolução dos indigenas e dos homens de raça era fundada em justiça.

Assim se fez.

Por tal modo que no vasto imperio ainda não tinha havido quem quizesse fomentar uma revolução, e não achasse milhares de lazzaronis promptos a secundarem-no.

E que não houvesse um individuo sem a possibilidade de fazer assassinar outro impunemente por um punhado de cobre invilecido.

Porém os homens que habitavão as grandes cidades parecião ignorar estas cousas, e o governo esqueciã que o ocio produz crimes, como a terra em pousio produz ervas agrestes e malfazejas.

Parecia ignorar que, se nas cidades populosas basta um punhado de homens para garantir a segurança individual, no sertão e no interior das provincias é sobretudo necessario que o homem se convença da sua propria dignidade, e tenha conhecimento da moral e da religião.

A. GONÇALVES DIAS.



A BELLA-ENCANTADA.

(Escripto no album de uma Senhora.)

Mancebo imprudente, leviano mortal,
 Auzenta-te, foge, se não — ai de ti !
 Não fiques n'um sitio, qu'ê sitio fatal,
 Não pares aqui.

Não rias, não zombes : ha fadas na terra !...
 Ha magicas bellas de ethereo esplendor,
 Que aos homens captivão, fazendo-lhes guerra
 Com philtros de amor.

Ha virgens formosas de encanto embebedas,
 Que a força de encantos se fazem amar ;
 Que as vezes se mostram de branco vestidas,
 Velando ao luar.

Não rias, não zombes, leviano mortal,
 Mancebo imprudente, não pares aqui ;
 Auzenta-te, foge de um sitio fatal,
 Se não — ai de ti !

Aqui, quando a face da terra orvalhada
 Com o disco brilhante a lua esclarece,

Donzella formosa, por força encantada
Vagando apparece.

Quem é?... não se sabe; ninguém póde tanto,
Que o véo de uma fada consiga rasgar;
E saiba, quem seja a — preza de encanto,
Que vaga a scismar.

Princesa de um throno longiquo arrancada,
Se alguem o pensasse, talvez acertára;
Ou antes das filhas a mais adorada
Do grão Guanabára.

Princesa, ou Brazilia mimosa donzella,
E' certo, qu' existe: existe... eu já vi!...
Mancebo imprudente, não vejas a bella,
Se não — ai de ti!

Quando ella se mostra, que a noite se avança,
Andando parece, que a terra não piza,
E' lua formosa, que pallida e mansa
No céu se desliza.

Os seus olhos negros ardentes flammejão
Mil setas, que ferem; mas ferem sem dôr;
E as setas, que uns olhos tão bellos dardejão,
São raios de amor.

A bocca rosada, botão de candura,
Tão virgem de beijos — costuma verter
Nos risos uns philtros, que a alma mais dura
De amor faz morrer.

A voz com que falla é como uma queixa
Melodica e doce, de amor repassada,
Celeste harmonia, que n'alma nos deixa
P'ra sempre gravada.

Se a visses. . . . tão bella! . . . de branco vestida,
Co'as negras madeixas no collo a ondear,
Tão só, qual princeza de um throno abatida,
Scismando ao luar. . . .

Se a visses. . . . tão branca, da lua ao pallor
Uma harpa sonora então dedilhar,
E a margem do lago, ternuras de amor
Ess'harpa entornar. . . .

Se então tu a visses. . . . tão branca e tão bella
Com a harpa inclinada no seio ao revez,
Vertendo harmonias, com a lua sobre ella,
E o lago a seus pés. . . .

Se a visses. . . . não vejas, incauto mortal;
Ah! foge! ind'é tempo; não pares aqui:
Não fiques n'um sitio, que é sitio fatal;
Se não — ai de ti! . . .

Não vejas a bella, que em vêl-a ha perigo;
Estilla dos labios amávio traidor;
Não vejas! . . . se a vires. . . . — eu sei porque o digo! . . . —
Tu morres de amor!

Um momento de contemplação sobre um rochedo em Minas.

Eis-me sobre immensa rocha, fiel emblema da immobilitade plantada na face da terra pela mão da natureza para zombar da lima roedora dos seculos!

Aqui no cume aguçado desta pedra, onde á noite vem pousar o cõrvo tão negro como as trevas, onde ave carniceira vem amolar o bico adunçõ, e soltar o rouco piado; eis-me tambem collocado, para a vista alongar pela vastidão do espaço, para voar com o pensamento, entre as penedias, de tronco em tronco, de flôr em flôr, e de montanha em montanha.

Que bello quadro não vêem meus olhos, não sente meu coração, não saborêa minha alma!! em cima o véo azulado do firmamento rôto de pudibundas estrellas, ainda temendo a luz do sol, que reluz no occaso,—em baixo, um oceano de verdura cortado de tortuosos serros, e rabiscado de mil correntes de lymph pura, como o vidro fundido.

Nos confins do horizonte uma franja d'ouro vermelho desce das bordas do manto celeste, e vem perder-se em bellas gradações de côres no tortuoso espinhaço da cordilheira.

No occidente o sol nada em fogo, no oriente a lua se espaneja em rios de luz argentina, qual donzella que assaltada de pudor aguarda a ida do esposo para em fonte d'agua pura banhar as graças de seu corpo.

O sol desce de um lado, a lua d'outro se eleva como as conchas d'uma balança presa lá no céu pelas mãos do Eterno.

A brisa do sul assopra humida e fria, ondêa a cupula do bosque, que balouça sussurrando, como as ondas do oceano.

Pouco e pouco esvai-se o dia, e cessa o canto dos passarinhos; apenas embalado no penacho do burity entõa o sabiá seus melancolicos gorgeios, e tão suaves, que vão no coração vibrar as cordas da saudade.

Cinzenta a araponga deixa os ultimos accentos de seu aspero ralar, e do agudo tenido, que se alonga pelos vales em fóra.

Ainda lá solta pesado macucu os longos pios, bate as azas, pouza no galho da paineira, e outra vez chama a doce companheira dos bosques, que lhe não presta ouvido attenta a turba implume, que pipilla sobre suas azas. Sobre o galho favorito pousado lindo bando de salpicadas capoeiras á tarde entôa o hymno diurnal.

Que harmonia tão celeste não produz o singelo cantar desta ave.

E' sempre triste o cantar do passarinho, que saúda o arrebol da tarde, é sempre alegre o cantar que festeja a aurora; porque a aurora é o dia que vem, a tarde é o dia que se foi.

Ante esta scena, quem não exclamará? — Salve, Senhor Deos da Natureza; salve! —

D. F. M. C.

MATHEMATICA.

RESOLUÇÃO DAS EQUAÇÕES NUMERICAS.

O problema da resolução de uma equação numerica compõe-se de dous principaes: o problema da separação das raizes, e o da approximação. Ambos estes problemas estão resolvidos rigorosamente na theoria, porém não acontece o mesmo na pratica. O problema de approximação pôde-se, pelo methodo das substituições successivas ou de Lagrange, dizer-se completo, mesmo na pratica, pois que elle é rigoroso e a lei dos polynomios derivados não torna a seu uso muito penoso. A formação da equação dos quadrados das differenças das raizes da proposta é impraticavel em grãos um tanto elevados. Todos os methodos dados para isto são laboriosos, mesmo os ultimos, como os do Sr. Cauchy. (*)

A necessidade frequente que se tem de resolver equações numericas; a difficuldade que elles apresentam pelos grandes calculos que se tem de fazer, principalmente para a separação das raizes, fizeram-me procurar algum meio mais expedicto de operar esta operação: eu achei um muito simples e tão expedicto que elle é quasi independente do grão da equação proposta. Por entre os methodos dados até hoje para este objecto o mais simples é o que Lagrange expõe na Resolução das equações numericas, Nota 4.^a; methodo a que os geometras tem dado pouca attenção, e de que muito poucos fazem menção. Paoli entretanto deu uma analyse detalhada no supplemento aos seus Elementos d'Algebra. O methodo, que nós agora propomos, tem muita analogia com este, de que elle pode ser considerado como um aperfeiçoamento, de que elle entretanto differe. O methodo de Lagrange exige quando a proposta for do grão m , a resolução de $m - 1$ equações do primeiro grão e outras operações: elle cresce com o grão da equação; tambem Lagrange, fallando d'elle diz: « Ainda que para uma equação de terceiro grão não haja quasi nada a ganhar por este methodo sobre a grandesa dos calculos, não será o mesmo nas equações de grão superior; porque o numero das operações que este methodo exige augmenta com o grão da equação durante que as operações necessarias para calcular a equação das differenças, e deduzir o limite procurado, augmenta como os quadrados deste mesmo grão. » O nosso methodo, ao contrario, não augmenta com o grão da

(*) O theorema de Sturme não é um methodo directo de separação; ainda que elle conduza muitas vezes a isto immediatamente, depois que se tem formado uma certa serie de polynomios, pôde entretanto não operar a separação senão com muita difficuldade, e confundir-se com um methodo conhecido de approximar raizes debaixo do nome de methodo por approximação dos limites.

equação. Para que se julgue melhor a differença dos dous methodos, eu vou expôr succintamente o de Lagrange, tanto mais quanto muitas considerações que eu fizer servirão para o outro, e tambem por que nem todos os leitores podem ter a Resolução das equações numericas.

Seja proposta a equação

$$x^m - Ax^{m-1} + Bx^{m-2} - Cx^{m-3} + \& = 0, \quad (A)$$

que eu representarei por mais simplicidade por $X=0$, u representando as differenças das raizes da proposta, deduz-se da equação acima escripta

$$Y + Zu + Vu^2 + \& = 0, \quad (B)$$

na qual

$$Y = mx^{m-1} - (m-1) Ax^{m-2} + (m-2) Bx^{m-3} - \&, \\ Z = \frac{m(m-1)}{2} x^{m-2} - \frac{(m-1)(m-2)}{2} Ax^{m-3} + \&, \\ V = \frac{m(m-1)(m-2)}{2 \cdot 3} x^{m-3} - \& \\ + \&$$

Se se substitue nesta equação em u, em lugar de x, uma qualquer das raizes da equação $X=0$, ella terá em raizes as differenças entre esta raiz e todas as outras raizes da mesma equação. Então se se substitue successivamente as m raizes da equação $X=0$ ter-se-ha m equações em u, cujas raizes serão todas as differenças possivcis entre as raizes da equação proposta; por consequencia, não se trata senão de achar uma quantidade menor que a menor raiz de cada uma d'essas m equações.

Então, se se faz $u = \frac{1}{i}$, o que mudará a equação em u n'esta

$$Y + \frac{Z}{i} + \frac{V}{i^2} + \& + \frac{1}{i^{m-1}} = 0,$$

ou então, multiplicando por i^{m-1} , e dividindo por Y,

$$i^{m-1} + \frac{Z}{Y} i^{m-2} + \frac{V}{Y} i^{m-3} + \& + \frac{1}{Y} = 0, \quad (C)$$

tudo se reducirá a achar um limite maior que a maior das raizes d'esta ultima equação, suppondo que se substitua successivamente em vez de x cada uma das m raizes da equação proposta; porque este limite sendo conhecido, se se o representar por L, é visivel que $\frac{1}{L}$ será o limite procurado menor que cada uma das m raizes.

Ora, sabe-se que o maior coefficiente dos termos negativos de uma equação, tomado positivamente e augmentado de uma unidade, é maior que a maior das suas raizes positivas. Assim para ter o limite L, não ha mais do que achar o maior valor negativo, que resulta da substituição das raizes da equação $X=0$, em lugar de x nos coefficientes $\frac{Z}{Y}$, $\frac{V}{Y}$ & da equação em i ou uma quantidade maior que este valor.

Se estes coefficients não contivessem mais do que potencias de X sem denominador, poder-se-hia resolver a questão substituindo em lugar de x , nos termos positivos, um limite menor que o menor dos valores positivos de x , e nos termos negativos, um limite maior que o maior d'estes valores; porque é visivel que se teria, por este meio, quantidades negativas maiores que os valores negativos, que cada coefficiente poderia receber pela substituição de cada uma das raizes positivas da proposta em x ; e para attender as raizes negativas da mesma equação, não haveria mais que mudar nas expressões dos mesmos coefficients x em $-x$, e substituir depois nos termos positivos um valor de x menor do que a menor raiz negativa d'esta equação, tomada positivamente, e nos termos negativos um valor de x maior do que a maior d'essas raizes. A maior das quantidades negativas achadas d'esta maneira, tomada positivamente e augmentada da unidade, poderia ser empregada como o limite procurado. Lagrange nota depois que se pode eliminar a incognita x do polynomio Y , e d'esta maneira fazer desaparecer esta incognita dos denominadores dos coefficients da ultima equação.

Com effeito, se se toma o polynomio

$$x^{m-1} - a x^{m-2} + b x^{m-3} - c x^{m-4} + \dots$$

que chamarei S para abreviar, e no qual os coefficients a, b, c , etc., sejam arbitrarios, e que se multiplique o polynomio Y por este, ter-se-ha um polynomio de gráo $2m-2$. Ora, a equação $X=0$ dá primeiramente o valor de x^m , e com este valor pode-se formar, multiplicando-o successivamente por x , e substituindo o valor de X^m , todas as potencias de x superiores a x^{m-1} até a x^{2m-2} . Substituir-se-ha então estes valores no polynomio $Y S$, e elle reduzir-se-ha a potencia $m-1$; far-se-ha então desaparecer todos os termos que contiver x , igualando a zero cada um dos seus coefficients; o que dará $m-1$ equações lineares em a, b, c , etc., as quaes servirão a determinar essas incognitas, cujo numero é tambem $m-1$; donde, chamando K o termo ou os termos restantes e conhecidos, ter-se-ha $Y S = K$, e por conseguinte $Y = \frac{K}{S}$

A equação em i tornar-se-ha, por esta substituição

$$i^{m-1} + \frac{ZS}{K} i^{m-2} + \frac{VS}{K} i^{m-3} + \dots + \frac{S}{K} = 0;$$

e como os coefficients $\frac{ZS}{K}, \frac{VS}{K}, \dots$ não contém mais do que potencias de x sem denominador, poder-se-ha applicar o methodo proposto acima, e achar um limite L maior que o maior dos valores de i

Pode-se reduzir tambem os polynomios ZS, VS, \dots a não conter senão potencias de x menores que x^{m-1} , pelas mesmas substituições dos valores de x^m e das potencias superiores a x^m . Tal é o methodo de Lagrange. Elle faz ainda algumas observações relativamente ao caso das raizes iguaes que supprimirei. Eu vou agora expor o outro. O problema consiste em achar uma quantidade menor que a menor raiz das

equação (B) sem effectnar a eliminação de x por meio da equação (A); isto é, sem formar equação das diferenças. Lagrange em lugar de procurar o limite inferior da equação (B), transforma-a na equação (C) de que elle procurou então o limite superior das raizes; nós vamos procurar directamente o limite inferior das raizes de (B); vêr-se-ha que isto é muito mais simples e independente do gráo da equação, o que não acontece no methodo de Lagrange. Se se muda em uma equação x em $-x$, e que se tome com o signal — as raizes positivas da transformada, ter-se-ha as raizes negativas da proposta. Assim basta occuparmo-nos das raizes positivas.

O limite inferior das raizes de uma equação, obtem-se dividindo, na equação dada, o ultimo termo pela somma d'este ultimo termo e do maior coefficiente de signal contrario a este termo. Assim na equação (B), R sendo o maior coefficiente do signal contrario a Y , l sendo o limite inferior, ter-se-ha por este limite

$$l = \frac{Y}{Y+R} \quad (D)$$

ou qualquer outra quantidade menor.

Se se tomar para R o maior coefficiente da equação (B), abstracção feita do signal, ainda a equação (D) dará o limite inferior das raizes da equação (B); porque se o maior coefficiente, abstracção feita do signal, for de signal contrario a Y , a equação (D) fica tal e qual; se for do mesmo signal, o seu denominador tornando-se maior l torna-se menor, e continúa, por consequencia, a ser ainda o limite inferior das raizes. Donde tambem se vê que se pôde tomar em lugar de R uma quantidade qualquer maior que o maior coefficiente da proposta, abstracção feita do signal dos seus coefficientes. Augmentando Y , o valor de l augmenta, e diminuindo elle diminue, donde se conclue que se pode em lugar do ultimo termo da equação proposta tomar uma quantidade qualquer menor que este termo; a equação (D) ainda dá o limite inferior. É facil achar uma quantidade maior que o maior coefficiente da equação (B) ou maior que um coefficiente qualquer, conhecendo-se os limites dos valores que pôde receber x na aquação (A), o que se obtém immediatamente. Para isto concideremos um coefficiente qualquer, Z por exemplo; substitua-se nos termos positivos d'este polynomio o maximo valor de x , e nos termos negativos o minimo; depois ponha-se nos negativos o maximo e nos positivos o minimo, o maior dos dous numeros achados, abstracção feita do signal, será maior que o valor absoluto de Z : d'esta maneira pode-se tambem achar o maior de todos os coefficientes. Achar o valor minimo de um coefficiente é geralmente impossivel, a não querer o valor zero; em alguns casos particulares é possivel, como pôde-se facilmente vêr.

Assim não pôde-se calcular o limite inferior pela equação (D) tal e qual ella está; pois que ainda que se possa obter R uma ou quantidade maior, não se pôde ter Y ou uma quantidade menor: devemos então procurar determinar esse limite por outra maneira. Para isto faremos $f(Y)$ uma função não determinada de Y , porém tal que se tenha $f(Y) > Y$, a equação

$$l = \frac{Y}{f(Y)+R} \quad (E)$$

dará ainda o limite inferior de 1: e como a função $f(Y)$ é indeterminada, eu procuro determiná-la de maneira que, Y crescendo,

$$\frac{Y}{f(Y)+R}$$

diminua de valor; o que faz com que, em lugar de tomar o valor minimo de Y , abstracção feita do signal, possa-se tomar, ao contrario, o valor maximo; o que é muito facil, como já vimos. E' claro que uma infinidade de funções pode satisfazer a condição desejada; é necessario procurar a mais simples. Esta condição é expressa pela desigualdade

$$\frac{Y}{f(Y)+R} > \frac{Y+a}{f(Y+a)+R}; \quad (F)$$

a é uma quantidade qualquer positiva de que se suppõe que Y augmente; e então a condição acima escripta, mostra que se pode tomar em lugar do valor exacto de Y , um outro qualquer que seja maior que elle.

Eu distinguirei dous casos, segundo que Y for maior ou menor do que a unidade. Suppondo Y maior que a unidade, basta fazer $f(Y) = Y^2$, e dar a a um valor que se tenha $Y+a=R$ ou a uma quantidade maior. Com effeito a primeira condição $f(Y) > Y$ fica satisfeita: a segunda, expressa pela equação (F), fica tambem satisfeita, como pôde-se vêr comparando as duas funções.

$$\frac{Y}{Y^2+R} > \frac{Y+a}{(Y+a)^2+R}$$

Reduzindo-os ao mesmo denominador, desenvolvendo $(Y+a)^2$, escrevendo somente os numeradores, ter-se-ha respectivamente.

$$Y(Y^2+2aY+a^2)+YR, \quad Y^3+aY^2+RY+aR$$

supprimindo os termos communs e dividindo por a ter-se-ha

$$Y^2+aY, \quad R:$$

e como, pela condição (F), a primeira d'estas quantidades deve ser maior que a segunda, ter-se-ha

$$Y(Y+a) > R;$$

d'onde se conclue que basta suppor, como acima dissemos, $Y+a=R$. A quação (E) que dá o limite inferior das raizes, transforma-se, pondo $Y+a$ em lugar de Y n'este

$$l = \frac{Y+a}{(Y+a)^2+R};$$

Tomemos por exemplo a equação

$$x^3 - 7x + 7 = 0,$$

tractada por Lagrange.

A equação (B) dá n'este caso particular,

$$3x^2 - 7 + 3x u + u^2 = 0$$

ou, pondo em lugar de $Y+a$ o seu valor R , e dividindo todos os termos por esta quantidade,

$$1 = \frac{1}{1+R} \quad (G)$$

Acha-se dous para limite superior das raizes da proposta, e por limite inferior 1. É claro por estes limites de x , que é o ultimo termo da equação em u , é sempre maior que a unidade, fazendo abstracção do signal. A formula (G) dá $1 = \frac{1}{7}$

Consideremos agora a caso em que Y é menor do que a unidade. Faça-se então $f(Y) = (1+Y)^x$, x sendo uma quantidade positiva que se trate de determinar. A condição $f(Y) > Y$ fica satisfeita, pois que, x sendo positivo, ter-se-ha sempre $(1+Y)^x > 1$.

A condição dada pela desigualdade (F) reduz-se então a

$$\frac{Y}{(Y+1)^x + R} > \frac{Y+a}{(Y+1+a)^x + R} \quad ; \quad (H)$$

é necessario determinar x para a satisfazer. Reduzindo as duas fracções ao mesmo denominador, e não escrevendo senão os numeradores, ter-se-ha respectivamente:

$$Y(Y+1+a) + YR, \quad (Y+1)^x(Y+a) + RY + R^2,$$

ou, desenvolvendo $(Y+1+a)^x$,

$$Y[(Y+1)^x + a x (Y+1)^{x-1} + \alpha] + RY, \quad (Y+1)^x(Y+a) + RY + R^2,$$

supprimindo os termos communs a uma e outra d'essas quantidades, e fazendo, para abreviar

$$P = \frac{x(x-1)}{1} (Y+1)^{x-2} + \alpha,$$

ter-se-ha respectivamente, depois de ter dividido todos os termos por a .

$$x(Y+1)^{x-1} + P a, \quad (Y+1)^x + R$$

Como a pode ser muito pequeno, é necessario, para que a condição esteja satisfeita, que tenha

$$x(Y+1)^{x-1} > (Y+1)^x + R; \quad (K)$$

quando a for qualquer, x sendo positivo e inteiro, P é positivo sempre, e então a desigualdade ultimamente escripta sendo satisfeita, a condição (H) também fica. Trata-se de satisfazer a desigualdade (K). Para isto, eu faço $x = Y+1+b$, e tenho reduzindo,

$$b(Y+1)Y^{+b} > R;$$

desigualdade a que se satisfaz suppondo $b=R$.

O limite inferior das raizes é então dado pela equação

$$1 = \frac{Y}{(Y+1)^{Y+R+1} + R} ; \quad (L)$$

equação em que Y representa não o ultimo termo da equação, porém um numero qualquer maior, o que é muito facil achar.

Quando suppoz que Y tinha recebido um acrescimo, não fiz variar x , que é função de Y , para simplificar os calculos, mas attendendo a isto, 1 ainda é dado pela equação (L). Com effeito Y recebendo o acrescimo a , a fracção

$$\frac{Y}{(Y+1)^{Y+R}}$$

transforma-se n'esta outra

$$\frac{Y+a}{(Y+a+1)^{Y+R+a+1} + R} ;$$

e como esta função é menor do que

$$\frac{Y+a}{(Y+a+1)^{Y+R+1} + R};$$

tem-se necessariamente

$$\frac{Y+a}{(Y+1+a)^{Y+R+a+1} + R} < \frac{Y}{(Y+1)^{Y+R+1} + R}$$

Muitas vezes será facil saber se Y é maior ou menor do que a unidade para se empregar a equação (G) ou (L): nos casos duvidosos pode-se sempre empregar a equação (L). O limite dado pela equação (L), será muito menor do que o dado pela equação (G) o que é um inconveniente para a approximação, mas a separação é sempre muito simples, pois que Y e R podendo ser tomados maiores do que seus verdadeiros valores, são muito faceis de se achar. A equação (L) pode ser apresentada de outra maneira. O valor de Y é sempre igual ou menor do que R (pois que R é o maior coefficiente da equação, abstração feita do signal); porém, como nós o po-

demos augmentar a vontade, façamo-lo igual a este valor, e então a equação (I) transforma-se-ha n'esta.

$$1 = \frac{1}{\frac{(R+1)^2 R+1}{R} + 1}$$

O nosso methodo não dá limites tão approximados geralmente como o de Lagrange, para remediar a isto, quando se quer approximar das raizes, será conveniente empregar em uma primeira approximação, o methodo de D. Bernouille (o das series recorrentes).

O methodo exposto, não obstante este pequeno inconveniente, é, creio, o mais simples que se possa imaginar.

Considerando nas vantagens de um methodo tão expedito, eu talvez tracte este objecto com mais detalhe em outra occasião para utilidade dos Engenheiros practicos e dos alumnos da Escola Militar.

Joaquim Gomes de Souza.



NOTÍCIAS DIVERSAS.

Reimpressão dos « Discursos Moraes e Politicos. » — Com prazer chamamos a attenção publica para o estimavel trabalho que já se acha no prelo sob o titulo de — Discursos Moraes Politicos — pelo Fluminense Feliciano Joaquim de Souza Nunes.

Esta obra escripta no Rio de Janeiro em 1755, impressa em Lisboa em 1758, e ali queimada no mesmo anno por ordem do ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, escapando deste auto de fé como por milagre só dous exemplares, torna-se digna de ser de todos conhecida e lida, já pela sua grande raridade, já pela importancia real da dicção e doutrina que encerra. O exemplar que terá de servir para esta reimpressão pertence á bibliotheca do Dr. Emillo Joaquim da Silva Maia. O digno litterato incumbio-se do prefacio que acompanha esta segunda edicção, onde expenderá tudo que tem chegado ao seu conhecimento sobre a historia da obra, e vida do author.

De um breve artigo já publicado por este Sr. na antiga *Minerva Brasiliense* podemos affirmar que esta obra dá pela primeira vez noticia de alguns factos da historia patria, e que a um estylo claro, simples e de facil intelligencia, reúne muita erudição, e optimos preceitos de moral, historia e religião. Offerecendo semelhante trabalho a attenção dos curiosos das nossas cousas, os seus edictores elevão um padrão de gloria á memoria de um Brasileiro, que pelo seu saber, virtudes e patriotismo é digno de ser conhecido da posteridade.

A grammatica é a base de todo o saber; e por isso ainda que não seja de grande gloria abrir os alicerces do palacio, é sabio e prudente; e tanto mais de prezar, quanto menos se applaude e se admira,

Não por anhelos de celebridade mas por puro zelo de concorrer ao bem dos nossos, é que temos pegado na penna; e se nisto não temos sido mais activos e ardentés, nasce não de modestia affectada, mas de temor, e talvez de certa natural inercia de escrever que sempre nos dominou.

De um authographo de J. Bonifacio de Andrada e Silva.

As obras do palacio de São Christovão, que havião soffrido uma curta suspensão, recommearão com o antigo vigor. O Exm.^o Sr. José Maria Velho da Silva, além de ter continuado e concluido as obras encetadas na administração do seu illustre antecessor na mordomia, ha começado outras de igual monta e acabado de uma maneira satisfactoria; e digna do seu alto destino: no Paço da cidade, além de um novo salão, foi geral o reparo e mudança em quasi todas as salas publicas e privadas; e no de São Christovão, fôra a nova capella de S. João Baptista que começou e concluiu, progride á construcção do corpo central, que fará mudar de aspecto a antiga casa do Elias, e lhe dará um character mais proprio á morada de um Soberano.

No primeiro pateo do Arsenal de Guerra está uma atalaia, na qual se collocará um relógio de alta repetição.

O Sr. Aboim se prepára para dar á luz o segundo volume de suas obras lyricas: algumas das composições, que vão ser offerecidas ao publico, tem, além de sua extenção, bellezas que comprovão os continuos progressos deste joven poeta. Aguardamos com anciedade mais esta producção, de que nos occuparemos com especial prazer, não só pelo interesse que temos pela prosperidade do Sr. Aboim, como para lhe retribuir o particular favor que nos fez com a communicacão de seus inéditos.

Temos promessa do muito respeitavel Sr. Padre Mestre Fr. Rodrigo de S. José, vice-Reitor de Collegio de Pedro II de em breve estampar nas paginas do *Guanabara* alguns dos Psalmos que S. S. Rm.^a traduzio; e felicitando-nos desta honra, damos de antemão os parabens aos nossos assignantes.

A medalha que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro mandou abrir para commemorar a sessão do dia 15 de Dezembro de 1849, presidida em pessoa por Sua Magestade Imperial, se acha concluida, e de uma maneira satisfactoria. São prodigiosos os progressos que a Casa de Moeda vai fazendo quotidianamente, e mui digno de louvor o zelo e a urbanidade de todos os seus empregados, artistas e artifices: o exemplo do chefe é o melhor regulamento que ha para todos os estabelecimentos.

O POUSO

BRASILEANA

Offerecida ao Illm. e Exm. Sr.

IGNACIO DIAS PAES LEME,

»

A' Illm.^a e Exm.^a Srs.^{as}

D. JOAQUINA LEITOLD PINHEIRO FERREIRA PAES LEME.

A scena é no campo fronteiro á habitação do Exm. Sr. Marquez de S. João Marcos, junto a estrada dos Botaes, na margem do rio de Santa Anna.

TROPEIRO.

Descanemos aqui: o sol já dorme
 Na serra dos Botaes.
 A' tripode silvestre pendurada,
 A marmitta fumegue.
 Conduze a tropa ao verdejante pasto:
 As forças refocile,
 Que a jornada amanhã será mais longa:
 Iremos á Pavuna.
 Sus, Fabricio, depressa junto ao rio
 O ambulante aposento
 Precautos levantemos n'esta gleba:
 O vento humido sopra;
 A noite carrancuda estende o manto,
 E envolve as serranias.
 Não ouves na floresta o cavo estrondo
 Do longinquo trovão,

E como sobre os pantanos morbosos
 Fuzila o vagalume
 O cirio errante que o amor lhe ateia?
 A eminente borrasca
 Seguros aguardemos. Dá-me, amigo,
 A viola, que eu gosto
 De a minha voz mesclar á voz dos céos :
 São duas tempestades :
 Sobe a minha do peito á boca em hymnos,
 E a outra se desaba
 Pela voz do trovão por toda a parte.

Saudades pungentes eu quero cantar,
 Cantar meus amores ao som do trovão ;
 C'o pranto do céu a voz afinar,
 Meus ais diluir no rijo aquilão.

Agora que eu ouço cantar o urutau
 O canto funereo no tronco fronteiro,
 Eu quero, ó Fabricio, como o bacurau
 Gemer sobre a terra, cantar do tropeiro
 A terna amizade,
 Amor e saudade :

« Limpido rio que desces
 « Por essas serras altivas,
 « Murmurando entre espessuras
 « As tuas agoas esquivas ;

« Retrocede, os montes sóbe,
 « E vai sonoro outra vez
 « Lá nas terras do Paty
 « Recordar á minha Ignez :

« Que vou sempre noite e dia
 « Por seus olhos suspirando,
 « E que ao som da melodia
 « Nosso amor vou avivando.

« Vento que rijo assobias
 « Com teu halito friento,
 « Leva a Ignez os meus suspiros
 « Dize a Ignez o meu tormento.

« Ao roçar pelo sapé
 « Do seu rancho venturoso,
 « Dize-lhe ó vento, que eu peno
 « C'um som gemente e saudoso.

« Nuvem cinzenta que cobres
 « Aos meus olhos as estrellas,
 « Ah! não encubras a lua
 « Que prateia as faces bellas

« Da minha amada e querida,
 « Da virgem que eu amo e adoro,
 « D'aquella que é minha vida,
 « E por quem tão longe choro.

« A terra tão bella, ao sol tão formosa,
 « Deserta parece de dia, e agora
 « Um antro medonho, que a noite engrandece,
 « E que as minhas penas augmenta n'est'hora.

« Ditoso o que frue no rancho paterno
 « Os dias tranquillos, e junto da esposa,
 « Da deosa que o enche de ternos amores,
 « A vida perfuma em seus labios de rosa.

« Saudades, receios, cruentos pesares,
 « Asilo não tem no tecto feliz,
 « Sereno, da aurora á noite, tranquillo
 « Seus dias deslisa, amor só lhe diz

A esposa donosa
 E a prole ditosa.

Bate a chuva, Fabricio, o vento geme
 Contra os muros da casa movediça ;
 Da parca refeição gozemos ambos ;
 E tu, amigo, canta ao som da viola
 Essas coplas saudosas, que minha alma
 Leda conduz á juventude amavel.
 Mas quem bate, e nos falla? E' voz estranha!

BOIADEIRO.

Com vosco seja a Virgem dos Palmares,

Aquella que em minha alma trago sempre,
 E que adoro nos campos da Formiga,
 E que é meu paradeiro, e meu amparo.
 Dai-me fogo, eu vos peço, que a tormenta
 O meu fogo apagou : gela-me o frio.

TROPEIRO.

Quem és tu, que me fallas da Formiga,
 Da Virgem dos Palmares? ! Entra amigo,
 Que a pobreza e a patria nos irmanão.
 Na curva guampa beberás comnosco
 Da loura cana a cordial essencia,
 E no prato que vês, e que fumega,
 A fome matarás ; isqueiro e fumo
 Nos alforges abundão; que mais queres?

BOIADEIRO.

Bem dita seja a Virgem dos Palmares,
 Que me estende os teus braços generosos.

TROPEIRO.

Céos ! E' Sigismundo, o meu Colasso ?

BOIADEIRO.

Bernardino ? !

TROPEIRO.

Sou eu, irmão querido.
 Oh ! que encontro feliz, e inesperado :
 Não posso te abraçar, veda-o meu tecto,
 Mas aperta esta mão do teu migo.

BOIADEIRO.

A flôr da canleira sete vezes
 No bosque recendeu ; o ingá nectareo
 Os niveos favos debruçou na estrada,
 O piparo festim às aves dando,

E ao calido e poento boiadeiro.
 D'essas flôres sem nome, que as princezas
 Presarião no seio, renascerão
 Sete vezes no campo, sem que eu tenha
 De ti novas havido. Que saudades
 Em meu peito se abrião quando á lua
 Na estiva noite a somnolenta rede
 Ao tronco atava da figueira annosa,
 E só, como um rochedo despenhado
 Do alto do Tinguá, ali me achava
 Repensando o passado, em ti scismando,
 E as horas que já forão, ressurgia
 No almo gremio da vital memoria.

Onde era a tua voz, irmão querido,
 Que em gemo canto, em solitaria noite,
 Na doce infancia, no concento harmonico,
 Elevava minha alma, e fugitiva
 A noite se encurtava, té que a fresca
 D'alva serena nos beijasse a fronte,
 E nos olhos co'a nevoa matutina
 O mundo nos cobrisse. Oh! dias placidos
 De virgineo pensar, onde dos labios
 Nem o fogo do amor, nem dos queixumes
 A flôr tisnavão com suspiros calidos!
 Hoje que ao mento a lidadora barba
 Veio o viço espanar da juventude,
 Ao trabalho chamar-nos, e na fronte
 O suado diadema da pobreza
 Diurno reluzir, outros pensares
 Outro mundo pisamos, que seria
 Um ermo ingrato, um fatigante exilio
 Se amor nos não viesse carinhoso
 Outra vez remoçar, abrir a infancia
 D'esta vida que sinto, que amo, e adoro,
 Que me punge com dôr, mas dôr que eu préso,
 E me alenta na estrada a vida acerba.

TROPEIRO.

Tu amas, Sigismundo?

BOIADEIRO.

Ah! meu Colasso,

GUANABARA.

Com que amor, que no mundo me desterra
 Se ausente d'ella vou trilhar um passo.
 E' um espinho que dôe quando penetra,
 Que fere como o dente da serpente,
 Mas que o seio repassa de delicias.
 Amor é inquietação que não se acalma,
 E' um continuo soffrer entre sorrisos,
 E' um punhal que me fere, e que eu sustenho;
 E' o throno e o cadafalço, o leito odoroso
 De rosas e de espinhos: é o perpetuo
 Altar onde se immolla a mesma victima
 Que se adora, e deseja eternisar-se.

TROPEIRO.

Não prosigas, amigo, essas palavras
 São raios que me ferem, que em meu peito
 A flamma ateião de um incendio horrivel.
 Voltemos o pensar aos patrios lares,
 Mutuas delicias recordemos hoje;
 Remocemos agora sobra as azas
 Da innocente memoria: eis o banquete
 Que o teu amigo offerta; é pobre e curto,
 Frugal como o tropeiro, e igual sómente
 Nos desejos a um rei. No mesmo prato,
 Como outr'ora na infancia, na Formiga,
 Reunão nossas mãos as nossas almas
 Em conjuncto feliz: recorda agora
 C'o teu primeiro amigo os dias de ouro,
 E as noites deleitosas quando á lua,
 Ou banhados do lume da fogueira,
 Nossa avó nos contava antigos casos,
 E ás lendas encantadas misturava
 As guerras da conquista, o sangue, os crimes,
 Que o avido emboaba praticára.

BOIADEIRO.

Tudo já se acabou, tudo é tristesa;
 E a imagem d'essas eras tão risonhas
 Que em nossa alma revive, para sempre
 N'um dia ha de acabar: na bella vargem
 A informe capoeira alarga os ramos;

O veado passeia onde era a horta,
 As cotias se entocão nos delubros
 Do forno da olaria : as pacas crescem
 Nas taperas, que outr'ora forão messes ;
 Morreu o nosso perreiro, os cães fugirão,
 E o fogo devorou a nossa casa.

TROPEIRO.

Basta, basta, não mais ; cobre a meus olhos
 Esse triste painel que chama as lagrimas.
 Agora, n'este leito peregrino
 A noite passaremos, té que o gallo
 No pateo do Marquez disperte a aurora,
 E o seu canto nos mande alçar da cama,
 Os lotes alinhar, vingar a serra,
 E um adeos, um abraço, e uma lagrima....
 Nos estreitem, nos unão, nos separem
 Té que o céo outra vez queira juntar-nos.

BOIADEIRO.

Não dormirei, amigo ; é tal meu jubilo.
 Quero ouvir a bosina do crepusculo
 Dispertar na sanzala o afro escravo,
 Que a terra doura ao fazendeiro activo.
 A tormenta declina, a madrugada
 Fresca e bella será, e o virabosta
 Com seus meigos trinados sobre os troncos
 O scenario do dia ha de contente
 Abrir, e recamar estes lugares
 De festivas canções. Vale esta noite
 Sete annos de vida.

TROPEIRO.

Bebe um pouco,
 Completa a refeição : café teremos,
 E um amavel charuto, o companheiro
 Da tacita vigilia.

BOIADEIRO.

Ahi não bebo :

Jurei á minha amada, em quanto vivo,
 Em quanto seu não fôr, perante a Virgem
 Dos Palmares, que em vaso estranho os labios
 Jamais en tocaria. A mão mimosa
 Esta cuia adornou, colhida da arvore
 Que ella mesma plantára ; de saudades
 Formosa tarja lhe bordou na orla ,
 E aqui, n'um coração farpado, Angelica,
 O seu nome gravou ; unio-lhe a fonte,
 O ipe frondoso, e as sonoras palmas
 Do irriçado tucum , tacitos cúmplices
 Do mutuo affecto que jurado havemos.
 Eis um lenço, inda mais, que ella bordára
 Com arte peregrina, destinado
 A meus labios limpar, secar a fronte,
 Sem que eu possa laval-o, assim mo ordena
 Té que volte a seus lares venturoso.

TROPEIRO.

Afina-me a viola, ó meu Fabricio,
 Sinto o estro pungir-me cantar quero
 A' minha bella coplas que hei sonhado
 A' sombra olente da ramagem flórida
 Da nivea gurmichama, que o meu rancho
 Bemfaseja ennobrece: escuta amigo,
 Escuta, Sigismundo, estes reflexos
 De um amor que nos labios se enfraquece
 Quando aspira animar-se em melodias.

- « Como a rola gemebunda
- « Desgarrada da espessura
- « Na estrada de noite e dia
- « Choro a minha desventura.

- « O tiro do caçador
- « Não ferio a minha amada,
- « Mas o destino cruel
- « Me faz chorar pela estrada.

- « Ao crebro som do sincerro,
- « Que o meu lote vai guiando,
- « Pela estrada taciturno
- « Vou gemendo e suspirando.

- « Vou gemendo e suspirando
« De saudade e de aflicção,
« Que a dôr para mim é vida,
« E o penar consolação.
- « As flôres que vou colhendo,
« Os rios que vou passando,
« As aves que vou ouvindo,
« Meus amores vão narrando.
- « De vez em quando meus olhos
« Pelo céu passeio errantes,
« Que a côr do céu é relógio :
« Marca as horas aos amantes.
- « Vou lendo sempre no céu
« A vida da minha amada,
« Seus cuidados, seus descansos,
« Té que venha a madrugada.
- « Té que venha a madrugada
« Os seus painéis repetir,
« Té que o dia desfaleça,
« Té que eu comece a dormir.
- « Té que volte, e encurte as horas
« Que tão longas hei passado,
« Té que em seus olhos me espelhe,
« E me sinta endeosado.
- « Como a rola gemebunda
« Desgarrada da espessura,
« Assim vivo, ó Sigismundo,
« N'esta minha desventura.
- « Passa o sol, tudo floresce,
« Tudo na terra é mudança,
« Só eu não vejo chegar
« O meu dia de esperança.
- « Longas estradas hei feito,
« Incansavel, com ardor,
« Mas oh ! como é longa a estrada
« Do pouso do meu amor !

« E' qual lume de coivara,
 « Que parece perto estar,
 « Mas que illude, e que é preciso
 « Muitas legoas caminhar.

E' como a ferrea iraponga
 « No alto do tronco annoso,
 Que o tiro não fere, e foge
 « Ao caçador afanoso.

« E' como o termo do ceo,
 « Que da montanha se encherça,
 « E que ao vingar outro monte
 « Parece que foge, e verga.

« Eu sou ave gemebunda,
 « Desgarrada da espessura,
 « Não tenho esposa, nem ninho,
 « Não tenho ainda ventura.»

Não posso mais, estala-me no intimo
 O coração. Cantemos ora juntos
 As coplas aprendidas na Formiga,
 N'esses dias da infancia; outros amores
 Se despertem no peito, e reavivem
 Sagradas horas, quando ao gremio unidos
 De nossa mãe commum hemos gosado.
 Tempéra as cordas que afrouxou meu pranto:
 Figuremos o rancho, e a mão rugosa,
 A espalmada figueira, o curto aprisco,
 E o prado ameno que medio teus passos,
 E os meus passos na infancia. Ali, sentados,
 Cantemos a Mãe do Ouro, ou de Anhanguera
 Nos incultos sertões a prompta argucia.

BOIADEIRO.

Para que recordar essas venturas
 Que o tempo consumo, que o mesmo tempo
 Reavivar não pôde? Vêr taes scenas,
 E' banhal-as de pranto, é deslustral-as
 Do viço juvenil, da virgindade
 De seu bello existir, tão bello e sancto.

Almejo sepultal-as no silencio ;
 Desejo clausal-as no meu peito
 Como um grave segredo, e resurgil-as
 Em horas aziagas, quando esta alma
 Abatida, offegante, ao céo implore
 Um doce linitivo a seus penares ;
 Um broquel para os golpes d'este mundo,
 Que d'instantes a instantes poem azares
 Ante os passos da vida. Tu cantaste
 Teus amores, amigo; deixa agora
 Que o triste Sigismundo tambem deixe
 Sobre as azas da terna melodia
 Voar sua alma em amoroso enleio.

Ingrato inda não fui ao meu passado,
 Nem tão pouco á memoria veneranda
 De nossa velha mãi, nem do Prelado
 Bemfazejo, que as letras conduzio-nos,
 Sem pensar, sancto homem, que avultava
 Nossas penas no estado da pobreza,
 Da misera orfandade em que jazemos.

TROPEIRO.

Mas uma gota, amigo, e desprezemos
 Vaidosos sonhos, que da lei da morte
 Os reis não livra e os tyrannos avidos.
 Somos pobres de ouro, mas tão ricos
 Como as aves e Creso : livres somos
 No temporario transitio, que terra
 Sobeja temos para o pouso eterno,
 Para o leito da morte, sem que a lagrima
 Da avaresa nos faça amar a vida
 Atada a um poste d'ouro e de cuidados.
 Como as aves do céo livres nascemos,
 Como ellas erramos...

BOIADEIRO.

Deslembrados

Da escopeta e da flecha, ou da fumaça
 Do lume da fogueira ? ! Não ; amigo :
 Na mente esclarecida o pranto é duplo,
 Maior a tempestade, os ais profundos :
 Nem sempre o céo é justo.

TROPEIRO.

Ah! não maldigas
 Os decretos de Deos: livres nascemos
 Mais que o rico, surrão de prata e ouro,
 Na mente e peito mil thesouros temos:
 E' victoria o soffrer inabalavel.
 Bemdita seja a hora em que o Prelado
 Gonsaga nos mostrou, ou que Lindoia
 Entreabrio-nos na tella magestosa,
 Que o Gama excelso debuchara ao vivo.
 O catre de Camões e de Pacheco
 Tambem de Reis ha sido: isto consola.
 Para o homem que aspira, nunca é tarde.
 Quantos tropeiros em salões dourados
 Vemos hoje dormir, ser cortejados
 De orgulhosos barões?

BOIADEIRO.

Basta: fechemos
 Esse livro que encerra azar e sorte.
 Cantemos, que o cantar espalha as sombras
 Do nublado porvir, e a paz concede.

TROPEIRO.

Pois canta, Bernardino, os teus amores:
 De teu peito os gemidos sonorsos
 Quero, amigo, escutar. Toma a viola.

BOIADEIRO.

« Eu não tenho um corcel prateado,
 « Nem um pagem que as redeas lhe tome;
 « Boiadeiro pedestre e coitado,
 « Rude chão os meus passos consome.
 « O céu é minha tenda,
 « O chão meu pavimento,
 « Um seixo meu assento,
 « E o mundo meu solar.
 « Sou rei, não tenho servos,
 « Nem naves, nem armada;

« Por sceptro esta aguilhada,
 « Por throno o meu amor.

« Quando o vento me solta as madeixas,
 « E o trovão o meu gado dispersa,
 « Lêdo canto de amor mil endeixas,
 « Firme aguardo a desordem aversa.
 « A' minha voz o gado
 « Se aúna e tranquillisa,
 « E a noite se deslisa
 « N'um placido sismar;
 « Se escura e tormentosa
 « O céu todo enegrece,
 « Formoso resplandece
 « O meu constante amor.

TROPEIRO.

Perdôa interromper-te. Alça a cortina
 Prestimoso Fabricio. Clara a noite
 Se tornou, e tranquilla; um céu sereno
 Nos debucha a natura entre seus véos.
 A lua estanha o rio, que murmura
 D'encontro aos lenhos da arruinada ponte :
 Da vida image', a vaga buliçosa
 Como nossa esperança corre as ondas
 Do incerto porvir, do immenso pélago,
 Que ha mil sonhos no abysmo profundado.

BOLADEIRO.

Eu gosto de chorar ; gemer eu quero
 Ao pallido clarão da lua occidua,
 Que ora fere as arestas dos penhascos,
 Como um cirio funereo sobre o tumulo
 Do sol, que hontem ouvira os meus queixumes.
 N'um dia, dia aziago, de meus labios
 Este canto sahio : forão saudades,
 Foi um véo de tristesa e de amargura,
 Um celicio que o peito lacerava
 E nos labios verteu estas endeixas.

« Captiva minha alma n'um carcer profundo,

- « Em triste orfandade, só sabe chorar ;
 « Qual penna de fumo, que o céo vai tocar,
 « Que foge do mundo,
 « Assim meus gemidos subindo, subindo,
 « Da terra que odio, p'ra o céo vão fugindo.
 « Eu quero gemer,
 « Gemer minha dôr ;
 « Mitiga o soffrer
 « O pranto de amor.
- « Sem ella, sem ella, sem sua alliança
 « No abysmo da morte meus sonhos sepulto ;
 « O mundo que doc-me, o mundo que occulto,
 « A minha esperança,
 « Os votos sagrados, as meigas visões,
 « Escondo nos antros de escuras prisões.
 « Eu quero gemer,
 « Gemer, suspirar,
 « Meus males verter
 « Dos olhos, chorar.
- « Qual chuço coalhado, as azas da mente
 « Eu sinto pesar ; presinto morrer :
 « O frio da morte já sinto correr,
 « E como a serpente
 « Nas veias m'infiltra veneno mortal,
 « Me crava no peito baido punhal.
 « Eu quero gemer,
 « Gemer n'esta hora ;
 « Eu quero morrer,
 « Adeos, vou-me embora.
- « Adeos, minha bella, adeos, meu tormento,
 « Por quem sobre a terra tanto suspirei,
 « Por quem eu vivi, por quem eu sonhei ;
 « Chegou o momento,
 « Momento terrivel de tudo deixar,
 « Não ver mais teus olhos, meus olhos fechar.
 « Eu quero morrer,
 « Morrer sem ter dôr,
 « Morrer a gemer,
 « Gemendo de amor.

TROPEIRO :

Não pares, Sigismundo, que os teus labios
São pura melodia : um fogo célico
A mente te incendeia, e se derrama
Em magica harmonia : as tuas dôres
Ora são minha dôr ; atada ao canto,
Que fluiste, minha alma captivada
Com suspiros as notas compassou-te.

TROPEIRO.

« Desgraçado passarinho,
« Deixo o ninho
« No verdor da mocidade ;
« Minha idade
« Caducou, sem velho ser :
« Vou morrer.

Passarinho peregrino,
« O meu hymno
« Como o cysne moribundo
« Pelo mundo
« Vai pennoso discorrer :
« Vou morrer.

« Como a brisa, que cheirosa,
« Amorosa,
« Pelos valles vai perdida,
« Minha vida
« Foi na terra ; sem querer
« Vou morrer.

« Como a onda que murmura
« Na espessura,
« Incansavel noite e dia,
« Sem ter guia,
« E no mar vai-se esconder,
« Vou morrer.

« Como a paina que volante
« Vai errante
« Nova terra, novo ar

- « Procurar,
 « Foi na terra o meu viver :
 « Vou morrer.
- « Sem saber do meu destino,
 « Peregrino,
 « Vou morrer de ti ausente :
 « Derepente
 « Nos meus olhos baixa um véo,
 « Vejo o céu !
- « Vejo o céu, vejo o teu rosto
 « E o composto
 « Do teu vulto divinal,
 « Sem igual :
 « Nunca mais te hei de ver,
 « Vou morrer. »

No pateo do Marquez sôa a bosina
 Na mão calosa do Feitor adusto ;
 Ao crastino labor cioso gallo
 Tres vezes deu signal ; os membros ergue
 Do fumado girau o escravo, e a enchada
 Hombrea carcomida, e vôa á roça.

TROPEIRO.

E' hora da partida, e n'este ensejo,
 Que talvez não renove o fado austero,
 Uma copla da infancia não cantamos ?

BOLADEIRO.

Sim, cantemos, irmão, por despedida
 A Montanha encantada, a Pedra negra,
 A Mãe d'Ouro, talvez, circumvoando
 De monte a monte, qual perdida estrella,
 E nas rochas cravando com mysterio
 Seu luzente metal, ou d'Anhanguera
 O pavor do gentio ?

TROPEIRO.

Sim, desejo
 A lenda de Anhanguera ; amo os combates,

As crenças do gentio, a voz do piaga
 Nos incultos sertões: dá-me a viola,
 E tu, como na infancia, o canto avulta
 No delgado machete: comecemos:

OS DOUS.

- « Sobe o fumo, nos ares discreve
 « Um phantasma terrível, medonho!
 « Não é medo cobarde, nem sonho,
 « O' guerreiros da tribu Pury.
 « Eu vi, eu vi, eu vi
 « Por entre o nevoeiro,
 « Cantar ledó o sacy,
 « Piar mocho agoureiro;
 « Sem flecha retorcer-se
 « Na terra o sabiá,
 « E n'esta mão fender-se
 « Calado o maracá.
- « Como uma anta, que pica a mutuca,
 « Anhanguera nos ares passeia,
 « Elle os bosques e o rio incendeia,
 « E' seu braço peor que o trovão.
 « Seus pés gemem no chão,
 « Nas grotas vão troando
 « Como ingente furacão,
 « E os troncos arrancando;
 « Nos montes rochas fendem,
 « Que rolão tropejando;
 « Nos campos, se se estendem,
 « Abysmos vão cavando.
- « Nossas flexas se embotão p'ra elle,
 « Nossos arcos rebentão, estalão;
 « Verga os dardos que o braço lhe impelle,
 « No seu peitô os pelouros resvalão.
 « Se canta, ou se elle falla,
 « Da bocca lança fogo;
 « A' sua voz se cala
 « A serpe e o tigre logo,
 « E como juritis
 « Mansinhas a beijar

GUANABARA.

- « As suas plantas vis
 « Vem logo sem tardar.
- « Poem nos ventos a rede em que dorme
 « O emboaba que o mar expellio ;
 « Todo o ouro da terra engolio
 « Esse monstro cruel e desforme.
- « Eu vi-lhe a fronte enorme
 « No céo nuvens rásgando,
 « E abrir a bocca enorme
 « E os raios devorando.
 « Fugamos da espessura,
 « Que a terra elle devassa,
 « E cava, onde elle passa,
 « Aos homens sepultura. »

TROPEIRO.

Minha alma remoçou, ah ! n'ella abriste
 Um cofre de delicias : reverdece-me
 O fogo juvenil, sinto a innocencia
 Bafejar-me a fragrancia d'outras eras :
 No gremio da saudade hei renascido
 N'este dia feliz.

BOIADEIRO.

Da-me um abraço,
 Que inda aqui me demoro : um servo acena-me
 Da porta do Marquez. Vamos, minha alma,
 Vêr um grande da terra, e lá submisso
 Vergar ante os tufões do orgulho a fronte :
 A esteira em que nasci não desconheço,
 Mas não posso curvar-me ante malvados.

TROPEIRO.

Vai, que encontrarás o homem nobre ;
 Vai, que encontrarás o homem grande,
 Que á modestia e candara enlaça o brio
 Avito que o exorna : ali descanção
 Dous sec'los de nobresa, e o não devora
 Vergonhoso passado. Ante os Reis lusos

Seus avós se sentarão, quando outr'ora
 A esmeralda brasilã, o ouro em copia
 Dos sertões perlustrados off'recerão.
 De taes homens o pobre não receia,
 Antes lucra, e se eleva. Teme o homem
 Da miseria impellido a um posto honroso
 Pelo ouro, baixezas, ou caballas :
 E' um vaso azinhavrado que envelhece
 O licor que recebe ; foge d'elle :
 E' cego a seus amigos, surdo ás lagrimas
 Da irmã descalça, ou do parente pobre ;
 N'elle não pousa do passado a imagem
 Com suave brandura, e' o sorriso
 De brillhantes laureis. Como um remorso
 De crime impune que o segredo ampara,
 A lembrança do berço o atemorisa ;
 Odeia aquelles que na infancia o virão,
 E á voz da gratidão se irrita e inflamma.
 Encosta-te ao meu peito, irmão querido,
 Unamos nossas almas, confundamos
 O prazer e a dôr n'uma só lagrima.

BOIADEIRO.

A lagrima com que me humedeceste
 A face adusta, ao coração descco,
 Que é seu vaso sagrado, que é aquelle
 Que a pôde conservar heroicamente.
 Um favor, meu irmão, te peço agora.

TROPEIRO.

Dize ?

BOIADEIRO.

Serei servido ?

TROPEIRO.

Ah ! não duvides,
 Que tu és outro eu.

GUANABARA.

BOIADEIRO.

Pois bem amigo.

Virás ao meu consorcio, que igualmente
No dia em que de amor tú triumphares
Ao teu lado serei. A' pia sancta
Meu filho levarás: quero na ausencia
Mais fortes vincular sagrados laços.
Adeos, ó Sigismundo, adeos amigo.

OS DOUS.

« Bem dita seja a Virgem dos Palmares,
« Que adoramos nos campos da Formiga,
« Que é nosso paradeiro, e nosso amparo.

Maio de 1830. — Na Fazenda de S. Pedro.

PORTO-ALEGRE.



THEORIAS.

Fragmento.

I.

Si meditarmos sobre as varias alterações, porque tem passado a nossa religião, facilmente nos convenceremos de que é progressiva: (1) quantas reformas desde Adão até Moysés, deste a Jesus-Christo, e de então até a ultima decisão dos Concilios! (2) Nem podia ser de outro modo: todos os seculos não são capazes da mesma religião, porque deve ella estar em harmonia com o espirito da época, e as alterações de Adão até hoje mostram esta verdade. As reformas de religião tem sempre apparecido quando o espirito dos homens já descrê claramente das idéas recebidas por seus antepassados; quando as idéas de ha muito recebidas já não os podem guiar; quando a intelligência mais desenvolvida pela luz da civilisação, superior ao passado, quebra as relações estabelecidas por verdadeiras, e olha tristemente para o futuro como terrivel, recebida a continuidade do presente; — então procura-se uma novidade que satisfaça as necessidades da intelligencia e do coração.

Sem religião nada de grande é possível e duradouro na sociedade; — si a religião actual não satisfaz, deve ser mudada: — como se ha de estabelecer? Será o philosopho encarregado dessa reforma? Tememos demasiadamente quaesquer reformas religiosas que possam ser ensinadas simplesmente pela philosophia, que difficilmente desce da sua summidade. Deixaremos o tempo ir corrigindo o que não estiver em harmonia com os nossos costumes, deixando o que ainda pôde ser bom? Melhor é este meio que o primeiro; mas não é seguro, porque essas reformas serão variadissimas, e teremos mil seitas substituindo uma religião; accender-se-ha uma guerra popular que só produzirá desvarios, ou que antes de chegar ao fim melhor, terá esgotado todas as maldades, todos os defeitos, todas as miserias que a historia nos mostra nas suas fecundissimas paginas; e qual será no meio dessa confusão o homem de vastissima razão, de persuasão irresistivel, de constancia inabalavel, de popularidade immaculada, que faça correr o povo para esse sanctuario preferivel aos olhos da razão — que levante o ramo de oliveira alto por sobre as bandeiras

(1) Não negamos esta qualidade ás outras, mas fallamos aqui unicamente da nossa.

(2) Não podemos negar que a religião, como tem existido desde então, não é a mesma como deixou Jesu-Christo, e que cada Concilio lhe fez modificações e alterações, e já por meio de interpretações, já por extensão, e muitas vezes um Concilio reprovava idéas approvadas por homens reputados sanctos: — sive exemplo Origines.

inimigas, chamando todos à unidade de pensamento e de acção? Mas sendo tudo possível, que tempo pôde durar esta religião? O que é uma religião feita por homens em tempo de razão? A convenção não será nunca possível e feliz; — o tempo das illusões está passado, e um Mahomet não conseguiria hoje entre nós estabelecer qualquer religião; — só por uma commoção forte appareceria um Lutero; — todas cahirão perante a analyse que hoje quer dominar tudo, e que certamente cada vez mais força terá. Recorreremos a um Concilio?... — As suas decizões terião algum pezo; mas hoje, que naturalmente já não desce o Espirito-Sancto, ser-lhe-hia declarada a guerra como a homens não inspirados, e algum defeito, que a logica lãe achasse, faria tremer o resto do edificio em seus alicerces. Que resta pois?

Christo aperfeçoou o judaismo, chamando a si todo o género humano, ensinando a crença n'um Deos que vê em todos os homens seus filhos, e os confunde no mesmo amor, pregando a immortalidade da alma: mas Christo é Deos: — foi Deos que creou a religião no coração de Adão no instante de lhe dar a alma; foi Deos que ensinou a verdadeira religião a Abrahão, a Jacob, a Moysés: foi Deos que ultimamente inspirou aos Apostolos; — de maneira que a nossa religião successivamente modificada desde Adão até aos Concilios, teve por auctor a Deos directamente ou por sua inspiração. Só Deos pôde ser auctor de uma religião verdadeira sem tempo exactamente proprio. A religião de nossos avós seria ainda boa para a parte menos adiantada da geração actual; mas não devemos a contar a porção, cujas luzes já não podem acceitar toda a pratica seguida? E' certo que a influencia desta classe torna infructifera a educação religiosa de que a classe inferior, sem esse contacto, seria ainda susceptivel: — e assim todas as classes caminão simultaneamente para o esquecimento e abandono absoluto de todo culto, e toda religião. Estamos convencidos da verdade do christianismo, e tanto como um Apostolo desejariamos vê-lo espalhado por todos os povos; mas o que se diz e pensa geralmente sobre o seu espirito e as suas praticas? A sua força vai diminuindo no genio popular — no povo, que mais difficilmente se despe das suas crenças; e como que por uma homenagem ao christianismo, a que os obriga a força divina como para prova da sublimidade desta religião, — o espirito de atheismo se introduz a vê-las desprezadas, desde o mais pequeno ao mais considerado — o atheismo — esse verme roedor, ameaçador sempre infallivel de grandes e terriveis catastrophes; — o atheismo lavra como a morphea pelas veias dos homens, e um riso desprezador responde á palavra religiosa; o orgulho de Lucifer quer precipitar no abysmo sem fundo a caridade de Christo, quer destronisar Fénélon, e acclamar Holbach. Entrai no templo, — vereis espectadores n'um theatro; — a decoração e a muzica attrahem os olhos e os ouvidos — a palavra do Senhor sôa no meio do occano sem navios — a cruz está coberta com um véo impenetravel; — levante-se ao throno de Deos o insenso do altar sem mais ornamento que um coração virtuoso, e vereis o templo yazio; — ajoelhae diante do Senhor, elles vos desprezarãõ, ou, quando muito, se compadecerãõ da vossa ignorancia. Hoje mais que nunca está espalhada a idéa — que a religião é objecto de mera utilidade mundana, um freio contra o crime, um auxiliar á lei humana, e que para o povo é que serve: — mas se o povo não crê,

para que serve ella?... — Pigmeus loucos! viz orgulhosos! horrídos mensageiros do inferno que nos querem tirar o unico bem que nos resta, o unico leme para a nossa salvação — a consolação, a esperança religiosa — Deos, e a eternidade da gloria!...

Pugnamos sinceramente pela necessidade de uma reforma religiosa, e estamos convencidos com Benjamim Constant, Decorde, Lamartine, &c., que é uma das necessidades imperiosas da nossa época; — mas não na essencia da religião: — que nos ensina ou manda o christianismo? A crença em um Deos omnipotente; — a caridade, a humildade, o perdão das injurias, — o amor desinteressado e puro pelos nossos semelhantes, — a paciencia na dôr, submissão á vontade de Deos, a resurreição, a vida eterna.

Em que pôde esta licção ser modificada? Em que mais espiritualizada? *Na religião* pregada por Christo nenhuma alteração ou modificação podemos admitir; julgamos de imperiosa necessidade uma fôrma nova á manifestação do sentimento religioso. Aqui, sim, aqui podem entrar cabeças humanas, aqui tem lugar a reforma successiva pelo tempo; mas na parte fundamental nunca: a religião suppõe fé inabalavel — quando se recebe do céu essa profunda convicção, enche ella a vida, — e é então que produz todos os beneficios, que sublima o homem.

Só uma força superior, só Deos nos pôde dar uma religião; — uma religião por homens não passará de um codigo de penas e recompensas pessimamente redigido, como são todos os codigos humanos — que prenderá os homens nesta vida, e os abandonará ás portas da morte; — porque os homens não podem dar aquillo que não lhes pertence como propriedade; — os homens não nos podem offercer a vida eterna, porque não são os seus outorgadores. A nós pertence sustentar o que Deos nos tem dado, e esperar — executar o que elle manda, e não descreer da actualidade, porque a fôrma não agrada.

Em resumo: A religião é progressiva: — a forma da manifestação do sentimento religioso pôde ser alterada pelos homens na successão dos annos: — a nossa religião começada em Adão, muitas vezes modificada, ou alterada recebeu essencialmente a ultima perfeição por Christo — não pôde ser fundamentalmente nem modificada; se pôde, só Deos a pôde reformar, porque a religião verdadeira vem de Deos.

II.

Dissemos que a religião deve caminhar com a civilisação; e não se conclua daqui que a mesma religião não pôde servir a todos os povos, ou que na mesma cidade devem haver diferentes religiões, segundo as circumstancias dos diferentes habitantes, — não; — logo que a religião é accessivel a certa classe de pessoas superiores, é ella accessivel tambem ás inferiores, pois que a maior difficuldade está vencida — ser comprehendida e accepta por esses, — elles se farão comprehender: — a parte mais ignorante segue naturalmente a minoria dotada de mais intelligencia, como

que vê na sciencia delles um penhor da verdade da sua crença:—é isto exacto como o que já dissemos. — Si as summidades sociaes começão a descerer, o povo começão a tornar-se incredulo: — a razão é a mesma. O homem acostumado a viver com os seus semelhantes sente-se como só, si as suas idéas não são de mais alguém, não está contente vendo as suas opiniões pouco seguidas; tanto mais firme é nas suas convicções quanto mais acceitas são; não goza do seu sentimento, si não fór esse tambem o sentimento de seus consocios: — e como o povo mais facilmente recebe do que dá licções, é hoje pela maior parte atheo ou indifferente: — louvado Deos, alguns espiritos escolhidos sobrenadão puros nesse mar procelloso, e vencerão as ondas com vida—ainda existem alguns corações religiosos, mas infelizmente como timoratos não ousão levantar a voz e dizer « incredulos, calai-vos » — apenas em segredo se animão a querer evitar a queda proxima dos que já caminhão tremulos; — com força para morrerem martyres, não arrostão o riso do desprezo; — todo o campo fica livre ao flagello de Deos.

Por este modo, recusadas as idéas existentes, não admira que *separado o espirito religioso da sua fôrma, por assim dizer petrificada, reclamando outra, e agitando-se por encontrat-a*, (3) caia no profundo precipicio por falta de uma luz benefica que o guie na terrivel escuridão tempestuosa que o envolve e abafa: nestas occasiões, como a civilisação se levanta, a incredulidade entra nos corações, domina-os, e logo depois corre as cidades e os campos, patenteando-se n'uma rapida progressão ascendente; — quebrar uma fôrma, que já é jugo pezado e desgostoso, é o desejo principal, e si a reforma não caminha com força igual á que impelle para o desfazimento, segue-se odio ou desprezo infallivel contra toda idéa religiosa; — tudo é cahos — porque o abalo das crenças religiosas quer dizer abalo de toda a ordem social, destruição, ruinas, crimes horrorosos; — nenhum poder humano é capaz de conter o oceano que invade a terra com todo o seu furor, cujo bramido cobre todas as vozes — é a colera divina sobre a raça humana.

Previna-se pois: prevenir esse terrivel momento é obrigação do sabio, do poeta (4) e do religioso; — a religião é congenita (5) com o homem — sustentemol-a

(3) Benj. Const.

(4) Si por inclinação, e por uma força irresistivel do coração, o religioso se incumbe de sustentar a religião, ao sabio compete esse trabalho por obrigação; esse lume de intelligencia com que Deos o dotou deve ser empregado em defender a sua obra: entretanto mais que todos é util o poeta: si a razão convence nestas materias, o sentimento é que persuade; ha no coração do homem um que natural que o leva á religião com tanto vigor, que, quando a razão é fraca, o coração chama-o á crença: o poeta é o homem das inspirações e do entusiasmo. Si vemos a religião e Deos nos livros dos poetas, muitas vezes como fonte de poesia, por vezes vemos tambem que o coração falla: e queremos ver (já que é este o interesse) a religião mais nas idéas do que nas palavras. Folgãmos de encontrar em um poeta ainda noviço o fogo intimo religioso, e o ardente desejo de se mostrar tal; Deos o guie, e as suas palavras sejam ouvidas — o que nelle mais estimamos é o bom emprego desse lume divino espalhado com pureza nas poucas poesias que tem escripto e que nos fazem desejar a continuação dos seus trabalhos. Honra e louvor ao auctor das Poemas Americanas, ao cantor de Jeovah, que tão moço caminha altivo por sobre as cabeças dos seus compatriotas; que tão moço não se deixa manchar com a lepra, tanto de reccar na actualidade.

(5) Julgamos inutil e até um contrasenso procurar-se a origem da religião; de necessidade nasceu ella com o homem, porque é impossivel que por um só momento o primeiro homem não tivesse a idéa de Deos, — (Benj. Const.); — pensamos mais, que essa idéa deveu ter mais força e mais ardor nelle do que em nenhum outro ente depois.

pois com todas as nossas forças, não venhamos a chorar mais ainda sobre a raça humana; — e á aquellas almas religiosas a quem o positivismo prende, façamos comprehender que o *positivismo puro*, a simples auctoridade é causa de todas as intolerancias que tem atormentado a terra, — façamos comprehender que a modificação de um dogma não é uma mudança de religião: — o fundamento da nossa religião toda de amor e de paz é sempre o mesmo — as almas verdadeiramente religiosas nada perdem n'esta modificação, e a multidão a exige.

O que temos dito suscita algumas questões que não devemos omitir, e sobre que manifestaremos a nossa opinião com a maior concisão possível.

1.º Dogmas podem e devem ser modificados ou alterados? Podem; respondemos nós: porque não formão a essencia da nossa religião, que é em seu fundamento mais *sentimental* que *positiva*: — devem, — aquelles que o povo já não accêita como verdades, aquelles que a razão mais desenvolvida já não abraça.

Temos apoio a nosso favor em Benj. Const. a quem ninguem chamará irreligioso — um apoio mais forte em Frayssious, que assim pregou em França sobre o pulpito, quebrando quanto em suas forças estava o dogma — « Fora da Igreja não ha salvação » — não condemnando aquelle que desconhece o christianismo, ou cuja razão pouca elevada não pôde perceber a sublimidade desta religião por entre o cahos dos immensos accessorios que os seculos lhe tem acrescentado, por entre as mil superstições do vulgo. Quaes seião esses dogmas que devem ser modificados ou alterados não diremos nós, porque já seriamos um pouco cathedricos; e a opinião commum melhor os indica com o facto, de que nós com as palavras.

Entretanto mencionaremos especialmente tres a que geralmente não se dá a devida consideração, que são commummente olhadas como ceremonias de apparatus, ou fórmas de pouca entidade — do que nós estamos longe: — admittimos o baptismo e a communhão, porque Christo foi baptisado e nos ordenou a communhão; — admittimos tambem a confissão: « Não quero, diz S. João Chrysostomo, forçar os homens a descobrirem os seus peccados a outros homens: devemos confessar-nos a Deos que sabe tudo, e nunca lança em rosto as faltas que se lhe revelão: » — todavia, si não é de summa essencia da religião, é extremamente util, e muitas vezes necessaria; — é um freio contra as más acções, pois que nos obriga a revelar a outrem até os nossos pensamentos mais reconditos, que têmão o mais mimoso toque de malicia; — é um acto de humildade, pois que nos obriga a ajoelhar aos pés de um homem muitas vezes inferior a nós em sciencia e posição social, e dizer-lhe: — absolve, para que Deos absolva; — um recurso contra a dôr, contra a desesperança, pois que nos faz derramar no seio de uma religião consoladora a historia intima dos nossos maiores soffrimentos: — por outro lado — accetando a communhão, de algum modo somos forçados a accetar a confissão, porque é uma preparação; — devemos receber o Senhor com pureza de coração, livre de todo crime: — a confissão harmonisa-se maximamente com o christianismo (6).

(6) Não devemos omitir o peccado original; — todas as religiões *regulares* o admittem, e nós não podemos conceber o homem actual sem essa macula; si por um lado muitos o considerão como um segredo da

2.^a O culto dos Sanctos deve ser abolido? pôde, porque manda Christo que quando recorrermos a elle seja por uma oração directa, e ensinou-nos a oração que chamamos dominical: e sòmente accrescenta « aquillo que pedirdes a miuh^a Mãe será por mim attendido. Deve ser abolido? Pôde fazer suppôr ao povo ignorante que os Sanctos por si só bastão ás suas orações, e, não attendendo á significação das palavras, julgão N. Senhora da Piedade e N. Senhora da Conceição duas pessoas distinctas: — entretanto não ousamos rejeitar este culto; — melhor é por certo pedir a Deos do que aos Sanctos — si aquillo que a elle pedirmos não nos fôr concedido, tambem não nos será concedido pelo intermedio dos Sanctos; — comtudo ás almas timoratas é de alguma maneira consolador poderem recorrer aos Sanctos como amigos certos e estimados de Deos, para patrocinarem a sua causa na outra vida. Si fallamos das imagens, dizemos a mesma cousa; — não entendemos que devão ser proscriptas: para alguns pôde isto assemelhar-se á idolatria — pôde fazer suppôr que as imagens por si tão poderosas, que a imagem de um Sancto em tal lugar não tem a mesma influencia que outra do mesmo Sancto em diferente lugar; — todavia fixão mais a nossa attenção, chamão-nos por assim dizer pelo lado visivel e palpavel, pelo lado material á parte moral; — os espiritos mais fracos precisão de uma representação corporea, que por algum modo attraia os olhos: — julgarião nada adorar, si nada vissem.

3.^a A Igreja é de necessidade? De necessidade sempre imperiosa: « Sem essa auctoridade visivel e fixa, diz Fénelon, o christianismo seria uma republica dotada de bellissimas leis sem magistrados encarregados da sua execução, — haverião mil interpretações por um só texto religioso; sem a Igreja todos se levantarião como juizes — em vez de ordem teriamos confuzão.

4.^a Devem-se recusar os misterios? E' impossivel a religião sem elles: e porque os misterios atormentarião o homem de razão? Deve comprehender que sendo toda a natureza incomprehensivel, não é de espantar que não se possam penetrar todos os segredos da divindade; si a religião vem de Deos, muitas cousas incomprehensiveis devem nella haver: — *Como pôde o finito igualar ao infinito? A religião não teria o character do infinito de onde emana, si não excedesse a nossa intelligencia curta e fraca* (7); os misterios não provão falsidade na religião — mostram que Deos é superior ao homem; — é digno de Deos, é util ao homem que a sua razão seja humilhada e confundida por essa auctoridade magnifica dos misterios; os misterios são sagrados — com o sacrificio formão essencialmente o culto: e quando fallamos dos misterios, entendemos de todos os da religião christã: — ad-

divindade, por outro comprehendemos muito bem que não ha nisto injustiça, pois que não podia ser de outro modo: — comprehendemos muito bem que os filhos de um ente *imperfeito* sabião imperfeitos — Adão depois da macula que chamamos original não era o mesmo homem como sabio das mãos do Supremo Creador; — e si nós por Adão soffremos, por elle temos mais merecimentos vencendo as tormentas da vida.

Não fallamos da vida eterna, porque não nos parece dogma: — a simples razão nos convence da sua existencia — é necessario ter a imaginação desvatrada como um ateco para não a admittir.

(7) Fénelon.

mittimos a Trindade; admittimos a Redempção; admittimos que Deos podesse *humanisar-se* para nos salvar, unicamente porque quiz; &c.

Não é nosso intento dizer o que se deve crer e o que se deve rejeitar — muito temos mostrado as nossas idéas em materia religiosa; — não nos pertence dizer ao povo — «eis o que deve seguir» — pois que tambem fazemos parte do povo, e como elle devemos seguir áquelle que está encarregado de guiar-nos.

Dizendo que a religião é perfectivel, dizemos que é sujeita á razão, mas não se deduza daqui que lhe damos toda a elasticidade — não: sujeitando a religião á razão, não lançamos fóra da attenção e do respeito toda auctoridade: nem somos contradictorios, pois que sendo de necessidade a Igreja, por amor á unidade de pensamento que tambem é de necessidade, naturalmente devemos combinar a razão com a auctoridade; — e a mesma razão muitas vezes se sujeita *voluntariamente ao positivo*.

Reconhecendo que o tempo pôde ir reformando a parte perfectivel da religião (a fórmula) — e effectivamente já caminha para lá, — não seremos nós por certo o promulgador dessa nova lei; — existe uma pessoa respeitavel, collocada acima de todas — o chefe da Igreja — o qual unico pôde (e deve) reconhecer a necessidade dessa reforma, e dar-lhe o cunho da verdade com o seu «sim» em occasião opportuna; a elle mais que a todos, a elle só, pertence decidir o momento em que essa reforma deve ser sancionada, e até que ponto.

Na sua fórmula, e principalmente nas opiniões parciaes que alguns tem adoptado, o christianismo é perfectivel; na sua doutrina moral, nos seus preceitos, em toda a parte emanada de seu auctor, não é perfectivel porque é perfeito.

Terminando: A melhor religião é aquella que ensina a crença em um só Deos omnipotente, que deve ser amado sobre tudo e sobre todos no maior gráo; uma moral pura no ponto mais espirital; o amor a todos, ainda mesmo inimigos; — aquella que manda considerar esta vida como a noite tenebrosa, como a infancia do nosso ser, cujos prazeres são sonhos passageiros; quebra o freio das paixões mundanas; sanctifica a renuncia do eu; abençoa o que soffre e chora, e não desespera dos males desta vida esperando a vida eterna. E' esta a adoração em espirito e verdade ensinada pelo Evangelho; adoração, cujo todo, como diz Fénelon, não se encontra em nenhuma religião fóra do christianismo.

Tal como a ensinou seu divino auctor, o christianismo acalma todas as dores da alma, e livra a intelligencia das angustias da duvida.

Quando a voz do mundo todo se levantasse contra Jesu-Christo, dizemos nós com Chateaubriand, nunca nos persuadirião que uma religião fundada sobre taes bases é uma religião humana; — aquella que pôde fazer adorar uma cruz; que offereceu por objecto de culto a *humanidade soffrida, a virtude perseguida*, necessariamente é Deos.

III.

Temos dito e repetimos porque nunca será demasia — sociedade sem religião é um impossivel ; — perguntai ao que nega a existencia de um Creador do Universo, si concebe o contrario, responder-vos-ha como um Sancto : — quando o povo chega a esse estado irreligioso de que já fallámos, todos os interesses são despresados, excepto um — o interesse material e individual ; — a segurança é nulla, porque a força das leis não é bastante para reprimir o desenfreamento do coração, só a religião é capaz de não deixar abater-se a moral de um povo. A religião é a base de todos os governos, é a base de todos os regulamentos sociaes : — faça-se o povo religioso, e todas as leis são possiveis ; seja ella arrancada da sua convicção, e será arrasada toda a ordem social. D'aqui se vê a ligação estreita do Estado com as differentes religiões estabelecidas no seu gremio — a attenção particular que é do dever do poder administrativo empregar pela sustentação da pureza do culto (8) : não pugnamos pela influencia directa do governo (9) — Deos nos livre : — queremos que seja, se assim podemos dizer, o zelador : tem elle mil meios a sua disposição, mas fallaremos só de um, porque é o unico comprehendido no espirito do nosso artigo.

Admittida a necessidade de uma religião, é forçosa consequencia a admissão de um culto exterior ; — nem nos demoramos em demonstrar esta proposição ; — basta-nos a razão dada por Fénelon — « verdadeiramente a religião consiste no puro amor a Deos » e nada mais natural que desejarmos mostrar publicamente a força que nos attrahe para o ente que absorve todos os nossos respeitoes, toda a nossa dedicação ; o culto externo é a expressão franca do nosso amor a Deos : » e si isto é admittido, como sem duvida, provada está a necessidade do clero : — é incontestavel esta necessidade, não menos a sua sublimidade : — o clero é uma classe importantissima na sociedade, está muitas vezes nas suas mãos a exaltação e o abatimento de uma nação : — todas as vezes que desejamos saber o estado de um povo, agra-

(8) Não seremos nós quem contradiga a tolerancia religiosa ; mas seja qual fôr o respeito devido a essa liberdade, a nação não pôde ser muda espectadora dos varios cultos nella exercidos : — Si a cada homem é livre pensar como quer, não é razão para ser a nação meramente passiva, permitindo-se tudo, e nada ajudando. Não entramos na questão « — si é necessario que o Estado tenha uma religião » — mas é absurdo dizer que não deve exercer direito algum sobre os cultos nelle estabelecidos : — o Estado deve não ser meramente passivo — e si por longo habito professa pela maior parte certa religião, é-lhe devida mais protecção e animação, principalmente julgando-se que é mais propria que as outras á sustentação da paz e da ordem. O Estado deve não impedir o exercicio pacifico de cultos varios, e tem direito de intrometter, se quando algum delles reage contra os principios constitutivos da sociedade. Entendemos que o poder tem direito de impedir a manifestação religiosa externa, mas não deve usar d'elle senão no caso de exigencia da segurança : — em regra não sabemos em que possa prejudicar essa manifestação ; — a religião nasce da convicção — estou convencido da verdade da minha, tu da tua, seja reciproco o nosso respeito,

(9) Damos a esta palavra toda a sua extensão — é a reunião de todos os poderes,

da-nos examinar o procedimento do clero (10) — é elle para nós uma das pedras de toque: si o vemos desmoralizado ou decahido, choramos, porque nos parece que já a providencia tem o raio levantado, choramos antecipadamente, porque poucos recursos apparecem contra a peste que traz em si o germen de outra mais fecunda: si o vemos tranquillo e respeitavel ensinar com o exemplo a doutrina religiosa, o coração palpita alegre, porque apezar do mal presente, vê no horizonte a aurora que faz esperar o sol.

Quando o corpo ecclesiastico se prostitue, a nação se desmoralisa; o povo não perde completamente a sua crença, se os seus zeladores são dignos sustentaculos da Igreja; perde sempre a religião o povo, cujo clero em vez de esforçar-se por mantê-la pura é o modelo da impureza.

Si o sacerdote é máo, não sentimos forças para confiar-lhes os nossos segredos, o coração desfallece, o animo cahé inteiramente, um torpor — antes o maior indifferentismo religioso pôde acometer-nos diante daquelle que encarregado de ouvir nossas culpas, de aconselhar-nos, de nos punir ou absolver, vem ao lugar da penitencia com uma vida impura, *extra-regular*, com uma vida manchada pelos vicios que mais censuras chamão sobre o penitente, vergado sob o peso de acerba, merecida critica popular — antecedentes que lhe tirão o poder de exigir a confissão perfeita, a *auctoridade* para fulminar o culpado — sem força moral absolutamente nenhuma, antes dotado de um poderoso meio de repulsão: — um coração valente sente-se desmaiado perante um tal confessor, um coração de pouca firmeza treme e cahé talvez sem recurso para se levantar — (quem o levantará?!!) — só o coração de um verdadeiro justo, o coração de um Sancto entrará impavido para aquelle lugar sagrado, olhará para o confessor como para o vigario de Deos, não lhe importando a sua vida, attendendo só ao seu ministerio; — mas esses são os que menos precisão de um aconselhador, de um confessor (11): — e como na suprema hora olhará o homem para aquelle que cheio de lodo lhe falla em virtude — com uma vida desenfreada lhe quer abrir os olhos para a vida eterna — com as mãos infames consagra a hostia, e desconhecendo a Deos, no ultimo momento lhe brada aos ouvidos este sancto nome!...

E podemos lisongear-nos de estar o nosso clero livre desta censura!... Amargamos dizer que não (12), — mas é necessario dizê-lo: é necessario dizê-lo, porque con-

(10) Dizemos clero, porque importa-nos aqui particularmente a religião christã: quando a classe *sacerdotal* de qualquer religião não é pura, não respondemos pela moralidade do povo; vêde a classe sacerdotal coberta de vicios, mas hipocrita e reputada sancta pelo povo menos sabido, e vereis tambem esse povo supersticioso á vontade dos ministros da sua religião, vereis esses desgraçados commetterem as maiores atrocidades intimamente convencidos que cumprem uma obra meritoria — vereis Raivaillac e Jacques Clément.

(11) « Não os são, mas os enfermos necessitão de medico » (S. Luc., Cap. 5, v. 31) — « Eu não vim chamar á penitencia os justos, mas os peccadores » (v. 32).

(12) Toda a regra tem excepção, e felizmente temos muitas; mas fallamos na generalidade — não dizemos que todos os nossos padres são máos; — temos dignos ministros do Senhor, e estamos certos que serão esses os primeiros a tomarem a defesa da nossa assersão — ninguém mais do que elles deve lamentar que o seu sancto ministerio seja profanado pelos mesmos que o devem fazer respeitavel, e desejar uma reforma radical.

vêm desviar, como fôr possível, e quanto antes, a torrente caudal que tanto tem devastado, e tudo quer extinguir; — o dever religioso obriga-nos a esta franqueza — nenhuns receios humanos poderão fazer-nos calar, nem ainda disfarçar esta terrível verdade — é do interesse de todos pôr diques ao desenfreamento da immoralidade que lavra com uma força electrica extraordinaria. Os primeiros padres que houverão no Brasil erão dignos discipulos de Christo (13): prouvera a Deos que esses ministros de tão sancta religião não tivessem successores que os deshonrassem. Nobrega e mais que todos Anchieta devia estar sempre presente á sua lembrança — aquelle que, quanto cabe em forças humanas, é o typo do verdadeiro servidor de Deos, o fiel executor de seus mandamentos. Por certo que ha motivo para gemermos pensando no que se faz e no que se deve fazer: — os olhos abaixão-se por extrema vergonha, ouvindo nós em paiz estrangeiro dizer-se esta verdade, e tão manifesta verdade que não nos atreviamos á contrariedade: — vergonha! mil vezes vergonha!... — Não abrem pois esses desgraçados a Biblia, se quer uma vez por anno! Abramós nós esse livro, onde existem todas as verdades moraes, e só verdades: ahí estão os deveres do padre intelligiveis sem necessidade de interprete, ahí estão lançados ao lado do respeito que lhe é devido quando segue a doutrina que lhe compete espalhar.

IV.

« Brilhe a vossa luz (14) á vista dos homens: veção elles as nossas boas obras, e glorifiquem a nosso Pai que está nos céos: » tal era a força que dava Christo ao exemplo do sacerdote! — « Convém que abrace constantemente a palavra da fé (15), para que possa exortar segundo a sã doutrina, e convencer os que o contradizem. Sê tu (16) um exemplar de boas obras em tudo. Convém (17) que seja sem crime, como despenseiro que é de Deos.

Eis em poucas palavras a sanctidade e os deveres do estado sacerdotal — o mais respeitavel de todos — que faz curvar religiosamente a cabeça ao monarcha; o mais perigoso, quando calca aos pés as maximas do livro que deve ser seu pharol.

Quanto mais importante é o lugar que na sociedade occupa uma classe, mais rigorosas devem ser as suas leis, mais vigilantemente observadas — mais *exacta* deve ser a sua *polícia*.

Não nos compete a nós legislar sobre o clero: a Ep. 1.^a de S. Paulo a Thimotheo, C. 3, v. 10, diz bem determinadamente. « Seção antes provados, e exercitem o mi-

(13) Veja-se a nota antecedente.

(14) S. Math., Cap. 5, v. 16.

(15) S. Paulo — Ep. a Tito, C. 1, v. 9.

(16) C. 2, v. 7.

(17) C. 1, v. 7.

nisterio, sendo que não tenham crime algum: » — e no C. 5, v. 22. « A ninguém imponhas ligeiramente as mãos; não te faças participante dos peccados de outrem. » Não comprehendemos como se possa conferir o sacramento de ordem a um homem que, embora tenha já capacidade bastante para gerir os seus negocios, não tem ainda força para vencer as paixões fogosas da mocidade, — no tempo em que ainda não presenciou as desgraças do genero humano; — não comprehendemos como se possa administrar o sacramento de ordem sem precederem informações de toda a especie sobre a sua vida — entendemos que seja *provado* antes das primeiras ordens, e muito provado antes da ultima.

O sacerdote encarregado de explicar e pregar o Evangelho, deve ser homem de alguma instrução, e não como tantos que por ahi vemos completamente alheios á mais minima cultura de espirito — miseraveis que nem sequer sabem os primeiros rudimentos da grammatica latina, e difficilmente escrevem o seu nome por fórma intelligivel. Que confiança se pôde dar ao clero, quando tantos padres são assim?... A theologia para elles é cousa incomprehensivel; perguntai-lhe o que é moral, não vos saberão responder; a Biblia é livro que nunca possuirão, e talvez nem lerão: — e devemos agora admirar, se o povo não é o que deve ser? — Si a religião produz mil beneficios pela dignidade dos ministros da Igreja, pela sua indignidade produz todos aquelles desvios: — seja pois reformada — é pouca toda a vigilancia sobre aquelles que devem ter a peito o cuidado das nossas almas, sobre aquelles que tem os raios e as graças da religião, — que tem de obrigação ensinar-nos, para praticar o Evangelho e seguil-o servindo de modelo, de exemplo vivo.

Cumprido está o artigo no alcance que havíamos querido dar-lhe; mas fallando do clero, entendemos agora que não devemos deixar de parte a questão importante tantas vezes tratada do celibato: começaremos porém pelo celibato em geral, e nada diremos que offenda delicadezas, ainda mesmo as de opinião.

« O celibato é contrario ás leis da natureza, o que é claramente manifesto (Enc. franc.) pela differença dos sexos e dos seus instinctos; » estabelecendo o celibato (18) como virtude, para sermos logicos devemos dizer que o estado de casado não é de muita virtude — no que ha contradicção com os costumes de todos os povos, que tem olhado constantemente o casamento como nobre; e devemos olhar para as pessoas casadas como menos dignas de nosso respeito, pois que preferirão deixar o estado *nobre* de celibatario, ou não tiverão forças para manter-se n'essa posição: logo toda ligação sexual deve ser prohibida (moralmente) — pois que o perfeito celibato é a virtude (n'este ponto) levada ao seu auge, é o estado de perfeição ou o verdadeiro caminho para ella. D'aqui se segue impreterivelmente a extincção do genero humano, se Deos querendo conserva-lo, não proporcionar novos meios á sua continuação: mas « certamente Deos (Enc. franc.) creando dous sexos foi para que o seu instincto fosse utilizado » — e o *crescite et multiplicamini*

(18) Empregamos esta palavra nas suas varias significações de — celibato por profissão — celibato por ausencia de matrimonio — celibato de facto; — o sentido indicará claramente quando lhe damos uma ou outra destas significações.

tantas vezes por elle repetido aos seus escolhidos, não prova menos contra o celibato: — em uma palavra; — « sendo tal evidentemente (Enc. franc.) o fim do Creador, não se pôde sem o injuriar pretender illudir as suas disposições: » prescrever o celibato ao genero humano é prescrever-lhe o suicidio—e a nossa religião mesmo, a mais severa, a mais moral de todas faz do matrimonio um sacramento, signal do respeito que se lhe deve consagrar (19). Se Christo aconselha o celibato, não devemos achar n'este conselho um caracter *absoluto* de verdade; — proscree a mulher como proscree a intemperança e o luxo, proscree-a na qualidade de ligação material; Christo recommenda a castidade do corpo como simbolo da castidade da alma, porque o seu fim é livrar os homens do lado da terra, e fazer-lhes levantar os olhos ao céo

Por conseguinte só grande *interesse* poderia obrigar—nunca o genero humano—mas alguns individuos ou algumas classes ao celibato; — e aqui queremos fallar do clero.

Não estamos convencidos que a religião *ordena* o celibato: os primeiros padres casavão-se. « O bispo deve ser marido de uma mulher (20); — deve ter seus filhos em sujeição (21), com toda a honestidade; — igualmente convém (22) que suas mulheres sejam honestas; importa que seja sem crime (23) marido de uma mulher que tenha filhos fieis: — Eu não recebi nenhum preccito do Senhor, (24) dou-vos simplesmente um conselho.

Vemos que o Evang. não ordena o celibato, e S. Paulo simplesmente o aconselha: é pois permittido discutir levemente sobre o celibato do clero, é permittido não o reputar de *instituição divina*: — e si consultámos auctores posteriores á aquella época, vemos em Montesquieu Espr. das Leis, Liv. 23. « E' uma regra da natureza que quanto mais diminuto é o numero de casados, mais corruptos são esses poucos que se contrahem: » e antes d'elle S. Clemente de Alexandria — Stromates — « Aquelles por odio da carne fogem do casamento, ou por concupiscencia abusão d'elle, são impios e ignorantes: » mais modernamente Aimé-Martim com summa eloquencia repelle o celibato do clero como *anti-christão*, mas apella mais para o sentimentalismo, e emprega pouca philosophia, sendo um dos philosophos mais es-

(19) Reprovando o celibato, não defendemos a devassidão e a *licença*, nem somos inimigos da castidade. A sensualidade — que é puramente animal — não se dá com a dignidade do homem: — « temos tambem de commum com os animaes (Jouffroy Cat. de droit) comer, beber e dormir — mas si a sensualidade nos impelle tambem a estes actos, o dever da nossa conservação, por conseguinte a razão nos defende; mas naquella ligação material existe apenas o sensualismo, — unicamente o amor pôde fazer licita esta união; — e o caracter proprio deste amor não é evidentemente o voto de possuir exclusivamente a pessoa que se estima? — O amor não quer gozar, mas dar prazeres: — esta união como expressão da intimidade do amor é o apertar de mão no enthusiasmo da amizade: » — e não será o casamento o culto externo d'esse amor? Christo, chamando adúltero ao que lança olhar menos casto, não prohibe a ligação meramente sensual, e não santifica o casamento?

(20) S. Paulo a Tim., Ep. 1, C. 3, v. 2.

(21) V. 4.

(22) V. 11.

(23) Ep. a Tito, C. 1, v. 6.

(24) Ep. 1 aos Cor., C. 7, v. 25.

timaveis d'este tempo: — o sancto e sabio Arcebispo de Braga pugnou tambem contra o celibato do clero.

Todavia, apesar de todas estas auctoridades, julgámos de interesse social e de interesse religioso que o clero seja celibatario — senão todo, aquella parte que tem mais immediatamente o povo sob sua direcção espirital (25).

Como confiaremos os nossos segredos mais intimos e talvez vergonhosos a quem por duas caricias em um momento de fraqueza póde revelal-as? Ou será abolida a confissão (como acontece em todos os paizes, onde o casamento é permittido ao clero) — esse acto tão consolador e tão sancto; ou a maior parte não irá ao tribunal da penitencia pedir a absolvição de suas culpas; ou a confissão não será perfeita — o que ainda é peor (26).

Hoje que a corrupção domina tão geralmente (Chat. Gén. du Christ.) como poderá o padre cuidar da sua familia e da sua Igreja? « Celibatario poderá elle mais attentamente vigiar pela manutenção da religião, cujos principios não podem ser desprezados sem grave perturbação da tranquillidade e harmonia dos Estados: — como cuidará do rebanho que lhe é confiado, si tiver a braços uma familia a sustentar, a vigiar e defender, e cujos costumes podem tirar-lhe a força moral? — por que si a familia, si as pessoas com elle cobertas pelo mesmo tecto não forem bem procedidas, concebe-se muito bem que a sua voz perde grande parte de autoridade sobre o seu rebanho; — se não é capaz de dirigir tão poucas pessoas, e que tem duplicada obrigação de obedecer-lhe, como exigirá rigoroso cumprimento nos estranhos? » A familia o disputa ao mundo (27); com um pé no sanctuario e outro no seculo, fica dubio entre os interesses de Deos e os dos filhos; — preso pelos laços da paternidade, voará como Las Casas á conquista das almas em paizes longinquos? espalhará os cordeacs beneficios de S. Vicente de Paula pelos desgraçados que morrem sem socorro nos mil escondrijos da terra?... Em uma crise como olhará para os estranhos, si o interesse rigoroso e immediato chama-o primeiramente aos seus? como correrá ao lugar da peste a consolar o enfermo, e fallar em Deos ao muribundo?

A familia do padre deve ser todo o rebanho que lhe é confiado — é o genero hu-

(25) O que verdadeiramente quer dizer todo o clero: — porque a parte que não tem essa influencia directa, póde-a ter de um dia para outro — ou será privada de exercer esses trabalhos: — o padre deve estar apto para a todo o momento cumprir o ministerio de que possa ser encarregado: — os seus deveres são taes que impossibilitar-se voluntariamente de exercer este ou aquelle serviço proprio de seu estado, é um crime.

(26) Póde permittir-se o casamento ao clero porque é melhor que se casem do que serem desmoralizados, ou como diz S. Paulo — « melhor é casar-se que abrasar-se: » — mas esses não poderão exercer certos officios (veja-se a nota antecedente.)

Não faltamos do argumento contra o celibato tirado da população, que nos parece improprio aqui, ou fãria o artigo demasadamente longo: mas pensamos que esses poucos celibatarios pouco ou nada influem contra a população: — muito mais influe o celibatario por vicio, porque nem siquer nos dá uma compensação para equilibrar a balança: — não é a população numerosa que faz uma nação forte, mas a população bem dirigida — um Estado de grande população póde ser mais fraco que outro menos e muito menos povoado, si a moral estiver destruida, si a propriedade não fôr sufficiente, si as leis forem más ou não inexecutadas, &c., &c.

(27) Brifaut citado por VIII. Barmegont na sua E'con. polit. chrét.

mano. Citamos ainda Brifaut pela cit. de Bargem. — « Na cidade de Auch rebentou um vasto incendio; M. d'Apchon sabendo deste acontecimento corre ao theatro do desastre — chega, e vê no andar mais alto da casa uma pobre mulher á janella suspendendo em seus braços o berço de seu filho, e implorando a piedade publica, não por ella, mas por essa fraca creatura prestes a ser devorada pelo fogo: o pastor percebe a consternação e o susto pintado em todos os semblantes;—em pé, immovel, olhando tristemente para essa scena de destruição estava um homem do povo no rigor da idade ao lado do prelado que lhe diz *«dou-te cincoenta luizes e sobe»*— e encosta uma escada á parede quasi a desabar e proxima a ser cercada pelo fogo— *« Senhor, sou pai, meus filhos necessitão de mim »* — *« Eu sou christão, exponho-me pelos meus semelhantes: »* — o intrepido pastor sobe por entre o fogo, salva a mãe e o filho, e desce triumphante coberto pelas benções de todo o povo. »

Estes e outros factos são mais eloquentes que todas as palavras, são fortes contra todo raciocinio.

Dai ao sacerdote mulher e filhos, e o seu circulo terá novo centro;—não lhe será dado considerar o genero humano face a face, porque o reclama um intermedio poderoso: Jesus Christo não querendo lançar os olhos ao leito nupcial nas bodas de Canaan é o verdadeiro typo do celibatario; — não é elle o modelo do sacerdote?

Seja a humanidade a sua legítima, a sua verdadeira e unica esposa—com ella toda a sua ligação puramente espirital; — sejam as suas boas obras os seus vestigios na terra, — vasta descendencia lhe fica em todos os que por elle forão chamados ao bem — nos famintos que sustentou — nos captivos que por sua caridade ou por seu intermedio virão luzir a liberdade— nos tristes que consolou—nos desgraçados que livrou das angustias da dôr, e arrancou das garras de morte cruel—nas virgens que salvou de misera quêda; — lagrimas puras correrão dos olhos de todos esses filhos muito amados—prostrar-se-hão com respeito ante o seu leito de morte a receberem a absolvição querida e de esperanza — beijaráõ com amor de anjos a pedra do seu tumulo sancto — será acompanhado pelas benções de todo o povo— tributo eterno de saudade o fará vivo nos corações de todos os bons (28).

X. DE M.

(28) Aqui terminamos o Artigo; e protestamos desde já contra qualquer mão sentido que se queira dar ás nossas palavras.

MATHEMATICA

RESOLUÇÃO DAS EQUAÇÕES NUMERICAS.

Debaixo deste titulo lê-se no *Guanabara* n.º 5, um artigo do Sr. Dr. Joaquim Gomes de Souza, tendo por fim expor um methodo de separação das raizes reaes de uma equação numerica, isto é, um methodo de achar, para cada uma das raizes reaes de uma equação numerica, dous numeros entre os quaes ella esteja comprehendida. O Sr. Dr. Souza considera o seu methodo como um aperfeiçoamento de outro dado por Lagrange, e muito simples, muito expedito, e de reconhecida utilidade para os Engenheiros praticos, e Alumnos da Escola Militar. Como Official do Imperial Corpo de Engenheiros, e Professor da Escola Militar, onde por alguns annos regemos a cadeira de Analyse, entendemos dever discutir o methodo do nosso collega o Sr. Dr. Souza; e da discussão a que procedemos, concluimos que a formula, que constitue o methodo do nosso collega, exige grande numero de seculos para a separação das raizes de equações simples, operação que pelos methodos conhecidos pôde ser effectuada em alguns minutos. Exporemos a marcha que seguimos na discussao do methodo do Sr. Dr. Souza, começando, como elle tambem o fez, pela exposição resumida do methodo de Lagrange.

Seja

$$x^m - Ax^{m-1} + Bx^{m-2} - Cx^{m-3} + \&c = a \quad (A)$$

a equação cujas raizes pretendemos separar. Se em lugar de x se substitue $x+u$, obter-se-ha

$$Y + Zu + Vu^2 + \&c. + u^{m-1} = 0 \quad (B)$$

na qual se tem

$$Y = mx^{m-1} - (m-1) Ax^{m-2} + (m-2) Bx^{m-3} - \&c.$$

$$Z = \frac{m(m-1)}{2} x^{m-2} - \frac{(m-1)(m-2)}{2} Ax^{m-3} + \&c.$$

$$V = \frac{m(m-1)(m-2)}{2 \cdot 3} x^{m-3} - \&c.$$

&c.

e cujas raizes representão as diferenças entre uma raiz qualquer da equação proposta e todas as outras. Se se faz $u = \frac{1}{i}$, obter-se-ha

$$i^{m-1} + \frac{z}{Y} i^{m-2} + \frac{v}{Y} i^{m-3} + \&c. + \frac{1}{Y} = 0 \quad (C)$$

Representando por S o polynomio

$$x^{m-1} + ax^{m-2} + bx^{m-3} + cx^{m-4} + \&c.$$

no qual os $m-1$ coefficients a, b, c, &c. são arbitrarios, e multiplicando-o pela expressão de Y, ter-se-ha

$$SY = (x^{m-1} + ax^{m-2} + bx^{m-3} + \&c.) (mx^{m-1} - (m-1)Ax^{m-2} + \&c.)$$

O segundo membro desta equação tornar-se-ha um polynomio do grão $m-1$ sc, effectuada a multiplicação, se eliminão, com auxilio da equação (A), as potencias de x superiores á desse grão. Ora, se se igualão a zero os coefficients das potencias de x desde a potencia do grão $m-1$ até a do primeiro grão, resultarão $m-1$ equações do primeiro grão entre a, b, c, &c, que servirão para determinar estas quantidades; e representando por K o termo independente de x, ter-se-ha

$$SY = K$$

Em virtude desta relação a equação (C) tornar-se-ha

$$i^{m-1} + \frac{zs}{K} i^{m-2} + \frac{vs}{K} i^{m-3} + \&c. + \frac{s}{K} = 0 \quad (D)$$

de cujos coefficients se poderão eliminar com auxilio da equação (A) as potencias de x superiores á do grão $m-1$.

Sejão p e q os limites inferior e superior das raizes positivas da equação (A), isto é, p um numero menor do que a menor destas raizes, e q um numero maior do que a maior das mesmas raizes; e sejão p' e q' os valores numericos dos limites inferior e superior das raizes negativas da mesma equação (A), isto é, p' um numero menor do que o valor numerico da raiz negativa mais proxima de zero, e q' um numero maior do que o valor numerico da raiz negativa mais distante de zero. Se em lugar de x se substitue p nos termos positivos e q nos termos negativos dos coefficients $\frac{zs}{K}$, $\frac{vs}{K}$, &c., da equação (D), e se faz a redução para cada coefficiente; e se nos mesmos coefficients se muda x em $-x$, e se substitue p' nos termos positivos e q' nos negativos, e se faz a redução; o maior resultado negativo que se obtiver dará, tomado positivamente, e augmentado da unidade, um limite superior das raizes da equação (D), tanto das positivas, como das negativas, tomadas estas positivamente. Representando por L este limite, $\frac{1}{L}$ será um limite inferior das raizes da equação (B), e por conseguinte um numero menor do que a menor differença das raizes da equação (A). O conhecimento de um tal limite constitue a parte mais importante da separação das raizes. Eis em resumo o methodo de Lagrange.

O Sr. Dr. Souza, observando que Lagrange, para achar o limite inferior das raizes da equação (B), obteve primeiro a equação (C), de que procurou

o limite superior depois de a ter transformado na equação (D), que não contém a incognita x nos denominadores, diz que vai procurar directamente o limite inferior das raizes da equação (B), e que isto é muito mais simples, e independente do gráo da equação proposta, o que não acontece no methodo de Lagrange. Com este fim, toma a formula conhecida

$$l = \frac{Y}{Y+R} \quad (E)$$

na qual l representa o limite inferior, Y o ultimo termo da equação, e R o maior coefficiente de signal contrario ao signal de Y , sendo ambas estas quantidades tomadas positivamente; e passa a determinar R e Y .

Para a determinação de R , o nosso collega toma em seu lugar o maior dos coefficientes da equação (B), porque não tem meio de conhecer o signal de Y . Resultão d'aquí dous inconvenientes. O primeiro consiste em que, dando a R maior valor do que o que devêra ter, diminue-se a fracção $\frac{Y}{Y+R}$, e o limite l fica assim menos proximo das raizes da equação (B), o que, para a separação das raizes de (A), augmenta o numero das substituições. E o segundo resulta de que o calculo para achar o maior dos coefficientes da equação (B) é mais extenso do que aquelle que seria preciso fazer para achar o maior dos coefficientes de signal contrario ao signal de Y .

Quanto á determinação de Y , figura o nosso collega duas hypotheses: uma de Y maior do que a unidade, e a outra de Y qualquer, isto é, maior ou menor do que a unidade. No primeiro caso, depois de varias hypotheses e transformações, chega elle á equação

$$l = \frac{1}{1+R} \quad (F)$$

Em verdade, na hypothese de Y maior do que a unidade, a expressão $\frac{1}{1+R}$ é menor do que $\frac{Y}{Y+R}$, e pôde por isso considerar-se como um limite inferior, bem que menos aproximado do que $\frac{Y}{Y+R}$. Mas parece que, para chegar a esse resultado, nenhum trabalho de imaginação se tornava necessario, por quanto, sendo Y maior do que a unidade, a fracção $\frac{Y}{Y+R}$ ou $\frac{1}{1+\frac{R}{Y}}$ é visivelmente maior do que $\frac{1}{1+R}$. A expressão $\frac{1}{1+R}$, podendo ser muito menor do que $\frac{Y}{Y+R}$, agrava o inconveniente já ponderado de afastar das raizes da equação (B) o limite l , augmentando assim o numero de substituições para a separação das raizes de (A). Mas, deixando de parte este incon-

veniente, pôde-se perguntar como é que se conhecerá ser Y maior do que a unidade. Ter-se-ha este conhecimento por meio das raizes da equação proposta? Mas parece que isto constitue uma petição de principios, e a formula (F) só poderá ser empregada quando o seu emprego não for necessario. Até aqui, por tanto, o methodo do nosso collega não pôde prestar-se á separação das raizes.

No caso de Y qualquer, o nosso collega, proseguindo nas hypotheses e transformações, chega á equação

$$1 = \frac{Y}{(Y+1) \frac{Y+R+1}{+R}} \quad (G)$$

e assevera que nesta equação Y já não representa o ultimo termo da equação (B), porém um numero qualquer maior. Ora, na equação (E), isto é, na

equação $1 = \frac{Y}{Y+R}$, pôde tomar-se em lugar de Y um numero menor do que o ultimo termo da equação (B), mas não um numero maior. Com effeito, em

lugar da expressão $\frac{Y}{Y+R}$ pôde tomar-se outra de menor valor, mas não de maior, porquanto no primeiro destes dous casos ella ainda daria um limite inferior das raizes, o que não poderia dizer-se no segundo. Mas augmentando-se ou diminuindo-se o valor de Y , augmenta-se ou diminue-se o da expressão

$$\frac{Y}{Y+R}, \text{ como se vê pondo-a debaixo da fórma } \frac{1}{1 + \frac{R}{Y}}. \text{ Logo na equação (E) } Y$$

não pôde ter um valor maior do que o que lhe é assignado pelo ultimo termo da equação (B), como mesmo o Sr. Dr. Souza havia observado. Se pois na equação (E) Y não pôde ser maior do que o ultimo termo do equação (B), como é que pôde sê-lo na equação (G)? O que é que pôde fazer mudar a natureza de Y ? O nosso collega, coherente com o que asseverára, substitue em lugar de Y o maior coefficiente R da equação (B), e tem por esse modo a equação

$$1 = \frac{R}{(R+1) \frac{2R+1}{+R}} \quad (H)$$

E' esta equação que constitue o methodo do Sr. Dr. Souza. Entre tanto, a expressão de 1 , permita o nosso collega que o digamos, não pôde considerar-se como a de um limite inferior das raizes da equação (B): ella dará em uns casos valores maiores, e em outros menores do que os do limite expresso pela formula (E), como o farião muitas outras expressões. Os primeiros valores não são admissiveis, e os segundos exigirão ordinariamente, por sua pequenez, espaços

de tempo tão grandes, para a separação das raizes da equação proposta, que a operação desta separação não se fará praticavel. Já observamos que se não pôde justificar a substituição de Y por R; apresentaremos agora alguns exemplos numericos, porque os resultados desta natureza são certamente menos impugnaveis.

Supponha-se que na equação (B) fosse $R=1$, e $Y=\frac{1}{10}$; a formula (E) daria $l=\frac{1}{11}$. Ora, em lugar de $\frac{1}{11}$ pôde tomar-se um numero menor, mas não um numero maior; entre tanto, a formula (H) do nosso collega dá $l=\frac{1}{9}$, e $\frac{1}{9}$ é visivelmente maior do que $\frac{1}{11}$. Preferimos este exemplo, entre os que no mesmo sentido se podem apresentar, por ser elle da maior simplicidade.

Seja em lugar da equação (A), a equação

$$x^3 - 7x + 7 = 0 \tag{1}$$

cujas raizes nos propomos separar. Esta equação é muito simples, e muito conhecida; o nosso collega tambem a considerou. Para ter-se a equação correspondente à equação (B), substitua-se $x+u$ em lugar de x na equação (1), e obter-se-ha

$$3x^2 - 7 + 3xu + u^2 = 0 \tag{2}$$

para a qual se tem

$$Y = 3x^2 - 7, \text{ e } Z = 3x.$$

Segundo o processo de Newton, os limites inferior e superior das raizes positivas da equação (1), em numeros inteiros, são 1 e 2; e pela substituição successiva destes numeros nas expressões de Y e de Z, obter-se-ha $R=6$. Tanto este valor de R como os limites 1 e 2 forão tambem adoptados pelo Sr. Dr. Souza. Fazendo pois na formula (H) $R=6$, obter-se-ha

$$l = \frac{6}{(7)^{13} + 6} = \frac{1}{16.000.000.000} \text{ proximamente.}$$

A fórma da equação (1) indica que das tres raizes da mesma equação, duas são positivas e uma negativa. Ora, se, por algum dos methodos conhecidos, não tivéssemos separado as duas raizes positivas, e quizessemos fazel-o pela formula do Sr. Dr. Souza, conviria, visto que os limites das mesmas raizes são os numeros 1 e 2, que nos dispuzessemos para fazer até 16.000.000.000 de substituições, isto é, para substituir em lugar de x na equação (1) até 16.000.000.000 de termos da serie

$$1, 1 + \frac{1}{16.000.000.000}, 1 + \frac{2}{16.000.000.000}, 1 + \frac{3}{16.000.000.000}, \text{ \&c.}$$

ou em alguma transformada da equação (1), 16.000.000.000 de termos de uma outra serie. Na hypothese de se fazerem 100 substituições por dia, os 16.000.000.000 de substituições exigirião um periodo de perto de 4.400 seculos. Entretanto, como se sabe pelos methodos seguidos que as duas raizes positivas da equação (1) ficão comprehendidas, uma entre $\frac{4}{3}$ e $\frac{5}{3}$, e a outra entre $\frac{5}{3}$ e $\frac{6}{3}$, conhece-se

previamente que, fazendo uso da formula do Sr. Dr. Souza, não teriamos de effectuar os 16.000.000.000 de substituições; mas, como a menor das duas raizes é maior do que 1,35, não effectuariamos menos de 5.600.000.000 de substituições, que, na hypothese de 100 por dia, correspondem ainda a um periodo maior de 1.500 seculos. Pelos methodos conhecidos um estudante de analyse faz em alguns minutos a separação das raizes da equação (1)!

Note-se que só temos considerado as duas raizes positivas da equação (1); se tambem quizessemos tratar pelo methodo do nosso collega a raiz negativa da mesma equação, raiz que, como se sabe, cahe ente — 3 e — 4, a difficuldade, para não dizer impossibilidade, ainda seria maior.

Em summa, quando R for 5, ou um numero maior do que 5, o que será muito commum, o methodo do Sr. Dr. Souza exigirá milhares de annos para a separação das raizes. Nos casos em que R for igual a 10, a formula (H) dará

$$l = \frac{10}{(11)^{21} + 10} = \frac{1}{740.000.000.000.000.000} \text{ proxicamente,}$$

resultado que, mesmo admitindo que se faça um milhão de substituições por dia, exigirá para a separação das raizes da equação proposta um periodo de mais de vinte mil milhões de seculos para cada unidade da differença dos limites das raizes!!

Creemos, á vista do exposto, que o nosso collega convirá em que o seu methodo não é muito expedito, nem de muita utilidade para os Engenheiros praticos, e Alumnos da Escola Militar; e, concluindo, lhe pedimos permissão para fazer uma observação, e vem a ser: que em assumpto de resolução de equações não é muito facil achar Lagrange em defeito. (*)

J. J. de Oliveira.

(*) Communicando nós ao Sr. Dr. Souza que teriamos de publicar esta breve analyse, disse-nos o nosso collega que a segunda parte do seu methodo, a que consiste na equação (H), achava-se prejudicada por uma omissão commettida no seo calculo, e que uma declaração seria publicada neste sentido. Mas, como tambem não adoptamos a primeira parte do methodo do nosso collega, o que consiste na formula (F), e demais, podendo entender-se pela declaração do nosso collega que, feita a correção dessa omissão, o seu methodo subsistiria com a utilidade que lhe fôra attribuida, entendemos que, por amor da sciencia, isso nos não devia demover daquelle proposito.

RECTIFICAÇÃO

no artigo de mathematica que se lê no nosso n.º 5.

No nosso numero antecedente publicamos um artigo do nosso distincto collaborador o Sr. Dr. Joaquim Gomes de Souza. Os nossos compositores, pouco affeitos a trabalhos d'esta natureza, não poderão, como necessariamente devia acontecer, deixar de commetter alguns erros, e alguns d'elles capitaes, contra que o mesmo Sr. Dr. Souza reclamou poucos dias depois do apparecimento d'aquelle nosso numero. As difficuldades com que desde o seu principio luta a nossa empresa, demorando por largo tempo o 6.º n.º da nossa Revista, fez com que não podessemos mais cedo apresentar ao publico a rectificação de que tratamos, e que agora transcrevemos tal qual nos foi então communicada.

No numero precedente d'esta Revista nós publicamos um artigo sobre mathematicas, no qual se introduzio na redacção uma falta.

Procurando simplificar as duas expressões (pag. 188).

$$Y \left((y+1)^x + ax (y+1)^{x-1} + \&c. \right) + RY, (y+1)^x (y+a) + RY + Ra$$

para chegar a desigualdade designada por (K), esquecemo-nos do factor Y; d'onde se segue que esta desigualdade sómente subsiste em quanto Y for maior que a unidade. N'este caso a formula final a que chegamos é exacta, porém como já se tem a formula (Y) para este caso, o leitor póde fazer abstracção de tudo que se acha desde — Consideremos agora &c. (pag. 188 lin. 9), até o fim. Como Y deve ser maior que a unidade, deve-se, quando se tem uma equação qualquer a resolver, transforma-la de modo que isto assim aconteça. Não indicaremos os erros de imprensa que se achão na parte que supprimimos: os principaes que se achão na outra são:

Pag. 183 lin. 6 — penso — penoso. Depois d'esta palavra — accrescente-se: — Não acontece o mesmo com o problema da separação.

Em lugar do que se acha na pag. 188, desde a palavra — Tomemos, até — Acha-se — substitua-se pelo seguinte: — ou, pondo em lugar de Y+a o seu valor R, e dividindo todos os seus termos por essa quantidade

$$1 = \frac{1}{1+R}$$

Tomemos por exemplo a equação

$$x^3 - 7x + 7 = 0$$

tratada por Lagrange.

A equação (B) dá, n'este caso particular

$$3x^2 - 7 + 3xu + u^2$$

GUANABARA.

Com o numero que agora apresentamos completa-se o primeiro semestre da nossa revista. Pedimos aos nossos assignantes nos desculpem a demora que tem tido, ainda que involuntaria e toda filha das circumstancias.

As difficuldades de uma empresa litteraria no Rio de Janeiro está mais que muito provada pela quantidade de publicações que rapidamente se succedem; si essa successão de alguma fórma revêla o amor que entre nós parece que já se vai tendo ás letras, por outro lado o seu desaparecimento como que instantaneo demonstra que a possibilidade da sua existencia não está na razão da vontade nem dos esforços dos que o comprehendem. As causas deste facto, mais ou menos conhecidas por todos, só pôdem ser bem apreciadas por aquelles que lutão com os embaraços de tentativas semelhantes, principalmente quando ellas, saindo algum tanto das dimensões ordinarias, exigem sacrificios quotidianos de tempo, de trabalhos, de intelligencia e de recursos pecuniarios.

Para progredirmos na nossa tarefa, contavamos com o auxilio dos engenhos do nosso paiz, que nos faltou quasi inteiramente: não obstante, forçados a prescindir desses recursos, que bastarião para dar relevo á nossa associação, o nosso periodico principiou e continuou regularmente, até que a epidemia do começo deste anno, obrigando-nos a ter por algum tempo fechada a nossa officina, os desgostos e incommodos dos principaes directores, obrigando-os a retirarem-se da côrte, fizeram retardar o 5.º n.º, e ainda mais o que agora publicamos.

Compromettidos para com o publico, era do nosso dever dar este este 6.º n.º com o frontespicio e prospecto que lhe promettemos, e desde então teriamos abandonado a sua publicação, restituindo o excedente de poucas assignaturas annuaes que obtivemos, se algum dos nossos amigos, se algum dos nossos assignantes (principalmente dos de fóra da côrte) não insistissem connosco para que não desacoçoassemos tão cedo de uma obra, que os interessa.

Continuamos pois, e talvez debaixo de melhores auspicios: um dos mais activos e dos melhores typographos do Rio, incumbindo-se de toda parte material, promette aos nossos assignantes a pontualidade na extracção e entrega da folha. Se o desejo de ser util, se a boa vontade fossem garantia bastante para a estabilidade de um periodico, poderiamos asseverar que nenhum outro seria mais duradouro; mas publicações desta ordem demandão grandes despezas; e se continuamos, é tão sómente por gratidão para com aquelles nossos amigos, mas com a certesa que o resultado, que haveremos dos nossos esforços, serão os despendios, que não será possivel deixar-se de fazer, e o trabalho que, como até agora, continuará a pezar quasi exclusivamente sobre nós.

« ULTIMOS CANTOS. » Acha-se no prélo e sahirá por todo o mez de Dezembro um volume de poesias do nosso collaborador, A. Gonçalves Dias. Terá o mesmo formato que qualquer dos seus volumes anteriores, contendo cerca de trezentas paginas de impressão.

— Algum movimento litterario tem tido lugar nas provincias, de que só agora temos occasião de tratar. Em Maranhão o Sr. Dr. Frederico José Correia publicou um volume de poesias com o titulo de *Inspirações Poeticas*, seguido de um poema a *Duqueza de Bragança*, de que já se occupou o « Mercantil » desta côrte. Na Bahia, o Sr. Dr. Abreu, auctor da Tersina, publicou outro poema intitulado — *Palmyra*. — Distinguem-se entre as publicações periodicas os « Cantos Brasileiros, » da Bahia e o « Académico » de Olinda, sendo o primeiro uma collecção de poesias lyricas e o segundo uma publicação litteraria e scientifica.

2º Sem.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES.

✓ Cinco mezes são já passados, depois que demos á luz aquelle numero do *Guanabara*, que veio completar o seu primeiro semestre: tão longo recolhimento pareceo talvez a muitos signal evidente de morte; agora porém que, contra a espectativa desses, reaparece o nosso jornal para continuar sua vida regular e periodica; devemos antes de tudo uma satisfação aos nossos assignantes.

Duas causas contribuiram principalmente para perturbar a regularidade desta publicação. O flagello terrivel que pesou sobre o Rio de Janeiro no anno de 1850, produziu consequencias que deviam influir e effectivamente influiram no animo de muitos, ainda além da época, em que elle, graças á divina providencia, se foi pouco a pouco affastando da cidade, que cobrira de lucto: dos redactores do *Guanabara* dous foram em si mesmos feridos pelo mal; um desses vio prolongarem-se os seus soffrimentos por mais de seis mezes; e aquelle dos tres, a quem não chegou o germen da peste, foi no entretanto a mais lamentavel das victimas, porque teve de chorar a perda do objecto, que mais presava no mundo: não é pois estranhavel, que aquella calamidade publica tivesse o poder de crear estorvos á marcha regular do nosso periodico. Esta foi a primeira causa.

A outra esconde-se nos mil cuidados, dos quaes depende essencialmente a vida material de um jornal: é preciso ter sido redactor e ao mesmo tempo director de publicações deste genero para sentir e comprehender esses incommodos, que antecedentemente não se adivinham, mas que vem depois a experiencia demonstrar quanto tempo roubam, e quantas fadigas custam! poupamos á paciencia de nossos leitores a enumeração de uma infinidade de pequenos deveres, que parecem importar pouco, e que pelo contrario pesam muito: felizmente achamo-nos tambem livres dessa segunda causa que por vezes embarçou o apparecimento do nosso jornal nas épocas determinadas.

O Snr. *Francisco de Paula Brito*, a quem de hoje por diante devem se dirigir os nossos assignantes para qualquer reclamação, que tenham de fazer, se acha encarregado de tudo quanto diz respeito á parte material do *Guanabara*: o publico, que não pôde desconhecer a solicitude e a pericia com que o Snr. *Paula Brito* costuma desempenhar semelhantes encargos, verá sem duvida, na tarefa de que elle se incumbio, ainda uma garantia da futura regularidade deste periodico.

Temos pois que, pelo lado material promette o *Guanabara* algum melhoramento aos seus leitores; e nutrimos a esperanza de que offerecerá outras provas de progressivo aperfeiçoamento no correr do semestre, que com este numero encetamos.

E' certo que o nosso excellente companheiro o Snr. A. Gonçalves Dias se acha longe da côrte, e visitando provincias do norte, encarregado pelo governo de S. M. I. de uma commissão tão difficil, como honrosa; mas nem por isso ficarão os assignantes do *Guanabara* privados das bellas produções do nosso distincto poeta; pois que elle continua, como d'antes, a ser um dos directores deste jornal, para cujas paginas enviará boa copia de artigos, donde quer que esteja.

Se pois não nos priva a distancia do valioso concurso do nosso illustrado collega; por outra parte contamos com um novo e poderoso auxilio litterario.

Alguns compatriotas nossos, recommendaveis por seu saber, e aturados estudos reuniram-se no anno que passou, e organisaram uma associação, que sob o titulo de VELOSIANA (titulo que recorda um nome glorioso para nossa patria) se destina a pesquisas e estudos da Historia Natural do Brasil: a essa respeitavel e fructuosa sociedade devemos nós a honra de permittir-nos

a publicação de muitos de seus trabalhos e descobertas nesse importante ramo dos conhecimentos humanos: como porém a alguns de nossos assignantes, que se não tem dado ao estudo de taes materias, será de pouco interesse a leitura d'esses artigos scientificos; damos ao *Guanabara* um augmento de oito paginas, que ficam exclusivamente reservadas para a inserção dos brilhantes trabalhos da VELOSIANA.

O *Guanabara* continua por tanto a sua vida jornalística: seus fins, suas tendencias continuam sempre os mesmos: suas paginas se acham como até aquí abertas, e promptas para receber e publicar as produções litterarias de todos aquelles, que quizerem com nosco concorrer para o cultivo das letras brasileiras.

Não nos illudamos; mas tambem cumpre não esmorecer: quiçá não colheremos os fructos da arvore, que estamos cultivando: peor do que a nossa foi a sorte d'aquelles que escreveram no passado; a terra era então mais estéril ainda, e a planta murchava logo ao desabrochar: hoje ao menos já a vemos reverdescente e bella, já adevinhamos flores que se desabotoam; os fructos hão de vir, por Deos o cremos, e se os não colhermos nós, colhel-os-hão nossos filhos, que sem duvida exclamarão agradecidos:—abençoados sejam aquelles que plantam para os vindouros!



O TORNEIO.

(FRAGMENTO DE UM POEMA).

De brilhante ouropel, de myrtho erotico
 Juncada a liça estava; um lago d'ouro
 Vestia o sol n'arena, circundada
 D'inquieta multidão. Tudo está prompto.
 Formiga o povo no ascendente estrado
 Que a estacada limita; ondeam, brilham
 Plumosos gorros e toucados aureos;
 Nas galas cortezãs rutila a pompa;
 Murmura a impaciência; ávidos olhos
 Alegres circumvoam; cresce o tempo
 Às sófregas donzellas: rompe a orchestra!

Em tudesco frisão encastoado
 D'armas luzentes, de gualdrapas d'ouro,
 Garboso Passavante entra na liça:
 Borneia a lança, e circundando acata
 Os festivos broqueis, engrinaldados,
 Que em longos postes a estacada adornam;
 Proclama em alta voz dos lidadores
 O nome, a fama, e as avítas glorias.
 Fremem no ar as clangorosas tubas,
 Brada o Arauto, descobrindo a fronte:
 —*Viva El-Rei e a Rainha de Granada;*
A ferro e aço aqui se vende ou compra,
O' nobres cavalleiros, a proeza!—
 Da tribuna real os veos se rasgam;
 Estrondam vivas: como a onda em rolos
 Reboando n'um antro, o povo applaude,
 E ledo victoria a seus senhores.

Granisam sobre a arena cofres d'ouro
 Do regio camarim o Rei e a Côrte;
 No ar adejam tremulantes lenços;
 Espontaneo sorriso no semblante
 Das matronas, do povo borborinha,
 Qual longinquo trovão: reina o deleite.
 Só nos peitos que amor perturba, inflamma,
 Surdos echos abalam dubios votos,
 Que a esperança entre azar e gloria augura.

Dá signal Isabel; á voz dos hymnos,
 Trezentos alfarazes se enfileiram
 Com mourisco primor ajaezados;
 Cróceo turbante a abassanada fronte
 E o senho ensoberbece, cujas vistas
 De sangue e bilis a pujança orlara;
 Pende-lhe ao flanco, da purpurea charpa,
 O damasquino alfange, e sobre os peitos
 Tauxiada couraça esplende, ampara
 O rubro capelhar, todo adornado
 De trepas d'ouro de martelo, e perolas;
 Curvas adargas, emblemando amores,
 O luzido esquadrão abraça, e brande
 Floridas lanças na manopla intrepida.

Nitrindo de calor, raça da Libya,
 De vinte e seis corseis segue um estado:
 Nas pandas grupas com dedaleo esmero
 Dos finados Kalifas vão as armas,
 Que nos muros de Alhambra apregoavam
 Do Crisso á Veiga a peripécia immensa.
 Nos opímos despojos, nos tropheos
 De luzentes broqueis, festivas armas,
 Nos emblemas de amor, que outr'ora em liças
 Tanto brilho e valor glorias colheram,
 Fita os olhos Daraxa, e sente n'alma
 Inturvado bulcão trazer-lhe a morte:
 Cruel vergonha resuscita as eras,
 Que já foram tão bellas, que não voltam;
 E a lagrima incendida do remorso
 Na face a escravidão lhe tisa e ferra.
 Peja-se Musa de viver, e a dextra
 Encostando ao punhal para finir-se,
 Semi-morta cahio:— christão já era!

Alheia ao sacro mytho a plebe indocil
 Não decifra do amor as meigas phrases,
 Que o passado esculpira ardendo em votos:
 Varados corações por debeis flechas,
 Naves vogando á radiante estrella,
 Debil rola vencendo uma aguia altiva,
 Fachos ardentes roborando um lyrio,
 Grilhões dourados, mil divisas bellas,
 Pensamentos gentis, doces effluvios
 D'encandecidos peitos, que a esperança
 Delirante infundira n'esses tempos
 De Granada e de amor, de patria e gloria.
 C'um formoso sorrir a scena esmalta
 Dos pagens juvenis o rosto amavel,
 E o garbo na cadencia e na destreza,
 No doce refrear dos palafrens.

O ar enegrecendo, compassado,
 Qual montanha ambulante, invade a arena
 Amestrado elephante; treme o solo
 Ante os passos tardios de seus membros,
 Que troncos seculares assemelham:
 Pelas fauces eburneas trovejando,
 Ronca o monstro tres vezes, concutindo
 Em Granada e na Veiga o dessocego:
 Converso o ar em medo abafa o móto
 Da turba buliçosa, os necios se erguem
 E ao chão se cosem d'improviso salto;
 Sereno avança o monstro, a fronte inclina
 Em frente de Isabel, dobra o joelho,
 Alça a tromba recurva, o lhe offerece
 A c'roa opíma e a captiva espada
 Do profugo Boabdil, que as selvas guardam.
 Ajujados camellos o acompanham,
 Cobrem-lhe o dorso granadis alfaias;
 Como escravos rojados á catasta,
 Finda o triumpho cabisbaixo grupo
 D'essas tribus rivaes de amor e gloria.

Do torneio o signal dão as trombetas.

Entram na liça os lidadores fervidos:
 Como vespero sol, que em golpho languido
 Salpica as ondas, no espelhado disco

De ferventes luzeiros : taes resplendem
 No ar as lanças, e os broqueis, e os elmos
 Das justadoras hostes, que refream
 Dos briosos ginetes o transporte
 E o convulsivo ardor ante o combate.

Divide o campo e o sol perito Arauto,
 Que hade os golpes julgar, julgar proezas,
 No festivo certame: alas fronteiras
 Os Noveis luzidios, e os Provectos
 Na arena formam, emulando em garbo.
 Relincham de alegria, a terra escarvam
 Os mavorcios cavallos; ferve em torno
 Alegre borborinho; exulta o povo!
 Nas arestas do abysmo da incerteza
 Roça a esperança em agonia occulta
 Das donzellas gentis o seio timido,
 Que nas pontas das lanças aventuram
 De sua formosura a gloria e fama.

Meiga, Isabel a Dom Martim de Burgos
 Entrega a regia lança, em cujo engasto
 Nivea charpa enlaçara, que ao combate
 Do real camarim presida e mando:
 Ao seu regio acenar rompem-se lanças,
 Ao seu regio acenar pára o combate.

Cercam as turmas brasonados pagens,
 Listrados escudeiros, empunhando
 Precautas lanças, que no ardor da pugna
 A seus nobres Senhores favoreçam,
 Se um revez desarmal-os. Soa a trompa,
 Respondem anafis e charamelas;
 Dá signal Dom Martim, fluctua o povo:
 No reste fixam com denodo os guantes
 O pesado reconto, e dando as rédeas
 Remettem-se com impeto medonho.
 Treme a terra ao rufar das ferreas patas,
 E a luz fuzila nas polidas armas:
 As lanças se emmaranham, batem, quebram,
 E o cavo som das armas restrugindo,
 Broquel contra broquel, peito com peito,
 Simula a voz do raio em selva druidica,
 Fendendo troncos que no bojo encerram

Os annaes do universo ! Desmontados,
 Poentos lidadores no chão rolam
 Os brilhantes arnezes, capacetes,
 Ao som das gargalhadas, da pocema
 Que o povo estulto nos palanques troa.
 E' tudo confusão!... Espessa abobada
 De turbilhões de pó se ergue e baralha
 Provectos e Noveis; confuso acervo
 De rotas brafoneiras, lanças, elmos,
 Alastra o chão: aqui e ali se alçam
 Titubantes guerreiros, que remontam
 No poento ginete, e nova lança
 Do escudeiro recebem. Toca a trompa,
 Florêa Dom Martim a lança regia:
 Suspende-se o combate, a postos voltam
 Nos ligeiros frisões; os Passavantes,
 Arautos e Reis d'Armas, em voz alta
 Os campeões proclamam, cujas lanças
 Com destreza feriram no torneio.

Na solenne ovação colhem laureis
 O Conde Cabla, que atravez do incendio
 O principe real salvou da morte;
 Seu nobre primo, que na horrenda noite,
 Sangue de Montemor, guardou co'as armas
 O sagrado penhor da Hespanha inteira.
 Tambem da invicta lança a dextra exalça
 Do de Cadiz Marquez, rival do Musa;
 E do pio e pujante Garcilasso,
 Que a Peres del Pulgar vingou a afronta
 Em singular certame, ante as muralhas
 Da soberba Granada: estes heroes
 Eram provectos. Dos donzeis, Alnayer,
 E Rodrigo gentil, sangue do Cid,
 Victoriados foram pelo Arauto.

Respirando desforra, os escudeiros
 Provadas lanças apresentam soffregos
 Aos suados donzeis, que a gloria estream,
 E nos olhos de amor se refocilam.

Mas eis que a teia invade um cavalleiro
 De armas negras coberto, tendo no elmo
 Auriverde pennacho, e no escudo

Velados os brasões: a côrte e povo
 Fita em seu vulto indagadoras vistas.
 Ao Arauto fallou em voz tão surda,
 Que a tomaras por echo do silencio;
 Na hoste dos vencidos perfilado
 Prende os olhos da turba e da nobreza;
 Na robustez do porte, garbo e graça,
 Resumbrava-lhe um ar de magestade.
 Quem será? adejando o pensamento
 Da esmada plebe no recente arcano,
 Divagava no espaço da incerteza.

Segunda e som mavorcio das trombetas;
 Enristadas as lanças, trovejando
 Co'as sonipedes patas, se arremeçam
 As briosas phalanges; e no encontro
 Das armas sobre as armas, ribombaram
 Como o estouro do mar, quando em marouços
 Alpestres penedias escalando
 Penedos com penedos encapella,
 E um monte n'outro monte ergue supino.
 Estruge de alegria o povo inteiro;
 Descoram as donzellas; e as matronas
 Sentem nos peitos rebentar vagidos.
 Bulcão de pó se alarga, cobre a liça,
 E a floresta de lanças: parecia
 Que á voz do céo, em terra esboroado
 Um alcançar de ferro baqueava.
 Ouvio no amargo exilio o estrondo horrisono
 O triste Boabdil, e ás armas corre...
 Mas o vento, que o illude, o desengana!

Sôa o clarim a retirada a postos;
 Rebelde a seu commando a hoste em furia
 Tenaz combate, revidando os golpes:
 Como incudes cyclopeas marteladas
 Em oucos antros, em sonoros cimbres,
 Retumbam as pancadas, elmos saltam
 E se embutem na terra; em raiva ardendo,
 Os tudescos frisões se mordem, tascam
 D'aço, carne, e gualdrapas mil andrajos;
 Confundidos no ardor, travando os membros,
 Arnez de encontro a arnez se abola, e preme
 Nas entranhas a morte; a braços lutam:
 Em halito vulcanico fumeça.

D'entre as viseiras infundada colera,
 Dos sangrentos cavallos, como feras,
 Apeam-se os rivaes; encruécidos,
 Revezam as espadas; fogo em chispas
 Das couraças rebenta, fuzilando
 Raios de morte nos profundos golpes.
 Com barbara pocema applaude o povo
 O vaidoso combate; corre o sangue...
 Baixa na liça Dom Martim seu lábaro
 Entre as noveis espadas, e os Reis d'Armas
 Cruzam as lanças c'o signal de paz:
 Grita o povo cruel:—*Avante, avante!*
 E este brado feroz rolando os ares
 No horisonte da morte foi perder-se!

Suspende-se o torneio; limpa a arena,
 Os peritos reaes na teia bradam:
 —Honra aos filhos dos bravos— por tres vezes:
 E os golpes victoriam, que no encontro
 Louros colheram na amestrada lança.
 Cabe mór gloria ao cavalleiro incognito,
 Que mal ouve o seu nome proclamado,
 A manopla ao brocal do escudo passa,
 O véo arranca; e patentea as armas
 Ao som dos vivas, e guerreiros hymnos.
 Ninguem o conheceu! No livro heraldico
 Das estirpes illustres, os Reis d'Armas
 Taes emblemas não viram: será Mouro,
 Franco ou Luso será? todos hesitam!

Na adarga oval, em asulado campo
 Um cruzeiro armillar se via obliquo
 A' cruz templaria, que aurea esphera encerra;
 Em mar sereno, portuchando as vélas
 Gracioso baixel, aves estranhas;
 Ridentes plagas hasteando ao longe
 O pendão de Isabel, e a cruz de Christo;
 Por distico—PLUS ULTRA. É Luso, é Luso,
 Grita o povo; e Fernando empallidece;
 Nobre ciume lhe esvoaça n'alma.

Dos noveis a victoria foi completa,
 Seguem-se as justas: damas e donzellas
 Abrem o tribunal: e em quanto elegem

Os cabos justadores, sôa a orchestra
 Epinicios de amor que o bardo exorna
 Com impeto divino. Previdentes,
 Na plataforma afoutos cavalleiros
 Se refazem de sella, e novas armas;
 Cingem divisas, onde amor bordara
 Segredos d'alma com arcano emblema,
 Sacras legendas de protestos mutuos.

Dos noveis por tres vezes os Reis d'Armas
 O negro cavalleiro chefe acclamam,
 E dos propectos chefe acclamam Cadiz.

Domina o céo e as turmas enfeitadas
 O faustoso pendão do iberio illustre,
 E o seu rico escudeiro, em cujas vestes
 As avitas proezas brasonadas
 O entranham por toda a Hespanha homerica,
 Pelo berço dos thronos, desde o Tyrio
 Ao Romano e ao Godo até seus dias.
 No pedestre escudeiro do contrario
 Nua lança se vê: contrasta a gloria
 Co'a modestia que o veste. Mas n'um lampo
 Arabigo ginete Isabel manda,
 Que n'um salto o mancebo monta e rege;
 Esse ignoto mancebo, que ha de um dia
 Partilhar, como agora, o lustre, a gloria
 De seu pai, que hade o mundo encher de espanto.

Ao som festivo abatem-se as bandeiras,
 Mutua cortesia e gentileza
 Dos rivaes campeões, que em frente ás turmas
 Ao jogo envidam, borneando as lanças.

Dom Peres del Pulgar, o temerario,
 A' frente rompe, com galhardo empenho,
 E com voz cavernosa, em campo raso,
 Dona Ximenes a mais bella acclama.
 Qual ave magestosa prorompendo,
 A lança em o seu escudo um novel toca:
 Imigo de Navarra, garfo illustre
 De Cantabria e Medina, em cuja fronto
 A c'roa imperial póstera apruma
 Os decretos do céo. Com voz sonora,

—Pela gorja que não, responde o joven :
Leonor de Toledo é mais formosa.

Recuam os frisões, lanças enristam :
Como touros se investem, ferem, param,
Tremendo-lhes no peito as fixas armas ;
E na terra os cavallos bracejando
Sem um palmo d'arena conquistarem.
Resoam derredor vivos applausos :
—Ambas são bellas—bradam ; mas os emulos
Revitam no combate : Inigo falha
O conto deslisando na viseira
Do contrario, que o fere, e que o desmonta
Suspendido no ar ; perde a postura,
E a trancos descompostos o ginete
Do combate o separa. Venceu Peres,
Aquelle que ante as torres de Granada
A rainha vingou, fazendo, intrepido,
De Tarfe a lança rebotar-se ingloria ;
Que invadindo Granada, ao som d'alarma,
Sobre as portas de bronze da mesquita
Gravou co'a invicta espada—AVE MARIA—
E ao pé da morte consagrou á Virgem
No vaticico arrojio o santuario,
Que inda ha pouco de Christo ouviu as vozes.
Revoa ao céu da gloria, entre mil vivas,
O nome de Pulgar, da sua dama !

Alnayer, que Isabel avassalara
No alcaçar de Baza, regio sangue
Do famoso El-Zagal, rompe, e provoca
Rodrigo Cid, encontroando a lança
N'avita adarga que ennobrece a Hespanha :
—Catharina de Murcia, estrella d'alva,
Vence a todas na graça e nos encantos.
—Por Sanct'Iago, não : replica ao Mouro
Do lidador o neto, em cujas veias
A electrica pujança anima o sangue.
—Por Sanct'Iago, não, Mouro valente ;
Esperança de Yanes é mais bella,
E a minha lança o prove neste ensejo.

No certo arremeço os elmos voam :
Quebram-se as lanças no segundo embate ;

As espadas arrancam, relampeam,
 Cruzam, batem, retinem... desce o labaro,
 E os reis d'Armas seus nomes alternando
 Os proclamam iguaes no amor, na gloria:
 A côrte os victoria, e suas damas
 As feridas c'os olhos lhe embalsamam.

De Montemor senhor, e de Alcandrete,
 O de Cadiz Marquez provoca em campo
 Quem supere em belleza a ROSALIA,
 Senhora de Medina, Ronda e Murcia.
 —Sigismunda de Castro,— campeando
 Seu dourado ginete, diz Rosendo.
 Que cleve a Dom Garcia das Asturias
 Sua nobre ascendencia e seu entono.

Recebe Cadiz do novel o toque,
 Como immovel estatua: ri-se o joven
 Do pesado guerreiro, e recuando
 Com duro arremeção desarma a dextra
 Do provector contrario, que, nova arma
 Denodado empunhando, o elmo fende
 Do novel imprudente, e em novo encontro
 Desembraça-lhe a adarga; mal seguro
 Perde o tino o donzel, e o guante afferra
 Na larga brafoneira que arma o collo
 Do seu fero ginete.

—Ergue-te, ó joven,

Lhe dizia o Marquez, quando o mancebo
 No gorjal lhe encravava o lesto conto,
 E victoria... mas não, bradar não poude;
 C'um bote a dextra mestra lhe abolara
 O peito, e vomitando sangue, vòa
 Pelas ancas equinas, estrondando
 Qual penedo que ao mar rola e se afunda.

—Rosalia é mais bella,—brada ufano
 O lidador ovante. Como um dardo
 Dom Sisnando no escudo lhe corisca
 C'ò trisulcado conto um desafio!

—Ignez, deosa de Ossuna, abate, obumbra
 Da tua Rosalia a gentileza.

Remettem-se com furia, a joven lança

Desmalha o rico saio do guerreiro,
 E verga do brocal a rija aresta
 Que o desdoiro conteve; e dando ao largo,
 Com mór revite novo encontro estalam;
 Mas no peito lustroso e tauxiado
 Do formoso donzel penetra o ferro,
 Que o alça, que o desmonta, e o rebola
 No pó dourado da nefasta arena.

—Viva Cadiz, estronda todo o povo:
 Rosalia é mais bella, é das Hespanhas
 A dama sem igual, a mais formosa.

Ninguem á frente sae; tremem da lança
 Que no conto a victoria, o exterminio,
 Manda certaíra ao joven imprudente
 Que ouse as armas medir, tocar no escudo
 Do provectoro guerreiro. Impio murmurio
 Rumina o povo, que se apraz de sangue;
 Rumina o povo, que em triumpho exalça
 Na aurora o nome, que lapida o estigma
 No occaso infeliz: fera indomavel,
 Ebria de amor n'um dia, no outro em furia
 A estatua que adornou no lodo immerge:
 Tem na dextra a apothese e o ostracismo.

Seis vezes os Reis d'Armas promulgaram,
 Ao som dos hymnos, do Marquez a gloria;
 E seis vezes na turma dos donzcis
 O celicio do medo alguns pungio.

Dom Peres del Pulgar treme convulso,
 Tintina-lhe no corpo o arnez e a espada;
 Quer á frente surgir, justar de novo,
 Vingar dos seus a affronta, mas o Arauto
 O recua, co'as leis dos justadores.

—Por Sanct'Iago, diz, ó cavalleiros,
 A Hespanha em vós não tem mais lidadores;
 Que dirão estas damas, e estes velhos?

E n'isto um malfadado e valeroso
 Donzel ante o Marquez borneia a lança;
 Retumba de alegria a turba em massa,
 E os guerreiros se investem: falla o bote;
 Revidam n'um recontro novo embate:

Fere-o Cadiz no mento, o joven curva
 A elegante postura, e resupino
 Na grupa do frisão lhe atira a lança,
 Que resvala e no ar rodopiando
 Obliqua se enterrou, dando um zunido
 Como um dardo que Alcides furioso
 Das nuvens varejasse. O joven se ergue;
 Nova lança borneia, investe a Cadiz,
 E de novo vencido a terra morde.

—Rosalia inda é bella—exclama o cabo,
 Com vaidoso desdem medindo o joven,
 Que iracundo, entre vascas, sobre a terra
 O corpo estorce, maltratado, inglorio.

Com brioso denodo, e imprevidentes
 Sobre a terra rolaram mais tres jovens;
 De um a um golpeando a dura lança,
 A ousadia abateu, tirando lagrimas
 A's suas nobres damas, Campeando
 O suado corcel, borneia a lança
 O vencedor das justas, repetindo
 Com nobre accento, com orgulho hispano:
 —És de amor a rainha, a mais formosa,
 Rosalia, por quem desprezo a vida.
 E só, como um leão victorioso,
 O circo rege o invencivel cabo.

Vinde, vinde, Marquez, colher o premio
 De vossa gentileza e galbardia,
 Os Arautos bradaram. Rompem vivas,
 C'roam a lança invicta alegres hymnos
 Do Bardo e Menestreis. Cheio de gloria,
 Cortejado dos seus, ao cadafalço
 Se dirige o marquez. Erguem-se todos:
 Ante elle se descobre o Rei com venia,
 E no ensejo feliz em que a Rainha
 Ao bravo diz com mavioso accento:
 —Vossa gloria é tão grande, ó cavalleiro,
 Que a Hespanha toda...—Como um raio avança
 O negro cavalleiro, e retumbando
 Violento cartel no escudo a Cadiz,
 O brazão lheabolou!

—Inda vos resta,
 O' soberbo Marquez, colher mais palmas :
 A' turma dos noveis coube-lhe um chefe,
 E este chefe não tem lança ociosa!

Estatica Isabel na dextra augusta
 Suspenso o louro tem o a charpa d'ouro ;
 Na garganta dos vates congelou-se
 O metrico epinício ; mar turvado
 Por subito pampeiro, iguala o povo,
 Que em confuso rumor se agita e falla.

O CAVALLEIRO NEGRO.

Rosalia é mui bella, ao céo da gloria
 Tua lança elevou seu vulto angelico ;
 Mas na terra outra dama a vence em tudo.
 Aquella por quem venho respeitoso
 Teu valor afrontar, e que protela
 Teu brilhante triumpho, inda é mais bella.
 É um Anjo que a terra habita, e espalha
 Magestade sem par no mundo inteiro.

CADIZ.

O seu nome proclama.

O CAVALLEIRO NEGRO.

O mar e a terra
 O seu nome encherão d'eterna gloria ;
 O seu nome o futuro e a historia abrange ;
 Rainha de Rainhas, lustre, orgulho
 Do sexo encantador.

CADIZ.

Seu nome, diz
 O seu nome. Senão... ó Cavalleiro,
 Aqui mesmo verás....

E da viseira
 Colerico bulcão respira, e lança
 Na face do contrario, desbotando
 Do altivo morrião as aureas plumas.

O CAVALLEIRO NEGRO.

O seu nome? Um mysterio. Não recues;
Profanal-o não quero: é um nome sancto.

CADIZ.

Pela Virgem Maria, eu não combato
Senão contra inficis; e é outra a liça.
A brandir minha lança não costume
Contra embustes, chimeras.... O seu nome?

O CAVALLEIRO NEGRO.

Não digo: e não recuses o combate:
Serei digno de ti; que á gloria aspiro;
Que um orbe barateio sobre o conto
Da minha fraca lança. Cavalleiro,
Á fé te juro que esta dama existe,
Que por ella no pó a fronte inclino.
Seu nome te direi, se fôr vencido,
A ti, que o guardarás, aos céos me jura,
Em eterno segredo. Mas de Deos
A victoria em meu braço....

CADIZ.

Tu deliras?

O CAVALLEIRO NEGRO.

Tu me offendes, Marquez; quando interrogo
A vontade do céo, jámais deliro.

CADIZ.

Tu já sabes quem sou: tens dez minutos;
Se a morte a receber tua alma e corpo
Inda não preparaste, ora aqui mesmo;
As preces balbucia, que este toque
É o toque da agonia.—

E sobre o escudo

Co'a invicta lança um bote fulminou-lhe.
Rosalia tremeu; secreto frêmito
Desnaceu-lhe nos labios o sorriso.

Toda a côrte pasmou; e o Cavalleiro
 A fronte altiva, placido inclinando
 No ar balanceou as verdes pennas,
 Qual virente palmito ao brando espiro
 Que o céo bafeja em matutinas auras.

Com animo sereno, o Marquez brada:
 —A' liça, Luso audaz, que em tuas armas
 O mysterio decifro; veja a Hespanha
 N'este dia immortal a minha lança
 C'um hote aniquilar a extrema insania
 De um luso entre hespanhoes: á liça, á liça.—

Curvetea o coreel; no reste a lança,
 O ibero pujante aguarda o emulo;
 De um tranco o cavalleiro negro volve
 O tudesco ginete, e no borneio
 Gruda a manopla, aguarda, como estatua
 De bronze equestre, esfusiar a trompa
 O terrivel signal. Lavra o silencio;
 O folego suspende a côrte e povo:
 Quasi se ouvia sob os peitos d'aço
 Bater o coração dos lidadores.

Os fervidos clarins abrem a lide.

Das hostes justadoras se arremettem
 Os cabos triumphantes, e no encontro
 As lanças estalaram! pavorosos,
 Nitrindo de furor, em pé recuam
 Os ardentes cavallos. Bradam todos:
 Boa lança, Marquez; alçam-se as damas,
 E, flores rosciando, a Cadiz honram.
 Somente entregue a si, e ao seu destino,
 Não colhe uma ovação o forasteiro.

Retomam novas armas, acommettem-se
 Com dobrado vigor: ambos tocados
 Cavo som restrugiram sobre as armas;
 Varados os broqueis, as rijas lanças
 Nas couraças sulcando se inflammaram;
 Entre os peitos briosos dos rivaes
 Quasi a mão se espalmoa da crua morte.
 Palmas crepitam na dourada teia,

Alegres as donzellas no ar agitam
 A charpa multicolor e os niveos lenços:
 Assim na estiva pompa, em grato asilo,
 Mimosas rolas no festim nectareo,
 Ao sibilo feroz de anta membruda
 A plumagem batendo, se alçam timidas
 Pelos atrios odoros da floresta.

Não cedem no valor; de novo em prelio
 A infrangiveis lanças correm, cruzam,
 Batem, resoam, vergam como a lamina
 De agudo estoque n'um marmoreo peito;
 No rispido encontrão ambos tremeram:
 Dormente o braço cede e no chão rola
 Do Marquez o broquel; qual disco hellenio,
 Que em olympico jogo mede o estadio.
 O negro cavalleiro então recúa,
 Recúa o hespanhol; ganham seus postos.
 De novo abraça o valeroso Cadiz
 Um aureo escudo, e o contrario envida.

Visão, em regra ferem; resupino
 Nas ancas do gincte o Marquez verga-se,
 Do elmo cede o engaste; nua a fronte,
 Seu rosto radiou mavorcio brilho:
 Um subito palor abumbra a festa;
 Soluçam as donzellas, e nas turmas
 Sinistro borborinho se propaga.
 Mas Cadiz reganhando o estribo investe
 Como serpe magoada; de um só golpe
 As negras brafoneiras despedaça,
 E a lança revirando abola e fende
 O elmo côr da noite: estrondam bravos,
 Renasce em toda a liça alma esperança:
 Castella vai vencer. Oh como é grande
 A explosão que fervendo amor da patria,
 Sem querer, pelos labios se despede.

Dão de redea aos alipedes cavallos,
 E na volta, entre vivas, grita, e bravos,
 N'um extremo e horrendo choque as lanças
 Pelo ar em mil farpas voltijaram!
 Desnudam as espadas, cruzam talhos;
 Como em noite calmosa, em selva escura,

Abrazados de amor o cirio accendem
 Errantes vagalumes, taes os ferros
 Retalhando o arnez revesam fogos.
 Dá signal Isabel; estende o labaro
 Dom Martim entre os dous; Fernando o susta,
 De zelos corroido, e esperançoso
 Na estrella do seu bravo, inda invencivel.
 Em mutuo ardor, o prelio aventurando
 N'um golpe extremo, a gloria barateam;
 As espadas se cruzam, finem, quebram,
 Esgrimindo no ar quaes igneas serpes:
 D'uma a ponta varando novo escudo
 Voa sinistra a se encravar n'um poste
 E trepida qual junco ao sopro gelido
 Do plumbeo minuano; d'outra o gume,
 Revirando no ar, espeta o flanco
 Do palafrem de Cadiz; jorra o sangue
 Do brioso animal, que ajoelhando
 Com impeto no chão, afrouxa e rola
 O lidador valente! As damas gemem.
 Lesto se apea o cavalleiro negro,
 E ao contrario se arroja, que o recbe
 Entre as manoplas que espalmara a raiva!
 Abraçam-se os leões, luctam, revolvem,
 Arquejam, cospem sangue; um corpo fazem
 Plantado sobre o chão; celeuma a turba:
 —São iguaes no valor, iguaes na gloria!

Nos verdes campos dos sertões brasilios
 Longo tamanduá deitado apara
 Do tigre astuto o calculado bote,
 E abraçando-o lhe enterra pelo dorso
 Com as unhas a morte; e o tigre uivando
 Co'a fauce hianté o coração lhe morde,
 Co'as corneas garras lhe descarna os flancos,
 E igualmente perece: ambos na relva
 Jazem, ao tempo branqueando a ossada,
 Que o amplexo mortal inda retraça.
 Assim perpetua lucta travariam
 Os dous fortes varões, se o cauto Principe
 No transe horrendo não mandasse a Burgos
 O labaro descer, talvez frustrando
 Gloria cabal ao cavalleiro incognito.

Separam-se os guerreiros; troam palmas;

Fronteiros, mutuo pasmo se tributam;
 Das faces o palor da morte espana
 Pouco a pouco o repouso; soa a orchestra;
 Avulta a regia pompa aura suave,
 Erguendo e recurvando as fimbrias d'ouro
 Dos alegres pendões, onde o sol vibra
 Heroicos lampos nos brasões tarjados.
 Tudo é vida, murmurio, movimento,
 Alegria e prazer, amor e gloria.

Solta a voz o Arauto, e os dous proclama
 Iguaes no amor, no esforço, . . . e pára attonito!

Com impeto instinctivo se abraçando,
 Estalam, ferem fogo co'as coiraças;
 Luctam de novo com renato brio;
 O chão cavoucam co'as pegadas ferreas;
 Rangem as armas, rodopiam fervidos;
 Cadiz tropeça,—Rosalia geme,—
 Titubea, e, no chão, no pó envolto,
 A palma da victoria cede ao emulo.
 Findam as justas; o silencio impera;
 Nas curvas avenidas se tresmalha
 O inconstante vulgacho: a côrte resta.

Foi breve a discussão. As nobres damas,
 Juizas do combate, a palma deram
 Ao forasteiro heroe; e os Reis d'Armas,
 Entre as turmas esplendidas da festa,
 Em frente da Rainha, proclamaram:
 Ao Luso vencedor, gloria tres vezes.

O CAVALLEIRO NEGRO.

Luso não sou, e minha face o prove.

E a viseira levanta:—Deos!—COLOMBO!
 Grita Isabel attonita, e a côrte
 COLOMBO!. . . murmurou involuntaria.
 E o aspide infernal da cruda inveja
 No peito do alto rei atravessando
 Odio eterno innocula. Ah! triste sorte:
 Tambem de opaca jaça se nodôa
 O limpido crystal dos olhos regios.

COLOMBO.

Sim, Excelsa Rainha, aquella Dama,
 Por quem venceo meu braço o invicto Cadiz,
 Esse Anjo que nas azas do mysterio
 Subio ao céu da gloria, és tu, Senhora.
 Perdoa-me a ousadia: a mão de Deos
 Minha lança brandio no audaz certame,
 E em meu corpo infundio não vista força:
 Véda a natura feito igual a um braço
 Que ha nove lustros só combate azares.
 Mas Deos inda mor gloria te reserva,
 Maior que a posse da real Granada,
 N'essas terras que eu vejo, eu só no mundo,
 Aonde, a par da Cruz, teu sceptro augusto
 Em breve plantarei com pasmo do orbe.
 Entre dous mundos firmarei teu throno;
 Terás por alcatifa immensos mares,
 E por ponte o teu throno no universo.
 Uma nave, Senhora, o mais já tenho;
 Dai-me um fragil baixel, que um orbe eu dou-vos.

ISABEL.

Em breve singrarás no largo Oceano:
 Palavra de Rainha: embora custe
 Os mais bellos rubins do meu diadema.
 Não olvida Isabel tanto heroismo
 N'este dia tão grande: eis o teu premio.
 Na lança do varão prende a Rainha
 Aurea c'rôa de louros e perpetuas
 E ao som dos hymnos, entre as turmas bellicas,
 Se firma o novo heroe, e diz ao emulo;
 « Marquez, eis vossos louros, accetai-os;
 Os meus além do Oceano reverdecem. »

CADIZ.

Aceito, ó mais que humano cavalleiro,
 Da tua nobre dextra o rasgo heroico:
 Só lapida o brilhante outro brilhante.

Estrondam mil applausos, parecia
 Que a Hespanha inteira n'uma voz se erguia.

PRECE.

Meu Deus, e meu Senhor, verte em meu scio
 Do teu throno de luz um raio harmonico.
 Abre em minha alma um templo de harmonias,
 Espadana em meu estro ardentes pleiadas
 De ficções e verdades: sê piedoso:
 Fecunda o pobre vate americano
 N'este arrojo tão grande como o orbe
 Que intenta descrever; unge-lhe a fronte
 Com teu dedo, que assella mil carismas,
 E faz do verme impuro aguia altaneira.
 Poem no meu canto o magestoso fluxo
 Do caudal Amasonio, e no meu halito
 O doce effluvio da baunilha odora;
 Que esta empreza, Senhor, é toda tua,
 E' mais um epinicio a teus triumphos
 Plantados sobre a terra protegida
 Da Cruz, que o Dante vira n'estes céos
 Em fatidico arroubo, sobre a tripode
 Que o seu genio divino artefactara,
 Além da morte, quando ovante, homerico,
 Quebrou do inferno as portas, e em teu solio
 Aspirando luzeiros, endeosado,
 A fronte augusta enflorceu d'estrellas.

Abre os teus labios, Brasileiro vate,
 Ungidos pelo amor sagrado, immenso,
 De teu epico berço; canta o Nauta
 Que as virgens ondas perlustrando ousado
 Foi um mundo buscar, mudando a face
 Da renascida Europa, burilando
 No mappa das nações novos imperios.
 Victoria-o no metro agradecido,
 Adorna a sua gloria, engrinaldando
 De purpurea acaiaba a fronte heroica.
 Narra em teu canto o singular evento,

E o denodo sem par de um peito exímio
 Senhoreando azares, conquistando,
 Com os olhos no céu e a mão no leme,
 O ermo undoso, o fabulado páramo
 Té li vedado ao homem que descera
 Do Ararath ao Nilo, do Ida aos Alpes,
 Do celico Himalaia á extrema Tule.

Canta de um mundo o natalicio augusto,
 Que a esphera dilatando, realisara
 Os doutos sonhos do Colombo egregio,
 Descrido no decrepito concilio
 Da estulta Salamanca, que cuidava
 Os céos medir,—da ferrea quadratura,—
 Na dextra de Adonay ler os mysterios
 Da infinda creação, em quanto a America,
 Gemea da Europa, incognita gyrava
 No gremio ethereo do azulado espaço,
 E na frente do sol meiga libava
 Sua eterna belleza, e ao sol erguia
 Aras de prata, sanctuarios d'ouro.

Eleva a tua voz, o feito exorna
 D'esse genio inspirado, luz do seculo
 Que Gama e Guthembergo sublimaram.
 Enlaça entro harmonias, risos, lagrimas,
 A gloria e ingratição; vinga o Ligurio
 Que nos atrios das regias offuscadas
 Errante mendigou,—senhor de um mundo!—
 E foi por esses reis tão mal acceito,
 Que estreitados na Europa pleiteavam
 Uma nesga de terra, trasfegando
 No desastroso embate de mil hostes
 Rios de sangue nos dourados elmos.

Lacere-se o bulcão que abafa os tumulos;
 Abram-se os tempos; da saturnea terra,
 Exhume-se o passado: as azas colha
 O Anjo encanecido que sigilla
 Do alcaçar da morte as mudas portas.
 Aos olhos de minha alma erga-se o seculo
 Que o tempo aferrolhou na lousa historica;
 Suspenso, em claras decadas, se mostre
 O sudario de um mundo carcomido

Pela broca do verme dos sepulchros.
Nauta illustre, Primeiro Americano,
E vós coevos que o vistes no amplo estadio,
Larvas heroicas, tribus victimadas,
Vinde encarnar-vos, resurgir nas azas
Da ardente phantasia, e redivivas
Em conjuncto sagrado, alçar comigo
Um hymne á gloria, um monumento á patria.

FIM DO 1.º CANTO.

Araujo Porto-Alegre.



COSTUMES CAMPESTRES DO BRASIL.

I.

INTRODUÇÃO.

Aquelle que pretendendo formar juizo seguro ácerca da belleza de uma mulher, escolhesse, para estudal-a, a manhã de festa, a tarde de passeio, ou a noite de sarão, em que ella ardendo em desejos de agradar, põe em tributo todos os segredos do toucador para acender os encantos, que a exaltam, e escurentar os senões, que a imperfeiçãoam, expor-se-hia tanto a cabir n'um desacerto, como aquelle outro, que das feições bem delineadas de um rosto quizesse, sem mais algum fundamento, concluir a existencia de um coração generoso.

Convinha antes ir observar a mulher, quando no remanso da vida domestica, e em horas de abandono de suas desculpaveis vaidades se mostrasse tal, qual é, quite dos empréstimos de um toucador artiloso, e desarmada dos enfeites da moda; assim como aconselhava a prudencia desviar os olhos do rosto galante, para, considerando primeiro as acções e os factos, colher as provas de um character nobre, que nem sempre soc acompanhar as formas graciosas.

Pois esta observação com ser tão simples como trivial, e cabendo não sómente ao estudo do individuo, mas tambem ao da familia e da nação, tem sido as vezes esquecida por aquelles, que descrevem os costumes dos povos.

Eu não quero fallar dos *Suzanets*: quando se trata de historiadores, devem ser postos a margem os charlatães da historia. Refiro-me aos homens honestos, aos escriptores pudicos; reporto-me a esses viajantes sinceros, mas pouco prudentes, que tendo estudado, escrupulosamente mesmo, os costumes de uma capital, vão depois attribuir á nação inteira os usos, que observaram na grande cidade.

Querer apanhar os habitos, as tendeneias, a indole, as qualidades caracteristicas de um povo na physionomia da sua corte, é julgar a belleza de uma mulher pelos seus adornos de festa, e o coração de um homem pelas feições de seu rosto; é viajar como um cego por uma vereda inhospita, e toda cavada de abysmos.

A verdade é esta.

Uma nação não tem nada em si de mais cambiante e de menos nacional, do que a sua capital. Guardadas as proporções a regra serve também ás cidades opulentas e commerciaes.

A razão é obvia.

Ponto de reunião de cem diplomatas representantes de governos, que se dizem amigos, centro para onde convergem milhares e milhares de estrangeiros, que fallam vinte linguas diversas, que trazem consigo os usos, as virtudes, os vicios, a religião, e, (permitta-se-nos a expressão), as marcas distinctivas de seu paiz, a capital de um estado reúne e mistura todos esses usos, virtudes, e vicios, enxerta nos patrios habitos todas essas importações moraes, e torna-se pois em um vaso brilhante, onde se ostentam confundidas umas com outras flores indigenas, e exoticas; em um tecido iriante e acatolado; ou finalmente em uma verdadeira babel de costumes.

As idéas intimas e caracteriscas de um povo, assim como seus habitos e estilos assemelham-se ás aves magestosas de um paiz novo, que á medida que este se vai povoando, fogem ellas retirando-se para o seio das florestas virgens.

Quereis apalpar e medir os sentimentos profundos de uma nação?... quereis avaliar o seu caracter e a sua indole?... abandonai as cidades sumptuosas, deixai a côrte: retirai vossos olhos de um rosto enganador, que vos mentirá no olhar, e no rir; ide aos reconcavos, penetrai o coração, que vos hade fallar a verdade palpitando.

É lá, principalmente, que achareis nú e franco deixando-se patentear com uma espontaneidade magestosa o caracter nacional cheio de todas as suas nobres inspirações, e também de todos os seus pertinazes preconceitos: é sómente lá, que achareis em toda sua plenitude—o modo—o ar—o querer—e o viver do paiz.

Os lares agricolas são o asilo sagrado das crenças, dos brios, das tradições, das usanças, e dos íntimos sentimentos de uma nação: prova-o bem o tempo da desgraça, que é a pedra de toque da fidelidade: quando a victoria corôa a audacia de externos inimigos, e os exercitos invasores dominam nas cidades; o espirito nacional ferve mais que nunca, e resiste nos valles e nas montanhas; e ao mesmo tempo que do alto da torre a atalaja solta o brado de *alerta* em lingua estrangeira, uma camponeza sentada no limiar da casa do lavrador embala um futuro soldado cantando os cantos da patria.

As nações tem, como os homens, duas vidas muito distinctas: a vida publica, e a vida privada: a vida do *estado*, e a vida do lar domestico.

A primeira—a vida politica—é uma cadeia de grandes acontecimentos de factos estrondosos; cada anel dessa cadeia é um cataclisma formidavel, um feito glorioso, uma revolução espantosa, uma peripecia assombradora: ha ahí de mistura triumphos, e derrotas, opulencia e miseria: póde ser que as mais importantes scenas desse drama, que os episodios mais notaveis dessa vida tenham por theatro principalmente as cidades; póde ser que o fio de Ariadna, que deve guiar o historiador nesse labyrintho, só encontrar-se possa nas capitaes dos estados.

Mas a segunda vida—a vida do lar domestico—o quadro gracioso dos costumes, das festas de familia, das agrestes folganças de povo, dessas tradições muitas vezes fabulosas; porém que tão grande influencia exercem nos animos, dos usos patriarchaes enfim—esse, não, não se encontra nas capitaes; esse é o thesouro que a patria confia aos cuidados e a fidelidade dos habitantes do campo.

Cumpra por tanto ao viajante consciencioso, que pretende debuxar os costumes do povo, que visita, esquecer, por algum tempo, os palacios para estudar as cabanas; e tendo na mão a carteira de viagem, desprezar quasi sempre o rico mostrador dos basares para ir escrever *as suas impressões* sobre a mesa agreste do lavrador.

Se isto aconselhamos nós ao viajante, que observa, o que vê, para depois referir o que observou; tambem não menos o aconselharemos ao philosopho que deseja meditar sobre o mundo e a humanidade; ao poeta que procura inspirações na magestade da natureza, e nas harmonias do coração do homem, ao artista emfim, qualquer que elle seja, que trabalha por achar o bello em toda sua simplicidade, innocencia, virgindade e candidez.

A côrte é bella e ruidosa: sim; vive-se nella uma vida de festas, que acabam com o começar de outras festas, de prazeres ardentes, e febricitantes, onde o infeliz pôde mergulhar-se dias e noutes para esquecer seus tormentos, como em uma embriaguez continuada; mas essa vida é toda artificial; é um tecido de bellas illusões, que tem de se ir desfazendo cada vez mais e mais á medida que os annos vão correndo: é o vestido de baile, com que se orna uma mulher mysteriosa e jámais comprehendida, o qual pouco a pouco se vai rasgando para no fim da idade dos sonhos mostrar-se aos homens que a seguiram encantados, na figura de um medonho esqueleto.

O campo é igualmente bello, mas socegado: a vida é ahí feliz, embora monotona: em lugar das alegrias ruidosas das cidades, em vez desses saráos brilhantes, e desses banquetes de luxo, onde o ceremonial exclue a confiança, e o prazer, ha no campo as festas de familia simplices, serenae e inefaveis: ha na vida, que ahí se passa tambem illusões, porque illusões acompanham por toda parte o homem, mas não tantas, nem tão vehementes, nem tão perigosas: vive-se mais em paz com a verdade; porque se está no seio puro da natureza, e nelle se dorme suavemente embalado pelo canto melodioso das aves, pelo murmúrio dos arrosios, e pelo fresco sopro das brisas.

Ninguem nos averbe de suspeitos: não vamos escrever um idílio sobre a vida campestre: convidamos aos que julgarem falsas ou mesmo exageradas nossas observações a visitar por alguns mezes o reconcavo... do Rio de Janeiro, por exemplo.

No entretanto daremos aos assignantes do *Guanabara* conta de algumas de nossas observações: esboçaremos alguns quadros; descreveremos algumas scenas de que temos sido espectadores nesse theatro ingenuo e legitimo da natureza: faltará belleza aos quadros sómente porque o pintor é inhabil.

J. M. de Macedo.



O AVARENTO.**I.**

Eis o sordido avarento
Sentado ante o seu thesouro,
Co'um olhar tão firme e attento,
Como si elle a todo esse ouro
Quizesse a vida passar,
Só p'ra vel-o se augmentar.

II.

Irsuto, raro cabello
Lhe assombra a escabrosa testa ;
Rosto cavado e amarello
Dor profunda manifesta :
Vida só tem n'esse olhar,
Como a serpe a fascinar.

III.

Mirrados braços erguidos
O ignobil queixo sustentam ;
Labios seccos, remordidos,
Que pouco, e mal se apascentam ;
A custo inspira elle o ar,
Como para o não gastar.

IV.

De vez em quando temendo
Ser alli apercebido,
Torvos olhos retorcendo,
Busca ver se é visto, e ouvido ;
E o temor o faz gelar,
Suspendendo o respirar.

GUANABARA.

V.

Então se ergue manso e manso,
Pé por pé vai caminhando,
Todo o seu ferreo remanso
De alto a baixo examinando :
No alçapão vem-se deitar,
Depois de bem o apalpar.

VI.

E ahí dorme o pobre louco,
Si ó que dorme quem só pensa
Que um mar d'ouro fôra pouco
P'ra acalmar-lhe a sêde immensa.
Céos ! que viver ! que pensar !
Que dormir ! que atroz sonhar !

VII.

Si ao menos Deos lhe mostrasse
Nesse horror da insania crua
Uma imagem que o salvasse,
Como foi p'ra mim a tua,
Que me veio consolar,
E de outro abysmo arrancar !

VIII.

Eu tambem, não de riquezas,
Nem de gloria cubigoso,
Mas de verdades, defesas
A todo mortal vaidoso,
Cuidei co'o muito estudar
Verdades enthesourar.

IX.

E cancei a paciencia
Meditando noite e dia ;
E o que me deu a sciencia
Por quem deixei a poesia,
Cujo sorrir, cujo olhar
Encantava o meu sonhar ?

X.

Erros mil, verdades uma,
Uma só p'ra tanta lida !
E só Deos sabe si alguma
Verdade ha nesta vida,
Que a sciencia possa dar,
Sem depois a renegar !

XI.

No mundo são as verdades
Como as nossas esperanças ;
As que vem nas tempestades
Vão-se após nas aguas mansas ;
E nos vaivens deste mar
Que onda nos hade salvar ?

XII.

Mas como minha loucura
Nunca contra o céu ergueu-se,
Um milagre deu-me a cura,
E Deos de mim condeu-se :
Vi como um Anjo passar,
E para mim se voltar.

XIII.

Foste tu, serena e bella,
Como a aurora sobre o monte,
Ou como uma só estrella
No meu escuro horizonte ;
Foste tu, foi teu olhar,
Que amor me veio inspirar.

XIV.

Amor !—Prazer mais intenso
O avaro não tivera,
Si um thesouro rico, immenso
Por encanto alli se erguera ;
Mas não qu'isto é comparar
Dubios sons ao trovejar.

XV.

Amor!—Foi como si eu visse
 A sonhada realidade,
 E a verdade descobrisse !
 E si amor não é verdade,
 Onde mais a heide achar ?
 Onde na terra a encontrar ?

XVI.

Razão, bem alto proclamas
 Que essa verdade suprema,
 Eterna verdade, que amas,
 E que a alma do lodo extrema,
 Toda está no puro amar,
 E a Deos a mente elevar.

XVII.

E eu sinto que a chamma ardente
 Deste amor, que me remoça
 A Deos me levanta a mente,
 E de minha alma se apossa ;
 E me faz como acordar
 Lá no céo, de um Anjo a par.

XVIII.

Sinto que o amor beatifica
 O coração em que mora,
 Como o fogo purifica
 O ouro qu'elle devora,
 Ou como o metéoro, que o ar
 Agita, p'ra o aclarar.

XIX.

Pura virgem, sacro objecto
 Deste amor, que em mim se accende,
 Teu santo, o divino aspecto
 Toda a minha alma suspende,
 Que para ti quer voar,
 Como para te incensar.

XX.

Qual thuribulo abrasado,
Seu perfume ao céo alçando,
Meu coração agitado,
Gratos hymnos exhalando,
Em cada seu palpar
Te manda esta alma oscular.

XXI.

Oh de amor suprema graça !
Já eu volto á minha lyra,
Companheira da desgraça,
Que tanto gemer me ouvira !
Vem, minha lyra, exultar,
Vem meu amor celebrar.

D. J. G. de Magalhães.



NOTICIAS DIVERSAS.

Sua Magestade o Imperador tem continuado a honrar com a sua augusta presença as sessões do Instituto Historico. Este facto, e a maneira singela porque é executado, é um testemunho das eminentes qualidades de um tão alto Principe, e o quanto o Monarcha Americano se empenha pelo progresso das luzes no seu nascente imperio.

Aos homens superiores e experientes compete apreciar a reproducção tão rara na historia de semelhante caso, e o quanto nobilita um povo este augusto proceder. Os membros do Instituto devem muita gratidão a Sua Magestade Imperial por tanta honra e por tanta illustração.

No theatro de S. Pedro representou-se uma opera, composta pelo Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, intitulada—O PHANTASMA BRANCO—, que foi vivamente applaudida pelo publico : é um devido triumpho á nova producção do autor da MORENINHA, DO MOÇO LOURO, DOS DOUS AMORES, DO CEGO, DA ROSA, e de outras lindissimas producções lyricas.

Pêsa-nos, neste momento, o termos por collega e redactor nesta publicação o autor desta nova obra scenica, porque poder-se-ha encarar as nossas palavras como nascidas do interesse; mas este sentimento é compensado pelo triumpho extraordinario com que o victoriou o publico fluminense.—P. A.

O Sr. Netto, o mais habil marceneiro desta capital, vai ver a Exposição Universal em Londres : louvamos a sua viagem, e lhe desejamos um feliz retorno.

O antigo Banco Commercial está edificando um palacio para mais commodamente se estabelecer. A obra prosegue com actividade, segurança e luxo. Varios desenhos foram apresentados para a execução deste edificio, entre os quaes foi preferido o do Sr. Araujo Porto-Alegre, lente da escola militar.

O Snr. Zaluar publicou um volume de poesias, que muito tem agradado : ha neste livro bellissimas cousas, entre as quaes resaltam os versos dedicados a seu pai, e os—
VERSOS A ELISA —, cuja metrificacão é admiravel. O Snr. Zaluar é moço, e pôde á luz tropical fazer grandes progressos ; ha nelle força e morbidez, talento e applicação.

O muito distincto litterato, o Snr. Commendador Francisco Adolpho de Varnhagem, foi eleito á unanimidade primeiro secretario do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil.

O nome do Snr. Varnhagem, tão conhecido na America e na Europa, é uma garantia do futuro que delle espera o Instituto.

O Snr. Dr. Manoel Ferreira Lagos, que por espaço de nove annos preencheu aquelle lugar, foi elevado a vice-presidente e director da secção de Ethnographia e Archeologia Brasileira.

O muito distincto fluminense, o Snr. Coronel Frias de Vasconcellos, tem tido uma recompensa justa aos seus talentos, zelo e probidade: o povo desta capital, desde a mais alta jerarchia até a mais baixa, applaude com um sincero reconhecimento os brilhantes resultados que de dia em dia se vão estendendo na distribuição das novas aguas por toda esta grande cidade.

A obra que o honrado Snr. Coronel Frias está concluinto, além da summa utilidade publica, e da perfeição relativa com que é executada, é um monumento que levará seu nome á posteridade, e que o recommendará sempre á nossa estima e consideração.

Ao patriota director das obras publicas desta côrte não basta este serviço relevante, não basta o reconhecimento publico : pelo plantio de arvores nas praças, procura, no que está ao seu alcance, tornar a capital do imperio mais saudavel e aprazivel ; demonstrar a utilidade das arvores no meio das habitações, e triumphar de prejuizos antigos, tão fataes á nossa existencia.

A nossa civilisação não se deve manifestar sómente no trajarmos á franceza, e em termos um sem-numero de sociedades bailantes e musicas: deve sobretudo ser assellada pela pedra e cal, pelos monumentos, e pelas obras de utilidade geral. Já temos agua; falta-nos um bom systema de calçadas: nas nossas camaras municipaes ainda não apparceu um Edipó que decifrasse este secular enigma: a Esphinge da avareza, com todo o seu cortejo de ignorancia e deleixo triumphou agora, como na primeira hora da sua existencia ! E' vergonhoso, e fora das raias do bom senso, o systema de calçar que na actualidade se emprega: a empreitada, como é concebida e executada, é um crime de lesa civilisação, é um desperdicio continuo, e um facto demonstrativo do quanto na época actual se não respeitam as leis mais comesinbas do decóro e da gratidão para com o povo que elegeu uma administração, que, ou é indifferente, ou por sua ignorancia se deixa enganar pelos seus subalternos: os povos barbaros, e mesmo nas épocas as mais torvas da historia humana, nunca fizeram taes calçadas.

Responsabilise a camara os seus empregados informantes, affaste de si o desairoso labeo com que a cobrem diariamente todos os habitantes desta capital, e não se torne a representante do hediondo provisorio, da immoral empreitada, e do aspecto immundo que apresenta o Rio de Janeiro.

Os diarios desta cidade parece que vão cançando de clamar contra abusos tão patentes e fataes a uma população de duzentas e oitenta mil almas; parece que o desanimo congelou todas as vozes, e que a camara municipal é surda a tantos queixumes! Se os respeitaveis cidadãos que a compoem, e que fora dessa sua alta missão merecem todos os respeitos, não atinam com a causa de tanto mal, tomem o mais simples expediente que é o de procurar outros engenheiros mais habéis, e de gratifical-os melhor, que hão de colher resultados oppostos.

O nosso distincto collega o Sr. Antonio Gonçalves Dias publicou no mez de março proximo passado o terceiro volume de suas poesias, ao qual deu elle o nome de—Ultimos Cantos—. Esse bello livro apparecendo poucos dias antes da partida de seu autor para o Norte do Brasil, foi como uma despedida votada aos Fluminenses. Não nos cabe a nós, collegas e amigos do Sr. Gonçalves Dias, tecer o bem merecido elogio de suas novas poesias: tambem é elle desnecessario pois que não só os entendidos mas ainda o publico todo lhe tem feito completa justiça: recommendamos no entanto entre muitos outros lindissimos cantos a leitura d'aquelles que o seu autor intitula—Y-Juca-Pyrama—Marabá—Canção do Tamoyo—A Mãe d'Agua—Meu anjo, es-cuta—a Tempestade—e Saudades—. Um pedido porém achamo-nos com direito de fazer ao nosso amigo, em nome da patria, que elle honra: pedimos-lhe que desminta o titulo de seu livro; pedimos-lhe e esperamos, que não sejam esses os *Ultimos* cantos, que elle entõe para gloria do Brasil e de si mesmo.





Lume é lassú che visibile face
Lo creatoro aquella creatura
Che solo in lui vedere ha la sua pace.
Dante, Paraíso, Canto 30.

Abîme de transports sondé par la prière,
Où l'âme absorbe Dieu, comme un flot la lumière.
A. Soumet, D. E.

I.

Vai triste o mortal que a fronte abatida,
Os olhos na terra, não volve-os aos céos,
Aonde fulgura a imagem de Deos,
N'um ether de luz, de amor e de vida.

A vista dos céos é graça, sublime,
No peito diffunde leite, esperança;
Olvida pezares, conduz á bonança,
E tacita idéas sagradas exprime.

O homem colloca n'um throno celeste,
A terra converte n'um Eden de amor;
E o mesto horizonte do pranto e da dôr
Das cores ethereas alegre reveste.

A estrella que brilha no páramo azul
É socia da mente que vive a pensar,
É uma harpa, que, muda, nos vem libertar
Do esp'rito malvado que houvera Saul.

Em mutuo consorcio as almas enlaça,
O céu liga á terra, os homens deifica,
Os máos pensamentos altriz sanctifica,
E vertem seus raios carismas e graça.

É um tacito hymno de altiva eloquencia,
 É o lume dos olhos de Archanjo formoso
 Que accende mil lumes, lume venturoso,
 E nos reconduz á meiga innocencia.

A vista dos céos, de noite e de dia
 É o livro o mais bello, e o mais variado;
 É fonte onde o genio, sempre extasiado,
 Se engolpha em torrentes de altiva harmonia.

Dos astros, das nuvens, no estavel remanso
 A fórma incançavel eterna varia;
 A noite é tristeza, amores o dia,
 Prazer a manhã, e a tarde descanço.

Se o lume desponta da aurora rosada,
 Aos hymnos canoros das aves contentes,
 As feras se alegrã, e as alvas torrentes
 Mais doces murmuram na selva encantada.

Se em pino radia o sol creador,
 E alaga de brilho a cup'la azulada,
 Fremente a campina na chamma abrasada
 Em doces perfumes se expande de amor.

As selvas levantam a massa virente,
 Vão junto do astro mais vida fruir,
 E ao meigo favonio ahí desferir
 Co' a fronte odorosa um hymno cadente.

Se a tarde purpurea, brilhante, dourada,
 No peito derrama tristeza e saudade,
 A noite querida, co' a face azulada,
 Vem dar-nos em troca Lucina argentada.

O' lua propicia, Castalia perenne,
 Que nunca sacias a sêde da mente,
 Que és phenix perpetua, fanal permanente,
 Que Deos acendera na hora solemne.

Do mar as areias, do céu as estrellas,
 Os versos não marcam que has inspirado,
 Tu és sempre a musa do canto magoadado,
 A corda que vibra as notas mais bellas.

És sempre Diana, e o vate o pastor,
 És sempre a seus olhos a amante querida;
 Teus beijos de lume ao genio dão vida,
 Endeixas germinam, exornam o amor.

És bella se rompes atra tempestade,
 Mais bella sorrindo nas ondas do mar,
 Mais bella no abysmo que vais pratear,
 Sublime entre os astros pela immensidade.

O vate, ao nascer, ao fado obedece,
 Os céos interroga, sua alma incendeia,
 Na lyra divina os sons cadencia,
 E a ti as primicias do genio offerece.

De meigos affectos tu és o sacrario,
 A fonte soidosa, a pyra do amor,
 Teus frigidios raios lhe dão mais calor
 Que o lume vernal do hélio sanctuario.

És lampada eterna, que os threnos educa,
 As azas de lume do audaz pensamento,
 A musa perenne, o almo incremento
 Aos sons da harmonia, que jámais caduca.

Creso dizendo de sobre a fogueira
 Que o ia queimar: — *Solon, tens razão;*
 Não disse-o cravando seus olhos no chão,
 Mas sim onde a fé repousa fagueira.

O rei desthronado, que vê a seus pés
 O imperio deserto, a c'roa quebrada,
 Escravos fugirem, fugir sua armada,
 No céu só encontra alivio ao revez.

Os olhos vezados a nunca soffrer
 Afeitos do alto a ver, imperar,
 Da terra, que os nega, se vão asyalar
 No céu onde os reis mendigos vão ser.

No céu, onde os reis não tem magestade,
 Não tem cortezãos, não tem a mentira,
 Aonde seu braço, aos raios da ira,
 O ferro não luz: que é tudo igualdade.

O martyr, que ás feras de pasto servia,
 E aos olhos de Nero de grato festim,
 Fatal no exicio, no glorioso fim,
 O céo encarava p'ra onde subia.

O céo quando a esp'rança do peito se ausenta,
 Das almas quebradas é o meigo consorte,
 E' o thalamo sancto na hora da morte,
 Repouso, refugio da terra cruenta.

O céo é guarida da pura innocencia,
 Asylo seguro do filho da terra,
 Que o céo, onde a gloria divina se encerra,
 E' fonte perenne da eterna clemencia.

E' o ponto final da dura viagem,
 O termo das dores, e das agonias,
 Que rime e triumpho, é onde o Messias
 As lagrimas secca, e adoça a passagem.

E' o nectar eterno da fonte da vida,
 O porto que salva do horrivel naufragio,
 Thesouro insondavel, do pobre apanagio,
 Do filho de Adão a plaga querida.

Sugesto do eterno, do fraco a vingança,
 Coroa immortal, virtude sem fim,
 E' o Eden do justo, aonde um Seraphim
 Premeia os triumphos da Fé, da Esperança.

O homem pungido de atrozes remorsos
 Na marcha da vida caminha acurvado ;
 O mundo o fatiga, seu passo cançado
 Só vê sobre a terra perigos, destroços.

Se um riso fugaz lampeja em seu rosto
 Veloz desaparece, que o lívido senho
 O monstro retrabe, pesado, ferrenho,
 E mais hediondo retorna o composto.

A larva do crime seus olhos carrega,
 Em átra masmorra sua alma escravisa ;
 A terra lhe treme, se a terra elle pisa ;
 Se chora, seus olhos ao céo não entrega.

A vista do máo, vampiró sangrento,
 O aspecto dos céos não póde aturar,
 Que Deos já em vida o faz encarar
 O inferno e tremer do seu passamento.

À escura gehenna seus olhos terrestres
 Atados, castigos estão a cumprir,
 Não sabem do abysmo, não podem fruir
 Do céu rutilante os lumes celestes.

O justo, que o riso na face estampara
 Durante as tormentas do mar da existencia,
 Que as vira tranquillo passar da eminencia
 De sua pureza, o céu ledo encara.

Encara-o risonho, abrindo sua alma,
 Que o céu para o justo é Sancta Sião,
 O Golgotha novo, nova redempção,
 Aonde florece de Déhora a palma.

Na hora em que o tempo e a luz me fugir,
 Se á terra meus olhos caçados baixar,
 Será, ó meu Deos, para perdoar,
 Que a estrada hão dos céos alegres seguir.



II.

Mas que é isto! onde estou eu,
 Que céu é este que vejo?
 Oh! de certo, eu não te invejo,
 Tu não és o céu que é meu.

És um sudario, um céu frio,
 Que amortalhas a natura,
 Que não tem a formosura
 Do céu do meu patrio rio.

No meu formoso Brasil
 Tenho um céu todo harmonia,
 Um céu claro noite e dia,
 Um céu sereno e gentil.

GUANABARA.

Um céu onde brilha a cruz,
 Orago da minha terra,
 Que é bello, que tudo encerra,
 E onde Deos se reproduz.

Lá não paira nevoa algente,
 Nem da morte as frias côres;
 E' meu céu um céu de amores,
 Que protege um sol ardente.

Odora suave brisa
 N'elle habita esvoaçando,
 Que ás flores vida vai dando,
 E as agoas sonora frisa.

Quando negra tempestade
 No meu céu se alarga, e muge,
 O raio serpeia, estruge
 Como a voz da eternidade.

Sobre a terra desce, e alaga,
 Tudo treme, tudo aballa;
 De repente foge e cala,
 Rompe o sol e tudo afaga.

Renascida a natureza
 Parece n'aquelle instante;
 E' tudo alegre, e brilhante,
 Tudo harmonia e belleza.

Os bulções da Hybernia fria
 No meu céu não vão campar,
 Lá não vão campos nevar,
 Que o meu céu flores só cria.

E' tenda que ao perigrino
 Cobre o leito do seu pouso,
 Que protege no repouso,
 Ao velho pobre, ao menino.

E' como a face do Eterno
 Sempre serena e brilhante;
 Lustra o ouro, o diamante
 Não é este céu d'inverno.

Sempre bello, sem igual,
 Infunde n'alma alegria;
 Jamais entristece o dia
 C'um docel de funeral.

Oh! meu céo, meu céo querido,
 No dia em que te avistar,
 Ledo a terra hei de beijar,
 Porque a ti me é prohibido,

Hei de com patria alegria
 Um canto de amor votar-te,
 Hei de ser por toda a parte
 Uma nota de harmonia.

Minha velha mãe proteges,
 Proteges os meus amigos,
 E a liberdade que reges
 Lá não tem crucis imigos.

Lá de Deos o arestō eterno
 Na consciencia se grava,
 Lá contra o homem não trava
 Ferreo preto a mão do inferno.

O meu céo é um céo de amor
 Para toda a humanidade,
 Asylo da liberdade,
 Céo formoso e protector.



III.

Da Britania nublosa, que os mares
 Com mil naves commanda, escravisa,
 Vi o solo, e a gente que pisa
 Sobre o Indo ; e dos turbidos lares,
 Onde fumo constante deslisa,
 Suas grimpas soberbas nos ares ;
 Vi a terra que o céo apocou
 Mas que o Anglo tão nobre elevou.

Maior que Roma antiga,
 Das leis fiel amiga,
 Sem par, a Inglaterra
 Domina o mar e a terra ;
 As gemmas do Oriente
 Esmaltam suas praias,
 Estende as suas raias
 No mar, no continente ;
 Venera a intelligencia,
 Realça a humanidade,
 Que ali da presciencia
 Nasceu a liberdade.

Mas porque no teu solio industrioso,
 O' sombria rainha, te euthronisas ? !
 E' que a terra que elevas, que harmonisas
 Não protege e ameiga um céu formoso.

Não tens o meu céu brilhante,
 Um céu que germina amor,
 Que fecunda a todo o instante :
 Céu benino e creador.

Qual saphyra do mago Oriente,
 Bella Italia, o teu céu resplandece,
 Mas a par do meu céu se amortece,
 Que ouro entorna no altriz ambiente :
 Nem lá sempre a campina florece,
 E se adorna de esmalte virente,
 Da princeza vernal o outono
 Secca as folhas, desnuda o seu throno.

Sepulchro de cem Martes
 Retumbas harmonias ;
 Pranteas melodias,
 És hoje odeo das artes.
 O sol do arguto engenho
 Na fronte escravizada
 Tua alma encarcerada
 Impelle a um desempenho :
 Que cáias como a virgem
 Ao ferro do traidor,
 Serás inda maior,
 Que ó gloria e não vertigem.

De Rienzo e Petrarca o sonho augusto
De sobre o Capitolio paira ovante,
Como um lar, aguardando o nobre instante
Da tua redempção : Desterra o susto.

Tens um céu, um céu brilhante,
Um céu que germina amor,
Céu da Roma triumphante,
Céu heroico e vencedor.

Sobre as margens do Sena vaidoso,
Quanto é dado co'a vista abarcar,
Vi teu céu invadir, obumbrar,
O das artes padrão engenhoso ;
Vi teus bravos co'a espada gravar
Pelo mundo o teu nome famoso ;
E nos cimbres do teu Pantheão
A esperança ao teu Napoleão.

Doou-se a natureza
O sceptro da belleza ;
Na dextra tens ovante
A palma triumphante
Que houvera Marathona ;
Das artes, da sciencia,
Perlustras a eminencia
Do Louvre e da Sorbona :
Nas celicas empenas
De teus bellos fastigios
Gravaste cem prodigios :
Es hoje a nova Athenas.

Do novo Salomão, que a paz e a gloria
Bemfasejo cultiva, o louro colhes :
Hospita feliz ao genio acolhes ;
Serás sempre immortal, grande na historia.

O teu céu, claro, formoso,
E' um céu encantador :
Sempre ha sido generoso,
Sempre forte e protector.

Não vejo o meu céu, que o cimo da Gavia
Pratea, e matiza de flores o monte,
Meus olhos se empanam no mesto horizonte
Que cerca as paúes da plana Batavia.

O lume irisado que fixas na tella,
O' Rubens famoso, aqui não colheste,
Foi longe, que o céu em que tu nasceste
Não tem esse brilho, magia tão bella.

O dia não tarda, o dia gentil
Em que do mar alto a triste saudade
Nas azas do amor, da patria amizade
Irá venturoso saudar o Brasil.

Antuerpia, 1856.



A questão do trafego, e da escravidão no Brasil em 1851.



Para bem se poder ajuizar a historia do trafego e da escravidão no Brasil, da modificação que a opinião vai experimentando, cedendo ao impulso e torrente da civilização, pareceu-me util discutir algumas questões de economia, com relação a esta questão, de envolto com os principios professados pela côrte de Roma, principios de que julgo não póde prescindir a legislação do Brasil, paiz catholico romano.

Aquelles, que, ainda não ha muito tempo, propugnavam em favor da continuação do trafego de africanos, costumavam acobertar o horror de sua cupida avareza, com alguns miseraveis sophismas, cuja impugnação julgaria completamente superflua, se não nos ministrasse ella occasião de estabelecer alguns principios de direito privado e de economia publica, ainda não por todos infelizmente adoptados. Tanto é verdade que se não póde pregar o mal sem a apparencia do bem!

Derivando da escravidão entre os antigos e em todas as épocas o direito da escravidão moderna, sustentando que o comportamento do governo inglez não é imposto pela opinião publica na Inglaterra, mas unicamente filho do egoismo e perfidia desse governo, attribuindo a este intenções sinistras de querer aniquilar a agricultura no Brasil, conseguiram por muito tempo os defensores do trafego revestil-o com as purpuras da religião e despertar os sentimentos de nacionalidade.

Foi uma vez dito e repetio-se, porque uma vez foi dito, ser geral a escravidão entre os antigos, desde os Hebreos até os ultimos imperadores romanos. A historia desmente tão generica asserção, visto que nem essa mesma servidão, limitada pela legislação de Moysés, póde penetrar entre os Phocidos, os Locridos, os Macedonios e outros povos da Grecia, e que Alexandre, apoderando-se da India, ahí não encontrou nem se quer vestigios da escravidão.

Mas Esparta e Athenas, os dous focos da civilização grega, a instituiram, e em Roma, durante a republica, foi considerado o homicidio legal, quando a morte era perpetrada pelo senhor contra o escravo.

Deixando de parte a caça dos Ilotes, cuja vantagem seguramente hoje ninguem teria coragem de sustentar, póde-se afoutamente asseverar que a escravidão entre os Athenienses nunca foi tão atroz como a imposta pelos codigos negros dos defensores da escravidão africana. Podendo os escravos da Attica intentar acção contra seus se-

nhores, por causa de máos tratamentos, gozando do direito de propriedade, mesmo da propriedade territorial, garantindo a lei o preço pelo qual elles podiam obter sua liberdade é evidente que semelhante escravidão, derivada de um direito de guerra já cabido em desuso, era sem duvida alguma muito mais branda do que essa feroz instituição americana, que confere ao senhor o direito de assassinar seu escravo, mediante a indemnisação de alguns dolars.

Em Roma, é verdade, as vidas dos escravos serviam para os divertimentos dos senhores; entretanto no fim da republica a escravidão se foi abrandando, e veio por fim o christianismo, estabelecendo as bases de um novo direito publico e privado, afrouxar as suas cadeias, á ponto que bem depressa ella cessaria, se o habito de escravisar os prisioneiros de guerra não engrossasse continuamente a lista dos escravos.

Em Roma, no fim da republica, assevera Blair, vinte meios existiam pelos quacs podiam os escravos obter sua liberdade.

No quarto seculo da era christã se restringio consideravelmente os direitos dos senhores em relação aos escravos, e nesse mesmo seculo principiou o habito, que depois tanto se desenvolveu, de assignalar as festas religiosas pelas cartas de alforria. Nos seculos undecimo e duodecimo já o numero dos escravos na Italia era tão pequeno, que uma bulla de Alexandre III regulou os meios de se conseguir em pouco tempo a geral emancipação. Com effeito no decimo terceiro seculo vio a Italia desmornar-se essa instituição.

A alteração, que nesse mesmo seculo soffreu a condição dos servos, ou escravos da gleba, é digna do maior reparo: foi desde então que se equiparou os direitos dos servos aos dos homens, que não fossem os proprietarios das terras por elles elaboradas. Desde esse dia facil foi prever a extinção do feudalismo.

Que o christianismo tem poderosamente contribuido para a abolição da escravidão, é ponto incontroverso. A bulla do Pontifice Paulo III de 2 de junho de 1537 relativa aos Indios, depois confirmada pela lei de 20 de março de 1570, os alvarás de 5 de junho de 1605, os de 11 de novembro de 1795, as letras apostolicas de Urbano VIII em 1639, de Benedicto XIV em 1741, e a bulla de Gregorio XVI em 1839, são convincentes testemunhos dos variados e efficazes esforços, feitos pela corte de Roma, para realisar a gradual emancipação.

Cançados de calumniar a religião do Salvador da humanidade, a tactica dos apolo-gistas do trafego consistio em provocar as susceptibilidades nacionaes, tornando odioso o comportamento da Inglaterra, e de todas as nações civilisadas, insinuando-o como unicamenté filho do interesse, da perfidia e da ambição daquella nação.

Não deixa de ser interessante o estudo da maneira porque se foi desenvolvendo a opinião na Inglaterra, até ao ponto de impor ao governo desse paiz um comportamento, em verdade serio e violento, mas previsto por todos os que teem conhecimento dos habitos tradicionaes dessa nação paciente e poderosa.

O numero 94 do periodico *Philantropo*, deste anno, nos ministra datas que textualmente citamos.

« Mesquinha e pueril tactica, que alguma voga teria no seculo passado, escudada por uma economia carcomida, se a historia ahí não estivesse para negar á Inglaterra

as honras da iniciativa. As severas ironias de Montesquieu em 1750, a torrente da revolução franceza, a attitude da Dinamarca desde 1792 traçaram o caminho, que sem duvida alguma a Inglaterra tem seguido com perseverança.

« Aquelles, que tanto preconizam a perfidia da politica ingleza, seus exclusivos interesses coloniaes, deveriam estudar como a opinião appareceu, foi gradual e constantemente ganhando terreno na Inglaterra, até impor ao governo britannico a lei de 1792, em virtude da qual são declarados livres todos os que pisam o solo da Gran-Bretanha. Bem curioso é o estudo dos esforços e das conquistas que na opinião publica fizeram os quakers no fim do seculo passado, e quem tiver lido o famoso sermão do bispo de Warburton, em 1766, poderá ter uma idéa da profunda impressão que este eloquente ministro da igreja estampou no espirito daquella nação. Não foi por ventura a lei citada a expressão dos votos dirigidos á autoridade pelo illustre advogado Sharp n'um processo celebre que correu toda a Inglaterra? Nunca pensou provavelmente Sharp que a posteridade lhe daria o titulo de—economista. Foi a opinião ganhando terreno, foi progredindo, até que o parlamento em 1776 declarou o trafego de homens contrario ás leis divinas, e incompativel com os direitos da humanidade. Dahi em diante os publicistas, os historiadores, os philosophos começaram a estigmatizal-o com todos os recursos da intelligencia e attractivos da eloquencia, merecendo muito especial menção uma obra preciosa que Clarkson publicou em 1786.

« Neste mesmo anno se installou uma associação debaixo dos auspicios de Clarkson, Sharp, Hoare, Wilberforce, tendo por objecto a abolição do trafego, na qual se distinguiram homens de varios credos politicos.

« Dous annos depois nomeou o governo inglez uma commissão de inquerito para colher minuciosas informações sobre a extensão e meios de fazer o trafego.

« Aqui começam os entraves legislativos que tinham de encontrar os gabinetes britannicos; aqui começa esse conflicto renhido entre os abolicionistas e os representantes dos interessados de Liverpool. Necessario e indispensavel cadinho por onde tem de passar qualquer reforma progressista! Não se deve estranhar essa opposição acintosa dos negociantes de Liverpool, lembrando-se que dos 200,000 africanos, ar-rancados no anno 1788, mais de metade foi transportada por navios inglezes. »

Por muito tempo prevaleceu no mundo um systema economico, em virtude do qual tinham as nações obrigação de se devorarem reciprocamente. Força era impedir o desenvolvimento da producção similar, quando se queria prosperar. O celebre equilibrio consistia em equilibrar a exportação pela importação do ouro.

Ultrapassou-se porém o seculo 18, uma nova era começou para a economia publica. Estabelecido o principio de que productos se compram com productos, cabio por uma vez esse funesto systema de restricção e de oppressão; o ouro deixou de ser a riqueza para ser considerado como o seu vehiculo. Ora, demonstrado o principio largo da liberdade commercial, qual foi a nação que mais depressa o adoptou? Deve-se por certo á liga dos economistas inglezes o mais importante quinhão da gloria no prevalecimento desse principio necessario, natural, permanente, largo e generoso, que tem na Inglaterra augmentado as rendas, barateado o preço dos productos, e desenvolvido a verdadeira riqueza, que consiste na abundancia dos objectos de consumo.

Em guarda seguramente devem estar as nações, contra as seducções dos economis-

tas inglezes, quando pretendem demonstrar aos outros povos a conveniencia na adopção plena e absoluta do principio: considerações ha de localidade e do tempo, cujo desprezo provocaria desordem no systema financeiro. Mas destrua isso por ventura o principio, ou pelo menos justifica essas tarifas absurdas, que só servem para acoroçoar o contrabando, e fazer com que todos paguem a riqueza de poucos?

Para quem reflecte que a importação é a indemnisação com que o estrangeiro paga o valor dos sacrificios, do trabalho, da intelligencia, da producção, evidente é que quanto maior fôr sua importação, tanto mais galardoada será a producção. Seguramente a Inglaterra attende ao desenvolvimento agricola de suas colonias; mas nunca chegariam as pretenções destas á exigir que o governo se descuidasse das manufacturas britannicas. Ora á estas convém por certo que o Brazil, um dos seus melhores consumidores, dobre, triplique, augmente em uma proporção qualquer sua producção para com esta pagar uma duplicada, triplicada importação de productos manufacturados.

Se a producção do assucar se fosse aproximando dos limites de um consumo provavel, ainda seria verosimil que a Inglaterra receasse baixa nesse importante ramo de sua riqueza colonial; mas quando se reflecte que a Inglaterra está muito aquem de consumir, segundo requer o interesse de uma boa alimentação, e que em muito peiores circumstancias se acham as outras nações da Europa, claro fica que só por um erro grosseiro de economia podia a Inglaterra intentar o aniquilamento da industria agricola do Brasil.

A seguinte tabella do consumo annual do assucar na Europa vai revellar quanto é absurda semelhante hypothese, e que a França necessita triplicar, e o resto da Europa quadruplicar o consumo para chegar ao da Inglaterra, que longe está de ser um limite.

CONSUMO DE ASSUCAR.

<i>Paizes.</i>	<i>Libras por cabeça.</i>	<i>Paizes.</i>	<i>Libras por cabeça.</i>
Inglaterra.	20 »	Portugal	5 »
Escossia	20 »	Dinamarca	5 »
Irlanda	5 »	Polonha	5 »
Belgica	15 »	Suecia	3 »
Hollanda	14 »	Italia	2 »
França	6 »	Austria.	1 4/5 »
Hespanha	6 »	Russia	1 »
Suissa	6 »		

Parece, pois, fóra de duvida que a côrte de Roma de si declina a responsabilidade pela continuacão do trafego e que tão mesquinhos não são os calculos do governo britannico; entretanto até o principio do anno passado estas doutrinas contavam muito numerosos proselytos.

Convencidos, porém, o paiz e os poderes do estado da improcedencia dos sophismas com que se pretendia comprometter o futuro do Brasil, na persistencia de uma vereda errada e fatal, as idéas e os actos experimentaram notavel alteração.

O anno 1850, tão doloroso pelo castigo providencial, deve ser assignalado por um

mareo importante na historia da civilisação do Brasil. A questão do trafego foi julgada, todos os poderes da força e da razão se colligaram para extirpar tão medonho cancro (1).

No anno seguinte (1851) não é bastante que seja praticamente reconhecido o tratado de 1826, religiosamente observada a lei de 1831. A opinião se torna mais exigente: soa o brado da emancipação prudente e gradual, o ministro da justiça se colloca á testa do movimento, um representante da nação (2) reclama, insiste para que o poder executivo apresente medidas tendentes á realizar o magestoso pensamento da emancipação, a camara applaude as palavras do deputado e o *Correio da Tarde*, organ da imprensa que um anno antes se regosijara de ver uma identica proposição não achar trez votos para ser apoiada, o *Correio da Tarde* guarda o silencio.

Mas será a emancipação uma idéa prematura, arrancada por exigencias poderosas, ou uma mera utopia, como as que passam desapercibidas e desdenhadas pelos espiritos serios e praticos?

Sem fallar do que a Inglaterra tem feito em suas colonias desde 1807 até 1833, sem fallar do passo precipitado da França em 1848, inevitavel consequencia da revolução de 23 de fevereiro, não temos o exemplo da republica de Venezuela para estudarmos os effeitos da legislação sobre emancipação naquelle paiz?

Venezuela, em 1820, quando o Brasil ainda considerava o trafego como meio de ir arrancar do paganismo os habitantes d'África, proclama o direito de emancipação e facilita a fruição desse direito, de accordo com as vistas latas e generosas do general Bolivar em 1816. A lei de 2 de outubro de 1830 estabelece regras e vota fundos para desenvolver a emancipação.

Quando se pretendia, por um desses irrisorios e inconcebiveis sophismas, annullar os effeitos da lei 1830, o ministro do interior fundamentava as instrucções que dava aos chefes politicos das provincias nas resoluções de 4 de fevereiro de 1831, 23 de dezembro do mesma anno, 13 de março de 1832, 28 de março do anno 19 da republica.

Para não alongar em demasia esta pequena memoria, não cito essa serie de actos officiaes de Venezuela, todos destinados á facilitar a emancipação, e que tão natural, prudente e humanitariamente hão conseguido extirpar quasi completamente a escravidão daquelle paiz.

A declaração do ventre livre, a fixação da época da abolição da escravidão, o regulamento dos direitos e deveres dos possuidores de escravos, o preço legal para regular o valor da liberdade dos escravos, segundo a idade, e outras similtantes, são sem duvida optimas resoluções, que o Brasil deverá adoptar quanto antes, com o fito de promover a civilisação e impedir que renasçam novas cabeças dessa hydra, que n'outros tempos se chamava elemento civilizador do imperio do Brasil.

Adiante exaremos a tarifa para se calcular o valor legal dos escravos em Venezuela,

(1) Poucos annos antes se havia supprimido de um acto official o epitheto *infame* applicado ao trafego, e em 1850 o Sr. ministro dos negocios estrangeiros chamou em face do mundo o trafego — CANCRO MEDONHO.

(2) O Sr. Cerqueira Pinto.

IDADES.		PREÇOS.	IDADES.	PREÇOS.
Mezes.	Dias.	Pesos	Annos.	Pesos.
—	8	50	14	290
1	54	15 até 39.	300
2	58	40	290
3	62	41	285
4	66	42	280
5	70	43	275
6	74	44	270
7	78	45	260
8	82	46	250
9	86	47	240
10	90	48	230
11	95	49	215
1 anno.	100	50	200
2	105	51	180
3	110	52	170
4	115	53	155
5	120	54	140
6	130	55	125
7	140	56	110
8	150	57	95
9	160	58	80
10	180	59	65
11	200	62	20
12	230	63	5
13	270	64	0

Rio de Janeiro, 5 de junho de 1851. — *Pedro d'Alcantara Lisboa.*



O PATRIARCHA DA INDEPENDENCIA

PELO AUTOR DO

YPIRANGA, PROPHETA DE OLINDA

DEDICADO Á EXMA. SNRA.

D. MARIA FLORA DE ANDRADA.

Sic vos non vobis.

Existe um lago formoso,
Que abrigando com caudaes
Para encanto dos mortaes
Nithero guarda orgulhoso.

Os dous pilares fronteiros,
Que a entrada altivos lhe bordam,
Do grande Alcides recordam
Os trabalhos derradeiros.

Nithero ali descansando
Seu colossal corpo estende,
E o céo com seu rosto fende
As tormentas regulando.

Deste lago á marge' está
De erguidas torres coroada,
A cidade aventurada,
Que o ser deve á Mem de Sá.

E em seu fundo as serras vêm-se
Que erguem picos eriçados,
Quaes os tubos afamados
Do sacro instrumento haarlense.

Entre ellas c'o dedo aponta
Uma mão gigantea ao céo,
Qual a que outr'ora escreveo
Do rei babilonio a afronta.

Essa mão solemne, irada,
 Com ademan mysterioso
 Lembra ao homem orgulhoso
 Que espere da terra nada !

Ilhas mil, de Amor afago,
 Inspirando paz, descanso,
 Brotam do regaço manso
 Deste fresco e ameno lago.

A qualquer dellas pudera
 Dos lusos o vate amado
 Ter por modelo tomado
 Para a ilha de Cithera ;

Mas todas vence em primores,
 Mais que todas se ergue airosa,
 A Paquetá primorosa,
 Morada de mil amores.

Vêm-se ali veredas mil
 De limeiras intrincadas,
 Tem as auras impregnadas
 Sua fragrancia subtil ;

Ali do araçá sab'roso
 Sobra vida ao pé copado ;
 O maracujá sagrado
 Ali se enreda gostoso.

Tu, mangueira protectora,
 Ali soberba te ostentas,
 E com tua copa alentas
 Á fatigada pastora :

Não teme o sol indignado
 Quem tua sombra protege,
 Embora os raios dardeje
 Do Capricornio abrazado.

Existe desta ilha á ourela
 Em uma placida enseada,
 De airoso vergel cercada,
 Uma pousada singela.

Sua varanda os alinhos
Despreza da architectura,
E só ostenta a cega alvura
De seus pilares mesquinhos ;

Assim como a natureza
Muita alma candida gera,
Simples, modesta, sincera,
E em que só brilha a pureza.

No recinto retirado
Deste aposento invejavel
Stava um velho veneravel
De coração resignado.

Sua nivea, arqueada testa,
Serena, qual primavera,
Mesmo assim domina, impera,
Ser séde do genio attesta ;

Seu azul olho clemente
Inspira affecto e respeito ;
Retrata a paz de seu peito
O seu rosto transparente.

Duas brandas, alvejantes
Madeixas soltas lhe ondeiam
Sobre os hombros, e encadeiam
As almas mais arrogantes.

Sentado em silencio estava
Junto de mesa despida,
E da Narcisa querida
A voz divina escutava ;

Narcisa, filha fagueira,
Assidua, meiga, incansavel,
Do velho pai veneravel
Consolação postrimeira !

De Ben-Abad prisioneiro
Zaida assim secava o pranto,
De seus versos com o encanto
Mitigando o captiveiro !

GUANABARA.

Prisioneiro ! . . . Assim findou
O resto da lassa vida
Quem a patria tão querida
Toda a vida consagrou !

Exaltou-a ; entre as nações
Soberbas do mundo a ergueu ;
Foi seu archote ; e colheu
Só o fructo de ingratições !

Assim succos nectarinos
Vós, abelhas, recolheis,
E formaes os doces meiz,
Presas de zangões ferinos.

Assim tu vello macio
Geras, cordeiro pacato,
Que é de outros corpos ornato,
Protege de outros o frio.

Assim vossos leves ninhos,
Ligeiras aves armaes,
Em que ternas abrigaes
Vossos ingratos filhinbos.

Assim vós, pesados bois,
Sulcaes fundas sementeiras ;
Mas quem enche as vastas ciras
Certamente vós não sois.



COSTUMES CAMPESTRES DO BRASIL.

II.

A FAZENDA DO RIO CLARO.

Vou dizer o que vi e observei na fazenda do *Rio Claro*: dou preferencia a essa sobre algumas outras, que tenho visitado por duas fortes razões: primeiramente acertaram de estabelecê-la n'um sitio, onde a natureza brasileira ostentando todo brilhantismo de suas gallas deixou no meu espirito saudosas e profundas recordações; e depois, o que é para mim agora muito mais importante ainda, não podendo ella entrar na linha das fazendas mais completas, nem pelo contrario ser considerada presa de parceria a aquellas, que são ainda hoje escravas fieis da velha e pesada rotina, deparo eu nesse feliz meio termo com uma taboa de salvação para não naufragar e perder-me embellesando ou enfeiando de mais o quadro, que me proponho de traçar. Ainda assim forçoso me é de ante-mão prevenir, que na provincia do Rio de Janeiro, onde escrevo, é o municipio de Campos, e são os ricos municipios do sul os que possuem estabelecimentos agricolas mais bem organizados, e que eu me occupo de descrever um, que nem pertence ao numero desses, nem entra na conta dos melhores, que enriquecem os districtos visinhos da cidade de Nicterohy.

No Brasil dá-se aos grandes estabelecimentos de agricultura o nome de —fazenda—; mas ao norte da provincia do Rio de Janeiro, onde se acha situada a do *Rio Claro*, é em alguns municipios reservado esse titulo exclusivamente para os *engenhos* ou fabricas de assucar.

A fazenda do *Rio Claro*, que dista dez ou doze leguas da cidade de Nicterohy, era um antigo engenho de assucar, que passou a novo possuidor, o qual julgou conveniente fazer levantar melhor fabrica: sou amigo e collega do filho deste fazendeiro, e aproveitando-me do seu convite para assistir a primeira moagem do engenho novo, não hesitei em ir apreciar essa agradável festa campestre.

Não me arrependi, nem me podia arrepender de chegar á fazenda do *Rio Claro* um dia antes da festa, que devia ter lugar: aproveitei hora por hora todo meu tempò, já apreciando o lindissimo panorama, que a meus olhos se desdobrava para todos os

lados, já estudando a vida do agricultor, que tão monotona se acredita de longe, e tão variada e tão cheia se aprecia de perto.

A estrada, que me levou ao *Rio Claro*, era larga e estava muito bem conservada, graças sem duvida ao sol, que está hoje por todos reconhecido como o melhor engenho da provincia, pelo menos no que diz respeito á conservação dos caminhos: logo que cheguei á cancella da fazenda, pude em um lançar d'olbos distinguir todas as suas casas, cuja vista produz o mais bello effeito, simulando um pequeno arraial.

A casa de vivenda está situada na encosta de uma collina que se levanta no centro do campo vasto e quasi circular: edificada ha muitos annos e conforme o gosto dos nossos antigos lavradores, essa casa é assobradada, tendo seis janellas de frente, e no meio uma porta, que abre para um pequeno alpendre com escadas de tijollo aos lados: por sua parte esquerda a casa se liga a uma capella modesta e simples, mas que deixa conhecer o estylo dos Jesuitas: pela direita e á distancia de algumas braças do sopé da collina desfilam as senzalas ou casas dos escravos, baixas, iguaes, unidas todas, tendo cada una dellas uma unica porta na frente: a alguma distancia ainda se fazem distinguir duas senzalas maiores, que soube depois pertencerem a dous feitores, escravos estimados e fieis: todas estas casas recentemente caiadas alvejavam ao longo a meus olhos, e sobre ellas reflectia o sol seus brilhantes raios, produzindo uma scena encantadora.

A' breve distancia da collina se erguia o—*engenho*—a fabrica; vasto edificio quadrado, que ainda hoje se edifica com as mesmas fórmas e proporções, como pouco mais ou menos se edificava a cem annos passados.

Cheguei, e ao entrar na sala, ou antes na grande varanda, que, com dous quartos nas extremidades, os quaes são de ordinario destinados para hospedes, occupa todo primeiro plano da casa, tive logo occasião de felicitar o pai de meu amigo pelo desvelo com que conserva e estima a antiga mobilia de nossos avós: apreciei como devia ricas e grandes cadeiras com assento de guadamecim e espaldar competente, custosas mesas e bofetes todos ornados de difficeis labores e perfeitamente torneados; e quando eu suppunha ter diante de mim nesses moveis ao gosto da renascença as obras de algum grande artista de Vianna, mandadas vir pelos primeiros possuidores da fazenda do *Rio Claro*, minha satisfação se augmentou muito mais sabendo, que eram elles feitura do nosso primoroso entalhador o celebre mestre Valentim, architecto da igreja da Cruz.

Depois de haver descansado alguns instantes, dirigi-me para uma das janellas, e lá senti que minha alma toda se veio aprazer nos meus olhos, que se engolfaram com um encanto inexplicavel na vastidão do theatro immenso e ricamente vestido, que por toda parte grandioso e bello se patenteava: á minha mão esquerda vi uma serra magestosa, que se prolonga até onde alcança a vista humana, e mais ainda, até onde a tinha feito parar a mão poderosa de Deos: turvos gigantes de granito, alguns topetando com as nuvens, outros monstruosamente curvados, abrindo nos flancos caminho ás torrentes, nús, escalavrados, fazendo o mais sensível contraste com soberbos montes visinhos cobertos de florestas seculares, punham em tributo constante minha admiração, que não achava para esse spectaculo bello e ao mesmo tempo terrível, senão a palavra—sublime!...

Diante de mim, e á minha direita, se desdobrava uma planicie immensa toda semeada de bellos outeiros, de matas verde-negras, de humildes palhoças e formosos *sítios*, por entre os quaes tortuosamente se deslizam estradas, que alvejam ao longe, e que ora se perdem ao atravessar de um bosque, ora outra vez reapparecem lançadas, como zonas, por sobre uma longa campina.

Em torno do campo do engenho estendem-se aqui os *partidos* da fazenda, ou canaviaes; ali os mandiocaes, cujas ramas, cedendo ao impulso do vento, dobram-se e rovolvem-se tomando muitas vezes de emprestimo o aspecto do oceano.

Espalhadas á beira da cerca do campo deixam-se ainda ver pobres casinhas, uma ou outra das quaes como que vergonhosa se esconde por detraz de protectoras arvores: são ellas o abrigo de desvalidos da fortuna, aos quaes ajuda a carregar o fardo da vida a caridade do fazendeiro.

Minhas vistas se concentraram finalmente dentro desse mesmo campo da fazenda: vi o rio... era uma cachoeira: adivinhei-a antes mesmo de tel-a visto, quando ao longe, cahindo de cima do rochedo, ou rolando impetuosa sobre um leito de pedras, ella ronca simulando o longo trovejar da tempestade que foge, ou da borrasca que distante rebrama: via-a, depois de havel-a sentido, entrando no campo, que, como uma serpente, ella percorre fazendo mil voltas, e desaparecendo emfim, além da cerca, embebida no mysterio de um bosque visinho: um sem-numero de pequenos rochedos se levantam em suas margens na campina do engenho, desiguaes nas figuras e nos tamanhos, alguns cabem curvando-se e vão mergulhar-se na corrente, semelhantes a touros que, debruçados sobre o leito do rio, estivessem matando a sêde.

Em uma especie de península, que defronte da casa, e quasi encostada á cerca da campina fórma a cachoeira em uma de suas maiores colleadas, o bom gosto e a prudencia dos antigos donos do *Rio Claro* deixou incolumes, e soube respeitar um grupo numeroso de vinhaticos, que ostentam seu aspecto gracioso ao lado de alguns ipês, que nos ultimos mezes do anno se coroam de cupolas côr de ouro, como se a natureza lhes quizesse dar assim a apparencia de reis das florestas.

Junto do engenho está o grande cercado que serve de curral, e onde, ao crepusculo da tarde, vem se recolher o gado, que durante o dia pasta no campo e nas *capoeiras* para esse mister escolhidas: ao pé desse cercado vê-se a velha *bagaceira*: nas antigas fazendas a bagaceira podia indicar a idade de um engenho: hoje o bagaço das cannas é utilmente empregado nas fornalhas, e não se despreza mais como d'antes.

Todo este interessante espectáculo, que acabo de rapida e inhabilmente descrever, gozei-o eu á luz dos ultimos raios do sol: a noite, que chegou muito depressa para meus olhos, deu-me no entretanto occasião para receber do pai do meu amigo algumas informações a respeito de sua fazenda: do que ouvi, e do que eu mesmo observei passo agora a fazer a relação.

O fazendeiro é o homem da actividade e do trabalho: ao anoitecer, sentado á sua porta, escuta o feitor, que lhe dá conta exacta e miuda, do que fez no dia, que acabou, e recebe novas ordens para executar no dia, que tem de seguir: logo ao amanhecer elle se levanta ao toque do sino da fazenda, que desperta e chama os escravos ao serviço; toma a sua chicara de café, e vai observar o gado, que deixa o curral,

onde ruminou de noite, para ir de dia pastar nas campinas: d'ahi a pouco monta a cavallo, e se apressa a ir percorrer suas roças, donde volta, quando começam as horas mais calmosas do dia: de tarde este fructuoso passeio é outra vez repetido; mas não acrediteis que lhe corra a vida sempre assim tão regular e commoda: as vezes a natureza do trabalho exige uma direcção constante e intelligente, e então o fazendeiro á testa de seus escravos desde o romper do dia até o declinar da tarde só se pôde lembrar da casa e do descanso ás mesmas horas em que os canarios e os coleiros vão abrigar-se sob a copa das laranjeiras; então o seu jantar se estende á sombra de uma arvore frondosa, e elle vai matar a sêde no limpido regato, que corre no seio do bosque: e as vezes tambem o fazendeiro é um homem de organização de ferro, que criou uma fortuna sómente com o seu braço e com a sua constancia, um homem que começou pobre e só confiado em si mesmo e graças a uma força immensa de vontade chegou até a enriquecer, e que habituado desde os primeiros annos ao sol, que elle bemdiz, porque vivificou suas plantas, as chuvas, que elle abençoa, por que fertilisaram seus campos, as tempestades enfim, que não teme, porque soube assoberbal-as mil vezes, não pôde mais esquivar-se ao trabalho, que já é uma necessidade para seu genio activo, e se mostra sempre diante dos escravos, cujo serviço é duas vezes mais valioso, já pelo poder do exemplo, já pelo receio do castigo: pensaes porém que aquelle que vistes inda a pouco deixar tão cedo as roças unicamente confiados ao zelo dos feitores vai entregar-se á ociosidade no remanso domestico? não: lá elle de uma das janellas observa o terreiro, onde o fructo das colheitas e da moagem exposto ao calor do sol pôde ser decimado pelo furto ou destruido pelos animaes; lá á calma abrazadora do meio dia, examina se é conduzido ao curral e convenientemente tratado o gado acommettido pelo fatal rhicinus, verdadeiro parasita animal, que se pega á sua pelle, que se alimenta de seu sangue, e que o faz ir definhando pouco a pouco até causar-lhe a morte; e se é tempo de moagem, as horas do dia não bastam e velando ainda uma parte da noite elle compra com alto pagar de fadigas uma riqueza, que por ventura chega a conquistar no fim de longos e laboriosos annos.

E julgaes acaso que não ha contratempos nesse trabalhoso viver de agricultor? . . . pensaes que no nosso fertil e abençoado paiz basta plantar, para que seja prompta, segura, e abundante a colheita? . . . pois tambem não: ahi estão as estações irregulares, que illudem mil esperanças; as cheias que arrebatam roças inteiras regadas com o suor de mezes; o sol ardente e a secca prolongada, que as torra; a lagarta, que devora o mandiocal; a praga e a barata, que destroem os cannaviaes; o máo mercado, que desaprecia os generos; a peste enfim, que despoeva o campo de animaes: ahi estão essas, e olvidadas ficam ainda muitas outras contrariedades, que fazem o *senão* da vida do fazendeiro, e vem demonstrar-nos mais uma vez, que não ha historia possivel, que não offereça, ao pé de uma pagina côr de rosa, uma outra pelo menos turva e melancolica.

(Continúa.)

NOTICIAS DIVERSAS.

No dia 2 de julho, como é costume, se celebrou a festa de Santa Isabel, e se abriram ao publico as enfermarias do hospital da Misericordia; mas o que mais ennobrecceu esta solemnidade foi a exposição do novo hospital. Esta grande obra, que tanta honra faz á geração actual, é devida á incansavel caridade do Exm. Snr. José Clemente Pereira, um dos maiores creadores da terra de Santa Cruz. Não se admira sómente na nova fabrica a extensão de uma fachada de cem braças, a sua solidez, e o bem acabado, porque se o externo é notavel por estas qualidades, o interior revela ainda maior perfeição. A capella apezar de participar de um estylo mixto entre o classico e o borrominico, é uma riquissima obra, e muito bem acabada: é pena que uma pintura tão mediocre adorne o seu altar.

Na sala dos fundadores, ou da entrada se viam varios bustos de marmore, feitos pelo Snr. Pettrich, e n'uma outra a planta geral e o alçado das officinas do edificio: as modificações apresentadas pelo Snr. Rebello, para as novas construcções nos pareceram regulares, e de melhor estylo, que as traçadas pelo engenheiro architecto Domingos Monteiro, autor do risco do novo hospital.

Superabunda nesta obra immensa um luxo e um bem acabado em tudo o que pertence a obra de carpintaria e marcenaria, que faz honra á industria da época actual, e particularmente ao Snr. Alcantara, mestre daquella obra. Os visitadores daquelle monumento que tanto admiram a sua construcção, solidez, e perfeição, ignoram que por baixo da terra ali existem outras construcções não menos admiraveis, todas de solido granito, e desumma utilidade para o monumento. Cabe grande gloria ao Exm. Snr. José Clemente a realisação de um tão nobre pensamento; competem-lhe todas as palmas da immortalidade, toda a gratidão da posteridade, por um justo motivo; mas tambem a seu lado irão gozar desta mesma gloria, o engenheiro Domingos Monteiro, o Snr. Sant'Anna, mestre constructor daquella obra, e o supracitado Snr. Alcantara.

A Providencia Divina conceda ainda largos annos de vida ao benemerito senador do Pará, ao creador de dous monumentos de caridade publica, e o faça assistir não só ao ultimo remate do novo hospital da Misericordia, como tambem ao do faustoso Hospicio de Pedro II, que ainda por muitos annos será o primeiro em toda a America, e talvez um dos melhores do mundo.

Deste ultimo monumento nos occuparemos em artigo separado em um dos proximos numeros, e faremos os possiveis esforços para offerecer aos nossos assignantes uma es-

tampa da planta e outra da frontaria desta obra sumptuosa, que pareceria um sonho á maior parte dos homens da actualidade, se não a comprehendesse o Snr. conselheiro de estado José Clemente Pereira.

Na REVISTA DOS DOUS MUNDOS, do mez de março do corrente anno, vem um artigo intitulado :—O IMPERIO DO BRASIL, E A SOCIEDADE BRASILEIRA EM 1850.

Da penna do Snr. Emilio Adet, que aqui foi educado, e onde teve intimas relações é este artigo, notavel pelos conhecimentos locais, e pelo merito com que está lançado.

A' ausencia de quasi oito annos do illustre autor são devidas algumas ligeiras inexactidões, e sobre tudo o não estar em dia com os progressos materiaes e mesmo intellectuaes do paiz. Mas apesar destes ligeiros senões, tão justificaveis em favor do escriptor parisiense, o artigo do Snr. Adet é uma das melhores obras, e das mais exactas que tem sahido ultimamente da imprensa franceza ácerca do Brasil. O Instituto Historico nomeou o Exm. Snr. conselheiro d'estado, Caetano Maria Lopes Gama para dar um parecer sobre este escripto; o que justifica o apreço que delle fez, e a consideração que lhe resulta pela importancia da posição social e conhecimentos litterarios do Exm. Snr. Lopes Gama.

Pela nossa parte, agradecemos muito ao Snr. Emilio Adet a manciara porque nos trata no seu escripto, e lhe tributamos um sincero reconhecimento.

Consta-nos que o governo imperial vai mandar construir uma nova prisão, que se denominará—CUSTODIA,—para ahi recolher todos os presos sem culpa formada, e os que ainda não cumpriram sentença. A pessoa escolhida para a execução e plano da obra, segundo nos consta, é o Exm. Snr. Ricardo José Gomes Jardim, lente da escola militar, e pessoa altamente habilitada.

O Illm. Snr. Dr. Magalhães, encarregado de negocios de S. M. I. em Napoles, nos dá a grata noticia de que o seu poema—A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS,—se acha no setimo canto. O publico já teve um specimen desta nova obra do nosso illustre poeta na *Revista Nacional e Estrangeira*, que ha annos publicaram os Snrs. Bellegarde, Josino e Pereira da Silva.

A ensecadeira ou tentativa para isso, que se começou a fabricar no largo do Paço, para a construcção do novo caes, vai-se arruinando de dia em dia, e não ha esperanças de ver a reaparição daquella obra projectada. A actual camara municipal quiz distinguir-se da outra em parar com as obras do novo matadouro, e as do novo caes: é gloria que ninguem lhe inveja.

Foi aposentado com o seu ordenado por inteiro Monsieur Felix Emilio Taunay, que por espaço de vinte e sete annos serviu o lugar de professor de pintura de paisagens, e o de director do estabelecimento de 1834 até este anno.

O governo imperial nomeou interinamente ao Snr. Job Justino de Alcantara, professor de architectura civil para substituir a Monsieur Taunay! Consta-nos que o aposentado vai para a França descansar, e tratar da sua saude.

O Snr. tenente coronel Andréa, filho do Exm. Snr. general Andréa, se propõe, e já deu começo, á formação de uma nova carta do imperio do Brasil. Damos os mais cordiaes parabens a S. S. por este empenho honroso, e desejamos com um vivo enthusiasmo que leve a effeito um trabalho de tanta monta, e de tanta utilidade, e para o qual é necessario, além das habilitações que possui, uma longa serie de pesquisas e vigílias. A carta do Snr. general Conrado, premiada pelo Instituto, como o melhor trabalho geographico annual, tem algumas inexactidões, que esperamos serão rectificadas pelo novo geographo, que na actualidade acha maior copia de documentos nos archivos das secretarias de estado, do Instituto, e no Archivo Publico, do que o seu antecessor.

O Snr. tenente coronel Andréa vai fazer um relevantissimo serviço ao seu paiz, e deve ser animado nesta empreza monumental por todos aquelles que sabem apreciar o que é um trabalho desta monta em um paiz novo, o de tanta extensão. Damos tambem as graças por elle ao Snr. commandante do Imperial Corpo de Engenheiros que o activa.

Vai ser impressa no *Guanabara* a bellissima memoria que o Snr. Dr. Paula Menezes, segundo secretario do Instituto, leu em varias sessões, perante SUA MAJESTADE IMPERIAL sobre o ponto que o mesmo Augusto Senhor lho confiara na sessão de 15 de dezembro de 1850, que é o seguinte:—O estudo, e imitação dos poetas românticos promove, ou impede o desenvolvimento da poesia nacional?—

Por cartas fidedignas, que tivemos de França, podemos assegurar que o Exm. Snr. Paulo Barbosa da Silva se acha inteiramente restabelecido; e que no mez de novembro do corrente anno regressará este protector das letras e das artes.

Foi incluída no orçamento do imperio uma verba para o aluguel de umas casas para o Archivo Publico. E' mais uma providencia provisoria em assumpto que tem relação com a propriedade dos cidadãos e com a vida da nação. Se queremos no nosso paiz ter um Archivo Nacional e una Bibliotheca Publica em que os papeis e

os livros em vez de se accumularem se não diminuem cada anno pelos que desaparecem roídos do bicho e do copim não vamos pagar alugueis de casas velhas, humidas, e sem ventilação conveniente.—Ahi está a fundição da Ponta d'Arêa, e á frente della o Snr. Ireneo, que tem bastante patriotismo para se não negar a dar-nos para a Bibliotheca e Archivo Publico uma casa de ferro, com estantes de ferro, em um lugar ventilado da cidade; mediante a condição de ser embolsado em alguns annos. Para modello desse edificio basta-nos-ia pedir os desenhos da Bibliotheca de Santa Genoveva em Paris.—E se em Paris ha vantagem de serem as bibliothecas de ferro, que diremos desta nossa terra!

Já vão desaparecendo das ruas da nossa capital os grandes fojos, que havia outro dia quem apostasse que tinham sido mandado abrir por uma junta de segeiros para apanhar dentro as passarolas *andorinhas* e os velozes *tilburys*. A camara municipal depois de lhes fazer o gosto por algum tempo, quando elles já não tinham mãos a medir para os concertos que lhe cahiam em casa a não poderem dar vasão, resolveu mandar tapar os taes fojos com pedra partida, o que corresponderá a uma especie de macadão. Mais vale tarde que nunca; porém nem por isso podemos dizer que « tardou, mas arrecadou. » Em vez de fazer limpar primeiro os taes fojos para que a nova pedra se unisse á antiga deixou-se muita vez de permeio muita lama gordurenta, e a obra não será perfeita.

Ahi vai um requerimento aos Snrs. camaristas que esperamos tenha despacho confiados em seu patriotismo, e em que pedimos muito pouco.

O nosso systema de calçadas com o maldito *meio-fio* no meio e uns poucos de trambolhos de granito aos lados, tudo coberto pela terra e muito bem soccado, é pessimo. Fez o epigrama desse systema o calceteiro que disse que seu officio era como o dos medicos « que a terra cobria tudo. » Ha por tanto que mudar; e para que a mudança não se effectue ás cegas,—á tôa, como lá se diz,—é melhor primeiro pôr á prova na mesma rua os novos systemas que se apresentem. Ahi vão tres: 1.º cobrir a calçada tal qual está de pedra partida; sendo cada pedra da grossura d'uma laranja; pois com este nosso granito, em sendo as pedras mais miudas todas se esmigalham e fica a rua de arêa, o (nos tempos de secca e vento) de pó.—2.º Descalçar a rua; fazer uma cama d'arêa solta, e cobri-la de grandes pedras talhadas em forma de pyramides quadrangulares cujos vertices se cravem na arêa, e as bases voltadas para cima de dous palmos quadrados cada uma, se unam lateralmente umas ás outras.—3.º Grossas lages como as dos nossos passeios, já que não temos ladeiras e o granito por mais que se gaste nunca faz escorregar os cavallos. Cuidado porém sempre com as aguas, que a calçarem as ruas para que ellas tenham a propriedade de canaes então é melhor profundal-as e pensar em mandar vir de Veneza *gondolieri* que ao menos nos cantarão barcarolas por estas nossas ruas, onde já temos, a Deos graças, moças allemãs de realejo e pandeiro.



FRAGMENTO DE UM POEMA.

CANTO II.

Virginia luz dimana a estrella d'alva
Sobre as margens do Tinto, prateando
O dubio aspecto das sonoras aguas.
Na fronte esquiva da montanha alpestre,
C'roada de artezões, d'altas ameias,
Se dilue o sorriso luminoso,
Que atrahê á messe o lavrador : o dia
Para o mundo renasce. No oceano,
Empanadas da nevoa matutina,
Arfam tres caravellas, transluzindo
Como as larvas que o bardo caledonio
Inspirado evocava ao som do harpejo
Nas druidas selvas da guerreira Hibernia,
E que á lua fulgindo os elmos d'ouro,
Lumes brotavam das clysias frontes.

Com funebres lamentos, compassados,
O crebro badalar do bronze unguido
Do sonora tristeza ungia os muros
Do Godo sanctuario ; pelas naves
Sombrias murmurava um povo inteiro
Funereos responsorios : banha o templo
O perfume das eças ! No entretanto
Ninguem baixou á terra, nem se escutam
A consorte ulular, vagir a infancia
Sobre as faces da morte. Nas ribeiras
Do acerbo rio, que infecunda o gado,
Pelos vivos se chora, que inda ha pouco
Nos braços da amizade e da progenie
Amor, delicia e paz ledos colhiam.
Soluça a dôr, e o pranto de cem victimas
Com funesto realce extrema a scena

Do prévio funeral, onde a piedade
 Concede aos vivos o que presta aos mortos.

Desgrenbadas, sem tino, vacillantes,
 A praia entulham, para o mar clamando,
 Desvairadas matronas : prole innoxia,
 Que ao seio afflicto estringem, dobra o pranto
 Com pungentes vagidos.

Tremulando

A calva frente, recurvada ao tumulo,
 Á margem leva os moribundos passos
 Decepado ancião : nos baços olhos
 A dôr crystalisou-se : corre o sangue :
 A lagrima saudosa e lenitiva
 Não lava do bordão, que á faze encosta,
 A poeira de um sec'lo, nem mitiga
 O profundo soffrer, que o junta á morte.
 Com aridos gemidos tiritando,
 Em febril desespero se ergue o velho,
 Crava os olhos no mar, meneia a fronte,
 Co'a barba secular varre as espadoas,
 Abre a boca infantil, vozes incertas
 Para o mar balbucia : solta essa alma,
 Que a dôr tê li gelára, geme e falla
 Qual murmurio sotterreo entre penhascos,
 Que occulta fonte gorgoreja alterna.

O ANCIÃO.

« Nunca mais te verei . . . filho querido,
 « Que piedoso de amor as cans me ungiás
 « Com beijos caroaveis, e esta frente,
 « Pelo tempo sarjada de revezes,
 « De mimosos festões engrinaldavas
 « Na vesp'ra do sepulcro, como a victima
 « Votada ao sacrificio. Oh ! como longas
 « Estas sobras de vida hão de passar-se
 « No ermo infausto que o soffrer germina.
 « Tyrannos, sem piedade, me arrancaram
 « Esse archanjo que á méta da existencia
 « Ridente me guiava, té sentar-me
 « Na pedra fria do descanso eterno.
 « Meus labios não fruirão na tua face
 « Tão bella e tão viçosa o roseio d'ouro

« Que a fome saciava, e o lar enchia
 « De feliz abundancia ; os meus ouvidos
 « À voz de pai, de amigo, se ensurdecem.
 « Ah ! meu filho querido.
 « nem teus dedos
 « Meus olhos cerrarão na hora tarda
 « Em que eu vá, novo feto, nas entranhas
 « De nossa mãe commum, da terra muda,
 « Renascer para o céu, depondo o lodo
 « Que esta alma envolve no amargoso exílio.
 « Nunca mais te verei ?
 « Inda hei de ver-te
 « Unido a mim em fraternal amplexo :
 « Na terra fui teu pai, mas nossas almas
 « Na mente do Senhor gêmeas nasceram,
 « E gêmeas viverão na eternidade ;
 « Que extorquir não é dado a um rei iniquo
 « Esta graça do céu.

« Ah ! não me é dado,

« Caduco tronco, carcomido, em terra,
 « De amanhã sobre o feretro do despota
 « Sorrir c'o povo, conculcar co'a vista
 « A nua fronte, e condemnal-o ao fogo
 « Não : que a vida do malvado é dupla.

« Só tu, meu nobre filho, unico amigo
 « No mundo me restavas, neste mundo
 « Onde só vivo a enumerar cadaveres,
 « Como o livro da morte ! . . .

« Grato espelho,

« Que o meu ser reflectia e remoçava,
 « E onde os olhos meus cheios de jubilo
 « Bebiam juventude ; a tua imagem,
 « Meu gesto vivo, reanimava a quadra
 « Do meu ser na saudosa mocidade.
 « Se para te chorar, oh filho, a vida
 « N'uma lagrima só se convertesse,
 « Agora t'a daria, mas meus olhos
 « Não podem prantear, a dôr os cresta,
 « E o sangue nas arterias descarnadas
 « Como chumbo coalhado agora peza. »

Calou-se, e a fronte abate, e os olhos fecha ;
 Faltam-lhe os membros e o bordão sagrado,

Novo membro de um velho, e no chão rola.
 E a turba que o soccorre, e que o irmana
 Na desgraça e na dôr, bradou unisona,
 Para o céo levantando humidos olhos :

« Ai de nós, ai de nós na terra ingrata,
 « Sem justiça, sem rei, como proscriptos
 « Entre feras sangrentas arrojados.
 « Não poupa as cans sagradas da velhice
 « O escravo do tyranno, antes lhe enxerta
 « A corôa de espinhos do martyrio. »

Sôlta a madeixa, colleando a fronte,
 Que o brilho apura de viçoso esmalte,
 Dos negros olhos rorejando perolas,
 E convulsos os labios que incessantes
 Vascolem suspiros, fere as ondas
 Co'a voz intercadente afflicta virgem;
 Que tres lustros na terra ha deslizado.
 Volcão de amor fervendo em mil ternuras,
 Nos olhos tinha a flamma, que aviventa
 E devora a esperança, a febre horrivel
 Que alenta o coração, e que o calcina,
 O lume ateador do pensamento,
 Raio que brilha e despedaça a vida.
 Throno da fé mais pura, eram seus olhos
 Opalias que irisavam mil feitiços ;
 Mais brillantes na dôr, mais seductores,
 N'um mar de fogo os corações lançavam :
 Como era bella no seu rosto a magoa,
 Como era bello e perigoso o vel-a :
 Rôla gemendo o setteado esposo,
 E a selva ungingo de magoado pranto.
 Mas em torno de si, da casta esposa,
 Um redil encantado a protegia,
 Girava a nuvem que no céo se prende,
 E á mão profana aventurar-se impede
 Além das raias da atrevida mente,
 De cúpidos perfumes ebriada.
 O bello, o bello eterno, em suas fôrmas
 Deslisava, e no gesto nobre e candido
 Serafim entre os astros retratava
 A humana culpa redimindo em pranto.

A NOIVA.

« Eu sou ave sem ninho, desterrada,
 « Carpindo o meu destino á sombra infausta
 « De tronco secular, que freme ao sopro
 « Do vendaval da morte; orfã mesquinha,
 « Sem pais, apenas presa aos debeis ossos
 « Do caduco esqueleto de uma velha,
 « Que entre a vida e a morte vacillando,
 « Qual funebre lucerna, jaz sentada
 « Nas margens do sepulchro. A mão do inferno
 « Sanhuda desfolhou, volvendo em cinzas,
 « O viçoso diadema que na frente
 « Sobre o throno de amor tu me cingiste,
 « O' constrangido esposo, que ora atado
 « Á proa infausta da fatal galera,
 « Longe de mim á morte te encaminham.
 « Noiva enlutada pela mão de um barbaro,
 « Vi aos pés do altar cabir o esposo,
 « E o thalamo cubrir-se de um sudario.

« Tua aurora de amor foi triste occaso,
 « Alma Phenix, renata da esperança;
 « Foi teu berço um sepulchro, e teu sorriso
 « O trance convulsivo do exterminio.
 « Ai de mim, nunca mais hei de em teu seio,
 « Nessa fonte perenne de delicias
 « Meu amor abrandar, tão sequioso;
 « Nem o céu entreabrir, pondo nos labios
 « Minha alma inteira, a existencia em fogo,
 « E nos teus a depor, sorvendo a tua.
 « No lume dos teus olhos creadores
 « De encantos, de visões todas celestes,
 « A centelha bebi, de amor escrava,
 « Que o meu ser renovou! Sonhei, sonhei
 « Com visões que estalaram faiscando
 « Fogo e pranto em meus olhos, que ora vivem
 « Em noite eterna a prantear sómente,
 « Em rude senda a tatear abysmos.

« Nos teus braços gentis adormecida
 « Venturosa pousava, quando o estrondo
 « Do mortifero raio despertou-me
 « No meio de um deserto. Ah! se ao menos

« Do cortado hymenco no seio houvesse
 « Um amado transumpto, um filho, um filho . . .
 « O tempo azado vira de esperanças
 « Deslisar-se em blandicias nesta ausencia
 « Tão longa como a morte;—dôr, saudade,
 « Illudidas seriam e'os sorrisos
 « Desse fructo de amor, que dupla vida
 « No mundo me daria; foi vidonho
 « Pelo verme da morte carcomido. »

E o rosto entre os seus dedos delicados
 Mimoso annuiu; geme, suspira,
 E gemendo amortece as suas dôres.
 Para as naves olhou, e olhando em torno
 Com timida doçura, á flor dos labios,
 De seus labios carmineos, fonte pura
 Do sequioso amor, se ouviu queixosa
 Soluçar estas vozes magoadas:
 « Ah! cruel almirante, que não sentes
 « Meu divorcio fatal. Que hei feito ao mundo,
 « E a ti monstro do mar, que amor conculcas,
 « Que me matas de dôr, e »

Semimortos

Seus queixumes nos labios expiraram.
 Cahio, morbida, em terra, e as matronas,
 Que choravam com ella, a soccorreram,
 E, p'ra o céu levantando humidos olhos,
 Estalaram de dôr, bradando unisonas :

« Ai de nós, ai de nós, na terra ingrata,
 « Sem amparo nenhum, espurias filhas
 « De uma patria cruel : não poupa a virgem
 « O escravo do tyranno, antes sorrindo
 « De rastos a profana. O' Rei . . . »

Pararam,

Nos abysmos do medo emmudecidas.

Sentado, as vestes tintas da foligem
 Da carcomida pedra onde repousa,
 Para a esquadra fitava um lindo joven :
 Seus olhos côr da noite a dôr filtravam ;
 A seu lado, qual marmore funereo,
 Abatida matrona soluçava.

O JOVEN.

« Com meio coração viver não posso ;
 « Perdi meu doce amigo, o meu amigo,
 « Socio de amor materno, o companheiro
 « Da hora da existencia. Radiantes
 « Como o lume da vida, como o symbolo
 « De uma eterna amizade, nossos votos
 « Nos desertos do mar se extraviaram.
 « Entre nós levantou a eternidade,
 « Tocando os céos, montanha tenebrosa :
 « Véda a sorte que eu sonde a urna incerta
 « Do teu, do meu destino. Ah ! se um dia,
 « Coberto d'ouro e de brilhantes gemmas,
 « Te abraçar eu podesse, e tu sorrindo
 « Ao pobre amigo no teu farto seio
 « Igualmente estingisses ? Mas quem sabe ?
 « Se o mar, se estranhas terras modificam
 « Dos gemeos a natura, e se as riquezâs
 « O peito metalisam, como o ferro
 « Onde o ferro só entra, e duro expelle
 « Os effluvios do amor, que branda exhala
 « Da mente e coração mutua amizade ?
 « Mas não ; que inda esta aurora no teu rosto
 « Transluziam do amor aquelles visos
 « Que o instincto percebe, e que enthesoura
 « No sacrario do peito : a alma não mente
 « Quando muda nos olhos se reflecte
 « E em pranto diz : amor. No mesmo berço
 « Nasceu nossa amizade, nossas almas
 « Do céu baixaram juntas a humanar-se,
 « No seio maternal vida e carinhos,
 « E o mesmo amor nutrio-nos ; foi teu dia
 « O meu dia tambem ; morrer contigo
 « Era minha ventura. . . . »

Eis que um abraço,

E um beijo lhe cortou a voz saudosa :
 E a dôr á dôr unida, unida ao pranto,
 N'uma alma funde os corações partidos.

Como o marmor de Niobe ferida,
 Chora o povo palense; o bronze rola
 A nota extrema do funereo accento,
 Em quanto as gaveas pelo mar se entranham

E o real pavilhão se encosta ás ondas.
De impensada orphandade, de viuvas,
Coalhada a praia está: um lume estranho
Fulge d'odio e de angustia em seus olhares.

Em alta méda, que a corrente erguera,
Um grupo solitario se levanta,
Recortando no céo seu triste vulto:
Cingia aos flancos reforçados, amplos,
Que á luz já deram virtuosa prole,
Alta matrona duas tenras virgens:
Seu gesto altivo, sua nobre face,
E as bellas formas que ostentava ainda,
Máu grado o tempo, recordava as ruínas
De hellenia mole assoberbando os eyos;
Ou penthelica densa desthronada,
Que antigo Prometheo aviventara.
Immovel, para o mar e para as naves,
Que na areita azulada do horisonte
Os topes escondiam, se queixava:

A MATRONA.

« Em terras mouras batalhando, a morte
« Dous filhos me roubou, assás chorei-os;
« Junto ao leito sangrento, repassada
« De horror e susto, ao moribundo esposo
« As feridas curei, beijei-lhe os golpes
« Onde a espada infiel em vão tentara
« A morte inocular, e esta alma, ó filhas
« Nunca pode vergar-se a azar tão grande.
« Eu não sei o que sinto, e que presagios
« Me funestam agora?! Amado esposo. . . .
« Caros filhos, trindade do meu peito,
« Outra vez vos verei? Nunca, que a morte
« Presinto bafejar-me a noite eterna.
« Pobre velha, e sósinha, sem amparo,
« Sem o ouro que atrahe paz e amigos,
« Onde o cibo encontrar que nutra e farte
« Estas orphãs queridas, cujas faces
« E seios virginaes vão ser pisados
« Pelo esbirro cruel d'esse monarcha
« Que invade os mares, e persegue a terra
« Como lobo faminto. A mão do Averno

« Em Palos saccudiu brandão funereo,
 « E nós nessas faiscas infernaes
 « A morte e a miseria respiramos.
 « Que abysmo estranho vomitou na Hespanha
 « Esse profugo monstro, que me rouba
 « O velho esposo e os briosos filhos?
 « Não posso praguejar quem tanto odeio,
 « Não tenho a voz do inferno, ah! se a tivesse...

Desce á praia, e colbendo rudes seixos
 Furibunda os atira, maldizendo
 À breve armada, e ao longinquo nauta,
 Que um mais grande pensar volve na mente.

Na turba feminil se contagia
 A febre imitativa; lavra a sanha,
 Cresce o pranto e furor, no ar se cruzam
 Os pesados calhãos, que o pego sorve,
 Em quanto a brisa pelo espaço esvae
 A voz pungente em moribundos échos.
 Ai miseras, pensavam que essas pedras
 Lavadas com seu pranto tão queixoso,
 No ar rolando, retumbar iriam
 Mais perto ao nauta as clamorosas vozes
 Do forçado divorcio, deslembreadas
 Que é surdo e cega os homens o horisonte,
 E que o pranto não ata um nó cortado.
 Nos antros infernaes não vio Herodes
 Mais terriveis lamentos quando n'alma
 Proromperam-lhe alçados os remorsos
 Em vagidos e pranto, como outr'ora,
 Nas praças de Solima ensanguentada,
 Às mãos do algoz a trucidada infancia.

Do sino a voz parou. As náus veleiras
 Mal avista o errante pegureiro
 No tope da montanha. Á casa voltam
 As victimas reaes silenciosas.
 Entregues a si mesmo e ao seu destino
 Hão de a vida passar em quanto o tempo
 A dôr não quebrantar, e nos seus olhos
 A lagrima estancar: da vida as rosas
 Mirrou-as o infortunio; espinhos restam
 No vergel da esperança, e o vago almejo
 Da extrema nota que o sepulchro abafa.

GUANABARA.

Na deserta cidade, e no castello
Muda dorme no gremio da condeça
A tiorba sonora ; e nas aléas
Perfumadas de amor, de mil saudades,
Ao vóo harmonioso não succede
O halito canoro ; nem consente,
Que dormita n'um canto, muda flauta
Os beijos de harmonia. Todos gemem :
No abysmo da oração a dôr sepultam.

Porto-Alegre.



Algumas idéas sobre as Bellas Artes e Industria no Imperio do Brasil.

ARTIGO III.

No segundo artigo desta serie, que estampamos no numero 1.^o, fallamos rapidamente da superioridade dos Italianos em todos os tempos, como povo engenhoso, e como nossos mestres da arte moderna, e acabamos com breves considerações sobre as artes em França nos tempos de Francisco I, e Luiz XIV.

Percorra-se o indice de todas as notabilidades de um povo, folhee-se no livro dos obitos, estude-se esse catalogo de illustrações purificadas pelo tempo e pela sepultura, que ali se encontrará o caracter desse povo; porque a historia de uma nação está na biographia dos seus homens.

A Italia em todos os tempos ha sido a terra dos milagres: que successão de homens illustres senão encontra de Cantú a Machiavel, de Manzoni a Dante, de Canova a Donatello, de Camuccini a Cimabue, de Piazzì a Gallileo, e de Rossini a Gui d'Arezzo! Que jerarchias sublimes, que nomes resplandecentes, que astros de gloria no mundo da humanidade, e que exemplos tão grandiosos e tão memoraveis apparecem naquella terra, cujo céu fortifica o engenho, e cujas aguas são castalias perennes, que refocilam as gerações quebradas por uma politica barbara!

Não ha povo corrompido, não ha nação aviltada que no correr dos tempos apresente constantemente uma serie de homens tão grandes e tão extraordinarios como essa Italia, victima da ambição dos Kalifas coroados do occidente. O que ha ali no mundo de superior a Petrarca, Ghiberti, e Miguel Angelo, o gigante que caminhava na terra como uma trindade artistica, o homem de tres almas superiores, o poeta que espantava o mundo com os seus marmores, com os seus frescos, e com a cupola de S. Pedro, que havia levantado mais alto que a mais alta pyramide do Egypto, e que cantava com a sua voz virginia o seu amor angelico, as suas adorações á saudade e amizade?

Que nação pôde alardear um prestito de vultos tão magestosos, uma serie de harmonias, como a Italia?! Tasso, Gioia, Guicciardini, Sadoletto, Raphael, Sanazzaro, Ticiano, Cigoli, Bembo, Colombo, Boccacio, Vinci, os Medicis, Sixto V., e Napoleão, que teve o mesmo sangue, a mesma lingua, e foi da raça

Del bel paese là dove il si suona.

Foi nesta terra memoravel que a Providencia fez nascer a Benvenuto Cellini, o rei dos ourives, e o ourives dos reis, o esculptor que fez um seculo de progressos,

aquelle que metalizou sua alma divinamente, e cujas obras eram um supplemento á grandeza, magestade e gloria de Carlos V. e de Francisco I.

A cada canto dessa terra maravilhosa somos obrigados a parar, para admirar no interior dos seus sanctuarios e museos, no vertice de suas montanhas, no cume de suas glebas, nas margens dos seus rios e nas planicies risonhas de seu terreno um sem numero de primores de arte.

Porque razão após os passos do viandante uma harmonia acusmatica parece acompanhal-o, e como que lhe cadenceia a marcha de sua peregrinação? porque razão no meio do turbilhão de tantos acontecimentos, no meio da poeira dos combates, do incendio de cidades, da queda de monumentos, as artes sempre ali conservaram uma vida progressiva, um culto de amor, e serviram de norma a todas as nações occidentaes?

E porque o desenho foi ali sempre considerado como um elemento essencial á educação do homem; porque os Italianos reconhecem que elle aperfeiçoa a intelligencia, e que da sua cultura e de suas applicações é que nascem todas essas bellas creações das artes e da industria; e porque sempre elles estimaram e distinguiram os homens que o cultivaram.

Nas obras dos povos primitivos, nesses monumentos das eras druidicas e scandinavianas, o que é que se encontra, e o que as caracteriza, assim como nas produções dos povos selvagens da America e da Oceania? A falta do desenho, a falta do gosto e da symmetria artistica.

Olhemos para a America Occidental, e façamos uma rapida viagem desde o norte até o sul; paremos entre essas ruinas toltecas, aztecas, mexicanas o peruanas; contemplemos esses theocalis, essas pyramides, esses obeliscos, e esses restos de palacios e habitações, que sepultam uma historia, cujo fio foi cortado pelo fanatismo hespanhol, e pela barbaria da avareza; vamos ao museo particular do nosso Imperador, ao museo nacional, ou ao do Instituto Historico, ver essas obras de ouro e prata, essas produções ceramicas, essas reliquias de uma civilisação americana, e veremos que aquellas nações que apresentaram melhores objectos de arte, eram precisamente as mais civilisadas.

Olhemos para a nossa arte ceramica com attenção, e comparemos os seus resultados com os productos de igual uso das nações civilisadas, e veremos que o fabrico e a forma de nossas talhas, quartinhas, moringues e vasos, está mui longe do typo de perfeição a que tem chegado nos outros povos; nós não ambicionamos comparal-os com a arte antiga, porque isso seria uma estulticia: os vasos ordinarios dos antigos, quer os pintados á maneira etrusca, ou grega, mostram, além da elegancia da fórma, o quanto a arte de desenhar, mesmo monocromaticamente reproduzida, estava aperfeiçoada, pois que delles tiravam Raphael, Flaxmann e outros, graciosos motivos para as suas composições, e os mythologicos importantes esclarecimentos para a historia antiga.

Portugal, a nossa mãe patria, apresenta iguaes resultados nos monumentos que construiu nas differentes phrases da sua vida humanitaria, nas differentes épocas do seu começo, do seu esplendor, e da sua decadencia: os templos da Batalha e dos Jeronymos são os representantes das suas eras brilhantes, e daquellas que prepa-

raram tres homens dos mais extraordinarios que tem visto o mundo: o infante D. Henrique, Albuquerque, e Camões, que veio rematar o circulo de tantas illustrações com a sua epopea ao passado, e ser o ultimo clarão da lampada magestosa, que brilhou nas quatro partes do mundo, sobre o cume do Cabo das Tormentas, sobre a superficie de mares nunca dantes navegados, e que se extinguiu em Alcacerquivir, lançando os seus ultimos raios sobre as velhas paredes de um hospital.

Na sua segunda época, a época monacal, onde o burel alinhava todos os elementos, e os fazia convergir em seu proveito, não ha mais essas magestosas creações da architectura manoelina, nem se vêem nas muralhas dos templos e nas laçarias de suas frestas esses emblemas de gloria, essas representações symbolicas de um passado illustre, essas cruces das ordens guerreiras e conquistadoras, esses escudos que avassallaram tantos reis e tantos povos, e que forçaram o Oriente a tomar a lingua portugueza como a lingua da civilisação: a Africa e a Asia sorveram o seu heroismo, sepultando os cadaveres dessa fervente juventude, filha das mais nobres familias daquelle reino; e a Inquisição, a mais monstruosa creação do fanatismo humano, fez o resto: os autos da fé reduziram a cinzas todos os germens creadores de um brilhante futuro, e proclamaram praticamente, ao clarão das fogueiras, que um povo só é feliz quando é estúpido, e entrega sua intelligencia e seu futuro á crueldade do fanatismo, á criminosa ambição de uma familia ociosa e avarenta, que escrevera na sua bandeira sanguinaria: JUSTIÇA e CLEMENCIA!!!

Assim se esvaeceu, no meio do silencio dos tumulos e do terror, aquella época memoravel que abriu Colombo e Magalhães, e que abriu as portas de um mundo ao outro mundo; mudou a face da sociedade, e enctou os progressos das sciencias e da humanidade. O infante D. Henrique fez de Sagres um calvario de nova especie, porque ali abriu com seus estudos, navegações e descobertas a fraternidade do genero humano; encurtou as distancias e os tempos, destruiu velhos e seculares preconceitos, e preparou esta permutação de idéas e de industrias, que o vapor e as estradas de ferro acabam de aperfeiçoar.

O claustro apoderou-se do throno e da tenda do artifice, e proclamou que Lisboa não era mais a capital do reino, mais sim Roma! e aquella povo, tão audaz e tão emprehendedor, enrolou os tropheos de sua gloria, esqueceu o passado de sua historia, e o futuro da sua patria; olhou sómente para o céu, para a patria promettida de sua alma, e começou a curar della: a industria foi definhando, o commercio cahiu nas mãos dos Genovezes, as letras foram-se emudecendo, e todos só trabalhavam para a conquista dos céos, procurando á força de sacrificios haver as chaves do Paraizo, que em quasi todas as épocas tem sido de ouro, mórmente para o throno do Vaticano, onde acabava de estar assentado Alexandre VI. e o mesmo Leão X. que viu estalar a tempestade da reforma na Allemanha, como devida barreira a esse degradante simonismo, a essa venda publica da remissão das almas do purgatorio.

A festa do quinto do ouro, a entrada triumphal dessas barras, fundidas nos cadinhos do Brasil, todo esse producto immenso de riquezas, foi quasi que applicado á construcção de Mafra, e á outras obras pias, cuja grandeza e luxo não era proveitosa a favor do futuro de uma nação, que havia conquistado metade do mundo.

As artes pouco ganharam, porque um pensamento nacional não presidia a ellas, e

porque a casta sacerdotal as obrigava á immobildade da rotina, e por assim dizer a existirem de copia em copia. Não havia para o artista aquella flamma divina que o nutre, nem aquelles incentivos que Roma possuia e fomentava, ou os favores e distincções da sociedade moderna nos paizes civilisados.

Aonde não preside um profundo sentimento de nacionalidade, aonde não ha um movimento espontaneo, nada pôde existir de grande: as idéas formam uma cadeia que se vai estendendo e alargando com o correr dos tempos, e ganhando successivamente perfeição, á proporção que o enthusiasmo cresce, e se enraiza no coração de um povo. Não tem o governo do Brasil uma academia de Bellas Artes, e não lhe entorna annualmente os cofres de sua generosidade; e o que ha ali de productivo para o paiz? Não sabemos. O germen alimentador, o principio creador, a fé nacional, e a esperança de uma gloria legitima não pôdem ali existir, e só existirão quando aquelle estabelecimento se tornar uma harmonia com o nosso estado de civilização, e procurar supprir as necessidades da nossa industria nascente: o Brasil não pôde ainda dar que comer a pintores e esculptores, e muito menos concorrer para o aperfeiçoamento destas artes: não edifica monumentos para collocar estatuas e paineis; e apresenta o singular evento de nas leis municipaes da sua capital não se encontrar a palavra—architecto!

A camara municipal é a expressão popular da capital: se ella desconhece a palavra architecto, como se pôde aspirar á outra cousa que não seja além de uma criação infantil! Os dous monumentos que se levantam nas praias de Santa Luzia e Vermelha, tem uma origem individual, por assim dizer, e não pôdem attestar contra o principio que proclamamos, e que é a verdade pratica da vida das nações.

Nos tempos de fé se erigem templos, e nos tempos de universal scepticismo nada se faz: se acreditassemos em nossas instituições já teriamos delineado tres palacios: o do Imperador, do Senado, e o da Camara dos Deputados; se á pobreza e á loucura se elevam dous monumentos pela vontade de um homem, quantos se não levantariam pela vontade nacional, que é a maior de todas as vontades da terra?

Escrever sobre o Brasil, sem remontar a Portugal, é descrever a foz de um rio, escurecendo suas vertentes: somos a mesma familia, temos a mesma lingua, a mesma religião, os mesmos usos e costumes, e herdamos a maior parte dos vicios da metropole com a presença de uma côrte foragida, e de um governo que se assentava nas bases do provisorio.

Nos fins do seculo passado appareceu um homem de estado, uma dessas entidades que abarcam uma época, a separam das outras, e a cobrem com o influxo de sua intelligencia, e com o seu nome: o marquez de Pombal.

Ao aceno deste grande ministro, deste corajoso regenerador, o mesmo povo que se achava adormecido e abatido, se levantou de repente.

A Providencia, para melhor marcar os seus triumphos, quiz assignalar o seu apparecimento com um horrendo preparativo, com uma catastrophe medonha:—o terremoto; e para mais avultar a sua gloria lhe entregou a capital do reino com um montão de ruinas, e o seu povo gemendo entre as sepulturas de vivos e mortos. Os delubros desapareceram; solidas e symmetricas ruas se abriram no lugar de velhas, tortuosas e estreitas moradas; o Tejo foi orlado de soberbas muralhas, o marmore

se modelou ás pancadas do escopro, o bronze se animou na praça publica; e no ar se construiu essa gigantesca arcaria das Aguas Livres, digna dos bellos dias de Roma.

Combateu a arrogancia de uma fidalguia, que firmava os padrões de sua nobreza em uma reprehensivel ignorancia; abateu o colosso do jesuitismo; supplantou os inimigos do rei; destruiu todos os dentes de Cadmo que polulavam peas á sua marcha civilisadora, e postergou esse tribunal nefando da Inquisição, preparando a sua extincção. As fabricas reapareceram, o commercio se dilatou, a instrucção se aperfeiçoou, e as leis se refundiram em um codigo mais humano, e mais consentaneo com a tolerancia e luzes do seculo.

Concebeu o espantoso projecto de passar a séde da monarchia para o Brasil; pois que um homem tão grande não cabia em um reino tão pequeno; as artes reverdecram, e as letras prosperaram: a imprensa, até ali captiva aos bancos casuisticos, se libertou, para estampar as obras dos engenhos preclaros, que haviam atravessado as nuvens de incenso das igrejas, e cantado no meio do murmurio dos responsorios, que se ouviam desde o paço até a cabana, desde a officina até á caserna.

Mas no meio de todo este movimento grandioso, de todo este apparatus gigantesco, veio a morte arrebatrar o rei, que lhe confiara a gloria de sua nação, e que havia levantado o nome portuguez ao nivel das nações mais nobres.

A reacção foi rapida, o regresso quasi que instantaneo: todas as avenidas do futuro foram guarnecidas pelos apóstolos das trevas. O brilho do começo do reinado de D. Maria I. não foi mais que o resultado dos elementos fecundos que preparara aquelle grande homem, e não devidos a sabios esforços, á espontaneidade da época, como o nosso José Bonifacio de Andrade pretendeu demonstrar, calando, voluntariamente talvez, a origem de tanta luz, e de tanta gloria; porque de outra sorte, se houvesse novas raizes, a obra teria continuado atravez mesmo da invasão passageira de Napoleão, e Portugal não cahiria tão rapidamente no aviltamento a que o levou o governo de D. Miguel.

Toda a reforma que parte do alto, e não se enraiza no coração do povo, é precaria, e de uma influencia ephemera: o máu espirito do claustro ainda era o senhor do paiz, e mesmo hoje ainda tem tal dominio no povo, que o miguelismo impera na maior porção das massas da nação.

Para uma completa reforma, uma solida mudança, é necessario que uma nova geração, educada inteiramente em outra esphera de idéas, vá substituindo a outra, e que entregue á sua constancia e ao tempo o acabar a obra: a natureza não dá saltos.

No meio de todas estas oscillações, da invasão estrangeira, da fuga da familia real, e da sua ausencia, Portugal não cessou de apresentar homens de uma grande capacidade: estadistas, diplomatas, philologos, poetas, musicos, e artistas appareceram que nada tem que invejar ás mais nações: o conde de Linhares, conde da Barca, Silvestre Pinheiro Ferreira, Philinto Elysio, o abbade Corrêa da Serra, o cardeal patriarcha, Trigoso, e os Srs. Garret, Castilho e Alexandro Herculano, que capitaneam uma mocidade ardente; nas artes, Marcos Portugal, Vieira Portuonense, Machado, e Domingos Antonio de Siqueira, um dos mais extraordinarios pintores do seculo actual.

A abertura dos portos do Brasil ao commercio universal, foi um grande bem, não ha duvida, mas não foi tão completo e efficaz como se pensa para as artes nacionaes:

a concorrência dos productos estrangeiros, a sua elegancia e barateza, aniquilou os primeiros passos de algumas industrias que já vigoravam no paiz, e fizeram definharem muitas artes, e outras desaparecerem.

Estes principios industriaes resistiram ás leis emanadas da metropole, que mandavam extinguir fabricas, fechar portas de officinas; porque a necessidade as foi alimentando, e a alguns na escuridão, e os vice-reis eram forçados a modificar estas violencias por uma urgente necessidade, e pelo reconhecimento de tão revoltante injustiça; e a titulo de concessão de officinas para concertos, toleravam as lojas dos nossos ourives, que já caminhavam com grande avançamento, como o mostram as banquetas de prata, frontaes, alampadas, que então se faziam; e que acima das duas que estão na igreja dos Benedictinos nada se pôde desejar de superior, segundo o gosto da época.

A' voz do conde de Bobadella, e de Luiz de Vasconcellos, os artistas appareceram, e esses artistas eram pela maior parte filhos do paiz, e as obras que executaram não tem o cunho de uma barbara mediocridade, antes pelo contrario ressumbram o mais elevado gosto do seu tempo, e algumas um toque de perfeição, que tem feito a admiração dos artistas estrangeiros. José de Oliveira da Rosa superou a seu mestre Fr. Ricardo do Pilar na pintura monumental; Valentim ao seu, compondo e entalhando a Igreja da Cruz, a capella mór de S. Francisco de Paula, e enriquecendo a de seu mestre na ordem terceira do Carmo.

A marcenaria produziu esses velhos moveis, tão fortes, tão elegantes no gosto borrominico, e tão variados no seu carácter, e que a reacção da moda hoje procura com tanta avidéz; e lhe tem dado uma exportação fóra de toda a expectativa.

Penetremos, por um pouco, no interior das casas de algumas de nossas familias antigas, cheguemos á sala do oratorio, toda adornada de paineis e de cruces da via sacra, que ahí admiraremos a arte do entalhador, e do estatuario, e os lindissimos paineis, presepes e outros artefactos do famoso Xavier das conchas, assim chamado pelas innumeraveis obras que fez, e que attestam sua pericia. Alguns destes trabalhos, e muitas imagens temos visto serem admiradas pelo autor do baixo relevo do friso de Wallalach, o Snr. cavalleiro Fernando Pettrich.

Antigamente as artes eram fomentadas pelo espirito religioso, que de continuo pedia aos artistas imagens e paineis para os oratorios e altares; mas hoje que o culto de Deos, e dos Santos se converteu em culto individual, e que um luxo profano, e pernicioso invade todos os lugares, hoje que um medonho scepticismo cobre todas as crenças, já não ha homens inspirados para o cultivo das artes; já não ha homens como esses, que em pequena escala iam nutriendo no paiz uma escola, e fortalecendo aptidões para mais altos desenvolvimentos: os moços que se dedicam ás artes, definham, porque não podem concorrer com os habéis artistas, feitos em paizes cultos, que para cá vem, nem tão pouco acham a escola dos trabalhos monumentaes, que valem mais que todas as Academias imaginaveis; porque ahí vão trabalhando com seus mestres, e em concurso com seus collegas, ganhando uma diaria emulação, e recebendo um salario que os põe a coberto da miseria, e os liberta da obrigação de se sujeitarem a fazer toda a especie de trabalho, que o capricho popular exige. A época é a do egoismo, é a do eu; a do retrato sómente.

(Continúa).

Porto-Alegre.

O beijo innocente.

Uma noite... —ha quanto tempo
Que essa noite já passou!...
Mas foi tão bella, tão doce,
Que na memoria ficou:
Se de algu'alma esvaio-se,
Na minha não se apagou.

Foi uma noite, em que a lua
Estava clara e brilhante,
Em que o favonio travesso
As flores beijava amante,
Em que uma flauta saudosa
Se ouvia soar distante.

Nessa noite em linda casa,
Do povoado afastada,
Reunia os seus amigos
Uma familia prezada:
Não era festa, nem annos,
Era amizade, e mais nada:

Entre as jovens, que lá stavam,
Vi a mais linda donzella;
Entre as formosas, que haviam,
A mais formosa era ella;
Era a rainha por certo
Sendo que todas mais bella.

GUANABARA.

Já tinha visto essa virgem,
 Que tanta impressão me fez;
 Vi-a depois, inda a vejo,
 Mas protesto sem dobrez,
 Que, ao vel-a, sempre me abalo,
 Como da primeira vez.

Uma vez — foi genio amigo ! . . . —
 Nos chama a jogo innocente ;
 Na roda, que se formára,
 Tomo um lugar promptamente ;
 Não fiquei junto da virgem,
 Mas sentei-me bem de frente.

O que entrava nesse jogo
 De flor um nome escolbia ;
 Consultada a bella virgem
 Diz, que—rosa—ser queria ;
 —A mais tempo, linda moça,
 Que eras rosa, eu já sabia.

Inda o é no bello rosto,
 Quando de pejo accendido,
 Nos espinhos da esquivança,
 Que tanto me tem ferido,
 No respirar de perfumes,
 E' rosa em todo sentido.

Bello jogo ! . . . era de flores ;
 Mas que attenção que pedia ! . . .
 Ai do que seu nome ouvindo
 De prompto não acudia ! . . .
 Era um erro ; e por castigo
 Dar uma prenda devia.

Eram tres prendas, não mais ;
 E todas as tres perdi ! . . .
 Vinte vezes me chamaram,
 E uma vez só não ouvi !
 E como ouvir, se a donzella
 Estava fronteira a mi ? . . .

Após o jogo succede
 Das prendas bello castigo:
 A cada réo que se accusa
 Se levanta um socio amigo;
 Cada pena ao crime imposta
 Novo prazer traz comsigo.

Proclama-se esta sentença :
 « Dá um beijo . . . escolhe em quem. »
 Suspirei . . . oh que ventura !
 A minha prenda é que vem.
 Vou dar um beijo !—protesto
 Que heide empregal-o mui bem.

Eu me sorria . . . ella córa;
 —Que corar tão bello o seu?—
 Em seus labios côr de rosa
 Vou depôr um beijo meu.
 Chamei-a . . . corou de novo,
 Qual rubra aurora no céu.

Hesitou; mas por fim veio
 Toda em ondas de pudor;
 No rosto ardia-lhe o pejo
 Com que fogo, com que ardor!
 Nesse fogo, nessas ondas,
 Como se banhava amor! . . .

Sorriam-se as outras moças
 Do tão grande enleio seu;
 Os mancebos invejavam
 O celeste gozo meu;
 E a tremer dizia a virgem
 « A castigada sou eu ! . . . »

Chegou-se, e sempre enleada,
 Nem se quer — perdão—pediu;
 Ao ir beijal-a, a meus olhos
 Um céu de amores se abriu . . .
 Tres vezes busquei seus labios,
 E ella tres vezes fugiu!

Mas enfim determinada
Seus bellos olhos cerrou
E qual em somno submersa
Seus labios beijar deixou.
Oh ! não ! . . . não foram meus labios,
Foi minh'alma, que os beijou.

Quando aos labios da donzella
Os meus ardentes cheguei;
Quando nessa boca de anjo
Com minha boca toquei,
Não sei como ebria em deleites
Minh'alma lá não deixei.

Um beijo em virgem tão pura
E' um milagre de Deus ;
Toda celeste doçura
Existe nos labios seus;
Uma doçura, que eu bebo
Ainda nos sonhos meus.

Quando abriu seus vivos lumes,
Foi raio, que scintillou;
Quando voltou p'ra sentar-se,
Foi lua, que se nublou;
Quando entr'eulcios, sorriu-se,
Foi novo sol, que raiou.

Oh meu Deos! em quanto eu possa
Reter n'alma, o que gozei,
Todos os trances da vida
Por bem soffridos terei ;
Compensa todos os trances
Esse só heijo, que dei.

Naquelles labios, aonde
Tudo é pureza e frescor,
Cujos habitos fragrante
Vence das flores o odor,
Oh meu Deos ! naquelles labios
Depuz um beijo de amor.

Naquelles labios, aonde
Desfaz-se um anjo n'um riso,
E que em suas commissuras
Brinca amor n'um paraizo,
Oh meu Deos ! . . . naquelles labios
A minha gloria diviso.

A minh'alma já foi anjo
N'um momento, que voou ;
Porque nos labios da virgem
Ha um céo, que Deos sagrou ;
E no céo daquelles labios
A minh'alma já morou.

Oh meu Deos, eu vos bem-digo
Pela graça, que gozei ;
Eu sou feliz, como um sabio,
Poderoso, como um rei ;
Pois tenho n'alma a lembrança
Do terno beijo, que dei.

J. M. de Macedo.



O MARQUEZ DE MARICÁ.

A biographia abaixo transcripta é copia fiel de um autographo do illustre escriptor das **MAXIMAS E PENSAMENTOS**, que o respeitavel ancião nos dera em 1845. Comprehendemos o presente que nos fazia, como uma nota abreviada da vida de um membro do Instituto Historico, que corria a terminar-se; e como tal a conservamos á espera da hora solemne do necrologio official. Os jornaes da capital foram os que nos annunciaram a perda daquelle sabio; e como não fossemos chamado para assistir á sua sepultura, e nem tão pouco avisado o Instituto Historico, abstivemos-nos de interromper a vontade de seus herdeiros, e de comparecer em uma cerimonia funebre, sem o character de convidado, ou de representante do Instituto Historico.

Esta nota biographica é um precioso documento que offerecemos aos nossos leitores, e que nos felicitamos de a poder collocar no *Guanabara*.

1843.—Lembranças, ou épocas da minha vida.

Marianno José Pereira da Fonseca, hoje marquez de Maricá, nasceu no Rio de Janeiro em 18 de maio de 1773, filho legitimo do negociante Domingos Pereira da Fonseca, natural de Portugal, e sua mulher Thereza Maria de Jesus, natural do Rio de Janeiro.

Na idade de onze annos para doze foi mandado por seu pai para Portugal, e no anno de 1785 entrou collegial no real collegio de Mafra, onde residiu tres annos, e estudou grammatica latina, rhetorica, logica, e as duas linguas grega e franceza.

Em outubro de 1788 entrou na universidade de Coimbra, onde tendo feito os exames da lingua latina, grega, rhetorica, e logica, preparatorios para o curso juridico, não pôde ser matriculado no seu primeiro anno por falta de idade, não tendo ainda os dezeseis requeridos pelos estatutos, o que o determinou a matricular-se no primeiro da faculdade de mathematica e philosophia, e nesta tomou o gráu simplesmente de bacharel, por haver morrido seu pai no anno de 1772, quando se destinava a ir estudar medicina em Edimburgo, sendo-lhe forçoso vir ao Brasil para arrecadar a herança de seu pai.

Chegou ao Rio de Janeiro no principio do anno de 1794, e tinha aberto casa de negocio quando foi preso em 4 de dezembro do mesmo anno; e foi retido incommu-

nicavel por dous annos, sete mezes, e quinze dias, e solto por effeito de um aviso, estranhando ao vice-rei conde de Rezende a minha prisão, e a dos meus companheiros por tanto tempo sem sentença, e se lhe ordenou que no caso de serem criminosos fossem remettidos presos para Lisboa, com seus processos, o que não teve effeito, por sermos immediatamente soltos. Os processos desapareceram, e consta que o conde de Rezende os levou consigo.

LUGARES E EMPREGOS QUE OCCUPOU O MARQUEZ DE MARICÁ DESDE QUE ENTROU NA VIDA PUBLICA EM 1802, E OUTRAS LEMBRANÇAS.

Deputado de agricultura da mesa da inspecção do Rio de Janeiro, nomeado por aviso da secretaria de ultramar, deputado da junta do commercio na sua criação pela extincção da mesa da inspecção; serviu até que entrou em ministro de estado da fazenda em 1823, em 13 de novembro; director thesoureiro da real imprensa, sem ordenado, e havendo emprestado, sem premio para montar a fabrica perto de cinco contos de réis. Obteve a sua demissão deste emprego por morte do conde de Linhares. Administrador thesoureiro da fabrica da polvora, promoveu a extracção do salitre em Minas Geraes com tal efficacia, que produzindo no primeiro anno 150 arrobas, no terceiro excedeu a 10,000 arrobas, como se póde ver da escripturação respectiva, que deve achar-se no cartorio do arsenal de guerra.

Creado o tribunal do arsenal do exercito foi nomeado deputado thesoureiro; ficando abolido o emprego do administrador thesoureiro da fabrica da polvora. Serviu o dito lugar por alguns annos, e pediu instantemente a sua demissão, que lhe foi concedida.

Serviu de censor regio por provisão do desembargo do paço, por mais de dous annos, e terminou este encargo com a liberdade da imprensa em 1821.

Serviu de deputado secretario da junta provisoria em 1821, e teve elle só todo o trabalho desta criação.

Foi nomeado ministro da fazenda em 13 de novembro de 1823, e obteve a sua demissão em 23 de novembro de 1825.

Foi um dos primeiros conselheiros de estado, segundo a Constituição, e um dos redactores della. Deixou de servir este emprego pela extincção do conselho de estado em 1834, ficando com as honras e ordenados.

Foi eleito senador do imperio pelo Rio de Janeiro, e tem servido este emprego de 1826 por diante.

Foi ouvido em diversas conferencias com a assistencia dos ministros de estado no reinado do Sr. D. João VI.

Não entrou, nem foi membro de club algum, nem pedreiro livre até hoje 23 de abril de 1844: o seu club foram: sua familia e livraria.

Subiu aos maiores empregos da sua patria sem intrigas, cabalas, partidos, nem adulações, mas sómente pela protecção Divina, alguma intelligencia, muita probidade, e especialmente por effeito das circumstancias.

Casou-se a 30 de junho de 1800 com D. Maria Barbosa Rosa do Sacramento, filha legitima do capitão Julião Martins da Costa, natural de Portugal, e negociante.

e de D. Maria Rita Quiteria, natural de Minas Geraes : teve della um filho e quatro filhas, de que existem as duas ultimas hoje 23 de abril de 1844.

Falleceu sua mulher em 23 de abril de 1840, dama da Imperatriz e marquez de Maricá: foi senhora de garbo, modelo de fidelidade conjugal, e amor materno, e honra do seu sexo.

Começou a escrever as suas maximas na idade de 60 annos, quando chegou a de 70 havia publicado e feito distribuir gratis quatro volumes dellas com 3169 artigos, monumento da sua gloria litteraria, e que mesmo honra a litteratura brasileira.

Os bens da fortuna que possui, é trigo sem joio do diabo, é producto da pingue legitima do seu pai, do seu commercio, por perto de vinte annos como negociante, do favor divino, da sua economia, ordem, trabalho e intelligencia. Na sua vida publica não teve outro rendimento que o de seus ordenados: a sua integridade póde ser proverbial.

— O marquez de Maricá era um homem de apparencia modesta, de uma physionomia austera, e de mediana estatura. Amava a conversação, a musica, e a leitura; tinha grande variedade de conhecimentos, um espirito agudo, mesmo sarcastico, e fallava com tal velocidade, que era difficil acompanhá-lo em materias philosophicas, mórmente quando se elevava ás grandes abstracções. A poesia italiana fez sempre uma parte das suas horas de delicias, e alguns ensaios anachreoticos que fez, e que foram postos em musica por José Mauricio, conservam o caracter de sua superioridade e mostram um perfeito conhecimento da harmonia metrica.

Era um velho que amava a mocidade, que reconhecia nella a legitima herdeira do futuro, e que perdoava com facilidade as suas faltas. Tinha um profundo conhecimento dos nossos homens e das nossas cousas, como se vê claramente em suas maximas e pensamentos; e conhecia-se a si proprio.

No meio de todas as circumstancias variadas em que se achou, soube sempre aliar a sua illustração com uma grande independencia de caracter. A' especie de isolamento que creou na sua livraria, e ao continuo pensar sobre as cousas mundanas, devia elle essa força extraordinaria e frieza com que recebia os golpes os mais profundos: placido recebeu a noticia da morte inesperada de sua nobre esposa, e placido o risonho esperava a todo o instante a sua morte. Havia nelle, sem calculo nem affectação, alguma cousa desses grandes caracteres da antiguidade, havia nelle uma mistura de Socrates e Seneca, e essa nobre simplicidade que o tornava digno da admiração dos contemporaneos: toda a sua força na vida e na morte se achava apoiada em profundos estudos, e na pratica severa dos deveres de um perfeito catholico.

Foi por muito tempo membro desse grupo, que se reunia na bibliotheca do palacio da Conceição, acolhido pelo fallecido bispo D. José Caetano, em cujo numero se achava o padre Caldas, o poeta traductor dos Psalmos, o admiravel orador sagrado.

O marquez de Maricá dizia: que não vendia os seus filhos, quando distribuia gratuitamente as suas maximas, porque seria peccado fazel-o, tendo bens da fortuna, e escrevendo com o unico fim de ser util á sua patria.

As suas primeiras maximas foram bem acolhidas sómente pelos homens superiores, por aquelles que podiam avaliar o quanto havia ali de grande, na propagação de taes verdades, e de bello na fôrma concisa porque eram escriptas.

E um destino pouco consolador para o idealista o saber que á sua primeira apparição no mundo é mal recebida pelos contemporaneos, e que só deve esperar do tempo, ou da morte, o justo premio de suas fadigas e de seu amor patrio.

O livro do illustre marquez só espera por um homem que o colleccione e risque algumas repetições, devidas ao espaço das differentes publicações de novas maximas, para se tornar um dos mais bellos monumentos da nossa litteratura, e um testemunho do ponto a que póde attingir a intelligência brasileira.

Os ultimos dias do nosso moralista foram um longo esperar pela morte, que elle encarava com sorriso, com prazer, como o prisioneiro encara a hora da liberdade. Na ultima visita que lhe fizemos, poucos dias antes de terminar a sua invejavel carreira no mundo, pediu-nos com muita instancia para que o descobrissemos, accrescentando com uma serenidade patriarchal estas palavras : veja este corpo, que só tem um fio de vida, como se evaporou ; contemplo este esqueleto, já sem carnes, e apenas preso por esses magros tendões : já não tenho musculos, já não tenho nada que se assemelhe á vida, e que se pareça com um homem, apenas minha alma, que, no meu custoso respirar, parece que oscilla entre meus labios, e que de um momento para outro vai deixar estes miseros ossos. Ah ! quão feliz para mim não será esse tão anciado momento da morte, que ha tanto espero, e que tão tarde me parece. Mandei transportar meu corpo para a minha livraria, porque quero morrer entre os meus companheiros da vida, entre os companheiros da minha alma. Já me despedi do mundo, já entreguei a minha casa aos meus herdeiros : sou um cadaver que espera a sepultura. »

E poucos dias depois findou aquella grande realidade, tendo por facha do seu sudario o grão cruz da ordem do Cruzeiro.

Porto-Alegre.



LUCIA DE MIRANDA.

ROMANCE HISTORICO

ENSAIO ROMANTICO SOBRE UM ACONTECIMENTO TRAGICO DA CONQUISTA DO RIO DA PRATA, OFFERECIDO AO INSTITUTO HISTORICO PELO SEU SOCIO C. B. O.

I.

Pelos annos de 1530 expediu o governo hespanhol quatro navios, sob o commando do famoso navegador Sebastião Caboto, com trezentas pessoas do seu sequito, entre soldados e aventureiros; dos quaes alguns se distinguiram pela nobreza do seu nascimento, ou por menos vulgar educação.

Fôra o objecto desta expedição fazer o reconhecimento do Rio da Prata, cuja embocadura havia sido já descuberta pelo navegador hespanhol D. João Dias de Solis: sendo Caboto encarregado de plantar nessa região da America meridional o primeiro padrão da conquista, sob o dominio da Hespanha.

Chegado Caboto ao ponto do seu destino com prospera viagem; e reconhecida a posição que visitara Solis, na margem esquerda da foz do Rio da Prata; resolveu elle demandar a margem opposta, navegando aguas acima:ahi descobriu um porto acomodado para receber as suas embarcações, onde desembarcou, com a gente que levava.

Na vizinhança deste porto, á que deu Caboto o nome de Espirito Santo, erigiu elle um forte regular, construido de madeira; e o guarneceu com a gente que julgou necessaria para o defender, em caso de precisão, contra os ataques dos indigenas, com quem aliás procurou estabelecer relações de amizade.

Daqui partiu Caboto, seguindo a navegação que havia interrompido, até penetrar nas aguas do Paraguay: e havendo já reconhecido, além deste rio, os dous outros grandes afluentes do Prata, a saber, o Paraná, e o Uruguay; regressou ao porto do Espirito Santo, com a intenção de seguir dahi para a Hespanha, a fim de dar pessoalmente conta ao governo hespanhol do brilhante resultado das suas explorações.

Embarcando-se Caboto para a Hespanha, deixou por commandante do forte do Espirito Santo ao capitão D. Nuno de Lara, com cento e dez soldados, além de outros aventureiros, em cujo numero se contavam alguns fidalgos, que preferiram ficar sob o mando de D. Nuno.

Ne ste primeiro estabelecimento da conquista hespanhola, na região do Prata, teve lugar um acontecimento extraordinario, o qual se torna ainda mais notavel pelo con-

curso das singulares circumstancias que o acompanharam. Tal foi o caso triste e miserando de Lucia de Miranda, dama hespanhola; a qual fôra ahí victima lastimavel do amor feroz de um chefe selvagem; e ao mesmo tempo a causa innocente da destruição do forte do Espirito Santo, e de toda a gente que o defendia.

II.

Havia o commandante do forte, D. Nuno de Lara, cultivado com a mais perfeita cordialidade as relações de amizade, que entre os indigenas, habitantes daquellas paragens, e os hespanhoes alli estabelecidos conseguira travar o prudente e atilado Caboto, durante o pouco tempo que estivera no porto do Espirito Santo; especialmente com os indios Timbús, tribu ou nação que entre as outras mais se recommendava tanto por sua melhor indole, como pelos uteis serviços que prestavam aos hespanhoes, fornecendo-lhes os viveres de que necessitavam, por dar-se ella particularmente aos trabalhos da cultura.

Tinham os Timbús dous caciques, chamados um Mangoré, e o outro Seripó, os quaes eram muito respeitados dos indios da sua nação, como chefes valentes, e experimentados na guerra: e estimavam-se extremosamente um ao outro, como irmãos que eram, mas predominando entre os dous a autoridade e influencia de Mangoré.

Entre as mulheres que existiam no forte fazia-se mais notavel Lucia de Miranda pela sua formosura, e graciosas maneiras; a qual era casada com um dos hespanhoes da guarnição, chamado Sebastião Furtado: ambos na idade em que o amor conjugal ostenta todo o seu poder, nas alianças produzidas por verdadeira e reciproca sympathia, pois eram moços, e casados de pouco tempo; e talvez buscaram, aventurando-se aos trabalhos e perigos da conquista nessa parte do novo mundo, desfructar em mais liberdade as delicias de huma união ditosa.

Aquelles caciques visitavam amiudadas vezes os hespanhoes, a quem elles consideravam como seus hospèdes; sendo acolhidos sempre, no interior do forte, com mostras de benevolencia e de cordial amizade. Teve desta sorte Mangoré muitas occasiões de avistar-se com a bella Lucia, cuja presença, na primeira vez que a vira, inspirou-lhe tal inclinação, que a frequencia das suas visitas transformou em forte sympathia; e esta bem depressa cedeu o lugar ao mais pronunciado sentimento de fervoroso amor.

Dominado assim Mangoré por essa paixão, estudava elle todos os meios de fazer-se agradável á bella hespanhola, para conquistar dest'arte o seu affecto. Dos fructos da sua cultura, ou apanhados nas matas, com que mimoseava frequentemente ao commandante D. Nuno e aos officiaes da guarnição; reservava elle sempre os mais formosos ou os mais esquisitos para offerrecel-os á querida Lucia! E ella por sua parte acolhia essas demonstrações não equivocas de um coração apaixonado com affabilidade e benevolencia, que, se bem não desdiziam do seu natural, significavam todavia, na rude comprehensão de um amante selvagem, agradaveis mostras de vêr-se correspondido nos desvelos de seu amor.

Animado pois Mangoré pelo fagueiro tratamento que recebia da candura da boa Lucia; tentou primeiramente valer-se da confiança que havia ganhado no animo dos

hespanhoes, para convidar o marido de Lucia que a levasse á povoação dos indios, de que era elle chefe, afim de ahí terem ambos uma agradavel distracção, fóra do estreito recinto do forte em que residiam : pondo á disposição dos mesmos a sua propria cabana, e offerecendo-lhes todas as commodidades e regalos que dependessem da sua boa vontade ; sendo seu unico desejo que Lucia e seu marido voltassem ao forte, satisfeitos da hospedagem que lhes houvesse dado.

Mas Sebastião Furtado, ou fosse pelo receio de arriscar a vida, e, mais que a propria vida, a segurança da sua adorada Lucia, entregando-se ambos á disposição do cacique, cuja lealdade não offerecia maior penhor que as suas lisongeiros promessas ; ou mais provavelmente porque houvesse penetrado o occulto designio do apaixonado selvagem, pretendendo, com semelhante ardil, separar da protecção dos hespanhoes aquella dama, a quem ardentemente amava ; evitou elle sempre com pretextos plausiveis aceitar o convite de Mangoré, o qual não deixou talvez de descobrir na relutancia de Furtado o verdadeiro motivo, que o induzia a proceder dessa maneira.

III.

Despeitado Mangoré pela mallogroção da sua primeira tentativa, não desesperou todavia de alcançar por qualquer meio, e á todo custo, a posse do thesouro que anhelava : e soccorrendo-se á astucia que caracteriza um chefe selvagem, concebeu um novo plano, para levar a effeito o seu designio, e tão efficaz, quanto tivera elle de horrivel na sua execução ; pois que nada menos importava, que a completa destruição do forte e de toda a sua guarnição, procurando Mangoré salvar desta catastrophe unicamente a Lucia de Miranda.

Para realisar o seu intento, procurou primeiramente o dissimulado cacique obter o accordo e cooperação de seu irmão Seripó ; ponderando-lhe a conveniencia de acabarem com os hespanhoes do forte, em quanto se achavam elles enfraquecidos pelo numero, para que se não tornassem depois, quando mais crecidos em forças, de hospedes que eram, em verdadeiros senhores da terra, que á ambos pertencia ; occultando-lhe dest'arte o motivo real de tão extraordinaria resolução. Seripó naturalmente commovido das palavras que ouvira da boca de seu irmão, respondeu-lhe que o que acabava de propor-lhe parecia tanto mais estranhavel, quão grande fóra até ali a dedicação que mostrára Mangoré aos seus amigos do forte ; e com especialidade á Lucia de Miranda, a quem elle amava com tanto extremo ! accrescentando, que pelo que dizia respeito á elle Seripó, não tinha motivo algum para quebrar tão injustamente a amizade que travára com aquelles hospedes, cultivada de ambas as partes com inteira cordialidade até esse momento.

Esta assizada resposta de Seripó produziu no animo do artificioso Mangoré não disfarçada indignação, pelo desaccordo em que achava aquelle cacique para a realisação do que premeditára : e tomando o tom de autoridade, declarou Mangoré, que pondo de parte quaesquer considerações, devêra attender Seripó, primeiro que tudo, á conveniencia da nação de que ambos eram chefes ; e que, se tão poderoso motivo ainda não bastasse para o determinar na acquiescencia á proposição que lhe fizera, elle

ajuntaria que era essa a sua vontade, a qual esperava não ver contrariada por um irmão á quem tributava tamanha estima.

Á estas palavras proferidas com tal decisão e energia, máu grado seu, rendeu-se Seripó, promettendo ao irmão a sua inteira e leal cooperação, para levar a effeito o terrivel projecto de que lhe dera conhecimento.

Obtido assim o accordo de seu irmão, espreitava Mangoré a oportunidade para atacar de surpresa o forte dos hespanhoes : e essa oportunidade bem depressa se lhe deparou, tão asada, quanto podia elle desejar. Porquanto, havendo precisão de viveres no forte ; D. Nuno, não querendo talvez conservar-se na inteira dependencia dos indios Timbús, que até então haviam supprido os hespanhoes dos productos de sua lavoura ; expediu uma embarcação, guarnecida por quarenta homens armados, levando a commissão de procurarem rio acima, em alguma outra nação ribeirinha, os viveres que podessem obter á troco de objectos de industria européa : fazendo tambem parte desta expedição Sebastião Furtado, que voluntariamente se offerecera para isso, com o designio talvez de descobrir alguma cousa com que mimoseasse a sua querida Lucia. Tão longe estava o coração do amoroso Furtado de presagiar-lhe a grande desventura que o esperava na volta da sua excursão !

IV.

Apercebendo-se Mangoré desta circumstancia, pela incessante vigilancia com que observava todos os passos dos hespanhoes, depois que concebera o damnado projecto de os exterminar, por qualquer via insidiosa que podesse assegurar-lhe o exito que almejava ; não perdeu tempo em instruir o seu irmão Seripó ácerca dos meios que havia meditado para realisar, com o favor da noite, a surpresa da guarnição do forte, enfraquecida como ficára pela ausencia dos combatentes, que haviam sido distrahidos para a referida expedição.

Os dous caciques, guardando sobre o seu designio o mais inviolavel segredo, convocaram, sob qualquer pretexto plausivel, quatro mil dos seus melhores guerreiros ; e os pozeram de emboscada em distancia conveniente do forte. Dahi destacou-se Mangoré, acompanhado de vinte indios da sua escolha, bem armados, e carregados de viveres, dirigindo-se para o forte ; onde, sendo recebido com a costumada franqueza e cordialidade, repartiu elle liberalmente os presentes que levava, com o commandante D. Nuno, com os seus officiaes, e até com os proprios soldados.

Não foi esquecida na partilha dos fataes presentes essa desditosa dama, que algumas horas depois devera ser a Helena dessa nova Troia do deserto ! A boa Lucia recebeu tambem das mãos de Mangoré o mimo que lhe fôra particularmente destinado ; não sem causar-lhe desusado reparo uma certa turbação que divisára no olhar e no porte do cacique no momento de approximar-se della ; e a innocente attribuiu talvez á simples emoção do vivo affecto que lhe consagrava o selvagem, o que fôra necessario effeito da luta momentanea e terrivel entre o desespero do amor e o pungente remorso do premeditado crime ! Era tambem esse momento o da maior proyança para a alma desati-

nada de Mangoré : as nobres qualidades do guerreiro o haviam desamparado, deixando nelle sómente o perfido, o traidor !

Ali passou o cacique o resto do dia : e para mais disfarçar o seu designio, mandou que os indios, que o escoltavam, dessem á guarnição do forte o espectáculo de um combate simulado, no qual manejaram elles com admiravel destreza as armas, de que usavam na guerra ; com o que déra muito prazer á D. Nuno e á toda a sua gente.

Approximou-se nisto a noite : e tão descuidosos estavam os hespanhoes do perigo, que convidaram a Mangoré para ficar no forte aquella noite, juntamente com os indios do seu sequito ; ao que o astucioso cacique annuo, como que por simples deferencia ás instancias de D. Nuno ; encobrando ainda com este novo artificio as apparencias da traição que havia preparado !

V.

Recolhidos aos seus quartéis os hespanhoes, accomodou-se Mangoré com os seus indios ao ar livre, deitando-se sobre as pelles de que usavam para esse fim : e como se pôde presumir, na hora em que toda a gente do forte estava entregue ao somno, só Mangoré (além das sentinellas) velava com a anciedade do amante e a agitação do malvado ! aguardando o momento em que contava que a gente de guerra, que havia deixado de emboscada sob o commando de Seripó, se houvesse approximado do forte, na distancia conveniente, para acudir ao seu reclamo.

Já o cantar do gallo havia annunciado a meia noite ; e o cacique tinha os olhos pregados no horisonte, para o lado do nascente : eis que dahi aponta a branca luz da bella Venus, a estrella da manhã, n'um céu sereno e puro. Era a hora aprazada para que Seripó se achasse no posto convencionado !

Ergue-se logo Mangoré ; acorda os seus indios ; e communica-lhes as suas ordens. Dahi partem todos em silencio ; tendo os mais esforçados a incumbencia de atacar de subito as sentinellas, precipitando-as fóra das muralhas : enquanto os restantes, dirigidos por Mangoré, arrombavam o portão do forte, por onde penetrou immediatamente um troço de gente trazida por Seripó, acudindo ao signal dado por Mangoré.

O estrepito produzido pela abertura forçada do portão do forte ; e mais que tudo o grito de guerra, levantado pela gente de Seripó, que primeiro ganhara o interior da praça, repetido com força ainda maior pela multidão de guerreiros, que agglomerados se disputavam a entrada ; fizeram despertar os hespanhoes, que, sobresaltados por tamanho e tão extraordinario ruido, se precipitaram fóra das suas camas, tomando cada um a primeira arma que encontrou ; e lançando-se todos quasi a um tempo sobre a praça d'armas, que acharam já occupada pelo inimigo ;ahi receberam os mais avançados morte prompta, aos golpes certos dos indios, que apercibidos os esperavam : retrocedendo á voz de D. Nuno apenas pequena parte dos que em tanta desordem haviam marchado para aquelle ponto.

Fôra D. Nuno o unico que se achara armado de escudo e capacete, entre os poucos hespanhoes, que restavam com vida ; ou antes dos que tiveram coragem bastante para receber a morte combatendo ao lado do seu denodado commandante ; o qual reunindo

esses bravos em um dos baluartes, que achou ainda desoccupado, procurou ali sustentar-se na defensiva, não com o fim de salvar a vida, o que já não era possível, mas sim levado pela briosa resolução de a vender caro ao inimigo!

Recebeu D. Nuno, á entrada do baluarte, ataques successivos dos indios, dirigidos pelo proprio Mangoré; mas sempre os rechassara com perda de muitos mortos, o esforço do seu braço, auxiliado pela desesperada coragem dos poucos hespanhoes, que a seu lado combatiam.

Eis que a duvidosa luz da aurora começa a patentear os horrores que passaram nas trevas da noite! D. Nuno vê em redor de si os companheiros ou já mortos, ou prostrados pelas mortaes feridas! e tomando a attitude nobre do guerreiro, que não sabe render-se, encara ainda impassivel a multidão que o cerca; a qual como que recuara de espanto, contemplando o singular espectaculo (que mais e mais ia descobrindo a crescente luz do crepusculo) de achar-se só em pé esse bravo cavalleiro, tendo diante de si uma trincheira de cadaveres! Era o fero Achilles rodeado dos inimigos que seu braço abatera?

Aproveitando D. Nuno esse momento de jazida no combate, transpõe a barreira de mortos, que o separava do inimigo; e marcha gravemente para o meio da praça, tendo em punho a ensanguentada espada. Dahi, lançando furibundo olhar sobre a multidão de combatentes, que lhe faziam frente, descobre a Mangoré, a quem buscava anciosamente, para pôr glorioso termo á vida, descarregando sobre o traidor o derradeiro golpe de sua formidavel espada. E posto que já muito desangrado pelas feridas que havia recebido, furioso arremette para onde divisara o cacique, o qual por sua parte lhe sahe ao encontro com galhardia, aceitando assim a honra de um combate singular, em que devera dar a ultima prova de seu extremado valor. Trocados os primeiros golpes com a energia do desespero, cabe Mangoré mortalmente ferido, e sobre o seu corpo se arroja D. Nuno tambem já exangue; e ambos expiram juntamente!

Scripó que neste momento acudira, profundamente commoveu-se pela funesta morte do irmão a quem muito amava: e ordenou que o seu cadaver e o de D. Nuno fossem tratados com igual respeito. Feito isto, banhado ainda em lagrimas, corre ao aposento da desventurada Lucia, afim de tomar sob a sua protecção aquella, que fôra tão cara ao coração de Mangoré; e por quem quizera elle repartir o seu affecto igualmente com a memoria do prezado irmão.

Chegando á porta do aposento que buscava, já ali encontrou Scripó uma força de indios, que Mangoré para ali destacara durante a luta travada com a gente de D. Nuno para o fim de guardarem illeso o precioso objecto de sua fatal empreza.

Penetrando Scripó no interior do aposento de Lucia, acha a misera dama posta de joelhos... desgrenhada... com as trementes mãos, e os lacrimosos olhos levantados para o céu, como quem só dahi esperava amparo!... E assim conservou-se ella immovel na presença de Scripó, o qual contemplando-a um momento nessa attitude de sublime expressão, commoveu-se tanto, que, como que machinalmente, ajoelhou tambem junto della: e tomando-a em seus braços, lhe diz em voz terna e entrecortada pela viva emoção: « Minha cara Lucia cessa de prantear a tua sorte... não serás minha escrava... mas senhora de quanto é meu... e sobre tudo deste coração

que já te adora! » A' esta allocução cheia de sentimento (proferida na lingua hespanhola da qual tinha o cacique já algum conhecimento adquirido no frequente trato dos hespanhoes) respondeu a triste Lucia com uma torrente de lagrimas, que outras lagrimas provocaram da parte do amoroso Seripó!

Assim terminou essa scena de carnagem, em que poucas horas bastaram, para que os raios do sol nascente só encontrassem no forte os cadaveres dos hespanhoes trucidados, de envolta com as ruinas de seus muros abatidos!

VI.

No dia subsequente ao desta lamentavel catastrophe regressou a embarcação, que fôra mandada por D. Nuno em diligencia de viveres: e ao approximar-se do porto ficaram como tomados de subito estupôr os quarenta hespanhoes, que compunham aquella expedição, divisando o aspecto de destruição que offereciam á seus olhos as ruinas do forte.

Rui Garcia, commandante da expedição, antes de fazer desembarcar a sua gente mandou explorar primeiramente por alguns soldados aquelle lugar de desolação; aos quaes se ajuntou espontaneamente o infeliz Furtado, induzido a tomar parte nessa arriscada commissão pelos serios cuidados, e terriveis apprehensões que o atormentavam sobre a situação da sua Lucia.

Apenas puzeram pé em terra os exploradores, Furtado, como mais pressuroso, tomou-lhes a dianteira, sendo por isso o primeiro que entrava no forte. Aterrados sobremaneira com o lugubre espectáculo que apresentava a seus olhos a praça do arruinado forte, juncada dos cadaveres da carnagem da vespera; teriam os soldados recuado de horror, se ahi não os retivera o interesse que tomaram na dolorosa situação do infeliz Furtado; o qual não hesitou um momento em lançar-se entre essa massa de mortos examinando um por um: e não havendo encontrado o cadaver de Lucia, correu para onde estavam os companheiros, bradando com a alegria de homem allucinado « Não está aqui, ella não morreu! »

Não descobrindo, fôra dessa estancia da morte, quem pudesse informar sobre o acontecido nesse lugar, voltaram os exploradores para bordo da embarcação de Garcia, e lhe deram conta do que viram. Rui Garcia, chamando a conselho os seus companheiros d'armas, deliberou prudentemente abandonar essa terra inhospita; e procurar na costa do Brasil algum porto em que pudessem estabelecer-se com segurança, até a chegada de nova expedição da Hespanha.

Furtado porém (que só cuidava, e só pensava em Lucia!) occultando aos companheiros o seu designio, antes que dalli partisse o commandante Garcia; tomou a desesperada resolução de entranhar-se elle só pela mata visinha, afim de entregar-se como prisioneiro aos primeiros indios que encontrasse! pois não julgara impossivel, que por esse arriscado meio obtivesse alguma informação sobre a sorte de sua cara esposa.

Não ficou o dedicado esposo baldado em tão singular presentimento; porquanto logo no seguinte dia fôra encontrado por uma partida de indios Timbús, os quaes, atando-lhe os braços, o levaram assim preso á presença do seu cacique.

Seripó mal reconheceu no prisioneiro o marido de Lucia, ordenou que o levassem immediatamente d'ali para longe, e que o matassem!

Neste momento critico apparece Lucia, atrahida pelo interesse de reconhecer o prisioneiro, que suppunha ser algum hespanhol, escapado da matança do forte. E foi o mesmo encarar com o prisioneiro, que lançar-se a elle, abraçando-o estreitamente! Satisfeito este primeiro dever do seu coração, prosta-se aos pés do cacique, e lhe supplica « que poupe a vida de seu marido, se deseja fazer-lhe cousa que ella mais estime! acrescentando, que ambos viviriam contentes na humilde condição de seus fieis escravos! »

E destas brandas mostras commovido,
Que moveram d'um tigre o peito duro,

respondeu Seripó (erguendo do chão a amorosa esposa) « Não morrerá Furtado : mas! . . . á condição de esquecer-se elle para sempre de Lucia, que vai ser minha mulher ! dar-lhe-ei outra mulher, que seja do seu gosto ; e o tratarei não como captivo, mas como amigo. »

Lucia, máu grado o seu coração, prometeu ao cacique, por si e da parte de Furtado, o cumprimento da cruel condição, que lhes impozera, tão fielmente quanto lhes fosse possível.

VII.

Correu algum tempo, sem que Seripó mostrasse o menor descontentamento de qualquer dos dous nobres captivos : e antes parecia, que o seu affecto para Lucia augmentava de dia em dia. Mas, a par do tyrannisado coração de Lucia, outro havia profundamente despeitado ; o de uma india moça, e pretenciosa, a quem Seripó tivera por sua mulher, antes de apaixonar-se pela bella hespanhola, por quem havia menosprezado suas antigas afeições : o em taes circumstancias mal podia esperar-se, que os dias de Lucia se deslissassem tranquilllos e alegres, sem que o máu fado seu os viesse enlutar com alguma nova e grande desventura! . . .

Essa india pois, ralada de mortal ciume contra a innocente Lucia, empregou a mais esculpulosa vigilancia em espreitar todos os seus passos, anhelando descobrir qualquer intelligencia entre ella e Furtado. Um simples olhar significativo! . . . as expressões de ternura, que a furto se trocavam os dous captivos! . . . qualquer desses ligeiros indícios, n'uma palavra, que nunca escapam á sagacidade de uma mulher dominada pelo sentimento da vingança ; bastou, para que Seripó, sendo disso prevenido pela arteficiosa india, empregasse dahi em diante maior vigilancia sobre o procedimento de Lucia, a fim de poder verificar por si mesmo a realidade de um facto, cuja simples suspeita magoara vivamente o seu coração.

Não tardou muito, que o terrivel desejo de Seripó fosse plenamente satisfeito, bem a seu pezar ! porquanto sendo elle conduzido pela mão da sua confidente, a implacavel rival de Lucia, surpreendeu os dous infelizes n'um desses mysteriosos encontros, em que o amor não sabe disfarçar-se! . . .

Cedendo ao primeiro impulso do seu furor, tentou Seripó tomar prompta vingança,

cravando a adaga, que desembainhara, no branco peito da desditosa Lucia : mas elle a amava ainda ! . . . e pois não teve forças para desfechar o golpe ! . . . Depois de um momento de hesitação, mandou manietar os dous amantes, e conduzil-os assim á praça publica, para serem logo executados como réos de morte !

Ordenou Seripó para esse fim, que Furtado fosse amarrado a um poste, donde presenciaria, antes de sua execução, o horrendo supplicio de Lucia, que elle condemnara a ser lançada viva nas chammas de uma fogueira, que fez erigir na mesma praça : concorrendo a essa feroz solemnidade os principaes chefes dos Timbús, por ordem do cacique ; e os indios da povoação, attrahidos ahí pela curiosidade propria de barbaros espectadores.

Sentado Seripó sobre um cepo entre os seus chefes, á sombra de copado cedro ; fez vir a sua presença a triste Lucia, trazendo ainda as delicadas mãos arrojadas pela dura corda, com que prenderam.

Marcha ella a passo grave, acompanhada de seus guardas, e ao som lugubre de rudes atabales. O seu porte era nobre ! soltos os negros cabellos, e ondeando sobre o seu collo, como que sombreavam a mimosa pallidez de um rosto angelico ! . . . e os grandes olhos, fixamente inclinados para o chão, davam á expressão do seu semblante o remate de uma cabeça academica ! Chegada Lucia ao rustico tribunal presidido por Seripó, fica ella em pé, face a face do cacique; o qual, fazendo visivel esforço para encobrir a sua emoção, pergunta-lhe: « Estás Lucia convencida do teu crime ? »

Lucia, sem mudar de postura, e sem alterar a serenidade do semblante, guarda silencio como uma estatua !

Repete ainda o cacique a mesma pergunta uma e outra vez; e com signaes de crescida indignação. E Lucia conserva ainda completa mudez !

Tão grande impassibilidade da parte de uma mulher, tendo á vista o apparatus do supplicio que a esperava, não podia deixar de fazer a admiração dos selvagens que a cercavam; por ser essa a virtude que mais distingue os seus experimentados guerreiros.

Não podendo Seripó obter da obstinação de Lucia uma expressão qualquer, com que illudindo o seu proprio coração, se decidisse a perdoal-a, recorreu ainda a uma tentativa, dizendo-lhe: « Pois bem, Lucia . . . já que pelo silencio que guardaste, confirmas o crime da tua deslealdade . . . quero sómente conceder-te agora um derradeiro favor, em signal do vivo affecto que te havia consagrado; mas hoje extinto ! . . . Tu mesma serás a executora da punição destinada ao teu enorme crime ! . . . Marcharás espontaneamente a lançar-te naquellas chammas . . . que já se elevam bem alto, para se esconderem da vista daquelle a quem acerbamente offendeste . . . com feia ingratição ! . . . »

Dito isto, ordena o cacique, que sejam desatadas as mãos da condemnada.

Lucia, apenas teve livres os seus braços, cahe instinctivamente sobre os joelhos: levantando ao céu as mãos e os formosos olhos, como quem invocava o supremo auxilio, na hora extrema ! . . . Lança, ainda nessa postura, um olhar de saudoso adeos ao seu querido Furtado ! . . . E arrebatadamente se levanta. Tomando então a attitude nobre que convinha á sua situação; e encarando fixamente a Seripó, com um riso de heroico desprezo, lhe diz com voz energica: « Já viste, barbaro, que nem as tuas ameaças, nem o apparatus de terror, de que me rodeastes, poderam arrancar-

me o segredo do meu coração !... Eu pois em paga do ultimo momento de liberdade que me concedeste, te declaro que nunca deixei de amar o meu verdadeiro esposo !... que ainda o amo agora mais que nunca !... mais que a mesma vida !... E sabe mais, tyranno, que aquellas chammas, a que me condemnaste... me serão mais gratas, que os affagos de teu amor brutal !... »

Proferiu Lucia a ultima palavra no momento em que já se arrojava á fogueira; no meio de gritos de horror da parte da multidão, que presenciava tão triste scena !

Tu só, tu puro amor, com força crua
Dêste causa á molesta morte sua !...

(1532.)



A NOSSA MOEDA.

A' bondade do muito illustre e prestanto Snr, Dr. Azeredo Coutinho, provedor da Moeda, devemos a seguinte nota, que muito interessa a todas as classes da sociedade. Agradecemos este favor de S. S. não só pela presteza com que nos fez, como pela maneira delicada com que costuma praticar em todos os seus actos de favor e de amizade.

RIO DE JANEIRO, EM 19 DE JULHO DE 1851.

Desejando V. S. saber a quantidade de ouro e prata que debaixo da actual administração se tem cunhado na casa da Moeda, passo a satisfazer ao seu desejo com a ampliação e observações que, em falta de uma historia das casas de Moeda do Brasil, possam interessar ; por tanto dividirei a existencia deste estabelecimento no Rio de Janeiro nas épocas abaixo designadas, fazendo sobre ellas os convenientes reparos.

OURO.

Cunhado desde 1703 até 1822.....	215.561:150 ⁷ / ₁₀₀ 920
» » 1822 até 6 de setembro de 1850.....	2.435:938 ⁵ / ₁₀₀₀
» de 6 de setembro 1850 a 19 de julho de 1851...	<u>2.082:830⁵/₁₀₀₀</u>
	<u>220.079:918⁷/₁₀₀₀920</u>

PRATA.

Cunhada desde 1739 até 1822.	14.241:114 ⁵ / ₁₀₀ 890
» » 1822 até 6 de setembro de 1850.....	2.512:453 ⁷ / ₁₀₀₀ 720
» de 6 de setembro de 1850 a 19 de julho de 1851.	<u>482:487⁵/₁₀₀₀</u>
	<u>17.236:055⁷/₁₀₀₀610</u>
Existente em moeda de prata do antigo cunho pertencente ao thesouro	540:294 ⁷ / ₁₀₀₀ 122
Fundo de reserva, idem.....	<u>2:582⁷/₁₀₀₀472</u>
	542:876 ⁷ / ₁₀₀₀ 594

Com a prata em moeda do antigo cunho que se deve cunhar, haverá uma cessação de lucros de 12:000⁷/₁₀₀₀ na senhoriagem para a elevar a 917 ¹⁰⁰⁰/₁₀₀₀ e com o fundo de reserva pela mesma razão a quantia de 56⁵/₁₀₀₀.

COBRE.

Cunhado desde 1703 até 1822.....	1.385:174\$725
» de 1822 até 1832.....	13.310:538\$200
	<hr/>
	14.695:712\$925

Moeda de cobre punçada até o anno de 1837 em virtude da lei de 6 de outubro de 1833..... 732:958\$380
a qual foi entregue aos portadores com igual quantia em notas.

Quanto ao ouro vê-se, que se tem em conta as sommas que se cunharam nas casas de Moeda da Bahia, Pernambuco e Minas, que espero em breve se possa conhecer, eleva-se naturalmente até o dia de nossa independencia ao menos 500.000:000\$. As moedas cunhadas nestes diferentes estabelecimentos trazem debaixo do busto e acima da era a inicial da provincia em que foram cunhadas; as que não tem letra foram cunhadas em Portugal: assim as do Rio tem um R, Minas um M, Bahia um B.

Dividimos em tres épocas as do cunho do ouro por abreviar, talvez a devessemos dividir em cinco: primo, cunhadas antes da creação da moeda provincial; secundo, depois da creação desta moeda até a independencia; tertio, da independencia até o decreto de 8 de outubro de 1833, que reduziu o padrão monetario a 40 dinheiros por 1\$ rs.; e dahi até 49 em que o padrão monetario foi reduzido a 27 dinheiros, o mesmo para a prata, começando a 1.ª época em 1759, e findando em 1810, em que se mandou recunhar os pesos, que só valiam 750, com o valor de 960; a 2.ª de 1810 a 1833, a 3.ª de 1833 a 1849, a 4.ª de 1849 a 6 de setembro de 1850, e a 5.ª dessa época até hoje. A creação da moeda provincial, dando a 2 1/4 de ouro o valor de 4\$ rs., quando o valor da oitava era de 1\$500 rs. e a senhoriagem de 100 rs. por oitava, foi um grave erro: é porém inqualificavel a ordem que mandou recunhar os pesos com o valor de 960, o que dava um augmento de 28 rs. em oitava sobre o que valia no mercado do paiz; demais não tinham elles o titulo da lei: não podemos encerrar tal ordem senão como abuso de posição nos conselhos da corôa.

Luiz XIV nos 10 annos, que segundo Delamber de mais viveu para sua gloria, nunca tanto fez de uma só vez. Felizmente o governo trata de reparar esse abuso.

Accrescentarei que a tolerancia da moeda, no ensaio é para o ouro de 15 decimos millesimos, e para a prata 2 millesimos, em peso foi até outubro proximo passado de dous grãos, dahi em diante de um grão, e de maio em diante esta tolerancia tem sido tão reduzida que rara é a peça que tem meio grão de mais ou de menos, e com tal compensação que 12:800\$ rs. pesam quasi sempre 50 marcos, e se ha differença é de grãos, quanto á moeda de prata em 50 marcos ganha a casa uma moeda, dando uma tolerancia de 1 sobre 45, o que não é muito em uma moeda seduciaria: e que até 33 o valor do ouro estava para o da prata (moedas) na razão de 1 para 15 1/5; de 33 até 1849: de 1 para 15,625, e hoje na razão de 1 a 14 e 2/9. Eis o que julga poder interessar-lhe quem é com estima

Seu respeitoso amigo — *Dr. Candido de Azeredo Coutinho*



MAURICINAS.



Assim intitulou o Snr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia uma collecção de melodias, que nas horas de recreio foi compondo, que colleccionou e que as offertou a seu pai no momento de as tirar á luz da imprensa.

O raio harmonioso que a Providencia Divina collocara na frente d'aquelle grande artista, que fez as delicias de El-Rei D. João VI., e que exornou os canticos sagrados com innumerables melodias, tambem se reflectiu sobre a frente sapiente e bemfazeja do filho.

A natureza, n'este reflexo artistico, nesta herança harmoniosa, quiz que uma tão grande luz se não extinguisse no tumulo, fazendo reaparecer um crepusculo que lembrasse o brilho d'aquelle astro, que se sumiu para sempre.

O merito das Mauricinas, além da recordação de um nome tão grande para as artes brasileiras, e da sempre louvável gratidão de um filho, se basea na originalidade da maior parte do seu contexto, em uma quadra de imitadores; e muito mais, porque mostra uma filiação dessa escola que começa a desvanecer-se, como para mais abrihantar a individualidade do grande compositor.

Sem a menor especie de pretensão artistica, sem querer invadir o santuario dos mestres da arte, o illustre professor de anatomia descriptiva, apparece mais impellido pela gratidão e pela saudade, do que por qualquer outro empenho mundano.

Aquelle que á custa de tanto trabalho, de tão longos soffrimentos, comprou um nome puro, uma fama de habil medico, de grande parteiro, e de um varão corajoso no meio da peste, e de suas proprias dôres, tem sobejos motivos á nossa consideração, e não precisa pedir a uma arte estranha um nome popular, um nome abençoado por todos os pobres, e pela grande quantidade de mães e pais, que tem recebido de seus braços os seus mais caros objectos, e algumas vezes visto debaixo da pericia do homem scientifico, ressucitar seus filhos, enchugar seu pranto, e se desvanecerem as idéas atterradoras da viuvez, da orfandade, ou da perda do filho do seu amor e de suas dôres.

A variedade das Mauricinas representa a variedade das emoções de seu autor; n'essa serie de composições está gravada a escala de suas sensações, estão represen-

tados esses prazeres tão variados na vida de um medico, e de um medico parteiro, que compartilha as emoções de um pai venturoso, e o primeiro beijo maternal que unge a fronte do recém-nascido; nessas melodias está a repercussão de um mundo, de um mundo ignorado pelo celibatario.

As Mauricinas são as horas de recreio do sabio, são as representantes d'aquelle mundo que é forçado a crear todo o homem que professa a anatomia, e que apesar de um longo habito, nunca acharia prazer á vista do cadaver, se não fosse a convicção do cumprimento de sua alta missão, e a utilidade da sciencia.

A sublime arte da musica juntou o Snr. Dr. José Mauricio a do desenho: o retrato que acompanha a obra musical tambem é de sua feitura; e apesar de algumas incorrecções ligeiras de rigorosos principios da arte de desenhar, não deixa de estar proprio, e de ter merecido a approvação geral de quantos conheceram o grande José Mauricio.

As artes se honram sempre quando cultivadas por homens que já tem um nome solido, prestam oblações ao génio, ao amor e á gratidão.

O preço porque seu autor expoz ao publico demonstra evidentemente a ausencia de qualquer lucro, muito mais para um homem a quem fallece tempo, e que tem na sua intelligencia, e nos seus ferros, um forte rendimento para si, e para repartir com os pobres e desvalidos.

CATHALOGO DAS MAURICINAS.

PRIMEIRO VOLUME.

Frontispicio e retrato.—Pag. 1, Hymno á harmonia; poesia do Snr. Gonçalves Dias.—Pag. 4, A lousa cahiu; letras do Snr. Octaviano de Almeida Rosa.—Pag. 6, Minha alma é como um espelho; letras do Snr. Porto Alegre.—Pag. 8, Minha esperanca; letras do Snr. Dr. Macedo.—Pag. 9, Quando o genio de Torquato; romance á Mlle. Tati; letras do Snr. Porto Alegre.—Pag. 11, Saudades de Albano; romance á Snra. Porto Alegre; letras de seu esposo.—Pag. 15, *Laverni Naturaliste*; tarantella *macarronica*; letras do Snr. Porto Alegre.—Pag. 18, Saudades do Principe D. Affonso; letras de Paula Brito.—Pag. 20, Negra saudade; poesia á morte do Snr. *Candido Ignacio da Silva*.—Pag. 22, Vai suspiro meigo e triste; modinha á Snra. Silva Garcia.—Pag. 25, Meu allivio é suspirar; poesia de Paula Brito.—Pag. 28, A Mangueira; poesia do Snr. Porto Alegre.—Pag. 30, Analia bella; poesia do Snr. Delphim Silva.—Pag. 33, A minha estrella querida; letras do Snr. Azevedo Peçanha.—Pag. 36, *Fóra o regresso!*... (Lundú popular); letras do Snr. Porto Alegre.

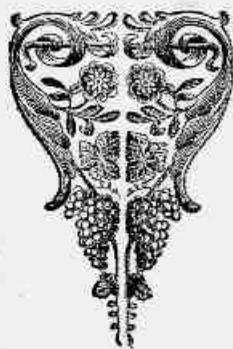
WALSAS.

SEGUNDO VOLUME.

Pag. 1, Saudades de meu pai.—Pag. 3, Meu tirocinio.—Pag. 4, Saudades de S.

Gonçalo.—Pag. 5, Meus desejos.—Pag. 6, A namorada.—Pag. 7, A lisonjeira.—Pag. 8, A fementida.—Pag. 9, Amor e saudade.—Pag. 11, Minha palavra.—Pag. 12, A favorita.—Pag. 14, A invejosa.—Pag. 15, A innocente.—Pag. 16, Uma promessa.—Pag. 17, Um passeio.—Pag. 18, Uma dívida.—Pag. 19, A simplicidade.—Pag. 20, A bailista.—Pag. 21, A Porto Alegrense.—Pag. 22, A Cambucyna.—Pag. 23, Recordações de meu pai.—Pag. 25, A sympathia.—Pag. 26, Uns remorsos.—Pag. 28, Um desabafo.—Pag. 30, As tres irmãs.—Pag. 32, Minha molina.—Pag. 33, Saudades de Valença.—Pag. 34, Despedida da Santa Rosa.—Pag. 35, Não te quero.—Pag. 36, Um adeus.—Pag. 38, A pagodista.—Pag. 39, A massambarense.—Pag. 40, Umas lembranças.—Pag. 41, A chorona.—Pag. 42, A bananeira.—Pag. 43, A estranhona.—Pag. 44, Os tres amigos.—Pag. 45, A cocáda.—Pag. 47, Saudades do Rio Preto.—Pag. 49, A serrana.—Pag. 50, Um sonho.

AS MAURICINAS, compostas de dous volumes in folio, vendem-se na loja do Sr. Paula Brito, Praça da Constituição n.º 64 pelo preço de 10\$000 rs. constando de 65 peças de musica.



(Fragmento do Poema-romance inédito—Nebulosa.—)

CANTO I. — A ROCHA-NEGRA.

I.

Como duas columnas de guerreiros
Gigantes feros, que avançando irados
Param ambas a um tempo antes da luta
Deixando ao turvo olhar espaço breve,
Duas filas de rochas escarpadas
Tinham, rasgando o pelago raivoso
Frento a frente ostacado; inabalaveis
Os pés fineavam no profundo abysmo,
E em suas fronte remoinhavam nuvens
Quaes de vingança tenebrosos planos.

II.

Curta passagem concedida as aguas
Entre as moles graniticas ficava;
Fóra rugia o mar, e além das rochas
Quieta e bella enseiada s'escondia.
Pela estreita garganta s'escoayam
Para o seio abrigado ondas serenas
Do oceano traidor fugindo a medo,
Como piedosas inspiradas virgens,
Que do mundo escapando, o claustro asyla.

III.

Dentro estava a enseiada; em frente as rochas
Como ennuchos velando ante um serralho;
Niveas praias, que as ondas galanteam
Os flancos lh'engraçavam; densos bosques
Florestas seculares, altos montes

A campinas ridentes succedendo
 Por encantada terra s'entranhavam :
 Redobra a solidão do sitio o enlevo:
 Breves passos do mar via-se apenas
 De um pescador cabana preguiçosa.

IV.

E ali por entro as ondas se desdobra,
 Qual um Tritão que debruçado aferra
 Meio n'agua submerso e todo em somno,
 Longo espinhaço de troncada rocha.
 Para no meio de outros mais como elle
 Pessas mil que ou d'esseneia são propinquas,
 Ou já penhasco enorme um só formaram,
 Que o tempo em cem penhascos dividira :
 Mais alto do que os outros, sobranceiro
 Ao pégo, que submisso aos pés lh'estendo
 Brancos festões d'espuma em vassallagem
 Um rochedo elevado, aspero e negro,
 Velho pai da familia de granito,
 Audaz se arroj'a frente, o vulto eleva
 Sobre o mar que a rugir lhe acoita as plantas,
 Em quanto afogam-lhe o cabeça as nuvens.
 Horrivel tradição mancha-lhe a historia ;
 Dos vivos nenhum viu, avós não viram,
 Quando foi ninguem sabe, e todos creem.
 Dizem que ali na turva agreste rocha
 Em velhas eras se acoutava insamna
 Mulher sabida em magicas tremendas,
 Qu'ensinam máus espiritos: formosa,
 Inda aos cem annos moça como aos vinte,
 Vêl-a era amal-a, e amal-a perdimento.
 Genio das trevas, só da lua amiga
 Fugia a luz do sol; mercê d'encantos
 Durante a noite mistica pairava
 No espaço em torno a rocha densa nuvem,
 Em cujo seio toda se embobbia,
 Mal se abriam no céu rosas d'aurora:
 Chamavam-na por isso a *Nebulosa*.
 Em noites de luar trajando vestes
 Roçagantes e brancas sobre as ondas
 Os encantados philtros preparava
 Com chamma, que nos olhos acendia,
 E com orvalho do céu; inda nos mares

A meia noite, como em praia ou campo
 Corria em pé e nem os pés molhava:
 Vinha depois na rocha pentear-se
 Madeixas d'ouro desatando as brisas;
 Logo outra vez no mar cantava e ria,
 Té que á luz do Senhor cedendo as trevas
 Em seu leito de nuvem se abismava.
 Tempo, que se não mede, assim vivera
 Sempre moça e gentil, máo grado os annos;
 Uma noite porém de tredo olvido
 (Foi castigo de Deos) ao mar se atira,
 Sem que antes repetisse as da cabala
 Satánicas palavras; tarde as lembra...
 Mais tarde as balbucia... os pés se molham...
 Vai sentindo afundar-se... em vão braceja...
 Ruge a tormenta... subito revolto
 A juba monstruosa o mar encrespa,
 E no abismo e no céu jogam madrias:
 D'encontro a *rocha-negra* bravas ondas
 O corpo arrojam da esquecida maga:
 Debalde a miseranda estende os braços;
 Se a pedra quer ligar-se, as mãos lho faltam,
 Pelo dorso escabroso escorregando
 Lasca as unhas em vão e fero os dedos;
 Uma, dez, vinte vezes... sempre o mesmo,
 Dubia esperança, e desengano certo!...
 Volve os olhos ao céu... scintilla aurora,
 Quebra-se a luz do sol de todo o encanto;
 Ai da fada gentil!... solta no espaço
 Nuvem, onde por sec'los se asylara,
 Vai fugindo a embeber-se no horisonte,
 Qual só barquinha, que a corrente alonga!...
 Não pôde mais com a vida... perde as forças...
 Um derradeiro arranco... inda é baldado...
 Último foi:—abriu medonha boca
 O pégo vingador, o absorveu-a,
 Dando-lhe tum'lo aos pés da *rocha-negra*,

V.

Ninguem da maga diz, que o corpo examine
 Boiasse a flor das agoas: um mysterio
 Foi sua vida, igual mysterio a morte;
 Contam muitos porém, que nas deshoras
 Das noutes em que a lua aclara a terra,

No verde cimo da tremenda rocha
 Vem sentar-se a scismar branco phantasma;
 Que ais desata, que os não exhalam vivos;
 Que ha frio gelador da rocha em torno.
 Esse phantasma. . . é ella: e canta e chora,
 E attrabe mercê de pranto ou de harmonias
 Pobres incantos, que no mar se arrojам
 De subita loucura arrebatados,
 Ou por negros contractos s'escravizam
 Ao imperio fatal da *Nebulosa*.

VI.

Verdade ou não da *Nebulosa* a historia,
 Tem fóros de encantada a *rocha-negra*;
 E se dos velhos não desvale a crença
 Ai de quem lá subir noites seguidas
 Tres, em que a lua tremular nas ondas:
 Tarde ou cedo catastrophe terrivel
 Da imprudencia o castigo assellar deve:
 Quem ao perto navega arrisca a vida;
 Se ao longe o mar é chão, ali referve;
 Por isso o pescador passando ao largo,
 Benzendo-se a tremer, cabe sobre o remo,
 Faz voar a canoa, e a Deos rezando
 Esconjura o poder da *Nebulosa*.

VII.

E no entanto era noite: em pino a lua
 Por albugineo céu se deslisava,
 Céu e lua coando sobre as ondas
 Pallida luz, e orvalho de mistura:
 Murmurejava o mar. . . dormia a terra;
 O tempo era sereno; mansa brisa
 Lambia a face das tranquillias agoas:
 Chegava a hora, que separa os dias
 —Meia noite; — velava uma barquinha,
 Dentro dous pescadores, que remavam
 Pyrilampos do mar aos mil chovendo
 Ao levantar dos remos: longe assoma,
 Ao clarão do luar, feio iracundo
 Da *rocha-negra* o vulto pavoroso:
 Do gallo ouviu-se o canto: após silencio;

Véla a barquinha ; os pescadores mudos ;
Murmurejando o mar . . . dormindo a terra.

VIII.

De repente, qual sombra de um phantasma,
Humana forma volve-se na praia :
Ninguém vio donde veio e se apropinqua ;
Subio o pé de rocha ; vagaroso
De penhasco em penhasco foi saltando,
Galgou enfim da *rocha-negra* o cume,
E em pé, soberba estatua, o mar contempla.

IX.

« Elle ainda ! . . » murmura estremecendo
O pescador mais moço, e como um écho
O velho pescador repete— « ainda ! »

X.

Quem é elle ? . . mysterio : um mez volveu-se
Depois que no rochedo vez primeira
A sós velando a noite consumira.
Ninguém se lembra conhecê-lo outr'ora ;
A um mez appareceu, só, mudo, e triste
Do velho pescador buscou o abrigo,
E pediu mesa e leite a troco d'ouro :
Retirado de dia, aos olhos todos
Furta-se cuidadoso ; a ninguém falla,
Não quer ouvir ninguém ; não diz seu nome ;
Traja negros vestidos, rubra capa
Prende nos hombros ; companheira eterna
Harpa sonora a toda parte o segue ;
Nome lh'empresta o musico instrumento,
E de outro em falta *Trovador* o chamam.
Fôra bello talvez, se estatua fôra ;
Mas dá-lhe a vida um parecer sinistro :
Pelos traços distincto agrada o rosto ;
Carrancudo porém sombrio e turvo
O fel do coração nelle transpira :
Alto e delgado não se dobra aos annos,
Mancebo ainda piza firme a terra.
Tem pretos os cabellos, que lhe ondeam

Sobre as espadas; a elevada fronte
 E o rosto pelo sol se vêm tismados;
 Ardem-lhe os negros olhos, como raios
 E a graciosa boca é muda a todos.
 Nas formas varonis se ostenta a força
 De vigoroso braço affeito a luta;
 Não é gentil no entanto, antes repelle:
 Reçuma em seu olhar desprezo ao mundo;
 Da fronte no enrugar, dos supercilios
 No terrivel franzir se apanha a idéa
 De um coração inhospito p'ra os homens;
 Nos seus labios as vezes um sorriso,
 Que não é rir, que é onda de sarcasmo,
 Confunde, a quem o vê: não falla nunca,
 E n'um véo de mysterios envolvido
 Vaga, escondendo ao mundo, que detesta,
 Seu nome, seu viver, e a dôr, que abafa.

XI.

Subito apparecendo e inesperado
 Nunca mais se arredou d'aquella enseiada:
 Em vão refere o velho o caso infausto
 Da *Nebulosa*; mal o attende e foge
 O Trovador incredulo ou sem medo:
 Ave das noites nas deshoras vela;
 Rei dos penhascos tem seu throno erguido
 Na *rocha-negra*: esconde-se dos homens,
 E ou nefanda traição tornou-lhe o mundo
 Em baratro fatal, ou crime horrendo
 Envolto em feio crepe aos olhos todos
 Elle, algoz de si mesmo, occulta n'alma,
 Qu'a um tempo asyla o crime e os seus remorsos.
 Não quer consolações, que as não procura,
 E os olhos desvairados espalhando
 Pelo mar, sobre a rocha, ou fundo valle,
 Como que buscam só n'um breve espaço
 Quieto jazigo de eternal descanso.

XII.

A que fim buscou elle as brancas orlas
 Destas aguas?... ninguem o soube ainda:
 Chegou ao pôr do sol, o quando as trevas
 E o silencio reinaram na enseiada

Lá foi velar na rocha de má sina,
 Desde então sempre as noites lhe são gratas
 Na lagea solitaria repassadas ;
 Ou branda viração co'as mansas ondas
 Murmure hymnos de amor, que ambas entendem,
 Ou ribombe o trovão, lampeje o raio,
 E com linguas de espuma o pégo em furia
 Açoute as praias e impassiveis rochas,
 Immovel, como a pedra, onde campea,
 O vulto mysterioso lá se ostenta.
 Se um remeiro novel vem na barquinha,
 Que ao longe pelas aguas se deslisa,
 « Quem é?.. pergunta olhando o vulto immovel,
 E o pescador antigo impelle a barca,
 E diz tremendo « o Trovador : » e fogem.

XIII.

Quem pudera arrazar vedado arcano,
 Que se occulta por entre as rudes fibras
 D'aquelle coração fechado aos homens?..
 Talvez memoria atroz de horrído feito
 Jaz encerrada ali, como a caveira
 De um malfeitor em campa não bensida ;
 Talvez mal pago amor (traição d'ingrata)
 Em fundo seio concentrado arqueja,
 Qual passaro ferido em ninho agreste
 Occulto no rochedo das devezas.
 Seja a causa qual for, certo é que véla
 Na rocha o Trovador acerbos noites ;
 As vezes, poucas, qual fluente arroyo
 Deixa correr su'alma em mar sereno
 De tristezas tamanhas, que nem pôdem
 Coar-se em pranto, desposando as magoas ;
 As vezes, muitas, qual possesso freme,
 Vocifera, maldiz, argue, pragurja...
 Contra quem?.. não revela : quando falla
 Sempre está só ; mas teme-se dos échos,
 E um nome nunca lhe aúelgaça o arcano.

XIV.

Meia noite!.. — eil-o está : — talvez dissereis
 N'um throno de granito o desespero ;
 Pelo vento estendida a rubra capa
 Sobre o negro penhasco lembra a idéa

De sangue e morte em alma de assassino :
 Soltos a briza voam-lhe os cabellos,
 Com o braço esquerdo cinge harpa querida,
 Afaga-lhe com a dextra as cordas mudas,
 E medita com os olhos no oceano.

XV.

Tranquillo estava o mar, formosa a noite ;
 Do salso lago na cerulea face
 Encantos move d'auras ao bafejo
 De dormido oceano arfar pausado ;
 Aqui concavos sulcos se afundavam,
 Onde a bem pouco erguiam-se collinas
 Cingidas dos jasmims de nivea espuma,
 Qu'em fitas s'estendiam ; sobre as ondas
 Brilhantes, puros tremolavam raios
 De namorada lua ; fresca briza
 Pelas aguas, e praia, espaço e nuvens
 Aromas recendendo se espargia ;
 Mansamente n'arêa a debruçar-se
 Incessante beijava o mar os labios
 Da terra ; qu'elle abraça em toda esphera ;
 Silencio emfim dormia a natureza.

XVI.

E o Trovador velava : aos meigos sonhos,
 Que se desfiam sem dormir de uma alma
 Barquinha solta em mar de fantasia,
 O mancebo infeliz se abandonava.
 Menos triste quiçá e alheio ao mundo
 Banhando em risos no futuro a vida,
 Ou do passado a ruminar saudades,
 Ao menos de um presente, magoas todo,
 S'esquecia uma vez.

XVII.

Longas passaram
 Horas de um meditar não tormentoso ;
 De subito porém, qual se acordara
 Na mente deleixada um pensamento
 D'infernal poderio, estremecendo
 Arranca o Trovador do mar os olhos,

Onde fuzilam vingativos raios ;
 Toldam-lhe o rosto contracções violentas,
 Despreza sobre a rocha harpa innocente,
 Com as vistas mede a terra, o céu invade,
 Profunda o mar, e enfurecido brada.

XVIII.

« Oh natureza ! minha dôr insultas !
 « Na tua placidez leio um sarcasmo ;
 « Abomino-te assim, amo-te horrivel.
 « Que quer dizer um mar, que não rebrame,
 « Uma terra, que nada em luz d'encantos,
 « Um céu, que tormentoso não ribomba,
 « Quando no coração temos o inferno ? . .
 « Oh ! . . mil vezes o horror, e a tempestade !
 « Apraz-me em guerra vér a natureza
 « Concussada em seus élos mais profundos,
 « A terra, o céu, o mar rugindo a um tempo.
 « Do mundo escarneo, preso aos pés do mundo
 « Eu sou como esta rocha esteril, negra,
 « Zombaria do mar, e exposta as vagas :
 « Desgraçado aborreço a dita alheia,
 « E ouço meus hymnos no chorar dos homens !
 « Sim ! o raio ! a serpente do horisonte
 « Que em colleadas cahe mordendo as nuvens ;
 « Os trovões a bramir, tigres do espaço ;
 « As montanhas do pégo embravecido
 « Quebrando as praias, o a cuspir espuma
 « Na cára fusca do rochedo infame ;
 « O vento impetuoso em mil refregas
 « Gigantes da floresta arrebatando
 « Pelos ares, que raios incendeiam,
 « Para açoutar as nuvens com seus ramos,
 « Que orgulho foram da vetusta selva ;
 « Sim ! o raio . . os trovões . . o pégo . . os ventos
 « Ao som da tempestade alçam meus hymnos.

XIX.

Parou, cedendo da fadiga ao peso ;
 Anciado resfolega: ao furor segue
 Silencio longo; no sombrio rosto,
 Como que vem as mogoas enrugar-se
 Do coração vasadas; pouco a pouco

Em ondas a tristeza a face invade,
E com mais calma, e commovido accento
Repellido de dôr outra vez falla.

XX.

« O riso alheio amarga aos desgraçados:
« Minh'alma, envolta em crepe, escarnecida
« Se viu nas gallas, que trajava o mundo:
« Cegou-me a dôr; maldice a natureza.
« Fui injusto, e é injusta a humanidade:
« Grande menino, o homem de erro em erro
« Passea a terra, mãos caminhos segue,
« Tropeça, e cabe, o mundo amaldiçoa,
« O fado culpa, e a si nunca se accusa.
« O que é o fado?... um sonho; vã quiméra.
« Deos em noss'alma a liberdade acende;
« O resto a nós compete: a intelligencia
« Do falso discrimine o verdadeiro;
« Prudente estude o bem, e livre o siga
« O homem na vida; tropeçar na estrada,
« Tombar no abysmo prova só fraqueza;
« Demonstra um erro, imprevidencia, ou crime.
« Feitura nossa, e não filha do acaso
« É a desgraça; nossos pés a buscam,
« Nossas mãos a affagam, nosso seio a aquece,
« E quando a vibora morde, praguejamos
« Com vãos arrancos de vaidade estulta:
« Oh não!... antes chorar!... lagrimas corram;
« Tributo é esse, que se deve á terra;
« Do homem a face lagrimas não mancham,
« Mil vezes antes se afogando em pranto
« Da dôr o coração acalma o fogo.
« Como é doce chorar!... sinto que é doce!
« Oh longo as maldições! e tu formosa
« Placida lua, que no céu resvalas
« Teus raios melancolicos derrama
« Em minha fronte, inspira-me harmonias;
« Ondas serenas, compassai meus cantos;
« Propicia noite, com teu véo m'esconde,
« E acolhe a minha dôr, que foge ao mundo.
« Oh que é doce chorar!...—Que é da minh'harpa?..
« Vem, oh vem, minha eterna companheira!
« Vem amiga fiel, que me traduzes
« Em accordes as magoas.

XXI.

Contra o seio

O Trovador, qual pai á filh'amada,
 Harpa, que sobre a rocha assás dormira,
 Amante aperta e lhe vibrando as cordas
 Desfia em voz sonora um terno canto,
 Que levado nas azas dos favonios
 Desdobrou-se por sobre as quietas ondas.

I.

« *Eu vi-o dos annos no viço brilhante*
 « *Passar qual guerreiro, que vai triumphante*
 « *Colher altos premios, que em justas ganhou;*
 « *Eu vi-o cercado de amor e delicias,*
 « *Gozando as maternas, infindas caricias*
 « *Na patria formosa, que louco deixou.*

II.

« *Eu vi-o imprudente p'ra o mundo a sorrir*
 « *Seguro prevendo risonho porvir,*
 « *Que tristes acasos talvez lhe trará;*
 « *E as damas qu'o viam galhardo passar,*
 « *Diziam curcando modestas o olhar*
 « *Mancebo mais nobre, mais bello não ha.*

III.

« *Mas qual genio tredo, qu'encanto, que fada*
 « *Da mãi caroavel, da patri'adorada*
 « *Arranca o mancebo donoso e feliz?...*
 « *Acaso extremar-se foi elle nas guerras?...*
 « *Faminto de gloria buscou longes terras?...*
 « *Se alguém delle o soube; de certo não diz.*

IV.

« *Eu vi-o;—já triste p'ra o mundo não ria*
 « *Em barca sinistra das praias fugia*
 « *As vagas dizendo conjuros fataes:*
 « *Após a borrasca tremenda bramio*
 « *Cerrada caligem a barca encobrio*
 « *E o fim que ella teve, ninguém soube mais.*

V.

« *E vós, pescadores, que as ondas sulcastes,*
 « *Dizei-me, nos mares jámais encontrastes*
 « *O louco mancebo, que nunca voltou? . . .*
 « *E um velho barqueiro, qu'a pouco chegara,*
 « *Erguendo a cabeça tristonho m'encara,*
 « *Se affasta dos outros e assim me fallou.—*

VI.

« *Eu vi um mancebo, qu'a dôr consumia*
 « *Lá longe vagando nas brenhas de dia,*
 « *E a noite velando na rocha ao luar ;*
 « *Seus males acerbos não conta a ninguém ;*
 « *Seus planos esconde ; mas sei muito bem,*
 « *Que a morte lh'espera no fundo do mar.*

XXII.

De cançado parou ; mas dedilhando
 Harpa sonora, com o quebrar das ondas,
 Com as doces auras, que sussurram brandas
 Accordes sons dormentes se harmonisam
 E aos poucos vão morrendo diluidos
 No espaço immenso da soidão calada.

XXIII.

A luz serena d'encantada lua,
 Máu grado o véo da noite, fulge a terra
 Com pallidos encantos graciosa,
 Como um rir melancolico de virgem.
 Amor da solidão reina o silencio.
 Dos pescadores fôra-se a canôa;
 Sómente como a rocha encadeado,
 Moderno Prometheo, firme persiste
 Misero Trovador: em si só vive,
 Exclusivo o absorve um pensamento,
 E em tão profunda introversão se abysma,
 Que nos tormentos d'alma concentrado
 P'ra o mundo exterior é corpo inerte.

XXIV.

E então da longe duvidosa sombra,

Qual magico batel, ficção de um sonho,
 Cisne, que nada em mar de fantasia,
 Rompendo as nevoas da orvalhosa noite
 Vem surgindo imprevista, inopinada
 Leve barquinha: de coberta é livre;
 Garça que a tona d'agua o vôo estende,
 Como um véo de odalisca, alveja á lua,
 Não traz remeiros, nem desfralda ao vento
 A véla, azas do nauta, amor das auras;
 Brando remo, qu'impelle e rege a um tempo
 O nocturno batel, maneja um vulto,
 Que a sós navega, qual sabida maga,
 Que o mar passeia em conch'alabastrina.

XXV.

Não é de pescador a ignota barca:
 Que quer ali tão tarde assim, tão branca?...
 Mysterio imprimem nella a côr e a hora,
 E esse quem quer que é, tão solitario,
 Que cauteloso e mudo a pilotea.
 Da longe sombra já desfeito o encanto
 Mais se distingue o vulto: brancas vestes
 Gracioso traja; longas, bellas vôam
 Negras madeixas do favonio ao sopro.

XXVI.

O nocturno batel segredo envolve:
 Inquieto vaga perturbando as ondas
 Sempre em torno da rocha, mas ao largo,
 Ora della se chega, ora lhe foge;
 Qual travessa menina vergonhosa
 Que correndo ante nós nos desafia
 A soguil-a e abraçal-a. Não se move
 O branco vulto que maneja o remo
 E no joven, que scisma de olhos fitos
 Rodêa a rocha recortando as aguas.

XXVII.

Do imo do peito doloroso arquejo
 Arranca o trovador. Silencio longo
 Como estatua o deixára, immovel, mudo
 Olhando as vagas, que a seus pés rugiam;

De novo assoma-lhe afflicção aos lábios,
 Donde se entorna em sonoro canto;
 E todo entregue a dôr nem vê tão perto
 O branco vulto, que o batel suspende.

I.

« *Pescador que me vês, no rochedo*
 « *Solitario de noite velar,*
 « *Que t'importa este pranto qu'eu verto,*
 « *Que t'importa meu negro pezar?*
 « *Minha dôr é segredo profundo,*
 « *Que ninguém saberá neste mundo.*

E como um echo, que repeto um canto
 O branco vulto ao Trovador responde :

« *Tua dôr é segredo profundo,*
 « *Que só eu saberei neste mundo.* »

XXVIII.

A voz estranha o Trovador suspende
 Arpejo e canto; inquire o mar com as vistas,
 Embebe os olhos na alvejante barca,
 Que pelas ondas outra vez doudeja,
 E com voz abafada remurmura.

XXIX.

« *Eil-o ainda ! o batel véla comigo !...*
 « *Como tres noites já vem perturbar-me*
 « *Hoje de novo : conceder não querem*
 « *Nem mesmo a solidão ao desgraçado !...*
 « *Vem rir-se aos olhos meus de meus martyrios,*
 « *As phrases repetir que a dôr inspira,*
 « *E n'um tom, qu'inda mais a dôr provoca.*
 « *De mim zombam mercê de mar e trevas :*
 « *A voz é de mulher ; — o instincto a guia*
 « *Para zombar do homem : não importa...*
 « *Sofframos tudo ; é soffrimento a vida.* »

XXX.

E em quanto a nivea barca sulca as ondas
 De longe em torno a rocha, que namora,
 Do Trovador o animo se acalma :

Outra vez dedilhando, harpa lhe falla,
 A voz lhe acode, o canto se desata,
 E a barquinha tambem outra vez pára.

II.

« Pescador, torna aos teus que deixaste,
 « Não me busques, incauto mortal;
 « Minha boca respira ar de morte,
 « Os meus olhos tem brilho fatal;
 « Sou maldito, que o céu reprovou,
 « Onde eu chego, desgraça chegou. »

E como um echo, que repeto um canto
 Logo e no mesmo tom a voz responde :

« E's maldito, que o céu reprovou;
 « Onde chegas, desgraça chegou.

III.

« Pescador, breve fujo a teus mares,
 « E de um mundo, que vil me desterra:
 « Fugir devo e nem mesmo aos abutres
 « Deixarei meu cadaver na terra.
 « Corpo, nome, e segredo guardar
 « Vou nos fundos abysmos do mar.

E como um écho que repete um canto
 De novo ao Trovador responde o vulto.

« Corpo, nome, e segredo guardar
 « Vai nos fundos abysmos do mar.

XXXI.

Subito pensamento invade a mente
 Do nocturno cantor; suspende aos hombros
 Harpa querida; deixa a negra rocha;
 Salta de pedra em pedra e des'pparece
 Qual se fugira ao bateleiro ousado.

XXXII.

Longa hora passou: a rocha nua,
 Silencio em toda parte; audaz barquinha
 Vagando louca; o vulto qu'a dirigo
 Misterioso a devassar com as vistas

A praia, o campo, as penhas, simulando
 A ligeira gasella o temerosa,
 Que astuto cassador de longe espreita:
 Por fim como ao temor cerrando o peito
 Abica a praia, prende a leve barca,
 E com segura marcha vai subindo
 A negra rocha.

XXXIII.

De repente surge.

O Trovador que inopinado avança;
 O passo toma ao vulto, que se arreda;
 Alonga os braços, quer prendel-o, e pára
 A voz potente, que lhe agita os nervos.

XXXIV.

O VULTO.

« Treme, se ao corpo meu tocas um dedo
 « A meu despeito!—encantos me defendem;
 « Menos sou deste mundo, do que cuidas,
 « Falla de longe, se fallar pretendes.

XXXV.

Tinha a bravura no semblante impressa
 O Trovador, mas sem querer vacila
 Ante o vulto, qu'impavido lhe falla;
 Um momento passou; presto serena
 E com seguro accento emfim pergunta
 « Quem és tu pois?...

XXXVI.

Um passo recuando,
 Estende um dedo de crystal mimoso
 O branco vulto: o fundo mar aponta,
 E com pausada voz, tremula, e baixa
 Responde assim:

« Pertença á *Nebulosa*:

FIM DO CANTO I.

NOVO SYSTEMA DE CALÇADAS.

Não nos limitamos sómente a censurar o actual systema de calçadas, empregado pelos engenheiros da Illustrissima Camara Municipal, porque dest'arte não passaríamos da qualidade de maldizentes, se não offerecermos entre os mil e um systemas diferentes algum que a tire dos terriveis embaraços em que está, e que supra o actual de uma maneira satisfactoria.

Pessoas ha, e tão felizes, que pensam que o nosso granito não presta para calçar, e que só se conseguiriam boas calçadas á custa de enorme dispendio, esquecendo-se de que nem todos os meios foram empregados, e que não ha um ensaio publico, para servir de guia experimental em uma materia de tanta monta, e de primeira necessidade.

Outras ha, que affirmam ser o rapido estrago de nossas calçadas devido á frequencia dos carros, e sobre tudo ás pipas d'agua, sem se lembrarem que as ruas da Europa são muito mais frequentadas que as nossas, e que sobre ellas carregam pesos extraordinarios: é do coração humano o buscar sempre a origem dos nossos males fóra da fonte donde emanam, e procurar por meio de algumas palavras encobrir uma chaga que goteja impuridades: as nossas calçadas, mesmo no systema actual, são muito mal feitas, e só servem para enganar a Illustrissima Camara, que as manda pagar, e ao publico por alguns dias: é um desperdicio, repetimos, tudo o que agora se faz: ha obra e obra.

Um ensaio improprio, feito em uma porção da rua do Ouvidor, fez-nos arripiar caminho, e convergimos para o centro do systema empregado na fundação da cidade, como se fóra destes dous methodos não houvessem outros, nem mesmo os empregados pelos Gregos e Romanos de que ha ainda tantos bocados no velho mundo.

O calceteiro que fez a obra da rua do Ouvidor não estudou a consistencia do nosso granito, nem a maneira porque devia collocal-o: em vez de dispor as fiadas das pedras regulares obliquamente, collocou-as parallelas ao eixo da rua, de modo que as arestas das pedras ficaram em toda a sua extensão expostas á acção destruidora das rodas dos carros. O mesmo mal acontecerá com o tal macadão que se está experimentando na estrada de S. Christovão, mas que nunca foi tal, mas sim um máu empedramento, feito muito á bruta, o qual dentro em pouco offerecerá novos lamieirões nos dias de chuva, e nos de sol uma poeira insupportavel. Aonde está o leito para o empedramento, aonde se deu o esgoto para as aguas?

Além disto, o methodo empregado difficulta a marcha dos animaes, offerece grande resistencia ás rodas dos carros, e só no fim de algum tempo, depois de pulverizada toda a camada superior de seixos, e de assim fixar a inferior é que se terá um caminho transitavel. E' necessario não ter os primeiros rudimentos do officio, e não haver quem fiscalise o dinheiro da Camara, para que isto aconteça.

Nós que gostamos tanto de imitar os Francezes no que toca as modas, pomadas, e outras futilidades, porque não os imitaremos tambem naquillo em que elles são grandes, e no que tanto os faz superiores a muitas nações civilisadas: porque os não imitaremos nas obras de utilidade publica, e no exemplo de novas e repetidas experiencias para se chegar ao conhecimento de um bom resultado?

Os arrabaldes de Paris são hoje calçados pelo systema de Schattenman, que consiste em uma camada de pedra miuda, misturada com areia e barro, e comprimida fortemente: este systema dá corpos tão resistentes, que hoje é empregado na Prussia, para sobre elle se assentarem os alicerces dos grandes edificios, que se edificam em terrenos arenosos, ou compressiveis, onde antigamente se usava estabelecer dispendiosas estacadas e engradamentos. Por este systema se obtem um corpo de calçada solido e elastico, muito igual, sem poças d'agoa, e que não estraga os animaes de transporte; tendo além disto a grande vantagem de ser economico e facillimo de construir.

Destruidas as biqueiras, e substituidas por canos, ou algoiroses, se pôde empregar este systema nas ruas da cidade; nós não calculamos ainda a perda enorme de tempo, de saude propria e cabedae que occasionam nossas calçadas e estradas, e o quanto se lucraria com a feitura de caminhos suaves, poupando horas, balanços incommodos, estrago dos carros e seges, e obrigando os animaes a empregar uma força dobrada para vencer tanta resistencia.

Mas onde vamos nós, se ainda falta o principal de tudo: onde está o nivelamento da cidade, em que época a Camara Municipal se occupou disto, para estarmos a fallar em calçadas, em systemas de Schattenman, em macadão, em calçadas antigas, em pedras obliquamente dispostas, o em tudo o que é posterior ao trabalho primordial, ao mais necessario, e sem o qual nada se pôde fazer de bello, systematico e perfeito?!

Sabemos que se está nivelando a cidade, e que este trabalho está muito adiantado, mas tambem sabemos que este nivelamento é encomendado pelo Snr. Irineo, que não é uma Camara, e que é um trabalho preparatorio para a illuminação de gaz.

Porque não aproveita a Camara Municipal este trabalho, e não encarrega ao engenheiro que o está fazendo de lho dar um plano de nivelamento para a cidade, afim de evitar os altos e baixos que se encontram a pouca distancia de ruas parallelas, e este horrivel prejuizo feito á propriedade particular, que nunca sabe o alinhamento em que hade collocar as soleiras das portas, e que vê de um dia para o outro a sua propriedade de saudavel que era passar a doentia, de alta que era converter-se em uma especie de cisterna, e os peitoris das janellas quasi nivelados com os passeios das ruas? Temos agoa optima, vamos a ter illuminação de gaz, e esperamos que a Illustrissima Camara nos dê ruas formosas, e esgoto ás agoas pluviaes.



A POETISA.

A' ILLM.^a SNR.^a D. BEATRIZ FRANCISCA DE ASSIS BRANDÃO.

Une femme au verbe divin!

DE LAMARTINE.

Porque a tua lyra
Sonora e maviosa,
Outr'ora tão formosa,
Agora se calou?
Illustre poetisa,
Foi p'ra ser escutado
Que o céu com dom sagrado
Benigno te prendou.

Que ha feito emudecer-te?
Acaso a desventura
Ferrenha, má, escura,
Que em sorte o genio tem?
Costa o martyrio a palma,
Um louro o sangue custa;
Té a corôa augusta
Espinhos mil contém.

Mas nunca, nunca a lyra
Fatal ao vate ha sido,
Que della enriquecido
De tudo a zombar vem.
Vença o guerreiro embora,
E ganhe o verde louro,
Ou mesmo um throno d'ouro,
Que inveja inda lhe tem.

O vate é sobre a terra
Raio de luz eterna,
Que brilha alma e superna
Na frente do Senhor:
Propheta—annunciou-o,
E nos cantos de gloria
Alçou sua victoria,
Chorou a sua dôr.

Si elle aos céos se eleva,
De luz lá se corôa,
E ao divo throno vda,
Que é sua emanação;
Sua patria e o infinito,
Sua vida a eternidade,
Amor, Deos, libercdade,
A sua inspiração.

Rei pelo pensamento,
Em inspirações immerso
Domina o universo,
Sua lyra é seu poder;
Porém si a gloria abate
Si infame vende o canto,
Então cheio de espanto
Seu estro vê morrer!

Assim a flor mimosal
Tão cheia de frescura,
Si ousada mão impura
Lhe as petalas tocou,
O vivo esmalte perde,
E perde o seu perfume,
E toda se resume
Na terra que a gerou!

Ah! quando a luz sublime,
Egria e refulgente
Borbulha resplendente
Na frente da mulher,
Então se curva o vate,
E a lyra não pulsada,
E a voz enclausurada,
Ouvir um anjo quer.

Assim Judith prostrada
Vê a seus pés a terra.
Quando depois da guerra
A voz ergue ao Senhor;
Celebra o heroico esforço,
Proclama a gran victoria,
E canta a propria gloria,
Seu hymno é seu louvor.

Ah que eu emudecesse
Sómente p'ra escutar-te,
E assás admirar-te
Sim... qu'era meu dever;
Mas tu!... Oh essa lyra
Tão bella quão sonora
Ah! pulsa-nos agora
Ah! faze-a reviver!

Feliz, por escutar-te,
O vate transportado
De gozo tão sagrado
Oh mais feliz será:
Que a pós o triste canto
De peito enrouquecido,
Não nobre, não erguido,
O teu canto ouvirá.

Na frente a luz brilhando...
De gloria o trilho aberto...
O teu triumpho certo...
A lyra é teu tropheo!
E então?... Em teus delirios
Ah vò a immensidade,
E canta a eternidade,
Que a terra escuta o céo!

Outubro, 11 de 1850.—*J. Norberto.*



AO ILLM. SNR. J. NORBERTO DE S. S.

O santo amor da patria e liberdade,
E outro amor infeliz, no lento e cégo
Foram da minha lyra unico emprego.
(Da autora).

Não se calou a lyra,
Antes com fiel memoria,
Cantou da patria a gloria,
Os males seus chorou:
No cimo da montania,
Na densa selva escura
Gemidos de amargura
Miserrima soltou.

Fraterno sangue esparso
Nos campos do terror,
Horrisono fragor
De trucolenta guerra;
Imagens furibundas
De estragos, sangue, morte,
Em rabido transporte
Estremecendo a terra...

Oh como ao som funeste
De tubas e canhões
Trinar doces canções
A lyra poderia?
As cordas estalaram;
No peito a voz morreu.
E pávida pendeu
A mão tremula e fria!

Meu coração ferido,
Convulso, soluçante,
Na dôr agonisante,
Gemeu, carpiu, tremeu!
Da patria desolada
Os males me aterram,
E as fibras estiraram
Do afflicto peito meu.

E apenas o sulphurio
 Vapôr dissipa o vento,
 E o campo inda sangrento
 Se esmalta de verdura,
 Surge fatal contagio
 E hufos pestilentes
 Milhares de viventes
 Arroja á sepultura!

Em meio de gemidos,
 De preces, de clamores,
 Redobram-se os horrores,
 Perece a humanidade!
 Esposas desoladas,
 Parentes consternados,
 Orphãos desamparados...
 Deos! que fatalidade!

E tu, Pai sempiterno,
 As tuas creaturas
 Verias em torturas
 Co'a morte em vão lutar
 Sem que piedade summa
 Teu attributo immenso...
 Meu Deos!.. como é propenso
 O astulto á blasfemar!

Quem póde comprehender
 Altos mysterios teus?
 São só claro aos céos
 Os juizes do Senhor.
 Ousei interrogar-te,
 O' erro! O' illusão!
 Não póde a creação
 Julgar o creador!

Contempla, ó vate exímio,
 O quadro aterrador,
 Que em meio a tanto horror
 Minha alma contristou;
 Á tão funesta imagem
 Inda suspiro e gemo;
 Inda convulsa tremo,
 Inda ferida estou.

Mas tous accentos meigos
 Meu coração tocaram,
 E a lyra despertaram
 Do somno em que jazia:
 Um astro novo doura
 Minha existencia escura;
 Já penso na ventura
 E em sonhos de alegria.

Já nova inspiração
 Na mente me accendeste:
 De anjos visão celeste
 Ao empireo me arrebatá:
 Por ti subo vaidosa
 Ao templo da memoria,
 E em gosos de alta gloria
 Minh'alma so dilata,

Acceita, pois, ó vate,
 Fiel dedicação
 De um puro coração,
 De um coração sem véo:
 E, si da lyra os échos
 Protegem céos ben'inos,
 Nas azas de meus hymnos
 Heide levar-te ao céo!

Outubro, 13 de 1850.—*Beatriz Francisca de Assis Brandão.*



Rio, 15 de setembro de 1851.

MEUS AMIGOS E SENHORES.

Assim o querem assim o tenham. Restituo os dous opusculos com os retoques que me propuz fazer-lhes, uma vez que, por sua vontade, devem elles ser reproduzidos no *Guanabára*, a cuja typographia acudi, como sabem, logo que me constou que ahi se achavam para serem de novo publicados, e com o meu nome, circumstancia esta que não se deu na edição de 1849 (a 1.^a parte) e 1850 (a 2.^a), pela simples razão de julgar eu mais conveniente apresentar-me em campo de viseira calada, para que as minhas idéas chegassem a ser ajuizadas segundo sua valia, sem a prevenção da nenhuma do autor.

Assentam os meus amigos que deve ir agora o meu nome: creio que fazem mal e que me buscam trabalhos, como lhes disse. Sei que, para levar a gente a sair do ramerrão necessita-se de alguém que se arroste, que seja victima de sacrificio na religião das novas idéas; por esse lado sentir-me-ia eu com abnegação bastante, e com energia para arrostar contra ballas de papel, e espero não me dar por morto moralmente, em quanto tiver alento de vida. Mas não terão as idéas e propostas menos valia quando um nome desconhecido na politica as apadrinhe? Creio que sim.

Tambem me impozeram a condição de, com os retoques, não alterar a forma desabridamente persuasiva, segundo me disseram, com que saíram os taes opusculos. Reparem nestas paginas e creio que não terão que dizer. As alterações não mudam a forma: apenas com ellas se aprimoram e arredondam phrases; o que fiz sim foram córtes sem piedade.

Não introduzi, talvez, uma só idéa nova, segundo se pódem desenganar pela confrontação.

Deixem pois correr essas idéas sem padrinho, nem protector. Algumas dellas, como a da mudança da capital, já vem de longe. Vai buscar sua origem em Hypólito José da Costa no *Correio Brasiliense*, e em José Bonifacio de Andrada nos conselhos do Senhor D. Pedro I. e na antiga constituinte.

De V. &c.

* * *

MEMORIAL ORGANICO

OFFERECIDO Á NAÇÃO.

PARTE PRIMEIRA.

• On ne guérit pas les maux
qu'on n'ose regarder en face. »
CUIZOT.

CAPITULO PRIMEIRO.

Alguns enunciados.

O Brasil é um estado cujas raías com os visinhos estão por assignar ; um imperio cujo centro governativo não é o mais conveniente, e cujo systema de communicações internas, se o ha, não é filho de um plano combinado ; um paiz enfim cuja subdivisão em provincias é desigual, monstruosa, não subordinada a miras algumas governativas, e procedente ainda no fundo (na beiramar ao menos) das primeiras doações arbitrarías feitas, ha mais de tres seculos, pelos reis portuguezes. Ainda mais : assim como não ha plano de communicações internas que fomentem o commercio e a agricultura, tambem não consta havel-o de defesa do territorio a fim de prevenir, pela simples occupação desde já de certos pontos decididamente estrategicos, qualquer futura tentativa inimiga.

E que é a nossa população ? Para tão vasto paiz como uma gota de agua no caudaloso Amazonas. Mas peor é sua heterogeneidade que o seu pequeno numero. Temos cidadãos brasileiros ; temos escravos africanos e ladinos, que produzem trabalho, temos indios bravos completamente inuteis ou antes prejudiciaes, e temos pouquissimos colonos europeus.

No capitulo immediato procuraremos justificar a verdade destas seis proposições tão duras de proferir. A procedermos por outra fôrma, contra as nossas profundas convicções, haveria nisso adulação ; e se esta para com os outros é baixeza, para com a patria é um crime.

Acabemos pois com as adulações, que ellas, longe de fomentar o patriotismo, occasionam a incuria e o deleixo. Se acaso censurais ou lamentais este ou aquelle vicio na administração, este ou aquelle cancro consumidor do paiz, nunca faltará uma voz que vos diga : « Ora ! o paiz é grande : temos muitos recursos : no futuro seremos e aconteceremos, &c. » — Desgraçados ! E que havemos de ser, se não pomos de nossa parte os meios ? — Quereis natureza tão fecunda como a nossa ? — Ahi tendes toda a Guiné, ahi tendes a maior parte da Asia . . . E que valem esses paizes ? Nada, quando seus habitantes nada para isso concorrem. Por ventura a natureza portentosa do Brasil já

não era a mesma na época do descobrimento?—E que era o Brasil com seus indigenas?—O mesmo que seria daqui a tres seculos se desde hoje nos votassemos todos ao abandono. . . Por tanto, actividade, ordem e governo, e nada de adulações que vexem a modesta patria! Pela nossa parte quando ouvimos proferir grandes elogios á prosperidade do Imperio, uma dôr profunda se apodera de nós, vendo o que elle é, e o que podia,—o que devia ser. Logo nos vem á idéa de que sendo o Brasil maior que 250 Belgicas juntas, produz uma receita menor do que o reino politicamente mais insignificante da Europa.

Em geral os nossos politicos demasiado embebidos no estado dos livros estrangeiros, e no habito de adoptar ás vezes com nimia promptidão os seus preceitos, distraem-se de estudar as necessidades do Brasil *pelo proprio Brasil*. D'aqui procedem tantas leis que temos, umas inuteis e sem applicação e outras em contradicção com o que necessitamos. Se de muitas dellas buscarmos o fundo, acharemos os originaes nos Estados-Unidos ou em França ou em algum livro;—*geradas* pela necessidade esta ou aquella.

O espirito de imitação e de rotina, ou a falta de coragem politica para levar avante medidas embora viciaes ao paiz, mas que pöderiam prejudicar as eleições da seguinte legislatura, ou um pouco de cada um destes motivos junto a outro pouco de inacção, tem feito que os ministerios e as legislaturas se succedam uns á outros, *mandando* mais ou menos todos, poucos *governando*.

Assim o Brasil declarou-se independente; proclamou o Imperio; e depois de um quarto de seculo acha-se quasi na mesma; e com mais ar de colonia, ou antes de muitas colonias juntas que de nação compacta. Como colonia vende seus productos á *porta de casa*; e como colonia se sustenta, e vive quasi exclusivamente do commercio exterior. Com tanto territorio fertilissimo de sertão continúa a descuidar esto, e a esquecer-se de que só d'ahi lhe pôdem vir solidos recursos, e legitima segurança e energia.

Convençamo-nos que é da maior urgencia proteger por todos os modos o commercio interno, e nivelal-o ao menos ao commercio marítimo, a fim de que a riqueza publica e o bem estar dos subditos brasileiros dependa o menos possivel do commercio externo, e possa o Brasil n'uma crise nutrir-se a si mesmo.

Só então o Imperio imporá ao estrangeiro como uma nação verdadeira mente independente.

Temos dito muito mal; mas temos dito muitas verdades; porque não nos propuzemos adular o que julgamos vicioso. Puzemos o dedo em varias chagas do paiz para accusar dellas a existencia, e algumas ainda no capitulo seguinte teremos que descobrir-as melhor. Mas entenda-se! Dizemos o mal para que elle se conheça e so trate de sua cura, sobretudo quando a temos por facil. Se julgassemos um só desses males incuravel, teriamos igualmente patriotismo bastante para occultal-o, e se vissemos que elle produziria a infallivel morte da patria, tambem a amamos bastante para que tiveramos a coragem de caladamente morrer com ella.

Cumpra porém acudir a tempo. Ou se adoptem os meios que propomos ou se adoptem outros, o essencial é tratarem-se radicalmente os males apontados. O descuido pôde ser mais fatal do que á Hannibal as delicias de Capua. Se chega hoje o momento

oportuno ha que aproveitál-o pois acaso não voltará amanhã. Haja convicções profundas, amor de patria, character firme e energico, coragem e dedicação, que o paiz será salvo. Retardar o remedio quando julgado mais util é oppor-se ao adiantamento, e é desprezar uma occasião de illustrar um reinado. O primeiro soberano que vio a America franqueou os portos do Brasil e elevou-o á cathegoria de reino. O segundo emancipou-o com uma corôa imperial. Qual deverá ser a missão do terceiro?... Do primeiro soberano nascido no novo mundo? Não será a de organizar fundamentalmente e assegurar para sempre o seu vasto Imperio?

Perseverança, valor politico, olhos no futuro—e adiante!

CAPITULO SEGUNDO.

Justificação do que fica dito.

§ I.—*Limites.*—É bem sabido no Brasil como em toda a extensissima fronteira do Imperio os nossos limites estão por assignar de um modo terminante.—Annullaram o sabio tratado de 1750, caducou o de 1777, e o Imperio só está devidamente limitado pelo oceano.

Adiante veremos se ha meio de sahir quanto antes deste estado, que para os visinhos deve ser tão desagradavel como para nós.

§ II.—*Situação da capital.*—Sabemos como a Bahia foi a primeira capital que teve o Brasil-colônia; isto quando no Rio de Janeiro ainda não havia uma casa, nem a houve até que em 1560 Mem de Sá para desavesar dahi os francezes que deitou fóra, propoz á côrte e conseguiu que se fizesse em tão bom porto uma povoação.

A Bahia continuou sendo a capital do Brasil colonizado, e assim era justo; pois como este se extendia pela costa, e succedia achar-se aquella proximamente a meia distancia do litoral desde o rio Amazonas ao Prata, dahi se podia acudir melhor a toda a parte.

Dividido o territorio todo do Brasil em dous estados, ficando ao do Grã-Pará a parte do norte, e ao do Brasil (propriamente dito) a costa oriental e capitánias do sul, tratou-se de escolher, no litoral desde o Cabo de S. Roque á Colonia do Sacramento, um ponto mais central que a Bahia. Eis a origem da transferencia da capital para o Rio, a qual teve lugar em 1763.

O Sr. D. João quando ainda príncipe regente, e seus ministros, ou por ignorarem estas circumstancias, ou para se verem mais longe dos francezes, de quem fugiam, não accederam aos votos dos Bahianos, (que tinham outra vez direitos de ser capital, uma vez que o Brasil volvia a ser um), e se estabeleceram no Rio,— quando sobre tudo depois para o reino-unido, a Bahia até ficava mais perto de Portugal e das ilhas de Cabo Verde e das dos Açores e Madeira.

Fez-se a independencia, e desde então não se tem quasi pensado nisto, dando por negocio decidido que a capital do Imperio tem de ser o Rio para sempre; e o que se lembra de tocar neste ponto é tido por utopista, ou visionario.

Conviria porém agora a transferencia da capital para a cidade da Bahia? De forma

alguma: hoje para as necessidades do Imperio essas capitaes da antiga colonia não pôdem bastar. São mui deslocadas cabeças para dirigir, como cumpre, tão grande corpo que necessita concentrar-se; e nem uma nem outra offerecem á nação, apesar de suas apparentes fortificações, as garantias de segurança e de inviolabilidade que ella exige tenha o tabernaculo que guarda em si o chefe do estado e seus primeiros delegados responsaveis, e o forum de seus representantes e legisladores. É esta fraqueza de uma e outra cidade procede justamente da prerogativa com que ambas tanto se recommendam ao commercio,— da bondade de seus portos, os dous melhores do Brasil, e talvez do mundo.

A nossa terminante affirmativa parecerá por certo ao leitor ainda mais fundamentada quando se dê ao trabalho de percorrer comosco o catalogo das nações da Europa e da America, e fizer o reparo de como as maiores dellas, e ainda as consideradas como primeiras potencias maritimas, não tem suas capitaes junto do mar, como se a politica ou instincto da propria defesa lhes dissesse que estavam, como estão, assim mais seguras. Haja vista primeiro Londres e Paris, Berlin e S. Petersburgo.

Estão sim estas quatro cidades á margem de rios; mas que esquadra se atreveria a percorrer o Tamisa, com todas as suas voltas, até chegar a Londres?— Que valem os barcos que pôdem subir o Sena até Paris, ou o Elba e a Sprée até Berlin?— Quantos obstaculos não offerece o Baltico e o golfo de Finlandia a uma nação poderosa como a Russia para defender S. Petersburgo?

Por ventura pensou jámais a Austria em tirar do seio do Danubio sua còrte afim de leval-a a Trieste ou a Veneza, embora isso a fizesse talvez senhora do Adriatico?— Ou occorreu alguma vez á Prussia levar á foz do Oder a capital do grande Frederico, afim de proteger a marinha do *Zoll-verein*, ou influir no Baltico?— Pergunte-se aos mesmos Russos se acaso ganharam em trocar a respeitavel Moscow, com seu Kremlin, pela afrancezada cidade do Neiva. Os Czares ganharam sim em tomar mais influencia nos destinos da Europa; mas a Russia no seu interior perdeu. Apesar de não ser capital, tal é a influencia de Moscow que Napoleão concebeu o plano de occupal-a, para que S. Petersburgo com isso se lhe entregasse, plano que chegaria talvez a realisar se Moscow não se achasse tão internada pelo sertão.

Ainda no seculo passado um dos principes mais esclarecidos da Italia, o fundador do actual reino de Napoles, ao depois Carlos III de Hespanha, conhecendo a fraqueza do seu reino quando em 1742 os inglezes ameaçaram de lhe bombardear a capital, concebeu logo o plano de levar esta para Caserta no interior, e na execução desse plano se achava, quando a sorte o chamou a maiores destinos.

E o grande politico, o senhor de quasi toda a terra, Filippe II, vemol-o seculo e meio antes fixando sua capital em Madrid, e, com tão formidavel marinha como a que tinha, desprezando o magnifico porto de Lisboa (de que estava senhor) e a foz do Tejo, para se estabelecer nas cabeceiras deste rio.

E aqui temos na America novos exemplos. Além das capitaes do Mexico, Nova Granada, Venezuela, Equador, &c. como teria a republica argentina resistido com tanta audacia á França, á Inglaterra e a mais alguém, se a sua capital estivesse situada como Montevidéo, e não á beira de um rio cujo pouco fundo, que permite rodarem nelle carros para fazerem o serviço, não consente que uma esquadra possa

estender-se em linha diante de Buenos-Ayres, abrir as portinholas e de morrões accesos impôr as condições, como se tem visto em outras partes. . . . Na Europa que digam Copenhagen, Lisboa, Napoles, e a mesma Constantinopla se é agradável se quer o simples cheiro dos morrões accesos, e se a vista de uma deliciosa bahia e dos navios que entram e saem, compensa ao homem politico essas crises, em que uma nação inteira soffre um vexame, que vai á historia, só porque a situação da capital e o respeito que esta teve ao imponente bombardêo, obrigaram o governo a capitular, como se hade obrigar sempre quando haja em contra uma esquadra superior; porquanto o remedio da retirada no momento de crise daria lugar ao desembarque, e se não ao saque, pelo menos a um forte tributo como impoz Duguay Trouin quando se assenhoreou do Rio de Janeiro. E nem se diga que este porto está hoje mais defendido que então: que qualquer official d'armada sabe que a marinha de guerra tem feito taes progressos em proporção da defesa das fortalezas, que hoje não ha porto do mundo que com bom vento não possa ser forçado por uma esquadra, que vá depois defronte da cidade indemnizar-se das despezas que fez com o bloqueio, mettendo em conta gastos de botica, segundo se diz que fez em Lisboa o almirante Roussin, sem haver tido ferido algum na sua esquadra vencedora da foz do Tejo. Quanto ao actual estado defensavel do Rio, e á possibilidade de resistencia mais haveria que dizer; mas poupemo-nos a mencionar exemplos de triste recordação para todo bom cidadão, embora podessem fazer argumento em nosso favor. Uma cidade a borda do mar é uma cidade na fronteira, e como tal mais exposta a ser insultada pelo estrangeiro.

Ora pois hoje que já não somos colonia; que não necessitamos de estar em dependencia de Lisboa, e que as vantagens de termos a capital sobre o mar não compensam a fraqueza e compromettimentos (1) que dahi podem resultar para a nação, e que outras muitas vantagens se colheriam de a transferir para o interior, segundo adiante mostraremos, assentamos por principio que a capital do Imperio (ainda quando fossemos primeira potencia maritima, eventualidade que podia destruir um simples temporal) não deve ser em um porto de mar, sobre tudo actualmente, em que, graças á invenção dos caminhos de ferro, podemos fazer em algumas horas communicar com a beiramar qualquer ponto do sertão.

Porém baste sobre este particular que ainda não é tempo de fazer a nossa proposta, nem de mostrar as suas grandes e decididas vantagens, e até o bem que dahi virá á provincia do Rio de Janeiro, e á cidade de igual nome, emporio maritimo de uma grande parte do interior, e que crescerá tanto mais quanto este melhor prospere.

§ III.—*Comunicações interiores.*—As provincias fazem alguns esforços, mas ellas nem tem recursos bastantes para um plano em grande, nem podem combinar este com os das mais provincias, de um modo que resulte o bem do Imperio todo. Não temos meios de communicar o norte com o sul do Brasil senão por agua; e se hoje soffressemos um bloqueio não chegariam ordens da capital a Pernambuco, ou ao Maranhão, senão no fim de muitos mezes.

(1) Ainda ultimamente as questões com o ministro dos Estados-Unidos, além de outras.

§ IV.—*Divisão actual em provincias.*—A proposição quasi não carecia de esclarecimento. Todos sabemos, mais ou menos, as origens das provincias, e todos temos olhos para ver em qualquer mappa as suas desigualdades; isto é, a monstruosidade de umas, e a quasi nullidade de outras. E isto quando as estrellas do Imperio para o seu uniforme regimen e movimento devem constituir uma constelação regular. E isto quando as diferentes peças da monarchia brasilica para que esta se mantenha em equilibrio devem ser, quanto possivel, de igual força e resistencia, á maneira das pedras de uma abobada de volta inteira, que sustendo-se e apoiando-se umas nas outras, conseguem sustentar o edificio todo. Muitas anomalias existem na actual divisão de territorio, e ninguem ignora que quasi todas as provincias tem por algum lado um tanto em duvida sua verdadeira raia, e todos conhecem o facto tão curioso como ridiculo da povoação *Pedras do fogo*, da qual da mesma rua pertencem a Pernambuco as casas de um lado e á Parahyba as de enfrente.

Quanto á origem dos limites: S. Paulo parte na costa, do lado do sul, onde ha tres seculos partia uma das porções do donatario, perfazendo proximamente o litoral do Rio de Janeiro a outra porção. O Espirito Santo é a mesma capitania do primeiro donatario, confinando ainda pelo norte exactamente como então, &c.—As provincias do sertão foram-se criando á medida que se iam descobrindo mais minas de ouro e era necessario pôr autoridades para a cobrança dos quintos ou para proteger uma nova casa de moeda, &c.

Os ministros do Sr. D. João algumas reformas fizeram no que havia deixado o seculo passado.—Mas esses ministros se bem que em geral honestos, não tinham a illustração politico-governativa accomodada á sua alta missão e á sua época. Sabemos que Thomaz Antonio ideou o systema de enriquecer e fortificar a beiramar, e de povoar bem as fronteiras terrestres, inclusivamente com tropas de Portugal; mas sem desenvolver ahi, nem nas provincias mais do interior, a possivel riqueza; para estarem ellas dependentes das do litoral que elle julgava poderia ter seguras com a marinha da metropole. O centro do Brasil abandonava elle, dizendo que lhe chegaria algum dia por um lado a riqueza e por outro a população. Ao menos tinha a vantagem de ser um systema seu, apesar de quanto nelle se nota de excentrico, e contrario aos principios economo-politicos já então conhecidos.

Em harmonia com a idéa de enriquecer o litoral ia a franquia dos portos, e varias outras providencias que se tomaram: e esse pensamento produziu a criação das alfandegas na villa da Victoria e na do Natal, e a desannexação completa em 1812 da capitania do Espirito Santo, apenas com 10,000 almas, da da Bahia; bem como a do Rio Grande, da capitania da Parahyba.

Pouco depois seguiu-se a revolução de Pernambuco em 1817; e com ella se intimidou tanto a côrte do Sr. D. João que desde logo foi projectado ir-se pouco a pouco retalhando o Brasil, pela mesma maxima machiavelica que antes fizera desenvolver, diz-se, entre as diferentes capitancias odios e rivalidades, de que ainda hoje é victima o povo rude, que desconhece a origem de seu rancor.

Dahi as criações das novas capitancias das Alagoas em 1818, de Sergipe quasi pelo mesmo tempo, e das duas Rio Grande do Sul e Santa Catharina em principios de 1821. Contava então esta ultima apenas 34,000 almas; numero que até hoje quando muito pôde haver duplicado, de modo que ainda é provincia bastante pequena; como

tambem o são as mencionadas do Espirito Santo, do Rio Grande do Norte, Parahyba, Alagôas, Sergype e Ceará. A maior parte destas só para serem provincias, por meio de leis provinciaes sobrecarregam-se de tributos, tomando ás vezes para isso mais liberdade do que a dos onze artigos de rendas que lhes são assignados. Ainda assim rara é a que não tem a seu cargo uma divida passiva além da activa, que por fim terá o governo central que tomar a seu cargo.—Provincia ha que por um lado está gastando para mandar vir colonos estrangeiros, e ao mesmo tempo está legislando impostos differenciaes sobre os que ahi se acham estabelecidos.—Outras percebem enormes direitos de barreiras aos pobres tropeiros, que vem trazer o seu algodão ou o seu assucar por picadas como as dos tapuias.

Depois da independencia, por vergonha nossa, é que nem se quer quasi se tem pensado a respeito da tão necessaria divisão do territorio. Nem por occasião do acto adicional houve quem pugnasse pela conveniencia de estabelecer certo equilibrio entre os novos *estados*, antes de assim os emancipar.

§ V.—*Defensa do paiz*.—Acerca do necessario plano de defensa do paiz, podemos objectar que não estamos nos segredos da competente repartição. Em todo caso se houver plano, o que muito estimariamos, será differente do que proporemos, pois não nos consta que medidas, que nos parecem vitaes, se estejam realisando.

Pela nossa parte não conhecemos outros trabalhos que se possam chamar estrategicos além dos do coronel Serra e major Arlincourt.

§ VI.—*População*.—Emquanto á nossa população será por ventura necessario justificar a verdade de quanto dissemos?

A escravatura dos africanos torna o paiz escravo de si proprio; pois como diz o M. de Maricá: o captivo apostema e tortura os escravos e seus senhores. É urgentissimo impedir-se que entrem mais; e antes pedirmos todos amanhã esmolos e andarmos descalços que ver o bello e risonho Brasil, a nossa patria convertida n'uma catinguenta Guiné.—A este respeito mais haveria que dizer se estivessemos em sessão secreta.

Para suprir seus braços cumpre que se tomem providencias ácerca dos indigenas, fazendo que se tire destes o possivel proveito. Diremos adiante o unico modo que vemos possivel de prompto para se utilizarem os mesmos, e acabarem-se as tendencias do trafico africano, sem que para isso dispenda o estado.

Para chamar colonos europeus adiante arriscaremos nossa humilde opinião a tal respeito, e exporemos alguns meios de estimular essa colonisação.

CAPITULO III.

Solução e remedios.

§ I.—*Limites*.—Á vista do enunciado que ao principio fizemos, o assumpto deste parrapho se apresentaria a muitos como o mais difficil a deslindar; e sem embargo para nós se offerece como o mais facil, por isso mesmo que neste ponto os partidos da nação irão concordes, e os interesses particulares não serão postos em jogo; e uma

nação por fraca que seja póde muito quando quer compacta, e quando sabe sacrificar no altar da patria, para o augmento desta e de sua gloria, pequenos interesses, e ás vezes apenas pequenas rivalidades e caprichos mesquinhos (1).

Como pois nos haveremos com as nações nossas limitrophes?

A isso vamos, cremos que as negociações serão faceis de concluir com as nações que entrem nellas com a mesma boa fé e a mesma vontade que o Brasil. E ainda que nos custe a crer que possa haver quem não tenha iguaes desejos, pois é certo que se trata de beneficiar melhor a propriedade que não está em demanda, com tudo á maneira como estão as cousas, só a falta delles poderá entorpecer ou retardar a conclusão de qualquer accordo.

Com a França não ha que estar em mais discussões sobre o papel a respeito dos Oyapoks ou não Oyapoks, e dos Pinzons ou não Pinzons. A convenção de Paris de 28 de agosto de 1817 adicional ao congresso de Vienna é clara e terminante ácerca da demarcação de seus limites comnosco. A' vista della, não ha mais que nomearem-se commissarios de parte a parte, e demarcar a fronteira sobre o terreno. Apenas se essa convenção foi mal feita porque adoptou linhas rectas, impossiveis de traçar sobre aquellas montanhas, o que se póde é sobre a mesma convenção, e sem dar nem ganhar terreno fazer outra com mais tento, e que talvez dispense por agora os commissarios.

Os inglezes levados pelas insinuações do seu pensionario Schomburg, que se queria fazer valer, apresentaram-se com exigencias inauditas do lado do Pirára, pretendendo até entranhar-se pelas vertentes do Rio Branco, etc. A separação nesta paragem deve fixar-se pela corrente das agoas, e se ha lugar onde estas não corram, dividir, v. g., pelo meio esse territorio neutro.—Não cremos que a Grã-Bretanha se abalance a abusar do direito da força para nos impor o que queira: em tal caso conviria manejar a negociação fazendo interessar por ella alguma outra potencia respeitavel, ainda que a esta se houvesse de retribuir o serviço, com algum tratado de commercio, etc. Mas passemos adiante, que em taes negocios se deve obrar e não fallar.

Com as republicas hispano-americanas ha que adoptar por base o direito de posse, e por auxiliares os tratados de 1750 e 1777, e os respectivos trabalhos dos commissarios demarcadores.

Parece á primeira vista que ao Brasil ficaria mais facil a decisão deste negocio, se conseguisse convocar um congresso. Não partilhamos tal opinião, mas não é este o lugar para nos explicarmos a tal respeito. O que é essencial é estarmos bem inteirados de nossos direitos, e da historia e segredos das negociações anteriores, para procedermos com a justiça que tivermos.

Com a Venezuela e o Equador a demarcação não offerece duvida á vista de taes fundamentos. A condição principal que temos a exigir é que nos fiquem, como sempre, pertencendo todas as vertentes do Rio Branco, e as do Rio Negro de que houvermos estado de posse desde S. José de Marabitanas para baixo.

Com o Perú e Bolivia convém tratar conjunctamente: talvez poderemos offerecer á

(1) Isto é tanto verdade que quem invadiu o Mexico, e chegou a entrar nesta bella capital não foi um punhado de voluntarios tabareos yankees. Foram as armas das desavenças e rivalidades intestinas dos mesmos mexicanos.

primeira republica algum territorio sobre o Amazonas, v. g., desde o Javary ao Jutay, para que cedendo essa republica um equivalente sobre o mar, sobre Cuzco ou sobre o lago de Titicaca á Bolivia, esta nos venha a indemnisar com : 1.º as vertentes todas da margem esquerda do Guaporé até este confluir com o Magdalena ou Chiquitos ; 2.º o terreno que se possa adquirir, sobre a margem direita do Jaurú : cumpre porém advertir que não se deve pensar em excluir a Bolivia de ter por sua fronteira um pedaço do Rio Paraguay. É mais um alliado que sempre teremos em qualquer questão dos Argentinos, sobre a navegação do Rio da Prata. Do mesmo Perú devemos talvez pretender que nos ceda todas as vertentes e cabeceiras do Purús.

Do Paraguay, Argentina e republica do Uruguay nada diremos. Convém esperar ver em que param os negocios de Montevidéo. Se a medianeira Inglaterra não garante a republica montevideana creada pelos preliminares de 27 de agosto de 1828, a provincia Cisplatina tem de voltar ao Brasil, ainda mediante uma nova guerra, e procurando pôr á frente de nosso exercito um general mais feliz, rogaremos a Deus abençoar nossas armas (1).

§ II.—*Situação de uma capital mais conveniente.*—Qual é o local mais conveniente para fixar a séde do governo imperial?

Creemos haver deixado demonstrada a conveniencia da exclusão de todos os portos do mar. E agora accrescentaremos a capital do Imperio deve estar n'alguma paragem bastante no interior que reuna mais circumstancias favoraveis, não só para satisfazer ao principio essencial do clima exigido por Montesquieu, e que adiante desenvolvemos, como pelas razões seguintes :

1.ª O commercio estrangeiro, e as náos estrangeiras, e a influencia até das noticias estrangeiras não terão tanta consequencia e influencia na politica e governo do paiz.

2.ª Convém para proteger as communicações, levar ás provincias do sertão, e ahi empregar a maior somma possivel de capitaes productivos, os quaes augmentando sua cultura e riqueza, e depois a população, reverterão em favor das cidades maritimas.

3.ª Como as cidades visinhas ao mar se civilisam e criam as necessidades dos commodos da vida e do luxo, estímulo da riqueza, pela simples frequencia dos navios e trato do commercio marítimo, aos longiquos sertões é necessario, para que elles se animem a sabir do estado quasi natural, levar como tonicos grandes focos de civilisação, e não o póde haver melhor do que da propria capital, que em todos os reinos é o centro do luxo.

Se Filippe II. não tivesse tido o pensamento, que muitos condemnam, de fixar a cõrte d'Hispanha na insignificante villa de Madrid, disse o esclarecido financeiro Barzanallana, as duas Castellas abundantissimas em cereaes estariam hoje tão atrazadas e despovoadas como parte da Siberia.

4.ª Os governos cuja séde está no interior do paiz tratam mais que os outros de facilitar as communicações, que são as veias e arterias do estado.

(1) A este respeito de limites temos modificado nossas opiniões por informações e estudos recentes ; mas não é aqui o lugar de tratar mais tal assumpto. Fique entendido que este § só expressa o modo como pensavamos em 1849.

5.^a Ao mesmo tempo uma capital central pôde distribuir com mais igualdade em diferentes raios sua sollicitude.

6.^a Quanto mais central esteja a capital, mais obstaculos se poderiam crear para não chegar a ella qualquer inimigo invasor; e ainda sem imaginar esse caso extremo: qualquer exigente negociador não se julgar ahí tão forte para dictar condições, como tendo á vista suas esquadras.

7.^a Sendo certo que as capitaes, quando crescidas, são o centro do luxo, ou dos artigos que não são de primeira necessidade, e por tanto as maiores consumidoras dos productos do commercio maritimo, esses chegarão ao interior já meio convertidos em trafico interno pelos preços dos transportes, do que resultam valores *criados* em beneficio do paiz.

8.^a Um centro de civilização nos elevadissimos chapadões do interior, e em clima já não tropical, faria que promptamente ahí se cultivassem artigos de commercio que não cultiva a beiramar, e o paiz ficaria mais rico de meios proprios: e n'esses chapadões a população que hoje é quasi apenas pastoril passaria a ser agricultora e a ensaiar-se em outros ramos d'industria.

9.^a Sendo nesses chapadões elevados os ares mais finos e correspondentes aos da Europa, e legislando-se desde já que na capital e seus arredores não haveria escravidão, estas verdades constariam logo, e afluiria ali expontaneamente muita colonização estrangeira, que hoje não vai, ou por desconhecerem taes circumstancias de clima, ou por não se atreverem a internar pelo *far west*, onde não tem consules nem representantes, n'uma terra cuja lingua desconhecem, ou por preferirem, pelos motivos que adiante diremos, paizes onde não ha escravos.

10. Augmentando em todo o caso, ainda sem esta colonização, a população no interior com a formação da capital, e começando nos arredores desta a desenvolver-se certa industria fabril e manufactureira, se colhe a vantagem de poupar mais os mattos cujas madeiras se poderão para o futuro utilizar para a construcção naval ou para exportar, em vez de serem queimadas nas fabricas, e nas roças e no uso domestico.

11. Em uma posição adequada do interior estará o governo mais em circumstancias de attender aos ricos districtos de Goyazes e Cuiabá, onde ha tanto por criar, e dar providencias ácerca dos Indios, a respeito dos quaes muito pouco, ainda mal, se tem fallado no Rio de Janeiro.

12. Os pretendentes a negocios de todas as provincias longe de passar o mar (como se habitassem n'uma ilha) terão que percorrer o Imperio para chegarem á capital, o que os fará conhecer melhor o paiz e suas necessidades; e o que gastem na jornada ou na residencia da capital, será mais em favor do paiz do que se o gastassem nos vapores, ou n'uma cidade maritima.

Mas qual cidade ou villa do sertão nos deve merecer a preferencia? —

Em nossa opinião nenhuma. Para nós todas tem o vicio da origem, proveniente de uma riqueza que já não possuem. A sua situação, assento e criação procederam de uma mina em que se trabalhou mais tempo a tirar ouro, e junto á qual os Mineiros irregularmente edificaram suas primeiras barracas, perto dos escombros de cascalho e desmorte da cata que abriam. —

Mas se abandonando a idéa de achar já feita e acabada a cidade que tanto nos convém, nos resolvermos a fundar uma, segundo as condições que se requerem a toda a capital de paiz civilizado hoje em dia, a verdadeira paragem para ella é a mesma natureza quem a aponta, e de modo mui terminante. E como não temos de cór toda a configuração e estrutura do Brasil, olhemos para o mappa, que elle mesmo indica uma situação como não temos segunda, nem a terá nenhum outro paiz. É a em que se encontram ás cabeceiras dos alluentes Tocantins e Paraná, — dos dous grandes rios que abraçam o Imperio; isto é, o Amazonas e o Prata, com as dos do S. Francisco, que depois de o atravessar pelo meio desemboca á meia distancia de toda a extensão do nosso litoral, e de mais a mais á meia distancia da cidade da Bahia á Pernambuco. É nessa paragem bastante central e elevada, donde partem tantas veias e arterias que vão circular por todo o corpo do estado, que imaginamos estar e seu verdadeiro coração; é ali que julgamos deve fixar-se a séde do governo do Imperio.

Mas vamos restringir o territorio dentro do qual, nessa paragem, haveria que escolher a mais conveniente posição para o assento da cidade.

Os seus limites devem ser offerecidos pelos mesmos tres rios que fazem a posição tão vantajosa: deve ser a comprehendida no triangulo formado pelos tres portos de caudás de cada um delles que mais se approximem entre si; ou si se quizer pelo circulo que passar por esses tres pontos. A situação procurada terá sempre que ficar, proximamente, a distancia igual dos cinco pontos, Rio, Bahia, cidade de Oeiras, Cuiabá e Curitiba.

Mas achando-se o vertice oriental desse triangulo sobre as vertentes do rio de S. Francisco, já dentro de Minas, e sendo o ponto que melhor communica para toda a costa do Brasil, estando quasi á igual distancia do Rio e da Bahia, é esse lado, que nos deve merecer a preferencia, no caso de haver por ahi uma localidade que satisfaça ás condições:

1.^a Uma chapada pouco elevada e sem muitas irregularidades na extensão de mais de uma legua quadrada, sendo situada á borda de um rio, que embora já ahi não seja navegavel, tenha no tempo secco bastante agua para lavagens de roupas, banhos, bebidas dos gados, &c.

2.^a Deve ser lavada de bons ares, e ter escoante bastante para que seus canos possam salir no rio uma legua abaixo: não deve ter perto pantanos, nem aguas encharcadas.

3.^a Será a dita chapada naturalmente defensavel, e sem padraços a alcance da artilheria. Mas a duas ou tres leguas convirá que tenha montanhas com mananciaes que a todo o tempo se possam encanar.

4.^a Sendo possivel preferir-se-ha a localidade em que o rio, torcendo uma igual chapada, a deixe como em peninsula, ou se não onde o mesmo rio faça uma lagôa; com tanto que esta não dê origem a serem os ares menos saudaveis.

5.^a Deve haver a distancia razoavel, v. g., até 3 leguas, bastante matto, pedra de construcção, e sendo possivel tambem calcarea.

6.^a Como a localidade que se deverá preferir tem de estar em 15° a 16° de latitude, convém que fique elevada sobre o mar pelo menos 3000 pés, a fim de que sejam, como na cidade do Mexico, que se acha da banda do norte quasi na mesma latitude (19° 1/2), puros e saudaveis os ares.

Esta condição é essencial e ahi mui facil de desempenhar. Basta ir-se elevando ás

cabeceiras dos rios preferidos com o barometro e thermometro na mão, até elles a apontarem com auxilio da competente formula (1) ou pelo mais facil emprego das conhecidas taboas de Oltmans. A cidade de Marianna deve em parte o seu bom clima ao achar-se elevada mais de 2800 pés sobre o mar, e no Ouro Preto os ares são mais finos porque a elevação desta cidade anda por 3700 pés.

A mencionada recommendação funda-se na theoria de que na mesma latitude a temperatura é mais fria a medida que nos elevamos. A lei do arrefecimento está sujeita a muitas condições desenvolvidas pelo grande Humboldt no artigo de climatologia do seu *Cosmos*, livro que conviria ter á vista quem procedesse á escolha do local. Mas suppondo que esse arrefecimento é na razão de 1000 pés de altura por 10 grãos de longitude, na latitude de 15°, uma paragem elevada sobre o mar 3000 pés terá a mesma temperatura que á borda deste em 45°, o que equivale ao clima dos melhores paizes do sul da França, e do norte de Italia, v. g., Bordeus, Veneza, Modena, Genova, Nisa, &c. — Porém as observações diriam melhor se tal altura seria sufficiente. A phisionomia da vegetação é, á falta de outro, um bom thermometro para se avaliar a temperatura, que procuramos, isto é, a que mais convém á nossa raça. É necessario escolher uma altura onde já não cresçam embaubas, nem palmeiras, nem deem já as bananeiras; porém para que não seja o local demasiado frio, convém que ahi produza a vinha, e ainda nos valles abrigados a lorangeira.

Mas póde acontecer que tantas condições acima exigidas se não encontrem sobre as vertentes do rio de S. Francisco, ou se encontrem muito melhor desempenhadas, n'uma do Paraná ou do Tocantins, situada dentro do nosso triangulo. Em tal caso haverá que sacrificar a vantagem de estar-se antes sobre as aguas daquelle rio (que como dissemos vai desaguar n'um ponto centrico do litoral do Brasil), com tanto que o transito para chegar aquellas aguas não tenha serras altas que não podessem atravessar-se por meio de uma estrada de ferro. É o que receiamos aconteceria do lado do norte com a serra das Araras que ahi se estende. Do contrario seria facil achar posição favoravel talvez junto ás lagoas de Felix da Costa, Formosa, &c., o que si se realisasse, a posição da nossa capital teria em tudo analogia com a do Mexico situada como poucas sobre a terra; e satisfaria completamente ao grande principio da escolha de um local de clima mais frio, para situar a capital de um grande estado intertropical; principio que Montesquieu prova ser verdadeiro pela historia da humanidade na Asia, e se induz de raciocinios physiologicos; visto que um tal clima permite ao governo e aos habitantes desenvolver mais energia (2), como já vemos succede aos

(1) Feitas as observações nas duas estações é a diff. de nivel.

$$x = \alpha (\text{Lg } A - \text{Lg } A' + 0,0008 \delta) [1 + 0,002 (T + T')] (1 + \beta \cos. 2L)$$

A, A' = All. barom. inf. e sup.

T, T' = Grãos corresp. no therm. cent.

L = Lat. aprox. das duas estações.

δ = Diff. da temp. bar. idem.

Lg α = 4.2646526

Lg β = 3.45287

(2) Já Vegécio dizia o clima não só contribue ao vigor do corpo como ao do espirito:

Et plaga coeli non solum ad robur corporum; sed etiam animorum facit.—VEGECIO Liv. 1.º cap. 2.º

Mineiros, que crescendo em numero e população, se tornarão mais fortes do que os Fluminenses, e se o politico não sabe ver no futuro e prevenir os males, poderão elles algum dia chamar a si a capital por conquista.

É certo que Montesquieu desconhecendo as leis da climatologia e das linhas isothermes, cujo systema só começou a ser bem desenvolvido modernamente, por Humboldt, não attendeu senão á temperatura em razão das alturas do polo (1) ou das latitudes geographicas; e dahi proveio o enganar-se querendo applicar o seu principio ao Mexico e ao Perú, cujos povos, embora sob o regimen absoluto, tinham sobre os outros da America a vantagem da civilisação, pela mesma razão talvez porque os nossos indios mais civilizados eram os das serras dos Parecís.

Ora sendo verdadeiro aquelle principio, como prova a historia e a razão confirma, que applicação não deve ter elle ás nossas cidades da beira do mar situadas quasi ao nivel deste, na zona torrida ou mui proximo della? Quem, apezar de todo o patriotismo, não ousa confessar que nesse clima humido e enervador a gente é toda descorada, e transpira no verão até não poder mais? Os descendentes do Cáucaso nunca terão a devida (2) actividade no clima cujos ares não rasguem em estilhas a folha da bananeira.

Não faltarão leitores que nos hajam talvez considerado mais theoreticos ou visionarios do que positivos (e mui positivos em materias de governo), que aqui tenham sorrido de desdem ao ver-nos tão confiadamente creando uma cidade sobre o papel, quando é maxima que para edificar uma cidade não basta traçal-a e dar-lhe nome! Tanto sabemos que é necessario muito mais que isto, que nos demos ao trabalho de combinar qual seria a sua melhor situação (3) a unica que satisfaz maior numero de condições; por quanto conhecemos que Washington pela sua má situação mui pouco prospera, e tanto attendemos á necessidade de empregar na nova cidade capitães pro-

(1) • Il est important à un très grand prince de bien choisir le siège de son empire. Celui que le placera au midi courra risque de perdre le nord, &c.—MONTESQUIEU, *Esp. des Loix*, Liv. 17, cap. 8. •

Este principio é igualmente verdadeiro em uma monarchia absoluta como em uma republica ou reino federativo. O centro director desta, para que se faça respeitar dos estranhos, deve estar no ponto mais forte.

(2) Quando isto escreviamos estavamos longe de contar com o flagello da febre amarella que nos visitou já dous annos, e quem sabe se tornará ou não.

(3) • Dans les pays plus neufs, où il y a beaucoup de terres qui se défrichent, beaucoup d'industrie et d'activité, et par conséquent où les produits se créent aisément, de même que la population, il s'y établit beaucoup de villes nouvelles et elles croissent avec rapidité; c'est surtout lorsque des avantages particuliers au local se joignent à l'avantage essentiel de communiquer facilement avec tous les environs, et de là ensuite avec les provinces éloignées du même pays et de l'étranger. •

• Des capitaux ne suffisent même pas pour établir une grande industrie et l'active production qui sont nécessaires pour former et agrandir une ville; il faut encore une localité et des institutions nationales qui favorisent cet accroissement. Les circonstances locales sont peut-être ce qui manque à la cité de Washington pour devenir une grande capitale, car ses progrès sont bien lents en comparaison de ceux que font les Etats-Unis en général; tandis que la seule situation de Palmyre, autrefois, l'avait rendue peuplée et riche, malgré les déserts de sable dont elle est entourée, &c.—J. B. SAY.

Ainda que haja americanos que sustentem como uma vantagem para os estados esse pouco bulício e nenhum commercio interno nem externo do Washington, devido não só á sua situação, mas ao terror que devia inspirar sua destruição (por ser maritima) pelos inglezes dous annos logo depois de passar ali a sede do governo; outros americanos ha que tem sustentado, e quanto a nós com razão, que a sua capital estaria methor no estado de Kentucky ou no de Tennessee.— Com effeito uma cidade sobre as vertentes do Ohio, como Francfort, seria mais segura, mais central, e dominaria todo o valle do Mississipi o qual constitue o principal dos estados.

ductivos, que levamos a ella os ordenados dos empregados, e já não é pouco com os recursos da terra, seus gados, &c., além de outros meios que proporemos como mais essenciaes para a sua prosperidade.

Por ventura não sabemos a historia de tantas grandes cidades que se formaram e progrediram porque os seus fundadores pensaram primeiro em escolher bem o local, e depois empregaram os convenientes meios para o seu desenvolvimento?—Para que a terra produza fructo é necessario semeiar; mas antes de semeiar deve o agricultor ver se a terra é boa, pois é claro que sobre pedra ou abrolhos nada nasceria.

E sem irmos á cidades da antiguidade, de cujas fundações temos as historias;—a Thebas, Palmira, Tyro, Alexandria, Carthago e tantas outras; nem ainda ás mais modernas da Europa, Berlin e S. Petersburgo, onde vemos que foi a força de vontade e o bom regimen que as fundou; nós, Brasileiros, basta que nos lembremos da fundação de todas as cidades do Brasil. A Bahia fundou-a Thomé de Sousa em 1550. Ella e o Rio de Janeiro ainda ha pouco nem tinham uma casa. Dizemos ha pouco porque a vida das cidades como a das nações se conta não por annos, mas por seculos, e ainda não ha tres destes que o Rio se começou a colonisar. O Brasil é tão feraz que qualquer local em que se julgue conveniente empregar alguns capitaes productivos tem por força que prosperar mais ou menos segundo se attenderem outras circumstancias, &c.

§ III.—*Comunicações internas.—Estradas de ferro-carriz.*— Não tratamos por ora de pensar em cruzar o Brasil de estradas de ferro. Desejamos vel-as aqui em tal profusão como nos Estados-Unidos e na Grã-Bretanha; mas conhecemos que pensar por em quanto em assim as ter fôra um bello sonho irrealisavel: e nós não queremos lembrar mais que o mui possível.

Uma só de taes estradas não podemos dispensar no nosso plano, e estamos certos que essa, custe o que custar, hade indemnisar os gastos no fim de alguns annos. O governo contrahindo um emprestimo poderia fazer-se empresario como faz a Belgica, mas o melhor meio de as levar avante é o das pequenas nações allemãs, que garantem aos empresarios a somma que falte no rendimento annual para completar o juro de tanto por cento do capital, reservando-se o direito de comprar. Por ora podiamos possuir só uma via para ida e volta, combinando as horas, como vemos que se faz, ás vezes, nos Estados-Unidos e na Allemanha. A outra depois se acabaria.

Essa estrada de ferro essencial é o que deve pôr em prompto e immediato contacto a nova capital com o porto do litoral onde haja mais facilidade de o encaminhar. Não tratemos de indagar qual será esse porto, pois para o nosso fim e para economia do estado preferimos o caminho que for mais barato e se fizer mais depressa. Não dizemos o mais curto, pois nos caminhos de ferro como o mais essencial a obter são os nivelamentos, convirá deixar aos engenheiros que procurem os mais facéis. Não faltariam rivalidades, empenhos, e até grandes promessas aos engenheiros para se preferir algum porto a outro. Ao governo e seus fiscaes cumpria zelar para que a tal respeito não se commettesse algum abuso ou escandalo.

(Continúa).

FRAGMENTO DE UM POEMA.

CANTO V.

Colombo já descobriu a America; a gente da sua esquadra derruba uma parte do matto virgem, e prepara o lugar para no dia seguinte celebrar-se a primeira missa. Jeovah manda o Cherubim tutelar da America proteger a nova igreja; appareição do Cruzeiro do Sul; desce Neogeo :

.
.
Eil-o que desce e no egregio transitio
Bolça-lhe o moto a luminosa tunica
Em amplas dobras, que no céo transluzem
Como os raios do sol nas lisas faces
Do lacteo seio de flammaute opalia:
Croceo topazio adorna-lhe a petrina,
Que ao peito estringe fluctuante estola
De rubins estridentes fimbriada:
Soa ao balanço das sonoras azas
A voz da natureza agradecida.

Como é bello o seu rosto, e quão serena
Pulchra innocencia lhe radia as faces!
Um viço sempiterno a fronte esplende,
Que diadema armillar fulgido cinge.
A flamma do equador arde em seus olhos,
Vertem seus labios divinaes carismas,
Que almas lascivas castificam, sagram:
Nunca o vira mais bello a Aguia de Patmos
No agnisterio do céo, nem junto ao Golgotha
O cantor do Messias; não, não vio
Mais formoso ao romper as bronzeas portas
Do tetro inferno o Guibelino Homero.

No sereno adejar, no almo vestigio,
Magestoso dilata os veos ethereos,
Brandindo a palma d'ouro que colhera

No celeste Thabor, entre as dulcias
 Que o moto do universo cadenceiam :
 Mais leve e mais suave não veleja
 A novos climas sobre as auras brandas
 Argentea paina simulando um astro.

Mas que é isto ? ! Pronostico horrendissimo
 Na esphera sublunar se conglomeram !
 Das profundas do globo, das arterias
 Onde o fogo palpita lava ardente,
 Ronca a tuba do inferno ! o mar se encrespa
 Em laminas concentricas, bolhando
 Qual fervente caldeira ; no horizonte
 Lacerada caligem se levanta,
 Vislumbrando phantasmas que funestam
 O mar inteiro com visões sinistras.

Do abyssmo crÿstallino á flor prorompe
 Abbadão furioso, entre os demonios
 Que da mente abortara, quando expulso
 Do celico recinto blasphemava,
 E as palavras em monstros se encarnaram.

Pelo mar retorcendo os torvos olhos,
 O tumido elemento espavorece,
 Retrahe os labios, e apitando iroso
 Estridente sibilo que esfusia
 De polo a polo, os emanados monstros
 No ar suspende, e segundando a senha,
 Rapidos ciam co'as velozes azas
 Á boca hianste do precito archanjo,
 Que no peito os aduna a roborarem
 O volcão de seus odios. Transcursando
 A vista infausta pela aerea abobada
 Mesto o senho contrahe, erriça a coma
 Em amplas massas, que serpeiam horridas
 Como a grenha fatal da saxea Gorgona.
 Arfando o collo turgido, offegando,
 Muge um suspiro, e pela face imberbe
 Fogo tressua em luminosas bagas !
 D'horrenda magestade revestido,
 Varre co'a vista o firmamento inteiro,
 Procura Neogeo, que inda no empyreo
 Qual dubia nebulosa transparece.

Como abutre feroz, debruça a fronte,
 Dá tres passos no mar, e restrugindo
 As bronzeas azas com fragor medonho,
 Investe ao Cherubim, espadanando
 Rajadas e tufões que o céu conturbam :
 Na abalada veloz planetas choca,
 Altera o giro dos fataes cometas:
 Turva co'as cinzas de estalados orbes,
 De conflagrados mundos todo o espaço :
 Não cabe em terra e céu ira tão grande,
 Tanto odeia os mortaes e a divindade !

Na orbita lucinia pára o monstro,
 E á terra lança co'a funesta mente
 Mundos de pragas, infernaes desejos.
 Pensativo, turbado os lumes rola
 Pela baixa extensão; no altar os fixa,
 Colleia a fronte ameaçante, e falla :

ABBADÃO.

« Terra que hei conculcado envolta em pranto,
 « Rachado a crosta, transtornado os polos,
 « E ao cimo do Himalaya erguido os mares,
 « Antes que a pomba do Ararat a oliva
 « Ao novo Adão trouxesse. Ah! n'esse dia,
 « Meu dia triumphal, onde era o braço
 « Dos Custodios do céu que hoje te amparam?!
 « De caligens, de raios coroadas,
 « C'um manto de tufões cobri teu vulto,
 « Abri do cataclisma os mortaes diques,
 « E os homens sepultei. O que eras, terra,
 « O que era o firmamento em tal ensejo?
 « Profugo o sol errante se escondia
 « Nos bulcões do infinito! um orbe, ao menos,
 « Não veio prantear-te as agonias.
 « E tu, astro soberbo, que volteias,
 « Sobre os eixos do amor, ó Sol ardente,
 « A quem milhões de tribus se prosternam,
 « E a quem se humilha a baixa natureza,
 « Escabello serás n'esta hora horrenda ;
 « Teu brilho offuscarei, no espaço a esmo
 « Como um frio pelouro rolarás.
 « Inerme ante o meu braço ha de curvar-se

« A cega eternidade. Trevas, trevas,
 « Josué infernal, trevas invoco :
 « Perpetua noite, emanação do chaos,
 « Sorva o lume dos astros : haja um dia
 « Sem nascente e occaso : o nauta o guarde
 « E a Iberia gente por um máu presagio.

Firma a planta no sol : co'a impervia tunica
 Em parte o cobre, e co'as funereas azas
 Eclypsa o limbo. — Desparece o dia !
 Suspendida nos céos a horrenda imagem
 Parecia do chaos o drago immenso
 Sorvendo o firmamento nas exequias
 Do pallido universo. — Além vedou-lhe
 A mão do Eterno devassar os fluidos
 Da urania raia.

Sobre a terra attento

Immovel fica : nos vorazes olhos,
 Que abraza um pensamento, os raios cruzam
 Do eterno rancor ; ferve-lhe a furia
 Na face decomposta ; os labios babam
 Accessa espuma, que desfia em flocos
 Qual fundido crystal ; muge, estrebucha :
 Não lhe chega no horror touro abatido
 Pela maça brutal do magarefe.

Mas inda em seu semblante bruxolea
 Da primeva belleza a graça extincta.
 Como o rosto de Adão, no berço edenico,
 Foi seu rosto gentil : perenne riso
 Dos labios venturosos dimanava,
 Antes que a mente de Adonai offesa
 O arrojasse no inferno: embalde as trevas
 Do abysmo nas faces lhe roçaram ;
 Inda é bello, e ressumbra a magestade
 Que outr'ora o céu no rosto lhe estampara.
 Tão duraveis de Deos são os favores !

Envolto em luz divina, em graça, desce
 O tranquillo Neogeo, rompendo as trevas
 Que o sanhudo Abbadão nos céos plantara.
 Bebem os astros no vestigio lucido,
 Que após seu vulto pelo céu se alarga,
 Prefulgido concontento, almo conforto.

Das brancas azas expandindo indultos
 Bemfazejo concede altas venturas:
 Secca diluvios, abonança os mares,
 De verdes selvas os volcões encopa,
 Ermos fecunda de vernal belleza,
 Protege os povos, santifica os homens,
 Altares multiplica, amor diffunde,
 De finados imperios cobre as ruínas
 Com floridos padrões, marmoreos templos:
 Rodeia os thronos de verdade, e esparge
 O meigo fluido da innocencia aos homens.

Vara as metas celestes, fende oyante
 A ardentia armillar, nevoas informes,
 Que mil astros incubam; cruza os ares
 Dos frigidios planetas, dos errantes
 Caudatos lumes, da saturnia prole,
 Que em festiva chorça o sol circunda.

Qual neroneo leão, ergue-se o reprobó
 Fronteiro ao Cherubim, e o sol radiando
 Mais terrivel lhe avulta a catadura.
 Orla o limbo da terra um lume esquivo ;
 Na face opposta gorgeando soltam
 As tanagras gentis a voz canora ;
 Fecha as conchas de esmalte o cacto odoro,
 E a nymphêa immergida á luz sorri-se :
 E' vida no universo, amor nos entes,
 Arrulham no Indostão ternas pombinhas,
 Colhe o favo o colibrio matulino;
 Brilha no valle o prateado roscio,
 E as negras tarjas da medonha noite
 Estreitando-se, ao lume abrem nas grotas
 Formoso campo, duplicado esmalte.

Pára Abbadão; a Neogeo fitando,
 Pelos olhos o inferno lhe fulmina:
 Sagitta co'as pupillas trucidantes
 Electrico veneno, qual a ethiope
 Serpente que dos olhos verte a morte
 No berço escuro do vetusto Nilo.
 Arma no gesto de sua alma a sanha ;
 Asperrimo crepita d'entre os dentes
 Satanico sorriso, que congela

Corações embotados: mais terrivel
 Nunca Siva mostrou-se ao Indio pallido
 Do seu throno de neve, nem nos Andes
 O faminto condor ante a serpente.

ABBADÃO.

« Antes que a terra um cemiterio fosse,
 « E as aguas do diluvio esboroassem
 « De Adão a sepultura; antes que o crime
 « Na infausta gleba se assentasse ovante
 « Como a estatua da morte sobre o tumulo
 « Do Abel insonte, da primeira victima,
 « Teu senhor não temia, ora o não temo.
 « Como elle immortal, meu throno assento
 « Na escura eternidade; em prelio eterno
 « Nossas mentes se cruzam no universo:
 « A delle é luz, é alma, é vida, é berço,
 « A minha trevas, ruinas, sepulturas;
 « Se elle cria, aviventa, eu aniquilo:
 « Rege as portas da luz, eu as do cháos.

« Não, não imperarás na terra nova
 « Que o tenaz Genovez perlustra agora.
 « No pé da cruz erguida, buido ferro
 « Hei de occulto encravar, baldar-te o escopo,
 « Convertel-a em punhal, ser da discordia
 « Instrumento, e do horrivel fanatismo.
 « Em sangrento holocausto hão de mil fronte
 « Troncadas fumegar; os epinicios
 « Da ephemera victoria, os ledos psalmos,
 « C'o pungente vagir de um povo d'orphãos
 « Abafados serão. Para vencer-te
 « Recursos me não faltam sobre a terra:
 « Nas entranhas dos montes hei plantado
 « Aureos veios, e basta: o crime avulta
 « Emquanto arder cubiça nos humanos.

« Arripia teu lance temerario,
 « Espirito insensato; deixa o indio
 « Feliz adormecer na patria virgem,
 « Virgem dos crimes da européa raça:
 « Mais brandos que o teu deus são seus zomeis.
 « Antes que a luz aclare a nova plaga,

« Immersas no oceano hão de estas naves
 « Sepultar-se no abysmo, sem memoria ;
 « E' o fero Genovez, e a sua gente,
 « Terão por lousa as ondas, e epitaphio
 « A voz do furacão, que irá bramando
 « Como um ebrio elephante, e sobre a terra
 « O tosco altar e a cruz em pó volvendo
 « Ha de eterno firmar meu poderio.

Rutilou Neogeo : flamma divina
 Brilha em seus labios immortal ventura ;
 Co'a voz celeste, que mil harpas vence,
 Ao reprobó fallou ; o inferno o escuta :

NEOGEO.

« Ouram-te os olhos criminaes intentos :
 « Com lagrimas de fogo não devoras
 « Remorso infindo que a esperança afasta :
 « Profuga sombra de um passado horrendo
 « Vai ser a nova terra em teus anhelos,
 « E a callinica flamma que te abrasa
 « Eterna queimarás : para extinguil-a
 « No oceano da dôr uma só lagrima
 « Em vão demandarás : findou teu reino.
 « Da tua decahida magestade
 « O sceptro caducou, já não lampeja
 « O raio do exterminio. O véo ethereo,
 « E a grinalda da esposa do Messias,
 « Tua mão não profana : estou presente.
 « No espaço do tempo suspendida
 « Impera a cruz e abraça o orbe inteiro :—
 « Polo divino, reflectindo o lume
 « Do verbo do calvario o homem rege.
 « O sol da redempção brilha no thalamo
 « Da esposa virgem que se eleva aos céos,
 « Como o cedro libanio, que as raizes
 « Garfa acima do raio, e nas vergontees
 « O celeste maná recce ovante.

« Cahiste, como a pedra luminosa
 « Nas entranhas do chaos. Abate, ó reprobó,
 « A cerviz entonada, ante os arestos
 « D'aquelle que entre os dedos refulgentes
 « Compassa a eternidade, e prende os mundos.

« A vontade superna escravizado,
 « De sua alta justiça has sido sempre
 « Um passivo flagello. Hoje em teu punho
 « O gladio fratricida se esmigalha,
 « E voa inerte em cinzas, em faúlas,
 « Nos abysmos do nada a sepultar-se.

« Não mais te assentarás na pedra bárbara,
 « Nesse throno da morte, onde o gentio
 « Corações palpitantes te offertava ;
 « Nem da face cruel has de no sangue
 « O arregoanho infernal ver reflectir-se.
 « Frouxo em teus labios o halito da morte
 « Não respira destroços, nem abala
 « A cruz do Salvador : —Estás vencido.

« Nas azas do aquilão ergue-te, manda,
 « Conturba o mar e céo, raspa da terra
 « Os ledos campos, millenarias selvas ;
 « Sorve rios e lagos, ergue os pampas
 « Ao cimo do Antisana, e, se inda podes,
 « Com teu braço rasoura os altos Andes.
 « Converge o teu poder, na mão aduna
 « As furias infernaes, ou sopra, afunda
 « Essas naves que odeias, que trouxeram
 « O arauto do Evangelho.

« Como o dardo
 « Em polido broquel, ou duro porphido,
 « O teu braço resvala : estás vencido.
 « Em vão, gemea do inferno, a tua lingua,
 « Placenta da impiedade e sacrilegio,
 « Mundos de crimes sobre a terra aborte ;
 « Em teu peito, voragem da virtude,
 « O mal não tem principio, encontra o fim ;
 « Qual o fructo de entranhas estaladas,
 « Feto infirme que morre sem ter vida.

« O Deos que é puro amor, e amor infunde
 « Pelos raios da luz, pela verdade,
 « Que d'ora avante reinará p'ra sempre
 « Na nova terra que o meu braço ampara,
 « O teu mando cassou : és um escravo.
 « E o crime que em teu seio secundava
 « A peçonha da morte, jaz esteril,

« Como a lava do fogo, ou como o craneo
 « Ressequido no chão, e ao sol exposto.
 « Gigantesco delirio te allucina ;
 « O brado agonizante da soberba
 « Entre as vascas da morte em vão soltaste.
 « Póde mais que o inferno a mão de Deos.

« Quando os raios do sol a cruz beijarem
 « Da nova igreja ao som das caixas bellicas,
 « E o astro do calvario for subindo
 « Do altar ao céo nas mãos mysteriosas
 « Do antiste ; quando o nauta genuflexo
 « E a iberia gente despedir sua alma
 « Nas azas da oração, entre perfumes,
 « Ver-te-hei no proprio throno encadeado
 « Qual escravo feroz, e n'essa fronte
 « A serpente do Éden, convertida
 « Em diadema, pungir-te mil remorsos,
 « E em novo inferno abrahear tua alma.

ABBADÃO.

« Cherubim orgulhoso, estou vencido,
 « Sou passivo instrumento, eu que na historia
 « Desde a infancia do orbe hei triumphado ? !
 « Que hei talado mil lucos, e aluido
 « Porphidos templos, derrocado altares,
 « E o culto de Bubastis profanado
 « Na memoria descrida dos vindouros !
 « Escravo ! que ha varrido mil nações
 « Sepultadas no olvido ? ! Ainda ha pouco,
 « Ao leve respirar da minha boca,
 « Fundiu-se Arsinoé, como o artefacto
 « De lodo, que creara infantil dextra.
 « Escravo, que ha bebido o sangue hellenio
 « Em myrrhinas crateras, quando Mummio
 « Lá no isthmo de bronze, sobre o tumulo
 « Do arguto Sisypho a mão alçava
 « Á soberba Corintho ! O que é de Memphis
 « Que plantara nas nuvens mausoleos ?
 « Nas azas do armatão turbilhonando
 « As pesadas esphinges se esbroaram,
 « E o Nilo seus pronaos cobriu de lodo.

« Escravo, que assentado sobre a fronte

« Da estatua de Momnón, bradei a Osiris
 « Quando o sol o dourava : Morte, morte ;
 « E o delta á minha voz estremecendo
 « Os titaneos padrões ruio por terra !
 « Escravo, que ha lançado regias mumias
 « No lar errante do centauro alarve ;
 « E nos dados do safro Trasibundo
 « A Lybia aventurou, quando Carthago
 « Suas cinzas mesclava ao pó sangrento
 « Do rival Capitolio ! Olhei p'ra Athenas,
 « Os Phidias expiraram : gemeu Jupiter,
 « E a penthelica Pallas desabando
 « A cidade esmagou : na gruta panica
 « A estrige emudeceu, e ante Demetrio
 « Corrompido cahiu o Areopago.

« Sentado no Kailaça acroceraunco,
 « A Cyro usurpador, ao Macedonio,
 « Dei o gladio da morte, cujo fio
 « No inferno temperei : cahiu Persepolis,
 « E o pó das aras, cochleadas torres,
 « C'o sangue de seus reis argamaçado
 « O meu throno firmou. Arrebentando
 « Qual supino trovão, Solima e Thebas,
 « E a calida Syena baquearam
 « Ao traço do estylete, que a seus nomes
 « Na lousa das nações escreveu — Morte —.

« Soprei, e Babylonia envolta em flammas
 « Na terra se sumiu : puz-lhe o deserto
 « No thalamo de argilla enthronizado.
 « Fui eu quem nos festins profanadores
 « Do fero Balthasar, c'o dedo ardente,
 « O epitaphio escrevi do seu reinado,
 « E ao Persa ingresso dei, torcendo o Euphrates,
 « E brindei no festim e'um funeral :
 « Manó, Thecel, Pharés, eis a sentença
 « Dessos novos padrões que erguer intentas,
 « Cherubim arrogante. Em breve as aras
 « Dos helios theocalis, que hei lavado
 « C'o sangue de princezas, de altos principes,
 « Hão de as plantas beijar do aloes nectareo,
 « E ao tropel do centauro aragonez
 « Milhões de tribus, fumegando sangue.

« Os ossos mirraram entre os delubros
 « Desses thronos do sol. Verás o escravo
 « De sobre os Andes frios transformado
 « Em sinistro cometa, granizando,
 « Ao som do tiro iberio, a peste, a fome ;
 « E os floridos chinampas, que fluctuam
 « No lago d'ouro, embalsamando os ares,
 « Convertidos em cinzas.

« Sobre o marmor

« Esculpido do altar, na pedra d'ara,
 « O braço monacal afia o ferro
 « Em nome do teu Deos : á voz fanatica
 « Do impuro Torquemada os hosques rolam,
 « Ardem nas praças gemebundas fragoas,
 « Que a crista aos Pyreneos lambem, salpicam
 « De sangue humano ; em breve os novos Druidas,
 « Colonos sanguinarios, hão de á lua
 « Da nova terra alvorecer os craneos
 « Dessas tribus, e o sol cobrir c'o fumo
 « De hecatombes d'imperios florecentes.

« Dessas plagas não vistas do Europeu,
 « Onde aspiras fundar ricos emporios,
 « Hei de os templos sumir no vasto Oceano,
 « Como ao berço de Adão, hoje guarida
 « De feros lamantinos, de hippopotamos,
 « De extinctas raças, que empedrou o abysmo
 « Nas jazedas das trevas, do silencio,
 « Onde o triste mineiro, á luz da lampada,
 « Verme escravo da usura os membros talha.

« Onde está teu poder ? Evoca, mostra-me
 « Do seio do deserto redivivas
 « Palmyra e Troia, quaes marmoreos Lazaros,
 « Niveas surgindo da poenta campal
 « Vê esparsas no globo essas ossadas
 « De emporios gigantescos, de mil thronos,
 « Que a fuligem do tempo e a relva amparam,
 « Erguendo os rotos braços, retratando
 « A hora da agonia ; escuta os echos
 « Que nos antros da noite agora soam
 « Teu baldado fervor ; e á esphera limpida
 « O vôo retrocede, que estes ferros,
 — E no ether retinem as cadêas —,

« Hão de os pulsos magoar do audaz Colombo:
 « A vedeta infernal, que a côrte habita
 « Já no throno infundiu lethal veneno :
 « Quem vencer não almeja, está vencido ;
 « Será minha a victoria : ah ! não pelejes,
 « Que então . . . ai do universo, então no inferno
 « Co'a mortalha do chaos lei de enlutar-me,
 « E a fronte salpicar co'a cinza ardente
 « De todo o firmamento conflagrado.

« Oh ! vingança suave, que memoro,
 « Á qual foi curto o abysmo dos infernos,
 « E á qual não bastaria o infinito
 « P'ra conter meu delirio jubiloso !
 « Fui eu, escuta, quem junto ao Calvario
 « Na dextra me encarneci do vil Assuero,
 « Que alcei-a furibunda, e sobre a face
 « Do Christo flagellado.

« BASTA, MONSTRO.

Com voz que retumbou na eternidade,
 Lbe atalha Neogeo, fogo lançando
 Que a face de Abbadão tisonou, e a coma
 Como um bosque inflammado hirsuta ardeu !

Cobre o rosto Neogeo co'as mãos sagradas ;
 Subita noite o firmamento invade ! ! !

E as azas restrugindo o monstro irado
 Com horrendo estridor, abafa o pranto
 Que exhala a natureza contristada.
 Adarga a fronte rea, e no Oceano
 De xofre se mergulha. O mar se entona
 Qual fervente volcão ; equoreo abysmo
 Nas ondas remoinhando cava o rasto
 Do punido Abbadão : — tudo é desordem ! ! !
 No meio deste horrivel espectaculo,
 Do fundo do Oceano estrala um riso
 O Satanico chefe, que de novo
 O mar bolhando em concentrados circulos,
 A' tona surge desmedidos monstros,
 Que a luz não viram desde a infancia do orbe.

No recesso armillar batendo as azas,

Que expandem harmonias, voa o celito
 Sereno e triunphante ; e desprendendo
 Do estrellado zimbório, onde luzia,
 O CRUZEIRO DO SUL, planta-o na terra,
 E ao céo remonta em luminosa traia.

Rastro de luz brilhante após seu vulto
 No céo rutila, qual caudata estrella ;
 No formoso adejar astros despede ;
 Desabrocham no céo jasmims luzentes,
 Estranhas melodias, e baixando
 O mar elastram de sonoro lume.



MEMORIAL ORGANICO.

PARTE PRIMEIRA.

CONTINUAÇÃO DO CAPITULO III.

(PAG. 370 DO N.º ANTERIOR).

§ IV. — *Divisão de territorio.* — I. Preliminares. — Uma lei razoavel e clara de divisão territorial no Brasil é-lhe mais necessaria do que o producto de quanto café recolhe. Não haverá administração central que se entenda com as provincias, e que verdadeiramente governe, em quanto estas puxem cada uma para sua banda, e as grandes tratem de engulir as pequenas, á maneira dos peixes no sermão do P. Vieira.

E claro é que esta divisão de que tratamos é só administrativa, propriamente dita. Nada tem que ver com a ecclesiastica, nem com a judicial, que seguiriam como até aqui, em quanto o tempo não indicasse para ellas as necessarias reformas. No Brasil temos exemplos de bispados que se estendem de umas a outras provincias; e não vemos inconveniente grave em haver comarcas com julgados em duas ou tres diferentes divisões administrativas.

O que urge é proporcionar-se ás provincias mais harmonia, mais igualdade, e fazer que a acção governativa não seja mais efficaz e benficia em umas que em outras.

N'um paiz como a França, ou melhor como a Belgica, com mappas levantados minuciosamente e em grande escala, com um cadastro e estatistica da maior exactidão; e em que o paiz se acha com igualdade civilisado, o povoado segundo suas forças productivas, impossiveis já de melhorar, nada mais facil do que proceder a uma divisão de territorio. Basta attender ao numero de districtos que se julgam convenientes, e para marcar estes, não tanto ao dar igual numero de leguas quadradas a cada um, ou igual numero de fogos, mas a combinar esses dous elementos com o da riqueza, avaliada pelos impostos; e quanto ás divisões naturaes ou limites dos mesmos districtos, inclusivamente se pôdem escolher os regatos, os caminhos de ferro ou quaesquer outras estradas, pois tudo está exactamente desenhado no mappa, e se pôde claramente expressar na lei.

Mas a que distancia nos achamos no Brasil de tal perfeição! — Em que seculo futuro a chegaremos a conseguir? — Não possuímos, nem possuiremos tão cedo, um mappa levantado geodesicamente, e as escaças informações estatisticas que temos, merecem uma confiança secundaria (1).

(1) No Brasil um grande obstaculo procede da difficuldade de se conseguirem os trabalhos graphicos no meio de matos, onde a plancheta é quasi inutil e apenas se pôde trabalhar com a bussola.

Assim por em quanto não poderemos nós seguir rigorosamente esses principios recommendados para uma exacta divisão de territorio; mas lembrando-nos que o melhor é inimigo do bom, e que é pessimo quanto possuímos, cumpre-nos sim tel-os em vista, para os seguir com a possivel approximação, mas tomar por condição principal a necessidade de que as demarcações fiquem exactamente determinadas, e que apezar da inexactidão dos mappas, se evitassem duvidas e controversias, quando se houvesse de imprimir á divisão que propomos o character de lei constitucioanal, se de tal honra fosse julgada digna.

A condição de precisão conseguimos satisfazer adoptando por linhas divisorias as duas unicas possiveis no Brasil, ambas ellas referidas aos rios bem conhecidos; a saber, as de separação das aguas vertentes, e as das margens dos rios quando mui caudalosos, ou mui proximos á sua foz, — sobre tudo no mar.

O primeiro meio é de grandes vantagens porque n'uma lei simplifica sua redacção e lhe dá clara e terminante intelligencia. — Por quanto, se sobre qualquer ponto nascesse contestação, para decidir esta, segundo a lei, bastaria esperar as primeiras chuvas e seguir suas enxurradas, e a questão ficaria decidida. Nem sempre aquella separação d'aguas vertentes será marcada por serras: muitas vezes a crista de uma chapada insignificante, em relação ao terreno circumvisinho (bem que elevadissima sobre o mar) determinará a linha que separe as aguas que hão de ir ter ao Oceano, umas pela foz do Amazonas, outras pelas do Prata, depois de percorrerem mais de duzentas leguas!

Do segundo meio, isto é, das margens dos rios, convém usar com muita circumspecção n'um paiz como o Brasil, onde elles tem a cada momento ilhas (que pertencerão á margem de que mais se approxime um ponto dellas na estação secca), e onde ha tanto matto que n'um momento por meio de balsas ou jangadas se faz desaparecer o obstaculo. Além disso este meio é menos terminante que o primeiro, e por isso nos pontos em que as provincias se dividam pelos rios ou suas barras, terão que ir logo commissarios e pilotos agrimensores, de uma e outra parte, marcar effectivamente no terreno a linha da raia, lavrando disso um auto que dentro do prazo que se indicar, será ratificado pelos dous presidentes das provincias. Succedendo haver duvidas, v. g., sobre uma povoação que se estende de uma á outra margem do rio, ficará aos habitantes dellas o direito de votarem pela provincia que preferem, e o governo central decidirá sobre sua representação.

O mesmo processo terá lugar para alguma povoação que acaso se ache situada sobre as encostas oppostas á linha de separação das aguas vertentes que houvesse de ser raia de duas provincias.

No caso rarissimo de que n'alguma paragem raiana as aguas vertentes dêem para algum valle, onde formem lagôa sem desaguadouro conhecido, ficará pertencendo todo o valle á provincia confinante, cuja linha da separação das vertentes offereça salidas e desfiladeiros de menor altura, para que a communicação seja mais facil.

Os Americanos do norte conservam em alguns estados as divisões por meio dos rumos, ou antes das linhas geographicas de latitude, ou longitude. A nosso vêr são as que menos applicação effectiva pôdem ter, a não ser em planices, apezar da bonita vista que fazem nos mappas.

Dissemos os meios que adoptamos para se poder effectivamente realisar no Brasil uma nova divisão de territorio pelos limites naturaes, referindo aos rios bem conhecidos. Falta-nos expôr as bases que tivemos em vista para determinar o tamanho, e organização das novas provincias. Essas bases foram as seguintes :

1.^a Dar á cada provincia uma extensão de territorio proporcionada á das outras, e sufficiente população e riqueza, para que gozem proximamente de igual importancia, e possam pela reunião de maiores capitães emprender obras maiores.

2.^a Neste sentido reunir, quando possível, os povos a que a natureza tiver prestado mais facil comunicação, e além disso aquelles cujos esforços convergindo convenientemente a um fim, produzam o bem-estar de toda a provincia por meio : v. g., da abertura de uma ou duas boas estradas atravez da Serra do Mar, ou para algum porto dos rios mais proximos, as quaes fariam evidentemente desenvolver os recursos, &c. A todas as nossas provincias damos pois um ou dous portos de mar, ou pomos á sua disposição os rios que melhor poderão aproveitar (1).

3.^a Para mais auxiliar um tal desenvolvimento dos recursos do interior, e até para ligar mais o systema de concentração e conciliação do paiz consigo mesmo, propomos que quanto possível se prefira que fiquem no interior delles os centros governativos ; isto ó, as povoações em que esteja a presidencia, ou ao menos aquella em que se reuam annualmente as assembléas provinciaes (que desejamos fossem compostas de procuradores eleitos pelos julgados e não pelas provincias) o que até estimulará os deputados ou procuradores dellas a procurar melhorar as estradas por onde terão de transitar. Por esta mesma razão convirá alguma vez introduzir o uso de se alternarem por annos nessa prerogativa da reunião das assembléas outras villas do interior, &c. ; pois é sabido que a actividade dos governantes augmentam na razão directa da proximidade a que se acham dos governados. Em tudo isto que propomos fallamos em geral ; á discussão pertence separar o que fôr puramente dogmatico do que fôr pratico.

Seguindo as bases acima mencionadas tivemos por mais acertada a divisão seguinte:

II.—Nova circunscripção provincial.—1.^o Propomos a criação de um districto militar na nossa fronteira do sul, e com um centro d'acção mais perto della do que Porto Alegre, por motivos que julgamos inutil desenvolver. Esta provincia terá por presidente um general ou capitão general que residirá de preferencia em Bagé. Poder-lhe-hemos chamar provincia *da fronteira do sul, do Uruguay, meridional*, ou como bem se julgue. Compreenderá pelo norte o territorio de missões e vertentes brasileiras ao Uruguay da foz do Pepiriguaçu para baixo, e partirá além disso com a provincia de S. Pedro, excluidas as vertentes do Rio Grande, até a sua foz na lagôa dos Patos, cortando direito ao Tramandahy.

2.^o—*S. Pedro*.—Esta provincia livre desses cuidados da fronteira poderá melhor, em harmonia com a ilha de Santa Catharina (aproveitando os portos da Laguna e os fronteiros á mesma ilha), fazer desenvolver os seus recursos, criando para centro directivo uma villa na Vacaria, ainda que não seja senão a parochia de Nossa Senhora

(1) A ilha de Fernando formaria uma provincia *d'Ultramár*, destinada para presidio, ficando sujeita exclusivamente ao ministerio da marinha, visto que nella não ha que administrar, e toda depende dos soccorros que lhe vão por mar.

da Oliveira. Envolverá ao S. e a O. todas as vertentes do Rio Grande, e ao N. até á foz do Pepiriguaçu, as do Uruguay, passando a comprehender todas as do Tajay, cuja foz servirá de limite com a immediata.

3.º—*Curitiba*.—Terá por centro directivo a bem situada e rica povoação da *Ponta Grossa*, confinando a O. com Corrientes, republica do Paraguay e Rio Paraná; partirá ao N. da de S. Paulo pelas vertentes do Itararé, que comprehenderá todas até que suas aguas se juntem no Paranapanema, que então servirá de raia até entrar no Paraná. Ao N. E. abrangerá todas as vertentes do Assungui até este se encontrar com o Juquiá, e dahi seguirá partindo da de S. Paulo pelo Rio Iguape até á barra da Capára.

4.º—*S. Paulo*.—Comprehenderá pelo N. e N. E. as vertentes do Tieté e as do Pardo até este se reunir com o Grande. No litoral confinará, abrangendo as vertentes do Una, que desagua defronte do ilheo Monte do Trigo. A cidade de S. Paulo deixará difficilmente sua prerogativa; mas á provincia interessava mais que o seu centro regulador fosse S. Carlos ou Sorocaba.

5.º—*S. Sebastião*.—Limitando ao S. com S. Paulo, e desde Jacarey para baixo as aguas da Parahyba a dividiriam da

6.º—*Campanha*.—Comprehendendo as vertentes do Grande e Sapucahy até acima do Pardo, e de Jacarey para baixo as do Parahyba, e de Itapemerim. (Capital S. João ou Campanha).

7.º—*Minas*.—Comprehenderá as vertentes das cabeceiras do Rio de S. Francisco e do das Velhas até fazerem barra, e além disso partirá pelo norte envolvendo todas as que vão ao rio de Belmonte até sua foz no mar, excluindo porém os braços com que communica de seu *thalvegue* para o norte.

8.º—*Principal*.—Partirá esta provincia ao S. com a precedente; ao N., começando da foz do Rio das Contas, envolverá as vertentes deste pelas duas margens, e seguindo pelo morro das Almas e altos da Serra da Chapada, comprehenderá as vertentes do Rio Remedios e Verde pelas raias que separem o Pilão-Arcado do Centocé. Seguirá a divisão pelas serras do Piauby, Gurguêa e Duro que atravessará correndo pela separação das vertentes do Rio da Palma das do de Manoel Alves, e da foz do 1.º junto com o Paranã no rio Tocantins, passará a comprehender todas as vertentes dos afluentes ás cabeceiras deste, exceptuando as do Rio das Almas (até á sua foz com o Maranhão), as quaes ficam a Goyazes, com que partirá tambem pela separação das vertentes ao S. O., recebendo porém em troco daquellas as que desaguem nos rios Corumbá e Verissimo, até onde suas aguas se encontrarem: ou onde as aguas destes encontrarem as do Parnahyba, se forem as cabeceiras delle as navegaveis mais proximas da capital, cuja criação propozemos.

9.º—*S. Salvador*.—Partirá pelo S. e O. como a antecedente, ao N. O. comprehenderá todas as vertentes dos rios Paraguaçu e Itapicurú até á barra deste, onde a agua salgada o dividirá da

10.º—*Barra de S. Francisco*.—Que comprehenderá as vertentes ás margens do Rio de S. Francisco até se encontrar com a 7.ª provincia,—de modo que ao N. terá por limites as serras de Borborema e Garanhuns que separam as vertentes das aguas. Sobre o mar partirá excluindo todas as vertentes que vão aos rios Jacuipe e Una até á sua barra que pertencerão á seguinte:

11.—*Pernambuco*.—Desde a precedente até excluir as vertentes todas do Rio de Piranhas.

12.—*Jaguaribe* (com *Icó* ou *Maioridade* para capital.)—Comprehendendo as vertentes do Piranhas e as que vão ao mar até o Rio Curú.

13.—*Novo-Pianhy* (capital Poty.)—As vertentes desde o Curú até á barra do Tutoya.

14.—*S. Luiz do Maranhão*.—Comprehenderá todas as vertentes cujas aguas vão ao mar desde a foz do Parnahyba até á do Gurupy, cujas vertentes tambem comprehenderá. Caxias será a sua capital.

15.—*Pará*, (de *Marajó* ou da *Foz do Amazonas*) tendo Cametá por centro directivo.—A. E. e S. E. comprehenderá todas as vertentes que desde o Gurupy exclusive vão ao mar, ao Rio Pará, e ao Tocantins até embaixo da primeira cachoeira que se encontra ao subil-o. Seguirá abraçando as vertentes que vão ao mesmo Rio Pará e ao Amazonas até o Xingú, e a este rio até seu Salto Primeiro ou Taruama: passará o Amazonas depois de envolver as vertentes das mais altas bocas do Guajará no mesmo Amazonas, e excluindo as vertentes do lago e rio Urubuguára (sobre o qual fica a povoação do Outeiro): seguirá pelas vertentes que deem aguas para o Amazonas, daquelle rio para baixo, até os confins do Imperio com a Guyana Franceza. Preferimos Cametá para centro directivo, não só por mais central, como para mais se occupar da navegação do Tocantins, dando para isso as mãos á nova capital.

16.—*Novo-Pianhy*, (capital Pastos Bons.)—Esta provincia fica assignada pelas raias da 8.^a, 10.^a, &c. com que confina, e é uma das que mais deve merecer a attenção do governo.

17.—*Goyazes*.—Tendo seu governo na cidade de Goyaz. Comprehenderá as vertentes do Araguaya, excepto as cabeceiras do Rio das Mortes, que por onde convencione com a seguinte, lhe cederá. Desta para baixo comprehenderá as vertentes do Rio pelas duas margens até separar-se com a 15.^a na cachoeira que ficou indicada.

18.—*Paraguio-Xingú*, (tendo por capital Cuiabá.)—Partirá a E. com a precedente, abrangendo mais as vertentes do Xingú até que este rio passa ao Pará, e tambem as do Arinos: e desde a foz deste com o Jeruenna seguirão as aguas do Tapajoz sendo a divisa, até o ponto em que este rio passa a pertencer a provincia

19.—*Alto Paraná*, (capital Camapuã.)—Vertentes do Tacoary até a sua foz, &c.

20.—*Centro-Amazonia*.—Com a presidencia em Obidos. Extremará ao N. com as Guianas estrangeiras, a E. com 15.^o—Pelo S. abrangerá as vertentes que vão ao Amazonas e Madeira pela margem direita, comprehendendo todo o districto de Borba: da foz do Madeira seguirá pelo Amazonas até á do Rio Negro, e desta tomará ao norte excluindo as vertentes para o mesmo Rio Negro e para o Branco. O pé da primeira cachoeira de Tapajoz servirá ahí de divisão.

21.—Chamar-lhe-iamos *Madeira*, deixando o nome Matto-Grosso para a cidade. Partirá ao S. e O. com a raia estrangeira, seguindo porém pelo Rio Madeira a separação da

22.—*Rio Negro*.—

Tal é a divisão de territorio que por em quanto nos parece a mais apropriada para fazer desenvolver os recursos do paiz. Daqui a vinte ou trinta annos novas

necessidades pedirão talvez outra, ou pelo menos algumas subdivisões. Os Estados Unidos tem os seus *territorios*, e não sabemos como neste ponto fôsse omisso o Acto addicional, que n'outras disposições os imitaram.

Precisaremos entrar aqui na justificação minuciosa de tudo quanto propomos? —Cremos dever passar por alto essa tarefa, que seria por certo ora mais enfadonha para o leitor do que para quem teve sempre presente tantos detalhes: baste dizer que as bases acima postas foram attendidas.

§ V. —*Plano de defesa interna.* —O nosso systema de defesa e conservação da fronteira funda-se principalmente na independencia em que deixamos as provincias fronteiriças, e na protecção que lhes daria o governo central. Essas provincias ficariam pois por em quanto constituidas em governos militares, e para ellas se destacariam, além das forças competentes, os officiaes reformados, &c., que ahí vão augmentar a população e o consumo dos productos territoriaes.

Na 1.^a provincia não poderemos dispensar-nos de ter o melhor do exercito. Bagé poderia ser bom ponto para quartel general, tendo em Alegrete e Missões forças em postos fortificados. Mas nesta parte, que tem sido tantas vezes theatro de guerras, imaginamos que a experiencia terá melhor ensinado os postos essenciaes a occupar.

Nas outras o systema de defesa pôde ser mais passivo, e consiste principalmente na occupação de certas posições que é necessario povoar e cultivar. Esses postos assim colonisados, e conhecidos depois militarmente por via dos destacamentos, serviriam de muito quando, por occasião de qualquer accidental ruptura de boas relações com esta ou aquella republica, houvessemos de mandar forças á competente parte da fronteira.

Nem se diga que, por serem pequenas e fracas essas nações ahí limitrophes, podemos nós estar descuidados: para nos fazermos respeitar é necessario estarmos fortes: se não o estivermos mais vergonhosa e vexatoria será a offensa que recebermos, se virmos alguns de nossos vizinhos entrando-nos impunemente por casa. E convençamo-nos de que para entrar em guerra basta estar em paz.

Em nossa opinião os postos mais essenciaes a occupar são:

1.º O istmo ou varadouro de Camapuã que devia conter uma grande povoação, a qual fosse capital de uma provincia militar, e offerecesse aos navegantes, que vão pelos rios a Matto-Grosso, um ponto civilisado em meio caminho, onde pudessem prover-se do necessario, descançar de suas enormes fadigas, curar-se de suas febres, &c.

2.º O mais conveniente ponto da serra Amambay, onde nascem os rios que nos separam do Paraguay, deveria ser occupado por uma praça. A' foz daquelles no Paraná e Paraguay haveria dous fortins com destacamentos da mesma praça, que os soccorreria com reforços, bem cõmo a Albuquerque e a Miranda, ponto este que tanto convém restaurar-se bem. Coimbra poderá abandonar-se militarmente.

3.º O istmo ou angustura de Aguapey deveria tambem ser occupado por uma praça, que tivesse por fortes avançados o do Principe, e outro construido á foz do Jaurú, ponto que o coronel Serra muito recommenda que se occupe.

4.º Foz do Rio Madeira: julgamos esta paragem mais essencial de occupar-se militarmente do que a foz do Rio Negro, pela razão de que essa simples occupação

guarda não só o Rio Amazonas e Rio Negro, como o mesmo Madeira. Com o tempo procurarão para sua utilidade (e com assentimento do Brasil, segundo as condições que se estipulem) tornar este ultimo rio navegavel as republicas do Perú e Bolívia. E é por essa razão que com melhorar sua navegação não devemos nós gastar, esperando aproveitar dos beneficios que por sua necessidade nos trazam os outros.

5.º Na provincia do Rio Negro só por em quanto recommendariamos uma grande colonia nas cabeceiras do Rio Branco do lado do Pirára. Outros pontos mais ha nelle importantes; porém vista a impossibilidade de attender a tudo a um tempo, guardal-os-iamos para mais tarde.

6.º Obidos é a praça de guerra que o Brasil mais precisão tem de construir com todo o esmero, e defender com forte guarnição, logo que se estabeleça a navegação no Amazonas em ponto maior. Obidos é o ponto dominante do primeiro rio da terra, e merece por isso alguma consideração. O estreito de Obidos ou do Paxis é para o Amazonas o que o de Sund para o Baltico, o de Gibraltar para o Mediterraneo, o de Ormuz para o Golfo Persico. E qual desses pontos deixa de ter uma fortaleza importante? Perguntem á Hespanha quanto daria aos Inglezes por Gibraltar.

A praça de Obidos é de toda a necessidade; e se ahí se estabelecesse um centro de colonisação, esta se entranharia até as cabeceiras do Trombetas onde os ares são excellentes, e até se encontram campos,— sendo que importa tambem colonisar taes cabeceiras do Trombetas—. O canal que dá ao sul navegação ás canoás, deveria ser defendido igualmente por postos fortificados, ou entulhado.

A taes provincias limitrophes convém não mandar deportados, nem estabelecer nellas presidios, embora, v. g., em Obidos se fizessem trabalhar alguns galés.—Para presidios já basta a Ilha de Fernando, e querendo-se não ultramarinos, antes escolher-se algum local visinho dos botocudos no Rio Doce ou no de Belmonte, &c.

Talvez conviesse tambem assegurar com uma fortaleza o ponto do litoral onde fôr parar a estrada de ferro-carriz.

A' capital se fariam linhas de defesa, só quando em alguma crise se julgassem necessarias, e por isso exigimos que fosse *defensavel*.

Já se vê que todo o nosso systema suppõe não menos a capital no lugar que assignamos. Estando esta mais longe e o paiz sem communicações, a acção governativa chegaria já amortecida a essas enormes distancias, e os governadores militares podiam abusar de sua autoridade.

Em conclusão: para assegurar o Brasil de modo que este possa pelo menos *fazer cara e bater o pé* quando o insultem, em vez de se pôr a chorar, não vemos senão dous meios: ou o de uma respeitavel marinha de guerra, ou o da concentraçãõ de sua principal força no interior. Se não temos meios para rivalisar com os poderosos na primeira, sejamos pelo segundo meio tão fortes como qualquer outro estado que o seja.

§ VI. — *População e colonisação*.—I. Africanos e Indios.—Escuro e medonho é o vulcão (1) que estão preparando ao Brasil os que, sob pretextos de augmentar os

(1) Tudo isto se escrevia e imprimia em 1849, antes da recente mudança feita na opinião nacional acerca do trafico.

braços e a cultura da canna e do café, sustentam como indispensavel o trafico dos africanos. Egoistas insensatos! E sacrificaes assim o futuro do vosso paiz a um conto de réis de menos ou de mais para as alfandegas!—Lêde com reflexão a historia da humanidade. Quem domina hoje ou antes desde o seculo de Luiz XI e de João II na Europa? A classe media, isto é, a gente não filha *de algo*, e por conseguinte os descendentes dos que poucos seculos antes eram *servos*; e tardaram tanto tempo porque não havia então constituições, e as leis dos Godos contra os escravos eram severissimas—. Quereis pois vêr o vosso Brasil daqui a seculos igual ao continente d'África fronteiro, e vossos netos reduzidos talvez á condição de servos dos netos dos africanos?

Ora pois, tenhamos mais patriotismo e não atraçoemos o futuro do Brasil.

A estas considerações respondem os negreiros: « Historias! Sem o couro de Guiné, que seria do Brasil? »

Barbaros!—O Brasil seria então mais do Brasil e menos dos negreiros!—É falso, falsissimo que se não possa sem os africanos cultivar as terras inter-tropicæas. Não pôdem os brancos resistir tanto ao sol como os negros, é verdade, por quanto no litoral o clima é mais apropriado á natureza destes. Mas que monta?—Trabalharão os brancos menos horas ao sol, v. g., desde as 6 ás 9 da manhã, e desde as 4 ás 6 da tarde. E quem no Brasil trabalhar no campo cinco horas por dia, recolherá mais que o europeu que trabalhe 10 na Europa. E o trabalho livre ou de empreitada de 5 horas de gente livre valerá pelo menos tanto como o de escravos em outras tantas—. Das restantes 7 horas pôde-se applicar parte ao descanso, parte a caçar pelo matto ou a trabalhar em casa.

Não nos consta que a temperatura do Brasil no verão chegue a 34° e 35° de Reaumur, como tantas vezes succede nas penínsulas do sul da Europa, e na Argelia e no Mogador no mez de agosto, quando os brancos se acham entregues ao trabalho da ceifa dos trigos tão duro ou mais que o do córte das cannas.—Nos lugares sasonaticos e doentios, como são os terrenos entre Roma e Napoles ou visinhanças de Terracina, o como é na Hespanha parte da Mancha cahem alguns doentes; mas curam-se, e no anno seguinte voltam ao mesmo trabalho; emigrando só para esse fim de provincias distantes, aonde voltam a gastar no inverno o que então ganham. E o caso é que os ceifeiros, por mais calido que esteja o dia, trabalham desde o amanhecer até a noite, e apenas se lhes dá duas horas de descanso para jantar e para a sesta ou *meriggio*.

É pois traição e mentira acalentar o povo com a idéa de que o branco não pôde trabalhar no campo. E é cegueira ou perversidade proteger a entrada de mais africanos.

Estamos convencidos que a emigração expontanea para o Brasil não será efficaz emquanto não offerecermos, como os Estados-Unidos, aos emigrantes pobres e trabalhadores, alguns districtos sem escravatura. O trabalhador europeu não se atreve sem vexame a pegar na enxada ao lado do escravo. Ao Brasil tem ido até colonos enjajados para lacaio, mas ao vestirem farda, não podendo ser superiores á risota dos moleques, pedem aos seus amos para voltar á Europa.

Para aqui vem a tempo a applicação de uma idéa que tem muita gente sobre a

melhor maneira de se ir pouco a pouco o Brasil dispensando do serviço dos escravos : o de prohibir que elles entrem nas cidades que tenham, v. g., mais de dez mil habitantes. Sem elles a gente livre não se vexará nas cidades de trabalhar em obras servis, e ficarão as mesmas reduzidas a especie de baluartes a que se acolhessem os cidadãos dos campos no momento de qualquer tentativa negreira. Os escravos iriam pois todos trabalhar para a roça, e com elles teriam que ir os que allegassem não poder passar sem elles. . . . (1)

Mas a mais essencial providencia a tomar é que não entre um só mais, para o que basta que se declare roubo á fazenda a posse de um escravo que não se prove que já estava no Brasil na occasião da publicação da lei que cumpre promulgar.

Encarâmos a questão dos escravos, não pelo sentimentalismo, mas pelo patriotismo ; não porque achemos infame o trafico, mas porque tememos pelo futuro do Brasil, se continuamos a importar africanos. Foram considerações de estado, mais que de caridade e de economia politica, que pesaram em nossas opiniões.

Temos a escravatura por licita, e até conforme com o Evangelho e com o voto dos publicistas, quando necessaria para a segurança do estado, e melhor governo dos captivos. Cremol-a illicita, barbara e inpolitica quando é possível evital-a, e isso se não faz. E que diremos quando até se promove indo longe por ella ? Sustentam todos no Brasil que os africanos melhoram de sorte deixando suas patrias e passando a America, onde são bem cuidados e doutrinados na fé. Póde ser : mas os seus filhos ? Mas elles mesmos depois de doutrinados e civilizados não ganhariam mais em ficar livres ? Se os trouxestes d'Africa *por bem delles*, completai vossa obra. Dai-lhes a liberdade. São ao menos consequentes. Mas ainda neste caso seria uma sem-razão estarmos deixando os indios bravos a guerrearem-se por tantos sertões nossos e delles, devorando-se uns aos outros ; porque em Africa guardam os captivos ; mas os botocudos assam-os e comem-os. Porque motivo em lugar de irmos (contra os tratados e expondo aos cruzeiros inglezes navios e capitaes) buscar africanos além dos mares para os escravisar, não havemos antes dentro do Brasil prender á força os indios bravos para os desbravar e civilisar ? Teriamos com elles um augmento de braços menos perigosos que os dos negros, porque daqui a pouco estariam misturados connosco em côr e em tudo ; e então teriamos em todas as provincias— povo— classe social que algumas não possuem.

Estavamos para deixar esta simples indicação aos nossos politicos, receiosos de que a exposição completa de novas idéas a tal respeito prejudique as outras de nossas propostas. Ha hoje em dia uma tal praga de falsos philantropos, graças a Rousseau, ou a Voltaire, ou a não sei quem, que a gente em materia de indios não póde dizer palavra, sem que lhe caiam em cima os franchinotes, com estas e aquellas sedições theorias pseudo-philantropicas.

(1) Julgamos neste lugar dever supprimir as outras nossas propostas sobre este melindroso assumpto, o que sobretudo se reduzem a ir pouco a pouco acabando com a venda dos escravos, fazendo que elles continuem sim servos, mas deixem de ser *cousa venal*. Quaesquer providencias a este respeito, a não ser a supressão do trafico da Costa, só se devem emprender depois de se attender ao aproveitamento dos Indios e de se ter encaminhado a colonisação européa.

E o que mais admira é que os que seguem tal systema são justamente os mais cegos citadores de tudo quanto se faz nos Estados-Unidos, que só não citam sobre o modo como dão bordoadas nos seus Indios quando não fazem o que se lhes manda. Cumpre-nos pois ácerca destas theorias com que se nos cega a razão imitar a Bacon e Descartes, quando para serem philosophos tiveram primeiro que desaprender a philosophia que se lhes tinha ensinado nas escolas, para formarem outra.

Ora, os nossos Indios, ou são cidadãos brasileiros ou não : para o serem não cumprem nenhuma das obrigações das leis, e andam vadiando e com as orelhas e beiços furados, em vez de serem guardas nacionaes e vestir uniforme, etc. Não sendo, ou não estando nesse gozo, por incapacidade moral, como diz a constituição, não pôde a lei — o direito civil — ver nelles mais que uma gente estranha ao pacto social, que abusa da piedade que com elles se tem, não só para estarem nos matos e impossibilitarem que estes se transitem e se cultivem, mas até para darem assaltadas cruéis ás nossas fazendas suas visinhas, que n'algumas partes se tem visto obrigadas a ceder-lhes o campo até hoje. As provincias em que ha ainda muitos milhares delles, que são as do Pará, Matto-Grosso e Goyazes, se não estão peiores do que quando se aboliram as *bandeiras* que lhes davam caça, estão talvez no mesmo estado : quando antes a civilisação progredia tanto que a cidade de Goyaz começada a colonisar em 1725 já 21 annos depois tinha em sua povoação um prelado, havendo outro em Matto-Grosso. Mas que diremos quando ainda na provincia do Espirito Santo, tão visinha ao Rio de Janeiro, ha Indios bravos? Conta certa exposição official que os Indios do Mocury gostam muito da carne dos negros, aos quaes chamam *macacos do chão*. E não é vergonha no meio de um paiz civilisado aturar taes canibaes!?. . . (1)

Mas allegam os philo-tapuyas. Elles são os verdadeiros donos da terra, e por isso... São os donos da terra? Pois então arranjemossas trouxas e toca a marchar; que somos uns criminosos que estamos de posse do que é de outrem; vós, Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação, para fóra de vossos bancos, que ahí devem estar a arengar os tapuyas: cidades, villas, freguezias, arsenaes, alfandegas, academias, collegios, misericórdias, conventos, bispos, conegos, parochos, militares, juizes, empregados, toca tudo a embarcar; porque a terra é dos tapuyas! . . .

Miseria! . . .

Ignorantes! Não sabeis que essa gente era e é nomada, e sem assento fixo; e que só aproveita do territorio emquanto nelle acha caça? E não sabeis tambem que essa raça, pela maior parte botocuda e cannibal, não era indigena, mas sim invasora, e intrusa neste territorio?

Mas não sigamos com taes argumentos: fallemos claro. O Brasil pertence á civili-

(1) L'objet de la conquête est la conservation : la servitude n'est jamais l'objet de la conquête, mais il peut arriver qu'elle soit un moyen nécessaire pour aller à la conservation. Dans ce cas, il est contre la nature de la chose que cette servitude soit éternelle. Il faut que le peuple esclave puisse devenir sujet. L'esclavage dans la conquête est une chose d'accident. Lorsque après un certain espace de temps toutes les parties de l'état conquérant se sont liées avec celles de l'état conquis par des coutumes, des mariages, des lois, des associations, et une certaine conformité d'esprit, la servitude doit cesser : car les droits du conquérant ne sont fondés que sur ce que ses choses-là ne sont pas, et qu'il y a un éloignement entre les deux notions tel que l'une ne peut pas prendre confiance en l'autre.

sação pela mesma razão que a Inglaterra ficou pertencendo aos normandos quando a conquistaram. Pela mesma razão que Portugal ficou pertencendo a Affonso Henriques e seus successores e vassallos que o tomaram dos mouros, pelo legitimo direito de conquista, consignado pelos publicistas, o da civilização sobre a barbaria. Nós proclamamos para o imperio (comprehendendo o territorio de que os bugres estão senhores) o nosso chefe e a nossa lei. Todo o que não obedece a uma e ao outro rebella-se e é criminoso. E para o crime não vale em direito a allegação de ignorancia; pois em tal caso não haveria negro fugido, nem ladrão de estrada e canhambola que não fosse ignorante.

Precisamos civilisar o Imperio, fazer todos em toda a sua extensão obedecer ao pacto proclamado, e a experiencia de mais de meio seculo tem provado a insufficiencia dos meios brandos que são justamente os mais gravosos para o estado. Se necessitamos pois seguir a conquista, que quer dizer ir-se consolar os rebellados levando-lhes presentes de facas e machados? Tem-se visto com sua paciencia converter esses ferros em pontas de settas, que no anno seguinte despedem contra os seus hemfeitores. Que mais jus tem elles para, só *por sua incapacidade moral*, estarem excluidos do codigo penal? Não constituem elles uma rebellião armada dentro do imperio?

Pelo systema das *bandeiras*, que o governo não fazia mais que *tolerar*, se conquistou todo o sertão com suas minas, que foram trabalhadas pelos braços dos indios, e se deu quasi cabo do indomito caiapó. E desenganemo-nos: as raças bravias, que se declararam inimigas de morte de nossos antepassados, serão até os ultimos descendentes bravios, nossas inimigas de morte: e tomarão por cobardia e medo delles quanto se faça com humanidade para os trazer á civilização. Assim o representava n'outro tempo mui terminantemente a camara da Bahia contra as ordens regias sobre o não se castigarem os Indios sublevados. Não temos outro recurso, para não estarmos seculos á espera que estes *queiram* civilisar-se, do que o de declarar guerra aos que se não resolvam a submeter-se, e o occupar pela força essas terras pingues que estão roubando á civilização. Esta guerra não tem de ser feita á custa da Nação que precisa empregar suas forças n'outros pontos: tem de ser feita exclusivamente por cidadãos brasileiros, guardas nacionaes, que para ella se offereçam, organisando-se em *bandeiras* ou *companhias*, com determinado numero de seus escravos africanos. As *bandeiras* devem ser pelo menos de cem pessoas, e seus chefes, para realizar qualquer expedição, tirarão nas respectivas presidencias autorisações ou cartas de marca. Ora, para conservar os terrenos assim conquistados á barbaria, é necessario fazer prisioneiros seus habitantes, e como o governo não poderia encarregar-se de sua educação e manutenção, eis chegada a occasião de recompensar os serviços dos chefes das *bandeiras* (e estes ás dos seus socios), concedendo-lhes a tutoria e protectorado, por quinze annos, sobre seus prisioneiros, obrigando-se a tratá-los bem, a doutrinal-os na nossa religião, etc., etc., com a condição que estes em retribuição os sirvam durante esses quinze annos, devendo para tudo ser legitimo lavar-se auto perante a municipalidade, ou a competente autoridade departamental. Com este systema veriamos o paiz coberto de *bandeiras*, desenvolvendo-se no seu interior o espirito guerreiro e comprehendedor que o civilisou no seculo passado; e acabaria de uma vez radicalmente

o trato africano, segundo nos compromettemos por formaes tratados, aos quaes já nos querem ir obrigando com ameaças.... (1).

Nenhuma destas ameaças temos a recear com as nossas conquistas sobre os indios bravos. Os Estados-Unidos dão dellas o exemplo, porém com a crueldade de exterminarem a raça vermelha, de que elles não querem povoar suas terras; e não dispõe um systema de guerra analogo ao nosso, em que é do interesse do conquistador a conservação do maior numero de vidas delles. A este respeito deixemo-nos de declamações, ao menos em quanto primeiro não se declamar contra a existencia no Brasil, de um só escravo vindo da Africa!

O governo devia ser autorisado a assignalar os districtos, a cuja occupação ha que proceder; e só passar-se a outro quando esse ostivesse inteiramente sugeito. Tambem se podia estabelecer que o gozo dos protectorados não se fizesse extensivo mais que ás provincias onde se acabe com os escravos africanos, ou ás cidades donde propomos que elles se façam sahir, e ainda com mais vantagem ao serviço da marinha mercante. Quanto á marinha de guerra é necessario que não se recrute para ella mais que nas aguas do Amazonas, Tocantins, &c., onde as canoas se governam contra tempestades horrorosas.

Talvez fosse digno de ensaio o fazer na Ilha de Fernando um deposito de levas de indigenas para marinheiros; mandando de cada vez para ahi por junto o numero de uma tripolação. Assim, separados de seus mattos e rios, se acostumariam ao isolamento dos navios, sem tantas nostalgias.

Indicamos os unicos meios que julgamos conducentes a encaminhar (2) os indios á civilisação, sem estarmos á espera que elles se decidam a *fazer esse sacrificio*. Se no que fica dito empregámos alguma expressão sarcastica ou ironica, não entrou nisso falta de compaixão desses infelizes: entrou o empenho que tinhamos de criticar com audacia a opinião publica neste ponto extraviada:— entrou a indignação nossa contra a damnosa hypocrisia da pseudo-philantropia.

Pois é por ventura verdadeira philantropia consentirmos que tantos filhos do abençoado territorio de Santa Cruz se estejam devorando uns aos outros nos matos, e agredindo, quando pôdem, os cidadãos civilisados do imperio? E isso quando ha um meio simples (e cobijado por todos os habitantes das provincias do sertão) de os arrancar em poucos dias dessa miseravel condição que vexa o paiz, e degrada até a humanidade?

Esse meio, prompto e seguro, é o de que se serve qualquer nação, quando uma parte dos seus membros illudidos ou ignorantes se não quer sujeitar á maioria; é o de que se serve até o pai mais carinhoso, quando vê que seus filhos não estudam nem se educam pelos simples estímulos;— é o da força. Sejam os indios bravos, por sua incapacidade moral, declarados pupilos da nação, que desde logo o seu governo sentirá

(1) Quando isto escreviamos ainda não tinham tido lugar os vexames porque passou a nação neste anno e no passado.

(2) As paginas que vão lêr-se acerca dos indios e da colonisação européa foram publicadas só na segunda parte, no anno passado; mas cremos que ficam aqui melhor collocadas,— e assim com ellas daremos fim a esta primeira parte neste lugar.

sobre si todo o peso da responsabilidade que incumbe aos tutores das crianças desvalidas; pois bem crianças pela intelligencia são os indios. Possua-se bem qualquer ministerio da sua missão neste assumpto, e da solidez dos principios da jurisprudencia que apresentamos, e se convencerá de que pôde até livremente fazer todo o bem sem dependencia de nova legislação, a não ser no que disser respeito aos destinos e distribuição dos indios, que forem capturados, uma vez que não houvesse bastante trabalho de obras publicas em que occupal-os.

Em todo o caso tal distribuição, a troco da recompensa ás bandeiras pelas despesas da guerra, só deveria ser feita uma vez; de modo que os indios capturados não conhecessem por tutores mais que a primeira familia que os adoptasse.

Porém querendo-se evitar essa distribuição, o governo poderia emprehender em grande um systema de captura, e depois estabelecer directorias tutelares, onde os particulares fossem, mediante certos tributos destinados, v. g., para as estradas, (com as necessarias fianças) buscar os individuos que necessitassem para seu serviço domestico, como ainda hoje se pratica na Europa para com os particulares que tiram os recolhidos das casas pias, &c.

Com o systema da tutela forçada se civilisaram, bem ou mal, os nossos sertões de Minas; e o Snr. Senador Vergueiro, que presenciou ainda esse systema na decadencia, disse terminantemente em sessão de 5 de agosto (1850) que « *é necessario renovar, restabelecer o antigo systema.* » Em uma anterior sessão, na de 30 de julho, se havia o mesmo Senador explicado do seguinte modo: « A raça india não tem a « capacidade necessaria para reger-se. Ou porque por sua natureza tenha menos « aptidão para a civilisação, ou porque está ainda muito longe disso, o que observe é « que netos e bisnetos dos indios aldeados não dão de si cousa alguma, não adiantam « nada. Portanto em consequencia desta incapacidade ou difficuldade para chegarem « á civilisação, resulta a necessidade de uma tutela: não podem reger-se por si, « não tem sufficiencia para isso, não podem estar independentes, e essa tutela « tinham-na as aldeas nos seus directores. . . . Foi o governo de Lisboa que acabou « com isso, pela consideração de que os indios eram homens como nós, que deviam « gozar de iguaes direitos, *sem reflectir que não tinham igual capacidade* (1). »

Acabamos de encerrar esta questão pelo lado para nós mais sympathico, pelo que mais falla ao sentimento; consideramo-los nossos irmãos, orphãos desamparados e necessitados da tutela. Mas, se os consideramos estranhos ao pacto social, se os reputamos uma nação forasteira que nos molesta e prejudica, temos todo o direito de con-

(1) " *Jornal do Commercio* n. 211. O general Arouche em uma memoria que escreveu e que publicou o Inst. Hist. " (tom. 4.º) prefero a tutoria particular á das aldeas (pag. 313). " Convém muito apural-os por meios brandos sujeitando-os ás familias brancas, &c., " e a (pag. 316) " O conde de Palma deu uteis e humanas providencias sobre este objecto: concedia licença para irem fazer esta permutação sómente áquelles homens, cuja probidade era conhecida. Elles os traziam para o seu serviço, e para os cederem a terceiras pessoas, que lhes pagavam as despesas e uma certa commissão. Todos os que por este modo recebiam indios assignavam perante o ouvidor da comarca de Itó um termo de tutela delles, obrigando-se a educal-os, tratal-os bem, e utilisar-se dos seus serviços té certa idade, na qual o indio ficava emancipado, tendo então o arbitrio de existir na mesma casa, ou ir para onde lhe convinha. Infelizmente sahindo de S. Paulo o conde de Palma ficou este trafico em desuso, com prejuizo dos indios e da provincia, onde se augmentavam os braços e a agricultura.— O certo é que com o systema dispendioso das *sinecuras* de directores de indios nada adiantamos. "

quistal-os, e não ha direito de conquista mais justo que o da civilização sobre a barbaria. « Um povo barbaro e que desconheço os deveres da humanidade e as leis da guerra, diz o celebre juriconsulto americano Bello, deve tratar-se como inimigo do genero humano. »

É verdade que, ou naturaes ou estranhos, uma vez que nos aggridam, submettem-se espontaneamente á terrivel sentença dada pelo celebre publicista Vattel, cujos principios liberaes e sentimentos de bom senso são em toda a parte (principalmente em Inglaterra) reconhecidos. Ouçamol-o.

« Aquelles que, habitando payzes fertéis, descuidam a cultura da terra e preferem « viver de rapina, faltam a si proprios, injuriam seus visinhos e merecem ser exter-
« minados como bestas feras e nocivas, &c. O estabelecimento de colonias no con-
« tinente da America septentrional só se apresentava como legitimo, visto que as
« gontes dessas vastas paragens as percorriam em vez de as habitar (1). »

Longe de nós o adoptar a idéa de exterminio da raça indigena, como ainda hoje se pratica nos Estados-Unidos; por mais que ali se diga que só os guerreiam para que se vão retirando pelo *far west* a dentro. Sejamos mais humanos que Vattel e que os Estados-Unidos: sujeitemos os nossos selvagens, eduquemos-os á força, e quinze ou vinte annos depois, quando já elles não necessitem de tutela, façamos delles prestantes cidadãos e bons christãos. Taes são os principios que desejamos vêr aceitos nesta importante questão. Se o não forem, esperamos que a todo o tempo se fará justiça á abnegação com que defendemos uma causa tão pouco sympathica. E se não mudarmos de systema, e daqui a meio seculo ou mais os indios se acharem como hoje, haverá quem diga em 1900 ou em 2000 que houve alguém que em 1850 apresentou no Brasil uma jurisprudencia capaz de produzir resultados.

Já basta de pagarmos tão caro e sem nenhuma utilidade todos os ensaios feitos para attrahir os taes indios bravos por meios de brandura. Clama-se por missionarios, e ignora-se que estes, ainda em épocas de uma fé viva, nunca foram meios civilisadores em ponto grande, se não com o dominio quasi feudal que tinham os jesuitas. Porém os jesuitas antigos tinham abnegação: eram capazes de morrer pela gloria da sua seita. Mas já não ha quem ambicione o martyrio nesta época de egoismo. Se de Roma nos vierem barbadinhos ou jesuitas, não será em busca do martyrio, será com miras de se livrarem da obediencia rigorosa, e de passarem melhor vida; pois já aos claustros chegou o egoismo do seculo XIX, filho primogenito do scepticismo do seculo XVIII.— E tendes a louca pretensão de encontrar no nosso clero a abnegação dos Nobregas e dos Vieiras? Ou a vocação ao martyrio dos Azevedos e Lizardis? Não sois testemunhas de sua nenhuma abnegação, de sua ignorancia, e, o que ainda peor, de sua desmoralisação?— Parece que as mais severas instituições disciplinares da igreja se afrouxam com a distancia a que estamos do chefe dos Catholicos, do qual devemos implorar os remedios para moralisarmos os ministros da religião, se não queremos vêr perder-se a mesma religião, e com ella o paiz. Quando, ha mais de tres seculos, os reis conheceram que os cavalleiros professos das ordens militares não podiam ser

(1) Vattel.— *Droit des Gens*, liv. 1.^o, cap. 7.^o, par. 81.

fieis ao voto de castidade, conseguiram de Roma os remedios que as circumstancias demandavam. Qual será o recurso que nos resta para todo o clero americano?.. Não somos theologo, e tememos incorrer em heresia entrando em assumptos que não estamos habilitados a tratar.

Roguemos a Pio IX, que por fortuna nossa até conhece a America, que nos conceda as faculdades para tomarmos as providencias que julgarmos que pôdem conciliar a civilisação com a caridade christã.

II.—*Providencias para fomentar a colonisação européa.*— Começamos por nos oppor, e com todas as nossas forças ao pensamento de constituir o governo do Brasil em uma agencia de colonisação em grande: essa tarefa é humilhante perante os estrangeiros, é impolitica na Europa, e pôde dar lugar a muita immoralidade tolerada. Ao governo de uma nação, o que cumpre é dar toda a protecção aos colonos que cheguem, e para que elles cheguem é necessario que o favor das leis os convoque, ou convoque quem os traga, e que os capitaes disponiveis se vão applicando nos melhoramentos materiaes do paiz. Fazemos estradas pelas quaes os colonos ao chegarem da Europa possam, prompta e facilmente, transportar-se aos paizes do interior, de clima igual ao que deixaram; e onde as terras até agora sem dono adquiram valor pelo simples facta da facilidade nos transportes; rompa-se ao menos, até o meio de Minas, uma estrada de ferro, e promulguemos leis protectoras de emprezas colonisadoras; e a colonisação se effectuará sem que o governo vá por ella rebaixando a sua dignidade.

A experiencia tem feito conhecer a insufficiencia de uma colonisação disseminada e sem nucleos, a qual (como disse em sessão de 3 de agosto deste anno (1850) um illustre senador que por vezes tem sido ministro da corôa) produziu nos nossos sertões uma população semi-barbara, entre a qual a acção da autoridade é quasi nulla, e o respeito á lei e todos os laços sociaes que prendem o homem ou estão frouxos, ou não existem. »—

Do que se deduz, e esta é hoje a opinião geral do paiz, que a colonisação que nos convém é a que seja feita por grandes grupos que levem consigo todos os elementos de vida, de força e de energia. Importa pois, que esses grandes grupos ou colonias que se vão isolar no meio dos sertões, tenham um codigo simples, mas severo,—e que as governe um chefe que seja para tudo a autoridade, e que reuna dentro de certos limites, todas as faculdades administrativas, fiscaes e judiciaes, á maneira do commandante de um regimento ou do de um navio no mar—.

Não queremos das colonias militares senão a disciplina, a centralisação, e a independencia das autoridades subalternas do paiz.—No mais desejamos que os novos incolas (excepto na fronteira, onde as colonias de *Brasileiros* poderão ser militares) não tivessem armas de fogo, e que se transportassem com suas familias inteiras, e que quando possível fosse maior o numero de pessoas do sexo feminino,—o que seria duplamente vantajoso se o engajamento se fizesse em paizes, onde são as mulheres que mais se dedicam á layoura, &c.—

Mas quem se deve encarregar de engajar os colonos, de pagar-lhes a passagem e de velar pelo seu primeiro estabelecimento?—Já dissemos e aqui o repetimos:—o governo da nação de nenhuma fórma. Quem poderá correr com tudo serão os indivi-

duos que hão de vir a ter mais interesses na prosperidade das colonias, que se hão de formar; em cada uma dellas deve ser o futuro chefe—.

O que pois nos cumpre é conceder, por um determinado numero de annos, todos os privilegios e garantias possiveis, e que não offendam interesses de terceiro, aos que se proponham a fundar no Brasil colonias á sua conta. Sendo pessoas affiançadas, e que dêem garantias de ter com que satisfazer os contratos que façam com os colonos, o paiz só teria a ganhar com admittil-as, sobretudo quando hoje vêmos que se pôdem offerecer concessões independentes da dos vinculos, com a qual formulamos nosso pensamento ao publicar a primeira parte. E não faltam familias nas Canarias, na Irlanda, na Europa toda, que a troca da segurança da subsistencia, para si e seus filhos, vão até ao fim do mundo, sujeitando-se a quaesquer condições. Ou a lei fixe ou não as bases destas, autorise ella o governo para, por si ou seus delegados (isto é, pelos presidentes das provincias ou pelos chefes das missões brasileiras), conceder diploma de *colonizador* a todo o que esteja habilitado para chefe de colonia, sancionando as condições de contrato do mesmo colonizador com a gente que haja engajado, quando razoaveis.

Que concessões, porém, podemos nós offerecer, para que individuos, com alguma fortuna, nos venham a pedir taes cartas de colonizadores?—

Passaremos a apontar as poucas que agora nos occorrem, unicamente para fazer vêr que ha possibilidade de atrahir aquelles, só pelos estímulos que as leis offereçam. Eis algumas concessões que a discussão poderá estender ou reformar:

1.^a—O beneficio do solar gratis, de um lote de terra de primeira qualidade, para dividir por cada 25 individuos que traga, contando as crianças—.

2.^a—O trabalho de um dia da semana de cada colono, por certo numero de annos, em proveito do colonizador, nos lotes que compre á sua custa, ou em suas casas, &c.—

3.^a—O dizimo dos fructos recolhidos nas terras dos colonos, e um fóro correspondente do que possuam, em quanto não paguem ao estado tributo algum—.

4.^a—A autoridade e mando do que fizemos menção—.

Esta independencia de autoridade, para um certo numero de annos, é essencial que se dê; pois que não só o instincto do mando e o gosto por este genero de actividade creadora da idade media, poderão seduzir na Europa alguns proprietarios a passarem ao Brasil, como tambem deverá inspirar mais confiança ao mesmo colonizador, e á gente que nelle se fie, o não virem a ficar sujeitos a autoridades que não conhecessem; ou aos esbirros e beleguins, que são sempre despoticos em paizes pouco povoados, &c.; e isto é tanto mais necessario quanto infelizmente na Europa estamos nesta parte desacreditados.—O governo nomearia para ouvir as queixas dos colonos curadores ou corregedores. Mais tarde até se poderia conceder que o colonizador (que seria um capitão-mór e ao mesmo tempo um juiz do povo) submettesse certos castigos á approvação dos seus tres colonos mais velhos.—Com o fim de proteger a unidade religiosa do imperio, deveria a lei fazer alguma concessão mais aos que preferissem trazer colonos catholicos. Este assumpto é de mais transcendencia politica do que hoje nos querem fazer crer—.

Se tomarmos providencias adequadas, veremos bem de pressa o paiz coberto destas

tribus arregimentadas, as quaes com admiração nossa se organisarão dentro do mesmo territorio do Brasil, onde ora vagueam muitos miseraveis sem occupação—.

São os meios de colonisação da idade media, direis vós... Não o negamos: são esses meios poderosos que no fim de cinco seculos de barbaria anarchica foram os unicos capazes de organizar a sociedade de grande parte da Europa, quando até ali todas as instituições haviam sido precarias e fluctuantes: por meios analogos os reis christãos da Hespanha se livraram das invasões dos Arabes, enquanto não adquiriram forças para os ir rechassando; por iguaes meios os Normandos firmaram o seu dominio na Inglaterra, e a França deixou de ser invadida por barbaros estranhos, como o fóra até o seculo VIII.—Mas de que adoptemos esta medida dos tempos feudaes não se segue que admiremos o feudalismo, não se segue que queiramos fazer do systema uma instituição. É uma medida de necessidade temporaria, e á qual podemos assignar o prazo em que hão de expirar os seus effeitos—.

Não detenhemos em questões de palavras. Deixemos isso para os grammaticos ou para os pedantes. Se queremos de boa fé conseguir os fins, tratemos de pôr os meios.

E ainda quando fizessemos durar um pouco mais esse systema, que males podia elle trazer ao Brasil, uma vez que haja quem se promptifique á sujeição? É demais que é o Brasil, com seus escravos e senhores, senão um paiz archi-feudal, onde nem se quer ha leis em virtude das quaes os servos possam trabalhar por sua manumissão, embora se chamem os suzeranos cidadãos constitucionaes?

Desenganemo-nos: somos uma quasi-republica aristocratica. A monarchia é entre nós um bem, uma garantia liberal, porque suavisava a oligarchia, que é a representação da parte livre da nação: reciprocamente a aristocracia teria de ser no Brasil, como o foi na Inglaterra, a mais segura salvaguarda popular, se para o futuro algum partido levantasse bandeira por instituições ultra-monarchicas.—E' por não entendermos assim as cousas que os partidos entre nós não se definem: é por isso que temos feito tantas leis prejudiciaes ou absurdas, que com sua propria impotencia se assassinam.

Se desejamos sinceramente constituir o imperio, não copiemos as leis europeas de hoje.—Copiemos antes muitas providencias da idade em que nasceu, ou pelos menos se acalentou, a civilisação que avassalla o orbe; estudemos a marcha dos povos da Europa desde o 9.º ao 14.º seculo; pois foi quando se constituíram para durar até agora, as suas varias nacionalidades, e as differentes linguas, com suas litteraturas, &c.—No fuero juzgo e mais leis visigodas, nas capitulares carlovingias, e nos foraes antigos encontraremos mais phylosophia de legislação applicavel ao actual estado do Brasil do que em Filangieri, ou em Rossi, ou em todos os codigos contemporaneos de todas as nações.

A humanidade é a mesma por toda a parte, e por toda a parte necessita marchar a passos lentos para não tropeçar e aleijar-se. Os sertões do Brasil e os habitantes isolados delles estão em tudo como a Europa na idade media, — ou peiores com suas cabildas selvagens de permeio. Terão de pagar o erro de se haverem tanto disseminado, e não se terem ido estendendo pouco a pouco, como os Estados-Unidos, que por isso mesmo não nos pôdem servir para nada de modelo, nem ainda na parte que mantém a escravatura.

Assim, ao passo que rejeitamos a designação de especie de feudalismo para o nosso systema de arregimentar os colonos temporariamente diremos que se julgássemos que o adoptar o proprio feudalismo antigo para os novos colonos que o desejassem, como já existe, e mais duro, para os africanos que o não desejam, era um bem para o Brasil, nenhuma duvida teriamos de tomar a sua defesa, ainda quando não fôssemos ouvidos em virtude das apupadas da multidão. Eis a pintura que nos faz Guizot dessa terrorisada existencia feudal: « A grandeza feudal era accessivel e simples; curta a distancia do vassallo ao suzerano. Estes viviam entre si familiarmente e como camaradas, sem que a superioridade se julgasse illimitada nem a subordinação servil;—quasi necessarios um para outro, havia nisso garantia de reciprocidade de deveres. Dahi essa extensão de vida domestica, essa nobreza de serviços pessoaes, de que nasceu um dos sentimentos mais generosos da idade média— a fidelidade.— » E que diremos ao saber que, agora mesmo que escrevemos estas linhas vemos annunciada uma obra (1) que se acaba de publicar na democratica republica franceza, em que seu autor, Mr. Richard defende a introdução do feudalismo na Argelia, como unico meio de encaminhar essa colonia á civilisação?—As instituições completamente livres, diz ainda Guizot, não se encontram senão ou no berço dos povos ou no periodo mais elevado de sua civilisação, para que a sociedade se desenvolva e cresça, a força tem de dominar as paixões e as ambições impacientes das *influencias* locais que ameaçam invadir a mesma sociedade: a não se querer deixar de ter *liberdade* só pelo esteril gosto de possuir o que se creia instituições mais livres.

Em poucas palavras. Para civilisarmos o Brasil, e fazermos que haja povo brasileiro, necessitamos ir paulatinamente acabando com a escravidão dos africanos, necessitamos prender e avassallar (não escravisar) temporariamente os indios bravos; e necessitamos, enfim, admittir no paiz gente branca voluntariamente arregimentada em grupos. Se adoptamos já tal systema cujas disposições se poderão consignar em um código especial, liquemos descansados que havemos de vir a ter uma população compacta, logo que possamos sahir dessa situação forçada.

E se legislarmos uma circunseripção de provincias mais razoavel e precisa; se pozermos em facil e prompto contacto as do norte com as do sul; e os sertões com o mar, e se não desconsiderarmos a questão da capital poderemos ser uma nação respeitavel.

Da geração actual depende talvez unicamente a sorte desta grande porção da America. Se tomamos providencias adequadas, cresceremos em forças, e chegaremos á virilidade para desempenharmos a missão de que Deus nos julgue dignos.— Se, em vez de madurar, apodrecemos roidos dos vermes, melhor fora acabarmos já de existir, e não pensarmos a vir occupar um lugar menos honroso na historia das nações.

Se o Mexico depois de sua independencia, em vez de querellar inutilmente, tivesse pensado em organizar-se como nação, e em unir-se para debellar o estrangeiro invasor, não teria soffrido, ante o mundo e a posteridade, o vexame e o tributo de guerra que soffreu, e não haveria sido despojado de metade do seu territorio, incluindo a Ca-

(1) De la civilisation du peuple arabe, etc.

lifornia. Não ha força sem união, e não haverá nunca verdadeira união, emquanto não se estabeleça bem a unidade.

Assim nol-o ensina a historia da humanidade; da qual o autor deste escripto, movido pelo patriotismo e auxiliado pela meditação, colheu as idéas que professa, e que graças á imprensa serão a todo o tempo um protesto de que houve quem dissesse ao paiz, em vez de adular-o, muitas verdades amargas; calando ainda algumas que a discricião fez calar.



EXPOSIÇÃO SUCCINTA

DE

UM METHODO DE INTEGRAR EQUAÇÕES DIFFERENCIAES PARCIAES POR INTEGRAES DEFINIDAS.

Em uma memoria sobre a integração das equações differenciaes parciaes, que conjunctamente com outra sobre a theoria do som, se está lithographando desde agosto do anno passado, demonstramos o theorema seguinte :

« Os termos de uma equação differencial parcial linear, de ordem qualquer n e de um numero qualquer de variaveis, de que dependem as suas funcções arbitrarías, são sómente aquelles em que a funcção está differenciada n vezes. »

Assim os termos da equação geral da segunda ordem de tres variaveis

$$P \frac{d^2 z}{dx^2} + Q \frac{d^2 z}{dx dy} + R \frac{d^2 z}{dy^2} + S \frac{dz}{dx} + T \frac{dz}{dy} + U z + V = 0$$

que concorrem para a formação das suas funcções arbitrarías, são sómente

$$P \frac{d^2 z}{dx^2} + Q \frac{d^2 z}{dx dy} + R \frac{d^2 z}{dy^2}$$

em que a funcção z está duas vezes differenciada.

Muitas consequencias pôdem-se deduzir deste theorema.

Em primeiro lugar um methodo de integração de equações differenciaes parciaes, methodo que expozemos na memoria citada, em virtude do qual, tendo de integrar uma equação differencial parcial, procuramos primeiro que tudo as funcções arbitrarías que devem entrar na integral da proposta, e depois procedemos a integração; o que o distingue essencialmente dos outros processos empregados até hoje. O mesmo theorema nos forneceu um methodo de integrar por integraes definidas, que ainda não publicamos, posto que nos sirvamos d'elle desde o fim de 1849, e que vamos aqui succintamente expor.

Mas é principalmente na physica mathematica, que o theorema de que fallo e os methodos de integração que d'elle se deduzem, são uteis. Com effeito, muitas vezes o conhecimento das funcções arbitrarías que devem entrar na integral da equação do problema que se quer resolver, é sufficiente para acharem-se todas as leis geraes do phenomeno que se quer analysar: é o que acontece geralmente na *theoria da propagação do movimento nos meios elasticos*; questão de uma vasta extensão, e que comprehendendo toda a optica e grande parte da acustica. Ora, em toda a questão de propagação de movimento os methodos de que faço uso na memoria citada sobre o som são decisivos.

Demos um exemplo.

Sendo

$$pdx + qdy + rdz$$

diferencial exacta, a formula

$$\left. \begin{aligned} \frac{d^2 \varphi}{dt^2} &= a^2 \left(\frac{d^2 \varphi}{dx^2} + \frac{d^2 \varphi}{dy^2} + \frac{d^2 \varphi}{dz^2} \right) \\ &- \frac{dV}{dx} \frac{d\varphi}{dx} - \frac{dV}{dy} \frac{d\varphi}{dy} - \frac{dV}{dz} \frac{d\varphi}{dz} \end{aligned} \right\} \text{(A)}$$

em que V é funcção de forças acceleratrizes designada por

$$dV = X dx + Y dy + Z dz,$$

X, Y, Z sendo as componentes segundo os eixos coordenadas, contém toda a theoria dos movimentos vibratorios dos fluidos elasticos (*V. Lagrange. Mechanica Analytica*).

As suas funcções arbitrarías são as mesmas que as da equação

$$\frac{d^2 \varphi}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2 \varphi}{dx^2} + \frac{d^2 \varphi}{dy^2} + \frac{d^2 \varphi}{dz^2} \right); \text{(B)}$$

que se compõe unicamente dos termos da segunda ordem da proposta (A). Ora, a integral da equação (B) sendo (*Poisson. Novas Memorias da Academia das Sciencias t. III*)

$$\begin{aligned} \varphi &= \int_0^\pi \int_0^\pi \int_0^\pi f(\varphi + at \cos. u, y + at \text{sen. } u \text{ sen. } v, z + at \text{sen. } u \cos. v) t \text{sen. } u \, du \, dv \\ &+ \frac{d}{dt} \int_0^\pi \int_0^\pi \int_0^\pi F(\varphi + at \cos. u, y + at \text{sen. } u \text{ sen. } v, z + at \text{sen. } u \cos. v) t \text{sen. } u \, du \, dv, \end{aligned} \text{(C)}$$

a da equação (A) é

$$\begin{aligned} \varphi &= Xf + X_1 f^I + X_2 f^{II} + X_3 f^{III} + \&c. \\ &+ YF + Y_1 F^I + Y_2 F^{II} + Y_3 F^{III} + \&c. \end{aligned} \text{(D)}$$

escrevendo, para maior simplicidade, f e F em lugar das duas integraes definidas que entram na formula (C);

$$f^I, f^{II}, f^{III}, \&c.$$

$$F^I, F^{II}, F^{III}, \&c.$$

são derivadas respectivas de f e F;

$$X, X_1, X_2 \&c.; Y, Y_1, Y_2 \&c.$$

são funcções quaesquer das variaveis independentes.

Na integral em serie (D) as funcções arbitrarías não estão desenvolvidas, e em virtude do theorema citado, e baseado em considerações assás simples, deduzimos as leis da propagação do movimento com muita facilidade dessa equação. Fazendo a mesma cousa sobre as formulas que dão a propagação do movimento nos corpos solidos elasticos (*V. as Novas Memorias da Academia das Sciencias, Navier t. VII. e Poisson t. VIII*) e tomando as formulas as mais geraes do movimento dos fluidos, achamos o theorema seguinte, que se póde considerar como uma lei da natureza. « A propagação do movimento nos meios elasticos é inteiramente independente das forças acceleratrizes (suppondo as funcções quaesquer das coordenadas) que sollicitam as moleculas dos mesmos meios. »

O theorema citado no principio deste artigo suppõe que por entre os termos da ordem n a funcção esteja diferenciada em relação a todas as variaveis: se isto não acontecer, e se por entre os termos dessa ordem não se achar uma das variaveis, t , por exemplo, é necessario recorrer aos coefficients differenciaes de ordem immediatamente inferior, e tomar nessa ordem os coefficients differenciaes relativos ás variaveis que faltarem na ordem superior. Assim as funcções arbitrarías da equação

$$\frac{dz}{dt} = a^2 \frac{d^2 z}{dx^2} + P \frac{dz}{dx} + Qz$$

são as mesmas que as da equação

$$\frac{dz}{dt} = a^2 \frac{d^2 z}{dx^2}$$

Nos numeros seguintes desta revista iremos dando extractos das duas memorias de que fallámos.

Agora tratemos do methodo de integração, que já o anno passado expozemos aos alumnos do segundo anno da escola militar.

Para maior clareza vamos explical-o tomando a equação particular

$$\frac{d^2 z}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2 z}{dx^2} - \frac{mz}{x^2} \right), \quad (1)$$

que foi integrada por Poisson; e nosso resultado, concordando com o d'elle, mostra a *posteriori* a exactidão do processo de que nos servimos.

Pelo theorema que enunciamos no principio, a equação

$$\frac{d^2 z}{dt^2} = a^2 \frac{d^2 z}{dx^2} \quad (2)$$

tem as mesmas funcções arbitrarías que a equação (1) *. Ora, a sua integral, bem conhecida, sendo

$$z = \psi(x + at) + \varphi(x - at) \quad (3)$$

a da equação (1), que tem as mesmas funcções arbitrarías, será dada pela formula

$$z = \alpha \psi(x + at) + \alpha_1 \psi'(x + at) + \alpha_2 \psi''(x + at) + \&c. \\ + \beta \varphi(x - at) + \beta_1 \varphi'(x - at) + \beta_2 \varphi''(x - at) + \&c. \quad (4)$$

em que

$$\alpha, \alpha_1, \alpha_2, \&c. \quad \beta, \beta_1, \beta_2, \&c.$$

são funcções quaesquer de x e t a determinar; formula que tem toda a generalidade possivel. É essencial notar que nas series (4) as funcções arbitrarías ψ e φ não estão desenvolvidas, o que as torna muito uteis nas applicações. Mas como queremos agora obter integraes finitas, escrevemos as da equação proposta assim

$$z = \int_0^\pi f(x, t, \omega) \psi(x \cos. \omega + at) d\omega + \int_0^\pi F(x, t, \omega) \varphi(x \cos. \omega + at) d\omega \quad (6)$$

f e F são funcções que vamos determinar. Attendendo a equação (3) e aos limites da integração, é facil vêr porque estabelecemos a equação (6).

* Na nossa Memoria damos meios de determinar as funcções arbitrarías das equações differenciaes. Quando ellas são da segunda ordem e de tres variaveis o problema é facil bastante, nos outros casos muito mais simples que o da integração.

Se a equação a integrar fosse

$$\frac{d^2 z}{dx^2} + P \frac{dz}{dx dt} + Q \frac{d^2 z}{dt^2} + R \frac{dz}{dt} + S \frac{dz}{dx} + T z = 0,$$

e suas funções arbitrárias

$$\psi [\chi (x, t) + \chi_1 (x, t)], \varphi [\chi_2 (x, t) + \chi_3 (x, t)],$$

a sua integral podia ser escripta assim

$$z = \int_0^\pi f(x, t, \omega) \psi [\chi(x, t) \cos. \omega + \chi_1(x, t)] d\omega \\ + \int_0^\pi F(x, t, \omega) \varphi [\chi_2(x, t) \cos. \omega + \chi_3(x, t)] d\omega;$$

ou assim

$$z = \int_{-1}^1 f(x, t, \omega) \psi [\chi(x, t) \omega^2 + \chi_1(x, t)] d\omega \\ + \int_{-1}^1 F(x, t, \omega) \varphi [\chi_2(x, t) \omega^2 + \chi_3(x, t)] d\omega;$$

f e F sendo funções, que depois se determinam.

Consideremos uma das integraes particulares da proposta, dada pela formula (6) e para commodidade do calculo escrevamos-a assim

$$z = \int_0^\pi X \operatorname{sen}^h \omega \psi(x \cos. \omega + at) d\omega$$

Attendendo aos coefficients da equação proposta e as quantidades que entram nas funções arbitrárias, é facil ver que X não deve ser função de t. Substituindo nessa supposição o valor de z na formula (1), tem-se, depois de uma pequena redução,

$$0 = - \int_0^\pi X \operatorname{sen}^{h+2} \omega \psi''(x \cos. \omega + at) d\omega + 2 \int_0^\pi \frac{dX}{dx} \operatorname{sen}^h \omega \cos. \omega \psi'(x \cos. \omega + at) d\omega \\ + \int_0^\pi \frac{d^2 X}{dx^2} \operatorname{sen}^h \omega \psi(x \cos. \omega + at) d\omega - \frac{m}{x^2} \int_0^\pi X \operatorname{sen}^h \omega \psi(x \cos. \omega + at) d\omega$$

Integrando por partes relativamente a função ψ , a formula precedente reduz-se a esta

$$0 = \int_0^\pi \left(- \frac{1}{x^2} \frac{d \left(\frac{X \operatorname{sen}^{h+1} \omega}{\operatorname{sen.} \omega d \omega} \right)}{d \omega} + \frac{2}{x} \frac{d \left(\frac{dX}{dx} \operatorname{sen}^{h-1} \omega \cos. \omega \right)}{d \omega} + \frac{d^2 X}{dx^2} \operatorname{sen}^h \omega - \right. \\ \left. \frac{m}{x^2} X \operatorname{sen}^h \omega \right) \psi(x \cos. \omega + at) d\omega \\ + \frac{X}{x} \operatorname{sen}^{h+1} \omega \psi'(x \cos. \omega + at) + \left(\frac{d(X \operatorname{sen}^{h+1} \omega)}{\varphi^2 \operatorname{sen} \omega d \omega} - \frac{2}{x^2} \frac{dX}{dx} \operatorname{sen}^{h-1} \omega \cos. \omega \right) \\ \psi(x \cos. \omega + at) \quad (7)$$

A parte que não está affecta do signal de integração deve ser tomada entre os limites da integral. A função ψ sendo arbitrária, é claro que ter-se-ha em primeiro lugar a equação

$$- \frac{1}{x^2} \frac{d \left(\frac{X \operatorname{sen}^{h+1} \omega}{\operatorname{sen.} \omega d \omega} \right)}{d \omega} + \frac{2}{x} \frac{d \left(\frac{dX}{dx} \operatorname{sen}^{h-1} \omega \cos. \omega \right)}{d \omega} + \frac{d^2 X}{dx^2} \operatorname{sen}^h \omega \\ - \frac{m}{x^2} X \operatorname{sen}^h \omega = 0, \quad (8)$$

que serve para determinar X, em segundo lugar

$$\left. \begin{aligned} \frac{d. (X \operatorname{sen}^{h+1} \omega)}{\varphi^2 \operatorname{sen} \omega d \omega} - \frac{2}{x^2} \frac{dX}{dx} \operatorname{sen}^{h-1} \omega \cos \omega = 0, \\ \frac{X}{x} \operatorname{sen}^{h+1} \omega = 0 \end{aligned} \right\} (9)$$

nas quaes deve-se pôr em lugar de ω os valores que essa variavel recebe nos limites da integração.

A equação (8), que deve dar o valor de X, parece mais complicado que a proposta, porém é muito mais simples, porque, estando as funcções arbitrarías determinadas, não é necessario integral-a, basta achar um valor para X que a satisfaça, porém que seja tal que as equações (9) fiquem tambem satisfeitas.

É facil satisfazer a todas essas equações. A equação (8) sendo tal que x existe unicamente em factores da fórmula

$$\varphi^n \frac{d^n X}{dx^n}$$

que existem em todos os termos, X deve ser da forma $x^k y$, y sendo considerado unicamente como funcção de ω . A equação (8) reduz-se então a esta

$$\begin{aligned} - \left(\frac{d^2 Y}{d\omega^2} \operatorname{sen}^h \omega + (2m+1) \frac{dY}{d\omega} \operatorname{sen}^{h-1} \omega \cos \omega + (m^2-1) Y \operatorname{sen}^{h-2} \omega - m(m+1) Y \operatorname{sen}^h \omega \right) \\ + 2 \left(k \frac{dy}{d\omega} \operatorname{sen}^{h-1} \omega \cos \omega + (m-1) k Y \operatorname{sen}^{h-2} \omega - m Y \operatorname{sen}^h \omega \right) \\ + k(k-1) \operatorname{sen}^h \omega Y - m \operatorname{sen}^h \omega Y = 0 \end{aligned}$$

Como os coefficients dos termos em que Y não está diferenciado sómente contém senos de ω , ou elevados a h ou a h-z, podemos suppor Y constante e igualar a zero os coefficients de $\operatorname{sen}^h \omega$ e $\operatorname{sen}^{h-2} \omega$, o que é permitido fazer, havendo duas indeterminadas h e k.

Essas equações são

$$-(h^2-1) + 2k(h-1) = 0, \quad h(h+1) - 2kh + k(k-1) - m = 0;$$

ou

$$h = 2k - 1, \quad k(k-1) - m = 0. \quad (10)$$

As equações (9) reduzem-se a estas

$$\operatorname{sen}^{h-1} \omega \cos \omega (h+1-2k) = 0, \quad \operatorname{sen}^{h+1} \omega = 0.$$

A primeira equação (10) torna a primeira identica, e a segunda fica satisfeita quando

$$h+1 > 0;$$

o que exige que k seja positivo.

Chamando k', k'' as duas raizes da ultima equação (10), a integral da equação proposta será então

$$\begin{aligned} z = \varphi^{k'} \int_0^\pi \operatorname{sen}^{2k'-1} \omega \psi(x \cos \omega + at) d\omega \\ + \varphi^{k''} \int_0^\pi \operatorname{sen}^{2k''-1} \omega \varphi(x \cos \omega + at) d\omega, \end{aligned}$$

quando k', k'' forem positivos.

Esta integral concorda com a que deu Poisson (*V. Jornaes da Escola Politecnica t. XII*).

As formulas

$$\frac{d^2 z}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2 z}{dx^2} + \frac{b}{x} \frac{dz}{dx} + \frac{c}{x^2} z \right)$$

$$\frac{d^n z}{dt^n} = a^2 \left(\frac{d^n z}{dx^n} + \frac{b}{x} \frac{d^{n-1} z}{dx^{n-1}} + \frac{c}{x^2} \frac{d^{n-2} z}{dx^{n-2}} \dots + \frac{t}{x^n} z \right)$$

integram-se com muita facilidade e da mesma maneira, sempre applicando o processo geral.

Digamos ainda alguma coisa sobre a equação

$$\frac{dz}{dt} = a^2 \left(\frac{d^2 z}{dx^2} - \frac{mz}{x^2} \right), \quad (11)$$

cujas funcções arbitrarías são as mesmas que as da equação

$$\frac{dz}{dt} = a^2 \frac{d^2 z}{dx^2},$$

cuja integral é

$$z = \int_{-\infty}^{\infty} \psi(x + 2a\theta\sqrt{t}) e^{-\theta^2} d\theta.$$

A da proposta então é da forma

$$z = \int_0^\pi X d\omega \int_{-\infty}^{\infty} \psi(x \cos. \omega + 2a\theta\sqrt{t}) e^{-\theta^2} d\theta \\ + \int_0^\pi X, d\omega \int_{-\infty}^{\infty} \varphi(x \cos. \omega + 2a\theta\sqrt{t}) e^{-\theta^2} d\theta,$$

X e X, sendo funcção de x, t e ω a determinar.

Uma marcha inteiramente analogá á precedente conduz-nos a integral seguinte

$$z = \varphi^{k^i} \int_{-\infty}^{\infty} \int_0^\pi \psi(x \cos. \omega + 2a\theta\sqrt{t}) \text{sen}^{2k^i-1} \omega e^{-\theta^2} d\theta d\omega \\ + \varphi^{k^{ii}} \int_{-\infty}^{\infty} \int_0^\pi \varphi(x \cos. \omega + 2a\theta\sqrt{t}) \text{sen}^{2k^{ii}-1} \omega e^{-\theta^2} d\theta d\omega,$$

que ainda concorda com a que foi dada pelo illustre geometra de que fallámos, e que elle obteve por considerações particulares (*V. Théorie de la Chaleur; Journal de l'École Polytechnique t. XII*).

O methodo precedente pôde-se applicar a equações de ordem qualquer, e de um numero qualquer de variaveis e mesmo as simultaneas.

Apoiado na bella formula de *Fourier* o methodo precedente pôde-se expor de outra maneira, que conduz muitas vezes a resultados mais simples.



NOTÍCIAS DIVERSAS.

O illustre francez o Snr. Augusto de S. Hilaire escreve de *Paris* a um de nossos collaboradores accusando a recepção do *Guanabara*, e animando-nos com palavras sobre-modo lisongeiras: depois de algumas expressões muito obsequiosas, o sabio viajante prosegue dizendo: « *Eu quiz provar aos botanistas europeus, que sua sciencia não está em abandono no novo mundo; e fiz reproduzir nos nossos— Annaes das Sciencias Naturaes— a descripção publicada pelo Snr. Freire Allemão (1.º numero do Guanabara) tendo o cuidado de traduzir todas as observações. Faço votos para que o Guanabara obtenha, como merece, o favor do publico, e se vós e os outros redactores tiverem por qualquer maneira necessidade de meus fracos serviços eu os ponho inteiramente a vossa disposição.* »

O apreço, que faz do nosso jornal um homem de tão alta reputação, como o Snr. Augusto de S. Hilaire é já uma recompensa de nossas fadigas, e os redactores e collaboradores do *Guanabara* cordialmente a agradecem.

NOVO METHODO DE PREPARAR O OXYGENEO EM GRANDE QUANTIDADE.

Boussingault conseguiu ultimamente extrahir o oxygeno do ar atmosferico por meio de um processo continuo. Sorviu-se para este fim da propriedade que a baryta caustica tem absorver oxygeno quando elevada á incandescencia vermelha, passando então a bioxydo de baryo, o qual levado a incandescencia branca desprende o seu segundo equivalente de oxygeno.

O processo baseado nestes principios; é o seguinte:—Deposita-se n'um cylindro de barro vidrado uma porção de baryta caustica em pedaços, aquece-se este cylindro até o seu conteudo ficar vermelho, deixa-se-o então atravessar por uma corrente de ar atmosferico secco, no fim de algum tempo a baryta se satura de oxygeno, e tendo chegado a este ponto fecham-se todas as communicações do cylindro, deixando só uma que conduza a um gazometro, regulando então o fogo de modo que o cylindro fique branco, desprende-se o oxygeno absorvido, e o bioxydo de baryo passa rapidamente a baryta, diminuindo o fogo, interceptando a communicação com o gazometro e fazendo passar novamente uma corrente de ar atmosferico pela baryta esta prende nova quantidade de oxygeno o qual se obtem pelo methodo indicado.

Assim podemos obter sempre com a mesma porção de baryta grandes quantidades de oxygeno, perfeitamente puro se tivermos o cuidado de fazer com que o ar atmosferico empregado atravessasse uma solução de potassa e uma camada de chlorureto de calcio, para subtrahir-lhe o acido carbonico e a humidade que possa conter. Cumpre ainda notar que a baryta não deve ser hydratada, nem conter silica, pois do contrario ella funde-se, o que diminue muito a sua afinidade para o oxygeno.

Este processo foi tambem ensaiado ha dias na escola militar e deu resultados muito satisfactorios. A quantidade de oxygeno que se póde facilmente obter é de 4 palmos cubicos por cada libra de baryta: em uma hora pódem-se fazer duas operações para esta pequena quantidade de baryta.

Nos processos metallurgicos empregamos como comburente o ar atmosferico, do

qual só a quinta parte do volume produz calorico, o resto só o consome, e por tanto é nocivo. Já de ha muito que se tencionava empregar oxygeno puro, porém os meios de obtel-o eram muito dispendiosos, hoje porém acha-se resolvida esta difficuldade, e então podemos obter nos nossos fornos temperaturas sufficientes para fundir a platina, o que até agora só se conseguiu no maçarico de gaz.

MELHORAMENTOS NO FABRICO DO ASSUCAR.

A analyse feita sobre as canas de assucar tem mostrado que ellas contém 88 ou 90 partes de caldo, e 12 a 10 de materia solida. Com as moendas cylindricas só se tem conseguido extrahir 60 0/0 termo medio do caldo, ficando o resto no bagaço. O Snr. Bessemer mandou para a exposição de Londres um novo aparelho por meio do qual elle conseguiu extrahir quasi todo o caldo, facto demonstrado por experiencias que lá mesmo se fizeram com canas mandadas vir da ilha da Madeira. Consiste este aparelho em um tubo de metal collocado horisontalmente, com secção rectangular cujas paredes são crivadas de furos que servem para dar sahida ao caldo; na sua parte superior tem a igual distancia do centro duas aberturas, nas quaes desenhocam cestos de ferro que recebem as canas; dentro d'este tubo move-se longitudinalmente uma peça metallica solida, movida directamente pelo embolo de um cylindro de vapor; esta peça vai cortando as canas que pelo seu proprio peso cahem dentro do tubo, em pedaços de um palmo. Estes pedaços são fortemente comprimidos por essa mesma peça metallica, e empurrados para as extremidades do tubo donde são lançados fóra quando o succo está inteiramente extrahido.

Consta-nos que o Snr. Bessemer, pedio privilegio ao nosso governo para introduzir entre nós a sua invenção, compromettendo-se elle a estabelecer a sua custa quatro aparelhos no Imperio como prova das vantagens da sua descoberta. Consta-nos tambem que está encarregado pelo Snr. Bessemer de apresentar o seu requerimento, o Snr. Dr. Guilherme de Capanema, lente da escola militar.

O ALBUM SEMANAL.

No dia 2 de novembro appareceu esta nova publicação litteraria, notavel pela curta introdução que adoea o seu frontispicio. Temos um gosto especial em transcrever no 11.º numero do *Guanabara* o contendo da briosa intenção dos Snrs. Redactores do *Album*, para que os nossos leitores conheçam o estado actual da imprensa litteraria.

• A falta de uma publicação litteraria se faz sentir n'uma sociedade tão illustrada como a nossa: é uma necessidade geral reconhecida por todos.

Infelizmente ainda não despertou no pensamento dos nossos homens de letras uma resolução firme em satisfazel-o: não é insufficiencia, mas sim falta de vontade a causa deste facto, que cumpre dizer, é para lamentar na historia do nosso progresso moral.

Compenetrando-se desta idéa o — *Album Semanal* — apparece á luz, como mais um ensaio tentado neste genero de publicações.

O seu empenho é acordar do lethargo em que dormitam tantas intelligencias esperançosas, que por ali vegeiam e se consomem n'uma esteril indifferença.

Não se limitarão porém só a isto os seus esforços; trabalhará, quanto lhe fôr possível, para garantir aos leitores as condições do seu *Prospecto*.

Alguns nomes illustres e respeitaveis se acham já alistados em suas columnas. Outros virão em breve; e se conseguirmos a protecção do publico, estamos certos de que se hão de realisar com exito todas as nossas esperanças.

Fazemos votos para que não seja de máu agouro para o *Album Semanal* o haver apparecido em dia de finados.

OS PALMARES

FRAGMENTOS DE UM POEMA.

ZUMBI.

NARRAÇÃO DA FUNDAÇÃO DA REPUBLICA DE PALMARES.

Prompto a deixar a rustica palhoça
Em que vira nascer seus caros filhos,
Nagò, que o nome lhe recorda a patria,
Estas tristes idéas revolvia
Na mente afflicta, como alimentando
A inspiração da barbara vingança
Que o vinha attentar do negro inferno:

« Recostado ao machado que derriba
O grosso tronco de elevada copa,
Que zomba do furor da tempestade,
Que vê de em torno a si cair o raio,
Ardia-me a cabeça em vivas chammas
E da face o suor cahia em bagas;
Tinha lassos, cançados estes braços
Do longo derribar, porém em premio
Via contente pelo chão rojados
Os gigantes do ermo que na quéda
Semelhavam o arruido da tormenta.
Era já posto o sol; e amena e grata
A viração da tarde murmurava
Entre as folhas murchadas, ressequidas
Das arvores do monte derribadas,
Como um bafo de vida, que em vão passa
Pelas lividas faces do que morre
Sorrindo-lhe a frescura da existencia;
Lá repousando como que aguardava
Ganhar perdida força aos debeis membros,
Ah só não repousava a alma que vinha
Sentar-se na *senzala*, entre os filhinhos,
Entre os braços da esposa! E errantes olhos

D'entorno ao tecto da palhoça escura
 Procurava a consorte entre os seus filhos;
 Lá se entretinham elles em corridas,
 Em breves luctas, porém ella? . . . Embalde
 Resoara a *bosina* da fazenda,
 Tão grato ao escravo, que ao repouso o chama.

« Ah! ella estava lá! . . . Lá entre as sedas,
 Lá entre os trastes de lavor custoso,
 Lá onde sôa o bandolim e o cravo
 Oppostos á *marimba* da *senzala*,
 Rude porém mais cara ao triste negro!
 Lá entre essa riqueza, que nos peza
 Sobre os cançados membros que gotejam
 De dia em dia esse suor que nutre
 O gozo e a existencia e o proprio vicio
 Do barbaro senhor! Lá sim, lá mesmo
 Entre os seus braços, que nos roubam tudo!

« Ah! elle mesmo deu-m'a para esposa,
 E tinha o sacerdote nos ligado
 Até a morte, mais benigna qu'elle,
 Que pelo imperio de seu « mando e quero »
 Póde mais do que ella e que a justiça.

« Já dos tenros filhinhos rodeado,
 Sentado á porta da infernal *senzala*,
 Tinha no chão o meu machado e os olhos
 Nelle cravados, que me scintillavam
 De raiva e de furor, e a sobresaltos
 Me palpitava o coração no peito,
 E a razão se perdia em labyrintho
 De idéas sobre idéas, que se embatem
 E se repulsam, como ousadas ondas.

« O escravo é vil! . . . A condição degrada-o;
 A ignorancia fatal, que o embrutece,
 Consente que grilhões lhe algemem pulsos;
 Avesa-se a servir, e serve e ri-se
 Entre o zunir do latego terrivel,
 Sem mais futuro, que esperar a morte;
 E tange, — sem chorar — o instrumento
 Que aprendera o tanger do pai e amigo
 Sem mais lembrar-lhe a terra em que nascera.

« Quem o culpado? O que nascido activo
 Que manda para ser obedecido
 Que ordena quando pede, ou a que triste
 Tem só por condição servir, prestar-se
 Até a mais injusta e cruel ordem?
 Ambos!— Si o seu amor não fôra falso
 Seria-me fiel até a morte! . . .
 Ambos!— E o meu machado ante meus olhos
 Indica-me a vingança. . . mas no entanto
 O coração palpita-me n'esta hora
 De encontro ao coração do tenro filho,
 — Primeiro fructo do consorcio infausto.

« Não! O escravo não tem mulher nem filhos!
 Raça de servos, somos como gado,
 Reproduzimos para dar escravos!
 — Para mais complicar a nossa sorte,
 — Para chorar o nosso fado e o fado
 De nossos filhos, que de nós co'a vida
 A escravidão só tem até a morte.
 Si nós o peso de ouro conseguimos
 Romper os ferros, libertando a vida,
 Que pesar não será o adeus ouvindo
 Dos ternos filhos que captivos ficam!
 Oh Africa! Porque a mão do Eterno
 Sobre ti ha pesado assim tão dura!
 Oh maldição a esse que primeiro
 Cortando as ondas aportou-te as praias
 Para nos transportar a ingrata terra
 Da servidão, peor, peor mil vezes
 Que a sorte que aguardava o prisioneiro
 No banquete fatal, que coroava
 A victoria dos Reis; ao menos d'homem
 Era o morrer, não transmittindo aos filhos
 A vida sem seus bens mas com seus males.

« Infiel, ficará teu crime impune?
 Trahido e sem vingar-me?— Que justiça
 Posso eu ter si o juiz em réo tornou-se?
 Si o réo me julgará si ousou queixar-me?
 Que vingança tomar, si a furia expostos
 Ficam-me os filhos, que innocentes paguem
 A vingança cruel, que inspira o inferno,
 Justiça para mim, crime p'ra elle?! . . .

« Pois bem ; o céu me vingue ! A' Deus eu peço
 Atroz vingança á affronta do consorte !
 Conceba a infame do senhor, que a goza,
 Um monstro que fatal aos brancos seja,
 Movendo entre elles nunca vista guerra :
 D'elles me vingue o seu e o meu sangue !

« — Meus filhos ! Somos livres ! . . . A' Palmares !
 Perdeis a mãe, ganhaes a liberdade !
 Lá— fonte de mel, de leite fonte —
 Nova Africa, feliz, mais venturosa
 Maldicta inda não foi do Padre Eterno ! »

Disse, e tomando os filhos pelos braços
 Por entre as selvas desaparecera ;
 E lá, entre as palmeiras, deu começo
 A colonia fatal dos Africanos,
 Que incremento ganhou, enquanto o fructo
 Do infausto amor da esposa ia crescendo :
 Ovi-lhe o céu, que o protegeu na fuga
 E a vida dilatou-lhe porque visse
 A pedida vingança satisfeita :
 Acclamado Zumbi, eil-o que escuta
 Já no leito da morte, entre seus filhos
 Longinquos sons da irada artilheria !

Succumbiu Portocalvo ! Inermes velhos,
 Frageis mulheres, criancinhas debeis,
 Tropeçando em ruinas e destroços,
 Calcando mortos, de pavor tranzidos,
 Entre nuvem de pó, de fogo e fumo
 « Calabar ! Calabar ! » dizendo fogem.

CANTO DE DANA EMBALANDO SEU FILHINHO DURANTE O CERCO DE PALMARES
 POR OCCASIÃO DE SEREM AS TRINCHEIRAS ATACADAS.

Entre verdes penhascos, que eriçam
 Verdes margens de doce pendor,
 Tombam aguas e alli se espreguiçam
 N'um remanso que é praso de amor.

E dous troncos seus ramos cruzando
Formam tecto de verde setim,
E o guará pelas aguas roçando
Mostra as pennas de vivo carmim.

E ao sussurro das ondas,— que descem,
— Que se quebram com grato fragor,
— Que n'um lago repousam,— esmorecem,
Unem aves o canto de amor.

Oh ! alli tinha Dana (1) a sua rêde
Preso aos troncos de lindo cocar (2),
N'ella o filho— a quem a aura concede
Brando somno no brando embalar.

Elle dorme— e tão meigo e risonho !
E' que sonha com cousas dos céos !
Mas quem sabe qual seja o seu sonho ?
Nem o sonho o que seja ?— Só Deus !

E a mãe— tão gentil e tão lhana,
Goza a patria na imagem fiel ;
Goza as scenas, que a terra africana
Lhe relembram sem pena cruel.

Porém elle — o consorte — qu'è d'elle ?
Leva os olhos por vales sem fim . . .
Eil-o lá na trincheira !— E' aquelle
Negro vulto de aspecto ruim.

E ao susurro das ondas— que descem,
— Que se quebram com grato fragor,
— Que n'um lago repousam,— esmorecem,
Unem aves o canto de amor.

Une aos cantos das aves o canto
Terna Dana seu filho a embalar ;
E essa voz toda cheia de encanto
Vai a briza ao guerreiro levar :

« Feliz quem doces ares
Nos bosques de Palmares

(1) Claudiana, por corrupção ou abreviação Dana.

(2) Palmeiras.

Nascendo respirou ;
 Na terra americana,
 Distante da africana,
 Captivo não ficou.

« O céo bem favorece
 A quem jámais conhece
 No captiveiro o amor ;
 Contente vê a morte
 A terminar-lhe a sorte,
 Dar fim a sua dôr.

« Ao menos sobre a terra
 Que os ossos seus encerra
 Não deixa um filho seu ;
 Sômente o senhor chora,
 Chora, porque deplora
 O ouro que perdeu !

« Oh fructo tão querido,
 De mim triste nascido,
 Mas não de meu amor,
 O pai, que o ser te déra,
 Oh céos ! oh céos ! Só era
 Meu barbaro senhor !

« E ainda assim criei-te,
 Porém todo o meu leite
 O monstro te roubou ;
 Roubou-te meus carinhos,
 Roubou-te meus beijinhos,
 Ai tudo te faltou !

« Á fome perceste,
 Nos braços me morreste,
 Meu ser todo soffreu !
 E d'altiva senhora
 A filha mais vigora,
 Nutrindo-a o sangue meu.

« Senhor ! Ah Tu que És dono
 De tudo, no Teu Throno
 Fizeste-o ajoelhar ;
 Eu vio-o no meu sonho
 Com ar doce e risonho
 Por mim lá te implorar !

« E agora qu'este é nado,
 E em puro amor gerado,
 Ah deixa-o ser feliz!
 E assim livre vivendo,
 E assim livre morrendo,
 A mãe só te bem-diz! »

Porém elle— o esposo— qu'é d'elle?
 Leva os olhos por vales sem fim...
 Eil-o lá na trincheira! E' aquelle
 Negro vulto de aspecto ruim.

E mais longe, que mal apparece,
 Grupo de homens— mil homens e mil!
 O que querem?— Infeliz!— Nem conheço
 A attitude que tomam hostile!

— Elles vêm captivar os teus filhos!...
 — Elles vêm tuas casas queimar!...
 — Elles vêm, elles vêm por tres trilhos
 As trincheiras agora escalar.

Dorme o filho— na rêde— risonho,
 E que sonha com cousas dos céos;
 Mas que grito que solta medonho?...
 Quem-n'ô acorda?— Mysterio de Deus!

CONJURAÇÃO DOS NEGROS CAPTIVOS DE PALMARES REUNIDOS NA GRUTA
 DOS FANTASMAS.

Era noite e na gruta dos fantasmas,
 Onde se cre vagar almas de mortos
 Que esperam, ancoam vingadora dextra
 Que rompa os laços que as retêm na terra
 Os seus manes vingando, lá na encosta
 De um monte, cuja entrada ensombram troncos
 De basta copa que o pavor augmentam,
 Morada certa de agoureiras aves
 Que ali piando seus agouros soltam,
 Ardia presa aos abrazados restos
 De carcomidos lenhos densa chamma

Que das pardas paredes criçadas
 Reflectia sinistra, e em torno a ella
 Sentados os captivos de Palmares.
 Qual junto ao lar da suspirada patria,
 Era-lhes grato o seu calor ; e ás tristes,
 Reconditas abobadas mandavam
 No môrno bafo o fumo dos cachimbos,
 Suave lenitivo do proscripto,
 Habito doce de paterna herança.

Era noite e Palmares repousava
 Nos braços do silencio e do repouso;
 Só nas trincheiras vigiava o bravo
 Por sua segurança e liberdade ;
 Só nas trincheiras, que distantes ficam
 Se ouvia o grito que dizia : « Alerta ! »

Era noite e os captivos reunidos,
 Longe do tecto aonde o captiveiro
 Mal lhes concede mesurado somno,
 No solitario asylo que escolheram
 Da erva gruta, attentos escutavam
 O astuto Cabundá. Membrudo e forte,
 Elle sómente em pé, seu negro vulto
 Horrendo, seminú, como um gigante
 Aos seus se afigurava, e a intensa chamma
 Reflectia de seus brilhantes olhos.

« — Meus irmãos, disse elle suspirando,
 Eis-nos aqui no meio d'esta gruta
 Onde dizem vagar almas de mortos
 Ainda sequiosas de vingança ;
 Propicio ó o lugar, propicia a hora
 Ao intento que aqui nos tem reunidos;
 Palmares vai cair ; do céu o raio
 Já não pôde tardar por mão dos homens !
 A nós cumpre vingar o captiveiro
 A que esses irmãos nos condemnaram,
 Negros como nós somos, e tão duros
 Como jámais connosco os brancos foram.

« Ah eu vivo no opprobrio, sim, no opprobrio
 Vivemos todos nós, que escravos somos
 De quem somos irmãos. Ah por ventura
 Já não fomos felizes e ditosos ?

Eu choro o meu antigo captiveiro,
 Suspiro ainda pelos doces dias
 Da *senzala*, onde tinha nos meus braços
 Minha mulher, meus filhos innocentes,
 Ah só durante o dia eu era escravo,
 E meu senhor contente se mostrava
 Quando de meu trabalho dava conta ;
 A noite era eu feliz ; livre e hem livre
 Sentado junto ao fogo da palhoça
 Tangia na marimba ; as criancinhas
 Rindo e folgando em torno a mim dansavam.
 Roubado a meu senhor com a minha esposa,
 Trazidos a Palmares, separados,
 Ella folgou de achar novo marido,
 E eu tive em premio duro captiveiro
 E escravo sou de miseros escravos !
 A perfida mulher hoje acarinha
 Meu supposto senhor ! Ah quantas vezes
 Vêm o demonio da cruel vingança
 Me tentar, me impellir talvez a um crime
 Si crime fôra lhes tirar a vida !
 Quantas vezes nas minhas mãos apoio
 Esta cabeça ardente toda cheia
 Da vingança cruel que inspira o inferno !
 Quem retem o meu golpe?— Deus o sabe !
 Posso não ser feliz ; eis o que temo.

« Não vêdes junto a igreja, alçado a um poste
 O resequido craneo que se volta
 Da brisa ao sopro funebre rangendo?
 Não vêdes como a noite o craneo é negro?
 Espessa grenha o cobre e lá voltada
 P'ra o paço de Zumbi olhares vibra
 De ameaço e terror que o medo incutem?
 Eu vi essa cabeça ensanguentada
 Do corpo separar-se a um só golpe
 Do machado fatal que o algoz alçando
 A vida lhe cortou p'ra todo o sempre ;
 Rolou no cadafalso e sobre a praça
 Cahi de sangue salpicando a muitos
 Que alli apinhoados aguardavam
 Do desgraçado bravo o extremo arranco !

« José era captivo dos captivos,
 Como nós, avergado ao duro jugo

Da infame servidão, que nem ao menos
 Nos lucra um fio que nos cubra os membros
 Expostos ao rigor do vario tempo,
 Nem um pão ou raiz que nos metigue
 A crua fome que nos mirra e mata :
 Era já posto o sol e entrando a casa
 De seu senhor, o misero com pasmo
 Vim junto á porta mui formosa virgem
 Que tinha as alyas mãos ao peito atadas,
 E o rosto côr do jambo e os olhos bellos
 Se resentiam de tamanha affronta !
 Filha de seu senhor, que antigamente
 Tanto o prezára, o misero captivo
 A idéa concebeu de libertal-a,
 E libertal-a n'essa mesma noite,
 Temendo vêr p'ra sempre desbotada
 A flor longe da planta que a brotára.

« Tudo dormia, tudo ; e a amiga noite
 Era propicia, que no céu nublado
 Nem si quer uma estrella scintillava ;
 Só elle não dormia que velava ;
 Só elle tinha ouvido na visinha
 Fatal alcova mil crueis suspiros,
 Soluços, ais e soffocados gritos
 E depois o silencio foi horrivel !
 Seu machado afiado em negra pedra
 Cortava como um raio, e um páu roçando
 N'outro páu, como é uso em nossa terra,
 Feriu fogo e accondeu as seccas palhas
 Que embebera em resina. Lança o facho
 Ensanguentada luz que o guia a alcova,
 E cede a fraca porta ao debil golpe
 Do cortante machado. Espavorida,
 Sobresaltada a misera senhora
 Grito arranca de horror ; dos braços d'ella
 Foge deixando o leito negro vulto
 Que o passo impede áquelle que sobre elle
 Tem erguido o machado em quanto o facho
 Jaz lançado no chão. E o valeroso
 Libertador da misera senhora
 Bradou-lhe então: « Cruel, rende-te a morte ! »
 E assim dizendo-lhe desfecha o golpe ;
 Ferido na cabeça o negro vulto

Tomba por terra e de seu sangue alaga
 A terra que manchou com o virgem sangue !
 Assim aos rudes golpes do machado
 Estronda e cahe o tronco na floresta.
 Então nos braços da assustada moça
 O negro se lançou ; inda assombrada
 Ah ella o repelliu pedindo a morte ;
 « Não, não gritou-lhe elle, a vida trago ;
 « Sou eu ; não conheccis, senhora, o escravo,
 « O escravo tão fiel ? » Ella assustada
 Apenas o seu nome balbucia,
 Apenas diz : « José ! » e elle a toma
 Nos braços seus e aos hombros a transporta,
 Empunha o facho e o arremessa ao tecto
 De sapê onde a chamma arde e se estende
 Horrivel crepitando ; as labaredas
 Envolvidas em fumo aos céos se elevam,
 Como n'um mar de fogo accesas ondas ;
 E foge e foge até que fatigado
 De caminhar parou ; os olhos volve,
 Não mais o incendio vê, mas no oriente
 Rouxas nuvens o dia lhe annunciam.

« Ao chegar a trincheira « Alerta ! » soa ;
 E o sangue se lhe gela ; e então se lembra
 De seu machado, que deixara envolto
 Nas chammas, que esconderam para sempre
 O cadaver do barbaro. Querendo
 Voltar é descoberto, e conduzido
 Ante Zumbi ; com elle tambem preza
 Chora a senhora tão formosa e linda !

« Tudo perdido estava, e pois altivo
 Seu crime confessou ; além dos muros
 D'esses mocambos premiado fôra,
 Aquem, sua cabeça condemnaram
 A ser exposta, alçada sobre um poste
 No meio d'essa praça aonde a vemos.

« Soube a morte afrontar quem deu a morte,
 E de sobre o tremendo cadafalso
 Condemnou a Palmares. « Morro, disse,
 Mas vós succumbireis ; essas trincheiras
 Hão de cahir ao som de mil trombetas,

Ao ribombo fatal da artilharia: — »
 E ao algóz se voltando bradou: « — Vamos!
 Salpica de meu sangue essas cabeças,
 Que culpadas serão de minha morte. »
 *E morreu. Oh! que o sol era brilhante
 Na manhã d'esse dia; e a tarde, escuro
 Como um globo de sangue se occultára;
 E a noite turva estrella que arrastava
 Cauda immensa, no céu patenteou-se:
 Debalde procurou o grande padre
 Com preces desarmar de Deos as iras;
 O pavor é geral! Do sol os raios
 Cresta a terra e as plantas que definham;
 Perece o gado, e cresce a sede e a fome;
 E lá em baixo, em frente das trincheiras,
 As trombetas dos brancos já retinem!

« Que convirá fazer? Se aqui ficamos
 Comprehendidos tambem com os culpados,
 Mortos seremos ou talvez que cedo
 Nos obriguem tambem, nos dando ar mas,
 A irmos pelejar lá nas trincheiras,
 Contra os nossos senhores verdadeiros,
 Mas eu juro que não! »

E assim dizendo

O negro braço sobre o fogo estende,
 E todos o imitando, exclamam todos:

« Nós tambem o juramos! »

« Pois, amigos,

Proseguio Cabundá, em breve tempo
 Escaladas serão estas trincheiras
 Pelos brancos, que tão sómente aguardam
 A artilharia, que tardar não pôde;
 A ellas correrão os combatentes
 Com todo o esforço a repellir o assalto;
 Entregue esses mocambos indefesos
 Aos velhos, as crianças e mulheres
 Longo estrago faremos envolvendo
 Em fogo as casas; e o fatal incendio
 Inda além das trincheiras reflectindo
 Aos brancos mostrará nossa vingança!
 Contentes, satisfeitos dos destroços,
 Vendo tudo em ruina, em cinza, em fumo,

Longa volta daremos, evitando
 Todo o entrincheiramento, que vigiam
 Alertas sentinellas, mas ao cabo
 De algumas horas estaremos longe
 D'aqui e junto aos brancos que os sitiam.
 Caia Palmares, sim ; o céo nos vingue !
 Seja escravo outra vez esse que goza
 Nos braços que eram meus de meus amores !
 Ah perfida ! Cruel ! Tudo esqueceste,
 Não só o esposo, mas tambem os filhos ! »

Disse e se ergueram todos : som tremendo
 Soðu do fundo da medonha gruta:
 Ao volver do semblante viram todos
 O negro craneo que no horror das trevas
 Vibrava olhos de brazas. Assombrados
 Cahem por terra uns e os outros fogem.

J. Norberto de S. S.



MEMORIAL ORGANICO.

OFFERECIDO Á NAÇÃO.

(PÁG. 402 DO N.º ANTERIOR).

SEGUNDA E TERCEIRA PARTE (1).

Patisee. ... coll'intenzione di giovare al prossimo.
SILVIO PELLICO.

Não é para nos defendermos de arguições que se nos não tem feito, nem para discutirmos com adversarios, que não vemos diante de nós, que sabiamos de novo a campo: é sim para sustentarmos e ampliarmos nossas propostas com os soccorros que a observação e a meditação nos tem proporcionado.

E nem porque digamos todo o nosso pensamento esperamos ser taxados de exclusivamente theoreticos ou dogmaticos; sabemos a distancia que vai do conceber ao realizar; mas tambem sabemos que não se realisa o que antes se não concebe, medita, discute e decide. Muitas vezes theorias que antes se julgavam irrealisaveis, tem sido depois admittidas como verdades absolutas, e por fim postas em pratica, unicamente seculos depois de se haverem concebido, como bem diz Humboldt no seu immortal cosmos. Todos sabem como um dos maiores estadistas deste seculo, Sir Robert, Peel, esteve durante vinte annos aplanando caminho para reformas commerciaes que chegou a realizar a bem da nação, apesar dos interesses contrariados de muitos. Decidida a conveniencia de um plano, toda sciencia do estadista consiste no quando e no como se pôde elle melbór pôr em execução.

A fortuna dessa responsabilidade coube a outros: seja-nos porém a nós permittido provar bons desejos acudindo com o contingente de quanto nos lembre de util, para quando seja exequivel. Não temos a pretensão de haver já de todo acertado; mas estamos convencidos de que nossas idéas ganharão entrando em circulação. Se alguns interesses offendidos nos aconselhavam a ter reserva, outros muitos interesses, muito maiores, nos impellem á publicidade, n'um seculo em que já o segredo não governa dentro das nações.

Conceemos aqui por insistir de novo que nos cumpre estudar as necessidades do Brasil só pelo mesmo Brasil, e não pelo que se passa n'outros paizes mais civilizados, e cujas leis já demasiado temos copiado. Tenhamos presente o grande preceito de Vattel:

(1) Damos este nome ás addições que agora fazemos ao que dissemos na nossa 2.ª parte.

« Toda nação deve primeiro *conhecer-se* : sem isso nunca poderá ella trabalhar com bom exito para o seu aperfeiçoamento. É preciso que faça justa idéa do estado em que se acha, a fim de tomar as medidas que convenham a esse estado ; deve conhecer os progressos que tem feito, os que lhe cumpre fazer, e o que tem de bom ou de defeituoso, para saber o que ha de conservar e o que ha de corrigir. Sem tal conhecimento a nação será conduzida ao acaso ; tomar-se-hão muitas vezes medidas falsas ; e julgar-se-ha obrar com grande prudencia imitando o proceder dos povos reputados habéis, sem notar que tal regulamento ou pratica, salutar a uma nação, é muitas vezes pernicioso a outra. »

Repassemo-nos bem da verdade destas poucas linhas do grande publicista ; e acabemos de uma vez com o máu habito de estarmos sempre a traduzir leis e a citar a Inglaterra e a macaquear os Estados-Unidos. Se a nossa terra ainda não está roçada nem convenientemente preparada, como quereis que ella produza fructos quando lançaes promiscuamente sobre o mato tolas essas sementes de plantas e flores exóticas, embora magnificas ? Ouçamos ao joven Brasil suas queixas, o applicemos-lhe o remedio que nos dicte o bom senso e a historia da formação das nações. Estudemos bem o nosso territorio ; e á vista delle tratemos de organizar uma administração mais facil, mais economica, e um systema de colonisação proprio a civilisar a nação e a *formal-a*. A esse grande fim tendiam as propostas que consignámos na primeira parte deste trabalho : ao mesmo fim poderão um dia contribuir estas novas paginas, em que por parafos separados, nos vamos occupar seguidamente dos assumptos, que chamaram na 1.ª parte deste escripto a nossa attenção :

- 1.º Limites.
- 2.º Nova capital.
- 3.º Communicações internas.
- 4.º Nova circumscripção provincial.
- 5.º Paragens importantes a occupar.
- 6.º População ; idéas para a enriquecer, educar e estimular.

§ 1.—*Limites*.—Ácerca deste assumpto melindroso preferimos dizer do menos, por isso que delle nos occupamos em varias memorias especiaes, com a reserva que pedem negociações ainda pendentes.

*Convém porém estar álferta olhando para as manobras das duas grandes nações senhoras das Guyanas, que estão á espreita de ensejo favoravel para se estenderem á custa do nosso territorio, e sobretudo para beberem das aguas do Amazonas. Por este lado da fronteira é necessario ter muito mais conta no ceder das aguas que das terras.

Não ha inconveniente em que consignemos aqui uma opinião que temos ácerca do modo de fixar bem toda a nossa linha de fronteira.

Julgamos que tal linha ficará melhor definida sempre que ella se possa referir as aguas vertentes que vão ter a rios bem conhecidos, pelas mesmas razões que demos ao estabelecer os preliminares para a nova divisão de provincias, e para evitar ás questões que pôdem levantar sobre o terreno os commissarios demarcadores, dos quaes nos poderemos dispensar, sempre que preferamos as linhas que dissemos ; com o que igualmente resultará a economia das despezas que com elles se faria.

§ II.—*A capital do Brasil.*—Parece que a Providencia quer encaminhar o Brasil quando a cada momento lhe manda novos avisos, comparaveis ás martelladas de Noé na Arca, que cada uma equivalia a um conselho do céu ao povo que se convertesse. Veio a febre amarella provar que o sertão é mais saudavel que o litoral; e os vapores inglezes por seu turno encarregaram-se de fazer bem patente como os portos de mar estão expostos a ser impunemente insultados.

Demais; dous exemplos modernos nos offerece a Inglaterra que devem ser tomados em consideração para corroborar as nossas idéas sobre a fraqueza de uma capital ameaçada de esquadras.—Passou-se o primeiro com a China, que seguramente na questão do opio, em que tinha tanta razão, cedeu porque os vapores inglezes fizeram tremular a bandeira da Grã-Bretanha ao som de bombardas de frente de Pekin, aonde estava a cabeça do imperio. Vimos o segundo exemplo na Hespanha. Pois a orgulhosa Inglaterra teria soffrido a affronta que soffreu, na expulsão de seu embaixador, se a côrte hespanhola fosse em Cadiz ou Barcelona, sem lá ter mandado a sua esquadra do Mediterraneo de morriões accesos e portinholas abertas pedir satisfações?—Iguamente resignou-se calada, e por fim julgou que lhe convinha acabar do estar amada.—Assim um grande pensamento politico que Philippe II levou á execução, fez que a Hespanha reconhecida bem-dissesse sua memoria dous seculos e meio depois que elle passou a jazer em descanso eterno no Escorial; donde tinha dado leis ao mundo esse rei estadista, não só, plano e gabinete de como de acção:—esse rei que concebeu que a sua missão era formar a nação que devia ser governada, não por elle, mas por successores que podiam não ser iguaes a elle; esse rei que, teve o grande pensamento de ir residir, para governar o paiz, na Castella, paragem central, cujos habitantes estavam mais em contacto com a peninsula toda do que os das demais provincias; esse rei que para acabar com as pretensões de rivalidade que apresentavam a ser capitaes Valladolid, Lisboa, Sevilha, Saragossa e Barcelona, seguiu a politica de as regeitar a todas, e de engenhar da villa de Madrid uma côrte, e do areento Manzanares um rio.—

A Castella do Brasil está no centro de Minas—: os activos habitantes desta importante provincia infiltram-se desde o coração do imperio, em que habitam, até ás suas ultimas extremidades. O mineiro chega ao Pará e ao Rio-Grande, tem trato frequente com o Rio e Bahia, domina Goyaz e Matto-Grosso, estende-se até o Espirito Santo e Piahy, e é a unica provincia do imperio que espontaneamente se presta a satisfazer a nossa maior necessidade, a de colonisar.—Uma convicção intima, indefeida e inexplicavel nos diz que dessas paragens cujas minas serviram a attrahir colonos ao Brasil, como hoje os attrahem as da California, dessas paragens de cujos filhos procedeo no seculo passado a regeneração litteraria do Brasil, tem de partir a nossa regeneração social, formando-se para ella um nucleo sobre bases mais solidas e puras do que aquellas sobre que assentam a civilização, quasi só commercial, dos portos e cidades do mar.—A idéa deste nucleo civilizador foi a que tiveram os Incas do Perú quando se recolheram ao Cuzco, nome que significa umbigo, como para expressar que dali dimanava, como dimanou a vida da nação.

Se queremos pois por seculos conservar unido o imperio lancemos, nossas vistas para elle todo, não da torre da Candelaria, ou do Pão d'Assucar, ou do Corcovado,

que mal dahi o dominaremos : remontemos ás paragens que a natureza já fez dominantes ; ás cabeceiras dos rios que regam o Brasil abrangendo em quasi toda sua extensão. — Deixemos esta cidade na fronteira marítima ameaçada, cada dia por essas fortalezas de madeira que estão avassallando as aguas salgadas do orbe. — E se não temos fé, nem coragem, nem força, para edificarmos no sertão uma nova capital, como nossos antepassados, os Portuguezes, tiveram para construir Bahias, Pernambuco e Rios de Janeiro, no litoral, convoquemos ao meaos alguma vez ao sertão, v. g., a S. João d'El-Rei, a assembléa geral da nação; pois que isso está nas attribuições do governo : — e talvez fosse politico que alguma vez tal reunião se effectuasse n'uma das cidades do norte, v. g., em Pernambuco ou no Maranhão, que desejam ter por algum tempo em seu solo o throno imperial, vontade que muito couveria satisfazer-se-lhes para se desenganarem por si mesmas de que o throno imperial não esmaga nenhum Brasileiro, antes os acolhe e cobre a todos, e de que as altas personagens que nelle se sentam não estão com isso ensoberbecidas, nem tratam a seus subditos, como por lá se diz, com ar de indifferença, nem com menoscabo do amor proprio e dignidade, que, sabem, todo o homem preza mais que tudo.

O Imperador Carlos Magno convocou desde 770 a 813 umas 30 assembléas geraes; e mais de metade dellas em terras diferentes; v. g., Worms, Genebra, Ratisbona, Mayença, Aix la Chapelle, &c. —

A Inglaterra firmava suas instituições liberaes nos reinados de Henrique III e Eduardo I reunindo os procuradores da nação já em Oxford, ou em Gloucester, já em Winchester ou em York, &c.

A côrte de Hespanha antes de parar em Madrid passeiou de Toledo a Valladolid e de Sevilha a Barcelona; e a de Portugal passou de Guimarães a Braga, e Coimbra e de Santarém a Évora e Lisboa; onde se fixou de uma vez só quando Portugal depois da revolução de 1640, feita com a protecção da França e da Inglaterra, ficou, para conservar sua independencia, mais á mercê destes dous potentados. —

Assim essas nações foram pouco a pouco apoderando-se da somma de interesses que deviam abraçar; assim nellas se desterraram as mesquinhas idéas de bairrismo; assim se vai estudando de perto a nação toda; assim finalmente as tradições da côrte e da nação se vão associando pouco a pouco a todas as provincias, que não se julgando humilhadas por outra dellas sem razão, mais privilegiada, se promptificam de melhor grado a penas e a tributos.

Na situação actual o Chefe do estado provaria de mais a mais quanto elle está acima das nossas apoucadas idéas de bairrismo pela provincia natalicia, e com sua abnegação ajudaria, pelo exemplo, a curar um dos maiores cancores do imperio.

E por ventura é o Rio de Janeiro algum paraizo unico, cuja vivenda se não troque por tantas outras não menos amenas, nem de peores ares, que temos no vasto territorio brasileiro? O Rio é sim o primeiro porto da terra; mas desenganemo-nos que não é mais do que um porto. — A subsistencia da côrte neste vasto e riquissimo imporio não só lhe póde ser fatal, servindo de incentivo a qualquer inimigo para o agredir com preferencia a outro qualquer ponto na nossa costa, como prejudica ao commercio, que seu emporio por igual turno prejudica ao governo supremo da nação. —

A existencia da côrte no Rio promove demasiado o luxo e as ambições na gente do

comercio que deve ser por sua natureza sempre economica, o que, sob qualquer aspecto que isto se considere, nunca deve, sem graves prejuizos para o estado, deixar escriptorio para pisar o paço. — E vice-versa: os males que pôde trazer ao paiz a o continuação da côrte n'uma terra commercial em que todo o necessario á vida é carissimo porá sempre os empregados publicos, por mais honestos que sejam, na immediata dependencia dos ricos negociantes, do que pôdem resultar males tão grandes que nem todos se pôdem desenvolver, e alguns nem nos é dado calcular. — Donde procede a continua queixa de tanta gente, de que ha estranhos que, *á surrel'a* e apesar dos gozinhos, influem demasiado nos negocios publicos, senão de que n'uma capital commerciante o commercio deve necessariamente exercer a maior influencia, como n'outros tempos succedeu com Genova e Veneza, e como ainda hoje succede em Hamburgo? — Desenganemo-nos, um capitalista por bamburrio, ou prateado barão do commercio, sentado na burra, ou em um banco detraz do balcão, é mais para temer do que o cavalleiro feudal encastellado na torre de menagem. — Não temos no Brasil mais que um simulacro de aristocracia. . . . E lembremo-nos que a aristocracia é uma garantia de equilibrio nos governos.

Contra tanto mal não ha que buscar outro remedio senão o que se adoptou nos Estados-Unidos, quando se decretou que New-York deixasse de ser a capital fazendo para esse fim construir desde os alicerces a cidade de Washington. Não tenhaes pretensões de descobrir outra cura, por mais heroicos que vos pareçam os remedios. O mal proseguiria apesar dos nossos esforços para voar com azas de cêra que com o calor do sol se derreteriam. — Quereis prova do estrangeirismo desta capital? É o proprio jornalismo que a dá. Em geral as noticias estrangeiras occupam a maior parte das columnas das folhas, donde procede que a maior parte da gente gasta muito tempo occupando-se do alheio. Dez dias antes de chegar o Paquete ouvireis frequentemente: « Que trará o Paquete. » Dez dias depois d'elle chegado só conversaremos das noticias que trouxe; de modo que do Brasil só a gente se occupa a terça parte do anno.

Além do tudo quanto fica exposto, em que talvez se notará a exaggeração que deve acompanhar o estylo do defensor de alguma idéa, todos devemos reconhecer quanto nesta cidade cujos habitantes se derramam desde a Lagoa até a Ponta do Cajú, e desde o Andarahy até além de Nicteroy e da Boa Viagem, as distancias são enormes, e só em vencer distancias perdem os governantes pelas ruas horas preciosas que melhor empregariam no gabinete.

Ora se o presidente de uma republica pôde vencer obstaculos e sotopor interesses formados para mudar uma capital, sem ter a força e prestígios que acompanham a corôa, mais facil se nos deve apresentar a empreza. Haja só vontade; e um queremos decidido mudará a face do paiz; e arrancará de um jacto muitos abusos que cada dia estão deitando raizes mais profundas, em busca de seiva com que nutram novos rebentõesinhos.

A gloria será toda para quem tiver essa vontade, e se decidir a proval-a aos vindouros, á custa só de alguma abnegação de gozos. — A historia em taes casos só regista o executor, abstrahindo dos philosophos que no silencio do gabinete escreveram projectos e papeluchos anonymos, da mesma sorte que quando faz menção de homens de

genio ou eminentes pouco se occupa de quem foram seus mestres.— Assim Philippe II., Pedro o Grande e Washington e não os seus empregados de gabinete ou seus mestres são os verdadeiros fundadores das actuaes capitães da Hespanha, da Russia e dos Estados-Unidos.— A escolha de uma boa capital pôde influir sobre a sorte de um povo inteiro; « pôde, segundo Foissac, só por si explicar a elevação ou degradação de um estado » &c.

§ III — *Comunicação interna.*— Reclama o desenvolvimento do commercio interior do paiz, e sobretudo aconselha a politica, como medida urgente para firmar a unidade nacional, o fazer-se quanto antes communicar por uma estrada de ferro-carriz o emporio de Minas, isto é, a *bacia* do Rio de S. Francisco com o mar.

Esta é a verdadeira estrada pela qual a nação se deve comprometter, sem olhar a questão pelo lado economico, e isto ainda quando a capital não viesse a passar para o interior.— Os trabalhos graphicos para uma tal estrada devem ser feitos desde logo considerando-a na totalidade, e não por partes, para melhor se saber a direcção que com mais economia ella podia levar, e o ponto do litoral onde iria parar; e o melhor seria talvez pôr a concurso toda a estrada, que communicasse um porto qualquer do litoral com outro qualquer do mesmo rio, a quem a quizesse executar, durante certo prazo, vencendo menor juro annual.— Uma lei assim concebida além de fixar o limite da concessão do juro da despeza total (o que não succede pelo meio que entre nós se quer introduzir) offereceria a grande vantagem de não se poder sophismar, apenas ella feita.

Calculando em 300 contos o preço de cada legua de estrada de ferro-carriz, neste territorio em que não ha pagar expropriações, a nação garantiria com vantagem a qualquer empreza o juro de 15 contos de juro por legua feita ou proxíamente 1,500 contos a essa estrada de cem leguas logo que estivesse em uso; e se por acaso tivesse a mesma nação que acudir com algum dinheiro nos primeiros annos, por fim tudo se chegaria a indemnisar, como abaixo provaremos.— Mas para uma providencia vital como esta, a consideração da questão sob o ponto de vista economico devia ser a ultima a fazer-se. É tal o ambiente commercial e agiota de que na capital se está rodeado que a proposta como esta logo se ouve ponderar: « E quantos por cento poderia render? » — Deus de misericórdia! — Perdoai-lhes que não sabem o que dizem. — Pois um estado só deve gastar com o que lhe rende tanto por cento? E quantos por cento rende a marinha de guerra? E o que gastaes com o culto publico? E com a instrucção publica com que tão pouco se aprende? Pois governar é ser negociante? Miseria e mais miseria! *Quousque tandem...*! Com uma estrada de ferro-carriz até o S. Francisco passaria este rio a ser navegado a vapor; do que resultaria ficar o imperio desde logo communicado do norte a sul na extensão de 10 grãos (de 9 a 19) de latitude, isto é aos fundos da provincia de Pernambuco, sem os grandes inconvenientes do mar; que a tanta gente offerece tal repugnancia natural, que só a vista delle e a idéa do enjôo faz ás vezes naufragar grandes projectos. E logo que os vapores se fossem entranhando por todos os afluentes do dito rio a comunicação se tornaria facilima para as aguas do Pianhy ou Parnayba, do Tocantins e do Paraná, (fazendo communicar por estradas de ferro as distancias mais curtas de seus portos a outros de afluentes de S. Francisco) e

todo o interior do Brasil estaria facilmente transitado; e por conseguinte a unidade nacional muito mais assegurada no interesse de todos, quando hoje subsiste por arames que nem se conhecem bem, fallemos claro. Ha quem se persuade que este immenso Brasil com o andar dos seculos tem de formar varios estados; e nós temos convicções inteiramente oppostas. Uma vez que elle se tem conservado unido, ainda d'ora em diante com o crescer da população tem de crescer tambem a facilidade de ella se communicar por estradas de ferro, e outros meios que o engenho humano tem de attingir. E estamos convencidos de que, ainda quando houvesse alguma accidental desunião, o tempo tornaria a soldar o desunido; assim a nossa insistencia de facilitar as communições tem principalmente por fim poupar á nação abrangida pelo Prata e Amazonas, ensaios desastrosos de desuniões malogradas, experimentadas á custa de vidas e de capitães, só por não se haverem dado providencias a tempo. A tendencia civilisadora dos povos é de serem grandes nações. Vêde a Allemanha que de tantos pequenos principadosinhos já quasi hoje apenas se compõe de tres nacionalidades com aspirações de formar com a *Germania* uma só. Reparai quantos sacrificios não custou já a Italia, e imaginaí quantos não lhe custará ainda, para realisar seus desejos de vir a formar uma unica Italia. . . . Não citaremos ainda outro exemplo por guardar atenções: — mas pelo que nos diz respeito basta lançar os olhos sobre o mappa do Brasil para conhecer que Deus quiz que vivessemos unidos, pois que para qualquer systema de communições interiores tem de ser aproveitadas as aguas do Rio de S. Francisco. Emfim quanto mais meditamos nos interesses do Brasil, mais importancia ligamos á (tão pouco attendida) provincia de Minas, cujos procuradores podiam prestar-lhe grandes serviços quando até o fundo d'alma estivessem repassados dessa importancia. — Para prova da boa fé que ha no enunciar estas idéas, saiba-se que não é um mineiro quem as escreve, já que o nosso desgraçado bairris no torna necessaria esta declaração. Cuidemos desde já de melhorar vias de communicação, e de promover o desenvolvimento da riqueza publica por meio de obras publicas. Nestas ultimas palavras se encerra o programma do que hoje se tem convencionado em chamar interesses materiaes. Para o realisar é necessario proceder com a mais rigorosa economia: é necessario cortar muitas verbas, e todos os annos pôr de parte alguma peculio para o applicar no desenvolvimento da riqueza latente do territorio. — Não gastemos em um numero pessoal a maior parte da nossa receita; empreguemos nelle o necessario para que sirva com gloria a nação, e não se diga desta que vive sem se adiantar pelo concurso e trabalho assiduo de todos.

Dissemos acima que ainda quando a nação se offerecesse a garantir o juro de 1,500 contos por anno na estrada de ferro desde o litoral a um porto do rio de S. Francisco, ella viria por fim a indemnisar-se de tudo, ainda quando ao principio parecesse ter perda. E não fallemos já nas minas de ouro ou diamantes que por esse districto e talvez no mesmo leito da estrada, que teria de passar por terrenos auriferos e diamantinos, se poderiam descobrir; mas consideremos só a questão da venda e do rendimento das terras, que hoje nem tem preço nem cultura, e a lei da renda de terras não poderá ter execução, enquanto não haja quem compre; por outra enquanto não haja meio de transportar gente aos lugares desertos onde ainda ha pingues terras devolutas. Por este lado mais conta daria talvez á nação que a estrada toda não passe por

terras já cultivadas, sobretudo se nestas as difficuldades de construcção parecessem muito grandes, por causa das serras, &c.

E isto é tanto verdade que se o governo não julgasse menos politico organizar a companhia da estrada de ferro-carriz nos Estados Unidos (onde se conhece por experiencia o excessivo valor que ganham as mesmas terras logo que por ellas passa uma tal estrada) facil lhe seria conseguil-a, sem garantir juro algum, só por datas de terras á companhia, por exemplo de uma legua de fundo de cada lado em toda a extensão, quando devolutas, devendo-se indemnisar com mais fundo a parte em que já houvesse donos, ou submeter estes a expropriações, &c. Cremos que as empresas concorrentes não poderiam deixar de seguir uma das seguintes linhas: 1.ª, o trajecto já estudado e orçado do Joazeiro á Bahia; 2.ª, o que do Salgado (paragem media na extensão do Rio de S. Francisco) fosse buscar as vertentes do Rio das Contas ou as do Rio Pardo e seguisse com ellas ao mar; 3.ª, o que partisse de um porto do Rio das Velhas a buscar as cabeceiras do Belmonte ou do Rio Doce; 4.ª, o que do mesmo rio viesse ao valle do rio da Pomba affluente do Parahyba, e depois das margens deste á esta bahia pelo Morro Queimado, contanto que no Rio de S. Francisco esteja sempre o nosso fito primeiro. Se este rio offerecesse uma via de communicação facil e segura (disse em sessão de 5 de agosto de 1850 um dos nossos primeiros estadistas, o Sr. Conselheiro Carneiro Leão) ter-se-ia facilitado muito a colonisação de varias provincias do nosso interior. »

E' a realisar esse grande pensamento por inteiro que se devem dirigir as miras dos governos e da assembléa da nação.

Em todo caso fique-nos bem na idéa que é muito mais conveniente renatar a garantia dos juros para a estrada toda, impondo as necessarias condições de solidez; e não fazel-a por partes destacadas que poderão não ser as melhores para o plano total.

A experiencia já feita na ilha de Cuba deve-nos aconselhar a preferir gente escoceza para os trabalhos: emigram com grande facilidade e são mui formaes em seus contratos.

§. IV.—*Nova circumscripção provincial.*—Ao lér os discursos dos representantes da nação pronunciados, tanto no senado como na camara temporaria, por occasião da criação da provincia do Rio Negro e da annexação do Turiuassú ao Maranhão, já não nos cabe duvida de que a opinião de um e outro partido no paiz é contra a monstruosa e ambigua divisão provincial que temos.

Ouçamos o Sr. Sousa Franco na sessão de 30 de julho: « Lembrarei aos nobres deputados por Matto-Grosso que ha uma questão de limites entre a sua provincia e a do Maranhão; lembrarei tambem aos nobres deputados por Sergipe que ha igual questão entre a sua provincia e a da Bahia; lembrarei aos da Parahyba a sua questão com Pernambuco sobre parte da povoação de Pedras de Fogo; lembrarei ainda que ha questões de limites entre as provincias de S. Paulo, Minas, e Rio de Janeiro; que ha questões de limites entre as provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes; lembrarei finalmente que ha questão de limites entre as provincias do Ceará e Piahy, por uma especie de nesga ou angulo que uma dessas provincias entende que lhe deve pertencer, e correr a linha de limites na base. Ora, senhores, quando tantas questões de limites

existem, quando conviria decidil-as por um principio geral, será occasião de decidir por uma medida parcial esta do Pará? . . . »

Nesse mesmo dia dizia o Sr. Vergueiro no senado: « Eu conheço que é muito necessaria uma nova divisão de provincias ao Brasil » — e poucos dias antes havia-se o Sr. Paula Sousa pronunciado por essa mesma nova divisão feita radicalmente, como se fizera em França, na Hespanha, e em Portugal, Consta-nos que nas mesmas idéas estão outros de nossos primeiros estadistas. A opinião do paiz pois está feita: e só haverá que vencer algum que outro mesquinho interesse offendido, para o que só basta acção.

O acto adicional que parece teve em vista crear no Brasil uma confederação imperial esqueceu-se de começar por esta divisão, naturalmente porque não se achou isso na lei dos Estados Unidos que se copiou *mutatis mutandis*; pela simples razão de que esses Estados, governados antes pela nação mais geographa do globo, já possuíam uma boa e natural divisão territorial.—Oxalá não seja demasiado tarde quando nos chegemos a desenganar de que nós, Americanos do sul, procedentes de outra raça, e com outra religião e outros usos não devemos em nada imitar os Estados-Unidos, senão em procurar ter muitas estradas de ferro. O quermol-os imitar só pela rama já nos tem feito tanto mal como na Europa a muitas naçõesinhas tem feito a pretensão de maeaquear a Inglaterra sem introduzir primeiro a moralidade e portanto a *familia e o sangue* da raça normanda. Os governos são criados para bem do paiz, e serão melhores os que melhor satisfizerem a missão de felicitar o povo. Os plagios em systemas de governo tem sido mais de uma vez fataes á vida das nações.

(Continúa).

— ERRATAS.—Nos dous artigos anteriores escaparam as seguintes :

Pag. 368 linha 11—longitude—latitude.

* 388 * 21—Nova-Piauhy—Alto-Piauhy

* 393 A nota compete ao fim da pagina immediata.

* 390 linha 8—Risquem-se as palavras— * com a qual formulamos nosso pensamento ao publicar a 1.ª parte. * —



(Traduzido de Victor Hugo).

Se existe um prado de eternas verdores
Onde sempre do céu
Goteje orvalho, que refresque as flores,
Lhes dê mais viço, e lhes ameigue as côres ;
Nesse prado quero eu
Colher d'entre essas flores as mais bellas,
Colher as mais cheirosas,
E depois ir com ellas,
Sejam cravos, jasmims, lyrios, ou rosas,
Juncar, encher a senda,
Por onde a sorte conduzir pretenda
Tuas plantas mimosas !

Se existe um peito affectuoso e terno,
Cofre de puro amor,—
Qual têm-no os anjos,— amor firme, eterno,
Capaz de extremo, devotado ; um peito
Onde— celeste flor—
Brilhe a virtude ; e que á virtude affeito,
Ao vicio tenha horror ;
Que ás más paixões contrario,
De sentimentos bons seja sacrario ;
Desse peito quero eu
Fazer o encosto da tua fronte,— o intérprete
Do pensamento teu !

Se existe um sonho de gentis imagens,
De ineffavel deleite,
Baixel—vogando entre floridas margens—
Que a mente leva á incognitas paragens
De indizível encanto !

GUANABARA.

Sonho de amor, sonho bemdicto e sancto,
Perfumado de rosa,
Sonho em que Deus nos falla,
E 'alma um suspiro aos pés de Deus exhala ;
Desse sonho quero eu
Fazer o ninho, onde—innocente pomba—
Poise o coração teu !

M. B. Fontenelle.



A BELLEZA CAMPESTRE

À ILLM.^a SNR.^a D. C. U. DOS REIS.

*Serás tu, virgem pura dos campos,
Quem virá a minh'harpa acordar.*

A. HERCULANO.

Meiga flôr delicada dos campos,
Mais que a rosa gentil, graciosa ;
Ês do céu doce esmero que á terra
A natura prestou generosa.

Tens do lyrio a innocencia, a candura,
Da violeta tu tens o pudor,
Do jasmim o fragante perfume,
Que dos labios ressumbra-te á flôr.

Nesses campos que tu habitavas
Nunca flôr tão formosa nasceo,
Que taes mimos, taes graças tivesso
Como tu, doce esmero do céu.

Se uma lyra eu tivesse afinada,
Que soasse co'alegre harmonia,
Ledos hymnos a ti consagrâra
Repassados de meiga poesia.

Mas a voz do que gemo não póde
Ternos hymnos na lyra entoar;
P'ra a belleza não tem melodias
Quem só dôres costuma cantar.

Mas que importa não tenha meu canto.
Ledas notas de estranha magia,
Como aquellas do vate de Théos,
Quando as cordas da lyra feria ? ! . . .

GUANABARA.

Não aspiram meus carmes singelos
Sobre as azas da fama adejar;
Minha musa, qual flôr campesina,
Hado ignota a existencia findar.

Meiga flôr delicada dos campos,
Mais que a rosa gentil, graciosa;
Pois que o fado me impede off'recer-te
Melodias de lyra ditosa,

Minha musa um suspiro te envia
Como a mais divinal oblação,
Que os perfumes mais doces resume,
Que se exhalam do meu coração.

Maranhão, setembro de 1851.

A. Frederico Colin.





NOTÍCIAS.

Em maio do anno proximo deverá abrir-se o theatro S. Pedro de Alcantara, que de novo se reedifica ; o Sr. João Caetano dos Santos contractou para este theatro com o Sr. Ireneo a illuminação a gaz : como em maio ainda não estará estabelecida a illuminação geral a gaz, prepara-se na Ponta d'Arêa gasometros e mais appparelhos necessarios para aquelle fim. Consta-nos que o theatro provisorio decidio-se depois de madura reflexão a preferir o velho azeite, cujos inconvenientes não são tão grandes como se diz; dá apenas menos luz, de vez em quando fumaça que espalha máo cheiro, e, apesar de todos os cuidados, anda sempre em guerra aberta com o asseio.

✓ O nosso editor o Sr. Francisco de Paula Brito, fará brevemente ainda um importante serviço á litteratura patria : As *brasilianas*, bellas composições poeticas do nosso collega o Sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre, vão ser colligidas e offercidas ao publico em um precioso volume.

O Sr. Porto-Alegre é um dos redactores do *Guanabara* e esta só razão nos impede o gosto de escrever algumas linhas fazendo justiça a seu talento, e ao merito de suas poesias : felizmente o nome do nosso distincto compatriota é já muito conhecido no Brasil, e dispensa qualquer elogio.

Offerecemos aos nossos compatriotas fazendeiros as seguintes noticias que elles seguramente não acharão destituidas de interesse: sempre que tivermos occasião iremos fazendo chegar ao conhecimento dos nossos agricultores as novas descobertas e observações que lhes poderem servir de algum proveito. A causa da agricultura é de todos nós e agora mais que nunca todos os esforços se devem empregar em seu favor.

Pelo paquete de dezembro foi remettido a H. Bessemer um privilegio para as suas machinas de exprimer a cana de assucar. As principaes vantagens que H. Bessemer offerece com o emprego de suas machinas são a economia de braços, e mais vinte por cento de caldo contendo menos materia corante, do que aquelle que actualmente se

obtem entre nós pelo processo ordinario : além disso o bagasso sai completamente exausto de modo que, poucas horas depois, pôde ser empregado como combustivel. Em março do anno proximo de 1852 devem chegar as primeiras destas machinas que Bessemer manda assentar a sua custa para provar as vantagens que promette.

A tempos propoz-se em varios lugares o emprego de sães metallicos para purificar o assucar, e sobre todos elles lembrou-se os sães de chumbo, que precipitam completamente as materias corantes : o excesso de chumbo era depois separado do assucar por meio do acido sulfuroso, que dava sulfito de chumbo, que é completamente insolvel ; verificou-se porém, que algumas particulas deste sal, conservavam-se em suspensão na calda : elle não é venenoso ; mas tem o inconveniente de decompôr-se em presença de alguns corpos formando então sães venenosos.

O processo tão fallado de Milions soffreu este anno uma nova derrota na Martinica, para onde o governo francez mandára um chimico a fim de o pôr em pratica : depois de concluidas todas as experiencias declararam os fazendeiros, que o processo não lhes offerecia vantagem alguma.

ERRATA AO ARTIGO MATHEMATICO QUE SE AGIA NO ULTIMO N.º DO GUANABARA.

- Pag. 406 linh. 24. Em lugar de φ^2 leia-se x^2
 » » » » Em lugar de x^2 leia-se x
 » 407 » 2. Em lugar de φ^2 e x^2 leia-se x^2 e x
 » » » 12. Em lugar de $\varphi \frac{d^n X}{dx^n}$ leia-se $\int \frac{d^n X}{dx^n}$
 » » » 13. Em lugar de y leia-se Y , assim como mais abaixo
 15 e 16. Em lugar de m leia-se h
 » » » 16. Em lugar de $mY \operatorname{sen}^h \omega$ leia-se $hY \operatorname{sen}^h \omega$
 » » » 19. Em lugar de z leia-se 2
 » » » 20. Em lugar de $\operatorname{sen}^{h-2} \omega$ leia-se $\operatorname{sen}^{h-2} \omega$.
-

No antecedente n.º do *Guanabara* demos á luz um artigo sobre —um methodo de integrar equações differenciaes parciaes por integraes definidas—sem que no fim d'elle publicassemos o nome de seu autor: corrigimos hoje esse descuido tendo o prazer de declarar que esse artigo pertence ao nosso muito distincto collaborador e amigo, o Illm. Snr. Dr. Joaquim Gomes de Sousa.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TOMO I.

Introdução.	1
Academia das Bellas Artes:— Exposição do anno de 1849 — por M. de A. Porto-Alegre.	69
Algumas idéas sobre a Industria e as Bellas Artes no Brasil — pelo mesmo — 1.º artigo.	108
Idem — 2.º artigo.	135
BOTANICA:— Ophthalmoblaton Macrophyllum — vulgo — Santa Luzia — pelo Dr. Francisco Freire Allemão.	14
CHIMICA:— Analyses de moedas, feitas pelos Doutores Azeredo Coutinho e Capanema.	31
Conservatorio de Musica — pelo Dr. J. M. de Macedo.	166
ECONOMIA POLITICA:— Ensaio economico sobre o influxo da intelligencia humana na riqueza e prosperidade das Nações — pelo Visconde de Cayrú.	41
» Da liberdade do trabalho — pelo mesmo.	91
Explosão da Fabrica da polvora — por M. de A. Porto-Alegre.	
HISTORIA PATRIA:— Reflexões sobre os Annaes historicos do Maranhão — por Bernardo Pereira de Berredo — Artigo de A. Gonçalves Dias.	25
Continuação do mesmo artigo.	58
Instituto Historico e Geographico Brasileiro:— Sessão de 15 de Dezembro — por M. de A. Porto-Alegre.	64
MATHEMATICA:— Resolução das equações numericas — pelo Dr. Joaquim Gomes de Souza.	190
» Sobre a mesma materia — pelo Dr. Oliveira.	223
» Rectificação ao primeiro artigo.	229
Meditação:— Ensaio de estylo biblico — por A. Gonçalves Dias.	102
» Continuação	125
» Conclusão.	171
Noticias diversas.	38, 78, 120, 154, 191 e 230
POESIA:— Bella (A) encantada — pelo Dr. J. M. de Macedo.	178
» Fragmento de um poema de M. de A. Porto-Alegre « O triumpho	
» Alhambra	
» O festim.	

» Gigante (O) de pedra — por A. Gonçalves Dias.	52
» Itaé : — Idyllio Americano — pelo Sr. Antonio Joaquim de Mello.	157
» Não sei ! — pelo Dr. J. M. de Macedo.	143
» Ode saphica de Paulo José de Mello.	35
» Olhos verdes — por A. Gonçalves Dias.	33
Poesia do Sr. Fr. Rodrigo de S. José.	99
Versos ineditos de Gonzaga.	118
Resposta de A. Gonçalves Dias á « Religião »	147
Scenographia : — Tagliabue e Piccozzi — por M. de A. Porto-Alegre.	19
Saudade eterna — pelo mesmo (folha avulsa para ser collocada depois da pag. 80)	
Theorias — por X. de M.	209
VARIEDADES : — Corregio e a historia — por M. de A. Porto-Alegre.	37
» Um momento de contemplação sobre um rochedo em Minas — por D. F. M. C.	181
» A velhice e a mocidade — por M. de A. Porto-Alegre.	116



Tomo II
1851

GUANABARA

REVISTA

ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA.



O ANJO DA GUARDA

(ESCRITO NO ALBUM DE UMA SENHORA).

I.

Era noite ; graciosa
Brilhava lua formosa
Mirando a face no mar ;
Gemia a briza alli perto
Qual nas sombras do deserto
Uma fada a suspirar.

Da praia á distancia breve
Bella casa cõr de neve
No campo se via erguer ;
Era um tecto protector,
Era a morada de amor,
Era a mansão do prazer.

Do esposo ao seio inclinada,
Como de encanto enlevada
Gentil moça olhava e ria ;
Terno olhar tinha embebido
No lindo filho querido,
Que travesso alli corria.



GUANABARA.

Era um menino formoso,
 Tão loiro, tão gracioso,
 Como deve sel-o amor ;
 Era um mimo da ternura,
 Um fructo de affeição pura
 De duas almas a flor.

Elle corre, e namoradas
 Suas madeixas doiradas
 As brisas lhe vão beijando ;
 Corre mais, e d'improviso
 Nos labios acende um riso,
 E vem alegre saltando.

Da mãe se atira no seio,
 E clama de enlevo cheio :
 « Eu vi o fogo do céu ! . . .
 « Era uma luz muito bella !
 « Ah, mamã ! foi uma estrella,
 « Uma estrella que correo !

II.

A mãe carinhosa no seio anhelante
 Seu filho apertou ;
 Nos braços levou-o p'ra o candido leite,
 Beijou-o, nos labios, nos olhos, no peito,
 E assim lhe fallou:

« Meu filho querido, minh'alma, meu anjo,
 « Escuta-me bem :
 « No céu quando vires a estrella correr,
 « E a flamma brilhante nos ares arder,
 « Não conta a ninguem.

« Não conta ; que existe na terra uma velha,
 « Que fada nasceo,
 « E leva de rastos p'ra o seu cemiterio
 « Aquelle imprudente que conta o mysterio
 « Passado no céu.

« Durmamos, meu filho, depressa . . . depressa . . .
 « Que a velha te ouvio ! . . . »

GUANABARA.

3

E o pobre innocente com a mãe se abraçando
De medo tremendo, seus olhos cerrando
Depressa dormio,

E apenas dormido começa o menino
Gemendo a sonbar ;
O corpo lhe agita convulso tremor,
E um grito soltando de espanto e de dor
Acorda a chorar.

« Que é isto, meu filho, meu filho querido ? ! ! . .

A mãe lhe bradou :

E o tremulo infante, que arfava agitado,
Em volta seus olhos lançando espantado
Assim lhe tornou :

« Mamã, era a velha, que existe na terra,

« Que fada nasceu ;

« Queria arrastar-me p'ra o seu cemiterio ;

« Porque eu imprudente cortei o mysterio

« Passado no céu. »

III.

E a mãe carinhosa no seio anhelante
O filho apertou ;
De novo ameigou-o no candido leito,
Beijou-o nos labios, nos olhos, no peito,
E assim lhe fallou :

« Dorme meu filho, que a velha

« Vive bem longe daqui ;

« Dorme em paz, que o Senhor Deos

« Tem os olhos sobre ti.

« Junto ao leito do innocente

« Vem sempre um anjo velar ;

« Nosso Senhor é que o manda

« Para o menino guardar.

« Descança, meu caro filho,

« Descança meu lindo amor ;

« Dorme bem, que por ti vela

« Anjo de nosso Senhor. »

Outra vez, já sem receio,
O menino adormeceu;
E ao vê-lo a dormir tão lindo
Feliz mãe se enterneceu.

Pr'a o rosto do caro infante
Ella seu rosto dobrou,
E nos puros labios delle
Beijo extremoso arroiou.

Novo sonho nesse instante
Vem o menino acordar;
A mãe hesita. . . elle a rir-se
Volve em torno aceso olhar.

— « O que tens, meu filho amado? . . .
« Porque despertas assim? . . .
« Longe daqui vive a fada,
« Tu dormes aopé de mim.

— « Ah, mamãe ! sou bem ditoso !
« Não foi a velha que eu vi ;
« Foi o meu anjo da guarda,
« Que velando estava aqui.

« Foi o anjinho celeste,
« Que o Senhor Deos me mandou ;
« Ah mamãe ! foi o meu anjo,
« Meu anjo que me beijou.

J. M. de Macedo.



Noticia chronologica dos factos mais notaveis da historia da provincia do Espirito Santo, desde o seu descobrimento até á nomeação do governo provisorio.

— 1525.—Descobrimto do territorio que depois formou a capitania do Espirito-Santo ; era dominado pelos Aimorés que o tinham conquistado aos Tupinanquins e Guaianás.

— 1534.—El-rei D. João III em recompensa dos serviços que prestára na Asia Portugueza Vasco Fernandes Coutinho lhe concede 50 leguas de terras ao norte do rio Cabapuana. (C. R. do 1.º de junho).

— 1535.—Aferra o donatario no porto da Victoria em domingo do Espirito-Santo, e por motivo do dia assim denominou a sua capitania. Trouxe consigo obra de 60 individuos entre os quaes se achavam algumas pessoas distinctas mandadas a desterro. Os Aborigenes armados de arco e flexa, se reuniram em grande numero para defender o desembarque na praia, porém o fogo de duas peças de artilharia, que guarneciam as lanchas, os obrigaram a retirar-se para o interior. Feito o desembarque passou o donatario a fundar uma povoação junto a um monte á mão esquerda da entrada da foz do rio, a qual tambem recebeu o nome de Espirito-Santo, e um forte de madeira para sua defeza.

— 1535 a 1551.—Vasco Fernandes Coutinho vendo-se de continuo inquietado pelos Aborigenes, reune suas forças, dá sobre elles, e expulsa-os da maior ilha que estava na bahia, uma legua acima da primeira povoação ; nella se estabeleceu e fundou outro povoado que denominou—Victoria—para eternisar o feito que acabava de alcançar.

— 1551.—O padre Affonso Braz, da companhia de Jesus, um dos quatro mandados por D. João III para a Bahia em 1550, deu principio a fundar o collegio na villa da Victoria.

— 1556 a 1557.—O mesmo padre funda as aldêas do Campo, e Velha.

— 1558.—Fr. Pedro Palacios, religioso leigo da provincia da Arrabida de Portugal, natural de Medina do Rio-Secco, cidade do reino de Leão na Hespanha, tendo

chegado á Capitania, edificou uma capellinha onde collocou uma imagem de Nossa Senhora da Penha, que comsigo trouxera, no cume do morro visinho á povoação do Espirito-Santo. Esta capellinha foi a origem do convento da mesma invocação.

— O donatario vendo o grande aperto em que se achavam os moradores da colonia pelo cerco que lhe faziam os Aborigenes, de quem recebiã grandes hostilidades, e temendo maiores ruinas pediu auxilio a Mem de Sá, governador e capitão general do estado; este lh'o enviou por seu filho Fernando de Sá, que dando rijo sobre os selvagens os venceo, perdendo porém a vida no conflictio.

— 1559.—Retira-se para Portugal o donatario em consequencia de muita perda de gente que lhe haviam causado as continuas guerras com os aborigenes.

.....

— 1565.—Vasco Fernandes Coutinho, filho do primeiro donatario, dá auxilio de 200 indios frexeiros commandados pelo celebre Ararigboia, e de mantimentos a Estacio de Sá, para expellir os Francezes e Tamoios seus alliados da ilha de Villc-gaignon.

— 1565 a 1567.—O padre José Anchieta, tendo aportado á Capitania se estabeleceo na rampa d'um morro defronte do rio Iiritiba ou Reritigba, e ali ajuntou diversas tribus de Aborigenes, e formou uma aldêa, origem da villa de Benevente.

— 1570.—Morte de Fr. Pedro Palacios, em 2 de maio; foi sepultado debaixo do alpendre da capellinha de Nossa Senhora da Penha.

— 1573.—Primeira exploração do Rio Doce feita por Sebastião Fernandes Tourinho.

— 1580.—Estabeleceram-se jesuitas na margem do rio dos Reis-Magos para dõtrinaem os selvagens; foi esta a origem da villa de Almeida.

— 1585.—Foi fundada a povoação da Conceição pelo padre José Anchieta.

— 1589.—Falleceo na villa do Espirito-Santo, sem successão, o segundo donatario Vasco Fernandes Coutinho; sua mulher D. Luiza Grinalda ficou governando com seu adjunto Miguel de Azeredo, capitão de ordenanças.

— 1591.—D. Luiza Grinalda e as camaras das villas do Espirito-Santo e Victoria fizeram doação do cume do morro e capellinha de Nossa Senhora da Penha aos religiosos menores capuchos (6 de dezembro).

— 1593.—Retira-se para Portugal a viuva do segundo donatario, por se haver julgado o direito de senhorio da capitania a Francisco d'Aguiar Coutinho, e ficou governando com a patente de capitão-mór Miguel de Azeredo.

— 1594.—O capitão-mór ajunta toda a gente possível, e caho sobre os Goitacazes, causando-lhes bastante damno; deste ataque resultou haver menos surprizas e estragos dos Aborigenes.

— 1597.—Morte do veneravel jesuita José Anchieta; foi sepultado em 9 de julho no collegio da Victoria.

— 1605.—Philippe II. rei de Castella concedeo á Santa Casa da Misericordia da villa da Victoria os mesmos privilegios da de Lisboa (alvará de 1 de julho).

— 1620.—Tomou posse o donatario Francisco de Aguiar Coutinho (15 de julho).

— 1625.—Em março o almirante hollandez Patrid com uma armada de 8 velas deu fundo na barra, fez seu desembarque e se fortificou em differentes pontos da costa o ilhas. Nos dias 12 e 14 atacaram a villa, foram repellidos, e retiraram-se vergonhosamente.

.....
 — 1640.—Era capitão-mór governador João Dias Guedes.

— Em 27 de outubro deu fundo na barra o almirante hollandez João Dilchi com uma esquadra de onze velas: no dia 29 subio com um navio, uma barçaça, dous batelões e sete lanchas guarnecidas de 800 infantes, atacaram a villa da Victoria em differentes pontos; o capitão-mór havia disposto suas forças para os repellir, as quaes consistiam em trinta armas de fogo, duas peças de artilharia, duas companhias de indios com arcs e frexas, e o resto do povo com chuços o piques: no primeiro desembarque perderam os hollandezes duzentos homens, porém conseguiram entrar na villa; e então o combate se tornou geral, durante o espaço de quatro horas com alternativas; por fim a victoria se declarou pelos moradores, e o resto dos hollandezes se recolheram como puderam ás suas embarcações. Merece ser recommendado á posteridade o valor com que se conduzio Antonio do Couto e Almeida, motivo pelo que foi nomeado capitão-mór por Antonio Telles da Silva, governador e capitão general do estado.—No dia 30 fizeram os hollandezes seu desembarque na villa do Espirito-Santo; no primeiro ataque que lhe deram as ordenanças, commandadas por seus capitães Adão Velho e Gaspar Saraiva, perderam 26 homens, porém vendo os Portuguezes que os inimigos eram em maior numero e bem armados se retiraram para o interior, o que sabido pelo capitão-mór lhes mandou reforço a que se uniram no terceiro dia, e deram sobre os hollandezes, que os fizeram retroceder e embarcar deixando 32 prisioneiros. No dia 13 de novembro se fizeram de vela deixando a gloria aos Portuguezes de os haver batido e destroçado com tão diminutas forças, o que sempre foi brasão da nação.

— 1643.—Tomou posse o donatario Ambrosio de Aguiar Coutinho (15 de julho).

— Foi confirmada a nomeação de Antonio do Couto e Almeida para capitão-mór (carta de 25 de julho).

.....

— 1674.—O donatario Antonio Luiz Gonçalves da Camera Coutinho obteve licença, por alvará de 6 de julho, para renunciar o senhorio da capitania, e o fez na pessoa de Francisco Gil de Araujo, morador na Bahia, que o comprou por quarenta mil cruzados.

— 1675.—Por carta de doação regia de 18 de março, ficou Francisco Gil de Araujo senhor da capitania, o qual trazendo da Bahia muitos casaes, doou-lhes terras para lavrarem, e a todos os moradores assistio com cabedal consideravel para fornecerem seus engenhos e lavouras, que avultaram por essa causa muito nesse tempo.

— 1679.—Foi creada a villa de Guaraparim junta á foz do rio do mesmo nome (carta do 1.º de janeiro).

— 1682.—Era vigario do convento da invocação de Nossa Senhora do Carmo dos religiosos carmelitas calçados Fr. Agostinho de Jêsus.

— 1685.—Morre na Bahia Francisco Gil de Araujo em 24 de dezembro.

— 1687.—Manoel Garcia Pimentel, filho de Francisco Gil de Araujo teve carta de doação, por successão, em 5 de dezembro, e não veio á capitania occupado com as importantissimas propriedades que lograva na Bahia.

— 1689.—No 1.º de março se fez com toda a solemnidade a cerimonia da conferencia do titulo de villa á aldêa de Guaraparim.

— 1693.—Sendo capitão-mór João Velasco Molina, desceo da casa da Casca á villa da Victoria, Antonio Rodrigues Arzão, natural de Taubaté; fez perante o capitão-mór e a camara, denuncia de tres oitavas de ouro, que por ser o primeiro denunciado no Brasil tirado das minas se fizeram duas medalhas, ficando uma ao capitão-mór e outra ao dito Arzão.

— 1702.—Por ordem de D. Rodrigo da Costa, governador e capitão general do estado, se levantou a fortaleza de S. Francisco Xavier na barra da bahia do Espirito-Santo.

— 1716.—O capitão-mór João de Velasco Molina toma posse de governador (13 de setembro).

— 1718.—Por escriptura feita em Lisboa aos 6 de abril, comprou D. João V. a capitania a Cosme Rolim de Moura por quarenta mil crusados, por ter fallecido sem successão o donatario Manoel Garcia Pimentel, e ser julgada por sentença da relação da Bahia a successão no dito Moura.

Esteve esta capitania em poder dos donatarios cento e noventa e tres annos.

— 1721.—Em 1 de janeiro foi nomeado Antonio de Oliveira Madail com patente

de capitão-mór e governador subalterno do governo da Bahia; o qual succedeo no governo ao capitão-mór João de Velasco Molina.

— 1722.—A capitania fica sujeita á jurisdicção do ouvidor do Rio de Janeiro no fôro judicial (provisão do conselho ultramarino de 19 de abril).

— Publica-se um bando do governador com data de 3 de outubro, concedendo faculdade a todo o morador da capitania para se estabelecer nas margens do rio de S. Matheus.

— Para animar a ida dos novos colonos, mandou o governador apromptar embarcações para os conduzir gratuitamente. Deu provisão de nomeação de capitão-mór a Antonio Vaz da Silva, e a camara da Villa da Victoria nomeou juiz da vintena a Antonio da Rocha Cardoso. Esta foi a origem da villa de S. Matheus.

— 1726.—O conde de Sabugosa, vice-rei do estado, mandou da Bahia para a capitania o engenheiro Nicoláo d'Abreo, para fazer as precisas fortificações na villa da Victoria; levantando-se as fortalezas de S. João na garganta que faz a bahia acima da villa do Espirito-Santo, e os fortes de Nossa Senhora da Victoria, do Carmo, Santo Ignacio e S. Diogo.

— 1741.—Creou-se a comarca do Espirito-Santo pelo ouvidor Pascoal Ferreira Deveras, que tomou posse em 3 de outubro, e na demarcação que lhe fez unio as villas de S. João e S. Salvador de Campos de Goitacazes.

— 1750.—Foi elevada á categoria de parochia a igreja de Nossa Senhora do Rosario da villa do Espirito-Santo.

— 1751.—A igreja de S. Matheus na villa deste nome foi elevada á categoria de parochia por ordem regia de 23 de março.

— 1753.—A capitania da Parahyba do Sul foi incorporada á corôa, pela compra que della mandou fazer D. José I., determinando que o seu districto ficasse pertencendo á ouvidoria da capitania do Espirito-Santo.

— 1754.—Foi erecta em matriz a igreja de Nossa Senhora da Conceição da povoação de Minas do Castello.

— 1758.—A aldêa dos indios dos Reis Magos foi elevada á categoria de villa com a denominação de Nova Almeida (alvará de 8 de maio).

— 1759.—O aldêamento dos indios em Iiritiba é elevado á categoria de villa com a denominação de Benevente (alvará do 1.º de janeiro).

— 1768.—O marquez de Lavradio governador e capitão general da Bahia mandou para a capitania a companhia de linha denominada de Pinto do regimento de Alvim, para que unida á infantaria desta, formasse uma companhia de sessenta infantes.

— 1771.—Foi despojada do titulo de matriz a igreja de Nossa Senhora da Conceição da povoação de Minas do Castello, e transferio-se o baptisterio para a igreja de Nossa Senhora do Amparo da villa de Itapemirim.

— 1780.—Descobre um tal Bueno terreno aurifero na margem direita do Rio Manhú-aquí.

— 1788.—D. Rodrigo José de Menezes, governador e capitão general da Bahia determinou em data de 26 de janeiro, e em virtude da carta regia de 22 de março de 1766, se creasse na capitania um regimento de infantaria de milicias, e se lhe aggregassem duas companhias de cavallaria.

— 1789.—Organisou-se o regimento de infantaria de milicias, sendo nomeado coronel commandante o capitão-mór e governador da capitania Ignacio João Mongiardino.

— 1793.—D. Fernando José de Portugal, governador e capitão general da Bahia, por ordem de 27 de agosto, regulou a companhia de infantaria de linha em 114 praças.

— 1794.—D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, natural da villa de S. Salvador de Campos de Goitacazes, foi eleito segundo bispo de Pernambuco a 21 de novembro.

— 1795.—A igreja de Nossa Senhora da Assumpção da villa de Benevente, foi elevada á categoria de parochia pelo alvará de 22 de dezembro.

— 1798.—Por ordem de 17 de agosto mandou D. Fernando José de Portugal crear um hospital militar, o que foi executado pelo capitão-mór e governador da capitania Manoel Fernandes da Silveira.

— Por aviso de 29 de agosto, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro e secretario de estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos, mandou observar na capitania a carta regia de 12 de maio de 1798 dirigida a D. Francisco de Sousa Coutinho, governador e capitão general do Pará.

— *Foi esta capitania governada por capitães-móres depois da compra que a corôa fez, 82 annos.*

— 1800.—É nomeado em 29 de março governador subalterno do governo da Bahia Antonio Pires da Silva Pontes.

— Levanta o governador a carta geographica do Rio Doce e seus confluentes, sendo este o primeiro trabalho topographico feito na capitania.

— Em 4 de abril creou o corpo de pedestres, e formou deste o destacamento de Porto de Sousa no districto do Rio Doce para servir de registro e evitar as surpresas dos indios antropagos.

— Em 8 de outubro celebrou de accordo com o capitão general da capitania de Minas-Geraes Bernardo José de Lorena, um auto em que se marcaram limites desta capitania com a de Minas no Rio Doce.

— 1804.—Foi nomeado com patente de governador subalterno do governo da Bahia, e tomou posse em 17 de dezembro Manoel Vieira d'Albuquerque e Tovar.

— 1807.—Por decreto de 4 de junho foi annexado o posto de coronel commandante do regimento de infantaria de milicias ao governo da capitania.

— 1809.—Pela carta regia de 29 de maio foi creada a junta da administração e arrecadação da real fazenda; abolida a provedoria, e no que respeita á fazenda, independente da Bahia.

— Em outubro deu o governador a denominação de —Linhares—ao lugar em que se havia de levantar uma povoação na margem do Rio Doce.

— Estabeleceu-se uma linha de destacamentos contra os Aborigenes selvagens em toda a capitania.

— Por ordem do almirantado de 7 de novembro se marcou o premio de 400.000 a quem apresentasse o melhor plano da foz e porto do Rio Doce.

— 1810.—Por decreto de 18 de agosto foi creado um batalhão de artilharia miliciana, que foi organizado no 1.º de dezembro.

— Por decreto de 13 de setembro ficou a capitania quanto ao militar independente da Bahia.

— *Foi esta capitania governada por governadores subalternos ao governo da Bahia, 12 annes.*

— 1812.—Em 12 de junho foi nomeado com patente sem ser sujeito ao governador e capitão general da Bahia, para governador da capitania Francisco Alberto Rubim, que tomou posse em 5 de outubro.

— Edifica-se a igreja da villa da Barra.

— 1813.—Em 15 de fevereiro funda-se a povoação de Vianna no sertão da margem norte do rio Santo Agostinho, termo da villa da Victoria, e nella se situam os casaes de açoristas remettidos pelo intendente geral da policia Paulo Fernandes Vianna; e levantam-se plantas prespectivas da colonia.

— Por aviso de 10 de julho ordenou el-rei, em resposta ao officio do governador pedindo um regimento para se regular, que se dirigisse pelas ordens que existissem na secretaria do governo, representando sobre aquellas que lhe offerecessem duvidas.

— Funda-se a casa da Misericordia, e um hospital, por não existir o antigo nem haver noticia do lugar em que estava.

— 1814.—É autorisado o governador para conceder terrenos de sesmaria (C. R. de 17 de janeiro).

— Ficaram isentos do pagamento de dizimo as culturas de linho e trigo que se fizessem na capitania, pelo tempo de dez annos a contar do 1.º de janeiro (C. R. de 17 de janeiro).

— Determinou-se que todos os sesmeiros pudessem commerciar sobre todas o quaesquer madeiras á excepção de páo-brasil, perobas e tapinhoans, as quaes só poderiam ser cortadas precedendo a competente licença (C. R. de 17 de janeiro).

— Ordenou-se que aos casaes de ilheos e a outros novos povoadores se fizessem as demarcações e medições sem despeza alguma dos colonos, no caso de lhe faltarem os meios sufficientes para taes despezas, e de ser reconhecida a sua pobreza (C. R. de 17 de janeiro).

— Em 14 de setembro manda o governador romper o sertão intermedio desta capitania com a de Minas-Geraes, ficando uma estrada de communicação da cachoeira do rio Santa Maria, tórmo da villa da Victoria á villa Rica da capitania de Minas-Geraes, com 72 $\frac{3}{4}$ leguas, para cujo rompimento havia dado instrucções e ordens ao capitão do corpo de pedestres Ignacio Pereira Duarte Carneiro.

— Por officio de 4 de novembro remetteu o governador a el-rei amostras do linho e trigo cultivado na capitania.

— Levanta-se a primeira planta prespectiva da villa da Victoria, capital da capitania.

— 1815.—O lugar de Itapemirim foi elevado á categoria de villa (alvará de 27 de junho).

— Foi o governador autorisado pela provisão do conselho supremo militar de 14 de agosto, para passar patentes aos officiaes de ordenanças.

— Em 15 de dezembro lançou o governador a primeira pedra para a edificação da igreja da povoação de Vianna que dedicou á Nossa Senhora da Conceição.

— 1816.—Todos os generos transportados pela estrada do Rubim ficaram isentos de pagar quaesquer direitos pelo tempo de dez annos a contar de 4 de dezembro.

— Foi approvedo o auto de divisão e demarcação de 8 de outubro de 1800, e marcou-se a linha divisoria pelo sertão entre esta capitania e a de Minas-Geraes (C. R. de 4 de dezembro).

— 1817.—Pela provisão do real erario de 5 de março se mandou fazer pelo cofre da junta a despeza para uma igreja matriz em Linhares.

— Abre-se uma estrada que dos sertões da povoação de Vianna segue ao quartel de Ourem situado na estrada do Rubim, com 10 e quasi meia leguas, e corta a que segue da cachoeira do rio Santa Maria 700 braças ao norte do quartel de Ourem.

— Antonio José Vieira da Victoria descobre o bicho da seda indigena.

— Estabeleceram-se na estrada do Rubim os quartéis de Bragança, Pinhel, Serpa, Ourem, Barcellos, Villa-Viçosa, Monforte, e Souzel em distancia de 3 em 3 leguas para guarda, segurança e commodidade dos viajantes ; estes quartéis foram a origem das povoações daquelles nomes.

— Em 13 de setembro lança o governador os alicerces da igreja de Linhares.

— Por provisão do bispo diocesano e capellão-mór D. José Caetano da Silva Coutinho, foi nomeado capellão curado independente, da igreja da povoação de Vianna, Francisco do Nascimento Teixeira, religioso do convento de Santo Antonio da provincia da Conceição.

— Por provisão de 3 de outubro se mandou levantar a planta de uma ponte que se devia construir no porto de Carlos José ou do Carlinhos no rio Ururahi.

— Mandou-se arrematar o córte de páo-brasil que se achasse na provincia (decreto de 20 de outubro).

— Foi permittido que se erigisse na villa da Victoria um hospital para os enfermos pobres, accitando-se a casa de que fez doação Luiz Antonio da Silva, e as contribuições voluntarias dos lavradores e negociantes para a creação e manutenção do dito hospital, tudo devido ao zelo do governador (decreto de 23 de dezembro).

— 1818.—Leva o governador á presença de el-rei a descripção do bicho da seda indigena, plantas de que se alimenta, acompanhada de uma meada de fio, um casulo perfeito e outros em differentes estados, e uma renda feita da mesma seda.

— Por aviso de 30 de maio mandou el-rei louvar o governador pela estatistica da capitania que lhe tinha enviado com officio de 30 de março.

— O governo geral faz uma transacção com o banco do Brasil onde se estipula que a capitania do Espirito-Santo concorrerá com a quantia de dezeseis contos. Em 31 de março a junta do banco communica ao governador a sua satisfação por ter elle ultimado a remessa daquella quantia.

— É creada uma cadeira de primeiras letras na villa do Espirito-Santo (decreto de 3 de agosto).

— É creada na villa de Itapemirim uma cadeira de primeiras letras (decreto de 19 de novembro).

— 1819.—Com officio de 9 de agosto leva o governador á presença de el-rei a planta da povoação de Linhares, e os mappas de sua população e do corpo de pedestres que a defende ; e juntamente uma relação das obras relativas á sua igreja matriz e das differentes estradas que naquelle districto foram abertas.

— Pela provisão de 15 de dezembro se approvaram os estatutos para a sociedade de agricultura, commercio e navegação do Rio Doce.

— Em 23 de dezembro toma posse o governador Balthasar de Sousa Botelho e Vasconcellos por ter o governador Francisco Alberto Rubim sido nomeado governador do Ceará.

— 1820.—Foi creada uma alfandega provisoria na cidade da Victoria e um registro na foz do Rio Doce para importação e exportação de quaesquer generos (decreto de 10 de janeiro).

— A igreja de Nossa Senhora da Conceição da povoação de Vianna é elevada á cathogoria de parochia (decreto de 25 de março).

— *Foi governada esta capitania por governadores independentes, e sómente sujeitos ao governo geral nove annos.*

— 1821.—Por decreto de 29 de setembro foi creada a junta provisoria do governo.

Braz da Costa Rubim.



PRIMEIRA MEMORIA

SOBRE

METHODOS GERAES DE INTEGRAÇÃO.

As tentativas infructuosas de Fontaine e Condorcet fizeram com que muitos geometras se persuadissem que seria impossivel achar methodos geraes de integração: era a opinião de Lagrange que suppunha que este problema excedia as forças da intelligencia humana (1). Habitudo a ver as maiores difficuldades cedarem ao poder victorioso de seu genio, Lagrange não tendo meio algum de resolver o problema, suppunha-o insolavel. Com effeito, quando tomando uma equação qualquer differencial

$$f(x, y, \frac{dy}{dx}, \frac{d^2y}{dx^2} \&c) = 0$$

procura-se, para integral-a, mudar de variaveis (o que é indispensavel em questões desta ordem, afim de que introduzamos indeterminadas de que possamos dispor ou para simplificar a equação, dando-lhe uma fôrma que mais convenha a integração, ou para reduzi-la a outra que se saiba integrar) não se póde ver qual é o resultado da transformação, emquanto a proposta conserva toda a sua generalidade; e se, para vermos os resultados da mudança de coordenadas, damos-lhe uma fôrma mais determinada, a que se reduz então o tal methodo geral?

Muito imbuidos dessas idéas, os geometras tem seguido um rumo que tem prejudicado aos progressos do calculo integral: muitos methodos variados e elegantes tem sido creados, porém de tal modo particulares, que duas ou tres equações sómente conseguimos integrar por meio delles, e ha muitos que, integrando uma equação differencial, deixam de o fazer quando um coefficiente constante muda um pouco de valor: taes são os methodos de integração por integraes definidas, a que entretanto quasi sempre temos precisão de recorrer. Aquelles methodos de integração que parecem mais geraes, não são verdadeiros methodos de integração, porque, ou elles mudam as equações propostas em outras que se sabe integrar, e então são methodos de redução ou abaixamento; ou transformam apenas as equações que se trata de integrar em outras que em nada geralmente adiantam a solução do problema, e então são meras transformações analyticas, muitas vezes muito preciosas é verdade. Na primeira cathegoria collocam-se, por exemplo, os methodos de integração das equa-

(1) Vi esta opinião de Lagrange em G. Conte, Cours de Philosophie positive, t. 1.º

ções differenciaes parciaes da primeira ordem. Diz-se geralmente que sabemos integrar essas equações; muitos methodos tem sido dados para esse fim, taes são os de Lagrange, Ampere, Cauchy, etc., porém todos elles, reduzindo a integração das equações differenciaes parciaes da primeira ordem, a integração de um systema de equações differenciaes totaes da primeira ordem, são verdadeiros methodos de redução, tanto mais quanto as equações reduzidas apenas são integraveis em casos infinitamente particulares. Pelo contrario, o methodo pelo qual Euler, para integrar a equação

$$Mdx + Ndy = 0,$$

recorre a esta

$$M \frac{dz}{dy} - N \frac{dz}{dx} + \left(\frac{dM}{dy} - \frac{dN}{dx} \right) z = 0$$

isto é, a uma equação quasi sempre mais difficil a integrar do que a proposta, methodo chamado do *factôr*, é uma pura transformação analytica, ainda que bastante importante. O methodo de integração por separação de variaveis, mediante o qual Euler integrou a equação

$$dy + f(x) y dx = F(x) dx \quad (1)$$

que, com outra que mais abaixo transcreverei, são as equações mais geraes que até hoje se tem integrado, e pelo qual tambem se integra certa classe de equações homogeneas, posto que muito precioso, está tambem nos mesmos casos que os outros methodos, e não deve ser considerado senão como um meio de procurar integrar e não de integrar effectivamente: o mesmo póde-se dizer de quasi todos os methodos de integração. Todavia ha um processo dado por Laplace para integrar a equação differencial parcial

$$\frac{d^2u}{dx dy} + P \frac{du}{dx} + Q \frac{du}{dy} + Ru = 0,$$

que reúne á vantagem de ser muito analytico a de conduzir effectivamente á integral da equação proposta (V. *Traité du calcul integral et differenciel de Lacroix, tome II, pag. 610 e sq.*). Desgraçadamente esse methodo só dá a integral da proposta no caso em que ella admite integraes sem integraes definidas; isto é, em casos muito particulares. Ha outro methodo dado pelo mesmo geometra (V. *OEuvres de Laplace, tom. VII, pag. 120 e sq.*) pelo qual elle integrou completamente a equação

$$(a + bx)y + (a' + b'x) \frac{dy}{dx} + (a'' + b''x) \frac{d^2y}{dx^2} + (a''' + b'''x) \frac{d^3y}{dx^3} + \& = 0 \quad (2)$$

cuja ordem é qualquer, porém em que as funcções de x que multiplicam os diversos termos são polynomios do 1.º gráo. Quando se trata de outras equações o processo

* Posto que essa equação seja geralmente muito mais difficil de resolver do que a proposta, de que mais naturalmente faz-se depender a integração da equação em z, todavia ha casos em que esta indagação é mais simples. Em um dos numeros seguintes desta Revista eu desenvolverei um methodo para integrar em casos bastante extensos a equação differencial parcial

$$M \frac{dz}{dy} - N \frac{dz}{dx} + \left(\frac{dM}{dy} - \frac{dN}{dx} \right) z = 0$$

de que fallamos reduz-se a uma pura transformação analytica; transformação que é bastante importante e de que nós faremos muito uso. Esta transformação que sómente se applica a equações cujos coefficients são algebraicos e racionais, offerece esta particularidade, a saber: se a equação proposta for da n^{esima} ordem, e dos polynomios que multiplicam os differentes coefficients differenciaes m for o gráo do mais elevado, a transformada será da ordem m^{esima} e n o gráo do polynomio o mais elevado: é por essa razão que se integra a equação (2) que depois da transformação reduz-se a uma equação da primeira ordem, isto é, da fórmula da equação (1). O Snr. Liouville tambem compoz uma Memoria (V. *Journal de l'Ecole Polytechnique, cahier 21.º*, pag. 162) para integrar effectivamente a equação

$$(m x^2 + nx + p) \frac{d^2y}{dx^2} + (qx + r) \frac{dy}{dx} + sy = 0 \quad (3)$$

pelo calculo differencial de indices fraccionarios **. O Snr. Malmsten, professor de mathematicas em Upsala, na Suecia, integrou tambem a equação (*Journal für die reine und angewandte Mathematik XXXIX band, herausgegeben von Crelle.*)

$$x^{n-1} (a_n + b_n x) \frac{d^ny}{dx^n} + x^{n-2} (a_{n-1} + b_{n-1} x) \frac{d^{n-1}y}{dx^{n-1}} + \dots + (a_1 + b_1 x) \frac{dy}{dx} + b_0 y = 0, \quad (4)$$

reduzindo-a á fórmula (3) por varias transformações successivas.

As equações (1) e (2) são as mais geraes que até hoje se tem integrado: as equações (3) e (4), [a equação (4), como é facil ver, é pouco mais geral que a equação (3)] estão em segundo lugar. Ha ainda algumas classes particulares que se tem integrado: taes são as equações

$$A \frac{d^ny}{dx^n} + B \frac{d^{n-1}y}{dx^{n-1}} + C \frac{d^{n-2}y}{dx^{n-2}} + \dots + R \frac{dy}{dx} + Sy = 0,$$

$$A \frac{d^ny}{dx^n} + B \frac{d^{n-1}y}{dx^{n-1}} + C \frac{d^{n-2}y}{dx^{n-2}} + \dots + R \frac{dy}{dx} + Sy = f(x),$$

integradas por Euler e Lagrange; A, B, & são constantes: a equação

$$\frac{d^ny}{dx^n} + ax^m y = 0,$$

tratada pelos Snrs. Kummer, Lobatto e Malmsten: a equação não lineare

$$(A + A'x + A''y) (xdy - ydx) - (B + B'x + B''y) dy + (C + C'x + C''y) dx = 0 = 0,$$

* Tem-se já observado que ha casos em que o methodo do Snr. Liouville não pôde ser applicado; observação a que pôde-se accrescentar: nesse caso a equação (3) reduz-se a

$$(nx + f) \frac{d^2y}{dx^2} + r \frac{dy}{dx} + sy = 0;$$

a qual, sendo da formula (2) é integravel pelo methodo de Laplace.

** Tambem um calculo que se pôde chamar calculo das differenças finitas de indices fraccionarios permite per um methodo analogo ao do Snr. Liouville integrar a equação de differenças finitas.

$$(mx^2 + nx + p) \Delta^2 y + (qx + r) \Delta y + sy = 0.$$

integrada pelo famoso geometra de Königsberg o illustre Jacobi, infelizmente morto o anno passado, apenas com 46 annos de idade! Em differenciaes parciaes são integradas com facilidade pelo theorema de Fourier applicado a muitas variaveis todas as equações lineares de coefficients constantes.

Não obstante os numerosos escriptos que tem sido publicados sobre o calculo integral e os progressos muito reaes que, neste seculo, tem feito este importante ramo d'analyse, vê-se, pelo que precede, quanto ainda elle está atrazado. Posto que a descoberta de outros ramos d'analyse possa até certo ponto obviar as imperfeições deste calculo, todavia elle deve sempre occupar um lugar preponderante em mathematicas: a extrema simplicidade das operações analyticas da differenciação, e, em grande numero de casos, da operação inversa, a interpretação geometrica e mechanica dos symbolos

$$\frac{dy}{dx}, \frac{d^2y}{dx^2},$$

dos quaes o primeiro é o calculo differencial todo; symbolos que são fundamentaes nesses dous ramos vastos e importantes dos nossos conhecimentos, justificam bem o que dissemos.

É então necessario que nos occupemos mais cedo ou mais tarde do problema geral de integração. Vou expor minhas idéas a este respeito, as quaes me occorreram desde que principiei a estudar o calculo integral: mas em primeiro lugar direi o que entendo por methodo geral de integração. Não é um unico processo pelo qual se integre toda e qualquer equação differencial: porém, concebendo essas equações divididas em um pequeno numero de classes e essas classes reduzidas ao menor numero possivel, chamarei methodo geral o que conduz á integração de cada uma dessas vastas classes. Seria sem duvida melhor que todas ellas se reduzissem a uma unica, porém isto parece impossivel, a querer-se conseguir alguma cousa: pelo contrario a divisão em 6, 8 ou 10 classes permite muito melhor que se chegue a solução do problema.

Em outra occasião apresentarei uma classificação das equações differenciaes; agora vou apresentar os principios que, segundo creio, devem ser empregados na indagação das integraes das classes de que temos fallado. Farei depois applicação dessas idéas geraes a integração da equação muito geral

$$P \frac{d^2y}{dx^2} + Q \frac{dy}{dx} + Ry = 0, \quad (5)$$

em que P, Q e R são funcções quaesquer racionaes de x, que tive a felicidade de integrar completamente, e a qual póde ser transformada nesta

$$(a+bx+cx^2)y + (a'+b'x+c'x^2) \frac{dy}{dx} + (a''+b''x+c''x^2) \frac{d^2y}{dx^2} + \& = 0 \quad (6)$$

qualquer que seja a sua ordem e que deve por consequencia ser considerada como tambem integrada.

A equação (5) ou (6) comprehende como casos particulares a equação (2), integrada por Laplace, a equação (3) do Snr. Liouville e as equações (5) e (6) integradas pelos geometras citados. Geralmente ellas comprehendem, pondo de parte a equação (1), todas as equações differenciaes totaes que até hoje tem-se integrado. Porém como

acontece a todo processo geral em methodos inversos, elle é assás complicado. Eis quaes são os principios que entendo devem ser seguidos em semelhantes indagações.

Em primeiro lugar devemos procurar não integraes primeiras, integraes segundas ou terceiras, porém immediatamente integraes finaes, integraes primitivas. Se achassemos uma integral particular, como geralmente ella será dada por quadraturas definidas ou indefinidas, e póde ter uma forma qualquer, por mudanças apenas sensiveis nas equações differenciaes, resulta dahi que os coefficients da integral primeira além de muito complicados, differirião completamente dos da equação proposta e a equação resultante não poderia ser tratada pelos mesmos principios e geralmente ser-nos-ia impossivel achar a sua integral.

Folgo muito de ver que a minha opinião sobre este ponto coincide com a do celebre Jacobi. Com effeito, em uma memoria que ha dias me chegou da Europa o illustre geometra considera como muito importante a indagação immediata das integraes primitivas, como se vê por estas palavras: « *Hinc in theoria integrattonis equatium differentialium vulgariū novus disquisitionum aperitur campus, videlicet ultimas investigandi integrationes, dum premæ non innotescunt.* (V. *Theoriam novi multiplicatoris systemati aquationum differentialium vulgariū applicandi*, pag. « 49.) »

Em segundo lugar farei a observação seguinte bem importante nesta materia: sendo dada uma equação differencial qualquer, em que os coefficients constantes não estão determinandos, é sempre ou quasi sempre possivel, dispondo desses coefficients, obrigar a equação proposta a admitir integraes de forma dada. A equação.

$$(a''+b''x) \frac{d^2y}{dx^2} + (a'+b'x) \frac{dy}{dx} + (a+bx) y = 0,$$

a, a', a'', b & sendo indeterminadas, póde admitir a integral $y=e^{mx}$, suppondo-se ou $b''=b'=b=0$,

ou

$$a''+b''x=m(a+bx) \quad a'+b'x=n(a+bx)$$

A mesma equação póde admitir a integral particular $y=x$ suppondo-se $b=0, a=-b', a''=0$

Dahi resulta que o problema da integração reduz-se a introduzir na equação que se quer integrar indeterminadas que permitam estabelecer relações convenientes entre os seus coefficients constantes; ou então sendo dada uma equação differencial transformal-a em outra em que os coefficients sejam differentes dos da equação proposta: esta e outras transformações subseqüentes devem ser feitas segundo a mesma lei, afim de que, todas as transformadas conservando a mesma forma, o processo possa ser indefinidamente applicado, e a relação ou relações buscadas entre os coefficients mais facilmente achadas. Desta maneira o problema, posto que difficil não parece intratavel; o problema geral de integração é então este:

Sendo dada uma equação differencial qualquer, transformal-a em outra que sómente difira da proposta pelos seus coefficients constantes. Seja

$$f(x, y, y', y'', \&) = 0 \quad (7)$$

a equação que se quer integrar e na qual y, y', y'' & representam, conforme a no-

tação de Lagrange, coefficients differenciaes successivos da função y. Pergunta-se a equação (7) admitirá a integral particular

$$y = \psi(x, y) \quad ? \quad (8)$$

Pois que a forma da integral (8) é dada, a equação (7) geralmente não a admitirá sem que hajam certas relações entre os seus coefficients constantes que represento por

$$\left. \begin{aligned} C(x, \beta, \gamma, \delta, \&) &= 0 \\ C_1(x, \beta, \gamma, \delta, \&) &= 0 \\ C_2(x, \beta, \gamma, \delta, \&) &= 0 \\ \dots\dots\dots \end{aligned} \right\} (9)$$

Procuo transformar a equação (7) mudando de variaveis, em outra que sómente difira pelos seus coefficients constantes e que representarei por

$$f(x_1, y_1, y_1', y_1'', \&) = 0 \quad (10)$$

Esta nova transformada admitirá a integral

$$y_1 = \psi(x_1, y_1) \quad ?$$

Ou antes as condições

$$\left. \begin{aligned} C(x_1, \beta_1, \gamma_1, \delta_1, \&) &= 0_1 \\ C_1(x_1, \beta_1, \gamma_1, \delta_1, \&) &= 0_1 \\ C_2(x_1, \beta_1, \gamma_1, \delta_1, \&) &= 0_1 \\ \dots\dots\dots \end{aligned} \right\}$$

($x_1, \beta_1, \gamma_1, \&$ são os coefficients constantes da transformada) ficarão satisfeitas? Se ellas não ficarem satisfeitas, deve-se transformar a equação (10) como se transformou a equação (7): tem-se então esta serie de transformadas

$$\left. \begin{aligned} f(x, y, y', y'', y''', \&) &= 0 \\ f_1(x_1, y_1, y_1', y_1'', y_1''', \&) &= 0 \\ f_2(x_2, y_2, y_2', y_2'', y_2''', \&) &= 0 \\ \dots\dots\dots \\ f_n(x_n, y_n, y_n', y_n'', y_n''', \&) &= 0 \end{aligned} \right\} (11)$$

por entre as quaes procurar-se-ha se ha alguma que admitta integraes da forma

$$\left. \begin{aligned} y &= \psi(x, y) \\ y_1 &= \psi(x_1, y_1) \\ y_2 &= \psi(x_2, y_2) \\ \dots\dots\dots \\ y_n &= \psi(x_n, y_n) \end{aligned} \right\} (12)$$

que só differem pela mudança das variaveis: ou então das equações (11) qual é a que satisfaz as condições

$$\left. \begin{aligned} C(\alpha_m, \beta_m, \gamma_m, \delta_m, \&) &= 0 \\ C_1(\alpha_m, \beta_m, \gamma_m, \delta_m, \&) &= 0 \\ C_2(\alpha_m, \beta_m, \gamma_m, \delta_m, \&) &= 0 \\ \dots\dots\dots \\ C_p(\alpha_m, \beta_m, \gamma_m, \delta_m, \&) &= 0 \end{aligned} \right\} (13)$$

Se nenhuma se encontrar, deve-se dar á integral uma fôrma diferente, isto é, deve-se fazer

$$\left. \begin{aligned} y &= \varphi(x, y) \\ y_1 &= \varphi(x_1, y_1) \\ y_2 &= \varphi(x_2, y_2) \\ \dots\dots\dots \\ y_n &= \varphi(x_n, y_n) \end{aligned} \right\} (14)$$

de maneira que se a funcção ψ fosse, por ex., algebraica e inteira, a nova funcção φ representasse uma algebraica racional e fraccionaria, ou irracional, ou uma funcção transcendente. Tomando então varias funcções para representar a integral da proposta, tendo-se o cuidado de excluir todas aquellas que *à priori* sabe-se não poderem ser consideradas como taes, obteremos varios systemas de transformadas, por entre os quaes procuraremos se ha alguma que satisfaça as condições (13). Achada essa equação, ella se integra immediatamente, e, invertendo as operações executadas para chegar a ella, sempre se obtem a integral da equação proposta.

Este processo é sujeito ás difficuldades e inconvenientes seguintes:

1.º É muito difficil sendo dada uma equação differencial qualquer, mesmo linear e de coefficients algebraicos e racionais, transformal-a em outra semelhante e que sómente diffira pelos coefficients constantes.

2.º Quando se tenha conseguido fazer isto uma vez, é bastante difficil, repetindo a mesma operação, chegar a uma transformada distincta da precedente.

3.º Faltam-nos meios necessarios a determinar todas as fôrmas que póde ter a integral de uma equação differencial dada, ou antes, quaes são as fôrmas que ella não admite.

4.º Como nós podemos apenas excluir um pequeno numero de fôrmas, as que restam sendo em numero infinito, os systemas de transformadas, que muito difficilmente se podem formar, são immensos, e não se sabe no fim de que numero de transformações se deve achar a integral buscada, nem mesmo se será possivel achal-a.

Para solver as duas ultimas difficuldades, devemos procurar, executando as transformações, introduzir indeterminadas, de maneira que, por entre as transformadas successivas não se procure mais se ha alguma que satisfaça as equações de condição que devem ter lugar entre os seus coefficients, porém que sejam taes que nellas se encontre sempre uma, a qual, mediante as indeterminadas de que fallamos, satisfaça realmente as taes condições.

Ao que acabamos de dizer, podem-nos apresentar esta objecção: A equação differencial sendo qualquer, póde admittir na sua integral toda e qualquer transcendente; de outro lado, a fôrma da integral, pelo que precede, sendo dada *à priori*, podendo ser, por ex., uma funcção algebraica da variavel independente, será possivel chegar jamais á integral da proposta? As equações que ligam as variaveis das transformadas consecutivas, podendo conter transcendentos quaesquer, resulta dahi que uma das transformadas póde admittir integral algebraica, qualquer que seja a equação proposta. Por ex., a equação

$$(a+bx) y + (a'+b'x) \frac{dy}{dx} + (a''+b''x) \frac{d^2y}{dx^2} = 0,$$

não se póde integrar por funções algebraicas, nem por logarithmos, exponentiaes, reaes ou imaginarios, porém esta

$$(a-a'u+a''u^2) v + \frac{dv(b-b'u+b''u^2)}{du} = 0,$$

em que ella se transforma fazendo-se $y = f e^{-ux} v du$, integra-se por quantidades algebraicas, exponentiaes e funções circulares, conforme os coefficients a, a', a'' , &c constantes.

As duas primeiras difficuldades devem sempre subsistir, pois que é a ellas que se reduz o problema geral d'integração: mas ellas podem se simplificar pela consideração seguinte. Procuramos transformar a equação proposta em outra que sómente diffira pelos coefficients constantes, afim de que as relações entre os mesmos coefficients que não tinham lugar na equação dada, mudadas elles nas transformadas, possam então ter lugar. Porém como seja muito difficil a indagação de semelhante systema, procuraremos um em que as transformadas sejam muito semelhantes umas ás outras e se integrem pouco mais ou menos pelos mesmos principios. Por ex., se tivermos a equação

$$(a+bx) y + (a'+b'x) \frac{dy}{dx} + (a''+b''x) \frac{d^2y}{dx^2} = 0,$$

não podendo-a transformar em outra como esta

$$(a,+b,x) y + (a',+b',x) \frac{dz}{dx} + (a'',+b'',x) \frac{d^2z}{dx^2} = 0,$$

que sómente differe pelos coefficients constantes, dar-lhe-hemos ao menos a fórmula

$$(a,+b,x+c,x^2) y + (a',+b',x+c',x^2) \frac{dy}{dx} + (a'',+b'',x+c'',x^2) \frac{d^2y}{dx^2} = 0,$$

e esta transformaremos nesta

$$(a_2+b_2x+c_2x^2+d_2x^3) y + (a'_2+b'_2x+c'_2x^2+d'_2x^3) \frac{dy}{dx} + (a''_2+b''_2x+c''_2x^2+d''_2x^3) \frac{d^2y}{dx^2} = 0$$

e assim em diante.

Se a equação proposta tivesse esta fórmula

$$ay + (a'+b'x) \frac{dy}{dx} + (a''+b''x+c''x^2) \frac{d^2y}{dx^2} = 0$$

podiamos procurar as transformadas seguintes:

$$a_1 y_1 + (a'_1+b'_1x) \frac{dy}{dx} + (a''_1+b''_1x+c''_1x^2) \frac{d^2y}{dx^2} + (a'''_1+b'''_1x+c'''_1x^2+d'''_1x^3) \frac{d^3y}{dx^3} = 0,$$

$$a y + (a'_2+b'_2x) \frac{dy}{dx} + (a''_2+b''_2x+c''_2x^2) \frac{d^2y}{dx^2} + (a'''_2+b'''_2x+c'''_2x^2+d'''_2x^3) \frac{d^3y}{dx^3} +$$

$$(a''''_2+b''''_2x+c''''_2x^2+d''''_2x^3+e''''_2x^4) \frac{d^4y}{dx^4} = 0$$

nas quaes conservamos as mesmas letras x e y para maior simplicidade.

Empregando o systema de transformadas precedentes, as equações de condição geralmente crescem com a ordem da transformada, e por consequente, é necessario que

o numero das constantes introduzidas nas transformadas successivas creça mais rapidamente do que o numero das equações de condição: de modo que no fim de certo numero de operações tenham-se tantas indeterminadas quantas são as equações de condição, as quaes assim satisfeitas, a integral dessa transformada em que ellas se realisarem fica conhecida e por conseguinte a da proposta.

Seja a equação

$$f(x, y, y', y'', \&) = 0;$$

supponhamos que sejam necessarias p condições para que ella admita a integral $y = \psi(x)$; suponhamos ainda que as transformadas successivas, 1.^a, 2.^a, 3.^a, & exijam respectivamente as condições

$$p+1, p+2, p+3, \dots, p+n;$$

supponhamos ainda que nas mesmas transformadas tenham-se respectivamente introduzido indeterminadas

$$1, 4, 9, 16, \dots, n^2,$$

Para que a transformada n^{esima} seja integrada devem ter lugar

$$\frac{n(n+1)}{2} + p$$

condições entre os seus coefficients constantes: de outro lado o numero de indeterminadas que ella contém é

$$\frac{2n^5 + 3n^2 + n}{2 \cdot 3},$$

e por conseguinte, no fim de certo numero de transformações, qualquer que seja p, é sempre possivel determinar n pela condição

$$\frac{2n^5 + 3n^2 + n}{2 \cdot 3} > \frac{n(n+1)}{2} + p$$

(o signal > não excluindo a igualdade) e, por conseguinte, integrar a equação.

Conforme a lei porque as constantes e condições variarem nas transformadas successivas, comtanto que as primeiras cresçam mais rapidamente que as segundas, obter-se-ha, mais cedo ou mais tarde, a integral de uma das transformadas, e o problema ficará resolvido.

Não é tambem necessario que as transformadas sejam todas semelhantes; basta que isto aconteça periodicamente, como se vê mais abaixo

$$\begin{aligned} f_1(x_1, y_1, y_1', y_1'', \&) &= 0 \\ \psi_1(x_2, y_2, y_2', y_2'', \&) &= 0 \\ \varphi_1(x_3, y_3, y_3', y_3'', \&) &= 0 \\ \dots & \\ f_2(x_n, y_n, y_n', y_n'', \&) &= 0 \\ \psi_2(x_{n+1}, y_{n+1}, y_{n+1}', y_{n+1}'', \&) &= 0 \\ \varphi_2(x_{n+2}, y_{n+2}, y_{n+2}', y_{n+2}'', \&) &= 0 \\ \dots & \\ f_3(x_{2n}, y_{2n}, y_{2n}', y_{2n}'', \&) &= 0 \\ &\& \end{aligned}$$

em que as funções semelhantes $f_1, f_2, f_3, \text{ etc.}$, reproduzem-se de n em n transformadas. Não é mesmo necessario que os periodos sejam da mesma dimensão. Tudo o que acabamos de fazer tem por fim dar maior latitude ás transformações que devem conduzir ao problema proposto.

Partindo d'essas idéas geraes vou mostrar como consegui integrar a equação geral

$$P \frac{d^2y}{dx^2} + Q \frac{dy}{dx} + Ry = 0 \quad (15)$$

ou

$$(a+bx+cx^2) y + (a'+b'x+c'x^2) \frac{dy}{dx} + (a''+b''x+c''x^2) \frac{d^2y}{dx^2} + \& = 0 \quad (16)$$

em que ella póde-se transformar: $P, Q,$ e R são funções quaesquer racionais e inteiras da variavel independente x ; podemos consideral-as como inteiras, pois que sempre podemos fazer desaparecer os denominadores. Para maior simplicidade em lugar da equação (15) consideremos esta

$$(a+bx+cx^2) y + (a^{(1)}+b^{(1)}x+c^{(1)}x^2) \frac{dy}{dx} + (a^{(2)}+b^{(2)}x+c^{(2)}x^2) \frac{d^2y}{dx^2} = 0 \quad (17)$$

que não é integravel por methodo algum conhecido, e que comprehende como caso particular a equação do Sr. Liouville: o que vou expor para integrar a equação (17) applica-se exactamente á equação (15), apenas executando maior numero de transformações.

Seja

$$y = e^{\alpha x} z;$$

a equação (17) transforma-se nesta

$$(a_1+b_1x+c_1x^2) z + (a_1^{(1)}+b_1^{(1)}x+c_1^{(1)}x^2) \frac{dz}{dx} + (a_1^{(2)}+b_1^{(2)}x+c_1^{(2)}x^2) \frac{d^2z}{dx^2} = 0, \quad (18)$$

fazendo, para maior simplicidade

$$\begin{aligned} a+a^{(1)}\alpha+a^{(2)}\alpha^2 &= a_1 & a^{(1)}+2a^{(2)}\alpha &= a_1^{(1)} & a^{(2)} &= a_1^{(2)} \\ b+b^{(1)}\alpha+b^{(2)}\alpha^2 &= b_1 & b^{(1)}+2b^{(2)}\alpha &= b_1^{(1)} & b^{(2)} &= b_1^{(2)} \\ c+c^{(1)}\alpha+c^{(2)}\alpha^2 &= c_1 & c^{(1)}+2c^{(2)}\alpha &= c_1^{(1)} & c^{(2)} &= c_1^{(2)} \end{aligned}$$

A equação (18) conserva a mesma forma que a equação (17), e já tem a indeterminada z . Agora façamos

$$z = f e^{-xu} v du,$$

conforme a transformação de Laplace. A equação (18) reduz-se a esta

$$\begin{aligned} \int (a_1 - a_1^{(1)}u + a_1^{(2)}u^2) e^{-xu} v du - \int (b_1 - b_1^{(1)}u + b_1^{(2)}u^2) \frac{d \cdot e^{-xu}}{du} v du \\ + \int (c_1 - c_1^{(1)}u + c_1^{(2)}u^2) \frac{d^2 \cdot e^{-xu}}{du^2} v du = 0: \end{aligned}$$

mas pela integração por partes

$$\begin{aligned} \int (b_1 - b_1^{(1)}u + b_1^{(2)}u^2) \frac{d \cdot e^{-xu}}{du} v du &= (b_1 - b_1^{(1)}u + b_1^{(2)}u^2) v e^{-xu} \\ &- \int \frac{d \cdot v (b_1 - b_1^{(1)}u + b_1^{(2)}u^2)}{du} e^{-xu} du \end{aligned}$$

(Continúa).

AO MEU MUITO PRESADO AMIGO

ANTONIO CONSALVES DIAS.

I.

Sobre as margens do Amazona
Formosos campos se estendem,
Que matizam lindas flores,
Quaes myriadas de estrellas,
Que do dia á luz refulgem ;
Rios niveos de crystal
Percorrem a verde nava,
Após saltarem rochedos
Das montanhas sobranceiras,
E mansas entre esmeraldas,
Murmurando sobre a arêa
Vão mimosas confundir-se
Entre as agoas do Gigante,
Que por erro tira o nome
Das guerreiras, que na Scythia
Arco e flecha manejavam —
— Mas arco e flexa manejam,
Brandem mortíferas massas
Os guerreiros Mandrucus.

A lua quasi se esconde,
Com tristeza a terra deixa ;
Espargindo-lhe brilhantes
Nos orvalhos, que a refrescam.
Dirieis — lagrimas ternas
De saudade a terra chora ; —
Branda aragem matutina
Ás collinas traz a vida,
Leve adeja sobre o prado.

Moço, bello, resolutto,
 Todo armado um cavalleiro
 Ligeiro os páramos corta.

A mão de Deos o tocára :
 Seu coração não palpita
 Só por terrena belleza ;
 Lá ao longe no horizonte
 Espera um porvir illustre ;
 Demorados e penosos
 Trabalhos o aguardam lá ;
 Cavalleiros excellentes,
 Já da Aurora ou do Occidente,
 No caminho sostiveram
 Sua empreza aventureira ;
 Poucos subiram ao cume
 Da montanha ardente e dura ;
 Elle o sabe—não se aterra—
 Furta-se aos braços do amor,
 Arranca-se dos prazeres,
 Parte qual raio veloz.

Vai. Rapido atravessa o espaço extenso,
 Salta sobre as collinas, passa avante,
 Breve chega á montanha alcantilada.

Rochazes animaes alli deparam
 Perigo ao corajoso que os não teme :
 Horridos silvos o mancebo assaltam,
 Uivos sinistros lhe promettem morte :
 Não desanima—esperançoso investe—
 Impavido arremette sobre as furias ;
 Fauces devoradoras o ameaçam,
 Dentes agudos vão rasgar-lhe as carnes,
 As armas se quebraram, vai morrer—
 Feliz a sorte o salva—envolto em sangue,
 Por entre espinhos arquejando cahe.

II.

Rochedos empinados,
 Profundos se despenham
 Sobre o abysmo escuro—
 E o sol já vai no occaso,

O dia a despedir-se
 Por entre nuvens negras.
 Em vão se anima ousado,
 Em vão se esforça ainda—
 Rouca risada sóa
 Em pandemonio horrendo,
 Que insulta os seus ouvidos,
 Que a montanha percorre,
 Qual festejo infernal,
 Que Satanaz preside.

Comprida galeria,
 Aspera, tortuosa,
 Estreitissima corre
 Em voltas pavorosas
 Lutando vai co'as trévas;
 Pequena luz distingue,
 Um novo alento cresce,
 A mais e mais forceja;
 —Lá se ergue o labyrintho,
 —Já proximo termina:
 —Caminha; emfim triumpho.

Mais ao longe divisa alto edificio,
 Vasto palacio de jardins cercado;
 Com tardo passo o cavalleiro chega.
 Abertas 'stão as portas de ouro puro.
 Por entre columnatas de alvo marmore
 Monta os degrãos d'igual materia feitos,
 Pisa os tapetes de matizes varios.

Parodes de crystal de jaspe ornadas,
 Macios canapés de seda fina,
 Finos espelhos de lustroso esmalte,
 Pinturas de primor, quadros eximios,
 Tecto de tartarugas marchetado,
 Perfumes deleitosos que se exhalam —
 Tudo mostra o prazer que dentro reina.

Descança em lisa almofada,
 — Já bate o peito sereno —
 As penas do mundo esquece.
 Mil donzellas tão formosas,
 Em suave riso o abraçam

Na camara, que p'ra Deuses
 Parece ser destinada ;
 — Mas as Graças são tão bellas,
 Que Deusas podem chamar-se.

Recostado em seda,
 De prazer cercado,
 De caricias cheio
 Refere enlozado,
 Que fogo de gloria
 Tão longe o chamou,
 Que trances penosos
 No monte arrostou ;
 Já quasi a morrer
 Em fauces vorazes,
 Em garras agudas
 De feras tenazes
 Só Deus o salvou :
 Conta-lhes as dores
 Que soffreu no abysmo,
 Que angustias, tremores
 Seu peito cingiram,
 Que prazer gozára
 Vendo a torre illustre
 Que logo prezára ;
 Arrastando os passos,
 Tardo e vacillante
 Traspassava o prado :
 — Já ledo, constante
 Se entrega ás mimosas
 Donzellas formosas.

III.

Admiram seu valor que é sobrehumano :
 Nelle postos os olhos o contemplam,
 Olhos que só de amor respiram vida.
 Está o mancebo preso em tantos laços —
 Ali vive, ali reina, ali respira :
 O valor ufanoso jaz quebrado —
 Mais nada sente o coração que lembre
 A morte que evitou, o intento ousado,
 O Templo que tão proximo se avista;
 O Templo que tão cégo elle não vê.

As madeixas anneladas,
 Sobre as faces neve e rosa,
 Semelhando as ondeadas
 Nuvens d'alva graciosa ;
 Olhos brandos e serenos,
 Reflectindo luz suprema ;
 Revelando sons amenos,
 Boca ornada qual diadema ;
 Em deleites fervorosa,
 Toda mimos, toda ardor,
 Das Peris a mais formosa
 O prende em cantos d'amor : —

- « As festivas, lindas aves,
 « Celebrando o sol nascente,
 « Não tem já cantos suaves
 « Sob o azul do céu luzente ;
- « As dansas em que folgava
 « Já não são desejos meus,
 « Aborreço o que adorava,
 « Vejo agora os olhos teus :
- « Quando brilha o céu d'estrellas
 « Na hora mysteriosa,
 « Só por mim tu te desvellas
 « Na terra silenciosa.
- « Aromas correm das flores,
 « Sob as palmas a alva fonte,
 « Reflectindo os seductores
 « Mansos fogos do horisonte ;
- « Moderando o forte aspeito,
 « Ternas lagrimas d'Aurora
 « Beija o Sol em croceo leite,
 « De prazer o Eden namora.
- « Sol e flores, a alva estrella,
 « Bellas palmas sobre a fonte,
 « E a aurora que se vella
 « No regaço do horisonte,
- « Mortas são—sem formosura :
 « Nada imita o brando enleio,
 « Um dia só de ternura,
 « Que te offerto no meu seio ».

—Corta os sons enternecidos,
 —Suspende o doce respiro,
 —Alternam-se amortecidos,
 Um suspiro e outro suspiro.

Reclinada em mar de affectos
 Junto a elle adormecia
 A amante cara ;
 Enternecida
 Enamorára
 O mais austero ;
 Dominára encantadora
 Céos e terra e mar e tudo.

Foge a noite breve,
 Passa o dia avante,
 Surge a lua
 D'entre as aguas
 Bella e nua,
 Sobe o sol brilhante,
 Novamente expira ;

Longo o tempo corre :
 E o donzel ardente
 Desfallece
 Nos prazeres,
 Adormece

No collo nitente
 Da bella extremosa.

São delicias vivas,
 Porque só respira :
 Niveos braços
 O reclamam,
 Brandos laços

O prendem : delira
 De cadentes beijos.

Da lembrança quebra
 Por que eximia chamma
 Se abrasára,
 Sangue e vida
 Prodigára ;
 No leito s'inflamma,
 Que auras leves brisam.

Seu anjo attento
No somno amigo
E deleitoso
O vem tocar :
Em sonhos vê
Seu sangue esparso,
Infructuoso,
No esquecimento,
Seu nome extincto ;
Vê mais distante,
No alto cume
Da grande serra,
O Templo illustre,
Qu'elle intentára
Ir adorar,
As santas aras,
Em que devêra
Sacrificar.

Anhellando,
Caloroso,
Pressuroso
Quer partir ;
Seus olhos brilham,
Seu sangue ferve,
Quebranta os ferros
Do altar infesto.
Sentidas lagrimas,
Magoadas, ternas,
Soluços, dôres,
E' tudo inutil.
Prostra-se aos pés
Do cavalleiro
A fascinante
Dama extrema :
O paço salvador lhe commemora,

As portas, por que então tivera a vida,
A sala de crystal, onde o abraçára,
Os mimos que gozou—felizes dias—
A gratidão lhe lembra que jurára
Tão seu ; — outr'ora bom, tão differente,
Delicias extremando, amor sem par,
Ali jurára então morrer de amor.

Hesita o cavalleiro,
 Ancioso treme,
 Pensativo está;
 Pendem-lhe os braços fracos:
 Revolve vacillante
 O seu passado,
 Delicias conta,
 Espinhos novos teme.

« Venceste... Bebo o calix de amor puro,
 « Que em doces, ternas lagrimas derramas;
 « Aspiro a clara essencia, que respiras:
 « Teu meigo olhar abranda as densas trevas,
 « Que o intimo do peito me rasgavam—
 « Soberana dominas alma e vida
 « No magico poder de teus encantos...
 « A gloria és tu. Aperta-me em teu seio...
 « Eternamente assim... amor te juro... »

Cobarde— ouvio:
 Agita-se convulso,
 Gelido frio o assalta,
 Immoavel fica;
 A voz lhe prende
 Força maior que a sua,
 Seus olhos vibram fogo,
 Alcança a palma.

Soluçando a malfadada,
 Temerosa e delirante,
 Toda em lagrimas banhada
 Força os passos vacillante,
 Olhos supplices lhe crava,
 Que de amor delicias davam:

Mostra a torrente
 Precipitada,
 A que imprudente
 Elle se arroja;
 Os alvos ossos
 De cavalleiros
 Impetuosos,
 Inda insepultos,

Só pasto ás feras ;
 As crespas rochas,
 Feias crateras,
 Que a morte encerram.

Pede-lhe a vida :
 A sorte acerba,
 Não merecida
 Repelle-a triste ;
 Piedade implora ;
 Em dôr exausta
 Magoada chora
 A desditosa.

Surdo aos gemidos
 Que os rogos calam,
 Ais commovidos
 Que dilaceram,
 Repelle os prantos
 O cavalleiro,
 Recusa encantos
 Que antes beijára.

IV.

Horrendo temporal o investe ;
 Cruzam-se os raios ; noite escura
 O aperta, cego o moço está ;
 Tremendo irada a terra o prostra,
 O vento infrene o cerca e impelle,
 Atraz o lança ; sombras feias
 Se arrojam, as faces lhe açoitam
 Desdenhosas. Com som medonho
 Que a serra abala, catadupas
 Precipitam-se, correm bravas,
 Impetuosas saltam, rolam,
 Prestes o cercam fragorosas.

Anhelando encara a montanha ;
 Volcões trovejando o circulam,
 Muralhas ardentes lhe vedam
 Passagem ao templo sublime ;
 Que importa ? Só resta essa prova :
 Anima-se, intrepido sobe,
 Rodêa a grinalda de fogo,
 Só victimas acha espalhadas :

Entrada não vê que penetre
 O cerco voraz, temeroso ;
 Contempla assombrado a corda,
 Onde almeja um raio de luz.

Ouve sons harmoniosos,
 Attento o sentido applica ; —
 — Cantos são melodiosos
 Que parecem vir do céu ;

Voz suave de ternura,
 Doce flauta encantadora,
 Branda lyra que murmura,
 Harpa chorando de amor.

Serão hymnos, que eloquentes
 Do templo santo ás estrellas
 São levados pelos crentes,
 E dali voam para Deos ?

Poderosa força o chama,
 Chega em extasis suspenso,
 Enlevado mais s'inflamma,
 Dominado, preso está.

Brando gesto que revela
 Quanto ardor existe n'alma,
 Semelhando a clara estrella
 Que ante o sol brilha serena,

Brando riso, que cercadas
 De coral perolas mostra,
 São cadeias duplicadas
 Que o donzel prendem fagueiras ;

Anjo na terra brilhante
 A linda fada mimosa
 Palavras de amor constante,
 Palavras meigas lhe diz :

Mas genio occulto lhe brada
 « Foge, foge, cavalleiro,
 « Voz de amor fallaz ervada,
 « Avido mar de amargura.

A muralha ardente resoluta encara,
 Leão africano seu sangue se eleva ;
 Impavido corre, ao fogo se arroja,
 Audaz desaparece, passa além, venceo.

V.

Abertas 'stão em par do templo as portas
 Arco de estrellas vivas fulgorosas
 Excelso guia ao sacro assento ethereo,
 Throno incomparavel de luz pura,
 Solio em que se eleva a predilecta
 Filha do céo.

Benigna ella o recebe

Em beijo maternal que encerra amor ;
 Abraça-o e lhe outorga a eternidade.
 No centro do altissimo palacio
 Elle vê as virtudes reunidas :
 —Sublime em seu amor, seu nobre genio,
 Co'a mão no peito e os olhos no Senhor,
 Radioso, eloquente Fénélon ;—
 Philosopho Solon legislador,
 Que chorou sobre Athenas presa em ferros ;
 Demosthenes brilhante á patria dado,
 Que o poder de Philippe balançára ;
 Confucio, que entre os homens alto sobe ;
 E Newton, que entre os sabios não se esquece ;
 Virgilio, que nas asas da poesia
 Entre nuvens de fogo ao céo se eleva ;
 E Dante, que no inferno os máus sepulta ;
 E outros, cuja vista alcança Deos,
 Ali resplandecentes tem seus nomes.

Seu nome ali tambem gravou prestante :
 Então com nobre orgulho a terra encara ;
 O homem vê no abysmo, em que elle fôra
 Tantos annos, immovel e sem crença,
 O avaro desprezivel, o invejoso
 Que impio no seu nada a gloria morde,
 O falso em riso alegre triumphante ;
 Vê raros que se extremam desse cahos,
 E que cedo serão por entre espinhos
 Reis de reino melhor ; de inclitos louros
 Perenne cingirá mais puro brilho

A elles, que das nevoas se levantam,
Vão com a dextra tocar no solio eterno,

Levanta o seu coração
Para o throno de luz viva,
Em extasis abrazado
Um hymno eleva ao Senhor :
À aquelle, de quem descende
O fogo vivificante,
O lume santo que adorna
A verde palma do sabio,
A corôa que circula
Camões, Tasso, e Buonarotti,
O sentimento sublime,
A intelligencia profunda.
Desprezando o pó da terra,
Confiado e firme espera
Nas alturas que se escondem
Sobre o sol, sobre as estrellas,
Nas alturas do infinito :
Vê ali gloria mais clara,
Gloria que sepulta a morte,
Gloria viva e sempiterna.

X. de M.



CANTICO.

A INCOGNITA.

O let me live to thee!...
YOUNG.

E ella os olhos lançou-me! — E quaes estrellas
Por entre nuvens negri-densas luzem,
De supercillos negros
Se c'roavam seus olhos luminosos,
Olhos que em seu volver após arrastam
Almas em captiveiro.

Que divindade é esta?... — Em torno della
O ar que respirei foi ar de flores:
As vestes que vestia
Roçando as minhas por ditoso encontro
Um favonio formaram, que agitou-se
De aromas recendido.

E esse suspiro que exhalou sem ver-me?...
Que em minha alma entranhou-se como a imagem
De objecto idolatrado?...
Trará toda poesia dos amores
Em si impregnada?... A mim foi dado?...
Com outro pagar devo?...

Céos!... e nos labios meus outro suspiro
Me estremece... me foga... e a bella... a ingrata...
Céos! me foga tambem!...
Jámais raio de luz partio tão rapido
Do corpo luminoso, qual se esquiva
A incognita formosa.

Corro os vestigios a beijar na relva
Das plantas leves tuas, fugitiva!
Quão me é doce o beijal-os!...
Nunca foi das abelhas favo cheio
Nem das canas o succo saboroso
Mais grato aos labios meus.

E os ramos que a carreira te impediam,
Que empurraste com os braços torneados?!

Abraço-me com elles! . . .

Que perfume! mais vivo que o da rosa!

Nem da mangueira o fructo sasonado

O exhala tão suave,

Esta florinha que tombou na terra,

Quando no veloz curvo a mão da bella

Quebrou-lhe o seu pedunc'lo,

Mais vivas côres mostra: é que tombando

Pisou-a um pé mimoso; e o brando toque

Melhor lhe foi que a seiva.

Oh! . . . não posso esquecer-a! — Vou segui-la:

A grama beijarei. . . certo é mais doce

Onde seus pés tocaram.

Os ramos que mais puro aroma expiram

Lhe foram de passagem. — Que ventura! . . .

Conheço-lhe os vestigios.

É ella! . . . é ella! . . . — Nesse verde outeiro

Como a corça que foge e os olhos volta,

Folga de vêr que a deixam.

Oh! não me vio: occulto atraz da moita

Aperto os labios. . . caio de joelhos

Como se a um Deos orasse.

Ella socega. — Que belleza a sua!

A fadiga a redobra lhe enfeitando

De rosas o semblante:

Ergue os olhos ao céu. . . que pensa ella? . . .

Certo de cada idéa em premio ganha

Um sorriso do Eterno.

Por fim de novo os olhos volve em torno. . .

Não me vê. . . socegada respirando

Assenta-se na grama.

Tal, oh meu Deos! de arbusto verdescente

Aromatica flor cahe do pedunc'lo

E vai tombar na relva.

Salve, oh mimosa

Do ameno prado

Pudica rosa!

Que jámais feroz tormenta
 Venha á terra te lançar ;
 Que sempre possas mostrar-te
 Em teu gentil vicejar.

Salve, oh ditosa

Desta campina

Rola formosa !

Que jámais venha a maldade
 Preza em seus laços te achar ;
 Que sempre possas no valle
 Suavemente arrullhar.

Muito era ! — Respirar tão perto della,
 E não gosar seus magicos olhares ! . . .

— Da bella aos pés me arrojou ;

Beijo-lhe as vestes . . . quero . . . não me atrevo . . .

Banham a terra lagrimas ardentes,

E fervoroso fallo.

« Foges da minha vista ? . . . mal te hei feito ? . . .

« Dize o meu crime . . . marca o meu castigo . . .

« Julga . . . condemna . . . e puno ;

« Teus sorrisos porém, ah ! não, não furtas

« A quem abrir-se o céu vendo em teus labios

« Nada mais quer do mundo !

« Dize em que te offendi se és offendida ;

« E como poderei ganhar piedade !

« Precisas de meu pranto ? . . .

« Molho a terra que pisas : de suspiros ? . . .

« Ah ! não sentes que a mil verto magoados

« Em torno aos pés que abraço ? . . .

« Symbolo de innocencia, amar te é peso ?

« P'ra que amor ? . . . amor iguaes se votam,

« Querer tanto não ousou :

« Olhar de compaixão . . . olhar benigno

« Mortaes gloria, quando o volve um anjo ;

« Olha-me pois, oh anjo !

« Estremeces ? . . . são fogo os meus extremos ? . . .

« Oh ! qu'importa que volte ardente chamma

Ao volcão, que a arrojou ? . . .

« Estremeces ? mal tenho ousado um beijo

« Em tuas brancas vestes . . . mais quizera . . .

« Mas para um anjo é crime !

« Não te é pena o fallar?... a voz desprende ;
 « Donde és? donde vens? onde nasceste ?
 « Te é patria a minha patria ?
 « Oh! as margens do Varzea são bem lindas,
 « As brisas destes prados são suaves...
 « Não é assim?... responde !

« Mas a infancia ligeira aqui voou-me,
 « Joguei a luta nestes mesmos campos,
 « Brinquei nesta collina,
 « Aquella arvore secca vi frondosa ;
 « E não me lembra ver-te, oh flor da Varzea,
 « Em verde botão inda !

« Quem és tu, dize, formosa,
 « Que trazes figura humana?
 « Es de especie mais soberana,
 « Mais perfeita, mais mimosa?
 « Ou já foste acaso rosa,
 « Que pela brilhante côr,
 « Pelo aroma encantador,
 « Quiz o genio da ternura
 « De mulher dar-te a figura
 « Para triumpho de amor?

« Quem és tu para ser tão bella,
 « E ter tão ardente olhar?
 « Devo-te acaso julgar
 « Do ether lucida estrella?
 « Teus arcanos menos zela,
 « Dize, p'ra socego meu,
 « Serás tu anjo do céu,
 « A quem o vôo faltou,
 « E que na terra tombou
 « Lá do alto do empyreo? »

Dice; e suspiros saltam-me dos labios...

Vejo encovar-se galantinbo riso

Da bella em rubra face...

Juro amal-a... ella treme... corre... foge!...

Céos! e seu nome?... — Mas qu'importa um nome?...

Eu sei que adoro um anjo.

OS HYMNOS DA MINHA ALMA.

Assim intitulou o seu primeiro livro o Sr. C. José Gomes de Sousa, que é mais um filho da escola do Snr. Magalhães e do Snr. Gonsalves Dias. Ha no meio deste novo livro muitas bellezas, ha mesmo um louvavel desejo, que transluz a cada passo : a alma do novo poeta caminha para as regiões a que se elevára o cantor do SIMPLÃO e de WATERLOO, e para deslisar no espaço melodioso em que paira o creador de IJUCAPIRAMA ; aquelle que poz nos labios do Tamoyo uma dessas musicas, agradaveis em todos os tempos, e que se estampa na memoria como uma visão luminosa, ou como uma verdade eterna.

Entre os predicados, que elevam o Snr. Sousa, e que o farão dar passos agigantados, ha aquelle elemento immortal, aquelle fogo sagrado e inextinguível, que Schlegel reconhece como a primeira qualidade do poeta : o patriotismo. No patriotismo se basêa toda a gloria de Camões, e toda a superioridade de Santa Rita Durão.

Ha nesta nova partitura metrica alguma cousa do instincto brasileiro, mas ha quadros que parecem esboçados por uma escola mixta ; ha nella um signal evidente de independencia, mas ha tambem muita escravidão : não temos ainda braços para abarcar um tronco millenario, quanto mais para dous mundos ? Lance-se á margem do Lethes essas flores da mocidade portugueza, que não tem o cunho de uma nova existencia ; porque não são mais que a restauração do passado ; que uma larva quinhentista envolvida n'um sudario moderno, amaneirado, e colleando como um cysne artificial. Os homens do presente, a triada sublime, está personificada nos Snrs. Garret, Herculano e Lemos, e não nesses rimadores de sextilhas, que vestem sobre o paletó a couraça tauxiada, e um elmo de feltro, que os nivela com o filho predilecto de Cervantes.

Todos os artistas, que não foram ungidos com um raio da luz divina, cahem logo que intentam elevar-se ás alturas daquelles genios, nascidos para primarem no seculo de Augusto, dos Medicis, ou de Napoleão. Homero e Dante, as duas fontes originaes da poesia, seriam o que foram se viessem ao mundo no seculo vigesimo ; porque elles trouxeram consigo aquelle divino talisman, aquellas azas ethereas, que tiham de os elevar acima dos homens : pois que o genio é sempre genio.

Os melhores modelos da poesia olympica, as obras salientes da musa parnaseana, que nos deixaram nossos avós, pertencem áquella época imitadora, dominada pelo admiravel Bocage, e fechada por Phylinto Elysio, o restaurador do genio da lingua portugueza, e o mais terrivel missionario que tem tido contra si o vaidoso gallicismo.

Com o immortal Garret appareceu a nova era, a regeneração byroniana, que collocou na frente da Lusitania as duas novas estrellas, chamadas CAMÕES e D. BRANCA.

O Snr. D. Pedro I., o fundador do Imperio Brasileiro, estava destinado para crear uma nova época, ou engrandecer a escola garretiana, mas o destino voltou mui cedo a pagina da sua epopéa começada; e as oscillações de novo renasceram em todos os espiritos; a politica reaccionaria, a alimentadora das épocas criticas, aborrece as artes, e abafa todas as harmonias do coração com o tropel de suas correrias.

Temos sido victimas de iguaes successos ha trinta annos. Na época da independencia nada appareceu, além dos versos officiaes, que eram benignamente acolhidos pelo Snr. D. Pedro I., e recompensados como melhor podia; na segunda época, a da minoridade, a das luctas e reacções, dominou a declamação, e a satyra individual; e por um milagre da Providencia appareceu o Snr. Magalhães com um volume de versos, que foi saudado pelo visconde de Cairú, e por Evaristo Ferreira da Veiga, que eram os dous representantes da época, e resumiam o pensamento da velhice e da mocidade.

A esterilidade dos primeiros nove annos, foi apenas interrompida por um Falmeno, fabricante de acrosticos e de anagrammas, pelo romance do Snr. Biancardi, e pelo Nitheroy do conego Januario, que o havia escripto em época anterior, e até o dedicara ao traductor de Pope, e de Milton.

O segundo nonenio foi mais esteril quanto ao numero que o primeiro, porque começou por um homem e acabou com o mesmo homem; mas este homem, filho da escola parnaseana, fiel adorador de Jupiter e de Apollo, voltou da Europa renascido, e regenerado, trazendo consigo um livro que intitulo: SUSPIROS POETICOS. Foi o Snr. Magalhães, o Garret brasileiro, e para melhor o dizer, o fundador da nova escola.

Foi elle quem contrabalançou a gloria do poeta portuguez, precedendo-o na reforma do theatro, com duas tragedias, e com as lições que deu ao actor fluminense, que continua a empunhar o sceptro da representação dramatica.

De 1840 para cá, temos tido algumas apparições brilhantes, mas todas estas auroras, mais ou menos, se tem empanado. O Snr. Norberto apossou-se da BALATA, e fez bellissimos quadros historicos; tentou o drama, e produziu Amador Bueno e Clytemnestra, e sendo um trabalhador incansavel, não está contente consigo mesmo, apesar das MODULAÇÕES, do DIRCEO DE MARILIA, DOS BEIJOS, e de uma grande quantidade de outras mais produções: parece que mais trabalha por desenfado, do que por inspiração. O Snr. Teixeira e Sousa, o pintor dos TRES DIAS DE UM NOIVADO, fez uma apparição brilhante com os SEUS CANTICOS LYRICOS, e com esse bellissimo poema, onde se encontram bellezas que senão escrevem outra vez na vida; annunciou-nos e publicou o primeiro volume da sua Epopea patriotica, escreveu varios romances, e semelhante ao Snr. Norberto, não vive satisfeito, mas vai sempre produzindo. O Snr. Dr. Macedo, o poeta mimoso, o colorista delicado dos nossos usos e costumes, que já lá vai com uns poucos de volumes de romances originaes, e uma collecção de poesias eroticas, que fazem a desesperação dos Anachreontes modernos, tambem não vive contente; e no entanto vai sempre escrevendo novas coisas. O Snr. Gonsalves Dias, em cujas mãos o marmore estatuario se modela como a cêra, e como que por encanto passa das fôrmas de Ascanho ás de Hercules, e destas ás do Amor, já lá vai com tres formosos volumes, e no entanto não vive satisfeito: falta-lhe alguma coisa, e com tudo

trabalha n'um poema ossianico, de que já tivemos a ventura de lèr alguma cousa. Apesar de taes descontentamentos a época actual parece ser a do nascimento da nossa litteratura, porque é uma época em que se labora em varios poemas: A Confederação dos Tamoyos, a Eneida Portugueza, A Independencia do Brasil, os Palmares, a Nebulosa, o Chylde Harold, os Timbyras, e, se me é permitido juntar a esta pleiada de estrellas mais um nome, acrescentarei o de Colombo.

E porque, no meio de uma vida pacifica, vivem desgostosos estes homens, e como que inspirados sómente por uma necessidade imperiosa de trabalhar, sem tirar lucro algum do seu trabalho, em uma época que não paga as lettras, e recompensa largamente as cortezias, a cabala, e aos escriptores que não são poetas?!

Será porque o poeta, por tradição, é ainda mal visto, passando elle hoje uma vida honesta; ou porque a sociedade actual confunde o rimador com o poeta, e o poeta com um mentiroso inutil? Verdade é que na camara dos Snrs. deputados se alinha a *mentira* com o nome sagrado de *poesia*; e parece que a maioria dos nossos prosaicos oradores tem sobejas razões para recearem da poesia! O que seria delles se as discussões subissem de ponto, e se passassem da arena de um baixo individualismo para as regiões sublimes das idéas, para a contemplação do futuro; que papel fariam no parlamento todas essas obscuridades, que boiam no mar das trivialidades, e fluctuam á vontade de todos os ventos?

A poesia, neste seculo, e entre nós, é exercitada por homens probos, e quasi todas as nossas grandes capacidades por ella se elevaram ao ponto de vista em que se acham. Na Hespanha foi sempre a arte predilecta dos cavalleiros: Garcilaso, descendente dos Incas, nella se engrandeceu, e com ella morreu no assalto de Tunis; Camões, a amava como a vida, salvando o seu poema no naufragio; Alonso de Ercilla compoz o seu Araucana, nos desertos do novo mundo, e ao som dos tiros dos combates; Cervantes a levou á batalha de Lepanto, ao lado de D. João de Austria; Lopo da Vega a não desamparou durante a expedição da invencivel armada, e durante a sua destruição; Calderon de la Barca a esposou e levou consigo ás campanhas de Flandres e da Italia; Miguel Angelo durante o assedio de Florença; Leonardo de Vinci, nas guerras da Lombardia, e Benvenuto Cellini em quanto dirigia as fortificações de Roma, na invasão do Condestavel de Bourbon.

Parece que algum motivo poderoso deve existir para irmanar tão bellos engenhos n'um igual descontentamento; e certamente que elle existe não só na nossa organização civil, como nas crenças moraes das nossas prosaicas notabilidades officiaes.

Os poetas, os verdadeiros poetas, vivem no polo opposto ao dos cantores: estes são coroados em vida, e morrem engorgitados d'ouro; e os outros arrastram uma existencia mesquinha, para começarem a sua elevação desde o dia em que os esmaga a campa da morte: uns recebem todas as homenagens na vida, e desaparecem depois de mortos, e os outros passam quasi despercebidos, senão perseguidos, para fallarem bem alto depois que emudeceram: são duas almas com duas existencias bem oppostas: respeitemos pois os decretos de Deus!...

Transviados do nosso escopo, tinhamos deixado de parte o livro do Snr. C. José Gomes de Sousa, e apaixonadamente nos haviamos lançado no mundo das reflexões.

Voltemos aos hymnos do novo vate; e vamos com a maior sinceridade conversar

com elles. Alguns desses hymnos transpiram harmonias brasileiras, e se podem inscrever na lista dos filhos da nova escola; não ha nelles esse interminavel egoismo melodioso de uma lyra que só desfere sons, e acompanha os seus cantares intimos, e onde a arte nada faz pela patria, para a sociedade, para ennobrecer o leitor, e fortifical-o no meio dos vaivens da terra.

Os antigos já diziam que a arte que não instrue, corrompe; e é um grande erro o acreditar-se que a poesia, que nasceo no sanctuario e no meio das dôres, seja uma arte de mero recreio, ou uma especie de confeitos dourados, como as balas d'estalo, cujas amendoas se envolvem com quadrinhas. A arte tem um ponto de apoio no céo, e outro na gloria nacional.

O poeta torna-se nobre e grandioso, quando vinga uma affronta contemporanea, quando substitue ao ostracismo a apothose; quando transforma o patibulo n'um carro de triumpho, quando doura as paredes do carcere, quando rehabilita a virtude injuriada, quando geme harmonias, quando crystalisa em diamantes as suas lagrimas, ou as converte em nectar celeste, quando muda a pedra fria da desgraça n'um assento de gloria, quando embelleza o que vê, e immortalisa o que canta.

Eis os titulos do codigo que a nossa consciencia traçou para o dominio da poesia: basta de tanto amor carnal: amemos como Dante amou a sua Beatrix, ou sejamos como os astrônomos que collocaram no meio dos astros os objectos de suas adorações: quando o amor é nobre, sanctifica, quando o enthusiasmo é grande glorifica.

Pareceo-nos, perpassando esse teclado metrico do Sr. Sousa, que alguns sons nos acompanhavam, como reflectidos de outras harpas, e que no todo das composições não ha uma tinta firme, um colorido que bem caracterise a nossa escola, como se vê nos **TRES DIAS DE UM NOIVADO**, do Sr. Teixeira, como nas **BALATAS** do Sr. Norberto, na **NENIA**, do Sr. Dr. Firmino, ou nos grandiosos paineis do maravilhoso Sr. Gonçalves Dias.

O rio Piaguitinga, que parece ter reflectido em suas agoas a joven imagem do vate, não apparece com um só distinctivo que o torne um rio brasileiro; e no entanto a belleza descriptiva é quem assella na poesia um caracter peculiar; e della faz tanto caso um dos maiores sabios do mundo, que no seu Cosmos occupa não pequeno espaço.

Quando o poeta suspira, gostamos de ouvil-o dizer :

Sonhos da minha existencia!...

Ah! tudo se dissipou!...

E os sorrisos da innocencia

Comsigo o tempo os levou,

Da razão chegou a idade,

Da infancia resta a saudade.

Flôres, que outr'ora esmaltaram

A minha infancia ridente,

Uma após outra—murcharam

Do infortunio ao sopro ardente,

Até que murchas cahiram,

E de todo se extinguiram.

Aconselhamos aos poetas brasileiros, que deixem a pintura da tarde ao Sr. Odo-rico Mendes, ao homem que possui a arte de metrificar nas alturas, em que Chateaubriand soube ataviar de gallas sumptuosas aquillo que nos parece mais comestinho na vida.

Para que o CANTO DO INDIO chegasse ao seu devido ponto de perfeição, era mister que precedesse á sua concepção mais algum estudo da ethnographia da nossa terra, como se observa nos CANTOS AMERICANOS do Sr. G. Dias : são estes toques de remate que caracterisam uma escola, e que mostram a mão do artista, e a valentia dos seus rasgos. Em JULIA é bello o principio ; na tempestade ha elevação e variedade : mas rogamos ao poeta que evite a fria philosophia nos seus versos, como fez no canto — O MUNDO. Quizeramos ver essa VIRGEM AMERICANA, vestida com toda a louçania que lhe é propria, circulada de uma paisagem equinocial, e não uma mulher, que se confunde com todas as outras : ella deve ser como esse rio patrio, como a palmeira, ou como esses fétos que caracterisam a vegetação do novo mundo.

O canto, intitulado o BRASIL, perdoe-nos o vate, é uma divida que está em ser : nós o tomamos por uma promessa que se ha de realisar : um livro é pequeno espaço para elle, quanto mais um poemeto.

Em algumas de suas canções ressumbra essa doce e suave melancolia, que tanto apraz, que denota sensibilidade, e que augura muitas esperanças.

E' bello e agradável ouvir a voz daquelle joven poeta, que pela primeira vez, vem assentar-se fronteiro á natureza, e a vai traduzindo na lingua das harmonias ; é digno de amor e de animação aquelle filho do Brasil que trilha a estrada das artes, e que aspira a chegar á entrada desse immonso templo das illusões, para beijar o altar onde circulam, entre nuvens de aromas, todas as chimeras do bello, todas essas filhas de sonhos sublimes, todas essas visões caroveis, tão formosas, tão cheias de esperanças, e tão enganadoras.

E' bello contemplar o novo Levita, diante da Arca Sancta, offerecendo as primicias de seu genio... mas é perigosa a sua missão, porque a elle não coube um retalho da terra da promissão, e porque a sua patria é o mundo do bello.

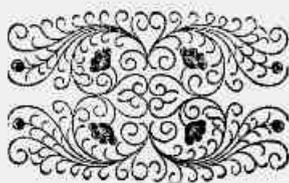
As litteraturas se formam como as cidades, que se compõe de choupanas ao principio, e que acabam por se nobilisar com os prodigios da architectura : as agoas do Maracanan, que tanto beneficiam esta cidade, não correram limpidas nos seus primeiros dias, foi-lhes necessario tempo, e uma correntesa não interrompida desde a sua nascente até o seu grande deposito, para que chegassem a essa clareza e transparencia que lhe conhecemos, e ter todas as boas qualidades de um dos primeiros elementos da vida :

« Canta, menino, canta, e improvisa sempre, dizia um celebre musico a um dos seus discipulos, porque no momento em que achares uma idéa nova, uma phrase não ouvida, já fizeste um passo, e já fizeste subir a arte a mais um ponto de perfeição. » Assim dizemos nós a todos os moços : — Cantemos a nossa bella patria, que, no momento em que formos Brasileiros, teremos as bases de uma nova litteratura, e com ella todos os prodigios e primores das bellas artes.

A nossa America já tem pago uma grande parte da divida civilisadora : já deu quatro grandes elementos de progresso humanitario : um Brasileiro inventou as machinas

aerostaticas, um Americano os conductores electricos, e outro a navegação por vapor : Bernardin de Saint-Pierre e Chateaubriand acharam na America a chave da nova litteratura de que se tornaram chefes, e antes delles já o nosso Durão havia creado o—Caramurú—, e Basilio da Gama— Os amores de Lindoia e de Cacambo—.

Estude-se a natureza, que foi a mestra dos mestres, e sejamos Brasileiros, não cahindo nos extremos, mas sim debaixo dos principios de uma santa esthetica, e de um moderado patriotismo, sem carregar as cores e os contornos da nova escola.



O MEU CONDÃO.

Eu tenho maga varinha
Mysterio do meu condão,
Nunca vi mais milagrosa,
Remoçou meu coração ;
Serão seus olhos tão vivos
A me fugirem esquivos,
Incertos no seu querer?
Não sei, — seus olhos são bellos,
Mas eu d'elles tenho zelos,
Tenho zelos de morrer.

Quem sabe? talvez nos labios
Esconda feitiços mil,
Que seus labios quando fallam
São rosas em mez de abril ;
Perguntei-lhes eu um dia
Se n'elles crer eu devia,
Sorriram sem responder,
E vi-os que se franziram
Seus labios — não — que mentiram
Eu não devo n'elles crer.

Ah! já sei, são seus cabellos
Que me sabem encantar,
São cadeias que me prendem,
Sem que as possa desatar ;
Mas seus cabellos — não creio,
Roubei-lhe um fio beijei-o
E julguei que era só meu ;
Outro tinha espessa trança,
Meiga, saudosa lembrança
De amores que ella lhe deu.

GUANABARA.

Mas eu sei que estes encantos
Remoçam meu coração,
Sei que tenho uma varinha
Mysterio de meu condão,
Sei que trago minha vida
N'uma cadeia prendida
Que não posso desatar ;
Sei que a vi... achei-a bella,
Sei que amei — resumi n'ella
Arcanos do meu sonhar !

S. Paulo 2 de Junho de 1851.

A. C. R. de Andrada Machado e Silva.



SCIENCIAS MILITARES.

O seguinte trabalho, escripto por um dos nossos officiaes de engenheiros, o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, foi no anno de 1849 submittido confidencialmente ao Sr. ministro da guerra, que em janeiro do anno seguinte nomeou uma commissão para a reforma material do exercito, a qual parece que tomou em consideração o mesmo trabalho, quando vemos que foram adoptadas idéas nelle propostas.

Como tivemos a fortuna de obter delle uma cópia, passamos a transcrevel-a, uma vez que os acontecimentos recentes dispensam hoje a reserva que discretamente se propoz guardar o autor da memoria em 1849.

O Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen tem um nome muito conhecido entre nós, não só como historiador, mas tambem como litterato: o alcance a que tem levado as suas pesquisas sobre a historia patria, os innumeros commentos com que tem ornado varios escriptos antigos, e os seus estudos ethnographicos e archeologicos sobre as éras primitivas do Brasil, recommendam sobremaneira o autor de Amador Bueno, o compilador do Florilegio, e o reimpressor de Gabriel Soares e do padre Cardim.

Memorial sobre algumas innovações uteis ao exercito imperial em campanha.

Se é axioma recebido ser a paz a sombra da guerra, pôde, simultaneamente dizer-se que o prevenir-se bem para esta, será sempre o meio mais seguro de a evitar, ou de com gloria sahir della, quando inevitavel.

Daqui derivou o pensamento da organização dos exercitos permanentes; e por isso, para que tal organização corresponda a seus fins, é necessario que em cada nação ella se adapte ao serviço, que com mais probabilidade as tropas poderão achar-se no caso de desempenhar; especialmente para defender o paiz contra as provocações ou invasões do estrangeiro.

Todo o homem de estado que se possuir bem da posição em que physica e moralmente se acha a sua nação para com as outras, — limitrophes principalmente, — conhecerá, como por instincto, qual será aquella, contra a qual pelas armas, mais se deve estar de sobre-aviso. Esse instincto, de ordinario fundado em factos historicos, mos-

trará ao Grego-moderno a Turquia ; ao estadista turco a Russia ; aos Hespanhoes a França, a Portugal a Hespanha, e aos Mexicanos, por sua desgraça, os Estados- Unidos. Esse mesmo instincto dirá a todo o Brasileiro que a nossa fronteira meridional, que ha seculo e meio tantas vezes tem servido de theatro de guerras, é a mais exposta do imperio, e que nas margens do Prata existe o mais tenaz, mais turbulento e temivel inimigo, contra quem nos devemos a tempo precaver.

A força principal do exercito argentino consiste na extrema mobilidade e destreza da sua cavallaria, e na condição aguerrida de seus soldados, tão familiarisados com a vida das campanhas, que já a reputam seu estado normal. Seus chefes, sem conhecimentos theoricos da strategia e da grande tactica, apenas possuem a sciencia pratica que tem adquirido nos anteriores combates.

A razão natural nos diz que contra um tal inimigo (quando o seja), o que mais nos conviria, para o forçar promptamente a pedir pazes, era adoptar um novo systema de guerra, que desconcertando-lhe o modo de guerrear, nos conferisse segnidamente os primeiros triumphos. Além de que, sabemos como por toda a parte os novos systemas de guerra tem sido coroados de feliz exito. Frederico II. deveo a batalha de Rosback á artilharia á cavallo, com que nella appareceu pela primeira vez : á rapidez de suas marchas e á maxima que estabeleceu de que a verdadeira tactica estava nas pernas dos soldados deveo o marechal de Saxe as suas melhores campanhas : e á decidida applicação desta maxima pelo pensamento de « alimentar a guerra com a mesma guerra » deveo Napoleão a conquista da Italia e de outros tantos Estados. O introductor de qualquer novo systema de guerra, seguindo á sombra d'elle de victoria em victoria, nem dá tempo ao inimigo a imital-o, antes de lhe dictar a paz, com as condições que julga a proposito.

Em these, facil será reconhecer a verdade do principio que acabamos de expôr. Para a sua execução varios meios se poderão lembrar : ora apontaremos tres que nos parecem, cada um de per si, mui a proposito para desordenar inteiramente a cavallaria inimiga, e com tal resultado fazer desorientar seus chefes o *cabecilhas*.

Consistem estes tres meios : 1.º em prover toda nossa cavallaria de lanças ; 2.º na substituição da artilharia rodada por bocas de fogo conduzidas sobre lombilhos ou cargueiros ; 3.º na creação de uma companhia de fogueteiros a Congrève.

Quanto ao primeiro dos tres talvez o menos efficaç, diremos só que sendo as cargas por aquellas campinas o mister principal da cavallaria, nenhum inconveniente haverá de fazer que o soldado que já sabe o manejo do espadão e da clavina e pistola, se sirva para o momento da carga de uma lança ; podendo desembaraçar-se da mesma, e desembainhar a espada ou valer-se da clavina ou pistola, quando se veja obrigado a combater com cavallaria ligeira. E a vantagem não consiste só na superioridade que na carga tem um esquadrão de lanceiros, já por via do comprimento das lanças que permitem offender impunemente, já pelo maior choque proveniente da maior massa ; consiste sim no facto observado de que em geral os corpos de lanceiros por meio das fardas encarnadas e principalmente das bandeirolas (que para isso são de duas côres bem destacadas, branco e vermelho) das lanças, saudidas, quando em riste, e antes da estocada, diante dos olhos dos cavallos contrarios, atemorizam a estes, a ponto de os fazer, senão fugir, ao menos desordenar-se.

O segundo meio, julgamo-lo tão util que nenhuma duvida teriamos de propôr que em todo o Brasil, onde quasi não ha estradas de carros, se supprimissem completamente as baterias montadas a cavallo, cuja excessiva despeza não corresponde por certo ao proveito que dellas se tira ou pôde tirar. Porém limitando-me especialmente ao exercito do Sul, diremos que a artilharia rodada de modo algum pôde estar em harmonia com a mobilidade que ao mesmo exercito convém.—Não que seja nosso intento resuscitar as antigas brigadas de Cl. 3, chamadas de *montanha*, cujo serviço era muito moroso; e na acção chegavam a produzir um effeito ridiculo as ballinhas de tres arrateis que disparavam. Em lugar destas se inventou ultimamente um systema de bocas de fogo que os Hespanhoes chamam de *a lomo*, e que poderemos chamar de *cargueiro*. Em Portugal agradou o novo systema tanto, quando abi foi levado na divisão auxiliar do general Concha em 1847, que já se tem feito ensaios para o introduzir. As bocas de fogo conduzidas sobre muares são todas obuzos compridos de bronze de 5 pollegadas, ou antes caronadas de camara conica fundidas, bastante ligeiras de metal. Nunca disparam a bala cheia, cujo uso em campanha é mui pouco effizaz; mas sim granadas de espoletas razas, isto é, esphericas semelhantes ás das grandes peças a Paixhans. Estas vão já cheias, graduadas, e fixas ao taco, e ao cartuxo. As pontarias não se fazem com o quadrante, mas só com a alça; as cargas são diminutissimas; ainda assim com cartuxos de meia libra de polvora obtem-se alcance de 300 braças. Para melhor intelligencia farei acompanhar esta do n.º 1 de uma *Revista Militar* que se publica em Portugal, e se occupa deste systema: e se o governo imperial quizer, facil será mandar daqui outras obras e até modelos, etc.

Persuado-me porém que em lugar de adoptar inteiramente o systema fóra melhor começar por adaptal-o ao nosso paiz. Creio por exemplo que tendo os cavallos mais docilidade e ligeireza, nesses paizes em que, por haver tantos, se podiam levar alguns á dextra para se revesarem, não se deviam empregar muares.

Em segundo lugar cumpria evitar o inconveniente de estar, cada vez que se necessite fazer fogo, armando o reparo, e assentando a peça em cima. Imagino que se podia fazer desaparecer este inconveniente, conseguindo que ao lombilho ou albardão se dêsse tal fórma, que pudesse servir de reparo á mesma peça, logo que descidos juntamente do cavallo; o que não deve causar admiração aos que se lembrem de que, sendo pequenas as cargas, a força de recuo não arruinaria o albardão, que em tal caso seria por dentro, no seu esqueleto, feito de varões de ferro, terminando cada aba em dous grossos rodizios de pão, do qua apenas apparecessem uns pequenos segmentos. E se um tal *lombilho-reparo* não sabisse excessivamente pesado talvez mesmo se pudesse conseguir que tambem fosse sobre elle montado um artilheiro, com a palamenta, espoletas, etc., pertencentes á mesma boca de fogo, que se poderia aligeirar quanto se desejasse fundindo-a mais ligeira, e talvez mesmo supprimindo-lhe os munhões. Em tal caso, destinando dous cavallos para as munições respectivas, o serviço de cada peça se poderia fazer com tres cavallos, e tres homens nelles montados.

As munições serão tambem levadas em cargueiros, conduzindo cada cavallo dous cofres de cellulas separadas, e um artilheiro sentado entre elles. Nas Provincias do Sul em vez de taes cofres oliados se podiam empregar as conhecidas broacas de couro cru, tendo o cuidado de embrulhar bem em barbas de pão seccas, ou embiras, as gra-

nadas que dentro se mettessem. Os dous conductores das munições sentados entre as broacas, podiam ir armados de espada e *bola*, e protegeriam a salvação da boca de fogo alguma vez que ficasse um pouco mais desamparada. Com boa vontade, repetidas experiencias e conhecimento da economia das *Estancias* do Rio Grande, e maneira de viajar nos nossos sertões, se poderá talvez tornar, com muita economia, praticavel o systema que indico.

E se se quizesse adoptar algum meio de atenuar ou vencer a força do recuo, pelo uso de molas ou materias elasticas, talvez se chegasse á possibilidade de poder, em casos extremos, disparar da mesma anca do cavallo, como se conta que praticam os Chins. E tão grande podia ser o alvo contra que se atirasse, que nem se tornasse sensivel a incerteza de taes pontarias. Casos poderiam haver, em que para proteger uma carga da nossa cavallaria conviesse que a artilharia fosse mui perto do inimigo atirar algumas granadas para o desordenar, passando-se logo á galope para retaguarda, etc.

O terceiro meio que proponho, consiste nos foguetes á Congrève; e não o tenho por menos util que o precedente. Aos mesmos foguetes deveo em grande parte o Sr. D. Pedro I., seus triumphos em 1832 contra o exercito de seu irmão dez vezes superior em numero. Soldados encanecidos nas batalhas, acostumados ao sibilar das balas e aos golpes dos sabres, perdiam o alento ao ouvir o rouco estampido que acompanha esse novo portador da morte, chamado *foguete*, que elles nunca tinham tido contra si. Este projectil comprido, á maneira de uma delgada palanqueta, fazia ás vezes recuar batalhões e esquadrões, que nem á mortifera metralha tinham já respeito. E não só o ruido dos foguetes, mais que o seu estrago, fazia empallidecer os soldados que se viam do seu lado sem este soccorro, senão que ora causa de se espantarem e estremecerem os cavallos acostumados ao fogo, e não *redomonos* como no sul.

Estes foguetes são arrojados por meio de uma calha de folha de ferro, a qual na Europa se leva n'um carro; mas não ha inconveniente de acomodal-a sobre o lombilho de um cavallo, e até, (pois que nos foguetes não ha couce ou recuo) seria possivel fazel-os disparar de cima do mesmo cavallo, prevenido este com tapa-olhos, mettendo-lhe algodão nas orelhas, etc.

Destes foguetes se deviam mandar vir alguns dos de menor calibre, de Inglaterra; com um *fogueteiro* e uma *Calha-Congrève*; e depois se poderiam adaptar esta e aquelles ao systema que se preferir.

Quanto aos lanceiros ignoro se teremos já algum corpo de cavallaria com lanças; no caso negativo para mestres de recrutas conviria engajar em Portugal alguns sargentos ainda da guerra do Porto, que tem recebido baixa em virtude das dissensões civis posteriores.

Eis os meios que me atrevo a propôr. Não faltarão no exercito imperial, especialmente nas armas d'engenharia e artilharia officiaes intelligentes que, animados de tão bons desejos como eu, possam aperfeiçoar, corrigir ou condemnar quanto proponho.

Pela minha parte tenho cumprido um dever de consciencia, communicando quanto pensei que poderá ser util á gloria do Brasil e ao reinado do Senhor D. Pedro II.



THEREZA.

Je l'ayme tant que je n'ose l'aymer.

CLEMENT MAROT.

Quando junto de mim Thereza dorme
Escuto o seio della docemente :
Exhalam-se dalli notas aereas,
Não sei que de amoroso e de innocente!

Coração virginal é um alaúde
Que dorme no silencio e no retiro :
Basta o roçar das mãos do terno amante,
Para exhalar suavissimo suspiro!

Nas almas em botão, nesse crepusculo
Que da infante e da flor abre a corolla,
Murmuram leve os tremulos sentidos,
Como ao sôpro do vento uma viola.

Diz — amor! — essa voz da lyra interna
É suspiro de flor que o vento agita,
Vagos desejos, ancia de ternura,
Uma brisa de aurora que palpita.

Como dorme innocente esta criança!
Qual flor que abriu de noite o niveo seio,
E se entrega da aragem aos amores,
Nos meus braços dormita sem receio.

O que eu adoro em ti, é no teu rosto
O angelico perfume da pureza :
São teus quinze annos n'uma fronte santa,
O que eu adoro em ti minha Thereza!

São os louros anneis de teus cabellos,
 O esmero da cintura pequenina,
 Da face a rosa viva, e de teus olhos
 A saphyra que a alma te illumina!

E tua forma incerta e duvidosa —
 Pudor d'infante e original enleio;
 Corpo suave que nas roupas brancas
 Revella apenas que desponta o seio.

Eu sei mimosa que tu és um anjo
 E vives de sonhar como as Ondinas :
 E és triste como a rola, e quando dormes
 Do peito exhalas musicas divinas !

Ah! perdoa este beijo! eu te amo tanto !
 Eu vivo de tua alma na fragrancia...
 Deixa abrir-te n'um beijo as flores d'alma,
 Deixa-me respirar na tua infancia!

Não acordes tão cedo! em quanto dormes
 Eu posso dar-te beijos em segredo...
 Mas quando nos teus olhos raia a vida
 Não ousou te fitar; eu tenho medo!

—•••••—

O VAGABUNDO.

Eat, drink and love; what can the rest avail us ?

BEYRON. DOM JUAM.

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
 Fumando meu cigarro vaporoso ;
 Nas noites de verão namoro estrellas ;
 Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso!

Ando roto, sem bolços nem dinheiro,
 Mas tenho na viola uma riqueza;
 Canto á lua de noite serenatas,
 E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguém, nem ouço a raiva,
Nas cavernas do peito suffocante,
Quando á noite, na treva, em mim se entornam
Os reflexos do baile fascinante.

Namoro; e sou feliz nos meus amores;
Sou garboso e rapaz... Uma criada
Abrasada de amor por um soneto
Já um beijo me deu subindo a escada.

Oito dias lá vão, que ando seismando
Na donzella que alli defronte mora;
Ella ao ver-me sorri tão docemente!
Desconfio que a moça me namora!

Tenho por meu palacio as longas ruas,
Passeio a gosto e durmo sem temores,
Quando bebo sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores!

O degráu das igrejas é meu throno;
Minha patria é o vento que respiro;
Minha mãe é a lua macilenta;
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De paineis a carvão adorno a rua,
Como as aves do céu e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo á lua.

Sinto-me um coração de lazzaroni,
Sou filho do calor, odeio o frio;
Não creio no diabo, nem nos santos...
Rezo á Nossa Senhora, e sou vadio!

Ora se por ahí alguma bella
Bem dourada e amante da preguiça
Quizer a nivea mão unir á minha,
Hade achar-me na Sé, domingo á missa.



COLONISAÇÃO.

Reuniram-se alguns fazendeiros da provincia do Rio de Janeiro para mandar buscar á Allemanha colonos para as suas fazendas; parece porém que a pessoa por elles encarregada do engajamento não procedeu em regra para bem desempenhar a sua missão. Vamos dar alguns apontamentos que talvez tenham para o futuro alguns bons resultados e contribuam para o bom exito de taes empezas, e continuaremos sobretudo a mostrar os prejuizos que contra o Brasil vogam por essa Allemanha, paiz que, tanto em consequencia de sua grande população, como de sua organização politica, vê annualmente milhares de habitantes deixarem seus lares para procurarem além do grande oceano uma nova e hospitaleira patria, alguns abastados levando consigo capitaes, outros pobres que não trazem consigo senão o vigor de seus membros e a vontade de o empregar para gozarem em paz e descanso os ultimos dias de sua existencia. Estas duas classes emigram com o fim de melhorar de sorte, e importando-se pouco se com a sua sahida fica prejudicada a terra que os vio nascer. Muitos destes emigrantes eram victimas da ganancia de vis especuladores, em consequencia do que formaram-se na Allemanha sociedades que tendiam a protegel-os. Estas sociedades compostas a principio de pessoas animadas de verdadeira philantropia, de outras que só se faziam membros para merecerem o titulo de bemfeitores da humanidade, e finalmente de alguns, cujo illimitado patriotismo via o elemento germanico dominar o mundo, e nos seus sonhos já se suppunham novas Attilas á testa de uma grande emigração dos povos impetuosa, levando de assalto o Occidente, foram pouco a pouco trabalhando, ganhando raizes e acreditando-se, de modo que hoje os emigrantes das classes que acima indicamos dirigem-se á ellas para saberem para onde devem ir, qual o futuro que podem esperar, e de que maneira e com que despezas farão a viagem; e as sociedades os dirigem de modo que elles escapam aos laços dos especuladores de carne humana ou de escravos brancos. Uma dessas sociedades fulminou na *Gazetta de Augsburgo* de 8 de fevereiro do corrente anno o artigo que abaixo transcrevemos, á vista do qual aconselhamos aos Snrs. fazendeiros a dirigirem-se directamente á essa sociedade para pedir a sua coadjuvação; não se negará a isto, e mandará por certo as condições debaixo das quaes ella póde fornecer bons colonos. Se porém do contrario os fazendeiros se fiarem em colonos engajados por emissarios, ou que acodem a annuncios de *Gazetta*, podem contar com uma terceira classe de gente de que a Allemanha abunda, e é aquella que vive em relação forçada com a policia e casas de correccão, cujos menores defeitos são a vadiação e falta de qualquer habilitação para o trabalho, e desta Deos nos livre que já por vezes as temos experimentado, por desgraça dessa nossa terra.

Publica prevenção contra a emigração para as terras dos cinco fazendeiros de maior consideração no Imperio do Brasil, na provincia do Rio de Janeiro.

Nas folhas publicas faz-se a offerta aos emigrantes allemães de se engajarem como trabalhadores nas fazendas dos cinco grandes proprietarios no Brasil (Nicoláo Antonio Nogueira Valle da Gama, visconde de Baependy, Braz Carneiro Beléns, D. Francisca Maria Valle da Gama e José da Silva Carvalho). Ser-lhes-ha adiantado o dinheiro da passagem, terão casa para morar na fazenda, e tudo quanto necessitarem; durante o primeiro anno de mantimentos, roupa, e outros objectos, lhes será fornecido a titulo de emprestimo. Tudo isto é na verdade muito bom, porém adiante apparece o desengano! Tudo quanto os emigrados recebem dest'arte emprestado, é muito natural que tem de restituir, *porém emquanto isto não acontece, elles não poderão deixar o serviço de seus novos senhores*, e serão obrigados a pagar juros de tudo quanto não tiverem restituído no fim de quatro annos. Um pedaço de terreno como propriedade *não* se lhes dá, nem tão pouco se lhes determina um jornal certo; só se lhes entregam a trato alguns mil pés de café. O café colhido é vendido pelo fazendeiro, e o producto da venda, depois de subtrahidas as despezas de transporte, commissão de venda, e uma quantia para o uso das maquinas (de despolpar) será considerado renda liquida, e esta dividida entre elle e o colono. Além disso *emprasta-se* ao colono a porção de terreno que elle possa cultivar no tempo que lhe resta, afim de obter os seus mantimentos; porém tambem as sobras destes mantimentos que não gastarem em casa, *os colonos não as poderão vender*, mas sim as entregarão ao senhorio, que procederá com ellas da mesma maneira que com o café. E ainda mais: os colonos devem se obrigar a *não emprehender commercio algum* sem licença do senhorio.

Desta maneira se especula sobre a inexperiencia e credulidade do emigrante allemão, e não se tem vergonha de lhe apresentar condições de contracto pelas quaes elle, na extensão da palavra, se torna escravo! O lucro do colono será muito diminuto, pois é sabido pela experiencia feita até hoje que o fazendeiro brasileiro não tira lá grande proveito da colheita do café; quem tem o maior ganho é sempre o cafezeiro. Ora se o fazendeiro se encarrega do transporte, elle não deixará de calcular sempre as despezas mais elevadas, para poder abater da conta de venda o mais que é possível; calcule-se tambem o abatimento para uso de maquinas que igualmente se some nas algibeiras do fazendeiro, e tudo isto dará um rendimento liquido insignificante, do qual o pobre colono receberá a metade.

O mesmo acontece com os mantimentos. E neste caso, a fallar a verdade, os colonos allemães ficarão em peor condição que os escravos, pois que em quasi toda parte do mundo, deixa-se aos escravos o producto do seu trabalho nas horas vagas como propriedade inviolavel, permittindo-se-lhes negociar com elle como muito bem lhes parecer. O emigrado allemão porém terá de trabalhar nas fazendas dos—cinco grandes proprietarios do Brasil—sem ter ao menos essa vantagem!

pressas, o amor de concursos inuteis, e a facilidade, ou leviandade com que encaramos tudo, são as causas de um resultado tão triste, e de um facto que nos deve convencer de que certos homens não são para tudo, e que tudo não é para certos homens: uma obra de arte nada tem de commum com administrações financeiras, porque ha nella uma criação, e a applicação de estudos muito pouco conhecidos no nosso paiz, que tende muito a desprezar o que ignora.

Os honrados membros da Commissão Directora não devem desanimar. O Theatro Provisorio pôde ainda ganhar sessenta por cento, e fazer brilhar a voz da Snra. Stoltz, e de toda a companhia, que parece menos boa, por causa dos defeitos da casa.

Aquillo que o dinheiro pôde fazer, se tem feito; mas ha cousas que se não compram no mercado, nem se importam com facilidade: a intelligencia creadora.

Permitta Deus, que este facto tão saliente possa servir de lição, e que esta lição publica possa moderar o nosso desejo de brilhar, e de querer fazer milagres em uma terra onde toda a graça da civilisação ainda não baixou do céu para nos libertar de uma boa somma de prejuizos, e sobre tudo do charlatanismo, que vive e se nutre da nossa pouca experiencia.



PRIMEIRA MEMORIA

SOBRE

METHODOS GERAES DE INTEGRAÇÃO.

(CONTINUADO DA PAGINA 24)

$$f(c_1 - c_1^{(1)}u + c_1^{(2)}u^2) \frac{d.e^{-xu}}{du^2} v du = (c_1 - c_1^{(1)}u + c_1^{(2)}u^2) \frac{d.e^{-xu}}{du} - \frac{d.v(c_1 - c_1^{(1)}u + c_1^{(2)}u^2) e^{-xu}}{du} + f \frac{d^2.v(c_1 - c_1^{(1)}u + c_1^{(2)}u^2) e^{-xu}}{du^2} du;$$

então tem-se para determinar v a equação

$$(a_1 - a_1^{(1)}u + a_1^{(2)}u^2)v + \frac{d.v(b_1 - b_1^{(1)}u + b_1^{(2)}u^2)}{du} + \frac{d^2.v(c_1 - c_1^{(1)}u + c_1^{(2)}u^2)}{du^2} = 0, \quad (19)$$

$$e \left. \begin{aligned} & -e^{-xu} [v(b_1 - b_1^{(1)}u + b_1^{(2)}u^2) + \frac{d.v(c_1 - c_1^{(1)}u + c_1^{(2)}u^2)}{du}] \\ & \frac{d.e^{-xu}}{du} [v(c_1 - c_1^{(1)}u + c_1^{(2)}u^2)] + \text{const.} \end{aligned} \right\} = 0 \quad (19)_1$$

para determinar os limites da integral $z = f e^{-xu} v du$.

A equação (19), executadas as diferenciações, pôde-se escrever assim

$$[(a_1 - b_1^{(1)}u + 2c_1^{(2)}) + (-a_1^{(1)} + 2b_1^{(2)})u + a_1^{(2)}u^2]v + [(b_1 - 2c_1^{(1)}) + (-b_1^{(1)} + 4c_1^{(2)})u + b_1^{(2)}u^2] \frac{dv}{du} + [c_1 - c_1^{(1)}u + c_1^{(2)}u^2] \frac{d^2v}{du^2} = 0 \quad (19)$$

Esta equação ainda tem a mesma forma que a proposta, mas ella vai mudar, fazendo-se

$$v = (u + \beta)^{\delta} s, \quad \frac{dv}{du} = (u + \beta)^{\delta} \frac{ds}{du} + \delta(u + \beta)^{\delta-1} s, \quad \&$$

pois reduz-se a

$$\left. \begin{aligned} & (a_2 + b_2 u + c_2 u^2 + d_2 u^3 + e_2 u^4) s + (a_2^{(1)} + b_2^{(1)}u + c_2^{(1)}u^2 + d_2^{(1)}u^3 + e_2^{(1)}u^4) \frac{ds}{du} \\ & + (a_2^{(2)} + b_2^{(2)}u + c_2^{(2)}u^2 + d_2^{(2)}u^3 + e_2^{(2)}u^4) \frac{d^2s}{du^2} \end{aligned} \right\} \quad (20)$$

a_2, b_2 & sendo determinados pelas equações,

$$\begin{aligned}
& (a_1 - b_1^{(1)} + 2c_1^{(2)})\beta^2 + (b_1 - 2c_1^{(1)})\beta + c_1\delta(\delta - 1) = a_2 \\
& (-a_1^{(1)} + 2b_1^{(2)})\beta^2 + 2(a_1 - b_1^{(1)} + 2c_1^{(2)})\beta + (-b_1^{(1)} + 4c_1^{(2)})\delta + (b_1 - 2c_1^{(1)})\delta - \delta(\delta - 1)c_1^{(1)} = b_2 \\
& a_1^{(2)}\beta^2 + 2(-a_1^{(1)} + 2b_1^{(2)})\beta + a_1 - b_1^{(1)} + 2c_1^{(2)} + b_1^{(2)}\delta + (-b_1^{(1)} + 4c_1^{(2)})\delta + c_1^{(2)}\delta(\delta - 1) = c_2 \\
& (b_1 - 2c_1^{(1)})\beta^2 + 2\beta c_1 = a_1^{(1)} \\
& 2(b_1 - 2c_1^{(1)})\beta + (-b_1^{(1)} + 4c_1^{(2)})\beta^2 + 2c_1\delta - 2\beta c_1^{(1)} = b_1^{(1)} \\
& b_1 - 2c_1^{(1)} + 2(-b_1^{(1)} + 4c_1^{(2)})\beta + b_1^{(2)}\beta^2 - 2\beta c_1^{(1)} + 2\beta c_1^{(2)} = c_1^{(1)} \\
& -b_1^{(2)} + 4c_1^{(2)} + 2\beta b_1^{(2)} + 2c_1^{(2)}\delta = b_1^{(1)} \quad b_1^{(2)} = c_1^{(2)} \\
& c_1\beta^2 = a_2^{(2)} - c_1^{(1)}\beta^2 + 2\beta c_1 = b_2^{(2)}\beta^2 c_1^{(2)} - 2\beta c_1^{(1)} + c_1 = c_2^{(2)} - b_1^{(1)} + 4c_1^{(2)} + 2\beta b_1^{(2)} \\
& + 2c_1^{(2)}\delta = d_2^{(1)} \quad b_1^{(2)} = e_2^{(1)} \quad 2\beta c_1^{(2)} - c_1^{(1)} = d_2^{(2)} \quad c_1^{(2)} = e_2^{(2)}
\end{aligned}$$

Transformemos agora a equação (20), afim de introduzir-mos novas indeterminadas, fazendo

$$s = \int c^{-u\theta} \theta d\theta:$$

ter-se-á, procedendo da mesma maneira que sobre a equação (18),

$$\left. \begin{aligned}
& (a_2 - a_2^{(1)}\theta + a_2^{(2)}\theta^2)\theta + \frac{d.\theta(b_2 - b_2^{(1)}\theta + b_2^{(2)}\theta^2)}{d\theta} + \frac{d^2.\theta(c_2 - c_2^{(1)}\theta + c_2^{(2)}\theta^2)}{d\theta^2} \\
& + \frac{d^3.\theta(d_2 - d_2^{(1)}\theta + d_2^{(2)}\theta^2)}{d\theta^3} + \frac{d^4.\theta(e_2 - e_2^{(1)}\theta + e_2^{(2)}\theta^2)}{d\theta^4} = 0
\end{aligned} \right\} \quad (21)$$

para determinar θ , e

$$\left. \begin{aligned}
& -c^{-\theta u} [(b_2 - b_2^{(1)}\theta + b_2^{(2)}\theta^2)\theta + \frac{d.\theta(c_2 - c_2^{(1)}\theta + c_2^{(2)}\theta^2)}{d\theta} + \frac{d^2.\theta(d_2 - d_2^{(1)}\theta + d_2^{(2)}\theta^2)}{d\theta^2} \\
& + \frac{d^3.\theta(e_2 - e_2^{(1)}\theta + e_2^{(2)}\theta^2)}{d\theta^3}] \\
& \frac{d.c}{du} [(c_2 - c_2^{(1)}\theta + c_2^{(2)}\theta^2)\theta + \frac{d.\theta(d_2 - d_2^{(1)}\theta + d_2^{(2)}\theta^2)}{d\theta} + \frac{d^2.\theta(e_2 - e_2^{(1)}\theta + e_2^{(2)}\theta^2)}{d\theta^2}] = 0 \quad (21) \\
& - \frac{d^2.c}{du^2} [(d_2 - d_2^{(1)}\theta + d_2^{(2)}\theta^2)\theta + \frac{d.\theta(e_2 - e_2^{(1)}\theta + e_2^{(2)}\theta^2)}{d\theta}] \\
& + \frac{3-c^{-\theta u}}{du^3} [(e_2 - e_2^{(1)}\theta + e_2^{(2)}\theta^2)\theta] + \text{cent}
\end{aligned} \right\}$$

os limites da integral.

Executando as diferenciações indicadas na primeira equação (21) ella pôde-se escrever assim

$$\left. \begin{aligned} (a_3 + b_3 \theta + c_3 \theta^2) \Theta + (a_3^{(1)} + b_3^{(1)} \theta + c_3^{(1)} \theta^2) \frac{d\Theta}{d\theta} + (a_3^{(2)} + b_3^{(2)} \theta + c_3^{(2)} \theta^2) \frac{d^2\Theta}{d\theta^2} + \\ (a_3^{(3)} + b_3^{(3)} \theta + c_3^{(3)} \theta^2) \frac{d^3\Theta}{d\theta^3} + (a_3^{(4)} + b_3^{(4)} \theta + c_3^{(4)} \theta^2) \frac{d^4\Theta}{d\theta^4} = 0 \end{aligned} \right\} \quad (22)$$

com tanto que $a_3, b_3, c_3, a_3^{(1)}$ & sejam determinadas pelas equações

$$\left. \begin{aligned} a_2 - b_2^{(1)} + 2c_2^{(2)} = a_3 \quad b_2 - 2c_2^{(1)} + 6d_2^{(2)} = a_3^{(1)} \quad c_2 - 3d_2^{(1)} + 12e_2^{(2)} = a_3^{(2)} \\ d_2 - 4e_2^{(1)} = a_3^{(3)} \\ -a_2^4 + 2b_2^{(2)} = b_3 \quad -b_2^{(1)} + 4c_2^{(2)} = b_3^{(1)} \quad -c_2^{(1)} + 6d_2^{(2)} = b_3^{(2)} \\ -d_2^{(1)} + 8e_2^{(2)} = b_3^{(3)} \\ a_2^{(2)} = c_3 \quad b_2^{(2)} = c_3^{(1)} \quad c_2^{(2)} = c_3^{(2)} \quad d_2^{(2)} = c_3^{(3)} \\ e_2 = a_3^{(4)} \quad -c_2^{(1)} = b_3^{(4)} \quad e_2^{(2)} = c_3^{(4)} \end{aligned} \right\} \quad (23)$$

Seja

$$\Theta = e^{z_2 \theta} \psi;$$

a equação (22) dará

$$\left. \begin{aligned} (a_4 + b_4 \psi + c_4 \psi^2) \psi + (a_4^{(1)} + b_4^{(1)} \psi + c_4^{(1)} \psi^2) \frac{d\psi}{d\psi} + (a_4^{(2)} + b_4^{(2)} \psi + c_4^{(2)} \psi^2) \frac{d^2\psi}{d\psi^2} \\ + (a_4^{(3)} + b_4^{(3)} \psi + c_4^{(3)} \psi^2) \frac{d^3\psi}{d\psi^3} + (a_4^{(4)} + b_4^{(4)} \psi + c_4^{(4)} \psi^2) \frac{d^4\psi}{d\psi^4} = 0, \end{aligned} \right\} \quad (24)$$

$a_4, b_4, c_4, a_4^{(1)}$ & sendo dadas pelas equações

$$\left. \begin{aligned} a_3 + a_3^{(1)} z_2 + a_3^{(2)} z_2^2 + a_3^{(3)} z_2^3 + a_3^{(4)} z_2^4 = a_4 \quad a_3^{(1)} + 2 a_3^{(2)} z_2 + 3 a_3^{(3)} z_2^2 + 4 a_3^{(4)} z_2^3 = a_4^{(1)} \\ b_3 + b_3^{(1)} z_2 + b_3^{(2)} z_2^2 + b_3^{(3)} z_2^3 + b_3^{(4)} z_2^4 = b_4 \quad b_3^{(1)} + 2 b_3^{(2)} z_2 + 3 b_3^{(3)} z_2^2 + 4 b_3^{(4)} z_2^3 = b_4^{(1)} \\ c_3 + c_3^{(1)} z_2 + c_3^{(2)} z_2^2 + c_3^{(3)} z_2^3 + c_3^{(4)} z_2^4 = c_4 \quad c_3^{(1)} + 2 c_3^{(2)} z_2 + 3 c_3^{(3)} z_2^2 + 4 c_3^{(4)} z_2^3 = c_4^{(1)} \\ a_3^{(2)} + 3 a_3^{(3)} z_2 + 6 a_3^{(4)} z_2^2 = a_4^{(2)} \quad a_3^{(3)} + 4 a_3^{(4)} z_2 = a_4^{(3)} \quad a_3^{(4)} = a_4^{(4)} \\ b_3^{(2)} + 3 b_3^{(3)} z_2 + 6 b_3^{(4)} z_2^2 = b_4^{(2)} \quad b_3^{(3)} + 4 b_3^{(4)} z_2 = b_4^{(3)} \quad b_3^{(4)} = b_4^{(4)} \\ c_3^{(2)} + 3 c_3^{(3)} z_2 + 6 c_3^{(4)} z_2^2 = c_4^{(2)} \quad c_3^{(3)} + 4 c_3^{(4)} z_2 = c_4^{(3)} \quad c_3^{(4)} = c_4^{(4)} \end{aligned} \right\} \quad (25)$$

Transformemos de novo a equação (24) mediante

$$\psi = f e^{-\theta \omega} \chi d \omega,$$

em

$$\left. \begin{aligned} (a_4 - a_4^{(1)} \omega + a_4^{(2)} \omega^2 - a_4^{(3)} \omega^3 + a_4^{(4)} \omega^4) \chi + \frac{d \chi (b_4 - b_4^{(1)} \omega + b_4^{(2)} \omega^2 - b_4^{(3)} \omega^3 + b_4^{(4)} \omega^4)}{d \omega} \\ + \frac{d^2 \chi (c_4 - c_4^{(1)} \omega + c_4^{(2)} \omega^2 - c_4^{(3)} \omega^3 + c_4^{(4)} \omega^4)}{d \omega^2} = 0; \end{aligned} \right\} \quad (26)$$

ou

$$\left. \begin{aligned} (a_5 + b_5 \omega + c_5 \omega^2 + d_5 \omega^3 + e_5 \omega^4) \chi + (a_5^{(1)} + b_5^{(1)} \omega + c_5^{(1)} \omega^2 + d_5^{(1)} \omega^3 + e_5^{(1)} \omega^4) \frac{d\chi}{d\omega} \\ + (a_5^{(2)} + b_5^{(2)} \omega + c_5^{(2)} \omega^2 + d_5^{(2)} \omega^3 + e_5^{(2)} \omega^4) \frac{d^2 \chi}{d\omega^2} \end{aligned} \right\} (27)$$

$$\left. \begin{aligned} -a_4^{(3)} + 4b_4^{(4)} = d_5 \quad a_4 - b_4^{(1)} + 2c_4^{(2)} = a_5 \quad b_4 - 2c_4^{(1)} = a_5^{(1)} \quad c_4 = a_5^{(2)} \\ a_4^{(4)} = e_5 \\ -b_4^{(3)} + 4c_4^{(4)} = d_5^{(1)} \quad -a_4^{(1)} + 2b_4^{(2)} - 6c_4^{(3)} = b_5 \quad -b_4^{(1)} + 4c_4^{(2)} = b_5^{(1)} \quad -c_4^{(1)} = b_5^{(2)} \\ b_4^{(4)} = e_5^{(1)} \\ -c_4^{(3)} = d_5^{(2)} \quad a_4^{(2)} - 3b_4^{(3)} + 12c_4^{(4)} = c_5 \quad b_4^{(2)} - 6c_4^{(3)} = c_5^{(1)} \quad c_4^{(2)} = c_5^{(2)} \\ c_4^{(4)} = e_5^{(2)} \end{aligned} \right\} (28)$$

para determinar χ ; e

$$\left. \begin{aligned} -e^{-\beta\omega} \left((b_4 - b_4^{(1)} \omega + b_4^{(2)} \omega^2 - b_4^{(3)} \omega^3 + b_4^{(4)} \omega^4) \chi \right. \\ \left. + \frac{d}{d\omega} \chi (c_4 - c_4^{(1)} \omega + c_4^{(2)} \omega^2 - c_4^{(3)} \omega^3 + c_4^{(4)} \omega^4) \right) \\ \left. + \frac{d}{d\omega} \left((c_4 - c_4^{(1)} \omega + c_4^{(2)} \omega^2 - c_4^{(3)} \omega^3 + c_4^{(4)} \omega^4) \chi \right) + \text{const.} \right\} (27)_1$$

os limites da integral.

Podemos indefinidamente continuar o mesmo systema de transformações e como tenhamos precisão, para obter a integral da nossa equação diferencial, de maior numero de indeterminadas procuremos ainda as transformadas seguintes.

Façamos

$$\chi = (\omega + \beta_1) \beta_1 \Omega$$

ter-se-ha

$$\left. \begin{aligned} (a_6 + b_6 \omega + c_6 \omega^2 + d_6 \omega^3 + e_6 \omega^4 + f_6 \omega^5 + g_6 \omega^6) \Omega + (a_6^{(1)} + b_6^{(1)} \omega + c_6^{(1)} \omega^2 + d_6^{(1)} \omega^3 \\ + e_6^{(1)} \omega^4 + f_6^{(1)} \omega^5 + g_6^{(1)} \omega^6) \frac{d\Omega}{d\omega} + (a_6^{(2)} + b_6^{(2)} \omega + c_6^{(2)} \omega^2 + d_6^{(2)} \omega^3 + e_6^{(2)} \omega^4 + f_6^{(2)} \omega^5 \\ + g_6^{(2)} \omega^6) \frac{d^2 \Omega}{d\omega^2} = 0 : \end{aligned} \right\} (29)$$

(Continúa).

FRAGMENTO DE UM POEMA.

O SONHO.

Tres vezes tinha a noite amor prendido
Nos braços conjugaes: serena e bella
Mar e céu ameigara, sem que houvesse
No oceano armillar toldado os fluidos,
E a serpe das tormentas conjurado
A inflammam o espaço em colleadas.

Repassados de magoas, de martyrios,
Ao silencio fiel, á noite amiga,
Seus queixumes os nautas confiaram;
Que amor velou com elles, demarcando
As horas com suspiros e saudades.

Havia o sol beijado a etherea fronte
Da imagem do Senhor, e consumido
Mais um dia no abysmo do passado,
Mais um elo da vida do universo.
Em grinaldas de fogo se ostendia
O ocaso magestoso, rutilando
Selvas de lume, portentosos cimbres,
Onde a pendula eterna accrescentava
Mais um fasto aos annos da eternidade;
No chumbado oriente reluzia
A estrella do consorcio, saturando
A fria luz ao esteirão que a tarde
Rasteava na face do oceano.

Nos fecundos mysterios do futuro,
Três naves e Colombo um mundo aguardam,
Inda incubado no horisonte errante.

Ingenito ardimento a gloria pulsa
 Em seu peito magnanimo; que a Europa,
 Presa ás balisas de um lethargo ignavo,
 Nas entranhas do tempo não divisa
 Novo lustre brotar, nova existencia,
 Como o novo Messias do Oceano.

Concutem no baixel mavorcias caixas
 O quarto da oração; tintina o bronze;
 Os cirios ardem, e nas mãos sagradas
 Do antiste, o Salvador na cruz resplende:
 Soltam os labios vespertino canto,
 Em conjuncto sagrado as almas voam
 Ao eterno refugio: — que a esperanza
 Tem um braço no céu, e outro no tumulto.

No calido porão retrahe-se a chusma:
 Ao pesado soffrer os membros cedem,
 Quebra-lhe o somno o pensamento afflicto,
 Dormem todos. Vigia o nauta arguto;
 Ao clarão da luzerna á ré decifra
 A rosa eolia, que balisa os mares,
 Marca os ventos, e os polos, fixa a estrella
 Da aurora boreal, e guia o homem,
 Equoreo Orphee, a edificar mais mundos.
 Attento e vigilante, entre a bitacola
 E o leme, a noite enfia calculando,
 Té que a ampolheta, trasfegando as horas,
 Lhe outorgue aos membros passageiro somno.

A noite se escoou: o quarto d'alva
 Tinha o piloto annuciado aos mestres.

Acampado guerreiro em frente ás hostes
 Inimigas, precauto ao som da guerra,
 Mal tocando no chão co'a frente armada,
 Assim dorme Colombo, reclinado
 No castello de ré: lidas e magoas
 Nas palpebras mortaes se clausuraram:
 Mar sereno, que ameiga aura benefica,
 Simula o peito seu no arfar cadente;
 No rosto, onde a virtude se reflecte,

E na frente, em que azares burilaram,
Resplende a séde do valor e genio.

Tibio silencio a natureza exhala,
Que avulta o cicciar macio e placido
Da vaga ardente, que na proa se abre
Em tremulos festões de nivea espuma.

Como de aura fagueira, repassada
De celeste harmonia, um som mavioso
Se dilata no ar: dir-se-ia o fremito
De limpido crystal por mão virginia
Docemente roçado; ou junto á Arcadia
N'um platano sagrado suspendida,
Harpa eolia gemendo melodias.

Ruflando as vitreas azas, orvalhadas
De gotas luminosas, as Undinas
Mansamente do mar se ergueram timidas
Em torno do baixel: eram mais bellas
Do que um sonho de amor nas mãos de Urbino!
Sobre o céo anilado debuchavam
Com lucida ardentia as formas diaphanas,
Onde o brilho dos astros transpirava,
Como em limpido véo uns olhos de anjo.
Meneando formosas laçarias,
Fluidas choréas, do Olympo ignotas,
Uma a uma se vio baixar ás faces
Do nauta adormecido, e dar-lhe um beijo:
Magico beijo, que assellando encantos
Abre dos sonhos a mansão ridente.
Mais ligeira e subtil, sorrindo á luz,
Não beija o manacá phalena errante
Do que a filha do mar, a virgem limpida.

Com festivo aparato, em torno ao leito,
Vocalisam de amor almas endeixas,
Nessa lingua que á luz deu brilho, e ás auras
Perfumes, e que ao fogo a intensidade,
Á terra a força ultriz, mundos ao ether,
E ao espaço os mysterios do infinito.
Eram hymnos que em labios transparentes

Fluentes dimanavam, diffundindo
 Nos seios d'alma vibrações blandisonas ;
 E de enlevos donosos saturavam
 Essa vida onde vive a alma sómente
 No seu throno ideal, e onde fluctuam
 Orbes que fogem ao abrir dos olhos.

De repente, supina, accesa imagem
 Phosphoreja no ar, qual na espessura
 O flammante sacy, batendo as azas,
 Alado genio, de oberonia prole,
 Nunca visto surgir de lyra humana,
 Abre a voz magestosa, e canorando,
 Como a bronzea cigarra em tarde estiva,
 No céu penetra o meteorio canto.
 Ao superno reclamo a nave coalham
 Cabalisticos genios, tremulando
 As blendes azas que no ar se irisam,
 Como os raios do sol no prisma aereo
 Das lagrimas do céu.

Rompendo as selvas

De purpureo coral e de madreporas,
 Do amago da terra surgem Gnomos,
 Sacudindo as madeixas prateadas,
 Sorrindo vaticinios, fulgurando
 O metalico vulto, e a branca charpa
 De franjadas sonoras catadupas.
 Vem com elles, nascidas do relampago,
 Ardentes Salamandras, pennejando
 Co'as madeixas no ar listões de fogo.
 Cobre a scena de Sylphos graciosos
 Aereo baldaquim, vertendo aromas
 Fruidos quando a terra ao sol copioso
 Pelos labios de flora alma sorria.

Dorme o Nauta, e seu somno é tão suave
 Como o somno infantil no gremio affavel
 Da consorte feliz ; mas em seu cerebro
 Viceja o aparato luminoso
 De floridas visões, de imagem lucidas,
 Cambiantes, que se abrem, que se fecham,
 E renascem, brotando entre mil lumes

Vultos sem nome, meteoros, larvas,
Nuncios fugazes do visinho encanto.

Do estojo diamantino, que pendente
Luzia ao tiracol, extrahe o Nume
Magica teia, que reflecte á mente
Scenas não vistas na vigilia humana.
Canta, e as Nymphas do azulado imperio
O Nauta circunscrevem, sustentando
A tela encantadora e o circ'lo fecham.
Á submissa caterva o Nume acena,
Que o prestigio comece, e que se finde
Antes que a aurora não dissolva o lume
Dos astros protectores. Vai ao Nauta,
C'o dedo luminoso a fronte e as palpebras
Toca, e se eleva : um claro lume a face
Lhe percorre, e abrilhanta as cans propectas ;
— Penetra no futuro, — mas o Nume
O bafeja tres vezes, e o seu bafo
Olvido encantador lhe infunde n'alma.

Rompem-se as nevoas do porvir arcano,
E os mysterios do tempo se revelam !
Bate as azas fulgentes, sobe o Genio
Ao recesso infinito, e desaparece.

Captivos ao condão superno os genios
Na tela o corpo embebem, diluindo
Seu fluido ser em graciosos quadros.
Gnomos, Undinas, Salamandras, Sylphos,
No bibulo recinto fluctuando
Em effluvios subtiz, vão pouco a pouco
Condensando-se em formas variadas ;
Vão edenicis plagas figurando,
E o quedo viajor transpondo a um mundo
Que os thesouros da terra em si concentra.
Assim nos mostra o creador artista,
Mesclando tintas sem valor, n'um muro,
Ao toque magistral, surgirem selvas,
Risonhas flores, irisantes aves,
A vivida torrente, e a imagem bella
Da virgem que enamora, disputando
Á natura exemplar o genio e arte.

Que formoso painel beija sua alma!

Circunda-o verde selva, cujos troncos
 N'um eterno crepusculo se enraizam,
 E vão subir mais alto que o pelouro
 Por mão titanea arremeçado ás nuvens ;
 N'um mar de luz serena a copa augusta
 Magestosos fluctuam, desprendendo
 Um chuveiro de flores ; das vergonteas,
 Onde pascem bromelias luz celeste,
 Se derramam festões entresachados
 Com dedales belleza, tressuando
 Ao mole embate de favonio amavel
 Odoras nuvens de amoroso polen.
 Neste ameno refugio se abre em curvas
 Caudaloso ribeiro, enamorado
 Do aereo encanto das volateis flores,
 Dos ilhotes que ameiga, e que o perfumam
 Olentes flores, que não vira o Arno,
 Nem sultana no Bosphoro azulado,
 Nem as margens do Indo especioso,
 Em auríferas glebas fulgurando.
 Ao longe, entre a ramagem, se elevava
 Asperrimo rochedo ennegrecido :
 Beija as nuvens errantes que o rosciam
 De virente belleza, e das alturas
 Deslisa magestoso, como o flanco
 De venusta matrona, onde se embebem
 Profanos echos de um amor ardente.
 Ali, mansão perenne de beldade,
 Pranteia o tempo em sonoras fontes,
 Sorri-se a eternidade entre mil flores.

Selvas de Mona, sanctuarios lugubres,
 Do fero Druida habitação sangrenta,
 Do livre Bardo inspiração guerreira,
 Achanai-vos, sois nada, ante a grandeza
 Deste bosque encantado, que supera
 Os que a Italia já vio, cimmerios lucos,
 Guardando os atrios do irmão da morte :
 Aqui é tudo novo!

A palma d'ouro,
 Vedada a Jerichó, concessa ao Eden,

Vôa ao sol, meneando as verdes plumas,
 A parda borzoleta, as fimbrias de ouro,
 E na esfera celeste espana ovante
 Bulhões sinistros e trovões medonhos,
 Nas sombrias aleas desses parques,
 De correntes odoras circulados,
 Um povo de aves, de animaes, habita
 Em perpetuo festim, alheio ao mundo
 Da raça loura, e do inverno esteril.
 Ali, da Cynthia as servas gemebundas
 Adejam livres, arrulhando amores;
 E aladas gemmas osculando nectar
 Nos brandos labios das mimosas flores;
 O plumado elephante, o fallaz psitaco,
 Que o verbo humano com primor modula;
 O cysne preto, que negára a Grecia,
 O soberbo Perú, mitrada prole
 De alegres passarinhos, e mil argos
 Da harmonia e plumagem tão vaidosos!

Como a vista do nauta se extasia
 De belleza em belleza n'essa plaga
 Onde falla a natura, onde discorre
 Omnimoda gentil, pomposa e grande
 Seus divinos annaes! De tronco a tronco
 Se ensanefam mil flores, construindo
 Aereas pontes, festivaes grinaldas,
 Que ao brando espiro das macias auras
 Cadenceiam, e vão mesclando aos hymnos
 Da canora familia os seus perfumes;
 Ou meigas abraçando os varios troncos
 Millenarios, que envolvem de outros lenhos
 O mirrado cadaver: novas mumias
 Ao céo subindo no vital sarcophago.

O pai, sem nome, de perdida raça,
 N'uma pedra exarou letras que o tempo
 Confiára ao sepulchro. A' humana stirpe
 Será segredo eterno essa linguagem,
 Que só fôra da tribu de esqueletos,
 Sentada na caverna, onde só fallam
 A fonte subterranea, e os vampiros
 Inimigos do sol.

Mudou-se a scena :

A quem recua a matta ; abre-se um rio
 Caudal gigante que em fronteiro abysmo
 Se despenha fervendo, e sobe ás nuvens
 Matizado de effluvios multicores :
 É o brilhante sendal da virgem selva,
 O fértil gremio da vernal princeza
 Que ali perenne baseára o throno.
 Verde nava, juncada de aureos lyrios.
 Se dilata risonha, um lago a aterma,
 Sombreado de alamedas fructiferas.
 Aqui e ali esparsos se esboroam
 Saxas d'ouro na relva, que a torrente
 Em lucidos esgalhos arborisa :
 De tão bellos menirs não se exaltavam
 A fria Scandinavia, nem os bosques
 De Irminsul tenebrosa ! Oh ! que frescura,
 Embebida da essencia de mil flores !
 De aerea turmalina se reveste
 O thalamo do sol : ali não cresta
 O verde esmalte o aquilão, nem cobre
 A fria neve a formosura eterna ;
 Unge a terra e os céos brisa meligena
 Que amor e vida espalha.

O nauta admira,

E co'a mente perlustra as novas scenas,
 Renascendo mais bellas, mais pomposas ;
 No manto colhe saborosos fructos,
 Nas mãos apara crystalinos favos,
 Nectareo pranto de mimosas flores ;
 Da palma sacarina, e lactea o porte
 Magestoso contempla, e os aureos cachos
 Do fecundo coqueiro, que ama do homem
 A palavra, e as vozes do oceano.

N'um pelago de lume e de delicias
 Parecem fluctuar sitios tão novos !
 Ali, se eleva o pinho de Solima,
 O louro de Granada, o roble celta
 Da Armorica indomavel, e o libanio
 Sagrado cedro, que dous mundos rege ;
 O platano da Grecia, a rosa alpina,
 E o papyro immortal ; no chão se alastram
 A modesta violeta, as mil boninas,

Zodiacos da terra.

A nivea concha,
 A flor errante do azulado oceano,
 A perola, que a luz e o céo reflecte,
 A opalia preciosa, que alimenta
 Em claro leite luminosa flamma,
 O formoso alabastro, transparente
 Como os dedos da infancia, o puro marmore
 Que a belleza eternisa, ali se encontram
 Em flores convertidos; té nas ramas
 O purpureo coral se abrolha e explende!

Em thalamos de flores, mollemente,
 Se espreguiçam regatos luminosos:
 Garfando as fimbrias de crystal sonoro,
 Vão doces pelas naves da espessura
 Orvalhando delicias, trashedando
 Novo encanto, sorrisos venturosos,
 Innundam a suave estancia edenica
 Odores beijos de favonio amavel,
 E o respiro de flores nunca vistas
 Do Ligurio encantado, que a si mesmo
 Não póde interrogar! Oh! quanto é bella
 A calma companheira do silencio,
 O doce dormir de almo deliquio
 Em que a vida se esquece!

Ao longe, ao longe,

O céo lancea c'os agudos picos
 Cordilheira inflammada, que suspende
 Outra serra mais alta: neve eterna
 Alveja-lhe no cimo recortado,
 Onde o fogo borbota espesso fumo,
 E arboreos veios de luzida prata.
 Junto á gleba gelada, onde não medra
 A palma d'ouro, se equilibram aves
 Que á terra descem, que a serpente elevam,
 E o ninho cavam nas perdidas ruinas
 De um povo que já foi, e cuja lingua
 Só ave secular falla nas campas.

Ao dialecto da morte, aos mil trinados,
 Ao murmurio das auras satisfeitas,
 Vem mesclar-se o bramir de estranhas feras,

O ronco de animaes, que illude ao longe
 Da frigida seraiva a queda assidua.
 N'um minimo volver tragam seus olhos
 Maravilhas sem par. Não cessa o Nauta
 De adorar o Senhor, que se reflecte
 Em tudo o que o circunda, entre as myriadas
 De insectos multiformes, rutilando
 Na folha que é seu berço, manjua, e tumulto!

Secca-se o rio, desaparece o lago!
 No azulado horisonte os montes se alçam,
 As dubias fórmas se debucham claras:
 Caminha a cordilheira, os valles se abrem,
 Reconhecem-se as flores, vê-se o homem
 Senhor da redondeza, o fogo, as choças,
 E a seu lado o universo que creara.

A' sombra amiga da espessura uberrima,
 A taça fraternal circumfluindo
 Que o sedento europeu lançou no inferno,
 Sorri-se o homem livre, protegido
 De um céo, que infunde n'alma a paz dos anjos,
 E incessante renova a idade de ouro.

Eis o filho do sol, que á mente off'rece
 Insolitos paineis! Que estranhas raças,
 Ferradas, cor de bronze, nuas, feias,
 Espurias da esperança, e sem um ponto
 No crastino porvir, que a Deus não temem!
 Outras descendo para o valle armadas
 De lanças e broqueis, trajando pelles,
 Ou sendaes emplumados, que recordam
 As barbaras phalanges de outras eras,
 Invadindo de Augusto os sanctuarios
 Quando Roma cahio, entre mil flammas,
 Aos pés de Genserico escravizada!

Tange as cordas do arco o Schytha errante
 No banquete frugal, em quanto o Cimbro
 Meneia a fronte que emplumara, e marcha
 Ao combate, arrastando o manto barbaro
 De longas pelles de animaes ferozes.
 Com tripudio cruel, eis surgem hordas

De avaros Hunos, que a vellosa crista
 Aos céos irriçam, rouquejando coplas
 Onde o sangue transpira; a par os grandes
 E robustos Alanos, transportando
 O tecto errante, e a familia livre,
 Cuja patria na terra marca a noite.
 O Godo arguto, a scandinavia trompa
 Temerosa soprando; o Huno escuro,
 Inimigo do fogo, salpicando
 De vivo sangue a colorida tunica,
 Que no averno tecera a madre bruxa,
 Horror de Felimer; vem a seu lado
 Butinos ebrios titubando os passos,
 E os bifrontes Geloens, brandindo postes
 Qual no campo de Varo! Em torno a um saxo,
 Em festim canibal, ferrados Pictas,
 E o Saxonio que a terra e mar commanda.
 Mosqueado Agathirso ungiendo a coma
 De azulado arrebique; e o Sarraceno,
 Vampiro humano, que nas veias bebe
 O sangue do inimigo! Ao longe, em cafilas,
 De curtos dromedarios se divisam
 Novas tribus douradas, novos druidas
 Ao céo volvendo corações fumantes.
 Pasina entre as moles, esculpidos templos,
 Satanicos monotyllhos, pyramides
 De medonhas figuras rodeadas,
 Onde o feio ideal se aprimorára!
 Mede os muros ingentes, babilonios,
 De florentes cidades, fende as selvas,
 Que olvidados emporios acobertam,
 Da morte e da serpente ora habitadas.

Treme á vista dos Herulos ferozes,
 Bebendo sangue do inimigo em craneos,
 Que nos labios injectam mil blasfemias,
 E herdados odios petrificam n'alma.
 As verdes faces na cerveja ensopa
 De Kilperico a raça endurecida;
 Batendo as lanças nos broqueis vellosos,
 Tonsurados Sicambros se apresentam;
 Outros curvando os desmedidos arcos
 As settas mandam perforar as nuvens.

Basto enxame de horrendos Atticótas,
 Cevando a fome com virginios seios,
 Co' a boca hiante espedagando a infancia,
 Vão nos ventres sagrados das matronas
 Os fetos arrancar, e devoral-os!
 A' fera gente, que nivela a pugna,
 Victoria, e funeral, o canto anima
 A cithara do Gallo, e o rude harpejo
 Do antigo Celta, que inundara a terra.
 Nos extremos longinquos se contrastam
 Dous povos na grandeza: um mede as selvas
 Co' as espadoas titaneas; mede o outro
 Co' a baixa fronte o achanado arbusto!

Que é isto; onde estou eu?! dormindo o Nauta
 A si mesmo interroga. O gallo canta:
 Disperta, volta ao mundo que o circunda!
 Vê a nave tranquilla velejando,
 As estrellas no céu perdendo o lume,
 E o mar que o cerca mais sereno e mudo!

O citrino clarão da nova aurora
 Mar e céu separava; a brisa ethesia
 Na fronte lhe espanava a imagem proxima
 Da propicia visão. Tudo deslembra.
 Ergue-se e ouve celeumar a chusma
 Em confuso rumor: — Africa, Africa!
 E ao longe, negrejando a grimpa altiva
 O alpestre Soloe, rei do deserto,
 Achanadas cacimbas prorompendo.

Porto-Alegre.



SUCCINTA EXPOSIÇÃO

Do movimento sanitario da cidade do Rio de Janeiro durante o anno findo de 15 de abril de 1851, a 15 de abril de 1852, e em particular do movimento da febre amarella, apresentado ao ministerio do imperio pelo Sr. Dr. Francisco de Paula Candido, presidente da Junta de Hygiene Publica (1).

A variola e o sarampão continuaram, durante o anno precedente, a fazer estragos nesta cidade e seus suburbios.

Quanto á variola: á despeito da instituição vaccinica, que muito se tem esmerado em cumprir sua missão, o povo, ainda dominado pela incuria ou por infundados preconceitos, não tem della colhido todas as vantagens possiveis.

No relatorio do incansavel inspector da vaccina a V. Ex. se acham apontados os embaraços que enervam sua efficacia, e as medidas que, para seu bom desempenho, mais urge que se adoptem.

Quanto ao sarampão, que de outubro p. p., ao começo do corrente anno grandes estragos causou, sendo uma molestia contagiosa, mas que tambem se desenvolve espontaneamente e independente de importação, o que torna inefficaz e talvez impossivel o sequestro dos enfermos, que são pela maior parte infantes, nenhuma medida geral de prevenção se póde adoptar. Os meios hygienicos, e os conselhos aos pais de familia, dirigidos ao fim de se obviar a communicação dos sãos com os individuos affectados, são os unicos recursos que se offerecem para diminuir os estragos, e propagação desta destruidora affecção.

As febres intermittentes, e as erysipelas, molestias desde muitos annos endemicas, e quasi as predilectas deste municipio e provincia, tem consideravelmente diminuido, e figuram, no periodo que nos occupa, em decrescente escala no seu quadro nosologico. A mesma progressão decrescente se observa em as molestias organicas, que são como corollarios, ou companheiras daquellas affecções; taes são as hepatites, esplenites, anemias, lesões do coração, elephantiasas dos arabes, etc. A mudança sen-

(1) Do relatorio apresentado este anno ás nossas Camaras Legislativas pelo ministerio do imperio trasladamos para as paginas do *Guanabara* a interessantissima exposição do estado sanitario da capital do imperio pelo digno presidente da Junta Central de Hygiene Publica, o Sr. Dr. Francisco de Paula Candido. A persuasão em que estamos de que o relatorio a que nos referimos não poderá talvez chegar ao conhecimento de todos, e a convicção que temos do merito e da excellencia do trabalho do nosso distincto compatriota o Sr. Dr. Paula Candido, nos fazem crer que prestamos um serviço ao publico dando maior publicidade á sua preciosa *Exposição*.

sivel, ha alguns annos operada na alimentação, nos habitos, nas habitações, e em geral no predomínio de leis hygienicas, não é estranha á esta consoladora modificação que se observa na saude publica.

A phthisica pulmonar, inexoravel companheira das cidades populosas, continuou em sua inalteravel proporção como nos annos precedentes; porém, no periodo a que me refiro, não me pareceu haver ella excedido esta indomita proporção, a mesma que ella guarda em outros paizes. Esta terrivel affecção é uma das desvantagens inherentes á vida social, e pois é um mal commum ás demais cidades opulentas.

Grassou nos ultimos mezes do anno findo, de outubro a janeiro, uma dysenteria, vulgarmente chamada *Schotisch*, que benigna no começo, com quanto muito extensa, pouca gravidade offerecia; mas nos ultimos dias do seu dominio revestiu um character mais sério, e ceifou algumas vidas, unindo-se ao sarampão. Não faltou quem a attribuisse ás aguas da Tijuca recentemente encanadas, e distribuidas pela cidade: esta suspeita occupou tambem por algum tempo o meu espirito; mas ella cabiu ante a observação; por quanto bairros mui distantes, e pelos quaes não se distribuiram essas aguas, nem outras novamente encanadas, e que assim continuaram a servir-se daquellas de que até então usaram, soffreram ao mesmo tempo esta mesma affecção; como foram os da Lapa, Catete, Flamengo, Lorangeiras, Botafogo, S. Clemente, etc. Não havendo occorrido phenomeno algum notavel e geral que explicasse esta epidemia, forçoso é procurar sua causa efficiente na meteorologia, na estação calmosa, que então começava para esta cidade, sendo possivel que, além da acção directa do calor sobre a economia, alguma modificação nociva imprimisse a mudança metereologica ás aguas, aos alimentos e mais agentes externos. Como quer que fosse, seus estragos passageiros desapareceram no correr de janeiro proximo findo, como tudo se deprehende dos dous artigos que a este respeito sabiram da penna illustrada do redactor do jornal da academia imperial de medicina.

Nos mezes de agosto e setembro a febre typhoide manifestou um pequeno excesso na proporção que costuma entre nós apresentar, e preludiou assim a vinda da febre amarella.

Em quasi todo o andar do anno precedente, especialmente de fevereiro a outubro, observou-se entre as crianças casos do coqueluche que conspirou com os sarampãos para augmentar os estragos desta ultima enfermidade.

O excesso de peso que carregam os pretos e mais pessoas empregadas no transporte do café e outras mercadorias, excesso a que se submettem com o intuito de augmentar seus lucros, produz alterações do centro circulatorio, aneurismas, hernias, etc. E' este um mal que o anno precedente herdou de seus antepassados, e para o qual cumpre chamar a attenção e sollicitude da autoridade, principalmente quando uma companhia se organisa para empregar neste mister carros apropriados, substituindo assim á força muscular as creações da intelligencia.

Nas outras affecções inherentes á natureza do homem, e á sua reunião em sociedade, me parece nada haver occorrido que, alterando sua marcha ordinaria, mereça especial menção, a excepção da epidemia da febre amarella, com a qual me vou occupar.

Febre amarella. Depois da primeira e horrivel explosão da febre amarella em al-

gumas cidades septentrionaes do litoral do imperio em fim de 1849, e no Rio de Janeiro em 1850, recrudescendo aqui em 1851 e 1852, pôde-se affirmar que nunca de todo desapareceu no Rio de Janeiro. Nos mezes mais frios, de maio a setembro, um ou outro caso nos recordou que a causa epidemica, neutralizada pelo frio, subsistia prestes a desenvolver-se ao acêno de conveniente temperatura.

Nos ultimos mezes de 1851 apenas o sol se aproximava do tropico austral, elevando a temperatura do nosso hemispherio, as causas da febre amarella, que até então se manifestavam espaçadamente por doentes della affectados, recolhidos á Santa Casa da Misericordia e hospital da marinha, despertaram a attenção pela violencia com que foram accommettidas algumas pessoas, dentre as quaes havia pertencentes á companhia lyrica italiana. Scarabelloto succumbiu em poucos dias; outros seus companheiros simultanea, ou consecutivamente a elle affectados, convalesceram; e por essa época alguns outros doentes se recolhiam ao hospital da Misericordia. Em fevereiro do corrente anno a epidemia foi tomando algum incremento, até que em principio de março o crescido numero de doentes exigiu a reabertura do lazareto da Jurujuba, onde até hoje se tem recolhido 425 enfermos, dos quaes 167 succumbiram. Resulta do exame dos assentos do lazareto, da Misericordia, do hospital da marinha, e das investigações que, sobre casas de saude particulares e clinica civil, tem chegado ao meu conhecimento, que os estrangeiros, e os filhos das provincias centraes não aclimados e principalmente os destinados á vida do mar, constituem em maxima parte o numero dos affectados. Se fosse ainda problematica a predilecção da febre amarella para as pessoas que se acham naquellas circumstancias, o que acabo de referir contribuiria para demonstrar; porém esta predilecção é hoje reconhecida, e inquestionavel.

Uma affecção catharral, verdadeira *grippe*, ou *influenza* da Europa, e que lá é *precursora* do cholera morbus, aqui se notou tanto neste como nos dous precedentes annos, *acompanhando* as phases da febre amarella. A simultaneidade desta affecção catharral com a febre amarella; a similhança, se não identidade, de seus symptomas com o primeiro periodo da febre amarella benigna, a ponto de não se descremiarem em muitos e muitos casos, o facto de accommetter ella em grande escala os nacionaes, e outras pessoas aclimadas, aliás ponpadas pela febre amarella, induzem á persuasão de que ambas estas enfermidades reconhecem a mesma causa productora; e de que ás modificações impressas no organismo pela poderosa acção do clima devem os nacionaes e aclimados o soffrerem menos da febre amarella.

A importante questão *do contagio* se offerecerá de hoje avante sempre que se discutirem as causas determinantes do nosso movimento sanitario; por isso peço á V. Ex. licença para lhe consagrar aqui algumas reflexões, e expender meu pensar á tal respeito. Dentro e fóra do paiz, medicos de reconhecido talento abraçam opiniões oppositas a respeito do contagio. Quem consulta sem prevenção os escriptos relativos á febre amarella encontra, e as vezes no mesmo autor, factos comprobatorios do contagio ao lado de outros que o excluem. Entre nós factos occorreram em que o contagio se ostenta claro e inquestionavel; e ao lado destes se observaram outros que o excluem com o mesmo rigor e evidencia. Permitta-me V. Ex. que eu submetta ao seu esclarecido criterio duas considerações a este respeito.

Primeira, á favor do contagio. Se não foi a importação, ou contagio, que nos trou-

xe a febre amarella; se por tanto ella se desenvolveu pela acção de causas preexistentes e accumuladas no paiz, e as quaes escolheram para effectuar sua energia o anno climaterico de 1849 — 1850, é mais que extraordinario, é absurdo mesmo suppor-se que essas causas accumuladas em lugares tão differentes, sob circumstancias tão diversas, como as da Bahia, Pernambuco, Ceará, Pará, Santa Catharina, Campos, Rio de Janeiro, etc.; que essas causas, digo, tão diversamente dispostas, se desenvolvessem todas ao mesmo tempo, quando até as circumstancias meteorologicas eram differentes!...

Não devo, abusando de momentos tão preciosos, accumular aqui factos especiaes que mostram um certo numero de doentes, um navio, sahido do foco epidemico, levar a febre amarella consigo, e ir derramal-a em outros lugares. Ninguem pôde contestar os factos que á tal respeito aqui observamos, e que abonam o contagio: limito-me á consideração que primeiro apontei, porque ella não pôde ser recusada. Pôde-se duvidar da asserção de um medico, que affirma haver observado a febre amarella desenvolver-se em uma pessoa que teve qualquer comunicação com um enfermo, ou que se serviu de objectos, que pudessem communicar-lhe o mal; mas ninguem poderá apagar a indelevel e lugubre pagina da nossa historia, que aponta a Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Pará, Campos, e Santa Catharina quasi simultaneamente, ou com pequeno intervallo, affectados da febre amarella; e isto quando as circumstancias topographicas, industria, habitos, communicações, estação do anno, etc., tudo era differente para cada lugar!...

Segunda, contra o contagio. 1.º Dosde muitos annos que entretemos activas e constantes relações com Nova-Orleans, Havana, e outros lugares affectados da febre amarella: entretanto nunca dahi nos foi trazida a epidemia que ora nos assola: o porto do Rio de Janeiro recebeu impunemente os hospodes da União Norte Americana, que essa activa região septentrional arremessava, com escala por este porto, de Nova-Orleans ás auríferas plagas da California: enfim durante que a febre amarella devastava algumas cidades do litoral da America do Norte, com as quaes entrelinhamos comunicação activa, nenhuma medida de sequestro, nenhuma precaução se adoptou contra o contagio desta enfermidade, que apezar disto nunca nos accommetteu!! Como é pois que este contagio, por tanto tempo inactivo, sem mudança sensivel verificou-se em 1849 e 1850?

2.º Durante o maior furor da epidemia de 1850 no Rio de Janeiro, daqui se transportavam enfermos, ou pessoas sãs, que foram adoecer, e mesmo succumbir na Tijuca, Estrella, Petropolis, Minas Geraes, Macacú, etc.; e esses focos ambulantes não derramaram a febre por esses lugares; a epidemia se limitou á elle só: entretanto de muitos desses lugares, como a Estrella, Macacú, etc., as circumstancias topographicas, a temperatura, e as causas de insalubridade são as mesmas que se dão nesta cidade. O que é que pôde neutralisar ali o contagio, se elle se dá?... Nada, absolutamente nada.

3.º Á uma pequena elevação do litoral desta bahia, a 500 braças de altura, que tal é a do encanamento das aguas das Paineiras, um só facto não se deu de febre amarella, apezar de se haverem por ali recolhido e tratado individuos, que, contrahindo a molestia na cidade, lá foram enfermar, e a ninguem communicaram a molestia. Ora o

contagio, essencialmente tal, como nas bexigas, sarampão, escarlatina, syphilis, hydrophobia, carbunculo, etc., zomba das elevações, das longitudes, latitudes, humidade, estações, temperatura, etc., e mal respeita, mui excepcionalmente, as idiosyncrasias, ou o que, para encobrirmos nossa ignorancia, chamamos pomposamente — predisposição—, expressão vaga, que deixa o espirito na mesma duvida, em que se achava antes de ouvir-a.

Deixo á discrição dos homens da sciencia o avaliar os argumentos e factos agglomerados pelos autores, quando uns pretendem estabelecer o contagio, e outros mostrar a sua futilidade; tomarei porém a liberdade de apresentar aqui um pequeno contingente para a resolução da questão, a saber: —No lazareto da Jurujuba trataram-se cerca de 800 pessoas de febre amarella em 1851, e, de 30 empregados que existiam então naquelle estabelecimento, nem um só a contrahiu: no mesmo lazareto quando apenas se tinha tratado este anno 288 doentes, havendo nelle o mesmo numero de empregados, foram 4 affectados, 2 dos quaes mui gravemente.

Entregarei mais ao juizo perspicaz dessas pessoas o que com relação ao objecto apresentou a observação em um dos climas mais saudaveis do imperio, Santa Catharina. Apareceu naquella cidade, em maio de 1850, a febre amarella por occasião da chegada ali de um hyate americano, procedente do Rio de Janeiro: de bordo passou a epidemia para a terra com alguma intensidade, houve 12 victimas, e a epidemia desapareceu em junho seguinte: a febre amarella voltou á mesma cidade em abril de 1851 por occasião de arribar ali um brigue sardo, procedente de Santos com destino a Genova; a epidemia, que reinava a bordo desse brigue, limitou-se á sua tripolação, e não invadiu pessoa alguma em terra; nenhuma nova precaução se havia tomado. Ora, se a febre amarella em Santa Catharina foi devida á causas que lá existiam, se não foi importada, temos ainda uma vez de admirar o esperar ella pela coincidencia de um hyate affectado, para se desenvolver!!

Mas tambem se ella é contagiosa, por que não se desenvolveu em terra, sob as mesmas circumstancias, em abril de 1851, com a chegada do brigue sardo? Além de que, naquella mesma provincia se viu desenvolver-se entre o povo uma febre com symptomas cerebraes em 1844 por occasião de ali aportarem tropas enviadas do norte para o sul do imperio. Em 1845 a affecção geralmente nesta cidade denominada *polka* para lá foi daqui levada. Em 1848 muito soffreu a classe menos abastada daquella capital de uma dysenteria que ali se manifestou com a chegada das tropas do norte. Ora ninguem pretenderá, ninguem jámais pensou em sustentar como essencialmente contagiosas as febres cerebraes, a dysenteria, e nem a polka; e comtudo seu desenvolvimento em Santa Catharina apresenta para estas affecções as mesmas coincidencias que para a febre amarella, as quaes coincidencias são o argumento gigante, com que se tem concluido a favor do contagio desta enfermidade.

As explicações, e evasivas com que cada um se esforça por sustentar sua opinião, uns affirmando que a febre amarella não é contagiosa em certos lugares, em certa elevação, etc., porque ahí faltam *as condições* proprias; que um individuo não foi affectado, a despeito do contacto com o doente, porque *não tinha predisposição*: outros affirmando que se um individuo foi affectado por ter tido quaesquer relações com os enfermos, depende isto de haver elle respirado a atmospheria desse lugar, e não por

haver recebido do enfermo o germen do mal; que se em um lugar se declara a febre amarella, é porque materias em decomposição ahi infectam a atmosphera, e não que um contagio, que um agente viesse de fóra: todas essas explicações, digo, só podem ser admittidas fechando-se os olhos aos factos que lhes são oppostos: se ellas assentam em factos *empiricos*, estes são combatidos por outros equivalentes. A interpretação da linguagem dos factos é com effeito mui precaria e vacillante, quando os factos, como os que nos occupam, não são conhecidos em todas as suas phases, em todas as suas leis *physicas* e *naturaes*; pôde-se ao revez do vulgo afirmar que « contra factos ha mil argumentos; ha mil outros que os contradizem. »

Estas apparentes contradicções de factos na historia da febre amarella, os quaes aliás devem estar em harmonia, acham sua natural explicação no quadro dos phenomenos de chimica organica que se desdobrou com a descoberta da agua oxigenada, a saber: as decomposições e metamorphoses de corpos compostos, *só com a presença* e sem a intervenção das moleculas de um terceiro corpo que provoque taes decomposições: é o estado de vibração das moleculas do corpo em decomposição que se communica a outros, que entram só por isso em decomposição.

A confrontação dos factos que deixo apontados, em apparente contradicção, e de mil outros analogos que nos fornece a lição dos autores com as acquisições da chimica organica, ao lado dos que a observação e a experiencia me permittiram avaliar ácerca da febre amarella durante os dous ultimos annos, inspiram-me uma quasi convicção de que a communicação da febre amarella de um para outro-individuo, de um para outro paiz, não se effectua pela infecção directa da parte do enfermo para o são; mas que exalações ou emanações do enfermo, ou do paiz infecto, levadas de qualquer modo ao contacto ou visinhança de *substancias organicas*, prestes a se decompor, determinam *nestas substancias* a decomposição que dá origem ao miasma productivo da febre amarella; e que estas *substancias* se acham as mais das vezes nas praias, bahias maritimas, e objectos que lhes estão visinhos... sem esta decomposição intermedia não ha transmissão. Não é permittido em um trabalho desta ordem entrar em detalhes demonstrativos desta conclusão, á qual portanto me devo aqui limitar.

Não tenho o infundado intento de resolver por este modo a questão largamente controvertida do contagio, ou não contagio da febre amarella, questão ainda pendente no estado actual de nossos conhecimentos, e tão evidentemente resolvida a *favor do contagio* pelos seus sectarios, como com a mesma evidencia resolvida em *sentido contrario* pelos não contagionistas. O certo é porém que longe está ainda a solução definitiva desta controversia: ao espirito desprevenido, que aquilata as incolcadas *evidencias*, se offerece a reflexão, á qual o *typho* e *peste* já deram lugar, a saber: — « Aquelles que, dando por demonstrado o contagio, explicam por elle a peste, e o *typho*, assim como aquelles que, negando o contagio, dão por demonstrado que são emanações do globo, e miasmas que geram a peste e o *typho* no Egypto e nos outros pontos da costa do Mediterraneo, quer uns, quer outros, não dão melhores provas, nem tem mais intima convicção do que tinha Tertuliano para attribuir estas molestias ao poder do demonio. — »

Como quer que seja de sua origem primordial, estando patente as inexoraveis paginas da historia contemporanea para tirar toda a duvida de que a febre amarella

se propaga, isto é—passa de um a outro paiz—não sei que argumentos se poderão descobrir para recusar aquellas providencias que, seja ou não contagiosa a febre amarella, tendam a remover a possibilidade de cahir sobre o povo tão desastrosa calamidade.

Quem não é obrigado a responder pela saude publica póde aventurar as mais philosophicas e brilhantes idéas, póde resolver questões insoluveis, quadrar circulos, e até acreditar no demonio; eu porém não devo com azas de Icaro acompanhar esses vãos *luminosos*: assim como, por maior que seja a admiração por esses philosophos magnetisadores, quando asseguram que suas *jovens somnambulas* enxergam pelas costas, não deve o olhador vulgar decidir-se logo a inutilisar seus orgãos visuaes, na fiuza de ficar enxergando os objectos por detrás das costas.

Continúa a mesma persuasão, exarada em o relatorio de 1851, de que receios não ha de ser o imperio invadido pelo cholera-morbus. Com effeito, esta terrivel epidemia, que desde 1831 devasta o hemispherio septentrional, á despeito de todas as providencias sanitarias de governos illustrados; que zomba de quarentenas, de desinfecções, de climas, de estações, de elevações acima do nivel do mar, da riqueza, da miseria, etc., não tem até hoje atravessado a equinoxial; sua marcha de E. a Oesté se apresenta sensivelmente parallelá ao equador. A' vista destes e outros dados da observação é de presumir que aquella epidemia seja em sua marcha levada pelas correntes atmosphericas; e está por isso acima das forças humanas o fazel-a parar; e portanto difficilmente invadirá o nosso hemispherio; porquanto os ventos geraes do hemispherio Norte sendo na direcção de NE. á SO., e os do hemispherio Sul sendo na direcção de SO. á NO., estes ventos geraes, convergindo, vão se encontrar no equador: de cujo encontro resulta o vento equatorial de E á O; é na phrase de Kaemtz, o que apresentam duas bolas que se encontram; ou como dous rios que confluem e marcham juntos, conservando cada um suas aguas de seu lado. Ora quando se formam no equador as correntes superiores (para o Norte e para o Sul), é bem claro que a maior parte do ar do Norte descambará para o Norte, e a maior parte do ar, do Sul revertirá para este hemispherio; a troca de ar de um para outro hemispherio limita-se pois á mui pequena proporção; e mal poderá esta pequena proporção do ar cholericó, que por ventura passe para o nosso hemispherio, tendo de atravessar vastissimas regiões do oceano atmospherico, antes de abaixar a sua corrente para descer á terra, mal poderá, digo, esta pequena proporção do ar cholericó, assim diluido, vir affectar os pacíficos habitantes do hemispherio Sul.

A supposição de ser a febre amarella uma variante, ou uma modificação do cholera-morbus, não supporta o menor exame comparativo. A condição indispensavel de temperatura para o desenvolvimento da febre amarella como epidemia, sua predilecção pela gente do mar, e pelos individuos não aclimados, sua limitação pela elevação, o circumscrever-se ella dentro dos muros de uma cidade sem invadir a população dispersa pelo campo, etc.; emfim seus symptomas e lesões pathognomonicas discriminam cabalmente as duas epidemias.

MEDIDAS SANITARIAS RECLAMADAS PELA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

As providencias sanitarias, que reclama esta populosa cidade e seu municipio, são

de duas ordens: 1.^a, providencias sanitarias ordinarias que, em permanente effectividade, melhorem e aperçoem a hygiene publica e particular: 2.^a, providencias para emergencias extraordinarias, as quaes, com quanto não em permanente exercicio, devem comtudo estar promptas para as eventualidades.

PROVIDENCIAS SANITARIAS ORDINARIAS.

Primo.—O primeiro e mui importante dever que incumbe á policia medica é o asseio da cidade, e este exige:

1.^o Um conveniente systema de esgoto para as aguas pluviaes, e as de serventia publica, comprehendidas as correntes naturaes, ou rios que atravessam a cidade, e que podem trazer de fóra principios de infecção.

2.^o Os despejos das imundicias.

3.^o A limpeza das praias, ruas e caes.

4.^o Emfim, dar asylo aos mendigos, cujo aspecto e presença pelas ruas tanto repugnam com o asseio, como invocam a piedade, senão o dever dos governantes.

1.^o—ESGOTOS.

Nas medidas que apresentei em janeiro de 1851, e no meu relatorio de abril do mesmo anno, pedi a attenção de V. Ex. sobre este objecto. Reclamei no primeiro o nivelamento da cidade como primordial indispensavel para estabelecer-se um conveniente systema de esgotos: no 2.^o, não contando com a breve realisação do nivelamento, propuz que se rebaixassem todas as vallas até ao nivel das marés baixas, e que fossem em horas determinadas atravessadas por correntes abundantes e energicas, que enviadas pela pressão de conveniente reservatorio em sufficiente altura, as lavassem diaria e completamente. Hoje, que me consta estar concluido o nivelamento (do qual aliás não tenho conhecimento official), e que delle resulta poderem as aguas fluviaes ser levadas ao mar por sobre as ruas na maior parte dos bairros desta cidade, entendo (acompanhando o parecer da Junta Central de Hygiene Publica de 24 de fevereiro do corrente anno dirigido ao presidente da commissão de engenheiros), entendo conveniente obstruir todas as vallas, á excepção sómente daquellas que são indispensaveis ao escoamento das aguas pluviaes, por affluirem estas á bairros, cujo nivel inferior ao dos circumvisinhos os torna alagadiços: e pois a unica consideração que torna indispensaveis as vallas é a de dar esgoto ás aguas pluviaes, e ás de serventia publica. Estas vallas conservadas porém, 1.^o, deverão ser rebaixadas na sua embocadura inferior até o nivel do preamar; 2.^o, suas paredes, ou faces, em vez de *talut vertical*, deverão ter inclinação formando um angulo diedro, constituindo a aresta deste angulo o fundo da valla; 3.^o, um reservatorio, ou deposito d'agua, alimentado por bombas, ou pelo actual encanamento, com elevação e capacidade sufficientes, munido de comportas, fornecerá em horas prefixas (em marés baixas) uma torrente que as lave completamente, ao menos duas vezes por dia; 4.^o, deverão estas vallas ser cobertas de abobadas, *com aberturas de grades em certas distancias*.

A inclinação das paredes, formando um angulo diedro, tem por fim elevar o nivel da mesma quantidade d'agua, augmentando por conseguinte a pressão, e com esta a

velocidade da corrente; e de vedar o deposito, ou demora de quaesquer substancias no fundo.

Os gradis, alternando com a abobada fechada, tem por fim não só a facilidade da inspecção, como principalmente embaraçar a circulação de gazes, ou emanações infectas pelo interior, e em toda a extensão da valla, para não virem estas desprender-se no centro da cidade, onde comece a valla: e pois, taes gazes, sem estas aberturas que lhes dêem sahida, remontar-se-hão á origem da valla ao menor abaixamento da temperatura; e infectarão ahí as regiões visinbas. Todo o mundo conhece, avalia mesmo, a causa que faz desenvolver o cheiro putrido dos canos de esgoto; todos a attribuem á mudança de tempo; a sciencia explica cabalmente o como a temperatura e o estado hygrometrico conduzem á este resultado; e comtudo ninguem, que me conste, procurou ainda evitar este inconveniente, aliás tão facil de ser removido.

Prefiro fecharem-se, ou aterrarem-se as vallas dispensaveis ao conservarem-se abertas, ainda quando convenientemente melhoradas, por que julgo difficil, impossivel mesmo, disciplinar habitos inveterados da população, offerocendo-se-lhe a facilidade de abusar em quanto puderem servir-se destas vallas para lugar de despejos, como hoje se pratica prejudicial e escandalosamente.

Os rios de Andarahy, e Larangeiras, que vem desaguar nos dous extremos da cidade, correm na ultima parte do seu trajecto tão immundos e infectos, (por causa dos despejos que recebem em seu transito e das numerosas lavagens de roupa que nelles se effectuam) que reclamam providencias immediatas. Por um lado o encanamento do seu leito, para estabelecer-se um declivio uniforme, e uma inspecção policial attenta e vigilante; por outro lado estabelecimentos de lavagem extramuros, como o que propuz em meu relatorio do anno passado com as aguas da Lagoinha, acabariam com estes dous mananciaes de immundicias, trazendo ao mesmo tempo maior commodidade publica.

2.º—DESPEJO DE IMMUNDICIAS.

De todas as propostas que se me tem offerecido para se incumbir deste importante ramo de hygiene publica a que melhor e mais completamente satisfaz os seus fins é a de Berthand, a qual consiste — em fornecer elle barris completamente inodoros mediante o que elle chama *luto hydraulico*, sendo feita a conducção por meio de carros que os vão buscar ás casas particulares, (onde deixam outros em substituição) para serem despejados o lavados em lugares distantes das praias, que forem marcados pela autoridade; e fazendo-se a conducção ao lugar destinado para o despejo por meio de barcas apropriadas. — A construcção destes barris, dos carros, e das barcas, segundo o modelo que me foi presente, e que eu fiz subir á presença de V. Ex., parece nada deixar a desejar para preencher os seus fins. Os ajustes ou condições com que o empregario se encarrega deste serviço depende do que V. Ex. resolver, depois de ouvi-lo. Compete-me porém rogar a V. Ex. a adopção de uma prompta resolução á este respeito, visto como é asquerosa e repugnante a pratica, antes o abuso, que torna intransitaveis as mais opulentas ruas desta cidade á toda hora do dia, a despeito das posturas da Illm.ª Camara Municipal,

para vergonha nossa, em face do estrangeiro que visita nossas plagas, e com detrimento da publica saude.

3.º—LIMPEZA DAS PRAIAS, RUAS E CAES.

Em quanto as substancias organicas, arrojadas ás praias pelo mar, abi ficarem expostas á acção do tempo, haja embora a melhor policia prohibindo os despejos, aquellas materias organicas transformarão as nossas praias em focos permanentes de putrefacção; por quanto grande é a quantidade de taes substancias que o mar recebe diariamente de uma cidade populosa. E' por este motivo que em abril de 1851 propuz a V. Ex. a construcção de caes á *talud vertical* em todas aquellas praias, por onde o complicado movimento das ondas envia a maior parte dos corpos que nellas fluctuam. Hoje repito esta mesma proposta, como indispensavel para o asseio de nossas praias, as quaes com esta providencia, e a dos despejos, que deixo expostas, se mostrarão dignas da civilisação, pela qual tão decidido empenho mostra a população fluminense

As ruas desta cidade, além do encharcamento devido á sua falta de declive systematisado, (inconveniente que, graças ao impulso popular por todas as emprezas uteis, e á acção protectora do governo vai desaparecer), recebem ainda liquidos infectos que transudam ou correm do interior de algumas casas e quintaes, animaes mortos vêem-se ainda em alguns lugares; o lixo ou cisco depois de amontoado é de novo disseminado pelos ventos.

A falta de recursos pecuniarios não permite á Illm.ª Camara Municipal estabelecer a devida pontualidade em remover o lixo, que o louvavel empenho dos habitantes desta cidade trata de ajuntar todas as manhãs ao menor reclamo, que para isto lhe dirige a Illm.ª Camara Municipal. Uma companhia, contratada para fazer remover das ruas estes lixos e cadaveres de animaes, me parece ainda o melhor expediente a adoptar-se. A policia sanitaria providenciará ácerca dos recalcitrantes que continuarem a fazer de suas habitações um lodoçal de immundicias, quando não se puderem desculpar com o exemplo que ainda se lhes deixa diante de suas moradas. Antes disto não parece justo, e é certamente inutil, compellir os particulares a asseiaem seus quintaes, ficando immundas as suas testadas.

4.º—MENDICIDADE.

O asqueroso aspecto, com que adrede se apresentam alguns mendigos para excitar a caridade publica, reunindo-se em determinados lugares, tanto depõe contra os sentimentos philantropicos e christãos dos Fluminensees, que aliás transluzem por mil não equivoacas maneiras, como repugnam ao asseio, e mais medidas sanitarias, que devem prevalecer nesta capital. Em quanto os poderes supremos do estado não providenciarem sobre este assumpto, me parece que poderiam taes mendigos ser recolhidos, os deentes ás enfermarias da Santa Casa da Misericordia, ou outro estabelecimento de caridade, mediante alguma retribuição convencionada; e os que se pudessem empregar em qualquer ramo de industria serem compellidos a trabalhar nas obras publicas. Este objecto porém depende de considerações, que não estão

todas ao meu alcance, por isso desculpar-me-ha V. Ex. se alguma temeridade houver da minha parte em tal proposta.

Secundo.—Aguas.—Em janeiro e em maio de 1851 pedi a attenção de V. Ex. acerca de algumas providencias, que reclamavam as aguas desta cidade, a saber :
 « 1.º cercar de arvoredos todo o transitio dos dous grandes encanamentos (Carioca e Tijuca), em uma orla sufficiente para abrigarem-se do calor solar, e conservarem-se frescas as aguas até seus ultimos destinos ; sendo isto indispensavel para que ellas conservem em dissolução o ar que recebem nas montanhas, condição indeclinavel de sua salubridade ; 2.º inutilisar aquelles depositos, que, não sendo indispensaveis para a regular distribuição das aguas, concorrem para deterioral-as, servindo de focos de putrefacção das substancias organicas, que ellas sempre acarretam, e que, permanecendo nestes depositos aquecidos, se decompõem ; 3.º effectuar em canos de ferro o ramo do aqueducto que vem de E. unir-se ao que desce das Paineiras, e o que, partindo das immedições do Cosme Velho nas faldas do Corcovado, vem alimentar o chafariz do largo do Machado ; ambos os quaes correm descobertos, recebendo principalmente o ultimo, não só vegetaes, mas até despejos ; 4.º destacar do encanamento da Carioca as aguas da Lagoinha, para destinal-as á um estabelecimento de lavagem. Estes melhoramentos, o não ainda assás apreciado serviço feito a esta cidade com a distribuição das aguas da Tijuca e Paineiras por todas as suas ruas e praças, e as demais providencias que honram a concepção e execução desta grande obra, só reclamam, para collocar esta cidade superior á todas as capitães sobre este ponto, que com resolução decidida se protejam os mananciaes destas crystalinas aguas, conservando, e restabelecendo a alta vegetação primitiva, que enverdece nossas montanhas, e mitigam a nossa sêde. V. Ex. permittirá pois que eu insista em pedir a realisação das differentes providencias que á este respeito aqui transcrevi.

As aguas recentemente distribuidas pelo encanamento, cujos tubos terminaes são de chumbo, apresentaram, e ainda hoje apresentam um aspecto mucilaginoso, que logo despertou suspeitas sobre as alterações que lhe houvesse imprimido o metal de que são formados os tubos do aqueducto. A analyse a que submetti algumas dessas aguas mostrou-me que nenhuma molecula de sal metallico (além das que lhe são proprias) encerravam ellas ; sendo porém substancia organica em dissolução, que lhe communica o aspecto mucilaginoso. A especie de paradoxo de adquirir a agua este aspecto devido a substancias vegetaes, depois que penetra no encanamento, onde nenhuma addição desta substancia pôde receber, é claramente devido á sua demora e quietação, e á oxidação da superficie interna dos canos ; oxidação que promove, nestas circumstancias, a decomposição vegetal, e sua metamorphose em mucillagem. Este phenomeno tem de desaparecer logo que a oxidação se completar, e constituir a camada *insolavel* de carbonato de chumbo que tem de forrar todo o interior desta parte do encanamento. Em quanto porém não se completar esta oxidação, devendo continuar a mucillagem vegetal a deteriorar as aguas demoradas no encanamento, parece-me que se removeria este inconveniente, executando-se o que foi recommendado pelo illustrado Concelho de Salubridade na provincia de Pernambuco para se praticar com as aguas do Beberibe que apresentaram um phenomeno analogo. Consiste a proposta em — fazer correr a agua por algum tempo antes de ser colhida para os usos da população — visto que são

as primeiras porções de uma agua represada que devem conter maior proporção destas substancias alheias á sua boa qualidade. Digo phenomeno analogo, porque em Pernambuco o encanamento todo de ferro, deveo permittir que alguma proporção de sal de ferro, (carbonato, sulphato, chlorureto, etc.), formado se dissolvesse, e viesse de mistura sahir com as aguas, e communicar-lhes o sabor styptico que se notou : no entanto que aqui, sendo de chumbo as ultimas ramificações, o carbonato de chumbo, (sal eminentemente insolavel) ahi formado, permanece adherente ás paredes dos tubos, onde se formou, e não se manifesta pela analyse da agua. Insisto nestes prome-nores, porque, havendo analysado quasi, se não todas as aguas desta cidade e sua vizinhança, e as das principaes serras que ao longe circundam esta bahia, todas, sem uma só excepção, me apresentaram, quando colhidas no seio das montanhas, uma composição identica ; quando porém colhidas depois de tocarem a planicie, todas se apresentaram alteradas por substancias organicas, cada uma em gráo differente conforme os lugares por onde transitavam : patenteando-se portanto que qualquer das aguas, distribuidas hoje pela cidade, póde aqui chegar crystalina e de melhor qualidade, se na sua conducção se removerem as causas que as possam deteriorar, visto serem ellas em sua origem o que de melhor se póde desejar neste importante ramo de hygiene publica.

Tertio.—Irrigação.—Nas duas propostas, a que me tenho referido, dirigidas á V. Ex. no começo de 1851, solicitei a regadia das ruas adjacentes ao mar com agua salgada, e das interiores com a agua do encanamento, para o que se construiriam sufficientes depositos, effectuando-se esta regadia por meio de bombas fixas, ou ambulantes. — Este systema de irrigação é o unico que póde lutar com a energia da evaporação devida ao calor do nosso estio, espargindo sufficiente quantidade d'agua. Aquelle que em geral se empregou por meio de carroças é completamente illusorio, e até ridiculo, no nosso clima tropical: nos lugares em que se empregaram bombas para a regadia, como na rua Direita, o effeito, (diminuição de temperatura, e desaparecimento do pó), foi mui sensivel e immediato, até no interior das casas. As vantagens intuitivas que resultam por esta cidade da realisação de convenientes irrigações quando reclamadas, me desculpam o reiterar hoje a mesma proposta para as estabelecer segundo o modo que acabo de indicar.

Quarto—Matadouro.—O local em que se acha desde innumerous annos o matadouro, além de outros inconvenientes de que não me devo occupar, entretem no centro da cidade um foco permanente e activo de putrefacção. Os miseraveis e improprios edificios que o formam e rodeiam ; a sua situação a barlavento, etc., a retenção nesse lugar de gado extenuado de fome e sede, o que deteriora as carnes verdes, já chamou a attenção do governo e da Illm.^a Camara Municipal, que procuraram substituil-o pelo novo matadouro no caminho de S. Christovão. Porém Exm.^o Sar., se com a remoção deste estabelecimento desaparecem muitos inconvenientes actuaes, subsistirá ainda no novo lugar o principal e mais pernicioso dos defeitos do actual,— a conservação de gado extenuado de fome, sede, e pela longa viagem— : por quanto grande deve ser o numero de rezes que os emprezarios compram por junto para com ellas corresponder ao consumo, e numerosas as partidas de gado, que vindo de longe, do interior, aqui permanecem para occorrer ao fornecimento diario : circumstancia esta que não

se dá em outros paizes, nos quaes as compras pelos emprezarios se effectuam cada dia na razão do consumo, porque o equilibrio da producção nas visinhanças das cidades está estabelecido com o seu consumo. Ora este grande numero de rezes, que tem forçosamente de conservar-se em reserva para corresponder sem interrupção ás exigencias de uma numerosa população, terá necessariamente de fazer continuar a fome, a sede talvez, e sem duvida o estado de fadiga e magreza, consequencias indeclinaveis da longa viagem. A carne verde terá pois á despeito de tanta despeza, e de tão louvavel sollicitude, de continuar a mesma que hoje é—não boa.— Nesta desagradavel collição, animado pela prespectiva das estradas de ferro, empreza hoje predilecta do espirito publico, abalço-me á submeter á consideração de V. Ex. o estabelecimento do matadouro em lugar assás remoto, nas abas de nossas grandes serras, por exemplo, onde o gado se conservará, se restabelecerá mesmo de suas fadigas, pela amenidade do clima, fertilidade dos pastos, e frescura das aguas, etc., e donde a carne verde, pelos trilhos de ferro, chegará á esta cidade em poucas horas de viagem.

Quinto. — Vegetação.— Em janeiro e abril de 1851, nos officios já citados, insto pelo restabelecimento da vegetação primitiva, não só em toda a extensão das montanhas visinhas, que ficam superiores aos dous aqueductos, como na de 100 braças abaixo; e propuz a aquisição pela municipalidade de todas as eminencias do interior, e visinhança da cidade para restaurar-se em todos estes lugares a nossa soberba vegetação dos tropicos.—Comparando a quantidade de carbono que em fórma de gazes e exhalções se desprendem na atmosphera desta cidade, com a que os vegetaes convertem em madeira, cheguei a determinar que uma população de 300,000 habitantes exigia, para manter neste clima o equilibrio da composição do ar, uma superficie coberta de vegetação tendo de extensão um quadrado de legua e 1/4 de lado.—De envolta com a influencia na conservação do equilibrio da composição atmospherica, procurei fazer sentir a que exerce a alta vegetação na conservação e pureza das aguas, do clima, etc.; tendo em vista alcançar providencias, que não só conservem as florestas, que tem escapado ao machado destruidor, que prepara á geração futura a sede, e a falta de combustivel; como restabelecer a vegetação de arvoredos na maior possivel extensão do interior da cidade, seus arredores, e ainda em escala muito mais ampla, em proveito da saude publica. Ninguem, nem mesmo o vulgo, desconhece a vantagem do ar purificado pela vegetação. Mas o facto empirico de se augmentarem algumas correntes d'agua em lugares, onde se abatem florestas, o qual facto assenta nas mesmas bases que este outro, a saber;— a vegetação, artificialmente estabelecida em um terreno deserto e arido, extingue as fontes que nelle surdem—; este facto, digo, illude alguns espiritos estranhos ás suas variadas phases, e causas efficientes, e os faz concluir que as matas escasseam e não augmentam as aguas. Por tal modo de interpretar os phenomenos naturaes deveriam elles tambem concluir que a agua não tem peso, porquanto ella sobe nas bombas contra a direcção da gravidade. Devo portanto aventurar algumas considerações relativas ao objecto.

O facto, á que me refiro, não autorisa, e pelo contrario proscree semelhante conclusão, quando devidamente estudado. Com effeito, estabelecidas as torrentes d'agua pela condensação dos vapores em chuva e orvalhos, ou por muitos outros modos, os quaes vapores, condensados e infiltrados no solo affluem aos reservatorios subterra-

neos, donde dimanam regularmente as correntes; enquanto as aguas trajectam em seu leito sobre o solo, e por sob as matas impenetraveis ao calor solar, toda, ou quasi toda, a perda é devida á absorpção pelas raizes, e evaporação pela vasta superficie que resulta da somma das folhas, sendo comparativamente muito menor a evaporação directa d'agua corrente em ar humido, como o das matas.

Harmonisado assim o equilibrio das correntes, se em certa extensão do seu trajecto se abatem as florestas, cessa immediatamente toda a evaporação ou perda queahi se effectuava pelas folhas, perda comparativamente muito maior, do que aquella que resulta da evaporação directa na pequena superficie da corrente, que fica então exposta ao ar: as aguas portanto augmentam ahi pela diminuição da perda, e não por augmento real.

Mas se se abaterem as florestas a grandes distancias lateral, e longitudinalmente em todas as regiões onde os vapores se condensam e affluem aos mananciaes, então, cessando uma das principaes causas que alimentam as fontes, (o resfriamento e condensação pelos vegetaes), e augmentando-se n'agua, que fica exposta ao sol, a perda pela evaporação em longo trajecto, o resultado definitivo será a infallivel diminuição, e ás vezes mesmo a extincção completa da corrente. As propriedades hygrometricas do *humus*, sua faculdade emissiva que o faz resfriar rapidamente de noite, substituido este *humus* pela arêa e argila que conserva o calor, conspiram ainda para realizar o que acabo de expor.

Assim, ou de outra sorte, exemplos não faltam desta estreita dependencia entre as aguas e as plantas. O lago de Valencia em Venezuela, segundo o testemunho de Humbolt, e Bassingault; outro, no Dubaté, em Nova Granada, ambos augmentam ou diminuem com as florestas restabelecidas, ou abatidas. Os lagos de Bienne, e de Neuchatel, na Suissa, o Oden e o Elba, mostram a mesma dependencia da sorte da vegetação dos arredores. Muitos outros exemplos se conhecem de diminuirem as aguas pela rotação das terras, quando pelo contrario nunca se observou a roteadura dar-lhes incremento quando effectuada em grande escala.

Sem se poder estatuir terminantemente o modo de realizar-se este complicado phenomeno é comtudo incontestavel: 1.º que a grande roteação das terras diminuem as aguas vivas (correntes): 2.º que as florestas regularisam o equilibrio das fontes: 3.º que ainda dada a mesma quantidade de chuva, podem as fontes extinguir-se com a destruição das matas: 4.º enfim, que a roteação em vastissimas superficies faz diminuirem as chuvas. Estes factos longa e penosamente comprovados por observadores profundos não podem ser destruidos por outros apanhados á esmo, e referidos por pessoas estranhas ao difficil estudo da meteorologia e geologia, sciencias estreitamente ligadas.

Não cabe em um trabalho como este, e muito menos quando traçado pela minha fraca intelligencia, o elucidar a grande questão de physica terrestre sobre a parte que tem a vegetação na formação das fontes e dos rios, a qual occupa ainda as superioridades scientificas; mas devo instar, á bem da saude publica, pelas providencias derivadas dos principios que já estão fóra de controversia, como os que acima apontei.

Reitero portanto as minhas solicitações a respeito da conservação e restabelecimento das florestas, como propuz em abril do anno passado.

Sexto.—Outras providencias de não tão urgente execução, mas de não menor importancia ha, ás quaes se deve com opportunidade occorrer, são as seguintes:

1.º Traçar alinhamento da cidade, com o qual se deverão conformar as novas construcções, e reedificações dos predios, segundo o plano que submetti a V. Ex. em janeiro de 1851.

2.º Remover para fóra da cidade aquellas fabricas, cujo exercicio é nocivo á sua salubridade; mas isto por maneira que não se choquem interesses particulares, senão fundados em lei ao menos mantidos pelo direito consuetudinario, e tolerancia das autoridades, em cuja fé portanto se estabeleceram, ou se conservaram compromettendo grandes capitães.

3.º Deseccamento dos pantanos, ou, o que melhor será, cobril-os de alta vegetação, para que de qualquer destes modos se nullifiquem suas emanações, ou ainda melhor concorram para a salubridade do clima.

4.º Sujeitar todas as casas á uma inspecção, para se evitar as continuadas e desastrosas consequencias, que hoje são mais do que communs nesta cidade.

5.º Estabelecer a mais vigilante inspecção na educação physica da mocidade. Emquanto a escandalosa especulação imbúe com superfluidades não adaptadas ao fim a que se destina a mocidade, e muitas vezes com estudos ou occupações intellectuaes improprias da idade, reina o maior deleixo na sua educação physica, dando-se-lhe alimentos improprios da idade, do clima e da estação, não se curando do asseio necessario, e fazendo-se a passar em sarãos longas horas de vigilia. Ha até directores ou directoras de collegios transformados em allopathas, homœopathas, sudo-pathas, camphoro-pathas, etc. Tudo se offerece a quem perscruta a marcha da educação da mocidade abandonada; e os pais, que, na sua vaidade, se alegram de ouvir seus fillos fallarem em lingua estrangeira, quando ignoram até a nacional, mal sabem que chegando a época de entrarem na sociedade achar-se-hão elles com a educação intellectual impropria, a physica perdida, e a moral... não sei como.

6.º As meretrizes, que espalham a syphilis á incauta juventude, devem, mesmo em proveito proprio, á exemplo de outros paizes, ser sujeitas á uma inspecção bi-se-manal.

PROVIDENCIAS SANITARIAS EXTRAORDINARIAS.

Admittida a transmissão da febre amarella de umas para outras regiões; ou (se a palavra *transmissão* enche de nobre indignação a qualquer dos dous partidos contendores; sem que até hoje tenham, nem os contagionistas, nem os anti-contagionistas apresentado os argumentos, que em sciencias naturaes constituem *demonstração*), admittida a *passagem* da febre amarella de umas para outras regiões pelo modo que deixei exposto, é consequencia obvia que em meu pensar algumas providencias se devem tomar para obstar a esta transmissão, ou esta passagem.

A Deos não praza, que se affigurem ás imaginações ardentes e exclusivistas dos que assim não pensam as scenas de horror, que a idéa de *quarentena* nos recorda durante a idade media! Essas barbaras, e estupidas sentenças de degolar, afogar e queimar as innocentes victimas accusadas de espalhar a peste em Millão (1629) a permissão de matar-se sem processo, fulminada pelo parlamento de Tolosa, e de Paris (1681). e

em 1559 o de queimar vivas as victimas; esses calamitosos abandonos dos mais sagrados direitos de familia durante os desastres do typho, e da peste, attribuidos á crença do contagio: esse ridiculo, e indecente spectaculo de medicos mascarados com capuz e *dominó* encerado, recendendo de camphora, e munidos de oculos de alcance para de longe cuidarem dos *putiferados*: os sacerdotes administrando o Santo Viatico com longas pinças, ou tenazes: etc., tudo isto póde hoje quando muito servir de episodio a algum romance (como o de Rienzi), mas não servir de argumento serio contra precauções prudentes: nenhum receio póde haver de se reproduzirem em nossos dias estas scenas de melodrama; muito menos na heroica população desta cidade, onde durante os mais luctuosos dias de 1850, nobremente resignada, nem um só dos sagrados deveres de humanidade deixou soffrer; e nem, para honra nossa, uma só queixa se ouviu contra quem quer que fosse, que pudesse, injustamente sem duvida, ser accusado por tão funebre presente; e isto apesar de não ser limitado o numero dos que creem no contagio!

Menos desejo ainda que se receie o commercio de medidas vexatorias, em proveito do qual, muito pelo contrario, julgo indispensaveis algumas providencias.

A continuar neste porto á ser dizimada a tripolação mercante durante os mezes de fevereiro á maio receios ha, senão certeza, de que um interregno commercial appareça durante este periodo; pelo menos a alta dos fretes será então infallivel: faltam-me expressões para chamar á este ponto a attenção do governo imperial.

As despezas com semelhantes providencias se não são productivas evitarão ao menos a diminuição das rendas publicas, que ha receios se verifique naquelle periodo. Além de que me parece que se prudentes, adequadas, e energicas medidas forem tomadas, se demais ellas forem de tal natureza e com tal esmero desempenhadas, que convençam aos estrangeiros que abordar nossas praias, que a sua saude e vida não nos merecem menores desvelos que as dos nossos concidadãos, que mesmo não maiores receberiam na sua patria; me parece, digo, que além de cumprir o Brasil os deveres de humanidade, protegeria seu commercio, e augmentaria suas rendas: não serão improficuas as despezas com este objecto.

As providencias em favor do commercio são pois urgentes.

Além das providencias, reclamadas neste assumpto pelo commercio de longo curso e de cabotagem, temos na actualidade a colonisação, que com a falta de salubridade de nossos portos muito deve soffrer, a qual portanto analogas providencias reclama.

Se V. Ex. julgar conveniente a realisação de medidas neste duplo sentido (commercio e colonisação), algumas de cujas bases já foram por mim mui succintamente submettidas á consideração de V. Ex. em abril de 1851; se o plano de execução conformando-se com o estado actual de nossos conhecimentos á respeito do contagio e quarentenas não exceder a orbita da prudencia, e do senso commum: se o commercio fór neste plano representado por um membro designado: então julgo de facil execução, e proveitosas as medidas que invoco; as quaes serão relativas aos portos, aos navios, ás tripolações e aos colonos.

RESUMO DAS MEDIDAS.

Um novo systema de esgotos inutilizando as vallas dispensaveis; os despejos, limpe-

zas das praias, caes e ruas, asylo á mendicidade, os encanamentos das aguas descobertas, mandar correr os chufarizes por algum tempo antes da hora em que á elles corre o publico, as irrigações por bombas nas ruas e praças, a remoção do matadouro, a conservação e restabelecimento da vegetação, um alinhamento definitivo para as casas da cidade. remoção das fabricas perniciosas á saude publica do interior della, providencias sobre os pantanos, inspecção e regras sobre a educação physica da mocidade, inspecção das meretrizes:—enfim, um complexo de medidas que, com audiencia do commercio, se desvele em tomar em séria consideração o porto, as tripolações e os colonos, para ao mesmo tempo cuidar em proteger a saude publica, e o bem estar destes homens, taes são os meios que julgo de meu dever apresentar á consideração de V. Ex.

Rio de Janeiro, 13 de abril de 1852. —*Dr. Francisco de Paula Candido.*



PRIMEIRA MEMORIA

SOBRE

METHODOS GERAES DE INTEGRAÇÃO.

(CONTINUADO DA PAGINA 64).

onde

$$\left. \begin{aligned}
 a_5 \beta_1^2 + a_5^{(1)} \delta \beta_1 + a_5^{(2)} \delta(\delta-1) &= a_6 a_5^{(1)} \beta_1^2 + 2a_5^{(2)} \delta \beta_1 = a_6^{(1)} \\
 2\beta_1 a_5 + b_5 \beta_1^2 + a_5^{(1)} \delta + b_5^{(1)} \delta \beta_1 + b_5^{(2)} \delta(\delta-1) &= b_6 \beta_1^2 b_5^{(1)} + 2a_5^{(1)} \beta_1 + 2\delta \beta_1 b_5^{(2)} \\
 &\quad + 2\delta a_5^{(2)} = b_6^{(1)} \\
 a_5 + 2b_5 \beta_1 + c_5 \beta_1^2 + b_5^{(1)} \delta + c_5^{(1)} \delta \beta_1 + c_5^{(2)} \delta(\delta-1) &= c_6 \beta_1^2 c_5^{(1)} + 2b_5^{(1)} \beta_1 + a_5^{(1)} \\
 &\quad + 2\delta b_5^{(2)} + 2\delta \beta_1 c_5^{(2)} = c_6^{(1)} \\
 b_5 + 2\beta_1 c_5 + d_5 \beta_1^2 + c_5^{(1)} \delta + d_5^{(1)} \delta \beta_1 + d_5^{(2)} \delta(\delta-1) &= d_6 \beta_1^2 d_5^{(1)} + 2c_5^{(1)} \beta_1 + b_5^{(1)} \\
 &\quad + 2\delta c_5^{(2)} + 2\delta \beta_1 d_5^{(2)} = d_6^{(1)} \\
 c_5 + 2\beta_1 d_5 + e_5 \beta_1^2 + d_5^{(1)} \delta + e_5^{(1)} \delta \beta_1 + e_5^{(2)} \delta(\delta-1) &= e_6 \beta_1^2 e_5^{(1)} + 2\beta_1 d_5^{(1)} + c_5^{(1)} \\
 &\quad + 2\delta d_5^{(2)} + 2\delta \beta_1 e_5^{(2)} = e_6^{(1)} \\
 d_5 + 2\beta_1 e_5 + e_5^{(1)} \delta = f_6 \beta_1 e_5^{(1)} + d_5^{(1)} + 2\delta e_5^{(2)} = f_6^{(1)} & e_5 = g_6 e_5^{(1)} = g_6^{(1)} a_5^{(2)} \beta_1^2 = a_6^{(2)} \\
 \beta_1^2 b_5^{(2)} + 2\beta_1 a_5^{(2)} = b_6^{(2)} \beta_1^2 c_5^{(2)} + 2\beta_1 b_5^{(2)} + a_5^{(2)} = c_6^{(2)} & \beta_1^2 d_5^{(2)} + 2\beta_1 c_5^{(2)} + b_5^{(2)} = d_6^{(2)} \\
 \beta_1^2 e_5^{(2)} + 2\beta_1 d_5^{(2)} + c_5^{(2)} = e_6^{(2)} & 2\beta_1 e_5^{(2)} + d_5^{(2)} = f_6^{(2)} e_5^{(2)} = g_6^{(2)}
 \end{aligned} \right\} (30)$$

Seja

$$\Omega = \int e^{-\omega \omega} \Sigma d\omega :$$

ter-se-ha

$$\left. \begin{aligned}
 (a_6 - a_6^{(1)} \omega + a_6^{(2)} \omega^2) \Sigma + \frac{d_6 \Sigma (b_6 - b_6^{(1)} \omega + b_6^{(2)} \omega^2)}{d_6 \omega^2} + \frac{d_6^2 \Sigma (c_6 - c_6^{(1)} \omega + c_6^{(2)} \omega^2)}{d_6 \omega^2} \\
 + \frac{d_6^3 \Sigma (d_6 - d_6^{(1)} \omega + d_6^{(2)} \omega^2)}{d_6 \omega^4} + \frac{d_6^4 \Sigma (e_6 - e_6^{(1)} \omega + e_6^{(2)} \omega^2)}{d_6 \omega^4} + \frac{d_6^5 \Sigma (f_6 - f_6^{(1)} \omega + f_6^{(2)} \omega^2)}{d_6 \omega^5} \\
 + \frac{d_6^6 \Sigma (g_6 - g_6^{(1)} \omega + g_6^{(2)} \omega^2)}{d_6 \omega^6} = 0
 \end{aligned} \right\} (31)$$

ou

$$\left. \begin{aligned} &(a_7 + b_7 \bar{\omega} + c_7 \bar{\omega}^2) \Sigma + (a_7^{(1)} + b_7^{(1)} \bar{\omega} + c_7^{(1)} \bar{\omega}^2) \frac{d\Sigma}{d\bar{\omega}} + (a_7^{(2)} + b_7^{(2)} \bar{\omega} + c_7^{(2)} \bar{\omega}^2) \frac{d^2 \Sigma}{d\bar{\omega}^2} \\ &\quad + (a_7^{(3)} + b_7^{(3)} \bar{\omega} + c_7^{(3)} \bar{\omega}^2) \frac{d^3 \Sigma}{d\bar{\omega}^3} + (a_7^{(4)} + b_7^{(4)} \bar{\omega} + c_7^{(4)} \bar{\omega}^2) \frac{d^4 \Sigma}{d\bar{\omega}^4} \\ &\quad + (a_7^{(5)} + b_7^{(5)} \bar{\omega} + c_7^{(5)} \bar{\omega}^2) \frac{d^5 \Sigma}{d\bar{\omega}^5} + (a_7^{(6)} + b_7^{(6)} \bar{\omega} + c_7^{(6)} \bar{\omega}^2) \frac{d^6 \Sigma}{d\bar{\omega}^6} = 0; \end{aligned} \right\} (32)$$

onde

$$\left. \begin{aligned} a_6^6 - b_6^{(1)} + 2c_6^{(2)} &= a_7 & b_6^6 - 2c_6^{(1)} + 6d_6^{(2)} &= a_7^{(1)} & c_6^6 - 3d_6^{(1)} + 12e_6^{(2)} &= a_7^{(2)} \\ -a_6^{(1)} + 2b_6^{(2)} &= b_7 & -b_6^{(1)} + 4c_6^{(2)} &= b_7^{(1)} & -c_6^{(1)} + 6d_6^{(2)} &= b_7^{(2)} \\ a_6^{(2)} &= c_7 & b_6^{(2)} &= c_7^{(1)} & c_6^{(2)} &= c_7^{(2)} \\ f_6^6 - 6g_6^{(1)} &= a_7^{(5)} & d_6^6 - 4e_6^{(1)} + 20f_6^{(2)} &= a_7^{(3)} & e_6^6 - 6f_6^{(1)} + 30g_6^{(2)} &= a_7^{(4)} & g_6^6 &= a_7^{(6)} \\ -f_6^{(1)} + 12g_6^{(2)} &= b_7^{(5)} & -d_6^{(1)} + 8e_6^{(2)} &= b_7^{(3)} & -e_6^{(1)} + 10f_6^{(2)} &= b_7^{(4)} & -g_6^{(1)} &= b_7^{(6)} \\ f_6^{(2)} &= c_7^{(5)} & d_6^{(2)} &= c_7^{(3)} & e_6^{(2)} &= c_7^{(4)} & g_6^{(2)} &= c_7^{(6)} \end{aligned} \right\} (33)$$

para determinar Σ ; e

$$\left. \begin{aligned} &-e^{-\omega \bar{\omega}} \left[(b_6 - b_6^{(1)} \bar{\omega} + b_6^{(2)} \bar{\omega}^2) \Sigma + \frac{d \cdot \Sigma (c_6 - c_6^{(1)} \bar{\omega} + c_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}} + \frac{d^2 \Sigma (d_6 - d_6^{(1)} \bar{\omega} + d_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}^2} \right. \\ &\quad \left. + \frac{d^3 \Sigma (e_6 - e_6^{(1)} \bar{\omega} + e_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}^3} + \frac{d^4 \Sigma (f_6 - f_6^{(1)} \bar{\omega} + f_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}^4} + \frac{d^5 \Sigma (g_6 - g_6^{(1)} \bar{\omega} + g_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}^5} \right] \\ &+ \frac{d \cdot e^{-\omega \bar{\omega}}}{d\bar{\omega}} \left[(c_6 - c_6^{(1)} \bar{\omega} + c_6^{(2)} \bar{\omega}^2) \Sigma + \frac{d \cdot \Sigma (d_6 - d_6^{(1)} \bar{\omega} + d_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}} + \frac{d^2 \Sigma (e_6 - e_6^{(1)} \bar{\omega} + e_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}^2} \right. \\ &\quad \left. + \frac{d^3 \Sigma (f_6 - f_6^{(1)} \bar{\omega} + f_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}^3} + \frac{d^4 \Sigma (g_6 - g_6^{(1)} \bar{\omega} + g_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}^4} \right] \\ &- \frac{d^2 \cdot e^{-\omega \bar{\omega}}}{d\bar{\omega}^2} \left[(d_6 - d_6^{(1)} \bar{\omega} + d_6^{(2)} \bar{\omega}^2) \Sigma + \frac{d \cdot \Sigma (e_6 - e_6^{(1)} \bar{\omega} + e_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}} + \frac{d^2 \Sigma (f_6 - f_6^{(1)} \bar{\omega} + f_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}^2} \right. \\ &\quad \left. + \frac{d^3 \Sigma (g_6 - g_6^{(1)} \bar{\omega} + g_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}^3} \right] \\ &+ \frac{d^3 \cdot e^{-\omega \bar{\omega}}}{d\bar{\omega}^3} \left[(e_6 - e_6^{(1)} \bar{\omega} + e_6^{(2)} \bar{\omega}^2) \Sigma + \frac{d \cdot \Sigma (f_6 - f_6^{(1)} \bar{\omega} + f_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}} + \frac{d^2 \Sigma (g_6 - g_6^{(1)} \bar{\omega} + g_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}^2} \right] \\ &\quad - \frac{d^4 \cdot e^{-\omega \bar{\omega}}}{d\bar{\omega}^4} \left[(f_6 - f_6^{(1)} \bar{\omega} + f_6^{(2)} \bar{\omega}^2) \Sigma + \frac{d \cdot \Sigma (g_6 - g_6^{(1)} \bar{\omega} + g_6^{(2)} \bar{\omega}^2)}{d\bar{\omega}} \right] \\ &\quad + \frac{d^5 \cdot e^{-\omega \bar{\omega}}}{d\bar{\omega}^5} \left[(g_6 - g_6^{(1)} \bar{\omega} + g_6^{(2)} \bar{\omega}^2) \Sigma \right] + \text{const.} \end{aligned} \right\} = 0 \quad (34)$$

para determinar os limites da integral $\int_e^{-\omega \bar{\omega}} \Sigma d\bar{\omega}$.

(Continúa).

Á SEMPRE PARA MIM SENTIDA MORTE

DA

MINHA ADORADA ESPOSA A IMPERATRIZ



SONETO (*).

Deus Eterno porque m'è arrebataste
A minha muito amada Imperatriz?
Tua divina vontade assim o quiz?
Sabe que o meu coração dilaceraste.

Tu de certo contra mim te iraste,
Eu não sei o motivo, nem que fiz,
E co' aquelle direi, que sempre diz:
Tu m'a déste, Senhor, tu m'a tiraste!

Ella me amava c'o maior amor,
E eu n'ella admirava a honestidade:
Sinto o meu coração quebrar de dôr.

O mundo não verá mais n'outra idade
Modelo mais perfeito, nem melhor
D'honra e candura, amor e caridade.

(*) Este Soneto, que revela o sentimento profundo do immortal Fundador do Imperio, foi escripto na cidade do Rio Grande de S. Pedro, na noite do dia em que Elle recebeu a noticia da morte da sancta Imperatriz.

Aqui o estampamos, não como uma producção litteraria de cunho superior, mas como um gemido augusto, que se formulou desta maneira, para passar á posteridade, e demonstrar o quanto era respeitada daquelle Principe a piedosa e illustrada esposa, que veio das margens do Danubio nos dar o mais alto exemplo de suas augustas virtudes. Copiamos esta reliquia veneranda do manuscrito imperial, que se acha nas mãos da Exm.^a Snra. Marqueza de Quixeramobim, que o herdára de seu illustre esposo, escolhido pelo governo de 1826 para levar ao Imperador a triste noticia de sua viuvez. Todos sabem o quanto este membro da familia dos Paes Lemes era estimado do Snr. D. Pedro I. e os serviços que prestou á independencia.

ERRATA.

No romance —Rosa— pag. 242, em ultimo lugar, deve-se ler mais o seguinte:
— E' minha prima, a Snr.^a D. Irene.

O NOSSO THEATRO DRAMATICO.

O theatro, entre nós, não faz progressos, quer na arte dramatica, quer na da musica. Vive de oscillações, ora emergido no egoismo de vulgares especulações, ora levantado parcialmente em algum dos seus elementos artisticos, conforme a capacidade do individuo que a elle se associa, e conforme o maior ou menor gráu do seu talento. Não ha no seu todo uma marcha regular, um character progressivo ; assemelha-se a essas cidades européas, que tem uma casa da opera, onde vem dar representações companhias ambulantes, que trazem comsigo differenças consideraveis.

Nos tempos em que a nação portugueza era uma nos dous mundos, diversificavam as cousas, e dellas não trataremos agora, porque o nosso fim é considerar a marcha do theatro como elemento civilizador, como litteratura e como arte plastica. Devemos encaral-o assim, para melhor desfazer as nevoas daquelles que pensam, que já somos uma nação, e que já possuímos todos os characteres distinctivos que assellam esta nobre cathogoria de um povo no mundo, e o revestem da dignidade que lhe convém.

Os operarios da nossa organização social, aquelles que tem por dever cuidar no desenvolvimento de todos os elementos civilizadores, estão atados ao jugo de uma ambição sem gloria nacional, e de uma politica toda individual. As summidades governativas, com bem raras excepções, quando se lhes falla em artes, respondem, que já temos uma Academia de Bellas Artes, um Conservatorio dramatico, outro de musica, e duas casas para representações ; respondem mais que se dá dinheiro a esses estabelecimentos, e que elles pouco fazem, sem se lembrarem que todos esses fétos precisam de uma placenta que deve estar na madre commum, que é a patria, representada por aquelles que nos governam.

Varios autores, impelidos por uma dura necessidade, pediram ao governo que os auxiliasse, e aos que com elles trabalham, dando algumas garantias á propriedade dramatica, e fixando algumas recompensas a seus trabalhos de accordo com o nosso codigo, que os protege quanto á publicação, para que suas obras artisticas, suas produções dramaticas, não ficassem sujeitas ao arbitrio dos empresarios, que quasi sempre olham mais para os seus lucros do que para o progresso litterario ; e até hoje nada se fez aos peticionarios.

O pai de familia, seja qual fôr a sua instrucção e cathogoria, que não vela sobre a educação de seus filhos, e que com elles não conversa, nem procura examinar o que fazem, não tira bom resultado das despezas que faz, nem recompensa dos sacrificios : o filho que não é applaudido por seu pai, quando estuda, esmorece, e cahe naquelle

abatimento em que cahem os subditos de um governo, que recompensa uma só casta de serviços, e se esquece dos que trabalham para a gloria nacional, para esse outro codigo, que eleva os sentimentos, e planta a moralidade no fundo do coração dos povos.

A litteratura tambem é um governo, e um governo terrivel, porque sempre vence quando se põe em campo armado: a sua força, nascida do tempo, é como o mesmo tempo, a quem nada resiste.

Os governos só se mostram indifferentes por systema; porque a indiferença calculada é um poderoso antidoto contra a invasão das novas idéas, que precisam de martyres para o seu triumpho e o seu dominio: desta sabia indiferença, deste somno arguto, estamos ainda virgens: o idealismo ainda não venceu o egoismo.

Esta indiferença dos que nos governam é a causa do abatimento dos nossos poucos escriptores:

« O calor com que mais se accende o ingenho
« Não o dá a patria, não, que está metida

na rudeza de interesses pessoaes, e n'um circulo mesquinho de uma politica individual.

Partidistas, como somos da unidade, estamos convencidos de que a mão do governo é só capaz de combater o mal geral, e de reagir para a elevação da arte, da litteratura nacional, e prosperidade dos infelizes a quem o céu forçou por uma força irresistivel a se arregimentarem em uma cohorte, que vive abandonada, e quasi que proscripta no seio de sua querida patria.

E porque se não olhará para uma parcella tão diminuta de homens pacíficos, e generosos; porque se não ha de animar o seu espirito abatido; pois que mal fazem elles, elles, que só vivem no espaço, e o povoam de suas creações, para depois virem abrihantar a terra da patria, e tornal-a grande, nobre, magestosa e immortal, como se ha visto na humanidade, e como é palpavel a todas as intelligencias?

Pois o protheismo, o versatilismo são virtudes patrias, e pertencem ao codigo do heroismo, ás leis da moral eterna, aos principios que engrandecem as nações?

As obras artisticas não são como as obras christãs, que já tem decretadas recompensas no céu; e a gloria, essa apothese dos tempos, é um fructo que vegeta na escuridão do chãos, e que precisa de um processo secular, e ás vezes millenario, para se confirmar no futuro: são raros os que vencem esta demanda, que é toda nacional; porque ao individuo pouco deve importar um obra tão incerta, tão perigosa, e tão cheia de eventualidades que estão fóra dos calculos humanos.

A Dante, perseguido, não serve de lenitivo o Cenotaphio de Santa Cruz; a Galilleo, torturado, não allivia o mausoléu que lhe erigiram! Já não estamos nessas épocas terribes, estamos na época, que protesta contra o passado, e lavra esses protestos como moimentos e monumentos.

Todos os povos, antes de pesarem a ouro as notas de um cantor, antes de enriquecerem os funambulos e estriões, antes de coroarem os habitantes do palco, elevaram estatuas aos seus heróes, aos seus genios, aos seus bemfeitores, e protegeram as artes uteis e instructivas com igualdade, para que ellas se elevassem conjunctamente, e conjunctamente espalhassem o seu benigno insufllo: Mnesicles, Phydias, Euripides,

Platão, Apelles e Pythagoras não existiam no Baixo-Imperio, quando Nero disciplinava as legiões para em cadencia applaudirem no theatro, e vergastarem em publico; e ali mesmo, os que erravam no compaço, ou na forma, marcada pelo Mesochoros, ou Pausarius, confundindo *bombi* com *imbrices*, ou este com os chamados *taste*, que imitava o som das conchas.

Voltemos ao nosso theatro; e excuse-se esta especie de desordem com que escrevemos, porque não póde haver ordem em narração alguma, quando os factos a não comportam, e estão fóra das leis dessa ordem latente que acompanha todos os actos humanos na guerra e nas revoluções.

O nosso theatro tem tido uma existencia aventureira. A arte dramatica só fez legitimos progressos naquella época em que o Snr. Dr. Magalhães se unio ao Snr. João Caetano: nesta época, todos os elementos artisticos se associaram e revestiram o palco-scenico de toda a sua dignidade. O actor trocou a monotona declamação e accionamento dos galães da escola rotineira pela declamação onomathopethica, e pelos gestos que servem de colorido ás idéas do poeta, que as aviventam, e lhes dão um poderio magico para agradavelmente penetrarem na alma do espectador.

O actor começou a comprehender o equilibrio natural do movimento do corpo humano, a opposição dos membros superiores com os inferiores; começou a mover o braço antes do ante-braço, e este antes da mão, para que esta rematasse o pensamento e fixasse os olhos do espectador no ponto preciso a que deviam ser levados; o actor começou a comprehender que os musculos da face deviam-se tornar escravos á sua vontade, e que uma physiologica applicação de suas contracções e repouso lhe devia dar em resultado a expressão necessaria, e não uma careta, que é o fructo da ignorancia.

Senhor dos primeiros rudimentos de uma arte tão variada, como a natureza que elle imita, começou a sentir a necessidade de um estudo profundo e continuo para que o seu physico se tornasse facilmente uma machina artistica, um moto sentimental, um espelho das paixões, e uma especie de Prothéo, apto para todas as transformações.

A cada personagem, a cada seculo, compete uma feição differente, uma physionomia particular, que deve por um artificio bem combinado, como que daguerrotypar o passado e o actual em todas as suas condições, e com todas as suas modificações.

O actor começou então a vêr quanto era largo o horizonte magnifico da natureza; começou a extasiar-se á vista desse mundo novo, dessa nova luz que lhe abria o Ostensor harmonico, o philosopho e o physiologico, o poeta do Simplão e de Waterloo, o creador de Antonio José, de Socrates e de Olgiato; mas parece que tanta luz o deslumbrou, para extemporaneamente abandonar o seu voluntario mestre, o seu novo guia, o seu anjo benefico, e o seu genio artistico!

O theatro até então circumscripto no circulo rotineiro de vestuarios errados, e sem scenographia, não conhecia o traje dos seculos, e as construcções que os caracterizam na vida humanitaria; e os actores, levados de um principio falso, procuravam substituir a natureza por um collega, procurando imital-o nos gestos, no timbre de voz, tal qual ainda vemos nessas mediocridades, que tem por officio estragar peças e desnaturar caracteres.

Da representação de Antonio José data o ponto saliente da revolução dramatica no

Brasil, porque ahí o Snr. João Caetano, como agente principal na sua realisação, começou a obra da reforma; e de 1838 para cá nada tem havido de saliente, de harmonico e de progressivo.

O actor ficou com o pouco que havia recebido do seu illustre mestre, e cuidou que esses rudimentos, que tantos triumphos lhe acarretaram, bastariam para o seu futuro, e que elles por si só fariam um vasto celeiro de abundancia, uma bibliotheca inexgotavel, e um manancial perenne de recursos artisticos. Enganou-se: o artista estuda até a hora da morte, e quanto mais estuda, quanto mais sabe, tanto mais conhece a sua insufficiencia, porque mais vê, e mais admira a natureza.

Parcialidades, perfidas lisonjas, e pouco amor da arte, tem causado sempre graves embaraços ao nosso theatro, e sobre tudo a pouca, ou negativa capacidade das pessoas que o tem dirigido, por culpa do governo, que não sabe intervir como fez o Snr. Visconde de Olinda na restauração do theatro de S. Pedro, que, animado das melhores intenções, não teve mais um momento para completar a obra, e pelo que, apesar disso, merece muitos elogios, pois fez o que ninguem fez; e mais era regente, e n'uma época calamitosa, e nas vespersas de uma revolução.

Afastado voluntariamente da liça gloriosa, onde nasceram os seus legitimos triumphos passou o actor a incorporar-se nas fileiras de seus adversarios, e ahí vegetou, enquanto não voltou ao seu querido theatro. Lisongeado por uma mocidade ardente, e por amigos interesseiros, vaidoso desses triumphos preparados, cheio de simesmo, confiado nos bellos predicados com que a natureza o dotou, quiz caminhar só-sinho e perlustrar o resto do immenso espaço que lhe faltava conquistar; esqueceu-se de que não havia estudado assás, e de que não era ainda um piloto, e não conhecia essa nautica difficil e longa, que assegura a rota, e faz triumphar das tempestades e dos perigos imprevistos.

Tomava a nuvem por Juno, as festas concertadas por ovações espontaneas e improvisadas, os seus amigos pelo publico, e as suas inspirações como sublimes.

O tiritar nervoso do homem que soffre, porque habita n'um ergastulo da inquisição, esse frio d'alma, que denota o receio da morte, o crastino perigo, e que se manifesta na irritação da sensibilidade; as mudanças de voz de uma alma afflicta, de um peito abatido pela desgraça, e pela incerteza de sua sorte; essas desentoações, ora agudas, ora graves e cavernosas, produzidas pela fraqueza physisa, e por uns pulmões morbidos com a respiração de um ar mephitico, e das exalações de um subterraneo; esses extasis, pronunciados apressadamente, como a medo de que se não esgotem, e sejam entrecortados subitamente; essas ancias, esse agonisar de uma relapsia calumniosa, combatida pela innocencia; essa mimica particular ao Snr. Dr. Magalhães, e por elle concertada para os gestos do seu Antonio José, é ainda a mesma que se vê no Snr. João Caetano dos Santos, em todos os momentos difficeis, e em todas as situações em que as paixões concentricas se debatem com as excentricas: ha sempre nelle o Antonio José, quer vestido de Trapeiro, quer de Principe, ou realisando o Cego, a mimosa producção do Snr. Dr. Macedo!

O estado em que elle se achava nas representações de Antonio José, e de Othello, em 1837, é o mesmo em que está, com pequenissimas alterações.

Lapuerta, o actor hespanhol, que aqui respresentou Oscar e a Gargalhada, pouco

forneceu ao actor, porque sómente o imitou plasticamente : na imitação servil não ha infusão de sentimentos, não ha regras, nem principios, e nunca serve de azas para longos vôs ; ha apenas um producto incompleto, como o da photographia, que representa o objecto sob a forma monochromatica, sem a belleza, sem a vida resplandecente das cores da luz.

Na comedia, sim, fez o Snr. João Caetano muitos progressos, devidos á presença do theatro francez nesta capital; e com o qual tão loucamente quiz luctar a companhia dirigida pelo Snr. Romeiro, chegando a sua desgraça até a dar as mesmas peças, e a querer nacionalisar o vaudeville espirituoso, que é, e será sempre da nação franceza, do seio da qual nasceu, e onde se tem cultivado com todo o esmero de que é capaz aquelle povo artista, e aquella terra, que já mandava a Roma os seus actores colhe-rem applausos, quando Roma era a cidade dos Cezares.

Destá outra companhia nada diremos, porque nella só havia a Snr.^a Ludovina, e essa com o talento que nos trouxe de Portugal, com elle tem continuado.

E porque não continuou a estudar sériamente o nosso primeiro actor; e porque não estudarão os seus collegas? Serão elles sómente a causa desta paralyzação, elles que vivem da sua arte, que a prezam, e que desejariam leval-a a um maior gráu de esplendor? Se a arte estivesse só em suas mãos, seria assim, mas não o está, e nem pôde estar, porque toda a arte é um representante contemporaneo das idéas dominantes, e é um elemento da civilização que a acompanha, e que a modifica. Qual é pois a causa?

O publico ; sem publico não ha arte alguma que vigore; sem publico não ha artistas que progridam. Mas este publico não é sómente o que se assenta diariamente nos bancos, é tambem composto de todas as sumidades, de todas as intelligencias, e daquelles a quem a nossa organização social confiou a guarda desse presente que foge, e desse futuro que se antolha a cada momento, e que a cada momento se incorpora no passado.

Ao publico pertence protestar contra todos os actos indecentes, contra todas as más economias do espirito mercenario; ao publico pertence impôr silencio a essa horda de poetas laudativos, que trazem a musa na algiheira; ao publico pertence stigmatisar o empresario, que suja um theatro com dramas immoraes, e com decorações cahindo aos pedaços, ou improprias da época e do lugar do drama; ao publico enfim pertence acoroçoar os artistas que vão bem, e aos que são victimas de pateadas vingativas, que nada tem de justo, e que reprovamos sempre, excepto nos casos em que o actor quer luctar com o publico, e o obrigar a ceder a seus caprichos.

O publico é o grande educador de todas as artes, e o seu juiz de facto, e o publico quasi sempre tem razão, quando não obra apaixonadamente, e não se torna écho das opiniões de um homem interessado.

Concluamos este artigo com algumas reminiscencias, que documentem o que asseveramos.

Depois das tragedias do Snr. Dr. Magalhães, apparecêram lindissimas comedias nacionaes, e alguns romances dramatisados; mas as obras mais bellas, de que temos memoria, são o Cego, e o Phantasma Branco, nestes ultimos tempos. O Cego não foi bem executado, e o Phantasma Branco teve o actor Martinho e a Snr.^a Maria

Amalia que o comprehendem admiravelmente. E porque não foi á scena o Kobbé, do Snr. Dr. Macedo, já querido do publico, e tão justamente?

Remontemos a factos : os autores não querem hoje perder o seu trabalho, e não se convencem de que é agradável passar noites e dias a pensar e a escrever sómente para lucro dos empresarios, sem ter algum ponto firme onde se apoiem ; e os empresarios dizem, que não se atrevem á aventurar-se com peças nacionaes, e com autores desconhecidos, e exigentes, pois que a traducção lhes dá mais lucro, porque a pagam baratinho ; mas os empresarios que assim pensam, confessam a sua ignorancia : uma peça, antes de ir á scena, é lida e julgada, e quem tiver alguma pratica do theatro, conhece logo o effeito que ellaahi produzirá. O Snr. João Caetano não pensa assim, porque as peças nacionaes lhe tem dado muito dinheiro, e o Phantasma Branco lhe servio de california, e o salvou de grandes embarços.

Quando inaugurou o theatro de S. Francisco, e que pedio ao conservatorio um concurso para o drama da abertura, e que este com tanta dedicação e zelo se prestou, deu um passo para o progresso da arte, lucrando ainda o não ter responsabilidade alguma na escolha do drama.

Porque não fez o mesmo na abertura do seu novo theatro ? ! Temia o máu gosto e a má escolha do conservatorio dramatico ? Não o presumimos, nem de leve, porque elle sabe o quanto o conservatorio é prudente na escolha dos juizes, assim como sabe que esta sociedade tem em seu seio as maiores capacidades litterarias da capital. Não achamos desculpa nesta sua negativa em consultar aquelle tribunal publico, a menos que razões individuaes se interponham entre o actor e uma tão respeitosa associação. Seria a falta de composições nacionaes ? Não.

Prescindindo da magnifica obra de Byron, que o Snr. Dr. Pinheiro Guimarães nacionalisou, sabemos que o Snr. João Caetano solicitára e obtivera algumas obras nacionaes que não podem deixar de ser boas, pois estão apadrinhadas com nomes conhecidos.

Não sabemos pois qual a causa plausivel de fazer a abertura do seu novo theatro com uma traducção, e de escolher uma obra secundaria para um acto tão solemne.

O successo correspondeu á escolha, não o successo da corôa, que ainda não atingimos com o seu motivo ; a não ser o de uma imitação anticipada á que as Snr.^{as} Brasileiras preparavam para a grande cantora do theatro Provisorio. O Snr. João Caetano deve repellir essas imitações, pois que toda a imitação é uma copia, e toda a copia não vale um terço do original ; já foi repetidas vezes corôado, já é mais que rei do palco, e não precisa dessas festas annuaes e mudaveis para ser apreciado,

Deve ser o primeiro a protestar contra essas ovações, que dão tanto que fallar, e azos a mil conjecturas ridiculas e anedotas desagradaveis ; e reflecta no seguinte, que lhe vamos dizer, e que deve pensar, porque desejamos o seu bem, a sua gloria, e porque de ambas as cousas lucraremos como Brasileiros.

Um actor, que aspira á gloria, deve reflectir sériamente sobre o grande papel que tem de representar na sociedade, antes do papel que ha de fazer no tablado. As boas graças de um publico contemporaneo, não bastam para a gloria : a popularidade é uma onda que se espraia com estampido, mas que se desfaz apressadamente ; a popularidade scenica se esvaece com a geração onde se actúa, e della, se é muito estrepitosa, só resta apenas um écho, um vestigio que se extingue em breve, e porque ? Porque

o talento dramático, assim como o do cantor, é individual, e não tem um vehiculo positivo que o estenda constantemente, que o transporte ao longe, e além da morte, e o justifique perante a posteridade: é um fructo que morre com a arvore que o produzio, e do qual não ha semente que o renove outra vez tal e qual ha sido.

Para que u n actor se immortalise é necessario que elle se encarne na litteratura nacional, é que com ella caminhe a par e passo, ou produzindo obras proprias, ou realisando de uma maneira satisfactoria para as intelligencias as produções dessas mesmas intelligencias; porque, assim como o poeta forma o actor, o actor tambem aperfeiçoa o poeta, não só realçando com o seu bello talento as suas concepções, como fazendo surgir novas creações para os seus novos e justos triumphos.

Haja um introversão calma, e pergunte a si mesmo, um actor consciencioso, o que resta do seu talento depois da sua morte? O seu corpo ha de um dia seguir a lei geral da mortalidade; a sua belleza corporal se transformará n'um esqueleto, como a de outro qualquer homem; a sua voz, a sua declamação, a sua physionomia, os seus gestos se não de sumir, e nada ficará do individuo se não uma memoria fugitiva.

Os actores, que se immortalisaram, foram todos litteratos e poetas, ou homens que marcaram épocas litterarias com a sua appareição, fazendo avultar o numero de produções sublimes, e aperfeiçoando a arte com a criação de uma escola, que perpetue as suas lições e as sanctifique como tradições invariaveis.

Sabemos que os poetas gregos eram tambem actores, e até cantores, pois dirigiam os coros, e marcavam os modos em que deviam cantar: assim foram Eschylo, Euripedes e Sophocles, que por ter a voz fraca foi dispensado de semelhante tarefa.

Shakspear era um grande poeta, Garrik um litterato, e o restaurador e polidor do seu theatro; Molière, o que todo o mundo sabe; Lekain, um homem de espirito; Goldoni, o Molière da Italia; Talma, lia o Plutarco em grego, e corrigia as tragedias dos melhores genios da França na sua época; Rotzbue, largou a scena, por assim o pedirem os seus altos empregos; e Iffland, que vivia nas bibliothecas, era um homem de saber, e capaz de conversar com Goethe e com Schiller.

Talmá, foi o reformador do theatro europeu, e o chefe universal da escola archeologica, da physionomia material dos tempos, e mesmo da nova declamação franceza. De Ligier nada ficará, apezar do seu grande talento, e outro tanto não acontecerá a Beauvalet, a Bouffé, e a Frederico Lemaitre, que escreveram, e que se arregimentaram nas fileiras dos litteratos.

De Mademoiselles Duchenois e Mars hade ficar aquillo que ficaria de Keen, se Alexandre Dumas o não resuscitasse; de Petrelli e da divina Internari, apenas essa vida tradicional da belleza, que não immortalisou-se pelo pincel, ou pelo marmore, apenas essa vida fugitiva tão curta, e tão duvidosa á proporção dos tempos.

O actor, para chegar as alturas da sua arte, deve não procurar a popularidade da escala inferior da sociedade, porque essa facilmente se subjuga, e cede á legitima influencia dos homens superiores; elle deve edificar, e ser uma peça da machina aperfeiçoadora; deve procurar a sociedade dos sabios, dos litteratos e dos physiologistas; deve ler nas obras dos poetas e dos pintores o desenho das paixões e as suas posituras: os quadros são scenas, e os cantos são paineis sem formas materiaes, e representações harmonicas, que se fazem no espaço, que educam a sensibilidade e ele-

vam a alma. Raphael, Nicolau Poussin, Cigoli, David, Hogard, Teniers, Lebrun, Morillo, e outros, instruem o actor como Tucídides, Homero, Tacito, Labruiere, Plutarco, Lavater, Gal, Walter Scoot e outros; não fallando nos poetas dramaticos, que é onde o actor estuda a comprehensão de um drama, e a variedade das peripecias, segundo os caracteres, e as situações em que actuam.

O nosso actor ainda está moço, e não perdeu as brilhantes qualidades com que o dotou a natureza; não tem razão de queixa do publico e do governo, no que lhe é pessoal, e póde ainda fazer passos agigantados na sua arte. Estude, e leve a scena ao gráu de superioridade a que póde attingir ainda; faça um divorcio simulado com os seus amigos imprudentes; guarde essas corôas repetidas com que o mimosearam; incorpore-se com a litteratura nacional, seja um seu agente e representante na scena, e rogue a esses moços ardentes que parem com essas repetidas ovações, que já perderam o character virginal e nobre da espontaneidade, e estude e estude que em quanto vivos fermos estaremos promptos para louval-o e applaudil-o de coração; porque a sua gloria é tambem a nossa.

E se a sua modestia não se compadece com a verdade, e com o que escrevemos de boa fé, póde estar certo que nada lucrará, e que a sua gloria está em grande perigo.



AOS 55 ANNOS
DO
SENHOR D. JOÃO VI.

SONETO

PELA

Srta. D. Maria Josepha Barreto,

NATURAL DO VIAMÃO, NA PROVINCIA DE S. PEDRO.

Lá onde o Tejo undoso ufano pisa,
Dos brilhantes laureis já despojada,
De funebre cypreste a fronte ornada,
Lisia envolvida em pranto se divisa.

Na saudade cruel que a penalisa,
Invejosa suspira, consternada,
Quando America assás affortunada
A gloria de João immortalisa.

No seu erguido throno brasileiro,
Fundador de uma nova monarchia,
Qual de Ourique Affonso, Rei primeiro,

Dictando sabias leis, já neste dia
De onze lustros o gyro vê inteiro
O grande filho da immortal Maria.

Em Porto Alegre, onde residia esta senhora, devem existir ainda muitas das suas composições. Maria Josepha Barreto era mulher do carcereiro da cadeia de Porto Alegre, e teve um filho, já fallecido, que era dotado de ingenho, e sobre tudo pos-

sua altamente o talento dramatico, como se lembrarão ainda todas as pessoas que o viram representar em theatros particulares. Vimos, na nossa infancia, muitos Elogios dramaticos desta Senhora, dos quaes ainda nos recordamos de alguns versos; mas do que nos servem estes versos? São como duas ou tres notas destacadas do meio de uma composição musical, e que nada revelam á mente.

Para que se não perca este nome na memoria dos nossos leitores, aqui o transcrevemos com este soneto, que prova a facilidade com que aquella poetisa versificava.

Nós a vimos improvisar no theatro, e sustentar vigorosamente a lucta com um official cego, igualmente poeta, e cujo nome nos esquecea; e do qual tambem nos recordamos por outro lado, porque o vimos representar o papel de Affonso, na Nova Castro, com tal firmeza, que ninguem diria que era um cego!

Estas recordações da infancia, apezar de noticiosas para os curiosos das nossas cousas, as escrevemos mais por um amor egoistico, do que pela importancia que merecem em uma terra, perdoem-nos os nossos leitores, que pouco préza o passado, e que por isso mesmo não cura do futuro.



A MINHA ESTEIRA.

POESIA POSTHUMA DE M. A. DE AZEVEDO.

Aqui do valle respirando á sombra
Passo cantando a mocidade inteira;
Escuto no arvoredos os passarinhos
E durmo venturoso em minha esteira.

Respiro ao vento, e vivo de perfumes
No murmurio das folhas da mangueira;
Nas noites de luar aqui descanso
E a lua enche de amor a minha esteira.

Aqui mais bella junto a mim se deita
Cantando a minha amante feiticeira;
Sou feliz como as ternas andorinhas
E meu leito de amor é minha esteira!

Nem o Arabe Calipha, adormecendo
Nos braços voluptuosos da estrangeira,
Foi no amor da Sultana mais ditoso
Que o poeta que sonha em sua esteira!

Aqui do valle respirando a sombra
Passo cantando a mocidade inteira;
Vivo de amores; morrerei sonhando
Estendido ao luar em minha esteira!

Emquanto dormes eu te sonho amante
Creatura mais anjo que donzella...
Sou teu noivo... respiro em teus cabellos
E teu seio venturas me revella!

Deliro... Junto a mim eu creio ouvir-te
Mais bella a suspirar, teu ai mais brando;
Pouso os labios nos teus... Em teu alento
Volta minha pureza suspirando!

Teu amor como o sol apura e nutre,
Exhala fresquidão, é doce brisa;
É uma gota do céu que aroma os labios
E o peito regenera e suavisa!

Quanta innocencia dorme alli com ella!
Anjo d'esta criança me perdôa!
Estende em minha amante as azas brancas. . .
A infancia no meu beijo abandonou-a!



Duas novas especies de beija-flores, descriptas pela primeira vez pelo Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia. Trabalho lido na Sociedade Velosiana na sessão de 6 de Junho de 1851.

I.

Trochilus Vandetü Nobis.

Descriptio.—Corpus subrobustum, supra viridi-relucens, subtus flavescens viridi-maculatum: remiges fuscae, longae, falci formis: cauda recta, aequalis alas non exsuperans, 8 rectricibus flavescens, quarum tertia pars infravirescens—caeruleatus, 2 intermediis virescentibus: rostrum nigrum, capite duplo longius, curvatum. Longitudo corporis 3 p. et 9 l., rostri 12 li., caudae 1 p. et 2 l. Habitat in silvis Cantagalli (Rio de Janeiro.)

Com a breve descripção em latim que acabamos de traçar para melhor ser entendido dos homens da sciencia, este beija-flôr fica perfeitamente caracterisado, e com nenhum outro pôde ser confundido; todavia para dar a este respeito todos os esclarecimentos possiveis, vou expôr em portuguez além dos seus caracteres o mais que sei.

Fôrmas.—Corpo de grandeza mediana, e um pouco grosso. Bico visivelmente curvo, anguloso, achatado na base de cima para baixo, e do meio para a ponta dos lados, com o mesmo diametro em todo o seu comprimento, terminando todavia em ponta aguda. Cauda curta, recta, e com 10 pennas que terminam cada uma em ponta aguda. Azas, chegando até o fim da cauda, tem quasi a configuração de uma foice de cortar capim.

Dimensões.—Comprimento total da ponta do bico até a ponta da cauda 3 pollegadas e 9 linhas, só o bico tem no entretanto 1 pollegada; o intervallo que vae de uma ponta de aza a extremidade opposta da outra, quando estas estão abertas, é de 5 pollegadas, tendo cada uma das azas 2 pollegadas e 2 linhas; a cauda tem 1 pollegada e 2 linhas.

Côres.—Toda a parte superior da cabeça e corpo, as pennas escapulares, as coberturas das azas, e as superiores da cauda são de um verde brilhante. As partes inferiores, a saber, a garganta, o thorax e todo o abdômem de côr amarella-suja com ligeiros reflexos verdes; esta côr amarella provém de que todas as pennas destas regiões sendo de côr azul

ferrete terminam no entretanto em amarello: as coberturas inferiores da cauda de côr amarella clara. Azas côr roxa desmaiada. A cauda apresenta tres côres distinctas, as duas pennas centraes em ambas as faces verdes, e as 8 outras lateraes tem os dous terços superiores amarelllos-sujos, e o terço inferior na face de cima esverdinhado, e na debaixo de côr roxa desmaiada, identica a das azas. O bico é preto em ambas as mandibulas. Tarsos amarellados e fracamente emplumados. Pés vermelhos e unhas pretas.

Baseado nos caracteres referidos e no minucioso estudo que temos feito sobre a familia de beija-flôres, julgamos esta especie nova, collocando-o na bella colleção do Museu Nacional na segunda divisão do genero *Trachilus*, por ter bico curvo e cauda direita. Entre a immensa quantidade de beija-flôres nomeados pelos diversos authores, a nossa especie só tem ligeiras semelhanças com individuos novos ou femeas da especie *Trochilus viridis* de Vieillot, No entretanto destingue-se ainda destes por terem as pennas da cauda todas iguaes e com as côres como por nós foi dito, quando todos os individuos que temos visto da especie *viridis*, e em grande numero por ser ella vulgar no Brasil, possuem a cauda cuneada, isto é suas pennas lateraes vão diminuindo pouco a pouco, e estas são verdes terminadas em ponta branca; o bico da *viridis* é tambem um pouco menor com a mandibula inferior esbranquiçada. Não podendo de maneira alguma uma especie confundir-se com a outra.

Encontramos este beija-flôr no meio de uma grande porção de passaros comprados em 1844 ao Snr. Besch para o Museu Nacional; e como todo o mundo sabe, que este colono suiso, occupando-se por muitos annos e toda a sua familia em mandar pelles de passaros para os mercados da Europa, exclusivamente os caçava na comarca de Cantagallo a onde habitava; por isso achamo-nos autorizados a affirmar, que a especie empregada como typo na nossa descripção pertence áquella localidade. Até hoje não temos podido ver senão dous individuos destes, um acha-se nas pratelleiras do Museu, o outro remettemos para o jardim das plantas em Paris.

O naturalista francez Descourtils, estabelecido entre nós, e que como viajante zoologo tem percorrido boa parte do Brasil e a quem consultamos sobre a novidade desta especie, depois de a ver e examinar por algum tempo, disse-nos que se recordava já ter caçado este beija-flôr, e que o suppunha realmente novo. Opinião para nós de bastante pezo, visto os importantes trabalhos que sobre os nossos passaros tem emprendido este corajoso investigador das cousas brasileiras.

Reconhecida esta especie como ainda não descripta pelos authores,

necessidade tivemos de lhe dar um nome. Logo no começo a denominamos incognita em quanto consultavamos obras especiaes sobre a materia, e ouviamos a opinião de quem estivesse habilitado para sobre isto fallar; passados annos, nada encontrando nos muitos authores por nós examinados, e sendo favoravel a opinião das pessoas consultadas, cumpria-nos dar nome mais significativo. Reprovando a sciencia na actualidade, que os nomes das especies sejam tirados das localidades, pelos grandes enganos a que isto póde dar lugar, o nome especifico que tinhamos de prescrever não podia ser senão ou um nome proprio, ou um que exprimisse character saliente. Sendo difficultosa a escolha do character, e além disto desejando perpetuar ainda no mundo scientifico a lembrança de um homem, que tão bem servio a sciencia appellidamos a nossa especie como fica dito *Trochilus Vandellii Nobis*.

Quem estiver ao facto de que o Snr. Domingos Vandelli, creador e director do real Jardim Botanico de Lisboa, lente de historia natural na universidade de Coimbra, e author de muitas obras em portuguez e em latim sobre a zoologia e botanica, é verdadeiramente o fundador das sciencias naturaes em Portugal não poderá deixar de conosco concordar. Este zeloso e activo naturalista, merece certamente ver seu nome com reconhecimento lembrado no Brasil. Na Europa aonde residia, se entregou a minuciosas pesquisas, e a grandes trabalhos para estudar e fazer conhecidos muitos productos da fertil terra de Cabral. Foi elle quem poderosamente influio para que o governo portuguez no fim do seculo passado e começo deste, nomeasse as commissões scientificas que vieram explorar e investigar algumas provincias brasileiras. Se Domingos Vandell não nasceo no Brasil, nem a elle veio, servio no entretanto com grande zelo á nação a que todos pertenciamos, e foi o mestre em sciencias naturaes de muitos brasileiros, que a sciencia conta no numero de seus bons filhos, e o Brasil entre os seus principaes ornamentos. Taes são o immortal José Bonifacio de Andrade e Silva, o instruido senador Ferreira da Camara, o illustre naturalista Rodrigues Ferreira, o infatigavel escriptor visconde de Cayrú, o incansavel e erudito Veloso de quem a nossa sociedade tomou o nome, o mineralogista Couto, o botanico Arruda, o chimico Amorim Castro, o mui respeitavel lente da Academia Militar o Coronel Feijó, já tambem falecido ha muitos annos.

Assim este naturalista, não só indirectamente muitos serviços nos fez occupando-se de productos nossos, mas tambem veio a nos ser de grande utilidade pelo trabalho que teve na educação scientifica de Brasileiros eminentes. Por isso quer como sabio quer pelas obrigações que o Brasil lhe deve; mui digno é de nossa pequena lembrança. E se a botanica por

mais de uma vez já tem empregado seu nome, de toda a justiça é que a zoologia pela primeira vez, como penso, d'elle faça uso.

A unica reflexão justa, que se pôde fazer quanto ao nome por nós escolhido, consiste sómente em ser elle mui grande para objecto em si insignificante. Mas isto é defeito nosso: somos pai extremosamente amante de nossos filhos. D'ahi vem que as duas especies por nós pela primeira vez descriptas já tiveram os mui respeitaveis nomes de Thereza, e Januaria, a actual a baptisamos com o de Vandelli, e a que se segue de Luiz.

II.

ORNISMYA LUDOVICII. NOBIS.

Descriptio.—Corpus subrobustum; supra auri-viridi-nitens; subtus viridi relucens ropercussionibus tum aureis, tum apud abdomem ignis; collum saphirinum; remiges fuscae, longae, faleiformis; cauda caeruleata, forficata, alas non exsuperans; rectricibus rotundatis; rostrum nigrum, capite longius, rectum; tarsi inferiori parte plumati, plumulis albis spisse cooperti; pedesque nigri. Longitudo corporis 3 pollices et 8 linæ, rostri 9 linæ, caudæ 1 pollex et 4 linæ. Habitat Colombee.

Tal é a descripção em latim, que julgamos poder-se fazer desta mui curiosa especie de beija-flôr; os seus caracteres mais importantes, aquelles que completamente a separam de todas as outras especies conhecidas ficam com toda a claresa refferidos para que os naturalistas tenham della noticia exata. Agora com mais desembaraço vamos em portuguez entrar mui detalhadamente em sua historia.

Formas.—Corpo de grandeza ordinaria: bico bem direito em todo o seu comprimento, ligeiramente comprimido dos lados, com o mesmo diametro por todo elle, sómente terminado em ponta aguda: cauda curta, forçada (sendo as pennas lateraes mais compridas que as do meio) e com a ponta das pennas arredondadas: azas chegando até o fim da cauda; apresentam a configuração bem visivel d'uma foice. Em outro individuo, que o Museo possui e que julgamos moço, as azas excedem alguma cousa a cauda.

Dimensões.—Comprimento total da ponta do bico até a da cauda 3 pollegadas e 8 linhas; o bico que é maior do que a cabeça tem 9 linhas: da ponta de uma aza a extremidade opposta da outra quando estas acham-se estendidas 5 pollegadas e 2 linhas: as azas tem 2 pollegadas e 3 linhas, e a cauda uma pollegada e 4 linhas. No exemplar que tomamos como animal

moço, o comprimento total é de 3 pollegadas e 4 linhas, e o da cauda de 1 pollegada e 2 linha; no mais não encontramos differença.

Côres.—Toda a parte superior da cabeça e corpo, pennas escapulares, as coberturas das azas, e as superiores da cauda são de um verde brilhante, com alguns reflexos bem claros de ouro: a garganta apresenta brilhantes reflexos de pura saphira; em um individuo, que para mim é o typo da especie, é uma verdadeira placa de boa saphira collocada nesta região: as outras partes inferiores como o thorax e o abdómem, são também de verde mui brilhante com profusão de reflexos de ouro, de reflexos cor de fogo vivo sobre tudo para o meio do abdómem: a região anal verde esbranquiçada: coberturas inferiores da cauda azuladas; cauda de cor azul bastante escura por toda a parte: azas de cor roxa denegrida, bico preto em ambas as mandíbulas; pés e unhas pretas. Mas o caracter mais saliente e importante desta especie, é o possuir os tarsos nimamente emplumados, sendo nas pequenas pennas que os forram em grande numero, sufficientemente compridas e da cor branca a mais pura. O individuo moço não tem o menor traço de azul ou de saphira na garganta, sendo em geral todas as mais cores tanto das partes superiores, como inferiores menos brilhantes.

Segundo o que fica refferido vê-se ser esta especie inteiramente nova. O meu importante caracter dos tarsos cheios de pennas brancas, a distincção completamente de todas as especies publicadas até Fevereiro de 1846, época em que dando-lhe o nome que hoje publico, tracei pela primeira vez os seus caracteres. Quanto ao individuo que tendo ainda os tarsos emplumados como os outros, e mais semelhanças, separa-se no entretanto por suas menores dimensões, e pela falta da cor de saphira na garganta, não vem a ser senão o mesmo passaro de menor idade. Quem é um pouco ornithologista e está ao facto das mudanças porque algumas aves passam em suas côres e proporções segundo as respectivas idades partilhará certamente a nossa opinião. Basta a configuração das azas, do bico, e da cauda, a fórma do corpo, e a distribuição das principaes côres para acreditar-se na identidade de especie de todos estes individuos. De todos os beija-flôres de que fallam os autores ao nosso conhecimento só a especie *Ornis nya Audebertii* de Lesson, pela cor saphirica da garganta, tem alguma analogia com a nossa, mas logo á primeira vista vê-se que são beija-flôres mui diversos, pelo bico, pela cauda, por todas outras côres, e enfim pelos tarsos.

O Museo Nacional possui hoje 3 exemplares desta especie, mas quando a classificamos, e fomos obrigados a dar-lhe o nome que tem, tinhamos a vista 8 pelles, sendo duas semelhantes ao individuo moço e as outras 6 mais ou menos identicas entre si; a casa conservou as que precisa va,

e as outras as tem enviados em trocas a museus estrangeiros. Em todos os 8 individuos eram bem salientes os signaes caracteristicos proprios da especie.

Até hoje ainda não podemos saber, se esta especie tem merecido a honra da publicidade em alguma parte do mundo scientifico (*). Só sei que o Ornithologista francez Jules Boursier publica agora em Pariz uma grande monographia de beija-flores; e como este infatigavel naturalista ha 25 annos se occupa do seu estudo e tenha recebido de todas as partes da America, para melhor execução de sua obra, grande quantidade de passaros, é de suppôr e mesmo mui natural; que já tendo recebido pelles semelhantes á nossa, della falle neste seu importantissimo trabalho. A nós mesmos escreveo elle em fins de 1847, instando muito connosco tanto para lhe enviarmos exemplares das duas primeiras especies por nós descriptas, como para lhe mandar-mos dizer, se mais alguma cousa de novo entre beija-florês tinha chegado ao nosso conhecimento: como se-vê já podiamos communicar-lhe a noticia desta especie, para nós interessantissima; mas tendo-a já enviado para Napoles, com o nome por nós posto, considerando-a nova, e tencionando a cada instante trazel-a á publicidade, nada lhe respondemos a esta ultima parte de sua carta. Hoje reconhecemos o mal que n'isto fizemos, sobre tudo remettendo nós mesmos exemplares desses beija-flores para Napoles, Marseille, e Estados-Unidos sem ter antes publicado a sua descripção. Falta esta no entretanto devida por não existir entre nós naquelle tempo sociedade alguma da natureza da Velosiana, nem publicações apropriadas a ondê podessemos levar nossas descripções.

Assim esperamos que se Boursier fallar deste beija-flor, provavelmente o citará com nome diverso do nosso, visto que a elle nada mandamos dizer. Mas neste caso reclamando o que é de uso em iguaes circumstancias diremos, que sendo certo, como pensamos, que até Fevereiro de 1846, a sciencia nada sabia a este respeito, o nosso nome deve ser conservado, visto termos a favor a precedencia da noticia. Pelos accentos do Museo Nacional vê-se, que a casa possui esta especie com o nome da nossa classificação desde a data assim refferida, e por uma carta vinda de Napoles de pessoa mui illustre com a data de 20 de Abril de 1847, e que nesta occasião appresento á sociedade, tambem consta, que a nossa especie já lá se achava em Novembro de 1846. O ex-director do Museo nacional o Snr. Fr. Custodio Alves Serrão, e o Dr. Descourtils, que fez o rotulo para os exemplares montados que se acham na colleção do museo, poderão tambem isto certi-

(*) Isto diziamos em 1851; mas desde o anno passado sabemos que Gould na sua importante obra sobre beija-flores publicada em Londres em 1852 ou 53, dá á nossa especie outro nome o qual não o transcrevemos aqui por não termos podido ver esta importante publicação.

ficar. Cumpre aqui de passagem declarar que estes dous Senhores, mui entendidos em zoologia, sendo por nós consultados sobre a novidade especifica desses beija-flores foram de opinião favoravel.

Os exemplares desta especie foram obtidos por compra de um francez, preparador e negociante de productos de historia natural, chamado Izambert, com loja aberta na rua Direita; e foi muito para sentir que elle tivesse passado a loja a outra pessoa, pois seria uma prova de mais em como essas pelles vieram ás nossas mãos no começo de 1846. Estê homem, achando-se por nós encarregados de comprar, qualquer que fosse o preço, tudo que fosse novidade sobre esta familia, e pelo que hia a bordo de todos os navios que vinham de portos americanos, e aonde suspeitava haver objectos de historia natural, em um dos dias de Fevereiro do anno já citado apresentou-nos com outras muitas pelles as 8 de que fallamos: nesta occasião tambem assegurou-nos tê-las comprado a bordo de um navio de guerra francez, que acabava de chegar das Antilhas, e que o vendedor as trazia da Colombia: tal foi o fundamento que tivemos para dar a Colombia como patria desses raros beija-flores.

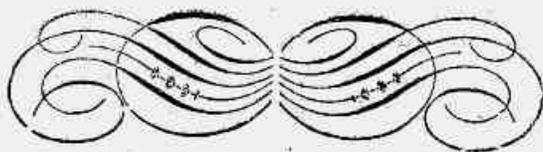
Logo que os recebemos, notando o mui curioso character dos tarsos emplumados, novo inteiramente para nós duvida alguma puzemos na quantia exigida para affectuar-se esta compra. Sendo esta uma das melhores acquisições que o museu então fez, submettemol-a a minucioso exame cujo resultado agora publicamos. Apontando todos os caracteres que das pelles podiamos tirar, e comparando-os com os das especies já existentes na casa e com os das referidas pelos authores da bibliotheca do museu, em pouco tempo viemos na convicção, que todos estes exemplares pertenciam a uma só especie, porém ainda não descripta pelos authores que conheciamos. Como homem da sciencia, e classificador de um estabelecimento publico de muita utilidade desde este instante necessidade tivemos de nominal-a.

Grato aos favores que o Museo Nacional acabava de receber do Snr. D. Luiz de Bourbon conde d'Aquila durante a sua residencia nesta cõrte, visitando-o por diversas vezes; e sendo tambem nós mesmos não só mimoseado por S. M. o rei de Napoles com uma preciosa dativa, naturalmente por intermedio do mesmo principe, mas tambem honrado com cartas suas, aproveitamos o favoravel ensejo que tivemos para commemorar como naturalista a lembrança de quem tinha se dignado tão bem tratar a nós e ao estabelecimento em que serviamos. Demos pois a esta especie o nome de *Ornismya Ludovicii* seguindo desta maneira a opinião dos que pensam, que na extensa familia dos beija-flores os nomes das especies pó-

dem mui bem ser os nomes proprios das pessoas, que animam a sciencia, ou protegem a seus filhos.

Logo que adoptamos semelhante denominação, julgamos conveniente enviar dous exemplares destes com o novo nome á illustre personagem a quem era dedicado, e desde muito tempo sei que elles se acham no gabinete de historia natural de Napoles. Sobre os seus usos e costumes, particularidades do ninho, e localidades de predilecção a onde se acham nada podemos dizer, por não podermos collher a este respeito informação alguma.

Tal é a historia deste mui interessante beija-flor. Como indicam os caracteres, é uma verdadeira ornismya da 2.^a divisão entre as 6 existentes neste genero, que são aquelles de cauda forchuda, secção chamada por Vicillot *Cynanthus*.



II.

Causa dó vel-a ! — julga-se encantada
 E cára á Nebulosa : ninguem sabe
 Que faz de dia ; quando a noite chega,
 Foge do antro, e vela, o mar sulcando;
 Tem um leve batel branco e ligeiro,
 Onáo ella só e mais ninguem se embarca:
 Crê-se feliz, e espera mil venturas
 Depois da morte : no entretanto chora,
 Não diz porque: um padecer constante
 Tudo annuncia; mostra-se abatida,
 Pallida, triste: e não se queixa nunca.

III.

Aquelle vulto, que o batel deixára
 Da douda era: peregrina em tudo,
 Como nas vestes, singular nos modos.
 Madrasta não lhe fôra a natureza:
 Tem escuras madeixas e tão longas
 Que soltas, como um brinco dado ás brisas,
 Qual densa parda nuvem, collo e seio
 E os braços nús em seu volver escondem;
 Surge d'entre ellas rosto gracioso
 De pallidez e de doçura um typo.
 Mal cabido senão, mancha, qu'ensefa,
 De negra còr na branca e lisa fronte
 Bem no meio apparece; os olhos bellos
 As vezes ternos, logo após brilhantes,
 Vagando agora, d'aquí a pouco' fixos,
 Terriveis como o olhar do moribundo,
 Que em nós se embebe, um não sei que desprendem
 D'encanto ou de loucura: a face eburnea
 Rosas não tem, ou já rosas murcharam :
 E' dos seus labios o sorrir tão triste,
 Que nem é rir; ou mais do que uma lagrima
 Exprimiria a dôr: de neve o seio,
 De neve os braços, de crystal os dedos,
 E a mão, que alveja, como os pés, mimosa:
 De nobre altura, e por d-mais delgada
 Desperta a idéa do um soffrer profundo,

Que a vai myrrando, e consumindo aos poucos ,
 Longa tunica azul, que a c6r imita
 De um c6o todo bonan7a, traz vestida,
 Na cintura uma fita ao corpo a une
 Cae-lhe do collo e pelo ch6o se arrasta
 Sandalias cal7a; sobre a simples veste
 Lan7a uma capa de um candor pesado,
 Vasta que sobra para envolver-a toda.

IV.

A sua voz 6 doce e maviosa,
 Seu estylo obscuro e desusado,
 Inconsequente as vezes, quasi sempre
 Fallar de louca. Em seu semblante nadam
 Vagos affectos; seu olhar doudeja
 Ora altivo no c6o, depois baixando,
 Como que sonda o abysmo do oceano:
 Dirieis que a sonhar com a eternidade
 De l6 descera a procurar um tumulo.
 N6o anda, n6o; 6 resvalar de sombra
 O volver de seu vulto: em torno della
 Recende tudo encantos; vaporosa
 Impalpavel talvez a julgarieis,
 N6o deste mundo. ser de alheia esphera.

V.

M6o grado seu dous passos recu6ra
 O Trovador, que ouvira-lhe a resposta.
 E embevecido, fitos nella os olhos,
 Ficou: tambem a olhal-o docemente
 Deixa-se a pobre douda, e em suas vistas
 De t6o ternas, que s6o, t6o languorosas
 Parece brando affecto derreter-se,
 Como orvalho subtil, que o c6o lenteja:
 Melancolico riso, que faz pena
 O contemplal-o s6, lhe espande os labios;
 Depois de muito volve em torno olhares,
 Talvez buscando mais alguem, e falla
 Ella a primeira ao Trovador absorto.

VI.

A DOUDA.

« Contigo estava alguém

O TROVADOR.

« Não; tu te enganas;
« Ninguem se atreve a compartilhar-me as dores.

DOUDA.

« És tu, qu'intentas illudir-me: sempre
« Que a voz modulas sobre a rocha-negra,
« Com teu canto outro canto se mistura.
« Não sei, quem é; mas sei, que alguém te segue:
« Heide sabel-o apesar teu, se o negas.

O TROVADOR.

« E quem t'o contaria ? . . .

A DOUDA.

« A Nebulosa.

O TROVADOR.

« Demais confias no poder das fadas.
« Não vás tentar, de uma illusão captiva,
« Ouvir um morto; que loucura indica:
« Eu vélo solitario.

A DOUDA.

« Porque mentes?

« Já tres vezes afora a noute de hoje
« Ambos vos tenho ouvido: até na sombra
« Tambem já distingui estranho vulto
« A teu seio inclinado: apraz-me ouvil-o;
« Não lhe entendo o fallar, mas doce falla:
« E' a voz e a expressão propria de um anjo !
« Dize quem é; uma mulher! . . . duvido
« Que nada seja, pois bem sei quem amas.

GUANABARA.

« Desejo ouvil-o..... eu gosto da pureza,
 « E voz mais pura nunca ouvi no mundo :
 « São suas phrases vibrações sonoras,
 « Que n'alma entornam magicos deleites:
 « Se o favonio fallasse, era um favonio
 « A derreter finozas sobre as flores :
 « Teu canto é doce, Trovador ; mas esse
 « Não é cantar de humano. Vai chamal-o,
 « Mulher ou anjo.... pouco importa ; eu quero
 « Ouvil-o ainda, inebriar-me ouvindo.

VII.

Percebe o Trovador da douda o erro,
 Harpa escondida vai buscar ligeiro,
 Tral-a nos braços, como a filha amada
 Um extremoso pai, e diz mostrando-a :
 « Eis quem me segue, quem me entende e ama !

VIII.

Maravilhada o musico instrumento
 Contempla a douda : como temerosa
 Recua um passo ; logo a rir-se alegre
 Vem-se chegando ; duvidosa ainda
 Estende o braço, que outra vez recolhe :
 Té que se anima..... com suave dextra
 Palpa-lhe as cordas, e o examina todo,
 E sem que os olhos volva, enfim pergunta.

IX.

A DOUDA.

« Nem anjo, nem mulher !... — Como é seu nome ?...

O TROVADOR.

« Harpa.

A DOUDA.

« Mal escolhido..... não me agrada,
 « Não lhe exprime a doçura : ouve, mancebo ;
 « Vamos dar-lhe outro nome : d'ora avante

« Chamal-a-emos nós — *amor que falla.*
 « Faze-a cantar.....

X.

O trovador arpeja

E muito tempo extasiada escuta
 A pobre douda: nos seus labios rompe
 Um rir, que é novo ali, que é todo enlevo;
 Depois dos olhos lagrimas borbotam,
 O riso e o pranto se misturam: subita
 O Trovador suspende, e arrebatada
 Beija as mãos do mancebo, e as cordas da harpa
 Uma... cem.... vezes mil, como em delirio,
 E a rir ainda, e a chorar exclama.

XI.

A DOUDA.

« Oh basta!, basta!. é muito! eu mais não posso!
 « No excesso do prazer a alma se afoga!...
 « Deixa beijar-te as mãos! tens mãos de um anjo
 « Movendo o canto desse — *amor que falla!* —
 « Ouve-me: eu tenho que um favor pedir-te:
 « Oh!.. deves-m'o fazer.... muito me deves
 « (O que não digo, que m'o inibe o pejo):
 « Escuta: é meu destino aqui na rocha
 « Vir murmurar extremo adeos ao mundo;
 « A Nebulosa o quer, e o mar me espera:
 « Raios da lua escreverão nas ondas
 « Funebre aviso: na prefixa noite
 « Virás, mancebo, te encontrar comigo;
 « Hasde ver-me sem dôr do tumulo a beira
 « Mirar-me nelle m'espelhando n'agoa:
 « Da morte a hora é hora de triumpho;
 « Devo, quero morrer entre harmonias,
 « E ao som dos cantos desse *amor que falla*
 « Ir ter com a Nebulosa. Eis quanto peço:
 « Juras servir-me?..

O TROVADOR.

« Ah misera! quem sabe,
 « Se antes que a ti me tragarão as ondas!...

GUANABARA.

A DOUDA.

« Tens razão : por demais te pesa a vida :
 « Sei bem que negra idéa n'alma turva,
 « Como uma ave das trevas, te esvoaça :
 « Tambem me cansa este viver tão longo !...
 « Mancebo, attende: — morreremos juntos...
 « Abraçados, a um tempo ao mar saltamos !
 « — Não queres... não : stou lendo nos teus olhos...
 « Até na morte a solidão te agrada !..
 « Não terei cantos pois ! — embora ! um dia,
 « Quando eu no fundo mar, morta p'ra o mundo,
 « Habitando em palacios d'oiro e fogo,
 « Onde se sjuntam Nebulosa, e lua,
 « For ondina feliz, heide pedir-lhes
 « E dar-me-ão ellas um *amor que falla* :
 « Das cordas saberei mover-lhe as phrases :
 « Sem aprender os mortos sabem tudo.

O TROVADOR.

« Desvarias fallando !... — quem és ?... dize.

A DOUDA.

« Douda me chamam ! tenho bem juizo.

O TROVADOR.

« Não queres responder-me ?

A DOUDA.

« Eu digo tudo,
 « Quem sou, quem és, a tua historia, e a minha.

O TROVADOR.

« Impossivel !..

A DOUDA.

« Escuta : sobre a rocha
 « Inclina o — *amor que falla* — ; vem sentar-te
 « Ao pé de mim... aqui : nada receies :
 « Quando me apraz, sei refrear encantos,
 « Nem tenho em mente o emprego de magias.
 « Desejo ouvir-te, e me ouvirás primeiro.

XII.

Da douda ao lado, o Trovador sentou-se,
E de enleio indisivel possuido
Ouve em silencio reloucada historia.

XIII.

A DOUDA.

« Não quero sobre ti ter dominio
« Algum que seja : a vida te conheço,
« E nem sabes quem sou !... — pois vou dizer-t'o.
« Nasci n'um antro de medonha selva
« A meia noite, e ao rebentar de um raio ;
« N'um berço me embalei agreste e rude
« De bravos cardos, e de sarças feito ;
« Adormeci ao sybilar das serpes
« Primeiro somno : minha mãe tão pobre,
« Que nada tinha, misturou soluços
« Com os meus vagidos : foi pedir esmolas,
« Nada lhe deram : trouxe-me a vergonha
« Em vez de pão !... desesperada fogo
« Nos hombros me levando, e tres seguidas
« Noites velou, em que brilhava a lua
« Aqui sobre esta rocha ; na terceira
« Surge das ondas branca e vaporosa
« Pallida virgem.... sóbe a rocha negra....
« Chammas dardeja no fitar dos olhos....
« E formas simulando graciosas,
« E' sombra apenas, que não gasta espaço.
« A Nebulosa era.

« — Porque choras ?...

« Meiga pergunta ; e minha mãe responde :
« — Choro as miserias de uma vida ingrata ;
« Trabalho um anno p'ra comer um dia !
« Mirrados tenho já maternos seios :
« Vai morrer minha filha. »

« A Nebulosa

« Olhar de tigre em minha mãe cravando
« Faz-lhe a fronte curvar, e a enleia toda,
« E emfim lhe torna :

« Mudarei teu fado:

« Sou das magas rainha : em corpo e alma
 « Mãi e filha a meu culto consagradas
 « Terão em paga-protecção de genios,
 « E dos encantos tenebroso ensino :
 « Vê se te agrada.

« Reflectir tentava

« Misera mãi, quando um vagido escuta,
 « Que sólta a filha a procurar-lhe os seios ;
 « Nubla-lhe a mente o padecer da prole,
 « E em pranto exclama :

« Decidi : sou tua !...

« Pallidos labios um sorriso enfeitada
 « Da Nebulosa : voa pelos ares
 « E não tem azas ; vai dançar nas ondas
 « E não se molha : brada como louca
 « —Inda mais duas !... —»

« E outra vez tornando

« A rocha negra, por mercê de encanto
 « Que hoje desnublo, d'entre as fibras rudes
 « Do sinistro penhasco vem surgindo
 « Vapor sulfureo, que envolvendo a fada
 « A nossos olhos pouco a pouco a esconde :
 « Da tempestade o genio obumbra a terra
 « Com as madeixas de nuvens crespas, negras
 « Pelo espaço e nos montes espargidas ;
 « Ruge o mar.... troa o céu.... e de repente
 « Radiosa, inflammada, qual se ardesse
 « Em chammadas toda, já desfeito o fumo,
 « Qu'inda a pouco a envolvera, a Nebulosa,
 « Como um astro resplende na ensejada,
 « Que luz ao fogo, que lh'escapa ao vulto :
 « Não pára.... vem de um vôo, onde a nós ambas
 « Estaticas deixára ; e em nossas fronteiras
 « Ardente beijo d'inflammados labios
 « Deixou cair, como centelha horrivel:
 « Depois aos ares torna: é metéoro
 « Que pelo espaço a navegar se mostra ;
 « Negras aves doudejam pelos ares
 « Sinistras a piar, gritos s'escutam,
 « Gemidos, vagam sombras espantosas
 « Monstros informes, nuvens se abalroam,
 « Pesada atmospherica e sulphureosa
 « Suffoca o mundo: escuta-se nos ares
 « Bramir trovões, a tempestade ruge,

« Rebenta o raio, dobra o mar as furias,
 « E a Nebulosa a desatar risadas
 « Longas, ruidosas, some-se... mas onde?...
 « Não pôde vê-lo minha mãe; e eu menos
 « Ainda creancinha... Eramos fadas.

XIV.

« Mudou nosso destino. Inopinada
 « Do espirito lucidez em nós fulgia;
 « Minha mãe desde então, e eu d'entro em pouco,
 « Mal dos vestidos infantis despi-me,
 « Pudemos sabias predizer futuros
 « Arcanos arrazar; eramos fadas:
 « Nada aprendemos e soubemos tudo:
 « Homens, mulheres consultar-nos vinham
 « Ao antro escuro: por conselhos magos
 « Pagavam oiro; tinhamos riquezas;
 « Dentro de nós porém o inferno estava:
 « Da Nebulosa aquelle fatal beijo
 « Foi do demonio em marca transformado:
 « Não vês na minha fronte a nodoa negra?...
 « Deixou-m'a o beijo della: é nodoa horrivel!...
 « Por sobre nos manchar o niveo rosto
 « Arde com fogo que alma nos devóra!
 « Enfeia... pesa... queima... oh! nunca a tenhas;
 « Nada pôde lavar-a: é um castigo
 « Do céo por sermos fadas. »

XV.

Tristemente

A douda curva dolorosa a fronte
 Onde entre lirios negrejava a nodoa
 Marca sinistra, que sellára o beijo
 De esconjurada maga.

Condoído

O Trovador seus males olvidava
 Ante a infeliz tomada de loucura;
 Muito se deixa a contemplal-a mudo;
 Por seus proprios pezares resequido
 Já consolar nem sabe!... em seu semblante
 A compaixão e a duvida fluctuando
 A misera percebe, e diz sorrindo:

XVI.

A DOUDA.

- « Douda me julgam?... tenho bem juízo !...
 « De mim duvidas?... cres, qua eu desvario?...
 « Escuta : eu nunca minto : a Nebulosa
 « Mora lá embaixo n'um palacio d'oiro
 « No fundo mar : é sua amiga a lua ;
 « Ambas se adoram ; não tens visto as vezes
 « Depois de navegar no mar do espaço
 « Plena lua entre as ondas mergulhar-se?...
 « Vão juntas pernoitar no fundo aliysmo
 « N'um céu d'encantos, que povoam fadas ;
 « Tem lá festins, banquetes, maravilhas,
 « Onde entro chammas, que não queimam, fulgem.
 « Oh que um dia tambem (breve elle chegue !)
 « Como fada que sou serei com ellas !...
 « Minha madrinha a Nebulosa o dice :
 « Sua dilecta sou , na extrema hora
 « Hade arrancar-me de assassinas vagas
 « E levar-me consigo ao céu das aguas ;
 « Com lirios do oceano, undosa espuma,
 « Virão lavar-me festivaes donzellas
 « Da frente a mancha do palacio a entrada ;
 « Dar-me-ha riquezas.... leito só de flôres....
 « Fulgentes vestes.... um — amor que falla
 « Irmãs galantes — homens lá não entram,
 « Nem tu, que és bello e pallido, como ella : —
 « Hei de aprender mysterios mais profundos ;
 « Virei dançar nas ondas sem molhar-me,
 « E sem asas voar por entre as nuvens.
 « Como serei formosa !... em minha frente
 « Não haverá mais nodoa : eu te prometto
 « Velar então por ti, se inda viveres.

O TROVADOR.

- Mal empregada fé, que a Deos só cabe
 Com vãos encantos, desvairando, perdes.
 Já viste por ventura a Nebulosa ?...

A DOUDA.

- Se a vi.. se a vejo?.. em toda a parte.. oh ! sempre!
 Vi-a primeira vez ao dar-me o beijo,

Ardente lava, que manchou-me a fronte ;
 Bem criança qu'eu era, e inda me lembro !
 (Força d'encanto, que a memoria exalta !)
 Belleza de anjo em fórmas impalpaveis,
 Vestidos cor de leite em corpo esquivo,
 Corpo aos olhos somente, ao tacto sombra
 Eis como a vi então ; depois mil vezes ;
 Mas só de noute a vejo, a sinto, a escuto :
 Quando aos labios do mar na arêa vires
 De algum ligeiro pé vestigios leves,
 Foi ella que passou : se lá no espaço
 Alguma nuvem branca vaga errante
 Em torno a lua, ou coroando os montes
 Vai ella nessa nuvem : se ouves perto
 O susurrar das desinquieta ondas
 Que ali se abraçam borbulhando espuma,
 E' ella que murmura : em toda parte,
 Em tudo e sempre a Nebulosa eu sinto ;
 No mar, no céu, no ar, na terra a vejo :
 E me falla tambem se em caso estranho
 Conselhos quero da primaz das fadas.

O TROVADOR.

« Como te falla então ? . . .

A DOUDA:

« Sempre escrevendo :

« Toma da lua um raio, e sobre as ondas

« Escreve muito tempo, e jámais erra.

O TROVADOR.

« Que idade tens ? . . .

A DOUDA:

Eu sou bem nova ainda :

« Se os annos como vós contar devesse,

« Vinte contára ; mas a nós as fadas

« Que importa a idade ? . . . somos sempre moças.

XVII.

Em silencio profundo ambos s'engolfam :

O Trovador medita, reflectindo

Em tantas graças, que a loucura perde ;

GUANABARA.

Enquanto a douda transportados elhos
 Esquece sobre um rosto, onde mil vezes
 Tem já corrido amargo pranto : ha fogo,
 Ha mais que affecto brando a desatar-se
 Naquelle olhar tão preso : ha como uma alma
 Que nos olhos se entorna, e delles foge
 Por encanto indisivel attrahida :
 A Nebulosa, e a lua já nem lembra ;
 Do coração transpira occulto arcano,
 Toda se perde ; mas do enlevo acorda
 Subita, ouvindo um suspirar anciado,
 Que escapa ao Trovador, e prompta falla
 Escondendo na voz o enleio d'alma.

XVIII.

A DOUDA.

« E a tua historia ? . . .

O TROVADOR.

« A minha historia é um livro,

« Que se não abre ás vistas dos humanos ;

« No meu peito o fechei, e ha de comigo

« No tumulto cerrar-se.

A DOUDA.

« E eu li teu livro,

« Se não completo até o meio ao menos ! . . .

« Sei muito já ; mas quero saber tudo.

O TROVADOR.

« Já viste um tigre, e penetraste um antro ? . . .

« O tigre é meu soffrer, o antro meu seio ;

« Ninguem os vio, nem os verá ; que eu vélo.

A DOUDA.

« Nem sei mentir, nem t'enganar pretendo :

« Uma palavra te resume a historia ;

« Posso dizel-a : vê, se o queres . . .

O TROVADOR.

« Dize-a.

XIX.

Com terno olhar cravado no mancebo
A infeliz murmurou : « *Jámais !* »

Tremendo

Com as mãos o Trovador os lábios cerra
Da pobre douda ; arqueja, desatina,
E clama enfim :

« Oh basta !. basta !. eu sinto,
« Que do demonio a mão no meu semblante
« Imprimio, como um sello, essa palavra !
« É como a nodoa, que te mancha a fronte,
« Da maldicção e do desprezo a marca !..

XX.

Emmudeceu depois ; curva a cabeça,
Roça-lhe o peito a barba, e meditando
Deixa-se largo espaço ; após mais calmo,
E mais triste tambem falla sentido.

O TROVADOR.

« Mulher, quem quer que és : douda ou pragueira
« Phrase de maldicção disseste a pouco :
« Quem t'a ensinou ?.. responde.

A DOUDA.

« E ao pensamento,
« Quando o banhas nos prantos do passado
« Jámais, ah dize ! minh'afflicta imagem
« Infante ou moça se mostrou sentada
« Desse rio de lagrimas a beira ? ..
« Nunca me viste ?.. nunca ?...

O TROVADOR.

« Sim : tres noites
« Já tenho ouvido a tua voz.

A DOUDA.

« Mais nada ?..

O TROVADOR.

« Onde podia eu ver-te ?....

GUANABARA.

A dôr transborda

D'alma da louca pelo rosto em ondas;
 Vem a seus labios do martyrio o riso;
 Sinistro riso, que é descrever da terra!
 Volta a cabeça e disfarçada enxuga
 Lagrima insana, que nem mysterio envolve
 E emfim tremendo; mas depressa falla.

A DOUDA.

« Porque resistes ?.. não me ouviste franca ?..
 « Teus pezares relata-me: consola
 « Vertêr a dôr em fonte dolorosa,
 « E um amor confiar, que nos tortura,
 « A quem o comprehende.

O TROVADOR.

« Pois tu amas ?!!!

A DOUDA.

« Qual é a vida que um amor não murcha ?...
 « Não ama a lua o sol ?... e a Nebulosa,
 « Que é rainha das fadas, não se dobra
 « Á lei, que rege os mundos ?.. — tambem amo.

O TROVADOR.

« E és infeliz ?...

A DOUDA.

« Escuta: já tens visto
 « Nas ondas do alto mar nauta perdido,
 « Que solta um grito, e não lhe acode um écho ?...
 « Já viste no deserto a flor que pende
 « Sobre a torrente que a despreza e foge ?...
 « Já ouviste o arrulhar de afflicta pomba,
 « Que solitaria geme ?... Já notaste,
 « Como ante um desengano uma esperança,
 « Vem aos beijos quebrar-se onda amorosa
 « Aos pés do rude e impavido rochedo ?...
 « Assim o meu amor !

O TROVADOR.

« E tu que és fada,
 « Que dos encantos a sciencia ostentas,

« Não descobriste ainda um philtro amigo,
 « Que no seio te afogue amor tão fero ?...

A DOUDA.

« Eu matar este amor ? !!! — Que mãe já pôde
 « O filho—que causou-lhe horriveis dores,
 « Que a desperta de noite, e a rouba ao somno,
 « Que quando soffre a faz soffrer em dobro,
 « E que depois ingrato a desampara,
 « Velhinha e pobre — despregar da alma?...
 « Oh !... quanto mais padoece mais o adora !...
 « Tal é amor : no coração se infiltra,
 « Mais se aprofunda, quando mais nos punge :
 « Com a vida se mistura... é nossa vida.
 « Quem se peja de amar, o mundo infama :
 « Ninguém pôde vencel-o : — é lei do eterno :
 « Curvam-se aos pés de amor as proprias fadas.

O TROVADOR.

« Oh !... não és douda, não ! — genio benigno
 « És, que para animar-me o céu me envia.
 « Orgulho de homem vão !... vergonha eu tinha
 « De um amor, que o desprezo envilecera ;
 « Stava em meu plano denegal-o ao mundo,
 « E comigo na campa adormecel-o.
 « Agora não, eu fallo : abriste as portas
 « De minh'alma : ouve pois meu impio fade.

XXI.

O TROVADOR.

« Atraz daquella verde-negra selva
 « Ha um formoso e pittoresco valle
 « Onde nasci no seio da abundancia.
 « Amavam-se meus pais, e o caro filho
 « Foi de ambos o enlevo : entre sorrisos
 « E amantes beijos despontou-me a infancia :
 « Guardavam-me consigo desvelados
 « Como mimosa flor, que ao sol se esconde.
 « Cresci longe do mundo, e a desejal-o,
 « Sonhando a vida em lisongeiro quadro
 « De arabescos brilhantes : na minh'alma

« Ardia o fogo, que alimenta o genio :
 « Amava a Deos, meus pais ; e a gloria insanna
 « Já de anhelante no meu peito arfava,
 « Veio a mão do infortunio desfechar-me
 « Primeiro golpe : a morte orphão tornou-me
 « E atravez do pranto olhando a terra.
 « Ao lado de uma dôr e ante um sepulchro
 « O mundo odiando vi-me preso ao mundo,
 « Vivi por minha mãe, meu pai chorando.

XXII.

« Vinte annos contava ; já não tinha
 « Olhar de pai, que imita a Providencia
 « Velando sobre mim : dias e noites
 « No meu futuro a reflectir gastava.
 « Por entre o pranto da viuvez mal pôde
 « Cuidar misera mãe no filho amado :
 « Uma tarde, a scismar, transponho a méta
 « De meus passeios ; subo um monte, e desço
 « A estranho valle ; de repente paro
 « Escutando uma voz, qual nunca ouvira ;
 « Oh que foi perdição ! . . . longiqua frauta
 « Na solidão saudades modulando
 « A horas mortas da noite ; harpa vibrada
 « Por déstras mãos da mais gentil donzella ;
 « Favonio a susurrar ; fonte escondida
 « Que murmura no bosquo . . . oh ! nada, nada,
 « Não são como essa voz : — cantava um anjo :
 « Amei . . . não soube a quem : se eu fóra cego,
 « Teria amado assim. Aproximei-me :
 « Vi . . . — nunca a vira ! — duvidei da terra
 « Da vigilia . . . e de mim ; mas nem foi sonho,
 « Nem me achava no céu ; era um prodigio ;
 « Era uma virgem de esplendor divino,
 « Um sorriso de Deos humanisado,
 « Que Deos mandára por milagre á terra.

XXIII.

« Em extasis fiquei ; immovel, mudo
 « Como ante uma visão : quando ao fugir-me
 « A incognita formosa, acordar pude,

« De joelhos me achei : — tinha-a adorado.
 « Desde então, qual novilho lastimoso,
 « Que vai sempre chorar tristes saudades
 « Onde morreu-lhe a mãe ; irresistivel
 « O coração levava-me a esse valle,
 « Em que perdera a paz : mas foi debalde!...
 « Ninguem concebe amor tão abrasado,
 « E um tão mal pago amor ninguem concebe!...
 « Quando nos olhos meus brilhavam chammas
 « Do vulcão, que no peito acceso estava,
 « Gêlo era ella, que apagava a esp'rança!
 « Quando, não mais conter o amor podendo,
 « Deixei-lhe ouvir primeiro ardente voto,
 « Primeira vez tambem—*Jámais*—me disse,
 « *Jámais*, que repetio-me após mil vezes!...
 « Fraco que fui!... em vão busquei vencer-me ;
 « Dobrava-me a paixão á má ventura,
 « Fiz-me dessa mulher misero escravo :
 « Beije a terra que seus pés calcavam ;
 « Cobri de flores o relvoso assento,
 « Em que pousava ; usei entalhar versos
 « Na molle casca d'arvore frondosa,
 « A cuja sombra sesteava : — embalde!...
 « Desfiz-me em novas, mais ardentes juras ;
 « Tirei dos olhos seus ardor e fogo
 « Para accender-me as phrases, ameigui-as
 « Depois com minhas lagrimas ; invocando
 « Deos e seus pais, e o rosto della mesma
 « Pedi-lho amor e fó ; mas sempre em balde!...
 « Ganhei sómente o gelo do silencio,
 « Ou um—*Jámais*—que trucidava em dobro.

XXIV.

« Este amor desgraçado imita a raiva ;
 « Derrama o desespero dentro d'alma.
 « Como louco vaguei... tinha no seio
 « Uma serpente o coração mordendo !
 « Da mais simples acção a alma faminta
 « Forjava uma esperança p'ra hom cedo
 « Frio gelo apagal-a : não dormia...
 « Morrer vinha-me a idéa... sempre em luta
 « Com esse amor fatal, da juventude
 « Murcharam rosas ; pallido tornei-me,

- « E emmagrecido pela dôr ; brilhava
 « Loucura, ou desespero nos meus olhos :
 « Espantador espectro fui fallar-lhe
 « Inda uma vez : era accusal-a mudo
 « Deixar-me vôr assim desfigurado
 « Inda no albor da vida tropeçando
 « Ao pé do tumulto já !... entristeceu-se ;
 « Animei-me... esperei... e a voz soltando
 « Pedi-lhe—amor e gratidão—e a barbara
 « Só respondeu : — *Jâmais !* — phrase sinistra !...
 « É a sentença que á irrisão me vota.

XXV.

- « Minha esperança em hora de loucura
 « Cahio dos pés de Deos no cahos do inferno.
 « Não longe, em fundo valle, e cava negra
 « Vendia philtros, e conselhos tredos
 « Astuta feiticeira : procurei-a ;
 « Entrei no antro, e contemplei a maga ;
 « Minha historia escutou ; depois anciado
 « Perguntei-lhe anhelante o que podia
 « Domar essa mulher, e amor ganhar-lhe :
 « Longo tempo seismou a feiticeira ;
 « E emfim erguendo a fronte disse — *loiros* —.

A DOUDA.

- « E viste alguém á entrada do antro escuro ?...

O TROVADOR.

- « Pobre mechina, que me ouviu chorando.

A DOUDA.

- « De que idade ?...

O TROVADOR.

- « Talvez tinha dous lustros.

A DOUDA.

- « Tinha-os, prosegue.

XXVI.

O TROVADOR.

- « Fé prestando á maga
 « Fugi ao ocio, e procurei batalhas.
 « Oh ! deixei minha mãe !.. enferma e velha
 « Filho ingrato olydei dever sagrado :
 « Falsa esperanza á ingratição levou-me.
 « O desespero me accendia o animo :
 « Nenhum mais bravo ; poucos tão ditosos
 « Houve como eu : a minha espada um raio
 « Aos inimigos foi : jámais vencido
 « Venci mil vezes : proclamou-me a fama
 « Heróe guerreiro : de trophéos coberto
 « Voltei garboso : da mulher, que amava,
 « Corri aos pés, depuz-lhe os da victoria
 « Immarceveis loiros : e em resposta,
 « Quando pedi-lhe amor—*Jámais!*—me disse.

XXVII.

- « De novo a maga exasperado busco ;
 « Lanço-lhe em rosto o perfido conselho :
 « — Loiros lhe trouxe ! brado-lhe ; e de balde,
 « Não tive amor ! que lhe trarei agora ?...— »
 « Torna a scismar a feiticeira astuta ;
 « E enfim erguendo a frente, disse—*cantos.*

A DOUDA.

- « E viste alguém á entrada do antro escuro ?...

O TROVADOR.

- « Pallida moça a contemplar-me absorta.

A DOUDA.

- « Quantos annos teria ?

O TROVADOR.

« Quinze.

A DOUDA.

É isso :

- « Prosegue ainda.

XXVIII.

O TROVADOR.

« Desprezei batalhas :
 « Trophéos, victorias, trovador tornei-me ;
 « Fiz troca de uma espada por uma harpa,
 « E esta me deu, o que me déra aquella ;
 « Gloria de trovador, ou de guerreiro
 « É sempre gloria, que deslumbra o mundo.
 « Meus hymnos pelos valles entornando
 « O nome de uma ingrata eternisava.
 « Annos cinco gastei cantando a bella,
 « E aquelles que me ouviam, commovidos
 « A bella e seu cantor abençoavam.
 « Voltei emfim, e as ternas harmonias
 « Fui depor, como outr'ora os nobres loiros,
 « Aos pés da cruel virgem : — docemente
 « Peço-lhe amor em paga de meus cantos, ¶
 « E ella ainda uma vez — *Jámais* — me disse.

XXIX.

« Loiros ganhados no jogar das vidas,
 « Cantos, perfumes d'alma, em vão gastára !...
 « Corro de novo á enganadora cava :
 « Ah !... já não vive a feiticeira insana !

A DOUDA.

« Mas ouviste uma voz no antro da maga ;
 « Quem te fallou não sabes ; mas ouviste :
 « — Trovador ! o teu mal não tem remedio ;
 « — Tu morrerás de amor... e alguém contigo. »

O TROVADOR.

« E essa voz ?...

A DOUDA.

« Era a minha.

O TROVADOR.

« E a feiticeira ?...

A DOUDA.

« Minha mãe, que foi ter com a Nebulosa,
 « E que as vezes vagando a par da lua,
 « Olha-me lá do céu.

O TROVADOR.

« Ah desgraçado !
 « E que eu não tenha mais uma esperança !..
 « Amor funesto — affecto-matricida
 « Que a minha mãe dez annos já me arrancas...
 « Oh minha pobre mãe ! vive ella ainda ? !...
 « Amor fatal ! vergonha ! opprobrio, e crime !...:
 « Devo vencer-te, e te obedeço escravo !...
 « Tanta franqueza me envilece... embora.
 « Eu quero ser amado: eu déra tudo
 « Por este amor: a gloria das batalhas,
 « Dos meus cantos a gloria; espada, e harpa;
 « Eu déra a minha vida, e até minh'alma.
 « Ouve, mulher: — ninguem te chame douda;
 « Não és douda, não és; — convém que sejas
 « Anjo ou fada para mim: inventa um philtro,
 « Dá-me este amor: em troco mil riquezas
 « Dou-te,—que as tenho—; não respondes?.. falla.

A DOUDA.

« Tu pedes-me esse amor?... a mim?.. tu mesmo?..
 « — Na fronte está me ardendo a nodoa negra !..
 « Marca de maldição... signal do inferno !!!

O TROVADOR.

« Inventa um philtro, ó teu quanto possuo.

A DOUDA.

« Tu pedes-me esse amor?.. a mim?.. tu mesmo?..
 « Sou reprobada de Deus ! sou feiticeira !...
 « Ave das trevas... votam-me ao demonio !...
 « É castigo do céu; porque sou fada.

O TROVADOR.

« E o philtro?... e o philtro?...

XXX.

A douda as mãos torcendo,
 Cabe de joelhos : correm-lhe dos olhos
 Não mais contidas lagrimas: murmura
 Com voz balbuciante.

« Eu cedo ao fado :
 « Na frente está me ardendo a nodoa negra !...
 « Sou reprobada de Deos ! sou feiticeira !

Emfim suffoca a dôr, no seio a encerra,
 P'ra o mancebo se volta, e lhe responde :

« Sobre teu mal fallei com a Nebulosa ;
 « Não tem remedio, que te prestem fadas ;
 « Nas ondas m'o escreveu, e ella não mente.
 « Mas um recurso resta ; fraco embora :
 « Vou tental-o por ti : — nada m'o paga,
 « Nem mesmo toda em oiro a natureza :
 « Quanto me custa elle não compr'endes,
 « Basta que o sintas eu, e Deos o saiba !
 « Irei fallar a essa mulher que adoras :
 « So a commover... melhor para nós ambos.

O TROVADOR.

« Sabes quem é ?...

A DOUDA.

« O que não sabem fadas ?...

O TROVADOR.

« Onde mora ?...

A DOUDA.

« Sei tudo : e antes da noite
 « Farei por ti, o que por mim não ousou.

XXXI.

Da douda aos pés o Trovador se atira ;
 Levanta-o ella, e diz-lhe tristemente :

A DOUDA.

- « Não te abaixes assim... nem mesmo ás fada.
« Só ante Deos um homem se ajoelha.
« Ao crepus'lo da tarde irei ao valle,
« Que tu bem sabes : fallarei com ella.
« Agora eu parto, — que nos foge a lua.
« Adeos !... — Desperta o — amor que falla — e ouve.

XXXII.

Arpeja o Trovador, enquanto a douda
Saltando no batel, maneja o remo,
E vai cortando o mar ao som de um canto.



NOTICIAS.

Por carta do Sr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, soubemos que estava a concluir o seu poema da Confederação dos Tamoyos, e que trabalhava no ultimo canto. É natural que esta grande composição do reformador da poesia brasileira soffra alguma suspensão com a morte da estimavel e virtuosa senhora que deu á luz tão abalizado poeta; mas esperamos que, passada a tormenta do coração, e mesmo como um lenitivo seguro, o Sr. Magalhães levará ao cabo mais esse monumento.

É assim, com o trabalho de muitos homens, com o seu amor pela patria, que as nações chegam a possuir uma litteratura, que a nossa ainda está muito verde: apenas começa agora a querer tomar os primeiros lineamentos de seu plano e seu character, e tarde se desenvolverá ou se caracterizará, porque marchamos lentamente na nossa organização social, sem o que não ha arte alguma que se enraize e dê fructos proprios.

Somos ainda colonos da França, e mais depressa queremos ler as impressões de qualquer dos seus proscriptos, ou um romance da sceptica, perigosa e talentosa Sand, do que o novo Dictionario do Alto Amazonas, ou a Revista do Instituto Historico.

Estão a sahir á luz as poesias da Sra. D. Beatriz, sobrinha da Marilia de Dirceo, e de que os nossos leitores já tiveram uma amostra, em confrontação com o Sr. Norberto.

O grande numero de assignaturas asseguram um exito feliz á respeitavel autora desses cantos, que as mais das vezes tem uma valentia varonil. A Sra. D. Beatriz pertence á escola italiana: foram sempre seus grandes modellos os poetas italianos, mórmente Guarini e Metastasio. Algumas de suas composições, que vimos manuscritas, tem o grande valor de revelarem a candura de sua alma n'um estylo fluente, e sem as escabrosidades e affectações de todos esses imitadores que vivem n'um monologo sem fim, e enchom um livro com o monotono eu, que, apesar de todos os artificios de uma modestia calculada, não deixam de enfastiar o leitor. O eu é toleravel nos grandes poetas, porque desses se colhe uma harmonia em cada gemido, um diamante em cada lagrima; e porque elles nos conduzem por trilhos variados, novos e circulados de melodias.

(FRAGMENTO DE UM POEMA)

SAGRES

..... Expira a tarde.
Do dia a imagem bolicosa e bella
Se clausura na mente contristada
Do victimado nauta: pesam n'alma
Quebradas illusões, mil desenganos;
E a triste realidade, e esse cadaver
Da esperanza, que rola entre os abysmos,
Onde a vida naufraga, onde se emergem
Os almos sonhos de um amor sublime.
Dilue seu coração, sua alma inteira
Na tacita vigilia; aos ceos eleva
Um tremendo protesto, um desses echos
Da voz da consciencia, que aniquila
Um rei, uma nação, e um se'lo inteiro!
Prometheo do oceano, encadeado
No seu throno de gloria, afronta a inveja
Dos verdugos roaes, que inda o veneram!

A fria noite, abrindo as fuscas azas,
De sombrio pallor cobria os mares;
Nas voragens do errante pensamento
A chusma divagava, construindo
Seu risonho porvir, ou debellando
Sinistras legiões de maus presagios.
Na parte opposta ao vespero luzeiro,
Do tranquillo oceano um ponto se ergue,
E avulta ao velejar; qual nos desertos
Do mystico oriente, ao trote assiduo
Do robusto camello, surge e achega-se
A tenda esguia do Agareno errante.

Terra; terra, bradaram! Sagres, Sagres!
 No concavo da náu Sagres reboa
 Com festiva celeuma. D'improviso,
 Tripulam-se as enxarcias e as antenas:
 Dos sequiosos olhos voam, partem
 A' terra amiga as abatidas almas;
 Reverdece nos animos quebrados
 O fogo juvenil; canções deslembram
 Do passado infortunio as horas lugubres;
 Pelo dia affanoso, que esmorece,
 Clama o soffrego moço, e o velho nauta,
 Que teme a noite não lhe roube a terra,
 A terra desejada, onde fulguram
 Com a imagem da patria amor, delicias.

« Sagres! o promontorio em cujo cimo
 « O astrolabio nasceo nas mãos de Henrique,
 « E d'onde balisara a mão augusta
 « No ceo a estrada, que sonhou Necháó,
 « Sataspes e Hannon! Salve, atalaia
 « Que o mar esclareceo, banindo as trevas
 « Da passada rudeza, e a cujo lume
 « Foi Dias conquistar o cabo horrendo,
 « E o luso pavilhão plantar ovante
 « Na rocha inculta, e nas douradas margens,
 « Onde a impura Carthago, a undosa Tyro,
 « Não ousaram roçar c'o pensamento!
 « Bello Sagres, sorriso da esperanza,
 « Cuidei não mais beijar-te as plantas humidas
 « Com os labios desta alma, repassada
 « De estranhas agonias Sou teu filho,
 « Como filho do mar; pertenco á raça
 « Que em teus flancos sentou-se, e do universo
 « Medio a redondeza, o disse ao homem:
 « O mar é teu escravo, parte, e vence-o!
 « E o tumido oceano arfando em venias
 « Veio humilde lamber-te a falda antiga,
 « E volvendo captivo a novos climas,
 « Foi solemne bradando:—gloria ao Luso;
 « Eterna vassalagem, sim, eterna,—
 « Como a gloria que tenho, a que remata
 « O evo extremo da guerreira idade.
 « O sol da humanidade, ah! não eclypsas
 « Tenebroso Fernando! . . . hei de vencer-te.

Assim tranquillo o algemado nauta
 No convez murmurou, fitando a terra,
 Este breve discurso ; e ao céu volvendo
 Os olhos macerados, vio no espaço
 Pleitearem dous mundos, e o do século
 Ingrato succumbir ! e retinindo
 As cadêas que os pulsos lhe magoavam
 Sentio relampear na fronte heroica
 Despeito senhoril ao mundo iniquo,
 Que ebrio de amor n'um dia, no outro de odios,
 Morde a mão que o levanta, ou beija o ferro,
 Que as entranhas lhe rasga e despedaça !

No vitreo ralo da ampolheta horaria
 Coou-se o bago extremo : impera a noite :
 Os lepidos prazeres se retrahem
 Na urna do silencio ; os quartos mudam-se ;
 E o piloto fiel, soando o bronze,
 Toca a hora das preces. Ajoelhados,
 Devotas litanias cadenceiam :
 Como um orgão sagrado e fluctuante
 Troa na immensidade a não harmonica :
 Ascetico perfume se desprende,
 Que sóbe como a nuvem perfumada
 De thuricremas aras junto ás métas,
 Onde o corpo não lucta, onde a esperança
 Os anhelos extrema e se eternisa.

Apenas dito—amen—Colombo havia
 No curvo tombadilho, se alça, e rola
 A vista arguta nos sombrios longes,
 Onde frouxo arrebol, em mortecores,
 Rutila ainda o funeral do dia ;
 E os olhos presos no azulado ponto
 Que do mar se levanta, vê, contempla,
 No céu cruzarem pardacentas nuvens
 Com estranha apparencia, e de seu bojo
 Crepitarem phosphoricos luzeiros :
 No livro ethereo do celeste oraculo,
 O lume escreve e propicia eventos !

Ao relento dos céu abranda as magoas,
 Que o relento do céu roborá n'alma

A voz da consciencia. Singra a nave
 Seu curso magestoso, a terra avança
 Ao lampo do clarão ; mas em seus olhos
 Bafeja-lhe o horizonte mil presagios ;
 Secreto lume na propecta mente
 Tumultua receios ! Sobre o monte
 Que ao perto avulta e se recorta em fogo,
 Turva massa se apruma e se agglomera,
 Tallhada por fuzis. No azul celeste,
 Que a nave cobre, e nas estrellas limpidas.
 Fulgura amiga-paz ! O lenho voa :
 Geme a brisa galerna, o mar se c'roa
 De ephmeros jasmims, de alva ardentia ;
 Propicio civiar soa o maçame ;
 Na proa e n'amurada se revezam
 Festivas barcarolas, grato annuncio
 Do proximo sorrir, que aguarda a todos.
 Nunca a nossa alma no seu gremio acolhe
 Os fervidos desejos com mais ancia
 Do que quando antevê segura e leda
 Na aurora que ha de vir uma esperança.

E elle ? elle sómente, arcando um mundo
 Que havia engrandecido, e que o persegue !

No mystico horisonte cresce a terra,
 Que á nave manda o murmurar das praias ;
 Rola um surdo trovão, se ergue a moutanha,
 Os olhos toma, e no alpestre flanco
 Fugazes lumes revezados gyram.

Entre espadas de fogo, que brandindo
 Vão no abysmo da noite sepultar-se
 Com horrido estampido, um antro se abre
 De ardentes nuvens, recortados cimbres
 Que no céu se mergulham, se submergem !
 Do lucido poial fervendo descem
 Catadupas de luz, caudaes torrentes
 Ao mar, que as bebe, e luminoso fica !
 A tanto lume resistir não podem
 Do Nauta os olhos, onde a febre d'alma
 Seccara o pranto e o vicoso esmalte.

Em seus olhos se engasta a noite homérica !

Edypo errante titubea os passos,
 Co' as tremulas phalanges busca a nave,
 E a nave desaparece ! Um ponto apenas
 O segura no mundo, e esse vacilla !
 Abre os olhos, tatea estremecendo,
 Em vão a luz invoca : tudo é nevoa !
 Em vão colher intenta a imagem lucida
 Que ha pouco o deslumbrara: a noite o cerca,
 E a ôca esphera que do mundo o aparta,
 E o sepulta n'um limbo amarguroso.

Intenta blasphemar, mas em seus labios
 A voz se congelou; que mão celeste
 Nos labios do christão refrange as iras.
 Parou, tremeu de horror; logo constricto,
 Expontanea oblação fez de seus males:
 « Aceito, ó Deos Supremo, este castigo
 « A tão grande soberba, sim, quebrai-me
 « Tanto orgulho infundado. Calmo aceito
 « O naufragio de um mundo, a noite horrenda
 « Que me aguarda p'ra sempre; estou tranquillo.
 « Não queria offender-te; foi a carne,
 « A carne peccadora, que surgio
 « Entre a fé e meus labios carregando,
 « E a balança pendeo ! Eis o teu servo.

E n'isto se ajoelha, ao ceo sorrindo,
 E sorrindo ficou, que a lactea nevoa,
 Que o cegara, se abria e contornava
 Luminosos espectros, vagas sombras,
 Que exprimem coisas, que precisam formas,
 Que á vista fallam, e a razão apalpa.
 Electrico prazer lhe abala o todo,
 Sente a vida nos olhos, sente o mundo
 Nas pupillas, alegre, renascer-lhe!

Bem como o viajor perdido no antro
 De antiga mina, tortuosa, infinda,
 Cançado do extravio, vê no archote
 Cousumida a esperança que o guiava,
 E os dedos lhe une p'ra nutrir a flamma,
 Que a vida, entre gemidos, lhe prolongue
 Cahe delirando e na fragosa abobada
 Bate co'a fronte e pelo dia clama

E nos echos da noite sente a morte
 Famelica troando os largos passos,
 Co' a mão algente lhe irriçar a coma,
 Gelar-lhe o coração; e quando exanime
 Vai a morte abraçar... ouve passadas,
 Uma voz que o reclama, e sobre a abobada,
 Que de sangue tingira, a luz girando,
 E sombra humana a divagar nos antros!...
 Se ergue e abraça o ostensor da vida,
 O guia salvador; assim o Nauta
 Jubiloso ficou, quando sentira
 Banhar-lhe a face a luminosa vida.

Sobre um throno armillar, em pé, e armado,
 Augusto nume, com a mão na espada,
 Soberano o contempla! Em lettras hélias
 O — *Talent de bien faire* — se lia no alto
 Do luzente espaldar. Lumes profundos,
 Que dous soes no horizonte representam,
 Fita em Colombo, com amigo indicio:
 Transluzem fados, e o porvir arcano
 No orbivago pensar; ha nelle um deus,
 Maravilha celeste!

Nas espadoas,
 Da brilhante armadura resplandece
 Mystica rosa, que perfuma as quinas
 E a cruz da ordem vencedora do orbe.
 A dupla c'roa do valor, do engenho,
 Na fronte ostenta, que á sua alma o throno
 Era pobre e mesquinho: ella houve um Orbe!
 Sorriu-se magestosa, e para o Nauta
 Que atonito a venera, assim discorre:

A LARVA:

- « Não te pejem, Colombo, essas cadêas :
 « Como os ferros de Agrippa são, que outr'ora
 « Em ouro se mudaram, quando Roma
 « Viu as iras de um monstro se annullarem
 « Por um monstro maior Um throno, um sceptro,
 « A voz de cem nações em côro erguidas,
 « Tua gloria não valem : nega o fado
 « A' terra um premio justo a tal empreza :
 « Que o mundo e a ingravidão juntos nasceram.

E a sua voz sonora pelos mares,
 Com magia não vista se estendendo,
 No polo retumbou : era o concertto
 De um raio que atravessa as cordas de ouro
 De harpa que exhalça magestosos threnos !

COLOMBO :

« Quem és tu, que transpões co' a voz celeste
 « Minha alma das prisoes iniquas do homem,
 « E a collocas no edenico futuro
 « Da risonha esperanza ? ! . . .

A LARVA :

« Eu sou aquelle
 « Infante lusitano, que sentado
 « No alto Sagres medi a redondeza,
 « Que Hipparco e Ptolomeu desconheceram ;
 « Sou eu aquelle principe afamado
 « Que os astros acclamaram Rei dos mares ;
 « Que oito lustros velei, e com meu genio
 « A Europa engrandeci ! A Mauritania
 « Assás me conheceu, quando o primeiro
 « Dos lusos conculquei-a, batalhando
 « Pelas quinas fieis. Ergui a patria,
 « Dilatei-a com gloria; vi Lisboa
 « Metropole da terra, leis impondo
 « A eburnea Guiné, ao frugal Numida,
 « E ao fero Alarve que o deserto anima !
 « Afras correntes, euros, tempestades,
 « O mortal harmatão, raças inhospitas,
 « Tudo, tudo venci. Abri do seculo,
 « Que ora fechas, a pagina estupenda.
 « E' nossa a eternidade, em quanto os mares
 « Cruzar a raça humana, em quanto a terra
 « Fôr mãe e sepultura; em quanto os astros
 « A fronte de Adonai abrilhantarem.

« Baldado intento se erguerá n'um dia
 « Pra Nigricia roubar-me : o tempo assella
 « A verdade e a gloria ! Ahi o luso
 « Foi ao berço do Nylo, e nos desertos,
 « Outr'ora mares, florear as quinas,
 « E plantal-as no tope do Tagrino,
 « Que a mente antiga, em nebulosas crenças,

« De unipedes Sciópedes, de monstros
 « Povoara. Fui eu que a cruz sagrada
 « Primeiro transplantei á gleba idolatra,
 « E fiz á espada lusa Islam curvar-se ;
 « E o tosco Manipaço arder em cinzas
 « Ante o rude africano escravizado!

« O tímido oceano ás lusas quinas
 « Como um leão vencido atei ovante.
 « A' minha voz, no mundo, estremeceo
 « O Olympo tenebroso; a deosa impura,
 « Que pleitea no chaos do inferno a causa,
 « O babaro deixou. Ao meu aceno
 « As métas fabulosas do oceano
 « Cahiram, como ao som da tuba os muros
 « Da cidade c'roda de palmeiras.
 « Bati co' as lusas proas nas cancellas
 « Do rubido oriente, abri-lhe as portas
 « Pelo medo selladas, venci crenças,
 « Jungi a humanidade pavorosa
 « Ao carro do meu genio, e desvendei-a.
 « Liguei do Gange a foz ao Tejo aurífero,
 « As raias desloquei da extrema Thule,
 « E fiz da terra um povo, uma só patria.

« Rompi do Bucentauro a proa altiva,
 « E o Doge desthroniei: no abysmo equoreo
 « Minha croa se assenta, mais famosa,
 « Maior, — igual á zona do oceano, —
 « Que o anel conjugal d'essa princeza,
 « Marmorea Venus, que do mar surgio
 « Pelo genio das artes. No horizonte
 « Da vária humanidade assoma o dia,
 « O dia creador de outro universo.
 « Do livro humanitario eis o prefacio!
 « Que a obra é toda nossa: o mar entoa
 « O canto triumphal; fuge a serpente,
 « E as selvas brotam da raiz longeva
 « Aos ceos erguidos campanarios de ouro.

« D'esse mundo que é teu, e que te invejam,
 « Novas Romas virão, novas Sidonias,
 « A terra abrilhantar, quando caducos
 « Cem thronos se esb'roarem, quando as hostes

« De ferro baquearem. Novo Lazaro
 « Do sepulchro das eras vai erguer-se,
 « E sobre a esphinge alada em que ora vogas
 « Os mares singrará; mas de meus filhos,
 « E da raça britana, o mundo um dia
 « Ha de leis receber, curvar-se ao mando!
 « Nos bulcoens do porvir esse orbe immenso
 « Começa a fulgurar, e ao lume insolito
 « Da sua apparição se achana a imagem
 « Do orgulhoso passado. Ah! não esperes
 « Que a minha e tua obra agora vençam,
 « Rompendo as fachas da infantil rudeza:
 « A passo lento a humanidade estrada
 « A via triumphal: a idade nova
 « Virá, quando por nós fallar nas praças,
 « Pela mão creadora de mil vates,
 « O bronze, e nossa gloria álem dos mares
 « Exornar-se na lyra do colono.
 « Não esperes d'ElRei al que o silencio.

E a larva rutilando os vivos olhos
 O espaço abrilhantou. Com nobre gesto
 Acena, e d'improviso pelas nuvens
 Transluziram mil larvas, recompondo
 A nautica epopéa: era o passado
 Surgido do sepulchro; era o futuro
 Sorrindo no seu berço; era o destino
 Rompendo a nuvem do celeste arcano.

A LARVA :

« Eis Pitheas, o grego, reluctando
 « No oceano inflammado, e a vida a gloria,
 « Abraçado e'um lenho, submergindo.
 « Vê Zarco e Pelestrello, Vaz, os prístinos
 « Vencedores do mar; eis Gillianes,
 « Que o fusco Bojador venceu, talhando
 « As correntes mortaes de suas aguas.
 « Alli vez sobre a rocha negra, infausta,
 « Circulado dos euros implacaveis,
 « O grão Bartholomeu, Moysés dos mares,
 « Atar á lusa prôa da nova Argos
 « O fero Adamastor! Contempla o Gama
 « Vingando o cabo tormentorio, e ouvindo

« Tantos reis genuflexos tributarem
 « Ao luso pavilhão preto, homenagem !
 E o Nauta os contemplou venerabundo !
 Co' a vista ousada, co' a inflammada mente
 Velejou pelos ares, viu nos longes
 D'Azia o vulto antigo e grandioso
 Curvar a fronte magestosa, e d'Africa
 O deserto se erguer humilde e escravo ;
 E além dos mares, tremulando as quinas,
 Essa filha do sol, a terra ingrata
 Onde os ferros achou da desventura.

A LARVA :

« Eis tu mesmo, Colombo, vê teus ferros,
 « E os ciosos Pinsoens, e o florentino,
 « Que te usurpa um direito, e dá seu nome
 « Á nova terra ?

COLOMBO :

« Não mereço tanto !
 « Se a culpa é grande, foi maior o intento,
 « Intento grandioso ! Não, não póde
 « Das mãos de um anjo rebentar o inferno !
 « Sou a chave do arcano, abri ao tempo
 « Os thesouros de Deos, e o tempo ás iras
 « Me atirou da cubiça : a iniquidade
 « E' do homem, que Deos premeia o justo.
 « Sim, ó grande infante, ó grande Henrique . . .

Mal disse o nome, se fechou a nuvem !
 Lacera-se o bulcão na immensidade,
 Luzem os astros, e a visão prophetica
 Só na mente do Nauta transparece
 Sob as azas da phenix da moemria.

Porto-Alegre.



THEATRO PROVISORIO.

AS ARTES E O PUBLICO.

Ao publico, á plateia, só pertence da vida dos artistas aquella hora solemne em que o panno sobe, e apparece o cantor para executar a sua arte; á plateia só pertence essa hora da vida do homem, ou da mulher, que comparece debaixo de um trage muito differente d'aquelle que usa no exercicio da sua vida privada: cantou mal, reprove-se; cantou bem, applauda-se.

O Publico que se torna juiz da vida domestica dos artistas, e que quer impôr a variedade infinita dos seus desejos ao coração caprichoso dos artistas, perde na lucta: os artistas fogem d'elle, porque elle não os sabe educar:—é um juiz parcial, variavel, e perigoso a todo o momento.

E' um mau uso da razão humana o accreditar-se na necessidade de um Pasquino em todas as cidades, para que este não deixe uma reputação intacta; e muito mais pernicioso é para o publico, quando o Artista se converte em Sixto 5.º e esmaga esse Pasquino, ou corta a lingua áquelle que ousa invadir o sanctuario que deve respeitar. Não ha nada de commum entre as negociações pecuniarias dos Artistas e a plateia; os Artistas variam de preço, e a plateia já sabe qual é o seu.

Em todos os theatros ha sempre um grande combate entre a administração e os artistas: a Administração é a representante do positivo concreto, é a motora principal d'essa machina, que tende a materialisar essas creaturas, que Deus formou com tanta sensibilidade, e com um temperamento bem differente do d'aquelle homem que creou a *sublime sciencia* das partidas dobradas, e situou a humanidade entre as duas paginas que contém o DEVE e HADE HAVER!

De mais, ha homens, e muitos homens no nosso paiz, que pensam, que vale mais um decreto da terra que um decreto do ceo; e que o simples facto de uma posição precaria lhes dá direito para mal tratarem aquelles que adquiriram uma posição gloriosa, e que nasceram nobres por um decreto da Divina Providencia. E que caso pode merecer um individuo que não foi educado para tratar com Artistas? E' o de um fanqueiro millionario no meio de uma sociedade de diplomatas; é o de um marinheiro no meio da côrte, ou de um casquilho arrebicado entre guerreiros.

O mal não está nos Artistas, não está n'esse batalhão, que conhece a disciplina:

perfeitamente, quando tem chefes, e quando estes sabem o dialecto das artes, e as conveniencias inter-theatraes que são mais complicadas do que se pensa.

Para dirigir um theatro é necessario intelligencia, energia, e conhecimentos das artes que ali se adunam, e não somente o DEVE e HADE HAVER.

O que é, para o espirito profano de um banqueiro, uma bolinha preta com um risco no meio de cinco linhas parallelas, e esta bolinha la mais acima, com um pontinho ao lado, se este banqueiro não sabe o que aquillo quer dizer?! O que é, para um homem de cifras, um bastidor, ou um panno, com quatro borroens, se elle não distingue um capitel de uma base, ou uma maçaneta de um busto, e se este arithmetico não sabe o que aquillo quer dizer?!

E' que a alma de Manoel Luiz, ainda erra por entre os bastidores e escriptorios dos nossos theatros; é que os *Jacobirês* ainda servem de *Leoens*, é que ainda a *salla de Mackbot* serve para *Bondelmonte*, é que a *Inglaterra* ainda se confunde com a *Italia*, a *Hespanha* com *Babylonia*, e as cordas de uma *lyra celeste* com as do machete do *catirité*.

Sejamos sinceros: os bons officiaes sempre fizeram os bons exercitos, e é com elles que se vencem as batalhas: o numero não é superior á qualidade.

A nossa época grita: sem dinheiro não se pode fazer nada, e nós gritaremos: sem homens nada se pode fazer. O dinheiro não é que converte uma pedra n'uma estatua, mas sim o homem de talento; e se não houver este homem, não se fará a estatua, haja o dinheiro que houver. Este erro pernicioso de uma época, como a nossa, é a causa de estarmos gastando rios de ouro, sem ficarmos com um theatro, e sem termos um artista.

A maneira de ver do nosso governo, quando penetra no mundo das artes, é quasi sempre errada; porque confunde a entidade politica com a entidade artistica, e por uma allucinação perdoavel, pensa que estes elementos tem alguma afinidade pratica, e que podem servir um ao outro. Engana-se: as artes so entram no dominio da grande politica humanitaria, generosa e civilisadora: a sua vida está na esphera do idealismo, a sua existencia social no codigo da gloria, e as suas recompensas no coração de todo o publico; as artes são de todos os partidos, assim como os Artistas são de todos os matizes politicos que os empregam, que os animam, e que os favorecem: é uma raça, a raça artistica, que não é devidamente apreciada nas naçoens pouco civilisadas, porque estas naçoens não sabem ainda bem classificar os homens, e fazer d'elles a devida applicação.

Para se exercer uma arte, e eleva-la ao maior grau de perfeição possivel, é preciso applicar toda a força de uma intelligencia robusta, sem nunca parar, e que o Artista tenha na sociedade geral, e no Governo, e no Publico que o contempla, uma segurança, uma esperança infallivel de recompensa. Sem isto nada se obtem.

Athenas era uma cidade menor que o Rio de Janeiro, no seculo de Pericles, e deu ao mundo o que o mundo sabe e aprecia. Existiram no passado naçoens muito mais volumosas do que aquella que habitava o Peloponeso; e porque essas naçoens não influiram nos destinos futuros da humanidade como a Grecia? Porque ellas não povoaram o firmamento com os seus deoses, e não alliam a existencia eterna dos astros com a existencia das suas crenças; porque ellas não cultivaram o

bello, porque não procuraram a verdade, e porque não apreciavam os obreiros da perfectibilidade. Se a Biblia, independente da sciencia revelada, não contivesse a verdade ataviada com a belleza, a sua influencia sobre os destinos da humanidade seria menor, e não teria dominado a terra toda; pois que o Islamismo la tem as suas mais bellas raizes.

As artes no Brasil ainda não tem raizes: são plantas parasitas, que vegetam n'uma ou n'outra vergontea do tronco social. Amamos a Musica, e deixamos morrer ao desamparo o Conservatorio; queremos a Pintura historica, e não pedimos aos pintores uma pagina da nossa historia; queremos a esculptura, e não encomendamos uma estatua para uma praça publica; fallamos em gloria, e não sabemos glorificar as nossas summidades; queremos ter uma historia, e desprezamos a memoria dos homens que a fizeram: não temos amor ao tumulo, não respeitamos o passado, não somos gratos para com os nossos maiores, e queremos hoje pagar cantores como a Europa de hoje, sem haver uma lapida honrosa para uma gloria da patria, sem ter um cenothaphio, um tumulo, uma estatua para com estes incentivos promover o amor da gloria.

Se em Sancta Cruz de Florença não houvesse uma memoria a Gallileo, a Lanzi, a Miguel Angelo e ao Dante, certamente que Alfieri não sentiria o amor da gloria, como elle mesmo o disse.

As nações ricas de homens tem levantado estatuas a individuos que fizeram menos que o Sr. D. Pedro 1.^o, José Bonifacio, Durão, Caldas, Velloso, Cayrú, Maricá, Mena Barreto, José Mauricio, S. Carlos, e sobre tudo aos nossos antigos, como Cabral, Mem de Sa, e seu descendente Salvador, Vieira, Camarão, Henrique Dias, o Padre Antonio Vieira, Anchieta, Bobadella, os dous Gusmãos, e outros muitos, que tanto fizeram pela patria e que tanto merecem pelos seus serviços locaes, e pelos seus serviços civilisadores, como acontece aos sabios, aos escriptores, e aos artistas, que so morrem para a familia, e nunca para a nação, que continúa a ouvil-os e a ser por elles instruidos.

Quereis poetas? E o que tendes para dar ao poeta que embelleza o que vê, e immortalisa o que canta? Quereis sabios? E o que tendes para recompensar os seus trabalhos? — Um ordenado mesquinho, que não chega para as necessidades materiaes; uma indiferença para com o resultado de suas lucubraçoens; e uma lei occulta, que o obriga a pedir como graça o que lhe é devido, e a mendigar um soccorro que devia ir procural-o?

Quereis uma litteratura? O que tendes feito para animal-a, e o que preparais para os litteratos?

Quereis que digamos que tudo está bom, que vamos bem, que somos um povo normal, que amamos a verdade, e que vamos ás mil maravilhas?

Não o podemos fazer, porque não é essa a vossa crença.

Os factos desmentiriam todas essas imaginarias exigencias: hoje só ha uma virtude; hoje só ha um serviço real: a virtude é o dinheiro, e o serviço é o das eleições. Com o dinheiro se multiplica o tempo, se resumem serviços, e se conquista o lugar dos benemeritos; e com uma agilidade eleitoral, salta-se por cima de vinte annos de serviços, de perigos de vida, de privações, de zelo não interrompido. E

para o que? Para praticamente se demonstrar que o individuo está acima da patria, e que a patria é uma ficção, e nescios os que com ella se abraçam.

Com taes exemplos nas jerarchias superiores, e com as pateadas acintosas de um publico que confunde o artista com o homem, e actor com o individuo, o que se poderá colher? Nada.

Sejamos sinceros, e digamos: —*peccavi*— e mudemos a direcção do nosso espirito, já alguma cousa disposto para isso, pois ha um partido salvador que se levanta no meio dos partidos politicos de todas as côres: vamos ao real, ao verdadeiro progresso, que é o de nacionalisar as artes, e de promover a propriedade material.

O Snr. Magalhães e o Snr. Ireneo são dous homens civilisadores: A confederação dos Tamoyos, e a estrada de ferro da Estrella hão de dar fructo; mas para que este fructo seja productivo e salutar é necessario que nós digamos a estes dous Brasileiros: —não fiquem ahi,—e que se lhes pague á boca do cofre, e mais generosamente do que a um cabalista.

O Brasileiro que plantar a Opera no seu paiz, e fizer della um fructo nacional, venceo uma batalha, fez uma conquista, e merece o premio de vencedor: os combates de uma época contra uma grande porção da mesma época, que retrata um máu passado, são victorias civilisadoras, são conquistas perduraveis, se a nação onde se agitam essas pelepas sabe remunerar taes serviços: a mina inesgotavel da maior riqueza humana está nas recompensas do presente, nos exemplos que se dão aos meninos que andam brincando, e que hão de crescer á sombra desses mesmos exemplos.

Os espiritos, que consideram a civilisação como um arcaz dividido em gavetas separadas, onde estão isolados todos os elementos dessa mesma civilisação, dirão que confundimos alhos com bugalhos, e que a proposito de M.^{me} Stoltz, de uma cantora, trazemos á luz a estatua do fundador do imperio, a poesia, e a canonisação nacional do apostolo Anchieta; mas aquelles que consideram todos os factos nacionaes como letras do grande alphabeto civilisador, estão do nosso lado; porque elles sabem traduzir um Ireneo e um Magalhães como dous versos dessa epopéa progressiva, que narra a vida gloriosa das nações.

16 de outubro de 1852.



N'UM ALBUM.

No bello das fórmas,
No gentil frescor,
Na graça innocente
És qual linda flor.

A flor não resiste
Ao rijo tufão;
A' tarde eil-a murcha,
Jazendo no chão.

Fugindo-lhe o viço,
Nem tudo a deixou:
Levanta-a, que ainda
O aroma guardou.

Assim quando o tempo
Te vier demudar,
As tuas virtudes
Não pode roubar;

Que um peito modesto
E singelo — admiro;
Nas virgens formosas
Se o vejo, — supiro.

Qual per'la do orvalho
No calix da flor,
Eu vejo em teu seio
A flamma de amor.

MAIS UM LIVRO BOM.

À bondade dos herdeiros do finado José Eloy Ottoni, e aos cuidados e zelo do Snr. Conego e Padre Mestre Fernandes Pinheiro, devemos a multiplicação do livro de Job, vertido por aquelle poeta tão conhecido, e que mereceu os elogios de um Sampaio, de um Januario, e que foi considerado, na ordem dos poetas asceticos, como um digno successor do nosso Caldas.

Como signal de progresso litterario, o livro posthumo não veio só, e nem o nome do seu autor, como um ponto no espaço que demanda projectar-se em uma superficie: veio esse livro admiravel acompanhado de uma introdução, feita pelo seu illustre editor; de uma biographia pelo Snr. Theophilo Benedito Ottoni, e de um prefacio colhido nas paginas de Mr. de Genoude.

A introdução contém idéias luminosas, e resumbra no seu todo a maior virtude do cidadão: o amor da patria; e a biographia é um quadro exemplar das privações e preterições que soffreo um homem de tanto merito, a quem uma modestia anachronica reteve sempre no segundo plano do pavimento social: o poeta que se abraça com Job, e que se torna um echo das suas vozes, não sabe pedir o salario antes do trabalho, nem exigir o premio antes da victoria. Faltou sempre ao grande merito de José Eloy Ottoni uma virtude que muita gente tem, sem possuir os seus talentos e as suas virtudes privadas: mas raras vezes se alia a audacia aos merito, e muito menos ao merito do homem de uma natureza ascetica.

O livro de Job é um melhores mestres que possui a humanidade para ensinar a supportar com resignação a desgraça; é um livro inspirado para fortificar o coração e tornal-o vencedor nos combates da vida; e além de tão preciosa utilidade, é ainda um dos melhores modelos da poesia antiga. Homero e Job são dous grandes principes do mundo do idealismo, e os dous soberanos que representam a crença que foi, e a crença que existe.

Miguel Angelo dizia que, para a formação de um grande artista, bastavam duas obras da antiguidade!—Fechem, dizia elle, em uma sala um moço, e dem-lhe cera e barro, e o Gladiador Borghez ou o Tronco do Belvedere, que em seis annos ou sete tereis um grande esculptor;—e Chateaubriand, o autor dos Martyres, só concedia ao poeta, que desejava ser poeta, a Biblia e Homero, que elle considerava como os dous grandes rios da fertilidade, como os grandes e inesgotaveis mananciaes para a educação dos seres predestinados para a melodia metrica.

O livro de Job foi dedicado pelo seu editor ao Exm.º Snr. D. Manoel Joaquim da

Silveira, Bispo do Maranhão, um dos varões mais nobres da geração actual: louvamos a respeitosa gratidão do discípulo para com o mestre, e louvamos a escolha do livro dedicado a um Padre tão abalisado nas letras sagradas e profanas: cabe-lhe admiravelmente a offerta de um livro, já por elle tão apreciado desde a sua infancia litteraria.

E' um serviço real que o Snr. Conego Pinheiro quiz juntar aos outros que já tem feito ás letras patrias; e este livro nos servirá de um padrão de recordações amigaveis, de um grato lenitivo para mitigarmos as saudades que nos deixa com a sua proxima ausencia. O sobrinho do Visconde de S. Leopoldo não quer desmentir a sua origem, pois parte em breve para Roma em busca do grande complemento scientifico que lhe nega o seu paiz.

O nosso virtuoso e muito illustrado Prelado, o Snr. D. Manoel, Bispo Capellão Mór, deve achar uma recompensa satisfactoria nos resultados que apresenta o seu protegido: a sua expontanea protecção e amizade para com o Snr. Conego Pinheiro é um alto documento de videncia, e dessa rara penetração que forma a grande sciencia dos homens que governam: o ver em um moço um homem, é o maior talento dos principes.

Que Deos acompanhe o estudioso peregrino á terra das letras sagradas, e que elle o ampare sempre com uma saude robusta; porque o resto está encerrado em sua alma bem formada.

Pediremos uma cousa ao nosso viajante. Quando, na Cidade Eterna, se achar na Capella Sixtina, diante das creações de Miguel Angelo Buonaroti, e quando ahi ouvir na semana Santa esses threnos sagrados voarem sobre as asas da harmonia e concutirem a voz dos Anjos; quando ouvir esse Miserere que desceo do céu; quando penetrar nessa epopéa plastica da antiguidade, escripta pelo cinzel e pelo pincel; que se lembre do seu amigo Porto-Alegre, como este se lembra desses dias em que mais viveo, e cujas recordações fazem o maior capital das dilicias da sua alma.

Ah! pobre de mim! E nunca mais vos verei, eu, que vos amo tanto, formosa Italia! Resignado na minha triste adversidade, me abracei com a tosca lyra que o céu me deo, e disse aos meus verdugos: se me haveis roubado a terra dos homens, resta-me o espaço de Deos para fugir; e lá, livre da vossa funesta hypocrisia, da vossa avareza, da vossa ambição, acharei um ponto onde sentar-me, para amar esta patria que não é vossa, para arrancar do meu coração sentimentos que não tendes, e vezes que nunca haveis de possuir.

A hypocrisia astuciosa póde aniquillar um homem temporariamente, e cortar-lhe os mais bellos vôos da sua alma; mas nunca destrui-o: pode-o deslocar do terreno para que o céu o predestinou, creando-lhe toda a sorte de embaraços, e cortando-lhe a esperança, mas nunca riscal-o da lista dos homens uteis, porque os favores de Deos são duraveis: as rehabilitações do tempo são tristes vinganças para com o passado: a Patria é quem soffre, e elles são os que lucram.



ARICÓ E CAOCOCHEE

OU

UMA VOZ NO DESERTO

HISTORIA FUNDADA EM FACTOS

DEDICADA AO ILLM. E EXM. SNR. BARÃO DE ANTONINA

POR JOÃO HENRIQUE HELLIOT

em 1844.

INTRODUÇÃO.

Para que a seguinte exposição seja mais sufficientemente entendida, é necessario dar ao leitor uma succinta descripção dos campos de Palma, e seus contornos, mostrando as causas que produziram os sinistros acontecimentos que vou narrar.

Os campos de Palma, collocados vantajosamente entre dous grandes Rios (o Iguassú, e o Goioen, ou Uruguay) são compostos, pela maior parte, de pittorescas campinas, que offerecem por todos os lados uma perspectiva continuamente variada, e sempre interessante: pelo Oriente, longas planicies; no meio das quaes tombam em mil cascatas as turbulentas aguas de Chapecó, contrastam bellamente com as partes do Sudoeste, cortadas por grossas restingas, e pintadas com magnificos capões, por onde o sombrio Chopim, rolando suas turvas aguas, embrenha-se pelas solidões do interminavel sertão. A Nordeste o rio Iguassú, serpenteando mansamente por immensos vargedos, é navegavel, sem interrupção até oito leguas distante do campo. A mesma distancia a Sudoeste Goioen, ou Uruguay abundante em peixe, e bordadas de florestas ricas em herva Matte offerece novos canaes para o commercio, superabundantes mananciaes de riquezas, por sua natureza, inexauriveis. Quando os primeiros povoadores se estabeleceram nestes campos, os unicos Indigenas, que os habitavam, eram os da Tribu de Condá; e estes pelo zelo, e perseverança do capitão Hermogenes Carneiro Lobo Ferreira primeiro commandante da nascente povoação, foram, em pouco tempo, redusidos, e aldeados, perto do abarracamento dos permanentes, formando-se por semelhante maneira, com esta gente, um forte baluarte contra as aggressões dos indios bravos (no caso que tentassem estes qualquer hostilidade) os quaes então habitavam, em grande numero, o lado meridional do Goioen. Neste tempo demittindo-se o capitão Hermogenes Carneiro foi nomeado commandante Pedro de Siqueira Côrtes. Então o Condá, ligado por sentimentos de gratidão e amizade ao seu primeiro bemfeitor, acompanhou-o para sua fazenda do Chopim.

Foi ali que, em varias occasiões, affirmou existirem em poder dos Indios de Goioen algumas crianças portuguezas, e disse que elle (Condá) auxiliado com alguns presentes para os caciques, achava facil o seu resgate. Em consequencia destas noticias o capitão Hermogenes enviou o Condá com alguns mais da sua Tribu, carregados dos

objectos mais apreciados pelos Indigenas, para a remissão dos presos; e entretanto recommendou-lhes todo o empenho de convecel-os a abandonar a vida selvatica, ou, pelo menos, organizar um tractado de amizade, e intercurso com os primeiros e legitimos proprietarios do Brasil. Condá cumprio satisfatoriamente sua espinhosa missão, trazendo comsigo, além de varias crianças Brasileiras de ambos os sexos, duas Tribus de Indios com suas mulheres e familias, que tinham deliberado deixar a vida errante, e aldear-se, juntamente com os mais, nos campos de Palma.

Os Indios foram apresentados ao novo commandante, que os recebeu com agrado, distribuindo por entre elles ferramentas fazendas, etc., mas como eram numerosos, e muitos delles não se acostumavam com os nossos viveres, e passadio, pediram licença para caçar nos mattos visinhos, a qual lhes foi promptamente concedida pelo commandante. Até aqui tudo concorria para que se esperasse bom resultado da alliança com os Indios, que já reduzidos, e em harmonia com os moradores, franqueavam os sertões de Goioen, e davam lugar a novas explorações, e descobertas neste interessante rio. A humanidade ficou satisfeita e o philantropo contemplava com prazer o lisonjeiro quadro, que o futuro apresentava. Mas quanto foi curta a sua duração ! O interesse, o sordido interesse, aquelle grande movel de todas as acções humanas, abriu uma nova boceta de Pandora sobre esta nascente povoação ! Ateou-se o facho da discordia.

O archote de intrigas e sizanias accendeu-se, e, para cumulo de infelicidade, queimou, com a maior virulencia, duas pessoas, a quem imperiosas circumstancias impunham o dever de se conservarem em união ; eram estas, o primeiro commandante capitão Hermogenes, e o então actual Pedro de Siqueira Côrtes.

Neste tempo seguio aquelle para S. Paulo, levando comsigo Condá, e seus protegidos resgatados do matto: a ausencia de tal protector foi funestissima, e fatal aos Indios. Pessoas mal intencionadas começaram a espalhar boatos, que os Indigenas premeditavam um ataque contra a povoação; e, ou porque o commandante realmente acreditasse em taes boatos, ou (o que é mais provavel) porque desejasse neutralisar todos os planos de seu rival, o que infelizmente estamos vendo praticar em nosso tempo por pessoas de muito mais alta, e elevada posição; o certo é, que não perdeu tempo em deprecar força armada, como que se esta, tendo de vir de distancias podesse obviar esse fantastico, e sonhado ataque. Com a chegada deste auxilio organisou uma escolta sob pretexto de ir ao matto buscar os Indios, que se entretinham em suas innocentes caçadas, e os conduzir para a povoação; mas sua fixa intenção era de assassinal-os, porque em lugar de entregar esta força á disposição de uma pessoa de humanidade, honradez e intelligencia, escolheu para commandante um ignorante, e brutal fanatico, bem conhecido por sua ferocidade, e malvadez. Dadas as instrucções a este digno instrumento, que as devia executar, não era necessario ser propheta para antecipar as consequencias e prevêr o desastroso futuro, que estava imminente. Chegada a escolta ao lugar onde estavam os Indios abarracados, lhes foi intimada a ordem do commandante para seguirem á povoação.

Os selvagens obedeceram submissamente, nunca suspeitando o infernal trama, que estava contra elles urdido. Marcharam pois seguindo a escolta, e no segundo dia de viagem, na sahida de uma pequena campina (tendo sido já de antemão concertado o plano de massacre) por um signal dado, os Indios foram de subito

acomettidos, e ferozmente assassinados, sem que até então tivessem dado indício algum da mais pequena insubordinação. Uma segunda escolta foi então mandada em busca de algumas famílias, que andavam dispersas do grosso da Índiada, e, como era de esperar, a mesma tragedia foi repetida, e as mesmas atrocidades perpetradas.

Não deve aqui ficar em silencio a heroica, e louvavel conducta do digno commandante da escolta, o qual deu não equivocada prova de sua coragem, e bravura, escolhendo para alvo do seu destimido bacamarte uma china, quasi cega, que tinha toda a apparencia de ter visto mais de oitenta invernos. Depois destes gloriosos feitos de armas, as mulheres, e crianças, que tinham escapado da carnificina, foram conduzidas, como em triumpho, para a povoação; as chinas, e alguns de seus filhos ainda pequenos entregues aos Indios aldeados, e os mais vendidos, como escravos, á aquelles, que mais offereceram.

Tão pernicioso foi este exemplo, que os Indios seduzidos pelo vil interesse, pela esperanza de lucro, sacrificavam diariamente as infelizes mãis para poderem vender seus filhos. E ha gente, que se diz moral, e chritã, que olha para esta sanguinolenta mortandade de Indios, como para uma brincadeira de bom gosto! Outros ha, que acreditam piedosamente, que a exterminação inteira destes primogenitos do Solo Americano será um bem muito apreciavel, um augmento de civilização *sum-mum bonum* para o paiz!

Quanto está no seculo das luzes eclipsado o espirito de religião! Quanto menos prezados os sentimentos de humanidade, e de moral, para o que se olha com absoluto indifferentismo!

Deixando estas acções anti-philantropicas confundidas com seus indignos autores, direi sómente, que o tempo mostrará se este reprehensivel procedimento trará alguma ventura para a localidade, onde tão crueis, como escandalosos assassinatos foram commettidos, ou se, pelo contrario, aquelle espirito de vingança, tão natural á esta gente, não os impelirá um dia a perpetrarem actos, que compromettam seriamente a sua tranquillidade, e dos moradores de Palma; e privar o paiz, por muitos annos, de gozar daquellas vantagens, que a belleza de seu clima, a fertilidade de seu terreno e sua feliz posição geographica dava-lhe todo o direito de esperar.

PARTE I.

O rio de Goioen (1) ou Uruguay, distante oito leguas, pouco mais ou menos, dos campos de Palma, corre por muitas milhas pelo centro de magnificas florestas e pittorescas campinas, e depois surgindo magestosamente do sertão, banha por um lado as longinquoas planices de Corrientes, e Entre Rios, por outro lado os antigos povos de missões, e dilatados campos da Cisplatina, até que juntando-se com o grande Paraná, forma o formoso Rio da Prata, que logo para baixo de Montevideo, perde-se na im-

(1) Goioen, rio que não dá váo.

mensidade do atlantico. Pelo lado Meridional deste rio habitavam varias tribus de indios ainda livres, e independentes, governadas pelos seus respectivos caciques; e vivendo no estado da natureza: subsistiam de peixe, caça, e fructas, que o grande rio, e espaçosas mattas, que bordam suas margens, lhes fornecia com abundancia.

Entre estas a mais distincta, pelo seu numero e renome de seu chefe, era a de Nonohai, velho cacique, que se fez celebre em varias sanguinolentas guerras com os ferozes, e temiveis Botocudos, cujos alojamentos estão collocados nas agrestes serras do Oriente, e contra as tribus, que habitam os interminaveis sertões do Paiquerê.

A joven Aricó, filha de Nonohai distinguia-se entre as mais donzellas da sua igualha tanto, quanto sobresahe a assucena sobre as mais flores do campo; — bem como entre todos os mancebos intrepidos, e assignalados pela sua dextreza no arco, coragem na guerra, e pericia nas caçadas, o mais insigne era Caocochee.

Estes dous jovens selvagens amavam-se reciprocamente; o amor tanto nos desertos, como nas cidades, mostra-se por mil pequenas circumstancias e attenções; e porisso quando Caocochee triumphava do feroz ming (1) matando-o, a sua pintada pelle era destinada, e offerecida para a cama de sua amante, e quando com suas felpudas frexas matava o gigantesco Inhoron (2) os seus melhores pedaços eram reservados para o cesto de Aricó: esta, pela sua parte ajuntava fructas, preparava o mel, e guardava para seu amante em pintadas cuias as odorificas aguas de Botiá (3).

Foi no tempo da cahida do pinhão, que enlevados com as fructas, e entretidos com a caça, estes dous filhos da natureza anoiteceram nas sombrias e magnificas florestas, que ladeão ao grande Goioen.

Apenas cbegaram a uma linda e aronosa praia, disse o indio á sua companheira: —descei o vosso cesto; é longe ainda a nossa moradia, e vossos frageis membros necessitam de descanso. Em seguida sentaram-se em uma alva pedra, cuja base coberta de musgo era mansamente lavada pelas ondas.

A noite estava calma e serena, os ventos se tinham retirado para os seus subterraneos palacios, e a excepção de algum travesso Pirajú (4), que paulatinamente brincando no suave clarão da lua, misturava suas douradas escamas com as prateadas aguas de Goioen, nada mais perturbava o silencio, que reinava neste umbroso bosque. A indizível difficuldade que eu acho em deixar estes lugares, onde descansam os ossos de meus pais (diz Caocochee suspirando), a idéa de separar-me deste fertil e delicioso valle, rico em fructa e caça, deste magestoso rio abundante em peixe, de tudo emfim quanto a natureza aos seus filhos offerece, acabrunha na realidade, contrista o meu coração; mas este encontra muito maiores sacrificios em apartar-se de ti, oh! amada e agradável Aricó.

E para que vos haveis de apartar de mim (diz Aricó desfeita em lagrimas), por ventura tenho perdido de vosso amor tanto, que vos aborreça a minha presença? Não (respondeu o indio), Tupê (5) sabe, que cada dia mais te amo; porém o temivel Condá,

(1) Ming, onça.

(2) Inhoron, aia.

(3) Aguas de Botiá. Os indios extrahem do palmito do Botiá um licor saboroso e agradável.

(4) Pirajú, o dourado.

(5) Tupe, Deus.

irmão de meu pai, que vive em paz com os brancos de Curram-burg (1) veio mandado por estes para contractar uma alliança com as tribus de Goioen ; elle volta daqui a um mez, e leva-me com sigo ; vossa gente talvez não o queira acompanhar, consequentemente não consentirão que vás comigo. A minha gente existe onde está o meu coração : tu, oh ! Caocoochee para mim és tudo, com tigo nada me falta, e ausente de ti não tenho o menor prazer ; assim como o fragil cipó desenlaçando-se da arvore, que o sustenta, cahindo em terra, e sendo pisado pelas féras, sécca, e morre ; assim separada de ti deixará de existir a tua Aricó.—Eu jámais deixar-te-hei em quanto viver (diz o joven selvagem, abraçando-a) o forte braço de Condá, e o terrivel arco de Chaocoochee bastarão para defender-te das iras da tua tribu. E dizendo isto se levantaram ambos, e dirigiram seus passos pela margem do rio com destino ás suas cabanas.

PARTE II.

A chegada das Tribus.

Tudo era confusão e rumor no alojamento de Nonohai ; ecoavam os golpes dos machados de pedra nos mattos visinhos, e chegavam de toda a parte homens, mulheres, crianças e velhos carregados com os despojos da caçada ; os pirrames estavam entupidos com caça e fructas, e os porungos cheios do expolio da industriosa abélha.

Era este o dia marcado para a reunião das tribus, que, por convite de Condá, tinham sido chamadas para assistirem a um grande conselho e deliberarem ácerca das medidas propostas por este alliado dos brancos. Em uma espaçosa ramada, preparada para esta occasião, varias mulheres estavam occupadas enchendo muitos porungos com aguardente de Aquiqui (2) em quanto outras apromptavam os pintados Curús (3) e preparavam as pennas de arára, e inha-tamburg (4) para ornar a frente de seus chefes.

Em frente das casas abrigados á sombra de umas antigas arvores estavam enfileirados pequenos montes de nó de pinho, promptos para o agoureiro accender o fogo, logo que começasse a conferencia, finda a qual deviam principiar as danças do costume. Da copa de um alto pinheiro o vigia fez o signal do approximamento de gente, e logo se distinguio a rouca voz de uma busina, que, soando por intervallo pelas concavidades da montanha, gradualmente avançava para o alojamento. O velho Nonohai acompanhado de alguns guerreiros subio á uma alta collina para conhecer os vindouros ; eram estes as tribus de Goioen-chi (5). Os primeiros vinham conduzidos pelo Haicofé, guerreiro intrepido e sisudo, cuja comitiva era pequena em numero, mas formidavel pela sua coragem, ardil e astucia de seu chefe. Logo após vinha Nicafim, mancebo na flôr dos annos, flagello das

(1) Curram-burg, campo grande; assim os indios chamam os campos de Palma.

(2) Aquiqui, uma bebida espirituosa feita do mel fermentado.

(3) Curú, uma qualidade de panno das fibras da ortiga grande.

(4) Corvo branco.

(5) Goioen-chi, pequeno Goioen.

tribus, que habitam as margens do Paiquerê, e genro do valente Condá : os seus guerreiros numerosos, e luzidos distinguiram-se entre os mais gentios pela dextreza em arremessar suas volantes frexas, e pela perspicacia, e ardileza nas caçadas. Em ultimo lugar vinha o cacique Yopaia, cujo alojamento existe nas serras do Sul, inimigo dos brancos, e terror dos viajantes, que transitam pela estrada de Missões : a sua gente mais numerosa, que as arêas da praia, era mais feroz do que os tigres, que quando entra o gellado inverno descem das montanhosas serras, e devastam os campos de Curramburg. Conduzindo Nonohai os novos hospedes para o seu alojamento, e logo depois chegando o Climclim com a sua gente, e o velho Aregua com seus guerreiros, formaram todos um grande circulo, e sentaram-se na verde e molle relva, abrigados dos ardentes raios do sol á sombra de copadas arvores, que circundavam o terreno. Um abundante banquete foi preparado para os vindouros, que ajuntando-se em pequenos grupos, trinchavam sobre folhas de palmito as differentes carnes de diversas caças, enquanto os jovens selvagens de ambos os sexos distribuiam em pequenas cuias o Aiqui.

Acabado isto, os caciques, os anciões e os principaes guerreiros retirando-se para um lado, e vestindo os pintados Curús, tingiram os corpos, e cingindo as cabeças com capacetes de plumas, foram reunir-se no lugar destinado para o conselho.

PARTE III.

O Conselho.

Os caciques de varias tribus sendo acompanhados pelos seus guerreiros, e assentados em folhas de Botiá, formavam uma grande roda, no meio da qual ardia o fogo do agoureiro ; este immenso concurso de selvagens de diversas castas, reunido, apresentava um interessante e romantico espectaculo. Os chefes estavam vestidos com compridos e pintados curús, suas cabeças ornadas com capacetes de plumas de diversas côres; os guerreiros inteiramente nús e seus corpos pintados, segundo os usos de suas tribus; os velhos, sobre cuja cabeça se achava semeada a neve dos annos, ainda conservavam o semblante de animo e vigor natural a seu estado selvatico : o Condá e seus companheiros traziam os cabellos compridos ; e estando meio-vestidos, segundo o costume dos brancos, contrastavam com os mais ; estava finalmente no meio deste circulo o agoureiro com uma vara com prida na mão, observando com attenção as evoluções das chammas de sua fogueira. O Condá, acompanhado pelo fiel Yossegum, mostrou então os presentes que tinham sido mandados pelo Pahi-Cufá (1) morador nos campos de Chopim, consistindo em ferramentas, facas, etc., para os homens, lenços, missangas, e cousas semelhantes para as mulheres ; tudo foi distribuido conforme a qualidade e sexo de cada um, e recebido com especial satisfação e alegria ; á excepção de Yopaia, que, acceitando com grande indifferença, mostrou pouca affeição e sympathia para com quem os mandou.

(1) Pahi-Cufá, commandante velho.

Depois de acabada esta cerimonia, expoz Condá o objecto de sua missão pela maneira seguinte: « Os moradores de Curram-burg positivamente me enviam para solicitar um tratado de interesse, e alliança com as tribus de Goioen, e para provarem sua sinceridade mandam-vos estes presentes, podendo vós procurardes tudo aquillo de que necessitardes em troco de mel, cêra e outras produções deste vasto sertão: mostrou-lhes Condá as vantagens deste commercio, e a abundancia que reinava nas habitações dos brancos; os campos cobertos de criações, os paiões recheados de mantimentos, sem que nunca soffram fome, e outras privações, á que são sujeitos aquelles, que seguem a vida errante. A vossa gente (diz elle), é numerosa, as caças alongam-se e vós não tendes mais para onde vos estender: pelo lado do Poente está o feroz Chacrey, e o grande Paraná, pelo do Sul os brancos dos campos gandes, vossos inimigos que vos accusam de serdes os autores dos roubos e mortes perpetrados nas estradas; pelo do Nascente os Botocudos vossos contrarios implacaveis; e pelo do Norte os brancos de Curram-burg, Guarapuava, e tribus do Paiquerê. Portanto convido-vos em nome do Pahi-Burgs, que mora na grande povoação, e que governa todos os mais paizes, e em nome do mesmo peço-vos, que haja paz, união entre os filhos das florestas, e habitantes do campo: concluo certificando-vos, que o Pahi-Cufá, com quem eu moro, por mim mandou convidar a todos aquelles d'entre vós, que quizerem acompanhal-o para o Chopim, e então receberão mais presentes, que lá ficaram, e tomarão conhecimento com o Pahi-Cufá que muito deseja ver-vos, garantindo a vossa segurança individual com sua propria vida.

Ao ouvir este discurso, signaes de approvação foram manifestados pelos jovens selvagens de ambos os sexos. O Vactong e Arreruí com a sua gente declararam, que estavam promptos para seguir; os velhos conservavam um profundo silencio, e o agoureiro, que parecia ter dado pouca attenção á narração de Condá, estava occupado, traçando linhas mysteriosas no apagado brazido de sua fogueira, foi então que Yopaia levantando-se attrahio a attenção de todos. Estava este cacique no zenith de seus annos; tinha uma estatura gigantesca e aspecto magestoso; um comprido e alvo Curú descia de seus largos hombros, e arrastava no chão; uma formosa corôa de plumas de arara, e Inha-tam-burg circundavam sua fronte, e no nervoso braço, que sustentava uma grossa e comprida lança, distinguiam-se em pontuadas linhas os signaes do seu valor, e o numero de seus mortos. Respeitaveis anciões, e chefes dos povos (diz elle), todos nós temos ouvido as maleficas e insidiosas palavras de Condá, que procura persuadir-nos a entrar em paz e alliança com os brancos, e parece-me que alguns de entre vós estão decididos a aceitar o seu convite, como que se fosse possível haver liga entre o tigre e o veado, entre o gavião e a pomba, entre o lobo e o cordeiro! Tereis já tão depressa esquecido o massacre de nossos irmãos tão cruel e barbaramente assassinados nos campos dos Coritibanos?!... Ainda branqueiam as planices de Guarapuava com os ossos das tribus de Paquerê, todos victimas da má fé, e perfidia dos brancos; e pensaes que elles usarão mais lealdade para com nosco? Não basta que já estejamos tão diminuidos, ainda quereis apressar a exterminação dos poucos que nos restam? Por minha parte declaro, que regeito absolutamente com desdem todos os seus convites, e desprezo sua amizade; proferindo a pobre independencia e liberdade que me legaram meus pais á todas essas promessas, em que não

creio, e aos commodos e riquezas, que se nos offerecem. As florestas abundam em caça, o rio em peixe, e os pinheiros todos os annos prodigalisam-nos os seus saborosos fructos; precisamos por ventura mais, do que necessitavam nossos avós? Essas fazendas serão melhores para cobrir nossas familias, do que os Curús tecidos e fabricados pelas suas proprias mãos? Não nos illudamos pois com doces e meigas palavras, com fantasticas promessas: prefiramos os incommodos e perigos, os riscos e privações; prefiramos enfim a mesma morte a qualquer alliança e relação com os brancos, que nos querem privar de nossas liberdades. O Yopaia acabou de fallar, e um não interrompido murmurio se começou a ouvir por toda a assembléa, assim como depois de um calmoso dia de verão branda viração, vindo agitar as folhas das arvores, rompe o silencio do retirado bosque. O agoureiro, que até aqui tinha conservado um profundo silencio, levanta-se, e com gestos freneticos, e voz terrivel bradou: Vai, oh! infeliz Vactong, vai, oh credulo e desgraçado Arrerúa. Os *innocentes* filhos de Inhatam-burg (1) estão alegres; os corvos, e cães de Curramburg esperam a vossa chegada. O grande Espirito levantou as nuvens, que escondem os eventos do futuro. Elles impacientes vos esperam para immolar-vos; eu vos antevejo estendidos, estrangulados e mortos no campo; observo cadaveres arrastados pelas feras, sem que mão nenhuma junte os vossos ossos para depositar no sepulchro de vossos antepassados; vejo as vossas mulheres e filhos conduzidos para o captiveiro, e espalhados por toda a parte; já écoam em meus ouvidos os estrondos dos Bocaens (2), os gritos de desesperação, e de furor; os gemidos dos moribundos; o pranto, a desolação de vossas mulheres já em viuvez, e de vossos filhinhos orphãos e desvalidos; tudo isto por acreditarde nas promessas desses traidores e sanguinolentos brancos.

Ide, parti: para que mais demora? Os filhos de Inhatam-burg estão gritando de fome, e os corvos e cães esperam vossa chegada. Ide, que em breve sereis o alvo das balas, e vos vereis sacrificados no altar da mais sanguinolenta, e horrivel carneficina.

Depois destes prognosticos dietames, cobrio com a vara as linhas mysteriosas, que tinha traçado sobre as cinzas, *apagou o fogo*, e cobrindo a cabeça com o Curú, sahio para fóra. Esta terrivel profecia causou um choque electrico em todos os ouvintes; a maior parte mostrava aversão e horror ao proposto de Condá; os mesmos chefes, que tinham determinado acompanhal-o, pareciam atemorizados e vacilantes; foi porisso preciso, que Condá esgotasse toda a sua dialectica, empregasse todos os meios de persuasão, e lançasse mão de sua rethorica diplomatica, para os desvanecer dos escrupulos, que lhes tinha infundido a narração terrivel do agoureiro.

PARTE IV.

O festim.

Defronte da casa do conselho um bonito e espaçoso terreno havia sido preparado para nelle terem lugar as danças, que segundo a indole leviana, e inconstante destes

(1) Inhatam-burg, corvo branco.

(2) Bocaens, e pingardas.

selvagens, devia começar logo que findasse a conferencia: aquelles que um pouco antes estavam occupados em negocios de maior seriedade e importancia, pareciam agora esquecidos de tudo inteiramente, entregando-se de bom grado aos prazeres e divertimentos, que tinham sido apromptados para esta occasião. Os fogos ateados dissipavam as sombras da escura noite, e mostravam um curioso e romantico espectáculo. Os caciques e guerreiros assentados em torno das fogueiras, e as mulheres enfeitadas com penas de varias côres, formavam um extraordinario circulo, em quanto os jovens indios forneciam á toda a companhia o aquiqui em copiosas libações. O joven Foqui começou uma cantiga entoando louvores á sua amada Fangré, e dizendo quanto sua belleza sobressahia ás mais donzellas de sua tribu, contando a sua pericia e dextreza em bordar os Curús, e trançar as delicadas cordas do imbê; attribuindo os seus bons e felizes successos nas caçadas á aquellas lindas mãos, que fiaram as cordas para o seu arco, e arrumaram as plumas nas suas frexas. Depois descreveu as bellezas do verão; os butiás carregados com dourados cachos, e vertendo saboroso licor; as arvores dos prados vergando ao peso de seus fructos sasonados, e os favos das abelhas surtidos de mel; expoz tambem os prazeres, que acompanham o gelado inverno, quando dos altos pinheiros abrem as maduras pinhas e fazem esparrizar pela terra suas acastanhadas fructas, attrahindo de toda a parte os veados, grandes antas, ferozes tigres, e mais diversas especies de caça; convidando a mocidade para as florestas, e exercitando o valor dos intrepidos caçadores.

Em quanto assim cantava Foqui, os mais acompanhavam a cadencia de sua voz batendo nos arcos e lanças; e ficando cada vez mais entusiasmados, levantaram-se todos, dançando em torno das fogueiras: as mulheres formando uma ala por fóra os acompanhavam em todas as suas evoluções e cantigas, e apresentavam uma especie de côro. O velho Cafaiá continuou a cantiga, e nella commemorou aquelles felizes tempos, em que os bons e virtuosos Pandarás (1) ajuntavam, e acariciavam os filhos dos sertões, ensinando-lhes a arte de cultivar a terra, e gozar em paz dos fructos de seu trabalho, e contou como depois pelas perseguições dos mãos brancos, Paulistas, foram dispersados, e obrigados a procurar abrigo e asylo nas tenebrosas sombras das mattas. Narrou depois as sanguinarias guerras com os ferozes Chocres, que habitam as terras do Poente, e as frexas, cujas farpas eram de uma pedra mais brilhante, de que as escamas de Pirajú: fallou das tribus de Paquerê, e da origem de sua rivalidade, e concluiu louvando os bravos e valentes, que se haviam assignalado nestas mortíferas guerras, exaltando-os, por terem preferido a morte ao sacrificio de suas liberdades. Desta maneira divertiam-se os selvagens: o aquiqui foi servido com profusão, e parecia muito provavel, que não desistiriam do seu divertimento em quanto não ficassem inteiramente embriagados segundo o seu invariavel costume nestas occasiões.

PARTE V.

O colloquio.

A lua cheia tinha feito mais de metade de sua carreira, e o festim dos indios

(1) Pandarás, padres.

ainda continuava com redobrado vigor, quando Aricó, e Caocochee retirando-se desta scena de hilaridade e confusão, procuravam um lugar solitario, e silencioso, e assentados debaixo de uma arvore de Botiá conversavam em seus amores, e na proxima partida de Caocochee. O rosto de Aricó encostado no peito de seu amante mostrava a dor, que traspassava seu coração, e as ardentes e copiosas lagrimas que eram derramadas de seus bellos olhos, fizeram com que elle sentisse toda a intensidade de sua afflicção. Porque esta tristeza (perguntou elle), tantos suspiros, e lagrimas? Por ventura vou eu morrer? Não podeis supportar a idéa de tão curta ausencia?

Não é tanto a vossa ausencia, que me afflige (respondeu ella); sei que tendes tenção de voltar logo; mas são os terriveis prognosticos do agoureiro, que me assombra; e a sua funesta voz ainda soa em meus ouvidos, e me faz temer, que a nossa separação seja eterna.

Deixai de ser perturbada pelas palavras de um doudo (disse o indie); o sabio Condá e seus companheiros que tem viajado em longinquas terras, não fazem caso algum de suas mysteriosas profecias. Condá sabe do nosso amor; e prometteu-me que passadas duas luas, voltará comigo para te levar, e para nunca mais nos apartarmos. Com estas e outras convincentes razões procurou Caocochee tranquilizar o espirito angustiado de sua amante, e ella mais consolada com os seus ponderosos argumentos, parecia resignada á sua sorte.

A estrella da manhã precursora do dia brilhou no Oriente; o rumor do festim tinha cessado, e os caçados selvagens, embriagados com o aquiqui, jaziam estirados promiscuamente no terreno, entregues a um profundo e pesado somno.

PARTE VI.

A despedida.—O fugitivo.

Nos dias seguintes as varias tribus que assistiram ao conselho se foram retirando para os seus respectivos alojamentos, ficando sómente os caciques Vactong e Arrerúa com a sua gente, que apesar da impressão produzida pelas predicções do agoureiro, e pelos discursos de Yopaia, foram induzidos pelas lisongeiras pinturas, e magnificas e exageradas promessas de Condá a persistir na sua primeira resolução, e acompanhal-o para os campos de Curramburg. A bella Aricó tendo de separar-se, pela primeira vez, de seu amado, preparava com dilacerado coração o necessario para sua viagem; arranjou uma nova corda para seu arco, e com tremulas mãos arrumou as plumas nas suas frexas. Chegou afinal o dia da partida, e despedida já do seu amante, a donzella indiana subio a uma alta collina acompanhando com os olhos a comprida fila, que atravessava o campo: entre ella procurava a Caocochee, que facilmente se divulgava pela sua alta e engraçada estatura, e brilhantes plumas de arara, que cingiam sua cabeça, até que entrando nas sombras de espaçosos bosques, o perdeu de vista, restando sómente a rouca voz de uma busina que ecoando pelas immensas abobadas, e concavidades do sertão, mostrava a sua derrota.

Já por duas vezes as crystalinas aguas do Goioen tinham reflectido com o rosto inteiro da pallida Deosa da noite, e durante todo este intervallo de tempo o triste coração de Aricó atormentado de saudades e cuidado, e afflicto pelas funestas e aterradas

doras predicções do agoureiro, não tinha gozado de um só instante de repouso: algumas vezes em sonhos a sua perturbada e escandecida imaginação figurava-lhe a imagem de seu amante, banhada em sangue, e despido da mortalidade a convidava para acompanhá-lo ás regiões eternas do Poente, onde os espiritos dos intrepidos guerreiros recebem o galardão de seu valor, em terras ferteis e abundantes de fructa e caça, onde se conserva o vigor de uma perduravel mocidade. Outras vezes representava-se-lhe na imaginação estar ella no centro de uma magnifica e esbelta casa, onde esperava o seu amante, e um veneravel ancião vestido com ricos e estranhos trages, ligava as mãos de ambos asseverando-lhes que nunca mais se haviam de apartar. A extremosa india acordava sobresaltada por estas visões, e banhada em lagrimas procurava em vão a fantastica e fugitiva sombra. Todas as vezes que, acompanhada por seu irmão Coré, embrenhava-se pelas mattas para ajuntar fructas, este a seu pedido subia nas copas dos mais altos pinheiros, e alongando suas vistas em direcção de Curramburg, procurava algum signal que annunciasse o aproximamento de sua gente; mas em vão o fazia!.

O silencio da morte reinava nos sertões, que asulavam a immensa distancia; nenhuma fumaça consoladora eclipsava a clara atmosphaera; alvos vapores se erguiam do grande Goioen, que marcava o tortuoso curso de suas aguas, rolando pelo meio do interminavel sertão.

Um dia voltando para sua cabana carregada com fructas e agua de Botiá, ouviu já de longe, em direcção do alojamento, gritos furiosos e descompassados dos homens, e lugubres prantos das mulheres. O coração de Aricó estremeceu presagiando algum funesto acontecimento, e caminhando com vacilantes e ligeiros passos, logo se apresentou a seus olhos um triste e terrivel espectáculo! Os indios juntos em um terreno preparavam as suas armas, como que se esperassem algum inimigo: uns afiavam as agudas lanças, em quanto outros arrumavam novas cordas em seus arcos, e concertavam as volantes frexas: o furor, e a desesperação estavam pintados no rosto de todos, e seus gestos, e palavras respiravam só atroz vingança: as mulheres sentadas em pequenos grupos atroavam os ares com seus prantos; as crianças attonitas, e temerosas choravam em torno dellas: tudo annunciava o desfexo de uma recente e aterradora catastrophe! A joven selvagem tremendo, e afflicta entrou para esta scena de desordem, procurando com palpitante coração saber a causa de tanto alvoroço, e logo observou sentado a um lado, com semblante triste e abatido, a Guerrerão, que tinha acompanhado ao Condá para os campos de Curramburg.

Que novidade fatal é esta? perguntou ella; onde ficaram os vossos companheiros? Ficaram mortos, e estendidos no campo (respondeu o indio), e só eu escapei para contar a perfidia, traição, e má fé dos malvados brancos, e para excitar as tribus de Goioen á vingança do sangue de seus irmãos; do precioso sangue derramado de tantos heróes, de tão valentes gurreiros. E Condá, e Caocochee? (apenas articulou Aricó como que receiando a resposta do selvagem).

O Condá tinha acompanhado a Pahi-Cufá para a grande povoação (disse o indio); Caocochee ficou connosco, em quanto estes estavam ausentes; o outro Pahi, seu inimigo, mandou uma escolta para onde estavam abarracados, ordenando, que nós a acompanhassemos para a povoação; humildes obedecemos, nunca suspeitando

suas cruéis e malignas intenções. Ao entrar no campo de Chapecó, a um signal dado, dispararam as armas em nossa gente, e daqui proveio esse terrivel massacre e desmedida carnagem: eu estava sentado a um lado quando ouvi os primeiros tiros; corri para o matto, e felizmente escapei. E não vistes a Caocoochee nesta occasião? (tornou a afflicta moça). Elle tinha ficado atraz derrubando umas pinhas (respondeu o indio), e não sei se já tinha chegado quando houve a mortandade; talvez temesse as intenções da escolta; e se assim foi, apenas ouvisse os tiros, não se descuidaria de evital-os. Um raio de esperança illuminou o pungido coração de Aricó. Póde ser que elle ainda exista! (diz ella consigo) errante pelas mattas, coberto de feridas, e exaurido de forças jazerá talvez estendido nas solidões do sertão; ninguem ouvirá seus gemidos, nem aliviará suas dôres; ninguem lhe ministrará o mais pequeno soccorro; estas cruéis idéas me atormentam; a incerteza de sua sorte dilacera e acabrunha meu coração: vou procural-o, ou vivo, ou morto eu heide descobril-o: se vivo, será minha felicidade; se morto, ao menos terei a triste consolação de dar sepultura a seus despojos mortaes: a minha gente hade vingar-me, e muitas mulheres ainda choram, como eu agora estou chorando, a perda de suas mais queridas prendas. Formada esta resolução, procurou a seu irmão Corê; contou-lhe a historia de Guerreoão, e declarou a sua deliberação. Corê quiz dissuadil-a de seu temerario projecto; pintou-lhe com as mais vivas côres os perigos da viagem, os rios caudalosos, os mattos infestados de tigres, e bravas fêras, e os brancos ainda mais cruéis do que as mesmas fêras; porém nada foi capaz de abalar a sua determinação. O amor e a desesperação a tinham revestido de uma coragem sobrenatural, e Corê, que amava com ternura sua irmã, vendo que todos os seus esforços eram inuteis, determinou acompanhal-a, e tendo-se prevenido com alguns necessarios para a jornada, e sem communicar esta nova resolução a ninguem, nesta mesma noite os jovens selvagens atiraram-se á toda pressa por entre as extensas e lugubres montanhas.

PARTE VII.

A viagem.—O indio ferido.

A lua já se tinha apresentado sobre o horizonte, quando atravessaram o Goioen; em parte as matas cerradas de taquaras, e entrelaçadas com cipós, não davam passagem aos pallidos raios da rainha da noite, eram precisos toda a pratica e tino de um indio para acertar com a obscura picada; em outras observam-se pittorescas campinas de papuam, aqui, e acolá viam-se grossas Imbuias, levantarem seus membrudos galhos, cobertos de compridos musgos, que fluctuando ao luar, apresentavam mil fantasticas fórmãs. A noite estava calma e serena, nenhum vento agitava as folhas, e só o distante rugido de algum faminto tigre, ou a rouca voz de passaros nocturnos perturbava o silencio que reinava, tornando mais medonha a sombria solidão do deserto. Entretanto por estas lugubres paragens a joven selvagem seguia com intrepidez ao seu guia; parecia que se tinha despido de toda aquella tímidez natural ao seu sexo e idade, e seus unicos pensamentos e cuidados estavam encerrados na sorte de seu amante. A aurora começava a avermelhar, e logo os radiantes raios do sol acabavam de rasgar os negros mantos da passada noite, quando chegaram ás margens

do Chapecó Arengre (1). Coré então lhe disse: minha irmã, vós deveis estar mui fatigada; paremos um pouco aqui, e quando levantar o sol, da cópa daquelle alto pinheiro, talvez eu possa avistar o campo, e assim proseguiremos melhor a nossa derrota. E dizendo isto, sentaram-se á margem do rio, e tirando de suas provisões um pouco de mel, e mafei (2) recobriram algum alento, já bastante exaurido pela canceira da viagem. O sol subindo no horizonte dissipou as sombras nocturnas das florestas, e Coré da copa de um comprido pinheiro, avistou ao longe o campo: coragem, minha irmã, exclamou elle; hoje mesmo sahiremos do sertão, e vosso coração ficará desenganado. Caminharam até meio dia sem acontecer novidade alguma, quando passando um pequeno córrego, Coré parou, como assustado: aqui está um rasto humano, (diz elle) e vejo signaes de sangue pelas folhas; será de algum de nossos irmãos, que ferido escapasse do massacre, e veio morrer aqui? E dizendo isto, seguiu o trilho, que desceu pelo regato, e a poucos passos descobriu a pallida e desfallecida figura de um indio, estendido no chão, jazendo no leito da morte, e á toda evidencia parecia prestes a exhalar o ultimo suspiro. A' chegada de Coré o moribundo levantou os olhos, e conhecendo que era amigo, um raio de satisfação illuminou o seu semblante, e esforçando-se para fallar, mostrou o braço, que, varado por uma bala, estava ainda vertendo sangue. Coré examinou a ferida, e vendo que todo o seu desfallecimento era occasionado pela muita perda de sangue, e falta de sustento, procurou logo umas hervas, cujas virtudes são bem conhecidas pelos indios, em quanto Aricó tirando um purungo de mel, com coração compassivo e philantropo offereceu ao doente: com estes auxilios o enfermo recobrou um pouco de alento; e Aricó anciosissima por saber a sua historia, pediu que lh'a contasse, o que elle satisfez pela maneira seguinte: Quando nossa gente foi acommettida pelos infames brancos, eu estava sentado um pouco retirado dos mais, levantei-me para correr, e neste instante fui alvo de um tiro, caí e fingi-me morto; vi minha mulher e meus filhos conduzidos para o cativoiro, sem que eu lhes pudesse valer: muito tempo depois vendo que tudo estava em silencio, levantei a cabeça, e olhando para todos os lados, vi sómente os cadaveres dos mortos estendidos pela planicie! Vim com bastante difficuldade até aqui, quando a fraqueza, que provinha do muito sangue, que derramei, e da falta de alimento, obrigou-me a parar. E Caocoochee estava lá? (perguntou Aricó). Eu não o vi (respondeo); elle havia ficado atrás. E é longe o lugar onde isto aconteceu? Não, (respondeu o indio) passando o Chapecó, e subindo a primeira collina, vós avistareis as moradas dos brancos. Não tenhaes receio de os encontrar; elles estão todos na povoação cantando a victoria, vendendo nossos caros filhinhos, maltratando nossas mulheres com receio que fujam: logo adiante o Inha-tam-burg voando sobre os mattos mostrar-vos-hia o lugar da mortandade, pois bem disse o agoureiro que nós hiamos ser pasto delles e dos jagoás de Curramburg! O indio acabou de fallar, e os dous irmãos, depois de com elle repartirem os seus viveres, continuaram a sua viagem. Logo que chegaram a Capecó, e o passaram, entraram no campo: as tropas de gado, e outros animaes domesticos, que pastavam nestes lugares, teriam em outra

(1) Chapecó Arengre, irmão do Chapecó.

(2) Mafei, uma qualidade de farinha.

ocasião excitado a sua curiosidade e admiração; pois que nunca tinham visto senão os habitantes silvestres; porém seus corações hiam tão opprimidos de dôr, que não davam lugar a estas reflexões. Aricó, que caminhava com os olhos fitos na direcção que lhe tinha apontado o indio, logo percebeu o signal, que lhe tinha dado, pegando no braço do irmão: não vedes, Coré, (diz ella) como por cima daquellas arvores estão voando os passaros do matto? Coré levantando os olhos observou os abutres, que adejando em circulos sobre os mattos, parecia que receiavam descer, como que se alguma cousa prohibisse sua chegada, e guardavam os cadaveres dos mortos.

PARTE VIII.

Os mortos

O sol estava declinando para as regiões do Poente, quando Aricó e Coré dirigidos pelo vôo das aves atrevessaram um pequeno matto, para entrar na campina, onde jaziam em um eterno silencio as inanimadas reliquias de seus infelizes irmãos. Ao aproximar-se deste medonho sitio palpitava o coração de Aricó com redobrada violencia, e o latido dos cães, á sua chegada, causava-lhe alguma surpresa; mas Coré avançando com cautela, e observando a circumferencia toda deste lugar, vio que era produzido pelos cães dos indios, que ainda fieis aos cadáveres de seus amos, preservavam-lhes dos ataques das aves de rapina que, em grande numero, adejavam sobre este circulo da morte. Que triste e horrivel espectaculo! Que pungente, e pathetica especção para um coração, que tivesse sentimentos de humanidade! Os desgraçados selvagens aqui traspassados com ballas, ali mutilados com ferro, acolá estrangulados e banhados de sangue, cobriam a horrorosa campina; homens, mulheres, crianças, velhos promiscuamente estendidos, mostravam que os autores deste massacre não tinham respeitado idade, nem sexo. Os dous jovens indios mais mortos do que vivos, percorreram esta scena de carnagem, procurando por entre estes restos da mortalidade o cadaver de Caocohee: tinham revistado quasi todos, quando um corpo estendido sobre o terreno, e coberto com um curú, attrahio a attenção de Aricó. Será elle? (diz a moça comsigo) mas lhe faltava a coragem de, com tremula mão, levantar a coberta!.. Foi então que Coré tirando do rosto o curú, que o escondia, vio que era o Caocohee!.. Ha poucos passos rasgada de punhaladas estava sua infeliz mulher, e pequenos filhos mortos, com toda a evidencia, a pouco tempo: parece que a piedade, e amor conjugal, lhe tinha dado forças sufficientes já nos paroxismos da morte para cobrir os corpos de seu desgraçado esposo, e innocentes filhinhos. Coré, enquanto sua irmã indagava amiudadamente se entre os mortos achava o seu Caocohee, contou os cadaveres das victimas, que tinham perecido neste lugar, e achou serem tantos, quantos cinco vezes seus dedos de mãos, e pés, além dos dedos de uma mão, e um da outra; e vendo que ella estava desenganada de achar o seu amante; disse-lhe, vamos, minha irmã; saiamos desta hedionda morada cercada de horror, povoada pelas sombras da morte, e entre os vivos procuraremos o nosso Caocohee: perto daqui deve ser a habitação do Pahi-Cufá nosso amigo e de Condá nosso irmão; apressemos os nossos passos, e antes de se pôr o sol terei talvez a felicidade de juntar-vos com o vosso amado, e repousares em seus braços. Aricó confortada com estas palavras de

consolação, creou novo animo; a idéa de avistar o seu amante deu-lhe novas forças e fez com que ella esquecesse todas as fadigas, sacrificios e perigos da jornada. O sol vacilava no horizonte, e a noite começava a estender seus roxos, e negros mantos, quando entraram no campo de Chopim, e achando uma estrada, caminharam por ella, julgando que os dirigia para a morada do Pahi. Apenas passaram por um pequeno capão, vozes de gente, como em conversa, attrahiram sua attenção; e Coré parando para escutal-as, viu que eram produzidas por tres indios, que sentados nas margens de um regato, rodeados dos despojos de uma anta, entrelinham-se com um dialogo, sobre os successos de sua caçada.

Aproximou-se delles. Qual porém foi a sua satisfação, quando entre elles conheceu o fiel Yoceguem, que havia acompanhado Condá para o rio de Goioen!? Coré vendo assim seus conhecidos, chamou anciosamente sua irmã, que sahindo do matto, unida a elle apresentaram-se aos indios. Yoceguem sobresaltado com esta inesperada apparição, lançou velozmente mão de suas armas; porém logo conhecendo-os, exclamou: Desgraçados! que vinde vós fazer a estes lugares? Vireis acaso procurar tambem a morte? Coré respondeo a isto com a restricta narração da historia de Guer-rerão: expoz-lhe os motivos, que os determinaram a fazer esta viagem, e todas as circumstancias della desde que partiram de Goioen. O indio, depois de o escutar com admiração, disse-lhes: socegai vossos corações, e congratulai-vos pelos prazeres, e felicidades, que vos estão eminentes, e vos vão por mim ser patenteados. Caocoochee ainda existe, livre de todos os perigos, em casa de Pahi-Cufá, que amanhã deve chegar da grande povoação. Vamos, Aricó, alegrar com tua presença o consternado coração do teu amante, que não tinha esperanças de tão depressa te abraçar. De facto, no dia seguinte encontraram-se os dous amantes, e contaram reciprocamente as suas aventuras.

CONCLUSÃO.

Poucos mezes depois destes acontecimentos, tive occasião de viajar pelos campos de Palma. Foi em um dia abrasador, no mez de dezembro, que atravessei as planices do Chapecó. O sol tinha ganhado o seu zenith, e nenhum zephyro abrandava seus ardentes raios, que abrazavam a atmosphaera, quando convidado pela fresca sombra de um pequeno bosque, e murmurio de um chrystalino regato, dirigi meu cavallo para aquelle lado, e determinei descançar um pouco neste romantico e agradável retiro. Deitado sobre a verde relva das margens do ribeiro, e lançando os olhos sobre o vasto e espaçoso sertão, que azulava á toda a distancia onde podia alcançar a vista, contemplei a sorte dos entes, que o habitavam.

Lembrei-me então, que não havia muito tempo um grande numero de selvagens, tendo sido convidado, havia-se apresentado ás autoridades locaes, por cujas ordens, logo depois foram cruel e perfidamente assassinados. Não distava deste lugar o do massacre, e é por isso que minha imaginação pintou com as mais vivas côres, esta lamentavel catastrophe, acompanhada de todas as suas horriveis circumstancias. Tocado de compaixão, e lamentando o cruel, e feroz destino dos desventurados indios, senti meu coração opprimido de dor. Recordei-me do que havia lido sobre a horrorosa carnificina, que por dilatados annos soffreram os indigenas do imperio dos

Incas, na America hespanhola, e confrontando com o que soffrem hoje os descendentes desses conquistadores, que degolavam os indios com mais sangue frio do que se degolassem uma galinha, disse commigo! oh! quem sabe se os manes desses homens (porque não eram fêras) pedem hoje vingança! Quem sabe se a interminavel guerra civil, que devora seus habitantes, é uma consequencia da desapiedada carnagem, praticada com os legitimos filhos do solo americano! e que cada nação que o habita, terá de pagar a quota que lhe pertence de sangue, com sangue; pois que o Auctor da natureza não dorme, e nós somos tanto uma dimanação sua, como eram esses que assassinaram, e que ainda hoje se assassinam em mais pequena escalla, porque ha menos; e o resto vivem embrenhado em estreitos e asperrimos sertões, á que n'outro tempo, com legitimo titulo chamavam seus!

Estas reflexões foram interrompidas por uma bulha que parecia de um batido de azas, e olhando para aquella direcção, vi que era procedida de um corvo branco, que, traspassado por uma frexa, veio cahir quasi sobre meus pés. Assustado com este incidente, lembrei-me, pela primeira vez, que estava só, e que talvez os Indios bravios andassem por estes lugares; e, aterrado com esta idéa, fui velozmente montar a cavallo, e dispunha-me para escapar. Tal terror porém foi desvanecido, apenas vi sahirem de um capão visinho quatro Indios, vestidos á portugueza, e conhecendo assim, que nada tinha a receiar, resolvi-me a esperal-os; em seguida avançaram para meu lado; era o Condá, e sua mulher, de quem era eu pessoalmente conhecido, e dous jovens selvagens, a quem nunca tinha visto. A vossa caçada, disse eu, causou-me algum susto, receei que fôsse obra dos Indios de Goioen. Não devias duvidar (respondeo Condá): elles sempre atravessam por aqui, e por isso não se deve entranhar muito no sertão; é necessario limitar nossos passeios por estes capões. E quem são estes? (perguntei eu) mostrando os dous jovens desconhecidos, cuja phisonomia interessante, e agradável figura, me tinha propendido a seu favor; estes são vossos filhos? Não (disse-me Condá), este mancebo é Caocochee, meu sobrinho, e esta outra é Aricó, sua mulher, de quem vós tereis ouvido fallar tanto. E agora (tornei eu) moram juntamente comvosco? Não procuram mais o seu antigo modo de vida? Ao principio (respondeo Condá), houve bastante difficuldade em persuadir-os que entre os brancos havia gente humana, e bemfazeja; mas a constante bondade e carinho com que fôram tratados pelo Sr. capitão Hermogenes e sua gente, fez com que taes escrupulos fôsem desvanecidos, e acabou de convencer-os, que era melhor associarem-se com nosco, do que seguirem a vida errante de seus antepassados.

O sol lançava já seus raios com mais brandura, e uma fresca viração convidava o viajante para a estrada. Despedi-me dos Indios, que regressaram para o mato, e eu, pensando sobre tudo no que tinha visto, e ouvido, continuei a minha viagem.



A MULHER.

NO ALBUM DA ILLM.^a E EXM.^a SNR.^a

D. M. L. A. D'AZEVEDO.

*Femmes ! anges mortels ! création divine !
Seul rayon dont la vie un moment s'illumine !*

LAMARTINE.—HARM.

Entre espinhos nasce a rosa,
Primorosa,
Exhalando almos olores;
D'entre as azas da procella
Brilha a estrélla
Dissipando vãos terrores;

De sobre a serra escarpadá,
Debruçada,
Corre a lympha transparente;
Viceja oasis mimoso,
Precioso,
Em prainos d'areia ardentê.

Entre as borrascas da vida,
Opprimida,
Raia sempre uma bonança;
Do coração magôado,
Torturado
Entre as dôres nasce a esp'rança.

Após as trevas nocturnas,
Taciturnas,
Surge o sol a fulgurar;
Lédos sonhos lisongeiros
Vem ligeiros
Nossos desgostos calmar:

Tal a vida!.. o Omnipotente,
Providente,
Juncto á noite pôz o dia,
— Ao sol a sombra, e ao calor
O frescor —
Co' a mais sublime harmonia.

Como um astro radiante,
Coruscante,
Do mais limpido fulgôr,
Na terra alçou magestosa,
Portentosa,
A mulher — anjo d'amor!

De seus labios nacarados,
Perfumados,
Dimana a consolação;
Meigo sorrir delicado,
Doce agrado,
Branda paz ao coração.

É su'alma um templo immenso,
Onde o incenso
Vive sempre a fumegar,
Como um hymno que da terra
Se descerra
Para a Deos louvores dar.

Oh virgem! Tal é teu fado,
Consagrado
Nos decretos do Senhor;
Teu ser a terra abrilhanta
Como encanta
No prado cheirosa flôr.

Sé pois florinha singella,
Pura e bella,
Neste mundo a recender
Aureos perfumes na vida,
Que ferida
É na dôr até morrer.

Nunca um negro pensamento,
 Um momento
 Te venha o peito agitar;
 Nem do rosto as frescas rosas,
 Melindrosas,
 Venha a tristura murchar.

Rio de Janeiro, fevereiro de 1851.

A. Frederico Colin.



NOTICIA.

Devemo-nos reciprocos parabens pelo restabelecimento da preciosa saude de Sr. Manoel Odorico Mendes, que esteve em perigo de vida, e do qual o livrou a Divina Providencia, e os cuidados scientificos e amigaes do nosso illustre compatriota o Sr. Dr. Caetano Lopes de Moura.

A traducção de Virgilio está a findar: trabalha o Sr. Odorico no decimo canto, e dos undecimo e duodecimo já tem vertido as passagens mais difficeis. Sabemos que esta obra conscienciosa, e que tantos louvores recebe dos Srs. Drs. Gonçalves Dias, José Maria do Amaral, Caetano Lopes de Moura, e do Exm. Sr. visconde de Santarém, estará completa no anno de 1854, e prompta para o prélo, e enriquecida de notas archeologicas e linguisticas.

Roguemos á Divina Providencia para que prolongue a saude do nosso illustrado amigo, para que elle possa offerter á sua patria um monumento litterario, que pela maneira por que está elaborado, deverá mitigar as dôres que soffrem aquelles que não estudaram a lingua latina para poderem ouvir os cantos de Virgilio. A traducção do Sr. Odorico, já pelo conhecimento profundo que tem da lingua de Augusto, já pela arte e perfeição com que metrifica, e já pelo character e filiação da lingua portugueza, é uma obra magnifica, e superior ao que possuimos em nome do vate Mantuano.

Em uma carta do mesmo Sr. Odorico encontrámos o seguinte:

« Aqui tenho estado com o nosso bom Silva, encarregado de negocios na Hollanda; no dia 15 apresentei-o ao Lopes de Moura e ao visconde de Santarém, que ficaram mui contentes uns dos outros. Se as nomeações do governo fôsem sempre tão acertadas, não estaria.... »

E seguem-se umas verdades, que deploramos com elle. Quão differente é a opinião de um homem tão conspicuo e tão franco como o Sr. Odorico, daquella assacada pelas nossas mediocridades que ousaram atacar o Sr. Joaquim Caetano da Silva, um dos homens mais graves e mais illustrados do imperio do Brasil!

Consola aos amigos das lettras essa opinião de uma autoridade tão respeitavel e tão independente, que por si só vale mais do que zoilos grotescos, que por não comprehenderem o character do nosso diplomata, pretenderam invectivar a sua modestia, e a sua gratidão n'um momento de escarneo.

A terra lhe seja leve.

O CASSINO

POEMA LYRICO

DO

SNR. ERNESTO FERREIRA FRANÇA FILHO.

Não somos ricos, e devemos receber com muito agrado o Levita que vem depositar sobre o altar da patria as premicias do seu amor artistico. O livro de que nos vamos occupar não é uma d'essas obras que pedem uma analyse extensa e considerações graves, porque é um ramalhete de baile, onde o inesgotavel trovador collocou bellissimas flores, e as enfeixou com o amor de um moço e com o enthusiasmo de um artista: ha n'elle um folego prolongado, e essa abundancia dos poetas italianos que precederam a escola de Manzoni.

Abre-se o Cassino, mas não o esplendido baile, o saráu ao som da orchestra, animado pelas luzes e por essas galas sumptuosas do sexo que adoramos, pelo borborinho alegre que se desprende de todos os labios, e pelo prazer que anima todas as physionomias: o Cassino que se abre é sómente para o poeta: é uma tela magica, diaphana e rutilante, que transluz sombras encantadoras, vultos adoraveis, e d'entre os quaes o poeta destaca um, perante o qual se ajoelha, para depositar na flor dos labios todos os perfumes da sua alma. E' esse vulto mysterioso o da Musa que o inspira, e é d'elle que recebe a torrente variada de expressões que o seu amor derrama, e que parece querer eternisar.

Ha no todo d'esta obrinha um nuncio agradavel, que é o da revelação de um poeta com todos os requisitos necessarios e naturaes: não se encontra ahí esse estorzado monotono da cohorte dos plasticos imitadores; não ha n'elle o sello pendente da chancellaria dos trovadores diarios, que metrificam com dados phrazeados, ou vão do sacco das syllabas tirando o numero dos versos, que o fazem ganhar no vispora, o receber por premio uma ferradura do Pegaso; mas ha ainda o defeito da escola actual que é o de egoisar interminavelmente. Em Anachreonte, que é o Nume da poesia erotica, ha parcimonia; na cratera onde espuma o mósto rubicundo cahe de vez em quando uma lagrima de amor e nunca o perdigoto do interminavel fallador.

O author do CASSINO, se não for acommettido do amor da novidade, ha de ir longe e muito longe: ha n'elle elevação na maneira de ver, fecundidade na exposição, gosto, e algumas vezes muito gosto na escolha das suas comparações.

E' hoje difficil em extremo o trilhar a senda anachreontica: o coração humano já tem explorado por mil modos o terreno do amor, e pouco ou nada resta senão a fórma, senão esse encanto que só possuem aquelles que tem sempre nos olhos uma nova côr para os objectos que encaram, e novas harmonias para os que elles cantam

n'aquellas horas em que um Deus se infunde no seu ser privilegiado. Para esses ha sempre uma fonte inesgotavel, que é aquella onde o Dante purificou a sua Beatriz, onde Petrarca vio reflectir-se a sua Laura, onde Moore, Carré, Parny, Gonzaga e outros estancaram a sua sêde.

Pareceo-nos, n'essa hora tão ávida de leitura, por um d'esses sentimentos instinctivos, de que o livro do Sr. França lho sahio mais longo do que elle o havia imaginado, porque ha n'elle um generoso acolhimento a todas as idéas que se apresentaram no momento da composição, e das quaes algumas se repetem, ainda que embelezadas por novos atavios. A repetição musical é uma fórmula prescripta pela arte da melodia, e só se compadece com a poesia, ou na fórmula franca e immutavel de Homero, ou nos estribilhos e côros.

Pareceo-nos ver o artista trepidar a cada instante, e soffrer de que o seu amor não fosse comprehendido na devida extensão; e esse tão natural sentimento o obrigando a refocar mais de uma vez as fórmulas idéaes do seu painel; mas, apesar d'isto, o seu poemeto é uma phenix progressiva e abundante, que renasce de uma fórmula para outra, e constitue uma grinalda que vaa, que desliza como a corrente de um ribeiro, que em cada onda exhala um novo perfume.

O novo author nos perdoará tantas exigencias, e sobre tudo a que vamos significar-lhe ainda. Desejariamos que o seu poemeto se convertesse em uma galeria de formosuras de todas as provincias, e que a cada uma d'ellas coubesse aquillo que tão bellamente coube á que nasceo em Pernambuco, e para a qual foi erguido esse lindo pedestal da descripção do seu paiz natal. E o poeta era livre na escolha e na preferencia, a menos que não quizesse multamar, e mahometanizar-se ao som da lyra, no que não levaria a palma ao mesmo Anachreonte, a Byron, a Bocage e a outros muitos; já que o amor dos poetas não está na plana de um sacramento.

A preferencia faria motivar-se, e eis em campo todas as comparações entre a filha trigueira do Amazonas e a clara do Gayba; e ali mesmo poderia em larga escala desenvolver todos os dotes peculiares da Maranhense, da Bahiana, da Mineira, da Carioca, da Paulista e da Catharinense. E n'esta lição phantastica obteria sem duvida um maior triumpho a sua dama; seria ella a rainha da festa, a figura mais illuminada do seu formoso painel.

E porque, meu nobre e ardente vate, haveis desprezado a natureza do vosso paiz pela natureza do Oriente; para que fosteis buscar um fundo de harmonias estranhas para realçar o retrato da vossa deidade, que é Brasileira, e que habita debaixo de um céu risonho? Seria porque Salomão, o grande poeta, amou essa natureza, ou porque desejaes elevar a vossa amada ás alturas do Sulamitis?

O grande rei não tinha visto a America, e se a visse certamente que a havia de preferir, porque n'ella encontraria tudo quanto se pôde desejar de sublime e de grandioso. Que vá ao Oriente buscar inspirações o filho da nebulosa Caledonia, o neto de Herminio, o descendente do Cid, ou o habitante do Sena; vá, porque esses não fazem mais do que remontar ao typo primitivo; mas nós, que temos o primeiro rio do mundo, uma flora nossa e immensa, e todas as riquezas imaginaveis, parecemos um Crespo no auge da opulencia a mendigar na estrada publica um obolo ao estrangeiro: cremos admissivel esse direito quando o sujeito da composição assim o pedir, por-

que seria confundir localidades; cremos que não devemos abandonar o bello, aquillo que está consagrado, senão em proveito nosso, em abundancia, e não em detrimento. No mundo epico, no mundo da alta poesia, que vòa pelo universo, sim, porque então o universo é propriedade do poeta, mas nos quadros familiares, nas harmonias domesticas, não: a Brasileira deve estar no Brasil.

Perdeo acaso em algum momento essa poderosa magia, essa cor vivida, esse inimitavel brilhantismo, essa ligeireza e graça, como a de um passarinho que saltita, canta e reflecte as suas pennas variegadas, o Sr. Gonsalves Dias, ou Sr. Dr. Macedo? não: os cantos americanos ahi estão, assim como todas essas harmonias eroticas do author da Rosa.

Os Srs. Norberto, Teixeira e Souza ahi estão com as suas balatas, e com o poema dos Tres Dias de um Noivado. O poeta, que nasce poeta como o Sr. França, tem o dom de embelezar o que vê, e de immortalisar o que canta; e já que possui o maior e o unico segredo da arte, aquelle que se não aprende, póde trabalhar sem susto, que a natureza ahi está bella e sempre joven, e sempre variada. O grande triumpho só se alcança com a natureza em vista, quando nossa alma para ella se abre como um espelho, e a reflecte nas obras de arte. Com esta palheta inesgotavel se alcançará a luz como o Ticiano, a graça como o Raphael, a robustez grandiosa como o Buonaroti, e a magia de um Rembrand. Uma só alma é a do poeta, do pintor, esculptor, musico e architecto; um só espelho, mas applicado a reflectir um lado, ou uma harmonia da natureza.

O vosso poemeto não perderia nada se fosse um collar de avellorios, rutilando sobre o collo abassanado da nossa America; e se o quizesseis um adereço imperial com todas as pedras preciosas, bastaria abaixar a mão da terra da patria, que é vossa, que ella vos daria tudo quanto ha de mais bello e precioso para a vaidade humana; porque tendes em vossa alma amor e estro, e porque o céo vos fadou!

Do que sois capaz de ir avante, e de que tendes a robustez necessaria para emprender uma obra de longo folego, já tivemos em nossas mãos uma prova concludente; assim pois, vos pedimos, vos rogamos para que façais d'ora ávante uma applicação mais ampla da arte que Deus vos deu, empregando-a em assumptos de mais largo interesse. O theatro está fechado. O governo imperial *correspondeo ás rogativas de alguns authores com a consolidação do monopolio* nas mãos de um homem, que só tem hoje de artista o decorar alguns papeis, e que tudo abarca com a sua frenetica ambição e intolerancia.

Se escreverdes um drama, uma tragedia, vereis esse semi-Deus descer das bambolinas celestes para se transformar em mesquinho mercador, e querer passar á larga á custa do vosso trabalho; e ainda mais o ouvireis murmurar, dizer mal da vossa obra, emquanto ella lbe está dando rios de dinheiro, e elle vos não paga senão por uma imperiosa necessidade. (*)

Pegai, meu nobre poeta, na Revista do Instituto, e ahi achareis um assumpto digno de um poeta brasileiro: — Os ORIZES PROCAZES —. Ahi se poderá revelar sob uma

(*) Este artigo, como se vê, foi escripto antes do Snr. Commendador declarar que não representava mais, em consequencia da condecoração que lhe concedeo o governo portuguez.

e mil fórmas o vosso bello talento, que não deve ficar na escuridão: ha nos Orizes uma tela grandiosa para o author da *LYNDOLA*; ha n'esse sugeito um vasto campo para fazer brilhar o anel d'essa cadeia de litteratos, juriconsultos e sabios; e esse anel sois vós, e essa cadeia são aquelles que vos precederam na familia.

A epoca infausta para os homens de espirito começa a declinar, e o poeta pode hoje erguer a sua cabeça por entre as legiões d'esses fanqueiros dourados que nos teem dominado: a sorte do proscripto está melhorada, e começa a ganhar no espirito geral da população aquelle respeito que lhe tributam as nações civilizadas; porque um dia deixaremos de ser uma fabrica tumultuosa de deputados e senadores. Ha grande differença entre a urna eleitoral e a lyra: n'uma se esconde o egoismo, e na outra resplandece a generosidade.

A cultura do bello ha de vir, e com ella o legitimo prestigio da intelligencia, e as idéas generosas; mas essa cultura só poderá florescer quando desaparecer o espirito dos homens que nos teem governado até agora, cujas idéas de futuro se reflectem no aspecto das nossas praias, ruas e praças, e nos acanhados edificios que elles mandaram construir para a Nação com o dinheiro da Nação.

O poeta deve trabalhar, porque elle é o instrumento celeste que em todos os tempos castiga os vicios contemporaneos; é o homem do trabalho, da meditação e do desinteresse; e o que faz a gloria das nações sem causar demissões nem mortes.

A geração que nasceo livre, a que vio a luz de 1822 para cá, é a que ha de fazer alguma cousa, porque n'ella não ha resabios da antiga escravidão, e não se educou em tempos em que não havia uma nacionalidade: eramos colonos, eramos escravos, e eramos olhados como uma raça hybrida pelos nossos proprios pais, que assim o faziam porque estavam como todos os povos decadentes.

Se o governo não quer um theatro, façamos poemas; e se elle não quizer poemas, faremos então satyras.

E' do nosso dever o protestar, porque o protesto, quando não acha acolhimento na terra sobe para o céo, e de lá baixa um dia para estigmatizar esses homens que zombaram de tudo o que ha de mais sagrado para com a civilisação.

O Imperador ahi está, ahi o vedes nas sessões do Instituto; mas o seu exemplo ainda não convenceo a multidão dos nossos fanqueiros politicos.



DUAS CARTAS

A EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

Napoles, 14 de Outubro de 1835.

Meu bom amigo e senhor.— Antes de hontem fiz a minha ascensão ao Vesuvio, depois de me haver demorado em Herculano, e admirado mais uma cidade dos mortos, como muito bem lhe chamou Walter Scott. Não tenho expressões com que lhe possa agradecer o favor que me fez de publicar na sua *Aurora Fluminense*, um extracto da minha segunda carta de Roma: não merecia tal honra; e se assim lhe escrevo é porque tenho ordem sua para isso; e porque praticando das cousas que aqui vejo com um meu patricio de tanto merito, me creio neste doce momento ainda no seio da patria, e não tão longe della, e tão só, pois até não temos aqui um só empregado diplomatico; e eu ha mais de quatro mezes que não fallo a nossa lingua. Vingo-me deste capricho da sorte em recitar versos e lèr bem alto os poucos livros que tenho no idioma natal, e com isto me satisfaço e me consolo.

É uma dilicia indizível o atravessar a Praça do Mercado, abstrahir-se da multidão, para considerar com olhos historicos aquelle theatro que viu a decapitação de Conradino, a revolta, os triumphos e o delirio de Mazaniello! Uma cadeia involuntaria prende esta praça á de Bruxellas, e une o cadaver de Conradino ao do Conde de Egmont, e me povoa todas estas janellas antigas, e as do convento do Carmo com physionomias hespanholas, e com o vulto terrível do duque d'Alba, cuja memoria se estende do sul ao norte da Europa.

Dizem que El-Rei tem em vistas um formoso projecto para mudar a face deste mercado, e Deos queira que não destruam a pequena capella que está ahí, e que recorda estas scenas; porque destruidas as reminiscencias da Italia, e os logares que testemunharam os factos, ficará este paiz pela terça parte.

Felizmente ha nos Italianos, do norte principalmente, um grande amor a tudo o que póde instruir: na Lombardia, na Comarca de Bolonha e na Toscana, não ha uma pedra, um quadro, um pedestal que não tenha a sua historia.

Por toda a parte por onde caminho sinto um ineffavel prazer quando encontro algum ponto que tem relação com a nossa America. Aqui vejo a estatua de Gioia, o inventor da bussola; e em Florença me dilatava em contemplar a famosa cupola da cathedral, porque nella via a imagem de Brunellescho, e com este o famoso Toscanelli a conversar sobre o designio de Colombo. Não lhe sei dizer o porque, mas acho-me como uma especie de descendente, de parente destes logares, mórmente quando considero que foi um Italiano que descobriu a America, e foi outro que lhe deu o seu proprio nome, e esse esteve no nosso Brasil.

Mas eis-me já extraviado, e o meu amigo a perguntar-me por Herculano e pelo Vesuvio.

Depois de se passar o Carmo Maior, e seguir-se pela estrada beira mar, e admirar-se toda essa variedade de casarias, palacios e quintas, mais ou menos bellos, chega-se a Portici, residencia real, onde outr'ora houve o musèu que passou agora para o *Palacio dos Estudos*.

Antes de penetrar o pateo, ou attrio do palacio, ninguem dirá que ali houve um rio em outras eras, assim como uma outra cidade que não foi arrasada, e que desapareceu conjunctamente. Chega-se á Resina, e quasi defronte da igreja, á direita, lê-se em uma pequena porta: —THEATRO DE HERCOLANO!

Eu e o meu companheiro de viagem, que é um moço allemão, chamado Furtuengler, descemos, acompanhados de um guia, por uma galeria escura até encontrarmos um roto á maneira de poço, que tem uma sacada no meio, e da qual, olhando-se para o fundo, vê-se á direita outro poço quadrilatero, em cujo fundo se observam os degrãos de marmore do antigo theatro: disse-nos o guia, que era deste lugar, que El-Rei Carlos 3.º animava os trabalhadores a proseguirem nas excavações, e ali recebia as noticias de todas as descobertas que se faziam, e que elle mesmo ia admirar.

Á construcção deste poço se deveu a descoberta de Herculano, cujo nome vagava na mente e nos desejos dos antiquarios, sem se saber precisamente do seu lugar: o acaso é o grande fornecedor das maiores descobertas humanas: a elle deveu Cabral a descoberta do Brasil; a elle se deveu o conhecimento mais amplo que temos da vida intima dos antigos com a descoberta destas cidades enterradas, que completaram o que já sabiamos pelos escriptos da antiguidade.

E a mim parece-me que é quasi um impossivel comprehender bem essa vida intima dos antigos, assim como o seu theatro, sem ter visto e pisado estas cidades que o Vesuvio nos conservou; ao menos assim me aconteceu quando li o theatro grego, e que agora comprehendo: as estampas não satisfazem em tudo e por tudo.

O nosso guia, depois de acender um archote, nos fez voltar pelo mesmo caminho, e passarmos a outro, que nos conduziu ás galerias internas do theatro, as quaes ainda conservam parte do seu antigo estuque, e neste as pinturas de que eram ornadas.

Corremos todos os escondrijos daquelle immenso subterraneo, e a não vérmos as paredes de construcção reticular, a fórma architectonica das arcadas, archivoltas, impostas e cimalthas, os frescos, as inscrições, os fragmentos de marmore, não acreditaríamos no que viamos! Parecia um sonho, uma cousa fóra deste mundo! O escuro, o silencio profundissimo, e as recordações que me assaltavam, concorriam para engrandecer em minh'alma o horrendo spectaculo da catastrophe, e da situação daquelles habitantes, que foram alli sorprendidos no momento em que saboreavam as delicias de um spectaculo! Seria uma das scenas de Eschylo, ou de Plauto, seria o genio da Grecia ou de Roma? Ninguem o disse, ninguem o transmittiu.

O nosso guia, logo que chegou ao proscenio, nos convidou para que guardassemos uma das extremidades, enquanto elle passava á outra, e para que podessemos desta arte avaliar melhor o diametro do amphitheatro e a largura da scena: é immenso! Parte da orchestra está bem conservada, e inda forrada de mar-

mores rarissimos; a base do hypposcenio, ou o lugar onde se retiravam os côros, está intacta, assim como as escadas do timele. Passámos aos camarins dos actores, que ainda conservam muitas pinturas; e demos uma volta pela parte externa, que tem pedaços intactos. A arte com que está feita a excavação é tão admiravel como a obra que se vê, porque da sua perfeita combinação resulta a segurança da cidade que está por cima.

Quem sabe se por baixo deste theatro ainda existe uma outra cidade? A *Torre del Greco* foi já submergida em parte, e quem sabe se antes de edificar-se a cidade de Phenicio Hercoles, que venceu a Gerio, já esse terreno éra a sepultura de uma outra cidade mais antiga? O Vesuvio ahi está, e o homem assim como não sabe quando foi a sua primeira erupção, tambem ignora qual é a historia deste pedaço da Grande Grecia. Bem dizia o padre de Sais a Herodoto: *Gregos, sois meninos de hontem.*

Além da natural curiosidade de um artista, ha no homem um desejo incessante que o impelle a indagar do mundo em que se acha; ou caminhando para um dos quadrantes do horizonte, querendo vêr terra e mar, ou desejando subir para saber o que se passa nesses mundos que povoam o firmamento.

O sonho do aeronanta tem a mesma origem no do viajante que desce ás cavernas, ás minas e procura conhecer o coração da terra. Todas as vezes que descemos as catacumbas de Roma sentimos lavrar em nossa alma o fluido da veneração á virtude e á constancia dos primeiros christãos: Chateaubriand nos havia preparado para entrar naquella grande morada; e Delille completado esse quadro com a descripção artistica daquelle berço do christianismo.

Já tinha baixado ás catacumbas de Paris, tinha visto a gruta de *Han sur Lesse* que amortalha um rio com sudarios de alabastro; vi os tumulos dos reis da França, o hypogeo da gloria, o sarcophago da realza christãa; mas ainda não tinha descido ao tumulo de uma cidade, e de uma cidade mais antiga que Troya, e por onde passaram os Oscos, os Etrencos, os Samnitas, os Gregos e os Romanos!

As almas cubiçosas, aquellas que possuem um amor sem liga pelo estudo, e que aspiram conhecer os destinos da humanidade atravez da sua marcha interpolada, só acham na antiguidade um lenitivo para esse continuo anciar, para esse desejo, que, á força de existir, se converte n'uma especie de dôr moral, e n'um caminho que tem por perspectiva um infinito. Nunca sabemos o que queremos! Ha sempre um vacuo de ambos os lados, e parecemos collocados entre dous infinitos!

Se eu pudesse aqui ficar algumas horas, e lêr uma das tragedias de Eschylo, o Prometheo, por exemplo, ou o Ajax, de Sophocles, passaria uma bella quadra da vida; mas eu desejaria estar só, e muito só, porque assim doudejaria com toda a minha liberdade, e faria aquillo que fiz quando, depois de dous annos de hospedagem em casa do fallecido Sr. bispo D. José Caetano, achei-me nas solidões do Rio Comprido, na liberdade das selvas, e no alto das montanhas. . . não me envergonho de o dizer, meu amigo, saltei como um menino: cantei, rolei, e fui feliz, como na noite em que recitei versos no Coliseo, apezar de que os assassinos viessem dar uma côr tragica áquelle nosso divertimento. Vamos adiante.

Fomos ao lugar onde se estão fazendo as novas excavações, e ahi vimos as calçadas das ruas, compostas de polygonos irregulares, como da *Via-Sacra*, em Roma

e os da Via Appia, tão famosa na historia. As calçadas já eram da mesma lava que se usa em Napoles actualmente, e que não tem superiores em parte alguma da Europa.

As casas dos antigos se assemelham na distribuição interna: dividiam-se em duas partes: uma para o uso publico, e a outra para os cônhegos familiares: á primeira, pertence o vestibulo, o cavedio, e o tablinio; e á segunda o formoso peristylio, as camaras, o triclinio, a pinacotheca, exedra, bibliotheca, banho, e mais commodos de menor monta. Todas as casas tem pela maior parte dous planos; poucas são as de tres. A pinacotheca, exedra e as outras partes mais nobres eram no primeiro plano, ao nivel da rua; porque as outras eram no subterraneo: ahí vi ainda muitas amphoras na adega, o, sobretudo, as capellas internas, com suas aras, seus deoses penates. O lugar da oração era privado, e nisto achei-lhes muita razão.

Não se pôde crêr no luxo que os antigos ostentavam em suas casas, sem se verem estes restos, e estas paredes; jardins internos com repuchos, alegretes de conchas com estatuas e pensamentos admiraveis; e sobre isto os terrassos cobertos de flôres, donde apreciavam o bello panorama que ainda offerece a terra e o golpho de Napoles.

As frentes das casas eram feias, e quasi sem prespectiva, e não excediam de 18 a 20 palmos de alto, com janellinhas e uma porta baixa. Vê-se que a sua vida era toda no interior, e que elles só empregavam o luxo monumental nos edificios consagrados ao culto, aos magistrados, ou aos publicos espectaculos.

Para se apreciar todos os caprichos dos pintores antigos, é necessario recorrer ás obras que se tem publicado sobre estas excavações, porque ahí então se pôde com tempo admirar a variedade e invenção de taes artistas: Raphael nada inventou nos arabescos do Vaticano: tudo estava feito, quer nos muros das thermas de Tito, quer nos hypogêos antigos de que ainda ha tantos em Roma; a arte do estucador nada ganhou á vista do que vimos nos rectos da famosa Villa Adriana, perto de Tivoli, e no que se encontra por estas ruinas.

O que actualmente se descobre á luz do dia, de Herculano, são pedaços de muros, muralhas, por cima das quaes ainda se vê a madeira carbonizada do vigamento antigo, e os magnificos pavimentos, como os que se usam ainda em Bolonha, e que parecem de uma só taboa de marmore.

Herculano existiu até o tempo de Plinio, que com ella morreu na grande erupção do Vesuvio no anno de 73.

A sua memoria perdeu-se, e o arado passou por cima da grande cidade 1650 annos, sem que os homens soubessem onde existia!

Em 1720, no tempo do Principe d'Elbeuf, precisando elle de marmores para a construcção do seu palacio de Portúci, mandou cavar, e então se acharam muitas estatuas de marmore e bronze, e foi quando resuscitou a lembrança da antiga Herculano; mas o governo mandou parar com as excavações até que veio Carlos 3.º, que as continuou, e deu ao mundo esse fossil da civilização antiga, e com elle o conhecimento perfeito de um theatro grego, de um foro, de templos, e de uma grande quantidade de manuscriptos ignorados, que tem concorrido altamente para o progresso das luzes e da sciencia da historia.

A villa de Portici, que se une hoje com á de Resina, encerra um palacio real, como já lhe disse, onde se encontra uma bella collecção de plantas exóticas, de animaes de todas as partes do mundo.

Aqui tive occasião de vêr os amores de um leão com uma leoa que o não correspondia: é medonho o assomo erotico do rei dos animaes, e tão medonho que o não pude supportar por muito tempo.

Já vae longa esta minha carta, e por isso não lhe posso escrever o que vi e senti na subida ao Vesuvio: fica para o outro paquete, se esse paquete não nos trazer alguma tempestade inesperada.

.....

Napoles, 20 de Outubro de 1835.

Amigo e Snr.—Se aqui se achasse o Snr. Drumond, eu lhe teria enviado esta carta, porque este perfeito cavalheiro nada poupa para ser util aos seus patricios. Na minha pobreza franciscana, e no momento em que estou vendo transparecer o fundo da bolça, recebo pelo correio umas cartas de Paris, que me dão talhos profundissimos nas finanças: já escrevi ao meu officioso amigo, pedindo-lhe que me não transcreva noticias dos Jornaes Francezes, porque aqui os leio, e dispenso os seus amaveis commentarios. Aborreço a politica, porque ella é a causa da minha desgraça: por ella perdi a pensão que me prometteo o Senhor D. Pedro I.; e por ella perdi a que o Snr. Martim Francisco pediu ás camaras para mim, e que foi tão altamente protegida pelo seu lado politico: tanto a pensão do Senhor D. Pedro, como esta agora não sollicitei; e acho-me nas circumstancias felizes daquelles que não vêem uma esperanza decepada: a nuvem risonha se ergueo, e se desfez n'uma rajada, sem que eu soffresse. A minha esposa, a contrariedade ainda não se divorciou; e muito temo ainda do futuro, mórmente quando penso que lá irei achar homens de baixos sentimentos, e ter de viver com elles no mundo das artes.

Estou a completar a minha viagem, e com ella o conhecimento das escolas italianas; e se não vou mais longe, como queria, é porque não tenho meios para isso. Ah! se eu podesse ir á Grecia?.....

Basta de fallar de mim; basta de egoismo; vamos a narrar-lhe o que vi e senti no Vesuvio.

Depois de ter visto Herculano, e de consultar bem a fortaleza das minhas pernas, decidi-me a subir ao Vesuvio, e a fazer esta ascensão de uma maneira classica, ao que o meu bom Allemão adherio, e com todo o enthusiasmo de um ávido estudante.

O mesmo Cicerone nos servio. Armados de bordões, partimos de Resina, e principiámos a subir por uma estrada pedregosa e irregular, encontrando sempre ora lava, ora calhaos soltos, que nos mortificavam os pés, o corpo e alma. Banhados em

suor, chegamos á uma altura onde a aridez tinha estabelecido o seu imperio; passamos de um oasis para um deserto, e pelo deserto subiremos sempre.

A lava se assemelha muito ás escorias de ferreiro, e se acha estendida em grandes camadas, e na fórma de metaes fundidos e derramados por todos os lados. O seu aspecto ou a sua cor é acinzentada no todo, mas em detalhe não, porque é de todas as cores. Ha na sua marcha um character particular pelos sulcos que deixa, pelas ramificações que faz, e pela disposição das suas camadas: não sou geologo, nem mineralogista, e muito sinto o não sel-o, porque veria n'este grande quadro cousas que os meus olhos profanos não veem agora, e lhes não podem transmittir.

Do lado esquerdo, em uma colina isolada, formada de lava antiga e já decomposta, está a famosa *Hermida*, rodeada de verdura, venerada e descripta por todos os viajantes que tem subido a estrada que eu subi, que é ainda mais aspera, não só pelas subidas, voltas, baixas, como por ser mais um buraco do que um caminho: creio que os Asnos de Tivoli e de Sublaco arrepiariam caminho, apesar de caminharem pelas estradas de Genzano, Cava, Palestrina, e outros lugares do antigo Lacio, que não ganham em aspreza nossas picadas de caçadores, e estradas que por lá vão.

No meio do caminho encontramos alguns Francezes e Inglezes, que voltavam do Vesuvio; e n'um lugar solitario; mais ácima, um artista que arranjava os seus pinceis, e se preparava para voltar á casa. Feliz ente! vai achar na sua patria quem o anime, e o refocile das forças que aqui consumio, e da sensibilidade que esgotou! Quando apreciará o Brasil o trabalho de um seu filho, que anda por aqui, e que lá vai se confundir com aquelle que vio o Vesuvio de Napoles, e o Coliseu, de cima do sofá?!

Chegámos á *Hermida*, e fomos recebidos por um leigo franciscano, que é conhecido em toda a Europa, não só pela sua ausencia das bibliothecas, como pela sua avareza; e logo que penetrei o interior da casa, tratei de me pôr em boa harmonia com o leigo. Pedi-lhe duas cousas: que me abrisse a capella, e que me dcsse duas garrafas de afamadissimo *lacrima-christi*, que tem a virtude de tornar poeta um tôco de páu, menos o tal leigo, que é da natureza da lava.

Ha na sociedade européa uns sacramentos indispensaveis para que o viajante não passe por um estúpido: um d'elles é beber o *lacrima-christi* do leigo, porque este é o melhor que ha em toda a terra Parthenoprana, mórmente para os que d'elle nunca prováram.

Ora o nosso leigo não é tão medonho como o tem pintado os viajantes, mórmente os Inglezes e Francezes, porque é um homem simples, rubicundo, e que pouco se lhe importa com o que vai lá por baixo na barulhenta cidade das barcarolas e dos lazarones; e a sua avareza não é como dizem, porque contentou-se com a nossa offerta, sem nada replicar; e o meu amigo bem vê, que da minha bolça á de um lord, vai a differença que existe entre a cupula da Lapa dos Mascates e a de S. Pedro de Roma.

Emquanto esperavamos pela hora da partida, pedimos ao nosso monge o livro onde costumam escrever os viajantes vesuvianos, e ahi escrevemos os nossos nomes. O meu companheiro foi mais longe: escreveo um elogio á prosperidade e grandeza

do Brasil, em Grego antigo, moderno, Albanes, Turco, Allemão, Francez, Inglez, e Italiano.

Percorremos com avidez e curiosidade as folhas desse livro para procurarmos alguns nomes conhecidos, e alguns encontramos de celebridades que já não existem, e de outras que enchem o mundo de admiração: lá estava o nome de Lamartine, e uns versos, que o Monge nos prohibio de copiar. Ah! quem me dera n'aquelle momento a memoria de João Pedro Mainard, ou do meu patricio Coruja!.....

Nestes livros, onde se assigna o viajante de todas as partes do mundo, se póde estudar o character das nações, e a maneira de ver do habitante desta, ou daquella região. Entre os pensamentos graves e poeticos dos Allemães, e o espirito faceto e sarcastico dos Francezes, encontrámos as mais indignas obscenidades de alguns Hespanhoes. E para que tomar o lado do feio ideal das cousas, se não ha brilho no luxo? Os homens que assentam que ha espirito e graça no cynismo, deviam ser condemnados a habitarem sómente as sentinas, porque assim estaria livre a sociedade destes perigosos engraçados, que não apreciam o aroma das flores, e só respiram o que é bem differente.

Acabado este volume, nos offereceo o frade um outro, que já estava cheio, e que não pudemos ver, porque a vela se ia acabando, e com ella a vigilia: estavamos cansados, e bem cansados!

A hospedaria da Hermida não tem differença alguma da casa a mãis ordinaria: uma sala e duas marquezas velhas, com dous horribeis colxões! Espichados, mesmo vestidos, começavamos a gozar de um somno refocilador, quando fomos acordados pela entrada de um novo hospede e do seu guia, que logo começou a travar lingua com o meu, e a fallar tão alto, como sóem os meridionaes.

O novo hospede era um Americano do norte, que rolou os olhos pela sala, e vendo os dous leitos occupados, tomou o expediente de deitar-se em cima da mesa, e em menos de 40 segundos começou a roncar soffrivelmente.

Os guias conversavam altamente, e eu não pude dormir até as 2 horas da noite, em que se ergueram e nos chamaram para começar a difficil subida.

Munidos de archotes, marcharam adiante os guias, em quanto nos despedimos do Religioso, que me fez muitos offercimentos, e me disse que, para os catholicos, elle é outra especie de homem, que não é para essa caterva de hereges que visitam continuamente o Vesuvio.

Se o caminho que tivemos era pessimo, peor ainda foi o que trilhámos, que, além de escabroso, escorregava de uma maneira nova. Caminhámos em zigue-zague uma boa hora por cima da lava, descroendo todas as curvas imaginaveis e seguindo sempre as pisadas dos nossos infatigaveis Cicerones até chegar á verdadeira subida, que é a do cone.

A noite estava fresquissima, e sem isso impossivel seria resistir á fadiga e ao suor: subiamos, e dous passos apenas faziam meio, porque escorregavamos na cinza, e ás vezes voltavamos ainda mais atrás, se tinhamos a desgraça de pisar em algum calhão de lava; depois de uma interminavel subida, apagaram-se os archotes, e não havia meio de os accender: o silencio era mortal, o ar purissimo e frio, que retalhava as fa-

ces, e ainda tinhamos muito que andar; mas o meu bom Americano lá achou um meio e acendeo um só archote, porque o resto do outro ficou reservado para uma maior de espadas n'aquelle jogo da vida.

Chegamos felizmente ao cume, e ali descauçamos um pouco.

Algumas senhoras que tem emprehendido esta viagem, se fazem carregar em li-teiras, ou n'uma especie de redes que aqui armam, e lá vão; os ricos são buchados por varios homens; mas nós, e eu, vamos como o pai Adão, que não conheceo todas estas industrias da sua posteridade.

Depois de galgarmos a borda da cratera, a fomos costeando no escuro, de braço dado com o guia, e com um lenço no nariz e boca, para impedir o fetido do enxofre que é tal a suffocar a gente: todos tossiam e offegavam.

Chegamos a um lugar onde a lava estava vermelha e queimava a ponta dos nossos bordões, quando n'ella se esfregava, o fomos para o lado do vento, que era o da parte de Napoles, e ali ficamos á espera do dia.

O ar, ainda que finissimo e frio, era temperado pelo calor do sol; mas logo que o vento cedia, tanto o fetido, como o calor, tornavam-se insupportaveis; e ainda tenho aqui o lenço que lá me servio, que parece ter sido mergulhado em um banho sulphurio.

Depois de longa espera, começamos a ver por traz do turbilhão de fumo a luz apparecer, e tão felizes fomos que estava o céu purissimo. Avidos como estavamos da contemplação de um espectáculo tão singular, começamos logo a margear a cratera do vulcão, e a ver aquelle funil immenso, cujo aspecto não se póde descrever.

Por ignorancia, comecei a descer pela cratera, e tinha já feito uns 70 passos quando ouvi o guia bradar-me para que voltasse, pois estava em perigo de vida; voltei como um menino, e só ao depois é que soube do perigo que correra!

A cratera do Vesuvio tem mais de 300 passos de largo, e é irregular na sua fórma; e esta fórma varia confórme a erupção. Do centro do funil se despede continuamente um turbilhão de fumo sulphureo, que tonteia a todos, e provoca uma tosse insupportavel. O aspecto interno, a aridez, o escabroso, aquella crosta cinzenta manchada de amarello desde a flôr do enxofre até camadas mais espessas, a aridez e o silencio, fórmam um aspecto singular, que não tem comparação senão comsigo mesmo: a atmospherá imprime horror, e a cratera infunde medo. Com toda a razão os poetas fizeram a habitação dos demonios no fundo da cratera de um vulcão: tudo ali concorre para isso.

O dia appareceo com toda a pompa, e eu olhei para o immenso panorama que se desdobrava á vista: o golpho de Napoles, as mais ilhas, e a terra desde Baias até Castellamare e Sorrento.

Lá estava Caprea, e com ella Tiberio; mais adiante Ischia e Procida, com suas prisões e suas reminiscencias. Lá estava Baias, a habitação de Plinio e de Nero, e mais adiante toda essa terra da Campania, onde Virgilio bebeo as terriveis inspirações do 6.º livro da Eneida; caminhando para o monte, se via Puzoles, a Solphatarra, a colina de Posilipo, o tumulo de Virgilio, a formosa Chiaia, o forte de Sant'Elmo, e toda essa bella cidade de Napoles, que parecia uma grande crystalisação,

irisando as suas facetas aos raios da luz nascente, via mais a bella curva que vem do molhe á Torre del Greco, e desta á Castellamare, em cuja praia se me afigurou ver Plinio morto, e todo esse ar, que eu habitava, coberto de fogo e fumol

Ah! meu amigo, que erupção de ideias, que mundo se levantava da montanha, do mar, e da terra, para atordoar a minha pobre cabeça! Vi Hercolano florescente, vi Pompei, Stabia, Resina, e Tripergola, todas resplandecentes de vida e animadas pelos peões, pelas bigas, pelos plantros, e pelo povo nos seus theatros descobertos; vi junto á Baias a imagem veneranda de Cicero e Agrippina banhada em sangue, e imprecando o filho que lhe dava a morte.

E via só a antiguidade, porque ella é um mundo que está separado de nós pelo christianismo, e pela sua organização social.

O espectro de Roma pairará por longos seculos ainda sobre toda esta terra da Italia, e com elle todo esse cortejo immenso de homens que a humanidade conservou para commemorar todas as fórmas do coração humano.

As sensações que tive naquelle momento, misturadas a esse prazer indizível, cá estão gravadas no meu coração de homem, e de artista; estas se pódem juntar ás que tive quando me despedi de minha pobre mãe, que lá está tão longe, e ás que tive quando vi Paris, o Louvre, e a terra da Italia do alto do Simplão!

Quando não colha fructo para a algibeira destas minhas peregrinações, acharei sempre um manancial inexgotavel na recordação do que vi e do que senti, e do que provo ainda.

Do Vesuvio desci para Pompei. Parece incrível a massa enorme de lava que tem vomitado esta montanha! Ah! que este painel não é para os meus olhos, mas sim para o de um Buffon, ou de um Cuvier: a natureza aqui escreveo paginas, que eu não comprehendo, mas que admiro; e só elles, só esses homens, é que pódem levantar a ponta do véo dos seus grandes mysterios.

Descemos; porque é facil descer, e muito mais pela cinza onde se vóa, e se encontra um grande prazer. O deserto desapareceo, e saudámos os primeiros arbustos. Concebo o prazer do viajante do deserto logo que pisar a terra verde, que ouvir murmurar uma fonte, e que colher uma flór, um fructo, sem temer os estragos do simun, e a devastação dos alarves.

Continuando a descida, começámos a encontrar algumas casas de abobada, á maneira da Africa, e construidas para evitarem incendios; achámos uma figueira, que tinha uns figos admiraveis: não sei se os que comeo o Anachar de Barthelemi, nas margens do Biblino eram melhores do que estes: se é que estavam meligenos, divinos e incomparaveis.

Ao chegarmos a um arraial, tivemos o singular espectáculo de não encontrar um só mendigo, o que nos fez crer, que tínhamos tomado um caminho pouco frequentado. Atravessámos ainda varias aldêas e vinhas formosissimas até chegar a Pompei.

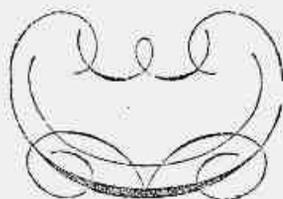
Paro aqui, porque Pompei é um poema de pedra e cal, que só pódo ser narrado longamente, ou como o está transcrevendo a sociedade de sabios que publica o Museo Berbonico. Toda esta viagem vale apenas sómente para se ver o mosaico

da casa do Fauno, que é superior ao de Palestina, e a todos os que estão no Museo do Vaticano: é uma batalha antiga, sobre a qual batalham ainda uma meia duzia de antiquarios, á cuja frente está o pintor Nicolini, que é um archeologo e architecto de primeira ordem.

A raça dos Buonarotis, Vincis, Galilleos, Spallanzanis, Viscontis e outros ainda se não extinguiu n'esta terra milagrosa.

Adeos, meu bom amigo, e creia na profunda afeição do seu obrigado.

Porto-Alegre.



CONSIDERAÇÕES

ACERCA

DA CONQUISTA, CATECHESE E CIVILIZAÇÃO DOS SELVAGENS NO BRASIL

POR

HENRIQUE DE BEAUREPAIRE ROHAN

Natural do município de Nytheroy, Tenente Coronel do Corpo de Engenheiros, Membro Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e da Sociedade Vellosiana do Rio de Janeiro, Membro Effectivo da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes da Província de S. Paulo, Membro Protector do Ensaio Philosophico Paulistano, e Socio Honorario do Athenaeo Paulistano.

ADVERTENCIA.

Empenhou-me a emprehender este trabalho o Sr. Dr. Claudio Luiz da Costa. Frequentes interrupções retardaram-me, muito além das minhas previsões. Publicando-o agora, para que chegue ao seu destino, peço aos meus amigos, que o não considerem pelo lado litterario, que nenhum valor tem; mas só unicamente attendam á questão de interesse moral, que procuro discutir. Achem nelle alguma idéa, que se possa aproveitar, que o mais pouco cuidado me dará, uma vez que, bem avaliadas as minhas intenções, usem para commigo dessa indulgencia, á que, de ha muito, estou affeito.

PARTE PRIMEIRA.

I.

Depois dos jesuitas, cujo empenho catechizador tinha reunido em sociedade regular as tribus dispersas dos habitantes primitivos do Brasil, tudo quanto se tem posto em pratica, no louvavel intento de attrahir para a grei commum os nossos selvagens, tem infelizmente contribuido para o exterminio dessa raça. Mais valeria doixar-se essa pobre gente ir-se multiplicando no silencio das matas, até que um ministerio tomasse a peito o estudo das nossas cousas, e lançasse enfim uma vista d'olhos creadora sobre ella.

Quem julgar os nossos aborigenes por esses miseraveis, que por ahi vivem abandonados no meio das nossas povoações, cheios de vicios, e affeitos á toda a sorte de crimes, poderá talvez reputal-os indignos de qualquer cuidado; mas quem, como eu, os observou nos seus alojamentos selvagens, e teve occasião de estudar sua aptidão industrial, sua indole pacifica e sua natural propensão para a vida social,

reconhecerá, por certo, sua inappreciavel importancia para o futuro engrandecimento do Brasil. Entretanto, julga o nosso governo que muito faz a favor d'elles, quando os brinda com um *barbadinho!* Por sua parte, entende o *barbadinho*, que desempenha cabalmente a sua missão pregando á essa gente simples o jejum e a castidade! São factos estes que mil vezes me teriam feito rir, se se não apoderasse de mim o sentimento penoso das miserias do meu paiz!

E temos, segundo um calculo razoavel, um milhão de selvagens dentro dos limites do Imperio! Um milhão de individuos segregados da sociedade civil, sem que nada façamos para tornal-os uteis de prejudiciaes que nos são! Que motivos allegaremos para justificar nossa indiferença, deixando em abandono essa mesma gente, que tão particular attenção mereceu da parte da companhia de Jesus?

Se quizermos ter uma idéa do estado de prosperidade á que já tinham chegado as missões jesuíticas em 1759, transportemo-nos ás antigas possessões hespanholas. O Paraguay ainda revela ao viajor curioso o tino conquistador dos missionarios da companhia nesses estabelecimentos importantes, que o govérno d'aquelle estado tem tomado a peito conservar no mesmo pé em que os deixaram seus fundadores. Ali ha trabalho, abundancia e riqueza; e, salvo os inconvenientes do systema communista, que, como repugnante ás idéas de liberdade, deveria ser abolido, nada ha a accrescentar ao que estatuiram os jesuitas.

Qu'é feito porém dessas povoações, que, ao oriente e ao occidente do Uruguay, faziam, com as do Paraguay, parte do territorio das missões, entre o Tibicoariy e o Ybycui? As do occidente foram arrasadas por nosso exercito nos primeiros annos do seculo actual; as do oriente, que, pelo chamado direito de conquista, nos couberam em sorte, existem hoje no mais lastimoso estado de penuria, ermas as aldéas, e occupadas por intrusos as immensas e bem povoadas estancias que lhes pertenciam. Parece que a destruição dessa raça entra, como condição indispensavel, no nosso programma civilizador!

Não foi preciso porém que eu ultrapassasse as raias do nosso paiz, para gozar do spectaculo que apresenta uma consideravel população de aborigenes, cheia de vida e digna desses cuidados, que a devem tornar feliz. Na provincia do Matto-Grosso, tive occasião de me convencer por mim mesmo do incontestavel merecimento dessa gente, e de estudar sua indole, para d'ahi deduzir os meios, que deveria algum dia propôr para utilisal-a. E' o que faz o assumpto da presente memoria.

II.

Ha pessoas que, enlevadas pelos serviços que prestaram os jesuitas, na redução dos selvagens americanos, julgam, em boa fé, que só elles, novamente instaurados no Brasil, conseguirão completar o que tão gloriosamente iniciaram seus antecessores.

E' um erro, contra o qual me devo pronunciar.

Filhos de um pensamento ambicioso, os primeiros discipulos de Loyola, procuraram dispor, em proveito da companhia, os elementos de força, que lhes offerecia a America. Fanatisados pela esperanza do dominio universal, submissos á es

disciplina, que se fundava na *santa obediencia*, eram então bem naturaes esses sacrificios, esses martyrios á que se expunham, para tomar posição vantajosa no Novo-Continente.

Mas hoje?

Hoje tem a America seus legitimos e bem constituídos senhores; e não é, por certo, em presença da nova ordem de cousas, que virão os jesuitas, *ad maiorem Dei gloriam*, representar o papel secundario de meros catechisadores. Essa honra elles de boa mente a cedem a esses pobres Barbadinhos, que por ahí andam a ganhar a vida, á sombra da credulidade publica.

Prescindamos pois dos jesuitas de agora, e procuremos imitar os de outr'ora, trabalhando nós em proveito nosso, como elles o fizeram em proveito seu.

Como procederam elles, e como procedemos nós, na conquista, catechese e civilização dos aborigenes?

Na conquista nunca empregavam a violencia, sabendo perfeitamente que o primeiro tiro disparado contra uma tribu lhes faria perder todo o prestigio no conceito dos selvagens. Esses meios pacificos, de que lançavam mão, produziram então, como ainda hoje produziriam, os mais satisfactorios resultados. E, para que esta minha asserção não pareça uma mera declamação, quero apoiá-la em um só exemplo. Na provincia de Matto Grosso, entre Villa-Maria e a antiga capital, existia a nação dos Cabassás, tão celebre por sua ferocidade, como pela tenacidade com que tinha sempre resistido a todas as tentativas, que se havia feito, para a conquistar de mão armada. O fallecido vigário José da Silva Fraga encarregou-se expontaneamente da missão de a converter, e o conseguiu com toda a facilidade, tanto que são hoje os Cabassás nossos amigos. Como esse facto, outros poderia eu citar de muito valor, para provar que, com meios brandos, com mimos appropriados aos seus usos, e com todos os demais signaes de confiança, capazes de captivar homens simplices, poderíamos chegar ao mesmo resultado. Mas, infelizmente, não é por esse systema, que em geral, procedemos; e, como se não bastassem os actos de barbaridade que diariamente se praticam contra os infelizes selvagens, ainda nos vem o auctor do *Memorial Organico* aconselhar o emprego sanguinario das *bandeiras* contra uma povoação que, identificada com nosco pelo facto de uma origem commum, outro crime não tem senão o de viver ainda na ignorancia! Embora procure esse escriptor justificar seu modo de pensar com a exposição dos roubos e assassinatos commettidos em geral pelos selvagens, suas idéas não podem ser aceitas por quem quer que tenha sido educado nos principios da religião christã. No seio das nossas povoações, no centro das nossas familias, temos nós selvagens muito mais perigosos que esses que vivem pelas florestas. Os nossos escravos formam uma população, que póde futuramente causar serios receios. Não se passa um dia sem que, em um ou outro lugar, não se amolinem, não assassinem seus senhores, não os envenenem, não os roubem; e entretanto, ninguem ainda se lembrou de os aniquillar a ferro e fogo; pelo contrario, vai felizmente lavrando a idéa da emancipação lenta e gradual em favor desses desgraçados. Procuremos tambem, lenta e gradualmente, conquistar, catechisar e civilisar os nossos abirogenes; e será esta uma accção digna de um povo

illustrado. Deixemos de empregar o bacamarte na redução desses infelizes conterrâneos, como tão barbaramente se pratica á face do Creator; e, respeitando seus direitos naturaes, seja por ora todo objecto da conquista o tornal-os mansos e trataveis, embora continuem a viver a seu modo, como ainda o fazem hoje muitas tribus, em varias das nossas provincias.

Em relação á catechese, era pela pompa do culto, e nunca por insulas prédicas, que os jesuitas attrahiam os selvagens para o gremio da igreja. Ainda hoje se observam, nas antigas missões estrangeiras, essas festas ruidosas, que encantam, e enthusiasmam o povo. E nós, que, em catechese, damos diariamente provas de uma falta de tino sem igual, enviamos a essas tribus um *barbadinho* que, sem conhecer nem a primeira syllaba de qualquer palavra brasilica, lhes vai explicar, em linguagem macarronica, a metaphysica do evangelho! Destituídos em geral das qualidades que devem distinguir os missionarios, não servem os *barbadinhos* nem se quer para arremedar os padres da companhia de Jesus. Muito maiores serviços tem prestado á catechese alguns illustrados membros do nosso clero nacional. Os nossos padres tem a inappreciavel vantagem de amarem de coração o seu paiz, e de serem religiosos sem superstição. Não são elles que farão consistir o segredo da catechese em mandar decorar aos seus catechúmenos orações inintelligiveis para espiritos incultos, como os selvagens.

Era pelo attractivo do bem estar material que os jesuitas demonstravam praticamente aos aborigenes as vantagens da civilisação. Nunca attentavam contra aquelles de seus costumes que, embora oppostos ás nossas leis, eram todavia toleraveis até certo ponto; e para essas reformas que convinha introduzir, serviam-se intelligentemente do intermedio dos seus *morobizabas* ou maiores. Com esse methodo, conseguiram formar povoações regulares, que ainda hoje fariam a admiração de todos, se os crimes dessa ordem tenebrosa não tivessem occasionado o seu exterminio. E nós, é a pau e corda que os obrigamos a trabalhar; e, para illudil-os sobre sua miseravel sorte, pagamos-lhes em aguardente e fumo, abusando immoralmente da tendencia que para taes vicios se manifesta entre a gente selvagem e miseravel.

Em summa, tão judiciosamente procederam os jesuitas, para com os aborigenes, que eu seria o primeiro a propôr o restabelecimento desses padres, se, pondo de parte o odio tradicional, que lhes vota a nossa população, chegasse a me convencer de que outros meios não temos para obter o mesmo resultado que elles conseguiram. Mas, certo de que, sem recorrermos á companhia de Jesus, podemos, com uma administração adequada, fazer a felicidade dos nossos selvagens, regeito inteiramente a idéa da ingerencia de toda e qualquer corporação religiosa neste mister, acci-tando todavia os sacerdotes, na parte puramente espirital, como empregados indispensaveis á catechese.

III.

Na nossa legislação, encontra-se uma infinidade de disposições ácerca dos nossos selvagens. Os reis de Portugal haviam tomado sob sua especial protecção essa por

ção de subditos, acção que muito os honra. Nós também, depois da nossa independência politica, podemos citar algumas medidas relativas a elles, e, entre outras, o decreto n. 426, de 24 de Julho de 1845, que não é mais do que uma compilação de todas as antigas disposições legislativas sobre o objecto. Mas esse decreto, em cujo espirito transpira, é verdade, o mais louvavel interesse em prol dos selvagens, tanto aldeados, como por aldear, é mais uma ficção administractiva, do que um verdadeiro meio de tornar effectivo o pensamento que o dictou. Ha já oito annos que foi publicado, sem que até o presente, tenha, em cousa alguma, melhorado a sorte dos selvagens. Que incremento tem tido as aldêas já existentes, ou que tribu bravia se terá submettido, por effeito desse decreto? A resposta á esta pergunta, negativa agora, ainda o ha de ser d'aqui ha vinte annos, se o governo não puzer á disposição de seus agentes, esses meios de execução, sem os quaes não é possivel realizar-se uma providencia qualquer.

Na nomeação dos directores geraes e parciaes tem certamente o governo procedido com criterio, como deve julga-lo, á vista do character pessoal de alguns de que tenho noticia. Não duvido também que, zelosos no cumprimento dos seus deveres, tenham esses funcionarios fornecido ao governo preciosos esclarecimentos sobre a população primitiva do paiz; mas, afóra esse trabalhos puramente estatisticos, que outros beneficios tem resultado em prol dos seus administrados? E' triste certamente a situação desses funcionarios, os quaes, em presença do estado de miséria e de degradação a que tem chegado as aldêas, nada mais podem fazer, senão assiduas representações, que vão inutilmente engrossar os archivos da secretaria do Imperio. Appello, em abono da minha asserção, para o testemunho de todos os directores geraes, e mui particularmente para a do honrado Sr. José Joaquim Machado de Oliveira, que a ninguem cêde em zelo e dedicação, e cujas idéas e brilhantes escriptos revelam o cuidado que sempre lhe mereceu essa parte da nossa população.

Não nos limitemos portanto á promulgação de leis fundadas apenas em theorias engenhosas. Tornemos effectivas as nossas boas intenções, ácerca dos nossos selvagens, lembrando-nos que elles formam uma população aproveitavel; e que, na nossa qualidade de nação civilisada, de povo christão, temos o rigoroso dever de os chamar para o gremio da sociedade polida em que vivemos.

Estudemos convenientemente a questão.

IV.

No tempo da descoberta, era o Brasil uma vasta floresta povoada de selvagens. Não obstante esse estado de incultura, D. João III o dividiu em nove capitánias a cargo de outros tantos donatários. Foi esse o meio civilizador, de que lançou mão o illustre monarcha para tomar posse de uma região a que seu antecessor, distraído pelas conquistas da India, não mostrára apreço algum.

Nas mesmas circumstancias de então, ainda se acha hoje grande parte do Brasil, coberto de mattas e habitado de selvagens. Se os factos da historia nos podem servir

de norma, imitemos o procedimento de D. João III, creando nós uma administração especial para todo o nosso territorio inculto. Dividamos em departamentos, mais ou menos extensos, esse territorio, empreza facillima, que pôde ser operada parcialmente em cada uma das nossas provincias. E como é prudente, em tudo e por tudo, citar os Nort'Americanos, como modelos à seguir, devo fazer observar que elles tambem tem seus *territorios*, que são embryões de novos estados, como os departamentos propostos o seriam de novas comarcas ou provincias.

Não excludo da jurisdicção dos departamentos aquella parte da nossa população civilisada, que vive nos confins das provincias, embrutecida pela ignorancia, e peor que os selvagens. É sabido que a acção da autoridade nem sempre se pôde estender á tão remotas distancias, de sorte que nessas paragens, onde está o povo, por assim dizer, abandonado á si mesmo, commettem-se crimes horrorosos, mórmente assassinatos, sem que a justiça possa intervir em desagravo da lei. Os departamentos poderão portanto comprehender uma população mixta, cuja administração será inteiramente independente da das provincias de que fizerem parte, e terão portanto *seu* chefe privativo, que o governo nomeará por tres ou quatro annos. Este chefe deve ser revestido de uma auctoridade mui extensa, não certamente a de poder dispôr da vida e da propriedade alheia, á guisa dos antigos capitães-generaes; mas tal que suas determinações, em relação ao objecto de sua administração, sejam pontualmente executadas. Finalmente, bem que garantidos aquelle direitos vitaes, liberalmente reconhecidos pela constituição do estado, e facto que não se pôde administrar o sertão como se adminstram cidades populosas; e quem o contrario pensar é um theorista que ignora completamente as condições da vida pratica. O systema eleitoral deve ser necessariamente banido desses departamentos, até que estejam em posição ou de formarem por si só uma provincia como qualquer outra, ou de serem encorporados á alguma das existentes, ficando então sujeitos á legislação geral. Entre nós, as eleições, como as que tem lugar actualmente, são uma escola de corrupção, cuja tendencia é desmoralisar o povo perversel-o, e anarchisar o paiz. Hoje são as auctoridades, as mais das vezes nomeadas tão somente em relação á questão eleitoral. Pondo-se os departamento o abrigo deste inconveniente, recabirá a nomeação de seus chefes em homens, que reunam qualidades reaes, para bem dirigirem esta administração especial, embora pertenção a este ou aquelle crêdo politico.

Em verdade, na escolha dos empregados dos departamentos, deve se attender muito ao objecto da commissão a que são destinados. Cumpre que sejam homens de ideas pacificas, que sejam casados, e que se resignem à viver com suas familias no meio dos sertões; ou, quando sejam celibatarios, tenham, ao mesmo na sua idade, uma garantia de moralidade. Em compensação dos sacrificios, á que se vao naturalmente expôr, no desempenho de seus deveres, convêm, além de um soldo proporcional á importancia do departamento, revesti-los de titulos honorificos, que lisongêem seu amor proprio, como o praticou o governo, concedendo honras militares aos empregados na actual directoria dos aborigenes. Eu proporia para o chefe do departamento um título pomposo em que soasse a palavra *capitão*, que é mui grata

ao ouvido dos nossos selvagens, qual o de capitão-general, capitão-mór, e outros semelhantes aos directores das aldeas, ou missões, e mais empregados subalternos. Esta honras subsistirão ainda depois de exonerados de seus cargos, em remuneração de serviços, e só no caso que o governo os reconhecesse bons.

Depois destas idéas geraes, que poderão servir de base ao regulamento dos departamentos, tratemos dos meios praticos de levar a effeito a conquista, catechese e civilisação dos aborígenes.



PARTE SEGUNDA.

I.

Conquista.

A redução dos selvagens, sem o brutal emprego da força, tem-se operado por muitas vezes e por diversos modos. Basta, por exemplo, que uma tribu se veja acoçada por outra, que lhe faz a guerra, para que venha espontaneamente pedir-nos protecção, e submeter-se de boamente, como o attestam innumerous factos. Algumas tribus da nação Chané cançadas de soffrer o jugo dos Guaicurús, apresentaram-se ás autoridades militares do Baixo-Paraguay, em 1817; e, desde ontão, ali vivem inteiramente submissas. Quando é por tanto conhecido o estado de rivalidade entre duas tribus, convém muito fazer alliança com uma dellas, porque a outra recciando contra si as consequencias dessa alliança se submeterá tambem.

E' indispensavel mandar-se, de quando em quando, percorrer o territorio infestado de selvagens, por uma escolta que seja encarregada de deixar, pelo trilho que seguiu, alguns mimos dos que mais prèzam, como facas, missangas e outros utensilios e ornamentos, tudo em pequena quantidade, para excitar, naquelles que não tiveram seu quinhão, o desejo de se relacionarem connosco. Este processo, repetido muitas vezes, chega a convencer os selvagens das nossas boas disposições para com elles, e abre a porta a negociações mais estreitas. Para melhor se conseguir este fim, é mui conveniente estabelecer, com cautella e segurança, um posto nas vizinhanças da horda que se quer angariar, e d'ahi fazer excursões, que facilitem entrevistas pacificas.

Acontecendo poder-se aprisionar um ou mais selvagens, convém affagal-os, e mimoseálos, e soltal-os a fim de que transmittam a seus patricios, informações que nos re-

commendem, e os disponham a nosso favor. (1) Este methodo tem, não poucas vezes, produzido optimos resultados. Mas, para provar a nossa brutalidade para com os selvagens, citarei dous factos, que tiveram lugar na provincia de Matto-Grosso, em 1844-45, quando lá me achava. — Ha pelas cabeceiras do S. Lourenço, uma nação de selvagens, que creio ser uma ramificação dos Bororós, conhecida ali por *Coroados*. Um destacamento militar estabelecido por aquellas immediações, vivendo, por causa delles em continuado alarma, entendeu o commandante devel-os afugentar, e mandou com effeito uma escolta a perseguil-os. Não longe do posto, encontráram cinco desses selvagens, que dormiam a somno solto. Teria sido essa a melhor occasião de os prender, de os brindar e de os reenviar a seus bosques, com a bem fundada esperança de angariar a totalidade da tribu; mas não foi isso o que se praticou. Tiveram a cobardia de os degollar sem misericórdia; salgaram as cabeças e as remetteram para Cuyabá, julgando dest'arte fazer um mimo agradável ao presidente Gomes Jardim o qual, em abono da verdade, enfiou com o asqueroso obsequio. Durante a administração deste presidente, marchou tambem uma *bandeira* para as mesmas partes. A gente que a compunha, verdadeira escoria da plebe, manifestava na physionomia todos os requisitos necessarios, para bem desempenhar essa commissão de sangue. Depois de alguns dias de exploração, deram emfim com o alojamento que procuravam; e embuscados durante a noite, cahiram sobre elle pela madrugada. A mortandade, foi horrivel da parte dos selvagens; aquelles que não succumbiram nessa interpresa brutal, ganharam atropelladamente o matto, deixando seus filhos expostos á sanha do inimigo. Os da *bandeira* apoderaram-se de treze crianças, com as quaes se puzeram em marcha, como um trophéo da victoria. Duas dessas crianças, que tinham sido foridas choravam dia e noite; e vendo esses malvados que os pais, mãis e parentes os seguiam pela batida, attrahidos pelos gemidos que ouviam, resolveram se desfazer desses entes importunos, atirando as innocentes enfermas a um corrego que encontraram. Chegaram, emfim a Cuyabá, com onze crianças de ambos os sexos, uma das quaes, tendo apenas poucas semanas de nascida, e privada de leite durante quinze dias, não pôde sobreviver a tamanho soffrimento. As mais se distribuiram por differentes pessoas, cabendo-me uma menina de onze annos chamada Upé, a qual

(1) Já depois de entregue á typographia este meu trabalho, li no « *Jornal do Commercio* de 22 e 23 de Abril deste corrente anno de 1853, a—Viagem do Sr. Theophillo Benedicto Ottoni ás margens do Mucury. — São tão concordes as nossas idéas, que eu desejaria poder citar palavra por palavra, todo o interessante relatório do Sr. Ottoni, para reforçar a minha argumentação em favor do systema de conquista que proponho. Na impossibilidade de o fazer agora recommendo apenas a leitura do seguinte paragrapho, que vem muito ao caso:

« — Tratar com bondade aos selvagens é o meio infallivel de conquistar-lhes a amizade. Entre outros exemplos, temos um de poucos annos não longe de Mucury. Os selvagens do municipio do Prado faziam-se notaveis pelas correrias e depredações, em 1845 ou 1846. Os habitantes prenderam alguns homens e kurukas (meninos), e a autoridade da villa fez remessa de todos ao Sr. general Andréa, presidente da Bahia. O Sr. Andréa, em vez de os mandar como se usa, distribuir por alguns amigos em perpetua domesticidade, deu-lhes vestuarios presentes, ferramentas, e os reenviou para os mattos do Prado.— Foi agua na fervura.— Desde 846, não se menciona um só attentado dos selvagens do Prado.»—

trouxe para o Rio de Janeiro, e, baptisada com o nome de Henriqueta, foi convenientemente educada, e tem manifestado excellente indole e disposições serviças. Entretanto, desde aquella época, procuráram os *Coroados* realisar contra nós seus sonhos de vingança. Poucos mezes depois, na estrada de Goyaz, ia sendo victima de suas emboscadas um estimavel negociante de Cuyabá, o Snr. Luiz da Fonseca Moraes; e em 1849, assassinaram nas margens do Pikiry um joven official filho do Snr. Coronel Costa Pimentel, presidente da provincia de Matto-Grosso. Este acontecimento que todos lamentaram, excitou de novo a actividade da policia de Cuyabá. Diversas bandeiras se expediram em todos os sentidos, com ordens mui positivas de não dar quartel a selvagem algum. Como bem se deve pensar, a carnificina foi abundante. Pagaram os innocentes pelos culpados; e entre homens, mulheres e crianças, asseveraram-me que mais de duzentos individuos foram espingardeados.

A' vista destes e outros actos horrorosos, que aponto, não tanto para chamar o odioso sobre aquelles que os praticam, como para despertar a attenção do governo em prol dos aborigenes, concordará commigo o auctor do *Memorial Organico* que, se em muitos casos se distinguem os civilisados dos selvagens, é só pelo facto de terem mais aperfeiçoados os instrumentos de destruição. Voltemos porém ao meu assumpto.

No começo das relações, convém tratal-os com o mesmo cuidado que se despende com crianças, tendo attenção a que não haja da parte delles nenhum motivo de desconfiança, para evitar que se evadam e se tornem inimigos irreconciliaveis. E' preciso a pouco e pouco il-os acostumando ao uso do sal, até que, habituados a este tempero, que ao principio os prejudica na saude, o não possam mais dispensar, e se torne para elles uma verdadeira necessidade. Não será fóra de proposito, de quando em quando, distribuir-lhe alguma aguardente e fumo; mas o primeiro artigo em quantidade tal que os não possa embriagar, e nem tão pouco afazer a um vicio a que todos os selvagens são tão propensos como certos povos mui illustrados da Europa.

Finalmente, não ha serviço mais importante que aquelle que se consegue, reduzindo uma horda bravia a esse estado de mansidão que a torne inoffensiva. Por veses me tenho achado no meio de algumas tribus, que, não obstante seus habitos selvagens, vivem relacionados commosco; e tenho reconhecido que, em lugar de nos prejudicarem, tem-se, pelo contrario, tornado uteis o serviças, fornecendo aos viajantes e fazendeiros, mantimentos e auxilios braçaes, sempre que se offerece a occasião de os prestar. Grande parte da nação Cayapó vive hoje pacificamente em differentes aldeamentos, nas provincias de Matto-Grosso e Goyaz, e não ha quem não saiba que essa nação, ciosa de sua liberdade, foi por muito tempo, o terror dos sortanistas, que a reputavam indomita. Os Payaguães, que tanto mal nos fizeram, e aos Hespanhoes, nas suas correrias fluviaes, moram hoje nas praias da cidade da Assumpção do Paraguay, bem quistos dos habitantes, pelos serviços que lhes prestão na pequena industria. Quando houvermos pois conseguido amansar, por meios brandos, todas as nações bravias, que existem no territorio do Brasil, pouco nos restará a fazer, para tornal-as completamente felizes.

II.

Catechese.

Os nossos selvagens não tem propriamente uma religião qualquer. Algumas tribus creem na existencia de Deos e na immortalidade da alma, mas não acompanham essa crença de um culto regular. Querêl-os pois, desde logo, forçar a seguir as praticas austeras do christianismo, é uma exigencia que nada tem de razoavel.

Os jesuitas para attrahir os seus neophytos, transformaram o culto em uma verdadeira farça, que os divertia e enlevava. O § 5.º do art. 2.º do decreto que creou a directoria, adoptou o mesmo systema, dispondo que «—as festas, tanto civís como « religiosas, se façam com a maior pompa e apparatus que ser possa, procurando introduzir nas aldéas o gosto da musica instrumental.» Uma das cousas que mais repugnam os selvagens, é o baptismo das crianças, persuadidos, como delles proprios tenho ouvido, que morrem muito aquellas que recebem este sacramento. O § 2.º do art. 1.º do citado decreto, firmado no espirito tolerante da nossa constituição politica, foi providente a este respeito, determinando que « não sejam os paes violentados « a fazer baptisar seus filhos, convindo attrahil-os á religião por meios brandos e « suasorios ». Os Payaguás, quando se sujeitaram aos hespanhóes do Paraguay, ha mais de cem annos, impuseram a condição de não serem baptisados, e assim vivem até hoje. Haja, portanto, todo o cuidado em doutrinar as crianças, sem afugentar os velhos, que se quizerem conservar nas suas crenças innocentes. Com o tempo, mudar-lhes-hemos os costumes, sem estrondo, nem choque.

III.

Civilização.

Embora se tenham os selvagens, mansa e pacificamente, sujeito a nós; embora se mostrem affeiçoados á nossa religião e identificados com os nossos costumes, não é isso bastante para que os ropntemos civilizados, como o pensão os reverendos barbadinhos, nem é possivel que a passagem de um para outro estado social se possa effectuar tão de chofre. O que muito interessa é il-os acostumando aos nossos commodos, e fazer-lhes sentir que esses commodos não se adquirem senão pelo trabalho. Am-

encantos da vida selvagem, onde reina a abundancia e a liberdade, é preciso oppôr o bem-estar que só pôde offerecer uma sociedade regular. Nós outros, que nascemos no meio da miseria e da corrupção, podemos nos resignar (e sabe Deos como?) a essas penosas condições da nossa existencia social; mas, para o selvagem, é o caso differente. Tiral-os das suas florestas, onde só tem gozos, para sujeital-os á encargos que nunca conheceram, é mudal-os do Eden para o desterro, é expôl-os inutilmente aos golpes do anjo exterminador.

São pois muitos os cuidados a que devem attender aquelles que tiverem a importante missão de os civilisar. O tino dos directores, mas que qualquer genero de instrucção, os poderá guiar nesse processo delicado. Os habitos das diversas tribus devem ser cuidadosamente respeitadas, para que a menor contrariedade não as affugente. A caça, a pesca, a colheita das fructas silvestres, a que estão affeitos, devem ser toleradas, e até aconselhadas, como meio de abastecimento para as aldéas, em quanto se procede methodicamente á introducção de todos os animaes domesticos, e á cultura dos vegetaes alimentares que mais presam e que menos tardios são, quaes as raizes tuberosas, o feijão, o milho, as cucurbitaceas, as bananas, a canna de assucar, e finalmente as arvores fructiferas, que virão mais tarde dar-lhes ampla compensação do trabalho que tiveram. Deve-se, ao mesmo tempo, dotar as aldéas com alguns apparelhos que possam ir entretendo homens, mulheres e crianças, como por exemplo, uma roda de fiar, um tear, uma ferraria, um cortume, e quando houver mandioca e canna, uma roda e forno de fazer farinha, e uma engenhoca para a fabricação de melaço e assucar. Os teares, de que se servem os selvagens, para a fabricação de suas redes e cobertas, são mui imperfeitos e de um processo nimiammentoroso. De todas as artes da civilisação a que porém mais os prende é a da ferraria. Um ferreiro é, no conceito dessa gente, um ente superior aos mais, pela habilidade com que maneja um metal tão rijo, e cuja utilidade, e com razão, reputam acima de tudo.

Uma verdade, que nós todos devemos sentir, é que nada moralisa um povo como o trabalho. Nos aldeamentos que formarmos, é elle a primeira condição de vida, e mal desempenharão seus deveres, não só os directores que o não promoverem por todos os meios, ao seu alcance; como tambem aquelles que, considerando só proficuo o trabalho immediatamente lucrativo, contrariarem os aldeados no exercicio desta ou d'aquella industria a que mais se inclinem. Ir de encontro a uma vocação é um attentado contra a natureza que a inspira, é um acto de violencia, que, desviando o homem do circulo de suas attracções, traz consigo o desanimo, a preguiça, e todos os vicios que d'ahí resultam. A este respeito tornam-se as crianças, creçoras da mais particular attenção. Habituem-as cedo ao trabalho, o que é facil, porque ha uma infinidade de operações em que ellas podem tomar parte, em quanto as pessoas de maior idade se occupam de serviços mais rudes. A colheita das fructas, a plantação das hortaliças, a pesca, e outros tantos exercicios de pequena duração muito interessam a infancia. O ponto é que essas tarefas tenham ar de folguedo, e que se entreteinha nellas o espirito de cobiça, por meio de pequenas dadivas.

E se de nós merecem as crianças esses cuidados, que as devem tornar futura-

mente uteis, qual não é a nossa obrigação para com aquelles que, depois de terem contribuido com seu contingente de forças para o serviço commum, vivem acabrunhados sob o peso da idade e das enfermidades? A sociedade que, longe de assegurar aos velhos e estropiados um tal ou qual bem-estar material, os reduz a mendigar de porta em porta o pão da charidade só não tem de barbara o nome. Os jesuitas souberam arredar de si essa pecha; e esse systema, que ainda hoje se observa nas missões do Paraguay, deve ser adoptado nas nossas aldéas.

Deixando enfim á prudencia e zelo dos directores o cuidado de ir introduzindo todas as innovações capazes de despertar as vocações e de diminuir as despezas nas aldéas, que lhes são confiadas, indicarei nos seguintes paragraphos todas as medidas a que se deve attender, para o melhoramento, tanto moral como material desses estabelecimentos.

Edificação.—No começo de um aldeamento, quando se trata apenas de hospedar alguma horda novamente reduzida, convem que a edificação seja a mais simples possível: bastam ranchos, como os fazem os selvagens, cobertos de palha e abertos a todos os ventos. Mas, escolhida definitivamente a localidade, em que se tem de assentar a aldéa, deve-se tratar de uma edificação mais regular.

A povoação, em lugar de se compôr de casas isoladas umas das outras, constará de um extenso edificio dividido em repartimentos, que accomodem não mais de 400 familias, devendo cada familia ter seu alojamento particular. Outras aldéas se formarão pelo tempo adiante, para ir recebendo o excesso da população ambiente. Este edificio geral formará um polygono comprehendendo uma praça interior, sobre a qual se desenvolverá uma varanda commum, por onde circule a população, sem que se exponha ao rigor do tempo. Assim o fizeram os jesuitas, nas suas missões do Paraguay; e eu reclamo esse systema em favor das nossas aldéas. Neste edificio geral se comprehenderá tambem a igreja, as casas do director e mais empregados, a sala de recreios, os armazens de arrecadação, a prisão, etc.

A edificação de um destes estabelecimentos dá naturalmente lugar ao desenvolvimento de algumas industrias, em que os selvagens se occupem; taes são a fabricação de telhas e tijolos, e os trabalhos de carpinteiro, pedreiro, caieiro e outros, cuja necessidade se fór sentindo. As bellas missões que nos deixaram os jesuitas, os quaes outros obreiros não tinham, senão os selvagens, convenientemente dirigidos, devem necessariamente abonar meu plano.

Propriedade.—Como todos os povos, ainda os mais bem regulados, tem os selvagens a propriedade commum e a propriedade privada. Usufructuarios da porção de terreno que occupam, consiste a sua propriedade commum nas fructas silvestres, na caça, na pesca, e em tudo o mais que não póde ser possuido por um só individuo.

As armas e os utensilios que cada um fabrica ou adquire por qualquer titulo legitimo, formam a propriedade privada. Os jesuitas nas missões que fundaram, excluíram completamente este genero de propriedade, erro grosseiro que condemna um povo qualquer á sorte do escravo. Homens, como os homens das outras raças, devem os nossos selvagens ser tratados em relação aos seus instinctos naturaes, sem o que melhor será dar de mão a toda e qualquer idéa de os civilisar. Eu entendo que a propriedade entre os aldeados deve ser regulada do modo seguinte:—A terra

e os edificios pertencerão á communitade; o que cada um obtiver pelo trabalho será exclusivamente seu, salvo aquelle trabalho em commum, que fór julgado indispensavel para a manutenção da aldêa. Deve haver toda a diligencia em ir diffundindo entre os aldeados os germens da associação, logo que o seu estado de adiantamento o fór permittindo. Em uma povoação onde não ha nem escravos, nem assalariados, e onde por tanto trabalha cada um para si, só a reunião em associação, para cada especialidade, poderá fazer avultar a producção. Nas missões do Paraguay observa-se uma sombra desse systema, porque os trabalhos ali se executam por grupos; mas esses grupos não são livres, antes são formados a capricho do administrador da missão; e como a retribuição é igual para todos, e consiste apenas em segurar-se casa, vestuario e alimento a cada habitante, sem que nenhum possa ter direito a um só real do seu trabalho, faça-se idéa do estado de embrutecimento em que devem estar aquelles povos! Nos nossos aldeamentos, deverá a associação ser livre, e a recompensa proporcional ao trabalho de cada um. Já discuti este systema no meu plano de uma *Colonia Normal*.

Commercio!—O commercio que os nossos traficantes costumam fazer com os selvagens mansos, é uma perfeita ladroeira. Os selvagens são sempre impudentemente roubados pela extraordinaria differença dos valores que entram na troca. Convém portanto que essas negociações não se façam sem a intervenção do director da aldêa, o qual comprará as mercadorias de que precisam seus aldeados, para lh'as ir vendendo, no principio por troca de serviço, cujo jornal diario, em cada especialidade, será convenientemente regulado; e ao depois por troca de dinheiro, logo que o houver em gyro na aldêa. A exportação dos productos da aldêa se fará pelo mesmo systema, devendo os traficantes entender-se, só e unicamente com os directores.

Em geral, não só quanto ao commercio, como a respeito de todas e quasquer relações, devem os directores impedir que as aldêas sejam visitadas por homens de máos costumes. De ordinario, os civilizados, que vão a uma aldêa tem em mira seduzir as mulheres, e o fazem tão asquerosamente que dirigem suas propostas aos proprios maridos, pais e mãis das mulheres que requestam. Carregados de molestias syphiliticas desconhecidas entre os nossos aborigenes no estado selvagem, resulta desse contagio levarem a morte aos aldeamentos. O que muito convem, e isso foi mui recommendado antigamente, pelo governo portuguez, é promover os casamentos entre os aborigenes e pessoas de outras raças, d'onde resulta uma raça mestiça de muito vigor e intelligencia.

Instrucção—A par da instrucção propriamente mecanica, deverá haver nas aldêas uma escola de primeiras letras em lingua portugueza, para os meninos de ambos os sexos. Com o tempo, se irá ensinando, não o latim, nem a rhetorica e a philosophia, mas sim a geometria, as sciencias naturaes e as artes liberaes, segundo a vocação de cada um. Os jesuitas, por meio de uma educação conveniente, tinham conseguido fazer dos seus catechúmenos bons musicos, bons pintores, e admiraveis esculptores.

Recreios.—A dança, o canto, as paradas nas horas vagas são um meio efficaz de entreter os aldeados, e de os ver sempre satisfeitos. Os jesuitas tinham nisso o mais particular cuidado; e eu que, como se terá conhecido, aproveito-me, com empenho,

de tudo quanto esses missionarios fizeram de bom, recommendo essa pratica em todos os aldeamentos.

Policia.—Afóra o caso de embriaguez, e o de ciume por motivo de amor, nunca ha desordens entre os selvagens. Elles são tão obedientes, ou antes, tão afeiçoados aos seus maioraes, que a intervenção destes, põe termo a qualquer desavença. Os jesuitas, tendo alcançado que os selvagens não gostam de obedecer senão a seus chefes naturaes, tinham por systema nunca transmittir ordens á tribu, nem impôr castigo algum senão por intermedio delles. Cumpre pois que os directores de aldêas os tratem com distincção, certo que é esse um meio seguro de contar com um auxiliar activo e dedicado.



Parte terceira.

Propondo o estabelecimento dos departamentos, em favor da nossa população selvagem, não é meu intento aconselhar uma medida que se estenda, desde já a todo o Brasil, sem que preceda uma experiencia local, por onde se conheça praticamente as vantagens ou desvantagens do meu systema. Dentro de tres ou quatro annos, poderá o governo, e poderá o publico formar seu juizo ácerca desse meio civilizador, sem que o thesouro nacional tenha sido gravemente onerado.

Qualquer das nossas provincias em que ha selvagens, como por exemplo, a de S. Paulo, nos campos de Guarapuava e de Palmas, poderá offerecer um local conveniente para a experiencia que proponho, mas eu designo a provincia de Matto-Grosso, como a mais interessante a muitos respeitoes, e muito mais pela sua posição geographica.

Em uma extensão de mais de 45,000 leguas quadradas (bem que, segundo os mappas existentes, deva ella ter 60,000, o que attribuo a um erro de longitude, na posição do rio Araguay) terá ella, quando muito, 45,000 habitantes civilizados. A sua população selvagem orço-a em 37,500 almas, distribuidas por muitas tribus; de sorte que adicionadas estas duas populações, viria a ter a provincia de Matto-Grosso mais de 80,000 habitantes uteis. Na impossibilidade de para lá irem colonos europeos, é indispensavel chamar á civilização os selvagens, que a povoam. Seu territorio admite muitos departamentos; mas, por ora, escolheria para experiencia a região do Baixo-Paraguay, attendendo, mais que tudo, ao seu estado de salubridade.

Em 1845, quando ali me achava, dirigi ao governo um relatorio, no qual oppondo-me a toda e qualquer idéa de se fortificar aquella parte da provincia, exprimiam-me nos seguintes termos, que reproduzo agora, para justificar perante o leitor o motivo da preferencia que lhe dou — « Se tem portanto, o estado de despender alguma somma em beneficio do Baixo-Paraguay, conviria antes applical-a ao seu

melhoramento moral do que á construcção de inúteis muralhas. Nesta acção, tão patriótica, quanto humana e politica, não encontrará o governo difficuldades que o façam recuar. Clima salubre, terrenos férteis, boas pastarias, muita caça, peixe e fructas, bellas madeiras, minas de pedra calcarea em Corumbá, de ferro magnetico no Morro-Grande, de salgema a cada passo, são outras tantas garantias, em prol do projecto, que tiver por fim opulentar aquella parte da provincia de Matto-Grosso. E, sobre estas vantagens phisicas, temos ainda a de se poder ali fundar grandes povoações, sem irmos a remotos climas recrutar colonos, que, attrahidos por promessas, que, nem sempre, se cumprem a seu contento, trazem consigo o presagio da decadencia, e com ella o discredito da empreza. Basta que o governo, no caso proposto, estenda seu braço protector sobre as quinze aldéas de aborigenes, que, de ha muito, ali vivem mansos, mórmente os que pertencem á nação dos Chanés. Esta nação, que se divide em Guanás, Kinikináus, Laianas e Terebas, compõe-se de gente notavel por sua indole pacifica, por sua disposição á vida social, por sua amavel generosidade, e, mais que tudo, por seu aferrado amor ao trabalho. São elles que abastecem o Baixo-Paraguay de farinha, feijão, milho, arroz, assucar, fructas, hortaliças, toucinho, aves; e se entregam tambem ao fabrico de redes, toalhas e outros tecidos, á preparação de couros, ao córte de madeiras, e aos mais penosos trabalhos para sustentar suas familias, objecto de sua constante sollicitude. E, não obstante tão apreciaveis qualidades, vivem aquelles povos entregues a seus proprios recursos, e não conhecem da nossa civilisação, senão o que ella tem de verdadeiramente oneroso. Sem directores que se encarreguem da sua educação, que os ponham ao abrigo da injustiça e da fraude, que os animem na agricultura, no commercio e nas artes, que os organisem enfim militarmente, como convém á sua propria defeza e á da nossa fronteira, parecem mais uma excrescencia da sociedade do que uma parte integrante da nação brasileira.

« Eu, que os visitei e os observei com cuidado, encho-me porém de satisfação em esperar que a administração provincial procurará melhorar a sorte daquella gente. Não é tanto no interesse dos aborigenes que fallo: o preconceito existente contra a raça americana inutilisaria meus esforços; mas, como a protecção prestada a esses filhos primitivos do Brasil reverte toda a nosso favor, como ella contribuirá para tornar inexpugnavel a nossa fronteira, ricos os nossos celeiros, povoados os nossos desertos por homens que já hoje substituem os escravos nos trabalhos da agricultura, da navegação e das fabricas, devo piamente crêr que esta minha exposiçõ merecerá a attenção de um governo. . . . » — Enganei-me: não mereceu tal attenção. Só um jornal estrangeiro, a cujo conhecimento, e não sei como, chegou o meu relatorio, dignou-se louvar o meu interesse em favor dos nossos selvagens.

Entretanto, o Baixo-Paraguay jaz em lastimoso estado de abandono. Formando um commando militar, e entregue aos cuidados de alguns destacamentos, que ali se mantêm a titulo de guardar a fronteira e de contêr os selvagens, elle está hoje, com pequena differença, no mesmo estado em que o deixaram os capitães-generaes. Viajando por ali, tive occasião de observar o estado de indisciplina em que se conservava a tropa de primeira linha. Algumas queixas ouvi sobre a desmoralisação que reinava em todos os ramos do serviço publico, e até me asseveraram que alguns

militares, que para ali iam, faziam valer a sua autoridade, para extorquir os vencimentos dos seus subordinados, dando-lhes, em troca do soldo, mercadorias que avaliavam no triplo do preço porque as mandavam vir de Cuyabá, onde já são mui caros; e em troca das etapes, mantimentos que obtinham dos aborígenes, a quem davam em retorno alguns fios de missangas e outras miserias semelhantes.

Esta região divide-se naturalmente em duas partes, separadas entre si pelo rio Paraguay. Eis a succinta descripção, que, na memoria já citada, fiz desta região.

« Na margem occidental do Paraguay, temos a povoação de Corumbá, a de Albuquerque, e o forte de Nova Coimbra. Estes tres pontos contêm 1,899 habitantes, de que 1,224 são Guanás, Kinikináus e Guaicurús.

« A margem oriental do Paraguay, que, a excepção do morro fronteiro a Nova Coimbra, não apresenta, como a outra, terrenos que em parte a salvem das inundações annuaes, não tem habitantes, senão de algumas leguas de distancia em diante. O néxo destes habitantes é o presidio de Miranda, á margem direita do Mondego, antigo Mbotéchéú, onde se acha a freguezia de N. S. do Carmo, que abrange os povos do presidio, Camapuan, Anhanduhy e Vacaria, com 4,500 homens, sendo 3,836 aborígenes, entre Terenas, Laianas, Kinikináus, Guanás, Guaicurús e Ghaxís. »

Não obstante já terem oito annos de data estas noções geographicas, sei todavia que poucas são as alterações, que, no seu estado moral, tem experimentado o Baixo-Paraguay; e posso, portanto, referir-me ainda aos apontamentos, que naquella tempo tomei, fructo das minhas observações locais.

O departamento, cuja criação proponho, constaria não só do Baixo-Paraguay, como tambem dos povos de Camapuan, Vacaria e Anhanduhy. Conviria talvez estendel-o até o Pikiry e Sant'Anna da Parnahyba, para comprehender sob a mesma administração as tribus dos Cayapós e Coroados, mas, como póde acontecer que haja, para isso inconvenientes, ávista não só da distancia, como das difficuldades de comunicação com aquelles dous pontos, não insistirei nesta incorporação, propondo antes que haja outro departamento, que se forme do territorio comprehendido entre a estrada que vae de Cuyabá a Goyaz, passando pelo Araguay; e a que vae de Cuyabá a S. Paulo, passando pelo Pikiry e Sant'Anna da Parnahyba. Em toda essa extensão de terreno, ha selvagens que hostilizam os viajantes e moradores da vizinhança, e muito se ganharia em os amansar. Por agora, vou tratar das diversas nações e tribus, que habitam o Baixo-Paraguay e suas adjacencias.

OS GUATÓ'S.

Os Guatós estão hoje reduzidos ao numero de 500. Estes selvagens alimentam-se exclusivamente da caça e da pesca; são polygamos, e vivem errantes pelas margens do Paraguay, desde a boca superior do Paraguay-mirim, até um pouco abaixo do Escalvado. Frequentam igualmente o S. Lourenço e Cuyabá, e as lagoas Guahiba e Uberava. Não tendo habitação nenhuma permanente, contentam-se com pequenos ran-

chos, que fazem a pressa, para se garantirem da chuva. O mais do tempo o passam ou em suas cauóas, ou á sombra das arvores, que bordam as margens dos rios. Tem lingua propria, que é guttural, mas fallam geralmente o portuguez. São doceis e trataveis, e vivem comoseo na mais perfeita harmonia; mas reconheço que hade haver alguma difficuldade em reduzil-os á vida sedentaria e extinguir seus habitos patriarcaes. Não indico a localidade em que mais convenba fazer o ensaio de um aldeamento para estes selvagens, por isso que não sei de todos os pormenores do territorio que occupam.

OS CHANÉS.

Esta nação habita uma e outra margem do Paraguay, e se divide em quatro tribus, que se distinguem pelos nomes de Guanás, Kinikináus, Laianas e Terenas. Orço em 4,000 o seu numero, sem contar quatro aldêas de Terenas que ainda vivem independentes, e cuja acquisição seria util e facil.

Mui differentes dos Guatós, são os Chanés sedentarios, agricultores e monogamos. A excepção da tribu dos Guanás, que já se tem pervertido, as mais são trabalhadoras e vivem na abundancia. Consiste a sua politica, como bem o disse Azara, em nunca fazerem a guerra a povo algum; e só tomam as armas, para se defenderem. O caracter pacifico e as tendencias sociaes desta nação, são mui antigos e anteriores á descoberta do Paraguay pelos primeiros exploradores hespanhoes, no XVI seculo. Crêem na existencia de Deos e na immortalidade da alma.

Seus alojamentos constam de extensas galerias, onde tem cada familia seu aposento, sem que parede alguma as separe entre si. Dormem sobre *giraus* que forram de pelles; e, além deste leito, que é o mais usual, servem-se tambem de redes.

Os habitos pacificos dos Chanés, seu genio hospitaleiro, a amabilidade de suas mulheres, o amor de familia que os distingue, os tornam aptos para se deixarem facilmente civilisar.

Sua lingua é nasal, e geral a todas as quatro tribus. Os Kinikináus passam entre os Chanés pelos que melhor a pronunciam e fallam. Grande parte dessa gente pratica o portuguez.

Cada tribu é governada por um *naady*, chefe hereditario.

OS GUAICURU'S.

A nação dos Guaicurús se divide nas seguintes tribus: Guatiadéos, Dgiuécós, Cutuécós, Beakiécós, Danikécós, Cadiucós, Luléos, Pacaxudéos. Cada uma destas tribus é regida por um chefe hereditario a que chamam *unione-eliod* (capitão-grande).

As tradições, o caracter e as pretensões deste povo se assemelham muito ás dos Hebréos; e se a conquista da America não tivesse sido feita pelos Europeós, é mui provavel que os Guaicurús viessem a tomar algum dia a mesma attitude que ostentaram no Oriente os filhos d'Israel. São de bella estatura e possuem talvez a lingua uais harmoniosa da America, a qual se divide em masculina e feminina, cabendo a cada sexo o uso privativo da que lhe pertence.

Desta nação apenas vivem aldeadas as tribus dos Cutuéoos, dos Dgiuéoos, dos Lu-léoos e dos Guatiadéoos. As mais vagueam pelos campos marginaes do Paraguay. As primeiras cuidam de plantações; as outras da criação de cavallos, e se sustentam de caça e pesca.

Seu numero será talvez de 3,500 almas; e muito maior seria, se o infanticidio por aborto forçado, que está nos costumes deste povo, não destruísse todos os annos uma grande porção de crianças. A razão que ingenuamente dão para a pratica desse crime, é que, sendo elles de vida errante, muito os embarça o transporte das crianças. Como porém são mui cubiçosos, seria conveniente estabelecer um premio por cada criança que apresentassem, e desta sorte se resgatariam annualmente alguns centos de vidas.

OS CHAMUCOCOS.

Os Chamucócos habitam as proximidades da lagóa a que chamamos Bahia-Negra, á margem direita do Paraguay.

Não se sabe o numero de individuos de que consta esta nação; mas, além de uns duzentos, que visitam o forte de Nova-Coimbra, ha outras tribus que só conhecemos, por noticias vagas. E' gente vigorosa, que se sustenta de productos silvestres. De esquivos, que eram, vão se tornando trataveis, e vendem-nos seus filhos em troco de qualquer cousa. Os Guaicurús exercem sobre elles uma especie de soberania, e os reduzem á escravidão.

OS GUAXIS.

A nação dos Guaxis, d'antes tão numerosa, está hoje reduzida a uma dezena de individuos, que vivem em um rancho, no districto do presidio de Miranda, onde os vi. Creio que já nem fallam sua antiga lingua.

OS CAYUÁS.

Os Cayuás habitam as visinhanças do Iguatimy, confluyente do Paraná. O sertanista Joaquim Francisco Lopes calcula seu numero em 4,000. Fallam a lingua guarani, são agricultores e trataveis, e parece que tem algumas noções da religião christã, que receberam sem duvida, dos antigos jesuitas. O Exm. barão de Antonina tem entretido relações com esses selvagens, por meio de seus emissarios.

SELVAGENS DO GRAM-CHACO.

O Gram-Chaco, extensa planicie, que demora á margem direita do Paraguay, contem innumeradas nações, que se guerreiam mutuamente. Algumas dellas vagueam pelo nosso territorio, e bom seria angariá-las, para garantia e segurança dos nossos visinhos Paraguayos, a quem muito prejudicam.

Queira Deos que alguma cousa se faça a bem de toda essa gente; e quando os meios que proponho ão sejam reputados proficuos, encarreguem-se outros de os indicar mais acertados, que eu serei o primeiro a animar-os nessa interessante empreza.

A

SUA Magestade
O SENHOR D. PEDRO SEGUNDO
IMPERADOR DO BRASIL.

Os Redactores do Guanabara agradecem a VOSSA Magestade IMPERIAL a nova vida que acaba de dar a esta humilde publicação, e lastimam do fundo d'alma o não serem dotados da força necessaria para corresponder a tão alta e espontanea Protecção.

Os Redactores, neste publico testemunho da sua gratidão, cumprem com o dever de homens sensiveis á tanta generosidade, e com o de mostrar á mocidade brasileira o espirito de VOSSA Magestade IMPERIAL., a pratica de suas augustas acções, e o exemplo de sua magnificencia inexgotavel.

Beijam as sagradas mãos de VOSSA Magestade IMPERIAL os que tem a gloria de serem

De Vossa Magestade Imperial

SUBDITOS FIEIS E AGRADECIDOS:

Manoel de Araujo Porto-Alegre.
Joaquim Manoel de Macedo.
Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.
Gullherme Schuch de Capanema.
Joaquim Norberto de Sousa e Silva.
Antonio Claudio Soydo.
José Albano Cordeiro.
João Maximiano Maffra.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

A reaparição desta Revista, depois de uma longa suspensão, é uma prova evidente de que o desanimo não foi causa deste successo: os dous principaes redactores, abaixo-assignados, tiveram a infelicidade de adoecer gravemente, um depois do outro, e o terceiro, o Snr. Dr. Antonio Gonsalves Dias está na Europa.

Para o homem que vive do seu trabalho, e tem obrigações pautadas a cumprir, só lhe resta tempo quando tem uma saude vigorosa, e aquelle bem-estar d'alma que o leva ao trabalho com amor e satisfação.

As publicações desta natureza, além do trabalho do pensamento, pedem outros incommodos que devoram muito tempo, e que fatigam bastante a quem não faz vida de escriptor publico, e não tem aquella pratica necessaria nos negocios economicos de qualquer publicação hebdomadaria.

No nosso estado de saude, tinhamos necessidade de um companheiro ardente, desinteressado, e disposto a sacrificar-se n'um trabalho sem lucros materiaes; felizmente o encontramos como era desejo nosso, e esse companheiro é o Illm. Snr. Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, de quem o publico já tem pleno conhecimento pelos seus trabalhos litterarios, e pela sua fecundidade nos Jornaes desta Capital.

O *Guanabara*, debaixo da direcção do Snr. Conego, vai ter uma nova vida, e uma existencia segura, porque além da robustez do seu novo director, ha nelle toda aquella fé dos homens ardentes e conscienciosos, e essa predisposição natural tão necessaria para esta especie de labôr.

Ao novo director se vieram juntar os nomes respeitaveis do Exm. Snr. Senador Candido Baptista de Oliveira, o do Snr. Dezebargador João Candido de Deos e Silva, o do inexgotavel Snr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, e do Snr. Soydo, e do Snr. José Albano Cordeiro, já muito conhecidos, e de outros muitos Snrs., como se verá nos seguintes numeros.

Quanto á nós, continuaremos da mesma maneira, e procuraremos melhorar o quanto fôr possivel esta publicação, não só para corresponder á be-

nignidade com que sempre fomos tratados, como tambem para levarmos a um melhor grão de interesse os escriptos que aqui se publicarem.

No espaço em que nos ausentamos, e deixamos de continuar com o *Guanabara*, o publico teve a satisfação de vêr surgir á luz da imprensa a *ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA*, que fôí muito além das nossas forças, porque se apoderou das artes, exornando os seus brilhantes escriptos com estampas interessantes, e sobre tudo com uma iconographia dos varões mais salientes da actualidade.

Cheios de uma legitima satisfação applaudimos a coragem e o talento dos nossos contemporaneos, e com aquella lealdade artistica que nós assiste, os saudamos agora publicamente no *Guanabara*: seja esta saudação acompanhada da realisação dos nossos votos, converta-se ella em uma serie de não interrompidas prosperidades.

A Illustre Sociedade Vellosiana, que tem por Secretario o muito distincto naturalista o Snr. Dr. Freire Allemão, continuará no *Guanabara* a fazer a publicação dos seus interessantes trabalhos. A Sociedade Vellosiana devemos o ter sido já citada a nossa publicação em muitas obras na Europa, e o ter tido o *Guanabara* essa vida tão desejada por todos os que encetam a carreira das letras.

« Qual branda era, que arrimada a um tronco,
« Tambem vai discorrer pelo universo. »

No 6.º numero do segundo volume findou a *Rosa*, e nos que se seguirão, depois de algumas outras produções, sahirá á luz um novo romance. Continuarão as memorias do Coronel Bonifacio de Amarante, commentadas por seu sobrinho; e em breve apparecerá o *Calidoscopio*, comedia eterna, em prosa e verso. Para contiunar a nossa bibliotheca, daremos alguns dramas e comedias ineditos, que não podem subir á scena em quanto a sorte dos menographos estiver dependendo da vontade de um homem, e das eventualidades creadas pelo regulamento do governo.

O pensamento, aliás louvavel, que dirige a marcha da nossa educação intellectual, ainda não está completo; o Estado faz grandes sacrificios para obter obreiros, porém a lei é uma especie de Saturno, que devora os proprios filhos. O obreiro da civilisação, depois de educado nas escolas e formado no gabinete, precisa de quem cuide da sua sorte, de quem vigie no seu futuro, porque não ha progresso onde não ha futuro. O estatuario que se formar entre nós, nada fará se lhe não pedirem uma estatua, assim como o menographo nada escreverá si se não lhe abrir a scena: os meios de que tem lançado mão a França e as outras nações estão bem conhecidos,

e já não pôdem ser tidos por um enigma: a arte de governar, uma das artes mais experimentaes, obtem os seus fructos todas as vezes em que ella situa o bem particular no bem geral, e não pelo contrario, porque o monopolio da philosophia, o commercio das idéas é um exclusivo mortifero, é uma barreira contra o desenvolvimento geral

Se os theatros entre nós não fossem altamente subvencionados pelo Governo, não era de nossa competencia aventurar o referido: deveria-mos respeitar o direito da industria e da propriedade, e soffrer silenciosos o que está acontecendo.

Ha machinas, que, uma vez quebrada, nunca mais se reproduzem; e assim tem sido todas as machinas do espirito productor: o talento do estadista, do homem do futuro, está no saber conhecer os homens e aproveitar-os segundo as suas vocações: A nação portugueza não vio até hoje apparecer outro Antonio José da Silva, assim como entre nós ainda não appareceu outro Penna; nem um só poeta que nestes dezessete annos de tentativas chegasse as alturas do author de—**POETA EA INQUISIÇÃO.**

Se o nosso governo teimasse em querer possuir um theatro poderia obtel-o facilmente; ahi estão provas que nos não desmentem.

Circumscriptos no nosso circulo de idéas, não transviaremos jamais daquelle terreno que demarcamos no programma, desta publicação: ahi estamos, e ahi ficaremos.

Rio de Janeiro 1.º de septembro de 1854.

Manoel de Araujo Porto-Alegre
Joaquim Manoel de Macedo.



ELOQUENCIA SAGRADA.

OBRAS ORATORIAS

DO

REVM. PADRE MESTRE FREI FRANCISCO DE MONT'ALVERNE.

Já em breve noticia bibliographica inserta em uma das folhas diarias desta capital dissemos alguma cousa ácerca da importante publicação, que acaba de sahir dos prélos dos Snrs. Laemmert, e que tem por titulo — *Obras Oratorias do Padre Mestre Frei Francisco de Mont'Alverne*. — Por falta de espaço não podemos entrar na analyse desse bellissimo trabalho, que consideramos como um dos mais notaveis, que, em seu genero, tenha sido publicado em nossa lingua. Buscaremos provar esta proposição, sentindo unicamente não possuirmos bastante cabedal de conhecimentos para tratar a materia, como exigem a gravidade do assumpto e a bem merecida nomeada do eximio prégador.

Ninguem ignora a magnitude da missão do orador sagrado, e quanto as suas palavras podem influir para o bem-estar da sociedade, e a salvação eterna dos seus membros: o fóro offerece vasto campo ao talento empregando-se na defeza do fraco contra o poderoso, do pobre contra o rico; os Ciceros, os d'Aguesseaus, inscreveram seus nomes no catalogo dos bemfeitores da humanidade: a tribuna parlamentar é a arena, onde vão pleitear os gladiadores da patria; os interesses os mais importantes do estado dependem não poucas vezes da impressão produzida pelo discurso de algum celebre orador: a republica franceza de 1848 deveu talvez a sua origem á famosa arenga de Lamartine, no dia 24 de Fevereiro: perante a camara dos deputados; mas é o pulpito, que mais reaes, mais relevantes serviços pôde prestar aos homens: pois que o prégador occupando no sanctuário o lugar de Deos todas as verdades moraes lhe pertencem, e força aos homens a tornarem-se accusadores de si proprios no segredo dos seus pensamentos, e na solidão dos seus remorsos, para servir-nos de uma eloquente expressão do cardeal de Maury.

Não nos consta que as religiões antigas lançassem mão do ministerio da palavra para moralisar o povo, e ajudal-o a supportar as suas magoas: o hierophante revestido da sua toga de fino e alvissimo linho presidia os mysterios eleusinos e communicava á alguns entes privilegiados essas verdades primeiras, que Platão chamou

ideias eternas, archetypas: não guiava porém o povo pela vereda tão difficil e escabrosa dos seus deveres. Essa gloria estava reservada ao Christianismo; seu divino Fundador ensina aos homens uma moral nova, que era um escandalo para os Judeus, e uma loucura para os pagãos na phrase de S. Paulo; e seus discipulos, homens ignorantes e grosseiros percorrem o mundo chamando as nações a penitencia, e prégando o dogma sagrado da igualdade perante Deos, em cuja balança só as virtudes e boas acções pôdem sobrepujar. Perseguido por monstros como Nero, que deshonravam o sceptro e a corôa, o Christianismo refugia-se nas catacumbas, onde opera a maravilhosa conversão do mundo.

O quarto seculo é verdadeiramente a idade aurea da litteratura christã; a essa Religião, que passava tão inopinadamente das cryptas ao throno dos Cesares maravilhou o mundo pela vasta e profunda erudição dos seus doutores: « C'est au milieu de l'abaissement le plus honteux des esprits et des courages, diz o Sr. Villemain no seu *Tableau de l'éloquence chrétienne au quatrième siècle*, c'est dans un empire gouverné par des eunuques, envahi par les Barbares, qu'un Athanase, un Chrysostome, un Ambroise, un Augustin font entendre la plus morale, la plus haute éloquence. Son genie seul est debout dans la decadence de l'empire. Ils sont l'air de fondateurs, au milieu des ruines. C'est qu'en effet ils étaient les architectes de ce grand édifice religieux, qui devait succéder à l'empire romain. »

Ao mais perfeito conhecimento das escripturas juntam esses Padres copiosissima instrução profana. Gregorio de Nazianzo e Basilio tinham passado longas horas da sua juventude ouvindo as lições d'Academia, e nessa Athenas, que ainda no 4.º seculo era a metropole das sciencias, das letras e das artes, grangeam a estima dos sabios pelo seu talento e assidua applicação. D'Alexandria, famosa pelo seu observatorio, fundado pelos Ptolomeus, e ainda mais por essa immensa bibliotheca, que devera ser mais tarde pasto das chammas, cidade estudiosa e turbulenta, devera sahir o grande Athanasio, o athleta illustre que em sua pessoa symbolisa um seculo. Lá, onde se mostram em toda a sua nudez as miserias do imperio d'Oriente, o despotismo caprichoso dos principes, as intrigas pelacianas, a corrupção de uma grande cidade por sua natureza amphibia, que não era grega nem romana, que mais parecia uma colonia do que uma capital, n'uma palavra nessa Constantinopla, séde de todos os vicios fazia-se ouvir a eloquente voz de S. João Chrysostomo. A Africa rivalisa com a Grecia e com o Orienté, e apresenta na pessoa de S. Agostinho um campeão digno de figurar em tão illustre matricula. Todas as regiões do mundo contribuiam nessa época para o completo triumpho da eloquencia sagrada: os Padres da Igreja não pertenciam a um só paiz; uns com effeito, como S. Jeronymo, tinham vivido na Syria, na Judéa, e respirado o entusiasmo das margens do Jordão; outros, como Tertuliano, Arnobio, Agostinho, nascidos debaixo do céu ardente do Carthago, eram mais orientaes do que latinos. A lingua romana, segundo diz o já citado Sr. Villemain, impregnava-se do genio arabe ardente e subtil, successivamente aquecida pelos sóes d' Africa e d'Asia.

A litteratura da meia idade segundo pensa o Sr. Guizot, não tem sido bem

avaliada: apesar da sua forma grosseira e extravagante, seu methodo confuso e vicioso não é destituido de merito pela originalidade dos seus pensamentos, e ouzadia das suas expressões. E' rica de bellezas, ainda que de natureza diversa das que estamos habituados a admirar nos classicos, gregos e latinos.

A eloquencia christã não podia deixar de resentir-se profundamente do depreciamento dos estudos profanos, que com a invasão dos Barbaros quasi que desappareceram da superficie da Europa. As homelias dos bispos e os sermões e praticas dos padres abundavam em citações biblicas; ostentavãem inteiro conhecimento do dogma e ampla leitura dos annaes da Igreja; mas o gosto, a amenidade do estylo, que tanto distinguira os seus predecessores do 4.º seculo, estava extincto. Ao estudo dos grandes modelos, que nos legou a antiguidade pagã, seguiu-se o de mesquinhas compilações, especies de encyclopedias inteiramente incapazes de formar distinctos oradores. Pedro, arcebispo de Ravenna, fornece-nos um testemunho irrecusavel da rapida queda da eloquencia. Seus discursos abundam em argucias sendo completamente vãos de pensamentos, filhos da meditação e estudo das verdades eternas do Christianismo: é forte em trocadilhos, ama a symetria das phrases, o cortejo de palavras sonoras, porém vãs de sentido: não obstante o que seus rudes contemporaneos, para quena taes defeitos pareciam bellezas, denominaram-no de *Chrysologo*.

O celebre Savonarola com a sua eloquencia ardente, mas desordenada e declamatoria fazia pender dos seus labios os florentinos do 14.º seculo: a cidade dos Medicis prodigalisava ovações ao illustre dominicano, cuja morte devera em breve pedir á grandes brados. O brilhante seculo de Leão X tão fertil em artistas, poetas e historiadores, viu tambem distinguirem-se no pulpito Bembo, Sadoleto, Annibal Caro e Guicciardini. Não eram porém esses oradores mais do que precursores da grande regeneração da tribuna evangelica na Italia, que devera ser operada pelo grande Segneri, que viu a luz em Nettuno no anno de 1624. Fallando acerca deste celebre orador, assim se exprime o Snr. Guilherme Andisio no seu *Compendio delle Lezioni di Eloquenza Sacra*: « Se egli fa una narrazione la dipinge co più naturali e veri colori; se muove un affetto, nol fa da donnicciuola che ad ogni passo abbia una lagrimetta da spremere su quasi per arte, ma da generoso italiano, anzi da generoso apostolo che mira ad illuminare e poi a commovere; se amplifica un sentimento, lo presenta con nobile dignità: il suo style risplende per agli ornamenti d'una facondia naturali senza gli smisurat vezzi d'una studiata affettazione; le prove dispone e incalza come Cicerone, le incarna e le fa veder cogli occhi per via delle imagine; il suo dialogizzare lucido, ameno, franco, vittorioso, ricrea, assale, ne più abandona l'auditore sino al punto della resa: e si nel convincere che nel commovere, egli è sempre come Demostene, l'oratore delle popolari adunanzi. »

Sabem os nossos leitores, que a gloria das letras passou da Italia á França, e que o seculo dos Medicis foi substituido pelo de Luiz XIV. O pulpito se acha representado nessa época por tres grandes illustrações: Bossuet, o prégador da imaginação, Bourdalou, o da razão, e Massillon o do coração.

Bossuet, o Homero da tribuna evangelica, o Isaias da nova lei, desprende dos

seus labios torrentes de eloquencia: o seu estylo elevado, o vigor dos seus pensamentos mereceram-lhe o nome *d'aguia de Meaux*. A scriptura, os Padres, a Theologia são os arsenaes onde vae buscar as armas poderosas com que deve fulminar os erros e os vicios, e a esses conhecimentos addicionando vasta leitura dos autores profanos, tanto antigos como modernos.

Ainda sob a impressão da poderosa voz de Bossuet correu Paris a ouvir a um grave e sabio Jesuita, o grande Bourdaloue, Catão do pulpito. Cada um dos seus sermões parecia exceder ao precedente, e era ouvido com admiração cada vez maior. Bourdaloue não procura senão convencer o seu auditorio, elle raciocina, apresenta as provas em que se firma: despreza as figuras, os floreios da rhetorica; mas sua dicção é tão pura que agrada, captiva quando disto menos se occupa.

Si Bossuet pela vehemencia é o Demosthenes da França, si pela regularidade Bourdaloue é o seu Cicero, Massillon pela ternura e angelico coração não acha igual na Grecia, nem em Roma. Possui o seu estylo a simplicidade e elegancia gregas, e a copia e gravidade romana. No que principalmente se distingue é no emprego do pathetico, doce, constante, sagrado e divino: suas palavras enternecem a alma, fazendo-a derramar lagrimas de compunção.

Bossuet fizera erguer a eloquencia sagrada do sepulchro em que jazia ha doze seculos, restituindo a pureza primitiva dos Padres, obrigando o seculo de Racine a veneral-a; Bourdaloue communicou-lhe a rectidão, que caracterisava o seu espirito, applicando-lhe, se nos é licita a expressão, a geometria da razão, mas foi sómente a doce voz de Massillon, que fel-a saudar pela França como a ruinha dos corações.

Parece que a eloquencia sagrada nesse Paiz tocou ao seu zenith no reinado do grande rei, e que logo depois começou a sua decadencia. Não conhecemos nenhum pregador distincto, que fosse contemporaneo de Luiz XV e XVI: e os poucos que apparecem não pôdem ter a pretensão de serem continuadores da grande obra encetada pelos Bossuet e Bourdaloue. A mediocridade dos pensamentos e a pouca elevação do estylo são o apanagio de todos esses oradores, que successivamente subiram aos pulpitos da França nas vespersas desse grande e providencial acontecimento, a que chamamos—Revolução Franceza.

A convenção erigindo como o dogma da nova Religião, unicamente duas verdades *a da existencia de Deos, e a immortalidade da alma*, tinha feito desaparecer o Evangelho, e por consequencia os seus pregoeiros: quando Camillo Desmoulins perorava às massas no *Palais Royal*, arrastando-as á conquista da Bastilha, os pulpitos deviam estar silenciosos.

Restaurados os altares pela vontade omnipotente do maior homem dos tempos modernos, era necessario restituir aos francezes as crenças de seus pais, e dessa tarefa foi incumbido o doce e methodico talento de Frayssinous, que em suas conferencias encarregou-se da educação moral e religiosa do povo de S. Luiz. Seu estylo é simples, e mais se assemelha ao de um cathechista, que explica á infancia os primeiros rudimentos do nosso culto, do que ao de um pregador, que desenvolve theses geralmente admittidas.

Caminhando os espiritos em progressivo melhoramento, foi occupar o lugar, que deixara vago o bispo de Hermopolis, um celebre dominicano, que ainda hoje faz a admiração de toda a Europa, e quiçá do mundo : os nossos leitores comprehendem que queremos fallar do reverendo padre Lacordaire, dessa figura epica, collocada pela mão do Eterno entre o passado e o futuro da Igreja. Numa época de renascimento social e religioso, seguiu-se outra caracterizada por uma impaciencia dolorosa, por uma sede de Religião, que se desejava, mas que não se podia definir: assim á Frayssinous devêra substituir Lacordaire, com a sua logica irresistivel, com o seu inimitavel e pictoresco estylo, que atrahia a basilica de *Notre Dame de Paris*, uma mocidade estudiosa e ávida de emoções, e os discipulos do patriarcha de Ferney; uns para serem edificados pela sublimidade dos seus pensamentos christãos, e outros para se extasiarem ante a magia das suas phrases, que soavam pelas gothicas naves como os sons d'uma harpa perdida na solidão da noite. E para que nada faltasse á gloria desse povo que reune em si todas as glorias da Europa, um illustre proscripto fez ouvir na igreja da *Assumpção* aquella mesma voz que na maior basilica christã tinha arrancado a admiração do mundo. O padre Ventura de Raulica é um digno emulo do padre Lacordaire.

O protestantismo dissociando o espirito humano, e erigindo-se em campeão do livre exame, parecia excluir a eloquencia do pulpito: com effeito, quem tem por fim demover o auditorio do proposito em que está, fazendo-o abraçar as suas proprias opiniões; assim a Reforma que tenha rejeitado a interpretação da Igreja, e o seu ensino proclamando o principio que a cada homem podia dar a Biblia á intelligencia, que lhe aprouvesse, certo de que o Espirito Santo o illuminaria, não devera para ser consequente, admittir o uso da predica, que nada menos é do que uma instrucção pastoral dada ao povo. Quiz porém imitar a sociedade, de cujo gremio sahia, e os seus ministros fatigam os fieis com longas e fastidiosas praticas que são despidas do brilhante colorido dos nossos pregadores, e que tem de mais a mais o grave inconveniente de serem lidas, o que lhes tira todo o movimento oratorio. Um dos seus mais distinctos pregadores, o doutor Blair, assim se exprime, fallando no seu curso de Rhetorica e Bellas Letras, ácerca da eloquencia sagrada : *Um sermão inglez é uma serie de raciocinios instructivos e sem calor: um sermão francez passaria entre nós por um discurso florido, e muitas vezes pela arenga de um entusiasta.* Não nos occuparemos por tanto com as obras oratorias dos protestantes, em muitas das quaes, como nas de Saurin, se descobre profunda erudição, porém sempre a ausencia completa do sentimento, e disso que chamamos *uneção*, em que tanto se têm illustrado os melhores oradores catholicos, taes como Fenelon entre os do seculo de Luiz XIV, e Ventura, entre os que ainda hoje fazem a honra do pulpito. Não descobrimos nada na oratoria protestante que possa se comparar com os sermões do arcebispo de Cambraia, nem com as *Conferencias sobre a Paixão de J. Christo* pelo sapientissimo ex-geral dos Theatinos.

A patria de S. Thomaz de Villanova, o eloquente prégador de Carlos Quinto, a catholica Hespanha, possui grande numero de eximios oradores sagrados, cujas obras infelizmente são pouco conhecidas fóra do seu paiz natal: todavia o nome

de Balmes pôde franquear os Pyrenneus escudado por uma brilhante nomeada, e seu diploma de grande e conspicuo prégador foi firmado pelos sabios de ambos os mundos.

Portugal contou sempre distinctos prégadores, seus claustros foram um manancial fecundo da sciencia sagrada; delles sabiam homens illustres, que desprendiam dos seus labios torrentes de eloquencia com notavel proveito dos povos, a cuja conversão se propunham. Pena é que esses grandes homens fossem por demais modestos, que se roubassem aos applausos da posteridade, recusando publicar as suas obras oratorias. Entre aquelles porém que puderam escapar ao ostracismo a que as condemnavam os seus autores, fazem-se notar sensiveis bellezas, e revelam que a illustração se achava nesse reino mais adiantada do que geralmente se penso. Na realidade é com justo orgulho que podemos citar o nome do padre Antonio Vieira, não tendo estabelecer o parallelo entre elle e todos os oradores da Europa seus contemporaneos. O seu famoso sermão pregado na Bahia pelo bom successo das armas dos Portuguezes contra os Hollandezes em 1640, e quando apenas contava trinta annos, é um primor do estylo grandiloquo, e ousamos affirmar que poucos oradores se tem elevado á altura em que o illustre jesuita se remontou, pairando por tanto tempo pelas regiões do sublime, e affrontando as vistas de Jehovah, a quem directamente se dirige, tal como outr'ora o legislador dos Hebreus, que praticava face á face com o seu Deus no cume do Sinai. Reprehendeu os vicios da côrte lusitana com uma liberdade que faz honra ao seu character, bem como a piedade do rei, que tanto se aprazia em escutal-o, e que não poucas vezes admittia-o em seus conselhos, e incumbia-o de difficis e honrosas commissões, como a de Roma, onde por obediencia juntou o mais brilhante florão á sua corôa oratoria. Seu estylo porém resente-se dos vicios da época em que viveo; desses conceitos, dessas continuas antitheses, n'uma palavra, desse gongorismo, que fórma o cunho dos nossos escriptores *sciscentistas*; mas a ninguem é dado ir adiante do seu seculo, como muito bem disse o Sr. Villemain. Em tempos mais proximos a nós o prégador que mais se avisinhou ao grande Vieira foi o padre José Agostinho de Macedo, muito conhecido pelo seu poema do *Oriente*.

Tambem nós tivemos grandes prégadores; e quando el-rei o Snr. D. João VI aportou ás nossas plagas, o Brasil possuia uma brilhante pleiade de oradores sagrados: S. Carlos, S. Paio, e Caldas eram os marechaes desse exercito, e faziam o seu passeio triumphal pelos pulpitos desta côrte acompanhados de um luzido estado-maior.

Perdidas porém foram para a posteridade as impressões desses genios sublimes: não possuímos delles senão o echo da sua immensa nomeada, e a litteratura deplora a falta dos primores que lhe teriam fornecido esses abalisados mestres. « *A difficuldade da impressão, diz o Padre Mestre Mont'Alverne no discurso preliminar aos seus sermões, a falta de recursos, a indifferença para toda a sorte de emprezas typographicas, talvez mesmo a modestia dos autores, impediam a execução destes projectos que illustraram outras nações, e fizeram avultar a massa dos conhecimentos humanos. Todas essas inspirações do genio, todos esses esforços do talento, essas felizes producções, que faziam o encanto, a admiração dos naturaes e dos estrangeiros, eram destinados a morrer no mesmo dia de sua apparição, ou quando muito a obter, qual peça de*

theatro, novas recitas. A posteridade estava fechada para os nossos oradores: as honras da imprensa eram apenas concedidas aos discursos recitados por occasião de algum grande acontecimento, e cuja publicação convinha áquelles que os pregavam ou faziam imprimir. A ninguém lembrou ainda reunir as orações funebres de S. Carlos, e de S. Paio, e formar uua collecção, qual os Francezes fizeram das orações funebres de Bossuet e Flechier. Estes brios nacionaes estavam quasi extinctos: para nós tudo está materialisado; nossa vida é para o dia de hoje, porque a vida dos sentidos é o presente, o futuro pertence á intelligência.

Estava reservada ao illustrado brasileiro, cujas palavras acabamos de citar, o erger o primeiro monumento á eloquencia sagrada do seu paiz. O Rev. Padre-Mestre Mont'Alverne, figura homérica vivendo em um seculo de prosa, ponde luctando com obstaculos de todo o genero fazer imprimir os quatro volumes das suas obras oratorias, cuja breve analysê promettemos fazer.

Os sermões do distincto franciscano tem uma physionomia que os faz differenciar de todos os outros: o seu estylo, suas provas, e dizemos quasi a disposição das diversas partes desses discursos, lhe são proprios. Reune em si os predicados que illustraram os mais formosos prégadores: sabe alliar a sublimidade de Bossuet á doce eloquencia, as perfumadas phrases do suaviloquo Massillon. Cremos todavia que entre todos os credores francezes do seculo de Luiz XIV, que lhe serviram de mestres, tinha mais predilecção pela vigorosa logica de Bourdaloue. Conscio do dever do orador evangelico de doutrinar ao povo, sempre que fallava colhiam-se das suas palavras uteis lições, era o Platão catholico expondo o dogma ou a moral, como o sabio grego explicava a sua republica ideal. Longe de seguir o exemplo de muitos pregadores cujos discursos são pobres de idéas porém abundantes de palayras, que exprime mesquinhos e triviaes pensamentos em sonoras phrases, o nosso eloquente patrio não se serve d'um vocabulo superfluo, ou um epitheto desnecessario.

Com que vigorosa e energica expressão nos disptera a lembrança da morte, num sermão de Cinza prégado na capella real desta cõrte em 1819: não trunquemos suas palayras, não desfiguremos os seus nobres pensamentos: citemo-mo-los textualmente:

« Levantai-vos pois acima de vós mesmos, oh! meus irmãos, entrai com a firmeza de um Christão nos abysmos espantosos da morte; reflecti sangue frio nas consequencias inevitaveis, que acompanha a vossa destruição, para dest'arte illudir as ciladas, de que o homem é muitas vezes assaltado. Que! não tendes forças para conservar a lembrança desta morte, a que sois irrevogavelmente condemnados; e supportareis em vosso corpò a cruz de Jesus Christo, como ordena o Evangelho? Vossa coragem vos abandona, quando pensaes na vossa dissolução; e ousareis mortificar os vossos sentidos, fazer-lhes guerra, e domal-os com a penitencia?! Vós não vos podeis familiarisar com as humilhações do tumulo: tremeis diante de um cadaver: um esquite vos penetra de pavor e medo; e vencereis o orgulho, a vaidade, e todos esses excessos contra os quaes um christão deve luctar e combater?! Virgens sublimes e heroicas, a quem a raiva dos tyranno, e todos os horrores da morte não poderam inspirar o susto, nem arran-

ear do nosso coração o amor do nosso Deos, que direis de uma mulher, que se contempla ao espelho cem vezes no dia, e não tem valor para pensar que este rosto, objecto de tanta complacencia é destinado a ser pasto da corrupção e dos bichos!

« Aquelles, que se nutrem destes pensamentos, aquelles, que fogem do seculo, para estudar no livro sublime da morte as lições da mais alta philosophia tem a combater a violencia das paixões: e poderia reprimil-as os que suffocam esta importante lembrança? O som da trombeta celeste, as pompas funebres do tumulo não poderão abafar os canticos harmoniosos do mundo: a belleza voluptuosa de Roma vem distrahir os serios pensamentos de S. Jeronymo, a lembrança desta meretriz famosa, que arrastava ao carro das suas victorias os grandes e sublimes da terra desenvolve um resto de calor nos ossos descarnados do penitente, entinuado com jejuns e deitado sobre a cinza e o cilicios, e teréis força para arrancar-vos dos prazeres do seculo, evitando com cuidado a lembrança do vosso derradeiro destino? »

O epilogo deste mesmo sermão é sublime: o orador se transforma em propheta que com mão firme folheia as paginas do livro do futuro: é Isaías ameaçando os Judeos com a colera do Senhor Deos; é Jonas ordeuando os jejuns e os cilicios aos voluptuosos Ninivitas, Oçamol-o:

« Não; vós não escapareis a vingança do Senhor: ha na sua colera segredos espantosos: seus flagellos seguem de perto a depravação dos costumes. Considerando o desprezo tão completo de vossos deveres, reflectindo no esquecimento profundo de vosso ultimo fim, não podemos deixar de annunciar-vos todo o genero de calamidades. Dia virá, em que todos os males, cahindo de tropel sobre vossa cabeça vinguem completamente o esquecimento de tantas desgraças: *Venient dies in te, e o quod non cognoveris tempus visitationis tuæ*. Quem de vós não tem visto realisada uma parte destas ameaças, tantas vezes fulminados contra as nações! Quantos de vós mesmos tem sido testemunhas de nossos proprios desastres!

Por uma habil peripécia o prégador intercede por esse mesmo povo, que acabava de fulminar com raios da sua poderosa eloquencia, e dirigindo-se a Deos exclama:

« Salvai, oh! Deos, salvai este povo. São os netos dos heroes, que levaram a luz do Evangelho ás extremidades da terra, são os filhos deste povo em outro tempo tão celebre pela sua piedade, onde Baal nunca teve altares, nem os deuses das nações bosques e oraculos. Vede sobre o throno portuguez o sangue de tantos reis zelosos da vossa honra, e dá exaltação do vosso nome; é o sangue de Izabel, e de Mafalda. Enchei-o de gloria e magnificencia entre as nações para que o vosso nome seja cada vez mais glorificado. *Propter David servum tuum non avertas faciem Christi tui.* »

O preclaro filho de S. Francisco referindo-se á pouca attenção, diremos mesmo a gélida indifferença, com se ouve a palavra divina, a murmuração de que são objecto os ministros dos santuario chama o povo ao cumprimento dos seus deveres de Christão nestas eloquentes palavras.

« Oh! vós, que vós reunis em o templo nos dias sollemnes, em que a Igreja envia os seus ministros para vos instruir nos vossos deveres, o que vinde fazer á casa do Senhor? A quem vindes ouvir e attender? Estais convencido que nós recebemos do Eterno a missão augusta, que nos autorisa para reprimir os abusos, espantar os peccadores, lançar em rosto as suas iniquidades e forcejar por arrancarl-os do delirio de suas paixões? Reconheceis nos ministros do Evangelho os enviados do Eterno, os cooperadores de vossa salvação, como diz S. Paulo? Não contradizeis com as vossas acções os sentimentos do vosso coração? Não desmentis com o vosso procedimento os principios de religião, de que vos mostraes penetrados! Não é de ordinario o costume, a curiosidade, e muitas vezes o espirito de maledicencia que vos conduz a prégação para notar a maneira com que o prégador trata os objectos de religião e de moral? Vindes por ventura com disposição de abraçar as exhortações saudaveis, que Deos vos envia por seus ministros? Onde está este recolhimento d'alma este sentimento da nossa baixeza e da soberania do grande Mestre, cujas lições deveis seguir e respeitar? Qual é o acatamento, que apparece no meio de tão augusta reunião, á face dos altares e diante do Senhor, em cujo nome o Orador annuncia as maximas importantes da salvação? Observando as vossas distrações, ouvindo as vossas conversações ruidosas, notando a impaciencia com que nos escutaes, os signaes, que fazeis aos que estão junto de vós, o riso motejador de que acompanhaes as vossas observações, poderemos duvidar que aproveitaeis o tempo da prégação como um recreio e um passatempo? Poderemos acreditar que vós nos considerais como ministro de um Deos, que nos revestio do seu poder, que exige, que vós nos attendais, como a elle mesmo, e que diz claramente, que todo o que nos despreza, despreza aquelles, que nos enviou, quando vos vêmes desamparar os templos com estrondo no momento em que proclamamos as mais importantes verdades, dando assim a conhecer vossa indifferença e vosso desprezo para com a palavra do Senhor? Como é possível desempenhar o preceito positivo de ouvir a palavra de Deos, se appareceis nos templos para ouvir a prégação de um homem, cuja autoridade não respeitaeis, sem advertir que um simples homem não tem direito de censurar publicamente os vossos costumes, exclama S. João Chrysostomo? Não é assim que annullaeis a efficacia da palavra divina e destruis o effeito das exhortações do orador? E' a vosso respeito que se verifica esta inscripção do Apostolo: — Que os fieis adulteram a palavra de Deos ouvindo-a como um discurso, que só serve para o seu prazer, ou como um desenfado. — Vós vindes á casa do Senhor para comparar os oradores uns com outros, distribuir os vossos louvores, ou as vossas censuras segundo as vossas afflicções, e decidir da importancia dos nossos discursos, da belleza do nosso estylo, da extensão dos nossos conhecimentos, e dos nossos meos oratorios. »

O Miguel Angelo, do pulpito traçou-nos o quadro da morte do peccador endurecido com o mesmo pincel com que foi desenhada a ultima scena do valle de Josaphat. No seu magnifico sermão sobre a *demora da conversão* não sabemos o que mais se deve admirar si a elevação dos pensamentos, ou si a magestade do estylo:

suas palavras tem alguma cousa que se aproxima ao colorido que Dante sabia dar aos seus quadros. Citemol-as ainda e sejam juizes os nossos leitores :

« Eis-aqui chegado este momento, para o qual o peccador tinha retardado a sua conversão ! Soou a hora além da qual a pendula da vida não deve balançar mais. Evadido aos acasos, escapado a uma morte prematura e violenta o novo Antiocho está lançado no leito, donde não se levantará mais. Entrae dentro de sua casa !... Não, não é mais o som dos canticos, a harmonia dos concertos, o estrondo agradável dos bailes, que vos encanta, e sorprehende a vossa admiração. E' o grito da desolação : é o gemido pungente da desgraça : é a esposa desmaiada, são os filhos banhados em lagrimas ; é a turbação dos criados, que se empurram, tropeçam e correm em sentido contrario !!! Chegae-vos ao leito do moribundo ! O medo está pintado em seu rosto ; seus olhos exprimem a mais profunda agitação ! Pungido dos remorsos, aterrado com a ideia de sua reprovação, convencido de sua indignidade, elle não espera, mas treme ; não invoca o Eterno, mas geme, suspira e agonisa. Como entornar a confiança no seio da desesperação ? ! Como reanimar as chammas do amor em um coração, que não sente ? São 20, 30, 40 e 60 annos, que se trata de por em ordem ! E' o negocio da Eternidade, que convém ultimar dentro de algumas horas !.. Confiae a este homem o menos importante dos vossos negocios ! Encarregal-o de dirigir uma negociação, dar um conselho, tomar uma deliberação !.. Oh ! meu Deos ! quando a natureza desfallece, quando as dôres se exarcebam, quando os vinculos os mais apertados e mais preciosos são despedaçados, quando a Fé apparece só para espantar o peccador ; quando a Esperança foge, e está morta a Caridade : abnegar-se !.. renunciar a propria vontade !! lançar-se em vossos braços cheio de confiança em vossa misericordia !.. »

No exordio do sermão sobre a *profanação dos Templos*, o orador catholico mostrou que os estudos classicos lhe eram summamente familiares : seu estylo é *ciceroniano*, e parece que ao escrevel-o tinha em mente o imitar o famoso exordio insuatiivo do illustre philosopho de Tusculum na sua celebre oração em defeza do seu mestre, o poeta Archias : « Si a carreira apostolica, começa o nosso benemerito patricio, offereceu jámais aos oradores sagrados verdadeiros motivos de succumbir debaixo do peso do seu ministerio ; si em alguma occasião o dever de annunciar as maximas do Evangelho tem opprimido os ministros de um Deos cioso dos seus direitos : é sem duvida no momento, em que tendo á braços a torrente das paixões, põe-se em risco a divina palavra sem talvez a esperanza de obter algum successo. » E assim prosegue em todo esse bellissimo exordio, um dos mais bem concebidos e melhor executado de todos quantos nos offerece tão rica collecção de discursos sagrados.

Traçando em breve quadro a historia da rapida propagação do Christianismo, no seu primeiro sermão do *Espirito Santo*, o nosso autor, attinge á proporções tão collossaes, seu estylo é de tal modo grandiloquo, que julgamos ouvir Pindaro introduzindo os heroes da Grecia no Pantheon da immortalidade. Depois de nos ter descripto essa tocante historia das perseguições, e essa lucta entre a religião dominante e um culto que do centro da terra abalava o mundo ; depois de nos ter pintado com

tétricas côres a quéda dos quatro imperios, que precederam ao dos Cesares no dominio do mundo, exclama : « Onde estão, oh Roma! teu senado, teus comícios, tuas festas militares, teus consules, tuas legiões e tuas aguias? Um imperio tão formidavel foi ferido e desmembrado pela espada dos Alanos, dos Hunos, dos Suevos, dos Godos e dos Normandos. Dezoito seculos tem passado, e o christianismo nada tem perdido da sua gloria, da sua grandeza e consideração. »

Nos seus sermões do *Sacramento*, o discipulo do *Doutor Subtil*, deixando a parcialidade da escola, segue as pisadas de *Santo Thomaz d'Aquino* no seu nunca assás louvado hymno de *Pange lingua*. O genio venceo as difficuldades da empreza, e sobre um mysterio tão adoravel, quão incomprehensivel, o Padre Mestre Mont'Alverno achou materia para escrever tres sermões, sem se repetir, nem tocar nas syrtes do plagiato.

Entrando na justa apreciação dos *oraculos messianicos*, occupa-se o sabio prégador no seu *sermão da Circuncisão de N. S. J. Christo*, em esboçar-nos com os vigorosos toques de seu pincel o estado do mundo no momento em que aproouve á Providencia Divina enviar-nos o Desejado das nações. Chamamos a attenção dos nossos benignos leitores sobre este notavel discurso. Que bellezas não encerra elle! Como são exactas as suas comparações! Com que graça, com que donaire, não reveste com a purpura do sua elocução pensamentos verdadeiros, mas que se tornaram triviaes á força de repetições! Exemplifiquemos o que acabamos de dizer, e tomemos ao acaso alguns de seus periodos. Seja este: « As nações dormindo á sombra dos trophéos ganhados em *Actium*, sentiam os abalos da natureza, que forcejava por dar á luz o Justo por excellencia. » A idéa não é nova; mas a expressão?

Lêde e admiraç esse lindissimo quadro das Ordens Militares e Religiosas que traça como por acaso, sem nenhuma pretensão, no seu *sermão do SS. Coração de Jesus*. O orador mostra-nos ali que a sciencia de Cantu lhe é tão familiar, como a de Siguerio, Perrone e Cousin. Ao terminar o seu rico painel, em que figuram os Templarios, os Hospitaleiros, os Teutonicos, e esses intrepidos defensores do Rhodes, reclama para o Christianismo a gloria dessas instituições nestas nobres palavras: « Para cumulo, para honra da Religião, não ha uma só lembrança, não ha uma só instituição importante nos seculos modernos que o christianismo não possa reclamar. »

O culto da Virgem, tão popular entre nós, esse culto, que na phrase de Orsini correu tanto como a palavra do Apostolo para a conversão do mundo, não podia deixar de obter distincto lugar na serie dos sermões, que rapida e imperfeitamente analysamos. No *panegyrico de N. Senhora da Candelaria*, o moderado S. Bernardo rouba as tintas do Céu para nos descrever as perfeições de Maria: e como seu confrade, o Klopstock brasílico, desprende as catadupas da eloquencia inundando o auditorio com um oceano de bellezas. Pintando-nos no *panegyrico de N. Senhora Mãe dos Homens* as dores incommensuraveis da Rainha dos Anjos, prorompe nestas palavras: « Não, não é a mãe de Moyses que banha de suas lagrimas o berço de seu filho, que ella mesma entregava ás ondas; não é a filha de Jephth, que prantea nas montanhas de Galaad a indiscrição do voto de seu pai; nem a esposa desditosa de Saul, arrastando a trança elegante dos seus cabellos diante dos restos ainda quentes de seus

filhos escapados ao ferro dos Gabaonitas: é a Mãe do Salvador do mundo, inabalavel junto á cruz de J. C., associando-se a elle na oblação do sangue precioso de seu Filho, se outra oblação podesse ser acceita!! »

Referindo-se a um facto da vida de S. Francisco de Paula, o orador christão no pagnyrico do mesmo Santo, aproveita o ensejo para dar uma sublime lição de moral áquelles que têm o nobre encargo de governar os homens. Não podemos resistir á tentação de citar textualmente as suas palavras, até porque pensamos que seria uma profanação se as alterassemos. Eil-as :

« Francisco faz em pedaços uma moeda de ouro, e mostra ao rei as gotas de sangue que corriam deste metal precioso. . . E' o sangue dos teus vassallos arrastados á miseria por tuas vexações, grita o homem de Deus! E' o suor dos povos sobrecarregados de contribuições enormes, para saciar tua cobiça e promover tuas desordens. São as lagrimas de milhares de infelizes cansados da tua dominação, o que te consideram seu verdugo, o seu mais implacavel tyranno! Acreditas por ventura, que tu és o senhor inexoravel de um povo que te foi confiado para governar e não para opprimir? Esqueces, que o Eterno te collocou no meio de teus subditos para ser o ministro de sua providencia sobre esta irracção da grande familia do genero humano? Treme, oh! rei, treme da vingança, que te aguarda. Um dia as maldições deste mesmo povo, pisado do teu despotismo, irão reunir-se aos flagellos com que Deus sabe vingar a iniquidade e a prepotencia dos reis. Não é João Baptista na cõrte de Herodes? Não é o Apostolo penetrando de terror e sobresalto o proconsul Sergio Paulo? Não é Elias tovejando contra Achab? Como não teria Francisco de Paula supplantado a tyrannia, pois que Deus o enviára para defender a causa da humanidade indignamente ultrajada? Como não zelaria os interesses da razão o homem reservado para ser o salvador do seu paiz, e o muro de ferro, diante do qual veria quebrar-se a raiva do maior inimigo da civilisação e da liberdade? »

O que póde dizer a critica ácerca de tão bellas imagens, de tão veridicos quão profundos pensamentos? Curvar a frente diante do genio no silencio da sua admiração.

O condor fluminense, cujos vôos acabamos de contemplar, pairava em seus verdes annos sobre os cimos do Cubatão, e lá nessa romantica Paulicea, que devêra ser a terra classica da nossa liberdade, o Ourique da nossa historia, dirigia-se aos netos de Amador Bueno, recordando-lhes em poucas mas energicas palavras a fidelidade devida ás lusas quinas. Permitta-nos o leitor que transcrevamos aqui poucas phrases desse riquissimo discurso, são estas :

« Ministro do Deus dos exercitos, de um Deus que attenta aos vossos votos, deste Deus que reanimou os filhos d'Israel para aniquilar os robustos de Moab, os guerreiros de Madian e de Jericó; que conduzio nossos batalhões invenciveis ao coração d'Asia, além do fero Adamastor, eu me contentarei de exigir de vós o desempenho do juramento, que acabaes de prestar á face das vossas bandeiras. Eu vos direi, que tendes contrahido a divida mais importante; e que todos os olhos estão fixados em vós. »

Dos seus sermões politicos, todos escriptos sob a impressão do seu ardente patriotismo, porque debaixo de burel de S. Francisco sempre nelle pulsou um coração brasileiro, apenas escolheremos o recitado na igreja parochial do SS. Sacramento no

dia 3 de Novembro de 1833; não porque queiramos estabelecer preferencias em... os filhos queridos d'um mesmo pai; mas porque foi como que o seu canticó do cysne: Um lampejo divino perpassou pela mente do exímio pregador, quando agradecendo ao SENHOR o ter restituído a saúde ao garfo da monarchia enxertado na frondosa arvore da liberdade americana, e atterrado pelas funestas consequencias que seguir-se-hiam se o Archanjo da Morte baixasse sobre o berço do Pupillo da nação, exclama:

« Não sei se me engano. Mas pondo a mão sobre o meu peito, creio, que, quando mesmo o Brasil nada tivesse a soffrer com a morte antecipada do seu imperador; só a idéa de possuirmos um príncipe, que respirou nascendo, este ar embalsamado; e abrindo a primeira vez os olhos, vio este céu dos tropicos tão sereno; e d'um azul tão fascinador; gera tanto enlevo, nutre um orgulho tão nobre, que não encontro um só brasileiro, que não esteja prompto á sacrificar a sua vida a fim de conservar os dias preciosos do seu augusto compatriota! Vós o destes duas vezes ao Brasil, em penhor de sua estabellidade, oh! Deus! Deus Omnipotente e cheio de misericórdia! Vós ratificastes o contracto feito com o vosso povo, restituindo o príncipe querido aos lamentos da patria, que com elle zombará de todos os perigos e todos os azares. Seu throno será eterno na vossa presença, qual o sol em todo o seu fulgor, a lua na phase da maior belleza, e esse brilhante arco celeste, fiel testemunho da vossa eterna alliança: *Thronus ejus, sicut sol in consputu meo: et sicut luna perfecta in aeternum, et testis in caelo fidelis.* (Psal. 88. e 36) »

Dir-se-hia que o vidente do claustro, correndo o reposteiro do futuro, lia aos seus ouvintes as paginas do glorioso reinado do Salomão Brasileiro. O que só então parecia um voto torna-se hoje uma realidade.

Tambem das orações funebres, em que o nosso autor tanto primou rivalizando com o grande Flechier, escolheremos unicamente uma: não só para evitar as constantes citações, que em nós já parece vicio, como para fazer sobresahir um sublime trecho da celebre oração, pronunciada por occasião das solemnes exequias da nunca assás chorada primeira Imperatriz do Brasil.

Na mui conhecida oração de Bossuet pronunciada em honra da Princeza Henriqueta de Inglaterra, duqueza d'Orleans, a aguia de Meaux, paraphrascando o sublime pensamento do Elcelesiaste: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*, faz ver o nada das grandezas humanas com uma tal eloquencia, que lhe mereceu os gabos da iracunda e inexoravel inveja. O nosso illustrado compatriota tendo d'orar em occasião identica, e occorrendo-lhe um pensamento semelhante mostrou como o talento e a erudição imitam; mas não copiam. Desafiamos a critica a mais implacavel para que acuse de plagiato a seguinte passagem.

« Oh! gloria tu és um vão phantasma!... Pompas, ostentações do mndo, vos sois qual uma visão, que não tonará outra vez a mostrar-se, escuma ligeira que a tempestade dispersou! Que interesse póde o homem tirar dos cuidados, de que tem cercado a sua vida? Que energia o póde animar contra os caprichos da sorte? Eu ajuntei os thesouros dos reinos e das províncias, dizia o mais sabio dos Reis; possuí tudo o que póde lisongear os sentidos: e excedi em opulencia a quantos existiram antes de mim em Jerusalém. Eu entreguei-me a todas as delicias e nada recusei aos meus desejos;

quando reflecti nas difficuldades, que tinha experimentado; quando comparei os di-sabores, que me causaram tantos esforços; reconheci, a pezar meu, que tudo era vaidade e efflicção d'espírito; e que nada era estavel sobre a terra. »

Tocamos a méta do estadio que nos propozemos percorrer: longe iriamos se quizessemos citar tudo quanto nos agradou nessa magnifica composição, e talvez que pozessemos termo ás nossas citações quando tivessesmos transcripto textualmente toda a obra. Apesar do nosso enthusiasmo por esse brilhante monumento do genio patrio, não desconhecemos que nelle existem alguns defeitos: o erro é a partilha humana; o Moysés de Miguel Angelo, o Appollo de Belvedere, a Venus de Medicis, a Magdalena de Canova, não são isemptos de imperfeições: só as obras de Deus são verdadeiramente grandes e irreprehensíveis. Além desses defeitos inherentes a tudo quanto dos homens procede, existem outros que lhe são peculiares: erros em que forçosamente devera cahir um homem que escrevia com mãos alheias, e lia com olhos que tambem não eram os seus. O Milton Seraphico devêra soffrer um longo martyrio durante toda essa scena de dores e de contrariedades que se chama revisão de provas, por mais benignos e intelligentes que fossem os seus cooperadores.

Se alguma vez lamentamos não ter nascido alguns annos mais cedo, foi certamente ao ler os sermões do Padre Mestre Mont'Alverne: desejaríamos gozar por nós mesmos dessas emoções que deveriam experimentar os contemporaneos á sua gloria do pulpito; ouvill-o recitar seus discursos, animados pela sua voz metalica, como a da araponga; dramatisados pelo seu grave e original accionado.

Já tivemos a honra, no nosso primeiro artigo bibliographico, de responder á censura de orgulho com que a mediocridade ou a ignorancia tem buscado ferir a obra do illustre franciscano. Repetimos que a linguagem de que o Padre Mestre Mont'Alverne se serve não é a do orgulho e da vaidade, é a linguagem do coração, a do homem que ha dezoito annos está morto para o mundo, que sentado sobre o seu tumulo falla da sua gloria como de um objecto que já não lhe pertence. Elle não é egoista, antes repartio essa gloria com o publico, cujas ovações o animaram durante a lucta; é o athleta victorioso, que depõe sua corôa de louros aos pés da estatua da patria.

Mas os sermões de Mont'Alverne são de antiga escola; seu estylo não é para os nossos dias, dir-nos-~~la~~ a quem que queira fazer soffrer aos pulpitos christãos o tyrannico jugo da moda. Velhos! pois a eloquencia varonil, o estylo altisonante tambem envelhecem? Quando deixarão de ser admirados os sermões de S. João Chrysostomo, de S. Bernardo e de Bossuet? Lacordaire na sua oração funebre d'O'Connell ainda toma por modelo a Flechier, e Ventura a Segnere: emancipando-se das antigas regras naquillo que ellas tem de mudavel, conservaram profunda veneração por seus mestres. No theatro francez da famosa metropole das letras, as tragedias de Racine e os dramas de Victor Hugo occupam alternativamente o palco scenico.

Finalizando este imperfeito esboço, para o qual imploramos toda a indulgencia dos nossos leitores, ousamos formar um voto: oxalá que Fr. Francisco de Mont'Alverne não seja o *ultimo franciscano do Brasil*, e que o convento de S. Antonio do Rio de Janeiro possa ainda ser chamado o *Atheneu Nacional*.

O Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO.

A BEATA E O ESTUDANTE

CONTO POETICO (*).

Como não foram tam bellos
Alguns dias do governo
De Luiz de Vasconcellos
Excellent vice-rei,
Que desta grande cidade
Por fim deixando saudade,
Afóra o mais que não sei!

Inda o publico passeio
Se ostenta no patrio Rio,
Como o unico recreio
Qu'elle para o povo fez;
Amostra do que podia
Quando deveras queria
O governo portuguez

Oh que tanta patuscada
Na *Rua das Bellas Noites*
Não fez a rapazeada
Desse aureo tempo de então,
No paúl ajardinado
Foi o vice-rei cantado
Por toda uma geração!

Geração que então deixava
Pelo calção insoffrido,
Que a tantos envergonhava,
A capa de baetão;
Capa de tanto defeito,
E que cobria com geito
Muito physico senão!

(*) Sob o titulo de *Contos poeticos* prepara o autor um novo volume de poesias, das quaes já o publico conhece *Mestre João e a Viuvinha*. Entre os ineditos, dos quaes agora se publica o presente, se distinguem *Um R na porta*, *O phantasma*, *O pernillongo*, *A confissão de um amante*, *A confissão de uma menina*, *Os dous compadrés* etc.

Junto do lindo Passeio
A *Rua das Bellas Noites*
Tornou-se o puro recreio
Das familias do paiz;
Não era rua bordada
De casas, porém ornada
De arvoredos e chafariz.

Mas ahí vem Valeria
Viuva de um bom ricoço
Tão idosa como seria,
Ergueo sua habitação;
Sendo que foi o primeiro
Em habital-a um barbeiro
Por gosto ou 'speculação.

E tinha a velha matrona
Uma neta tão formosa,
Que era a mais formosa dona
Desse grato tempo seu;
Que de gente boquiaberta
Vendo a rotula entre-aberta
Ah! de amor não padeceol..

Certo moço, que estudava
P'ra allivio da humanidade,
Que já anatomisava
As entranhas de um leitão;
Morrendo de amor por ella,
Procurava sempre vel-a,
Se bem que ás vezes em vão.

Bem ia, pois a menina
Gostava, ah! se bem gostava,
Ver tambem da medicina
O moço por lá passar;
Mas a velha... ah! resmungava,
Qual velho cão que rosnava
Seu thesouro a vigiar.

E João Martinho quebrava
 A cabeça noite e dia
 Em vão, porque não achava
 Um meio para chegar
 A seu fim, que era louvavel,
 Pois sendo moço estimavel
 Queria estado tomar.

Queria com a menina
 Se unir para todo sempre,
 Que uma belleza divina
 Com dinheiro o que não val?
 Porém a boa da velha
 Aquem a usura aconselha,
 Não acreditava em tal.

Pensativo elle corria
 Por aquellas alamedas
 Do passeio, que se erguia
 De um pestifero paúl;
 E os ais). que amor lhe arrancava,
 Elle saudoso entregava
 A' brisa vinda do sul.

Nos domingos madrugava
 E no classico capote
 Ala moda se embuçava
 E p'ra porta ia esperar
 Da igreja, que então se abria
 A' missa, que se dizia,
 Com o fito de vel-a orar.

Oh! então alli brilhavam
 Dous grandes olhos luzentes,
 Que primeiro scintillavam,
 Que a luz do formoso sol!
 E um » não me pise » soava
 De uma bocca, que fallava
 Mais meiga que um rouxinol.

E depois já quasi dia
 A via sahir da igreja;
 Como tão bella não ia,
 Com seu traje de toquim
 E o véo que avaro occultava
 Uns olhos, atraçoava
 Rosto de rosa e jasmim.

Outras vezes de suas maguas
 A causa então recontava
 A's sonoras claras aguas
 Que alli correm com rumor.
 Ah se pudesse o coitado
 Seria um vate inspirado
 A poder cantar amor!

E alli que poetava
 Um grande Silva Alvarenga,
 Quando Glaura decantava,
 E o vice-rei D. Luiz!
 E muitos que ainda a fama
 Os claros nomes proclama,
 Quaes Caldas e Cordovis!

Outras vezes ia á casa
 Do eloquente barbeiro,
 Aonde se punha rasa
 A vida do bom christão;
 Ia tudo depennado....
 Porém do vice-reinado
 Em o *programma*:— chitão!

Não escapava a visinha,
 Por sua sabida usura;
 Nem a sua netasinha,
 Fosse embora um serafim!
 O moço bem se amuava;
 Porém sempre disfarçava,
 E se sorria por fim.

E a velha no seu fadario,
 Sem que de tal se doesse,
 Resava no seu rosario,
 Que não sabia largar;
 E á rotula entre-aberta
 Era sentinella alerta
 Para a netinha guardar.

Apenas pela tardinha
 Ia ver as suas aves,
 Deixando a sua netinha
 Um breve momento só;
 E a menina corria
 A' rotula, que se entre-abria
 Durante a ausencia da avó.

O moço que já sabia
 A hora de tal ventura,
 Para o passeio então hia
 Junto á porta a divagar,
 Té que via a sua amada
 Como uma estrella velada
 Para elle se occultar!

Tinha a velha, assim dizia
 Toda a cidade, uma burra
 Com a qual assás se via
 Sempre em sobresaltos mil;
 Quando o thesouro mais bello,
 Que esse metal amarello,
 Era sua neta gentil!

Amor é sempre engenhoso,
 E o gaiato do estudante;
 A suspirar amoroso,
 Um meio se descobria
 Para gozar não incerto,
 Para ver assás de perto
 A quem nunca a prazer via.

A meia duzia de pobres
 Pela vesp'ra de domingo
 A velha dava os seus cobres,
 Cinco réis, e nada mais;
 Moéda que então servia
 Para passar bem um dia,
 Como contam nossos pais!

Era certa uma devota
 Velha tambem, e trajando
 Negra mantilha já rota,
 Tendo na dèxtra um bordão;
 E com terna choradeira
 Chuxava boa melgueira,
 Cinco réis, um ovo, e um pão!

E o moço um dia sahindo
 A encontro da pobresinha,
 Foi-lhe attenção attrahindo
 Com a esmola que lhe deu;
 Luzio na mão enrugada
 Uma moéda dourada,
 Que a mão se lhe estremeceu!

«—Ah nosso Senhor lhe ajude,
 Moço com obras de velho!»
 Disse a pobre, que a virtude
 Sob a fórma humana vio;
 O moço silencio impondo,
 Foi-lhe um negocio propondo,
 Que a velha attenta o ouviu.

Era o caso pôr patente
 Nas laudas de um livro bento
 Onde a velha eternamente
 Resava a sua oração,
 Um bilhete perfumado
 De sacro incenso, dourado,
 E escripto por sancta mão.

Se elle o pedio, a velha
Já matreira no negocio,
Como sabia, mestra abelha,
Ainda melhor o fez;
Mas o barbeiro sisudo,
Ouvio caladinho tudo
Quanto fazia o freguez.

Resava assim o escripto:
« Nesta casa, casa sancta,
« Oh seja o Senhor bemdicto
« P'ra nella poder entrar!
« Olha o bem vindo imprevisto,
« Que esta noite hade o Christo
« Em tua casa ceiar.»

Resava assim; o barbeiro
Vio o trama que o estudante
Projectava tão arteiro,
Como quem sabia amar;
Era tambem sem segundo
Um capadocio profundo,
Que bem sabia as pregar.

A' promessa feita ao moço
Não faltou a boa pobre,
E o gaiato em alveroço
A trega noite esperou
Tudo p'ra cêa dispondo,
Caladinho, sem estrondo,
Como quem tudo alcançou.

A velha, que o escripto achára
Alli tão mysterioso,
Ah tão contente ficara,
Que quasi que endoudeceu!
Era beata, coitada!
E por bemaventurada
Se teve, e credito deu.

Leu e releu o escripto,
 E o fez ler por Helena;
 E o papellinho maldito
 Osculou com devoção;
 Toda a casa alvoroçou-se,
 Que tudo ali preparou-se
 Para a sancta refeição.

Eu conto a verdade pura,
 Por isso em honra da velha
 Direi, que esquecendo a usura
 Como prodiga gastou;
 Pensava que assim honrava
 A'quelle que se lembrava
 Do que nunca se lembrou.

E a menina scismava
 Com certo presentimento....
 E Martinho se entregava
 Todo, todo ao plano seu;
 Tambem o mestre barbeiro
 Fino, viverio e arteiro,
 Mãos á sua obra metteu!

E enquanto a velha lavava
 A casa, e aprromptava a mesa.
 Onde já se afigurava
 Ver o seu Christo cear,
 E o moço procurava
 Dos paus, que elle aparelhava,
 Uma grande cruz formar:

O espirituoso barbeiro
 Esquecia-se do officio,
 E sem dó do seu dinheiro
 Despachava o seu freguez,
 Ajuntando os ferros velhos
 Em sonoros aparelhos,
 P'ra servirem á sua vez.

Que portento não seria
Quem em vez de fazer barbas,
Em politica podia
Ser Souilly ou um Pombal!
Seguiu o seu trilho errado
Por não se ter ensaiado
Inda a sciencia de Gall.

Assim é tudo no mundo!
Quantos ahí pequeninos
Não podiam sem segundo
Inda um dia figurar?
Quem podesse sobre a terra,
P'ra onde Deus o desterra,
Com sua missão sonhar!

Oito horas! Bate á porta
Da beata um moribundo
Que sobre os hombros transporta
Pesada e sanguenta cruz.
—Eis o Christo!—a velha exclama,
Abre a porta, a filha chamma,
E para dentro o conduz.

Estranhando aquelle Christo
Avança a magra cadella,
Que alli estava criando
Uns feios filhinhos seus;
Que se os crioulos depressa
Não acodem, bella peça
Provára o fingido deus!

Meu Deos, meu Senhor, perdoa
As tentações do demonio,
Que a triste humana pessoa
Arrasta ao trilho do mal;
Pela serpente enganado
O homem se vio manchado
Do peccado original.

Foi desta vez a serpente
 Menino de aljava e setta,
 Que nos fere impunemente,
 E que tem por nome—*Amor*,
 Que impera do vicio rude,
 E abrasa a propria virtude
 Com seu facho animador.

Beata e neta prostradas
 Ante o Christo alli lhe beijam
 As carnes, que nodoadas
 De um sangue fingido estão;
 Tomam-lhe o enorme lenho,
 E com todo o santo empenho
 Juntal-o á parede vão.

Sem erguer aquella fronte,
 Deus do céo! Tão peccadora
 Sentou-se o Christo defronte
 Da velha e um pão partio;
 E com a santa beata
 E a neta, que a retrata,
 O benzendo, o repartio.

A mesa era quadrada
 Envolta em alva toalha
 De herva santa perfumada (*),
 Com cadeiras de espaldar;
 De cêra velas ardiam,
 E ricos pratos cobriam
 Aquelle sagrado altar.

Escravos, escravas, tudo,
 Tanto avó, como a netinha,
 Tudo, tudo estava mudo,
 Cheio de admiração,
 Vendo o Christo alli chegado,
 E de espinhos coroado,
 Sangrando do coração.

(*) Herva de S. João.

Todos os cinco sentidos
Estavam só nelle postos
E só com elle entretidos,
Não davam, não davam fé
Do que fóra se passava,
Nem de quem tanto espreitava
O Christo, que não o é.

A bella e linda menina
Conheceo perfeitamente
O moço da medicina
Naquelle disfarce seu,
E até por baixo da meza
Sentio com doce firmeza
O signal que elle lhe deu.

E como tudo isto acabe
Por mais que a razão consulte
Ignora, pois que não sabe
Qual seja a sua intenção;
E se assim ella medita,
Violento lhe palpita
Em ancias o coração.

Vendo do Christo o semblante
Tão serio, algum dos crioulos
De todos o mais tratante,
Ao riso não resistio,
E com um olhar da beata,
A quem a ira arrebatá,
Bem advertido se vio.

E o Christo pausadamente
Já comendo e bebendo
Do vinho tão santamente
Que mais não podia ser;
Até que á boa beata
Que reverente o acata
Se lhe propoz a dizer.

—Ah sois avó de uma neta
 De um coração bem formado,
 Virtuosa e tão discreta
 Como o exemplo que tem,
 E' um anjo de candura,
 A' quem celestes ventura
 Destina o supremo bem.

« Apressae-vos em casal-a
 Que a vossa alma bem-dita
 Quer o céo por premial-a
 Para o seu gremio chamar,
 E o seu esposo seja
 Aquelle que mais deseja
 Na terra a felicitar.

« Aquelle, que cedo deve
 Vir pedir a sua dextra,
 A' quem o Senhor preserve
 De todo o funesto mal;
 Hade dizer-vos « Senhora,
 « Dai-me, dai-me sem demora
 « Quem no mundo é sem igual. »

A velha, bem como a moça,
 O escutavam attentamente,
 Quando tudo se alvoroça
 Com infernal estridor:
 Batem á porta, que treme,
 Que sobre os seus gonzos geme
 Com satânico rumor.

Ergue-se o Christo espantado,
 Ergue-se a velha, e a menina,
 Tudo de susto tomado
 Com a cadella a ladrar;
 E na porta a bimbalhada
 De cruel moxinifada
 De ferros a retumbar!...

—Quem és, esp'rito mali'no
Que vens em tão santa casa
De seu hospede divino
O socego quebrantar?—
Asssim o Christo pergunta,
E logo de fóra ajunta
O barbeiro a bom bradar:

—O' Senhor, meu Snr. Christo,
Sou S. Pedro, que charmar-vos
A qui venho, pois não visto
Motim se faz la no céo;
Não quero hoje desculpa,
E digaes por minha culpa
Se o vosso reino perdeo.—

O Christo sem mais demora
A porta abrindo la vae-se,
Lá vai-se de pressa embora
Que o caso bem percebeo;
E a velha toda assustada
Volve á cruz desamparada
De que o Christo se esqueceo.

—Meu Snr., a velha brada,
Não levae o santo lenho
A nossa cruz adorada?
E qu'heide eu della fazer?►
—Velha, o Christo lhe volta,
Vou acudir a revolta,
S. Pedro a póde trazer.►

E foi-se, então o barbeiro
Penetrou no santo albergue,
E muito mais que ligeiro
Patenteou todo ardil;
E de tentações tamanhas
E de tantas artimanhas
Mostrou a causa gentil.

Helena chorou raivosa,
 Que a velha perdendo o ciso
 Contra ella furiosa
 A bilis descarregou;
 Mas o milagre do Christo
 Não foi de todo impreyisto,
 Pois a menina . . . casou!

O barbeiro, que podia
 Lucrar assás com a historia,
 A contava a quem queria
 De sua boca a escutar,
 Que a velha mais que depressa
 Fez esquecer essa peça,
 Fazendo a filha casar.

Enleado em seu fadario
 Ainda resou a velha
 Bastante no seu rosario,
 Até que por fim morreu;
 E deixou tanto dinheiro,
 Que até o mestre barbeiro
 N'elle o seu dente metteu.

Abriu-se a burra, e do dia
 A luz gozaram as louras
 Conquistando alma alegria
 Aquelle formoso par;
 E unido á bella menina
 Esqueceu a medicina
 Quem soube a burra operar.

Que o barbeiro tambem visse
 Algumas das doblasinhas
 Foi cousa que então se disse
 Por certa reparação...:
 Ah que nesses dias bellos
 De Luiz' de Vasconcellos
 Temia-se a Inquisição!

Fevereiro 1 de 1854.

COMBATE DO TONELERO

I.

Foi por certo um bello espectáculo offerecido ao mundo esse que deo o Brasil restabelecendo nas duas republicas do Prata as leis fundamentaes das mesmas republicas. O Augusto Monarcha Brasileiro justificou, determinando-o, o titulo de *fóco da civilização sul-americana* com o seu paiz é condecorado, ao mesmo tempo que mostrou não temer plantar ás portas do seu Imperio o exemplo da prosperidade do systema governativo que exclúe da cabeça do estado um homem revestido e adornado com as immunidades e privilegios da corôa e do sceptro, inviolavel e sagrado pelo oleo que a pomba divina trouxe para os reis do recondito tabernaculo do Céu.

Gloria ao Senhor D. Pedro III!

Honra aos homens que o ajudaram a fazer do seu throno o soclo da liberdade americana, honra ao exercito e á Marinha Imperial, que consumaram essa grande obra.

Sim, n'esse bello espectáculo, nesse acto que terminou o drama terrivel composto e representado nas duas margens do Prata pelo celebre Rosas e seus satellites, vio-se a nossa marinha á par do nosso exercito prestar com o maior brilho á diplomacia aquella força sem a qual será em todos os tempos a razão das nações uma quimera e o diplomata um ente ridiculo, como *um grande* de comedia. O exercito imperial ainda de longe intimidou a Oribe, dispol-o a render-se á primeira força que se lhe apresentou e teve o seu *Monte-Caseros*; a marinha interceptou toda a comunicação fluvial entre Rosas e seus sequazes, dominou o Prata e seus confluentes, encantando a esquadrilla do dictador, composta de dous vapores e alguns brigues e escunas, no interior do porto de Buenos-Ayres, e teve o seu *Tonelero*.

Não é de certo para nós a confecção do bello acto desse longo drama, com cuja consideração principiámos este artigo; maior capacidade, mais adestrada penna (1) tem tratado tão importante materia; nós nos limitamos a estampar hoje nas paginas do *Guanabara* um dos seus episodios, o feito d'armas que deo novo lustre ás flammulas brasileiras.

(1) O Sr. Titara, distincto official do exercito.

II.

Rendido Oribe a Urquiza pelo terror que lhe infundira a aproximação do exercito brasileiro, levaram os nossos vapores o general alliado, as suas tropas e as de Oribe que quizeram unir-se-lhe do estado oriental para os portos de entre rios no Uruguay, a fim de que toda essa gente com o referido general, atravessando aquella provincia, passasse depois pelo *Paraná* á de *Santa Fé*, limitrophe de Buenos-Ayres, para marchar sobre a capital argentina, onde Rosas fortificado esperava os derribadores do seu poder extraordinario e tyranico. A passagem do *Paraná* por este exercito devia effectuar-se em frente á ponta do *Diamante*, promontorio da provincia de *Entre-Rios* estendido no confluente do *Prata*, 78 legoas ácima da embocadura d'elle; e o almirante *Greenfell* devia alli estar no dia 20 de dezembro (de 1851) com os vapores imperiaes, para que ella se effectuasse e fosse defendida de qualquer aggressão do inimigo; cumprindo ao mesmo tempo que esses vapores levassem uma divisão do exercito brasileiro destinada a ser parte integrante do exercito alliado libertador.

Bem sabia Rosas que seria muito difficil a Urquiza fazer as suas tropas atravessarem o *Paraná* sem o auxilio da nossa força naval; terrivel se lhe antolhava o futuro com a junção da nossa infantaria a essas tropas, infantaria de reconhecido merito e que ameaçava o tyranno como uma serpente ouriçada de baionetas, erguendo a cabeça onde troavam mil tambores. Por isso ordenou a *Mancilla*, seu genro e general, que se fortificasse em algum ponto da margem do rio, donde podesse obstar á passagem dos navios brasileiros.

A escolha do local para essa fortificação foi um problema de difficil solução para o genro de Rosas.

Mancilla tinha desde *Obligado* até *S. Nicolao* uma extensão de 8 a 9 legoas, em a qual a margem direita do *Paraná* é sempre alta de 60 a 80 pés sobre o nivel do rio, offerecendo óptimas posições militares; mas custou a achar o que buscava, ou porque a mesma abundancia de pontos fortificaveis o embaraçava na escolha de um delles, ou porque em sua consciencia, já pouco crente no *alcorão* do seu sogro, assentava que não poderia impedir aos brasileiros o subirem o rio.

Fosse o que fosse, o que é certo é que se custou a *Mancilla* achar o valor da incognita, que procurava, não trabalhou menos nesse empenho a tropa sob suas ordens. Era sua intenção fulminar a nossa força naval sem expor a sua gente, o que nada tinha de reparavel; mas, para entrincheirala, usou das baterias enterradas, mandou fazer sobre o alto da barrancosa margem do rio grandes buracos ou poços com espaço para dentro

delles rodar a artilharia, de modo que a esta servisse de parapeito as paredes desses poços; e tambem ordenou a execução de compridas vallas, onde de pé os fuzileiros so tivessem as cabeças de fóra, quando atirassem sobre o inimigo.

Estas escavações n'um terreno argiloso e endurecido pelos sóes de Dezembro eram difficéis; e as tropas argentinas ao mando de Mancilla, tiveram de fazel-as em mais de uma paragem, porque o general por varias vezes abandonou pontos onde parecia ter assentado ficar. Assim é que por algumas semanas deram-se aquelles homens em espectaculo, cavando a terra ora aqui, ora ali, como se em vez de guerreiros que se preparavam para o combate fossem exploradores de productos mineralogicos, ou loucos que houvessem sonhado existirem naquellas paragens os thesouros metallicos que agitaram ha tres seculos a imaginação de Gaboto. Mas a final pararam n'um lugar, e esse logar foi o denominado *Tonelero*.

Fica o *Tonelero* 37 legoas ácima da embocadura do Paraná; é um ponto da margem direita do rio, a qual sete legoas antes começa a ser de barrancos, tendo no lugar a que nos referimos 70 a 80 pés de altura. Ali tem o Paraná 300 a 400 braças de largura, mas o canal encosta-se á margem direita, pelo que passam os navios pouco distante dos barrancos. A margem esquerda é baixa e alagadiça.

III.

Quem estivesse em frente ao *Tonelero* no dia 17 de Dezembro de 1851, pelo meio dia, e corresse a vista pela extensão de meia milha de barrancos que tem aquelle nome, havia de ver no alto dessa terra esbroada e cortada quasi a pique fluctuar em longa haste uma bandeira argentina decorada com quatro gorros phrigios de côr encarnada, e alguns cavalleiros a galopar, parando aqui e ali; ao mesmo tempo que um renque de cabeças humanas, como brotadas pela terra, se estendia parallelamente ao contorno superior da encosta e por conseguinte ao rio, fazendo lembrar as que a *mazhorca* tinha cortado naquella infeliz confederação argentina. Depois, se esse observador notasse que todas essas cabeças olhavam com curiosidade na direcção do curso do rio, e que esses cavalleiros pareciam transmittir ordens e apontar para a mesma parte que chamava a attenção das cabeças, dirigiria talvez igualmente os olhos para esse lado e descobriria, ao principio, por cima de uma ilha baixa que como um cabo se estende até o meio do rio, palmas de negra fumaça, as quaes a olhos acostumados a ellas denunciam os barcos de vapor; depois, um desses leviathans dos mares dobrando a ilha (specie de *adamaster*, que tambem tinha a sua

especie de tormenta para os novos Gamas que o iam montando) e logo dous e tres, rebocando os dous primeiros duas corvetas e o terceiro um brigue, todos nas aguas uns dos outros, em linha; e ao lado destes monstros de ferro e de madeira, entre elles e a margem opposta ao Tonelero um vaporzinho que, como um menino em marcha com homens, parecia empregar todo o esforço para acompanhar a seus irmãos agigantados. Então esse observador, cujos raios visuaes enfiariam os seis primeiros navios pelas dimensões longitudinaes, confundindo entre si os canudos, os mastros, os cabos e as vergas de todos elles, distinguiria através das rêdes de cabos emmaranhados pela illusão, do véo de fumaça que os vapores lançavam sobre eesa procissão fantastica, em a qual os mastros e as vergas simulavam immensas cruces gregas, distinguiria, dissemos, a bandeira do Brasil arvorada nas poupas dós mesmos navios e na do *pigmeo* que os acompanhava em quanto nos seus topes grandes tremulavam juntas, içadas á par uma da outra essa mesma bandeira e a argentina.

Eram esses vapores o *Affonso*, *Pedro 2.º*, *Recife* e *D. Pedro*, que se dirigiam á villa do Diamante, levando ao exercito alliado libertador as tropas brasileiras, tributo de sangue com que, além do de ouro, o imperio subcreveo para a liberdade argentina, e tambem o auxilio delles mesmos na passagem daquelle exercito de *Entre-Rios* para *Santa Fé*. Elles rebocavam as corvetas *D. Francisca* e *União* e o brigue *Caliope*, para ajudal-os a repellir o ataque da bateria de Mancilla, cuja incerteza de posição não permittio ao commandante em chefe da esquadra a que todos esses vasos pertenciam, o chefe d'esquadra Grenfell, determinar outro meio de batel-a.

IV.

O céo estava claro, o sol abrasador. Uma ligeira aragem do nordeste desenrolava as bandeiras dos navios e a de Rosas arvorada na mysteriosa bateria. As cabeças humanas que a principio se viam sobre os barrancos e que pertenciam aos soldados de Mancilla, retrahidas, tinham entrado nas covas que occultavam os seus donos. O Tonelero estava solitario; entretanto, acostumado a dispor-se na calma para a tempestade quando os barometros a annunciam, o almirante brasileiro fez o signal preparar para o combate.

V.

E' de ver o painel que apresenta um navio de guerra quando á voz dos tambores chama os seus homens ao combate. Imaginae cem, duzentos,

trezentos ou mais homens conforme o navio, agitados no mesmo instante, correndo dentro dos estreitos limites dessas fortalezas de madeira, calados e de olhos sintillantes, buscando chegar o mais depressa possível aos depósitos das armas, para tomarem as que a cada um estão de antemão destinadas, e voltando á proporção que attingem a seu fim, uns cingindo a espada, ou outros com o fuzil nas mãos, o boldrié da patrona a tiracólo e o da baioneta nos dentes, outros erguendo no meio da multidão, que réferve indo e vindo; os agudos chuços, para não ferirem os companheiros; sempre apressados, tomando os seus postos, qual ao lado das peças, qual na fileira dos que devem deffender a abordagem ou atiar com o fuzil, e que se denominam *taifa*; uns nos paiões da polvora e da bala, para fornecerem o negro agente destruidor e os pezados projecteis; outros ao lado das bombas para esgotarem o navio no caso de alguma bala abrir nelle uma via á agoa cuja pressão o sustenta; os gageiros subindo para as gavcas, os officiaes velando nos seus commandos das baterias e secções das baterias e *taifa*, e o commandante occupando o *catavento*, throno da realza nautica, donde elle vae legislar para o triumpho e salvação do seu imperio fluctuante. Mas em breve, em 3 minutos a agitação, a convulsão snbita causada pelo rebate tem fim. Então as escotilhas estão fechadas e cobertas com encerados para que alguma faisca descendo por ellas não vá ao paiól da polvora, e faça voar o navio; todos os homens estão nos seus postos, e tudo é silencio, quietação, solemnidade. O navio assemelha-se nesses instantes a uma dessas nuvens negras que, vogando nos ares ao impulso do vento, vai carregada de trovões e raios promptos a arrebutarem.

O signal do almirante brasileiro uão produzio o movimento que excita o toque de postos, porque tudo já estava prompto nos seus navios; elle apenas equivaleo á voz—sentido! que chama o batalhão em descanso á posição de firmeza.

VI.

A divisão naval brasileira avançava; os vapores pareciam sacudir nos ares as suas palmas de fumaça, em quanto com as possantes rodas agoitavam o rio, que n'aquelle lugar carregava com maior correntesa sobre as prôas; como por encanto, sem ruido, impassiveis, avançavam tambem entre elles os navios de vela, que elles arrastavam, dentro dos quaes, não arrastados mas voluntarios, ardentes corações, como por um espectaculo novo, suspiravam pelo combate. O chefe d'Esquadra Greenfell ia no Affonso e dirigia a divisão; sua insignia, içada n'aquelle vapor, como o penacho de Henrique IV. fluctuava no caminho da honra. As bandeiras brasileira

e argentina içadas a par nos topes grandes dos navios não era uma mystificação do medo, era um brado de união lançado aos argentinos, um symbolo de amizade que excluía toda idéa de aggressão ao paiz que se buscava arrancar ás garras do seu flagello.

O Tonelero estava solitario, e o Affonso, que encabeçava a linha dos nossos vasos de guerra, achava-se em frente á sua bandeira..... Fallaria áquelles corações a união do estandarte brasileiro ao da confederação argentina, não azul-ferrete e manchado com a cor de sangue, como a seu gosto o fez Rosas, mas celeste e branco, adornado com o sol de Maio, como o desenhou a revolução de 1810, e brilhou no tempo de Rivadavia?... Não! A tyrania chamou em seu auxilio o terror que soube inspirar durante vinte annos de poder, preconceitos de barbaras eras e ciumes de nacionalidade; os soldados argentinos vão defendel-a ainda no—*Tonelero*.

VII.

O Affonso estava em frente aos primeiros canhões inimigos e, com os outros navios que o seguiam, marchava sempre; os relogios apontavam 15 minutos depois do meio dia. Uma esphera de branca fumaça appareceu no alto dos barrancos, acompanhada do estrondo do trovão, e uma bala sibilando veio cahir junto á poupa do vapor almirante. Então e no mesmo instante, a começar daquelle navio, trinta bocas de fogo, troáram em toda a divisão brasileira, erguendo com suas grossas balas nuvens de pó das contrarias fortificações. Uma dessas balas derribou logo a bandeira *rosina*, a qual, erguida de novo, ficou emblemando o poder cadente do tyrano, com a haste desaprumada, pendendo para nova quéda.

Tinha-se travado a luta: 30 canhões brasileiros e 24 argentinos afogueavam-se á porfia, e 700 infantes tiroteavam d'ambos os lados; os projecteis se trocavam com encarniçamento; elles mordiam a madeira, cortavam um cabo, levavam uma cabeça, atravessavam um braço, amputavam algumas pernas, zuniam nos ares, ou erguiam no rio pyramides de espuma, em terra columnas de espessa poeira.

Uma hora durou o combate; tanto foi o tempo preciso para que o ultimo navio da divisão ficasse fóra do alcance da artilharia inimiga. Apenas isto aconteceu, ao estrondo dos canhões succederam os gritos de—Viva o Imperador!—em todos os navios, gritos que para a vista que o ouvido parece ter em certas occasiões subiam aos ares como flores de ouro que os nossos bravos arrojavam de tão longe aos pés do throno imperial. Era a dedicação da obra ao Amigo, a revelação do pensamento que presidio a ella e que importava o seu fim—a defesa da honra, o augmento da gloria

d'um monarcha, cujas virtudes, captando o amor e a dedicação dos seus subditos, para engrandecel-o, levaram sempre com enthusiasmo os corações brasileiros.

VIII.

Estava conseguido o que se queria por nossa parte: a divisão naval brasileira triumphante continuava a subir o rio. O prestigio de Rosas, abalado pelo echo dos nossos canhões, tremia, rachado até os seus fundamentos.

IX.

Assim foi o combate do Tonelero, combate que durou uma hora, mas no qual se trocaram bem 800 tiros de peça de ambas as partes belligerantes, e se revelou mais uma vez a coragem dos nossos jovens officiaes e marinheiros. Se um grande numero de mortos não lhe deu felizmente um character mais terrivel, nem por isso os projecteis que nelle se jogaram, desde a bala ardente até a péla do mosquete, ameaçavam menos a vida dos combatentes, ou pediam menos animo para arriscal-a. Foi um combate de um hora, que transformou essa hora n'um pavilhão de gloria, o qual a nossa Armada pode arvorar sem pejo.

Esse combate só deixou duas cousas a lamentar: uma foi a perda dos bravos que nelle morreram de ambas as partes, a outra foi a preterição que soffreram alguns dos nossos officiaes, que nelle entraram, na promoção feita por amor delle.



NOTÍCIAS DIVERSAS.



O Sr. doutor Domingos José Gonçalves de Magalhães pediu uma licença ao Governo Imperial para vir ao Rio de Janeiro, e traz comsigo o seu poema da—CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS,—obra que começou em Bruxellas em 1837, depois da tragedia Antonio José.

Esta producção de longas e aturadas vigílias vai ter a honra de ser apresentada a Sua Magestade o Imperador, a quem é dedicada, e será logo tirada á luz da imprensa se o mesmo Augusto Senhor se dignar de acceptal-a.

Este facto da vinda do poeta ao Rio de Janeiro é um formosissimo capitulo para a historia da litteratura nacional; e a bondade com que foi já acolhido pelo Augusto Protector das letras e das artes, justifica a illustração do principe que o Brasil tem a ventura de possuir por chefe.

A traducção da Eneida de Virgilio, pelo Sr. Manoel Odorico Mendes, tem merecido um applauso geral. Em menos de quinze dias se esgotaram oitocentos exemplares; sendo para considerar que este novo livro não está ao alcance de todas as intelligencias. O Exm. Sr. Pedreira, ministro do imperio, mandou subscrever por oitenta exemplares, os quaes fez espalhar por todas as bibliothecas do imperio.

**Extracto muito succinto de uma Memoria sobre a
Integração das equações differenciaes parciaes.**



Eis o extracto da memoria que eu tinha promettido no ultimo numero desta Revista, extracto que está formado ha muito tempo. Procurando resolver o problema da propagação do som, no caso da gravidade constante, achei facilmente a integral da equação differencial do problema por meio do bello theorema

$$F_x = \frac{1}{\pi} \int_0^{\infty} \int_{-\infty}^{\infty} \cos u(x-x') F_{x'} dx' du,$$

de Fourier. Porém a integral dada por esta formula não servindo para nada pela fórmula debaixo da qual ella se apresentava, tratei de procurar outra. Durante que me occupava disto, observei que o conhecimento das funções arbitriárias, que devem entrar nas integraes das equações differenciaes parciaes, bastava, em um grande numero de problemas, para resolvel-os ou ao menos para achar as principaes circumstancias do movimento, tratando-se do problema de dynamica. Eu me lembrei então antes de proceder a integração de uma equação differencial, procurar as funções arbitriarias que devem entrar na sua integral.

Achei então o theorema seguinte, de que não posso aqui dar demonstração: *Em uma equação de uma ordem qualquer e de um numero qualquer de variaveis, as funções arbitriarias sómente dependem dos termos que se acham differenciados um numero de vezes igual a ordem da equação.*

Assim as funções arbitrárias da equação

$$R \frac{d^2z}{dx^2} + S \frac{d^2z}{dx dy} + T \frac{d^2z}{dy^2} + P \frac{dz}{dx} + 2 \frac{dz}{dy} + Nz = M, \quad (1)$$

dependem, ou são as mesmas que as da equação

$$R \frac{d^2z}{dx^2} + S \frac{d^2z}{dx dy} + T \frac{d^2z}{dy^2} = 0. \quad (2)$$

O theorema acima enunciado suppõe que por entre os termos que estão diferenciados maior numero de vezes acham-se todas as variaveis da equação; no caso em que isto não aconteça, eu ensino o que se deve fazer; porém supprimo isto aqui.

Chamando u a quantidade que deve entrar nas funções arbitrárias da equação (1), tomada para exemplo, acha-se a equação seguinte para determinar u

$$R \frac{du^2}{dx^2} + S \frac{du}{dx} \frac{du}{dy} + T \frac{du^2}{dy^2} = 0: \quad (3)$$

equação que se deduz da proposta mudando, nos termos da segunda ordem, os indices da differenciação em expoentes de dz , e depois mudando a letra z na que deve entrar debaixo das funções arbitrárias.

A equação (3) já se achava, como se póde vêr no segundo volume do tratado de calculo differencial e integral de La Croix, quando a integral da equação (1) podia-se obter debaixo de fórma finita. Ora, o theorema que nós achamos, consiste em que ella subsiste sempre quer a integral possa-se obter debaixo da fórma finita, quer não.

Nós temos deduzido do theorema citado as consequencias as mais fecundas. Em primeiro lugar, deduz-se um methodo de integrar debaixo da fórma finita, quando a equação fôr susceptivel de o ser.

Com effeito a equação proposta sendo da ordem m dá para determinar u uma equação do gráo m ; fazendo então proceder cada um dos m valores de u , que representaremos por, u^1 , u'' , u''' , etc., de características de funções arbitrárias differentes, teremos:

$$\varphi(u^1), \quad \psi(u''), \quad \chi(u'''), \quad \&$$

para as funções arbitrárias que a proposta deve conter: então se a proposta admite integral independente das características

$$d, \quad \int, \quad \int_a^b,$$

ella deve ser da fórma

$$z = X \varphi(u^1) + Y \psi(u'') + Z \chi(u''') + \& \quad (4)$$

sendo a função, e

$$X, \quad Y, \quad Z, \quad \&$$

sendo funcções desconhecidas das variaveis independentes, que se trata de determinar. Para isto deve-se tirar da equação (4), os valores dos coefficients differenciaes de z em relação a todas as variaveis independentes e substitui-os na equação proposta. Se o valor de z fôr escolhido convenientemente esta equação deve-se tornar identica, e por consequencia, os coefficients das derivadas das diversas funcções arbitrarías devem ser separadamente nullas. Dondé resulta varias equações entre cada um dos coefficients (é facil vêr que elles devem ser determinados separadamente) x, y, z , etc. Como tem-se uma mesma quantidade a satisfazer a varias equações, segue-se que a fórma supposta a integral não pôde ter lugar senão em certos casos. Se essas equações forem incompatíveis a equação não pôde ter integral da fórma da equação (4); porém se ellas não forem contraditorias, uma só basta para determinar o valor de x ; outra para o de y , e assim em diante. Eu noto tambem que as funcções arbitrarías já estando determinadas, não é necessario resolver completamente as equações que dão x, y, z , etc., basta achar valores que as satisfaçam.

Vê-se então que a integração de uma equação differencial parcial, quando ella pôde ter integral independente das caracteristicas de differenciação e integração, depende do conhecimento da sua funcção arbitraría, e de um numero de integraes particulares igual a ordem da equação; e que o conhecimento de cada integral particular (contendo sómente constante ou mesmo as não contendo) dá uma integral particular contendo uma funcção arbitraría. A determinação das funcções arbitrarías, das equações da segunda ordem e de tres variaveis não offerece a menor difficuldado, pois que basta combinar a equação (3) com esta

$$du = \frac{du}{dx} dx + \frac{du}{dy} dy;$$

que indica simplesmente que u é funcção de x e y .

Se a proposta não admittê integral da fórma (4), pôde-se procurar se ella admittê da fórma

$$z = X \varphi(u') + Y \psi(u'') + Z \chi(u''') + \& \\ + X, \varphi'(u') + Y, \psi'(u'') + Z, \chi'(u''') + \& \quad (5)$$

φ', ψ', χ' , etc., indicando as derivadas primeiras das funcções φ, ψ, χ , etc., x, y, z , etc. novas funcções indeterminadas. Proceêder-se-ha depois para a determinação dos coefficients da serie (5), como se procedeu para os da equação (4). Desta maneira podemos achar se a proposta admittê integral com derivadas das funcções arbitrarías de uma ordem qualquer.

Appliquemos essas idéas geraes a um exemplo. Seja a equação

$$y \frac{d^2z}{dx^2} - (y+x) \frac{d^2z}{dx dy} + x \frac{d^2z}{dy^2} + \left(\frac{dx}{dx} - \frac{dy}{dy} \right) \frac{y+x}{y-x} = 0 \quad (6)$$

As suas funcções arbitrarías dependem das desta outra

$$y \frac{d^2z}{dx^2} - (y-x) \frac{d^2z}{dx dy} + x \frac{d^2z}{dy^2} = 0$$

Chamando-se u a quantidade que deve entrar debaixo das funcções arbitrarías, ter-se-ha pelo que já dissemos para determinar u as duas equações

$$y \frac{du^2}{dx^2} - (y+x) \frac{du}{dx} \frac{du}{dy} + x \frac{du^2}{dy^2} = 0,$$

$$du = \frac{du}{dx} dx + \frac{du}{dy} dy.$$

Fazendo $\frac{du}{dx} = m \frac{du}{dy}$ e substituindo n'essas equações em lugar de $\frac{du}{dx}$ seu valor $m \frac{du}{dy}$, a primeira dará para m os dous valores 1 e $\frac{x}{y}$ e a segunda, integrando-se, dará para u os dous valores

$$x + y, \quad x^2 + y^2$$

por consequencia as funcções arbitrarías da equação proposta são

$$\varphi(x+y), \quad \psi(x^2+y^2)$$

A integral da proposta será então representada por

$$z = X \varphi(x+y) + Y \psi(x^2+y^2).$$

Considerando primeiramente a integral particular

$$z = X \varphi(x+y) \quad (7)$$

e differenciando este valor de z para tirar os coefficients differenciaes, substituindo-os na proposta; igualando os coefficients de cada derivada e o da funcção a zero, ter-se-hão as equações seguintes:

$$y \frac{d^2X}{dx^2} - (y+x) \frac{d^2X}{dx dy} + x \frac{d^2X}{dy^2} + \frac{y+x}{y-x} \left(\frac{dX}{dx} - \frac{dX}{dy} \right) = 0,$$

$$2y \frac{dX}{dx} - (y+x) \left(\frac{dX}{dx} + \frac{dX}{dy} \right) + 2x \frac{dX}{dy} + \frac{y+x}{y-x} (X - X) = 0,$$

$$xX - (x+y)X + yX = 0$$

que devem ser satisfeitas para que o valor particular que tomamos para z seja uma integral particular da equação (6). A ultima equação é identica-

mente nulla, as outras duas funcções satisfeitas fazendo x constante, e a integral particular (7) reduzir-se-ha a

$$z = \varphi(x + y)$$

Consideremos agora a outra funcção arbitraria, que fornece tambem a integral particular

$$z = Y\psi(x^2 + y^2)$$

Procedendo como ácima, achar-se-hão, para as equações que devem determinar Y , as seguintes :

$$y \frac{d^2Y}{dx^2} - (x + y) \frac{d^2Y}{dx dy} + x \frac{d^2Y}{dy^2} + \frac{y+x}{y-x} \left(\frac{dY}{dx} - \frac{dY}{dy} \right) = 0,$$

$$y(4x \frac{dY}{dx} + 2Y) - (x+y) \left(2y \frac{dY}{dx} + 2x \frac{dY}{dy} \right) + x(4y \frac{dY}{dy} + 2Y) + 2 \frac{y-x}{y-x} (x-y)Y = 0,$$

$$(4x^2y - 4xy(x+y) + 4xy^2)Y = 0.$$

no caso em que as equações admittem integral finita : o valor de y constante satisfaz a essas equações.

A integral da equação (6) será então

$$z = \varphi(x + y) + \psi(x^2 + y^2)$$

Vê-se que é bem simples o methodo que eu proponho. Elle tem geralmente muitas vantagens sobre o processo conhecido de Monge, ainda que tambem desvantagens. Primeiramente elle pôde indicar logo se a equação proposta é susceptivel de ser ou não integrada debaixo de fórma finita e independente das caracteristicas d e f . Com effeito no caso da impossibilidade as equações que determinam x , y , etc., mostraram incompatibilidade. Geralmente será facil conhecer está incompatibilidade como nós mostraremos daqui a pouco dando um exemplo. No caso em que isto offereça alguma difficuldade, tomar-se-ha uma dessas equações e integra-se-ha em serie, não importa de que fórma; e depois vêr-se-ha se essa serie satisfaz as outras equações; senão satisfizer a equação não admittre integral da fórma que se suppõe. Esta integral em serie não custa a achar. O nosso methodo tambem dá integraes contendo derivadas successivas das funcções arbitrarías, o que não acontece com o outro processo. Tambem elle conduz a integral finita de equações que não tem integraes de ordens inferiores; o que não faz o methodo de Monge. Um outro inconveniente deste ultimo methodo é o grande numero de integrações que é necessario fazer, quando a proposta fôr de ordem superior e as funcções arbitrarías que se vão introduzindo nas integraes successivas e que emba-

raçam bastante, de maneira que o processo apenas é praticavel quando as equações são de segunda ordem.

O maior inconveniente do nosso methodo é exigir que se conheça uma integral particular da equação proposta, o que não acontece no methodo de Monge. Porém ha muitos casos em que é muito simples achar a integral particular: se a equação proposta fôr da segunda ordem, e os coefficients funcções de uma só variavel, é sempre facil achar integraes particulares; na minha Memoria indico o meio; assim como tracto de outros meios de proceder a esta indagação e de a facilitar; e, em casos muitos extensos, achal-as.

(Continuar-se-ha)

Joaquim Gomes de Sousa.

Rio de Janeiro 22 de Novembro de 1854

Equações differenciaes reciprocas.



Toda expressão real ou imaginaria que substituida em lugar de x na equação

$$X^n + Px^{n-1} + Qx^{n-2} + \dots + Ux + V = 0 \quad (1)$$

satisfaz a essa equação, chama-se raiz. Da mesma maneira se y é uma integral particular da equação

$$\frac{d^n Y}{dx^n} + P \frac{d^{n-1} y}{dx^{n-1}} + Q \frac{d^{n-2} Y}{dx^{n-2}} + \dots + U \frac{dY}{dx} + VY = 0 \quad (2)$$

isto é, posto em lugar de y satisfaz a essa equação, y pôde-se chamar *raiz differencial* da equação (2)

Se x_1 e x_2 são dous valores que satisfazem a equação (1) e taes que se tenha

$$x_1 x_2 = 1$$

diz-se que as raizes da equação (1) são reciprocas. Então se y_1, y_2 , raizes differenciaes da equação (2), são taes que a relação

$$y_1 y_2 = 1$$

tenha sempre lugar, nós diremos que a equação (2) é uma equação differencial reciproca, ou de raizes reciprocas.

Admittido isto, eis um theorema :

Theorema. « Se uma equação differencial linear da segunda ordem e de duas variaveis tem raizes reciprocas ella é necessariamente da fórma

$$P \frac{d^2 Y}{dx^2} + \frac{dP}{dx} \frac{dY}{dx} - \frac{P^2}{h} Y = 0$$

« e se ella fór desta fórma sómente admite raizes reciprocas. Os seus valores são :

$$y_1 = C_1 e^{\int \frac{P}{2} dx} \quad y_2 = C_2 e^{-\int \frac{P}{2} dx}$$

Em outra occasião darei a demónstração desse theorema que se póde verificar facilmente. Toda a equação podendo ser sempre escripta de maneira que o coefferente do segundo termo seja a derivada, tomada com signal contrario do coefferente do primeiro, a unica condição para que hajam, nas equações da segunda ordem, raizes reciprocas é que o coefferente do ultimo termo seja igual a um quarto do cubo do primeiro tomado como signal contrario.

A equação

$$x \frac{d^2y}{dx^2} - \frac{dy}{dx} - \frac{x^3}{4} y = 0$$

sendo reciproca em virtude do nosso theorema e p sendo igual a x, as suas raizes são

$$y_1 = e^{\frac{x^2}{4}} \quad y_2 = e^{-\frac{x^2}{4}}$$

Póde-se da mesma maneira procurar equações da segunda ordem cujas raizes differenciaes satisfaçam a equação

$$y_1^n y_2^m = 1$$

Este problema não sendo muito difficil e offerecendo algum interesse, eu o proponho a aquellas pessoas que se quizerem exercitar na analyse mathematica.

PROBLEMA A RESOLVER.

Que relação deve haver entre os coefferentes de uma equação differencial linear da segunda ordem para que as suas integraes particulares satisfaçam a equação.

$$y_1^n y_2^m = f ?$$

E, feito isto, como determinar y_1 e y_2 ?

Joaquim Gomes de Sousa.

Rio de Janeiro 21 de Novembro de 1854.

A JEHOVAH.

Quando o lume da tua formosura
Raiou na eternidade,
Das entranhas do cahos viu-se a natura
Surgir, á claridade,
E de astros encher o azul espaço,
Cadentes, luminosos,
Na linha que traçou o aureo compaço
Que em teus dedos formosos
Eterno gyra; a terra agradecida,
Nas fachas rutilantes,
Do berço ethereo, toda amor e vida,
Teu nome aos céos brilhantes
Harmonica exhalçou, e disse á aurora
E á tarde purpurina :
« Imagem do Senhor, ó luz sonora,
« Que da mansão divina
« Meu seio aviventaes, brotando flôres ;
« O' zephyros fagueiros,
« Mensageiros fieis dos meus amores,
« Levae ante os luzeiros
« Que formam os degrãos do throno eterno
« As ridentes premicias
« De meu seio fecundo, que do inferno
« Triumphá entre delicias.

« Nas azas transparentes
« Das auras venturosas,
« Meus hymnos redolentes
« Que as flôres amorosas
« Por tuas mãos donosas
« Manaram com ardor,
« A ti võem, Senhor,
« Envoltos em blandicias,
« Que são também premicias
« Do meu virgineo amor.

« Da tua face a luz
« O abysmo atravessando,
« As trevas espancando,
« Eterna em mim transluz,
« Fecunda e reproduz,
« Sorriso encantador ;
« E os rios sonorosos,
« E os montes alterosos
« Te enviam meu amor.

« Em torno ao sol gyrando
« Vida que não se altera,
« Sou pura primavera ;
« O ar purificando
« E o céu embalsamando,
« Ao homem que heis criado
« Tão alto e sublimado,
« O fructo saboroso,
« Meligeno, odoroso,
« Brotei junto ao seu lado.

« Creaste, e a criação
« Se expandindo em harmonias,
« Festeja todos os dias
« A tua divina mão.

- « Pensaste, fecundaram-se os abysmos
- « Do oceano profundo ;
- « O céo se transbordou em cataclysmos,
- « Mudou a face ao mundo!
- « Quizeste : e desdóbrando incontinente
- « O mimoso frouxel ave canora
- « No ar remou co'as azas diligente,
- « Saudando a prima aurora.
- « A fera errante na sombria selva
- « Attonita parou!
- « O lyrio augusto, dominando a relva,
- « A si se interrogou,
- « E ao céo voltando o perfumado riso
- « C'os labios pudibundos
- « Ao céo foi recordar o paraizo
- « Atravez de mil mundos!

-
- « Acenaste, e as raias do espaço,
 - « Que o sudario da noite encobria,
 - « Ao teu dedo divino, de um traço,
 - « Se inundaram do lume do dia.

- « Do silencio do cahos borbotou
- « No infinito pasmosa alegria,
- « Nos seus eixos a luz circulou
- « No empyreo em fulgente harmonia.

- « Quanto és grande, ó Divino Senhor,
 - « Que o espaço, e o tempo, e o infinito
 - « Que creaste, ao teu nome bemdito
 - « Tecem hymnos de eterno louvor.
-

EPIGRAMMAS.

Os camellos já não andam
Por desertos descampados,
No Brasil dançam, namoram,
Vivem nos salões dourados.

Dizem, Fabio, que o teu bolço,
Anda muito engorgitado?
— Por isso tantos fidalgos
Nestes dias me hão saudado!

O Barão de Bacuri
Encontrou no seu brazão
Desarmado de unha e lingua
Um negrissimo leão!
Disse á esposa : Isto é comigo,
Quanto á lingua, que não fallo;
Quanto ás unhas, é lisonja
Do Rei d'Armas, e eu me calo.



REACÇÃO LINGUISTICA.



Nosso fito escrevendo estas toscas linhas é chamar a attenção dos benevolos leitores sobre a salutar reacção, que lenta, mas progressivamente se opera em favor da lingua e litteratura italianas.

Ninguem ignora o quanto a lingua de Dante foi estimada pelos portuguezes do tempo de Camões, e como lhes era familiar á ponto do grande epico não duvidou introduzir no meio das suas estancias este verso— *Tra la spiga e la man qual muro è messo*— sem traduzil-o. A litteratura portugueza ganhava infinitamente com este intimo contacto, e a lingua polia-se, tomando as fórmãs e inflexões do idioma fallado na moderna Ausonia. Portugal sacudindo heroicamente os ferros de Castella aspirava tambem a independencia na linguagem, desejava evidenciar que não fallava um dialecto do hespanhol como então se dizia, e pena é que ainda se diga no resto da Europa.

Ahi está toda a nossa brilhante litteratura do seculo 16.º, provando a verdade desta proposição. O latim, e o italiano eram estudados com ardor: liam-se os classicos antigos, apreciavam-se as suas bellezas, a profundeza dos seus pensamentos, e quando o espirito fatigado procurava resfolegar abriam-se as paginas olentes do cantor de Laura, ou ouvia-se um conto do espirituoso Boccacio. A lingua italiana, filha primogenita do latim, ajudava a portugueza sua irmã mais moça, a constituir-se, communicando essa ineffavel doçura, que a faz considerar como a mais melodiosa de quantas os homens hoje fallam.

A extincção da illustre dynastia do Mestre d'Aviz trouxe a Portugal incalculaveis males, consequencias fataes do dominio estrangeiro. A lingua e a litteratura dos usurpadorès reinou exclusivamente com prejuizo manifesto da indigena, e daquellas que tinham contribuido para o seu desenvolvimento. Fallou-se, escreveu-se e até pensou-se em hespanhol: Faria e Sousa, Pedro Botelho d'Oliveira e outros muitos não vacillaram em ensa-o

grar suas bem aparadas penas para o passageiro triumpho da lingua fallada nas margens do Manzanares.

A egregia familia de Bragança chamada pelo voto unanime da nação, sentou-se no throno enobrecido por tantos herões e com ella a regeneração do idioma dos conquistadores d'Oriente.

Perdeu porém terreno a lingua italiana apenas cultivada por um, ou outro sabio no silencio do seu gabinete; sem cursos publicos, sem o menor incentivo para a sua propagação. Era o latim, que nunca perdera a sua influencia, que fazia o objecto predilecto das locubrações philologicas dos nossos doutos avós. Interpretar Horacio, fruir das delicias que encerram os cadentes versos do immortal Mantuano, era o *supra-sumum* do saber humano. Extasiavam-se os eruditos lendo as descripções de Tito Livio, as eloquentes orações de Cicero, e fechavam o livro exclamando:— *É impossivel escrever melhor!*— O genio inventivo estava extincto; a imitação e a parodia tinham tomado o seu lugar. Longe de imitarem os italianos, que consagrando o maior culto pelas letras gregas e latinas, não desdenhavam de trilhar novas veredas, os nossos antigos levavam o seu servilismo litterario a um gráo excessivo. Copiavam o estylo, regulavam as suas phrases pelo gosto dos autores da antiguidade romana. Dizemos romana, porque a lingua grega sempre foi mui pouco cultivada em Portugal.

Teve porém a lingua latina de partilhar o seu throno no seculo 18.º com a franceza, assim como já o fizera com a italiana: porém aquella, por sua natureza mais inquieta e caprichosa do que esta, foi pouco á pouco solapando o seu dominio, tomando-se exclusiva e concedendo a sua rival, por mór generosidade, a tolerancia. Mais facil que a latina, mais simples em suas fórmãs, posto que infinitamente menos bella e vigorosa, a lingua franceza foi acolhida com grandes demonstrações de favor. Pertencia ella a um povo que desde a época de Luiz XIV se pozera á frente do progresso humanitario. A sua litteratura ganha em superficie o que perde em profundidade, e para o commum dos homens, que pouco se importa com extrahir a raiz das cousas, descer as minas do entendimento humano, um livro francez é um admiravel achado.— Uma obra como a denominada — *Un million de faits*, — uma encyclopedia de algibeira, em que tanto abunda a litteratura franceza, é fecundo manancial para os semi-doutos, mil vezes mais funestos que os ignorantes na phrase de Bacon; habilitando-os para fallar de *onne scibili*, e decidir *ex-cathedra* de todas as questões.

Quem se tiver dado ao trabalho de compulsar os nossos escriptores destes dous ultimos seculos, terá notado a progressiva corrupção do idioma patrio: e esta corrupção é, a nosso vêr, unicamente devida ao predominio da lin-

gua franceza, que tem reinado sem rival nas nossas bibliothecas. Entre o leitor em qualquer casa d'um homem que não tenha circumscripto as suas leituras ao *Jornal do Commercio, Mercantil e Diario*, ou então á *Marmota*, ou ao *Periodico dos Pobres*, examine os livros, que estão em sua estante, ou ainda sobre a sua mesa de trabalho, e verá que a quasi totalidade delles é escripta em francez. Donde provirá este gosto tão decidido por uma lingua estrangeira com exclusão manifesta da nacional, e das outras mais conformes a sua indole? Pensamos poder attribuir este resultado por todos conhecido a duas causas.

Já entre nós não se estuda o latim como outr'ora: limitam-se os moços a traduzir com o soccorro d'um dictionario algumas passagens mais faceis dos classicos e julgam-se aptos para fazerem exame deste preparatorio exigido para a ascensão aos estudos superiores. Essa condescencia, essa bonhomia innata ao character brasileiro, e que se revela nas mais pequenas cousas, faz com que os examinadores passem de ordinario a esponja sobre os erros dos candidatos, tendo em attenção á razão hoje mais que nunca valiosa da perda do tempo, que resultaria si fosse o joven obrigado a volver a classe de latim. Demais, como dizem alguns, é uma lingua morta, pouco ou nada necessaria para as relações das sociedades modernas; esquecendo os que assim pensam que correr-nos á nós brasileiros e portuguezes o dever de estudar a origem, as bases da nossa linguagem; que ainda ninguem contestou que fossem estas a lingua e a litteratura latinas. Nas academias e nas aulas de ensino superior são os compendios, pela maior parte, escriptos em francez, bem como todos os livros consultivos, vendo-se os mancebos na rigorosa necessidade de praticarem essa lingua, cujos rudimentos aprenderam nos collegios. Dahi o gosto pelo idioma dos sabios, dos elegantes escriptores, que em seu estylo ameno tratam das questões as mais abstrusas: e que aproveitando-se habilmente da clareza e regularidade das suas phrases estendem todos os dias as raias do seu dominio scientifico e litterario. A assidua e unica leitura dos livros francezes revela-se nas idéas, que professamos e até na contextura dos periodos dos nossos escriptos. O gallicismo invadiu o campo da litteratura portugueza; e era inevitavel consequencia do pouco apreço, para não dizermos do total abandono dos nossos classicos.

A outra razão, que tambem erêmos ter contribuido, e ainda contribue para o exclusivismo da lingua franceza, é que nenhuma das outras, inclusive a nossa, tem até hoje podido lutar com ella no abastecimento de generos para o mercado das letras. As casas dos livreiros estão atulhadas d'obras francezas, que em razão da sua abundancia são vendidas por um preço muito mais commodo do que se pôdem obter as de outro qualquer

idioma. Os livros portuguezes são excessivamente caros, as edições feitas com pouco gosto e com infinitos erros typographicos. Para obter as obras do Snr. Alexandre Herculano, por exemplo, gasta-se uma somma superior a que seria preciso para possuirmos todos os escriptos dos Snrs. Thiers, Guizot e Villemain. As obras antigas são ainda mais caras e escassas: de modo que muitas vezes estaríamos dispostos para despende uma somma embora arultada com tanto que achassemos alguns dos nossos bons quinhestistas; e frustra-se o nosso empenho. Não admira pois que sejam tão geralmente ignorados os nomes, e ainda mais os importantes trabalhos dos que nos precederam no cultivo do idioma lusitano. Para obviar este grande mal, que tanto ameaça o futuro da nossa lingua, e até para vulgarisar o seu estudo entendemos que não seria fóra de proposito a organização de uma sociedade cujo fim fosse a reimpressão dos classicos da lingua; assim como as dos autores contemporaneos, que em Portugal tanto se tem disvelado para desbastarem-na de peregrinas phrases, e grosseiros barbarismos, entendendo-se para isso com os nossos irmãos d'alem-mar. Poderiam as edições tiradas com a mais escrupulosa exactidão, mas a que a presidissem os principios economicos, que dirigem taes trabalhos n'Allemanha, serem vendidas por um preço razoavel, e ao alcance das fortunas ainda as mais modestas.

Ainda existe outro meio para equilibrar a influencia da lingua e litteratura francezas, e consiste elle em promover o estudo das outras linguas estrangeiras, como a grega, a latina, a allemã, a ingleza, a hespanhola e a italiana. Esta ultima sobretudo, que tantos e tão bons serviços prestou a nossa, ainda no berço, deve ser restaurada no nosso paiz, e são os felizes symptomas deste fausto acontecimento, que nos apressamos de saudar nas columnas do GUANABARA.

O feliz consorcio de S. M. o Imperador com uma Princeza Italiana foi o primeiro passo dado na estrada da nação linguistica, que ora assignalamos. Por essa epocha publicou um illustre estrangeiro, que de ha muito vivia entre nós, um precioso livro, a que intitolou « *Ramalhete Poetico do Parnaso Italiano*, » em que colligiu grande copia de bellezas do seu patrio idioma, fazendo passar para o nosso as que eram susceptiveis d'isso; visto que as mais ricas gallas, os mais louções primores d'uma lingua são intraduziveis n'outra. Em que lingua se poderão exprimir os versos do exilado de Florença, errando pela Italia como Orestes agitado pelas furias, sacudindo o archote do seu resentimento sobre a cabeça dos seus inimigos, e chamando a barra do seu tribunal povos e reis, *guelfos e gibelinos?* As magoadas endeixas de Petrarcha, cantando a formosura de *Madonna Laura* ao ato murmurar da fonte de *Vareuse* são tão dificeis d'exprimir em outra

lingua, como as sonoras lyras do nosso Gonzaga aos que emprenderem a sua traducção.

A primeira companhia lyrica italiana que aportou as nossas plagas, despertando o gosto ingenito pela musica servio poderosamente para a restauração da lingua de Tasso. Os amadores (*dilettanti*) arronbados pelos gorgeios d'uma sympathica cantora, fascinados pelas melodias de Bellini, quizeram comprehender a *Norma*, e pouco satisfeitos com a versão do *libretto*, procuraram muitos conhecer o original. Desde essa epocha comprehendeu-se que não pôde cantar com expressão n'uma lingua quem a desconhece, e muitas patricias nossas addicionaram o estudo do italiano aos que até então formavam a sua educação.

Eram porém ensaios isolados, nobres e heroicos esforços nem sempre coroados de feliz successo. Estava reservado ao anno de 1854 o marcar a era da regeneração da lingua italiana, para que contribuíram dous factos, que parecem formar um systema; tão admiravel é a sua coincidência!

Fazia-se sentir a falta d'um dictionario italiano-portuguez e vice-versa, pois que o unico que existia publicado por Costa e Sá em 1773 era além d'incompleto, por só ter a primeira parte, rarissimo. O Snr. Antonio Bordo consagrando ás letras o tempo limitadissimo, que sobejava-lhe das suas habituaes occupações, acaba d'accodir ao geral reclamo com a impressão do seu dictionario portatil d'ambas as linguas. De hoje em diante os cultores do italiano terão de luctar com uma difficuldade de menos, e abençoaráo o louvavel empenho do illustrado lexicographo. Honra e gloria ao estrangeiro que desta arte nos retribuiu pela facil, mas leal hospitalidade, que lhe prestamos.

O Snr. Galleano Ravara, distincto professor assás conhecido na Europa, quiz tambem lançar uma pedra no grandioso edificio da rehabilitação do seu idioma na rainha d'America Meredional. Seus talentos tinham sido devidamente apreciados em Lisboa: era justo que nós os herdeiros dos herdeiros do Gama ouvíssemos a voz do eloquente litterato. Seus cursos da lingua italiana, abertos em alguns collegios desta capital, foram frequentados pela mocidade d'ambos os sexos, ávida d'instrucção. O serviço porem mais importante que actualmente nos presta é o da redacção d'um jornal (*l'Iride Italiano*) consagrado ás letras. Incalculaveis são as vantagens que d'elle proviráo: o nosso seculo prefere a leitura das gazetas a dos livros, e releva que aquelles que tem a nobre missão de instruir e moralisar o povo, acompanhem o seu pupillo ainda n'esse terreno por elle escolhido. Temos fundadas esperanças para augurar a estabilidade, e por consequencia os immensos e beneficos resultados que d'essa revista

virão para a nossa litteratura, apresentando na italiana uma émula a lingua franceza: e se somos bem informado, um AUGUSTO HORTICULTOR regára com a sua beneficencia inexgotavel essa terra e exotica planta.

Nós, enthusiasta pela lingua, a cujo estudo nos temos entregado com ardor, e que tivemos a insigne ventura de ouvil-a fallar no proprio solo, dirigimos nossas cordiaes felicitações ao benemerito professor que introduzio entre nós tão util instituição, e reservamo-nos para em outro artigo mostrar as vantagens do estudo da lingua italiana, e as bellezas da sua litteratura, tão infelizmente desconhecidas no Brasil.

O Conego Dr. J. C. *Fernandes Pinheiro.*



OS NOSSOS ARTISTAS.

—191—

Aquelles corações, que vivem das mesmas esperanças, se confraternizam, e na communhão que os une, e nos dogmas que consagram, na fé que os fortifica, acham essa uniformidade de sentimentos, essa mesma harmonia de idéas, e ás vezes até as mesmas palavras.

A defesa do proscripto, que só viveu entre as innocencias da sua arte, só póde partir de uma alma afinada pela lyra da mesma musa; só póde sahir de um peito generoso, de um homem que vê o sol com os olhos da previdencia, com os olhos daquella intelligencia que anda foragida dos velabros de toda a especie, e dos circulos onde se encara o sol sem manchas, e não daquelles onde sómente se vêem estas, sem que esses homens se lembrem que Deos não se podia reproduzir, porque elle é sómente a perfeição.

A defesa do proscripto da patria, que vive e respira o ar da mesma patria, não pertence ao homem que vive com a ampulheta das circumstancias na mão; não pertence ao cégo que tateia, e que tem por horizonte a resistencia material; não pertencerá jamais a essas almas espurias, a esses homens sem patria, sem amor, e sem familia; sem essa grande familia que vive espalhada pelo universo, mas que se reúne naquellas horas solemnes em que olha para o sol, como para o primeiro degráo do throno de Deos, e nelle não confunde o raio transitorio com a luz perenne, fecunda e animadora.

O Espártaco de 1822, cheio de vida, de odios, e dos resaibos da escravidão, confundiu a liberdade com a licença, o progresso com a reforma impensada, e a ordem com a anarchia. Dos seus devaneios, da sua systematica opposição ao passado, nasceu a anarchia geral, e esse problema que o Fundador do Imperio resolveu com a sua abdicção.

Todas as anarchias se levantaram bruscamente e se arrojaram sobre o passado. As provas foram durissimas, o sangue correu nas extremidades do imperio, e estas anarchias, por uma introversão instinctiva, pela força

da violencia de tantos elementos heterogeneos em campo, começaram a abdicar uma por uma, e a ceder ao pensamento conservador essas venturas tão sonhadas, que a verdade dos factos desmentia positivamente. A sciencia experimental fallou mais alto que as tradições que havíamos importado e traduzido, e a reacção para um centro commum começou a sua unidade.

A politica do egoismo fez algumas concessões: os homens de primeira plana fizeram uma especie de oligarchia sincera, e os comparsas do grande drama se alistaram seus caudatarios. O idealismo neste interregno material tentou uma invasão, mas encontrou nos homens de calculo, e que a necessidade unira, a mesma resistencia.

A atmosphaera onde se dilata o pensamento, o ar que transporta as ondas sonoras da harmonia das almas nobres, ainda estava toldado pelo pó levantado por essas longas e desencontradas correrias, por esse turbilhão revolucionario, que na precipitação do seu redomoinho havia erguido e rebaixado os mesmos homens.

A arte nesta crise desastrosa era uma palavra sem significação, era como o sonho de um alucinado. O mundo politico é tão variado, e de um terreno tão desigual, que á mesma hora o homem que jura vê o sol no occaso, escuta o mais solemne protesto daquelle que affirma vê-lo no meio dia, assim como este se espanta do que vê jurar que o está vendo no oriente! Antecios, na mesma latitude, vêem a luz e as horas differentemente.

Todas as tentativas reaccionarias falhavam, porque os actos instinctivos, os actos do coração eram destruidos pelos principios da educação recebida; pelas doutrinas que se haviam encarnado nos homens, e que eram por elles consideradas ainda como verdades: a base era sempre a mesma, e não ha reconstrucção possivel, regeneração alguma, onde os alicerces do passado permanecem e se encaram como verdades. O tempo, que é a reflexão, é quem destroe nos espiritos estas crenças; mas o tempo, ainda que lento, é sempre o grande e o mais solido reconstructor.

Tudo o que tinha um cunho tradicional, immutavel, um caracter de crença e um dogma, foi derrocado.

A musica, a mais innocente e espiritual de todas as artes teve os seus perseguidores, e as suas irmãs foram lançadas a margem, e dormiram aquelle somno lettral, que a indiferença, e mesmo o desprezo, tem o poderio de infundir em todas as cousas. O pulpito se havia calado em presença da tribuna, e a poesia emmudecido entre o borborinho e os vaivens das transacções. A lyra se transformou em látego, e a imprensa n'um écho calumnioso de recriminações.

Os artistas expulsos da Capella Imperial trataram não da arte, mas da vida material, e aquelles que já estavam no ultimo quartel da vida foram pouco a pouco desaparecendo nessa guilhotina silenciosa, que se acha em todas as perseguições systematicas e de longa duração.

Nesta grande suspensão das garantias do engenho, neste estado excepcional, teve um moço de vinte annos a coragem de imprimir um livro de versos, que foi sómente applaudido por dous homens. Este moço é o Snr. Magalhães, e esses homens foram o Visconde de Cayrú, e Evaristo Ferreira da Veiga!

A Academia das Bellas-Artes foi mutilada: nas salas onde João Baptista Debret ensinava a pintura historica, na em que o Snr. Taunay ensinava a paisagem, e nas em que trabalhavam artistas desinteressados, proscriptos que ali procuravam um asylo sagrado e algumas horas de vida, veiu assentar seus prêlos a typographia nacional, para mais multiplicar os erros dos nossos homens.

Ministros houveram, que escolheram aquelle estabelecimento para ali pregarem contra as artes, e demonstrarem sua inutilidade; sem se lembrarem, que os barbaros da antiguidade não se distinguiram sómente pela destruição dos monumentos, mas tambem pelo odio e desprezo que mostravam por tudo o que não se assemelhava ao exercicio das armas. Os nossos tinham sómente as armas da fallacia, e os braços da sua positivissima chicana.

Assim decorreram seis annos de agonia para as artes até que em 1837 se levantasse a imprensa em seu favor. As primeiras tentativas foram baldadas: não havia governo, porque o regente Feijó era considerado como um homem provisorio, como um eleito interinamente.

As diferentes anarchias se haviam então grupado em duas parcialidades, tendo por vida uma opposição systematica. Destronada a parcialidade do regente, com a sua honrosa renuncia, subiu a outra parcialidade, e com ella um novo regente, que tambem devia passar pelo mesmo transe porque passou voluntariamente seu antecessor.

No seu rapido governo, comtudo, houve uma reacção, e o espirito publico, que parecia ter abdicado o seu furor de innovações, ainda não estava nem cançado, nem nas vias de um legitimo progresso. O regente pessoalmente olhava para as artes como para donzellas perdidas, e no fundo da sua probidade estudava os meios de as fazer vóltar ao menos ao seu antigo estado; porém estes seus sonhos foram baldados, porque a anarchia que o havia elevado estava em divida para com a que tinha a pouco supplantado. Na arena não haviam idéas, mas sim personalidades.

No entanto, elle organisou o collegio de Pedro II; favoreceu a formação

da sociedade theatral, que restaurou o theatro de S. Pedro, e fez outras creações de summa utilidade, que o tempo tem consolidado e aperfeiçoado: Na sua curta administração attraheu as vistas dos homens sinceros para o Orfão Sagrado, e fortificou as idéas monarchicas com o seu exemplo, e com os seus actos administrativos. Abriu a Academia das Bellas-Artes a todos os artistas, tornando a Exposição annual e privada em uma festa publica; mandou que ella reformasse os seus estatutos; e entregou o collegio de Pedro II, ao muito illustrado e modesto Snr. Dr. Joaquim Caetano da Silva, confirmando praticamente a maxima geral: para novas instituições, gente nova; ou então uma dessas almas que nunca envelhece.

Mas tudo isto não era mais que o resultado de uma força a que se não podia mais resistir: o regente teve felicidade na escolha de muitos dos seus ministros.

O que era a musica nesta situação? Não era uma arte, mas sim um passatempo das familias. A Sociedade de Beneficencia Musical curava mais da vida material dos musicos do que da arte, e assim devia ser, porque os musicos não são homens educados para o martyrio.

Em 1836, na rua de S. Pedro, se reuniram alguns amadores e artistas, e formaram uma Sociedade Phil-armonica. Eram a alma desta sociedade os Snrs. D. Francisco, pianista, o fallecido Candido Ignacio da Silva, o Snr. Phillippe, e outros amadores e artistas. Ali faziam os seus serões musicaes aquelles pacificos e laboriosos cidadãos, e recordavam uma arte, que apenas existia nas festas das igrejas, nos intervallos dos actos e á frente dos batalhões.

Por um espirito providente, por amor da arte, e por uma bem conhecida caridade, então o commandante dos Municipaes Permanentes, hoje o Exm. Snr. Marquez de Caxias, havia instituido uma aula de musica no quartel, á testa da qual estava o famoso Januario da Cunha Arvellos, a cujo ensino devemos uma grande parte dos melhores musicos e solistas que existem na capital e nas provincias.

A Phil-armonica foi crescendo, mudou-se para a Praça da Constituição, e ahí se tornou de dia em dia mais brilhante, até que tomou o character de uma verdadeira academia musical.

A morte de Candido não a fez estremecer, porque já ella havia adquirido uma virilidade e uma força tal, que era impossivel baquear. Nas directorias dos Snrs. Dr. Azambuja e Conselheiro Euzebio de Queiroz foi que ella attingiu esse gráo de esplendor, que outra sociedade deste genero, e na época e circumstancias do paiz, não poderá mais chegar. A' entrada do Snr. Francisco Manoel da Silva, ao concurso de suas admiraveis discipulas, e ao gosto e aos applausos dos socios se deveram aquellas noites admiraveis,

que fizeram as delicias da melhor sociedade do paiz, e admiração dos estrangeiros. A esse concurso de dezeseis annos se deve o gosto que ora temos pela musica italiana; porque nos ultimos tempos um bilhete de convite daquella sociedade era um grande obsequio.

A Phil-armonica foi uma filha da necessidade, que engrandeceu, brilhou, e adornou a sua época - em quanto não preencheu a sua missão; porque logo que o gosto da musica se generalizou, e reapareceu a necessidade do theatro italiano, e se formaram espectaculos lyricos, a sua queda era inevitavel. Os sacrificios dos socios eram todos por amor da musica, eram todos por esta necessidade, que devia minorar com a presença dos espectaculos lyricos, e suas diarias representações.

E já ninguém falla da Sociedade Phil-armonica, daquella brilhante reunião de formosas cantoras, de artistas e de amadores! Já ninguém se lembra de que ella foi saudar o novo Imperador, e de que este lá ia passar noites harmoniosas! Já ninguém se lembra dessas amaveis senhoras que tanto se distinguiram pelo seu talento, assiduidade e modestia; e talvez ninguém se recorde de que o theatro lyrico, e os sacrificios que por elle faz o governo, sejam devidos aos triumphos e aos esforços dos membros da Sociedade Phil-armonica!

Foi ahi, e na modesta escola dos Permanentes, onde se crearam pela maior parte esses artistas que por tanto tempo se tem sentado na orchestra dos nossos theatros, de onde os quer expulsar um mal entendido zélo, ou um patriotismo pernicioso e ingrato para com esta terra hospitaleira.

Ouçamos o CORREIO MERCANTIL, nas *Paginas menores*, porque o que elle diz é a palavra de toda a imprensa, é o sentimento geral de todos os homens probos e intelligentes, e é a verdade dos factos inqualificaveis que se estão passando.

Depois de optimamente descrever o estado em que se acha o Provisorio, e o logro de que fomos victimas com as funambulas que nos trouxeram por bailarinas, prosegue o espirituoso escriptor desta maneira:

« Em compensação, temos novos musicos, a flôr da Italia, para a orchestra, que estava mal composta de musicos nacionaes. O theatro é italiano e de Italianos: que fariam ali, pois, uns intrusos, uns estrangeiros, que não haviam nascido no sólo afortunado? acaso o dinheiro do governo do Brasil e o dos *dilettanti* desta terra ha de ser para os artistas do paiz? Esses, que roam as unhas á espera de algum coreto ou festa da roça. O dinheiro da subvenção, o dinheiro dos cofres publicos, não é para a gentalha. *E viva e reviva o patriotismo!*

« Agora, sim, a orchestra do *Provisorio* vae ser uma maravilha! Teremos, além de um regente de fama européa, os melhores artistas da Italia, e por

« preço dobrado. Aquelles pobres diabos, que aturavam dias e noites, as
 « irregularidades e impertinencias dos directores e ensaiadores, pôdem reti-
 « rar-se e vão por ahi fóra pedir esmola, até que algum dos chefes interinos
 « de policia da côrte se lembre de aproveitar a casa que o Snr. dezembarrador
 « Siqueira mandou preparar para os mendigos e que se conserva fechada, sem se saber por que.

« Em verdade, não ha sopro como o sopro italiano, principalmente depois que se inventou theatro lyrico. Com que ligeireza se assopram as centenas de contos de réis!

« E é nesta quadra, em que os nacionaes são assoprados até da orchestra do theatro, que o Snr. Paula Candido se lembra de propôr a composição de um dictionario da lingua nacional!

« A idéa do nosso sympathico e illustrado professor é, nesta situação, um epigramma. »

Não nos limitaremos sómente a esta autoridade, porque nella os espiritos grosseiros e chicaneiros poderiam figurar uma personalidade. Vamos a outra autoridade, a outro homem de gosto, que no mesmo dia e sobre o mesmo objecto, fallou desta arte.

« O theatro lyrico, subvencionado pelo governo, com o numerooso pessoal que tem e que ainda ha de augmentar, não pôde nem deve ser puramente um lugar de passatempo ou uma especulação commercial; sua missão é outra. Pôde e deve ser uma escola de arte, onde não só se ensine, mas onde tambem possam achar emprego muitos alumnos do conservatorio de musica e da academia das Bellas-Artes, logo que estes dous estabelecimentos tenham tomado o desenvolvimento conveniente para attingir o fim para que foram creados. Ha comtudo já entre nós alguns professores instrumentistas tão habéis como os melhores que da Europa nos possam vir; mas, desde que certo espirito dominou nas administrações do theatro lyrico, foram elles condemnados a fazer, por um ordenado precario e insufficiente, o que alguns outros faziam com ordenado certo e pingue, e sem capacidade justificativa.

« Agora, pelo ultimo paquete, chegou uma fornada de instrumentistas engajados na Europa, naturalmente por ordem do mesmo que mandou escrever pelo Snr. Fiorentino, de Paris, tanta *cousa bonita* a respeito do nosso theatro. Ignoramos ainda qual seja o merito dos resem-chegados, contra quem não ha nem pôde haver o menor motivo de recentimento, mas sabemos que os pobres pariás da terra terão de ceder os lugares, que não pôdem ser occupados por dous professores ao mesmo tempo. Se o theatro lyrico fosse uma empreza puramente particular, ficava livre o direito a

quem quer que fosse de lá admittir ou expulsar este ou aquelle instrumentista, substituindo-o até por um chim tocador de gongo; más um theatro subvencionado pelo governo não póde excluir um professor nacional para substituil-o por um que o não é, senão dada a differença de capacidade entre os dous.

« Veremos se todas as substituições são tão boas como a do professor de ôboe. Já dissemos que consideravamos o theatro lyrico como uma escola ao mesmo tempo um apoio dos artistas. sabemos que nos são em todos os sentidos vantajosas essas emigrações de artistas, que, como o Snr. Martin, contrabaixo e outros, não viajam com bullas falsas. Somos inimigos desse patriotismo estúpido e selvagem, que vê um inimigo em cada estrangeiro; mas equidade antes de tudo; e não se tire o pão aos nossos para dá-lo a quem vale tanto ou menos do que elles, a quem muitas vezes paga a nossa hospitalidade com grosseira ingratição. E' este ainda um dos fructos do passado, e da maneira porque tem sido entendida a arte e artistas. Proximamente voltaremos a este ponto. »

Nós também não temos e nem devemos ter esse patriotismo selvagem e estúpido que considera o estrangeiro, que nos procura, como um inimigo, porque sabemos que a arte é cosmopolita, e que o homem que a professa pertence ao lugar onde está essa mesma arte; porém não podemos louvar o systema de desalojar de um posto antigo o artista que ahi serviu com dedicação, para vê-lo substituído por outro que lhe não é igual, quanto mais superior.

O que lucrou o Theatro Provisorio e a arte com a chegada do novo director da orchestra? E' elle mais habil e mais profundo que o Snr. Giannini, ou melhor dirige a cohorte harmonica que o Snr. Ribas, o homem dos ensaios, das operações e dos bailes? A logica capciosa naufraga perante os factos e os algarismos. Os bons artistas, os homens de talento como o Snr. Bragaldi, o Snr. Dömer, são nossos do coração, mas as mediocridades, não; não queremos, e havemos sempre de repellir esses invasores, que só podem achar abrigo na estupidez de uma parceria criminosa, ou nas transacções que se costumam fazer no momento de assignarem as suas escripturas.

O musico brasileiro, logo que se lhe pagar bem, ha de trabalhar e estudar, e pelo contrario acontecerá todas as vezes que elle presenciar preferencias injustas, e um salario triplicado ao que vale tanto como elle! Só se os artistas, pela nova pauta da alfandega, pagam avultados direitos de entrada, porque de outra sorte não vemos razão nenhuma na Directoria do Provisorio.

Dos cantores nada diremos, porque a voz é um privilegio como o da

belleza, o da força e o do talento, e entre os cantores e professores da orchestra não existem as mesmas occurrencias, que entre estes e os instrumentistas recém-chegados. Ha um luxo exagerado no governo administrativo do Provisorio, e este luxo é de má gosto, de má nacionalidade e de peor imprevidencia. A' vista de um tal procedimento, qual será o brasileiro que terá vontade de dar-se ao longo e perigoso estudo das artes? É por isto que queremos ter entre nós homens intelligentes e formados aqui, ou pelo menos que tenham as raizes sagradas da nacionalidade. O thesouro vasa todos os mezes o valor de dez contos de réis, e destes dez contos em breve não tocará um vintem a um brasileiro, porque dos musicos passaram para os ceristas todos, e a final para os carpinteiros e alfaiates.

Não, são proscriptos na sua propria patria, são filhos espurios, que não merecem as bençãos e os carinhos maternas.

O Snr. Stockmeyer ahí está, e não nos trouxe bulas falsas, porque já mostrou que sabia musica, que era compositor e um homem desinteressado. E porque lhe não fallaram para escrever uma opera, ou para dirigir a orchestra? porque é brasileiro, porque não sabe intrigar, porque não sabe lisonjear a ignorancia repotreada no throno das artes.

E o que virá fazer no Brasil o joven compositor Amado, que está estudando na Italia? pataquear, dar lições de solfejo, ou baixar das alturas em que está para se tornar um máo solista na orchestra do Provisorio?!

É impossivel haver arte com um tal systema! Aquillo que não temos é bom que nos venha de fóra, e o melhor possivel; mas substituir o igual por igual e ainda peor, é certamente escarnecer do bom senso, ou mostrar uma ignorancia tal, como aquella que não distingue o bom do máo, e o real do apparente.

O governo deve proteger a sorte dos nossos modestos artistas, e não deixal-os expostos ao capricho e interesses de homens parvos e de parcerias reprehensiveis.

14 de agosto de 1854.

O QUE É O HOMEM — INSTRUMENTOS DE GUERRA NA EUROPA.



Tendes visto um menino da familia dos travessos, ou endemoninhados, que depois d'alguma das suas, v. g., de quebrar a cabeça a um compaheiro d'escola, ou filho do visinho, senta-se n'um canto aos gritos da mãe com o *Cathacismo* ou *Simão de Nantua* na mão, parecendo totalmente arrependido das suas maldades; mas que apenas pilha *brécha* salta para pôr em pratica o que esqueceo ao próprio Belzebuth, que era n'isso que pensava em quanto simulava a mais sisuda e quieta prole de gente? Pois se tendes visto o tal menino endemoninhado podeis affirmar que conheceis o retrato ou compendio da humanidade. Porque? perguntareis vós. Eu vol-o digo.

Ha quarenta annos que a guerra homerica ou napoleonica cessou na Europa; quarenta annos tem havido ali de paz, se não chamaes guerra os *movimentos da jeune Italie*, em cujos combates foi Garibaldi um *grande general*, e ganhou, desenhando-os, alguns milhares de francos o celebre Vernet. Pois bem; que pensaes vós terem feito os homens d'aquella parte do mundo, que é incontestavel e metaphoricamente a cabeça d'elle, durante esses quarenta annos de quietação, depois das diabruras da *republique de quatre-vingt-douse* e das *esfoladuras d'Arcole*, de Marengo, d'Austerlitz e de Waterloo? Pensaes sem duvida que, arrependidos dos seus peccados, estiveram cuidando na emenda dos seus desvarios? Historias! Empregaram todo esse longo tempo em inventar os *melhores* meios de se matarem uns aos outros, como se está demonstrando na presente guerra chamada do Oriente. Esses meios multiplicaram-se tanto que todas as sciencias, a *physica*, a *chimica*, a *metallurgia*, a *mechanica* e quasi todas as industrias lá estão trabalhando na confecção dos mil objectos d'armamento, e nos terriveis agentes destruidores com que appareceram os exercitos e armadas dos brigadores e não brigadores.

Napoleão, esse grande consumidor de homens, como disse Madame Stael, tinha a espingarda pela melhor maquina de guerra; quanto mais se

elle a visse como está hoje. As de cano lisa por dentro como por fóra, a respeito das quaes se exprimia o grande capitão, não eram de um bom effeito, isto é, *matavam pouco* pelo desacerto do seu tiro, e por isso vão sendo proscriptas como cousa velha, armando-se a infantaria com as de cano inciso, ou em cujo interior do cano ha rêgos parallellos e equidistantes, que correm a arma em espiral da boca até a culatra.

Com este systema, as que se carregam pela culatra, ás quaes pertencem as prussianas de alfinete, chegaram a um aperfeiçoamento fabuloso e que talvez fique no numero das fabulas: ha espingardinha destas que dá 40 tiros n'um minuto! Parece que o machinismo até hoje conhecido para 5, 6 e 7 tiros foi levado a poder conter 40 cartuchos; mas se é assim, o grande volume que o tal cylindro deve fazer tornará essas armas muito incommodas e pesadas. Seja porém o que fôr, o que é certo é que um batalhão armado com ellas despovoará a terra em poucos dias, problema que se busca resolver.

As incisões ou rêgos feitos no interior dos canos das armas estão reduzidos a quatro; é este o numero d'elles tido e havido pelo mais conveniente para que o projectil, a que os taes rêgos sinuosos dão um movimento de rotação, vá direitinho sem o minimo transvio encastoar-se na carne do inimigo. A's voltas dessas incisões tambem foi fixado no minimo. Cada uma dellas deve ter a maior e possivel extensão longitudinal, ou serem reduzidas a uma só, em razão da velocidade accelerada que o projectil vai adquirindo pelo desenvolvimento successivo dos gazes da polvora inflammada pela percussão.

Quanto ao modo porque esses rêgos devem ser feitos tambem existe regra: alguns *authoros* fazem-nos progressivamente mais finos da boca para a outra extremidade da espingarda, conservando-lhes sempre a mesma largura.

As pelas de chumbo tambem concluíram o seu tempo; as armas incisivas excluem-nas, porque dão-se melhor com os projectis paraboloides ou conicos, escavados pela parte mais grossa (que assenta na polvora) para que o seu centro de gravidade esteja o mais proximo possivel da sua ponta, ou parte dianteira. Com esta qualidade que lhe dá essa fôrma, o projectil em seu vôo simula a flecha ou a petéca empenhada, e desvia-se menos do que o espherico do seu caminho. Assim é que os militares já não podem dizer, attenta a definição d'ella, que põem o peito á bala; hoje será preciso exprimir-se de outro modo com relação aos paraboloides, piramides conicas e elipsoides, porque tambem ha projectis com este ultimo feiço.

Varios são os systemas de armas *incisivas*; a importancia que se dá a cer-

teza de matar gente a tiro tem agitado os espiritos, e uns apparecem querendo que o projectil conserve sempre a sua fórma primitiva, isto é, com que foi *cuidadosamente* fundido; outros pelo contrario entendem que elle deve soffrer uma desfiguração constante, e ahi o mettem a martello pelos sulcos das suas escopetas, mudando-lhe a fórma, que depois do fogo se torna a mudar: outros finalmente abreviam os minutos de carregar e es-corvar, carregando a arma pela culatra, ao mesmo tempo que nem conservam o projectil sempre o mesmo, nem lhe dão um novo feitio a cada instante que ella percorre os seus fusis.

O general francez Rémond tem uma *carabine*, que reúne a incisão em espiral, o alfinete das prussianas, a bala conica, e a carga pela culatra, com a qual pretende que seja armado todo o exercito da sua nação. Parece que se isso tiver lugar — adeos regras da tactica seguida, adeos preponderancia da artilharia nas batalhas; porque se o canhão estendeu a distancia entre os combatentes e suas fortificações, a nova *carabine* vêm fazer nova revolução. Ora, já Paixhans tinha dito que o fusil levava as lampas ao canhão, e, sem duvida pensando nisso, para soccorrer a sua arma favorita, agredida pelas apupadas da infantaria ufana com as suas *carabines* apresentou ultimamente o Imperador Napoleão III um canhão de 12, pouco mais pesado que o de 8, o qual arroja igualmente bala ouca e rasa a 700 metros, e tambem metralha, que não vae tão longe. Dest' arte as *carabines* do general Rémond, que alcançam a 400 metros, *n'out pu que se faire*, em quanto a artilharia *rit aux éclats*.

As experiencias feitas com o canhão de Napoleão foram julgadas concludentes, e o principio da sua construcção aceito pela sciencia. Entretanto alguem julga que só por deferencia ao seu autor é elle tido por bom; mas vão ver que quem assim pensa é algum fusileiro.

Insensivelmente deixamos as espingardas e passamos á artilharia, sem fallar nas pistolas — *revolvers* — de seis tiros, ou que, com um só cano, têm na culatra um cylindro rodante em torno d'um eixo, o qual accomoda seis cartuxos; cousa já conhecida, mas que tem sido agora distribuidas pelos navios de guerra inglezes para fazerem parte do seu armamento; sem fallar nisso e nos nomes de Touvenin, Timmermann, Minié e de outros eminentes revolvedores do inexgotavel bahú de Pandora, mina das taes escopetas e paraboloides que, seja dito de pressa, — estão pedindo a resurreição das *setteiras* do feudalismo nos muros das modernas fortificações; sem attender a nada disso, assamos á artilharia; — pois vamos com ella: é sempre a maldade do *gallo* de Diogenes o que iremos vendo.

Paixhans, o celebre Paixhans, além dos seus canhões obuzes de 30, de 80 e 120, e dos morteiros monstros de 1200 e 2000, acaba de propôr um canhão de 24 para peça de campanha! Já os *sabidos* Belgas usam de um de igual calibre para o mesmo fim, o qual pésa só 1000 kilogrammos, para poder satisfazer á exigencia da facil mobilidade d'um exercito em batalha.

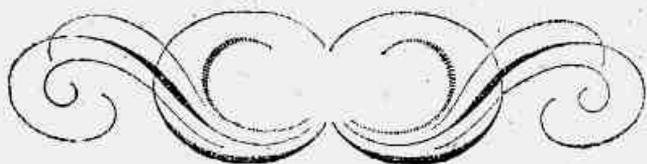
Basta de fallar em bocas de fogo; deixemos mesmo as terriveis peças que arrojam balas de 90 libras a 4,500 braças, com as quaes pretendem os anglo-francezes operar a redução de *Cronstadt* e *Sebastopol*, sem grande difficuldade; digamos de passagem que uma gazeta da pacata Allemanha aconselha aos Inglezes a construcção de vapores com prôas de ferro, fortes como castellos, para cortarem pelo meio as embarcações russas, assim como quem parte um queijo de Minas, e tratemos dos varios projectis, ou corpos que arremessados pela força impulsiva da polvora levam a morte, o espanto e a destruição consigo, por cujo motivo parecem tornar-se inais diabolicos que os tubos ou cylindros que os arrojam, os quaes— coitados! se troam nos combates, tambem erguem a sua voz nos nossos dias de festa.

Já sabeis das bombas do bolicario francez que, em vez de explorar algum hydrocotilo asiatico (1), gastou onze annos em fabricar o seu invento mortal, e das asphyxiantes que ainda não asphyxiaram ninguem, e da —scrapanel—, que espalha centenas de balas, e dos foguêtes de fricção, e dos armados de bombas ferreas, que mataram os Russos e incendiaram as casas em Odessa; vêde agora o dardo que deita de si um fogo inextinguivel; uma bomba carregada de certo oleo mineral, o qual se inflamma pela percussão, por via de um mechanismo, incendiando o panno e apparelho dos navios sobre que cae; e attendei... oh horror! a este ultimo corpo com que se occupam algumas cabeças pensantes. Imaginae a armação d'um chapéo de sol de quatro pés de comprido, cujo cabo, um tanto grosso de mais para isso, é um cylindro cheio de um mixto explosivo, e cujas varetas são espadas. Esta armação, com cabo e tudo, fechada, é mettida n'uma peça; a polvora se inflamma, e... Jesus! eis no ar a tal geringonça de braços abertos como um polvo, ou uma aranha gigantesca, avançando com a ponta do tubo que simula o cabo do chapéo de sol para diante, ligeira como um raio, porque os gumes dos seus braços ou espadas não soffrem a resistencia do ar, e lá vae e ninguem lhe resiste. Ai do batalhão que ella atravessar, dos cabos que ella encontrar, das vélas com que esbarrar! porque então estoura,

(1) Planta recentemente experimentada na cura da lepra.

córta, fura raivosa, desesperada, como a propria alma de Lucifer, que nessa geringonça se envolve para fazer guerra á humanidade!...

Paremos aqui. Tinhamos ainda a mencionar uma mina submarinha que á uma legua da terra se inflamma por meio de uma bateria electrica, virando de catrambias os navios contrarios que della se approximam; mas para que mais? só o tal chapéo de sol mostra que o homem corre parellhas com um menino endemoninhado, senão é o mesmo demonio em pessoa.



NOTICIA BIBLIOGRAPHICA.

Um cultor das letras, amigo das musas, pessoa de nossa amizade, nos communicou a Eneida Brasileira ou traducção da Eneida de Virgilo pelo Snr. Manoel Odorico Mendes, da qual ja tinhamos visto alguns pedaços impressos nos jornaes da côrte ha tempos. Muito folgamos com ler esta versão; nada menos esperavamos do traductor de quem já tinhamos lido com satisfação algumas peças dramaticas, traduzidas pelo mesmo Senhor. Com effeito, esta versão do nosso patricio nos encheo as medidas. Muitas são as versões da Eneida em todas as linguas vivas da Europa, e só na lingua portugueza temos visto tres: a de João Franco Barreto, a de Lima Leitão, a do Conde de Obidos, ou offerecida a este fidalgo, em um volume de 4.º, que algum tempo tivemos; temos noticias de outra feita na Bahia e, que ainda não vimos.

O Snr. Manoel Odorico honrou o seu paiz com este trabalho e deu a conhecer seu nome, seus talentos poeticos e seus estudos da lingua patria, cuja riqueza e thesouros apresentou.

Seus versos são suaves, melodosos e euphonicos, e não inferiores aos do grande mestre, Filinto Elysio.

Temos mais este padrão erguido á litteratura patria pelo saber de um brasileiro distincto, e é as vezes quanto basta para recommondar á memoria o nome de um benemerito.

Filinto Elysio ganhou reputação e credito subido com suas versões, especialmente pela das fabulas de La Fontaine e pela dos Martyres de Chateaubriand, da qual muitas vezes havemos dito, que se acaso se perdesse a lingua portugueza, pelo poema dos Martyres, traduzido por Francisco Manoel, ella se poderia restaurar.

Dizemos aqui de passagem que a primeira vez que lemos este poema nos não agradou; descansámos alguns mezes e o tornámos a ler; foi então que elle muito nos deleitou arrebatando o nosso espirito, de maneira tal que repetimos sua leitura por mais de 7 ou 8 vezes, e quanto mais o lemos, tanto mais nos encantamos!

Filinto, com a sua versão, deu alma e vida ao poema de Chateaubriand, que era como estatua de marmore sem alma, nem vida, na prosa do seu autor.

Não temos duvida de commetter erro ou injustiça applicando ao trabalho do Snr. Odorico os versos que a respeito de João Franco Barreto fez o illustre poeta portuguez Antonio Ribeiro dos Santos, ou Elpino Duriense no tomo 1.º, pg. 263 e 264 da edição de Lisboa, 1812, e são os seguintes:

Se queres ver n'uma só obra junta
Toda a baixella de mui ricos vates,
Do altisono Franco, grão poeta,
De largo cabedal, de culta lingua;
Péde te mostre s'onde encerra
Toda alta Lusa e Lacial riqueza,
Que elle podia, s'outros nos faltassem,
De toda louçania de palavras,
De toda a frase da dicção cânora
Abastecer a lusitana lingua.

Sentimos que nos falte o tempo para melhor desenvolvermos um trabalho tão acabado. Outros farão o que nós não podemos.

Queira Deos que os amigos das lettras protejam ao nosso poeta, fazendo com que elle perceba fructo da sua empreza, e que lhte não aconteça o que a muitos outros tem succedido, e de que já se queixava o bom Camões no seu tempo. Não é por falta de bons engenhos, mas sim por mingua de protecção, que se definham e esmorecem na obscuridade aquelles que deviam vir á luz.

Oxalá acontecesse ao nosso patricio o mesmo que succedeo ao poeta inglez Pope com a traducção do poema de Homero, que só em subscrição lucrou 2.000000!

João Candido de Deos e Silva.



BELLAS ARTES.

A Estatua equestre do Fundador do Imperio.

Aos antigos pertence a nobre idéa de representar o homem sobre o mais formoso e ardente dos animaes; *aquelle*, como diz Buffon, *que compartilha as fadigas da guerra e a gloria dos combates*; e que jungido ao carro triumphal duplica a magestade do heroe. O ginete ha sido sempre o symbolo favorito de muitos povos, e o é ainda particularmente da figura da Europa.

No reverso das medalhas da Grecia magna e da Sicilia, particularmente no das moedas de Napoles, Palermo, Messina, Catania, Siracusa, Gela, Selunto, e nas de Carthago, se acha sempre este soberbo animal como um bello e expressivo emblema d'aquellas cidades, que por esta fórma expressavam o ardor e impetuosidade do seu character, a velocidade do seu pensar, e a belleza de suas aspirações.

A alliança do ginete ennobrece o homem em todos os actos ostensivos da sua vida publica, quer nas festas nas paradas, nos cortejos e nos torneios, ou divagando pelos campos e pelas ruas. As artes ali tem encontrado um manancial fecundo de inspirações e de bellezas; e por nós fallem as prodigiosas composições do Barão Gros, de Horacio Vernet, e as do famoso Lebrun.

Os heroes que senboream o fuste d'essas columnas monumentaes, onde o cinzel historiou seus fastos, não resplandecem com tão grande individualidade como osque as nações representam na praça publica montados sobre formosos ginetes. Estes sobresaem magestosamente, seja sobre o fundo azulado do céu, seja sobre as fórmas variadas da pomposa architectura; e aquelles, apezar da apothéose artistica em que se acham, figuram quasi que como uma parte do monumento: na posição e altura em que estão não se pôde devidamente apreciar suas feições e physionomia; porque as suas proporções como que se amesquinham comparativamente com o pedestal e corpo da columna que dominam.

As estatuas de S. Pedro e de S. Paulo, que coroam actualmente as columnas triumphaes de Trajano e de Antonino, não impressionam o viajor, o homem que chega, como a de Marco Aurelio a cavallo, na praça do moderno Capitolio.

Admiramos o pensamento das columnas cochleadas, como as que estão

em Roma e a de Paris, mas não opinamos em favor de taes monumentos, porque difficultam a comprehensão dos factos que representam: o espectador que vê aquelle todo não pôde ler de uma só vista as representações que ali se acham no baixo relevo, porque não lhe é possível andar girando á roda da columna, e mórmente porque as proporções geralmente adoptadas se tornam pequenas e confusas ao longe, principalmente as que se approximam do capitel. As de Roma, que são de marmore, ainda favorecem a visão, mas as que são de bronze, e estão em climas frios, tornam-se perfeitamente confusas; e não é curial fazerem-se obras de arte para obrigar o espectador a recorrer ao desenho afim de bem comprehendel-as.

O pensamento de Falconet em collocar Pedro o Grande sobre um rochedo inteiriço de granito, nobilita e engrandece muito mais o fundador da potencia russiana do que aquelle de situar Napoleão sobre a columna da praça Vendome: ha originalidade no primeiro pensamento, e uma copia servil no segundo. Napoleão é como que uma acrotheria, um remate, uma parte do monumento, e Pedro o Grande está como a representação de uma idéa dominando a materia bruta. Para mais se avaliar a grandeza do primeiro é necessario recorrer-se á tradição, afim de que ella diga que aquelle bronze, historiado por Bergeret, é o dos canhões austriacos, tomados no campo da batalha, em quanto que o outro por si só se manifesta. Ali está o homem que transformou um palude na cidade monumental, e lá mais adiante aquelles inconcussos baluartes de Cronstadt, que se assemelham hoje a sphinge antiga, e cujo granito e bocas de bronze parecem um enigma indecifrável á maior esquadra que o mundo tem visto!

A arte treme quando se lhe pôde uma estatua equestre; ha immensas difficultades na alliança dos dous seres, do Heroe e do seu cavallo, para que o grupo offereça os oito pontos de vista exigidos pela severidade da esthetica; mas o artista, apesar do perigo, prefere sempre este arriscado empenho, já que da sua feliz execução lhe pôde resultar aquelle triumpho e aquella gloria que recolhem todas as victorias do engenho. Phidias, o o semideus da arte, o homem que via na pédra a deusa da sabedoria, achou sempre uma feliz harmonia de linhas e de expressões entre o guerreiro e o ginete, como se vê no famoso friso do Parthenão; e todos os artistas posteriores preferiram sempre nobilitar o homem dest'arte, já dominando bigas e quadrigas triumphaes, já como nos colossos de Montecavallo, em Roma, ou como nos dos Campos Elysios de Paris, ou como n'essa immensidade de estatuas equestres que se acham em tantas praças da Europa.

A maior parte da nossa população, quando se lhes falta em estatuas equestres, lança logo as suas vistas para a de Lisboa, já sua conhecida, pelos gabos com que os portuguezes adornam aquella famosa obra da arte

barroca, que na opinião dos artistas e dos historiadores não passa além de uma estatua equestre, mas que na dos nacionaes é um prodigio da arte de fundir. Deixemos esses felizes admiradores da fusão metálica no seu doce engano, e passemos a mais serias considerações.

Prescindindo do mau gosto da época, do amaneirado da execução, ha no todo d'aquelle monumento a grandeza que ressumbra em todas as obras artisticas das épocas abastadas: o corpo da grande realidade portugueza domina o pedestal; as armas da nação adornam a sua frente; e a alma, o espirito animador d'aquella época florescente, o Marquez de Pombal, am-bem lá está! Os grupos lateraes interrompem formosamente as perpendicu-lares do pedestal, e a gradinata deixa a descoberto aquillo em que a arte mais se empenhou.

A nação portugueza nas recompensas que deu aos fabricantes d'aquella memoria, fez recahir maior somma no fundidor do que no artista: extasiou-se mais pelo encadernador do que pelo author, preferio o homem que manejou o metal ao creador d'aquella obra d'arte! E com um exemplo d'estes: qual seria o artista que se empenharia em outra obra igual, tendo a certeza de que o cadinho estava ácima do escopro! Nas sociedades onde não ha juizes competentes para avaliarem as obras do engenho, a arte não floresce, porque é obrigada a viver em uma continua mediocridade. De-vemos esquecer os preconceitos de nossos pais, devemos combater as suas tradições erroneas, se quizermos ter artistas, e homens de talento: a nação que escrever nas portas dos hospitaes: —PANTHEÃO, — escreveu a sua sentença de morte, que é a da sua decadencia.

Em 1825, houve o pensamento de erigir-se uma estatua equestre ao Fundador do Imperio, mas este voto da gratidão nacional, expressado pelo Senado da Câmara, se desvanecce com os embaraços da guerra do Sul, com a disposição dos animos que levaram a effeito os desastrosos acontecimentos de 1831.

Serenado o turbilhão d'essa revolução acephala, sem outro plano além do da deslocação do pessoal administrativo, uma commissão, reunida na casa do Marquez de Paranaguá e depois na Academia das Bellas Artes, tentou reverdecer a idéa de 1825, porem ampliando-a com a erecção de uma estatua pedestre ao conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva, como digno companheiro do Snr. D. Pedro I. Esta tentativa de 1838 foi um d'esses nobres desejos, que não passou do circulo que o manifestou: a protecção ostensiva que o governo de então mostrou não era mais que um signal progressivo de tolerancia, porque ainda os espiritos d'esse tempo estavam occupados com os meneios e luctas do individualismo. Todas as menoridades são épocas de transição, são filhas do provisório, e não se prestam á

execução d'aquellas obras d'arte só proprias das épocas organicas, do dominio das idéas generosas, e quando a sociedade caminha a um progresso uniforme.

A lentidão com que costumamos marchar em tudo o que não é individual, alongou o processo da execução, o qual foi sorprendido pela maioridade. A nota suplementar d'este artigo demonstra o estado em que ficou esta tentativa.

Em 1847, o senador José Clemente Pereira quiz de novo tentar reverdecer este pensamento, e para isto encommaendou um novo desenho ao secretario da comissão de 1838, e um bosquejo em relevo d'este pensamento ao Snr. Fernando Pettrich. As sedições que houveram addiaram aquella idéa, e tudo ficou no desenho e no bosquejo de gesso.

A manifestação de um tão grande pensamento, como o do senadô da camara de 1825, não podia vigorar e estabelecer-se em mãos particulares e em épocas criticas como as porque temos passado no interregno, e muito menos em eras turbulentas onde o espirito publico se absorve e se debate com recriminações multiformes e muitas vezes odiosas; porque n'essas épocas ninguem se importa com as tranquillias filhas do enthusiasmo, com as artes civilisadoras: a politica dos turbilhões individuaes é de natureza intolerante e rude, porque não acolhe uma só idéa fora do seu circulo de interesses momentaneos. E' uma verdade, mas são mais tristes os seus resultados: quando os homens só pensam na sua elevação politica desdenham tudo o que lhes não pôde servir directa e indirectamente.

A geração livre, aquella que nasceo depois da independencia, tem neutralisado as idéas d'esses Espartacos mal formados, que ainda tremem pelo futuro, agarrados aos prejuisos e doutrinas de um passado que dizem aborrecer; porque esta nova gente é de facto mais illustrada que a velha, e educada n'um circulo mais amplo e mais generoso do que o de nossos acanhados pais. A caldeirinha do padre, dizia o visconde de S. Leopoldo, é quem ha de fazer a nossa independencia, e nós accrescentaremos que o Vapor a ha de consummar.

No dia 7 de Setembro, a pedido do Snr. Dr. Lobo, se reuniu a Camara Municipal do Rio de Janeiro, para ouvir d'elle a reclamação de uma antiga divida d'aquella corporação. — A erecção da estatua equestre do Fundador do Imperio. A camara perfilhou a idéa de seus antepassados, e victoriou o seu membro com uma unanime approvação; julgou a divida nacional solvavel e intenta pagal-a como é devido.

Desejamos o cumprimento d'este dever sagrado, desejamos a realisação d'este voto da gratidão nacional para com o principe que na fundação do imperio poupou rios de sangue; e que no apressar a crise nos fez ganhar

tempo e consolidação. Desejamos a materialisação d'este pensamento, para que este facto convença materialmente áquelles que julgam dos artistas brasileiros pelas suas proprias forças, e se não envergonham de á face da nação e do mundo de estigmatizar uma parcella de homens modestos, laboriosos, e patriotas, que ainda não foram chamados em occasiões solennes; desejamos que elles convençam ao deputado, escravo do mercenario estrangeiro, de que os brasileiros tambem podem ser artistas.

A arte não se fórma nas correrias da cabala, nem no gabinete da policia eleitoral; as suas produções são filhas de profundos e longos estudos que não podem ser outorgados por essas parcialidades que erguem a mediocridade e a ignorancia aos supremos lugares da sociedade; porque cada artista é uma individualidade, e as suas obras um claro documento da sua capacidade: o artista só traduz a natureza, e n'esta traducção se torna um creador.

A esta diminutissima especie de Erostratos, que se querem celebrar como iconoclastas em uma terra onde não ha estatuas, votamos o desprezo que merece o homem vaidoso, aquelle que pompeia a sua ignorancia e sua fallacia, sem temor do bom senso e do talento. O passaro vòo porque nasceo com azas, assim como nada póde observar e colher aquelle homem que se assemelha a um bahú com olhos, errando de cidade em cidade, sem reter memoria dos objectos que guardou.

Não mancharemos as paginas d'esta revista com os dous nomes d'essas cabeças obtusas, d'essas intelligencias gêmeas no absurdo, na rudeza, e na prodigalidade de parvoices, tão mal cabidas nos augustos recintos da camara dos Snrs. deputados e senadores, onde estão os varões que fortemente repelliram esses apostolos das trevas, que, por um escarnio inaudito, gritam pela moralidade, e invadem o templo das artes, mascarados por uma mão estranha, e doutrinados por quem *morrerá de fome* no dia em que houver maior numero de artistas nacionaes. Voltemos ao nosso assumpto.

Em 1825, Mr. Grandjean fez dous projectos para a estatua equestre do Snr. D. Pedro I. um para o largo do Roscio, e outro para o campo da Aclamação. Em ambos os desenhos está o heroe com o manto imperial, a corôa, e sceptro, e o cavallo na attitude de campear.

Não concordamos com o pensamento do mestre no trajar do imperador, nem no movimento do cavallo, apesar de que o todo da composição contenha tanto de perfil como de face uma bella linha no seu contorno geral. Um cavallo marchando sobre um pedestal causa uma desagradavel sensação, porque, além de parecer precipitar-se pelo pedestal abaixo, toma maior vulto na acção e ganha sobre a immobildade do cavalleiro, que lhe fica secundario no pensamento. As obras de arte requerem a representação

de um momento supremo, cuja escolha é difficilima, mas que n'este caso é obvia, e que seria um crime abandonal-a.

Para bem se compenetrar do effeito que deve fazer um monumento d'esta especie, é preciso ser brasileiro, sentir no fundo do coração uma cousa que não pôde sentir qualquer, isto é, o que significa aquella memoria, o que foi e o que é a Independencia.

O nosso pensamento é outro. O heróe, caminhando pela estrada de S. Paulo, pára o seu cavallo no regato do Ipyranga, e proclama a Independencia do Brasil.

O momento escolhido é o mais feliz e o mais natural: o cavallo se estaca, obdecendo ao homem, e o homem falla, obra, e dá ao mundo mais um imperio; o contraste da retracção do ginete com o da espontaneidade do heróe sobreleva este e dá o vulto necessario á acção na consummação de um facto, que a inveja a maledicencia e o espirito de partido nunca poderam escurecer; porque a esta generosidade se vem juntar, na vida do principe legislador, a abdicacção de duas corôas, e o soldado do Mindelo.

A um monumento d'esta arte, concebido e executado magistralmente, se poderia applicar aquella idéa do poeta que fez Miguel Angelo bater com o martello no joelho do seu Moysés, depois de acabado, e dizer-lhe: Fallal

Creemos que d'esta vez não dormirá a execucao da estatua equestre do Fundador do Imperio; porque a época é outra, porque temos á testa da nação um Principe protector das artes, um Homem que vê mais longe do que os homens do passado, e porque está convencido de que toda a pédra angular que for lançada no seu imperato é uma nota muda d'esse hymno plastico que levará a sua gloria á mais remota posteridade. A's letras e ás artes estão entregues a historia dos fastos do genero humano, e a glória das nações.

Porto-Alegre.

NOTA.

Subscripção para os dous monumentos que se tem de levantar na capital do imperio em memoria do Senhor D. Pedro I. e de seu ministro e conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva.

PROPECTO.

Le gage le plus assuré de l'esprit national d'un peuple se manifeste par la considération dont il entoure ses grands hommes, et par les honneurs qu'il rend à leur mémoire.
(LE COMTE DE LA GARDE, Voyage en Angleterre.)

A historia das nações consagra, com os devidos louvores, o nome d'aquelles homens que, por seu engenho ou por acções heroicas, se tornaram credores da veneração de seus concidadãos e da humanidade; e os povos agradecidos os transmitem de pais a filhos, com o devido acatamento. Porém com o andar dos tempos a historia se altera e corrompe, e a tradição, vacillante e escure-

cida pelos seculos, chega a apagar-se de todo na *lemprança dos homens quando não são ambas soccorridas pelas medalhas, lapidas, estatuas, e outros monumentos filhos das bellas-artes. Agora que o silencio do tumulo deve ter emudecido paixões odientas, ignobeis, que aliás nunca podem achar abrigo em corações generosos e em espiritos esclarecidos; agora que o Brasil, de posse, ha 16 annos, dos furos de Imperio independente e livre, com razão espera o mais lisonjeiro porvir á sombra do throno constitucional; agora é tempo que se levante um padrão de gloria ao fundador do Imperio, o Senhor D. Pedro I., e ao seu digno ministro, o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, padrão que leve á mais remota posteridade a memoria d'estes dous Varões insignes, e com ella a do reconhecimento nacional por tão eminente serviço.

Os cidadãos brasileiros abaixo assignados, encarregando-se de designar a especie dos monumentos, e promover os meios da sua prompta realisação, concordaram em que ao Senhor D. Pedro I. se levantasse uma estatua equestre, e ao seu conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva uma pedestre, cuja execução será confiada a habéis artistas, professores da academia das Bellas-Artes desta côrte. São pois convidados todos os cidadãos do Brasil a concorrerem para tão honrosa empresa; e para que n'ella possa ter parte quanto maior numero, tem-se fixado a modica quantia de 200 rs. por subscrição de cada um, declarando-se que os fundos já existentes no thesouro nacional, como producto da antiga subscrição para o monumento do Senhor D. Pedro I., serão a elle exclusivamente dedicados com o mais que fôr necessario, e se deduzirá da actual.

Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1833. — José Antonio Lisboa. — Antonio Peregrino Maciel Monteiro. — Paulo José de Mello Azevedo, e Brito. — Marquez de Paranaguá. — Miguel Maria Lisboa. — João Evangelista de Faria Lobato. — Francisco Gomes de Campos. — Francisco Cordeiro da Silva Torres. — Cornelio Ferreira França. — Manoel de Araújo Porto Alegre.

REQUERIMENTO.

Senhor. — Sendo da dignidade e honra da nação brasileira consagrar por um monumento duravel o successo da sua independencia, e deixar á posteridade a gloriosa memoria do fundador deste Imperio, um grande numero de cidadãos brasileiros já em 1825 e 1826 subscreveram para uma estatua ao Senhor D. Pedro, seu primeiro Imperador. Mas como este projecto ainda não tenha sido realiado, os cidadãos brasileiros, constantes do documento junto, reunidos para este fim, se propoem dar-lhe prompta e immediata realisação, continuando a subscrição e fazendo levantar ao Senhor D. Pedro I. uma estatua equestre, e ao seu ministro e conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, que tanta parte teve n'este glorioso feito, uma estatua pedestre. Neste intuito os mesmos cidadãos brasileiros tem a honra de se dirigirem á augusta presença de V. M. I., pedindo que V. M. I. se digne conceder aos supplicantes licença para continuar a subscrição e realisarem o exposto debaixo dos principios do prospecto junto, ou como for do imperial beneplacito de V. M. I. — E. R. M. — José Antonio Lisboa.

PORTARIAS.

Tendo o Regente interino, em nome do Imperador o Senhor D. Pedro II., approvado o projecto que ao seu conhecimento levaram o conselheiro José Antonio Lisboa e outros cidadãos subscriptores, para a inauguração de dous monumentos dedicados á memoria do Senhor D. Pedro I., Imperador no Brasil, e de seu ministro de estado o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva: Ha por bem o mesmo Regente conceder-lhes a licença que requerem, afim de que possam verificar, em honra da nação, uma tão digna empresa. O que manda, pela secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, participar ao referido conselheiro para sua intelligencia e execução. Palacio do Rio de Janeiro, em 17 de Julho de 1838. — *Bernardo Pereira de Vasconcellos.*

Sendo presente ao Regente, em nome do Imperador, a representação do conselheiro José Antonio Lisboa, em que solicita a approvação do regulamento para a direcção dos commissarios autorisados para promover a subscrição e fazer executar o projecto dos monumentos em memoria do Senhor D. Pedro I., Imperador do Brasil, e do seu ministro de estado o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva: Manda o mesmo Regente, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio,

declarar ao referido conselheiro José Antonio Lisboa, para seu conhecimento e dos demais commissarios encarregados d'aquella digna empreza, que já tendo sido dada a necessaria autorisação para verificá-la, a intervenção e ingerencia do governo nesta materia limita-se ora a exigir a apresentação dos desenhos e modelos das estatuas, para que só se ponham em execução se merecerem a sua approvação; ficando em tudo o mais livre aos sobreditos commissarios o procederem como fór mais conveniente, sem offensa das leis do Imperio e das posturas municipaes. Palacio do Rio de Janeiro, em 18 de Dezembro de 1838.—*Bernardo Pereira de Vasconcellos.*

Tendo sido presente ao Regente, em nome do Imperador, os desenhos, planta e orçamento relativos ao projecto dos monumentos em memoria do Senhor D. Pedro I., Imperador do Brasil, e do seu ministro de estado José Bonifacio de Andrada e Silva, que o conselheiro José Antonio Lisboa fez subir á sua presença; Manda, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, communicar ao referido conselheiro para seu conhecimento, e para o fazer constar aos demais commissarios encarregados d'aquella empreza, que não se offerece inconveniente algum para que os ditos desenhos se ponham em pratica. Palacio do Rio de Janeiro, em 12 de Junho de 1839.—*Francisco de Paula d'Almeida Albuquerque.*

Regulamento para a direcção dos commissarios autorisados para promover a subscrição, e fazer executar o projecto dos monumentos em memoria do primeiro Imperador do Brasil, e do seu ministro o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva.

1.^o Levantar-se-ha ao Senhor Dr Pedro I., Imperador do Brasil, uma estatua equestre, na praça ou lugar que a Camara Municipal designar para esse fim, á requisição dos cidadãos brasileiros encarregados de dirigir e realisar o projecto.

2.^o Em outro lugar igualmente designado pela mesma autoridade se levantará outra estatua pedestre ao seu ministro e conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva.

3.^o Os cidadãos brasileiros, autorisados pela portaria de 17 de Julho de 1838, formarão uma commissão que se encarregará, para esse fim, de promover uma subscrição na fórma do programma apresentado e publicado, para se dar plena execução ao dito programma: nomearão d'entre si um presidente e um secretario para a regularidade dos trabalhos, e farão tudo o que poderem para a sua prompta realisação.

4.^o A commissão nomeará um inspector que se incumbirá de dirigir todos os trabalhos necessarios para a execução da empreza, tendo uma severa inspecção tanto sobre o pessoal, como sobre os materiaes que houverem de ser empregados. Este inspector será responsavel por tudo quanto pertencer aos objectos a seu cargo, assignará as folhas das despezas e ferias, que serão mensalmente publicadas em algum dos periodicos da capital. Pelo seu trabalho e responsabilidade-haverá uma gratificação marcada pela commissão e approvada pelo Governo, que será paga do producto da subscrição como despeza inherente ao projecto.

5.^o A commissão nomeará um thesoureiro geral que receberá dos thesoureiros particulares toda a importancia das subscrições. Este thesoureiro pagará as ferias e folhas das despezas, que serão assignadas pelo dito inspector e architecto, e por dous dos commissarios, além da assignatura dos artistas, mestres, pedreiros, fundidores, etc., ou dos que tiverem vendido os materiaes e objectos a que as folhas se referirem.

6.^o As estatuas serão de bronze ou de marmore, conforme a commissão entender e julgar mais conveniente e exequivel: as bases ou pedestaes em que forem collocadas serão de pedra de cantaria da melhor qualidade que o paiz fornecer; os ornatos, grades, candelabros, etc., etc., serão de bronze, ferro, ou outro qualquer material que mais convier á perfeição e belleza da obra.

7.^o O Architecto ou Architectos a quem fór confiada a empreza apresentarão antes de tudo uma memoria circunstanciada dos dous monumentos, acompanhada do orçamento de toda a sua despeza e importancia presumivel, documentada dos orçamentos parciaes de diferentes Artistas, que deverão ser empregados nas diversas obras que a empreza exige, e com obser-

vações sobre as dificuldades ou inconvenientes que se poderão encontrar, afim de poderem remover e evitar quando fôr possível.

8.º Antes de se proceder á execução das estatuas, serão feitos os seus respectivos desenhos e modelos de barro, de gesso e de cera, e só depois de approvados pela Commissão, e sancionados pelo Governo, se procederá á sua execução de bronze ou marmore, como fôr deliberado.

9.º Tanto as estatuas como os modelos de barro, gesso e cera, serão justos por impré-tada, a quem melhores condições e garantias apresentar; o mesmo terá lugar a respeito dos pedestaes, ou assentos e ornatos que se houverem de fazer até completa execução da obra. Estes ajustes só terão vigor depois de reduzidos a escripto, assignados e sancionados por quem competir.

10. Nenhum destes contractos será feito senão por deliberação dos Membros da Commissão existentes na capital, e sancionados pelo Governo.

11. Todos os mais detalhes, providencias, e circumstancias que occorrem na pratica e execução desta empreza, seguirão a marcha ordinaria das deliberações dos Membros da Commissão, e no caso de duvida serão submittidos ao Governo e por elle determinados.

12. A Commissão levará ao conhecimento do Governo tanto o presente regulamento como o mais que occorrer a respeito, pelo Ministerio do Imperio, e só depois da sua approvação terá lugar a sua execução.

Rio, 1.º de Março de 1839.—Assignada pelos Membros da Commissão.

Sessão de 30 de Junho de 1839.

Às 11 horas da manhã acharam-se presentes, na Academia das Bellas-Artes, os Snrs. Presidente Conselheiro Lisboa, Paulo José de Mello, Cordeiro Torres, Gomes de Campos, João Evangelista e Araujo Porto-Alegre.

O Snr. Presidente declarou aberta a sessão, e deliberou-se o seguinte:

1.º Foram nomeados o Snr. Cordeiro Torres para Thesoureiro Geral, e o Snr. Porto-Alegre para Inspector dos monumentos.

2.º Que se mandasse imprimir o prospecto da subscrição, o réquerimento da commissão, as portarias do governo, o regulamento e a acta da sessão em frente da subscrição.

3.º A Commissão pedirá ao Governo uma permissão para o Snr. Cordeiro Torres ser Thesoureiro.

Não havendo mais nada a tratar, o Snr. Presidente declara fechada a sessão.

Rio, 30 de Junho de 1839.—José Antonio Lisboa.—Manoel de Araujo Porto-Alegre, Secretario.

Depois desta tentativa, o Snr. Diogo Sturtz, homem incansavel e verdadeiro amigo da gloria do Brasil mandou-nos um projecto com duas estatuas lithographadas do Snr. D. Pedro I. uma equestre e outra pedestre, e á Commissão da Praça do Commercio um modelo em gesso, feito pelo famoso Schewantaler, artista bavaro, e esculptor de primeira plana.



NOTÍCIAS DIVERSAS.



Temos a satisfação de poder annunciar que o Exm. Snr. Conselheiro Candido Baptista de Oliveira quiz, por bondade sua, encarregar-se de redigir a parte desta Revista consagrada as sciencias mathematicas e physicas, em suas variadas applicações: e igualmente occupar-se-ha com a economia politica, a estatistica, e as finanças. Felicitamos dos nossos assignantes por tão importante aquisição.

Falleceu no dia 6 de Agosto, ás 4 horas da madrugada, o secretario da Academia das Bellas Artes, e lente substituto de architectura, Antonio Baptista da Rocha.

Foi este artista o primeiro pensionista que foi á Roma, onde debaixo das vistas do celebre professor Canina se aperfeioou na sua arte, e na archeologia. Os trabalhos que de lá mandou, como sejam a restauração do templo da FORTUNA VIRIL, e um fragmento do templo de JUPITER STATOR, attestam os profundos estudos que fizera da antiguidade e a perfeição que adquirira na arte de desenhar.

O novo estylo, que elle nos trouxe, foi tão superior, que o Snr. Job Justino de Alcantara não exitou em acceital-o, melhorando d'est'arte a parte graphica da aula de architectura, de que é professor.

Era o fallecido Rocha um moço de elevadissimos sentimentos, de uma moral exemplar, e o arrimo de sua familia. Entusiasta pela sua arte, a estudava com afinco, e se preparava para um dia ser o seu mais nobre conductor. Em um paiz como o nosso, apenas deu o risco da casa do Snr. Pinheiro, no Cattete, e de algumas outras obras insignificantes. Para preencher na vida material o que lhe faltava, do pequeno ordenado que tinha, tocava orgão em diversas igrejas, no que era habilissimo, e muito se aperfeioara em Roma.

Deixa na Academia das Bellas Artes dous lugares vagos: um que não se póde preencher, que é aquelle que occupava no coração de todos os seus collegas e amigos; e o outro de secretario, em que foi substituido pelo Snr. João Maximiano Mafra, á unanimidade de votos, pelo corpo academico.

O governo Imperial authorisou o conselho do Museo Nacional a mandar um collecter viajar pelas provincias; e o conselho nomeou o Snr. Theodoro Descourtiltz, que preenche perfeitamente este emprego, não só pelos seus conhecimentos como naturalista, como tambem porque é um habil desenhador, e prepara admiravelmente todos os objectos da historia natural que estão na orbita dos seus estudos ornithologicos e entomologicos.

O Snr. Honorato Manoel de Lima acaba de expor o busto colossal, em marmore de Carrara, de seu fallecido mestre e amigo, o professor Marcos Ferrez. É esta obra um esforço d'arte de maravilhar, porquanto é a primeira obra em marmore deste esculptor, que a executou sem o auxilio de ninguem. O que mais se admira no trabalho deste artista é, além da perfeitissima semelhança, uma execução energica e um acabado como os dos bons praticos da arte. Para completar dignamente este esforço, é de justiça uma encommenda ao nosso artista.

Os grandes artistas se aperfeiçoam nos grandes trabalhos, e na concorrência destes, porque assim o mostra a historia e a pratica de todas as nações. O artista sem trabalhos é como uma casa deshabitada que se arruina e cahé antes do tempo: as musas só progridem com o trabalho, que é a primeira animação do genio.

A Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, de cujo seio sahio o Instituto Historico, considerado hoje como a mais notavel de todas as nossas associações scientificas, acaba de crear uma nova filha, a Sociedade de Estatistica.

As pessoas que compoem a nova reunião auguram a esta uma existencia brilhante, e promettem um fructo como é de desejar. É mais uma necessidade que se satisfaz: os estudos estatisticos formam a grande base de todo o melhoramento administrativo. Era já tempo de começarmos o inventario das nossas riquezas, que sem elle nada poderemos fazer de systematico e progressivo.

A Illustrissima Camará Municipal mandou levantar a planta do mangue da Cidade Nova, onde pretende planejar uma formosa continuação da capital. Ahi, depois do Rocio, se edificará um novo mercado, e no prolongamento deste um canal para a condução dos generos. No terreno fronteiro á casa de Correção, e perpendicular ao canal, se abrirá o novo Campo de Marte.

PILHA HYDRODYNAMICA DO DR. CAROSIO.



Sob esta epigraphe appareceu recentemente publicada no *Jornal des Debats* de Paris, em data de 31 do proximo passado mez de Julho, uma noticia do maior interesse para a sciencia e para a industria, da qual passamos a dar uma idéa succinta.

O Dr. Carosio, subdito da Sardenha e natural de Genova, concebeu ha 15 annos a idéa fundamental de um apparelho destinado a decompôr a agua, separando os seus gazes (o *oxigenio* e o *hydrogeneo*), que a constituem pela acção da Pilha de Volta, e a recompôl-a successivamente, combinando de novo esses mesmos gazes, depois de haverem operado como força motriz, em um machinismo semelhante aos das machinas de vapor ordinarias.

Posto que essa idéa tivesse sido communicada á Academia das Sciencias de Paris, no anno de 1840, só em Maio do anno precedente tomou ella conhecimento dessa importante communicação.

Durante todo esse tempo occupou-se Carosio em aperfeiçoar os elementos do seu apparelho *Electro-Dynamico*, denominação por certo mais apropriadas do que aquella que dá elle á machina de sua invenção.

Vê-se pelo objecto que se propôz o inventor, que o seu apparelho é destinado a substituir, com presumida vantagem de *força*, de *segurança* e de *economia* a actual machina de vapor. Engenheiros de conhecida reputação tem já estudado o principio fundamental dessa invenção: e posto que a sua efficiencia dependa ainda da prova dada por experiencias decisivas, não hesitam elles todavia em reconhecer nesse principio a racionalidade, que deve garantir-lhe resultados infalliveis na pratica.

Algumas gottas d'agua evaporadas no interior de um pequeno globo de metal, a que os antigos denominaram—*Eolipila*— (bola de Eólo), deram a primeira idéa da força elastica do vapor; mas esse pequeno ensaio apenas serviu, durante muitos seculos, para satisfazer a simples curiosidade da antiga sciencia, sem resultado algum pratico.

Ha cerca de seculo e meio, que o apparelho denominado—*Marmita de*

Papin—, revelando aos observadores da época o poder mechanico de que é susceptivel a força elastica do vapor, occupou este desde então o lugar que lhe compete entre os principaes agentes da natureza: cabendo por fim ao genio de Wat tornal-o docil á vontade do homem, sugeitando-o ás indicações da sciencia, para chegar a produzir os maravilhosos resultados que honram o nosso seculo.

Não maravihará pois, que a electricidade galvanica, pressentida pela primeira vez (há pouco mais de meio seculo) nas contracções musculares dos membros dissecados de uma rã, e produzida depois á vontade do observador, com intensidade indefinida, no engenhoso aparelho devido ao genio de Volta, venha hoje disputar ao vapor o sceptro do poder no vasto dominio das artes mechanicas e industriaes.

Digamos duas palavras, justificando a possibilidade dessa competencia entre os dous poderosos agentes.

O vapor mechanicamente considerado é um simples meio de transmissão da força produzida pelo desenvolvimento do calorico, o qual é fornecido durante o trabalho da machina, pela combustão permanente do carvão, ou de outro qualquer combustivel.

A força motriz gerada no aparelho electro-dynamico do Dr. Carosio, é semelhantemente transmittida ao machinismo, por meio dos dous gazes (oxigeneo e hydrogeneo), expandidos pelo calorico nos reservatorios, ou gazometros que os encerram, sob uma dada pressão: regenerando-se constantemente o calorico perdido pela recomposição dos dous gazes, que restituem, no estado de liquido, a mesma quantidade de calorico, que haviam absorvido no estado de gaz; o que equivale ao effeito de uma combustão permanente.

Tal é ao menos o pensamento do inventor, o qual poderá talvez ser ainda modificado pelos resultados da experiencia.

Terminaremos esta noticia, transcrevendo textualmente o que diz o artigo do Jornal, á que nos referimos, sobre o estado dos trabalhos do Dr. Carosio, no empenho de realisar o seu grandioso pensamento.

« As difficuldades imprevistas que de ordinario entorpecem a marcha dos inventores; os obstaculos que de toda parte surgem na origem de qualquer grande criação, como que para pôr á prova o genio, e medir a força da sua obra; haviam infelizmente retardado por muito tempo a execução de experiencias decisivas sobre a invenção do Dr. Carosio.

Mas o patriotismo dos Genezes veio enfim auxiliar efficazmente os esforços perseverantes do seu compatriota. Em o anno proximo passado (1853) uma sociedade anonyma, autorizada por um decreto do Rei da Sardenha, se formou em Genova; e como por encanto reuniu ella dentro de

breve tempo o consideravel capital de 2 milhões de francos, para levar a effeito a applicação pratica dessa feliz descoberta.

Foi então que Carosio, munido de recommendações officiaes do governo Sardo, para os seus agentes em paizes estrangeiros, partiu logo para Londres, a fim de commetter a execução do seu apparelho á artistas habéis, e á engenheiros experimentados.

Depois de um anno de bem succedidas experiencias, um primeiro apparelho, construido por conta da sociedade de Genova, sob a direcção do distincto engenheiro Prussiano « Mr. Siemens » achar-se-ha em estado de funcionar antes do proximo inverno.

S. M. o Imperador (Napoleão), querendo animar a realisação desse novo progresso da sciencia, decidiu, que um apparelho semelhante da força de certo numero de cavallos, fosse construido por sua conta no Conservatorio das Artes de Paris, sob a intelligente direcção do general Morin.

Assim artistas inglezes e francezes trabalham neste momento á porfia, para activar a realisação de uma descoberta scientifica, que parece destinada a espantar o mundo por sua immensa utilidade industrial.

Cousa admiravel! esta machina não consomme, se não o que ella mesma produz pela sua propria força: e esta força, em opposição á do vapor, não é limitada pela condicção das resistencias. Esse apparelho emfim não occasiona os gastos do combustivel que exigem as machinas de vapor, nem comporta os seus perigos.

A applicação da Pilha-Hydrodynamica á locomoção naval dará ao seu inventor o direito de poder dizer com justo orgulho— se o meu compatriota Colombo teve a singular fortuna de fazer a descoberta da America; á mim coube-me a gloria de descobrir o verdadeiro meio de approximal-a da Europa. »

Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1854.

C. Baptista de Oliveira.



THEORIA DA VISÃO.

Ha mais de 22 seculos que o maravilhoso phenomeno da visão tem sido profundamente estudado por intelligencias superiores nas sciencias commologicas, desde Platão até os nossos dias. E posto que a optica, ou a sciencia da luz, modernamente levada a grande perfeição, pareça ter já explicado satisfactoriamente as funcções essenciaes do orgão da visão, ha todavia uma circumstancia assás notavel, sobre a qual não estão de perfeito accordo as opiniões dos sabios que mais particularmente se tem occupado deste objecto.

O trecho que passamos a transcrever, extrahido do Elogio Historico de Thomaz Young (obra do illustre Arago, cuja perda lamentavel acabam de soffrer as sciencias), fará conhecer em termos precisos a ultima palavra da sciencia em tal assumpto.

« Na mão poderosa deste grande homem (Kepler), o olho transforma-se definitivamente no simples aparelho de optica conhecido pelo nome de—camara escura: *a retina ahi serve de painel; e o crystallino substitue a lentiha de vidro.*

A' esta analogia que fôra geralmente adoptada pelos sabios depois de Kepler, oppunha-se ainda uma unica difficuldade. A camara escura, bem como uma luneta ordinaria, deve ser ajustada em relação á distancia variavel dos objectos: quando estes se approximam, é indispensavel affastar convenientemente o painel da lentiha; e ao contrario approximal-o desta, quando os objectos se acham mais distantes.

Conservar ás imagens a maior distincção possivel, sem variar a posição do painel, em que ellas se pintam, é portanto cousa impossivel, a menos que a curvatura da lentiha possa variar, de modo que ella augmente em relação aos objectos visinhos, e diminua pelo contrario para os que estão affastados.

Entre estas differentes maneiras de obter imagens distinctas tem a natureza feito inevitavelmente uma escolha: por quanto o homem pôde vêr com grande distincção os mesmos objectos collocados á distancias muito desiguaes.

A questão assim posta tem sido para os physicos objecto de serias indagações, e de debates scientificos, nos quaes figuram grandes nomes.

Kepler e Descartes sustentam, que o globo do olho é susceptivel de *alongar-se* e de *achatar-se*, segundo as necessidades da visão.

Poterfield e Zinn, pretendem que a lentilha *crystallina* seja *movel*; podendo approximar-se ou affastar-se da retina, segundo o exigir a distancia do objecto.

Jurin e Musschembroeck admittem uma conveniente alteração na curvatura da *cornea*.

Sauvages e Bourdelot admittem tambem a variação de curvatura, mas no *crystallino* sómente. E é esta a opinião sustentada por Thomaz Young; nada ha mais simples que a sua argumentação; e nada mais engenhoso, que as experiencias que a fundamentam.

Young elimina primeiramente a supposta variação de curvatura na *cornea*, com o auxilio de observações microscopicas, que teriam podido apreciar a mais pequena alteração na curvatura dessa membrana.

A segunda das tres hypotheses admissiveis, a saber, a que se refere á alteração nas dimensões do orgão da visão, é por elle combatida vigorosamente por um complexo de objecções e de exigencias, ás quaes seria difficil resistir.

Assim o problema parecia irrevogavelmente resolvido. Com effeito, se dadas tres soluções possiveis, duas destas são eliminadas, força é concluir a verdade da terceira que resta: se o raio de curvatura da *cornea*, e o diametro longitudinal do *olho* são inalteraveis, segue-se a necessidade da alteração de fórma no *crystallino*.

Não se contenta porém Young com esta rigorosa illação, e vae mais longe: prova directamente pela delicada apreciação dos phenomenos, que acompanham a deformação das imagens, que o *crystallino* muda realmente de curvatura.

Pelo auxilio de instrumentos de sua propria invenção, ou por elle aperfeçoados, verificou Young que as pessoas operadas de cataratas perdem inteiramente a faculdade de ver distinctamente á distancias diversas. »

Tal é presentemente o estado da questão, parecendo aos homens competentes na materia, que os ultimos trabalhos de Young completaram já satisfatoriamente a solução do muito interessante problema da visão.

Não é pois sem fundado receio, que ousamos chamar de novo a attenção dos homens da sciencia para este ponto delicado da optica: offerecendo á sua consideração observações nossas sobre este objecto, as quaes longe de

contrariarem a theoria de Young, tendem pelo contrario a dar-lhe maior amplitude, se todavia poderem ser confirmadas por factos devidamente averiguados.

Ha muito que haviamos verificado em nós mesmo, que a faculdade de vêr distinctamente os objectos collocados á qualquer distancia, não é igual para os dous olhos: fazendo-se sempre mais distincta a visão no *olho direito*, em relação aos objectos de uma dada grandesa, e collocados á certa distancia, do que no olho esquerdo; tendo lugar o facto contrario, quando esses mesmos objectos são vistos de qualquer outra distancia maior, na qual se faz mais perfeita a visão do *olho esquerdo*.

Por muito tempo attribuimos esse facto á vicio organico de um dos olhos (o direito), na supposição geralmente recebida de que ambos esses órgãos devem ter no seu estado normal identica conformação. E, com esta mesma opinião anteeipada tem dirigido as suas investigações todos os sabios, que até Young se occuparam deste assumpto.

Reflectindo porém casualmente sobre as circumstancias que acompanham o facto em nós mesmo observado, fomos levados a concluir, que ou essa opinião não é fundada, ou precisa ser chamada á acurado exame. Por quanto admittindo-se que ha vicio organico em um dos dous olhos, que vê distinctamente de *perto*, mas vê mal ao longe; força é concluir, que o outro olho (funcionando isolado do primeiro), vendo mal de *perto*, mas distinctamente ao *longe*, se achará igualmente viciado no seu organismo, e por modo diverso do primeiro.

Semelhante illação importaria um defeito apreciavel na força da nossa vista, a qual por outra parte reconhecemos ser tão boa, como a de qualquer outro que a tenha excellente; a menos de concluir-se dahi, que não ha talvez um só individuo da nossa especie que tenha os olhos perfectos; proposição certamente gratuita, senão merece mesmo ser qualificada de absurda.

Na hypothese pois de verificar-se o mesmo facto em qualquer outro individuo, cujos órgãos da visão se considerem no seu estado normal (o que supponmos muito provavel); ficará irrevocavelmente reconhecida a existencia normal de uma notavel differença no organismo dos dous olhos no mesmo individuo, em harmonia com o fim especial, á que é destinado cada um delles no phenomeno da visão.

Isto supposto, nada mais simples e comprehensivel, do que a explicação da visão distincta á distancias differentes; visto que em taes circumstancias devem funcionar os dous olhos, como fariam dous aparelhos dioptricos, ou bem duas *lunetas achromaticas* de differente poder e alcance:

de modo que nas menores distancias; e para os objectos de uma dada grandeza predominará o exercicio de um dessesapparelhos, em quanto o outro funciona como auxiliar; e vice-versa na hypothese contraria.

Esta notavel circumstancia, posta á par do modo pratico porque avaliamos com a simples vista a distancia dos objectos (isto é, pela parallaxe, que nelles fórma a intersessão dos eixos opticos dos dous apparelhos da visão, dentro dos limites ao menos em que esse angulo é apreciavel), offerece-nos mais um novo, entre o sem numero de maravilhosos exemplos, em que a natureza ostenta a admiravel simplicidade e economia dos meios de execução nas suas obras.

A maneira porque assim explicamos o phenomeno da visão, á distancias diversas dos objectos, não exclue a necessidade da curvatura variavel e espontanea do *crystallino* em ambos os olhos (admittida por Thomaz Young, e diremos mesmo demonstrada nos seus luminosos trabalhos sobre este objecto), dentro dos limites da visão distincta para cada um desses orgãos.

Será porém consequencia necessaria da hypothese sobre que discorreremos, *que o crystallino, no organismo proprio de cada um dos olhos no mesmo individuo, exista desigualmente afastado da retina; ou bem, que a curvatura do crystallino tenha diversa fórma n'um e n'outro olho*: podendo tambem admitir-se a variação espontanea na distancia do *crystallino* á retina, semelhante á que demonstrou Young dever ter lugar no raio de esphericidade desse orgão, dentro de necessarios limites.

Confirmado que seja, por observações convenientemente feitas, o facto capital que é objecto da presente nota, restará ainda verificar a realidade das modificações acima indicadas, na constituição physica dos dous orgãos da visão, no mesmo individuo; mediante trabalhos anatomicos, dirigidos com discernimento e habilidade. Neste intuito convidamos os homens da sciencia, para que tomando este objecto na consideração que lhes deve merecer, procedam ás indagações que demanda a solução de um problema de tamanho interesse para um dos ramos mais importantes da physica experimental.

Não dissimularemos, que taes indagações suppõem nos homens, que nelles se empenham, além de conhecimentos profissionaes de ordem superior, particular discernimento e dexteridade na arte de operar; e sobre tudo a maior perseverança no proseguimento de trabalhos tão delicados e difficeis. Em apoio desta observação citaremos ainda algumas palavras do illustre Arago, extrahidas do mesmo Elogio Historico de Young, e são as seguintes:

« Os physiologistas não lêem os bellos trabalhos de Young, porque estes

suppõem conhecimentos mathematicos, que se não cultivam nas Faculdades. Os physicos por sua parte os tem tambem desdenhado, porque nos cursos da sciencia, ou nas obras impressas, o publico contenta-se com as noções superficiaes, que bastam todavia para satisfazer a ambição de espiritos vulgares. »

Pelo que respeita porém ao facto capital, relativo á differença da força de visão nos dous órgãos do mesmo individuo, está elle felizmente ao alcance da averiguação de qualquer homem curioso de commum intelligencia; uma vez que procure primeiramente adquirir o habito de vér isolada e alternadamente por cada um dos dous olhos, o que sem duvida não poderá bem executar nas primeiras tentativas.

Abra-se um livro p. ex. na distancia da leitura ordinaria: e fechando alternadamente cada um dos dous olhos, achar-se-ha, que a visão se faz mais directa em um d'elles (o direito talvez).

Colloque-se a luz de uma bugia na distancia de 10, 20 ou 30 passos, e achar-se-ha (procedendo como no primeiro caso), que no outro olho (o esquerdo) a visão se faz comparativamente mais distincta, do que no direito, á medida que o observador se affasta da bugia; sendo a chamma desta o objecto contemplado na experiencia.

Rio de Janeiro, 25 de Setembro de 1854.

C. Baptista d'Oliveira.



ODE

À FORTUNA.

Com soltas azas revolvendo o mundo
Adejas, vil Fortuna,
Por entre as cegas, e ignavas gentes
Plantando os teus altares.

Queres, Fortuna, que em despeito á honra,
Súplice ás tuas aras,
Depôr eu vinha envergonhados votos,
Iro em vão supplicando
Aureas divicias de opulento Creso?
Não, que teus dons não busco...

Detesto a Midas convertendo em ouro
Quanto toca, e na fronte
Asininas erguendo amplas orelhas.
Do amedrontado Amyclas

Em fraco lenho turvos mares sulcas,
E ao mugir da tormenta,
Transformada em prazer cãmpéas, folgas
No coração de Cesar.

Após n'um vôo de vaidosa encaras
A face d'Universo,

E na Pharsalia em mortuario campo
Pões baldão indelevel

Na gloria quirinal, e vás em Uttica
Com o sangue de Catão

Em negro livro de fataes proscriptos
Lançar de Julio o nome.

Entre as aguias de Roma o infrene Marte
Em Philippos troveja

Matando a filha do primeiro Bruto...
Vae servir-lhe de auriga,

Honricida, sacrilega Fortuna!
 Lá vê morrer os bravos,
 Os ultimos Romanos! Lá triumpham
 Os escravos dos Cesares,
 E Roma altiva, mais soberba Roma
 Por sua liberdade,
 Que por tantos trophéos, conquistas tantas,
 Vê succumbir escrava
 Ao despota do Accio, ao novo despota.
 Ante o servil Triumviro
 Sorrindo quasi com o Imperio acenas,
 E affagas o aspide,
 Que nas veias de Antonio e de Cleópatra,
 Embebe a prompta morte.

Audaz singrando dessulcados mares,
 Vencendo de arrojado
 Pallidos medos, improbas fadigas,
 La vae o afouto Gama,
 Ao som tartareo do insoffrido bronze
 Pelas plagas eóas
 Soltar ás auras não pendões vencidos
 Da derradeira Hisperia.

Onde o imperio, que opprimira os mares,
 Com mil tumidas naves,
 Cujas bandeiras tremular fizeras
 D'Oriente ao Occidente,
 E sempre invictas, gloriosas sempre,
 Incllyta Lusitania?
 Fallaz Fortuna, das augustas Quinas
 Despojaste-lhe os louros,
 Com que adornaste do pendão Saxonio
 Os blasonados Brutos!

Sôfrego amando nem sonhadas glorias
 Scismando novo passo
 Por virgens mares, ás Titaneas terras,
 Lá vae Colombo impávido,

Das entranhas do mar pôr á flôr d'agua
 Um novo, ingente mundo,
 Cujó imperio de vasto ostente; e livre
 De Isabel e Fernando
 Nos hemispherios dous o sceptro illustre,
 E após da inveja os ferros
 Arrastra, e morre de pezar mirrado
 O que da terra aos mares,
 Bradou :— Curvae-vos, revoltadas ondas,
 Que os povos agenórios
 O immenso vejam, portentoso mundo,
 Que sob um céo immenso
 Cingis de equóreo amplexo!— E como a um nume
 O mar lhe obedeceu.

A' pinhos, que vingado hão tantas vagas
 Férvido, e resolutó
 Atéa as chammas infernal guerreiro,
 E nas azas da morte
 O fogo, o ferro, que vomita o bronze
 Domam, despedaçado
 De Montezuma o miserando imperio;
 E velho, e pobre acaba
 O indómito heróe do novo mundo,
 Victima do desprezo
 De um rei ingrato, de um ministro injusto!
 Onde, ó Cortez, agora
 Essa Fortuna, que te déra tantos
 Do novo mundo reinos?

Da primavera tua as curtas flôres,
 Fortuna, não me illudem :
 Eu amo o teu furor, não tens sorrisos,
 Que só és nelle ingenua !
 Só nelle firme, que no mais versatil,
 És, mentida Fortuna,
 De Thémis o baldão, a injuria della,
 E da virtude opprobio!
 Fraca, do teu fallaz mais fraco imperio
 As leis servis detesto,

E ao teu templo iniquo a limpa face
 Indifferente vólto.
 Fervam perennes d'ambição os votos
 Embora em tuas aras,
 E de putrido incenso infames ductos.
 Off'reça em teus altares
 Ignaro vulgo, que os teus cultos ama;
 Que eu livre do teu jugo
 De teus fulgentes, combiantes mythos
 Me rio escarmentado.

Levava a sorte meu baixel sem rumo
 Por mares não sabidos,
 E tu nos picos de inaradas serras
 Crestaste negaceira
 A' horrascosa noite o manto impervio
 Com os fogos de Nauplio!
 Perfida astucia, que a naufragio trouxe
 O meu barco insciente
 Nos capharêos rochedos. Vae-te, céga...
 Que tão rica, um sequer
 De teus dons não gozei, que tanto ostentas!
 Si em teus banquetes perfidos
 Me fiasse, ó Fortuna, morto á fome,
 Hospede mal contente
 Da mesa Phinéo sahir me viras:
 Mas, si d'hasta achilléa
 O duro ferro me rompêra o lado;
 Tambem, qual novo Télépho,
 Busco no mesmo ferro a propria cura.

Indigna Sthenobéa,
 Guarda teus dons, que á custa de baixezas
 Não quero os teus favores.
 Rompó de afouto as perfidas messiyas
 Da impostura artefacto:
 Bellerophonte indomito cavalgo
 Sobre o alado Pégaso,
 E de teus risos vencedor combato
 A Chymera Flammivoma,

Revoltosa cubiça criminigera,
 Thyphêo, que ao céo se atreve!
 Ostenta embora tuas pulchras aras,
 Vae-te pois, que não quero
 Servir-te as aras, que servir-te fôra
 Baldoar descarado
 As santas aras da louçã Virtude.

Alma assás inflexivel
 Deu-me o céo em um corpo tão pequeno,
 Que curvar-se, não póde
 Até rojar com a face o pó da terra,
 E nelle apanhar honras,
 Que arrojas caprichosa aos que por grandes,
 E por almas flexiveis
 Pódem coser com a terra, e sem trabalho,
 A face deslavada,
 E do delubro teu varrar as plantas
 Com desbriosa barba.

Quero morrer, pequeno, entre os suspiros,
 De amorosa familia,
 Sem que me contem, com prazer, mais sofregos,
 D'agonia os soluços
 Os ouvidos de prodigos herdeiros,
 Com os ávidos olhos
 Devorando as gavetas de insoffridos!
 E sobre o meu sepulcro,
 Ermo, sem— aqui jaz— sem Cruz, sem lagem,
 Assás me honra uma lagrima
 Da triste esposa, dos saudosos filhos,
 E de um, ou dous amigos.



N'UM ALBUM.

Ah! não penses que o peito do vate
É cratera de eterno volcão,
Que essas horas da vida são flôres
Que não pendem, não morrem no chão.

Ah! não penses que o lume em seus olhos
É planeta de eterno brilhar,
Que em uns olhos não póde uma lagrima
Vir o brilho celeste empanar.

Ah! não penses que a eterna harmonia
Que a uns labios formosa baixou,
Será sempre suave, divina,
Como aquella que em Deus se creou,

Semideos, entre a terra e os céos,
Duplo fado lhe deve tocar:
Um sorriso no amor, na esperança,
Deseuganos por onde passar.

Porto-Alegre.



**Á reaparição, na tribuna sagrada do Sr. Fr.
Francisco do Mont'Alverne, na festividade
de S. Pedro d'Alcantara, na Capella Impe-
rial, em 19 de Outubro de 1854.**

CANTICO.

.....
Orietur in tenebris lux tua, et tenebrae tuae
erunt sicut meridies.

ISAIE, LVIII, 10.

Eu o vi! como ainda era sublime!
Alquebrado dos annos, carcomido
De tenaz, pesarosa enfermidade;
Mas robusto na fé, firme nas areenças,
Todo cheio de Deos, quam nobre, e grande
A divina palavra entre seus labios.
Com quanto fogo trovejava ainda!

Eu o ouvi!— Como espigas em seus sulcos
Firmes, bastas, unidas, conchegadas,
Que nem deixam coar da brisa os sopros;
Tal conchegado, unido, basto, firme,
De um lado a outro, do adro ao presbyterio,
Em sublime silencio um povo estatico,
A'vido da palavra augusta, e santa,
Santa por Deos, augusta pelo homem,
Que a ia trovejar.... com que respeito
Esse povo aguardava essa palavra!

Eu o vi! inda grande, magestoso
 Surgir sob as abobadas do templo,
 Do Espirito de Deos todo encendido!
 Sulcada a fronte de fataes desgostos,
 Ó corpo macerado, o rosto pallido,
 Se ostentando com mór aspeito emphatico
 Por sobre a noute do burel seraphico...
 Nessa fronte eloquente arfavam inda
 Rugas, que foram do pensar outr'ora,
 E hoje do soffrer talvez... quem sabe?

Eu o vi! e ouvi, como um mysterio
 Indefinivel, vago, incomprehensivel!
 Visão solemne, que o passado vinga!
 Phantasma egregio recordando glorias!
 E na Cadeira, que já foi seu throno,
 Surgiu, tal como a sombra de um heróe,
 Que do tumulto tremenda se levanta
 A reprehender dos vivos a indolencia!
 E surgiu, como um bardo, que desprende,
 Com carrancudo, vingativo aspecto,
 De um tronco em que a desgraça pendurára,
 Ha tanto tempo, a lyra desditosa,
 E as cordas temperando um hymno ajusta-lhe,
 E ao som de seu hymno um louro pede!
 Mais augusta não foi, nem mais terrivel,
 Quando do Eacide a sublime sombra
 Pedia em cultos a Priamea virgem!

Eu o vi!— Quanta luz nas sombras suas!
 Abaixo delle um povo, que o ouvia,
 Cuja fé elle mesmo acrysolava!
 Em torno delle os anjos, que o inspiravam,
 Cuja esperanza agora era elle mesmo!
 Acima delle Deos, e cujo Esp'rito
 Seu coração de caridade enchia!
 E ante Deos, entre os anjos, sobre o povo,
 Grandioso, sublime trovejava
 A Palavra de Deos solemne, augusta,

Com tão suprema unção, com tanto fogo,
 Como já de Theodosio sobre a fronte
 A Palavra de Deos vibrara em chammas
 Dos labios santos do immortal Ambrosio!

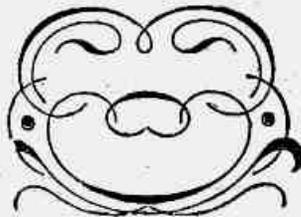
Eu o vi!... mas... de sombras rodeado!...
 Apagado em seus olhos dolorosos
 D'alampada do sol o fogo ethéreo,
 Esse fogo de Deos, então mais puro,
 Ardia com tal impeto em sua alma,
 (Onde a resigração, a fé, a esp'rança
 As verdades da fé mais lhe apuravam),
 Que as Palavras de Deos, uma por uma,
 Cahiam de seus labios, como chammas,
 Que abrasavam de um povo immenso os peitos;
 Ou como do Vesuvio a lava ardente,
 Que inunda e abrasa, e abrasa a quanto inunda;
 Tal, como a ardente lava do Vesuvio
 Sua palavra incendios ateava!

Eu o ouvi! e senti no imo do peito
 Bater-me o coração, como batêra,
 Quando... ai quando o ardor dos verdes annos
 Em minhas veias me queimava o sangue!
 Senti calar-me o peito a chamma angelica,
 Que ardia na sua alma, e em santo arroubo,
 Por sobre os raios da fulgente Gloria,
 Aureos degrãos da elara eternidade,
 Senti se erguer minha alma á par da sua!

Eu o ouvi!... mas o ouvi com que saudade
 Do seu, e meu passado! Oh! quam mudados
 O meu sangue, e seus olhos eu notava!
 Em seus olhos faltava a luz do dia,
 No meio sangue o vigor da mocidade!
 Para elle no mundo a noute sempre,
 Para mim uma luz, mas sempre triste,
 E para ambos a esperança morta!
 Mas que importa a cegueira do teu corpo

Si arde tua alma na perenne chamma,
Dos céos baixada, que abrasava outr'ora
Ambrosios, Agostinhos, e Bernardos?
Eia! volta mais vezes, volta, e entorna
A chamma de tua alma em nossos peitos;
E será essa noute de teus olhos
Oceano de luz para tua alma,
Fogo da Gloria, fogo, que não morre,
Que em torno de teu Nome sobre a terra
Arderá, como o sol do meio-dia
Immutavel, perpetuo, e sempre bello!

Mancebos, que folgaes, com o rir nos labios,
Que as velhas famas alcunhaes de fabulas;
Não, vossos paes, mancebos, não mentiram;
Vós o vistes! e o vêdes ladeado
De immaculada auréola de Gloria!
Pois bem: um culto, ó moços! Esse frade,
Sabio, eloquente, e puro, é— MONT'ALVERNE!



O MUNDO E O PROGRESSO.) 386

I.

Aos olhos do philosopho, e no sentir do observador é este mundo um kaleidoscopio de colossal dimensão: as cambiantes, e multiplices côres, as caprichosas figuras, que umas ás outras se succedem na perenne circumvolução do desmesurado instrumento, sempre novas na apparencia; embora algumas vezes reproduzidas quanto ao seu fundo, representam os fastos da ampla historia da humanidade: não abarca porém a vastidão de semelhante obra a contingente intelligencia do homem, e apenas lhe é dado soletrar á custa de perseverante estudo algumas paginas deste *folio gigantesco*: A geração humana está ainda em seu tirocinio, não obstante o decurso de quasi cincoenta e nove seculos depois que a alma, palavra de um Deos animalisando a argila cahotica erigio a fabrica do mundo, e metamorphoseou o nada em ser. Até quando porém permanecerá nesta aprendizagem o filho predilecto da criação, só o sabe aquelle, que o formou; porque a philosophia apenas pôde *a priori* conjecturar que jámais a sêde do saber terá completa saciedade. A avidez de sciencia é a força vital da organização intellectual; o esforço incessante de alcançar a verdade, que muitas vezes nos escapa, e muitas outras não se nos apresenta inteira, — o estímulo dessa mesma vitalidade; e nesta lucta renhida, que constitue a vida, embora muitas vezes o erro, e a ignorancia tenham cahido aos golpes da razão, sempre o triumpho é parcial, porque só Deos é plenamente sabio.

II.

Não foi entretanto a humanidade condemnada ao supplicio de Sisypho; a infatigavel aspiração á verdade, e ao saber não tem um resultado illusorio: o progresso é o filho legitimo da intelligencia e do estudo; mas o effeito não podia deixar de resentir-se da natureza da causa; o filho não devia degenerar de seus progenitores; e o progresso seguiu a lei eterna da hereditariedade. Por mais vasto pois que se nos afigure, o progresso do espirito humano está, e nem podia deixar de estar, na esphera das forças

do homem; sempre relativo, e contrabalançado pelo muito que ha ainda por descobrir, e perscrutar; é porém incontroversa sua existencia, palpavel a sua realidade e capaz de ser sentida pelo mais absurdo scepticismo: detalhar as suas especies seria fazer uma infinda ennumerção dos conhecimentos praticos, e especulativos, onde a luz de seu fogo sagrado resplandece como uma aureola de gloria para a geração humana; todos os dias, a todas as horas, por toda a parte elle se traduz sob mil fórmãs, mostra-se em todas as causas, que nos rodeam; e penetra como uma vèa liquida por entre tudo quanto encontra em sua rapida passagem.

III.

Parece que a guerra é o estado natural do homem, disse Voltaire; e si assim parece, porque desde Adam até nós a historia marca com letras de sangue o titulo de seus capitulos; não é menos exacto que essa tendencia luctadora, essa agitação vertiginosa se manifesta tambem em relação aos dominios da ordem metaphysica, e estende sua influencia sobre os vastos campos do imperio da razão. O adiantamento das nações, a illustração dos povos são a somma dos numerosos triumphos alcançados sobre a barbaia, e a ignorancia; estas— as muralhas de bronze, que circulam o templo da sciencia; a conquista d'aquelle — o pensamento dominante de uma cruzada universal. Neste tão diuturno, e por certo interminavel certamente têm alternativamente pendurado tropheos, ganhado victorias, e ovações os diferentes paizes do globo. O velho continente, testemunha da antiga civilisação, assiste ao spectaculo da quèda de assombrosos potentados; vê erguer-se nas vastas solidões de infecundos desertos mais de um imperio florescente, que por sua vez tambem é substituido na grandeza, e poderio por outros ainda mais admiraveis: ora uma, ora outra de suas nações figura por seu turno como vencedora nesta arena sem limites, até que um genio portentoso comprehendendo que a obra divina estaria imperfeita a não existir um complemento para o mundo então conhecido, arrostando as zombarias de insensatos, correndo os perigos de inhospitos mares, cheio de fé e de sciencia descobre a America!... O novo continente engrossou tambem as fileiras dos crusados; e a guerra do progresso, a lucta contra as trevas do espirito humano, que até o decimo quinto seculo jámais tivera treguas, exceptuado o miserimq periodo desses onze seculos contados da morte de Theodosio o grande á epocha de Mahomet II, recrudescce, e se encarna até nossos dias: a humanidade porém sempre vencedora arvora quasi por todo o mundo um estandarte glorioso com a legenda— *Christianismo e Civilisação*.

IV.

Mas a lei invariavel, que rege tudo quanto é contingente, ainda mais uma vez tinha de ser cumprida. O berço da raça humana, essa Asia, onde outr'ora scenas tão memoraveis se passaram, esse templo magnifico, onde mysterios tão sublimes se consumzaram, cede de seus triumphos; já não empunha a bandeira do progresso; a adusta Africa acompanha-a em seu tardio caminhar, e do mundo antigo só a culta Europa marcha na vanguarda, porfiando cada uma de suas nações á qual caberá a victoria: seu exemplo anima o novo Continente; e o colosso do Norte já revalisa com seus irmãos europeos; o Brasil, monarcha do Meio dia americano, segue com passo intrepido após os seus dous precursores.

V.

Reconhecida, como incontestavelmente o é, a existencia de um adiantamento, que assombra, de um progresso, que maravilha a actualidade do nosso seculo, façamos gyrar o kaleidoscopio: observemos o espectáculo, que elle nos apresenta.

VI.

Por um momento distrahidos do combate incruento, que tem por fim alargar o territorio dos conhecimentos humanos, lá entre os horrores de uma guerra sanguinolenta, sobre as aguas do Baltico e do Mar Negro, auxiliando o Crescente, pelejam o destemido Gaulez, e o valente Bretão contra o rude Sarmata, que ameaça assentar a côrte do *Samoderjetz* na famosa Bysancio: o espectáculo é grandioso e terrifico; suspenso e ancioco pelo evento importante de uma contenda, que affecta e envolve a côrte da Europa, o mundo inteiro assiste stupefacto a este torneio de gigantes.

A Peninsula offerece um quadro não menos atterrador: mas uma vez se realisa a judiciosa sentença do prisioneiro de Santa Helena: *il n'y a que deux puissances dans le monde: le sabre, et l'esprit*: e essas duas potencias, que na phrase do primeiro consul governam o mundo, em todos os tempos e por toda a parte não cessam de seu exercicio: ao passo que estrugem os canhões do Scythia e do Ottomano, refervem tambem na patria de Seneca os explosivos éstos da insurreição militar. Entretanto a Russia e a Hespanha são do limitado numero de paizes europeos, que incolumes atravessaram a crise revolucionaria de 1848, epocha memoravel, que deve

sem duvida marcar o ponto de partida da historia contemporanea para a segunda metade do seculo: estava porém determinado que mais tarde deviam testemunhar o spectaculo de consternadoras batalhas essas mesmas nações, que não sentindo então sequer a contra-pancada do cataclysmo politico foram felizmente exceptuadas da formidavel borrasca, que desaleando primeiro sobre a França circulou a Europa demolindo thronos e instituições tão solidamente arraigadas.

Sacrifique porém a prepotencia e a ambição a vida de milhares de homens; atteneue muito embora um motivo religioso a immolação dessas innumeraveis victimas; aguardemos o futuro, respeitemos os designios de uma Providencia insondavel; e religando o fio das considerações expendidas ácerca do progresso inherente á humanidade, demoramos as vistas da ingrata scena das lides marciaes.

VII.

Não muito fóra de proposito será talvez, agora que perfunctoriamente fallamos do progresso, e adiantamento das cousas humanas, notar certa tendencia por assim dizer materialista, que ha algum tempo se observa em um numero felizmente pequeno de modernos escriptores. Parece que a originalidade, e implicito proveito dos numerosos descobrimentos feitos em quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos, relativos ás necessidades da actual sociedade, e bem assim a fascinadora realisação de milagres artisticos lhes têm *ultra modum* impressionado o coração, e o espirito pela convincente logica das vantagens directas e immediatas, que tal genero de progresso apresenta: dahi um pendor decidido para tudo quanto lhes parecendo não ser de natureza a fluctuar na atmosphaera metaphysica, gravita para o centro de um solido positivismo. Esta opinião porém, que rendendo assim cultos á materia, e formando o que talvez se podesse denominar—*plasticismo*—, tão pernicioso seria, como a que se lhe antepõe nutrida só de chyméricas abstracções, não é por certo mais que a expressão de momentaneo entusiasmo involuntariamente produzido, e instinctivamente manifestado ante o irresistivel attractivo de um representante de nossas commodidades, ou de um cégo agente substituidor do trabalho. Bem longe de merecer desapprovação esses sensiveis resultados, e patentes signaes da civilisação de hoje, cumpre ao contrario que sejam applaudidos em seu apparecimento; mas sem jámais deverem ser considerados, a despeito de suas vantagens praticas, como o verdadeiro e unico genero de progresso com direito aos nossos esforços, é mister ter sempre em vista que não são

mais que a traducção material, a transformação plastica das idéas, a condensação da intelligencia humana sobre fórmãs desertas e applicações variaveis. Puramente declamatorio é por tanto o fôfo dogmatismo desses Sacerdotes de um culto material, que, thuricremando ante o delubro do idolo de um progresso tactil, tem sempre prompto o epitheto de inutil para o adjectivarem ás especulações do espirito, julgando em pura perda todos os esforços e investigações feitas no terreno ethereo do pensamento: por si mesma porém se derriba esta nova especie de idolatria. Que importa, por exemplo, o espantoso concurso de cidadãos de todas as partes do mundo apinhados no immenso ambito dessa maravilha chamada — Palaeio de Crystal—, pasmando diante de uma exposição de admiraveis milagres da arte, observando o apparente triumpho da materia sobre o espirito? Que importa que deixe solitarias as vastas abobadas, sanctuario respeitavel, que guarda embalsamados os pensamentos e idéas dos sabios de todos os tempos, a enthusiastica multidão que corre soffrega ao vestibulo do Pantheon da Industria?.. O monumento colossal, que tantos prodigios encerra, é sem duvida o padrão attestador de um progresso irrecusavel; mas a sua visitação não pôde ser senão a involuntaria homenagem rendida pelo homem á intelligencia do mesmo homem: as machinas engenhosas, que a industria tem exhibido são o effeito das leis immutaveis, e eternas, que a Physica e a Mecanica descobriram, e que á força de aturado estudo, caminhando primeiro de hypothese em hypothese, de abstracção em abstracção, mais tarde applicaram creando esses seres materiaes, cuja alma procede do seio divino da intelligencia: todos os inventos modernos, todos os descobrimentos immortalizados pelas vantagens directas, e proveitos immediatos, que trazem á sociedade, mais não são do que o resultado dos esforços, das pesquisas, das investigações e trabalhos feitos *a priori* em todas as sciencias, e do consequente progresso nellas obtido: são a sua expressão, são o seu mytho. Antes que a locomotiva destruísse as distancias, antes que o balão devassasse os ares, antes que o *gaz light* illuminasse com seu brilhante splendor as ruas e praças; antes que o telegrapho electrico estipendiasse o raio para com sua velocidade servir de correio ao homem; antes que a bussola dirigísse a ambição dos conquistadores; antes que o galvanismo servindo a um luxo fastuoso aurificasse todos os metaes; finalmente antes que tivessem apparecido todos esses portentos da industria moderna; já a Mecanica, a Statica, a Chymica, a Physica, e todas as sciencias sabiam, e conheciam as causas, e os meios capazes de crear taes entidades; o correr do tempo foi amadurecendo os dados, que nellas preexistiam ao artefacto; e o progresso material appareceu, como o carnoso e sasonado fructo da arvore de sciencia.

A' taes revolucionarios, ardentes proclamadores de melhoramentos materiaes, pregoeiros laudativos dessa sorte de adiantamentos, e que parecem olhar estrangidos para todas as tentativas scientificas e litterarias, onde o seu mal entendido positivismo não descobre logo uma vantagem pratica, bem applicado fôra parodiar o celebre apologo do conciliador Menemio Agrippa; porque de certo não menos uteis são. Os que se entregam ao cultivo abstracto das sciencias e das letras, do que aquelles que applicando os principios, e as leis por ellas descobertas em vez de escrever um livro inventam uma machina: os primeiros representando os nobres da Republica antiga, parecem aos olhos de taes revolucionarios passar ociosamente o tempo, são imitando as palavras de Agrippa, o estomago, donde por uma serie de elaborações se prepara o sangue que terá de animalisar os segundos, isto é, os membros do corpo social. Toda a predilecção pois por semelhante positivismo só vêm a reflectir sobre o progresso, que o espirito humano faz todos os dias na sciencia; e tanto mais perfectos serão seus mesmos representantes materiaes da civilisação, quanto mais variada, succulenta e abundante fôr a alimentação do espirito, placenta, que os nutre e vivifica. Em uma palavra a machina não póde, nem deve ser aguilhotina da idéa.

VIII.

Uma vez convencidos destas verdades, concentremos a attenção sobre o ninho patrio: fitemos os olhos sobre o Brasil, magestosa monarchia do Sul da America, proverbialmente chamado grande, cheio de recursos de toda a especie: demoremos as vistas sobre elle, que, como já dissemos, marcha após da Europa e da União Nort'Americana, com passo intrepido nas fileiras dos soldados do progresso; e que para gloria e fortuna de seus filhos é tambem por um Pedro dirigida nesta cruzada universal.

Sem remontar á origem, e entrar nos detalhes por demais conhecidos da sua historia politica, consideremol-o summariamente desde o fausto momento, em que para seu fertil sólo se transplantára a frondosa arvore de Bragança.

Colonia da vestuta Lusitania, o Brasil sujeito á marcha de todos os povos da terra, apenas nascido, começou a desenvolver o germen congenito das luctas, que ensanguentam as primeiras paginas da historia de todas as nações; o Monarcha portuguez aporta ás suas plagas, eleva-o á cathegoria de Reino; um primeiro impulso de progresso o anima: mais tarde o magnanimo filho de João, retirado este aos lares da patria, idolatrado pelo povo, capitanea o movimento, identifica-se com a sagrada causa da liberdade

do Brasil, e solta o grito de— Independencia ou Morte—, cujo écho já mais terminará suas ondulações. Mas pouco tempo goza o immortal Pedro da magnitude de sua obra, e depondo expontaneo sobre uma fronte ainda tenra a gloriosa corôa de Monarcha Brasileiro, vae pressuroso firmar em outro hemispherio vacillante diadema de uma filha prezada. Novamente as ondas dos partidos se encapelam; nove annos de agitação enluctam o Brasil; mas a Providencia desvelada pela sorte do mais bello torrão do globo inspira ao filho do Libertador Brasileiro um— já— sonoro, que repercute em todos os corações; e o segundo PEDRO sóbe ao throno no meio da mais enthusiastica demonstração de alegria. O volcão da discordia civil sopita então as suas lavas, que só dous annos depois deixa escapar, parecendo pela ultima vez ter feito explosão, quando em 1848 a scentelha desprendida da cratera demagogica da França atravessandó o atlantico atêou o incendio das paixões, extincto felizmente em breve espaço. Daqui começa um novo periodo, onde a paz, e o progresso, que em seu regaço cresce e vigora, annunciam um porvir de ventura. Prudente e sabia direcção á par de um sincero espirito de fraternisação, sementes, que tendo já germinado, vão pouco a pouco mostrando ao paiz, bem que ainda tenro, o viçoso caule que mais tarde sustentará a arvore frondente, sob cuja cópa se abrigaram as instituições de tão vasto imperio, guiam os destinos de um povo docil, governado mais pela brandura do gesto de um Monarcha paternal, do que mesmo pelo austero rigor da lei.

Regido finalmente por um systema, cuja harmonica combinação de peças encanta os theoristas, e satisfaz as mais urgentes exigencias da pratica; patria do talento e do valor; altar vivo da religião de Jesus-Christo; thesouro inexaurível de riquezas naturaes; senhor de virgens florestas, de rios pelagiformes, de montes, que tocam as nuvens; cingindo longo manto azul, cujo latoclaro é o proprio Sol, que lhe illumina a tostada face; o Brasil só carece, para ter ingresso no Senado das Nações, crescer em idade.

Si, como o illustre Gama quando teve de contar a patria historica, não nos cabe fazer o amplicito elogio de um povo conquistador, cujas velhas tradições recórdam brilhantes feitos de heroismo, é innegavel que perpassando rapidamente as vistas sobre o estado do Brasil, temos de lhe render a devida justiça, confessando com prazer que florescente e progressiva é a sua marcha. Não é tarefa, que nos tivessesmos proposto, e menos o admitte tambem a estreiteza do nosso quadro, acompanhar detalhadamente o seu desenvolvimento moral e material, isto é, a sua civilisação; mas basta só reflectir um pouco agora que a convicção desta palpavel verdade cale em todos os espiritos. O gigante do progresso, cujo corpo não se vê, mas que

anuncia a sua aproximação, e presença por mil signaes não equívocos, manifestamente agita, melhora, purifica, e impelle o vasto imperio da Santa Cruz; ao passo que o rotineiro stacionalismo, que ha muito espanca as trevas do tabernaculo. Feliz sem duvida é a oportunidade para severamente explorar a esses novos Jeremias, impertinentes lamentadores da supposta decadencia da Jerusalem americana, o seu falso e mentido zélo pelo Brasil; bem proprio por certo que é o ensejo para invocar o mais esmagador desprezo sobre o interminavel riso sardonico, que de continuo mora nos labios de improvisados progressistas, quando contristados meditam no atraso do seu paiz. Era impossivel que a maledicencia, e o costume de achar em tudo defeitos deixassem de entregar-se ao seu mesquinho exercicio, não encontrando já no Brasil toda a prodigiosa civilização europea, embora a voz do senso commum lhes ponderasse o pouco tempo de existencia sua; embora a historia monographica das nações ainda actualmente as mais adiantadas lhes ensinasse a comparar, guardadas as devidas proporções, o seu estado, quando tinham a mesma idade que tem hoje o Brasil. Sem termos um cabedal de conhecimentos sufficientes para entrar neste exame, pèsa-nos não poder fazer semelhantes confrontações, porque attendendo á todas as circumstancias favoraveis e adversas, que se contrabalançam e neutralisam, talvez pudessemos concluir que relativamente a essas circumstancias o Imperio do Novo Mundo caminha na estrada real de um adiantamento superior ao que tiveram alguns paizes, que agora por sua idade prove.ta estão no apogêo da mais invejavel civilização. É tempo de acabar com o detestavel costume de suppôrmo-nos em um estado de regresso absoluto, e mais ainda de nos julgarmos refractarios dos impulsos de uma civilização, que por todos os lados nos invade: a rotina habitou tambem os paizes, que hoje são o typo do progresso, nos primeiros tempos de seu desenvolvimento. Ouçamos as palavras de Mr. Leon Lalanne, engenheiro em chefe de pontes e calçadas em um artigo sobre a construcção do caminho de ferro de Sceaux, que além de ser simples e seguro, demanda apenas metade da despeza, que com os outros systemas se faz, assim se exprime o imparcial escriptor:— « *Si agora perguntasse o leitor, porque não foi geralmente adoptado este systema tão simples, tão seguro e tão economico, muito teriamos que lhe responder; mas bastará recordar-lhe que Papin, verdadeiro inventor da machina, e dos baneos a vapor; que Fulton, o primeiro, que chegou a construir um navio a vapor em estado de fazer um serviço regular; que Girard, inventor da tecelagem mecanica do linho, e muitos outros viram suas descobertas regeitadas em França pela inercia de uns, e malevolencia de outros: e diz-se que a França é amante da novidade! Si é quanto á moda, talvez que sim; mas, salva esta excepção, não exerce a ortina entre nós um imperio sobre-*

rano? (*) Depois desta ingenua confissão de um homem insuspeito e illustrado, com que direito accusaremos exclusivamente o Brasil de um atrazo vergonhoso, de uma negação a tudo quanto tende a fazel-o progredir, se vendo que na propria França ainda ha bem poucos annos exercia a rotina um imperio soberano? Dependerá porém esta regida censura ao nosso pretendido acanhamento de não possuirmos já a avultada somma das infinitas commodidades, desses grandes aperfeiçoamentos materiaes, desses famosos monumentos de industria, que dão aos outros paizes o caracter de uma civilisação incontestavel? Si de tal causa por ventura depende, por certo que assás injusta é semelhante accusação; pois que além de ser a precoce possessão de taes melhoramentos uma aberração na marcha natural dos povos, não podemos até por este lado merecer vituperio, quando quotidianamente testemunhamos a louvavel soffreguidão com que é ambicionada e recebida toda a sorte desses melhoramentos, que *sensim et pedatim* se vão introduzindo em nosso paiz; e embora não os possua o Brasil em tão grande escala, como por exemplo a Europa, e a patria de Washington, é todavia inegavel que em relação a seus poucos annos já de muitos gosa, que alguns paizes mesmo Europeos ainda hoje desconhecem; o Brasil tem pois direito a um posto elevado entre as nações civilisadas, tanto mais, quanto apenas conta trinta e dous annos de verdadeira existencia; e si, como notamos, as tendencias do seculo actual parecem perigosamente dirigir-se ao predomínio absoluto das idéas utilitarias, á absorção do espirito pela materia, sendo hoje o fim dessa crusada universal a enthronisação do progresso tactil, felicitemo-nos por possuir um Homem, que assás comprehendendo o damnoso alcance da exclusiva predilecção pelos melhoramentos materiaes, sabe, como prudente regulador, neutralisar a sua influencia, equilibrando-a convenientemente com a animadora direcção que dá ás instituições scientificas e litterarias do paiz; porque, ao passo que prasenteiro toma em suas augustas mãos o grosseiro instrumento com que solememente inaugura a obra de uma estrada de ferro, com igual interesse e enthusiasmo distribue programmas de questões scientificas e litterarias por entre os cultores do espirito.

Setembro de 1854.

Dr. Castro Lopes.

(*) Encyclopedie des connaissances utiles, t. 2.º pag. 2824.

MONT'ALVERNE,

O NOVO ORADOR SAGRADO.

A geração actual assistiu a um espectáculo digno da historia, na Capella Imperial no dia de S. Pedro d'Alcantara: Fr. Francisco do Mont'Alverne, depois de um silencio de dezoito annos, reapareceu no pulpito!

O poder irresistivel que o arrancou da sepultura do cláustro, como elle o disse, é aquella Magestosa Realidade que o céo collocou no throno brasileiro, para escurecer todas as reminiscencias do passado, marcar uma época de prosperidade, e levar ás idades do futuro um nome prestigioso, como esses poucos que se apoderaram dos seculos em que viveram, e nelles ficaram como representantes da acção do espirito humano, e de suas tendencias á perfectibilidade. Graças sejam pois dadas a Esse Poder, que com uma palavra ao pobre frade fez mais que o ouro de millionarios congregados.

A grande individualidade que vimos resurgir na cadeira do Evangelho, onde nunca a eclysaram as harmonias de um S. Carlos, as flôres de um Sampaio, e a bella dicção de um Januario, é aquella mesma vigorosa intelligencia de outr'ora, cujas palavras eram como settas unguidas, que atravessavam o coração inteiro de um numeroso auditorio, deixando no seu intimo o balsamo da consolação e da esperanza; daquella esperanza do christianismo, que estende um braço para o throno de Decs, e com o outro se apoia na terra em que choramos.

O sceptro da eloquencia sagrada, o da musa do sanctuario, parecia haver desaparecido com o retiro do ultimo dos astros da antiga constellação, e no meio da celeuma de todas as anarchias que tem conspirado contra as realidades do passado; porém, á voz d'Esse Poder, o monarcha sepultado pela dôr e pela cegueira veiu empunhar seu sceptro, e convencer a todos dos seus antigos direito. A nova geração, que se ergueu durante este inter-

rogo, parecia incredula á voz dos homens do passado, ás narrações entusiasticas daquelles que como nós já passaram do meio do caminho da vida, porque, infelizmente, tudo o que não é plastico, tudo o que se não estampa, desapparece com o véo do tempo, mórmente a palavra viva e fugitiva do orador, e o brilhante colorida com que a sabe revestir o homem superior nos arrojos de suas sublimidades.

A nossa vaidade está justificada: o Brasil viu no dia 19 de Outubro de 1854 um homem novo, e este homem é o maior dos nossos oradores sagrados!

As épocas das associações de toda a especie não são as das grandes individualidades: o turbilhão do positivismo nas aberrações de sua impetuosidade suspende os corpos leves e envolve na poeira aquelles de uma intensidade acrysolada na meditação, roborada na adversidade, e exornada nos monologos do retiro. As convicções de uma época fraca impellem os homens a esses numerosos ajuntamentos, a essas colonias do pensamento, para prestarem homenagem ao cultivo das idéas, e para substituirem com tantas forças adunadas esses gigantes das eras, que do alto em que os collocára a Providencia sacodem o facho da sua intelligencia e derramam sobre a humanidade o lume que della receberam.

As grandes obras, os fructos inspirados, só nascem de uma frente.

Um numeroso e intelligente auditorio se premava em todo o ambito da Capella Imperial; uma cõrte luzida pautava as alas do templo; os corredores, as escadas, e todo o adro externo se povoavam de espectadores desensoffridos, de homens, de mulheres, que vinham assistir a essa resurreição, a essa nova vida da palavra sagrada! Os velhos choravam e como que remoçavam aos assaltos de suas reminiscencias, e os moços tambem choravam á vista daquelle sublime representante de tantas glorias, daquelle antigo proprietario de tantas ovações, e do apparecimento de um homem cujo nome vagava entre nós como a sombra de um gigante.

Parecia que tantos annos de soffrimento, de morte social, e de.... perseguições atrozes por aquelles mesmos que o deviam sagrar como o laurel prestigioso de sua ordem, como o representante de tantas glorias e de um passado edificante, o deveriam vergar, e fraquear atravez dessa vida cahotica e silenciosa, dessa ausencia dos livros, e sobre tudo do laboratorio das idéas; porém a sua natureza privilegiada, a sua grande individualidade rutilaram atravez da noite em que vivia, e o homem do passado, conculcando a concha da balança do tempo, venceu os annos, as molestias e as dôres, e rehouve em uma hora dezoito annos de silencio e de retiro.

Pulpito, templo, e elle formavam uma só massa, uma só figura, um gigante, que elevado a uma esphera superior, dominando todas as intelligencias

que o escutavam, parecia desprender de seus labios uma aurora de harmonias, um lume inda não admirado. A geração que o escutava, na inimmobillidade da sua admiração, como que se achava aniquillada diante daquellas proporções gigantescas, daquella voz radiante, exhumada da obscuridade do claustro, e offerecida ao sol da intelligencia, como um primor de Phidias recuperado, como outr'ora o Laocoon, diante de qual a multidão de artistas do seculo de Leão X parecia desanimada!

Donde veio, pois, este homem que com a sua palavra sómente nos amesquinha, nos atrophia e nos faz ser uma familia de pigmeos! Onde foi elle buscar o segredo de tantos prodigios? Em si mesmo, na fonte inexgotavel da inspiração, na força da sua fé e na pratica das suas virtudes!

O seu gesto era a estatua do pensamento que o animava, as suas mãos fallavam e escreviam, e a sua voz concutia em todos os corações!

E porque este homem extraordinario, esta força civilisadora, esta palavra viva, este cego acenava com tanto acerto, com tanta propriedade, com tanta graça, com tanta firmeza, como se a luz lhe abrisse o grande scenario que o rodeava, e o fizesse saborear os louros dessa nova conquista? Porque nas alturas a que se elevára ninguem o viu vacillar, tibuear, e antes conculcar o chão do pulpito com aquella firmeza do sagittario, com a destreza do gladiador e com o denodo de athleta?!

Porque elle via com os olhos de Homero!

A vista d'alma conduz o varão, forte pela intelligencia e pela virtude, por cima de todos os abysmos, e o faz em cada passo da sua passagem triumphal, esmagar todas as serpentes que se lhe atravessam na estrada.

Assim Genella, cego como elle, modelava na argila a imagem dos principes da sua época, e pela luz de amor reproduzia o busto da sua amada depois de tantos annos de ausencia e trevas; assim este escriptor phenomenal fazia renascer a virgem de outr'ora, e a belleza fugitiva dessa mulher, que vira no meio do estrondo das armas, que envelhecera para o mundo, mas que nelle se havia daguerrotypado com fórmas inalteraveis, e em cuja phantasia ainda vagava com todas as graças da juventude, com todos os encantos da primavéra, com todo o perfume das flôres da vida, com toda a poesia do amor.

Nesta vida de reminiscencias, nos monologos da escravidão, nas harmonias do silencio, se multiplicou aquelle grande capital, que o Padre Mestre Mont'Alverne havia adquirido. Dae á estatua d'ouro desenterrada um raio da luz do sol, uma lagrima do céu, que elle brilhará incontinentemente com seu antigo esplendor, como no dia em que sahiu das mãos do artista, como na primeira hora em que a exhibiram para fascinar os homens.

Admiremos este monge contraste da sua época: admiremos esse coração magnanimo que pulsa debaixo do burel com toda a força das almas grandes; admiremos esse homem que nos veio trazer a palavra perdida e degenerada, o typo primitivo do genio, rebaixado pelo scepticismo; a eloquencia sagrada degenerada pela politica, a fé annullada pelo commercio, e a força e o enthusiasmo escarnecidos pela vaidosa mediocridade. Todos nós, geração de Lilliputianos, vaidosos e mofadores, comparsas volteriamos, podemos naquella grande hora comparar o que somos; porque todos voltamos os olhos para o alto quando olhavamos para Mont'Alverne e nos achavamos á proporção que o ouviamos e admiravamos.

Oh! meu Deos, porque os brasileiros se acreditam menos do que os outros homens, quando vêem da sua mesma massa surgirem tantas realidades e homens daquella tempera? Elles, que habitam o mais bello paiz da terra, que tem fibras para vibrarem todas as harmonias do bello, que tem uma alma para reflectir tudo o que é sublime?! Porque havemos derrocado o que o tempo respeita, que é aquillo em que elle entra como maior capital: a sabedoria não se adquire nas cabalas, nem na arena de interesses individuaes, nem nesses concuros mascarados, onde em vez de se falsificar a voz se falsificam os sentimentos e se tortura a verdade com todas as arquezias da logica capciosa.

O poderio da palavra é para a intelligencia do homem, não viciado, como o poderio da belleza para o amor, como o da força physica para o fraco, como o da coragem para a cobardia, como o da riqueza para o pobre, como o da prodigalidade para o dissipador, para o homem decahido das alturas da virtude, e egresso do sanctuario da modestia.

O poderio da palavra e da acção do homem fortificado pela verdade nós o vimos nesse cégo sexagenario, nesse monge purificado nas chammas do seu proprio ardor, e remoçado pelo seu genio e pela sua fé! Naquelle coração varonil ha um abysmo immenso onde se tem consumido escarneos, insidias e soffrimentos de toda a especie. Toda esta cadeia de alternativas dolorosas nunca o poudé arrancar das alturas a que Deos e elle proprio se elevára: o céo assim o talhou, e a morte assim o receberá: é uma esttua de fórmula perdida, é um colosso de um jacto, é uma perfeita individualidade.

O tempo e os trabalhos só lhe enfraqueceram a voz; o tempo e os trabalhos ainda não poderam vergar seu tronco, porque elle é como o seu coração, nem curvar aquella fronte, onde rutilam as harmonias da intelligencia. É o mesmo homem de ha trinta annos, que fez renascer um desses dias do passado, e porque tambem ali estavam os seus numerosos discipulos. E quem são hoje esses discipulos?

Bahias do caminho da intelligencia, metas da estrada da gloria, soldados laureados, magistrados conspícuos, famulos do Imperador, homens todos da primeira plana social! Estes filhos da sciencia, esta descendencia intellectual, esta familia preciosa, já encanecida em parte, ali estava toda, toda repassada de sensibilidade e admiração: os dias da esperança, as horas da mocidade ali reverdeceram com a renovação do passado, e diante de um espectáculo que se não deve reproduzir mais. O metéoro que segünda a sua apparição, deixa logo cahir a primeira gotta de neve na pyra do entusiasmo; a flamma crepita, o habito começa, e as miserias humanas acabam o resto, mórmente quando a ostra de Aristides reproduz-se em nossas pedras. Assim pensam os bons amigos, assim o dicta a prudencia.

Foi grande o sacrificio, foi ainda maior a victoria, foi extraordinario o triumpho: paremos no Capitolio.

Esse homem privilegiado, que achou meios de salvar os seus panegyricos dessa especie de estelionato mental porque tem passado as obras de seus collegas, libertou-os do velabro escandaloso onde se mordeja o verbo edificante, e fez que pelo meio da imprensa se não commettesse mais o anachronismo grotesco de vêr-se o parvo a papaguear as melodias do genio. Esse homem privilegiado, corre a esponja sobre dezoito annos, e une o seu ultimo triumpho com o dia de hoje, como se nessa antiga gloria, se nesse longo espaço, senão houve intercalado uma nova geração, e como se o horizonte fosse o mesmo! Do anno de 1836 ao de 1854 não houve mais que um dia para os que ouviram o Padre Mestre Mont'Alverne.

A ordem de S. Francisco, de quem elle é o mais bello e solido ornamento, lhe deve de ora ávante pendurar grinaldas na porta, perfumar a sua humilde habitação com flôres do coração, porque a ordem só existe nelle!

« A dôr foi como á flamma: acrysolou-te

« De belleza immortal. Pura, animada,

« Ao gremio da harmonia

« Tua alma volta.....

« Foi o leito da angustia a fragoa ardente

« Da Phenix do teu genio!

Porto-Alegre.



A GRANDEZA DO BRASIL.



O brilho da verdade não se deixa para sempre offuscar, é como o fogo que encoberto ganha maior força para rebentar em labaredas.

I.

Desde a mais remota antiguidade a arte de tirar das terras o producto para os homens e para os rebanhos foi tida em grande consideração. O *Genesis* mostra provas do que levo dito, e os chins, que se fazem existir inda antes da Sagrada Escriptura dar o mundo creado, sempre a indicam como um dos primeiros attributos do imperador.

Os sacerdotes e reis do *Égypto* lhe prodigalisavam as maiores atenções e a cercavam para com o povo do principal culto divino.

As soberbas monarchias dos assyrios e babilonios lhe deram summa importancia e as que lhes seguiram entre ellas as dos médos, dos quaes temos o maior conhecimento, a distinguiam com grandes honras.

A India, apesar da ignorancia que della mostra a historia antiga, nos provou evidentemente que ali a agricultura sempre foi emprego nobre.

Os phenicios afamados como industriosos, commerciantes e navegadores, nas colonias que sujeitas á opulenta Tyro fundavam, dentro e fóra das columnas de Hercules, imprimiam o valor que davam a tal arte, e aos povos com quem negociavam, em berganha dos productos estranhos, lhes ensiniavam a par da industria o cultivo util.

Os troyanos eram guerreiros por dever e pastores e lavradores por educação.

Os bellicosos persas não retrogradavam a agricultura que existia nos paizes que cahiam sob o seu dominio.

Os intelligentes gregos, discipulos dos egypcios, para mais elevarem a agricultura a figuraram exercida pelos Deuses, e ensinada por elles aos mortaes como premio de virtudes, e assim os proprios reis e herões para repousarem o braço do gladio e não o terem ocioso, empunhavam a guia do temão do arado com a mesma habilidade com que dirigiam os seus estados e exercitos.

As celeberrimas colonias rivaes, a phenicia Carthago e a troyana Roma, recebiam dos paizes submettidos e aliados não sómente a protecção e força, mas tambem as idéas mais aperfeçoadas; e o diadema em Numa, o Salomon romano, redobrava de esplendor movendo-se aos raios do sol quando elle governava a sua charrúa; e por mais de uma vez o humilde cultor largou o agro para ir elevar em triumphos os destinos desses povos reis.

Os proprios barbaros na sua invasão elhavam o cultivo tão necessario ás terras como ao ferro destruidor.

Na idade média o espirito cavalheiresco e das emprezas guerreiras, apesar de arrastar de mais em mais a humanidade para a condição das feras, deu á lavoura alguma attenção; porque ella é que o devia alimentar pelos guerreiros e pelos animaes, que lhe eram necessarios.

Vêmos o mesmo Portugal cognominar um rei de— *lavrador*—, e as leis do reino no tempo dos Philippes, declararem que, « a agricultura não dá nem tira nobreza. »

No progresso presente sirvam-nos de exemplo esses povos dos Estados-Unidos, Grã-Bretanha, França, Belgica, Suissa, Prussia, etc., que eminentemente industriosos e commerciantes, têm sempre como primeira e principal riqueza nacional a agricultura, porque sem ella não pôde haver industria, sem a reunião das duas não existe commercio, e sem este não pôde florecer um estado, qualquer que sejam as suas vantagens naturaes; chamarei para apoio a opinião do grande Colbert: — *apesar de nesse tempo não haverem as eleições que formam hoje o unico alimento politico*—: « l'agriculture et l'industrie sont les deux grosses mammelles de l'état. »

O egoista extraordinario que assombrou o mundo no começo deste seculo, e que tratava com tanto apreço a estrategia e outros conhecimentos deshumanos, sempre deu subido culto á agricultura.

E pois a agricultura reconhecida o manancial de todas as riquezas dos estados industriosos, e muito mais daquelles que o não são.

Os hespanhoes e os portuguezes não lhe prestam a devida attenção, e posso pelo que vi afirmar que, apesar dos seus vinhos se vèrem em toda a parte, nestes povos a agricultura está em um estado normal de nudez infantil, porque tudo se deve á riqueza natural que lhes dá a terra com o enorme producto de suas fructas.

No Brasil é a agricultura um termo que sómente existe nos vocabularios, e que por educação ha mister a elles recorreremos para lhe sabermos a definição; porque seguimos o falso trilho, que nos ficou de nossos antepassados, e que a tradição verbal, regularmente transmittida por ignorantes abegões e pela embrutecida gente da gleba, vae de dia em dia tornando mais complicada. Quando um idiota não pôde encontrar outro emprego recommenda-se para o de feitor, e por isso poucos ha dignos deste nome:

¿Que resta pois aos brasileiros para formarem um povo independente, livre, feliz, rico e respeitado? ¡NATUREZA! Talvez seja o seu maior mal o Brasil nella não ter rival. ¡INDUSTRIA! Essa irmã gemea da agricultura jámais a larga. ¡COMMERCIO! Morrerá senão houverem productos no paiz para o alentar. ¡NAVEGAÇÃO! É uma necessidade onde ha portos, agricultura, industria e commercio. ¡TRANQUILLIDADE! Apparente ou real ella existe. ¿Então o que falta? ¡Dedicação nos governantes e nos governados para serem homens, comprehenderem e aproveitarem o que esperdiçam!

II.

Disse o padre Laménais: — « Deos se encarnou *para* vir ao mundo *substituir* o homem *eu* pelo homem *nós*. » O christianismo destruiu os embaraços que inclinavam o genero humano para o progresso; as descobertas lhe deram caminho mais vasto; a imprensa com o seu luminoso facho o clarea; o vapor lhe accelera a marcha; e a electricidade lhe comunica as qualidades do raio, para o movimento ser instantaneo e certo para essa meta chamada civilisação. Os monopolios, os privilegios e o orgulho *devem estar* annullados, e a intelligencia prova que os homens foram creados de um só barro, que nasceram para serem irmãos, e a mesma terra de que são formados tem como mãe de ser util a todos em qualquer ponto della, sem exclusivismo.

É chegado o prazo para o brasileiro desmentir o conceito que delle fazem os povos civilizados. Deixe-se de representar o papel do avaro rei Midas, que tudo queria converter em ouro sem pensar que morreria de fome. Largue o egoismo e a basofia, não se continue a enfatuar, porque Deos prodigalisou com largueza tão grandes magnificencias e prodigios ao Brasil; tornem-se os seus naturaes dignos de as possuir, façam esforços para as augmentar, e em vez de imitarem esses povos a quem a Providencia deu um paiz benigno, tomem para norma aquelles que por ellas foram menos favorecidos, e então os brasileiros serão nação, serão brasileiros como o devem ser as partes componentes de um povo civilizado e civilizador.

¡Não estamos mais nos tempos que os conhecimentos se vivificavam sómente nas cellas dos claustros, que era nobreza a ignorancia, e que até um dos maiores imperadores e homem de época, apesar de ser grande protector das letras, por não saber escrever validava os seus actos soberanos com a maça do punho da sua sempre victoriosa e gigantesca espada!

A educação, ensino ou cultura é uma necessidade que se faz sentir em tudo e por tudo. No homem para o tornar digno da sua missão; na mulher para mostrar que a sua natureza se identifica com a do homem, e que é por ella que elle se fórma; nos quadrupedes, nas aves, nos peixes, nos insectos e até nas plantas, nas terras, etc., para provar a intelligencia desse semi-deos que o Creador escolheu para dominador universal, porque tudo deve aperfeiçoar para sua utilidade, e regalo, e para maior gloria daquelle que o creou.

¡O brasileiro que nunca deixou a Terra da Santa Cruz, ou que della sahiu para terras de natureza mimosa, custa a se capacitar do que eu e todos encontram na culta Europa!

¡Os inglezes, francezes e outros povos, tornaram rochas estereis em vigosos e productivos pastos, forrageaes e searas, pelas terem coberto com terra vegetal transportada de grandes distancias!

¡Os belgas mostram-se notaveis por mudarem vastas planices aridas em abundantes campos convenientemente regados!

¡Os suissos ganham vantagem aproveitando o terreno ás polegadas e elevando o cultivo pelas suas alcantiladas montanhas em surribas e planuras!

¡Os napolitanos comprazem-se em dar culto ás incandécentes terras vulcanicas, cobertas de cinzas e lava, sempre no risco de ficarem nellas submergidos!

¡Os hollandezes expulsando, não de uma planice, mas de milhares de leguas de senhorio indisputavel, o prestigioso e indomavel oceano para dessecal-as e tornal-as ricas e ferteis em verdura, mostram que são homens!

A civilisação tem por thermometro o desenvolvimento agricola, e é por elle que o Chile e o Perú negociarão por seculos o *guano* para fortalecer as terras fracas.

Como obscuro forasteiro não me era possivel fazer exames tão miudos e fructuosos, quaes poderiam ser para o meu paiz os a que eu pôde proceder de abelhudo na — GRANDE EXHIBIÇÃO DE LONDRES. — Ahi teve o Brasil com character official os seus commissarios, a elles competiu averiguar os

productos analogos aos nossos e sobre os mesmos bazcarem as relações. Não seria de muita utilidade que o governo brasileiro fizesse publicar os relatorios daquelles nas partes especiaes: couros, madeiras, café, assucar, algodão, arroz, cacáo e muito mais sobre o chá que a China expôz junto ao Brasil com todas as amostras, estampas explicativas, traslados dos artificios empregados, descripções impressas e tudo quanto convinha á divulgação e desenvolvimento de tal artigo entre nós? Como curioso me occupi disso; mas as minhas pesquisas tinham um limite dado, com particularidade pela inimitavel policia ingleza, que com tão exemplar igualdade considerava a todos os visitantes: ali não é maxima popular como aqui — « quem não tem padrinho morre mouro — » e eu apesar da alta recommendação que recebi do ministro dos estrangeiros do Brasil, como não levava a assignatura imperial, sempre me achei por ella estrangeiro e só, porque só e isolado fica quem quizer contar entre nós com protecção na diplomacia, na politica e no poder para promover o interesse geral.

III.

Não ha mister ter sido commissario official para na exposição universal em *Hyde Park* e nas que se lhe tem seguido na Europa e na America, conhecer a ridicula figura que tem feito o Brasil e que habitualmente vae continuando a fazer:

« Oh que não sei de pêjo como a conte! »

Admittido o visitante pela porta meridional do TRANSEPT (*Knightsbridge*) caminhava, como pelas outras entradas, ao magnifico chafariz de crystal; no angulo cruzeiro da direita, depois de voltar para a porta oriental, se viam alguns vasos de porcelana chinesa, e symmetricamente duas aberturas com as respectivas taboletas vermelhas com letras brancas—CHINA—; nos vãos haviam mais porcelanas, vasos enormes simples e esmaltados; *um cadafalso de pinho com cinco objects*; e algumas sellas moiriscas, completas de xareis e coldres de lavor de ouro bordado ou ciselado com pedraria preciosa engastada: no lado opposto tinham seus lugares as pomposas exposições das riquezas da Persia e da Turquia, do Egypto, da Grecia e do Oriente; no centro os famosos retratos, de dous terços, em tamanho natural pintados sobre porcelana de Sevres, representando a Rainha Victoria e o Principe Alberto, ambos copiados de F. Winterhalter, o primeiro por A. Décluzeau, e o segundo por Béranger, uma das exposições dos proprios retratados; e a enorme massa de prata do Chile. Separava esta

divisão a bella estatua de Andromeda, e começava a immediata os tres diamantes, um delles, o *Koh-i-noor* no valor de cincoenta milhoes.

« Não fiquei homem não, mas mudo e quedo

« E, junto ao *cadafalso*, um penedo! »

O *cadafalso* que era original na sua forma, unico para um estado, infimo nos menores para a exhibição dos productos de um particular, sustentava o que vou declarar: N. 1: Bello ramo de flôres de pennas e cascudos, trabalho da franceza Mme. Dubois, do Rio de Janeiro e exposto por O. G. Adamson. N. 2: Jangada (*ideal*) com 13 1/2 polegadas de comprido construida de cinco lascas de pinho de Suecia ligadas com barbante de linho, e tendo apenas de nacional a palha que figurava o toldo, pois que o lavor era de inglez e foi exposta por Cox. N. 3: Vergalho de couro crú com argola de prata, que se estendia como uma serpente ao longo do centro de uma tira de papel de 16 polegadas de comprido sobre 6 de largo, onde em caracteres capitães romanos, feitos com chapas vasadas no tamanho de 4 polegadas, se tinha impresso — BRASILEIRO —, e este letreiro se achava collado guardando-o como sentinella, e ao vergalho a reproduzidissima recommendação policial ingleza — « Os visitantes não podem tocar em cousa alguma. » Era feito o vergalho no Rio Grande e não tinha o nome do expositor. N. 4: Caixa de papelão tendo grudado o letreiro — *offerta de Henrique José da Silva*, contendo a guarnição mulheril para o penteado, orelhas e peito, feita com azas de cascudos, exposta por C. T. Major Esq. N. 5, *fora do catalogo*: vaso com flôres de pennas, vidrilhos, etc., tendo por tenentes dous caciques gentios, obra trabalhada na Bahia e difficil de se averiguar a nacionalidade dos operarios, que tudo inculcava forasteiros.

As porcelanas e vasos eram da China, e foram postos de fora por não caberem nas lojas que lhe destinaram. As sellas eram de Tunes, que não tiveram lugar na divisão espaçosa que lhe foi marcada. E o *cadafalso*? Ponha-se aquelle em cujo peito arder uma faúla de amor pelo seu paiz natal no meu lugar, e no dos que como eu ali estiveram, e diga sem corar — que esse *cadafalso* que naquelle palacio era um grão d'arêa em uma salva de crystal lapidado, foi de proposito levantado em forma de caixão com folhas de pinho para contêr a exposição do magnifico Imperio do Brasil!

« Só vale experimental-o, não julgal-o.

« Feliz de quem não pôde experimental-o. »

Leia ao menos, quem não foi vêr com os proprios olhos, o catalogo

official e os relatorios, se me não quizer acreditar, e saberá de mais que o pavilhão brasileiro não foi hasteado no cimo do palacio de crystal em *Hyde Park*, porque não podia ostentar de fóra a nullidade que se apresentava dentro.

¶ Nações barbarescas, colonias, povos gentios e insulares, e outros quasi ignorados, pela mór parte sem consideração, e dos quaes mal se lêem os nomes das terras em uma carta geographica, estavam ácima do imperial Gigante, que apresenta cerca de 500,000 leguas quadradas de senhorio; os mais caudalosos rios navegaveis; mais de 2,500 milhas de costas, portos dos mais notaveis entre os principaes; todos os productos naturaes desde o precioso diamante até ao apreciavel guano; e os climas das zonas temperada e torrida que lhe dão a continúa primavera e a fertilidade fabulosa de que goza!

Os productos brutos do Brasil se viam trabalhados pela industria, ¿mas quem os extremar? ¿Tinham todos os visitantes conhecimentos especiaes para distinguirem em pontos differentes e de envolta com outras as pedras de construcção, as gemmas preciosas, os mineraes, as terras, as madeiras, as plantas, os insectos, os reptís, os beija-flôres e outros passaros, as pelles depois de curtidas ou preparadas, e até os mamiferos que lá estavam empalhados?

A philaucia do brasileiro cahia envergonhada pela incuria, que justificava de mais em mais o juizo que os povos cultos fazem, considerando-nos em miseravel e primitivo atrazo, por natural indolencia. ¶ E a multidão que passava, atrahida pelas brilhantes côres dessas flôres de pennas e pelo luzir dos cascudos, olhando para tão *singular cada falso*, donde por baixo de um vergalho se lia — BRASIL — designava como representantes dos brasileiros esses bonecos, que serviam de tenentes ao vaso de flôres feito na Bahia, e que por causa do calor vivem em perfeita nudez, tendo por sendal e toucado abanos de pennas, e por adorno argolas e missangas!

¶ Nem o goveruo, nem outro qualquer brasileiro tem concorrido para as exposições universaes, e a não serem os estrangeiros o nome de Brasil deixaria de existir nos templos da intelligencia progressista! ¶ Os proprios monarchas na Europa, a ella enviaram o que havia de bom e de digno nos seus thesouros, palacios e herdades privadas!

IV.

A PRIMEIRA GRANDE EXHIBIÇÃO UNIVERSAL ou a primeira grande campanha da paz coube a Londres mostral-a, arranjada em batalha no campo de *Hyde Park*. Não foi, como nós que fallamos a lingua portugueza

costumamos fazer, UM ENSAIO;— era obra de povo do norte, e sómente povos do norte alcançavam o seu fim; era estréa ou tarefa de inglezes, e por isso sempre será a principal e o modelo das successivas, porém modelo de mestre é inimitavel.

Todos os outros palacios de crystal, embora sejam tambem templos da intelligencia humana, são fracos arremedos do edificio que Paxton, agricultor do Duque de Devonshire, compôz á semelhança das magnificas estufas onde cultivava as plantas dos paizes meridionaes, como o Brasil, na herdade de seu patrão em Chatsworth. A Inglaterra tão aristocrata, segundo por aqui a fazem, recebeu mais essa gloria de um cultivador; porém a propria mão da soberana empunhando a espada lhe deu com a pranchada na espalda a nobreza que não tinha de nascimento; com o titulo de cavalheiro e o tratamento proprio— Sir Joseph Paxton, ao passo que o seu nome já pertencia á historia.

A construcção de Paxton é para as outras construcções analogas o mesmo que a basilica de S. Pedro no Vaticano em Roma representa para com todos os outros edificios religiosos. Os inglezes a quizeram eternisar, se é dado ao homem eternisar por si mesmo não sendo eterno, e fazendo-a desaparecer de *Hyde Park* a passaram com consideraveis augmentos e perfeições para as planices de *Sydenham*, onde essa maravilha das maravilhas tem hoje um emprego digno do povo que a possui— mostrar as maiores bellezas naturaes e accidentaes de todas as regiões do globo.

« Somos um povo novo; o Brasil é uma creança, e quando esses povos da Europa tinham a nossa idade não eram a sombra do que nós somos. »— Este estribilho repetido constantemente pelos nossos improvisados progressistas não prova nelles ignorancia, apresenta um dilemma de facil convicção— estupidez— ou— ironia. ¿ A intelligencia por ventura estava nos tempos primitivos tão desenvolvida, pelos conhecimentos adquiridos com os seculos de pratica e com as facilidades de defundir a instrucção universalmente, como nos tempos modernos? O Brasil é verdadeiramente um estado desde 1808, pela mudança da côrte para elle; mas marquemos-o em 1816, pela aclamação do Senhor Rei D. João VI; ponhamos-o em relação com a União Norte-Americana, começando aquella tambem da lucta da independencia, não com um povo abatido, mas com o colossal Imperio Britanico, sem ter os mesmos recursos naturaes que o Brasil tem, sem os progressos para os desenvolvimentos espantosos que se praticam hoje pelo vapor e pela electricidade ¿ e examinemos com criterio se, em igual numero de annos, o Imperio do sul com todas as vantagens favoraveis tem podido emparelhar ou ao menos imitar o Povo-soberano do norte? ¿ Se

aparrarmos o exame veremos que é resultado da educação que nos traz a indiferença e o provisorio!

Esta educação é um cancro hereditario que nos desfallece, rói e consume de todo; nos tempos coloniaes tudo quanto se fez foi *temporario*, porque como presidio ou como colonia o Brasil era residencia temporaria para os portuguezes. Os habitos arraigados pela educação não só passam de paes a filhos, mas até do povo a povo em successão. Os progressos regularmente em bom portuguez reduzem-se á mudança de palavras, algumas vezes á troca de phrases, á substituição dos actores na representação e nada mais. Jargaram os brasileiros o *temporario* e o *por em quanto* por serem portuguezes. e, para mostrarem superioridade; tomaram o synonymo analogo—*provisorio*— que não só é portuguez, mas portuguez mui castiço e original! ¿ Por ventura receam-se os meus patricios de uma extincção proxima? ¿ Não acreditam que existem e formam um povo, que constituem desde 7 DE SETEMBRO DE 1822 uma nação, que tem de provar ao presente e ao futuro, no juizo dos contemporaneos e dos vindouros, a sua intelligencia e patriotismo? ¿ O que ha? Tudo attesta senão a nossa incuria, pelo menos a nossa indiferença e o nosso egoismo.

Os portuguezes e hespanhoes, nossos avós, já se perderam pela sua immensa philancia e egoismo, porque o Omnipotente não perdoa a soberba. Pelo menos elles se podem gloriar com os feitos prodigiosos e estupendos que eternisaram os seus antepassados na America, Africa e Asia; e sómente a lembrança do que então possuíam, do partido que das suas colonias seus paes não souberam como os tyrios e os inglezes obter; a memoria de tamanhas grandezas e de tão grandes riquezas por elles desprezadas, os absorve e entorpece de caminhar a par dos progressos dos seus actuaes conterraneos, que vóam com as locomotivas e não conhecem distancia com os fios d'arame; em quanto elles estão sempre voltados para traz considerando no que os antigos foram e jámais pensam no que os modernos são e no que podem ser, e á semelhança do opulento herdeiro que a dissipação arrasta á miseria, trazem na mente as cousas perdidas, como phantasmas que os perseguem, tal qual é na Roma dos espiões a Roma dos Scipiões; e se os ibericos se julgam na Europa é pelos choques que os que lhe estão misticos lhes dão, para os despertar em quanto delles podem colher algum proveito, condição a que está sujeita toda a parte meridional dessa mesma culta Europa.

Sirva-nos de lição o passado, e de estímulo os palacios de crystal em Londres, Dublin, New-York, etc. Se o Brasil não tem industria para ostentar, sobram-lhe os productos naturaes em bruto; apresentem-se os ruraes

que existem e se nelles, como é de esperar, se aperfeiçoar, a agricultura por si sómente poderá fornecer uma exposição de maravilhas, que encha esse novo e enorme palacio de *Sydenham*, adquirindo direitos baseados para emparelhar com as nações mais civilizadas.

Para isso bastam os esforços individuaes dos cidadãos, e a boa vontade dos Poderes-politicos do Estado no seguinte programma :

I. As pessoas que têm de se dar á vida rural irão desde já longe da influencia das grandes cidades capitaes, frequentar entre outros com preferencia a instituição imperial agronomica de Grignon, e na fallencia, os institutos agricolas de Roville e Grand-jean, etc.

II. Patrocinar-se-hão verdadeiros cultivadores, que tenham exercido essa profissão nas colonias inglezas, hollandezas e francezas, a quem se pague bem para nos ensinar praticamente, assim como se chamarão os de Inglaterra, França, Belgica, Hollanda, Italia, Allemanha, India, China, Java, etc., para nos virem feitoriar as terras; sem os pôrmos em relação de salario com os ignorantes.

III. Estabeleça-se um conservatorio ou musêo de instrumentos, machinas e modelos de agricultura ou dos que com ella tenham afinidade, imitando nessa parte o conservatorio das artes e mesteres em Paris, e os musêos de Bruxellas, da Haya, de Berlin, etc. Este estabelecimento deverá ser na côrte.

IV. Contratam-se abalisados professores, em qualquer povo, para virem exercer o magisterio fundando-se um Instituto Agronomico e Horticolo, e para maior proveito, distante pelo menos dez lèguas de grande povoação.

V. Imitemos no sul os exemplos da America do norte: abramos os braços e nelles recebamos, accomodemos e nacionalisemos todos os estrangeiros que procurarem fixarem-se no Brasil: interesse de dia em dia mais urgente por nos ir diminuindo a gente da gleba, e não haver já a substituição pela entrada de africanos.

VI. Não lembro premios porque regularmente são mal concedidos.

As despesas que com estes melhoramentos se fizerem, quer os particulares por associações, quer o governo por protecção, augmentarão decuplicadas para o Brasil e para os brasileiros, e lhes serão mais proveitosas do que as das cabalas e partidos que os aniquilarão.

V.

Não devo passar em silencio a calamidade que nos ameaça com mais estragos do que a *febre amarella*, e que é uma especie de peste superior á *cholera-morbus*. Ao passo que já podemos julgar começarem as fortunas no

Brasil, ao passo, digo, que um fazendeiro fluminense pela boa administração que a sorte lhe tem trazido e ás suas propriedades, vae fazer sahir dos paíões mais de cento e cincoenta mil arrobas de café de primeira sorte, que lhe devem dar este anno cerca de milhão e meio no haver, as estradas estão quasi intransitaveis por se não encontrarem á venda rações sufficientes para os cargueiros! |A' maneira que os braços diminuem depois da repressão do trafico, a lavoura róla por um despenhadeiro para uma crise inevitavel, arrastando consigo a penuria geral! |Os mantimentos já não são cultivados, e se vão tornando tão escasos e ameaçando tal preço, que os brasileiros de orgulho na fome encontrarão o suicidio, e os que não se parecerem com o romano *Regulo* trocarão com o estrangeiro, não sómente os ricos productos do paiz e o fructo economico que constituir as suas riquezas particulares, mas, o brio, a liberdade, a independencia e toda a idéa moral de patriotismo pelos alimentos indispensaveis á existencia, ultimo arranco que nos falta dar porque já dependemos exclusivamente de um povo estranho, que, em quanto lhe convém, nos alimenta com o pão quotidiano, e que privando-nos do pão nos póde impôr a lei!

Concluirei declarando que a verdade é dura de arrancar ao réo, e mais dura delle a ella se conformar quando em accusação apresentada por outrem. A minha debil voz por ora clama no deserto, mas ficaram impressas as pégadas pelo caminho que andei; é a minha opinião um seixo que lançado ao rochedo desaparece, mas o seu choque nelle, inda que levemente, ficou gravado, e tempo virá em que as pégadas servirão de guia, e a mozza no rochedo de alvo; e só esta esperanza me contenta por já em sonho vêr a minha patria, a terra de meus filhos, emfim tal qual deve ser

o IMPERIO DO BRASIL CULTIVADO PELO SENHOR DOM PEDRO SEGUNDO E SUA AUGUSTA PROLE.

Rio, 7 de Setembro de 1854.

Dr. J. Praxedes P. Pacheco.



NOTÍCIAS DIVERSAS.

A Sociedade Phil-Euterpe fez a abertura de um novo edificio com um esplendor admiravel. Consagrou esta primeira reunião á caridade, e obteve a graça da presença de Suas Magestades. Onde ha caridade estão sempre Suas Magestades.

O novo salão denota mais as nobres tendencias dos socios daquella brilhante reunião de cultores das Musas, do que a pericia dos artistas que o executaram: a sala tem o maximo defeito de não ter sido feita para o nosso clima: não tem ventiladores em regra, tanto mais que a illuminação a gaz os pedem forçosamente. Fóra do que não pertence aos socios, tudo esteve magnifico. A antiga sociedade Phil-Harmonica fez alguma cousa em favor do gosto para as reuniões, assim como o Cassino; mas a Phil-Euterpe excedeu a todas. As suas tendencias para o gosto e sumptuosidade estão justificadas no pensamento que realisou, no luxo com que se ostenta, e no bom gosto e ordem com que é servida.

Os jornaes desta capital já muito disseram ácerca do concerto dado a beneficio da sociedade de Beneficencia Allemãa, e nada nos resta a dizer senão que aquillo que dissemos do Snr. Christiano Stockmeyer está plenamente justificado. O mestre brasileiro não teve uma companhia subvencionada, nem obrigada a obedecer-lhe, teve uma collecção de curiosos, e com ella apresentou aquelles córos admiraveis como nunca se ouviram desde que temos musica!

Por uma inexplicavel fatalidade está este compositor á margem, sem ter meios de executar a sua opera— o Sebastianista!

A monita secreta, com todas as apparencias de uma innocentissima liberalidade, não desejará mais este passo de emancipação, porque elle irá desmentir o que se tem escripto lá pela Europa a respeito do gosto novissimo e modernissimo que vamos tendo para a musica, graças aos nossos Christos, que em pouco expulsaram todos os profanos do templo da harmonia.

Os brasileiros que ouviram Mme. Stoltz na Semiramides, não podem entrar nessas ovações acintosas e degradantes para a intelligencia musical, devem curar da arte e lançar á margem essas rivalidades de Troia e Grecia! Tambem a celebre Delmastro, que nos importou os Bailes Mascara-dos, teve um partido!

§ I.

Desde Novembro do anno passado que compuz duas Memorias que esperava poder publicar logo, porém tendo-se retardado esta publicação, e não sabendo mesmo se ella terá mais lugar, depois que os lentes da Academia Militar recusaram o que eu tinha pedido ao governo para a mesma Academia, eu vou dar ao publico uma noticia abreviada das nossas indagações; e não sómente das que se acham nas duas Memorias porém de varias outras que depois temos feito, e que nos tem fornecido materia para compôr outras Memorias, que, ou já redigimos ou ainda não, distrahido por indagações diversas. Os limites desta revista não nos permitem entrar em muitos detalhes, tambem muitos theoremas apenas indicarei. Procurando resolver o problema do som, no caso da gravidade constante, achei facilmente a integral da equação differencial do problema por meio do bello theorema

$$F x = \frac{1}{\pi} \int_0^\infty \left(\int_{-\infty}^\infty F x' \cos u (x' - x) dx' \right) du$$

de Fourier. Porém a integral dada por esta formula não servindo para nada, pela fôrma debaixo da qual ella se apresentava; eu tratei de procurar outra. Durante que eu tratava disto, observei que o conhecimento das funcções arbitrarías, que devem entrar nas integraes das equações differenciaes parciaes, bastava, em um grande numero de problemas, para resolvê-los, ou ao menos para achar as principaes circumstancias do movimento (tratando-se de problemas de dynamica). Eu me lembrei então de, antes de proceder a integração de uma equação differencial, procurar as funcções arbitrarías que devem entrar na sua integral. Eu achei então o bello theorema seguinte, de que não posso aqui dar demonstrações: *Em uma equação de uma ordem qualquer e de um numero qualquer de variaveis, as suas funcções arbitrarías sómente dependem dos termos que se acham differenciados um numero de vezes igual a ordem da equação.*

Assim as funcções arbitrarías da equação

$$R \frac{d^2 z}{dx^2} + S \frac{d^2 z}{dx dy} + T \frac{d^2 z}{dy^2} + P \frac{dz}{dx} + Q \frac{dz}{dy} + R z = M \quad (1)$$

dependem, ou são as mesmas que as da equação

$$R \frac{d^2 z}{dx^2} + S \frac{d^2 z}{dx dy} + T \frac{d^2 z}{dy^2} = 0. \quad (2)$$

O theorema acima enunciado suppõe que por entre os termos que se acham diferenciados maior numero de vezes acham-se todas as variaveis da equação; no caso em que isto não aconteça, eu ensino o que se deve fazer, porém supprimo isto aqui.

Chamando-se u a quantidade que deve entrar nas funcções arbitrarías da equação (1) tomada por exemplo, acha-se a equação seguinte para determinar u ,

$$R \frac{du^2}{dx^2} + S \frac{du}{dx} \frac{dn}{dy} + T \frac{du^2}{dy^2} = 0; \quad (3)$$

equação que se deduz da proposta mudando nos termos da segunda ordem os indices de differenciação em expoentes de $d z$, e depois mudando a letra z na que deve entrar debaixo das funcções arbitrarías.

A equação (3) já se achava, como se póde vêr no segundo volume do Tractado do Calculo differencial e integral de La Croix, quando a integral da equação (1) podia-se obter debaixo de fórma finita. Ora, o theorema que nós achamos consiste em que ella subsiste sempre, quer a integral possa-se obter debaixo de fórma finita, quer não.

Nós temos deduzido do theorema citado consequencias as mais fecundas. Em primeiro lugar deduz-se um methodo de integrar debaixo de fórma finita, quando a equação fôr susceptível de o ser.

Com effeito a equação proposta sendo da ordem m dá para determinar u uma equação de gráo m ; fazendo então preceder cada um dos m valores de u , que representaremos por u' , u'' , u''' &c., de characteristics de funcções arbitrarías differentes, teremos :

$$\varphi(u'), \quad \psi(u''), \quad \chi(u'''), \quad \&c.$$

para as funcções arbitrarías que a proposta deve contêr.

Então se a proposta admite integral independentes das characteristics,

$$a, \quad f, \quad \int_a^b,$$

ella deve ser da fórma

$$z = X \varphi(u') + Y \psi(u'') + Z \chi(u''') + \& \quad (4)$$

z sendo a funcção, e

$$X, \quad Y, \quad Z, \quad \&$$

sendo funcções desconhecidas das variaveis independentes, que se trata de determinar. Para isto deve-se tirar da equação (4) os valores dos coefficients differenciaes de z em relação a todas as variaveis independentes. Se o valor de z fôr escolhido convenientemente esta equação deve-se tornar identica, e por consequencia os coefficients das derivadas das diversas funcções arbitrarías devem ser separadamente nullas. Donde resultam varias equações entre cada um dos coefficients (é facil vêr que elles devem

ser determinados separadamente) X, Y, Z, &c. Como tem-se uma mesma quantidade a satisfazer a varias equações, segue-se que a fórmula supposta a integral não pôde ter lugar senão em certos casos. Se essas equações forem incompatíveis a equação não pôde ter uma integral da fórmula da equação (4). Porém se ellas não forem contradictorias, uma só dellas basta para determinar o valor de X; outra para o de Y e assim em diante. Eu noto tambem que, as funcções arbitrarías já estando determinadas não é necessario resolver completamente as equações que dão X, Y, Z, &c., basta achar valores que as satisfaçam.

Vê-se então que a integração de uma equação differencial parcial, quando ella pôde ter integral independente das características de differenciação ou integração, depende do conhecimento de sua funcção arbitraría, e de um numero de integraes particulares igual a ordem da equação; e que o conhecimento de cada integral particular (contendo sómente constantes, ou mesmo não as contendo) dá uma integral particular contendo uma funcção arbitraría.

A determinação das funcções arbitrarías das equações da segunda ordem e de tres variaveis não apresenta minima difficuldade, pois que basta combinar a equação (4) com esta

$$du = \frac{du}{dx} dx + \frac{du}{dy} dy,$$

que indica simplesmente que u é funcção de x e y.

Se a proposta não admite integral da fórmula (4) pôde-se procurar se ella admite da fórmula

$$Z = X\varphi(u') + Y\psi(u'') + Z\chi(u''') + \&c. \\ + X_1\varphi'(u') + Y_1\psi'(u'') + Z_1\chi'(u''') + \&c. \quad (5)$$

$\varphi', \psi', \chi', \&c.$ indicando as derivadas primeiras das funcções $\varphi, \psi, \chi, \&c.$; $X_1, Y_1, Z_1, \&c.$, novas funcções indeterminadas. Proceder-se-ha depois para a determinação dos coefficients da serie (5) como se procedeu para as da equação (4). Desta maneira pôde-se reconhecer se a proposta admite integral com derivadas das funcções arbitrarías de uma ordem qualquer

Appliquemos essas idéas geraes a um exemplo. Seja a equação

$$y \frac{d^2z}{dx^2} - (y+x) \frac{d^2z}{dx dy} + x \frac{d^2z}{dy^2} + \left(\frac{dz}{dx} - \frac{dz}{dy}\right) \frac{y+x}{y-x} = 0. \quad (6)$$

As suas funcções arbitrarías dependem das desta outra

$$y \frac{d^2z}{dx^2} - (y+x) \frac{d^2z}{dx dy} + x \frac{d^2z}{dy^2} = 0.$$

Chamando-se u a quantidade que deve entrar debaixo das funcções arbitrarías, ter-se-ha, pelo que eu já disse, para determinar u ás duas equações

$$y \frac{du^2}{dx^2} - (y + x) \frac{du}{dx} \frac{du}{dy} + x \frac{du^2}{dy^2} = 0,$$

$$du = \frac{du}{dx} dx + \frac{du}{dy} dy.$$

Fazendo $\frac{du}{dx} = m \frac{du}{dy}$ e substituindo nessas equações em lugar de $\frac{du}{dx}$ seu valor $m \frac{du}{dy}$, a primeira dará para m os dous valores 1 e $\frac{x}{y}$, e a segunda, integrando-se, dará para u os dous valores

$$x + y, \quad x^2 + y^2;$$

por consequencia as funcções arbitrarías da equação proposta são

$$\varphi(x + y), \quad \psi(x^2 + y^2).$$

A integral da proposta será então representada por

$$z' = X \varphi(x + y) + Y \psi(x^2 + y^2)$$

Considerando primeiramente a integral particular

$$Z = X \varphi(x + y) \quad (7)$$

e differenciando este valor de z para tirar os coefficients [differenciaes; substituindo-os na proposta; igualando os coefficients de cada derivada e o da funcção a zero, ter-se-ha as equações seguintes

$$y \frac{d^2 X}{dx^2} - (y + x) \frac{d^2 X}{dx dy} + x \frac{d^2 X}{dy^2} + \frac{y + x}{y - x} \left(\frac{dX}{dx} - \frac{dX}{dy} \right) = 0,$$

$$2y \frac{dX}{dx} - (y + x) \left(\frac{dX}{dx} + \frac{dX}{dy} \right) + 2x \frac{dX}{dy} + \frac{y + x}{y - x} (X - X) = 0,$$

$$xX - (x + y)X + yX = 0;$$

que devem ser satisfeitas para que o valor particular que tomamos para z seja uma integral particular da equação (6). A ultima destas equações é identicamente nulla; as duas outras funcções satisfeitas suppondo x constante; e a integral particular (7) reduzir-se-ha a

$$Z = \varphi(x + y)$$

Consideremos agora a outra funcção arbitraría, que fornece tambem a integral particular

$$Z = \psi(x^2 + y^2)$$

Procedendo como acima, achar-se-ha para as equações que devem determinar y as seguintes

$$y \frac{d^2 Y}{dx^2} - (x + y) \frac{d^2 Y}{dx dy} + x \frac{d^2 Y}{dy^2} + \frac{y + x}{y - x} \left(\frac{dY}{dy} - \frac{dY}{dx} \right) = 0,$$

$$y \left(4x \frac{dY}{dx} + 2Y \right) - (x + y) \left(2y \frac{dY}{dx} + 2x \frac{dY}{dy} \right) + x \left(4y \frac{dY}{dy} + 2Y \right) + 2 \frac{y + x}{y - x} (x - y) Y = 0,$$

$$4x^2 y - 4xy(x + y) + 4xy^2 Y = 0;$$

o valor de Y constante satisfaz a essas equações.

A integral da equação (6) será então

$$Z = \varphi(x + y) + \psi(x^2 + y^2).$$

Vê-se que é bem simples o methodo que eu proponho. Elle tem geralmente muitas vantagens sobre o processo conhecido de Monge ainda que tambem desvantagens. Primeiramente elle pôde indicar logo se a equação proposta é susceptivel de ser ou não integrada debaixo de fórma finita independentes das características d e f . Com effeito no caso da impossibilidade as equações que determinam x , y , &c., mostrarão incompatibilidade. Geralmente será facil conhecer esta incompatibilidade, como nós mostraremos daqui a pouco, dando um exemplo. No caso em que isto offereça alguma difficuldade tomar-se-ha uma dessas equações e integra-se-ha em serie, não importando de que fórma; e depois vêr-se-ha se essa serie satisfaz as outras equações; se não satisfizer a equação não admite integral da fórma que se suppôz. E' necessario entretanto notar que no caso em que a integral contém derivadas das funcções arbitrarías, as equações que dão os coefficients são simultaneas e então não basta considerar uma só. Esta integral em serie não custa a achar. O nosso methodo tambem dá integraes contendo derivadas successivas das funcções arbitrarías; o que não acontece com o outro processo. Tambem elle conduz a integral finita de equações que não tem integraes de ordens inferiores; o que não faz o methodo de Monge. Um outro inconveniente deste ultimo methodo é o grande numero de integração que é necessario fazer, quando a proposta fôr de ordem superior, e as funcções arbitrarías que se vão introduzindo nas integraes successivas e que embaraçam bastante; de maneira que o processo não tem vantagens senão na segunda ordem.

O maior inconveniente do nosso methodo é exigir que se conheça uma integral particular da equação proposta, o que não acontece no methodo de Monge. Porém ha muitos casos em que é muito simples achar a integral particular: se a equação proposta fôr da segunda ordem e os coefficients funcção de uma só variavel, é sempre possivel achar integraes particulares; eu na minha Memoria indico o meio; assim como trato de outros meios de proceder a esta indagação e de a facilitar e em casos muito extensos achal-as. Quanto á determinação das funcções arbitrarías, eu devo aqui notar que, no caso em que as equações admitem integral finita, ella depende da resolução de certas equações que se deve tambem resolver segundo o methodo de Monge: porém eu me contento simplesmente com indicar isto aqui.

Eu vou agora dar o exemplo para mostrar como se conhece simplesmente incompatibilidade entre as equações que devem determinar os coefficients das funcções arbitrarías: o exemplo que eu vou tomar me servirá ao mesmo

tempo para demonstrar um theorema sobre a possibilidade de obter a integral da equação

$$\frac{d^2\varphi}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2\varphi}{dx^2} + \frac{d^2\varphi}{dy^2} \right), \quad (6)$$

debaixo de forma finita; theorema demonstrado por Legendre nas antigas Memorias da Academia das Sciencias.

Em lugar das coordenadas x e y empreguemos outras determinadas pelas equações

$$x = r \cos. \theta, \quad y = r \text{ sen } \theta.$$

A equação precedente transforma-se nesta

$$\frac{d^2\varphi}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2\varphi}{dr^2} + \frac{1}{r} \frac{d\varphi}{dr} + \frac{1}{r^2} \frac{d^2\varphi}{d\theta^2} \right) \quad (7)$$

Multiplicando todos os termos desta equação por $d\theta$ e integrando em relação a esta quantidade, desde $\theta = 0$ até $\theta = 2\pi$, ella póde-se por debaixo da forma

$$\frac{d^2s}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2s}{dr^2} + \frac{1}{r} \frac{ds}{dr} \right) \quad (8)$$

s sendo igual a $\int_0^{2\pi} \varphi \, d\theta$. Com effeito o termo $\frac{d^2\varphi}{d\theta^2}$ multiplicando por $d\theta$ e integrado dá $\frac{d\varphi}{d\theta}$; quantidade que tem os mesmos valores nos limites da integral.

É das funcções arbitrarías da equação (8) que dependem as da equação (7) ou (6); e os da equação (8) depende desta outra

$$\frac{d^2s}{dt^2} = \frac{d^2s}{dr^2},$$

cuja integral sendo

$$s = \psi (r + at) + \chi (r - at)$$

indica que as funcções arbitrarías da proposta são $\chi (r + at)$, $\psi (r - at)$. Se a proposta ou a sua transformada (7) admite integral debaixo de forma finita e independentes das características d e f , ella será da forma

$$\varphi = X \chi (r + at) + Y \psi (r - at)$$

As equações que determinam X são

$$\begin{aligned} \frac{d^2X}{dt^2} &= a^2 \left(\frac{d^2X}{dr^2} + \frac{1}{r^2} \frac{dX}{dr} + \frac{1}{r^2} \frac{d^2X}{d\theta^2} \right), \\ \frac{dX}{dt} &= a \frac{dX}{dr} + \frac{a}{2r} X, \quad X = X. \end{aligned} \quad (9)$$

Diferenciando a segunda dessas equações em relação a t , e substituindo depois no segundo membro em lugar de $\frac{dX}{dt}$ o seu valor dado pela mesma equação, acha-se a seguinte:

$$\frac{d^2X}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2X}{dr^2} + \frac{1}{r} \frac{dX}{dr} - \frac{1}{4r^2} X \right);$$

a qual, confrontada com a primeira das equações (9), dá

$$\frac{d^2X}{dt^2} = -\frac{1}{4} X.$$

Como as funções arbitrárias já estão determinadas a integral desta equação não conterá função arbitrária: x será função sómente de t ; o que reduz a primeira das equações (9) a esta

$$\frac{a^2}{r^2} \frac{d^2X}{dt^2} = 0,$$

que comparada com a precedente da $x=0$: isto é uma incompatibilidade. Então a equação não admite integral da forma supposta: e fica, para o caso da integral sem derivada das funções arbitrárias, demonstrado muito simplesmente o theorema de Legendre.

§ II.

O methodo que acabamos de dar é a consequencia menos importante que deduzimos do theorema citado no começo do paragrapho antecedente, e sem duvida, a parte menos importante das nossas indagações. Eu vou agora apresentar um methodo muito fecundo e simples de integrar por integraes definidas, methodo que fará o objecto especial de uma Memoria que ainda não tivemos tempo de redigir. Todas as integraes obtidas pelo methodo que Laplace deu para integrar a formula

$$\frac{d^2z}{dx dy} + P \frac{dz}{dx} + Q \frac{dz}{dy} + R z = 0,$$

e as que se obtem pelo methodo de Parseval, se achão facilmente pelo nosso, muito mais fecundo, simples, e incomparavelmente mais geral do que esses, pois que elle se applica a uma ordem qualquer e a um numero qualquer de variaveis. Poisson inseriu no decimo nono caderno dos Jornaes da Escola Polytechnica uma Memoria em que elle trata de obter integraes de varias equações que se encontram em certos problemas de Physica mathematica. Eu tomei as equações integradas nessa Memoria para applicar-lhes o nosso methodo; obtivemos as integraes de todas; com esta differença que Poisson integrou por considerações particulares a essas equações, em quanto que nós as obtivemos como applicação de um methodo geral, o que é muito melhor. O mesmo geometra inseriu outra Memoria no volume III das novas Memorias da Academia das Sciencias sobre o mesmo objecto. Eu applicuei o meu methodo e obtive as integraes da mesma forma ou antes

muito mais simples do que as do illustre Geometra, que entretanto já eram muito simplicies. Vou dar do methodo de que fallo uma idéa, porém ainda sobre isto não posso mais do que indicar muitas cousas. Para maior simplicidade eu tomo um exemplo particular, e supponho que se trata de integrar a formula

$$\frac{d^2z}{dt^2} = a^2 \left(\frac{dz}{dx^2} - \frac{mz}{x^2} \right). \quad (10)$$

As suas funcções arbitrarías dependem da equação

$$\frac{d^2z}{dt^2} = a^2 \frac{d^2z}{dx^2};$$

cuja integral sendo

$$z = \varphi(x + at) + \psi(x - at),$$

mostra que as da equação (10) são $\varphi(x + at)$, $\psi(x - at)$.

A integral da equação (10) poderá então ser representada desta fórma

$$z = \int_0^\pi X \varphi(x \cos \omega + at) d\omega + \int_0^\pi Y \psi(x \cos \omega + at), \quad (11)$$

X e Y sendo funcções desconhecidas das variaveis x e t e da variavel auxiliar ω : a funcção de ω que entra dentro das funcções arbitrarías, é tal que tomada entre os limites da integral as funcções arbitrarías reduzem-se a $\varphi(x + at)$, $\psi(x - at)$

Eu supprimo aqui os raciocinios pelo qual chega-se a equação (11), o leitor poderá supprir esta falta; tambem o calculo mesmo a posteriori a justificará. As funcções arbitrarías sendo independentes devem ser tratadas separadamente; eu considero então a integral particular

$$Z = \int_0^\pi X \varphi(x \cos \omega + at) d\omega,$$

expressão que, por maior commodidade do calculo, deve ser posta debaixo da fórma

$$Z = \int_0^\pi \text{sen}^r \omega X \varphi(x \cos \omega + at) d\omega,$$

r sendo uma quantidade positiva. Deve-se proceder com este valor de z para achar o valor de x, porém como eu não tenho em vista senão dar uma idéa do methodo, faço logo $X = x^p$, se esta supposição for falsa o calculo seguinte o mostrará. Temos então

$$Z = \int_0^\pi \text{sen}^r \omega x^p \varphi(x \cos \omega + at) d\omega$$

r e p sendo duas indeterminadas. Desta equação tira-se

$$\frac{d^2z}{dt^2} = a^2 \int_0^\pi \text{sen}^r \omega x^p \varphi''(x \cos \omega + at) d\omega,$$

$$\begin{aligned} \frac{d^2z}{dx^2} = & \int_0^\pi \text{se}^r \omega \cos^2 \omega x^p \varphi''(r \cos \omega + at) + 2p \int_0^\pi \text{sen}^r \omega \cos \omega x^{p-1} \varphi'(x \cos \omega + at) d\omega \\ & + p(p-1) \int_0^\pi \text{sen}^r \omega x^{p-2} \varphi(x \cos \omega + at) d\omega; \end{aligned}$$

φ' e φ'' são as derivadas primeira e segunda da função φ . Substituindo na proposta em lugar de $\frac{d^2z}{dx^2}$, $\frac{d^2z}{dy^2}$, os seus valores ultimamente achados, tem-se com o auxilio da fórmula

$$\cos^2 a + \cos^2 C = 1$$

uma equação, a qual sendo dividida por x^{p-2} dá

$$0 = - \int_0^\pi \text{sen}^{r+2} \omega \cdot x^2 \varphi'' + 2p \int_0^\pi \text{sen}^{r-1} \omega \cos \omega \cdot x \varphi' d\omega + p(p-1) \int_0^\pi \text{sen}^r \omega \varphi d\omega - m \int_0^\pi \text{sen}^r \omega \varphi d\omega \quad (11)$$

escrevendo simplesmente em lugar das funções arbitrárias as suas características. Os dous primeiros termos da ultima equação, por integrações por partes, dão

$$\begin{aligned} \int_0^\pi \text{sen}^{r-1} \omega \cos \omega \text{sen}^r \omega \varphi' \cdot x d\omega &= - \text{sen}^{r-1} \omega \cos \omega \varphi + \int_0^\pi d. (\text{sen}^{r-1} \omega \cos \omega) \\ \int_0^\pi \text{sen}^{r+2} \omega \cdot x^2 \varphi'' d\omega &= - \text{sen}^{r+1} \omega \cdot x \varphi' - (r+1) \text{sen}^{r-1} \omega \cos \omega \varphi + (r+1) \int_0^\pi d. (\text{sen}^{r-1} \omega \cos \omega) \cdot \end{aligned}$$

Nestas equações os termos livres de signal f desaparecem se r fôr maior que a unidade entre os limites da integral, e a equação (11) reduzir-se-ha á esta

$$0 = -(r+1) \int_0^\pi d. (\text{sen}^{r-1} \omega \cos \omega) + 2p \int_0^\pi d. (\text{sen}^{r-1} \omega \cos \omega) + p(p-1) \int_0^\pi \text{sen}^r \omega \varphi d\omega - m \int_0^\pi \text{sen}^r \omega \varphi d\omega ;$$

porém como

$$d. (\text{sen}^{r-1} \omega \cos \omega) = (r-1) \text{sen}^{r-2} \omega - r \text{sen}^r \omega, du$$

a equação precedente pôde-se escrever assim

$$0 = \int_0^\pi \left\{ (2p(p-1) - (r+1)(r-1)) \text{sen}^{r-2} \omega + (-2pr + r(r+1) + p(p-1) - m) \text{sen}^r \omega \right\} \varphi d\omega \quad (12)$$

ora, satisfaz-se a esta equação suppondo

$$2p(p-1) - (r+1)(r-1) = 0, \quad -2pr + r(r+1) + p(p-1) - m = 0,$$

as quaes simplificadas dão

$$p(p-1) - m = 0, \quad r = 2p - 1, \quad (13)$$

Eu disse acima que era necessario, para que os termos desembaraçados da caracteristica f se desvanecessem, que r fosse maior que a unidade. Isto é assim geralmente; porém no caso particular que consideramos basta que r seja positivo. Com effeito a somma desses termos é

$$- 2 p \operatorname{sen}^{r-1} \omega \cos \omega \varphi + \operatorname{sen}^{r+1} \omega \varphi x + (r-1) \operatorname{sen}^{r-1} \omega \cos \omega$$

que se reduz, em virtude da segunda equação (13), a

$$\operatorname{sen}^{r+1} \omega x \varphi,$$

que para se desvanecer entre os limites da integral, basta que r seja positivo, o que em virtude da segunda equação (13) exige que o p tambem seja Chamando então p' e p'' as duas raizes da primeira equação (13), raizes que devem ser positivas, a integral da equação (10) será.

$$z = x^{p'} \int_0^{\pi} \varphi (x \cos \omega + at) \operatorname{sen}^{2p'-1} \omega d\omega + x^{p''} \int_0^{\pi} \psi (x \cos \omega + at) \operatorname{sen}^{2p''-1} \omega d\omega,$$

Esta integral é exactamente a mesma que achou Poisson, porém de uma maneira muito menos simples. No caso em que p' e p'' não são positivos, a integral precedente toma outra fórma, assim como no caso das raizes iguaes e imaginarias; porém estes detalhes eu supprimo.

Se nós não tivéssemos, supposto $X = x$, poder-se-ia, procedendo exactamente como nós fizemos chegar a uma equação analoga a equação (12); igualando-se então a zero o coefferente de φ ter-se-ia uma equação para determinar x entre as variaveis da proposta e a auxiliar ω , a qual ficaria satisfeita suppondo $X = x_p$.

Vê-se que em todo caso e qualquer que seja a equação proposta (suppondo-a por ora de tres variaveis) pôde-se chegar a uma equação analoga á equação (12); igualando-se o coefferente da funcção arbitraria a zero, ter-se-ha uma equação para determinar x , a qual não é necessario integrar, pois que as funcções arbitrarías da proposta já estão conhecidas; basta satisfazer. Assim a integração de uma equação differencial parcial de que se conhece as funcções arbitrarías dependem do conhecimento de uma integral particular de outra equação differencial parcial diferente da proposta.

Pôde-se dar á integral fórmas muito differentes. No exemplo que tomámos pôde-se suppr

$$z = \int_1^{+1} X(u^2 - 1)^p \varphi(xu^2 + at) du + \int_1^{+1} Y(u^2 - 1)^q \psi(xu^2 - at) du$$

p e q sendo quantidades positivas. E' claro que se póde dar uma infinidade de fórmulas a integral; procurar-se-ha aquella que der uma equação mais simples para determinar x, y. Consideremos agora a equação

$$\frac{d^2\varphi}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2\varphi}{dx^2} + \frac{d^2\varphi}{dy^2} \right). \quad (14)$$

Fazendo $x=r\cos\theta$, $y=r\sin\theta$ esta equação transforma-se nesta outra

$$\frac{d^2\varphi}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2\varphi}{dr^2} + \frac{1}{r} \frac{d\varphi}{dr} + \frac{1}{r^2} \frac{d^2\varphi}{d\theta^2} \right),$$

cujas funcções arbitrarías, como vimos no parographo antecedente, são

$$\chi(r + at), \quad \psi(r - at).$$

Acha-se facilmente para a integral da proposta, applicando-se o nosso methodo,

$$\begin{aligned} \varphi = & \cos n\theta r \int_0^\pi \chi(r \cos \omega + at) \sin^{2n} \omega d\omega \\ & + \sin n\theta r^{-1} \int_0^\pi \psi(r \cos \omega + at) \sin^{-2n} \omega d\omega, \end{aligned}$$

n sendo uma quantidade qualquer comprehendida entre os limites $\pm \frac{1}{2}$, sendo esses limites excluidos.

A integral da equação (14) (que é aquella de que dependem as pequenas vibrações das superficies flexiveis esticadas e as leis da propagação do som em um plano) achada por Poisson (Memoria da Academia das Sciencias tomo III) é

$$\begin{aligned} \varphi = & \int_0^\pi \int_0^{2\pi} f(x + at \sin u \sin v, y + at \sin u \cos v) t \sin u du dv \\ & + \frac{d}{dt} \int_0^\pi \int_0^{2\pi} f(x + at \sin u \sin v, y + at \sin u \cos v) t \sin u du dv \end{aligned}$$

A nossa integral é muito mais simples, pois que não contém integraes definidas duplas, e as funcções arbitrarías são funcções de um só binomio. Consideremos a equação

$$\frac{dz}{dt} = a^2 \left(\frac{d^2z}{dx^2} - \frac{mz}{x^2} \right) \quad (15)$$

Nesta equação para entrar os termos da segunda ordem não se achando todas as variaveis, resulta que as suas funcções arbitrarías não pódem ser

achadas pelo theorema dado no começo do precedente paragrapho: porém resulta de outro que eu não demonstrei que as funcções arbitrarías dependem dos termos da segunda ordem e dos da primeira que contêm a variavel que falta nos da segunda; assim as funcções arbitrarías da equação (15) dependem desta

$$\frac{dz}{dt} = a^2 \frac{d^2z}{dx^2},$$

cuja integral é

$$z = \int_{-\infty}^{\infty} \varphi(x + 2a\sqrt{t} \sqrt{|t|}) e^{-\alpha^2 z} dz$$

As funcções arbitrarías da proposta são envolvidas já em integraes definidas, porém isto não embaraça nada o nosso methodo, pois pôde-se proceder da maneira seguinte. Far-se-ha

$$z = \int_{-\infty}^{\infty} \left(\int_0^{\pi} X \varphi(x \cos \omega + 2a\alpha \sqrt{t} \cos \omega) d\omega \right) e^{-\alpha^2 z} dz \\ + \int_{-\infty}^{\infty} \left(\int_0^{\pi} Y \psi(x \cos \omega + 2a\alpha \sqrt{t} \sin \omega) d\omega \right) e^{-\alpha^2 z} dz$$

e proceder-se-ha depois de maneira porque nós já indicamos; acha-se exactamente a mesma integral que achou Poisson por somma de series e considerações particulares.

Consideremos mais esta equação

$$\frac{dz}{dt} = a \left(\frac{d^2z}{dx^2} + \frac{d^2z}{dy^2} \right),$$

que dá as leis da propagação do calor em um corpo de que uma das dimensões é infinitamente pequena. Façamos $x=r \cos \theta$ $y=r \sin \theta$; a equação precedente transformar-se-ha nesta.

$$\frac{d\varphi}{dt} = a \left(\frac{d^2\varphi}{dr^2} + \frac{1}{r} \frac{d\varphi}{dr} + \frac{d^2\varphi}{d\theta^2} \right);$$

multiplicando esta equação por $d\theta$ e tomando as integraes desde $\theta=0$ até $\theta=2\pi$ representando $\int_0^{2\pi} \varphi d\theta$ por s ; ter-se-ha a equação

$$\frac{ds}{dt} = a \left(\frac{d^2s}{dr^2} + \frac{1}{r} \frac{ds}{dr} \right)$$

cujas funcções arbitrarías dependem desta

$$\frac{ds}{dt} = a \frac{d^2s}{dr^2}$$

que tendo por integral

$$s = \int_{-\infty}^{\infty} \psi (r + 2 \alpha \sqrt{at}) e^{-\alpha^2} d\alpha$$

mostra que a integral da equação (16) deve ser da forma

$$\begin{aligned} \varphi = \int_{-\infty}^{\infty} \left(\int_0^{\pi} \psi (r \cos \omega + \alpha \sqrt{at}) X d\omega \right) e^{-\alpha^2} d\alpha \\ + \int_{-\infty}^{\infty} \left(\int_0^{\pi} \chi (r \cos \omega + \alpha \sqrt{at}) Y d\omega \right) e^{-\alpha^2} d\alpha \end{aligned}$$

Applicando o processo geral, acha-se para a integral da equação (16) esta

$$\begin{aligned} \varphi = r^n \cos. n \theta \int_{-\infty}^{\infty} \left(\int_0^{\pi} \psi (r \cos \omega + 2 \alpha \sqrt{at}) \text{sen. } 2 n \omega d\omega \right) e^{-\alpha^2} d\alpha \\ + r^{-n} \text{sen. } n \theta \int_{-\infty}^{\infty} \left(\int_0^{\pi} \chi (r \cos \omega + 2 \alpha \sqrt{at}) \text{sen. } 2 n \omega d\omega \right) e^{-\alpha^2} d\alpha; \end{aligned} \quad (17)$$

n sendo uma quantidade qualquer tomada entre os limites $\pm \frac{1}{2}$, sendo esses mesmos limites excluidos, e θ sendo determinado pela equação $\text{tang} \theta = \frac{Y}{X}$

A integral da mesma equação achada por Poisson é

$$\varphi = \int_{-\infty}^{\infty} \int_{-\infty}^{\infty} e^{-\alpha^2} e^{-\beta^2} f (x + 2 \alpha \sqrt{at}, y + 2 \beta \sqrt{at}) d\alpha d\beta. \quad (18)$$

A nossa tem como esta, integraes duplas, porém é mais simples, porque a função arbitraria é sómente função de uma quantidade, em quanto que a de Poisson é função de duas, porém ella é um pouco menos simples para a determinação da função arbitraria.

Differenciando-se a equação (16) em relação a t tem-se

$$\frac{d^2 \varphi}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2 \varphi}{dx^2 dt} + \frac{d^2 \varphi}{dy^2 dt} \right);$$

substituindo depois no segundo membro desta equação em lugar de $\frac{d\varphi}{dt}$ o seu valor dado pela mesma equação (16) ter-se-ha

$$\frac{d^2 \varphi}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2 \varphi}{dx^2} + 2 \frac{d^2 \varphi}{dx^2 dy^2} + \frac{d^2 \varphi}{dy^2} \right). \quad (19)$$

A integral desta equação é a formula (17), porque ella satisfaz a esta equação, e contém duas funções arbitrarías que deve haver na sua integral, pois que ella é do numero daquellas que admittem redução no numero das suas integraes.

Comparando a equação (19) com esta

$$\frac{d^2z}{dt^2} + b^2 \left(\frac{d^2z}{dx^2} + z \frac{d^2z}{dx^2 dy^2} + \frac{d^2z}{dy^2} \right) \quad (20)$$

que encerra as leis das pequenas vibrações das superfícies elásticas homogêneas e de uma espessura constante, vê-se que uma muda-se na outra fazendo $a^2 = -b^2$ e $z = \gamma$. A integral da equação (20) é a formula (17) mudando γ em z , e pondo em lugar de a os valores $b\sqrt{-1}$, $-b\sqrt{-1}$, o que dá quatro termos na integral. Para fazer desaparecer as imaginarias que se introduzem, faça-se nas duas primeiras $\theta = \frac{\beta}{\sqrt{+\sqrt{-1}}}$, e nas duas ultimas $\theta = \frac{\gamma}{\sqrt{-\sqrt{+1}}}$. Tem-se então, mudando os expoentes imaginarios em senos e cosenos de arcos reaes, e notando que os limites de γ e β , são os mesmos que os de z para a integral da equação (20)

$$\begin{aligned} z = & r^n \cos. n\theta \int_{-\infty}^{\infty} \left(\int_0^{\pi} \psi (r \cos. \omega + 2\beta \sqrt{bt}) \text{sen.}^{2n} \omega d\omega \right) e^{-\alpha^2 dx} \\ & + r^n \cos. n\theta \int_{-\infty}^{\infty} \left(\int_0^{\pi} \chi (r \cos. \omega + 2\beta \sqrt{bt}) \text{sen.}^{2n} \omega d\omega \right) e^{-\alpha^2 dx} \\ & + r^{-n} \text{sen.} n\theta \int_{-\infty}^{\infty} \left(\int_0^{\pi} \Phi (r \cos. \omega + 2\gamma \sqrt{bt}) \text{sen.}^{-2n} \omega d\omega \right) e^{-\alpha^2 dx} \\ & + r^{-n} \text{sen.} n\theta \int_{-\infty}^{\infty} \left(\int_0^{\pi} \Psi (r \cos. \omega + 2\gamma \sqrt{bt}) \text{sen.}^{-2n} \omega d\omega \right) e^{-\alpha^2 dx} \end{aligned}$$

A integral da mesma equação dada por Poisson é

$$\begin{aligned} z = & \int_{-\infty}^{\infty} \int_{-\infty}^{\infty} \text{sen.} (\alpha^2 + \beta^2) f(x + 2\beta \sqrt{bt}, y + 2\gamma \sqrt{bt}) d\beta d\gamma \\ & + \int_{-\infty}^{\infty} \int_{-\infty}^{\infty} \cos. (\alpha^2 + \beta^2) F(x + 2\beta \sqrt{bt}, y + 2\gamma \sqrt{bt}) d\beta d\gamma \end{aligned}$$

Nesta nossa ultima integral as funções arbitrarías apresentam a simplificação que apresenta as da equação (16): as funções arbitrarías são funções de uma só quantidade, o que é uma simplificação sobre as de Poisson que dependem de duas, porém tambem ha um pouco mais de embaraço na determinação das funções arbitrarías.

A integral da equação

$$\frac{d^2z}{dt^2} + b^2 \frac{d^2z}{dx^2} = 0,$$

que encerra as leis das vibrações transversaes das vergas elásticas supposta não pesada; a da equação

$$\frac{d^2z}{dt^2} = a^2 \left(\frac{d^2z}{dx^2} + \frac{1}{x} \frac{dz}{dx} \right)$$

que encerra as leis da propagação do som em um plano, quando as ondas sonoras tem a mesma intensidade em todos os sentidos ao redor do ponto de partida; a da equação

$$\frac{d^2z}{dt^2} = g(1-x) \frac{d^2z}{dx^2} - g \frac{dz}{dx}$$

de que depende as leis das oscillações de uma cadêa pesada, suspensa verticalmente por uma das suas extremidades: esta outra

$$\frac{dz}{dt} = a^2 \left(\frac{d^2z}{dx^2} + \frac{1}{x} \frac{dz}{dx} \right)$$

da qual dependem as leis da distribuição do calor em um cylindro homogeneo e de base circular, quando todos os pontos que estão igualmente affastados do eixo são igualmente aquecidos; a equação

$$\frac{d^2v}{dt^2} = a^2(1+bu) \frac{d^2v}{dx^2} + (g-a^2b)u \frac{dv}{dx} - \frac{g-a^2b}{1+bu} v$$

que encerra as leis do movimento do ar em um tubo recto, fazendo com o vertical do lugar um angulo cujo coseno é u, a temperatura decrescendo com a altura, se obtem com a maior facilidade pelo nosso methodo, ou directamente ou como caso particular das precedentes

A integral da equação

$$\frac{d^n z}{dt^n} = p \left(\frac{d^n z}{dx^n} + \frac{a}{x} \frac{d^{n-1} z}{dx^{n-1}} + \frac{b}{x^2} \frac{d^{n-2} z}{dx^{n-2}} \dots \dots + \frac{t}{x^{n-1}} \frac{dz}{dx} + \frac{un}{xx} z \right)$$

tambem se obtem com summa facilidade.

As integraes dessas equações differenciaes parciaes me tem conduzido a integral de um grande numero de equações differenciaes totaes, entre as quaes a do Conde Ricati, posta debaixo da fórmula

$$\frac{d^2z}{dx^2} = ax^m$$

O methodo que nós apresentamos pôde-se applicar facilmente, qualquer que seja o numero das variaveis, e quando as funcções arbitrarías são funcções de mais de uma quantidade. Com effeito supponhamos que uma certa equação differencial tenha por funcção arbitraría

$$\varphi (f(x) + f_1(x, t), f_2(y) + f_3(y, t) \dots);$$

tornar-se-ha por integral da proposta

$$z = \int_a^b \int_c^d \int_e^f \dots X Y Z \dots \varphi (f(x) + f_1(x, t) F(\omega), f_2(y) + f_3(y, t) F_1(\psi), \dots) d\omega d\psi \dots$$

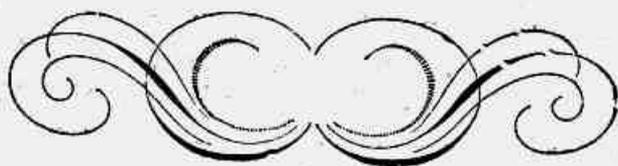
X, Y, Z, &c., são funcções respectivas de cada uma das variaveis $x, y, \&c.$, e de todas as auxiliares $\omega, \psi, \chi, \&c.$ assim como de t , e as funcções $F(\omega), F_1(\psi), F_2(x), \&c.$ são taes que tomadas entre os respectivos limites das variaveis que encerram se reduzem a unidade.

O methodo póde tambem se applicar a equações simultaneas.

O leitor poderá julgar se o nosso methodo, de que não temos podido dar mais do que uma idéa, é ou não fecundo.

No numero seguinte desta Revista darei tambem uma noticia abreviada das consequencias fecundas que deduzimos do nosso theorema sobre as funcções arbitrarías, para a *Physica mathematica e mechanica*, e nos numeros seguintes irei dando conta de outras indagações extensas sobre o *calculo integral das differenciaes totaes*, sobre o *calculo inverso das differenças e calculo das differenças mixtas* e muitas outras indagações sobre ramos novos da analyse.

Pag. 344 linhas 15 em vez de $\int_0^{2\pi} du$, lea-se $\int_0^{2\pi} d\theta$



VISITA AOS CEMITERIOS

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

Hoje que a Religião convida seus filhos a depositarem uma lagrima sobre o tumulo dos que lhe foram caros; hoje que as galas, as pompas do mundo se trocam pelo crepe, quando todos os enganos e preocupações cessam perante a terrivel realidade dos tumulos, coordenemos as nossas notas de viagem, e digamos duas palavras sobre os cemiterios, que tivemos occasião de visitar durante a nossa curta peregrinação pela Europa.

Depois que a civilisação moderna ensinou aos povos que não era conveniente que as casas consagradas á oração, e onde os fieis iam sublimar seu espirito até Deos, servisse de receptaculo aos corpos destinados a serem presas da putrefação, foi restabelecido o erro dos cemiterios, que datam da mais remota antiguidade.

Foi Lisboa a primeira cidade da Europa, que visitamos, e assim começaremos pelo cemiterio dos *Prazeres* o que tal respeito pretendemos dizer. É este cemiterio d'origem moderna pois só data de 1834; mas faz-se recommendavel pelo seu pittoresco local donde se descobre toda a cidade, e pela riqueza de alguns tumulos e jazigos de familia, entre os quaes occupa o primeiro lugar o do fallecido Duque de Palmella, mandado erigir por seu filho. As ruas porém, apesar de largas e bordadas de cyrestes e salgueiros, são mal calçadas tornando incommodo o seu trajecto principalmente no inverno. Alguns epitaphios são de tocante simplicidade, outros porém revelam a vaidade companheira inseparavel do homem até na estancia da morte. Notamos todavia pouco gosto nos tumulos, provando o atrazo que nas bellas artes infelizmente existe em Portugal. Apenas dous faziam excepção desta regra, e fixavam a attenção dos viajantes; um, sobre que se via uma linda columna quebrada parecendo obra do acaso mas sendo na realidade o emblema da vida de quem ali jazia, a quem semelhante

ao cedro do Libano despedaçava o furacão da morte: o outro apresentava ao observador uma rosa desfolhada por baixo da qual lia-se o seguinte sentencioso verso de Malherbe:

*Elle a vecu ce qui vivent les roses,
L'espace d'un matin.*

Era o ultimo asylo d'uma donzella de dezeseis annos.

Percorremos com grande rapidez as cidades de Hespanha e Italia, que nos ficavam em caminho para Roma, alvo das nossas mais ardentes aspirações, não nos foi portanto possivel consagrar algumas horas ao exame dos seus respectivos cemiterios, objecto, que aliás muito nos interessava por consideral-o um dos meios pelos quaes póde o estrangeiro avaliar da civilisação dos paizes, que visita.

Os dous maiores cemiterios da cidade eterna, o de S. Sebastião e de S. Calixto, não tem aquella magnificencia que se devera esperar do culto pelas artes, que tanto distingue seus moradores; mas em compensação reina ali uma doce e suave melancolia propria a inspirar-nos sublimes pensamentos sobre o nada das grandezas humanas. A ausencia de monumentos sepulchraes, que se observa é procedida do estylo romano de mandarem as familias nobres e abastadas construir tumulos nas igrejas, afim de nelles serem recolhidos os ossos dos seus parentes, sendo o cemiterio apenas um lugar de transição. Pensamos ser este uso mui piedoso, por collocar á sombra dos altares os restos daquelles a quem amamos em vida, resguardando-os das vistas profanas e de impertinentes visitas.

Existe em Roma um cemiterio summamente original, que recommendamos áquelles dos nossos leitores, que se dirigirem a cidade dos Cezares e dos Papas, queremos fallar do dos Capuchinhos do convento da Conceição. Desde a nossa chegada que ouviamos com admiração fallar delle a todos os patricios, ali residentes, e aproveitando-nos da obsequiosa direcção do estimavel Snr. Rocha, nosso collega nos estudos theologicos, sahimos da casa da nossa residencia na *piazza Madama* e encaminhamo-nos para a *de' Termini*, onde se acha a igreja e o convento *della Concezione*. Nosso amavel *cicerone*, a quem uma residencia de cinco annos em Roma, tinha-lhe grande numero de relações, perguntou na portaria por *fra Felice*, e um respeitavel ancião, cujas cãs alvejavam sobre o seu habito escuro de grossa estamenha, cingidos os seus rins com uma cintura de couro, e calçado com velhas sandalias apresentou-se com o sorriso nos labios e sabendo que desejavamos vêr o cemiterio do seu convento prestou-se com a melhor vontade a servir-nos de guia.

Seguindo seus passos atravessamos um longo corredor, ornado com grande numero de retratos de santos, de cardeaes e de homens eminentes oriundos desse austero instituto. Atravessando o coro da igreja descemos por uma escada estreita ao santuario dos mortos. Abriu-se a porta e um espectaculo para nós inteiramente novo revelou-se a nossos olhos. Vastos carneiros illuminados tinham por divisa uma cruz, e as paredes e tecto eram *ornados* de ossos humanos. Dizemos *ornados* porque elles formavam na realidade grinaldas, florões e até lustres suspensos na abobada, dando a essa lugubre habitação da morte o aspecto d'amenos jardim. O ambito das sepulturas era guarnecido de *tibias* dispostas com symetria e formando de distancia em distancia nichos espaçosos especies *loculi*, que se vêem nas catacumbas. Ali na attitude da oração ou do somno mostraram-se os mortos antigos e modernos, todos filhos do claustro, revestidos com o seu grosseiro burel e com o crucifixo na mão. A' vista desses corpos escapados, ao menos em parte, á dissolução do tumulo vos penetra d'um certo terror religioso, mitigado pela calma inalteravel das physionomias, que indica esperarem tranquillos pelo grande dia da resurreição dos mortos.

Aos olhos do mundo parece uma profanação essa disposição symetrica dos ossos; mas para o philosopho e principalmente para o christão a especie de familiaridade respeitosa com a morte é uma consequencia da victoria que sobre ella alcançou. Assim o Religioso, que nos fazia as honras do cemiterio mostrava-nos com santo jubilo a campa, que lhe estava destinada, e parecia ter pressa de juntar-se aos seus finados companheiros.

Uma residencia de vinte dias em Napoles permittiu-nos o visitar *il campo sancto nuovo*, que pela sua deliciosa situação pôde ser considerado como o mais bello cemiterio de toda a Europa. Nada ha mais propicio para tocar o coração do que esses lugares que reúnem á amenidade do sitio, á mais doce temperatura, o aspecto encantador da mais risonha e variada perspectiva. Comprehende-se facilmente porque escolheram os Napolitanos tal sitio para a eterna habitação dos seus mortos. Quem religiosamente sentado sobre a base d'um soberbo mausolêo lançar suas vistas em torno de si, verá tumulos em que só reina o frio da morte, e que inspiram santas emoções misturadas de melancolia, como quando nos achamos junto aos altares; mas si ceder a necessidade de desviar suas vistas para mais livremente respirar, verá descortinar-se a seus pés o immenso jardim de Napoles guarnecido todo o anno de eterna verdura: além o Vesuvio com a sua magica cratera, e mais além a longa cadeia de montanhas, que fatigam os olhos ao contemplarem as fórmas caprichosas com que vão-se perder n'um horisonte vaporoso: á direita Napoles que se denuncia pelo magestoso campanario dos Carmelitas, cuja soberba flecha não conhece rival;

enfim iriam suas vistas perder-se nesse poetico golfo, que poder-se-ia tomar pelo palacio de Amphitrite, suas ilhas, pelas columnas, que o exornam e os reflexos luminosos das suas aguas por outros tantos diamantes e perolas, que o decoram. Os sentidos seduzidos por tantos esplendores não se despertariam da sua doce embriaguez senão pela lembrança de que elles eram as primicias de um mais feliz futuro, percursos da felicidade suprema.

No recinto do cemiterio eleva-se um magestoso portico de fôrma rectangular, sustentado por columnas, que abraçam cem capellas com seus hypogêos, assignadas as confrarias laicas da cidade. Estas confrarias são em numero de cento e setenta e quatro, e um dos seus deveres essenciaes é de acompanhar seus mortos ao cemiterio; porque foi a caridade, que as instituiu. Todos os Napolitanos se filiam a essas pias associações, que lhes garantem medicos e medicamentos quando doentes, e funeral, desonerando as familias do cumprimento de tão triste quão penoso onus.

Perguntando quem era o autor da estatua colossal da Religião, que se eleva no meio do recinto, informaram-nos ser obra do cavalheiro *Tito Angelini*. O capuchinho, que servia-nos de conductor, e a quem devemos as particularidades, que acabamos de narrar, disse-nos que esse esplendido e sumptuoso monumento fôra inaugurado no mez de Setembro de 1845 por occasião do 7.º congresso dos sabios italianos reunido em Napoles. No adro do templo dividido por dous claustros está o local em que se sepultam os mendigos e as pessoas das classes infimas da sociedade.

Não longe dali vê-se um convento de fôrma gothica, que serve de habitação a doze capuchinhos destinados ao serviço espirital do cemiterio. Ao redor desses edificios elevam-se outras igrejas com os seus hypogêos, pertencentes as outras ordens religiosas, e uma multidão de monumentos funebres de differente fôrma e estylo, rodeados de jardins, cujas flôres são cuidadosamente regadas pelos guardas do estabelecimento. A municipalidade assignou um lugar distincto para os tumulos dos homens de letras, ou para aquelles cidadãos, que se tornassem notaveis pelas suas virtudes e serviços prestados á patria. Oxalá que entre nós houvesse identica instituição! Os grandes homens, semelhantes a ave fabulosa dos Egypcios, renascem das cinzas dos seus antecessores.

Il campo sancto de Pisa, que tivemos occasião de admirar na nossa digressão á Toscana, é como sabem os leitores, obra do insigne architecto João de Pisa, começado em 1218 e acabado em 1283 no estylo germano-tosciano. Cahia esta maravilha d'arte em decadencia quando Napoleão nomeou conservador ao veneziano Carlo Lasinio, a quem se deve a sua res-

tauração. É um vasto rectangulo rodeado de porticos com sessenta e duas arcadas de gosto semi-gothico. A terra, que cobre o campo santô foi transportada de Jerusalem em cincoenta galeras da republica, no tempo em que Pisa partilhava com Veneza e Genova o sceptro dos mares. Não faremos a descripção dos magnificos quadros e pinturas á frêscô, que ornam seus muros; seria para isso necessario possuir conhecimentos especiaes, que nos faltam.

Os baixo-relevos e os sarcophagos merecem tambem fixar a attenção do viajante, mas a grande quantidade de tumulos antigos, que são ao mesmo tempo prodigios de esculptura, dão a este cemiterio a apparencia d'uma galeria, d'um musêo archeologico; tudo ali recorda um tempo, já de nós mui distante, o ultimo jazigo dos homens que fizeram a honra, e a gloria do seu paiz, e que se cobririam de pejo si se vissem ao lado daquelles, que o hão desdourado e entregue á dominação estrangeira. Assim *il campo sancto* deixou de ser o cemiterio da geração actual, e *il campanile*, inclinando para o sólo a sua altiva fronte pranteia a escravidão da patria.

Passamos em Paris o dia de finados do anno de 1853; e acudindo a vez do dever e da curiosidade encaminhamos nossos passos para o cemiterio do *Perè la Chaise*, o mais celebre dos quatro que possui a capital do imperio francez. Releva ter visitado a França para avaliar do character desse povo, o mais religioso, e ao mesmo tempo o mais libertino, que existe na Europa. Paris, a cidade dos prazeres, a Sybaris moderna, apresenta no dia de hoje o spectaculo o mais edificante, que imaginar se possa. Todas as ruas, que vão ter aos cemiterios estão apinhadas de homens, mulheres e crianças que na attitude a mais grave caminham silenciosos, e como que temerarios, que as suas vozes, e até o ruido dos seus passos possa interromper a serie de meditações e de tristes lembranças a que se entregam. Pôde-se dizer com verdade que habita em Paris a Religião dos mortos, e que este povo tão distrahido sabe concentrar as suas idéas, e deixando neste dia o seu character jovial mostra-se meditabundo com os filhos da merencoria Germania.

Nessa infinidade de capellas, que se observam nas vastas alamedas do cemiterio, nesses hypogêos, que encerram os restos dos que já foram mortaes vereis corôas de *sempre-vivas* dispostas com grande symetria, e junto ao crucifixo, ante o qual ardem duas, ou mais tochas, a mãe chorando por seu filho, o marido por sua esposa, o amigo pelo seu amigo e levantando-se cheios de fé, crêem que Deos os reunirá um dia na morada eterna.

Este recolhimento, este respeito para com os mortos, que seja dito em

honra sua, é commum aos francezes, que se descobrem sempre que encontram um sahimento, absorvia totalmente a nossa attenção não nos permitindo o lér as inscrições e os epitaphios que ornavam alguns tumulos. Dous porém são de tal sorte notaveis que não podemos passar por elles sem consagrar alguns minutos a sua contemplação queremos fallar da capella e tumulo de *Heloise e Abailard*, collocados logo á entrada, e o monumento erecto á memoria do famoso orador Casimir Périer.

O serviço religioso desta celebre necropolis é feito com a maior regularidade, e o actual Snr. Arcebispo de Paris acaba de dar-lhe um regulamento, que poderia com grande vantagem ser applicado aos estabelecimentos que nesse genero possuimos.

Não nos occuparemos com os cemiterios de *Mont-martre*, *Mont-Parmasse* e de *Picpus*, que por serem de menor importancia não visitamos.

Praza a Deos que os cemiterios do Rio de Janeiro possam tambem um dia chamar a attenção do viajante que visitar nossas plagas, senão pelo esplendor dos seus moimentos, ao menos pela ordem que nelles reinar, e pela veneração consagrada ás cinzas dos mortos.

• Rio, 2 de Novembro de 1854.

O Conego Dr. *Pinheiro*.



TRADUÇÃO

DOS

DOUS PRIMEIROS CANTOS DO — INFERNO — DE DANTE.



I.º CANTO.

Em meio curso da terrena vida
Embrenhado me achei n'uma espessura,
Fóra da estrada recta, e conhecida.

Seria negra e lugubre a pintura
Desta selva tão densa e emmaranhada,
Que renova, ao lembrar, temor, tristura.

Póde á morte no horror ser comparada;
Mas como nella achei algum conforto,
Altas cousas, que vi, dizer me agrada.

Como entrei no caminho errado e torto,
Eu não posso contar, que em tal instante
O somno me vencera : errava absorto.

Ceguei a uma collina não distante,
Do valle no limite derradeiro,
Que me enchea de medo penetrante.

Os olhos êrgo, e do visinho outeiro
Eis que a espalda dourava o grão planeta,
Que mostra a recta senda ao caminheiro.

Então em mim um tanto se aquieta
A tormenta, que o susto alevantára,
Na triste noute, em solidão completa.

E como quem, sem folego, da amara
 Agua das ondas, salvo, a praia alcança,
 Os olhos volve ao mar, de que escapára ;

Tal meu animo afflicto a vista lança
 Para o bosque tão negro e temeroso,
 Que tolhe ao coração toda a esperança.

Dado ao languido corpo algum repouso,
 Pela encosta deserta, ingreme, e féra,
 Subindo vou, com passo vagaroso.

Já quasi ao cimo assim chegado houvera,
 Eis, subito, ante-mim, veloz, ligeira,
 De mosqueada pelle uma panthera :

Sem arredar-se, põe-se-me fronteira,
 Embarga o passo ; eu quasi determino
 Voltar, descendo a rispida ladeira.

Vinha rompendo o raio matutino ;
 Subia o sol, e as fulgidas estrellas,
 Que com elle creára o Amor Divino,

Quando moveu primeiro obras tão bellas :
 Eu ao vêr da panthéra as lédas côres,
 Principio de esperança encontrei nellas,

Na estação linda, e matinaes albores ;
 Mas eis féro leão me apparecia,
 Que em mim veiu infundir novos terrores.

Delle ser prêsa, misero temia ;
 Que o bruto, erguida a fronte, famulento,
 Por medo aos mesmos ares parecia.

Uma loba, tambem, voraz intento,
 Famelica, mostrando, magra, e brava,
 (Causa a muitos de lucto e de tormento !)

Tanto susto em meu animo causava,
 Com o terror que em torno diffundia
 Que eu ao cimo chegar desesperava.

E como quem grangeia noite e dia,
E depois tudo perde, não socega,
Todo envolto em mortal melancolia:

Tal meu peito se afflige, e á dôr se entrega,
Que a féra para o bosque, pouco e pouco
Impellindo me vae; subir me nega.

Quando pois vou descendo, e mais me apouco,
Eis subito um varão deviso perto,
Que, tardando a fallar, eu julguei rouco.

Quando o vi neste horrifico deserto,
Alto clamei: De mim tem piedade,
Homem, ou sombra, que o não sei ao certo.

Respondeu: Homem não; mas n'outra idade,
Homem fui, e meus paes, em Lombardia,
Mantua tiveram por natal cidade.

Vi, tarde, sob Julio, a luz do dia:
Vivi, quando imperava o bom Augusto,
No mundo entregue á cega idolatria.

Poeta, descantei o pio, o justo,
De Anchises filho, que a Dardania terra
Deixou, vendo Ilión raso e combusto.

Mas quem para tal selva te desterra?
Porque não sobes ao ameno monte,
Que em si de todo o bem principio encerra?

Virgilio és pois, d'alta sciencia fonte,
De doce eloquio limpida torrente?
Eu lhe tornei com vergonhosa fronte.

O' dos vates brazão mais excellente,
Valha-me o longo estudo, o vivo zélo,
Que a teus carmes votei; cultor ardente.

Meu mestre és tu, Virgilio, e meu modelo:
A ti sómente, ó vate, eu hei devido,
O, que lustre me ha dado, estylo bello.

Olha a féra que fujo, espavorido ;
Do seu furor me salva : ella me véda
O proseguir, e eu tremo esmorecido.

A ti convêm seguir outra vereda,
Respondeu, quando viu correr meu pranto ;
Para a morte evitar daqui te arreda ;

Que esta féra que vês com justo espanto,
Não permite a ninguem seguir a estrada,
E tira a vida a quem se atreve a tanto.

Indole tem tão barbara e malvada,
Que sempre em devorar põe o sentido,
Quanto mais devorou, mais esfaimada.

Com varios animaes se tem unido,
E com mais se hade unir : por derradeiro
Um galgo a matará— fim merecido.—

Este mais que poder, mais que dinheiro,
Hade amar com ardor, virtude e siso ;
Será Lombardo o nobre Cavalleiro.

De Italia um salvador nelle deviso,
De Italia em cuja prol morreu Camilla,
Euryalo infeliz, e Turno, e Niso.

A féra hade atacar, e perseguil-a
Té de novo a fechar no reino impuro,
Donde Inveja a soltára— e assim punil-a.

Eu guia te serei— teu bem procuro—
Tu seguindo me vêm, com peito forte ;
Lugar te mostrarei medonho, escuro.

Onde gritá ouvirás de toda a sorte,
E os esp'ritos verás, que atormentados,
Invocam, sem cessar segunda morte.

Outros verás nas chammas, confortados,
Porque esperam gozar da eterna vida,
Após penar tão duro, afortunados.

Se aspiras a tão nobre, alta subida,
Alma virá do que eu mais digna, e pura,
Que seguirás na minha despedida.

Que o summo Rei, que tudo manda e cura,
Porque eu á sua lei não fui sugeito,
A mim de entrar no céu nega a ventura.

Exerce em toda a parte igual direito ;
Mas ali tem a côrte, e augusta séde,
Feliz a lá morar quem foi eleito !

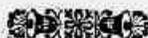
Torno-lhe : O' vate, a graça me consegue
(Pelo Deos de que idéa não tiveste,
E que este risco e os mais de mim arrede)

De levar-me onde agora me disseste,
A' porta de S. Pedro a vêr contigo ;
E os réos que pune a colera celeste...
Elle caminha então : seus passos sigo.

FIM DO CANTO I.



O JORNALISTA.



O que é um jornalista? Eis uma pergunta que temos ouvido repetidas vezes, e que ainda não foi respondida satisfactoriamente, e talvez mesmo nunca o seja, salvo se apparecer algum ente predestinado, que possa achar as relações entre as diversas fórmas que apresenta, e apreciar-as a tal ponto que chegue a descobrir um nexo, e fixar a unidade de sua existencia.

Mas o jornalista é um homem, e porque não o definiremos?! Não é elle que dá existencia a essas folhas impressas que, sob diversos nomes, percorrem com incrível velocidade as ruas de uma cidade, as cidades de uma nação, as nações de um continente, e, vencendo immensas distancias, saltam de um para outro ponto, e diffundem pelo mundo o pensamento que lhe confiaram?! Não é elle que, sob diversas fórmas, se introduz no lar domestico, e, abstrahindo das posições sociaes, acorda a uns, adormece a outros, a este encanta, áquelle incommoda, e prende de todos a attenção para o seu salvo aproveitar o precioso tempo?! Não é elle que, influido nos animos, grava os principios que mais lhe convêm, e arreda, amortece ou destroe tudo quanto se lhe antepõe ou busca embargar seus passos?! Não é elle que excita ou acalma as paixões; que alimenta ou combate os vicios; que impelle ou detêm os inexpertos, e faz a guerra ou a paz?! Não é elle enfim, que instrue os povos ou os deprava; que os engrandece ou abate; e anima a industria ou a esmaga?! Sim, isto assim é: nós o vemos todos os dias, porque todos os dias encontramos seus representantes nas sociedades de todas as cathegorias; e cada vez o comprehendemos menos, e somos levados a crêr que não é dado ao homem definir-o.

Não desanimemos porém, que senão podemos encontrar o genero proximo, e a differença especifica, nem por isso nos é vedado transpôr a orbita que os philosophos tracaram, e dar uma idéa aproximada d'elle.

Acompanhemol-o pois em suas transformações, vejamos de perto a in-

finidade de suas faces, e ouçamos sua voz que tão rapida como a electricidade se faz sentir em todas as partes do globo.

Eil-o. Seu aspecto é sombrio : uma questão grave o occupa, e o ergue insensivelmente aos mais elevados principios : sua voz é pausada e firme ; inspira confiança e conduz á convicção. Uma infinidade de homens de todas as condições, de todas as idades, são arrastados pela força de seu poder ; muitos se identificam com elle ; muitos o admiram e seguem ; e bem pouco se atrevem a eclypsar-lhe a gloria, ou arrancar-lhe o sceptro.

Penetremos agora em seu pensamento, e ficaremos abysmados em sua vastidão ; ouçamos sua voz, e ficaremos maravilhados da magestade do estylo ; sondemos o alcance de suas palavras, e reconheceremos o poder da sciencia, o encanto da arte, o fervor do patriotismo, ou a unção religiosa : e se perscrutarmos a pureza de suas intenções, ou sondarmos a robustez de sua vontade, seremos levados a uma crença, e o julgaremos digno ou não, de admiração e respeito.

Vejamol-o agora. Seu semblante é risonho, seu olhar brilhante, seu estylo florido. Compenetrado de sua missão, e embalado em bellos pensamentos, elle busca encantar áquelles que o escutam, e derramar sobre elles os conhecimentos que possui. Mudando o aspecto ou a côr dos objectos de que trata, e vestindo-os de mil modos, elle os faz marchar ou retroceder segundo as conveniencias de seu programma. Ainda elle é o mesmo ; ainda se occupa dos mesmos assumptos ; mas já não tem o mesmo auditorio, pois seu theatro é mais vasto, e attráe maior numero de espectadores.

Penetremos por essa pleiade de ouvintes, e nos approximemos d'elle ; notemos a variedade dos pensamentos, a belleza das imagens, a pureza da linguagem, a bella e seductora coordenação das idéas, e reconheceremos ainda que é impossivel estreital-o nos limites de uma definição.

Vejamol-o ainda. Já não se occupa das grandes questões sociaes ; já não se entranha no labyrintho das sciencias, nem se intromette na apreciação ou direcção dos costumes. Seu semblante nimiamente prasenteiro denuncia-nos bem que só busca encantar-nos, offerecendo na escolha do assumpto e na variedade da linguagem um agradável passatempo. A' sua voz, as idéas se transformam de mil modos, e adquirem noções mais bellas, expressões mais vivas ; e elle as recolhe, elle as coordena, e fórma primorosos quadros que lisongeião os sentidos e o pensamento. Ao vê-los nossa alma se expande, o tempo foge, os pesares definham, e um doce prazer se apodera de nós, e faz-nos gozar deliciosos momentos.

Eil-o porém agora mais vivo, mais variado, mais seductor ; mas já não

busca offerecer-nos um innocente recreio. Com malicioso olhar, encara os objectos e fal-os perder a pouco e pouco as enganosas vestes; as graças se escapam, a illusão se dissipa, e elles se mostram ao mundo amesquinhadados pelo ridiculo! Dominados por seu magico poder, nós somos constangidos a rir das miserias alheias, e mal podemos ouvir a voz da consciencia que nos convida á compaixão!..

Sigamol-o ainda... mas não; não o acompanhemos em todas as suas fazes; deixemol-o seguir seu illimitado curso; deixemol-o cumprir sua variada missão, e nem busquemos desvendal-o para apreciar o homem. Sim; que o homem póde ser digno do amor ou do odio, mas elle, fugindo á lei geral, abandona a contingencia humana, e é o que quer ser, e inspira o sentimento que mais lhe convêm.

Vestido com os trajes do mundo, entra no palacio, nos theatros, no templo ou nas sociedades, e nelles é recebido como os demais homens; porém revestido de seu poder, entra em toda a parte, penetra em todos os lugares, e passando de mão em mão recebe uma infinidade de recepções. E elle tudo vê, tudo observa, umas vezes com a vizeira erguida, outras encoberto por mysteriosa mascara. Sua alma sempre cautelosa, frue então em segredo os mais deliciosos prazeres, ou supporta as mais terriveis decepções!

O mundo não póde vél-o senão atravez de um prisma; sua vida intima raras vezes transpira em seus actos, e elle se torna por isso um ente excepcional, uma creação *sui generis*, que mal póde ser comprehendida pela intelligencia humana.

Albano Cordeiro.



GLORIA DO PULPITO BRASILEIRO.

Fazendo nesta Revista uma breve analyse das Obras Oratorias do Padre Mestre Mont'Alverne, servimo-nos destas palavras: « Si alguma vez lamentamos não ter nascido alguns annos mais cedo foi certamente ao lêr os sermões do Padre Mestre Mont'Alverne: desejavamos gozar por nós mesmos dessas emoções, que deveriam experimentar os contemporaneos á sua gloria do pulpito; ouvil-o recitar os seus discursos, animados pela sua voz metallica, como a d'araponga, dramatisadas pelo seu grave e original accionado. » Nesses votos se acham hoje realisados: tivemos a insigne ventura de ouvir pregar a Frei Francisco de Mont'Alverne!

O dia 19 de Outubro do anno de 1854 marca uma época memoranda nos factos da eloquencia sagrada no Brasil. Uma VONTADE AUGUSTA, semelhante ao Archanjo do valle de Josaphat, fez surgir das sombras do claustro, como d'um tumulo, um illustre Franciscano, que ha dezoito annos vivia eclipysado aos olhos do mundo, e envolto no manto de sua gloria.

Divulgou-se a noticia que Mont'Alverne ia-se mostrar nesse mesmo pulpito, donde ha vinte e cinco annos, tinha saudado a inauguração da imagem de S. Pedro d'Alcantara, implorando a sua protecção em pról do nosso então nascente imperio: e a cathedral do Rio de Janeiro achou-se apinhada de numerozo concurso de fieis. Cidadãos de todas as classes: os homens da actualidade, os representantes do passado e do futuro, ambicionavam ouvir o Bourdaloue brasileiro. Os velhos, que o tinham ouvido cheio do viço dos verdes annos, criam que depois de tão longo intervallo, depois de tantas dôres phisicas e moraes, não veriam senão um espectro do antigo Mont'Alverne. « Um cego não pôde estudar, diziam elles, e é cruel expôr uma antiga reputação aos azares do improviso. » Queriam os moços avaliar por si mesmo da poderosa magia, que esse homem

extraordinario exercea sobre seus paes, que delle fallavam como que d'um ente mysterioso, quasi d'um mytho. Ao ouvir o elogio do grande homem um sorriso de incredulidade roçara por alguns labios juvenis: « é impossivel pensavam elles, que agrade-nos esse antigo orador á nós, que lêmos os sermões de Lacordaire e Ventura: » Velhos e moços se enganavam: Mont'Alverne nada perdera da sua antiga eloquencia: pregou na presença do segundo Imperador como o fizera diante do primeiro; seu estylo foi brilhante, como o de dominicano francez, grave e profundo, como do ex-geral dos theatinos.

O ministro sagrado acabava de cantar o Evangelho, e todos os olhos se volveram para a capella-mór, onde um frade de joelhos pedia ao Bispo a sua benção para annunciar a palavra divina. Mas esse frade era cego:— e quem se encarregaria de conduzi-lo ao pulpito? Um sacristão?— não. Um mestre de ceremonias? tambem não. Quem será pois? o Monsenhor Decano, o Presbytero assistente.— Um murmurio de approvação respondeu a este acto de delicadeza do respeitavel ancião, cujas virtudes e piedade sabe apreciar o povo fluminense.

Semelhante a Scipião, desembarcando n'Africa, Mont'Alverne calcou com o pé no pulpito como para tomar posse do terreno: passou a mão pela frente, como para chamar todas as reminiscencias do seu glorioso passado. Nenhum pensamento, ousamos asseveral-o, perpassou pela mente dos seus ouvintes em quanto orava: todas as atenções se achavam concentradas nelle. No fim do exordio quando invocando a Religião exclamou:

« Religião divina, mysteriosa e encantadora! Tu, que dirigiste meus
 « passos na vereda escabrosa da eloquencia, tu, a quem devo todas as
 « minhas inspirações, tu, minha estrella, minha consolação, meu unico
 « refugio, toma esta corôa... Se dos espinhos que a cercam rebentar al-
 « guma flôr, si das sylvas, que a enlaçam reverdecerem algumas folhas,
 « si um enfeite, um adorno renascer destas vergontas já séccas; depo-
 « sila-as nas mãos do Imperador para que as suspenda como um tropheo
 « sobre o altar do Grande Homem, a quem elle deve seu nome, e o Brasil
 « a protecção a mais decidida. » Applausos involuntarios partiram d'um
 auditorio, que sabe que no templo do SENHOR é defeza toda e qualquer
 manifestação de enthusiasmo. Sua commoção era tal que privou-o de
 raciocinar.

O triumphador marchou pela estrada da victoria, adornada a frente com os laureis do genio, e quando desceu do pulpito, recebeu uma ovação tão grande, tão sincera, como nunca presenciámos, nem tivemos noticia. Os anciões congratulavam-se com elle e agradeciam a Deos o ter-lhes con-

servado a vida até este dia: os moços beijavam-lhes as mãos, essas mãos sagradas, que empunhavam o sceptro da eloquencia. Subiu as escadas em triumpho, e a sala das sessões capitulares foi litteralmente abstruida pela multidão avida de vê-lo, d'admiral-o. « Padre Mestre, diziam seus discipulos, nós o reconhecemos engrandecido pelo infortunio, santificado pela dôr. » « Padre Mestre, exclamavam os mancebos, que nelle viam o mais bello symbolo dos dias que não eram os seus, Padre Mestre, abençoe-nos para que possamos transmittir a sua benção a nossos filhos, legar seu nome a posteridade. » Padre Mestre, accrescentamos tambem nós, permitta-nos que registemos algumas das suas brilhantes imagens nas columnas do *Guanabara*. Prometti alguns excerptos ao *Mercantil*, dal-os-hei tambem ao *Guanabara*; respondeu-nos o illustre veterano do pulpito.

Apezar da nossa insufficiencia façamos tambem nós uma rapida analyse do ultimo sermão pregado pelo Revm. Padre Mestre Mont'Alverne, que teve a bondade de confiar-nol-o, servindo de continuação á que tivemos a honra de escrever sobre as suas Obras Oratorias.

Antes de começar, seja-nos licito assignalar duas difficuldades para nós quasi insuperaveis. Prohibe-nos o autor que transcrevamos todo o seu magnifico sermão, o que tencionavamos fazer como sendo o unico meio de communicar aos nossos leitores parte das sensações, que experimentamos nesse dia memoravel, em que a eloquencia sagrada no Brasil levantou-se como Lazaro do tumulo, em que jazia ha dezoito annos; a outra é de termos sido precedido por alguns escriptorès, cujo brilhante estylo e depurado gosto são conhecidos pelos nossos leitores. O *Correio Mercantil* disse a tal respeito cousas tão bellas, que nos é absolutamente impossivel imitar: e escolheu do sermão os trechos, que rutilavam no meio dos esplendores desse grandioso artefacto collocando aos seus successores, na necessidade de copial-o: o que de bom grado fazemos sempre que não podemos evitar as perigosas syrtes das suas mui apropriadas citações.

No exordio deste sermão, tão justamente admirado, o orador traça um bellissimo quadro do estabelecimento do Christianismo e dos obstaculos com que teve de luctar: mostra-nos a expectação do mundo pela vinda do Messias, os holocaustos sangrentos que offereciam os homens á Divindade justamente irritada por seus vicios e crimes. Transporta-nos depois á era dos martyres e faz-nos descer á arena dos amphitheatros onde um batalhão de virgens mandadas á morte por conservar a sua pureza cobriam de confusão essas mulheres, que não tinham pejo de assistir em completa nudez ás ceias voluptuosas de Tigelino nas alamedas dos seus jardins profusamente illuminada. Em seguida apresenta as flagellações e as penitencias substi-

tuidas ao martyrio, marcando o typo caracteristico de cada seculo christão, e como representante, como symbolo de todas essas diversas perfeições, descobre-nos a imagem veneranda d'um homem a quem os Anjos chamaram PEDRO, e o lugar de seu nascimento accrescentou-lhe o appellido D'ALCANTARA.

Sua posição era especial, tinha precisão de fallar de si, necessitava de explicar a sua reaparição na tribuna evangelica: e fel-o da maneira mais arrebatadora. Suas palavras, para servirmo-nos das phrases do collega do *Correio Mercantil*, são tocantes da mais singela eloquencia, repassadas de tristeza que pôdem servir de exemplo da mais poetica litteratura christã. Citemol-as, ainda que já não tenhamos o merito da novidade.

« Não, não poderei terminar o quadro que acabei de bosquejar: com-
 « pellido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira, que
 « percorri vinte e seis annos, quando a imaginação está extincta, quando
 « a robustez da intelligencia está enfraquecida por tantos esforços, quando
 « não vejo as galas do sanctuario e eu mesmo pareço estranho áquelles,
 « que me escutam, como desempenhar esse passado tão fertil de remi-
 « niscencias? Como reproduzir esses transportes, esse enlevo com que
 « realcei as festas da religião e da patria? E' tarde!... E' muito tarde!...
 « Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho neste pulpito, que
 « ha dezoito annos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação
 « afflictiva, um phantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam
 « meus olhos e cujos degrãos descí só e silencioso para esconder-me no
 « retiro do claustro. Os bardos do Thabor, os cantores do Hernion e do
 « Sinai, batidos da tribulação, devorados de pezares, não ouvindo mais os
 « éccos repitirem as estrophes dos seus canticos nas quebradas de suas
 « montanhas pittorescas; não escutando a voz do deserto, que levava
 « ao longe a melodia dos seus hymnos: penduraram seus alaúdes nos
 « salgueiros, que bordavam o rio da escravidão; e, quando aquelles que,
 « se deleitavam com os perfumes do seu estylo e a belleza de suas ima-
 « gens vinham pedir-lhes a repetição dessas epopéas, em que perpetua-
 « vam as memorias de seus antepassados e as maravilhas do Todo-Pode-
 « roso, — elles cobriam suas faces humedecidas do pranto, e a bandona-
 « vam as cordas frouxas e desafinadas de seus instrumentos musicos ao
 « vento das tempestades. »

A invocação á Religião, que já citamos é um grande movimento oratorio desempenhado por habilissimo mestre, e a imagem da corôa que pede seja depositada nas mãos do Imperador para que a suspenda sobre o altar de S. Pedro d'Alcantara, está ácima de todo o elogio.

Entrando em materia, o orador pinta-nos com vivas côres as pasmosas conquistas do Evangelho, *desse livro admiravel*, diz elle, *que tem escapado aos mais temerosos cataclysmos, e sobrevivido ás revoluções do globo*, e entre essas conquistas não se esquece de commemorar a reabilitação da mulher nestas energicas palavras. « A mulher typo do devanêo e da fatuidade, « é subjugada pelo prestigio do maravilhoso; e aventura-se aos resultados « da mais fatal desobediencia enganada pela serpente, symbolo da fasci- « nação e do encantamento. O homem escuta a sua esposa; deixa-se do- « brar de suas caricias, quebranta um preceito, que contraria a sua vai- « dade, esquece promessas, que elle não comprehende, afogado por de- « leites, que elle conhece, que elle experimenta, que elle sente cada dia, « e arrasta sua posteridade nos horrores da desventura. O Reparador es- « tendendo a mão aos filhos do grande culpado na phase a mais assus- « tadora, aceita as condições de sua fragilidade; satisfaz as necessidades « da razão franqueando-lhe os dominios da fé; attenúa os estímulos do « desejo com a eternidade do remorso; realça os sacrificios do amor pro- « prio com as sublimidades das recompensas, e abrilhanta suas acções « com o reflexo da Divindade. » Prosegue descrevendo a rapida conversão do mundo pelos esforços dos pregoeiros dessa lei d'amor e de verdade, extasia-se contemplando a unidade catholica, e quando chega ao seculo XVI estigmatiza a audacia do monge apostata que adulterou as maximas *deste Evangelho, que escarneceu das argucias do erro e zombou dos tramas da perfidia*, e apresenta na pessoa de S. Pedro d'Alcantara o antidoto contra o veneno, que se infiltrava pelos póros da sociedade do seu tempo.

Suas descripções são sempre poeticas, e a que nos faz do convento de Manjanrez e da vida penitente do seu heroe é tão viva, que parece-nos assistir ás scenas que nos pinta, e vêr os sitios, de que nos falla. Copiemos o começo deste paragrapho deixando á intelligencia do leitor supprir o que não nos é permittido transcrever integralmente:

« Subamos as serranias da Nova Castella, penetremos o convento de « Manjanrez, atravessemos essas arcadas silenciosas, esses vastos dormi- « torios, em que se perde o ruído do seculo... Quem é este joven escapado « aos abraços maternas, e que sahindo ha pouco da Universidade, que « espantára com os seus talentos deixa a carreira das dignidades e impõe « silencio á linguagem da seducção? O que vêm elle buscar no meio destes « homens, que estabeleceram o mais irreconciliavel antagonismo ao regalo « e ás delicias? O filho do governador d'Alcantara está vestido com o Saial « do Pobre d'Assis. Pedro está na lista dos penitentes. » Continúa neste estylo grandiloquo, com esta sublimidade de pensamentos á traçar-nos a

vida, e os trabalhos do santo, que fazia o objecto do seu discurso, e aproveita-se do feliz ensejo para reivindicar para as ordens monasticas a grande parte da obra da civilisação moderna. O resumo, que bosquejou dos seus serviços é notavel pela extraordinaria copia de verdades, que encerra em tão poucas palavras; e seus ouvintes ao retirarem-se do templo deveram ficar convencidos que os *monges e frades* não são uma excrescencia, como muita gente pensa, mas que hão prestado relevantissimos serviços, e que ainda hoje os pódem prestar uma vez que se queira olhar com attenção para o que se passa no claustro, e dar-lhes o remedio, que se acha na sua mesma regra. Foi um verdadeiro triumpho para a Religião o elogio das instituições monasticas feito por um pregador tão sympathico ao povo. E' impossivel que as suas palavras não tragam uma reacção favoravel em prol dessas casas religiosas, que foram outr'ora o asylo da sabedoria e da piedade.

O episodio, em que descreve-nos a gloria do Imperador Carlos V, cujo braço victorioso humilhava a arrogancia do Bey de Tunis com a mesma facilidade com que desfazia em Muchlberg a liga dos principes allemães conspirados contra elle, sua abdicacão e o seu retiro no convento de S. Justo, seu desprezo pelas grandezas do mundo, seu arrependimento pelos males que fez, ou deixou fazer, é um dos mais ricos trechos de eloquencia, que temos lido: e o que torna-o ainda mais apreciavel é a opportunidade com que foi introduzido em uma narraçào, em que parecia não ter elle lugar. Cada vez estamos mais convencido de que não ha difficuldades, que não supere o genio.

Não ha quem gabe o riquissimo painel da morte do santo, cujas tintas são de tal modo lugubres que ao ouvil-o julgamos presenciar os ultimos instantes do grande penitente. O original accionado do orador tornava ainda a illusão mais completa.

Vamos a peroraçào, que o nosso illustre predecessor retido como nós pela promessa de não transcrever todo o sermão deixou incolume; mas que nós registaremos nas columnas do *Guanabara*, para que os nossos leitores, que não tiveram a ventura de ouvil-o possam formar idéa do que perderam. Eil-a:

« Salve homem privilegiado! Salve, tres vezes salve, heróe preclaro e
 « excelso!... Vinte e cinco annos são passados, que aqui mesmo, neste
 « mesmo dia proclamei a inauguraçào de tua estatua, e dei a saber que a
 « igreja te havia reconhecido por principal patrono do Brasil. Não me
 « illüdi quando preconisei teu acrysolado merecimento; não fui enganado
 « quando acreditei que os Brasileiros estavam bem resguardados com o

« teu efficaz patrocínio. Vinte annos de illusão e desvios; vinte annos de
 « dezares e calamidades quasi esquecidas e dissipadas devem ter alta-
 « mente comprovado que um poder invisivel contra o qual em vão se
 « desenfream os tufões os mais embravecidos, abriga e protege o Imperio
 « Brasileiro. Todas essas chimeras d'uma perfectibilidade social, que não
 « é permittido possuir, todas essas utopias fallazes, que ainda não apro-
 « veitaram a algum povo, esvaeceram-se para dar occasião a melhora-
 « mentos aconselhados pela sabedoria, e reformas acreditadas pela circuns-
 « peccão. Um Principe no vigor da mocidade prosegue ávante á testa deste
 « movimento acelerado que impelle as nações para a sua prosperidade.
 « Mais notavel pelos dotes do seu coração do que pela transcendencia de
 « suas concepções, persiste com afinco no intento glorioso de levantar o
 « seu paiz ao gráo de importancia, que lhe reservam seus destinos. Ani-
 « mando as artes, favorecendo as sciencias, dando á instrucção litteraria
 « o desenvolvimento de que é susceptivel, restaurando os costumes, sendo
 « elle mesmo modelo de honestidade publica e domestica, o Novo Augusto
 « marcará uma época nos factos do seu reinado; e mais distincto, mais
 « admiravel por ter arrancado seu povo de abjecção em que o deixaram o
 « descuido e a indifferença dos seus antigos dominadores, ganhará para
 « si um renome, uma consideração, que o estrondo das conquistas, e o
 « brilho ephemero das armas não pôdem alcançar. Uma das esposas mais
 « dedicadas de J. C. vossa discipula querida, Santa Theresa de Jesus, dei-
 « xou-nos dito que o SENHOR não regeitaria alguma supplica apoiada na
 « vossa mediação. Pois bem; eu me dirijo á vós mesmo, neste dia grandioso
 « e memoravel, eu vos supplico empenheis a vossa poderosa intervenção em
 « favor do Imperador, em favor desta Nação briosa e magnanima, de
 « quem vós sois o escudo, e um baluarte invencivel e inexpugnavel. »

O que poderíamos dizer depois de ter transcripto este trecho da mais
 pura e christã eloquencia?— Repetir o que Voltaire queria que se escre-
 vesse no fim da tragedia — Athalia de Racine— *bello, sublime, admiravel!*

Os gestos, a voz do orador davam ainda as suas palavras um encanto
 inexpremivel; extactico de prazer, e no arroubo do seu enthusiasmo pelo
 grande homem a quem vota sincera e filial amizade, a analysta do *Cor-
 rei Mercantil*, escrevia a tal respeito este espirituoso conceito, que folga-
 mos de copiar, concordando inteiramente com elle:

« Mas para se poder verdadeiramente comprehender o merito do dis-
 « curso, de que copiamos algumas phrases, era preciso ter-se ouvido os
 « accents da voz grave e triste do orador, o ter-se presenciado o arremesso
 « do seu braço descarnado, o franzir da sua testa larga e pensativa. Mais

« do que nunca reconhecemos a verdade da resposta de Demosthenes, de
« que a acção é a parte essencial do orador: ou de que a eloquencia d'um
« discurso está, como diz Villemain, no gesto e na voz de quem o pro-
« feriu. »

A imprensa tem sido unisona em tributar homenagem ao eximio franciscano, e se por ventura ainda existe algum zoilo, a quem incommoda tão publico e universal testemunho, esconde-se este nos antros da inveja para soltar seus latidos, quando o tempo tiver arrefecido o enthusiasmo que ora se manifesta em toda a população fluminense, e seguramente em todo o Brasil, logo que ás suas diversas partes chegar o écco de tão nobres e eloquentes palavras. Frei Francisco de Mont'Alverne deve ter uma grande consolação, capaz para si só de compensal-o das suas longas tribulações, vendo a geração actual juntar suas ovações á de seus predecessores na estrada da vida.

O Conego Dr. *Pinheiro.*

IMPERIAL INSTITUTO DOS MENINOS CEGOS

17 DE SETEMBRO DE 1854.

É bom viver, quando na vida apparecem actos sociaes como aquelle que testemunhamos; é bom viver, quando se vive com o engrandecimento da patria, quando nos elevamos á nobre cathegoria de homens civilisados, quando vemos o preclaro chefe da nação comparecer com sua augusta e virtuosa esposa nas occasiões em que a virtude da caridade exercita as suas funcções sublimes; é bom viver, para termos uma hora de unção, uma hora de prazer infavel, uma hora daquellas em que o coração trasborda de amor christão, e falla pelos olhos dos que veem com uma lagrima que val uma palavra, e contém um mundo que só é dado aos corações sensiveis avalial-o em toda a sublimidade da sua extensão.

Nós a tivemos, essa hora da vida que engrandece o homem, e da qual parte um sem numero de bençãos ao Monarcha, que repete : « A cegueira já não é uma grande desgraça neste seculo.»

Ao homem desthronado das alturas a que se eleva o contemplador da natureza, ao Edipo que balbucia no seio maternal, amor e gratidão áquelles que lhe deram o ser e que o amparam; a caridade, a sciencia e a industria, restituem uma parte do mundo de que está privado, e lhes dá, por assim dizer, a luz de Homero, aquella luz que rutilava em sua divina intelligencia, e se transformava nessas visões que a arte immortalisou.

A esse ente desthronado das alturas do céu, a que olhos elevam áquelle que vio na contemplação das obras de Deos, se lhe entrega o sceptro da harmonia, e ás delicias do trabalho se patenteam as visões sublimes dessa arte, que nada tem de material, e que o homem descobrio no momento em que quiz fallar com Deos, e que com ella continuou a exornar suas preces, como um segundo perfume, como aquelle que sobe do altar ao céu.

Não, já não são infelizes esses habitantes da noite, esses filhos do homem, que não podem saudar o sol da patria e contemplar a magnificencia desta terra, e a face nobre e bemfazeja do Brasileiro D. Pedro II.

A's carpideiras do passado, aos ferozes praguejadores contra um mundo que não é o seu; aos cegos de intelligencia, aos homens sem coração, sem amor, e petrificados pelo egoismo; a todos os hypocritas disfarçados em acrobatas risonhos, dançando sobre a linha ficticia de um meridiano da sua esphera material e positiva, responderemos com os factos: Ide ao Hospicio de Pedro II; entrae no novo Hospital da Santa Casa e olhae para o Instituto dos Meninos Cegos!

O concurso foi limitado, mas significativo: brilhava a magestade e a intelligencia! Foi limitado relativamente, porque a casa ainda poderia conter mais trezentos espectadores; por que aquelle acto deveria ser testemunhado por todos os Brasileiros: era um grande espectaculo da civilização, era um monumento humanitario, era a creação de um asylo caridoso, era um novo fiat que fazia rebentar um novo sol para o orphão da luz, para a innocencia viva condemnada a um limbo semelhante ao da eternidade; e para o qual o Messias da civilização, o Principe da Juventude, o Homem do progresso appareceo radiante, quebrou-lhe as portas, e franqueou-lhe um mundo como é esse da intelligencia, o das artes, e o da oração nas azas da harmonia.

Como foi bello esse dia da nossa vida, como foi grande esse momento da patria! Eis o que se passou:

Suas Magestades, ás cinco horas em ponto, chegaram, e foram recebidas pelos senhores ministros, pelo director do Instituto, e mais pessoas distinctas que lá se achavam, entre as quaes notámos os Srs. Senadores Jobim, Braz Belem, Visconde de Abrantes, Padre Mestre Monserrate, Dr. Pertence, e outros muitos.

Depois que Suas Magestades tomaram assento na sala da esquerda do edificio, o Exm. Sr. Pedreira, ministro do Imperio, dirigindo-se a Suas Magestades, fez uma breve e sensivel allocução, relativa ao grande pensamento daquelle facto, e declarou fundado o Instituto dos Meninos Cegos.

O Sr. Dr. Sigaud, director do Instituto, levantou-se, e pronunciou um discurso em nome dos meninos do Instituto, agradecendo ao seu Augusto Bemfeitor aquelle acto de sua Caridade e Munificencia: e por esta occasião espargio flores e lagrimas sobre a memoria do fallecido joven Azevedo, que tanto trabalhou e concorreo para aquella fundação.

Acabado o discurso, conduzida por uma respeitavel mãe, foi sentar-se diante de uma serafina mademoiselle Sigaud, e rodeada pelas meninas e meninos cegos, os fez cantar o hymno:

*Deos salve a Pedro,
Nosso Imperante.*

Aqui mais de uma face foi regada com lagrimas; aqui choraram tambem as mãis dos que ali se achavam, e aquelles a quem cabe na terra compartilhar as vozes dos corações sensiveis.

Mademoiselle Sigaud, privada daquelle lume poderoso com que a mulher domina o homem, com que o attrahe e o repelle, com que o avilta e o deifica, nos encheo de um sagrado respeito, de um amor sancto, e compassivo: tanto podem a nobreza das fórmas, a castidade da physionomia, a graça e suavidade nos gestos. Se podessemos dar a luz a esse anjo, seriamos o mais feliz dos mortaes, teriamos um momento de beatificação.

Acabado o canto, a mais pequenina das meninas offereceo a Sua Magestade a Imperatriz um bellissimo e variado ramalhete de flores.

Suas Magestades passaram a visitar as aulas e o interior do estabelecimento, que está na maior decencia e limpeza que é possivel desejar-se.

E assim se terminou esta grande festa, esta nova luz, que tanto brilho vae dar á geração presente, e tantos linilivos a esses desg... não, que já não são desgraçados. A mão sagrada do Senhor D. Pedro II está sobre elles, porque essa mão só sabe soccorrer e perdoar.

O *Guanabara*, dando conta desta nova creação, se lisongeia em annunciar, que o seu redactor em chefe foi o sacerdote escolhido por Sua Magestade para dar a estes meninos o lume da religião, para os esclarecer nas verdades divinas, para os conduzir e aperfeiçoar no caminho da virtude.

O Instituto dos Meninos Cegos está entregue a um varão de consummada experiencia, a um dos medicos mais illustrados da nossa terra, a um antigo e zeloso servidor do Imperador, e finalmente a um cidadão Brasileiro, que ha muitos annos se tem sempre mostrado amigo constante na obra do progresso, e que conta na sua vida como um padrão de gloria a fundação da Academia Imperial de Medicina, e a do Instituto Historico e Geographico, que tanto vulto tem ganhado no Brasil e fóra d'elle.

E' bom viver, mas quando se vive com a patria, quando vemos a nossa grandeza nacional se elevar por monumentos desta cathegoria.

Porto-Alegre.

IMPERIAL VISITA AO INSTITUTO DOS MENINOS CEGOS



No dia 3 de novembro proximo passado, dignou-se S. M. o Imperador de visitar o *Instituto dos Meninos Cegos*, que já fôra honrado com sua Augusta Presença no dia da inauguração. A's onze horas, annunciada a sua chegada, desceram ao portão os Srs. : Director, Professor de Primeiras Letras, e o Capellão, para terem a honra de o receber. S. M. dirigio-se immediatamente á classe de instrucção primaria a cargo do Sr. Dr. Pedro d'Almeida, e ali com a mais paternal solicitude assistio á lição de leitura e escripta dos jovens cegos, reconhecendo os progressos que tem feito pelo systema dos pontos, vantajosamente adoptado no estabelecimento, de preferencia ao do relevo.

Seguiu-se a instrucção religiosa, na qual pouco adiantamento mostraram os alumnos, não só em razão do limitado tempo que tinham de exercicio (menos de dous mezes), como pelo natural acanhamento de fallarem perante um Soberano. Temos notado que lhes é muito mais difficil comprehender o sentido das palavras, do que de decorar paginas inteiras do cathecismo: preferimos porém o primeiro methodo, embora talvez mais moroso.

Dirigindo-se depois o Imperador á classe das meninas, visitou na passagem a sala do refeitório, vasta e arejada, e a bibliotheca, deixada pelo fallecido Azevedo, cuja prematura morte deploram a Patria e as letras, dignando-se o mesmo Augusto Senhor de examinar com escrupulosa attenção algumas obras, e mostrando-se satisfeito com a aquisição desse nucleo de futura riqueza litteraria dos cegos. A rouparia e a cosinha mereceram tambem as honras de uma visita, inquirindo S. M. do Sr. Director as horas em que se distribuia o serviço do Instituto.

Pareceo-nos estar contente pelo asseio e ordem que reinam em todo o estabelecimento, graças á intelligencia e zelo do illustrado Sr. Dr. Sigaud. Chegando á aula de meninas, dirigida por Mlle. Adelia Sigaud, servio-se de permittir que dessem as alumnas suas lições, nas quaes revelaram ainda mais do que os meninos a emoção de que se achavam possuidas pela honra que acabava de fazer-lhes o nosso excelso Monarcha. Mlle. Adelia deve consolar-se comnosco do *fiasco* que fizeram suas discipulas, ficando certa que todos que tiverem a ventura de conhecê-la, farão justiça aos seus conhecimentos e desvelos verdadeiramente maternas.

Voltou depois S. M. á classe de primeiras letras, onde o Sr. Lodi, professor de musica, aguardava as suas ordens para mostrar-lhe o que tinham aprendido os seus alumnos no pouco tempo que os lecciona. Dous meninos foram ao piano e tocaram a escala, perturbando-se ainda n'uma materia para que mostram tanta inclinação, e na qual têm tido incontestavel adiantamento.

Passando ao salão, onde ouviu um cantico que ora aprendem os meninos, retirou-se S. M. com as mesmas formalidades com que fôra recebido, levando a sua bondade a ponto de conceder ao nosso estabelecimento hora e meia, animando com a sua Imperial Visita professores e discipulos, aquelles a secundarem as suas sabias e piedosas intenções, e a estes para trabalharem com mais ardor, afim de se tornarem dignos da protecção que tão generosamente lhes outorga.

O dia 3 de novembro veio juntar-se ao de 19 de setembro, e marcará, com bem pequeno intervállo, duas épocas, que jámais poderão ser apagadas da memoria dos jovens cegos, e da d'aquelles que, como nós, têm a nobre missão de servir-lhes de guias.

Ao terminar estas toscas linhas, faremos uma reflexão. Quando lemos o regulamento annexo ao decreto de 12 de setembro, fixando em trinta o numero d'alumnos de ambos os sexos que deve admittir o estabelecimento, cremos piamente que o governo seria em breve obrigado a elevar esse numero, tão grandeseria afluencia dos que aspirassem ver seus filhos ou pupillos, arrancados á ignorancia, e restituídos á vida intellectual. Contra a nossa especção, poucos alumnos tem entrado para o estabelecimento, e se fosse elle uma instituição particular, teria de fechar as suas portas por falta de meios com que se podesse manter. Infelizmente existe na nossa terra o habito de combater todas as idéas de progresso, não coin argumentos, mas com um poder hoje reconhecido de grande valor, queremos fallar da *inercia*.

Em um dos proximos numeros consagraremos um artigo ao Instituto dos Meninos Cegos, em que procuraremos responder ás objecções que contra elle temos ouvido fazer.

O Conego Dr. Pinheiro.

NOTÍCIAS DIVERSAS.

A Sra. Casaloni acaba de dar uma prova solemne de que nella não ha mais que uma magnifica voz : cantou na *Semiramis* de Rossini!!! Não é artista, não tem consciencia de si: vestio-se impropria e ignorantemente; vestio-se mal e muito mal apropriadamente a o seu physico: o guerreiro tortulho da idade media, em Babylonia, ficaria mais disfarçado se se acober-tasse com um bello palhudamento ou chlamide... foi uma triste *Joanna d'Arc*? Os feitiços da sua bella voz consumiram-se no incendio da Babylonia Provisoria! Que confusão de cousas! que desordem de idéas!.. Ah! *Semiramis*, e outras operas, não foram feitas para semelhante theatro. Veremos as brilhaturas que hão de apparecer no *Roberto do Diabo*.

Em compensação a estes disparates tivemos um grande artista, o maior dos cantores que tem pisado o nosso theatro, o Sr. Bouché! Esse nos deo o legitimo Rossini, a Musa do seculo XIX, a arte em toda a sua magestade.

O Sr. Bouché foi quem nos veio revelar tudo o que ha de sublime na creação da *Aria da calumnia*, dessa palayra da musica que irá á mais remota posteridade como um desses pedaços capitaes, como uma dessas idéas que apparecem como verdades reveladas. A elle, a elle somente pertence a grande musica, a arte na sua maior amplitude! O que sentiriamos nós, se o ouvíssemos com Mme. Stoltz na *Semiramis*? Uma noite como aquellas da Academia de Paris, do Theatro da Rainha de Inglaterra, como as que passamos na Scalla, quando vivia Malibran, como as de S. Carlos, em Napoles, quando Dupré e a Persiani mostraram ao mundo a *Lucia de Lamermoor*.

Está em viagem para o Brasil o Exm. Sr. Conselheiro Paulo Barbosa da Silva, mordomo de Sua Magestade. As artes se devem felicitar pela volta de um dos seus mais firmes sustentaculos, e os amigos pela presença de um varão que une aos dotes da intelligencia os do coração.

O Sr. Manoel Odorico Mendes está traduzindo a *Illiada* de Homero,

O Sr. Domingos José Gonçalves de Magalhães está no mar, e traz consigo o seu poema dos TAMOYOS.

Por ordem do Exm. Snr. Pedreira se vai augmentar o edificio da Academia das Bellas Artes, para commodidade das novas aulas que foram decretadas. O nome de Sua Excellencia se vai juntar ao do benemerito Visconde de S. Leopoldo, aos dos protectores das artes.

A Irmandade de S. Domingos começou a edificação de um novo templo, cujo risco é do Snr. Honorato Manoel de Lima,

A capital do imperio vai ter um grande e formoso melhoramento com a abertura da rua do Cano até o Largo do Paço. A nova rua, que se denominará—Rua Imperial—seguirá o alinhamento da rua dos Ciganos, e será composta de edificios regulares e formosos. A Illustrissima Camara Municipal encarregou a confeção do projecto das novas edificações ao Snr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, director da Academia Imperial das Bellas Artes, e autor do risco do novo Banco do Brasil.

Conversa-se pelos circulos altos na construcção de um novo theatro, para os espectaculos lyricos, e diz-se que o governo tem em vistas a edificação de uma obra digna da capital do imperio.

Não é uma bagatella a fabricação de um edificio deste genero, porque além de sumptuoso, commodo, sonoro e acustico, reúne em si todas as difficuldades da arte de edificar. A construcção de um theatro foi sempre encarada como a obra mas difficil, pois que os mestres da arte a collocam ácima da de um hospital, que é certamente complicadissima pela reunião que deve ter de multiplicadas exigencias, não só as que pede

imperiosamente a sciencia, como as que requer a arte em todo o seu desenvolvimento geral. Ao novo hospital da Misericordia não presidiram estas considerações artisticas e hygienicas, mas é comtudo uma boa obra. A sua administração economica torna-se recommendavel pela boa policia e caridade com os doentes. Nesta ultima parte tem muito os nossos medicos e as dignissimas irmãs de caridade.

Está prompto o modelo da estatua do benemerito José Clemente Pereira, que Sua Magestade o Imperador, á custa do seu bolsinho, mandou fazer pelo professor Pettrich. O memoravel creador dos dous hospitaes está trajado mui simplesmente, com o seu balandrão da Ordem da Misericordia, e com a vara de Provedor; com a insignia desse lugar que tão nobremente preencheo. A sua attitude e mimica parece indicar o momento em que elle ordenou que se começassem os trabalhos daquella grande fabrica, que tem o nome de Hospicio de Pedro II.

É bem que o marmore eternise a memoria e a imagem daquelle homem que tantos bustos e estatuas mandou fazer.

A respeitavel administração da Santa Casa lhe deve um igual tributo de reconhecimento. O nome de José Clemente Pereira está escripto com pedra e cal no solo brasileiro, d'onde ninguem o poderá arrancar.

O Palacio do cões d'Orsay.

Serve para muitas parabolás!

Talleyrand encommendou ao architecto Bonnard o projecto para um palacio no cões d'Orsay, e como bom juiz dos talentos artisticos, na opinião do celebre Quatremere de Quincy, se entregou á pericia do artista. Este, depois de haver recebido todas as informações do ministerio ácerca do destino do novo edificio e estudado o mechanismo domestico da repartição que o iria habitar, compoz dous planos; um dispendioso, e o outro mais economico, não faltando n'este ultimo ás condições prescriptas, nem á dignidade da sua apparencia externa, nem á nobreza do meu character architectonico.

No momento em que se começava a edificação, houve uma mudança de ministério; e o novo ministro, menos sciente que o príncipe, e mais necessitado de mostrar o seu zelo politico, zelo todo artificial, mandou mudar a obra, e pô-la em concurso.

O concurso é a ancora da salvação da ignorancia do que governa, e do talento do concorrente. Para o governante é um processo commodo, que acoberta todas as indecisões, quando elle não é uma vã formalidade, como o foi no Theatro provisório; e para o talento uma occasião de justiça, se ha bons juizes, e se estes não fazem do concurso uma arena de paixões interesseiras, de intrigas e rivalidades.

Os homens habéis não quizeram concorrer com o homem habil, e apenas a mediocridade se aventurou a um combate onde para ella não havia perigo algum, mas antes algumas probabilidades a favor, se o animo do ministro estivesse eivado do contagio das personalidades

Assim pareceo. O projecto foi remettido em consulta aos membros do conselho de construcções, homens habéis em theorias.

Cada um dos conselheiros, na melhor intenção possível, foi achando o seu defeito no projecto, e apresentando a sua emenda.

O Ministro, depois de haver examinado todas aquellas corrigendas por escripto, reenviou ao architecto os planos, ordenando-lhe as consignasse em um novo projecto, sem se lembrar que é este o unico meio de nada se obter.

Mr. Bonnard, á vista dos disparates que encontrara, se recordou muitas vezes do caso daquelle pintor grego, que executou um quadro e o corrigio á vista de todas as criticas que lhe appareciam na multidão dos espectadores, e que depois de haver contentado a cada um, descontentou a todos!

Refunde n'um plano inteiramente novo todas as opiniões dos membros do conselho de edificações; muda-lhe a ordenação externa, e distribue o interior segundo as notas que recebera. Apresenta a nova concepção: e qual é o seu espanto ao ver que ninguem queria ser pai de uma tal monstruosidade? As correções parciaes foram combatidas pela maioria, e cada um dos emendadores era combatido por todos os outros. E isto sempre acontece logo que uma obra não tem author. O novo relatorio que elles fizeram foi fulminante contra aquelle disparate, e o artista, que já tinha prompta a resposta, reapresenta o seu antigo plano, e vê com satisfação que elle é applaudido pelos seus juizes e unanimemente adoptado.

Este facto historico é uma lição muito importante.

ERRATAS AO ARTIGO — O MUNDO E O PROGRESSO.

	Em vez de :	Lêa-se:
Pag. 314 linha 10	alma, palavra	alma palavra
» » »	8 causas	cousas
» » »	19 certamente	certame
» 315 »	8 revalisa	rivalisa
» » »	20 ancioco	ancioso
» » »	21 côrte	sorte
» » »	23 mas	mais
» 316 »	5 desaleando	desabando
» » »	12 demoramos	demovamos
» 317 »	2 desertas	diversas
» 318 »	5 Menemio	Menenio
» » »	6 uteis são. Os que, etc.	uteis são os que etc.
» » »	9 os primeiros representando	os primeiros, que representando
» » »	15 seus	esses
» » »	21 fictemos	fitemos
» » »	26 dirigida	dirigido
» » »	31 vestuta	vetusta
» 319 »	5 vacillante diadema	o vacillante diadema
» » »	20 obrigaram	abrigarão
» » »	30 a patria historica	a patria historia
» » »	31 amplicito	implicito
» » »	38 agora	para
» 320 »	3 que ha muito espanca as trevas do tabernaculo	que ha muito já vae fugindo espavorido, recua cada vez mais ante essa luz mysteriosa, que lhe espanca as trevas do tabernaculo.
» » »	5 explorar	exprobrar
» » »	25 dos impulsos	aos impulsos
» » »	29 sobre a construcção do caminho de ferro de Sceaux, etc.	sobre a construcção de vias ferreas. Expondo as consideraveis vantagens do systema de construcção do caminho de ferro de Sceaux.
» 321 »	4 vendo	vemos
» » »	5 regida	rigida
» » »	14 <i>pedatim</i>	<i>pedetentim</i>



DA LITTERATURA ITALIANA.



Já em um dos ultimos numeros desta Revista chamámos a attenção dos leitores sobre o estudo da lingua italiana, e saudámos os primeiros assomos da feliz reacção, que se notava em seu favor: diremos agora duas palavras sobre a sua litteratura.

A França, a Inglaterra e a Allemanha estão incóntestavelmente mais adiantadas do que a Italia, pelo que diz respeito á industria, e diremos mesmo nas sciencias, posto que esta última região possúa ainda grandes capacidades. A medicina muito deve a Giacomini e á Rasori; o Heredoto moderno, Cesare Cantu, viu a luz na Lombardia; o Piemonte lamenta a morte d'um grande philosopho, d'um homem digno de ser contemporaneo de Bacon e Descartes, n'uma palavra, do illustre abbade Gioberti; o sabio Vico estuda no seu observatorio do Collegio Romano o curso das estrellas, e indica aos astrónomos d'Europa a marcha que devem seguir, em quanto o infatigavel Marchi desce ás catacumbas de Roma e revela ao mundo os mais reconditos mysterios da sciencia archeologica.

Apezar das suas desgraças, do seu longo e glorioso martyrio, a Italia conserva o dominio das artes: as tradições de Buonaroti e Canova ainda se conservam, ainda as suas estatuas tem o cunho da superioridade que em todos os tempos distinguio a arte italiana. Roma, Florença, Napoles e Veneza apresentam em suas galerias quadros de modernos pintores dignos dos bellos tempos de Raphael e Tiziano. Vê-se na Italia o que não se observa em parte alguma o amor entusiasta, diremos quasi, o cultô do bello professado pelas classes as menos illustradas da sociedade. Identifica-se o povo com a gloria dos seus artistas, e o Florentino diz cheio de orgulho—*il nostro Michel Angelo*.—As esplendidas galerias do Louvre, du Luxembourg e de Versailles não arrancam a admiração do viajante que chega da Italia. Horacio Vernet e Delacroix são grandes pintores: seus quadros porém não possuem aquelle doce colorido, aquella

delicadeza de contornos com que tanto sympathisamos nas produções da escola italiana. Póde Mayerbeer compôr sublimes *partituras*, que os dilettanti sempre lhe anteporão Rossini e Donizzetti.

Quem ousará disputar a Italia o sceptro da litteratura? Que povo conta como ella tão grande numero de eximios poetas e distinctos prosadores? Desde o seculo undecimo, em que a mais bella e sonora lingua da moderna Europa sahiu das faixas infantis, sobre a protecção de Henrique II, não tem cessado um só instante de contar grande copia de homens doutos, que lhe hão consagrado os dourados fructos do seu talento.

Quando o denso nevoeiro da ignorancia envolvia o mundo, no meio do estridor das armas, quando não se ouvia fallar senão nas eternas dissensões dos *guelfos e ghibellinos*, um illustre Florentino concebia e executava um poema original, fazendo delle uma arma de vingança e expondo a execração da posteridade aquelles, que o obrigavam a errar de cidade em cidade. A *Divina Comedia* é um poema sem modelo; Dante não imitou a ninguem; por isso no nosso humilde entender é esta a primeira epopéa, depois da *Illiada* d'Homero. Quanta gloria não cabe ao famoso *ghibellino* si nos recordamos que elle teve de crear uma lingua para nella escrever o seu magnico poema?! O italiano dessa época era um latim abastardado, fallado unicamente pelo povo: Dante ennobreceu-o com os seus cantos immortaes; e desde então inscreveu-se na matricula das linguas sabias.

Petrarca com as suas rimas e sonetos contribuiu poderosamente para o progresso do seu idioma, e posto que elle prezasse mais o latim, como sendo a lingua dos doutos, nelle escrevendo o seu poema d'Africa, não lhe grangeou este tão grande nomeada como essas poesias fugitivas dedicadas á Madona Laura, e que muito longe estava de esperar que merecessem as honras d'uma menção honrosa da posteridade!

A prosa sahiu das mãos de Bocaccio, como Minerva da cabeça de Jupiter, e *il Decamerone* é um vasto repertorio de romances accomodados ao gosto do tempo, onde se nota muito espirito, grande conhecimento do coração humano, sendo unicamente para lastimar que o autor não respeitasse sempre as raias da decencia. Suas descrições são summament bellas, e a da peste, que em 1348 assolou Florença, póde supportar com vantagem a pararello que della se fez com a d'Athenas, narrada por Thucidides na sua « *Guerra do Peloponeso.* »

Angelo Poliziano e Pico della Mirandola são precursores do grande seculo de Leão X, astros brilhantes que sulcaram o céu das letras n'uma noite serena que devera ser seguida d'um magestoso dia. Poliziano lançou

os alicerces do theatro italiano escrevendo o seu *Orfeo*, e Pico della Mirandola despertou o gosto pelos estudos serios e profundos, fazendo pasmar os seus contemporaneos pela sua maravilhosa erudição.

O acontecimento que mais nos sorprehende no seculo 16.º, é a apparição nelle de duas epopéas de subido valor: o *Orlando Furioso* de Ariosto, e a *Gerusalemme Liberata* de Tasso. Grande devera ser por sem duvida o desenvolvimento intellectual da Italia, para que tão pequeno intervallo mediasse entre cada uma dessas obras de tão colassaes proporções. O *Orlando* é um poema cavalheiresco, cujo assumpto tirado da chronica de Turpin, inspira pouco interesse pela sua demasiada inverosimilhança; mas cuja leitura attrahe-nos insensivelmente pelas brilhantes imagens que nelle lêmos, e sobretudo pela perfeição com que é traçado o character de seus personagens. Ahi todos tem uma physionomia variada e conveniente ao papel, que devem representar: Orlando, Rogerio, Rinaldo, Astolfo, Rodomonte, Mandricardo, Brandimarte e outros, são sempre pintados com côres adequadas ao seu character. A *Gerusalemme* de Tasso pelo contrario causa o maior interesse pelo seu objecto. O poeta propòz-se a cantar as heroicas acções desses varões, que se immortalisaram nesse pleito glorioso entre a cruz e o crescente, nessa lucta de gigantes entre duas raças cheias de fé nas suas crenças religiosas. O plano era vastissimo; Tasso porém limitou-o á primeira cruzada: tomou por protogonista a Godofredo, e terminou a acção do seu poema quando viu a cruz arvorada sobre a torre de David. O character das personagens é igualmente bem sustentado: Reinaldo é mais interessante do que o Achilles d'Homero: posto que mais apaixonado, e todavia menos impetuoso e iracundo. Na *Gerusalemme* as batalhas não são monotonas como na *Illiada*, e os seus episodios muito mais variados e amenos.

A poesia bucolica teve seu representante na litteratura italiana, na pessoa do famoso Sannazzaro, que na sua *Arcadia* soube guardar o justo meio entre Theocrito e Virgilio, corrigindo um pelo outro. Seus versos são de grande suavidade, e pena é que adoptasse a rima esdruchula, métrò assás difficil, e pouco em harmonia com a indole do idioma italiano. Não sabemos porque a innovação por elle iniciada da combinação do verso com a prosa no genero pastoril, que nos parece de grande utilidade, teve tão poucos imitadores.

Si Bocaccio teve a gloria de ser chamado *il padre della prosa italiana*, estava reservada a Macchiavelli, tambem Florentino, a de illustral-a por seus escriptos, e principalmente pelos importantissimos trabalhos que lhe foram inspirados pela musa da historia. Os seus « *Discorsi sulle Deche* »

de Tito Livio revelaram os profundos conhecimentos, que havia adquirido na historia romana, e combina com arte o flórido estylo do seu modelo, com a grave simplicidade de Tacito. As suas *Storie Fiorentine* tornam-se notaveis, não só pela imparcialidade com que são escriptas, como pelo atticismo da linguagem. O *libro del Principe* deste mesmo autor, que tão má reputação lhe grangeou por não ter sido bem comprehendido, é antes uma satyra á conducta dos pequenos tyrannos que em seu tempo opprimiam a Italia, tornando-se verdadeiros flagellos dos povos, do que regras de politica dadas com todo o sangue frio do dogmatismo. O secretario da republica de Florença não podia de boa fé dar lições aos pequenos principes do seu paiz para abusarem do seu poder vexando seus subditos.

Os estudos historicos tem occupado a muitos escriptores italianos, podendo-se collocar á frente delles Guicciardini pela maneira franca e leal com que narrou-nos os acontecimentos do seu paiz, prodigalizando elogios a quem delles se tornava credor e censuras aos que mereciam-nas. Seu estylo é simples como convém ao Tacito italiano. Omittiremos os nomes de Paolo Giovio. Fra Paolo Sarpi, Davila Botta e outros para não fallar senão de Cesare Cantu, cuja *Historia Universal* mereceu ser traduzida em todas as linguas da Europa.

O melodrama, essa graciosa composição poetica, deveu a Metastasio tão grande lustre, que não pode ser depois imitado. É impossivel lêr suas operas sem sentir-se penetrado d'um sentimento d'amor e veneração para com o illustre poeta, cujo berço Roma ufana-se de ter possuido. Suppriu pela suavidade o que lhe faltava em energia: seus heroes são adamados; mas o enredo do drama não deixa por isso de ser interessante.

A tragedia nas mãos de Maffei e sobretudo nas d'Alfieri adquiriu uma importancia, que até então não gozava na Italia, paiz onde se prefere o bello ao sublime, onde as fortes emoções incommodam aos que estão habituados a contemplar uma natureza sempre calma e formosa. A *Merope* de Maffei é uma tragedia classica, no rigor da palavra, e para cuja confecção foram com proveito consultados os bons autores gregos e latinos. Alfieri porém estreou nova senda, transplantou para além dos montes o gosto da escola de Corneille e Racine, e fez applaudir pelos seus compatriotas o que tinha causado a admiração do povo o mais espirituoso do mundo. Verdadeiro apostolo do heroismo, assim como Metastasio é o do amor, teve necessidade de empregar grande talento para exprimir as paixões violentas em uma lingua, que depois de Dante tinha perdido o uso

da energia varonil. No nosso fraco entender o italiano é deverdor a Alfieri da força que hoje nota-se nos escriptos de alguns dos seus litteratos, e é elle o verdadeiro restaurador da lingua dos heroes. O celebre Monti proseguir na encetada empreza e illustrou a nova escola tragica, e com brilhantes producções do seu engenho, entre as quaes se distingue o *Aristodemo*, onde a vivacidade e valentia de Shakspeare foram transmigradas para a scena italiana.

O que os famosos poetas que acima citamos faziam em favor da tragedia, Goldoni encarregava-se de operar em proveito da comedia, assim pôde ser elle considerado como o reformador do palco comico, elevando-o á tal perfeição, que não teme hoje a concurrencia com o que de melhor possúem as outras litteraturas.

Longe iriamos se quizessemos fazer o inventario de todas as riquezas que possúe a litteratura italiana; bastar-nos-ha dizer que não conhecemos nenhuma mais fecunda. Para não fallar senão da poesia eligiaca, citaremos Hugo Foscolo, que no seu *Carme dei Sepolcri* revelou grandes e profundas luzes philosophicas, reunidas á extrema facilidade de versificar; não desmerecendo do conceito, que lhe souberam grangear as suas cartas de *Jacopo Ortis*, onde mostrou-se digno rival de Gœthe, no seu *Werther*, tão justamente celebre.

Terminando este mal traçado esboço da litteratura italiana, mencionaremos ainda um genero novo em que muito se tem distinguido alguns dos seus modernos escriptores; referimo-nos ao romance historico. Todos sabem que foi Walter Scott que o popularisou na Europa, sendo seguido por grande numero de adeptos. Coube a Manzoni a gloria de naturalisalo no seu paiz, e ninguem ignora quão bem aceito foi o seu romance « *I Promessi Sposi*. » Ninguem melhor do que elle soube alliar o *utile dulci*, instruindo e deleitando ao mesmo tempo aos seus leitores. Thomaz Grossi no seu *Marco Visconti*, Cesare Cantu em *Margherita de Pusterla*, Rosini na *Monaca de Monza*, Guerrazzi na *Battaglia di Benevento*, e na *Assedio di Firenze*, mostraram-se dignos continuadores da obra de tão preclaro mestre.

Em desempenho da nossa palavra, consagramos estas linhas á litteratura italiana, tendo unicamente em vista despertar o gosto dos nossos talentosos patricios para que lhe consagrem alguns dos seus lazeres, certos de que por mui bem pagos se darão do pouco tempo que consagrarem ao estudo d'uma lingua, que tanta afinidade tem com a nossa. Um jardim mais rico do que o das Hisperides ser-lhes-ha franqueado em premio de algumas horas de estudo.

Foi com verdadeiro prazer que vimos no regulamento de 17 de fevereiro do anno passado consignada a idéa da creação no Imperial Collegio de Pedro Segundo de mais uma cadeira d'uma das linguas do meio-dia da Europa; e como crêmos que a hespanhola não terá a menor pretensão de entrar em competencia com a lingua italiana, desde já felicitamos o governo por ter aberto ao idioma de Dante e de Tasso as portas do sanctuario das bellas letras no Brasil.

O Conego Dr. *Pinheiro*.



INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRASIL.



Celebrou esta util associação, no dia 15 de dezembro passado a sua 16.^a sessão anniversaria com assistencia de SS. MM., e d'um numerozo concurso de pessoas distinctas, que costumam abrilhantar com suas presenças as festividades litterarias, que se celebram no nosso paiz, entre as quaes permitta-se-nos que digamos, que as do Instituto occupam o primeiro lugar.

A's cinco e meia horas annunciando-se a chegada dos seus Augustos Protectores desceu o Instituto representado nas pessoas dos membros presentes a recebê-los e voltando á sala das sessões começou o acto para que tinha sido convocado. O Exm. Snr. Visconde de Sapucahy, occupando a cadeira da presidencia, abriu a sessão lendo um pequeno mas eloquente discurso relativo á solemnidade do dia. Seguiu-se o relatorio dos trabalhos da associação durante o anno, que acabava de passar-se, lido pelo Snr. Dr. J. M. de Macedo, seu dignissimo primeiro secretario. Os que tem a fortuna de conhecer de perto este illustre litterato sabem que é elle um thesouro d'erudição, realçado pelas graças e doçuras d'um estylo ameno e suave. O trabalho por S. S. apresentado nesse dia é de grande e subido valor; teve o talento de dizer cousas velhas de modo novo: superou como que insensivelmente as difficuldades d'ardua empreza que lhe fôra confiada do modo o mais satisfactorio. Por espaço de quasi duas horas em que occupou a attenção do auditorio com tão importante leitura soube tornar-se cada vez mais interessante, e quando na peroração saudou os progressos do Brasil, no reinado do seu Segundo Imperador, e vaticinou-lhe o mais brilhante futuro; foi então verdadeiramente sublime de enthusiasmo e de patriotismo!

O Instituto ouviu depois ao seu orador. Nada diremos do Snr. Manoel d'Araujo Porto-Alegre, cujo unico nome importa o seu elogio: além de que poderíamos ser averbado de suspeito, por votarmos ao eximio vate reconhecida e filial amizade: tem sido nosso pae intellectual, nosso guia nas letras. O trabalho de S. S., apesar de confeccionado durante uma crise de

padecimentos physicos, esteve igual aos dos demais annos: e o Snr. José Clemente Pereira achou nelle um biographo n'altura do seu grande e sympathico nome.

Coube ao Snr. Dr. Capanema a honra de tecer o elogio do sabio Augusto de St. Hilaire, do sincero amigo do Brasil, do homem que nos fez conhecidos na Europa, confundindo as calumnias que contra nós dirigem ignorantes, ou malevolos viajantes. Revela o elogio do nosso illustre consocio o immenso conhecimento que em tão verdes annos já tem adquirido das sciencias naturaes; e ninguem por certo seria mais digno do que elle de expôr á veneração publica os serviços prestados pelo benemerito naturalista francez: estamos no caso de dizer

Poetas por poetas sejam lidos
Poetas por poetas entendidos.

Uma banda de musica, collocada na sala immediata, tocava escolhidas peças nos intervallos, e, depois de ter o Snr. Dr. Paula Menezes, na qualidade de 2.º Secretario, feito a leitura dos premios que S. M. I. e o Instituto promettiam aos que melhor desenvolvessem os programmas dados, o hymno nacional fez-se ouvir e com elle finalisou a festa annual das letras patrias.

O paiz, cujo Monarcha, como o Snr. D. Pedro Segundo, anima as letras, recebendo-as em seu palacio, assistindo ás suas justas, aos seus torneios, consagrando-lhes as poucas horas que a gestão dos publicos negocios lhe deixam livres, deve ser certamente um grande e venturoso paiz! Tambem nós na nossa humildade te saudamos, ó aurifero brasileiro imperio! tambem te auguramos epicos destinos, tambem vemos no teu Imperador o novo Pedro, o Eremita, d'uma nova cruzada civilisadora! Possa o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a quem tanto devemos, pela benevolencia com que nos franqueou as suas portas, inscrevendo o nosso obscuro nome no seu livro d'ouro, ennobrecido pelo de tantos sabios, contar muitos dias semelhantes á esse de que acabamos de escrever a historia!

O Conego Dr. *Pinheiro*.



TRADUÇÃO

DOS

DOUS PRIMEIROS CANTOS DO — INFERNO — DE DANTE.

(Continuado do numero antecedente)



CANTO II,

A treva que succede á luz do dia,
Pondo tregoa ao lidar, doce descanso
Aos lassos membros, placida, trazia ;

Eu sómente a afrontar então me avanço
A lucta do caminho, e dó profundo,
Que a pintar, com verdade, me abalanco.

Musas, e engenho altivolo, e facundo,
Me ajudai ! O que eu vi guardaste, ó mente,
Quanto vales, aqui se amostre ao mundo.

Vate, guia a meus passos complacento,
Disse eu então, vigor terei bastante
Para que empreza tal, ousado, tente ?

Tu dizes que ao de Sylvio, avô prestante,
Inda em corpo mortal, descer foi dado
Das almas justas á mansão brilhante.

Mas de favor tão raro e assignalado,
Causa posso entrevêr no grão destino,
Que o' céo em pról dos seus tinha guardado.

Elle d'alta mercê não foi indino,
Pois que a Roma lançasse o fundamento
Era decreto do Poder Divino.

E Roma havia, por superno intento,
Metropole de ser, onde tivesse
O successor de Pedro o Augusto assento.

Por ti com jus tal ida se engrandece,
Que em parte causa foi da grão victoria,
Pela qual reinou Roma, e inda florece.

Do Vaso d'Eleição nos é notorio,
A ida com que a fé nos corrobora,
Principio á senda da celeste gloria.

A mim quem graça tal concede agora?
Paulo acaso sou eu? Acaso Enéas?
Vejo o nada que sou : ninguém o ignora.

Vencendo o susto que me agita as veias,
Talvez o arrojo meu seja punido —
Melhor meus embaraços desenleias — »

E como quem, perplexo, e combatido,
Já desquer o que quiz ; de novo pensa,
Nem commette o que tinha resolvido,

Da espessura assim eu na sombra densa,
Pensando, desisti da altiva empreza,
Que antes tentára com vontade intensa.

Se teus ditos entendo com certeza,
Disse do vate eximio a sombra Augusta,
De cobarde temor tua alma é presa.

O temor aos mortaes bem caro custa,
Quando de nobre empreza os dissuade,
Como vã sombra que o ginete assusta.

Porque futil temor te não degrade,
Dir-te-hei porque venho, e o que hei ouvido,
Mal que do estado teu tive piedade.

Fui chamado no limbo, onde resido,
Por Senhora celeste, e mui formosa,
A cujo mando me mostrei rendido.

Era a luz de seus olhos radiosa
Qual de estrella o fulgor: tal voz dimana,
Angelical, da boca graciosa:

O' alma nobre, e meiga, Mantuana,
Cuja fama immortal no mundo dura;
Durará quanto dure a raça humana,

O amigo meu fiel, não da ventura,
Na agreste solidão se acha impedido,
E atraz, por vão terror, volver procura.

Hei medo, em risco tal, de o vèr perdido
Se tarde chego já para salvá-o,
Segundo o que no céo foi referido.

Tu lhe vigora o peito em seu abalo,
Com teu suave eloquio, ornado e bello:
Será conforto meu poder salvá-o.

Sou Beatriz: seu bem procuro e zelo
A valer-lhe em seu mal amor me excita;
De sitio vim, onde voltar anhele.

Lá na eterna mansão, de Deos bendita,
Perante Elle por mim serás louvado. »
Volvo-lhe, alegre por tamanha dita:

Senhora, em quem reluz raio sagrado
De virtude, que os bens do mundo inteiro
Sobrerreleva, em grão avantajado;

Obedecer-te, apraz-me, e tão ligeiro,
Que já qualquer tardança me dá pena:
O que desejas sei, nem mais requeiro.

Mas dize: Da mansão vasta e serena,
A que anheles voltar, não receaste
Descer ao centro da mansão terrena?

Tornou-me: á tal pergunta (e tanto baste),
Em resposta direi, singela e breve,
Porque nada me enoja este contraste:

Aquillo, e nada mais, temer-se deve,
 Que de damnar tem força ; o que não damna,
 Só dá susto a quem é cobarde ou leve.

Agora a mim, por graça soberana,
 Não causa mal o incendio mais activo,
 Nem sorte alguma de miseria humana.

Gentil dama ha no céo, que o dó mais vivo
 Tem do trance em que se acha esse infelice,
 E quer á sua dôr dar lenitivo.

A Lucia, em seu pról, cuidosa, disse :
 Com prompto auxilio acode ao teu amante :
 Talvez em risco igual se nunca visse.

Lucia, a quem fereza é repugnante,
 Ergueu-se, e ao sitio veio, onde eu sentada
 Estava, de Rachel pouco distante,

Beatriz, exclamou, de Deos amada,
 Perecer deixarás quem te amou tanto,
 Que por ti deixar quiz do vulgo a estrada ?

Não tens piedade do seu triste pranto ?
 Não vês que o sorve rapida torrente,
 Que mais que o mar iroso incute espanto ?

Ninguem jámais correu tão velozmente,
 Em seu pról, ou fugindo atroz perigo,
 Como eu, tendo isto ouvido, em continente,

Deixando o escano meu, vim ter contigo,
 Fiada em teu eloquio honesto e brando,
 Que te honra, e a quem o escuta attento e amigo.

A mim volveu, taes ditos terminando,
 Os seus olhos que o pranto humedecia,
 E deu assim mór força ao doce mando.

Seu desejo cumpri com alegria,
 E fiz que se arredasse aquella féra,
 Que de subir o outeiro te impedia.

Que terror de tua alma se apodera?
Porque aninhas no peito um tal receio?
Porque o vigor não tens que á mente impéra?

Tres matronas no céo (seguro esteio)
Em teu favor se mostram desveladas,
E eu te livro do susto inerte e feio.

Quaes as florinhas em botão curvadas
Pelo gèlo da noite, erguem-se logo
Que o sol as vêm dourar, desabrochadas;

Tal eu, cobro vigor, o medo afogo,
Após o frio susto e desalento,
E fallo assim, com pleno desafogo:

Ella que teve dó do meu tormento,
E tu que assim cumpriste o seu mandado,
Bem hajaes, que vos devo alto portento:

Tu em mim tens de novo suscitado,
Com tua voz facunda, o gram desenho,
Que havia em minha mente antes formado.

Vai.— E' d'ambos agora igual o empêno:
Tu meu guia serás, senhor, e mestre,
Disse. O passo tomou— não me detenho,
E o caminho commetto, asp'ro e sylvestre.

VIALLI.



UM EPISODIO DA DIVINA EPOPÉA.



Antes de offerecermos aos nossos leitores este trecho da Divina Epopéa, poema de Alexandre Soumet, julgamos necessarias quatro palavras para sua intelligencia.

A acção deste poema é Jesus-Christo descendo aos infernos, e ahi resgatando os réprobos. É uma idéa esta que tendo muito de bella, é inteiramente piedosa. O traductor, achando esta idéa bella, e piedosa, não desconhece que não é orthodoxa; pois que a Santa Igreja, não esquecida das palavras do Salvador, que se lêem em S. Math. cap. 25.º v. 41.º que são:— *Discedit à me, maledicti, in ignem æternum, qui paratus est diabulo, et angelis ejus.*— tem, como eternas as penas infernas, o que acredita, como obediente filho da Igreja.— Tambem não é outra a crença de Alexandre Soumet, não obstante a bella ficção de seu poema. Ouçamol-o.— Preoccupado do immenso amor de Jesus-Christo pelas suas creaturas; absorvido na contemplação de seu sacrificio, acreditei vêr, para servir-me das expressões de S. João Chrysostomo, o filho de Deos despedaçar as portas do inferno, *a fim de que este lugar não fosse mais que um prisão mal segura,* Συνέβλασε πύλας χάλκας, ἵνα ἀχρηστοὺ γένηται τὸ δεσμοτήριον. Acreditei vêr, para fallar, como S. Francisco de Salles, a grande victima soffrer ao mesmo tempo *pelos homens, e pelos anjos; acreditei vêr, como Origines, o sangue theandrico banhar ao mêsmo tempo as regiões celestes, terrestres e inferiores.* Fiz da força expiadora uma segunda alma universal; suppuz a redempção mais poderosa que todas as iniquidades; suppuz que o archanjo prevaricador não podéra dar ao edificio do mal a eternidade por cimento. Digo que tenho supposto, porque não quero que se tome á letra a ficção da minha obra. Não ignoro que as palavras de S. João Chrysostomo têm sido de um modo differente interpretadas pela Igreja; não ignoro que uma opinião de Origenes, bebida nas theogonias indianas, se nullificou ante o juizo dos Concilios; e eu aventuro, como uma simples ficção, o que elle ensinava como uma verdade.

Agora daremos algumas explicações para intelligencia do trecho, que traduzimos. A ficção deste poema tem lugar no céu, na terra e no inferno.

Parece-nos impossivel deixar alguem de admirar até onde foi a imaginação deste poeta. Milton dice de seu canto. »

*while it pursues
Things unattempted in prose or rhyme.*

Alexandre Soumet, fallando de sua lyra, diz :

La lyre peut chanter tout ce que l'âme rêve.

E com effeito, de todas as epopéas divinas, que conhecemos, são o Paraiso Perdido, e a Divina Epopéa os poemas onde seus auctores apresentam uma imaginação, que não podemos classificar, por medo de lhe dar um nome.

É impossivel, em tão pequeno espaço, o darmos conta deste poema, e o que aqui traçamos é só para que seja entendido o trecho, que traduzimos. Eis-o pois: Idameel, depois de instruido na arte da magia por um judeu de Elephanta, viaja até a Armenia, e junto do monte Arar recebe a hospitalidade de Cleophanor, derradeiro propheta, e descendente de David. O mundo agonisa, e morre pouco a pouco, e o orgulhoso Idameel não pôde subjeitar-se a esta idéa terrivel. Subindo ao cume do Arar, depara no fundo da Arca com um globo maravilhoso, que o torna o primeiro dos homens, e então, senhor deste prodigio, trava uma lucta com a Divindade, querendo ressuscitar o mundo, que morre : mas Sémida, filha de Cleophanor, unica mulher fecunda, amada de Idameel, que por voto não podia casar-se, succumbindo quasi aos ardores d'elle, chama por Éloim, seu anjo guardador, e lançando-se aos braços do anjo, morre abrasada em suas celestes chammas, e com ella, para Idameel, a esperança da resurreição do mundo, que com feito chega ao seu termo. Eis o que Idameel, que é o ante-christo, apresenta nos infernos em suas *Tables d'Airain*.

Idameel, senhor e possuidor do inferno (o poeta nos não diz como) tem alli a Satan como seu prisioneiro. Rei dos abysmos, Idameel intenta escalar os céos para roubar Sémida; é quando os demonios discutem este plano, que apparece o Christo nos infernos, onde faz um discurso, respondendo a Idameel: este não o conhecendo, chama alguns condemnados para que lhe digam quem é o novo personagem que acaba de apparecer. E' este o trecho, que traduzimos.

Os demonios, por meio de uma vozzeria infernal, interrompem o Christo: a confusão ergue-se por toda a parte, todos participam della, excepto Idameel.

Calmo sómente Idameel se ostenta,
 Qual negro-touro em Mogador sculpido,
 Que o artista fingiu manso, e deitado,
 Mas contendo um obuz no fundo ventre.
 « Quem pois és tu? responde... tu te calas?..
 « Junto aos conselhos teus libra o teu nome;
 « Novos são! nunca sobre o sólo ardente
 « Os ramos infernaes taes fructos deram.
 « Temo que ao peso seu toda arvore envergue:
 « Qual irritado attentado te fez sabio?
 « Que fazes entre nós tu? O propheta
 « Já palavras não tem!!! Vinde, ó meus filhos,
 « Pela prioridade dos delictos;
 « Com olhos d'aguia vêde-o bem: dissei-nos
 « Com que crime afamára elle o seu seculo!
 « Seu nome... » O abysmo então rasga seus golphos,
 De cada circulo um inquiridor se arroja.

Eis primeiro Caim; no imperio ardente
 O mais velho lugar lhe coube outr' hora;
 Da ira enorme ao peso a fronte curva,
 Caim, esse cultor por Deos repulso,
 Cujos crimes rasgára em partes duas
 A humanidade, e que perpetuára
 Em seus sulcos, por sua messe amarga,
 O fructo, que sua mãe colhido havia.
 Feroz e vago, no seu seio occulta
 Firme braço assassino em pelle de hyena;
 Mas não occulta, nem consomme a idade
 O signal, que lhe pôz Deos sobre a fronte.
 E o rei, ou propheta olhando ao perto:
 « E' Abel (exclamou), que á mim descende,
 « Do Céu e de meu pae o filho eleito,
 « Titulo, que me attrahiu em dobro a colera;
 « Elle, o pastor insonte, inda mais brando,
 « Que seus cordeiros, cuja massa outr' hora
 « Cortou seus dias. E' Abel, é elle,
 « Que vêm do céo á mim, por Deos guiado,
 « Me absolver de meu odio, e fraticidio.

« É Abel !... » Corre o grito d'echo em echo,
 Voz na noute do abysmo em o chaos chorando.

Parricida immortal, pós vêem Semiramis.
 Por costume tremêra a Sphinge ante ella.
 Nuas de emblemas tres corôas negras
 Pendem-lhe em confusão da immunda coma.
 Eil-a, curvada a frente: tão diversa
 Dessa rainha, cujo sopro o mundo
 P'ra viver respirára! essa Semiramis,
 Cuja dextra viril com gesto altivo
 Da humanidade os passos impellindo,
 Como ignominia desdenhando os fusos,
 N'orbe estendia de seu genio os fios,
 Quando, qual um thurib'lo o Oriente
 Dava-lhe ductos da matina á noute ;
 Quando as migas de optmas mesas suas
 Um rebanho de reis alimentavam
 Subjeito em seus redis, para arrastrarem-lhe
 O rubro carro marchetado d'ouro;
 Quando o sol, de seus deuses o supremo,
 O proprio sol, dos magos sobre os peitos
 Impresso, se abater á seus pés vinha,
 De homenagens rolando ondas de luzes.
 Ora a reprovação lhe empana os olhos,
 Que em prantos nadam, como outr' hora em raios.
 Chega, e exclama : « Não me engano, eu vejo-o,
 « E' Nino ; diga-o de seu templo o guarda,
 « Que o reconhecerá, a Sphinge, que ouve-nos ;
 « Ella presente viu d'Oriente as lagrimas ;
 « Ella presente viu que expiatoria
 « A urna muito mais que do rei morto
 « Da gloria minha se vestiu do lucto !
 « Quando minha alma, tempestades toda,
 « E seus lampejos dardejando, berço
 « Tumultuoso d'um universo novo,
 « Crêo, do poente á aurora, que Semiramis
 « Grimpendo a um tumulto mais se engrandecia ;
 « E que sua larga fronte circumdada

GUANABARA.

« De um novo poder, dos julgamentos
 « Do céu o nível excedia. E' Nino,
 « Que vêm do céu á mim por Deos guiado,
 « Me absolver de minha gloria, e parricidio.
 « E' Nino!.. » Corre o grito d'echo em echo,
 Voz na noute do abysmo em o chaos chorando.

Robespierre por sua vez calcando
 De um mar de sangue as margens, que elle á nado
 Rompe, ante o enviado portentoso
 Vêm trazer o profil seu convulsivo
 De gato-tigre atroz; Robespierre!..
 Impio tribuno, que o terror evoca
 Entre as fronte dos crimes de uma epocha
 Oppressas, pelo ferro do verdugo
 Propagando uma idéa, e transmutando
 Em sanguinea carreta o regio carro!
 Robespierre!.. factor dos males publicos,
 Anão, colosso após, cortando fronte,
 E que pontifice sobre a terra exotico
 Ousou decretar Deos n'ordens do dia!
 « E' Luiz!.. Sob os nossos negros tectos
 « Dae repôr-lhe nos hombros a cabeça,
 « Que já não tem, que o ferro decepara;
 « Des que cahiu em minhas mãos a trago.
 « A' noute, em meu marmoreo traveseiro
 « Eu a colloco, e ao beijo seu de gêlo
 « Estremecem meus labios, ao seu beijo
 « De amor, signal clemente, meu castigo,
 « Obra do rei do inferno: pois mais sangue,
 « Do que é preciso p'ra abysmar uma alma,
 « Verti outr'hora sob o ferro hediondo.
 « Por cidades, aldeias, escoltado
 « Pela morte, eu assás d'arvore humana
 « Cortei os ramos. E' Luiz!.. é elle,
 « Que vêm do céu á mim por Deos guiado,
 « Me absolver de meu nome, e regecidio.
 « E' Luiz!.. » Corre o grito d'echo em echo,
 Voz na noute do abysmo em o chaos chorando.

Cansado Idameel diz :— « E' estranha
 « Esta voz do remorso, onde teu nome,
 « Luiz, Nino, ou Abel, tres vezes muda!
 « Triple estrangeiro, vêm á um derradeiro
 « Testemunho, e que sabe mais que todos! »

Se erguendo além dos mais grimpados picos
 De abysmos, de vulcões fundidas rocas
 Sobre Satan um monte gravitava,
 Borrascosa prisão, cujo horizonte
 Era em toda a amplitude a noute: immenso,
 E nu deserto, soidão de pedra
 Qual cabia a Satan desamparado.
 Como em tumulo, estendido em seus remorsos,
 Gasto da maldição, velho de fraco;
 Fóra da purpura, mas de si não fóra;
 Só á si respirando, ouvindo, e vendo;
 Creando, para reinar, um inferno aparte,
 Que a eterna noute inferno mais sombrio,
 Por seu pensar cavado, e sem limites
 Como elle; um inferno assás povoado.
 Por um só habitante, até vasio
 De fogos, de Satan mas todo cheio,
 Esse rei já sem throno alli jazia.
 Nesta sombra profunda vêm-lhe a mente
 O curso de seus fados, em que o mundo
 Se afundou. Do passado a onda pesada
 Em sua frente cavernosa bate;
 Premem-lhe os nós da hydra das lembranças,
 Da hydra das lembranças, que se erguendo
 Em massa enorme, de aguilhões lhe ouriça
 Seu duro, seu marpesio travesseiro.
 Vencido pelo Deos omnipotente,
 Por si mesmo vencido, e pelo homem,
 Captivo, e gemebundo, no da morte
 Olvido, sem encher de suas lagrimas
 O golpho do remorso; sem que possa
 Apaziguar essa alma toda prenhe
 De tanto horror, e o coração aonde

Dos tormentos palpita a eternidade :
 Quantos males causou de um jacto vendo,
 Fructos sempre vivazes, esses fructos
 Dos quaes não abortou um só, consumma-se
 Em fundo desespero a quêda sua.

Jámais Idameel, des que mofando
 Alli prostrára o reprobó gigante,
 De seu rival cahido as sombras vira :
 O orgulho o separava, e o tetro monte,
 Com toda a altura em cima do vencido
 Sempre do vencedor susteve o peso :
 Mas p'ra o revel archanjo ora baixando
 Chama-o, por mofa, pelo nome célico :
 « Lucifer, vêm Lucifer!.. olha, e diz-me
 « Si um sabes deste ser, que tem cem nomes'
 « Sabes quem é? »

Satan se ergue, e suspira
 Se erguendo, recobrar parece o imperio :
 De seu móto abalado até seu píncaro
 Longo nutára, qual um ébrio, o monte,
 Sobre as áridas rocas conservando
 Com pavor esses traços indeleveis
 Dos membros gigantes do rei longevo,
 Oh! que ai Satan fugir deixou do seio,
 Quando chegou té elle o triple estranho,
 Em a sua a atmosphaera branca involto,
 Qual o albor, que no céo se espraia ao longe ;
 E calmo, e o olhar erguido sobre a fronte
 Do gigante, bem como o astro da noute
 Sobre a sombria fronte d'oceano.
 O' Lucifer! ó rei da eterna noute !
 O' rei da blasphemia ! tu contemplas
 Outro por fim além de ti ; que vista !!!
 Oh! quanta ella abrilhanta a noute tua,
 E arrouba a tua alma a qual a segue !
 Do enviado sublime aos pés te arrojas !
 Adorando a poeira, em que se imprimem
 Seus rastros, e debaixo de seus passos

Ovantes, desdobrando, em mudo espanto,
Qual tapete de rei os teus remorsos,
Vens do teu lado nu mostrar-lhe a ferida,
Tocar suas mãos, seus braços, seus cabellos,
Por tua fé, que engrandece successiva,
Sahe um novo clarão de cada toque,
E de sangue um suor teus membros vertem.
O' pae dos habitantes, que o abysmo
Guarda, sentir o coração tu queres
Deste filho recém-nascido entr'elles,
Que te deram talvez seculos de lagrimas.
Mas deste coração potente, como
Um raio do trovão, te lança á terra
O primeiro bater ; tu cahes submisso,
Cheio de um nome, que o remorso ensina-te,
Exclamando d'est'arte aos reprovados :
— Meus filhos, eis-o aqui... é Jesus-Christo !!!—



NOTICIAS DIVERSAS.



Consta-nos que o Exm. Snr. Barão de Mauá subscreveu, na lista particular dos commerciantes, para a Estatua Equestre do Fundador do Imperio com uma avultadissima quantia! O Snr. Irenéo é sempre o mesmo homem em todos os actos da sua vida: generoso, grande, caridoso, patriota, e já immortalisado pela sua nobre constancia em favor da industria, do grande commercio nacional, e da introdução do gaz e dos caminhos de ferro. E' um dos maiores apóstolos da civilisação, é um verdadeiro brasileiro. Deos lhe dê uma vigorosa saude.

No *Correio Mercantil* lê-se o seguinte:

RIO, 13 DE OUTUBRO.

Como annunciamos na nossa *Revista Semanal* de 27 de agosto, hontem 12 de outubro, anniversario do descobrimento da America, realisou-se em parte a idéa do Snr. Conselheiro Candido Baptista de Oliveira, fundando-se nesta côrte uma sociedade com o titulo de *Colombiana*, cuja primeira reunião teve lugar ao meio dia na Academia das Bellas-Artes. Compareceram a este acto os Snrs. Conselheiros Candido Baptista de Oliveira, Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, Candido José de Araujo Vianna, Bernardo de Sousa Franco, Antonio Manoel de Mello, Drs. Guilherme Schuch de Capanema, Francisco Freire Allemão, Manoel de Araujo Porto-Alegre e Manoel Ferreira Lagos, faltando com causa motivada os tres membros que prefazem o numero dos doze fundadores da sociedade.

Por convite do Snr. Conselheiro Candido Baptista serviu de presidente o Snr. Conselheiro Araujo Vianna e de secretario o Snr. Ferreira Lagos, abrindo-se a sessão com o seguinte discurso:

« Estão hoje consumados, senhores, 362 annos, depois de memoravel dia 12 de outubro de 1492, em que o genio de Christovão Colombo, transpondo o immenso abysmo de um oceano desconhecido, revelou ao mundo a existencia da terra americana.

« E ao passo que essa grandiosa descoberta abriu largo campo ao desenvolvimento progressivo da moderna civilização entre os povos cultos, cousa singular! parece que o grande nome de Colombo se offuscára com o brilho da sua propria gloria; pois um só monumento publico se não erigira ainda no sólo da America para attestar dignamente ás futuras gerações o genio e os serviços do navegador genovez, já que a injustiça dos homens desherdára essa mesma terra do glorioso nome de Colombo!

« A' nós Brasileiros, tambem americanos, dominando, quasi sem partilha, o vasto Peloponeso, guardado pelos dous gigantes das aguas, o Amazonas e o Prata, parece estar reservada a nobre e meritoria missão de reparar tão condemnavel esquecimento.

« E' neste intuito, senhores, que, julgando interpretar dignamente os sentimentos patrioticos dos nossos conterraneos, vos propomos neste dia assignalado a fundação de uma sociedade, que se denominará *Colombiana*, em honra do genio que nos deparou tão bella patria.

« Esta sociedade deverá, em nossa opinião, incumbir-se dos encargos que passamos a indicar:

« A sociedade *Colombiana* iniciará os seus trabalhos, invocando a generosidade e patriotismo dos Brasileiros, para que contribuam individualmente com a modica quantia de *mil réis*, até preencher-se a somma em que fôr orçada a obra de um monumento inaugurado á memoria de Christovão Colombo, sob a direcção da mesma sociedade, e no lugar que houver de escolher, dentro do recinto da capital do imperio, com a permissão da autoridade competente.

« O producto dessa subscrição deverá ser depositado em algum dos bancos desta cidade, para o fim de occorrer ás despesas da obra a que é destinado, ou para ser devolvido aos subscriptores, no caso de não levar-se a effeito o monumento projectado por qualquer motivo imprevisto.

« A modica offrenda de *mil réis*, invariavelmente fixada para cada um subscriptor, tem por objecto alargar o circulo dos contribuintes voluntarios; evitando por outra parte que a generosidade do rico possa deslumbrar a modesta oblação do pobre nessa empreza de puro patriotismo.

« Paga assim a divida de reconhecimento e de veneração á memoria de Colombo, façamos tambem, senhores, alguma cousa pela patria! digamos melhor, façamos tudo em seu beneficio, chamando ao gremio da nossa associação todas as intelligencias, sem distincção de profissões.

« Que ahi se assentem em cordial concurrencia o geometra, o naturalista, o medico, o engenheiro, o militar, o economista, o litterato, o estadista, o agronomo; todas as especialidades emfim que se apresentarem

sciencia, das letras e das artes; concentrando desta sorte em um ponto as forças intellectuaes dos homens dedicados ao progresso e á illustração do nosso paiz.

« Para realizar finalmente este pensamento, convirá que a sociedade crêe e sustente, a expensas suas, um jornal destinado á publicação regular dos seus trabalhos, com a denominação de *Boletim da Sociedade Colombiana*, ou aquella que melhor parecer.

« Eis, senhores, quanto nos cumpria dizer-vos, para que fosse bem comprehendido todo o nosso pensamento na adopção da idéa que vos apresentamos.

« Aqui termina pois a nossa missão: o mais que resta a fazer vos pertence.— *Candido Baptista de Oliveira.* »

Finda a leitura do seu programma da organização da sociedade, o mesmo Snr. Conselheiro propôz que o Snr. presidente nomeasse uma comissão para organizar os respectivos estatutos com a maior brevidade possível, a fim de serem depois discutidos e approvados. Foram escolhidos para essa commissão os Snrs. Conselheiros Candido Baptista e Sousa Franco, Drs. Freire Allemão, Lagos e Capanema.

Passou-se a eleição dos membros da mesa que interinamente deve dirigir a marcha da sociedade, e por votação unanime foram designados:— Presidente, o Snr. Conselheiro Araujo Vianna; Vice-presidente, o Snr. Conselheiro Candido Baptista; Secretario, o Snr. Ferreira Lagos; e Vice-secretario o Snr. Capanema.

Declarando achar-se installada a *Sociedade Colombiana*, o Snr. Presidente levantou a sessão á uma hora da tarde, e designou o dia 12 de novembro proximo para a primeira reunião.

O Snr. Manoel Odorico Mendes está traduzindo a *Illiada* de Homero.

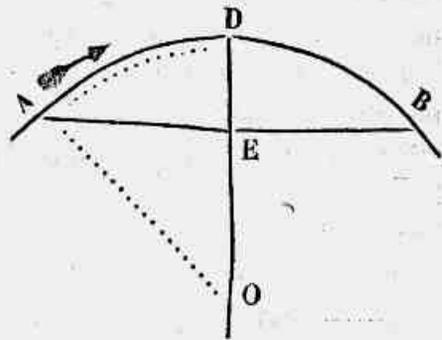
O Snr. Domingos José Gonsalves de Magalhães está no mar, e traz consigo o seu poema dos TAMOYOS.

Por ordem do Exm. Snr. Pedreira se vae augmentar o edificio das Bellas-Artes, para commodidade das novas aulas que foram decretadas. O nome de Sua Excellencia se vae juntar ao do benemerito Visconde de S. Leopoldo, ao dos protectores das artes.

PROBLEMA.



Determinar a Latitude de um ponto qualquer do globo terrestre, sendo ahí observadas *duas alturas* de uma mesma Estrella, situada em qualquer dos dous Hemispherios celestes: a saber, uma dessas alturas tomada no meridiano do lugar, e a outra fóra deste plano; sendo tambem dado o *azimuth* da Estrella, cuja declinação suppõem-se desconhecida.



Represente, na figura que está á vista, (ADB) um arco do circulo descrito por uma Estrella, na sua rotação apparente, sobre o horisonte do lugar da observação: seja (D) o ponto culminante da sua excursão; e (O) o centro do circulo da rotação diurna da mesma.

A recta (DO) representará a intercepção do plano do meridiano com o plano do circulo de rotação da Estrella: suppondo-se o arco (AD)=(DB), será a corda (AB) perpendicular á (DO), e tambem ao plano do meridiano.

Sejam pois dadas pela observação a *altura vertical* da Estrella no ponto (A), a qual representaremos por (h); e a *altura meridiana*, que designaremos por (H): sendo o *angulo azimuthal*, correspondente á primeira posição, representada por (a).

Trata-se de achar com estes dados a distancia angular entre o ponto (D) e o ponto (O) em relação ao observador; isto é, o angulo formado pelo raio visual dirigido á Estrella com o eixo de rotação da esphera celeste, o qual passa pelo ponto (O), e pelo olho do observador. Representando por (φ) este angulo: e por (λ) a Latitude pedida; ter-se-ha $\lambda = \mp (H - \varphi)$: isto é, a Latitude igual á elevação, ou á depressão do Polo, em relação ao horisonte do lugar; estando a Estrella observada no Hemispherio do Polo visível, no primeiro caso; e tendo lugar o segundo caso, na hypothese contraria.

Reporte-se o azimuth (a) ao plano que passa pelo olho do observador, e pela corda do arco (ADB); e tenha nesse plano a grandeza (a'). Reporte-se semelhantemente a altura observada (h) ao plano meridiano; e tenha nesse plano a grandeza (h').

Ter-se-ha, pelo principio das projecções, (*)

$$(1) \text{ sen. } a' = \text{sen. } a \cos. h.$$

$$(2) \text{ sen. } h = \text{sen. } h' \cos. a'.$$

E' evidente que os angulos (a') e ($H-h'$) representam as distancias angulares entre os pontos (A e E), (E e D), em relação ao observador: designando por (γ) a distancia angular entre os pontos (A e D), ter-se-ha [projectando na esphera celeste as rectas (AE), (ED), (AD)] um triangulo espherico rectangulo, cujo angulo adjacente á hypotenusa (que é a projecção da corda (AD)), no ponto correspondente á (D), designaremos por (Δ); o qual é commum ao triangulo isosceles espherico, que tem por vertice a projecção do ponto (O) na superficie da esphera, e cuja base é (γ).

Ter-se-ha por tanto no triangulo rectangulo

$$(3) \dots \cos. \gamma = \cos. a' \cos. (H-h').$$

$$(4) \dots \text{sen. } a' = \text{sen. } \gamma \text{ sen. } \Delta.$$

e no triangulo isosceles

$$(5) \dots \text{tg. } \varphi = \text{tg. } \frac{1}{2} \gamma \frac{1}{\cos. \Delta}.$$

empregando neste caso a formula conhecida

$$\text{tg. } \frac{a+b}{2} = \text{tg. } \frac{1}{2} c \frac{\cos. (A-B)}{\cos. (A+B)}; \text{ e fazendo } a=b, A=B.$$

As equações 1, 2, 3, 4, 5, resolvem pois completamente o problema proposto; e eliminando das referidas equações as quantidades (Δ , γ , a'), ficará a solução pratica reduzida á applicação das duas formulas seguintes:

$$(A) \dots \text{tg. } \varphi = \frac{\text{sen. } h' - \text{sen. } h \cos. (H-h')}{\text{sen. } h \text{ sen. } (H-h')}$$

$$(B) \dots \text{sen. } h' = \frac{\text{sen. } h}{\sqrt{1 - \text{sen.}^2 a \cos.^2 h}}$$

(*) A formula geral é $\text{sen. } a' \cos. \mu = \text{sen. } a \cos. p \cos. q$; na qual (a) é a projecção do angulo (a'); (μ) o angulo comprehendido entre os dous planos; (p e q) os angulos formados pelos lados com as suas projecções. Quando se tem $\mu=p$, virá $\text{sen. } a' = \text{sen. } a \cos. q$.

Estas formulas poderão reduzir-se a uma só, pela eliminação de h' ; ficando assim a $\text{tg. } \varphi$ expressa nos dados immediatos da observação; a saber, $(a, h, e H)$; e virá

$$(C) \dots \text{tg. } \varphi = \frac{1 - (\cos. H \cos. h \cos. a + \text{sen. } H \text{ sen. } h)}{\text{sen. } H \cos. h \cos. a - \cos. H \text{ sen. } h}$$

A formula (B) deverá ser conservada, para o fim especial de reduzir qualquer altura observada ao plano do meridiano, nos casos em que fôr isso preciso.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1854.

Candido Baptista de Oliveira.

METROLOGIA.



Nota sobre uma nova applicação do principio do Nonius na medição das grandezas lineares, com approximação indefinida.

O NONIUS PROGRESSIVO.

Na applicação das sciencias que tem por objecto o estudo das grandezas de toda a especie, e das relações que estas guardam entre si; isto é, na pratica das sciencias mathematicas, e das sciencias physicas em geral, é indispensavel o emprego de meios rigorosos, para obter medidas precisas *do tempo, do peso e da extensão.*

Graças á descoberta do Pendulo por Galilêo, e á feliz applicação que fizera depois *Huygens* desse precioso instrumento, como regulador do movimento nos relógios, ou chronometros; ficaram ha muito em completo desuso as imperfeitas clepsydras empregadas pelos antigos para esse fim: de modo que póde hoje dizer-se affoutamente, que *o tempo* é medido com a ultima exactidão, ainda mesmo nas suas menores fracções.

Outro tanto diremos da avaliação do *peso*, cuja medida póde obter-se com precisão absoluta, usando do processo simples e engenhoso de produzir o equilibrio em uma balança substituindo-se alternadamente na mesma concha dous pesos equivalentes, por muito defeituosa que seja essa balança.

Pelo que respeita porém á extensão, considerada na sua especie elementar— a linha,— não se chegou ainda a conseguir a precisa exacção nesta parte, embora sejam conhecidos, e se empreguem actualmente meios diversos de approximação, os quaes satisfazem, na maior parte dos casos, as necessidades da sciencia.

Foram *Pedro Nunes e Galiléo* os primeiros, que reconhecendo em épocas differentes essa necessidade, propuzeram a adopção de meios artificiaes para medir as pequenas grandezas, que escapam á appreciação dos instrumentos graduados. E neste intuito suggerira *Galiléo* a idéa do seu *Prisma Micrometrico*; consistindo este em um prisma triangular metallico, revestido em uma parte do seu comprimento (o espaço de meia pollegada p. ex.) pela circumvolução de um arame ten uissimo, guardando as espiras perfeito contacto umas com outras.

Uma vez achada a relação entre uma dada divisão de um instrumento graduado (um gráo p. ex.) e o numero correspondente de circumvoluções do arame, pondo-se em contacto immediato a aresta do prisma com o limbo do instrumento; facil seria determinar assim, com o auxilio de uma lente, fracções do gráo tanto menores quanto mais delgado fosse o arame empregado no revestimento do prisma.

E' provavelmente desta idéa primitiva que partira a invenção dos diversos Micrometros que estão hoje em uso, especialmente nas observações astronomicas, para appreciar pequenas grandezas, como sejam entre outras os diametros apparentes dos corpos celestes.

Vêm finalmente a escala, denominada— *Vernier*, — ou — *Nonius*, — a qual, por meio de uma combinação simples e engenhosa, das suas proprias divisões com a graduação do limbo do instrumento, fracciona o gráo em partes aliquotas expressas em *minutos e segundos*; ou as divisões de uma escala qualquer em parte aliquotas das mesmas.

E' pois o nosso objecto na presente Nota explicar o principio em que se funda o uso de *Vernier*, e levar a applicação desse principio ás suas ultimas consequencias: conseguindo por este meio chegar a uma approximação indefinida na medição dos angulos e da extensão linear.

Tome-se uma escala qualquer rectilinea, ou circular, dividida em partes iguaes; diga-se, em 10 partes iguaes p. ex. Tomando depois uma extensão igual a 9 dessas partes, e dividindo-a semelhantemente em 10 partes iguaes; ter-se-ha assim formado a escala que hoje se chama— *Vernier*— a qual, como mostraremos no fim desta *Nota*, é uma judiciosa modificação do engenboso meio proposto por *Pedro Nunes* (um seculo antes de *Pedro Vernier*) para chegar ao mesmo fim.

Do exemplo acima supposto deve concluir-se, que, sendo 10 partes de Vernier iguaes a 9 partes da escala primitiva, a differença entre duas divisões de ambas as escalas é $\frac{1}{10}$ da maior; de modo que, ajustado o Vernier sobre a escala, e fazendo-o marchar para direita, ou para esquerda, elle avançará, em cada uma das suas divisões, que coincidirem successivamente com as da escala, $\frac{1}{10}$, $\frac{2}{10}$, $\frac{3}{10}$ até $\frac{10}{10}$ de uma das partes da escala.

Designando pois por (n) o numero de partes tomadas da escala, ou do limbo graduado de um instrumento: por Δ' a grandeza de cada uma dessas divisões; e Δ'' a grandeza de cada uma das divisões do Vernier: ter-se-ha em geral:

$$(1) \dots\dots n \Delta'' - (n-1) \Delta': \text{ donde se tira:}$$

$$(2) \dots\dots \Delta' - \Delta'' = \frac{\Delta}{n}$$

A equação (2) mostra, que (Δ'') se approximarà de (Δ') tanto mais, quando (n) fôr maior; isto é, que a differença entre as divisões do Vernier e do limbo do instrumento diminue indefinitamente, á medida que (n) cresce.

Suponha-se que o limbo do instrumento é um circulo completo, e graduado em 360° , e cada grão subdividido em tres partes iguaes, representando cada uma destas $20'$ (o que tem lugar de ordinario nos instrumentos, cujo raio não excede a 5 ou 6 pollegadas).

Pondo na equação (2), em lugar (de $\Delta' - \Delta''$), $20''$, $10''$, $5''$; os valores de (n) correspondentes farão conhecer a grandeza da escala de Vernier para cada um desses casos, a saber:

$$20'' = \frac{20'}{n} = \frac{20 \cdot 60}{n}; \quad n = 60 = 3.20$$

$$10'' = \frac{20'}{n} = \frac{20 \cdot 60}{n}; \quad n = 120 = 3.40$$

$$5'' = \frac{20'}{n} = \frac{20 \cdot 60}{n}; \quad n = 240 = 3.80$$

$$1'' \frac{1}{9} = \frac{20'}{n} = \frac{20 \cdot 60}{n}; \quad n = 1080 = 3.360$$

Vê-se pois que, segundo a applicação que se faz do principio em que se funda o Vernier, será $1'' \frac{1}{9}$ a menor differença que poderá dar a escala maxima, correspondente á 360° ; na hypothese de ser o limbo graduado de vinte em vinte minutos.

Mostremos agora como é possível tornar sobre esse mesmo principio escalas analogas ao Vernier ordinario, por cuja combinação com este se obtenham successivamente as differenças de $20''$; $20''$; $20''$; etc.

Para esse fim supponha-se por um momento, que a circumferencia do

limbo do instrumento se rectifica, e que a sua gradação se repete indefinidamente sobre o prolongamento da linha recta que a representa; o que é admissivel.

Dado isto, a equação (2) fará conhecer, como se praticou acima, os diversos valores (n), correspondentes ás diferenças indicadas: e ter-se-ha

$$20^{\text{II}} = \frac{20^{\text{I}}}{n} = \frac{20^{\text{I}} \cdot 60}{n} ; \quad n = 60$$

$$20^{\text{III}} = \frac{20^{\text{I}}}{n} = \frac{20^{\text{I}} \cdot 60^2}{n} ; \quad n = 60^2$$

$$20^{\text{IV}} = \frac{20^{\text{I}}}{n} = \frac{20^{\text{I}} \cdot 60^3}{n} ; \quad n = 60^3$$

Substituindo agora os valores achados (n) na equação (1) successivamente, e designando por Δ^{II} , Δ^{III} , Δ^{IV} , Δ^{V} , &c., as diversas grandezas das divisões nas escalas respectivas; virá:

$$60\Delta^{\text{II}} = (60-1)\Delta^{\text{I}} = 59\Delta^{\text{I}}$$

$$60\Delta^{\text{III}} = \frac{(60^2-1)}{60}\Delta^{\text{I}} = \left(60 - \frac{1}{60}\right)\Delta^{\text{I}} = \left(59 + \frac{60-1}{60}\right)\Delta^{\text{I}} = 59\Delta^{\text{I}} + \Delta^{\text{II}}$$

$$60\Delta^{\text{IV}} = \frac{(60^3-1)}{60^2}\Delta^{\text{I}} = \left(60 - \frac{1}{60^2}\right)\Delta^{\text{I}} = \left(59 + \frac{60^2-1}{60^2}\right)\Delta^{\text{I}} = 59\Delta^{\text{I}} + \Delta^{\text{III}}$$

$$60\Delta^{\text{V}} = \frac{(60^4-1)}{60^3}\Delta^{\text{I}} = \left(60 - \frac{1}{60^3}\right)\Delta^{\text{I}} = \left(59 + \frac{60^3-1}{60^3}\right)\Delta^{\text{I}} = 59\Delta^{\text{I}} + \Delta^{\text{IV}}$$

Ter-se-ha por conseguinte um numero indefinido de escalas successivas, correspondendo por sua ordem ás equações seguintes:

$$(1.^{\circ}) \dots 60\Delta^{\text{II}} = 59\Delta^{\text{I}}$$

$$(2.^{\circ}) \dots 60\Delta^{\text{III}} = 59\Delta^{\text{I}} + \Delta^{\text{II}}$$

$$(3.^{\circ}) \dots 60\Delta^{\text{IV}} = 59\Delta^{\text{I}} + \Delta^{\text{III}}$$

$$(4.^{\circ}) \dots 60\Delta^{\text{V}} = 59\Delta^{\text{I}} + \Delta^{\text{IV}}$$

A primeira destas escalas é a mesma que é conhecida pelo nome de Vernier, a qual dá diferenças de 20^{II} .

A segunda fórma-se dividendo em 60 partes iguaes as mesmas 59 partes do limbo do instrumento, que entram na formação da primeira escala, e mais uma divisão desta; e dará diferenças de 20^{III} , sendo sobreposta ao Vernier, de modo que o zero das suas divisões se possa ajustar com a divisão do Vernier, que mais se approximar de uma divisão do limbo.

Na applicação da (3.^ª), (4.^ª), &c., se procederá de um modo semelhante ao que acaba de ser expellido relativamente á 2.^ª escala; isto é, a 3.^ª escala funcionará em relação á 2.^ª, do mesmo modo que esta em relação á 1.^ª, &c.

Observação. As difficuldades praticas devem pôr um dado limite á construcção, e uso das escalas successivas e auxiliares do Vernier.

Segundo presumimos não será admissivel nos instrumentos portateis (cujo raio é de 5 até 6 pollegadas) mais que a 2.^a escala além do Vernier. E dando este, em taes instrumentos cuja graduação comprehende tres, ou quatro partes em cada gráo, differenças de 20, ou 15"; poderá ter-se, pela applicação da 2.^a escala, differenças de 20, e 15''; ou $\frac{1}{3}$, e $\frac{1}{4}$

Nos instrumentos fixos, usados nos observatorios, poder-se-ha empregar sem inconveniente maior numero de escalas auxiliares, até duas talvez além do Vernier.

A graduação destes instrumentos comprehende 6 e 12 partes em cada gráo, representando cada uma 10, ou 5'.

O Vernier dará portanto differenças de 10, ou 5''; e as duas escalas auxiliares darão differenças de 10, ou 5''' ; e de 10, ou 5''': levando assim a approximação a

$$\frac{1}{6}, \text{ e } \frac{1''}{12}; \text{ ou a } \frac{1}{360}, \text{ e } \frac{1''}{720}$$



O NONIUS PRIMITIVO.

O Dr. *Pedro Nunes*, o mais distincto geometra e astrónomo do seu tempo, floresceu em Portugal no seculo XVI, e publicou em Lisboa, pelos annos de 1542 o seu muito apreciado *Tratado de crepusculis*; no qual descreveu o methodo que inventára, para medir mais precisamente os angulos observados com o Quadrante, que estava em uso no seu tempo; e é o seguinte:

Traça *Pedro Nunes* na superficie plana do limbo do quadrante 45 arcos de circulo concentricos, approximados uns dos outros quanto baste, para que possam distinguir-se com a simples vista. Divide depois em 90 partes iguaes o arco exterior (1.^o): o immediato a este (2.^o) em 89 partes iguaes: o seguinte (3.^o) em 88 partes iguaes: e assim por diante até o ultimo arco (45.^o), o qual fica dividido em 46 partes iguaes.

O uso pratico desta graduação complexa é o seguinte:

Supponha-se que, na observação de um angulo com esse Quadrante, a linha de prumo, ou linha de fé da alidade, coincide com 45.^a divisão do 2.^o arco: ter-se-ha o valor exacto do angulo observado, em grãos do quadrante, por meio da proporção seguinte:

$$89 : 45 :: 90^\circ : x = 45^\circ 30' 20'' \frac{20}{89}$$

Se por outra parte se designar por (p) uma das divisões desse mesmo arco; ter-se-ha :

$$89 p = 90^\circ; 89 (p - 1^\circ) = 1^\circ; p - 1^\circ = \frac{1^\circ}{89} = 40'' \frac{40}{89}$$

A differença $(p - 1^\circ)$ multiplicada pelo numero de divisões indicado pela alidade, juntamente com esse mesmo numero representando grãos, dará o mesmo angulo ácima achado, a saber :

$$40'' \frac{40}{89} \times 45 + 45^\circ = 45^\circ 30' 20'' \frac{20}{89}$$

Demos ainda outro exemplo: e supponha-se que a coincidência da linha de fé da alidade marca a 45.^a divisão do 11.^o arco concentrico; isto é, aquelle que é dividido em 80 partes. Ter-se-ha o valor do angulo observado, fazendo a seguinte proporção :

$$80 : 45 :: 90^\circ : x = 50^\circ 37' 30''.$$

$$80 p_1 = 90^\circ; 80 (p_1 - 1^\circ) = 10^\circ; p_1 - 1^\circ = \frac{10^\circ}{80} = 7' 30''.$$

e por conseguinte

$$7' 30'' \times 45 + 45^\circ \dots \dots \dots = 50^\circ 37' 30''$$

Destes exemplos conclue-se, que o modo de proceder para obter o valor do angulo observado, em cada um dos arcos graduados do Quadrante de *Pedro Nunes*, é essencialmente o mesmo que se pratica no uso de Vernier.

Em tal caso qual a vantagem do Vernier actualmente em uso? E' grandissima! Consiste ella no feliz pensamento que tivera o seu autor: 1.^o, de fazer movel com a alidade do instrumento o segundo circulo concentrico do Quadrante de *Pedro Nunes*, dispensando desta sorte todos os outros circulos concentricos, além do primeiro; 2.^o. De reduzir esse arco movel ás proporções comparativamente diminutas da sua escala: sem que por outra parte estas alterações affectassem substancialmente o principio do *Nonius*.

Partilhem pois entre si *Pedro Nunes* e *Pedro Vernier*, a gloria desta admiravel invenção, tão simples na apparencia, quanto fôra util ás sciencias de observação, e ás Artes Mechanicas em geral.

Damos todavia a denominação de— *Nonius Progressivo*— ao systema de escalas auxiliares do Vernier, acima descriptas, com o fim unico de ligar ao que é obra nossa, nesse melhoramento, o honroso nome do seu primitivo inventor.

Rio de Janeiro, 25 de Outubro de 1854.

Candido Baptista de Oliveira.

O BOMBYX DA MAMONA.

O bicho de seda da amoreira, como se sabe desde muito tempo, e é confirmado em uma nota de Mr. Milne-Edwards, dirigida á seus collegas da Academia das sciencias, não é a unica especie de bombyx, que os agricultores da India criam em casa, para obterem a materia prima de diversos tecidos; e entre estas especies, cujos productos são apenas conhecidos na Europa, ha uma que é objecto de uma industria importante; a saber: o *arrindes arria* do Hindous, ou o *bombyx cinthia*, dos Entomologistas.

A lagarta deste bombyx nutre-se das folhas da mamona commum, e a seda que produz, posto que seja menos bella que a do bombyx da amoreira, é de grande utilidade, em razão da fortaleza dos seus fios.

Em diversas partes da India fornece essa seda á classe pobre o vestuario de todo o anno; e é igualmente dessa mesma seda que se vestem todas as outras classes do povo, durante o inverno.

Accrescenta á isto o sabio academico, que o bicho de seda da mamona é muito productivo; o seu crescimento é rapido; e as suas gerações se succedem tanto á miudo, que de ordinario dão seis a sete colheitas por anno.

Graças aos bons officios de *Sir William Ried*, governador de Malta, que havendo aclimatado nessa ilha o *bombyx cinthia*, o tem feito propagar em diversos pontos da Italia: e dahi couseguiu Mr. Milne-Edwards uma porção de ovos, que foram por elle postos immediatamente nas condições favoraveis para que se podessem desenvolver perfeitamente.

As lagartas foram postas depois, umas ao ar livre sobre as folhas de um pé de mamona em plena vegetação, garantidas sómente por uma cobertura de muspelina; outras sobre uma grade feita de vimes, dentro do proserio de gabinete de Mr. Milne-Edwards, sendo alimentadas com as folhas da mamona arrancadas do pé, e sob a temperatura constante de 20 a 24 grãos do thermometro centigrado: algumas finalmente sobre folhas transportadas para o mesmo local, mas tendo os tecidos mergulhados n'agua, para evitar que murchassem.

Todos esses bichos vingaram perfeitamente, sendo os ultimos aquelles, que adquiriram maior volume, e pareceram mais vigorosos.

(*Quinsaine Scientifique—Constitutionnel de 25 de Setembro—Pariz*).

De um Poemeto inedito de pessoa de nossa amizade, Poemeto, que por sem duvida não será publicado, obtivemos os episodios, que abaixo publicamos.

INTRODUCCÃO.

RECITA 1.

Desdenhosos de tudo, afóra o vosso,
Com maligno sorrir, com vão desprezo,
Tão estulto, tão vão, como vós mesmos,
Estes versos, que eu fiz, quando pousavam
Desgostos no meu peito, não remorsos,
Desgostos, que a iniquicia dos humanos
Coôu com ferrea mão dentro em minh'alma,
Láde, gelados, insensíveis criticos.

Em quanto vós, ó filhos da Impustura,
De vós mesmos tiraes escravas regras,
Mais terrenas que vós, qual vós mesquinhas,
(Antes tesoura, que forjára o odio
Em negra incude de ferrenha Inveja,
P'ra agorentar do Genio as leves azas)
Desprendido da terra em sôlto adejo
A's livres auras dos ethereos páramos
Se remonta de ardente alado Genio,
E entre os effluvios de celestes seres
Em divinaes inspirações se engolpha!

Em quanto o vate por dar vida morre,
Morrei vós por matar... nem podeis tanto.
Cumpra pois cada qual quanto lhe é dado:
Em quanto blasphemaes, o vate canta

Nestes cantos... si toscos, muito embora,
 Vêde o caso, que fiz das regras vossas.
 Blasonaes de poder? vêde si o temo:
 As vossas maldições affronto, e rio-me.

Jovens, fazei assim; e avante, ó Jovens!
 Nem um cantor de angustias mais expire,
 Nem um barbaro trophéo mais logre a critica.

Os varios casos, que ora ao mundo narro,
 Ninguem soube, nem sabe! e bem que antigos
 Vão ser novos p'ra o mundo; mas não pasmem:
 Sabe mais a Poesia do que a Historia.

INVOCAÇÃO.

RECITA 1.ª

Vinde tão doces, com susurro ameno,
 Macias brizas do soprar eólico,
 De suavissimos cheiros empregnadas,
 Que lindas flôres de celestes fórmas
 De vicejantes prados exhalaram,
 Para que ácima dos sydereos campos
 O escabelo de Deos incensar fossem!

De seculares, tetricos desertos
 Brandos suspiros de vernaes malinas,
 Com melódico accento ciciando,
 Essa molle tristeza dos desertos,
 Melancholia da soidão dos bosques
 Philtrar em meus harpejos meigos vinde.

É-me grata a tristura das campinas,
 Amo o silencio de pacatas selvas,
 Onde os raios, que a luz tardia imphiltram
 Em tamanha amplidão deslustram sombras,
 Que cahem tão frescas de inconcussos ramos!

E'-me grato esse amplexo de montanhas
 Cingindo em tanto afan florente valle,
 Onde os aljofres da punicea clamyde
 A Aurora deixa tachonar. Eu gosto
 De vêr no prado balouçar-se airozas,
 Nas leves azas de risonhas auras
 As redolentes, cambiantes flôres,
 Que enamoram aos zephyros. Eu folgo
 De vêr do alto dos céos cadentes nuvens
 Pelos fios roçar de ethereas serras
 Os pandos bojos a rojar de imbriferos,
 E molles arrastrar de topo, em topo
 As crespas fimbrias, que se estendem gravidas
 De procella, que dorme! E como é doce
 Vêr, entre seixos, collear no prado
 Espumea vêa de sonora lympha,
 Que pulsa em iris do alcantil da penha,
 E sobre rochas rebentando em flôres,
 Qual a serpe na gramma, após se escôa!

Pousae-me em torno nos fustões da selva,
 O' vós dos campos íncolas plumiferos,
 E dahi aos meus timpanos mandae-me
 Esses, com que saudaes, em choro allisono,
 D'Aurora o rosicler, festivos hymnos!

Vinde pois, brizas, ou levae-me, ó ventos,
 Aos desertos impervios, onde outr'hora
 Ergueram ampla, (para nós mysterios)
 Priscas, válidas mãos cidade egregia.

O SOLITARIO.

RECITA 1.ª

Baldado em planos, dos destinos brineo ;
 (Si é que destinos ha, si é que Deos mesmo
 Não rege do mortal todos os passos)

Decepadas em flôr quantas, tão bellas,
 Nos seios d'alma de fagueiras, tanto
 Lhe sorriram, douradas esperanças!
 Afiado o pezar contra o dos homens
 Refalsado tratar; tão bom, tão candido,
 Venerando ancião, claro em virtudes,
 Deixado havia da cidade os tectos,
 Tectos, que crimes occultar soiam,
 Como as praças e as ruas, de vaidosas
 Nefandos vícios de ostentar folgavam!

De austero, firme no quebrar de algemas,
 Que aos civicos prazeres o prendiam,
 Despedaçou-as pois; e a sós, de ousado
 Para os desertos se partiu. Possante
 De uma alma ingente, de cabaes virtudes
 Levou comsigo da cidade apenas
 Amaras exp'riencias, que de acerbas
 O tão sensível peito lhe pungiam,
 E um triste recordar, que de mui triste
 Pavoroso em seu peito se avultava!
 E que mais? Seu bastão de peregrino,
 Que de annoso, que vae infirmos passos
 Lhe abordoia entre alpestres penedias
 D'invios desertos, d'intrincadas selvas!
 E que mais levou elle? Um Deos na mente.

INVOCAÇÃO Á NOUTE.

RECITA I.ª

Vêm, tão doce que és tu; bem vinda sejas,
 Suave amiga de tranquillos peitos;
 De repouso feliz, de amenos gozos
 Mãe caroavel; e remanso grato
 De pesadumes de diurnas lidas!
 Vêm, (quam doce, que és tu, pacata Noute!)

Philtrar em ternos corações felices
Serena paz, descanso appetecivel !

Em quanto lédos os orphêos alados
Vão saudando teu tremulo crepusculo,
E n'amplidão discretas broxuleam
Silentes trevas, que teu manto estende,
Por entre cujas triplicadas dobras
Alvinitente luz estrellas cômam;
Propicia manda palpitar nos ares
Grata bafajem de frescor suave,
Que refrigere a terra calcinada
De suão bochornal! Oh! vêm amiga,
E guie sabio teus frisões nouturnos,
Que d'ébano o teu plaustro, firmes tiram,
Por espaços de flôres perfumados,
O teu rapido auriga. Vêm, ó Noute!

Que encantos não tens tu, que almôs restauram
Humanas forças nos cançados corpos!
E todos, todos, em mansão pauperrima,
O camponez, de alegre, e de jucunda,
Que a vida leva, em pobre cama goza,
Em dura barra o jornaleiro frue!

Que val que á sombra de aureos laqueares,
Em larga cama de colchões de *penas*
O magnate de altivo ufano estire-se;
Si descanso não tem, si paz não goza,
Si não lhe cabe desfructar teu somno?
E já quando de lassa se descamba
A natureza ao peso de vigílias,
É funesto o que o prende, em alta noute,
Atribulado, detestavel somno!
Elle não sonha que o filhinho beija,
Elle não sonha que a consorte abraça,
Que folga, e brinca com fiel amigo,
Que colhe flôres em jardins amenos,
E de alegre pomar recolhe os fructos!

Ai delle, misero! que não goza em sonhos
 Meigo sorriso de mulher tão bella,
 Tão bella, tão mimosa, e tão amante,
 Que na terra, entre nós, simula d'anjo!
 Ai delle, misero! que incessante troca
 Diurnas lidas por visões nouturnas,
 Mas terriveis visões, larvas, spectros,
 Que lhe finge a ambição seu bem mais doce!

Felices antes nós, que sobre a terra
 Doces levamos mais seguros passos!
 Felices antes nós, que em carro alheio,
 Ignaros de nós mesmos, não, de audaces,
 Rotas de numes invadir tentamos!
 E nem com frageis azas (que é tão fragil
 A vã soberba das idéas do homem)
 Caminho ethereo devassar ousamos,
 Sendas, que esp'ritos perlustrar só pódem,
 Mas sublimes esp'ritos, que creados
 Foram muito antes do luzir dos astros!

Felices antes nós, que, não pejados
 De tumida ambição, não cubicamos,
 Em luminosa via, á nós extranha,
 Diffundir mil torrentes d'alta gloria,
 Usurpado condão de essencia alheia:
 Nem tememos (de fracos, que nós somos)
 Que após, em cambio de arrojada insania
 De um iracundo Deos nos toque o raio!
 Nem que o fogo do sol no campo aereo
 As emprestadas, destemidas azas
 Nos derreta! E desta arte icarias ondas
 Bem podem se orgulhar do claro nome,
 Que o joven dedalêo lhes déra outr' hora,
 Ou as aguas do Eridano afamadas
 Por extinguirem de Phaetonte o fogo!
 Cahiam elles, que aos numens tanta gloria
 Soberbos tentam pleitear de ousados!
 E nós seguros, sem temer no espaço

Desamparadas, illudidas quédas,
No banquete da vida um dia alegre
Lêdos folguemos! Nem val mais a vida!

Doce é viver no seio d'Amizade,
É doce a vida, que não mancha o dente
De envenenados, tímidos remorsos.

Vêm, que doce, que és tu, placida Noute,
Com teu sombrio, tão propicio manto,
Onde reflectem argentados lumes,
Que accendem anjos na celeste abobada,
Folgado somno proteger amiga.
Vêm! que doce que és tu; bem vinda sejas.



ENSAIO COROGRAPHICO DO IMPERIO DO BRAZIL.



Em um pequeno opusculo publicado em Paris, ácerca de dez annos, Mr. Ranuire d'Elval pintando as maravilhas pittorescas da natureza brasileira, dizia: « chamamos com todas as notas novas obras geographicas para que este bello paiz tão bem descripto em algumas de suas partes, não deixe mais duvida sobre sua statistica interna completamente desconhecida ha bem poucos annos. »

Na realidade os trabalhos geographicos datam em sua maior parte deste seculo bem como as obras de corographia. Seguindo o impulso impresso por illustres predecessores e desejando vulgarisar o conhecimento das localidades principaes deste vasto imperio puzeram em commum seus estudos aos Snrs. Mello Moraes e Ignacio Accioli e compuzeram uma obra elementar de corographia brasileira sob o modesto titulo d'Ensaio. Apresentando em resumido quadro a descripção das cidades, rios, e portos do Brasil tiveram em vista familiarisar os jovens alumnos com o estudo que não poucas vezes desgosta pela indigesta accumulacão de nomes indigenas, e que fatiga a attenção e a memoria pela infinita enumeraçãõ de rios e de seus afluentes porque não ha paiz, segundo a opiniaõ do sabio Humboldt que possuia mais bello systema d'irrigaçãõ natural do que o Brasil.

Este inconveniente grave, ainda para o mais intrepido leitor suspende o interesse á vista de columnas de nomes extravagantes que enchem paginas inteiras: por isso os Snrs. Mello Moraes e Ignacio Accioli souberam evital-o reduzindo com arte a parte nominal á justas proporções.

É bem difficil tarefa compôr um resumo de historia e não menos um Ensaio Corographico. Releva proceder com todo o discernimento na escolha e disposiçãõ dos materiaes; recorrer as mais authenticas fontes evitando abraçar as paixões d'outros tempos copiando os erros que ellas suscitaram. Na marcha seguida pelos Snrs. Mello Moraes e Ignacio Accioli preside o gosto da san critica: todavia alguns pormenores concernentes á Christovão Colombo, á sociedade de Jesus e alguns factos anecdoticos introduziram-se sem profundo exame das obras antigas de que foram extrahidos. A nec-

dota da villa de Magasão, cujos habitantes se faziam sangrar na vespera de S. João, nos parece um pouco suspeita: bem como a tradição desse Reverendo Padre que descobriu uma nação d'indios com cauda de raposa em um lugar banhado por um dos confluentes do grande rio das Amazonas.

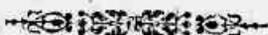
Porém estas ligeiras imperfeições em nada prejudicam a obra elementar dos Snrs. Mello Moraes e Ignacio Accioli. Nada em consciencia se pôde exprobar a tão honrados escriptores que tiveram por fim a instrucção da mocidade e que cumpriram seu dever com corajosa perseverança em uma lucta ingrata, sem proveito para seus interesses pecuniarios em grande parte sem a gloria, que lhes serve de compensação. *Labor improbus omnia vincit.* Por um obstinado trabalho conseguiram estes Snrs. extrahir o que havia de mais substancial e notavel em cada provincia: traçaram um plano, não ao acaso como Mr. Villiers de St. Adan fez em suas cartas geographicas, mas com ordem e methodo para ajudar a memoria. Talvez que fosse melhor dividir a obra por capitulos e dar a cada provincia uma parte igual em vez de avantajá-la o Pará e a Bahia como fizeram os autores talvez que por uma certa predilecção; porém esta ausencia de divisões não causa damno algum á veracidade dos factos, nem á escolha dos que figuram neste tratado elementar.

Os Snrs. Mello Moraes e Accioli escreveram uma obra util para a instrucção dos seus jovens compatriotas; pertence ao esclarecido governo de S. M., que hoje tenta melhorar a educação publica, soccorrer aos autores que guiados pelos sentimentos do bem publico traçaram o quadro do paiz repetindo a cada um dos seus concidadãos « *nosce te ipsum.* » Em verdade o conhecimento de si mesmo e do seu paiz, contribue para melhorar o individuo e nação; tendo os Snrs. Mello Moraes e Ignacio Accioli encarado a questão debaixo deste ponto de vista, merecem a sancção do governo que bem poderia comprar-lhes alguns exemplares do seu Ensaio Corographico, mandando-os distribuir pelas Municipalidades, Lycêos e Escolas Publicas do Imperio.

Dr. J. Sigaud.



RETROSPECTO LITTERARIO.



Que influencia teve o anno de 1854 no progresso das letras patrias? Apressemos-nos em responder rapidamente a esta pergunta que nos farão os leitores do *Guanabara*.

Si considerarmos que atravessamos uma época de transição, diremos que o anno que acaba de findar não foi ferido da esterilidade litteraria. Algumas producções appareceram de subido valor, entre estas força é distinguir as *Obras Oratorias* do Padre Mestre Mont'Alverne e a *Eneida Brasileira* do Snr. Odorico Mendes, das quaes já fizemos menção nas nossas columnas.

O jornalismo litterario continuou a preencher a sua ardua tarefa através de difficuldades quasi insuperaveis: luctando com o indifferentismo da população, que em grande parte preoccupada com os interesses politicos e materiaes pouco ou nenhum auxilio presta ás empresas litterarias. A phthisica financeira ameaça a existencia de muitas destas publicações vendo outras seus dias em perigo pela carencia de materia com que possam encher suas paginas. Ninguem vive entre nós de ser homem de letras: todos tem suas occupações com que grangeam o pão quotidiano: deixando-lhes estas mui poucas lazeres para se entregarem ás lucubrações litterarias. A accumulção de empregos indispensavel entre nós em razão dos nossos mesquinhos ordenados absorve-nos o tempo que poderiamos dedicar ao estudo, e d'ahi a esterilidade d'algumas pennas que poderiam aliás ser tão fecundas. Dê-se aos cultores das letras meios de honesta e folgada subsistencia e tornem-os depois responsaveis pelo tempo que tiverem desperdiçado. Assignalando estas causas do depercimento dos nossos jornaes scientificos e litterarios, folgamos em declarar que o *Guanabara* tem-se felizmente subtrahido á pernicioso influencia da primeira, graças a uma Alta e Generosa Protecção; seguindo a sorte dos mais, quanto á segunda, pela força indielinavel das circumstancias. Temos sido poderosamente auxiliado pela nossa aristocracia litteraria, mas os typos são avaros; pedem originaes e mais originaes; e a redacção em chefe entregue ás nossas

inexperientes e debeis mãos, vê-se em grandes embarços sempre que assoma no horisonte o primeiro de cada mez. Ladeado pelos nossos dignos collegas, não desanimaremos; como filho do progresso temos fé no futuro e para elle appellamos com resignação e confiança.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, á frente de todas as associações litterarias, proseguiu em sua marcha civilisadora; á sombra do sceptro imperial cresce e prospera esta mimosa planta transmigrada para os jardins da America. Suas sessões foram celebradas com admiravel regularidade e honradas com a presença d'uma Augusta Personagem. A luz partida desse fóco diffundiú-se por toda a pēripheria do imperio. Em todas as capitaes onde existiam faculdade de direito ou de medicina formaram-se associações, que como nos annos anteriores deveriam ter passageira existencia, nascidas do enthusiasmo não podiam ter longa duração; secundaram porém o sólo confiando-lhe o germen de novas idéas. Semelhantes ao perillampo, interrompem a escuridão da noite e servem de guia ao viandante transviado por nossas devesas. O *Gymnasio Brasileiro* nesta cōrte, e o *Ensaio Philosophico e Atheneu Paulistanos* formam uma brilhante excepção, e provam que um grande pensamento presidira a sua organização. Vegetam por ora na obscuridade; mas vivem, e com isto prestam um verdadeiro e assignalado serviço ao paiz. Duas vezes se reuniram as nossas summidades litterarias e duas associações se formaram, a Sociedade de Statistica e a Colombiana. Passam seus desejos ser preenchidos.

Todos os dias lêmos nas folhas diarias brilhantes artigos devidos á penna da nossa esperançosa mocidade e lamentamos que tanto talento, tanta erudição, se percam condemnados ao esquecimento e absorvidos pelo grande turbilhão dos interesses materiaes. Porque não funda a nossa mocidade um jornal litterario, ou collabora para os já existentes? — porque deseja que seus artigos sejam lidos; e as nossas revistas scientificas e litterarias pouca ou nenhuma circulação tem. E não haverá meio de remediar este mal? pensamos que sim: e consiste este em reunir nossos esforços em favor d'um só jornal: fazel-o chegar ás mãos do povo por uma modica assignatura, ou ainda distribuindo gratuitamente por todos aquelles que mostrarem interesse pelo progresso nacional. Crêmos não irrogar offensa a quem quer que seja asseverando que nenhum jornal, ou revista, está nas condições da nossa para realisar esse *desideratum*. O *Guanabara* pois faz um novo appello aos nossos litteratos; pede o tributo de todas as intelligencias, e está convencido que póde representar no Brazil o papel da *Revista dos dous Mundos*, se fôr auxiliado pelos que poder tem para isso.

E' tempo de libertarmos-nos do jugo de velhos preconceitos que consideravam o litterato e poeta como homens inuteis á sociedade, sejam estes estimados pelo povo assim como são honrados pelo Monarcha e os bons livros apparecerão, os jornaes terão succulentos artigos e as sociedades litterarias verão concorridas suas sessões. Os veteranos da imprensa cansados por tantas luctas que gloriosamente sustentaram, e curvados pelo peso dos louros, almejam por descanso; e chamam novos combatentes, que venham occupar nas trincheiras o lugar que occupam: cumpre-nos acodir a seu chamado, militar debaixo de suas ordens, e sem aspirar o bastão de marechaes, tomar o fuzil do simples soldados. Soccorram-nos elles com seus conselhos em troca do ardor com que serviremos á boa causa.

Avante! avante! olhemos para a corôa do Senhor D. Pedro Segundo, como os soldados de Henrique IV para o seu penacho branco; lembremos-nos que o seu reinado deve ser para nós o que de Leão X e de Luiz XIV foram para os Italianos e Francezes; façamos tudo por um Principe que, mais que nenhum outro, é digno da gratidão e das homenagens do seu povo.

O Conego Dr. *Pinheiro.*



ROMA SUBTERRANEA

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.



Tres cousas mais que todas atrahem a attenção do peregrino que visita a cidade dos Consules, dos Cezares e dos Papas— S. Pedro, o Colyseu e as Catacumbas.— Depois de ter admirado na maior basilica christã o genio de Buonarotti; contemplado nas ruinas do Colyseu a magestade do povo rei, descemos á cidade dos martyres para robustear a nossa fé adorando as reliquias dos heroes da Igreja.

Era o ultimo dia do mez de Abril do anno de 1853, uma bella tarde da primavera; o sol descambando para o occaso brilhava nesse céu de saphyras, que inspirou a Tasso e a Ariosto, e immortalisou o pincel de Raphael e de Tiziano. O zephyro brincava com as folhas das arvores; o ar estava tepido e perfumado; e sentiamo-nos felizes por viver em tão bello clima, sob tão doce temperatura. Acabavam de soar tres horas na torre da Universidade quando sahimos da nossa casa na *Piazza-Madama* com direcção á igreja de S. Sebastião.

Este templo de modesta apparencia é todavia mui notavel pela sua antiguidade, merecendo ser collocado no numero das basilicas de Roma. O corpo do santo titular acha-se collocado debaixo do altar mór e sobre o tumulo vê-se a sua imagem de marmore traspasada por settas de prata. Ajoelhado junto a *Platonía* faziamos oração nesse lugar, onde por algum tempo repousaram os corpos dos Santos—Apostolos Pedro e Paulo, quando a voz do Religioso Franciscano nos veiu interromper chamando— *Signori alle-catacombe*. Distribuindo depois por nós e por nossos companheiros pequenos archotes, encaminhou-se para a porta lateral em cujo alto lia-se a seguinte inscripção:

Hoc est cimiterium Calixti
Papæ et martyris.

A pezada porta gemeu sob os seus gonzos e nós descemos ao subterraneo da igreja de S. Sebastião.

Acreditaes, benignos leitores, que é um espectáculo verdadeiramente magestoso o contemplar esse immenso labyrintho formado por innumeraveis galerias que se escoam em *zig-zags*. A direita e á esquerda só se encontram tumulos superpostos uns aos outros, tumulos de martyres de todos os sexos, climas e condições; más tumulos vãos. A igreja militante expôz seus restos mortaes á veneração dos fieis, para que suas virtudes servissem de estímulo á novas virtudes. Guardados em sumptuosos templos sobre áras rutilantes d'ouro e de preciosas gemmas esperam no meio das homenagens do Universo o dia da resurreição geral para occuparem na triumphante Igreja o lugar que pelo Senhor lhes fôr assignalado.

Á proporção que penetravamos nessa sombria estancia da morte encontravamos escavações de diversos tamanhos, praticadas no flanco das galerias. Camaras, *cubacula*, grutas, *crypta*, praças, *ara*, taes são os nomes dados a esses lugares duplamente celebres pela sua fórma e destino. Digamos duas palavras ácerca dos *cubacula*.

Figurae-vos uma pequena camara d'alguns pés de circumferencia e de fórma irregular, representando quasi sempre o interior d'uma capella. O fundo é occupado pelo tumulo d'algum martyr um pouco elevado e posto em um nicho. A parte superior do tumulo constitue uma mesa sobre a qual pôdem-se com facilidade celebrar os sagrados mysterios. Nas paredes lateraes do *cubiculum* estão collocados horisontalmente dous ou tres *loculi*. Prestae a todas estas partes a côr escura devida a acção dos seculos e tereis uma idéa aproximada dos *cubacula*. Algumas vezes o *cubiculum* communica-se com a superficie do sólo por uma pequena abertura, e então chama-se *cubiculum clarum* (camara esclarecida). Essas pequenas aberturas, *luminaria*, serviam para dar passagem ao ar e á luz; e pensam alguns autores serem tambem destinadas á descida dos viveres quando as perseguições tornavam difficeis a sua entrada pelas portas ordinarias. Reuniam-se os primeiros christãos nessas pequenas capellas, ahi celebravam suas assembléas religiosas, e tal era o respeito que lhes votavam uma classe especial de levitas foi incumbida da sua guarda com o nome de *cubicularii*.

É tambem digna de singular menção a pequena praça, *ara*, onde S. Philippe Neri passou dez annos da sua vida, orando, qual outro Moysés, em pról dessa mesma Igreja contra a qual tão rudes golpes descarregava a impiedade de Luther e Calvino.

Percorrendo as *cryptas* de S. Calixto liamos a fraca luz do nosso archote

as mais brilhantes paginas da historia do Christianismo. Ali cada pedra era uma testemunha eloquente: umas tinham visto venerandos pontifices foragidos consagrar seus successores no episcopado e no martyrio, outras se haviam enternecido contemplando essas pudibundas virgens, esses tenros meninos, que fugindo ás perseguições do mundo vinham buscar um asylo junto aos tumulos de seus pais na fé. Cada galeria, cada gruta, cada *cubiculum* repete um episodio da grande tribulação o nome de um heroe, um uso sagrado, um factio memoravel dessa época para sempre celebre. Longo seria repetir aqui esta historia contada por mil échos das catacumbas.

Qual é a origem dessa vasta necropolis, subdividida em cincoenta cemiterios, abrangendo toda a extensão da cidade eterna? Segundo a opinião do sabio archeologo, P. Marchi, são as catacumbas d'origem inteiramente christã, e funda-se no silencio que a respeito de tão grande maravilha guardam os historiadores d'antiga Roma. Com effeito, quem lêu a minuciosa descripção que fazem Tito Livio, Suetonio, Tacito e Plinio dos circos, dos theatros, dos aqueductos de que se ensoberbecia a senhora do mundo, não pôde deixar de concordar com o douto jesuita, que a sua omissão foi procedida de desconhecerem a existencia desses momentos da piedade de nossos maiores. Além disso, se as catacumbas fossem obra dos pagãos, as inscrições suppririam o silencio da historia e dariam ao menos algum testemunho da sua origem; e todavia nada disso existe. Em milhares de tumulos até hoje descobertos não se tem encontrado uma só inscripção, cuja data seja anterior á era christã.

Como porém poderam os christãos perseguidos construir tão maravilhosa obra? Sabem os nossos leitores que os Romanos serviam-se para as suas admiraveis edificações d'uma especie de barro conhecido hoje pelo nome de *pouzzolana*, e que os lugares donde elle era extrahido chamavam-se *latomias*, ou *arenarios*. Ora, essas excavações feitas ao longo das vias militares, abundavam na campanha romana, e nada é mais natural do que suppôr-se que os primeiros fieis, para se subtrahirem á colera dos seus algozes, procurassem um refugio nesses subterraneos; mas que não tendo elles capacidade para conterem tão grande multidão, se vissem forçados a continuar as excavações aproveitando-se da natureza favoravel do terreno. Assim pensa o sabio Boldetti, cujo juizo nos parece em tal materia de subido valor.

Roma olha para as reliquias dos martyres como para um precioso legado: desvela-se em guardal-as preciosamente esmerando-se para que a sua authenticidade possa resistir ao exame da mais severa critica, cercando

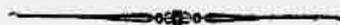
a extracção dos ossos de todas as formalidades imaginaveis. Quando sobre a lapida sepulchral não lê-se nome algum bastam a palma e vaso de sangue para attestar o martyrio; mas a simples qualidade de martyr não lhes dá jus a serem venerados como santos, sendo para isso necessario que os fastos da Igreja façam expressa menção da sua vida e heroicos feitos.

Taes são as ligeiras observações, que nos suggeriram a visita ás catacumbas de S. Sebastião ou S. Calixto, remettendo o leitor curioso para as excellentes obras que a tal respeito se tem escripto

O Conego Dr. *Pinheiro*.



O SABIO E O JUSTO.



Difficil é a posição do escriptor quando tem de erguer as lousas sepulchraes, e revolver as cinzas dos mortos, para aprender os segredos da vida, e os mysterios do coração; difficil sim, porque nesses sanctuarios, o nada envolve em seu manto tudo quanto pertenceu á vida, e roubando ás importunas vistas as qualidades que individualisaram os homens, apenas lhes offerece corpos inertes, descorados e frios, abandonados aos vermes. . . A unica verdade que podemos colher, na habitação da morte é—*que todos são iguaes, e que só Deos é verdadeiramente grande*; mas esta verdade nivelando os mortos, se fosse applicada integralmente aos vivos, irritaria os nescios, e lhes desafiaria estupidas risadas; só o philosopho nos poderia comprehend, porque tambem sómente elle sabe abstrahir das grandezas humanas, e prescindir dos pedestaes e habitos multiformes que nos desirmanam.

Desviemos pois nossas vistas desses tenebrosos lugares, e deixemos em paz os que dormem o somno eterno. Entremos na sociedade, penetremos em seu seio, e decifremos se nos fôr possível alguns de seus enigmas.

Lançando uma rapida vista para o mundo, vêmos que os homens se

erguem ou se abatem como as ondas do oceano; e que tambem como ellas ou se agitam em torno de um ponto, ou buscam vencer incalculaveis distancias: uns são dominados pelo saber, pelo heroismo, ou pela virtude; outros porém são impellidos pelo genio do mal, ou guiados nas trevas pela ignorancia, ou pelo vicio. Entregues á actividade, ou abandonados á inercia, occupam um lugar qualquer, notavel ou não; e quando a morte lhes paralisa os membros, deitam-se no leito funereo, e só acordam á voz do Eterno para irem colher o premio ou castigo.

Eis em poucas palavras a historia da humanidade: e se imaginarmos a luta das crenças, das convicções e dos habitos; se notarmos a escala infinita em que os homens se atropellam, para subir ou descer; e se apreciarmos de perto as grandezas e as miserias do mundo; concluiremos ainda, apezar das apparentes differenças, que todos são iguaes, e que sómente Deos é verdadeiramente grande.

Os tempos passam, e com elles desaparecem gerações inteiras, apenas depois de seculos, nasce um homem, que por seu saber, virtudes, ou patriotismo, se destaca de seus conterraneos, e enchendo o mundo com a magestade de seu nome, induz os contemporaneos. á admiração e ao respeito, e atravessando pelas difficuldades da vida, vae descansar nos braços da posteridade. Para taes homens a morte é o principio da vida.

Está neste caso o Visconde de Almeida Garret, distincto poeta portuguez, verdadeiro rival de Camões. Elle deixou á terra o que á terra pertencia; ao mundo legou os padrões de sua gloria; e levou para o céu sua alma ainda embalada em deliciosas harmonias. Sua lyra, reclinada agora sobre a lage de seu tumulo, com as cordas enfraquecidas por continuo lidar, não póde mais repetir os bellos acordes, que despertavam nos corações os mais gratos sentimentos. Tudo é silencio; apenas de quando em quando os gemidos de um povo vão quebrar-se na campa, ou beijar as flôres que a circundam; tambem de longiqua plaga um suspiro se escapa, e esse suspiro é um vivo signal da saudade de um povo irmão.

« Hontem homem, heje saudade, amanhã gloria; os raios da sua luz
 « illuminam no sepulchro a éra que de novo creou as nossas letras.
 « *D. Branca, Camões, Adozinda, Frei Luiz de Sousa*, o poema moderno, a
 « eligia da alma, o drama tragico rival da Thalia antiga, e o *Livro das*
 « *viagens*, essa conversação espirituosa tão viva, tão variada, tão profunda...
 « todo este complexo de obras, uma litteratura inteira, formam os élos
 « dessa admiravel cadeia, cuja extremidade vemos sumida na penumbra
 « da campa semi-aberta. »

« Quem diria ha poucos mezes, colhendo a derradeira manifestação de
 « sua lyra, as *Folhas cahidas*, que ellas seriam verdadeiramente ultimas
 « flôres desfolhadas e soltas do grande genio, flôres tão frescas, tão viçosas
 « como as dos primeiros risos da juventude? Quem supporia que taes flôres
 « formariam a grinalda derradeira do sepulchro?.. Deos perdôe áquelles
 « que só tiraram dellas os espinhos do martyrio para lhos cravar no cora-
 « ção; Deos perdôe a esses, como elle lhes perdôou na hora extrema... »

Assim se exprimiu um de seus melhores amigos, quando seu corpo baixou á sepultura; e essas palavras, intercoortadas de suspiros, atravessando o oceano, vieram pousar em nossa alma, e desafiar o pranto.

A morte nos surprehende sempre, embora se faça preceder por longos e penosos soffrimentos, que denunciam a sua presença: agarrados á vida, julgamos que o termo final nos espera na mais avançada idade; e mesmo no seio da decrepitude, não sentimos a mão gelada que nos paralisa os membros, e nos rouba a existencia. Só os homens previligiados não perdem de vista que a sepultura se abre no momento em que nascem, e que a todo o instante os espera, aguardando sómente a vontade de Deos; só elles sabem dar á vida a direcção conveniente, para que a morte os ache prevenidos.

É a sciencia, e mais que tudo a religião, que fórma taes homens, porque tambem são ellas as unicas fontes em que podemos aprender o segredo da vida. O Sabio e o Justo, apartando-se ordinariamente dos gozos da terra, transpõem a abobada celeste, e vão aos pés do Creador curvar a fronte encanecida pela meditação; em seus extasis recolhem a luz celeste que os deve guiar entre os homens, e inflammados pela idéa da eternidade, passam impávidos per entre os cachopos, em que naufragam ordinariamente os espiritos fracos. O mundo não tem para elles attractivos; as bellezas que a natureza adornam, são para elles imperfeitas imagens da verdadeira belleza; a luz que illumina o Universo, e que acorda o prazer, é para elles um pallido reflexo da verdadeira luz; e a felicidade que todos almejam, que todos buscam, elles tambem desejam, mas não a buscam na terra, porque ella existe no céo.

Quando a vida está proxima extinguir-se, o sabio reúne seus manuscritos, e os entrega ao mundo; e desviando os olhos d'elle, apenas deixa escapar uma lagrima, e um suspiro: a lagrima, rolando por suas faces, vae humedecer a terra que o deve receber, e fazer brotar uma saudade; o suspiro, pairando nos ares, murmura um adeos aos vivos, e talvez um queixume. Tal foi o ultimo instante do novo Camões: sua alma afastou-se da

terra, e foi no céo gozar a verdadeira felicidade. E quando os seculos passarem sobre seu tumulo, um outro poeta tão grande como elle, o fará sahir da campa, e lhe offerecerá uma corôa tecida de suas mesmas flôres. Então, sómente então sentirá Portugal a perda desse genio, e em cada pagina de suas obras depositará uma lagrima de saudade. Não exageramos, não, que igual sorte teve o primeiro epico portuguez.

O Justo, depois de ter lutado com as privações da vida, depois de ter soffrido os rigores do martyrio, longe de abandonar-se á inercia, ergue-se com dobrado vigor, e afronta denodado o inimigo commum. Soffrer os males que a terra offerece aos que se entregam a religião, guiar os que inexperientes se transviam da senda da vida, e aconselhar áquelles que chafurdados no vicio gemem sob o peso do remorso; tal é a missão que lhe foi confiada, e elle a exerce de um modo brilhante, plantando a convicção mais com seus exemplos do que com suas palavras. O impio passa por elle, e lhe cospe injurias; o incredulo o observa, e deixa escapar um riso mofador; sómente os bons o comprehendem, e seguem.

Quando a morte lhe embarga os passos, elle curva os joelhos, e recebe respeitoso o golpe final: nem um ai, nem um queixume desprendem seus labios; nem uma saudade vêm pungir-lhe o coração; nem uma imagem o attrahe para a terra: erguendo os olhos para o céo, se deixa escapar uma lagrima, é porque devotado aos homens, lamenta os males que os cercam, e por elles intercede a Deos. Depois, seu corpo cae sobre humilde cova, e uma lousa, cahindo sobre ella, o intercepta das vistas do mundo.

Eis em breve quadro a historia do nosso jovem patricio o Padre Dr. Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque. Nós que o vimos de perto, nós que o observámos respeitosos, admiramos ainda suas virtudes.

O tumulo em que repousa é agora regado pelo pranto de innumerados amigos; e seu nome ainda vive gravado em seus corações. O que succederá depois só Deos sabe, porque só elle póde lêr no futuro.

Albano Cordeiro.

